

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO  
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE LETRAS CLÁSSICAS E VERNÁCULAS

*Paulo César Ribeiro Filho*

**Madame d'Aulnoy e o conto de fadas literário francês do século XVII**

*Versão Corrigida*

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa para obtenção do título de Doutor em Letras.

**Área de concentração:** Literatura Infantil e Juvenil

**Orientadora:** Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Maria Zilda da Cunha

São Paulo  
2023

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na Publicação  
Serviço de Biblioteca e Documentação  
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

R484m Ribeiro Filho, Paulo César  
Madame d'Aulnoy e o conto de fadas literário  
francês do século XVII / Paulo César Ribeiro Filho;  
orientadora Maria Zilda da Cunha - São Paulo, 2022.  
900 f.

Tese (Doutorado)- Faculdade de Filosofia, Letras e  
Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.  
Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas. Área  
de concentração: Estudos Comparados de Literaturas de  
Língua Portuguesa.

1. Conto de fadas. 2. Literatura francesa. 3.  
Literatura comparada. 4. Narratologia estrutural. 5.  
Tradução. I. da Cunha, Maria Zilda, orient. II.  
Título.

Esta obra é de acesso aberto. Só é permitida a reprodução parcial ou total desta obra para fins não comerciais. Devem ser citadas a fonte e a autoria, respeitando a Licença Creative Commons indicada:



CC BY-NC-ND 4.0

**ENTREGA DO EXEMPLAR CORRIGIDO DA DISSERTAÇÃO/TESE****Termo de Anuência da Orientadora**

**Nome do (a) aluno (a):** Paulo César Ribeiro Filho

**Data da defesa:** 03/02/2023

**Nome da prof.<sup>a</sup> orientadora:** Maria Zilda da Cunha

Nos termos da legislação vigente, declaro **ESTAR CIENTE** do conteúdo deste **EXEMPLAR CORRIGIDO** elaborado em atenção às sugestões dos membros da comissão Julgadora na sessão de defesa do trabalho, manifestando-me **plenamente favorável** ao seu encaminhamento ao Sistema Janus e publicação no **Portal Digital de Teses da USP**.

São Paulo, 18 de abril de 2023



RIBEIRO FILHO, P. C. **Madame d’Aulnoy e o conto de fadas literário francês do século XVII**. Tese (Doutorado em Letras – Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo: São Paulo, 2022.

**Banca Examinadora**

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Maria Zilda da Cunha (Presidente)  
(Universidade de São Paulo – Brasil)

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Susana Ramos Ventura  
(Pesquisadora Independente – Brasil)

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Maria Cristina Daniel Álvares  
(Universidade do Minho – Portugal)

Prof. Dr. Sérgio Paulo Guimarães de Sousa  
(Universidade do Minho – Portugal)

Aprovado em: 03/02/2023

## AGRADECIMENTOS

À Maria Zilda da Cunha, minha amada orientadora e continuadora dos trabalhos de Nelly Novaes Coelho (1922-2017), fundadora da área de Literatura Infantil e Juvenil da Universidade de São Paulo. Nada disso seria possível sem vocês.

À Maria de Fátima, minha mãe, e à vó Velina (*in memoriam*), maiores incentivadoras de meus estudos, mulheres que me criaram e me educaram sozinhas.

A Kellen Nascimento e Gizelle Oliveira, amigas-irmãs de longuíssima data, parceiras desde sempre, verdadeiros pilares de minha saúde emocional.

Aos meus amados amigos Raoni Garcia, Edson Pedro, Luiz Melques e Aline Vieira, tesouros que a vida me deu.

A Cristina Casagrande, Flávia Reis, Nathália Xavier, Oscar Nestarez e Regina Ruiz, amigos e parceiros de estrada acadêmica.

A Lígia Menna, Sandra Trabucco Valenzuela e Avani Souza Silva, mulheres, mães e pesquisadoras a quem admiro de todo coração e que iluminaram esse longo trajeto de pesquisa com seus conselhos.

À Vera Mendes, uma das maiores responsáveis por eu ter chegado até esse ponto da minha vida acadêmica; não há palavras que possam descrever toda minha gratidão a você.

À Marinês Mendes, uma das pessoas mais carinhosas que a USP colocou em minha vida, grande incentivadora.

Aos professores Sérgio Guimarães e Cristina Álvares, docentes da Universidade do Minho (Portugal), responsáveis pela viabilização de meu estágio de pesquisa no exterior.

À Susana Ventura, a melhor interlocutora que poderia existir no Brasil no campo de estudos em que a presente tese de doutorado se insere. Muito obrigado por todas as horas de diálogo e disposição em me aconselhar.

À Fabiana Carelli, que tão gentilmente viabilizou o envio de uma preciosa referência bibliográfica que faria falta à tese.

A special thanks to Ruth Bottigheimer, Jack Zipes, Anne E. Duggan, Rori Bloom, and Kimberly Lau, great researchers who shared with me bibliographic material that I would never have been able to afford due to our restricted access to foreign academic books. I also dedicate this work to you all.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior pelo financiamento dessa pesquisa.

*“O mais valioso tesouro  
Que se pode possuir  
É um amigo terno e fiel  
Sempre pronto a nos acudir  
Nos dias em que a sorte cruel  
Insiste em nos sobrevir.”*

**Madame d’Aulnoy**

## RESUMO

RIBEIRO FILHO, P. C. **Madame d’Aulnoy e o conto de fadas literário francês do século XVII**. Tese (Doutorado em Letras – Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo: São Paulo, 2022.

Marie-Catherine Le Jumel de Barneville, Madame d’Aulnoy (1652-1705), é comumente referenciada como autora do primeiro conto de fadas literário de que se tem notícia (“A Ilha da Felicidade”, de 1690) e responsável pela atribuição do título “conto de fadas” (*conte des fées*) a um determinado tipo de narrativa de natureza fantasista que esteve em voga na França do século XVII. Contudo, apesar de sua relevância para a história da literatura ocidental, a vida e as obras Madame d’Aulnoy permaneceram praticamente desconhecidas no Brasil até meados do século XXI. A presente tese de doutorado se propõe a resgatar a memória da referida autora a partir do estabelecimento de um esboço de biografia e da tradução integral de seus vinte e quatro contos de fadas para o português brasileiro. A partir da revisitação da história da formação da ciência moderna, alia-se a potência da criação artística à expansão do imaginário cósmico advinda dos avanços da astronomia seiscentista e propõe-se o exame dos possíveis limiares interpenetrativos existentes entre a lógica e a fantasia especulativa. Ademais, conjugando contribuições teóricas da literatura comparada (CARVALHAL, 2006; NITRINI, 2021), da teoria literária (BOTTIGHEIMER, 2002; COELHO, 2016; ZIPES, 2021), da história da literatura (CHARTIER, 2004; DEJEAN, 2005) e da narratologia estrutural (BAL, 2021; DORFMAN, 1969), propõe-se o uso do termo “conto de fadas *stricto sensu*” em referência aos contos de Madame d’Aulnoy, visto a possibilidade de serem admitidos como “contos *sobre* fadas”. Por fim, levanta-se vinte e um princípios composicionais até então concebidos como exclusivos da poética de d’Aulnoy, sobretudo em comparação com os contos de Charles Perrault (1628-1703), seu contemporâneo.

**Palavras-chave:** Madame d’Aulnoy. Contos de fadas. Narratologia estrutural. Teoria literária. História da literatura.

## ABSTRACT

RIBEIRO FILHO, P. C. **Madame d’Aulnoy e o conto de fadas literário francês do século XVII.** Tese (Doutorado em Letras – Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo: São Paulo, 2022.

Marie-Catherine Le Jumel de Barneville, Madame d’Aulnoy (1652-1705), is commonly referred as the author of the first known literary fairy tale (“The Island of Happiness”, 1690) and responsible for the attribution of the title “fairy tale” (*conte des fées*) to a certain type of fantasy narrative that was in vogue in 17th century France. However, despite her relevance to the history of Western literature, Madame d’Aulnoy’s life and works remained virtually unknown in Brazil until the mid-21st century. The present doctoral thesis proposes to rescue the memory of the author with the establishment of a biography sketch and the full translation of her twenty-four fairy tales into Brazilian Portuguese. Revisiting the history of the formation of modern science, the power of artistic creation is here combined with the expansion of the cosmic imaginary arising from the advances of 17th century astronomy, proposing the existence of interpenetrative thresholds between logic and speculative fantasy. Furthermore, combining theoretical contributions from comparative literature (CARVALHAL, 2006; NITRINI, 2021;), literary theory (BOTTIGHEIMER, 2002; COELHO, 2016; ZIPES, 2021), history of literature (CHARTIER, 2004; DEJEAN, 2005) and structural narratology (BAL, 2021; DORFMAN, 1969), it is proposed the use of the term “*stricto sensu* fairy tale” in reference to Madame d’Aulnoy’s tales, given the possibility of being admitted as “tales *about* fairies”. Finally, twenty-one compositional principles are raised and conceived as exclusive to d’Aulnoy’s poetics, especially in comparison with the tales of Charles Perrault (1628-1703), her contemporary.

**Keywords:** Madame d’Aulnoy. Fairy tale. Structural narratology. Literary theory. History of Literature.

## LISTA DE FIGURAS

|                  |  | Pág. |
|------------------|--|------|
| <b>Figura 1</b>  | A localização de Barneville-la-Bertran   | 19   |
| <b>Figura 2</b>  | Súmula do registro de casamento dos pais de Marie-Catherine                          | 20   |
| <b>Figura 3</b>  | Registro de batismo de Marie-Catherine   | 21   |
| <b>Figura 4</b>  | Testemunho autógrafo de Marie-Catherine  | 23   |
| <b>Figura 5</b>  | Extrato do registro de casamento de Marie-Catherine                                  | 26   |
| <b>Figura 6</b>  | Extrato do registro de batismo de Marie-Angélique, primeira filha de Marie-Catherine | 26   |
| <b>Figura 7</b>  | Extrato do registro de batismo de Dominique-César, segundo filho de Marie-Catherine  | 27   |
| <b>Figura 8</b>  | Extrato do registro de batismo de Marie-Anne, terceira filha de Marie-Catherine      | 27   |
| <b>Figura 9</b>  | Extrato do registro de batismo de Judith-Henriette, quarta filha de Marie-Catherine  | 29   |
| <b>Figura 10</b> | Nota do Jornal Oficial da República Francesa   | 37   |
| <b>Figura 11</b> | Extrato do registro de batismo de Thérèse-Aimée, quinta filha de Marie-Catherine     | 38   |
| <b>Figura 12</b> | Retrato de Marie-Catherine   | 39   |
| <b>Figura 13</b> | Convite para o velório e enterro de Marie-Catherine                                  | 43   |
| <b>Figura 14</b> | Folha de rosto da primeira edição de <i>História de Hipólito, Conde de Duglas</i>    | 46   |
| <b>Figura 15</b> | Folha de rosto da primeira edição de <i>Memórias da Corte da Espanha</i>             | 48   |
| <b>Figura 16</b> | <i>A Galeria do Palácio</i>  | 50   |
| <b>Figura 17</b> | Folha de rosto da primeira edição de <i>Relatos da Viagem pela Espanha</i>           | 51   |
| <b>Figura 18</b> | Extrato bibliográfico da publicação das paráfrases de salmos bíblicos                | 55   |
| <b>Figura 19</b> | Portada da edição de 1709 da coletânea de paráfrases                                 | 56   |
| <b>Figura 20</b> | Portada da edição extraoficial de Jean Guignard                                      | 57   |
| <b>Figura 21</b> | Portada da edição oficial de Claude Barbin   | 57   |
| <b>Figura 22</b> | Portada da primeira edição de <i>Novelas Espanholas</i>                              | 58   |



|                  |  |     |
|------------------|--|-----|
| <b>Figura 23</b> | Portada da edição príncipe de <i>Notícias ou Memórias Históricas</i>             | 59  |
| <b>Figura 24</b> | Portada da primeira edição das <i>Memórias da Corte da Inglaterra</i>            | 61  |
| <b>Figura 25</b> | Portada da primeira edição de <i>O Conde de Warwick</i>                          | 62  |
| <b>Figura 26</b> | Portada do primeiro tomo da possível segunda edição de <i>Os Contos de Fadas</i> | 66  |
| <b>Figura 27</b> | Portada do quarto tomo da aparente primeira edição de <i>Os Contos de Fadas</i>  | 69  |
| <b>Figura 28</b> | Enquadramento das narrativas de <i>Os Contos de Fadas</i>                        | 77  |
| <b>Figura 29</b> | Portada da edição príncipe de <i>Novos Contos ou A Moda das Fadas</i>            | 79  |
| <b>Figura 30</b> | Enquadramento das narrativas de <i>Novos Contos ou A Moda das Fadas</i>          | 87  |
| <b>Figura 31</b> | Gravura da superfície da Lua   | 100 |
| <b>Figura 32</b> | Nota ao leitor presente em “Chapeuzinho Vermelho”                                | 135 |
| <b>Figura 33</b> | Diagramas das lógicas narrativas dos contos de ascensão e restauração            | 144 |
| <b>Figura 34</b> | Retrato de Madame d’Aulnoy por Bruno Romão                                       | 195 |

## LISTA DE TABELAS

|                  |  | Pág. |
|------------------|--|------|
| <b>Tabela 1</b>  | Tradução fac-similar da carta escrita por Charles Le Marquetel, Monsenhor de Saint-Évremond (1614-1703), a Madame d'Aulnoy na ocasião do falecimento de François | 31   |
| <b>Tabela 2</b>  | Fac-símile do extrato do privilégio real de <i>Os Contos de Fadas</i>  | 67   |
| <b>Tabela 3</b>  | Fac-símile da dedicatória de <i>Os Contos de Fadas</i>   | 70   |
| <b>Tabela 4</b>  | Resumos dos contos presentes em <i>Os Contos de Fadas</i> (1697)   | 73   |
| <b>Tabela 5</b>  | Fac-símile do extrato do privilégio real de <i>Novos Contos ou A Moda das Fadas</i>  | 79   |
| <b>Tabela 6</b>  | Fac-símile da dedicatória epistolar em versos de <i>Novos Contos ou A Moda das Fadas</i>   | 82   |
| <b>Tabela 7</b>  | Resumo dos contos presentes em <i>Novos Contos ou A Moda das Fadas</i>   | 84   |
| <b>Tabela 8</b>  | Apreciações biográficas e críticas em torno do verbete “Madame d'Aulnoy”   | 88   |
| <b>Tabela 9</b>  | Pesquisas acadêmicas em torno da obra de Marie-Catherine d'Aulnoy concluídas no Brasil   | 90   |
| <b>Tabela 10</b> | Contos de Madame d'Aulnoy publicados no Brasil (edições impressas)   | 91   |
| <b>Tabela 11</b> | Contos de Madame d'Aulnoy publicados no Brasil (livros e periódicos digitais)  | 93   |
| <b>Tabela 12</b> | Contos de Madame d'Aulnoy publicados no Brasil (eBook Kindle)  | 93   |
| <b>Tabela 13</b> | As fadas de Charles Perrault   | 151  |
| <b>Tabela 14</b> | Siglas e suas correspondências   | 158  |
| <b>Tabela 15</b> | Exemplos de processos de restauração   | 164  |

## SUMÁRIO

|   |     |
|---|-----|
| <b>Introdução</b> .....   | 12  |
| <b>1. Marie Catherine Le Jumel de Barneville: vida e obra</b> .....   | 18  |
| 1.1. O esboço de uma biografia .....  | 19  |
| 1.2. Madame d’Aulnoy para além dos contos de fadas .....  | 44  |
| 1.2.1. <i>História de Hipólito, Conde de Duglas</i> .....   | 45  |
| 1.2.2. <i>Memórias da Corte da Espanha</i> .....  | 48  |
| 1.2.3. <i>Relatos da Viagem pela Espanha</i> .....  | 50  |
| 1.2.4. <i>Sentimentos de uma Alma Penitente e O Retorno de uma Alma a Deus</i> .....  | 54  |
| 1.2.5. <i>História de Jean de Bourbon, Príncipe de Carency</i> .....  | 56  |
| 1.2.6. <i>Novelas Espanholas</i> .....  | 58  |
| 1.2.7. <i>Notícias ou Memórias Históricas</i> .....   | 58  |
| 1.2.8. <i>Memórias da Corte da Inglaterra</i> .....   | 60  |
| 1.2.9. <i>O Conde de Warwick</i> .....  | 62  |
| 1.3. A obra feérica de Madame d’Aulnoy: edições príncipes e sùmulas dos contos .....  | 64  |
| 1.3.1. <i>Os Contos de Fadas</i> .....  | 65  |
| 1.3.2. <i>Novos Contos ou A Moda das Fadas</i> .....  | 78  |
| 1.4. Madame d’Aulnoy no Brasil: pesquisas e edições .....   | 90  |
| <b>2. O século XVII, outros mundos e as ficções sobre a terra das fadas de Madame d’Aulnoy: imaginário cósmico e fantasia feérica</b> ..... | 96  |
| <b>3. Contos de fadas <i>lato sensu</i> e <i>stricto sensu</i>: visadas contrastivas</b> .....  | 129 |
| 3.1. O público-alvo .....   | 133 |
| 3.2. As fontes .....  | 139 |
| 3.3. As fadas .....   | 149 |
| 3.4. As noções narratológicas básicas do conto de fadas <i>lato sensu</i> .....   | 152 |
| <b>4. Princípios temáticos e narratológicos dos contos de fadas de Madame d’Aulnoy</b> .....  | 158 |
| <b>5. Contos de fadas de Madame d’Aulnoy em português brasileiro</b> .....  | 195 |
| “Graciosa e Perciné” .....  | 196 |
| “A Bela dos Cabelos de Ouro” .....  | 215 |
| “O Pássaro Azul” .....  | 227 |
| “O Príncipe Duende” .....   | 258 |
| “A Princesa Primavera” .....  | 291 |
| “A Princesa Roseta” .....   | 310 |
| “O Ramo de Ouro” .....  | 325 |
| “A Laranjeira e a Abelha” .....   | 353 |

|  |            |
|--|------------|
| “A Camundonga Bondosa” .....   | 376        |
| “O Carneiro” .....   | 388        |
| “Fininha Borralha” .....   | 402        |
| “Fortunata” .....  | 419        |
| “Bibelô” .....   | 429        |
| “O Anão Amarelo” .....   | 452        |
| “Serpentino Verde” .....   | 470        |
| “A Princesa Carpinha” .....  | 497        |
| “A Rã Benevolente” .....   | 535        |
| “A Corça no Bosque” .....  | 555        |
| “A Gata Branca” .....  | 585        |
| “Bela-Bela ou O Cavaleiro Fortunato” .....   | 616        |
| “O Pombo e a Pombinha” .....   | 656        |
| “A Princesa Bela-Estrela e o Príncipe Querido” .....   | 695        |
| “O Príncipe Javali” .....  | 738        |
| “O Golfinho” .....   | 769        |
| <b>Conclusão</b> .....   | <b>799</b> |
| <b>Referências</b> .....   | <b>805</b> |
| <b>Apêndices</b>   |            |
| Apêndice A. “A Ilha da Felicidade” (1690) .....  | 820        |
| Apêndice B. “História de Mira” (1691) .....  | 832        |
| Apêndice C. Trecho traduzido de <i>Milady</i> , possível romance póstumo de Madame d’Aulnoy .... | 835        |
| Apêndice D. Linha do tempo (1600-1715) .....   | 848        |
| Apêndice E. Paratextos (dedicatórias e prefácios traduzidos em fac-símile) .....                 | 853        |
| Apêndice F. O manifesto feérico moderno da Condessa de Murat (tradução em fac-símile) ....       | 888        |
| Apêndice G. Reprodução dos extratos dos privilégios reais dos livros de Madame d’Aulnoy ....     | 893        |

## INTRODUÇÃO

O conto de fadas é um gênero literário cujos horizontes de expectativa em termos de estrutura e temática são dos mais familiares a leitores de todas as faixas etárias, origens e classes sociais. Tomando o “Era uma vez” como ponto de partida, reis, rainhas, príncipes encantados, donzelas em perigo, dragões e auxiliares mágicos interagem entre si na tentativa de enfim alcançarem o “Felizes para sempre”. Histórias como “Chapeuzinho Vermelho” e “Os Três Porquinhos” instalam-se no imaginário infantil mesmo antes da criança adquirir habilidade leitora e chegar à literacia. Ademais, o conto de fadas parece ser o único gênero literário a lograr êxito em absolutamente todas as demais artes e suportes midiáticos quando adaptado ou intersemioticamente traduzido: a literatura feérica encontra-se transcrita no teatro, na dança, na pintura, na música, na escultura, no cinema, nas histórias em quadrinhos, nos jogos digitais, enfim, em toda e qualquer manifestação artística para além da literária. Isso porque os contos de fadas são arcabouços de experiências comuns à existência de todos os homens, compostos de matéria humana (o húmus humanístico de que fala Nelly Novaes Coelho) encapsulada e enovelada em linguagem. Os contos de fadas amalgamam mitos, símbolos e arquétipos que, uma vez engendrados e vetorizados pela arte da palavra, transformam-se nesses “livros eternos que os séculos não conseguem destruir...” (COELHO, 2016, p. 27).

Marina Warner (1999, p. 17) declara preferir o termo “conto de fadas” aos demais (conto maravilhoso, conto de magia) justamente por lidar com “histórias que sempre foram chamadas por esse nome”. Ocorre, porém, que a primeira associação de um certo tipo de narrativa fantasista ao rótulo “conto de fadas” se deu no século XVII francês, procedimento empreendido por uma mulher: Marie-Catherine Le Jumel de Barneville (1652-1705), Madame d’Aulnoy. Em 1697, Marie-Catherine atribui o título *Contos de Fadas* (*Contes des Fées*) ao seu primeiro compêndio de histórias sobre fadas publicado em Paris. Nesse mesmo ano, Charles Perrault (1628-1703) traz a lume suas *Histórias ou Contos do Tempo Passado com Moralidades* (mais conhecidas pelo subtítulo *Contos da Mamãe Ganso*), coleção que reúne em uma só obra contos inéditos e outros que já haviam

sido publicados esparsamente em anos anteriores. Contudo, apesar da proeminência de Marie-Catherine d’Aulnoy em seu século — ela também foi a autora do primeiro conto de fadas literário de que se tem notícia — foram as histórias de Perrault, somadas às de Jacob (1785-1863) e Wilhelm (1786-1859) Grimm e de Hans Christian Andersen (1805-1875), que entraram para o cânone da literatura infantil universal enquanto representantes exemplares do que seria um “conto de fadas”. A percepção desse dissenso suscitou uma série de questões que se mostraram essenciais para o surgimento das hipóteses que deram origem à presente tese: por que os escritos de Madame d’Aulnoy são praticamente desconhecidos no Brasil apesar de sua relevância na história dos contos de fadas? Esse cenário se repete em outros lugares do mundo? Por que todos os contos de fadas clássicos são escritos por homens? Além de Madame d’Aulnoy, houve outras mulheres que se dedicaram à escrita de contos de fadas? O tipo de narrativa que Madame d’Aulnoy chamou de conto de fadas corresponde ao senso comum sobre o gênero?

Uma análise prévia dos diversos estudos de Nelly Novaes Coelho em torno do gênero conto de fadas e a leitura de alguns contos de Madame d’Aulnoy pilarizaram o início de uma revisão literária e teórica que ajudou a delinear ao menos duas hipóteses básicas: os contos de fadas de Madame d’Aulnoy aparentam ser, literalmente, contos *sobre* fadas, além de tematicamente e estruturalmente diferentes dos de Perrault, Grimm e Andersen. Nesse sentido, a fim de ordenar e não polemizar a terminologia empregada em referência às especificidades do gênero conto de fadas, verificou-se a urgência em evitar qualificativos como “popular”, “tradicional” ou “folclórico”, visto os diferentes (e nada pacíficos) sentidos que tais adjetivos poderiam atribuir à natureza do conto. Optou-se, portanto, pela proposição de uma terminologia que se provasse alternativa tanto a juízos de valor quanto a pormenores teóricos e que fosse capaz de abranger as distinções formais, estruturais e temáticas existentes entre os contos de Madame d’Aulnoy em comparação aos de Perrault, Grimm e Andersen; para tanto, com base no que foi sugerido anteriormente (a respeito da noção de conto *sobre* fadas), os termos escolhidos foram “conto de fadas *stricto sensu*” e “conto de fadas *lato sensu*”.

A essa altura da elaboração do plano de pesquisa, já era possível conceber que uma problematização dessa natureza implicaria, em primeira instância, na necessidade de acesso à contística completa de Madame d'Aulnoy. Afinal, se uma das hipóteses dizia respeito a distinções temáticas e estruturais, era preciso averiguar quais temas e quais elementos estruturantes poderiam ser postos em análise para que a hipótese se provasse verdadeira ou não. Acontece, porém, que, como discente de uma universidade pública desde a graduação, financiado por verbas públicas, somente a ideia de desenvolver uma tese de doutorado a partir de um *corpus* inacessível para a absoluta maioria dos leitores brasileiros aparentava ser moralmente questionável e materialmente limitada. Daí a necessidade de empreender uma tradução.

Munido de hipóteses que justificavam a importância da realização desse estudo, amparado por uma revisão teórica que apontava para a existência de um problema de pesquisa e orientado ao preenchimento de uma lacuna na história da literatura de autoria feminina, o projeto de pesquisa foi submetido e aprovado. A tradução da contística completa de Madame d'Aulnoy para o português brasileiro foi proposto como um dos objetivos do projeto. É preciso enfatizar, porém, que o processo de tradução acabou por se mostrar não apenas *um* objetivo dentre outros, mas o principal mecanismo de acesso às “entranhas” do texto, um processo que oportunizou a compreensão da poética inerente à estrutura dos contos de fadas de Madame d'Aulnoy e acabou por se consolidar — para além das análises propriamente ditas — como a maior contribuição de nossa parte a ser oferecida à comunidade de leitores de língua portuguesa.

A tradução dos contos partiu de suas versões em língua inglesa, sobretudo das traduções de J. R. Planché, de 1855. Uma vez traduzidos para o português, os contos foram comparados aos originais em francês linha a linha, palavra por palavra. É de se presumir que milhares de alterações foram feitas em nome de uma maior fidelidade ao texto tal como estabelecido pela autora. As fontes francesas foram tanto as digitalizações das primeiras edições disponíveis no portal da Biblioteca Nacional da França (*Gallica*) quanto as edições críticas estabelecidas por Nadine Jasmin (2008) e publicadas pela editora parisiense Honoré-Champion. Para o aprimoramento do processo tradutório, foram

consultados os dicionários da Academia Francesa de 1695 e 1758, as plataformas digitais *Google Translate* e *Linguee* e inúmeros outros sites de memórias de tradução que foram de auxílio indispensável para a compreensão de termos de difícil aceção, valores e medidas de época e expressões idiomáticas do francês. O cumprimento desse primeiro objetivo, o da tradução dos contos, se estendeu por mais de três anos. Entre um avanço e outro, a realização de um estágio de pesquisa junto ao Centro de Estudos Humanísticos da Universidade do Minho (CEHUM – de março a agosto de 2020) e uma pandemia global. É preciso deixar registrado que o desenvolvimento da presente tese de doutorado (iniciada em janeiro de 2018) abarcou tanto o início quanto os pretensos fins da pandemia de Covid-19, responsável pela interrupção de milhões de vidas em todo o mundo. Poder concluí-la e apresentá-la é um enorme privilégio e motivo de imensa satisfação.

Finalizadas as traduções, a redação das considerações teóricas mostrou-se muito mais fluida, visto que a relação com as narrativas havia se tornado algo orgânica. Os objetivos seguintes eram o de esboçar uma biografia para Madame d’Aulnoy para, em seguida, enfim demonstrar em que medida seus contos de fadas se distinguiam dos de Perrault, Grimm e Andersen em termos de estrutura e temas. Contudo, as diversas sessões de orientação conduziram ao estreitamento do recorte do *corpus* para fins comparativos (dada a inserção do projeto na área de Estudos Comparados): os contrapontos mais imediatos à obra feérica de Madame d’Aulnoy eram os contos de Charles Perrault, seu contemporâneo, com quem a autora partilhou — resguardadas as devidas proporções — a mesma experiência social, cultural e econômica. Nesse sentido, ainda que Grimm e Andersen sejam eventualmente citados entre uma consideração e outra, é em relação aos contos de Perrault que os contrapontos temáticos e estruturais foram pensados e estabelecidos. Quanto ao esboço biográfico, foram privilegiadas informações atestadas por documentos, alguns deles obtidos com extrema dificuldade e aqui reproduzidos pela primeira vez. A nível de constatação, apenas em 2021 é que foi descoberto o verdadeiro ano de nascimento de Marie-Catherine; somente a ausência de uma informação tão básica quanto essa serviu para justificar os esforços empregados na constituição do primeiro capítulo da presente tese. Um levantamento sobre o “estado da arte”, ou seja, a menção a



pesquisas já realizadas no Brasil sobre Madame d’Aulnoy e edições de seus contos também constam nessa primeira seção.

O segundo capítulo foi concebido enquanto uma alternativa às reconstituições clássicas do panorama histórico do conto de fadas tal como estabelecido por Nelly Novaes Coelho (1985; 1991; 2016). Procurou-se elaborar uma proposta original, uma abordagem inovadora que aproximasse a moda dos contos de fadas das descobertas da Era das Ciências, conjugando as noções de “mundo primário” e “mundo secundário” — caras à fantasia contemporânea — ao efervescente imaginário cósmico da humanidade seiscentista. Com base nas reflexões teóricas de Maria Zilda da Cunha (2009) e Nelly Novaes Coelho (1985; 1991; 2016), revisitamos Kepler (1609), Galileu (1610) e diversos outros epítomes da ciência moderna para esboçar paralelos entre o alargamento da percepção do cosmos e o aguçamento do imaginário fantasista, aliando a fantasia à lógica para propor uma interpretação criativa em torno do *momentum* histórico em que se deu a moda dos contos de fadas.

Em seguida, no terceiro capítulo, recorreremos, dentre outros, a Calvino (1999), Bottigheimer (2002; 2020; 2021) e Zipes (2021) para pontuar as mais notórias distinções temáticas, estruturais e narratológicas existentes entre os contos de fadas aqui chamados de *lato sensu* e *stricto sensu*. No primeiro grupo encontram-se os contos de fadas em seu sentido amplo, tal como entendidos por Marina Warner (1999); nesse espectro encontram-se narrativas com ou sem fadas, histórias de encantamento em que o elemento maravilhoso está presente em maior ou menor grau, tais como “Chapeuzinho Vermelho”, “João e Maria” e “Rapunzel”. No segundo grupo estão os contos de fadas em seu sentido estrito, ou seja, histórias sobre fadas, sobre seres feéricos; nesse sentido, dentre os contos de Perrault, é possível classificar “A Bela Adormecida no Bosque”, “Cinderela”, “Riquete de Topete” e “As Fadas” como contos de fadas *stricto sensu*. Ainda de acordo com a lógica prevista por essa distinção, temos que todos os contos de fadas *stricto sensu* estão inseridos nos domínios dos contos de fadas *lato sensu*. Nesse mesmo capítulo, revisitamos Dorfman (1969) e sua teoria dos narremas para arrazoar acerca dos diferentes modos com que

Charles Perrault e Marie-Catherine d'Aulnoy lidaram com as fontes literárias a que recorreram para a composição de seus contos.

Por fim, no quarto e último capítulo foram elencados vinte e um princípios temáticos e narratológicos entendidos como exclusivos dos contos de Madame d'Aulnoy, corroborando, enfim, as duas hipóteses que subjazem ao desenvolvimento da presente tese. Adianta-se, porém, que tais princípios poderão perder o estatuto de exclusivos à medida em que novas traduções e pesquisas em torno dos contos de fadas de autoria feminina surgirem.

Com a intenção de justificar a seleção dos referenciais teóricos que nortearam o desenvolvimento dessa pesquisa e sublinhar nossos objetivos (quais sejam, traduzir os vinte e quatro contos de fadas de Madame d'Aulnoy, oferecer aparatos teóricos capazes de fundamentar o porquê de seus contos serem considerados contos literários *sobre* fadas e descrever as mais notáveis distinções temáticas e estruturais que tornam esse *corpus* singular), consideramos oportuno mencionar algumas possibilidades de abordagem que *não* fizeram parte de nosso escopo. São elas: analisar os contos de fadas sob a perspectiva da psicanálise; classificar os contos conforme os índices propostos por Aarne-Thompson-Uther (Índice ATU); identificar e analisar variantes dos contos de Madame d'Aulnoy; empreender reflexões específicas sobre o feminino e demais questões de gênero; refletir teoricamente sobre o processo de tradução dos contos; e desenvolver análises sobre personagens e temas específicos. Essas e outras possibilidades de abordagem não previstas pelos objetivos da tese (sobretudo por conta da extensão do *corpus*) são apresentadas como sugestões com potencial de ensejar pesquisas futuras em torno da obra de Madame d'Aulnoy.

## CAPÍTULO 1

Marie Catherine Le Jumel de Barneville, Madame d'Aulnoy: vida e obra

Pouco se sabe sobre a vida de Madame d'Aulnoy. Em termos de referenciais teóricos brasileiros, o mais notório comentário biográfico parece advir de Nelly Novaes Coelho (1985, p. 75), que define a vida da “jovem baronesa Marie d'Aulnoy” como “extremamente aventureira e cheia de escândalos”. Tal apreciação é consoante ao que sugere o historiador e arquivista francês Auguste Jal (1872, p. 1306, tradução nossa): trata-se de uma mulher “cujas desordens de conduta tornaram-na tão célebre quanto suas obras”. De fato, a análise pormenorizada das poucas evidências e documentos que podem pressupor a coadjuvação de Marie-Catherine em eventos delituosos<sup>1</sup> desvela vestígios de uma vida marcada por incidentes no mínimo extravagantes. O mais conhecido envolve o seu prematuro e conturbado casamento com François de la Motte; Marie-Catherine ainda não havia completado catorze anos na ocasião do matrimônio, enquanto seu noivo já contabilizava quarenta e seis. Em segundo plano, uma polêmica recentemente suscitada questiona a legitimidade de seus títulos de nobreza: há evidências de que Marie-Catherine nunca tenha sido condessa, sequer baronesa. A primeira seção do presente capítulo discorrerá sobre essas e outras ocorrências a fim de esboçar uma biografia, ilustrada por mapas e retratos, ancorada em documentos históricos e baseada nos testemunhos de seus contemporâneos.

A segunda seção abordará a fortuna crítica das obras de Madame d'Aulnoy, pontuando sobretudo as apreciações de intelectuais franceses dos séculos XVIII e XIX. Ademais, será proposta uma reflexão acerca dos efeitos imediatos ocasionados pela contínua reprodução do legado crítico depreciativo instaurado pelos irmãos Jacob (1785-1863) e Wilhelm Grimm (1786-1859), que no prefácio do primeiro volume de seus *Contos*

---

<sup>1</sup> Um dos escândalos em que Madame d'Aulnoy esteve supostamente envolvida foi a tentativa de assassinato do marido de uma de suas amigas, Madame Ticquet, por envenenamento. Ao que consta, tratava-se de um homem abusivo. O plano de Ticquet foi descoberto e ela acabou decapitada (ZIPES, 2021, p. ix). Tal acontecimento não será aqui abordado por falta de bases documentais que comprovem tal envolvimento.

*Maravilhosos Infantis e Domésticos (Kinder- und Hausmärchen)*, qualificam Marie-Catherine como “imitadora limitada” de Charles Perrault (GRIMM, 2015, p. 31).

A terceira e última seção deste primeiro capítulo mapeará a presença dos contos de Madame d’Aulnoy no Brasil e o estado da arte em termos de pesquisas acadêmicas nacionais sobre a vida e a obra da autora.

### 1.1. O esboço de uma biografia

Marie-Catherine Le Jumel de Barneville nasceu no outono de 1652 em Barneville-la-Bertran, comuna a noroeste da França, situada no atual departamento de Calvados, na região da Normandia (Figura 1). De acordo com Ítalo Calvino (1999, p. 133) informa que Madame d’Aulnoy era “aparentada com a melhor nobreza da Normandia”.

Figura 1 – A localização de Barneville-la-Bertran



Fonte: *Wikimedia Commons* (2015). No canto inferior esquerdo, mapa miniaturizado da França continental, com destaque em vermelho para a região da Normandia. À direita, mapa dos departamentos da Normandia, com a localização da comuna de Barneville-la-Bertran, em Calvados, na Baixa-Normandia (montagem, colorização e destaques nossos).

Ainda que o dia e o mês de seu nascimento permaneçam desconhecidos, descobertas recentes enfim retificaram os dados relativos ao ano; tradicionalmente, costumava-se atribuir as datas de 1649 (PLANCHÉ, 1856), 1650 ou 1651 (STORER, 1928; FOULCHÉ-DELBOSC, 1930; CALVINO, 1999; JASMIN, 2008). Apesar de pontual, tal reajuste implica, por exemplo, no agravamento das ponderações pertinentes à idade em que Marie-Catherine contraiu matrimônio com François de la Motte: uma vez documentado que o casamento ocorreu em 8 de março de 1666, conclui-se, portanto, que a autora casou-se aos treze anos.

Nicolas-Claude Le Jumel, pertencente a uma das primeiras famílias da Normandia (PLANCHÉ, 1856, p. xvii) e Judith-Angélique Le Coutelier, pais de Marie-Catherine, casaram-se em 17 de outubro de 1650 (Figura 2), o que anula, em primeira instância, a possibilidade de a autora ter nascido em 1649 ou 1650; por conseguinte, a natividade só poderia ter ocorrido a partir de meados do segundo semestre de 1651, dedução lógica pautada pela apreciação preliminar do registro matrimonial.

Figura 2 – Súmula do registro de casamento dos pais de Marie-Catherine

selle Catherine Leclerc. — « Le 17 octobre 1650, noble seigneur messire Nicolas-Claude Le Jumel, seigneur et châtelain de Barneville, Pennedepie, et autres terres, et Judith-Angélique Le Coutelier, demoiselle de Saint-Paterne, ont été conjoints en lien du mariage, en face de l'église, par vénérable et discret M<sup>e</sup> Jean Chauvin, prêtre, curé dudit Saint-Paterne, en présence de M<sup>e</sup> Michel Preteseille, prêtre, Jean Le Villain, Denis Fromont et plusieurs autres. —

Fonte: Bellée e Moulard (1870, p. 302). “Em 17 de outubro de 1650, o nobre senhor Nicolas-Claude Le Jumel, senhor e castelão de Barneville, Pennedepie, e outras terras, e Judith-Angélique Le Coutelier, senhorita de Saint-Paterne, foram unidos em matrimônio, diante da igreja, pelo venerável e discreto Monsenhor Jean Chauvin, padre, pároco de Saint-Paterne, em presença do Monsenhor Michel Pretescille, padre, Jean Le Villain, Denis Fromont e vários outros.” (tradução e adaptação nossas).

A asserção relativa a 1652 como sendo o ano correto de nascimento da autora deve-se à descoberta de seu registro de batismo, identificado por Schröder<sup>2</sup> (2019) a partir

---

<sup>2</sup> Alguns dos documentos aqui citados vieram a público a partir do importante trabalho de Volker Schröder, professor e pesquisador do Departamento de Francês e Italiano da Universidade de Princeton (Nova Jersey,

de minuciosa análise filológica dos registros paroquiais da comuna de Barneville-la-Bertran referentes aos anos de 1650 a 1687, digitalizados pelo governo do departamento de Calvados. Em geral, os manuscritos encontram-se em mau estado de conservação e repletos de lacunas, o que confere ainda mais mérito à perícia do pesquisador. Às margens do fôlio que antecede os registros paroquiais de janeiro de 1653, lê-se que Marie, filha de Nicollas Claude Le Jumel e Judic Angelique Le Coutillier [sic], foi batizada no dia 1 de outubro de 1652 (Figura 3).

Figura 3 – Registro de batismo de Marie-Catherine



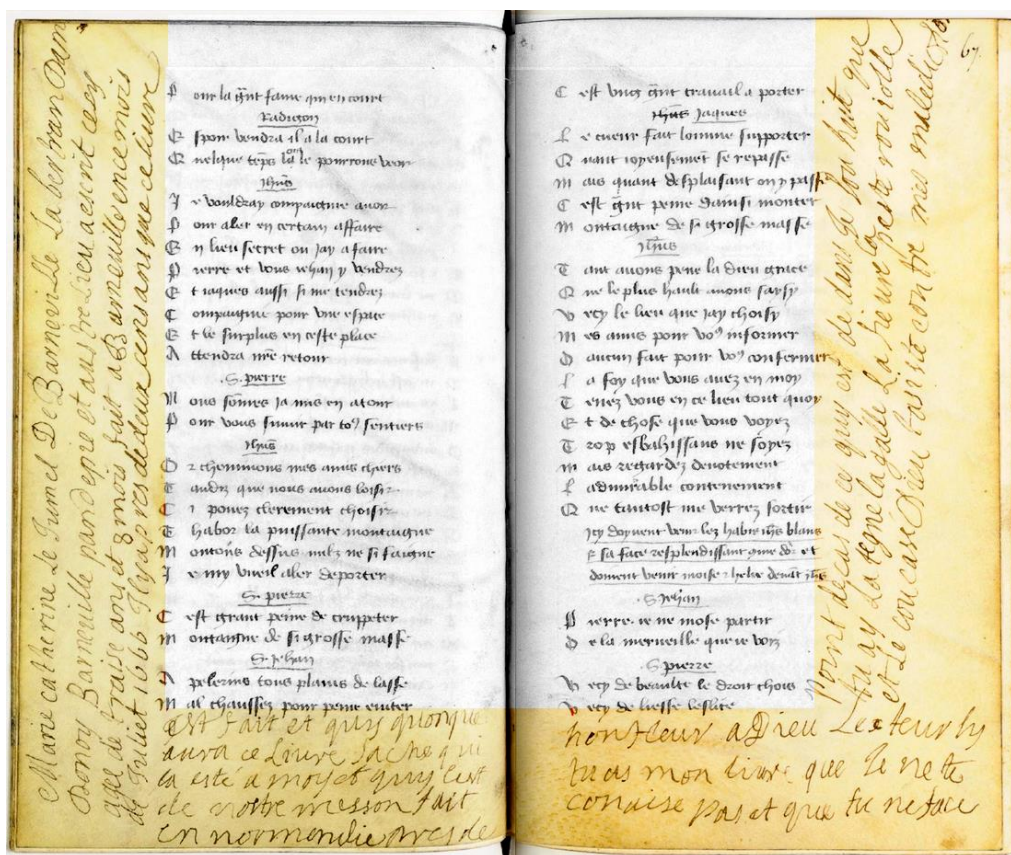
Fonte: *Les archives du Calvados*. “Em 1º de outubro de 1652 foi aqui batizada uma filha do mosenhor Nicollas Claude le Jumel [lacuna] [e da] dama Judic Angelique Le Coutillier [lacuna] [,] Marie [...]” (destaque e tradução nossos).

Estados Unidos), especialista nas expressões culturais e artísticas referentes à França de Luís XIV. Schröder compartilha suas descobertas no portal eletrônico *Anecdota – Textos e imagens raras da França do início da Era Moderna*. Endereço eletrônico: <https://anecdota.princeton.edu/>.

Sabe-se que a atual cerimônia católica de batismo, considerada o primeiro sacramento da vida cristã, costuma ocorrer nas primeiras semanas de vida de um recém-nascido. Lebrun (2009, p. 90-91, tradução nossa) declara que o batismo de bebês na Europa dos séculos XVII e XVIII costumava ser celebrado “no mesmo dia do nascimento ou no dia seguinte”, e que “de todas as obrigações impostas aos católicos, a dos últimos sacramentos e a do batismo nas horas seguintes ao nascimento” eram dois dos rituais mais consolidados no cotidiano dos cristãos modernos. Os extratos das certidões de nascimento dos filhos de Marie-Catherine, nascidos entre 1667 e 1676, corroboram a prática. Sabe-se, inclusive, que no ano de 1698 a monarquia francesa legislou sobre o referido sacramento, impondo sua realização nas primeiras vinte e quatro horas subsequentes ao nascimento da criança (GOURDON, 2013, p. 257). Assim, em segunda instância, sob os ditames dos costumes anteriores à imposição real, com base na data de batismo de Marie-Catherine, pode-se estimar que Judith-Angélique tenha dado à luz entre os dias 29 de setembro e 1 de outubro de 1652. Fato consolidado é o de que Marie viera ao mundo nas primícias do outono daquele ano.

Em terceira e última instância, a confirmação do ano de nascimento de Marie-Catherine é ratificada por Schröder (2019) com base em um testemunho autógrafo da autora (Figura 4), presente em uma edição manuscrita do drama religioso medieval *Mistério da Paixão*, de Arnoul Gréban (1420-1471). A cópia, hoje pertencente à Biblioteca Nacional da França, compusera o acervo pessoal do bibliófilo Jérôme Pichon (1812-1896), estudioso da vida de Madame d’Aulnoy e colecionador de edições raras de suas obras.

Figura 4 – Testemunho autógrafo de Marie-Catherine



Fonte: *Bibliothèque nationale de France*. Nas margens dos fólhos 66 e 67, lê-se: “Marie Catherine Le Jumel de Barneville La Bertran, Dama d’Aulnoy, Barneville, Pandepie e outros lugares, escreveu isso aos treze anos e oito meses de idade, em Barneville, neste mês de julho de 1666. Faz quase 200 anos desde que este livro foi feito, e quem quer que venha a possuí-lo, saiba que ele era meu e que pertenceu à nossa casa. Escrito na Normandia, próximo a Honfleur. Adeus, leitor desconhecido. Se você possuir o meu livro e não apreciar o seu conteúdo, desejo a você micose, sarna, sarampo e um torcicolo. Que Deus o proteja contra minhas maldições.” (destaque, tradução e adaptação nossos).

Se Marie-Catherine contabilizava treze anos e oito meses em julho de 1666, considerando uma margem de erro referente ao desconhecimento do dia exato em que a nota foi escrita, torna-se altamente provável que a futura escritora tenha, de fato, nascido nos últimos dias de setembro de 1652<sup>3</sup>, e, conforme a tradição, batizada pouco tempo depois. Ainda sobre o documento em questão, note-se a assinatura “*Dame Donoy*” (Senhora de Aulnoy), que está em consonância com seu estatuto de esposa de François de

<sup>3</sup> Entre 30 de setembro de 1652, segunda-feira (possível data de nascimento da autora), e 15 de julho de 1666 (virtual data mediana do testemunho autógrafo, baseada em uma margem de erro de 30 dias), há um intervalo de 5036 dias, ou 13,79 anos, em conformidade com as estimativas aqui apresentadas.



la Motte, à époque barão d'Aulnoy, com quem se casara em março do mesmo ano. Finalmente, Schröder (2019) aponta para o tom “orgulhoso, mal-humorado e eloquente” da jovem Madame d'Aulnoy, que aos treze anos de idade já demonstrava claros sinais de seu pendor para a apreciação da arte literária e um zelo deveras notável pelo objeto livro. Devidamente alfabetizada em um século em que a escolarização “era sem dúvida o monopólio de um sexo” (ARIÈS, 1986, p. 189), Marie-Catherine compôs a diminuta classe das meninas letradas, cuja inserção no espaço escolar só começa a ser pensada, estruturada e estabelecida do fim do século em questão<sup>4</sup>. A maior parte das mulheres do século XVII eram semianalfabetas (ARIÈS, 1986, p. 190). Sua educação costumava se dar em espaços conventuais, que não eram sumariamente destinados ao letramento artístico e científico, mas à formação religiosa e votiva. Ruy Afonso da Costa Nunes, professor da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, indica que é François Fénelon (1651-1715) o primeiro pensador francês a expressar preocupação com a necessidade de educar as mulheres para além da formação religiosa; elas também deveriam aprender “a leitura, a escrita, a aritmética, a contabilidade, noções de direito civil, economia doméstica, gramática, história, poesia, música e latim” (NUNES, 1981, p. 106-107). A habilidade de ler e escrever, bem como a posse de livros, denuncia ainda a excelente posição social ocupada pelos recém-casados na França do século XVII, onde apenas 27,5% dos inventários pós-falecimento mencionam livros (CHARTIER, 2004, p. 176)<sup>5</sup>.

François de la Motte, marido de Marie-Catherine, adquirira o baronato da comuna de Aulnoy, em Brie, na região da Île-de-France, em 13 maio de 1654 por cerca de

---

<sup>4</sup> No fim do século XVII, “85% dos homens e 60% das mulheres são capazes de assinar testamento”, ademais, “o ato testamentário é socialmente muito seletivo, portanto favorável às classes dominantes e aos grupos cultos; de fato, um em cada dez parisienses faz seu testamento no reinado de Luís XIV.” (ROCHE, 2004, p. 270).

<sup>5</sup> “Entre 1665 e 1702, numa amostra de duzentos inventários, os artesões, negociantes e burgueses contam 16,5%; os oficiais e pessoas togadas 32,5%; e os fidalgos e cortesãos 26%. [...] No ponto mais alto, seis grupos em que mais de um inventário entre dois descreve livros: os escritores e bibliotecários (100%), os professores (75%), os advogados (62%), o clero (62%), os oficiais do Parlamento (58%), os nobres da Corte (53%). Na outra ponta da escala, os grupos em que o livro se encontra em menos de 15% dos inventários: os negociantes (15%), os operários e empregados (14%), os mestres artesãos (12%), os homens de pequenos ofícios (10%).” (CHARTIER, 2004, p. 177). Entre os criados e assalariados, as obras religiosas correspondem a cerca de 90% dos títulos; eles costumavam possuir entre dois e três livros em casa (ROCHE, 2004, p. 285).

cento e cinquenta mil libras (FOULCHÉ-DELBOSC, 1930; JAL, 1872; SCHRÖDER, 2021). Tendo servido na guerra de 1649 a 1650 na condição de escudeiro do príncipe César de Bourbon, Duque de Vendôme, filho de Henrique IV, François recebeu um razoável montante como recompensa, valor que teria empregado na compra do referido título de nobreza. Supõe-se tratar-se de um homem de excelente aparência e de belo porte, visto que a beleza fora um dos critérios utilizados pelo Duque de Vendôme na seleção de seus soldados (ROCHE-MAZON, 1930, p. 12-13). Em 12 de maio de 1653, François de la Motte foi nomeado cavaleiro de St. Michel (FOULCHÉ-DELBOSC, 1930, p. iv). Contudo, sua aparente “má conduta” (JAL, 1872, p. 1306) nos anos subsequentes acabou por conduzi-lo à ruína.

O matrimônio com Marie-Catherine le Jumel ocorreu em 8 de março de 1666, conforme extrato documental<sup>6</sup> aqui reproduzido (Figura 5). O registro completo<sup>7</sup> indica que o pai da noiva, Nicolas-Claude le Jumel, era falecido, e que sua mãe, Judith-Angélique Le Coutelier, agora denominada Angélique de Saint-Pater (enquanto filha de Louis Le Coutelier, senhor de Saint-Pater), era viúva tanto do “conde de Barneville” quanto do “marquês de Gudanes” (JAL, 1872; FOULCHÉ-DELBOSC, 1919), com quem teria se casado menos de um ano após a primeira viuvez. Acontece, porém, que Nicolas-Claude le Jumel nunca possuiu o título de conde de Barneville, e nem poderia ter sido, visto que o feudo sequer possuía patente nobilitária. Ademais, Michel de Salles, segundo marido de Angélique, filho do barão de Gudanes (e não marquês), não recebeu autorização do pai para casar-se, pois tinha menos de trinta anos à época. À revelia de seu responsável legal, o jovem decidiu prosseguir com o matrimônio, o que o levou a ser formalmente deserdado; Michel faleceu em 1663 (SCHRÖDER, 2021). Em síntese, o consenso entre os pesquisadores da vida e obra de Madame d’Aulnoy é o de que sua mãe teria de fato

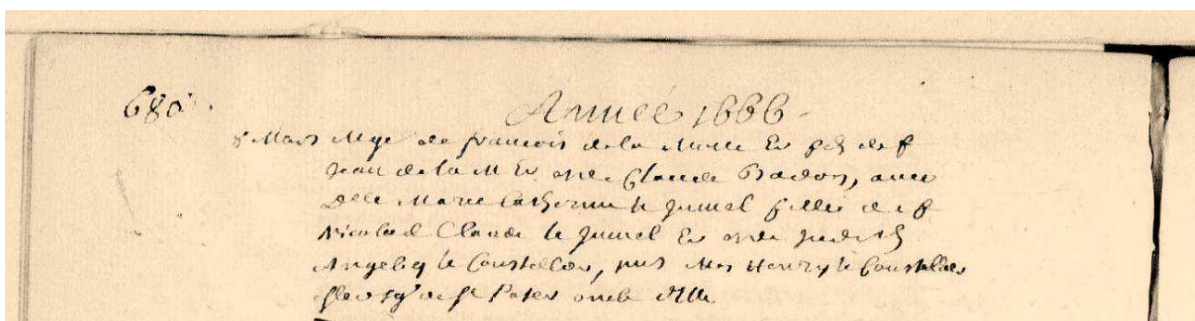
---

<sup>6</sup> No extrato apresentado, verifica-se uma gralha relativa ao nome da mãe de François de la Motte, Clémence, aqui mencionada como “Claude”, nome do irmão de François. No extrato paroquial referente ao batismo de Marie-Angélique, primogênita de Marie-Catherine, Claude de la Motte é apresentado como padrinho da menina.

<sup>7</sup> A fonte primária não foi localizada. A reprodução presente no portal *Anecdota* é creditada por Volker Schröder (2021) aos *Archives nationales*, mas não há menção à cota do manuscrito ou ao endereço eletrônico correspondente. Consulta disponível em <https://anecdota.princeton.edu/archives/1566>. Acesso em 16 de março de 2022.

inventado seus títulos de condessa de Barneville e marquesa de Gudanes, sobretudo por vias autodeclaratórias. Algo semelhante parece ter ocorrido em relação à própria Madame d’Aulnoy, como será sugerido mais adiante.

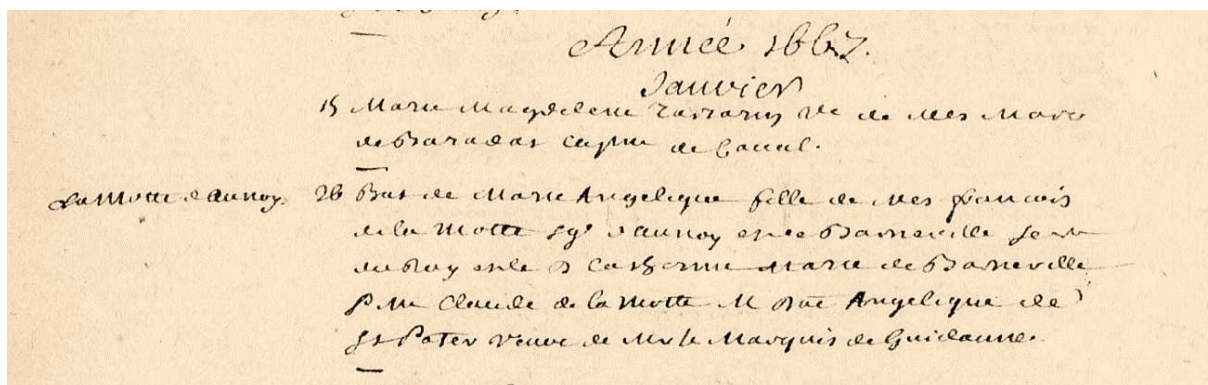
Figura 5 – Extrato do registro de casamento de Marie-Catherine



Fonte: *Bibliothèque nationale de France*. “Ano 1666. 8 de março. Casamento de François de la Motte, filho do falecido Jean de la Motte e de madame Claude Badon, com a senhorita Marie-Catherine le Jumel, filha do falecido Nicolas-Claude le Jumel e de madame Judith-Angélique le Coustellier, por testemunha Henry le Coustellier, filho do senhor de St. Pater [...]” (tradução e adaptação nossas).

A primeira gestação ocorreu pouco depois do casamento: a primogênita do casal, Marie-Angélique, foi batizada em 26 de janeiro de 1667, conforme extrato paroquial (Figura 6). Marie-Catherine tinha catorze anos à época. Note-se que a composição do nome pressupõe uma homenagem a Judith-Angélique, avó da menina.

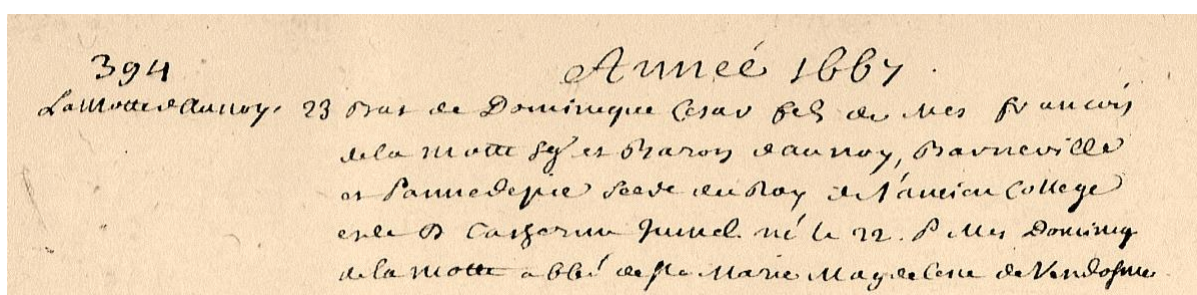
Figura 6 – Extrato do registro de batismo de Marie-Angélique, primeira filha de Marie-Catherine



Fonte: *Bibliothèque nationale de France*. “Ano 1667. Janeiro [...] 26 – Batismo de Marie-Angélique [de la Motte d’Aulnoy], filha do senhor François de la Motte, senhor d’Aulnoy e de Barneville, servo do rei, e de Catherine Marie de Barneville [sic], padrinho senhor Claude de la Motte e madrinha Angélique de St. Pater, viúva do senhor Marquês de Guidanne.” (tradução e adaptação nossas).

A segunda gravidez de Madame d'Aulnoy teve início menos de três meses após o nascimento de Marie-Angélique. Seu segundo filho, Dominique-César, nasceu em 22 de novembro do mesmo ano, sendo batizado no dia seguinte (Figura 7). Tal como a primogênita, seu nome teria sido dado em homenagem a Dominique de la Motte, da família de François. Ainda em 1667, já demonstrando sinais de dificuldades financeiras, o barão d'Aulnoy, vendeu seu posto de secretário do Rei a Louis Bouillant por quarenta e duas mil libras (SCHRÖDER, 2021).

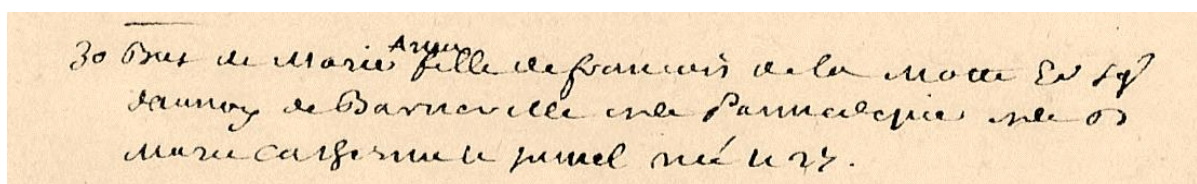
Figura 7 – Extrato do registro de batismo de Dominique-César, segundo filho de Marie-Catherine



Fonte: *Bibliothèque nationale de France*. “Ano 1667. 23 – Batismo de Dominique-César [la Motte d'Aulnoy], filho do senhor François de la Motte, senhor e barão d'Aulnoy, Barneville e Pennedepie, servo do rei, [...] e de Catherine Jumel, nascido no dia 22. Padrinho senhor Dominique de la Motte, abade, e madrinha Marie Magdelene de Vendôme.” (tradução e adaptação nossas).

Em 27 de outubro de 1668 nasce a terceira filha do casal, Marie-Anne, batizada três dias depois (Figura 8). Note-se que o extrato em questão já não se refere a François como barão d'Aulnoy, apenas como senhor (sg).

Figura 8 – Extrato do registro de batismo de Marie-Anne, terceira filha de Marie-Catherine



Fonte: *Bibliothèque nationale de France*. “Dia 30. Batismo de Marie-Anne, filha de François de la Motte, senhor d'Aulnoy de Barneville e de Pennedepie, e de Marie-Catherine le Jumel. Nascida dia 27.” (tradução nossa).

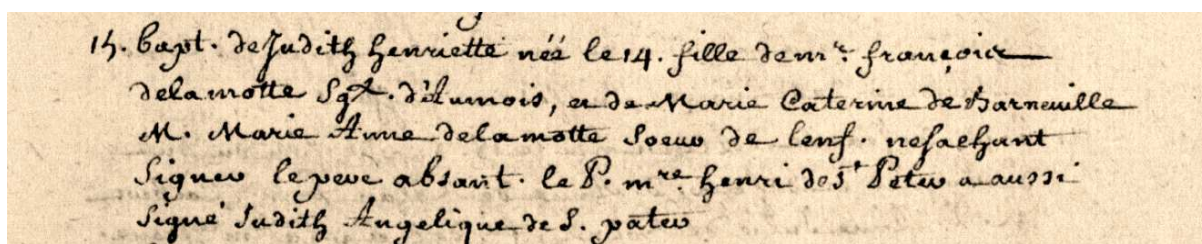
Cabe assinalar que Marie-Anne d’Aulnoy, posteriormente conhecida como Madame de Héere, teria seguido os passos de sua mãe e estabelecido carreira literária no século XVIII. Edições remanescentes de suas obras ainda não foram encontradas. É o crítico literário e dicionarista francês Joseph-Marie Quérard quem menciona ao menos dois de seus títulos:

Filha de Madame d’Aulnoy, Madame de Héere herda, em parte, o espírito de sua mãe. Ela compõe, para o divertimento de sua sociedade, muitas pequenas obras, dentre as quais se distinguem: *Tulipa*, *Rainha das Flores*, e *As Qualidades de um Bom Coração*. Ela dedicou essas duas peças à presidente de Bretonvilliers. Madame de Héere escreveu agradavelmente em verso e em prosa. (QUÉRARD, 1830, p. 53, tradução nossa).

Madame de Carette (1902, p. iv-v, tradução nossa) foi uma das primeiras biógrafas de Madame d’Aulnoy a relatar o aparente engano em torno dos títulos de nobreza de François: a autora alega que “o conde, ou melhor, o barão d’Aulnoy” teve seu título contestado. Acerca da revenda do baronato de Aulnoy, o registro mais antigo a que se tem acesso refere-se a janeiro de 1671, uma concessão real das terras de Aulnoy ao Marquês de Montglat (ROCHE-MAZON, 1930, p. 139); cinco anos mais tarde, o título já pertencia a outro dono, Jean Guillemin, senhor de Courchamp, que obteve permissão real para intitular-se barão de Courchamp, preterindo a referência a Aulnoy (SCHRÖDER, 2021). Em termos legais, François de la Motte já não era barão (quicá conde) ao menos desde 1671. Presume-se, porém, que a revenda do título de nobreza tenha acontecido alguns anos antes, justamente entre 1667 e 1668, período em que as condições financeiras do casal teriam se deteriorado no contexto do nascimento dos três primeiros filhos (JASMIN, 2008, p. 10). Tal fato subsidiaria o agravamento das intenções injuriosas de Judith-Angélique contra François, a fim de livrar a filha de um casamento financeiramente infrutífero, visto que Marie-Catherine encontrava-se dependente da fortuna de sua mãe (CARETTE, 1902, p. v); Madame de Gudanes desfrutava das benesses sociais e financeiras de seu segundo casamento e fora introduzida nas cortes espanholas por influência de seu marido. Seus bons contatos em Madri mostrar-se-ão de extrema valia à época em que Judith-Angélique se vê obrigada a deixar a França.

Em novembro de 1669, François estava “ausente” de Paris, conforme assinala o extrato do registro de batismo (Figura 9) da quarta filha do casal, Judith-Henriette, que, ao contrário de seus irmãos, não foi batizada na igreja de St. Gervais, mas em St. Sulpice. Seu nome parece derivar da junção dos primeiros nomes da avó e do tio-avô, Henry de St. Pater, irmão de Judith-Angélique.

Figura 9 – Extrato do registro de batismo de Judith-Henriette, quarta filha de Marie-Catherine



Fonte: *Bibliothèque nationale de France*. “15. Batismo de Judith-Henriette, nascida dia 14, filha do senhor François de la Motte, senhor d’Aulnoy, e de Marie-Catherine de Barneville. Madrinha Marie-Anne de la Motte, irmã da criança. Ausente, o pai não pôde assinar. Padrinho o senhor Henry de St. Pater. Assinado por Judith-Angélique de St. Pater.” (tradução e adaptação nossas).

Novamente, François não é mencionado como barão d’Aulnoy. Tal como atestado anteriormente, o processo de revenda do título já havia sido concluído ao menos desde 1671. Cabe mencionar a existência de dois manuscritos que atribuem o título de conde a François de la Motte: uma solicitação de transporte de cargas de Paris para a Espanha, referente a dezembro de 1678, e a anotação de uma dívida pela compra de roupas, de fevereiro de 1688, ambos ditados e/ou assinados pela própria Marie-Catherine (SCHRÖDER, 2021). É possível conjecturar, portanto, que a atribuição de um título inexistente por vias autodeclaratórias aproximaria as biografias de mãe e filha, já que Judith-Angélique usufruía do mesmo artifício. A versão de Auguste Jal (1872, p. 1307) sobre a polêmica em torno dos títulos está baseada na ata de falecimento de Marie-Catherine: o documento emitido pela sacristia de St. Sulpice teria qualificado o antigo barão d’Aulnoy como conde, e tal equívoco, reproduzido no convite para as cerimônias fúnebres da autora<sup>8</sup>, fora tomado como verdadeiro tanto pelos editores do *Mercure Galant*

<sup>8</sup> Cf. Figura 13, p. 43.

e do *Cabinet des fées*, quanto por todos os demais biógrafos que atribuíram a Madame d’Aulnoy o título de condessa.

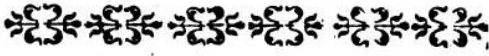
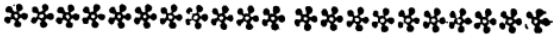
O equívoco funerário, contudo, não justificaria por si só a propagação enganosa do título de nobreza. A edição de 11 de junho de 1691 do *Le Journal des Sçavans*, considerado o primeiro jornal francês de ciência e cultura, apresenta Marie-Catherine como “Madame Condessa d’Aulnoy” em uma longa análise crítica de seus recém-publicados *Relatos da Viagem pela Espanha* (CUSSON, 1691, p. 145). A menção se repete na edição do dia 18 do mesmo mês (CUSSON, 1691, p. 253). Volker Schröder (2021) sugere que esse importante precedente pode ter sido uma das causas para a reprodução do equívoco junto a editores fora de Paris, isso porque Marie-Catherine só foi nomeada condessa no frontispício de edições não parisienses de suas obras<sup>9</sup>. Um último indício capaz de corroborar a improcedência da associação dos títulos de barão e conde a François de La Motte pode ser encontrado na carta que Charles Le Marquetel, Monsenhor de Saint-Évremond (1614-1703), escreve a Madame d’Aulnoy na ocasião da morte de seu marido<sup>10</sup>. Cabe antecipar, para fins de contextualização, que François de La Motte morreu em 21 de agosto de 1700, aos 80 anos, e que “seu último ato foi deserdar sua esposa de quaisquer bens que ele pudesse ter deixado” (ROCHE-MAZON, 1930, p. 110, tradução nossa). No referido documento (Tabela 1, abaixo), Saint-Évremond refere-se a François como “M. d’Aulnoy” (Monsenhor d’Aulnoy); Marie-Catherine, a destinatária, é sempre mencionada como *madame*, e não como baronesa ou condessa.

---

<sup>9</sup> Uma única exceção, mas que ainda assim não se refere ao frontispício, diz respeito ao privilégio real de seu último livro, *O Conde de Warwick*, de 1703, publicado em Paris, em que Marie-Catherine é referida como condessa.

<sup>10</sup> Datada de 3 de novembro, estima-se que a carta tenha sido redigida no ano de 1700, poucos meses após o falecimento de François.

Tabela 1 – Tradução fac-similar da carta escrita por Charles Le Marquetel, Monsenhor de Saint-Évremond (1614-1703), a Madame d’Aulnoy na ocasião do falecimento de François

|   |   |
|---|---|
| <p style="text-align: center;"> <br/> <b>L E T T R E</b><br/> de M. DE SAINT-EVREMOND<br/> à Madame d’Aulnoy,<br/> <i>Sur la mort de son Mari.</i> </p> <p> <b>D</b>Ans le tems, Madame, que votre Lettre m’a été renduë, je me donnois l’honneur de vous écrire sur la mort de M. d’Aulnoy. Je vous conseilloy les bien-téances, de cacheter vos lettres avec de la cire noire, &amp; de donner au monde des marques d’un deuil qui ne laisse de peine à souffrir que la regularité. La condition d’une veuve ne permet pas de regretter le meilleur mari, &amp; donne de la joye à celles qui en perdent de méchants. Une seule chose peut troubler la vôtre; c’est de n’avoir eu aucune part aux effets d’un injuste époux. Cette injustice seule m’en fait détester la memoire. Ma consolation est que vous aurez toujours assez de bien pour vous passer de celui qu’il vous devoit. Mais ce n’est pas assez pour vous, Madame,<br/> A iij </p> | <p style="text-align: center;"> CARTA DE M. DE SAINT-EVREMOND<br/> A MADAME D’AULNOY </p> <p style="text-align: center;"> <i>Sobre a morte de seu marido.</i> </p> <p> Na ocasião, Madame, do retorno de vossa carta, concedi a mim mesmo a honra de escrever-vos acerca da morte de M. d’Aulnoy. Eu vos aconselho [a manter] o decoro, a selar vossas cartas com cera negra e a mostrar ao mundo marcas de um luto cujo sofrimento não exceda a normalidade. A condição de uma viúva não permite senão lamentar [a morte de] um bom marido e trazer alegria àquelas que perdem [maridos] maus. Apenas uma coisa pode perturbar a vossa [viuvez]: [o fato de] não ter recebido reparação alguma pelos efeitos [dos atos] de um esposo injusto. Apenas essa injustiça me faz detestar sua memória. Meu consolo é [saber] que você sempre terá bens o suficiente para [poder] dispensar aqueles que ele vos devia. Mas não é suficiente a vós, Madame, </p> |
| <p> <b>6</b> <i>Continuation des Memoires</i><br/> que d’avoir les choses commodes, je vous souhaite les superflues: c’est le souhait de votre très-humble &amp; très-obéissant serviteur </p> <p style="text-align: center;"> <b>SAINT-EVREMOND.</b> </p> <p> <i>Ce 3. Novembre, style d’Angleterre.</i> </p> <p style="text-align: center;">  </p>   | <p> possuir apenas os bens convenientes, eu vos desejo também os supérfluos: esse é o desejo de vosso mais humilde e mais obediente serviçal </p> <p style="text-align: right;"> SAINT-EVREMOND. </p> <p> <i>A 3 de novembro, estilo da Inglaterra.</i> </p>  |

Fonte: DESMOLETS, 1726, p. 5-6 (tradução e adaptação nossas).

É possível constatar que, a despeito de suas condolências, Saint-Évremond, amigo de Marie-Catherine, não deixa de lançar nódoas à memória de François de La Motte. Além de orientá-la em relação às formalidades sociais convenientes ao luto, o ensaísta e



crítico literário refere-se à condição econômica em que a viúva fora deixada; afinal, em situação de exílio conventual, Marie-Catherine não tinha acesso aos bens do casal. Como mencionado anteriormente, uma vez cativa, a autora tinha à sua disposição apenas o que era necessário para sua sobrevivência e comunicação (os bens “convenientes” a que Saint-Évremond se refere). Os votos de Charles Le Marquetel são para que Marie-Catherine também possa desfrutar dos “bens supérfluos” que lhe seriam de direito.

Em síntese, a fim de arrematar a polêmica questão em torno dos títulos de nobreza, pode-se concluir, por ilação, que Marie-Catherine foi exitosa em seu aparente projeto de ascensão profissional; afinal, se o propósito da escritora estreante era garantir um espaço editorial via titulação, tão somente o sucesso de suas primeiras publicações já justificariam os riscos da perigosa empreitada. Baronesa ou condessa, uma vez aclamada já em seu primeiro título, *História de Hipólito, Conde de Duglas*, de 1690, seu maior sucesso editorial (FOULCHÉ-DELBOSC, 1930, p. 75-76), o imbróglio em torno dos títulos torna-se, enfim, irrelevante em termos legais, mas indiscutivelmente significativo no tocante à narrativa biográfica e à concepção de um *ethos sui generis*.

Os acontecimentos relativos ao ano de 1669 foram determinantes para a prescrição dos qualificativos que costumeiramente adjetivam a narrativa biográfica de Marie-Catherine: “aventurosa”, “escandalosa” e “polêmica”. Em 24 de setembro do referido ano, cerca de dois meses antes do nascimento de Judith-Henriette, François de La Motte dá entrada na Bastilha, preso, acusado do crime de lesa-majestade e alta traição; daí sua alegada ausência na cerimônia de batismo da quarta filha. A imputação adveio de Judith-Angélique, Madame de Gudanes, mãe de Marie-Catherine, sogra de François, e foi ratificada por três senhores normandos, Charles Bonenfant, senhor de Lamoizière, Jacques-Antoine de Crux, marquês de Courboyer, e Jacques de Cronville, escudeiro de Lamière (FOULCHÉ-DELBOSC, 1930, p. v; HOZIER, 1703, p. 137). Os três atuaram como “agentes provocadores”, incentivando-o a criticar a figura do rei e os rumos da política francesa. Munidos de tais declarações, prestaram queixa a Jean-Baptiste Colbert, controlador geral das finanças de Luís XIV, que expediu mandado de prisão contra

François de La Motte por conspiração. Madame de Gudanes endossara as acusações, relatando as expressões perfídias que François teria usado em sua crítica.

François Ravaisson-Mollien (1874, p. vi), historiador francês, editor e comentador dos *Arquivos da Bastilha*, afirma que os dois primeiros agentes provocadores eram amantes de Madame d’Aulnoy, “mulher galante” cujo intuito era o de se livrar de um esposo incômodo e roubar sua fortuna. Tal declaração, deficitária em legitimidade, está em consonância com os discursos de natureza misógina que ecoam pelas entrelinhas de muitas das notas biográficas de Marie-Catherine. Não há evidências que comprovem o tipo de relação existente entre Lamoizière, Courboyer e Madame d’Aulnoy. Roche-Mazon (1930, p. 15), por sua vez, informa que o Marquês de Courboyer era amante de Judith-Angélique, sogra de François. Tal afirmação também é veiculada por Jasmin (2008, p. 11).

Arrepentido da trama, Jacques de Cronville declara a falsidade das acusações e François de La Motte prova sua inocência em dezembro do mesmo ano. Os dois outros agentes provocadores foram presos e condenados à morte por decapitação; Lamoizière foi morto em 12 de dezembro de 1669 e Courboyer no dia seguinte. Antes de terem suas sentenças proferidas, ambos foram submetidos à tortura, ocasião em que finalmente revelaram o complô arquitetado por Judith-Angélique com a anuência de sua filha, que, segundo os dois, “teve um papel secundário” no plano (FOULCHÉ-DELBOSC, 1930, p. vi). Ao menos mais um nobre francês esteve envolvido no processo contra François: Jean Voille, valete de Courboyer. Voille e Cronville foram inocentados ao final dos trâmites legais (HOZIER, 1703; ROCHE-MAZON, 1930).

Madame de Gudanes fugiu imediatamente para a Espanha, onde permaneceu exilada até o fim da vida. Segundo Anne Defrance (1998, p. 14), Marie-Catherine passou dezessete dias na *Conciergerie*, uma das mais célebres penitenciárias da França. François de la Motte resolvera poupar a esposa, dirigindo sua contra-acusação somente à sogra, atribuindo-lhe o vício de “uma libertinagem excessiva, cujo exemplo mostrava-se funesto para a honra de sua esposa e para a sua própria reputação”, asseverando que “o exemplo da Madame de Gudanes corrompera sua filha e suas netas” (ROCHE-MAZON, 1930, p. 19, tradução nossa).

François retomou sua liberdade em 13 de janeiro de 1670; sua redenção foi considerada “um milagre” pelo genealogista francês Charles-René d’Hozier (1640-1732), contemporâneo dos envolvidos (1703, p. 137). Os *Arquivos da Bastilha* não dão informação alguma sobre as consequências legais que teriam recaído sobre a sogra de François, sua “inimiga mortal” (HOZIER, 1703, p. 138).

Quanto a Madame d’Aulnoy, sob a influência, como sua mãe, de uma ordem de prisão, ela teria sido brevemente encarcerada na Conciergerie, em dezembro de 1669. Vinte anos de sombras se seguiram, de 1670 a 1690. Diz-se que Madame d’Aulnoy que viajou várias vezes para o estrangeiro, para a Inglaterra, bem como para a Espanha, onde vivia a sua mãe. (JASMIN, 2008, p. 11, tradução nossa).

As constatações de Nadine Jasmin (2008) estão em consonância ao que sugere Jacques Barchilon (2014):

Os vinte anos seguintes a esse primeiro e sinistro episódio são pouco conhecidos pelos biógrafos. Sem dúvidas, ela passou algum tempo na Espanha, em Madri, na companhia de sua mãe; ela também viajou à Inglaterra, mas não se pode ter certeza absoluta disso. (BARCHILON, 2014, p. 38, tradução nossa).

Sophie Raynard (2002) sumariza os possíveis movimentos migratórios realizados por Madame d’Aulnoy durante o período em questão:

Acredita-se que Madame d’Aulnoy teria viajado para Flandres (1672-1673), depois para a Inglaterra (1675). Ela teria retornado a Paris entre 1676-1677, para, em seguida, reunir-se com sua mãe na Espanha em 1679. Depois, teria ido novamente à Inglaterra (1682) antes de retornar definitivamente à França em 1685. (RAYNARD, 2002, p. 61, tradução nossa).

De fato, tal como afirmado por Nadine Jasmin (2008), Madame d’Aulnoy teria “caído nas mãos da justiça” em dezembro de 1669 e permanecido presa por pouco tempo; ao que tudo indica, a prisão, ocorrida em 7 de dezembro (sábado à noite), fora mantida em segredo (ROCHE-MAZON, 1930, p. 113-114). Um possível relato autobiográfico das dramáticas cenas de captura, aprisionamento e soltura de Madame d’Aulnoy é encontrado em três cartas assinadas por Anne-Marguerite Du Noyer (1663-1719), uma

das mais célebres jornalistas francesas do século XVIII. A tradução de trechos das cartas em questão encontra-se disponível no Apêndice C<sup>11</sup> (p. 835). Em correspondência com uma confidente, Madame Du Noyer afirma estar em posse de um manuscrito redigido pela “falecida Madame d’Aulnoy”, que, antes de morrer, confiara tal documento “a uma de suas boas amigas” (Ap. C, p. 835).

Madame d’Aulnoy fez esses escritos apenas para si mesma, e não tinha desejo algum, pelo que dizem, de que essa aventura viesse a lume; mas como parece que todas as pessoas que fazem parte dessa história estão mortas, e que não há nada aparente que entregue a chave [de leitura], não sinto nenhum remorso em compartilhá-lo [...]. Devo lhe dizer ainda que tudo [o que está escrito] é verdadeiro; isso é o que Madame d’Aulnoy disse à sua amiga, e foi essa amiga que me assegurou disso. Portanto, poderá lê-lo como um fato, e não como um romance. (Ap. C, p. 835).

Uma vez obedecidas as orientações de leitura prescritas por Madame Du Noyer (ou seja, partindo do pressuposto de que os relatos contidos no romance póstumo intitulado *Milady* possuem o estatuto de fatos ficcionalizados), torna-se possível ratificar a hipótese de seu curto período de aprisionamento; curto, mas não por isso menos traumático. Tal como descrito em *Milady*, as condições financeiras em que Madame d’Aulnoy se encontrava na ocasião da reconquista de sua liberdade corroboram o lamento de Saint-Évremond:

Meu advogado veio me dizer que não havia mais nada que impedisse minha soltura a não ser o dinheiro necessário para suspender o processo; ainda que favorável a mim, era necessário um pagamento para encerrá-lo. Isso me deixou embaraçada: os bens que eu havia entregado aos cuidados do bom ancião precisavam ser vendidos para que eu tivesse a soma. Eu bem que poderia providenciar isso, mas eu não tinha meios para tal, e era uma situação urgente. (Ap. C, p. 844).

Para além do encarceramento, sabe-se também que Marie-Catherine estivera confinada no Convento das Ursulinas, em Blois (comuna a cerca de duzentos quilômetros ao sul de Paris), ao menos desde os anos 80 do século XVII. Contudo, ainda não foram

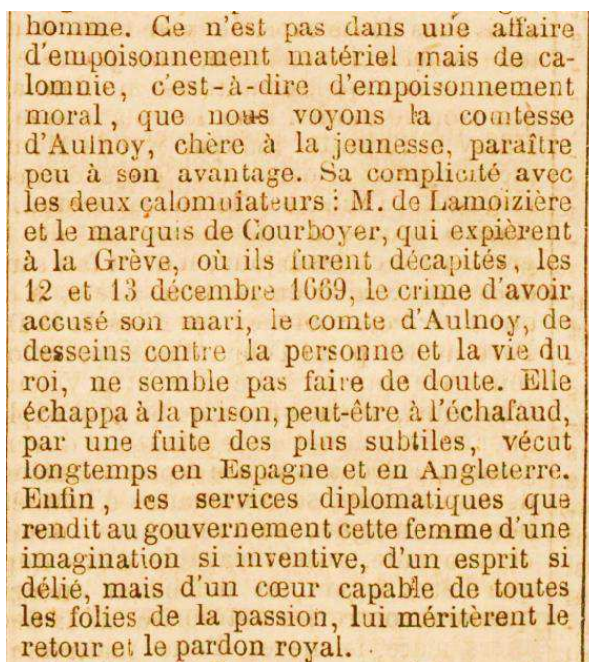
---

<sup>11</sup> Para fins de citação, desse ponto em diante, utilizaremos a sigla Ap. A em referência ao Apêndice A, Ap. B em referência ao Apêndice B, e assim por diante.

descobertos documentos que comprovem as causas do confinamento conventual — se compulsório, como consequência do processo criminal, ou espontâneo, como forma de amenizar o estigma social gerado pelo delito. A hipótese mais aceita é a de que a detenção tenha ocorrido a pedido de François, como forma de livrá-la de uma punição mais severa na ocasião de seu retorno a Paris, por volta de 1685.

Ravaisson-Mollien (1874, p. 338) informa que Madame d’Aulnoy transitara entre a França e a Inglaterra de 1670 a 1676. Lescure (1881, p. xi), por sua vez, sugere que tanto Madame d’Aulnoy quanto sua mãe teriam viajado para a Espanha e para a Inglaterra, países onde teriam prestado serviços à corte francesa como forma de obter redenção perante o rei. A edição de 23 de março de 1867 do *Jornal Oficial da República Francesa* (Figura 10) repercutiu o crime e informou que, de fato, os serviços diplomáticos que Marie-Catherine prestara na Espanha e na Inglaterra fizeram com que ela merecesse o perdão real e o direito de retorno à França. Há ainda a notícia de que a Madame de Gudanes teria servido como espiã do rei, uma agente da coroa francesa infiltrada na corte espanhola (MOREL-FATIO, 1891; JASMIN, 2008). Com sua neta Judith-Henriette sob seus cuidados em Madri, Madame de Gudanes foi visitada por Marie-Catherine entre 1679 e 1681. Judith-Angélique, mãe de Madame d’Aulnoy, faleceu na Espanha em maio de 1702, celebrada como uma mulher de grande prestígio (ROCHE-MAZON, 1930, p. 111). O filósofo e dicionarista Pierre Bayle (1647-1706) informa que a mãe de Madame d’Aulnoy “morreu em Madri, onde gozava de uma considerável pensão que o Rei Charles II lhe concedera por um grande serviço que ela havia prestado ao Estado quando em Roma. Philippe V conservou-lhe essa pensão.” (BAYLE, 1738, p. 397, tradução nossa).

Figura 10 – Nota do Jornal Oficial da República Francesa



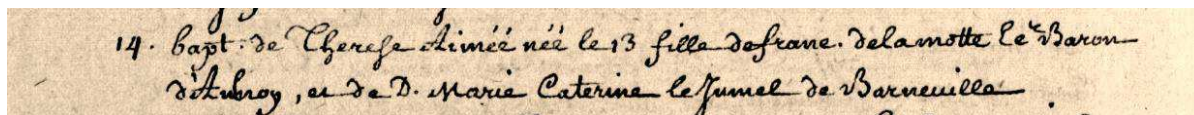
homme. Ce n'est pas dans une affaire d'empoisonnement matériel mais de calomnie, c'est-à-dire d'empoisonnement moral, que nous voyons la comtesse d'Aulnoy, chère à la jeunesse, paraître peu à son avantage. Sa complicité avec les deux calomniateurs : M. de Lamoignon et le marquis de Courbois, qui expièrent à la Grève, où ils furent décapités, les 12 et 13 décembre 1669, le crime d'avoir accusé son mari, le comte d'Aulnoy, de desseins contre la personne et la vie du roi, ne semble pas faire de doute. Elle échappa à la prison, peut-être à l'échafaud, par une fuite des plus subtiles, vécut longtemps en Espagne et en Angleterre. Enfin, les services diplomatiques que rendit au gouvernement cette femme d'une imagination si inventive, d'un esprit si délié, mais d'un cœur capable de toutes les folies de la passion, lui méritèrent le retour et le pardon royal.

Fonte: *Journal officiel de la République française*. Edição de 23 de março de 1867. “Não é um caso de envenenamento material, mas de calúnia, isto é, envenenamento moral, que vemos a Condessa d’Aulnoy, querida pela juventude, ser tão pouco responsabilizada por sua culpa. Não há dúvidas de sua cumplicidade com dois caluniadores: M. de Lamoignon e o marquês de Courbois, que se expiaram em La Grève, onde foram decapitados, em 12 e 13 de dezembro de 1669, pelo crime de terem acusado seu marido, o Conde d’Aulnoy, de conspiração contra a pessoa e a vida do rei. Ela escapou da prisão, talvez até mesmo da forca, de um modo muito sutil, e viveu por um longo tempo na Espanha e na Inglaterra. Enfim, os serviços diplomáticos que prestou ao governo fez com que essa mulher de uma imaginação tão inventiva, de espírito tão livre, mas de um coração capaz de todas as loucuras da paixão merecesse o retorno e o perdão real.” (Tradução e adaptação nossas).

Perdoada ou foragida, o consenso entre os biógrafos é o de que Marie-Catherine certamente manteve-se afastada da sociedade parisiense enquanto os processos judiciais estiveram em curso. Raynard (2002, p. 61) delinea um trajeto mais específico: Marie-Catherine teria viajado para Flandres em 1672, para a Inglaterra em 1675 e retornado a Paris em 1676. De fato, em 13 de outubro de 1676, Madame d’Aulnoy encontrava-se na capital, onde deu à luz Therese-Aimée, sua quinta filha com François de la Motte (Figura 11). Note-se nesse quinto registro de batismo o reaparecimento do título “Barão d’Aulnoy”. Em consonância com a teoria de que após a revenda do baronato o título de François teria se tornado meramente honorífico, pode-se conjecturar que, uma vez inocentado de uma falsa acusação que culminara na morte de dois homens, François de La Motte tenha recobrado, ainda que simbolicamente, um prestígio figurativo enquanto

servo do rei. Não se sabe quando ou como se deu o reatamento do matrimônio com Marie-Catherine. Com base nas declarações de François contra sua sogra, conjectura-se que o casamento tenha sido mantido, na medida em que o pretenso barão atribuíra os vícios de sua esposa aos maus exemplos da mãe.

Figura 11 – Extrato do registro de batismo de Thérèse-Aimée, quinta filha de Marie-Catherine



Fonte: *Bibliothèque nationale de France*. “14. Batismo de Thérèse-Aimée, nascida dia 13, filha de François de la Motte, o barão d’Aulnoy, e da senhora Marie-Catherine de Jumel de Barneville.” (tradução nossa).

Entre 20 de fevereiro de 1679 e maio de 1681, Marie-Catherine estivera na Espanha, na companhia da mãe e de sua filha Judith-Henriette (RAYNARD, 2002, p. 61). Durante a estadia, escrevera cartas e organizara os relatos que comporiam duas de suas obras publicadas na aurora do *fin de siècle*: *Memórias da Corte da Espanha*, de 1690, e *Relatos da Viagem pela Espanha*, de 1691. Entre 1682 e 1684, Marie-Catherine estivera novamente na Inglaterra (RAYNARD, 2002, p. 61), viagem que também inspirou uma publicação: as *Memórias da Corte da Inglaterra*, de 1695. Foulché-Delbosc (1930, p. viii) informa equivocadamente que o que se sabe sobre a vida de Marie-Catherine no período compreendido entre outubro de 1676 (data de nascimento de sua última filha) e 1690 (ano da publicação de seu primeiro romance) estaria limitado aos seus próprios relatos das viagens pela Espanha. Contudo, como adiantado anteriormente, documentos comprovam que a autora encontrava-se confinada no Convento das Ursulinas, em Blois, em meados de 1680. Dois atos reais, datados de 1686 e 1687, subsidiam ao menos duas constatações: Marie-Catherine já não vivia maritalmente com François de la Motte e não circulava livremente pelos salões literários parisienses no referido período.

Figura 12 Retrato de Marie-Catherine



Fonte: *Bibliothèque nationale de France, département Estampes et photographie*. Retrato de Marie-Catherine, por Elizabeth Chéron (1648-1711). "Marie Catherine Le Jumel de Berneville. Comtesse d'Aulnoy. Morte ao mês de janeiro de 1705." (tradução nossa). Jeanne Roche-Mazon (1930, p. 11) informa que Marie-Catherine deveria ter cerca de quarenta anos de idade quando foi originalmente retratada; a presente gravura, único retrato da autora, foi baseada em um quadro perdido de Elizabeth Chéron.



Zipers (2001, p. 822) informa que a autora recebera permissão para retornar a Paris em 1685, ano em que teria aberto um salão literário em sua casa, na rua Saint-Benôit. Entretanto, de acordo com Storer (1928), Roche-Mazon (1930) e Schröder (2020), todos amparados em registros históricos, Madame d'Aulnoy produziu a maior parte de sua obra literária em situação de confinamento, longe dos círculos sociais. Em notas manuscritas, Charles-René d'Hozier reconstituiu a linhagem da família La Motte e repercutiu o incidente de François; em seu *factum*, Hozier informa que, finalizados os processos judiciais, Marie-Catherine estaria “vivendo em Paris há alguns anos, confinada em um convento e separada de seu marido” (HOZIER, 1703, p. 136-137, tradução nossa). Dado que François de la Motte falecera em agosto de 1700, a nota presumidamente se refere à reconstituição de um fato passado. Em suma, o que se pode especular a partir do relato de Hozier é que Marie-Catherine permaneceu confinada no período compreendido entre o retorno da Inglaterra e a morte de seu marido (1685 a 1700).

Pistas paratextuais concorrem para a confirmação de uma rotina de escrita em confinamento. Nas dedicatórias de *História de Hipólito, Conde de Douglas* (AULNOY, 1699 [1690]) e *Memórias da Corte da Espanha* (AULNOY, 1690), ambas endereçadas a Marie-Anne de Bourbon, Princesa de Conti, Marie-Catherine ressalta sua condição de solitude (traduções em fac-símile disponíveis no Ap. E).

Em ato real datado de 10 de dezembro de 1686, Marie-Catherine, referenciada como “*dama de La Motte d'Aulnoy*” (itálico nosso), recebe ordens para ser presa e mantida no Convento das Ursulinas de Blois (ARCHIVES NATIONALES, Cota O/1/30, fol. 378). Schröder (2020) especula que tal solicitação teria partido de François, visto que a ordenança o indicava como financiador das despesas da esposa. Em 19 de fevereiro de 1687, Marie-Catherine é advertida por uma aparente “*má conduta*”, e em 13 de julho do mesmo ano, a madre superiora das Ursulinas recebe ordens para transferi-la aos Hospitalários da Misericórdia de Jesus, em Paris (SCHRÖDER, 2020). Apesar de todas as controvérsias acumuladas desde a participação na falsa acusação contra o marido, o rei ainda concede a Madame d'Aulnoy a liberdade de poder escrever a seus parentes (ARCHIVES NATIONALES, Cota O/1/30, fol. 24 vº) e o direito à posse dos objetos

peçoais que lhe foram confiscados (ARCHIVES NATIONALES, Cota O/1/30, fol. 42 vº). Schröder (2020) ressalta o fato de que ao menos quatro documentos foram assinados por Madame d’Aulnoy enquanto confinada nos Hospitalários, cujas datas vão de outubro de 1688 a fevereiro de 1695. STORER (1928, p. 20) faz um interessante paralelo entre a vida solitária de Marie-Catherine em espaço conventual e um episódio aparentemente autobiográfico registrado em seu primeiro romance, *História de Hipólito, Conde de Douglas*, de 1690: Hipólito escreve uma carta à sua amada Julie, que estava presa em um convento por ordens de seu esposo ciumento. A abadessa local, comovida pela história de Hipólito, acaba por permitir o encontro dos dois.

Ainda segundo Volker Schröder (2020), é certo que Marie-Catherine já não vivia completamente confinada nos Hospitalários ao menos desde 1697, ano de publicação dos dois primeiros volumes de seus contos de fadas. Tal ponderação está em consonância com o que foi proposto por Roche-Mazon (1930, p. 123), que indica que, à época do lançamento de sua “obra-prima”, os *Contos de Fadas*, Madame d’Aulnoy teria sido a anfitriã de um seleto círculo social em sua casa, na rua Saint-Benôit. Não é improvável, porém, que a autora tenha, de fato, circulado em alguns dos salões literários parisienses entre 1687 e 1697 em uma espécie de regime semiaberto, situação em que teria de se apresentar às autoridades de tempos em tempos, o que justificaria as assinaturas nos documentos dos Hospitalários.

Sophie Raynard (2002, p. 61-62) corrobora que, uma vez instalada em Paris, Madame d’Aulnoy recebera figuras insígnias em seu salão domiciliar, entre eles Marie-Anne de Bourbon (1666-1739; princesa de Conti, filha de Luís XIV, a quem muitos tomos de contos de fadas foram dedicados), Henriette-Julie de Castelnau de Murat (1668-1716) e Madame de Deshoulières (1638-1694). Clermidy-Patard (2016, p. 180), editora das cartas de Murat, adiciona Marie-Jeanne Lhéritier de Villandon (1664-1734), Charles de Saint-Évremond (1613-1703) e Anne-Marguerite du Noyer (1663-1719) à lista de frequentadores da casa de Madame d’Aulnoy à rua Saint-Benôit, e afirma que Marie-Catherine, por sua vez, frequentava o salão da Madame de Lambert à rua de Richelieu, local em que teria convivido com François Fénelon (1651-1715), Catherine Bernard

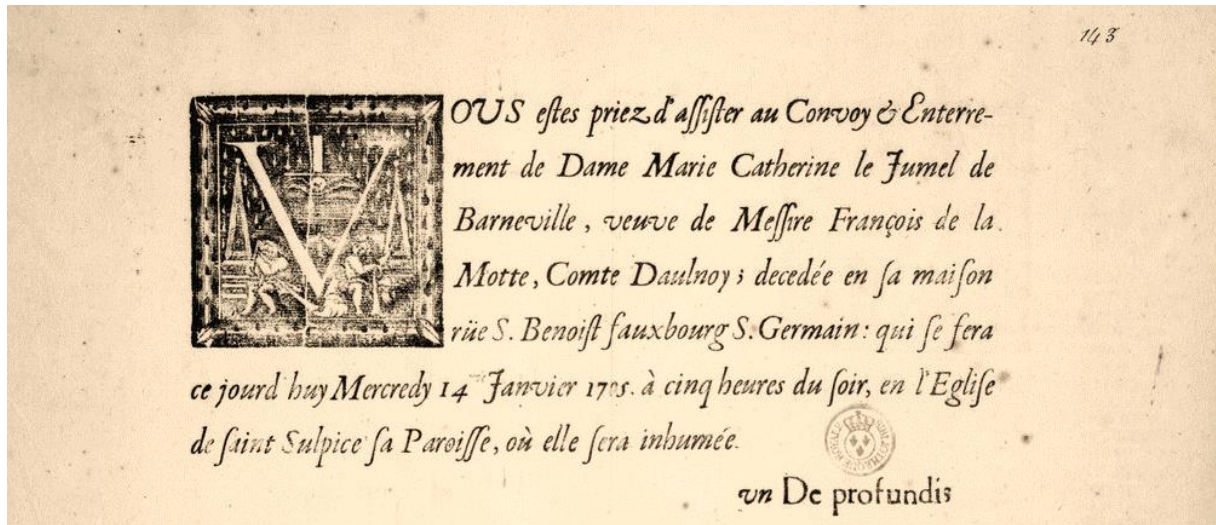
(1662-1712) e Charlotte-Rose de Caumont de La Force (1654-1724). De fato, em uma de suas cartas, Madame de Murat testemunha que conhecera “muito bem” a Madame d’Aulnoy, descrevendo-a como uma mulher de espírito alegre, cuja conversação era viva e agradável, e que sempre entretinha a todos (MURAT, 2016 [1708], p. 179, tradução nossa). Jasmin (2008, p. 11) refina tais informações ao alegar que Madame d’Aulnoy frequentara o salão da Madame de Lambert antes de abrir o seu. As assertivas de Mary Elizabeth Storer (1928, p. 23) atenuam as presunções mais categóricas: segundo a pesquisadora, Madame d’Aulnoy teria organizado “uma espécie de salão”, um lugar frequentado por gente letrada, como seu amigo Saint-Évremond, os Lhéritier, Madame de Murat e Madame Dunoyer. Donald Haase (2008, p. 80) indica que Madame d’Aulnoy frequentara o salão da Marquesa de Lambert em 1692, onde conhecera “futuras escritoras de contos de fadas” como Bernard, La Force e Murat.

Com efeito, somente a partir de 1700, após a morte de François, é que Marie-Catherine pôde enfim desfrutar de uma vida relativamente livre nos círculos sociais da capital. Coincidência ou não, em termos editoriais, esse foi o período menos produtivo da autora, que parece ter se ocupado mais em recuperar o tempo perdido no tocante às relações sociais e menos em escrever. No outono de 1704, Luís XIV enviou a Madame d’Aulnoy uma gratificação no valor de mil e quinhentas libras, montante que talvez ela sequer tenha recebido, dado seu falecimento em 13 de janeiro de 1705<sup>12</sup>, aos 52 anos (SCHRÖDER, 2020). À época, sua reputação literária já estava solidificada; Marie-Catherine pôde desfrutar de quinze anos de reconhecimento e prestígio advindos da exitosa carreira como escritora (JASMIN, 2008, p. 11). Não há informações sobre a causa de sua morte. Por fim, segundo Roche-Mazon (1930, p. 125), Madame d’Aulnoy teria deixado suas filhas “muito bem casadas”.

---

<sup>12</sup> Ítalo Calvino (1999, p. 133) informou o ano de 1707.

Figura 13 – Convite para o velório e enterro de Marie-Catherine



Fonte: *Bibliothèque nationale de France*. “Sois convidados a assistir à escolta e enterro da Dama Marie Catherine le Jumel de Barneville, viúva do Monsenhor François de la Motte, *Conde d’Aulnoy*, falecida em sua casa à rua S. Benoist, subúrbio de S. Germain, que será hoje, quarta-feira, dia 14 de janeiro de 1705, às cinco horas da tarde, na Igreja do Santo Sulpício, sua paróquia, onde ela será enterrada.” (tradução, adaptação e itálicos nossos).

Marie-Catherine nasceu e morreu sob o reinado de Luís XIV, ou seja, os cinquenta e dois anos de vida de Madame d’Aulnoy encontram-se inteiramente inscritos no insigne período denominado de “O Grande Século”<sup>13</sup>. Luís foi o *Dauphin de France*<sup>14</sup> de 5 de setembro de 1638, data de seu nascimento, a 14 de maio de 1643, data do falecimento de seu pai, Louis XIII, ocasião em que foi precocemente entronizado, aos quatro anos e oito meses de idade. Nessas condições, o reino de França e Navarra permaneceu sob a regência de Ana de Áustria, sua mãe, até 7 de setembro de 1651, quando a maioria de Luís foi proclamada aos treze anos. A coroação oficial ocorreu apenas aos quinze, em 7 de junho de 1654, em cerimônia na Catedral de Notre-Dame de Reims. Cabe anotar, porém, que seu governo propriamente dito teve início somente em 1661, com a morte do cardeal Jules Mazarin, tornado primeiro-ministro da França pela rainha regente em 1643. Mazarin foi

<sup>13</sup> Laurence Jyl, biografista de Madame d’Aulnoy, afirma que, ao contrário de figuras de proeminência como Ninon de Lenclos (1620-1705) e Madame de Motteville (1621-1689), Marie-Catherine nunca foi capaz de se adequar completamente ao século em que vivia, vitimada por um “destino que sempre a atormentava” e que a impediu de envelhecer como suas referidas contemporâneas (JYL, 1989, p. 49-50, tradução nossa).

<sup>14</sup> Título atribuído ao filho mais velho do rei em exercício. Em caso de morte, o título é repassado ao mais novo.

o sucessor do Cardeal de Richelieu, falecido em dezembro de 1642, meses antes de Louis XIII.

Em 1652, ano de nascimento de Marie-Catherine, Luís XIV tinha catorze anos de idade. Em 13 de janeiro de 1705, data do falecimento de Madame d'Aulnoy, o Rei Sol seguia invicto aos sessenta e seis anos. Seu reinado ainda se estendeu por mais uma década, totalizando setenta e dois anos de trono, o mais duradouro da história da França e um dos mais longos da história da Europa. Luís faleceu em 1 de setembro de 1715, aos setenta e seis anos de idade.

Neste esboço de biografia, priorizou-se a reprodução de documentos intimamente relacionados à vida de Marie-Catherine d'Aulnoy, bem como aos episódios mais significativos de sua existência. Há muitos registros disponíveis acerca da vida de Judith-Angélique, sua mãe, bem como de seus filhos e filhas (registros de casamentos e de nascimentos); entretanto, optou-se por um recorte personalizado, a fim de não desviar as atenções dos acontecimentos diretamente vinculados à vida da autora. A ênfase dada às circunstâncias de seu nascimento justifica-se pelo fato de tratar-se de uma biografia ainda em pleno processo de (re)descoberta, visto que o interesse pela vida e obra de Madame d'Aulnoy mostra-se indubitavelmente tardio se comparado ao destaque dado aos legados dos demais autores de contos de fadas e mesmo a escritores muito mais antigos. A insistência na pressuposição de uma data de nascimento mais aproximada possível não foi evocada por outra causa senão a de tentar dignificar a existência de uma artista há muito obliterada, daí o dispêndio de todos os esforços possíveis para delinear uma biografia. Afinal, as informações mais rudimentares oferecidas por uma citação biográfica costumam ser a data (ao menos o ano) de nascimento e a data de falecimento do citado, uma deferência mínima da qual Madame d'Aulnoy permanecia destituída.

## **1.2. Madame d'Aulnoy para além dos contos de fadas**

De 1690 a 1703, Marie-Catherine Le Jumel de Barneville publicou um total de onze títulos, dez deles entre 1690 e 1698; apenas um situa-se no século XVIII, *O Conde de*

*Warwick*, de 1703. *Contos de Fadas*, de 1697, e *Novos Contos ou A Moda das Fadas*, de 1698, são seus dois únicos compêndios de ficção feérica. As demais obras dividem-se em memórias e relatos de viagens, registros e romances históricos, novelas e paráfrases de textos bíblicos. Marie Guerrier Haupt (1868), uma das editoras dos contos de Madame d’Aulnoy, destaca que apenas três títulos de Madame d’Aulnoy são composições de sua “pura imaginação”: *História de Hipólito* e os dois conjuntos de contos de fadas (HAUPT, 1868, p. i-ii).

Nos subcapítulos a seguir, serão apresentadas as folhas de rosto das edições príncipes de suas obras, com exceção da contística, visto que esta se configura como *corpus* primordial da presente tese e, por isso, receberá considerações mais pormenorizadas em subcapítulo posterior. As dedicatórias e prefácios de cada título encontram-se traduzidas e reproduzidas em fac-símile no Apêndice E, a fim de fornecer matéria paratextual com potencial de aprimorar dados biográficos e análises textuais. Os extratos de privilégios reais (permissões para impressão e comercialização das obras) encontram-se reproduzidos no Apêndice G, também em fac-símile<sup>15</sup>. Os paratextos relativos às primeiras edições das duas coleções de contos de fadas serão apresentados no corpo do texto, com vistas à sua referida primordialidade.

### **1.2.1. *História de Hipólito, Conde de Duglas (Histoire d’Hypolite, Comte de Duglas)***

A primeira publicação de Madame d’Aulnoy é também seu maior sucesso editorial. De 1690 a 1864, o título de estreia de Marie-Catherine foi reimpresso ao menos trinta e quatro vezes (FOULCHÉ-DELBOSC, 1930, p. lxxv-lxxvi). A *História de Hipólito* foi lançada em dois volumes, em formato duodécimo (12<sup>mo</sup> ou *twelvemo*), com doze fólhos (vinte e quatro páginas) por folha<sup>16</sup>. Há que se enfatizar a primazia dos pequenos formatos a essa altura da história do livro; edições menores são mais fáceis de serem

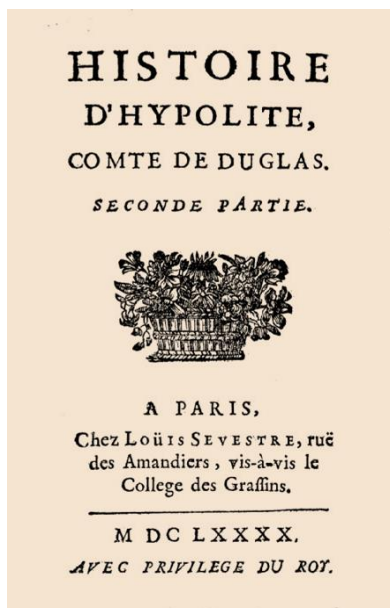
---

<sup>15</sup> Por se tratar de material suplementar informativo, aqui reproduzido para fins de conferência, os privilégios reais que compõem o Apêndice G não foram traduzidos.

<sup>16</sup> Dimensão aproximada de 13 x 19 cm.

carregadas e manuseadas. Claude Barbin<sup>17</sup>, histórico editor de Madame d’Aulnoy, privilegiou o formato duodécimo em quase todas as suas publicações (GRANDE, 2011, p. 26). A primeira edição da *História de Hipólito* é assinada por Louÿs Sevestre, livreiro e impressor parisiense (Figura 14).

Figura 14 – Folha de rosto da primeira edição de *História de Hipólito, Conde de Duglas*



Fonte: AULNOY, 1979. Fac-símile da folha de rosto da segunda parte da *História de Hipólito*, primeira publicação de Madame d’Aulnoy.

A obra foi dedicada a Marie-Anne de Bourbon (1666-1739), Princesa de Conti, filha de Luís XIV com Louise de La Vallière (1644-1710). Madame d’Aulnoy afirma ter se ocupado em tornar seu título de estreia digno da leitura “da filha do maior e mais augusto rei do mundo” (Ap. E, p. 854), além de sugerir que sua escritura se dera em situação de confinamento. Na mesma dedicatória, a autora faz referência ao fato de ter viajado a algumas cortes estrangeiras e conhecido algumas das grandes princesas da Europa, sendo que nenhuma delas teria se mostrado comparável à “glória da França, a corte mais bela e mais educada que jamais existiu” (Ap. E, p. 856).

---

<sup>17</sup> Nathalie Grande (2011, p. 27) ainda informa que a celebridade de Claude Barbin e seus livros em tamanho diminuto acabou por criar um neologismo corrente nos anos finais do século XVII e atestado pelo *Dictionnaire de Trévoux*, de 1711: “Barbinada” (*Barbinade*) tornou-se sinônimo de “livrinho barato”, “algo que se perde fácil”.

Na segunda parte do romance, a história do Príncipe Adolfo e da Princesa Felicidade é narrada por Hipólito, que, na presença da abadessa responsável pelo confinamento de Julia, sua amada, vê-se obrigado a entretê-la com uma narrativa tirada de sua memória, algo “semelhante àqueles contos de fadas” (AULNOY, 1979, p. 143, tradução nossa). A história ficou extraoficialmente conhecida como “A Ilha da Felicidade” (Apêndice A) e tem sido considerada o primeiro conto de fadas literário francês (DEFRANCE, 1998; HAASE, 2008; ROUSSEAU, 2013; SERMAIN, 2005; STORER, 1928; TRINQUET, 2012; ZIPES, 2012).

Cabe mencionar que *A História de Hipólito* mantém relações narrêmicas<sup>18</sup> com o segundo conto da quarta noite de Straparola, conhecido como “Erminione Glaucio” (2015, p. 152). O marido ciumento, a esposa confinada e seu amante (também chamado Hipólito) figuram no conto italiano, bem como o episódio da visita às escondidas. A menção a tais possíveis relações entre o romance de Madame d’Aulnoy e o conto de Gianfrancesco Straparola justifica-se pelo fato de a autora ter revisitado a referida coletânea italiana no âmbito da composição dos seus contos de fadas.

O aparente sucesso da “Ilha da Felicidade”, somado ao precedente êxito editorial que Jean de La Fontaine (1621-1695) obteve com seus *Contos e Novelas em Versos* (1665 e 1666), *Fábulas* (1668) e sua versão de *Os Amores de Cupido e Psiquê* (1669), acabou por sedimentar uma tradição de narrativas fantasistas em um momento-chave para a história da humanidade: o da descoberta do cosmos, da superfície lunar e da disposição do sistema solar<sup>19</sup>. Em 1691, La Fontaine assina o libreto da ópera *Astrée*, cuja primeira apresentação na Académie Royale de Musique ocorreu em 25 de novembro do ano em questão. A referida tragédia lírica foi baseada no célebre romance homônimo de Honoré d’Urfé (1568-1625), publicado entre 1607 e 1627, em que personagens como o vento Zéfiro, a deusa Flora e seu séquito interagem em um jardim de delícias (tematizado em “A Ilha da Felicidade”). Ademais, além de La Fontaine, outro membro da Academia Francesa

---

<sup>18</sup> Ou seja, da ordem dos narremas, componentes básicos de uma narrativa segundo a terminologia empregada pelo estruturalismo aplicado (DORFMAN, 1969).

<sup>19</sup> A relação entre tais fenômenos será devidamente explorada no capítulo 2 da presente tese.

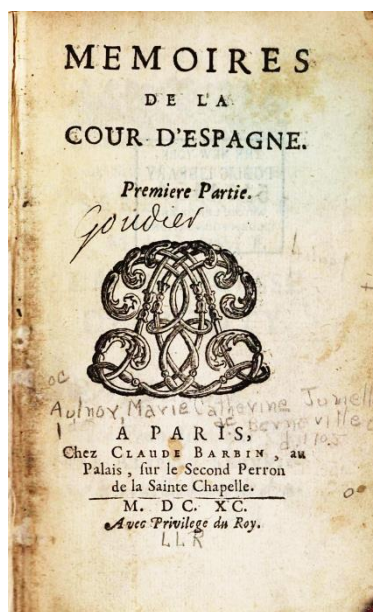


aventurou-se pelas veredas do maravilhoso literário na última década do XVII: Charles Perrault (1628-1703), que inicia sua breve mas canônica passagem pelo gênero em setembro de 1691 com a publicação de *A Paciência de Grisélidis*, novela em versos inspirada em “Griselda”, de Giovanni Boccaccio (1313-1375), narrativa presente no Decameron.

### 1.2.2. *Memórias da Corte da Espanha (Memoires de la Cour d’Espagne)*

Poucos meses após o lançamento da *História de Hipólito*, Madame d’Aulnoy publica seu segundo título, um apanhado de memórias referentes ao período em que estivera na corte espanhola (de fevereiro de 1679 e maio de 1681, conforme a datação de suas cartas). As *Memórias* marcam a primeira parceria de Marie-Catherine com o livreiro e impressor parisiense Claude Barbin (1628-1698), considerado um dos grandes entusiastas do mercado editorial feminino. O privilégio real referente às *Memórias* data de 11 de setembro de 1690; a impressão foi finalizada em Paris a 9 de novembro de 1690 (Ap. G, p. 893). Assim como a *História de Hipólito*, o segundo título de Madame d’Aulnoy foi publicado em duas partes, também em formato duodécimo (Figura 15).

Figura 15 – Folha de rosto da primeira edição de *Memórias da Corte da Espanha*



Fonte: AULNOY, 1690.

As *Memórias da Corte da Espanha* foram igualmente dedicadas à Marie-Anne de Bourbon, a quem Madame d’Aulnoy agradece pela favorável acolhida que recebeu em sua *História de Hipólito*. A autora acrescenta que, “se elas [as memórias] têm o defeito de serem escritas com simplicidade e sem ornamentos, ao menos têm a vantagem de serem verdadeiras” (Ap. E, p. 858). Em sua dedicatória, Madame d’Aulnoy torna a fazer menção ao seu estado de solidão (já que confinada em convento) e às cortes que visitara em suas viagens, afirmando que tivera o prazer de testemunhar o quanto Marie-Anne, a Princesa de Conti, é “justamente elogiada por suas admiráveis qualidades e por vosso raro mérito em outras cortes” (Ap. E, p. 861).

No que se refere a Claude Barbin e ao seu lugar de privilégio como impressor favorito das autoras francesas do século XVII, Nathalie Grande (2011) constata que o livreiro da “segunda varanda da rua Sainte Chapelle” demonstrou interesse sobretudo à edição de ficções narrativas em prosa, como romances, novelas e contos, ainda que também tenha publicado o teatro de Molière, Racine e Boileau (GRANDE, 2011, p. 23). Barbin também foi o primeiro editor das *Fábulas* de Jean de La Fontaine (1621-1695), publicadas em 1668, e das *Histórias ou contos dos tempos passados*, de Charles Perrault (1628-1703), publicadas em 1697.

Um prospecto de como seria a *boutique* de Claude Barbin pode ser visualizada em *A Galeria do Palácio* (Figura 16), gravura de Abraham Bosse (1602-1676) datada de 1638. Trata-se de uma representação da galeria mercantil presente no Palácio da Justiça de Paris, local em que era possível encontrar desde livros a roupas e utensílios de moda.

Figura 16 – A Galeria do Palácio

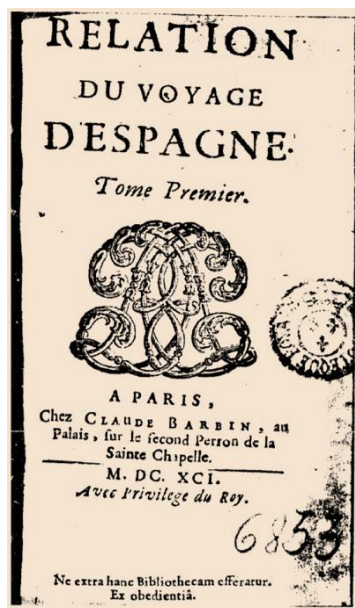


Fonte: GRANDE, 2011, p. 22.

### 1.2.3. Relatos da Viagem pela Espanha (*Relation du Voyage d'Espagne*)

A terceira publicação de Madame d'Aulnoy é composta por quinze correspondências, redigidas entre 20 de fevereiro de 1679 (primeira carta, escrita em San Sebastián) e 28 de setembro de 1680 (décima-quinta carta, escrita em Madrid), impressas em três tomos, cada um com cinco cartas, estas endereçadas a uma prima que vivia em Paris, sobre a qual não há informações. O privilégio real foi obtido em 29 de março de 1691 e a impressão foi concluída em Paris a 12 de abril de 1691 (Ap. G, p. 894), por Claude Barbin, em formato duodécimo (Figura 17).

Figura 17 – Folha de rosto da primeira edição de *Relatos da Viagem pela Espanha*



Fonte: AULNOY, 1691.

A obra foi dedicada a Filipe II (1674-1723), duque de Orleans (duque de Chartres ao nascimento), filho de Filipe I (1640-1701), irmão caçula de Luís XIV, e da princesa germânica Elizabeth-Charlotte do Palatinado (1652-1722), sua segunda esposa. Filipe II, um jovem de dezessete anos à época da publicação, era meio-irmão de Marie-Louise de Orleans (1662-1689), rainha consorte da Espanha entre 1679 e 1689, esposa do rei Carlos II (1661-1700). Ao casar-se em 1692 com sua prima Françoise-Marie de Bourbon (1677-1749), a Mademoiselle de Blois, filha bastarda de Luís XIV, Filipe II tornou-se cunhado das duas patronesses de Madame d'Aulnoy: Marie-Anne de Bourbon, a Princesa de Conti, e Louise-Françoise de Bourbon (1673-1743), a Duquesa de Bourbon, filhas do rei.

Em sua dedicatória, Madame d'Aulnoy responde à curiosidade de Filipe: “Quisestes conhecer um país cuja rainha, vossa irmã, era a soberana e promovia toda a felicidade” (Ap. E, p. 867). Ademais, a autora tece um sem-número de elogios ao célebre interesse do Duque de Chartres pela leitura e pelo aprendizado das ciências, ressaltando os feitos heroicos de seu pai, Filipe I, na Batalha de Cassel, de 1677, um dos episódios da Guerra Franco-Holandesa (1672-1678). Ao prestar homenagens à “virtuosa princesa” Marie-Louise de Orleans, Madame d'Aulnoy ratifica sua deferência àquela que foi

responsável pelo acolhimento de sua mãe na corte espanhola à época do polêmico processo judicial envolvendo as falsas acusações contra François de La Motte.

O debate em torno da originalidade dos *Relatos da Viagem pela Espanha* tomou grandes proporções à época de sua impressão. Arthur Tilley (1929) indica que o escritor e filósofo Pierre Bayle, em vias de publicar seu *Dicionário Histórico e Crítico* (Paris, 1697), teria observado que tanto as *Memórias da Corte da Espanha*, de 1690, quanto os *Relatos* foram majoritariamente compostos a partir da junção de grandes excertos extraídos de notícias de jornal, cartas interceptadas e relatos de viagem atribuídos a outros autores (TILLEY, 1929, p. 167). Malgrado tais acusações, Tilley declara, porém, que os méritos da criatividade de Marie-Catherine d’Aulnoy devem ser reconhecidos, visto que ela “suplementou esses empréstimos com histórias românticas de sua autoria” (TILLEY, 1929, p. 168, tradução nossa).

Polêmicas à parte, é em tom grandiloquente e elogioso que o crítico literário, historiador e filósofo francês Hippolyte Taine (1828-1893), um dos maiores expoentes da doutrina positivista do século XIX, refere-se aos relatos epistolares de Madame d’Aulnoy em seus *Ensaio de Crítica e de História* (Paris, 1858), que apresenta um capítulo inteiramente dedicado à obra, intitulado “Viagem pela Espanha, por Madame d’Aulnoy”:

Imprime-se muitos livros novos; fariam bem se reimprimissem alguns livros antigos, principalmente este aqui. Primeiramente, ele é bem escrito; Mme. d’Aulnoy é do grande século literário; ela partilhou do melhor dos mundos; ela fala com acurácia e naturalidade; não é intransigente, filosófica ou pedante; ela é exemplo de completa diligência; observa sem engrandecimento, sem julgamento, e elogia com discrição e mesura; não exagera jamais, não pretendeu e nem intencionou fazer uma obra-prima; sua récita soa como entretenimento; ela possui todas as qualidades de uma francesa bem dotada e bem elevada: bom senso, liberdade de intelecto, um tato apurado, humor um tanto sarcástico, polidez inteligente e contínua. (TAINÉ, 1874, p. 329, tradução nossa).

À luz do discurso laudatório<sup>20</sup> de Hippolyte Taine, faz-se necessário examinar o conteúdo da nota escrita por Madame d’Aulnoy aos potenciais leitores de seus *Relatos*

---

<sup>20</sup> Na esteira do elogio de Taine, em Gustave Flaubert (1821-1880) também se encontra a menção à leitura dos contos de Madame d’Aulnoy: “Tenho lido os contos infantis de Madame d’Aulnoy em uma velha edição

(Ap. E, p. 872). Pode-se conjecturar, com certo grau de asserção, que a autora tenha tomado conhecimento das referidas críticas endereçadas às suas memórias de viagem, publicadas no ano anterior, em 1690. Marie-Catherine explicita um de seus procedimentos poéticos ao salientar que “não é o bastante escrever coisas verdadeiras, mas também fazer com que elas sejam verossímeis, para que sejam críveis” (Ap. E, p. 872), emendando a esse estatuto a previsão de que certamente a acusarão de cometer excessos em sua escrita, tal como fizeram nas críticas às *Memórias*; ademais, os comentadores da publicação anterior teriam “assegurado com veemência que a obra não é legítima” (Ap. E, p. 873-874). Contudo, em sua defesa, Madame d’Aulnoy pontua que um fato não pode ser classificado como falso apenas por não ter sido tornado público ou não confirmado por terceiro, presumindo-se que esse terceiro pode simplesmente desconhecer as informações ou então estar impedido de fornecer confirmações. De forma contundente, a autora assegura que só escreveu acerca daquilo que viu ou ouviu de “pessoas de uma probidade incontestável” (Ap. E, p. 875).

Os *Relatos da Viagem pela Espanha* costumam ser mencionados por estudiosos da obra de Madame d’Aulnoy por conter um segundo episódio de natureza fantasiosa, a “História de Mira” (Apêndice B), designação apócrifa atribuída à breve narrativa foi recontada por Marie-Catherine na terceira carta que compõe os *Relatos*. A “História de Mira” foi originalmente contada pelo alcaide de Burgos e recontada por Marie-Catherine com a supressão de “milhares de pormenores” (ÁLVARES; RIBEIRO FILHO, 2020), com o objetivo de não enfadar sua destinatária. Na narrativa, a fatalidade do não olhar de Mira,

---

cujas imagens eu mesmo colori quando tinha seis ou sete anos; os dragões são rosas, as árvores são azuis, e há uma imagem onde tudo está pintado de vermelho, até o mar — esses contos me entretêm bastante.” (FLAUBERT, 1889, p. 250, tradução nossa). Outra figura ilustre da literatura francesa, Bernard de Montfaucon (1655-1741), escritor, teólogo e frade beneditino, escreve, em correspondência datada de 28 de março de 1693, que “Madame d’Aulnoy, que já escreveu as memórias da corte espanhola, agora escreve as da corte inglesa. Ela escreve admiravelmente bem e seus livros são muito procurados” (LARROQUE, 1879, p. 10). Por fim, soma-se ao rol de comentários laudatórios as declarações do crítico francês Pierre Gilbert: “Falam poucas coisas dessa mulher, que é geralmente conhecida por seus contos de fadas, bastante dignos, de fato, de sobreviverem ao iníquo esquecimento dos injuriosos séculos. Ainda que os coloquem abaixo dos de Perrault, eu não deixo de crer que os mais agradáveis entre eles, tais como *A Bela dos Cabelos de Ouro*, que, para além dos elementos maravilhosos, é uma obra-prima da sensibilidade romanesca, bem como *O Pássaro Azul*, eu não creio que esses contos devam ceder ao *Pequeno Polegar* ou à *Bela Adormecida no Bosque*.” (GILBERT, 1918, p. 408-409, tradução nossa).

ou seja, de sua indiferença, tem um poder tão devastador que chega a ser comparado, em termos de efeito, à letalidade do olhar do Basilisco<sup>21</sup>.

A menção que Marc Soriano (1995) faz à “História de Mira”, referenciada em publicações brasileiras<sup>22</sup>, acabou por reproduzir concepções infundadas sobre a temática do conto e sua recepção. Sem informar suas fontes, Soriano postula que a narrativa em questão “assinala o pontapé inicial para a ‘moda dos contos de fadas’”, classificando-a como uma “adaptação do tema de Melusina” (SORIANO, 1995, p. 83, tradução nossa). Malgrado o possível impacto que a “História de Mira” possa ter causado entre os potenciais leitores dos *Relatos da Viagem pela Espanha*, adicionando-se a isso os méritos criativos de Madame d’Aulnoy mencionados por Arthur Tilley (1929) e os elogios de Hippolyte Taine (1874), não há, entre os historiadores e críticos literários franceses, qualquer menção sobre a recepção específica do conto de Mira no tocante à moda dos contos de fadas. É possível supor que tenha ocorrido um deslize de imprecisão entre “A Ilha da Felicidade” e a “História de Mira”, visto que ambas figuram indiscriminadamente do interior das obras em que estão contidas e são costumeiramente mencionadas nos prolegômenos à moda das fadas propriamente dita, circunscrita sobretudo à última década do século XVII francês. Ademais, a “História de Mira” não possui relações imediatas com o ciclo melusiniano, tal como ele é narratologicamente descrito pela especialista em literatura francesa medieval Laurence Harf-Lancner (1984, p. 9-10).

#### **1.2.4. *Sentimentos de uma Alma Penitente (Sentimens d’une Ame penitente) e O Retorno de uma Alma a Deus (Le Retour d’une Ame à Dieu)***

Em 22 de abril de 1691, poucas semanas após a obtenção da licença real para a publicação dos *Relatos*, Marie-Catherine obtém nova aprovação, dessa vez para trazer a lume os *Sentimentos de uma Alma Penitente*, paráfrase do Salmo 51, também conhecido

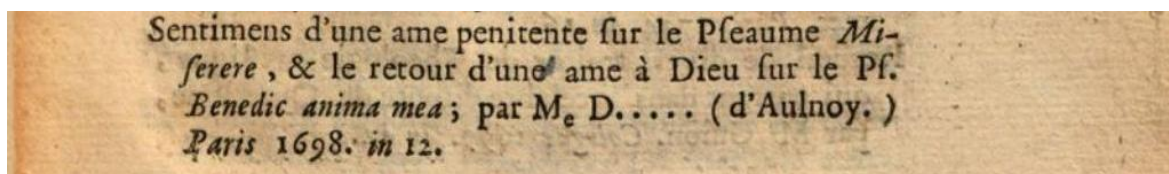
---

<sup>21</sup> Um estudo mais apurado sobre o referido conto foi publicado por Cristina Álvares e Paulo César Ribeiro Filho (2020). Disponível em: <http://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/73261>. Acesso em 16 de maio de 2022.

<sup>22</sup> Cf. Coelho (1985, p. 75-76; 2016, p. 84) e Góes (2010, p. 119).

como *Miserere mei Deus* (versão em latim do primeiro versículo, “Tem misericórdia de mim, ó Deus”). Note-se que a primeira metade do século XVII, o compositor italiano Gregorio Allegri (1582-1652) havia musicado o referido salmo em dedicatória ao papa Urbano VIII. No ano seguinte, uma segunda paráfrase bíblica é publicada por Madame d’Aulnoy: *O Retorno de uma Alma a Deus*, sobre o Salmo 103, conhecido como *Benedic anima mea* (“Bendize, ó minh’alma”). Ambos os títulos são mencionados por Marie-Catherine em seu prefácio às *Notícias ou Memórias Históricas*, de 1693 (Ap. E, p. 879). Não há registros de cópias conservadas de tais paráfrases de salmos bíblicos, que foram reunidas em volume único e republicadas em 1698, com privilégio real que data de 7 de dezembro de 1697; a impressão se deu em 20 de dezembro do mesmo ano. A edição de fevereiro de 1698 do *Mercure Galant* repercutiu o lançamento do volume, que teve por subtítulo “Reflexões Cristãs”, publicado em Paris pela viúva de Theodore Girard em formato duodécimo. O editor do periódico informa que o livro é bem escrito e que “a leitura [...] será encantadora para as almas devotas” (MERCURE GALANT, 1698, p. 237-238, tradução nossa).

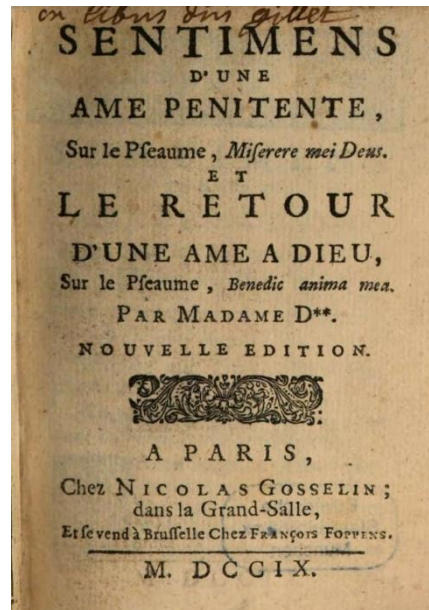
Figura 18 – Extrato bibliográfico da publicação das paráfrases de salmos bíblicos



Fonte: MARTIN, 1737, p. 213.



Figura 19 – Portada da edição de 1709 da coletânea de paráfrases



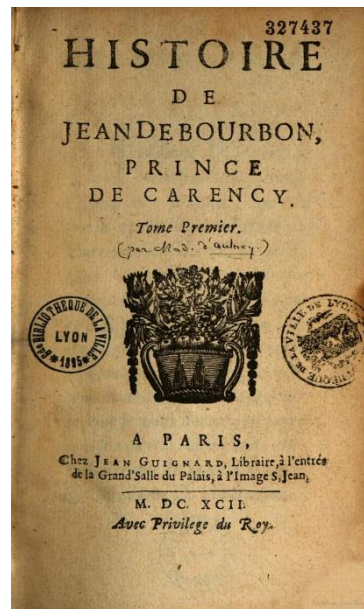
Fonte: AULNOY, 1709.

### ***1.2.5. História de Jean de Bourbon, Príncipe de Carency (Histoire de Jean de Bourbon, Prince de Carency)***

O sexto título publicado por Madame d’Aulnoy recebeu duas impressões em 1692: uma oficial, por Claude Barbin, e uma extraoficial, por Jean Guignard. O privilégio real data de 8 de novembro de 1691; a impressão em três volumes por Guignard foi concluída em Paris a 12 de janeiro de 1692, em formato duodécimo (Ap. G, p. 895). Não há notícias sobre cópias digitalizadas da edição de Barbin (somente a portada). Em seu aviso ao leitor (Ap. E, p. 879), o editor extraoficial informa que a obra “jamais teria visto a luz do dia se não fosse por uma pessoa de qualidade, que, possuindo uma cópia, entregou-me para imprimi-la”. Guignard também fornece um notório testemunho sobre a recepção das obras de Madame d’Aulnoy ao declarar que “suas obras têm sido muito bem recebidas”, justificando seu interesse em publicá-las. Tem-se a informação de que Marie-Catherine ainda não havia finalizado a *História de Hipólito* quando apresentou um prospecto da *História de Jean de Bourbon* às suas patronesses, a duquesa e a princesa de Conti, que

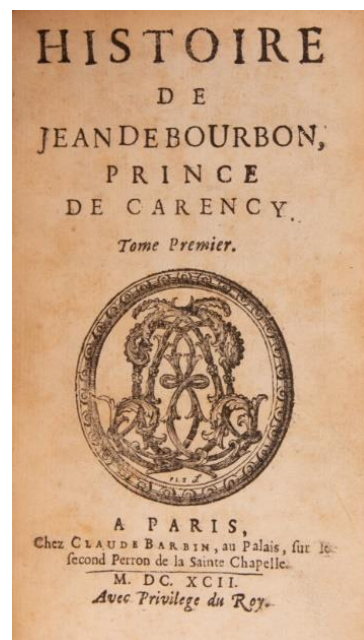
muito se interessaram pela trama e teriam pedido à Madame d'Aulnoy que a desenvolvesse (Ap. E, p. 879).

Figura 20 – Portada da edição extraoficial de Jean Guignard



Fonte: AULNOY, 1692a.

Figura 21 – Portada da edição oficial de Claude Barbin



Fonte: AULNOY, 1692b.

### 1.2.6. *Novelas Espanholas (Nouvelles Espagnolles)*

Sétima publicação de Madame d'Aulnoy, *Novelas Espanholas* sedimenta sua quarta parceria editorial com o livreiro parisiense Claude Barbin. O privilégio real data de 1 de agosto de 1692 e a impressão em dois volumes em formato duodécimo foi finalizada em 28 de agosto do mesmo ano (Ap. G, p. 896). A edição a que se tem acesso não possui paratextos editoriais como dedicatória, prefácio ou aviso ao leitor.

Figura 22 – Portada da primeira edição de *Novelas Espanholas*

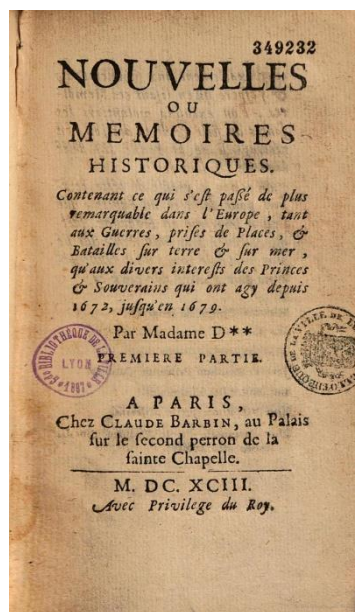


Fonte: AULNOY, 1692c.

### 1.2.7. *Notícias ou Memórias Históricas (Nouvelles ou Memoires historiques)*

Cerca de sete meses após a obtenção de seu último privilégio real, Madame d'Aulnoy recebe sua oitava permissão para publicação: em 17 de janeiro de 1693 é expedida a licença para a impressão de *Notícias ou Memórias Históricas*, finalizada em Paris a 18 de abril do mesmo ano (Ap. G, p. 897), por Claude Barbin, em dois volumes de formato duodécimo (Figura 23).

Figura 23 – Portada da edição príncipe de *Notícias ou Memórias Históricas*



Fonte: AULNOY, 1693.

A oitava publicação de Marie-Catherine apresenta um compêndio de notícias e memórias históricas da Europa referentes ao período de 1672 a 1679. Em sua nota ao leitor (Ap. E, p. 879), Madame d’Aulnoy anota que teria “exaurido todas as suas forças” se não fosse pela ajuda de bons amigos que lhe forneceram material de pesquisa. Em mais uma proposição de sua arte poética, a autora salienta:

Eu não quis consultar o meu coração para recontar as coisas a respeito da nação francesa, pois queria recontá-las fielmente, sem me valer de nenhum socorro da eloquência, que, muitas vezes, com o intuito de embelezar a narração, faz duvidar da verdade. (Ap. E, p. 879).

Em seguida, Marie-Catherine pede desculpas antecipadas por sua “falta de estilo e dicção”, visto que priorizara uma descrição mais “exata” dos eventos históricos. Ademais, para além das escusas, Madame d’Aulnoy aproveita a ocasião de sua nova publicação para fazer seu primeiro reclame autoral (o segundo será feito em seu último livro, *O Conde de Warwick*, de 1703, mencionado mais adiante). Ela afirma que alguns livros impressos na Holanda foram falsamente atribuídos a seu nome. Diante da necessidade de esclarecer qualquer equívoco, Madame d’Aulnoy resolve listar suas obras:

“[...] jamais escrevi nenhum outro além destes aqui:

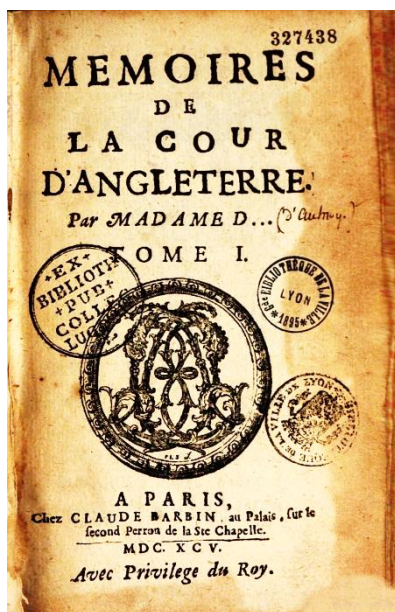
Hipólito Conde de Duglas.  
As Memórias da Corte da Espanha.  
Os Relatos da Viagem pela Espanha.  
Jean de Bourbon Príncipe de Carency.  
As Novelas Espanholas.  
Uma paráfrase sobre o *Miserere*.  
Uma paráfrase sobre o Salmo *Benedic anima mea Domino*.”  
(Ap. E, p. 880)

É preciso ressaltar o aparente descontentamento de Madame d’Aulnoy em relação à frequente notação autoral de sua patente seguida de asteriscos (Madame D\*\*\*), procedimento editorial que será devidamente criticado pela autora dez anos depois, na nota ao leitor presente em *O Conde de Warwick*. A ausência de um nome por extenso abre margens para inúmeros equívocos. Apenas no campo da literatura, entre as contemporâneas de Madame d’Aulnoy, encontram-se Louise de Bossigny, Madame d’Auneuil (? – 1700), Madame [Catherine] Durand (? – 1736) e a já mencionada Madame Dunoyer; as obras de ambas eram assinadas pela mesma notação com asteriscos (Madame D\*\*\*).

#### **1.2.8. Memórias da Corte da Inglaterra (*Memoires de la Cour d’Angleterre*)**

Segundo memorando e nono título de Madame d’Aulnoy, as *Memórias da Corte da Inglaterra* marcam o primeiro alargamento no período entre uma publicação e outra (1 ano e 8 meses desde o privilégio real das *Notícias e Memórias Históricas*). A licença para a publicação das memórias da corte inglesa data de 12 de novembro de 1694; a impressão foi finalizada em Paris a 1 de dezembro do mesmo ano (Ap. G, p. 898), novamente por Claude Barbin, em dois volumes e formato duodécimo. Os primeiros exemplares começaram a circular apenas no início de 1695 (Figura 24).

Figura 24 – Portada da primeira edição das *Memórias da Corte da Inglaterra*



Fonte: AULNOY, 1695.

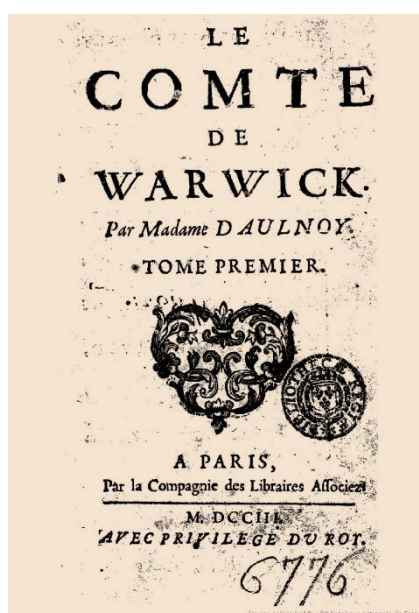
O livro foi dedicado à “Sua Alteza Sereníssima Monsenhor Duque do Maine” (Ap. E, p. 881), Louis-Auguste de Bourbon (1670-1736), filho de Luís XIV com Françoise-Athénaïs de Rochechouart de Mortemart, Madame de Montespan (1640-1707). Em seu elogio, Madame d’Aulnoy afirma que o jovem de vinte e quatro anos é “um desses ditosos gênios que sustentam a glória da França e que contribuem para conservar essa grandeza, a qual toda Europa contempla tanto com admiração quanto com ciúmes” (Ap. E, p. 883). Segundo Raynard (2022, p. 61), Marie-Catherine visitara a Inglaterra em ao menos duas ocasiões: em 1675 e entre 1682 e 1685, antes de retornar definitivamente à França. Mary Elizabeth Storer (1928, p. 23) escreve que a autora “tinha muitos amigos nesse país”.

Destaca-se, no segundo tomo de memórias da corte inglesa, uma menção à leitura de narrativas feéricas como uma prática corriqueira e agradável: “[...] ele demorou-se comigo e me entreteve com milhares de contos de fadas” (AULNOY, 1695, p. 322, tradução nossa).

### 1.2.9. O Conde de Warwick (*Le Comte de Warwick*)

Com o falecimento de Claude Barbin em dezembro de 1698, Madame d'Aulnoy publica sua última obra pela Companhia de Livreiros Associados, em Paris, no ano de 1703 (Figura 25). A edição sai em dois volumes, em formato duodécimo. Trata-se de um surpreendente intervalo de cinco anos desde *Novos Contos ou A Moda das Fadas*, de 1698. Tal período é marcado por ao menos dois grandes acontecimentos relevantes para a sua biografia: a morte de François de La Motte, seu marido, em 1700, e a morte de Judith-Angélique, sua mãe, em 1702. Tal como verificado anteriormente, o desconfinamento de Madame d'Aulnoy coincide com a virada de século, momento de notório decaimento de sua produção literária. Muitas são as possíveis causas para a diminuição no ritmo de publicações, do luto à libertação.

Figura 25 – Portada da primeira edição de *O Conde de Warwick*



Fonte: AULNOY, 1703.

A obra que conclui sua bibliografia foi dedicada a Claude de Vassy (?-1704), cavaleiro e marquês de Pirou e de Bressey (CHESNAYE-DESBOIS, 1784, p. 632), seu “primo” e “parente mais próximo parente” (Ap. E, p. 887). Em sua dedicatória, Marie-

Catherine promove um importante movimento de autoafirmação autoral, arrematando sua *opera omnia* e apresentando, pela primeira vez, uma assinatura completa, sem os tradicionais asteriscos:

Afinal, depois de ter escrito os Relatos de minha viagem pela Espanha, as Memórias da mesma corte, as Novelas Espanholas, Hipólito, Conde de Duglas, Jean de Bourbon, Príncipe de Carency, oito tomos de Contos de Fadas, as Memórias Históricas, as da Corte da Inglaterra e duas paráfrases sobre os Salmos sem colocar meu nome em nenhuma dessas obras, me seria permitido novamente suprimi-lo. Mas [as pessoas] têm me atribuído tantos livros que não fiz, visto ser muito fácil colocar um D com estrelas, que eu preferi antes convir que o Conde de Warwick é meu em vez de deixar que me atribuassem livros dos quais não tenho parte. (Ap. E, p. 886-887, colchetes nossos).

É de se convir que o aparecimento de uma assinatura completa (“Madame DAULNOY”) na portada de *O Conde de Warwick* configura-se como um fato repleto de significados. Em primeira instância, retomando as preocupações editoriais expressas na nota ao leitor de *Notícias ou Memórias Históricas*, publicada na década (e no século) anterior, em 1693, Marie-Catherine mostra-se enfim disposta a não apenas legitimar sua autoridade sobre o novo lançamento como também reclamar a autoria dos demais, devidamente listados em seu discurso. Uma vez viúva, órfã e desconfinada, Madame d’Aulnoy agrava o tom de seu último paratexto e se apresenta ao público de forma clara e definitiva; isto é, àqueles que ainda não a conheciam, visto que os asteriscos não serviam de impedimento para que os leitores parisienses desconhecêssem a figura autoral por trás de cada publicação. Para a posteridade, porém, a notação “Madame D\*\*\*” acabou provocando inúmeras confusões editoriais, ao menos até que as pesquisas em torno da literatura de autoria feminina avançassem e oportunizassem o refinamento das atribuições. Em segunda instância, a assinatura da autora parece enfim arrematar uma trajetória de sucesso no campo das artes literárias cerca de meio século após o auge da moda dos contos de fadas. Consagrada como *conteuse* (contista) e romancista, elogiada por seu estilo precioso, Madame d’Aulnoy encontrava-se artisticamente consolidada à época do lançamento de *O Conde de Warwick*, seu décimo segundo livro, que veio a ser sua última publicação.



Em terceira e última instância, ainda em sua nota ao leitor, Marie-Catherine registra sua felicidade por encontrar-se enfim desconfinada ao afirmar que esperava poder partilhar do repouso e das delícias de uma vida provinciana; em um convite à leitura, a autora sugere que, uma vez juntos, ela e o primo poderão meditar “à beira do mar sobre o tema de qualquer obra” que merecesse sua atenção (Ap. E, p. 887). Nada se sabe sobre a vida de Marie-Catherine no período compreendido entre a publicação de *O Conde de Warwick* e o seu falecimento, ocorrido menos de dois anos depois, em janeiro de 1705.

### **1.3. A obra feérica de Madame d’Aulnoy: edições príncipes e sùmulas dos contos**

Como mencionado anteriormente, a celebridade de Madame d’Aulnoy em França, Espanha, Inglaterra e Holanda nos séculos XVII e XVIII advém sobretudo de sua obra memorial e dos relatos de viagens. Os contos de fadas, suas últimas publicações no século XVII, delimitam um novo *momentum* artístico na carreira de uma escritora costumeiramente associada a outros gêneros textuais que não o narrativo e a outros gêneros literários que não o conto. Mary Elizabeth Storer (1928, p. 30) destaca que a recepção de seus dois primeiros tomos de contos de fadas não teria sido das melhores, o que levava a autora a adicionar duas novelas espanholas ao projeto. Tal medida estaria diretamente relacionada ao referido sucesso obtido por seus títulos “espanhóis” (as *Memórias*, os *Relatos* e as *Novelas*), um trunfo editorial empregado na salvaguarda dos primeiros tomos de narrativas feéricas.

Nos dois subcapítulos a seguir, serão apresentadas e comentadas as edições príncipes das obras que compõem o *corpus* da presente tese, os imbróglis em torno das datas de publicação e um resumo sumaríssimo de cada um dos vinte e quatro contos, divididos entre os quatro tomos referentes aos *Contos de Fadas* e quatro referentes aos *Novos Contos ou A Moda das Fadas*.

### 1.3.1. *Os Contos de Fadas (Les Contes des fées)*

A primeira e mais imediata consideração a ser feita sobre o primeiro compêndio de contos de fadas escritos por Marie-Catherine d'Aulnoy diz respeito ao seu título. Jack Zipes (2012, p. 22) constata que nenhum contador de histórias ou escritor havia utilizado o termo “conto de fadas” antes de Madame d'Aulnoy tê-lo *cunhado*. A associação da autora à cunhagem do termo configura-se como uma presunção deveras questionável, que para ser validada teria de ser subsidiada por uma ampla pesquisa linguística, lexicográfica e filológica — que certamente afastaria a hipótese de Zipes, visto ser “conto de fadas” um termo corrente antes do surgimento da edição de 1697. A própria Madame d'Aulnoy faz uso da terminologia em sua *História de Hipólito*, de 1690, no prólogo à récita fantasiosa proferida por seu protagonista, narrativa que soaria como “aqueles contos de fadas” (AULNOY, 1979 [1690], p. 143, tradução nossa).

Donald Haase (2008, p. 80) faz uma constatação terminologicamente mais apurada ao sugerir que, com a publicação d'*Os Contos de Fadas*, Madame d'Aulnoy teria, de fato, “introduzido a expressão” no idioma francês ao associar o tipo de narrativa que escrevia a um rótulo que, posteriormente, acabou por se tornar a designação de um gênero como um todo. Há que se ressaltar, porém, que a acepção da expressão francesa *contes des fées* deve ser literalmente compreendida como *contos das fadas* (contos *sobre* fadas). Esse refinamento terminológico será devidamente discutido no terceiro capítulo da presente tese<sup>23</sup>, pois subsidiará a proposta de distinção entre o conto de fadas *lato sensu* e o conto de fadas *stricto sensu* — sendo este segundo tipo o chamado conto *sobre* fadas.

Ruth Bottigheimer (2002, p. 7) ressalta a amplitude do termo “conto de fadas”, cujo alcance se espalhou e englobou nuances terminológicas que ajudariam a definir, por exemplo, as especificidades do conto maravilhoso, conto folclórico, conto de origem, conto de fadas literário — todos eles absorvidos pelo generalismo de “conto de fadas”. Para a pesquisadora, o que Madame d'Aulnoy chamara de *contes des fées* seria, de fato,

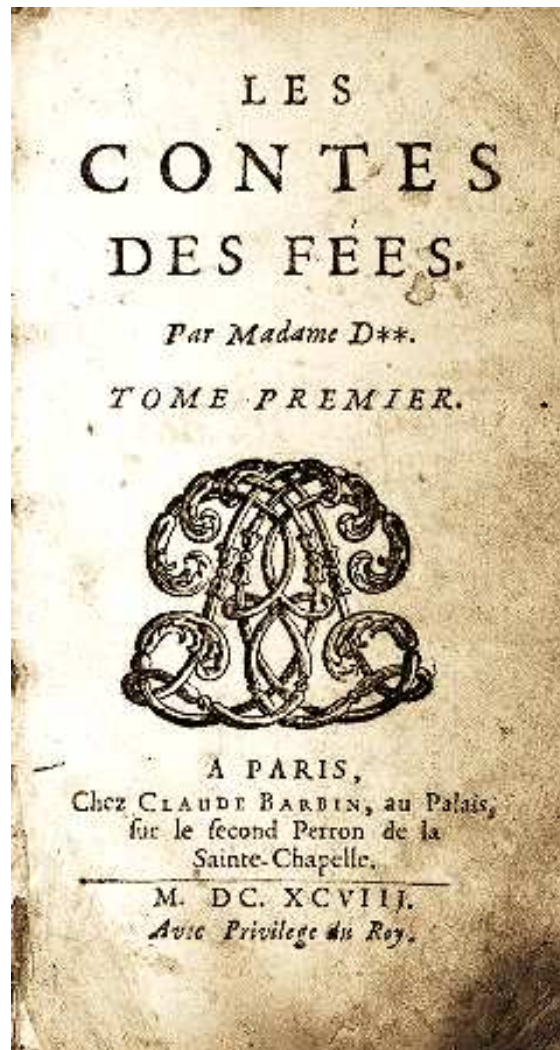
---

<sup>23</sup> Cf. Capítulo 3, p. 129.

histórias sobre fadas, o conto de fadas propriamente dito, aqui chamado de *stricto sensu*. Anne E. Duggan (2021, p. 217) observa que durante os séculos XVII e XVIII, o nome de Madame d’Aulnoy encontrava-se sinonimicamente associado ao próprio gênero conto de fadas por conta do título de sua publicação de 1697 e da popularização do termo “fairy tale” a partir da tradução de seus contos para a língua inglesa.

Até o ano de 2017, nenhuma cópia da primeira edição de *Os Contos de Fadas* era conhecida do grande público. Mesmo a edição crítica estabelecida por Nadine Jasmin (2004) fora baseada em uma provável segunda edição feita por Claude Barbin, datada de 1698 (Figura 26).

Figura 26 – Portada do primeiro tomo da possível segunda edição de *Os Contos de Fadas*



Fonte: AULNOY, 1698a.

O privilégio real contido na edição de 1698 (Tabela 2) é que veicula as informações a respeito da primeira edição dos contos: a autorização foi concedida a Madame d’Aulnoy em 11 de março de 1697, e a impressão dos dois primeiros tomos foi concluída em Paris a 19 de abril do mesmo ano, por Claude Barbin, em formato duodécimo. Trata-se da sétima parceria editorial e comercial com o livreiro parisiense que viria a falecer no ano seguinte, em 1698. O privilégio real para a publicação e comercialização d’*Os Contos de Fadas* apresenta alguns detalhes acerca da legislação editorial vigente no *fin de siècle* francês no tocante aos direitos autorais e de reprodução.

Tabela 2 – Fac-símile do extrato do privilégio real de *Os Contos de Fadas*

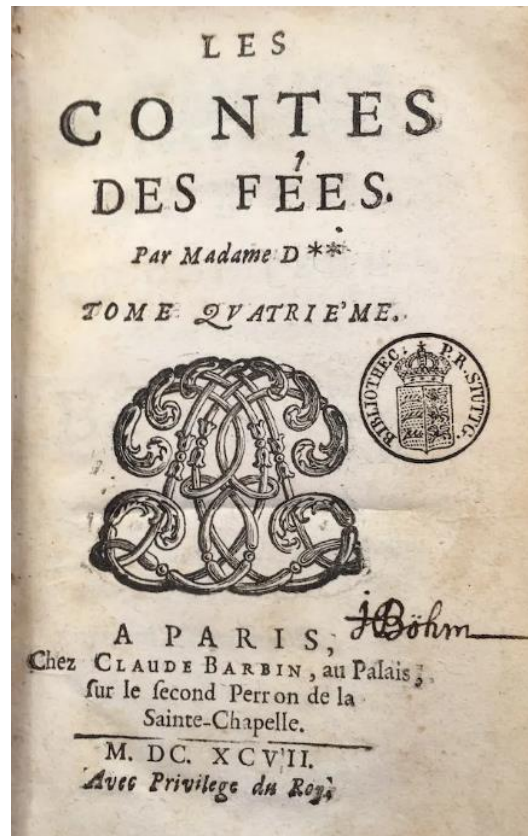
|  |   |
|--|---|
| <p style="text-align: center;"><i>Extrait du Privilège<br/>du Roy.</i></p> <p><b>P</b>AR grace &amp; Privilège du Roy, donné à Paris le 21<sup>e</sup>. jour de Mars 1697. signé, Par le Roi en son Conseil, BECHET, &amp; scellé; il est permis à CLAUDE BARBIN Marchand Libraire à Paris, de faire imprimer, vendre &amp; debiter un Livre intitulé, <i>Les Contes des Fées, par Madame D**</i>; &amp; ce pendant le tems &amp; espace de douze années consecutives, à compter du jour que ledit Livre sera achevé d'imprimer pour la premiere fois: Et défenses sont faites à toutes personnes de quelque qualité &amp; condition</p> | <p style="text-align: center;"><i>Extrato do Privilégio do Rei.</i></p> <p>Por graça e Privilégio do Rei, concedida em Paris a 21 de março de 1697, assinado pelo rei [na figura de] seu conselheiro, BECHET, e selado, é permitido a CLAUDE BARBIN, Mercador Livreiro em Paris, imprimir, vender e comercializar um Livro intitulado <i>Os Contos de Fadas, por Madame D***</i>, e isso durante o tempo e prazo de doze anos consecutivos, a contar do dia em que o dito Livro terminar de ser impresso pela primeira vez. Impedimentos são feitos a todas as pessoas, de qualquer mérito e condição</p> |
|--|---|

|  |   |
|--|---|
| <p>qu'elles soient, de l'imprimer, vendre ni débiter sans le consentement dudit Expositant, à peine de confiscation des Exemplaires contrefaits, trois mille livres d'amende, &amp; de tous dépens, dommages &amp; intérêts, comme il est plus au long porté par lesdites Lettres de Privilège.</p> <p><i>Registré sur le Livre des Libraires &amp; Imprimeurs de Paris, le 16. Avril 1697. Signé, P. AUBOÛYN, Syndic.</i></p> <p>Achévé d'imprimer pour la première fois, le 29. Avril 1697.</p> <p>GRACIEUSE</p> | <p>que sejam, de imprimi-lo, vendê-lo e comercializá-lo sem o consentimento do dito Expositor, à pena de confisco dos exemplares contrafeitos, [pagamento de] taxa de três mil libras e de todos os custos, danos e juros amplamente mencionados pelas referidas Cartas de Privilégio.</p> <p><i>Registrado na Ata de Livreiros e Impressores de Paris em 16 de Abril de 1697. Assinado por P. AUBOÛYN, Síndico.</i></p> <p>Terminado de imprimir pela primeira vez em 29 de abril de 1697.</p> |
|--|---|

Fonte: AULNOY, 1698a. Tradução e adaptação nossas.

Em dezembro de 2017, as pesquisas de Volker Schröder (2018) enfim conduziram-no ao achamento dos quatro tomos de *Os Contos de Fadas* em excelente estado de preservação na Biblioteca Pública de Stuttgart, na Alemanha. O pesquisador atesta que os quatro volumes encontram-se assinados por seu dono original, “JH Böhm”. Ademais, os três primeiros são datados de 1698, e apenas o quarto de 1697 (Figura 27). Contudo, os tomos um e dois registram a mesma data referente ao término de impressão presente no fac-símile apresentado na Tabela 1, ou seja, 29 de abril de 1697. O terceiro tomo, porém, apresenta data posterior: 31 de agosto de 1697. Schröder (2018) pontua que as datas divergentes “não necessariamente indicam diferentes edições”, visto que os editores costumavam atualizar a data das portadas a fim de relançar livros antigos sob a aparência de novos.

Figura 27 – Portada do quarto tomo da aparente primeira edição de *Os Contos de Fadas*




Fonte: SCHRÖDER, 2018.

Como se constata, até muito recentemente não se sabia ao certo o ano e o mês de publicação de cada um dos quatro volumes de *Os Contos de Fadas*, já que a edição mais antiga a que se tinha acesso, publicada em Amsterdã, datava de 1708. Contudo, visto que em *Novos Contos ou A Moda das Fadas*, de 1698, algumas das histórias presentes n’*Os Contos de Fadas* são mencionadas como “conhecidas do público” (com destaque para as citações intratextuais constantes no conto “A Gata Branca”), é certo que os quatro tomos de *Os Contos de Fadas* estavam em plena circulação antes de dezembro de 1697, data do privilégio referente aos *Novos Contos*. Em suma, pode-se afirmar que todos os contos de fadas de Marie-Catherine d’Aulnoy foram redigidos até o fim de 1697.

A autora dedica sua primeira coletânea de contos de fadas a Elizabeth-Charlotte do Palatinado (1652-1722), cunhada de Luís XIV, esposa de Filipe I, Duque de Orleans (Tabela 3). A Princesa Palatina, conhecida na corte como “Madame”, mudara-se para a

comuna francesa de Saint-Cloud em 1672, um ano após seu casamento. Filipe I havia estabelecido residência em Saint-Cloud em 1658. O célebre parque que ladeava o palácio foi arquitetado por André Le Nôtre (1613-1700), jardineiro do rei. Madame d’Aulnoy faz menção ao referido parque na récita homônima que abre e enquadra o terceiro tomo de contos (JASMIN, 2008, p. 387).

Tabela 3 – Fac-símile da dedicatória de *Os Contos de Fadas*

|   |  |
|---|--|
|  <p>A<br/>SON ALTESSE<br/>ROYALE<br/>MADAME.</p> <p><b>M</b>ADAME,</p> <p><i>Voici des Reines &amp;<br/>des Fées, qui après<br/>avoir fait le bonheur de</i><br/>à ij</p>   | <p>A<br/>SUA ALTEZA<br/>REAL<br/>MADAME</p> <p>MADAME,</p> <p>Eis aqui Rainhas e Fadas, que depois de terem feito a felicidade [de muitos] com</p>   |
| <p>EPITRE.</p> <p><i>ce qu'il y avoit de plus<br/>charmant &amp; de plus re-<br/>commandable dans leur<br/>tems, viennent chercher<br/>à la Cour de VÔTRE<br/>ALTESSE ROYALE<br/>ce qu'il y a de plus illustre &amp; de plus aimable<br/>dans le nôtre. Elles sça-<br/>vent que la France pos-<br/>sède une grande Prin-<br/>cesse, dont toutes les<br/>ACTIONS dorvent servir<br/>d'exemple, &amp; qui joint<br/>à la noblesse du plus<br/>auguste Sang, une Bonté<br/>&amp; une Generosité mer-</i></p> | <p>o que havia de mais charmoso e de mais recomendável em seus tempos, vêm procurar na CORTE DE VOSSA ALTEZA REAL o que há de mais ilustre e de mais amável na nossa. Elas sabem que a França possui uma grande Princesa, da qual todas as ações devem servir de exemplo, e que à nobreza do mais augusto Sangue adiciona uma Bondade e uma Generosidade ma-</p> |

|  |   |
|--|---|
| <p>EPI TRE.<br/> <i>veilleuses: Elles sçavent,<br/> MADAME, que toutes<br/> les Vertus ont égale-<br/> ment concouru à former<br/> le Cœur, l'Esprit &amp; la<br/> Personne de V ÒTRE<br/> ALTESSE ROYALE.<br/> Ce sont sans doute de<br/> grandes Princesses comme<br/> Vous, MADAME, qui<br/> ont donné lieu d'ima-<br/> giner le Roiaume de<br/> Féerie: on s'est persuadé<br/> qu'il falloit qu'il y eût<br/> des Genies particuliers<br/> qui eussent pris soin de<br/> ces Personnes incompa-</i><br/> <i>à iii</i><br/> <i>J. J. Van Bayo</i></p> | <p>ravilhosas. Elas sabem, MADAME, que todas as Virtudes foram igualmente unificadas para formar o Coração, o Espírito e a Pessoa de VOSSA ALTEZA REAL. Não há dúvidas de que foram grandes Princesas como vós, MADAME, que inspiraram [os escritores] a imaginarem o Reino Feérico: somos persuadidos [a acreditar] que devem existir Gênios particulares que se dispuseram a cuidar dessas Pessoas incompa-</p> |
| <p>EPI TRE.<br/> <i>rables, en qui tout est<br/> merveilleux. Si cela est,<br/> comme il n'en faut point<br/> douter, vous voyez,<br/> MADAME, par com-<br/> bien de raisons je me suis<br/> vuë engagée de dédier<br/> ce qu'on raconte des Fées<br/> à V ÒTRE ALTESSE<br/> ROYALE. Je viens<br/> avec elles vous rendre<br/> de tres-humbles actions<br/> de grace pour la permif-<br/> sion que Vous m'en avez<br/> accordée: &amp; si j'avois à<br/> présent quelque chose à<br/> desirer, ce ne seroit ni le</i></p>                                | <p>ráveis, que em tudo são maravilhosas. Sendo assim, não havendo dúvidas, vereis, MADAME, que, por várias razões, eu me vi comprometida a dedicar aquilo que se reconta sobre as Fadas a VOSSA ALTEZA REAL. Com elas, venho prestar-vos as mais humildes ações de graça pela permissão que me concedestes: e se hoje eu tivesse qualquer coisa a desejar, não seria nem o</p>                                    |



|  |   |
|--|---|
| <p>EPI T R E.<br/> <i>Chapeau , ni les Roses<br/> du Prince Lutin ; ni la<br/> Jeunesse de Florine , ni<br/> la Beauté de Gracieuse ;<br/> ce seroit , MADAME,<br/> assez d'Esprit pour amu-<br/> ser agreablement VÔTRE<br/> ALTESSE ROYALE. Cet<br/> honneur rempliroit mes<br/> desirs , satisferoit ma<br/> vanité , &amp; me rendroit<br/> plus heureuse que si tou-<br/> tes les Fées de l'Univers<br/> ui avoient fait part de<br/> leurs plus precieux dons.<br/> Je suis avec toutes la<br/> reconnoissance &amp; la res-</i></p> | <p>Chapéu, nem as Rosas do Príncipe Duende; nem a Juventude de Florina, nem a Beleza de Graciosa; seria, MADAME, de Espírito bastante para entreter agradavelmente VOSSA ALTEZA REAL. Essa honra supriria meus desejos, satisfaria minha vaidade e me faria mais feliz do que se todas as Fadas do Universo tivessem partilhado seus mais preciosos dons comigo. Entre todos, sou aquela cuja gratidão e res-</p> |
| <p>EPI T R E.<br/> <i>pectueuse soumission que<br/> je dois ,</i></p> <p>MADAME,</p> <p>De VÔTRE ALTESSE<br/> ROYALE,</p> <p>La tres-humble, tres-<br/> obeïllante &amp; tres-obli-<br/> gée Servante,</p>   | <p>peitosa submissão me faz ser,</p> <p>MADAME,</p> <p>DE VOSSA ALTEZA<br/> REAL,</p> <p>A mais humilde, mais<br/> obediente e mais gra-<br/> ta Serva.</p>   |

Fonte: AULNOY, 1698a. Tradução e adaptação nossas.

Na primeira dedicatória de Marie-Catherine a Elizabeth-Charlotte do Palatinado, tem-se a sugestão preliminar de que ao menos alguns dos temas feéricos manejados por Madame d'Aulnoy fariam parte de uma aparente *tradição* (“aquilo que se reconta sobre as Fadas”). O que não se pode afirmar categoricamente é que a referida tradição seja necessariamente *oral*. A propósito da questão, cabe adiantar que o citado procedimento de reconto se deu, entre outros meios, a partir da revisitação de narremas presentes em alguns dos contos das *Noites Agradáveis* de Giovanni Francesco Straparola (1480~1557),

publicadas entre os anos de 1550 e 1553; “O Príncipe Javali” de Madame d’Aulnoy dialoga diretamente com “O Rei Porco” de Straparola, para citar um exemplo<sup>24</sup>. Ademais, há que se sublinhar novamente a preposição relacional *sobre* ao se falar em “reconto sobre fadas”, o que concorre de maneira imediata para uma acepção mais acurada do sentido estrito do título *Os Contos de Fadas (Les Contes des fées)*.

Os quatro tomos conjugam dezessete narrativas: quinze contos de fadas e duas novelas espanholas (“Dom Gabriel Pôncio de Leão” e “Dom Fernando de Toledo”). Visto não ser um objetivo da presente tese tecer apreciações sobre as novelas, a tabela a seguir veiculará apenas as súmulas dos contos de fadas presentes em cada tomo.

Tabela 4 – Resumos dos contos presentes em *Os Contos de Fadas* (1697)

| <b>TOMO</b> | <b>CONTO</b>               | <b>RESUMO</b>  |
|-------------|----------------------------|--|
| Tomo 1      | Graciosa e Percinê         | Órfã de mãe, a Princesa Graciosa vê-se à mercê de Madame Rabuja, sua madrasta invejosa, e da fada má que lhe presta assistência. Graciosa é salva da morte com a ajuda de seu amado Percinê, Príncipe das Fadas, que a conduz ao palácio de sua mãe. Os dois se casam e Rabuja é estrangulada pela fada que lhe assistira. |
|             | A Bela dos Cabelos de Ouro | O belo Primoroso, servo do Rei, empreende vários desafios aparentemente impossíveis para convencer a reservada Bela dos Cabelos de Ouro a casar-se com seu amo, sempre auxiliado por animais mágicos. Bela se apaixona não pelo Rei, mas por Primoroso, com quem se casa após a morte acidental do monarca.                |
|             | O Pássaro Azul             | Órfã de mãe, a Princesa Florina vê-se à mercê de três mulheres perversas: a madrasta invejosa, Trutona (filha da madrasta) e a fada Súcia, assistente das duas. O rei Charmoso, transformado em pássaro,   |

<sup>24</sup> Dentre os setenta e cinco contos de Straparola, Madame d’Aulnoy estabeleceu relações narrêmicas com cinco: “O Rei Porco” (em “O Príncipe Javali”), “Pedro, o Louco” (em “O Golfinho”), “Livoretto” (em “A Bela dos Cabelos Dourados”), “Constanza” (em “Bela-Bela ou O Cavaleiro Fortunato”) e “Ancilotto” (em “A Princesa Bela-Estrela e o Príncipe Querido”).

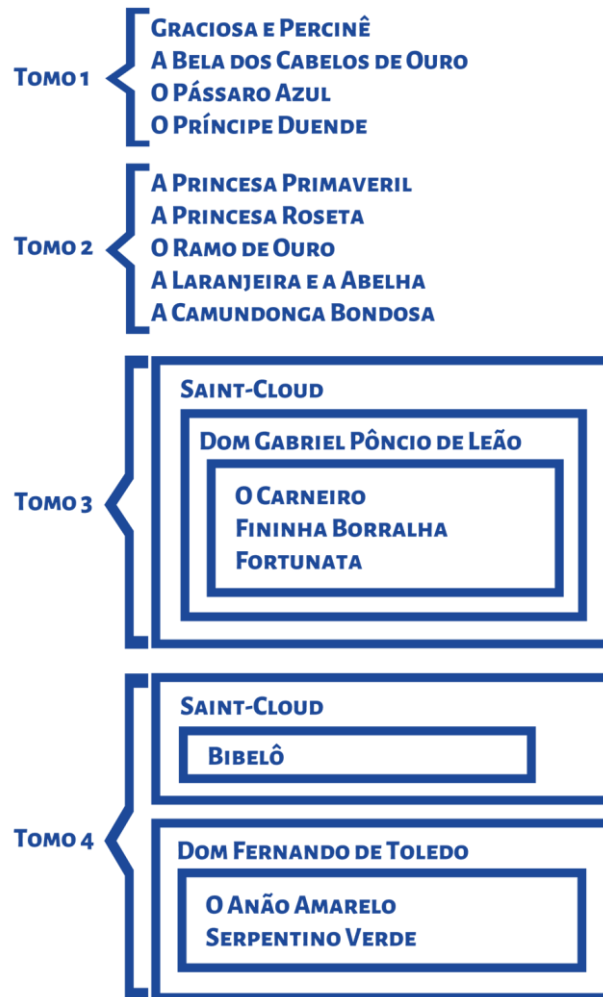
|        |                         |  |
|--------|-------------------------|--|
|        |                         | prova seu amor por Florina e é desencantado com a ajuda de um feiticeiro e de uma fada mais poderosa que Súcia. Florina e Charmoso se casam e Trutona é transformada em porca.   |
|        | O Príncipe Duende       | Furibundo, príncipe feio e malcriado, disputa com o belo Leandro, filho de seu tutor, o amor da indiferente Princesa da Ilha dos Prazeres Tranquilos. Com a ajuda da fada Gentil, Leandro torna-se capaz de transformar-se em duende por intermédio de um chapéu mágico, têm acesso à ilha e casa-se com a princesa.   |
| Tomo 2 | A Princesa Primavera    | A malvada fada Carochuda resolve vingar-se de um rei atormentando a vida de sua filha, a Princesa Primavera. A menina é condenada a viver vinte anos de sofrimento, mas tem sua sina amenizada por cinco outras boas fadas. Depois de viver uma desilusão amorosa com o embaixador Fanfarrino, ela se casa com o filho do rei Merlin.  |
|        | A Princesa Roseta       | Após ter sua funesta sorte prenunciada pelas fadas ao nascer, Roseta é enclausurada numa torre por seus pais. Quando atinge a idade de se casar, seus irmãos decidem encontrar um marido para ela, mas Roseta só aceita se casar com o rei dos pavões, dado seu amor por essa ave. Enganada por sua nutriz, Roseta é lançada ao mar a caminho do reino dos pavões e tem de viver escondida até finalmente encontrar seu noivo. |
|        | O Ramo de Ouro          | O príncipe Torcicolo e a princesa Bagaço, ambos desprovidos de beleza, passam por uma série de metamorfoses até se transformarem nos pastores Trasimeno e Brilhante. Com a ajuda da fada Benigna, a virtude dos dois é recompensada; eles se casam e ganham o direito de permanecerem com sua nova aparência para sempre.  |
|        | A Laranjeira e a Abelha | A princesa Amada e o príncipe Amado, seu primo, passam por inúmeras provações até contraírem matrimônio. São perseguidos   |

|        |                      |  |
|--------|----------------------|--|
|        |                      | pela ogra Tormentina, que, em nome da fada Trúcio, opera maravilhas com uma varinha mágica. O primogênito do casal foi batizado de Amor Fiel.  |
|        | A Camundonga Bondosa | Duas fadas entram em disputa, contenda que fará a pequena princesa Lindinha ser sequestrada e criada longe de sua mãe por Cancalina, a fada má. Metamorfoseada em camundonga, a fada bondosa ajuda Lindinha a reaver sua família e sua coroa, matando o terrível rei Sombrio e seu perverso filho.   |
| Tomo 3 | O Carneiro           | A princesa Maravilhosa, expulsa do reino por ciúmes do pai, encontra uma sociedade de ovinos mágicos liderada pelo rei Carneiro. Todos ali haviam sido transformados em ovelhas e carneiros pela malvada fada Ranheta. Uma vez de volta ao palácio, a princesa acaba se esquecendo de uma promessa que fizera ao Carneiro, que falece na tentativa de reencontrá-la. |
|        | Fininha Borralha     | Fininha Borralha e suas irmãs invejosas são abandonadas em um deserto por sua mãe. Juntas, elas vão parar na terra dos ogros, onde Fininha acaba conhecendo um príncipe por quem se apaixona. Auxiliada pela fada Merluza, ela consegue restaurar a situação social e econômica de sua família.  |
|        | Fortunata            | Fortunata, filha de uma fada, tem de enfrentar seu ignorante irmão Bedú e os encantos de uma fada malvada a fim de reconquistar seus direitos. Ela auxilia a Rainha do Bosque a desencantar seu filho, um príncipe transformado em cravo, com quem acaba se casando.   |
| Tomo 4 | Bibelô               | Para vingar-se dos reis, a malvada fada Chorumela faz com que a princesa se transforme em uma macaca. Com a ajuda de Criquetim, um cavalo mágico, e da divindade aquática Birrocá, a macaquinha é desencantada e casa-se com seu primo, um príncipe.   |

|  |                  |  |
|--|------------------|--|
|  | O Anão Amarelo   | A rainha e sua filha, a princesa Toda-Bela, descumprem uma promessa que fizeram ao perverso Anão Amarelo. Com a ajuda da Fada do Deserto, o nanico sequestra Toda-Bela e mata o Rei das Minas de Ouro, com quem a princesa queria se casar. Toda-Bela também falece, e o jovem casal é transformado em duas palmeiras por uma sereia.  |
|  | Serpentino Verde | A malvada fada Macaquina faz com que uma das filhas da rainha tenha o dom de ser muito feia, apesar de inteligente. Feiosinha vai parar no país dos pagodes, estátuas mágicas cujo rei era um príncipe transformado em serpente. Com a ajuda do Cupido e das fadas Proserpina e Protetora, Serpentino é libertado de sua penitência e se casa com Feiosinha, que passou a ser chamada de rainha Discreta após conquistar a beleza. |

Os nove primeiros contos, referentes aos dois primeiros tomos, não se encontram emoldurados. Os contos presentes no terceiro tomo, por sua vez, estão duplamente inseridos em narrativas-moldura: em primeira instância pela récita de Saint-Cloud e em segunda instância pela novela espanhola “Dom Gabriel Pôncio de Leão”. No quarto tomo, apenas o conto “Bibelô” encontra-se emoldurado pela récita de Saint-Cloud, enquanto os demais contos têm como moldura a novela espanhola “Dom Fernando de Toledo” (Figura 28).

Figura 28 – Enquadramento das narrativas de *Os Contos de Fadas*



Fonte: Diagrama do autor.

Com base nas observações previamente expostas (a necessidade de adicionar duas novelas espanholas ao projeto e a alteração das datas de publicação dos primeiros tomos), é possível delinear o provável cenário editorial implicado no lançamento e recepção dos quatro volumes de *Os Contos de Fadas*: os contos avulsos dos tomos 1 e 2, lançados no primeiro semestre de 1697, não tiveram, de imediato, a mesma repercussão dos títulos anteriores de Madame d’Aulnoy, até então célebre como romancista e novelista. Diante da necessidade de reformulação do projeto inicial, a autora e seus editores recorreram à adição de duas novelas espanholas aos tomos 3 e 4, lançados no segundo semestre do mesmo ano, a fim de atender às demandas do público. Devido a tal reestruturação, para coincidirem com a “novidade” dos dois últimos tomos, os dois primeiros tiveram suas

datas de publicação alteradas em um segundo momento. Entende-se, por fim, que essa aparente estratégia comercial teria obtido grande êxito, visto a demanda por mais quatro tomos de contos de fadas emoldurados em novela.

Um consenso entre os pesquisadores, comentadores e prefaciadores franceses das obras de Madame d’Aulnoy é o de que seus contos mais famosos teriam sido “O Pássaro Azul”, “A Corça no Bosque”, “Graciosa e Percinê”, “O Príncipe Duende” e “A Bela dos Cabelos de Ouro” (HAUPT, 1868, p. iv; LUNEL, 1858, p. 239), quase todos pertencentes a essa primeira publicação de fantasia feérica.

### **1.3.2. *Novos Contos ou A Moda das Fadas (Contes Nouveaux ou Les Fées à la Mode)***

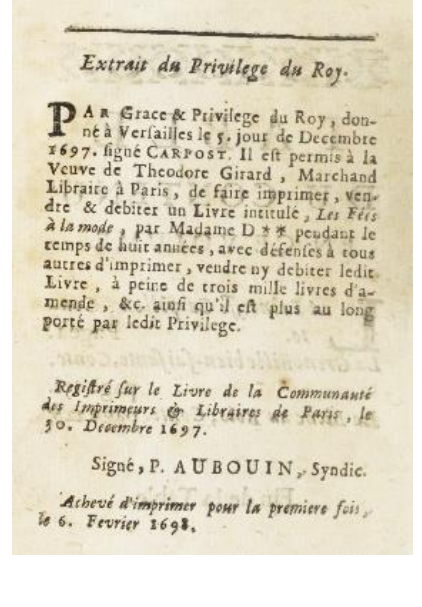
Cerca de oito meses após a obtenção do privilégio real para impressão e comercialização de *Os Contos de Fadas*, Madame d’Aulnoy recebe autorização para publicar sua segunda coleção de narrativas feéricas, os *Novos Contos ou A Moda das Fadas*. O título escolhido para o novo compêndio está imediatamente relacionado à publicação anterior e à cena literária francesa dos anos finais da década de 1690, quando se deu a voga dos contos de fadas. O privilégio real data de 5 de dezembro de 1697 (Tabela 5); a primeira impressão foi concluída em 6 de fevereiro de 1698. Claude Barbin, histórico editor de contos de fadas de autoria feminina, parceiro editorial predileto de Marie-Catherine d’Aulnoy, já havia falecido à época do lançamento de *Novos Contos*. A responsável pela edição foi Catherine Le Gras (1630~1710), filha do livreiro parisiense Henri Le Gras e viúva do também livreiro Theodore Girard, que falecera em 25 de fevereiro de 1697<sup>25</sup>. Catherine Le Gras também assinara a edição de paráfrases bíblicas reunidas de Madame d’Aulnoy, lançada no ano de 1698. Décimo primeiro título de

---

<sup>25</sup> Sobre os aspirantes a livreiros, Febvre e Martin (2019, p. 224-225) afirmam que a partir de 1666, “data em que Colbert limitara o número das tipografias nas diferentes cidades da França, ser-lhes-ia praticamente impossível esperar tornar-se mestres [livreiros] salvo se se resignassem a casar com a viúva de um mestre falecido.” É o que parece ter acontecido em relação à herança de Catherine Le Gras, filha e esposa de mestres livreiros: com a morte de seu pai e a viuvez, Catherine transfere seus negócios a Nicolas Gosselin em julho de 1698. Gosselin havia trabalhado como aprendiz na oficina do pai de Catherine.

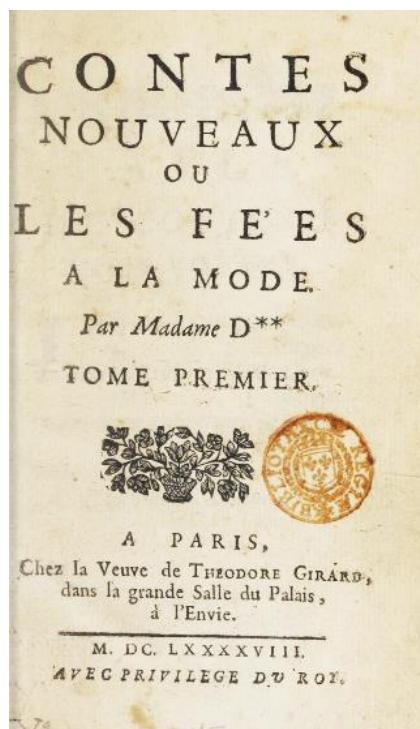
Marie-Catherine, *Novos Contos ou A Moda das Fadas* (Figura 29) foi lançado em Paris em quatro volumes de formato duodécimo, contendo nove contos de fadas e uma novela.

Tabela 5 – Fac-símile do extrato do privilégio real de *Novos Contos ou A Moda das Fadas*

|  |  |
|--|--|
|  <p><i>Extrait du Privilège du Roy.</i></p> <p>PAR Grace &amp; Privilège du Roy, donné à Versailles le 5. jour de Decembre 1697. signé CARPOST. Il est permis à la Veuve de Theodore Girard, Marchand Libraire à Paris, de faire imprimer, vendre &amp; debiter un Livre intitulé, <i>Les Fées à la mode</i>, par Madame D*** pendant le temps de huit années, avec défenses à tous autres d'imprimer, vendre ny debiter ledit Livre, à peine de trois mille livres d'amende, &amp;c. ainsi qu'il est plus au long porté par ledit Privilège.</p> <p>Registré sur le Livre de la Communauté des Imprimeurs &amp; Libraires de Paris, le 30. Decembre 1697.</p> <p>Signé, P. AUBOUIN, Syndic.</p> <p>achevé d'imprimer pour la premiere fois, le 6. Fevrier 1698.</p> | <p><i>Extrato do Privilégio do Rei.</i></p> <p>Por graça e privilégio do Rei, concedido em Versalhes a 5 de dezembro de 1697, assinado por CARPOST, é permitido à viúva de Theodore Girard, mercador livreiro em Paris, imprimir, vender e comercializar um livro intitulado <i>A Moda das Fadas</i>, por Madame D***, durante o período de oito anos, sendo proibido a todos os demais imprimir, vender e comercializar o dito livro, sob pena de três mil libras de taxa e também às demais penalidades previstas pelo referido privilégio.</p> <p><i>Registrado na Ata da Comunidade dos Impressores e Livreiros de Paris a 30 de dezembro de 1697.</i></p> <p>Assinado por P. AUBOUIN, síndico.</p> <p><i>Terminado de imprimir pela primeira vez em 6 de fevereiro de 1698.</i></p> |
|--|--|

Fonte: AULNOY, 1698b. Tradução e adaptação nossas.

Figura 29 – Portada da edição príncipe de *Novos Contos ou A Moda das Fadas*



Fonte: AULNOY, 1698b.



Note-se ao menos duas significativas mudanças em relação aos privilégios reais de *Os Contos de Fadas* e *Novos Contos*: a alteração da sede dos despachos reais de Paris para Versalhes e a diminuição no tempo de usufruto dos direitos editoriais de doze para oito anos. Roger Chartier (2012, p. 12-13) sinaliza que a “emergência da função autor” ocorre apenas no século XVIII, quando o detentor dos direitos sobre uma obra literária passa a ser o escritor e não mais os livreiros impressores. A noção de “propriedade literária” e a necessidade de se garantir a *autoridade* de um autor sobre uma obra de sua autoria coincide, portanto, à aurora do desenvolvimento da lógica burguesa em torno da propriedade privada, que nos anos subsequentes se estenderá da posse material à noção de propriedade intelectual.

De volta às publicações, tanto a edição de paráfrases de salmos quanto os novos tomos de contos de fadas foram anunciados pelo *Mercurie Galant* de fevereiro de 1698, o mais importante jornal literário francês dos séculos XVII e XVIII. Na referida edição, encontra-se um elogio aos textos religiosos de Madame d’Aulnoy, cuja leitura seria deleitosa para as “almas devotas”, e a menção aos dois primeiros tomos de “um novo livro, intitulado *Novos Contos ou A Moda das Fadas*, por Madame D\*\*\*.” O editor prossegue:

Os contos de Percinê, do Pássaro Azul e muitos outros que estão entre aqueles que foram tão favoravelmente recebidos pelo público ano passado são da mesma dama que apresenta os *Novos Contos*. Todas as suas obras obtiveram tão grande sucesso que estamos certos de que ela não escreve nada cuja leitura não cause extremo prazer. Esses tipos de obras se tornaram uma grande moda. (MERCURE GALANT, 1698a, p. 237-239, tradução nossa).

A nota crítica aos leitores parisienses apresentada pelo editor do *Mercurie Galant* fornece informações substanciais acerca da recepção das obras de Madame d’Aulnoy. A priori, é preciso observar que, apesar da notação asterística (Madame D\*\*\*), a figura autoral por trás dos contos de fadas e dos demais títulos editorialmente exitosos não pode ser considerada desconhecida pela totalidade dos leitores parisienses do século XVII. Afinal, para além das polêmicas matrimoniais, Marie-Catherine já havia se consolidado como romancista e romancista à época do lançamento de suas narrativas feéricas. O

patronímico ocultado pelos asteriscos parece prevenir, por assim dizer, a recusa de um potencial leitor desavisado ao consumo de uma obra literária assinada por uma mulher cuja biografia encontrava-se maculada por escândalos pessoais. Ademais, se o ocultamento objetivasse tão somente a supressão do gênero do autor, a patente de “Madame” é que deveria ser mascarada, o que não foi o caso. Os comentários do *Mercure Galant* acerca dos contos de fadas de Madame d’Aulnoy deixam claro que a primeira coleção fora a público em 1697 e que os *novos* contos surgiam em resposta ao sucesso dos primeiros, na esteira de sua boa repercussão e no contexto da moda das fadas.


Os dois últimos tomos foram anunciados cinco meses depois, na edição de julho de 1698:

Os contos continuam em voga, e esses *Novos Contos ou A Moda das Fadas*, por Madame D\*\*\*, estão entre aqueles que obtiveram mais sucesso, o que não se pode duvidar, já que o público pediu uma continuação. Assim, são apresentados dois novos volumes, que são vendidos no grande Salão do Palácio d’Envie, por Nicolas Gosselin, na butique do falecido Theodore Girard. Nesses dois volumes de contos, temos a história do Pombo e da Pombinha, da Princesa Bela-Estrela e do Príncipe Querido, do Príncipe Javali, do Golfinho, e do Novo Cavalheiro Burguês, que se encontra mesclado entre todos esses contos, promovendo uma agradável diversidade. (MERCURE GALANT, 1698b, p. 234-236, tradução nossa).

O editor do *Mercure Galant* volta a salientar a excelente recepção dos contos de fadas de Madame d’Aulnoy entre os leitores do *fin de siècle*, dessa vez destacando a “agradável diversidade” advinda da mescla de gêneros, procedimento estrutural que havia sido devidamente testado e aprovado na publicação anterior.

A segunda dedicatória que Madame d’Aulnoy endereça a Elizabeth-Charlotte do Palatinado foi apresentada em forma de epístola versificada (Tabela 6).

Tabela 6 – Fac-símile da dedicatória epistolar em versos de *Novos Contos ou A Moda das Fadas*

|  |   |
|--|---|
|  <p><b>EPISTRE.</b></p> <p><b>M</b> Es Contes suiuez tous le<br/> desir qui vous presse ;<br/> Presentez-vous aux yeux d'u-<br/> ne Auguste Princesse ;<br/> Heureux ! si vous pouvez me-<br/> riter le destin<br/> Dont se virent flatter le Mou-<br/> ton &amp; Lutin ,<br/> Quand l'esprit animé d'une<br/> gloire si belle ,<br/> Par mes foibles écrits je luy<br/> marquay mon Zele :<br/> Tome I.</p>  | <p style="text-align: center;">EPISTOLA</p> <p>Contos meus, ide suprir o anseio com que sois aguardados;<br/> Aos olhos de uma Augusta Princesa apresentai-vos;<br/> Ditosos sereis se merecerdes o destino florescente<br/> Que tiveram os contos do Carneiro e do Duende,<br/> Quando ao seu animoso espírito de beleza tão gloriosa<br/> Todo o meu zelo demonstrei com minhas simples histórias.</p>  |
| <p><b>EPISTRE.</b></p> <p>Partez ; mais pour la voir choi-<br/> sissez les instans<br/> Elle sçait s'occuper de soins<br/> plus importants.<br/> Vous n'offrez que des jeux , &amp;<br/> vôtre unique affaire<br/> N'est que de divertir en tâchant<br/> de luy plaire.<br/> Si quelquefois quittant &amp; la<br/> Ville &amp; la Cour ,<br/> Elle va, de Saint Cloud cher-<br/> cher l'heureux sejour ;<br/> C'est là que vous pouvez ani-<br/> mant vôtre audace ,<br/> Parmy tous vos aînez deman-<br/> der une place ;<br/> C'est là , que vous verrez d'un<br/> Palais enchanté ,</p> | <p>Ide, mas para vê-la escolhei o melhor instante,<br/> Pois ela se ocupa de coisas mais importantes.<br/> O que tendes a oferecer é o entretenimento<br/> Para que possais agradá-la com divertimento.<br/> Se alguma vez ela deixar a corte e a cidade<br/> Para ir a Saint-Cloud buscar repouso e felicidade,<br/> Ali podereis a vossa audácia testar<br/> E entre todos os velhos contos vosso espaço conquistar.<br/> Ali encontrareis um palácio encantado</p> |

|   |  |
|---|--|
| <p style="text-align: center;"><b>ÉPISTRE</b></p> <p><i>Regner de toutes parts l'éclatante beauté ;<br/>C'est là, que sous les pas d'une si chère Hôteſſe,<br/>En dépit des hyvers, les fleurs naiſſent ſans ceſſe.<br/>Les Nymphes, les Silvains ſortent de leurs Foreſts,<br/>Et viennent envier ou louer ſes attraits.<br/>Vous verrez les beautés dont les Dieux l'ont ornée,<br/>Ce que n'eût jamais fait la plus puiffante Fée.<br/>La Prudence, l'Efprit, la Bonté, la Grandeur,<br/>Et toutes les Vertus ſ'asſemblent dans ſon cœur ;</i></p> | <p>Em que a beleza radiante reina por todo lado;<br/>Ali, sob a presença de tão querida Anfitriã,<br/>Até no inverno as flores renascem a cada manhã.<br/>As Ninfas e os Silfos saem de seus redutos<br/>Para invejar e louvar seus belos atributos.<br/>Vereis as belezas com que os Deuses a ornaram,<br/>Nem as mais poderosas fadas se comparam.<br/>A Prudência, o Espírito, a Grandeza, a Compaixão,<br/>E todas as Virtudes se reúnem em seu coração.</p> |
| <p style="text-align: center;"><b>EPISTRE.</b></p> <p><i>Mais je retiens icy l'ardeur qui vous anime :<br/>Allez, partez, volez, elle est trop legitime,<br/>Vous pouvez désormais mépriser les jaloux,<br/>Qu'un sort si glorieux armera contre vous.</i></p>  | <p>E aqui eu retenho a paixão que vos anima:<br/>Ide, parti, voai, ela é muito genuína.<br/>Desprezai, porém, o ciúme atroz<br/>Que tão gloriosa sorte despertará contra vós.</p>  |

Fonte: AULNOY, 1698b. Tradução e adaptação nossas<sup>26</sup>.

Em sua dedicatória, Marie-Catherine faz uma espécie de advertência aos próprios contos, personificando-os. A referência ao aparente sucesso de sua primeira coletânea de contos de fadas é mencionada em dois momentos: primeiro, quando a autora faz votos para que suas novas histórias possam merecer o mesmo destino exitoso que tiveram as do Carneiro (“O Carneiro”) e do Duende (“O Príncipe Duende”), e, em um segundo momento, ao desejar que os novos contos possam conquistar um espaço entre os contos “mais velhos”, os antigos (ainda que recentíssimos, já que publicados no ano anterior).

<sup>26</sup> Como se vê, a complexidade dos arranjos sintáticos empregados pela autora em sua epístola versificada exigiu uma série de adaptações tradutórias a fim de preservar não somente o sentido do texto como também seu esquema de rimas emparelhadas.

Tabela 7 – Resumo dos contos presentes em *Novos Contos ou A Moda das Fadas*

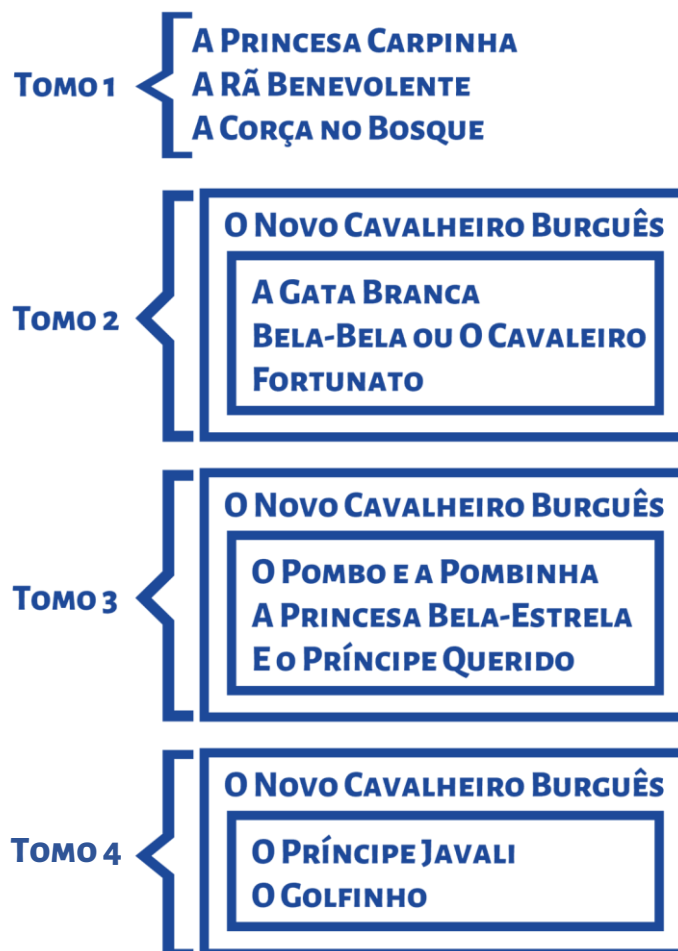
| <b>TOMO</b> | <b>CONTO</b>        | <b>RESUMO</b>   |
|-------------|---------------------|---|
| Tomo 1      | A Princesa Carpinha | O malvado príncipe Corcunda planeja dar um fim a seu meio-irmão recém-nascido e pede a um de seus homens que o mate na floresta. Piedoso, o algoz limita-se a abandoná-lo em um ninho de águia. O bebê é magicamente criado pela águia, resgatado por pastores e salvo do Centauro Azul pela Fada Amazona. Ele se apaixona pela princesa Carpinha, cuja história se assemelhava à dele. Juntos, os dois têm suas majestades restituídas, vingam-se de seus inimigos e se casam. |
|             | A Rã Benevolente    | Durante uma guerra, uma boa Rainha vê-se obrigada a fugir de seu reino e acaba nas mãos da malvada fada Leona. Grávida, ela dá à luz em cativeiro e é ajudada por uma rã feérica cujos poderes se concentram em um chapeuzinho de flores. A rainha é enfim resgatada por seu fiel marido, que com o auxílio da rã encontra o seu paradeiro nas profundezas da terra.  |
|             | A Corça no Bosque   | Ajudada por uma fada transformada em lagostim, a rainha dá à luz à princesa Desejada. Porém, por um lapso de memória, a rainha não convida a referida fada para o batizado de sua filha, que é amaldiçoada. Por quebrar a proibição de ver a luz do dia antes de completar quinze anos, Desejada é transformada em corça. Depois de sofrer inúmeros reveses, sua penitência é enfim desfeita pela força do amor. Ela se casa com o valente e virtuoso príncipe Guerreiro.       |
| Tomo 2      | A Gata Branca       | Um rei à beira da morte decide testar a paciência de seus três filhos propondo diferentes desafios a fim de escolher o seu sucessor. Com o intuito de conquistar a coroa, o mais novo acaba chegando ao castelo da Gata Branca. Lá, ele conhece os seus servos, todos gatos, e acaba descobrindo a história da transformação da rainha em gata. Depois de ajudá-la a recobrar sua   |

|        |  |   |
|--------|--|---|
|        |  | forma humana, casa-se com ela e torna-se rei.   |
|        | Bela-Bela ou O Cavaleiro Fortunato           | Disfarçada de guerreiro, Bela-Bela vai à guerra na tentativa de salvar o pai. Em forma de Cavaleiro Fortunato, ela se torna uma favorita do rei e apaixonada por ele. A rainha, porém, apaixonada pelo pretendente Cavaleiro, mas vê suas investidas amorosas fracassarem e, movida pelo ódio, promove uma série de provações contra Fortunato. Com o auxílio de boas fadas, Bela-Bela obtém êxito e casa-se com o rei.   |
| Tomo 3 | O Pombo e a Pombinha                         | Criada como pastora e sob a supervisão da Fada Soberana, a princesa Constância tem de enfrentar uma série de provações impostas pelo destino. Ela conhece Constâncio, um príncipe também disfarçado de pastor. Depois de passarem por várias metamorfoses, eles acabam transformados em pombo e pombinha e decidem assim permanecer até o fim da vida como forma de evitar as agruras humanas.  |
|        | A Princesa Bela-Estrela e o Príncipe Querido | A princesa Bela-Estrela e seus irmãos têm de vencer os inúmeros obstáculos impostos por sua avó, a mãe do rei, até reconquistarem seu posto. Ela tem de obter a água que dança, a maçã que canta e o pássaro verde que tudo diz. Depois de obter êxito em seus desafios e uma vez convencida de que o príncipe Querido não era seu irmão, Bela-Estrela casa-se com ele. Amparados por uma fada bondosa e auxiliares mágicos, a família da princesa consegue reaver seus direitos. |
| Tomo 4 | O Príncipe Javali                            | Nascido Javali por conta da maldição de uma fada hostil, o príncipe deve se casar com três mulheres para ter sua penitência revogada. Durante a terceira tentativa, sua esposa descobre a verdade: que um belo homem está escondido sob a pele de um suíno. Vencida a maldição, Javali, sua esposa e seus pais voltam a desfrutar de uma vida feliz.  |
|        | O Golfinho                                   | Alidor, um príncipe feioso rejeitado pelos pais, apaixonado pela jovem princesa   |

|  |  |   |
|--|--|---|
|  |  | <p>Livrette, que o despreza. Auxiliado por um golfinho feérico, Alidor torna-se capaz de transformar-se em canário. Utilizando-se de meios ilícitos, ele engravida Livrette, motivo que leva a princesa a ser expulsa da corte. Louco, Alidor é lançado ao mar com sua amada e seu filho recém-nascido. Sob as ordens de Livrette, o golfinho faz Alidor recobrar sua sanidade e concede-lhe beleza. Por fim, o casal consegue resolver as desavenças com seus pais e passam a desfrutar de uma vida feliz.</p> |
|--|--|---|

As narrativas feéricas presentes no primeiro tomo de *Novos Contos* encontram-se desemolduradas, avulsas, enquanto as demais estão emolduradas pela novela “O Novo Cavaleiro Burguês”, cujo mote dialoga diretamente com o da comédia *O Cavaleiro Burguês*, de Molière (1622-1673), que parodia os modos afetados dos burgueses em ascensão. O próprio título evoca, por si só, o aparente absurdo da situação vituperada por Molière, já que, à época, seria impossível a um burguês ostentar o título de cavaleiro, o mais baixo na escala de títulos nobiliárquicos, mas ainda assim um privilégio restrito aos “bem-nascidos”. Ademais, o conflito baseado em desigualdade hierárquica será um tópico comumente encontrado nos contos de fadas de Madame d’Aulnoy: em “Graciosa e Percinê”, por exemplo, até descobrir que Percinê não é um pajem e sim um príncipe fada, Graciosa rejeita suas declarações de amor com base nas diferenças nobiliárquicas presumidamente existentes entre eles.

Figura 30 – Enquadramento das narrativas de *Novos Contos ou A Moda das Fadas*



Fonte: Diagrama do autor.

É relevante destacar que as narrativas feéricas constantes em *Novos Contos* são consideravelmente mais extensas que as do primeiro compêndio. A nível de comparação<sup>27</sup>, os 15 contos de *Os Contos de Fadas* somam 390 páginas, uma média de 26 páginas por conto (sendo “Fortunata” o mais curto, com 13 páginas, e “O Príncipe Duende” o mais longo, com 42). Já as 9 histórias de *Novos Contos* somam 401 páginas, uma média de cerca de 44 páginas por conto (sendo “A Rã Benevolente” o mais curto, com 26 páginas, e “A Princesa Bela-Estrela e o Príncipe Querido” o mais longo, com 56 páginas). A narrativa-moldura de *Novos Contos* (“O Novo Cavalheiro Burguês”) é

<sup>27</sup> Quantificação simples baseada no número de páginas tamanho A4 com texto formatado em fonte Minion Pro de 12 polegadas e espaçamento de 1,5 centímetros entre linhas.



notadamente mais extensa que ambas as novelas que emolduram os *Contos de Fadas* (“Dom Gabriel Pôncio de Leão” e “Dom Fernando de Toledo”). Contudo, o espaço ocupado pelas novelas em termos de total de páginas é basicamente o mesmo em ambas as publicações.

A fim de concluir a presente seção, tendo por objetivo oferecer um breve mas revelador panorama referente à recepção oficial da vida e obra de Marie-Catherine d’Aulnoy no século XIX, apresenta-se, a seguir, uma seleção de entradas biográficas presentes em dicionários, enciclopédias e “histórias da literatura” em torno do verbete “Madame d’Aulnoy”:

Tabela 8 – Apreciações biográficas e críticas em torno do verbete “Madame d’Aulnoy”

| Apontamentos   | Referência                                 |
|--|--|
| “Madame d’Aulnoy é sobretudo conhecida por seus romances engenhosos e seus contos de fadas, que foram uma grande moda naquele tempo.”  | HÉCART, 1810, p. 181, tradução nossa.      |
| “Deixou memórias históricas pouco estimadas, contos muito conhecidos e romances.”  | LADVOCAT, 1822, p. 84, tradução nossa.     |
| “Escreveu romances imorais e hostis à religião, bem como <i>Memórias</i> repletas de erros dos mais grosseiros, sob a inspiração de Madame Des Losges <sup>28</sup> (sic), sua tia, protestante fanática.”   | MARCHAL, 1857, p. 436, tradução nossa.     |
| “Compôs diversas obras, sobretudo históricas, e um romance, <i>Hipólito, Conde de Douglas</i> . Do romance ao conto, Madame d’Aulnoy desfrutou de certo sucesso, o que serviu para resguardá-la de sua reputação um pouco aventureira. Junto dos contos de Perrault, lia-se com prazer os de Madame d’Aulnoy; alguns até conquistaram a mesma celebridade que os mais populares de Perrault: entre eles, ‘A Bela dos Cabelos de Ouro’, ‘O Pássaro Azul’, ‘Graciosa’, etc.” | LUNEL, 1858, p. 239, tradução nossa.       |
| “Compôs alguns romances e obras históricas que muito se assemelham aos seus romances, [livros] completamente esquecidos. Ela é mais conhecida pelas obras de pura imaginação. Seu romance <i>Hipólito Conde de Douglas</i> [...] é de uma leitura bastante agradável. Seus <i>Contos de Fadas</i> oferecem um misto de fineza e de ingenuidade que os tornam muito atrativos. Eles têm sido constantemente reimpressos.”   | LAROUSSE, 1867-90, p. 943, tradução nossa. |
| “Romancista, compôs um certo número de contos e romances escritos com um estilo leve e fácil; sua conduta esteve longe de ser edificante.”   | DANTÈS, 1875, p. 49, tradução nossa.       |

<sup>28</sup> Em seu prefácio à tradução inglesa dos contos de fadas de Madame d’Aulnoy, Anne Thackeray Ritchie (1892, p. xi) informa que Madame Desloges, tia de Marie-Catherine, viveu na corte de Luís XIII e se tornou uma figura muito conhecida e influente por sua capacidade de manter diálogos vívidos e inteligentes, atraindo um grande número de cortesãos influentes para junto de si.

|  |  |
|--|--|
| <p>“Escreveu alguns romances, dos quais o mais conhecido é intitulado <i>Hipólito, Conde de Douglas</i> (1690, 2 vol. in-12), e muitas obras pretensamente históricas que, malgrado seus títulos, têm mais de romance do que de História [...]. Essas obras obtiveram um certo sucesso à época; contudo, Madame d’Aulnoy só é conhecida atualmente por seus <i>Contos de Fadas</i> (Paris, 1698, 8 vol. in-12), que são constantemente reimpressos.”</p> | <p>VOREPIERRE, 1876, p. 329, tradução nossa.</p> |
| <p>“Ela é mais conhecida por seus <i>Contos de Fadas</i>, de numerosas reimpressões [...] Seus romances são, em geral, muito inferiores; a História é desfigurada por suas invenções, e todos os personagens se expressam com uma galanteria enfadonha. O menos medíocre é <i>Hipólito, Conde de Douglas</i> [...]”</p>  | <p>VAPEREAU, 1876, p. 169, tradução nossa.</p>   |
| <p>“Mulher do Conde d’Aulnoy, acusado do crime de lesa-majestade por três normandos, e que deveu sua vida a um dos acusadores que confessou a calúnia; [Madame d’Aulnoy] era também sobrinha de Madame Desloges, que teve grande reputação por sua inteligência sob [o reinado de] Luís XIII. Madame d’Aulnoy é autora de <i>Contos de Fadas</i>, da <i>História de Hipólito</i> e de memórias históricas; morreu em 1705.”</p>                          | <p>VORMUS, 1879, p. 307, tradução nossa.</p>     |
| <p>“Deixou <i>Memórias</i> e outras obras tanto históricas quanto romanescas, quase esquecidas atualmente. Sua reputação repousa sobretudo nos <i>Contos de Fadas</i>, escritos com ingenuidade e fineza, e sobre um romance, <i>Hipólito, Conde de Douglas</i>.”</p>  | <p>DEZOBRY, 1889, p. 185, tradução nossa.</p>    |
| <p>“Mulher das letras conhecida por seus <i>Contos de Fadas</i> e seu romance <i>Hipólito, Conde de Douglas</i>.”</p>  | <p>GUÉRIN, 1895, p. 678, tradução nossa.</p>     |

Dentre as publicações de Madame d’Aulnoy, vê-se que o consenso entre os dicionaristas e críticos literários gira em torno da proeminência das obras ditas de “pura imaginação”, ou seja, os contos de fadas e a *História de Hipólito*. As memórias históricas, vituperadas pelo suposto excesso de inventividade romanesca da autora, jazem no esquecimento (e com razão, de acordo com o teor das críticas). O polêmico episódio envolvendo a falsa imputação de crime de lesa-majestade contra François de la Motte, marido da autora, faz com que algumas notas biográficas não se desviem da emissão de juízos moralmente repreensores, mesmo que não haja provas do envolvimento direto de Marie-Catherine no caso.

#### 1.4. Madame d’Aulnoy no Brasil: pesquisas e edições

Há pouquíssimos registros de pesquisas acadêmicas dedicadas à obra de Marie-Catherine d’Aulnoy no Brasil. Até o momento de redação da presente tese (junho de 2022) tem-se notícia de cinco outros trabalhos: duas dissertações de mestrado e três trabalhos de conclusão de curso. Para se chegar a tal resultado, foram feitas buscas simples (apenas títulos) e avançadas (palavras-chave e resumos) pelos termos “Marie-Catherine”, “Madame d’Aulnoy”, “Aulnoy” e “d’Aulnoy” nos seguintes repositórios digitais: Biblioteca Digital de Teses e Dissertações da Universidade de São Paulo, Biblioteca Virtual da FAPESP, Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES, Plataforma Lattes CNPq e Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações. Em um segundo momento, a pesquisa pelos referidos termos se estendeu à busca genérica do Google e do Google Acadêmico. Dos cinco trabalhos encontrados (Tabela 9), apenas as duas dissertações de mestrado encontram-se disponíveis para acesso.

Tabela 9 – Pesquisas acadêmicas em torno da obra de Marie-Catherine d’Aulnoy concluídas no Brasil

| Ano  | Título  | Tipo  | Autor                            | Instituição                            |
|------|---|---|----------------------------------|--|
| 2020 | A metamorfose nos contos de fadas de Madame d’Aulnoy  | Dissertação de mestrado                         | Franceilton Alves Passos         | Universidade Federal da Paraíba        |
| 2020 | Tradução comentada de contos de fada: “Le Prince Marcassin” de Marie-Catherine le Jumel de Barneville (Madame d’Aulnoy) | Dissertação de mestrado                         | Ana Carolina de Freitas          | Universidade Federal de Santa Catarina |
| 2019 | As Preciosas: Marie-Catherine D’Aulnoy e a luta feminina na França de Luís XIV  | Trabalho de conclusão de curso (Especialização) | João Pedro da Silveira Guimarães | Universidade Católica de Petrópolis    |
| 2018 | Tradução do conto <i>L’oiseau bleu</i> : O maravilhoso  | Trabalho de conclusão de curso (Graduação)      | Jéssica Ribeiro Ferreira         | Universidade de Brasília               |
| 2017 | Graciosa e Percinet: a representação da figura feminina no conto de madame d’Aulnoy                                     | Trabalho de conclusão de curso (Graduação)      | Jéssica Furtunato da Cruz        | Universidade Federal da Paraíba        |

Fontes: Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações; Repositório Institucional da UFSC (via Google Buscas); Plataforma Lattes CNPq; Biblioteca Digital da Produção Intelectual Discente da UnB (via Google Acadêmico); e Plataforma Lattes CNPq, respectivamente.

A dissertação de mestrado de Franceilton Alves Passos (UFPB) analisa os processos metamórficos nos contos “A Gata Branca” e “O Ramo de Ouro”. Já a dissertação de mestrado de Ana Carolina de Freitas (UFSC) e o trabalho de conclusão de curso de Jéssica Ribeiro Ferreira (UnB) inscrevem-se na área de estudos da tradução e tratam especificamente de dois contos da autora, “O Príncipe Javali” e “O Pássaro Azul”, respectivamente. Por fim, os trabalhos de conclusão de curso de João Pedro da Silveira Guimarães (UCP) e Jéssica Furtunato da Cruz (UFPB) orbitam em torno dos feminismos implicados na biografia de Madame d’Aulnoy e em seu conto “Graciosa e Percinê”.

No tocante ao levantamento das edições impressas e digitais de contos de Madame d’Aulnoy disponíveis em português (Tabelas 10, 11 e 12), além do arquivo pessoal do autor, foram consultados os seguintes portais: Amazon, Google Livros, Estante Virtual, Biblioteca Nacional Digital, Biblioteca Nacional Digital de Portugal, Hemeroteca Digital e o Catálogo de Registros Bibliográficos. Em relação aos livros em formato exclusivo eBook Kindle (Tabela 12), todos eles são traduções integrais independentes, disponíveis para leitura nos dispositivos Amazon.

Tabela 10 – Contos de Madame d’Aulnoy publicados no Brasil (edições impressas)

| <b>Títulos</b>  | <b>Tipo</b> | <b>Tradutor/Adaptador</b> | <b>Livro/Coletânea</b> | <b>Editora</b>               | <b>Ano</b> |
|---|-------------|---------------------------|------------------------|------------------------------|------------|
| A Princesa dos Cabelos de Ouro e A Gatinha Branca   | Reconto     | Figueiredo Pimentel       | Histórias da Avozinha  | Garnier [1994]               | 1896       |
| O Anão Amarelo, A Princesa Fina e A Ave Azul  | Reconto     | Figueiredo Pimentel       | Histórias de Fadas     | Livraria de J. G. de Azevedo | 1898       |
| A Princesa Roseta   | Reconto     | —                         | O Tico-Tico            | O Malho S. A.                | 1905       |
| O Anão Amarelo  | Reconto     | —                         | O Tico-Tico            | O Malho S. A.                | 1919       |
| O Pássaro Azul, A Corça no Bosque, A Bela dos Cabelos de Ouro, A Princesa Graciosa e O Anão Amarelo | Reconto     | Osório Duque Estrada      | Histórias Maravilhosas | Escrituras [2013]            | 1921       |

|  |                   |  |   |                       |      |
|--|-------------------|--|---|-----------------------|------|
| O Anão Amarelo   | Reconto           | Lourenço Filho   | O Anão Amarelo (Coleção Biblioteca Infantil – n.º 24)       | Edições Melhoramentos | 1924 |
| A Veadinha Cor de Neve   | Reconto           | Arnaldo de Oliveira Barreto  | O Anão Amarelo (Coleção Biblioteca Infantil – n.º 25)       | Edições Melhoramentos | 1924 |
| A Gatinha Branca   | Reconto           | Arnaldo de Oliveira Barreto  | O Cavaleiro do Cisne (Coleção Biblioteca Infantil – n.º 28) | Edições Melhoramentos | 1927 |
| O Pássaro Azul e A Corça no Bosque   | Reconto           | —  | Enciclopédia da Fantasia – Vol. III <sup>29</sup>           | Martins Fontes        | 1962 |
| O Pássaro Azul   | Reconto           | Lélia Coelho Frota   | Contos Divertidos   | Agir                  | 1964 |
| A Corça no Bosque, O Pássaro Azul e A Serpente Verde                               | Reconto           | Aloysio Ferraz Pereira   | Contos de Fadas   | Edições Melhoramentos | 1965 |
| O Pássaro Azul   | Reconto           | Virgínia Lefèvre   | O Pássaro Azul e Outras Histórias Bonitas                   | Editora do Brasil     | 1973 |
| A Gatinha Branca   | Reconto           | Stella Leonardos   | A Gatinha Branca  | Itatiaia              | 1987 |
| A Bela dos Cabelos de Ouro   | Reconto           | —  | A Bela dos Cabelos de Ouro e Blondie e a sua Ilha           | Editing Mega Book     | 1990 |
| Graciosa e Percinet  | Tradução integral | Olívia Krähenbühl  | Contos de Perrault  | Círculo do Livro      | 1993 |
| A Bela dos Cabelos de Ouro e A Gata Branca   | Tradução integral | Renata Cordeiro  | A Bela e a Fera e outros contos de fadas                    | Princípio             | 2007 |
| O Pássaro Azul   | Reconto           | Heloísa Prieto   | O Livro dos Pássaros Mágicos                                | FTD                   | 2011 |
| O Anão Amarelo   | Reconto           | Tatiana Belinky  | O Anão Amarelo  | Melhoramentos         | 2013 |
| O Anão Amarelo, A Gata Branca, O Carneiro Maravilhoso e Felícia e o Vaso de Cravos | Reconto           | Andrew Lang (inglês) – Márcia Xavier de Brito, Beatriz Caldas, Hugo Langone e William Campos da Cruz (português) | O Fabuloso Livro Azul                                       | Concreta              | 2016 |
| A Princesa Flor-de-Maio, Princesa Rosette, O Ratinho Bom,                          | Reconto           | Andrew Lang (inglês) – Márcia Xavier de Brito, Evandro Ferreira e Silva, Hugo Langone, Marcela                   | O Fabuloso Livro Vermelho                                   | Concreta              | 2017 |

<sup>29</sup> Edição apresentada por Adriana Peliano, a quem deixo registrado o agradecimento.

|   |                   |  |   |                  |      |
|---|-------------------|--|---|------------------|------|
| Graciosa e Percinet e O Ramo de Ouro                    |                   | Saint Martin e William Campos da Cruz (português)  |   |                  |      |
| O Pássaro Azul  | Reconto           | Andrew Lang (inglês) – Marcela Saint Martin, Raul Martins Lima e Veríssimo Anagnostopoulos (português) | O Fabuloso Livro Verde  | Concreta         | 2018 |
| A Rainha dos Pavões e O Príncipe e a Gata <sup>30</sup> | Reconto           | Adaptação de Adson Vasconcelos; tradução de Maria Cimolino e Grazia Parodi                             | Coleção Conta Pra Mim   | Rideel           | 2018 |
| A Princesa Rosette e A Rã Bondosa <sup>31</sup>         | Tradução integral | Fábio Teixeira e Karla Lima  | Clássicos de Todos os Tempos  | Ciranda Cultural | 2019 |
| A Ilha da Felicidade e A Princesa Carpinha              | Tradução integral | Ana Carolina de Freitas e Mwewa Lumbwe   | Contos de Madame d’Aulnoy – l’Île de la Félicité e La Princesse Carpillon: Volume 1 | Edilivre         | 2019 |
| Bela-Bela ou O Cavaleiro Afortunado                     | Tradução integral | Cassia Leslie e Susana Ventura   | Na Companhia de Bela: contos de fadas por autoras dos séculos XVII e XVIII          | Florear Livros   | 2019 |
| O Cavaleiro Afortunado                                  | Reconto           | Susana Ventura   | Sete contos que nunca me contaram   | Biruta           | 2022 |

Tabela 11 – Contos de Madame d’Aulnoy publicados no Brasil (livros e periódicos digitais)

| <b>Títulos</b>            | <b>Tipo</b>       | <b>Tradutor/Adaptador</b>                     | <b>Livro/Periódico</b>  | <b>Editores</b>                        | <b>Ano</b> |
|---------------------------|-------------------|---|---|--|------------|
| Finette Cendron e Fortunê | Tradução integral | Aída Carla da Cunha e Ana Carolina de Freitas | Antologia de contos de fadas franceses de autoria feminina do século XVII | Universidade Federal de Santa Catarina | 2019       |
| História de Mira          | Tradução integral | Paulo César Ribeiro Filho                     | Synergies Portugal (nº 8)   | GERFLINT                               | 2020       |

Tabela 12 – Contos de Madame d’Aulnoy publicados no Brasil (eBook Kindle)

| <b>Títulos</b>   | <b>Tradutor</b>                                      | <b>Ano</b> |
|--|--|------------|
| O Pássaro Azul   | Paulo César Ribeiro Filho                            | 2020       |
| Contos de Madame d’Aulnoy – O Príncipe Duende, A Princesa da Primavera e A Laranjeira a abelha: Volume 2 | Ana Carolina de Freitas, Brenda Thomé e Mwewa Lumbwe | 2020       |

<sup>30</sup> Contos erroneamente atribuídos a Charles Perrault.

<sup>31</sup> Contos erroneamente atribuídos a Charles Perrault.

|   |   |      |
|---|---|------|
| Contos de Madame d'Aulnoy: Babióle e A Corça no bosque – Volume 3   | Ana Carolina de Freitas e Cristina Moura                              | 2020 |
| Contos de Madame d'Aulnoy: A Boa Ratinha, O Nanico Amarelo – Volume 4   | Ana Carolina de Freitas   | 2020 |
| Contos de Madame d'Aulnoy – A Bela dos cabelos de ouro, Serpentino Verde, O Golfinho: Volume 5  | Ana Carolina de Freitas, Brenda Thomé e Mwewa Lumbwe                  | 2020 |
| Contos de Madame d'Aulnoy – Graciosa e Percineu, A Princesa Roseta, O Ramo de Ouro, O Pássaro Azul: Volume 6  | Ana Carolina de Freitas e Heloá Barroso Cintra                        | 2020 |
| Contos de Madame d'Aulnoy – A Gatona Branca, O novo fidalgo burguês: Volume 7   | Ana Carolina de Freitas e Heloá Barroso Cintra                        | 2020 |
| A Ilha da Felicidade  | Paulo César Ribeiro Filho   | 2021 |
| Contos de Madame d'Aulnoy: O Carneiro, O Nobre burguês, Dom Fernando de Toledo – Contos espanhóis, A continuação de Dom Fernando de Toledo, A continuação de Dom Fernando de Toledo – Parte final | Ana Carolina de Freitas e Gloria Elizabeth Riveros Fuentes Strapasson | 2021 |
| Contos de Madame d'Aulnoy – A generosa rã: Volume 9   | Ana Carolina de Freitas, Brenda Thomé, Cristina Moura e Mwewa Lumbwe  | 2022 |

Algumas constatações a respeito das edições dos contos de fadas de Madame d'Aulnoy no Brasil (até junho de 2022):

a. Ainda não há uma “edição autoral” dos dois livros de contos de fadas de Madame d'Aulnoy em português brasileiro;

b. Os contos disponíveis encontram-se distribuídos em miscelâneas ou publicados em separatas;

c. Por vezes, os contos encontram-se atribuídos a outros autores (sobretudo a Perrault) ou sem indicação de autoria, ocorrências comuns no universo editorial dos contos de fadas;

d. O número de recontos é consideravelmente superior ao de traduções integrais;

e. A maioria das obras impressas que contêm contos de Madame d'Aulnoy encontra-se atualmente indisponível, fora de catálogo;

f. Três contos permanecem sem publicação traduzida: “A Princesa Carpinha”, “O Pombo e a Pombinha” e “A Princesa Bela-Estrela e o Príncipe Querido”;

g. Apesar do considerável número de contos disponíveis em formato eBook Kindle, a leitura desses títulos está restrita àqueles que possuem dispositivos Amazon ou *e-readers* compatíveis instalados em dispositivos eletrônicos.

Finalizados os apontamentos biográficos, o panorama bibliográfico e as notícias acerca do “estado da arte” em termos de pesquisas e edições brasileiras dos contos de fadas de Madame d’Aulnoy, parte-se para a contextualização de suas obras nas conjunturas histórica, social e cultural da França do século XVII.



## CAPÍTULO 2

O século XVII, outros mundos e as ficções sobre a terra das fadas de Madame d’Aulnoy:  
imaginário cósmico e fantasia feérica

O presente capítulo foi arquitetado com o objetivo de refletir acerca de dois importantes tópicos relacionados ao contexto histórico em que os contos de fadas literários de Madame d’Aulnoy se inserem. O primeiro diz respeito ao potencial criativo de natureza fantasista creditado ao vultoso redimensionamento das fronteiras do imaginário cósmico oportunizado pelos avanços científicos da astronomia no século XVII. O segundo, a preponderância da Querela dos Antigos e Modernos para o advento de novos gêneros literários e para o avolumamento do público leitor desses novos gêneros.

“A *fantasia* desafia a *lógica*”. A asserção de Nelly Novaes Coelho (1991, p. 65, itálicos da autora) a respeito da literatura francesa dos anos finais do século XVII descreve concisamente o dissensuoso *momentum* artístico-científico que marca o referido *fin de siècle* e evoca uma questão de natureza ontológica. Em *A Crise da Consciência Europeia (1680-1715)*, Paul Hazard (1948, p. 9-10) atesta que nas últimas duas décadas do século XVII europeu, a ciência se torna “um poder capaz de dominar a natureza” que contrasta com os “valores imaginativos e sensíveis” que a ela resistem; nas palavras do autor, “ao lado do trabalho da inteligência pura, [encontra-se] a vida persistente das cores e das formas e as contradições do coração.” A nível de contextualização básica, pode-se referenciar ao menos doze publicações europeias de indiscutível impacto na mundividência das mulheres e homens seiscentistas: (1) *A Cidade do Sol*, de Tommaso Campanella (1568-1639), publicada em 1602; (2) a *Astronomia Nova*, de Johannes Kepler (1571-1630), publicada em 1609; (3) *O Mensageiro das Estrelas (Sidereus Nuncius)*, de Galileu Galilei (1564-1642), publicado em 1610; (4) o *Novum Organum*, de Francis Bacon (1561-1626), publicado em 1620; (5) os *Estudos Anatômicos dos Movimentos do Coração e do Sangue nos Animais*, de William Harvey (1578-1657), publicados em 1628; (6) o *Discurso sobre o Método*, de René Descartes (1596-1650), publicado em 1637; (7) o

*Leviatã*, de Thomas Hobbes (1588-1679), publicado em 1651; (8) a *Ética*, de Baruch Espinosa (1632-1677), publicada postumamente, em 1677; (9) o *Catálogo das Estrelas* (*Catalogus Stellarum*), de Edmond Halley (1656-1742), publicado em 1679; (10) as *Meditações sobre Conhecimento, Verdade e Ideias*, de Gottfried Wilhelm von Leibniz (1646-1716), publicadas na década de 1680; (11) os *Princípios* (*Philosophiæ Naturalis Principia Mathematica*) de Isaac Newton (1652-1727), publicados em 1687; e (12) o *Ensaio acerca do Entendimento Humano*, de John Locke (1632-1704), publicado em 1689. As descobertas científicas e os pressupostos filosóficos que precedem, embasam e justificam a publicação e o prolongado impacto desse seleto rol de títulos seiscentistas demonstram a dimensão do *desafio* a que Nelly Novaes Coelho se refere.

Eis um panorama conceitual sumaríssimo acerca das principais ideias veiculadas pelos autores supracitados durante o efervescente século XVII: em Campanella encontra-se a proposição utópica de uma sociedade perfeita governada por um príncipe-Sol que reúne em si a autoridade civil e religiosa. Kepler regimenta as leis básicas da mecânica celeste de modelo heliocêntrico e descreve os principais movimentos dos astros. Galileu Galilei, julgado e condenado pela Inquisição, aprimorou o telescópio, estudou os princípios da relatividade e descreveu a superfície da lua, as manchas solares e os anéis de Saturno. Francis Bacon, empirista e um dos pilares da chamada Revolução Científica, concebeu o método experimental que definiu os rumos da ciência moderna. Ao pormenorizar as funções cardiológicas e os movimentos de circulação do sangue, William Harvey estabeleceu “as bases da nossa visão científica moderna do coração” (DEJEAN, 2005, p. 157), complexificando os imaginários do amor e da sensibilidade (*sensibilité*), temas cruciais para a incipiente arte literária do romance<sup>1</sup>. Descartes arregimentou o sistema de pensamento que está na base primária da Filosofia Moderna (“Penso, logo existo”). Hobbes propôs a necessidade de rendição das mulheres e homens livres a uma autoridade centralizadora em nome da manutenção da paz e concebeu a ideia de

---

<sup>1</sup> Em um diálogo entre a Rainha do Bosque e Fortunata, no conto que leva o nome desta segunda, a princesa afirma: “[...] ouvi dizer que sem o coração não se pode viver, que se ele for ferido, pode levar-nos à morte.” (Ap. E, p. 533).

“contrato social”. Espinosa critica o imaginário supersticioso e arrazoa que esse elemento “possibilita a mobilização de teses conspiratórias e de negacionismo científico”<sup>2</sup>. Edmond Halley manteve estreita correspondência com Isaac Newton e diagramou o trânsito dos cometas. Leibniz lançou as bases para o futuro desenvolvimento dos sistemas computacionais ao refinar a lógica dos números binários; ademais, também esteve em constante diálogo (nem sempre pacífico) com Isaac Newton, um dos físicos mais influentes da história da ciência, cujas leis do movimento e da gravitação universal só vieram a ser definitivamente refinadas no século XX. Por fim, John Locke é tradicionalmente creditado como empirista crítico à metafísica e pai do liberalismo moderno.

Joan DeJean (2005, p. 12) atesta que a “agitação” que caracterizou o século XVII gerou inúmeras novas ideias e oportunizou fenômenos “que ainda ressoam significativamente em nossa vida intelectual atual”. Ainda que as ponderações do presente capítulo tenham como objetivo primordial localizar, descrever e criticar o lugar ocupado pelo conto de fadas literário de Madame d’Aulnoy em um determinado microssistema (o da cena literária francesa do século XVII), essa contextualização prévia da situação macrossistêmica mostra-se oportuna para o alargamento das possibilidades de compreensão da mentalidade findesecular francesa. Diante do exposto, pergunta-se: como acomodar um fenômeno artístico aparentemente tão extemporâneo como a moda dos contos de fadas literários em meio aos complexos processos de redesignação epistemológica em cujos meandros as mulheres e homens modernos se veem inseridos? É justamente a partir do atrito entre vetores científicos e artísticos que se conflagra uma centelha potencialmente criativa (e de latência fantasista): o imaginário cósmico.

“O que nos faz seres intelectuais nasce na imaginação”, declara Maria Zilda da Cunha (2009, p. 36). A cada nova descoberta que agiganta os horizontes do universo e apequena seu lugar no mundo, a humanidade é convidada a voltar-se ao maravilhoso,

---

<sup>2</sup> “Por que o pensamento de Espinosa é tão atual?” In: *Portal de Notícias da Universidade Federal de Juiz de Fora*. Postado em 23 de julho de 2021. Disponível em: <https://tinyurl.com/espinosal>. Acesso em 5 de julho de 2022.

“em cuja esfera ele tenta reencontrar o sentido último da vida” e procurar respostas a questionamentos existenciais (COELHO, 2012, p. 22-23). Cunha (2009, p. 37) convida seu leitor a complexificar tais reflexões ao propor que “os processos imaginativos desempenham um papel essencial no desenvolvimento da espécie humana, pois é por intermédio deles que o ser humano cria ideias e propostas novas a partir da reelaboração de fatos e impressões vividas.” Tal é a ideia basilar que alimenta os arcaibouços temáticos de gêneros literários avizinbados à ficção científica e incita reflexões místicas e metafísicas no campo da filosofia. Na medida em que o “poder ser” — a especulação que se insere nos domínios da chamada potência do ser e do não ser (AGAMBEN, 1993) — está intimamente relacionada tanto à formulação de hipóteses científicas quanto à elaboração de enredos ficcionais, é possível complexificar o tipo de elo existente entre a fantasia e a lógica. Nesse sentido, em dissenso com a dicotomia clássica que aloca essas duas noções em polos absolutamente opostos, propõe-se, em primeira instância, que fantasia e lógica prosperam no bojo de uma razão em comum, o das potências hipotéticas, além de estarem igualmente relacionadas ao processo de formação e estabelecimento da ciência moderna. Entende-se, portanto, que a fantasia engendra a abdução como forma de raciocínio na medida em que não refuta as “premissas maiores” (as premissas da ciência) ao passo em que se mantém logicamente necessária e provável. Como se verá mais adiante, Bernard de Fontenelle (2013, p. 45) retifica o apaziguamento da relação entre fantasia e lógica ao afirmar que não imaginava “nada que fosse totalmente impossível e quimérico” no âmbito de seu tratado sobre a existência de vida em outros mundos. Propõe-se, enfim, em vez de uma leitura completamente dicotômica, uma abordagem que considere os *limiares interpenetrativos* existentes entre as noções de fantasia e lógica.

Em Coelho (1991, p. 12-13) encontra-se a classificação do conto de fadas como um gênero literário cujo eixo gerador seria uma “problemática existencial”. No conto “O Selvagem”, de Henriette-Julie de Castelnau, Condessa de Murat, publicado em 1699 na sua coletânea *Histórias Sublimes e Alegóricas*, a princesa Constantina é apresentada como uma mulher cujas inclinações “eram todas grandes e nobres, ela montava perfeitamente a cavalo, atirava com o arco, manejava espadas com uma habilidade maravilhosa e amava

as ciências” (MURAT, 1699, p. 254, tradução nossa). Em um dado momento do mesmo conto, as fadas apresentam a ela um gabinete mágico onde se encontram os mistérios das estrelas, dos planetas e do horóscopo, cuja interpretação é de caráter divinatório no tocante ao destino do mundo e da França. Partindo dos rudimentos de tais constatações e do exemplo literário, retoma-se, inicialmente, dois dos doze epítomes da ciência moderna anteriormente mencionados: Galileu Galilei e Johannes Kepler.

Em *O Mensageiro das Estrelas*, de 1610, o astrônomo florentino expressa todo o entusiasmo que provém de suas observações do espaço em discursos grandiloquentes capazes de impressionar (e de emocionar) interlocutores interessados na História da Astronomia:

Assim, creio que não é um mau resultado ter posto fim às disputas referentes à Galáxia, ou antes Via Láctea, descobrindo aos sentidos e ainda mais ao intelecto a sua essência. Além disto, belíssimo e agradável será demonstrar claramente que a natureza daquelas estrelas que até o presente os astrônomos têm denominado nebulosas é bem diferente do que até agora se acreditou. (GALILEI, 2009, p. 32)

Figura 31 – A superfície da Lua



Fonte: GALILEI, 2009, p. 37. “Certamente ninguém nunca as observou [as manchas] antes de nós, pelo que, após cuidadosas e repetidas inspeções, deduzimos a opinião, que temos por firme, de que a superfície da Lua e dos demais corpos celestes não é, de fato, lisa, uniforme e de esfericidade exatíssima como tem ensinado uma numerosa corte de filósofos, mas que, ao contrário, é desigual, rugosa e cheia de cavidades e proeminências, não diferente da própria face da Terra, que apresenta, aqui e ali, as cristas das montanhas e os abismos dos vales.” (idem, p. 36).

Galileu foi lido, referenciado e reverenciado por Johannes Kepler em todos os seus tratados. Contudo, para além da potestade de suas leis dos movimentos planetários, que

constam como conteúdo obrigatório em todos os currículos de ciências do ensino básico, Kepler compôs um tratado específico sobre a astronomia lunar, intitulado *Somnium*, publicado postumamente, em 1634. Prados Ribeiro (2018, p. 1) declara que “o formato do texto permite classificá-lo também como um precursor da ficção científica moderna”: redigida nos anos finais do século XVI e reformulada no XVII, a narrativa onírica de Kepler é apontada como a pioneira sobre a temática da viagem cósmica, modelar para produções literárias subsequentes.

O texto é narrado em primeira pessoa por Duracotus, filho de Fiolxhilda. Islandês, o personagem aproveita-se das peculiaridades naturais de sua pátria para descrever fenômenos locais como o Sol da meia-noite e a topografia singular da ilha. Com medo da interpretação que “maliciosos usurpadores” pudessem fazer do sonho de seu filho, Fiolxhilda o proíbe de redigi-lo, dado que “muitos homens certamente haviam sido condenados” por declarações semelhantes. Kepler faz clara menção aos arroubos da Inquisição, instituição que condenara Copérnico e Galileu, seus antecessores, e julgara sua própria mãe, Katharina Kepler, em um processo de acusação por prática de bruxaria; oito das quinze mulheres acusadas por um único homem foram executadas na ocasião. Defendida por Johannes, Katharina foi inocentada, não sem antes ter permanecido presa por catorze meses<sup>3</sup>. Coincidência ou não, em *Somnium*, a mãe de Duracotus era perita no manejo de ervas e astuta observadora dos astros. Ademais, em sua viagem astral, em espírito, o jovem islandês encontra-se com diversos *daemons*, divindades que habitam outros mundos.

Quando eu cheguei a esta parte do meu sonho, o vento aumentou e se fez acompanhar de uma estrondante chuva, perturbando meu sono e encerrando um dos últimos livros que eu havia trazido de Frankfurt. Quando o Daemon, o falante Duracotus, o filho com sua mãe Fiolxhilda e os ouvintes tinham sido deixados para trás, voltei a meus sentidos, e da mesma forma que eles tinham estado com a cabeça coberta, descobri que minha cabeça estava em uma almofada e meu corpo estava embrulhado em um cobertor. (KEPLER, 2018, p. 11).

---

<sup>3</sup> As minúcias do caso foram devidamente estudadas e publicadas por James A. Connor em *A bruxa de Kepler: A descoberta da ordem cósmica por um astrônomo em meio a guerras religiosas, intrigas políticas e o julgamento por heresia de sua mãe* (São Paulo: Rocco, 2005).

Ao narrativizar um tratado astronômico e ambientá-lo no domínio dos sonhos, Kepler se resguarda dos perigos “reais” a que a mãe de Duracotus se refere ficcionalmente. Note-se que esse mesmo mecanismo foi empregado pelo espanhol Francisco de Quevedo (1580-1645) em sua sátira homônima (*Os Sonhos*) e pelo autor anônimo das *Obras do Diabinho da Mão Furada*, novela portuguesa do século XVII em que a visão do inferno e de seus condenados é descrita enquanto um sonho do narrador. Retomando o que foi anteriormente proposto em torno dos limiares existentes entre a fantasia e a lógica, faz-se pertinente retomar as contribuições de Vincent Colapietro (1989) e sua abordagem peirceana da noção de *sonho*. As imagens que “trazem à mente aquilo que pode ser” — fenômeno capturado pela acepção propriamente dita do termo “fantasia” — encontram-se no domínio das atividades de raciocínio que definem o humano. Em Peirce, tem-se que

Foi através da ação do desenvolvimento (i.e., da evolução) que o homem foi dotado de uma inteligência de tal natureza que ele pode, por meio de experiências ideais, verificar que, num certo universo de possibilidade lógica, certas combinações ocorrem enquanto outras não ocorrem. daquelas que ocorrem no mundo ideal, algumas ocorrem e outras não também no mundo real; mas todas que ocorrem no mundo real também ocorrem no ideal. Pois o mundo real é o mundo da experiência sensível, e é parte do processo da experiência sensível estabelecer os seus fatos no mundo das ideias. Isso é o que quero dizer ao afirmar que o mundo sensível não passa de um fragmento do mundo ideal (CP 3.527)<sup>4</sup>.

No âmbito de tais considerações, partindo do pressuposto de que “os voos da imaginação são necessários não apenas para explicar fenômenos, mas também para manter a sanidade” (COLAPIETRO, 1989, p. 29), pode-se melhor compreender, em última instância, o que Peirce advoga ao evidenciar que “cada pessoa sã vive num mundo duplo, o mundo exterior e o interior, o mundo das percepções e o mundo das fantasias” (5.487). Vê-se, portanto, a pertinência de uma leitura que não endosse a polarização ou a leitura dicotômica entre lógica e fantasia; reconhece-se a potência do sim e do não, do

---

<sup>4</sup> Segue-se aqui a tradição firmada pela cultura inglesa sobre as citações da obra peirceana. Essas são codificadas por volume e parágrafo referentes à edição da Harvard University Press (1931-58). A primeira cifra refere-se ao volume e a segunda ao parágrafo. Tradução de Vincent Colapietro (1º período) e nossa (2º período em diante).

poder ser, como o mecanismo fundamental que garante o funcionamento da função heurística dos ditos “voos imaginativos” em que se baseiam tanto a ciência quanto a especulação ficcional.

Resguardadas as devidas proporções, Galileu Galilei e Johannes Kepler, os dois maiores expoentes da astronomia seiscentista, empreenderam, em seu tempo, trabalhos de observação, pesquisa e descrição do cosmos semelhantes aos que são hoje fornecidos pela Administração Nacional da Aeronáutica e Espaço (NASA), agência espacial estadunidense. A nível de comparação, em meados de 2022, o referido órgão veiculou fotografias inéditas em alta definição capturadas pelo telescópio James Webb. As imagens apresentam paisagens espaciais nunca antes vistas pela humanidade e foram exaustivamente reproduzidas em todos os veículos de comunicação. A repercussão de tais descobertas no âmbito das artes foi imediata e centenas de pinturas, montagens e poemas começaram a circular nas redes sociais em referência aos impressionantes registros fotográficos. Dito isso, é possível estabelecer um paralelo, ainda que rudimentar, em termos de impacto, entre o maravilhamento que a expansão dos conhecimentos a respeito do universo e das ciências são capazes de suscitar no imaginário humano e a repercussão artística inspirada por esse maravilhamento. As obras canônicas de Mary Shelley (1797-1851) e Jules Verne (1828-1905) exemplificam tal relação de causa e efeito.

Ambientação onírica e viagens exploratórias a outros mundos compõem recursos caros aos gêneros literários fantasistas, e, portanto, aos contos de fadas. A partir dessas considerações prévias em torno das descobertas científicas e suas transfigurações em motivos literários, introduz-se, enfim, a cena literária francesa de 1600 a partir de dois títulos-chave: a *Viagem à Lua (O Outro Mundo ou Os Estados e Impérios da Lua)*, de Cyrano de Bergerac (1619-1655), publicada em 1657, dois anos após o falecimento do autor, e *Diálogos sobre a Pluralidade dos Mundos*, de Bernard de Fontenelle (1657-1757), publicado pela primeira vez em 1686.

Nome celebrizado pela peça teatral de Edmond Rostand (1868-1918), Hector Savinien de Cyrano de Bergerac serviu o exército francês como soldado e espadachim, aposentando-se de tais funções em meados de 1640, quando deu início à sua carreira



literária. A *Viagem à Lua* é considerada um dos livros precursores da ficção científica (BRANDÃO, 2007), tal como *O Sonho* de Kepler, a quem Bergerac faz referência. A obra foi publicada postumamente, em 1657, e ainda assim em uma versão censurada pela Inquisição. Os reparos editoriais que compõem a versão original da *Viagem à Lua* foram feitos a partir de manuscritos preservados em Paris.

A teoria heliocêntrica e as recentes descobertas que alteravam a aparente ordem dos mundos são exaustivamente anunciadas pelo narrador-personagem de Bergerac, que, desafiando dogmas da Igreja, é acusado de heresia e bruxaria. Isso porque a existência de outros mundos e a suposição da existência de outros seres dotados de razão ameaçam a crença na centralidade do homem como criação mais perfeita de Deus e retiram a Terra e seus habitantes do centro do universo. Bergerac ainda inverte a posição planeta-satélite e sugere a ideia de que os selenitas (habitantes da lua) veem a Terra pela mesma perspectiva que os homens veem a lua: “[...] creio, sem me deter nas imaginações desabridas com que estimulai o tempo para fazê-lo avançar mais depressa, que a Lua é um mundo como este, ao qual o nosso serve de lua” (BERGERAC, 2007, p. 17). Declarações dessa natureza fazem seus incrédulos interlocutores gargalharem, e é em vão que o personagem tenta fazer valer as descobertas de “Copérnico e Kepler”, cientistas “de sua época” (BERGERAC, 2007, p. 18). Como de costume, Cyrano satiriza figuras da França seiscentista e, a partir da comparação dos terráqueos com os selenitas, vitupera os vícios e deformidades morais e intelectuais dos primeiros, em claro aceno à lógica da superioridade da ciência moderna frente à dos antigos.

Quanto a Bernard de Fontenelle<sup>5</sup> (conhecido como “O Ancião” por sua longevidade quase centenária, excepcional para a época), além de figura central na

---

<sup>5</sup> Nascido em 1657, Bernard le Bovier de Fontenelle, além de autor de tragédias e libretos operísticos, também transitou com sucesso na filosofia e na divulgação científica. Foi grande apoiador de Descartes em sua missão de popularizar o acesso às descobertas da ciência seiscentista. Tendo falecido apenas em 1757, a figura emblemática de Fontenelle é considerada um dos mais significativos elos entre as letras dos séculos XVII e XVIII, garantindo uma relação progressista de coesão sociocultural entre a geração de Descartes, Perrault, Racine, La Fontaine, Corneille, Madame d’Aulnoy e Boileau e a de Voltaire, Jean d’Alembert e Denis Diderot. Bernard de Fontenelle é um desses grandes nomes da História cuja vida e obra precisam ser mais conhecidas pelo grande público.

Querela dos Antigos e Modernos, foi um entusiasta da astronomia e também fez importantes digressões sobre a possibilidade de existência de vida em outros corpos celestes. Seus *Diálogos* expressaram a efervescente mentalidade das mulheres e homens seiscentistas diante da descoberta do cosmos, conjugando literariamente a empolgação com os métodos experimentais da nova ciência à potência da imaginação fantasista. A referida obra recebeu inúmeras reedições entre os séculos XVII e XVIII. Luiz Roberto Monzani (2013) ressalta a centralidade de Bernard de Fontenelle na constituição da razão iluminista por ser um dos primeiros autores de seu tempo a propor um projeto literário e didático de difusão do conhecimento científico. Os *Diálogos* são travados entre um literato e uma marquesa completamente alheia às novidades das ciências modernas. O heliocentrismo, as leis de Kepler, os movimentos dos astros e a gravidade são alguns dos inúmeros temas abordados, todos exemplificados com simplicidade. A translação e a rotação, por exemplo, são comparadas ao movimento de uma bola que, ao deslocar-se de um ponto a outro, realiza rotações em seu próprio eixo.

A operação realizada por Fontenelle é clara: ele quebra com a ideia unitária e monolítica de ciência onde só habitaria a certeza indubitável. Não há saber, há saberes. Não há Ciência, há ciências, que não só tratam de diferentes objetos como também fornecem gradações contínuas no tipo de convicção que podemos fornecer. (MONZANI, 2013, p. 31).

Bernard de Fontenelle declara que “não há nada que deva nos interessar mais do que saber como é feito o mundo que habitamos” (2013, p. 35), salientando a centralidade das ciências — sobretudo das ciências astronômicas — dentre os interesses das mulheres e homens modernos. Fontenelle refletiu sobre sua proposta de divulgação científica no prefácio aos *Diálogos*:

Introduzi nestes diálogos uma mulher que está sendo instruída, sem nunca ter ouvido falar de tais coisas. Julguei que essa invenção me serviria para tornar a obra mais agradável e, ao mesmo tempo, para encorajar as senhoras com o exemplo de uma mulher que, nunca ultrapassando os limites de uma pessoa sem qualquer tintura científica, nem por isso deixa de ouvir o que lhe é dito e de organizar na mente, sem confusão, os turbilhões e os mundos. (FONTENELLE, 2013, p. 35).

Enquanto defensor ferrenho dos Modernos na Querela dos Antigos e Modernos, Fontenelle deixa claro seu projeto de disseminação de saberes científicos às massas, o que inclui, como se vê, as mulheres, até então relegadas ao ensino conventual, crítico (se não avesso) às proposições da nova astronomia de Galileu e Kepler. Em tom combativo, Fontenelle atesta que, “pelos observações dos últimos séculos”, está fora de dúvidas que os planetas giram em torno do Sol, e não da Terra, e que “o antigo sistema é absolutamente insustentável” (FONTENELLE, 2013, p. 54). O autor ainda declara que Copérnico destruiu e despedaçou os saberes veiculados pela Antiguidade, “pegou a Terra e a enviou para bem longe do centro do universo”, fazendo com que de “toda aquela equipagem celeste” que orbitava ao seu redor restasse apenas a Lua; de sua parte, o autor mostra-se grato ao astrônomo alemão por ter “abatido a vaidade dos homens, que haviam se colocado no lugar mais bonito do universo” (FONTENELLE, 2013, p. 55-57).

Para além das críticas aos antigos e os louvores aos modernos, Fontenelle também faz sua proposta de descrição dos selenitas e dos possíveis habitantes dos outros planetas<sup>6</sup>, sem a intenção de imaginar “nada que fosse totalmente impossível e quimérico”:

Meti na cabeça que cada estrela poderia ser um mundo. No entanto, não juro que seja verdade; mas tenho-o na conta de verdade, porque assim me apraz acreditar. É uma ideia que me agrada, e que se introduziu em meu espírito de uma maneira divertida. (FONTENELLE, 2013, p. 45).

A declaração de Fontenelle encontra-se em consonância com um dos principais pilares da poética moderna, que apregoa que “a verossimilhança é tudo e, ainda, porque a própria verdade nem sempre é verossímil” (COSTA, 2009, p. 22). O discurso verossímil é tão importante quanto o discurso “verdadeiro”, constatação também assinalada por Madame d’Aulnoy no prefácio de seus *Relatos da Viagem pela Espanha* (1691): “Não é o

---

<sup>6</sup> Em Espinosa, autor seiscentista mencionado entre as doze obras que abrem o presente capítulo, há a seguinte declaração: “Conta-se, além disso, que um camponês imaginava não existir pastagem para além de suas terras e que, ao fugir uma vaca, foi atrás para tentar encontrá-la; ficou estupefato ao ver que para além de suas terras havia muitas outras terras com vastas extensões. Isso serve também para os filósofos que imaginam não existir outros mundos, além do próprio quarto ou cantinho do globo terrestre onde habitam, pois jamais contemplaram outros. Mas aquele que leva consigo conclusões verdadeiras, nunca se espantará.” (ESPINOSA, 2021, p. 49).

bastante escrever coisas verdadeiras, mas também fazer com que elas sejam verossímeis, para que sejam críveis” (Ap. B, p. 213). Em suma, “o critério da veracidade cede lugar à noção de verossimilhança” (COSTA, 2009, p. 23), pressuposto básico em que se baseiam as criações especulativas de Kepler e Fontenelle; suas projeções da sociedade selenita fundamentam-se dentro dos limites do possível. Em suas considerações sobre o *Somnium* de Kepler, Prados Ribeiro (2018, p. 2) constata que “o autor demonstra uma maior preocupação com o ideário científico, buscando compatibilizá-lo com a história a ser contada”. Marc Fumaroli (2008, p. 225, tradução nossa) informa que, na concepção dos modernos, “o maravilhoso só pode subsistir para as mentes ilustradas e modernas a título de jogo ficcional”. Em torno dessa subsistência do maravilhoso, tem-se, em Madame d’Aulnoy, que a justificativa do prodígio é “baseada em critérios referenciais concretos que atualizam o maravilhoso e o ancoram em uma racionalidade pitoresca” (ROUSSEAU, 2013, p. 234-235, tradução nossa), mecanismo efabulatório em consonância com a poética moderna mencionada por Fumaroli.

A partir desse ponto é que se estabelece um oportuno elo com uma das características mais distintas dos contos de fadas de Madame d’Aulnoy: os rudimentos da noção contemporânea de mundo “primário” e mundo “secundário”. Ressalta-se, a priori, que a relação entre esses dois mundos — isto é, nos domínios da teoria literária — não deve ser aqui entendida como dicotômica, o que estaria em contrassenso direto com as tratativas de apaziguamento filosófico e ontológico propostas no início do capítulo. Nesse sentido, advoga-se, em concordância com Peirce, que o *humano* habita ambos os mundos, transitando entre os limiares da potência do “poder ser” em que se baseia tanto a lógica cartesiana (que pode ser entendida como um dos pilares que sustentam a criação e organização do chamado “mundo primário”) quanto a fantasia (que ajuda a definir as virtualidades do dito “mundo secundário”).

Sabe-se que a literatura de fantasia contemporânea carrega consigo filamentos narrativos provenientes do antigo e longo tecido temático dos mitos, dos contos de fadas *lato sensu* e demais contos maravilhosos; personagens e motes advindos dessa profícua tradição literária têm sido comumente refigurados e reaproveitados nas mais

diversas produções artísticas da atualidade, ocupando os mais variados suportes de mídia. Diferentemente do que se encontra nos contos de fadas *lato sensu*, as fadas e seres mágicos dos contos de Madame d’Aulnoy não interagem apenas pontualmente nos enredos em que atuam, surgindo e desaparecendo sem que haja informações sobre o lugar de onde vieram e para onde voltam ao concluírem sua função. O elemento maravilhoso advém de outros mundos (às vezes localizados no interior do mundo dos homens, mas isolados dele), de uma outra sociedade regida pela lógica da magia. Ademais, os contos de Aulnoy não se limitam apenas a descrever a morada das fadas, mas também mencionam algumas das tramas feéricas que ali de desenodoam e acabam por afetar o mundo dos homens.

Tem-se que a noção de *fantasy* está intimamente vinculada ao que se pode chamar de maravilhoso heterocósmico ou maravilhoso heterotópico, ou seja, uma narrativa de natureza maravilhosa que *a priori* se define pela existência de um “outro mundo”, um “outro lugar” que está fora deste mundo, o mundo dos homens — fora, mas não necessariamente em oposição a ele, isso porque a estrutura organizacional desses outros mundos, os mundos secundários, mantém relação estreita com a do mundo primário (FIMI, 2017). No que tange às tramas lunares de Kepler, Cyrano de Bergerac e Fontenelle, apesar de serem consideradas fantasistas aos olhos do leitor contemporâneo, em seu tempo elas representavam uma possibilidade, uma projeção ficcional verossímil do imaginário lunar, cujos horizontes haviam acabado de se alargar<sup>7</sup>. Estavam, portanto, como dito anteriormente, inscritos na dimensão da ficção científica. No caso dos contos de Madame d’Aulnoy, o “outro mundo” encontra-se no domínio do fantasismo já de partida. Apesar de ser uma constatação evidente, faz-se necessário anotá-la para que não se suponha que a relação aqui estabelecida entre a expansão do imaginário cósmico e a criação de ficções sobre a terra das fadas parta do mesmo princípio composicional de

---

<sup>7</sup> O poeta italiano Ludovico Ariosto (1474-1533) tematizou a viagem à lua no canto XXXIV de seu *Orlando Furioso*, cuja primeira edição (com quarenta cantos) data de 1516. Denominado “As harpias na Itália – Astolfo na lua”, o episódio descreve a jornada de Astolfo na tentativa de recuperar o siso (o juízo) de Orlando. A 72ª estrofe descreve a paisagem lunar: “Outros rios, outros lagos e campinas / Lá em cima existem, que entre nós não há; / Outros vales, planícies e colinas, / Cidades e castelos se veem lá; / Amplas casas, que deixam pequeninas / As que Astolfo tem visto e inda verá. / Lá existem vastas selvas solitárias, / Onde ninfas dão caça às alimárias.” (ARIOSTO, 2002, p. 259).

especulação científica. O ponto de cruzamento entre tais vetores conjuga-se na efabulação heterotópica, no entusiasmo artístico suscitado pelas recentes descobertas científicas e na existência de um público leitor altamente interessado em narrativas de temática extraterrestre e em tramas relacionadas a “questões existenciais”, como observa Coelho (1991; 2012).

Como leitora e divulgadora do trabalho teórico de John Clute e John Grant (1997), Dimitra Fimi (2017, p. 3) sumariza duas das definições mais recorrentes quando se trata do espaço da literatura de fantasia: mundo primário e mundo secundário. Por “mundo primário” entende-se o mundo dos homens; por oposição, o chamado “mundo secundário” seria o mundo do maravilhoso, onde habitam tanto seres humanos quanto seres não humanos, a Faërie, o Belo Reino a que Tolkien (2010) se refere. Essa primeira distinção básica fornece os subsídios necessários para a compreensão do que se chama de “alta fantasia” e “baixa fantasia”. Por “alta fantasia” entende-se a narrativa totalmente situada no mundo secundário; exemplos clássicos são os títulos canônicos do autor de *O Senhor dos Anéis*, bem como aqueles de Ursula K. Le Guin e George R. R. Martin. Por “baixa fantasia” entende-se a narrativa situada em ambos os mundos, havendo a intrusão de elementos fantásticos do mundo secundário no mundo primário, tal como ocorre na saga *Harry Potter*. Ademais, três diferentes instâncias situacionais são depreendidas a depender do tipo de relação estabelecida entre esses dois mundos: na primeira delas, temos o mundo secundário totalmente separado do mundo primário e sem relação de dependência entre eles; no segundo, o mundo secundário pode ser acessado do mundo primário através de um portal; e no terceiro, o mundo secundário existe dentro do mundo primário, havendo fronteiras geográficas entre eles.

Christine Rousseau (2013, p. 401, tradução nossa) alega que “Madame d’Aulnoy [...] adapta os hábitos de seu século aos das espécies imaginárias em uma cenografia lúdica”. Em seus contos de fadas literários, Madame d’Aulnoy faz inúmeras referências ao dito “mundo real”, aqui entendido como um mundo primário rudimentar. Encontra-se a menção a diversas personalidades da época, bem como a danças, jogos e costumes factuais. Em “O Pássaro Azul”, por exemplo, há a referência a danças da moda como a

sarabanda e o passa-pé, bem como a Leance, dançarina egípcia que ganhou fama em Paris no século XVII. Em “O Carneiro” há menção aos Guerbois, célebre família parisiense dedicada ao ramo da gastronomia. Em “Graciosa e Percinê”, Madame Rabuja possui vinhos de marcas famosas em sua mansão. A cidade de Paris é referenciada em “O Príncipe Duende”, conto que evoca personalidades seiscentistas como Dautel, comerciante parisiense, e Brioché, famoso marionetista. A Rússia ambienta o conto “A Ilha da Felicidade” (AULNOY, 2021). Uma série de outras menções a localidades do mundo primário visitadas pelos personagens pode ser encontrada nos demais contos. A partir desses exemplos, contrariando os pressupostos teóricos do conto de fadas *lato sensu*, geralmente ambientado em um algures, um não lugar, cujo tempo não é o histórico, tem-se que os contos de Madame d’Aulnoy parecem ancorados no mundo real, onde vivem as pessoas reais, cujos costumes são compatíveis com o dos homens e mulheres franceses do século XVII. A eternidade e a incorruptibilidade pertenceriam, portanto, a um outro mundo e aos seres que nele habitam, não é necessariamente localizado no mundo de seus protagonistas. Empresta-se, portanto, desde o título atribuído ao presente capítulo, a expressão empregada por Ruth Bottigheimer (2022) para se referir às narrativas feéricas de Marie-Catherine d’Aulnoy: ficção da terra das fadas (*fairyland fiction*). Ainda em Bottigheimer (2001, p. 10, tradução nossa), encontra-se enfatizada a constatação de que, ao contrário de Perrault, Madame d’Aulnoy “repetidamente fazia menção à fricção existente entre sua magia ficcional e a realidade cotidiana”. Por fim, cita-se novamente Rousseau (2013, p. 383, tradução nossa): “Os contos de fadas do século XVII, longe de serem somente récitas fantasmagóricas com protagonistas etéreos, colocam em cena um prosaísmo pitoresco e quase jornalístico para um leitor moderno.”

Em entrevista, a professora e pesquisadora da Universidade de Nova York em Stony Brook fez importantes anotações quanto às principais diferenças encontradas entre o conto de fadas “simples” de Perrault e o conto de fadas “literário” de Aulnoy:

Outra distinção fundamental no que se refere à Madame d’Aulnoy e às contistas dos anos finais do século XVII e início do XVIII era o fato de elas estarem escrevendo um gênero muito diferente do de Perrault. Muitos de seus

contos eram ficções da terra das fadas (*fairyland fictions*), descendentes das ficções medievais celtas. Suas tramas se passam em dois mundos: um é habitado por seres mortais, enquanto o outro é uma terra mágica habitada por fadas e outros personagens feéricos, cujos relacionamentos e conflitos uns com os outros podem afetar potencialmente os mortais. As ficções da terra das fadas são tipicamente muito mais longas que os contos de fadas, seus enredos são mais complexos e sua linguagem e gramática são mais elaboradas. Ficções da terra das fadas são produções literárias. Do outro lado estão os contos de fadas “mais simples” de Perrault, que foram cuidadosamente elaborados para simular e recobrir a ideia de infância para seus leitores adultos. (BOTTIGHEIMER, 2020, p. 48-49).

Complexificando as teorias de Clute e Grant (1997) e Fimi (2017), Farah Mendlesohn (2008) categoriza as formas “pelas quais a fantasia adentra o mundo narrado” e descreve quatro modalidades: a fantasia de portal, a imersiva, a intrusiva e a liminar. Assumindo que “uma fantasia de portal é simplesmente um mundo fantástico adentrado por um portal” (MENDLESOHN, 2008, p. 14, tradução nossa), apresenta-se os seguintes exemplos dos ditos “rudimentos” encontrados na lógica espacial da contística feérica de Madame d’Aulnoy:

(1) Uma vez enterrada em uma cova por ordem de sua madrasta, a chorosa princesa Graciosa encontra uma portinhola em meio à escuridão e adentra a terra das fadas, paragem que ela já havia visitado anteriormente na companhia de seu amado, o príncipe Percinê, filho da rainha das fadas. É nessa terra feérica, separada do mundo dos homens, que Graciosa se casa e passa a viver:

Enquanto tentava encontrar nas palavras algum consolo para a dor que sentia, Graciosa avistou uma portinha se abrir ao longe, a qual ela não havia enxergado em meio a toda aquela escuridão. Do outro lado, viu brilhar a luz do dia em um jardim repleto de flores, frutas, fontes, grutas, esculturas, arbustos e pérgolas. Sem pensar duas vezes, a princesa dirigiu-se para lá. Enquanto avançava por uma grande vereda, imaginou que fim essa nova aventura poderia ter; foi quando enfim avistou o palácio das fadas. (Cap. 5, p. 213).

(2) Em “A Ilha da Felicidade”, Madame d’Aulnoy registra duas intrusões em dimensões maravilhosas apartadas da terra dos homens (no caso, a Rússia, o reino onde residia o príncipe Adolfo). Primeiro, involuntariamente, Adolfo chega a uma recôndita



caverna onde habitam ventos mitológicos, os filhos do deus grego Éolo. Ali, ele é recebido pela velha mãe dos ventos:

— Sois o primeiro mortal que avisto neste lugar — disse-lhe ela. — Sabeis, senhor, quem aqui habita?  
— Não, minha boa mulher — respondeu Adolfo. — Não sei onde estou.  
— Esta é a morada de Éolo, o deus dos ventos — ela afirmou. — É aqui que ele se recolhe com todos os seus filhos; eu sou a mãe deles. (Ap. A, p. 821).

Então, guiado pelo deus do vento oeste Zéfiro, Adolfo chega à Ilha da Felicidade, onde nenhum mortal jamais havia pisado. A princesa Felicidade, que nunca havia visto um homem mortal antes, pensa que Adolfo é a ave Fênix, fazendo uma patética associação da beleza do pássaro à incomparável beleza masculina de Adolfo. Os perigos de tal incursão nesse “outro mundo” são narrados por Zéfiro:

— Permitti-me, amável Zéfiro, perguntar-vos em que país reina esta princesa! — disse-lhe ele.  
— Trata-se da ilha da Felicidade — respondeu-lhe Zéfiro. — Ninguém, senhor, pode adentrá-la; muitos não se cansam de procurá-la, mas a sina dos homens é tal que nenhum deles pode encontrá-la. Viajam inutilmente por todos os lados, alguns até se gabam de ter chegado lá, pois às vezes atacam em outros pequenos portos onde encontram um pouco de calma e tranquilidade. Várias pessoas ali permanecem com alegria, mas essas ilhas, que muito parcamente se assemelham à ilha da Felicidade, estão em constante movimento: em um instante as encontram, e no instante seguinte as perdem de vista. O desejo de desfrutar ao menos de uma sombra de repouso é que mantém os mortais esperançosos em sua busca. (Ap. A, p. 822).

Adolfo ainda demonstra sua preocupação em não conseguir entender e não ser entendido pela princesa, pois a língua falada na ilha não é a mesma da Rússia. Zéfiro, no entanto, afirma que a princesa é tão inteligente que é capaz de conhecer todas as línguas do mundo. Vale notar que essa passagem expõe e resalta a fratura espacial existente entre a terra das maravilhas (a Ilha da Felicidade) e a terra dos homens, bem como a suas potenciais diferenças linguísticas.

(3) O conto “O Carneiro” fornece importantes subsídios que desmontam, no conto de fadas literário de Madame d’Aulnoy, pelo menos duas das características narratológicas associadas aos contos de fadas *lato sensu*: a normalização do maravilhoso

e a naturalização de eventos mágicos. Aqui, pelo contrário, encontra-se o espanto causado pelo maravilhoso e a necessidade de explicação da magia (o que acontece com mais ou menos intensidade na contística completa Aulnoy). Fugindo do pai, que pretendia matá-la por temer seus sonhos precognitivos, a princesa Maravilhosa acaba encontrando uma floresta encantada, onde se depara com um inusitado rebanho de ovelhas:

Qual não foi a sua surpresa ao chegar em uma clareira bastante espaçosa, toda cercada de árvores, em cujo centro havia um enorme carneiro mais branco que a neve; seus chifres eram dourados, tinha uma guirlanda de flores em volta do pescoço, as patas estavam enfeitadas com pulseiras de pérolas de prodigioso tamanho e havia alguns colares de diamantes sobre si. Estava deitado sobre flores de laranjeira e pavilhão de tecido dourado suspenso no ar impedia que o sol o incomodasse. Uma centena de caprinos bem vestidos estavam ao seu redor, os quais não pastavam na grama, mas, em vez disso, tomavam café, gelados de frutas, sorvetes e limonada, enquanto outros comiam morangos, creme e confeitos. Alguns jogavam basseto, outros lansquenete. Muitos tinham coleiras de ouro enriquecidas com ornamentos galantes, as orelhas furadas, fitas e flores em milhares de lugares. Maravilhosa ficou tão espantada que permaneceu praticamente imóvel. Tentava avistar o pastor daquele rebanho tão extraordinário quando o mais belo carneiro foi até ela, pulando e saltitando. — Aproximai-vos, divina princesa — disse-lhe ele. — Não temais animais tão doces e pacíficos como nós.

— Que prodígio! Carneiros que falam!

— Ah, madame — retorquiu ele. — Vosso macaco e vosso cãozinho falavam muito bem. Haveria, pois, motivo para tanta surpresa?

— Uma fada concedeu a eles o dom da fala, um prodígio que acabou por se tornar familiar — replicou Maravilhosa. (Cap. 5, p. 393).

(4) No conto “A Rã Benevolente”, a rainha sofre um gravíssimo acidente e acaba sendo sequestrada por uma fada, que a leva para morar em sua própria terra:

Quando ela finalmente se desvencilhou e caiu estirada no chão, aos pés de uma árvore, já não tinha pulso nem voz e seu rosto estava todo coberto de sangue. Ela permaneceu por muito tempo nesse estado. Ao abrir os olhos, viu ao seu lado uma mulher de altura gigantesca, coberta apenas com a pele de um leão; seus braços e pernas estavam nus, o cabelo amarrado com uma pele seca de cobra, cuja cabeça pendia sobre seus ombros. Levava um bastão de pedra na mão, que lhe servia de bengala para se apoiar, e uma aljava cheia de flechas à cintura. Ao se deparar com uma figura tão extraordinária, a rainha se convenceu de que estava morta; ela não acreditava que depois de tão grave acidente pudesse estar viva. Falando baixinho, disse:

— Não me surpreende o fato de ser tão difícil aceitar a morte, já que o que se vê nesse outro mundo é deveras assustador.

A gigante, que a escutava, não pôde deixar de rir da ponderação da rainha sobre estar morta.

— Retenha teu espírito — ela disse. — Saibas que ainda estás entre os vivos, mas nem por isso teu destino será menos triste. Eu sou a fada Leona, moro perto daqui. Deves vir e passar tua vida comigo. (Cap. 5, p. 537).

Inicialmente, o mencionado “outro mundo” seria a terra dos mortos, pois a rainha pensou que tivesse morrido no acidente. Mais tarde, um novo “outro mundo” é descrito: a terra natal de Leona, uma fada capaz de se metamorfosear em leoa. Trata-se de um país localizado no centro da terra, dez mil passos abaixo da superfície, onde um ar venenoso e pestilento contaminava a atmosfera. Monstros terríveis vivem ali, bem como um grande dragão, o guarda de um castelo erguido no centro de um lago de mercúrio. A autora menciona que a rã “levou um ano e quatro dias para subir os dez mil degraus que conduziam à saída da obscura planície onde havia deixado a rainha a fim de desbravar o mundo” (Cap. 5, p. 542).

Rudimentos de outros mundos (ou ao menos de localidades extraordinárias) também são mencionados em “O Ramo de Ouro”, “Serpentino Verde”, “O Anão Amarelo”, “A Princesa Roseta”, “A Princesa Bela-Estrela e o Príncipe Querido” e “A Laranjeira e a Abelha”, mas seria contraproducente enumerar todas as demais ocorrências.

Como nota final ao tópico, é preciso ressaltar que o termo “rudimento” foi exaustivamente utilizado com o propósito de demarcar que os “outros mundos” criados por Marie-Catherine d’Aulnoy não correspondem necessariamente ao que se espera, em termos de complexidade, de um mundo secundário típico da literatura de fantasia. Trata-se de um aspecto primitivo em relação à fantasia contemporânea, mas inovador em relação ao horizonte de expectativas narratológicas de um conto de fadas. Vê-se, portanto, que a temática da heterotopia e do maravilhoso extraterrestre encontrou terreno fértil não apenas na ficção especulativa lunar do século XVII, mas também no conto, gênero literário tutorado pelos modernos.

Leila de Aguiar Costa (2009, p. 27) registra que, para os antigos, defensores da poética da imitação e dos gêneros ditos elevados (a tragédia, a comédia e a epopeia), os

romances — e, por extensão, os seus derivados, como a novela e o conto — não passam de “indolentes e afetados devaneios”, “livros de imposturas”, “falsos e fabulosos”, a “ruína da verdade”. Por outro lado, sob a óptica dos modernos, eles seriam “agradaíveis e fantásticas invenções”, ‘belas fábulas’ que são verdadeiras mesmo sem dizer a verdade”. Por fim, para o novo público leitor, que adere aos ideais modernos ventilados sobretudo pelo *Mercurie Galant*, “pouco importa se o que se lerá for pura fantasia ou história verdadeira”, “interessa apenas que tudo assuma as cores e as aparências da verdade” (COSTA, 2009, p. 30).

Uma das principais controvérsias envolvendo o uso do elemento maravilhoso por antigos e modernos reside em sua natureza. Em sua *Arte Poética*, Boileau (1979, p. 11), arauto dos primeiros, condena o “maravilhoso cristão”, defendido pelos segundos. Eis um dos pontos críticos da Querela: enquanto os antigos, apesar de cristãos católicos, preocupavam-se com a liberdade religiosa e com a dissociação entre arte e religião, Charles Perrault e seus correligionários modernos eram religiosos ultraconservadores. Marc Fumaroli (2008, p. 134) enfatiza que a militância moderna chegou a condenar um pretense ateu à fogueira em 1663 e fez circular panfletos com discursos inflamados contra a mitologia pagã dos modelos antigos. Fumaroli destaca a proeminência de Vicente de Paulo (1581-1660) na conversão de muitos cortesãos, entre eles o moderno Jean Desmarets (1595-1676), principal responsável pela perseguição religiosa a quem fosse considerado herege, infiel ou libertino. Adianta-se, sobre o presente tópico, que o maravilhoso presente nos contos de fadas literários de Madame d’Aulnoy é essencialmente pagão<sup>8</sup>.

No tocante aos elementos estético-literários caros à poética defendida pelos Antigos (a exemplo do supracitado maravilhoso pagão e ao apego a personagens da mitologia greco-romana), cabe mencionar que Madame d’Aulnoy também faz uso de uma espécie de invocação às musas na abertura do terceiro tomo de *Os Contos de Fadas*. Na récita de Saint-Cloud, Madame d’Aulnoy faz-se personagem da narrativa que

---

<sup>8</sup> Cf. Capítulo 4, p. 178.

enquadra tanto a novela “Dom Gabriel Pôncio de Leão” quanto os contos “O Carneiro”, “Fininha Borralha”, “Fortunata” e “Bibelô”, tal como demonstrado na Figura 28 (Cap. 1, página 77). Ao instaurar uma narrativa-moldura de segundo grau (que enquadra “Dom Gabriel Pôncio de Leão”, narrativa-moldura que, por sua vez, enquadra os contos supracitados), Madame d’Aulnoy descreve seu encontro com a ninfa da fonte do castelo de Saint-Cloud. O relato desse insólito encontro impressiona uma das damas que a acompanhava em seu passeio pelo jardim:

“Sois bem-aventurada”, exclamou a Marquesa de..., “por terdes entre vossos contatos tanto as musas quanto as fadas! Jamais vos entediareis! Se eu conhecesse tantos contos quanto vós, me consideraria mui grandiosa dama!” (AULNOY, 2008, p. 390).

Se considerados em conjunto, ambos os recursos (a predileção pelo maravilhoso pagão e o louvor às musas) oferecem subsídios analíticos convenientes à defesa da existência de uma notória aproximação entre a poética feérica de Madame d’Aulnoy e alguns dos preceitos estético-literários valorizados pelos Antigos. Investigações futuras em torno da obra da autora têm potencial de ratificar a validade dessa hipótese. Há que se considerar, inclusive, a ausência de críticas da parte dos Antigos à obra feérica de Madame d’Aulnoy, críticas das quais Charles Perrault não foi poupado, uma vez que sua coletânea é notadamente marcada tanto pela afinidade com o maravilhoso cristão quanto por sua função morigerante. Ademais, a deferência com que Marie-Catherine se refere ao amigo Jean de La Fontaine (1621-1695), partidário dos Antigos, em alguns de seus contos, pode servir de reforço à tese. Por fim, há que se considerar, inclusive, que, como frequentadora do salão literário da Madame de Lambert, Madame d’Aulnoy teve contato com inúmeros partidários dos Antigos no contexto da Querela. Feuillet de Conches (1882, p. 41-42) apresenta uma considerável lista de frequentadores do referido salão e descreve uma ocorrência envolvendo o elogio à Antiguidade:

Em suas reuniões, de vez em quando aparecia a Duquesa do Maine, e, com frequência, pela manhã, Fontenelle e Lamotte-Houdar, o presidente Hénault, Dortous de Mairan, M. de Valincour, o marquês d’Argenson, os abades de

Chaulieu, de Choisy, Montgault, Fraguier, Trublet e de Bragelonne, o pai Buffier, os irmãos Boivin, M. de Sacy, Terrasson, Trudaine, o conde de Plélo, o marechal de Villars, madame d'Aulnoy, madame de Murat, madame de Fontaines, mademoiselle de Launay, baronesa de Staal, madame de Caylus, Catherine Bernard, a sobrinha de Fontenelle, e madame Dacier, que, nas palavras de Madame de Lambert, sabia associar a erudição à polidez; ela aproveitou de uma ocasião para conversar com Lamotte sobre a excelência dos Antigos. Madame de Lambert atuou junto a M. de Valincour pela reconciliação dos dois. Eles jantaram em paz; houve um brinde à saúde de Homero e tudo acabou bem.” (CONCHES, 1882, p. 41-42, tradução nossa).

A partir desse testemunho, é possível inferir que as discussões em torno das polêmicas artístico-literárias suscitadas pela Querela dos Antigos e Modernos também ocorriam no contexto dos salões literários presididos por mulheres. Nesse espaço conversacional, figuras filiadas às duas frentes podiam expor e defender os seus argumentos; ao que parece, era uma atribuição dos anfitriões a tarefa de apaziguar os debates e promover reconciliações.

Sem a intenção de querer amenizar os ânimos dos envolvidos na Querela, em seus *Diálogos sobre a pluralidade dos mundos*, Bernard de Fontenelle, um dos frequentadores do salão de Madame de Lambert, endereça críticas diretas a nomes como Pitágoras, Platão e Aristóteles, e antecipa a repercussão dos polêmicos versos de um de seus partidários: Charles Perrault (1628-1703). Cerca de dez anos antes da publicação das *Histórias ou Contos dos Tempos Passados com Moralidades*, de 1697, e um ano depois da publicação dos *Diálogos* de Fontenelle, Perrault escreve um poema em homenagem a Luís XIV, intitulado *O Século de Luís, o Grande*, lido perante a Academia Francesa em 27 de janeiro de 1687. O elogio à modernidade e a censura ao louvor dos antigos presentes no texto reacenderam os debates em torno da poética vigente, vivificando a disputa teórico-filosófica entre antigos e modernos. O tom combativo empregado por Perrault na tentativa de justificar a superioridade dos modernos em face aos antigos causa grande polêmica e reações imediatas de seus adversários.

A bela Antiguidade sempre foi venerável  
Mas eu nunca acreditei que ela fosse adorável.  
Vejo os Antigos sem dobrar os joelhos,  
Eles são grandes, isso é verdade, mas homens como nós [...]

Platão, que foi divino no tempo dos nossos antepassados,  
Começa a se tornar um tanto tedioso.  
(PERRAULT, 1687, p. 3-4, tradução nossa)

Os antigos, liderados por Nicolas Boileau (1636-1711), sustentavam a ideia de que o mérito das obras dos escritores greco-latinos era incontestável e insuperável, de modo que os escritores do século das luzes nada poderiam fazer senão imitá-los. Jean de La Fontaine (1621-1695), Jean-Baptiste Poquelin, mais conhecido como Molière (1622-1673), e Jean Racine (1639-1699) eram alguns dos célebres signatários dessa linha de frente. Os modernos, por sua vez, liderados por Perrault, contavam com o apoio de autores como Bernard de Fontenelle, Pierre Corneille (1606-1684) e Donneau de Visé (1638-1710), e defendiam a superioridade da arte literária contemporânea, que deveria ser legitimada por suas próprias qualidades, sem a necessidade de obtenção de chancelas nas poéticas do passado.

Os ideais modernos que subjaziam aos posicionamentos enfáticos de Fontenelle e Perrault pressupunham, entre outras coisas, não apenas a descanonização do modelo clássico e da estética da emulação, mas também a horizontalização da relação autor-obra e a dessacralização da função autoral, enxergando nos motivos tradicionais do fabulário francês uma potencial fonte de inspiração para a arte literária. Ademais, também eram entusiastas do uso da língua francesa para a escrita de literatura, ante o predomínio do latim.

Convém anotar que Bernard de Fontenelle era sobrinho de Pierre Corneille, considerado o fundador do drama moderno francês, e sobrinho de Thomas Corneille (1625-1709), um dos dirigentes do *Mercure Galant*, cujo principal editor foi Donneau de Visé. Vê-se, portanto, que os modernos tiveram à sua disposição um dos periódicos mais influentes do século XVII francês, veículo fundamental para o grande êxito editorial de Fontenelle em início de carreira (MONZANI, 2013, p. 7).

A Querela, os querelantes e seus discursos foram excepcionalmente analisados por Joan DeJean (2005), Leila de Aguiar Costa (2009) e Marc Fumaroli (2008), cujos trabalhos

exploram os diferentes momentos e bastidores dessa importante guerra cultural. Os pormenores, antecedentes e desdobramentos da Querela podem ser aí encontrados.

De volta aos *Diálogos sobre a pluralidade dos mundos*, Bernard de Fontenelle faz referência a um dos maiores sucessos editoriais do século XVII francês, asseverando o que é consensual a respeito de sua popularidade entre o público feminino: “Verdade é que as ideias do presente livro são menos familiares à maioria das mulheres do que as da princesa de Clèves” (FONTENELLE, 2013, p. 36). Trata-se do romance de Marie-Madeleine Pioche de La Vergne, Madame de La Fayette (1634-1693), considerado o primeiro romance histórico francês e um dos primeiros da literatura mundial. Para além de seus méritos estéticos, o sucesso da obra, lançada em 1678, está diretamente relacionado ao *Mercurio Galante* e, por conseguinte, ao projeto político-literário dos modernos.

DeJean (2005), Costa (2009) e Fumaroli (2008) associam a popularização da literatura, a variação no perfil do público leitor e o engajamento público nos debates literários aos esforços dos editores do *Mercurio Galante*. Mediado pelo periódico, o novo público literário, composto por leitores afastados dos círculos eruditos ligados à Academia e à Universidade, envolveu-se diretamente nas discussões antes restritas aos críticos institucionalizados. Joan DeJean (2005, p. 34) afirma que “as guerras culturais do século XVII geraram aquela força popular de mudança que hoje chamamos ‘opinião pública’”. Os antigos entendiam esse movimento de democratização do acesso à literatura e à crítica como um claro sinal do retrocesso civilizatório implicado no projeto político-literário dos modernos. Faz-se necessário, porém, ressaltar que esse novo público leitor a que os historiadores se referem ainda é extremamente seletivo, majoritariamente composto por letrados das classes dominantes, homens e mulheres ociosos (ou seja, com suas necessidades materiais supridas e tempo livre), dispostos e aptos a participarem dos debates literários. Como demonstram Chartier (2004, p. 177) e Roche (2004, p. 285), entre 1665 e 1702, os possuidores de livros eram basicamente os escritores, bibliotecários, professores, advogados, clérigos, oficiais do parlamento e nobres da Corte. Menos de 15% dos negociantes, operários, empregados, mestres artesãos e homens de pequenos ofícios mencionam a posse de livros em seus inventários. Ademais, entre esses últimos, as obras



religiosas correspondiam a cerca de 90% dos títulos. Costa (2009, p. 18) informa que esse “novo” público leitor era basicamente composto por “fidalgos e mulheres da sociedade letrada dos salões”.

O *Mercurie Galant* ventilava manifestos pró-modernidade e engajava a participação do público com suas clássicas “perguntas galantes”: a fim de incentivar a leitura de determinados títulos, os editores do jornal lançavam questões a respeito de seu conteúdo e publicavam as respostas de alguns leitores (ou associações de leitores, os gérmenes dos atuais clubes de leitura). Uma das edições, a de abril de 1678, lançou ao debate público a controversa atitude da princesa de Clèves (que declarou ao marido a paixão que sentia por outro homem), questionando se a protagonista do romance de Madame de Lafayette teria agido com prudência e o que os leitores fariam em uma situação semelhante — se ocultariam seus sentimentos da pessoa a quem juraram fidelidade ou declarariam a verdade, ainda que as consequências fossem desastrosas. O impacto dessa e outras estratégias foi avassalador, a ponto de desencadear a moda do *petit roman*, o pequeno romance, obras marcadas pela “acentuação da importância dada à psicologia das personagens e à interioridade, em especial, a uma cada vez mais intensa emotividade” (DEJEAN, 2005, p. 38). O sentimentalismo e as nuances da *sensibilité* presentes nas novas composições literárias aproximaram o público do objeto-livro na medida em que um número consideravelmente maior de pessoas passou a se reconhecer nos personagens, que passaram de deuses, semideuses e heróis (das tragédias, comédias e óperas, gêneros canônicos) a pessoas comuns vivendo situações que qualquer indivíduo poderia viver.

Antigos como Goujet (quase todos com conexões pedagógicas) consideravam a literatura um meio de preservação do status quo, de garantirem que a composição da elite intelectual tradicional francesa não seria modificada [...]. Modernos como Perrault e Fontenelle (nenhum dos quais era pedagogo profissional) concebiam a literatura de forma oposta: como o principal meio pelo qual a cultura poderia ser feita sempre mais pública e através do qual um novo público — mais e mais diverso em termos de gênero assim como de classe — poderia ser trazido à principal corrente cultural e encorajado a participar no desenvolvimento da opinião pública. (DEJEAN, 2005, p. 49).

Com o sucesso de *A Princesa de Clèves*, “romance mais conhecido do século XVII” (DEJEAN, 2005, p. 98), duas das mais importantes reivindicações dos modernos tomaram fôlego: o estabelecimento de novas formas literárias e a possibilidade de abertura de espaço para a presença feminina nos círculos literários.

O *petit roman* e a novela (*nouvelle*) foram muito bem aceitos pelo gosto de um público já saturado dos longos romances preciosos<sup>9</sup> que se desenvolviam em uma sequência de tomos. Madeleine de Scudéry (1607-1701) foi a “principal romancista da primeira metade do século XVII” (DEJEAN, 2005, p. 88), “paradigma da tradição romanesca galante e preciosa, do romance dito ‘barroco’” (COSTA, 2009, p. 29), mas viu sua proeminência ser minada com o advento de novas e mais enxutas estruturas narrativas, como os mencionados pequenos romances, as novelas e, enfim, os contos galantes<sup>10</sup>. Estes últimos, romances em miniatura, pilarizam a estrutura narratológica dos contos de fadas literários de Madame d’Aulnoy, cujo tom grandiloquente remete ao rebuscamento do estilo precioso, mas não se enquadra como produto da estética do preciosismo propriamente dito, movimento que privilegiou o romance histórico dentre os demais gêneros<sup>11</sup>. O movimento floresceu até os anos 60 do século XVII, tendo como

---

<sup>9</sup> Costa (2009, p. 232) informa que “a Preciosidade irrompe em todos os gêneros literários desde os princípios do século XVII — importa assinalar que as preciosas são, antes de Molière, tão somente personagens de romances, sua existência é pois unicamente fictícia — e que, já a partir de 1640, a zombaria recaí sobre elas.” Ademais, segundo a pesquisadora, mesmo o escritor, historiador e dicionarista Antoine Furetière (1619-1688) associou o preciosismo à noção de “escrever de modo ridículo”, “empregar linguagem ininteligível”, uma acepção do termo que se estendeu à contemporaneidade. Molière e La Fontaine foram dois dos principais críticos dos excessos do preciosismo. Nunes (1981, p. 107) afirma que “nem todas as mulheres estudiosas” eram pedantes; pelo contrário, a maioria das letradas era “de espírito atilado e discreto, eruditas e sensatas, tal como Catherine de Vivonne (1588-1664), Marquesa de Rambouillet, que nada tinha de pedante [...]”. Entende-se, assim, que as figuras a que Molière e La Fontaine dirigiam seus vitupérios não correspondiam a toda classe de mulheres estudiosas. Ainda assim, a crítica de ambos não perde sua natureza misógina, já que era considerada ridícula a mulher que se pretendia mais inteligente que os homens.

<sup>10</sup> A miniaturização dos gêneros literários (*roman* → *petit roman* → *nouvelle* → *conte*) também corresponde ao processo de miniaturização do objeto livro, que, ao final da sequência, passou a ser editado no tamanho in-12, o que pode ter favorecido (e muito) o mercado editorial. Tanto o barateamento do objeto quanto a possibilidade de transporte e manuseio podem ser associados ao sucesso dos contos de fadas literários impressos no final do século XVII francês.

<sup>11</sup> Patricia Hannon (1998, p. 18, tradução nossa) alega que “a subversiva temática do amor largamente atribuída às novelas femininas da época é uma marca distintiva das narrativas feéricas de Madame d’Aulnoy”. Subversiva porque mantém relação de oposição com o que é previsto pela poética vigente (de emulação dos clássicos).

paradigma o “célebre, extenso e repudiado romance *Clélie* (1658)”, de Scudéry (COSTA, 2009, p. 29). Sophie Raynard (2002) discorre a respeito de uma “segunda preciosidade” para se referir à contística findesecular francesa<sup>12</sup>. Em Robert (1982, p. 131, tradução nossa) encontra-se a observação de que o conto de Madame d’Aulnoy é “redigido no estilo romanesco tradicional, pontuado de descrições hiperbólicas e de referências preciosas”.

Storer (1928, p. 10, tradução nossa) observa que os leitores mais assíduos das décadas finais do século XVII já não se interessavam pelos dez volumes de *Clélie*, e que era preciso veicular “um gênero mais breve”, qualquer coisa que pudesse melhor servir ao “divertimento dos salões”, cuja cultura é entendida como um “fenômeno de classe conectado às elites educadas” (KRASNY, 2019, p. 426). Em Joan DeJean há a informação de que os salões eram “o cenário mais tradicional para a expressão pública da opinião literária”, destacando, porém, as grandes restrições relacionadas à noção de “público” (2005, p. 92). Em torno dessa questão, a pesquisadora explora os potenciais motivos pelos quais *A Princesa de Clèves* acabou se tornando “a obra literária exemplar moderna”:

Composta em Paris por uma aristocrata, com a colaboração de um grupo de aristocratas e burgueses que viviam como se fossem aristocratas, e depois servida a uma grande audiência de leitores provincianos de meios sociais diversos para que eles se reconhecessem em seu enredo, o romance de La Fayette localiza com precisão a complexa origem de classes do primeiro legítimo público literário na França. (DEJEAN, 2005, p. 104).

A questão do público-alvo das publicações literárias do século XVII francês é crucial para o estabelecimento do perfil de leitores dos contos de fadas literários de Madame d’Aulnoy, tema que será abordado no capítulo seguinte, mediante um paralelo comparativista entre os contos de fadas *lato sensu* e *stricto sensu*.

No tocante ao público leitor de contos de fadas, Ariès (1986, p. 119) observa que as histórias de Melusina e “histórias muito semelhantes aos contos de fadas” eram lidas por “pessoas de espírito” tanto a Luís XIII (1601-1643) quanto a Jean-Baptiste Colbert (1619-1683), ministro de estado e da economia de Luís XVI. O imaginário feérico (*féerie*)

---

<sup>12</sup> Cf. Capítulo 4.

já fazia parte do gosto cortesão muito antes do auge das publicações de contos de fadas no *fin de siècle*. Mary E. Storer (1928) pontua, por exemplo, que o próprio Luís XIV participara de balés feéricos como o de *Psiquê*, em 1659, que Madame de Rambouillet (1588-1665) era conhecida como “a grande Fada” e que Madame de Sévigné (1626-1696) mencionara seu apreço pela leitura de contos de fadas em suas cartas. Ítalo Calvino (1999, p. 133) declara que era de se esperar que o maravilhoso feérico entraria em moda nos fins do século XVII, pois “a Corte de Versalhes, com as suas cenografias e as suas festas, o próprio culto do ‘Rei Sol’ pareciam predispor a uma voga literária deste gênero.” Entre 1690 e 1715, mais de cem contos de fadas literários foram publicados na França; dois terços deles eram de autoria feminina. Junto dos pequenos romances, novelas e cartas, os contos de fadas foram considerados artefatos culturais de menor valor, produzidos por figuras “inferiores” (SEIFERT, 1995, p. 129).

Joan DeJean (2005, p. 105) afirma que o *Mercurie Galant* colaborou ativamente para que um novo grupo de leitores de romances, novelas e contos se tornasse consciente de uma das principais questões abarcadas pela Querela dos Antigos e Modernos: “o papel das mulheres como produtoras e consumidoras de literatura”. Sophie Raynard (1999) registra que apenas quatro homens teriam contribuído com a cultura dos contos de fadas ao longo dos dez anos de voga da segunda preciosidade e da galanteria: Charles Perrault, François Nodot (1650-1710), Jean de Préchac (1647-1720) e Louis de Mailly (1657?-1724). A pesquisadora ainda ressalta que esse era um gênero majoritariamente feminino e destaca os nomes de Marie-Catherine Le Jumel de Barneville, a Madame d’Aulnoy, Charlotte-Rose de Caumont de La Force (1654-1724), Marie-Jeanne L’Héritier de Villandon (1664-1734), Catherine Bernard (1662-1712) e Henriette-Julie de Castelnau de Murat; enfatiza, porém, que, dentre elas, a Madame d’Aulnoy “era, de longe, a mais prolixa do gênero” (RAYNARD, 1999, p. 58, tradução nossa). Marina Warner (1999, p. 13) apresenta a autora como “uma das maiores entusiastas da nova moda literária”. Em Charles Peignot (1928, p. 341), encontra-se uma oportuna declaração em torno da autoria feminina:

Parece-me que as fadas só se aproximaram literariamente dos homens bem tarde, tal como se uma origem comum fizesse com que elas estivessem mais avizinhas aos espíritos femininos; assim, depois de terem inspirado Marie de France, elas confiaram à Madame d'Aulnoy o desejo que tinham de vê-la falando delas.” (PEIGNOT, 1928, p. 341, tradução nossa).

Roger Chartier (2004, p. 267) destaca que Madame d'Aulnoy foi uma das autoras mais assediadas pelos impressores franceses na França pré-revolucionária, enquanto Christine Rousseau (2013, p. 11, tradução nossa) sugere a existência de uma certa hierarquização editorial que torna certos autores mais ou menos reconhecidos. Perrault estaria à frente dos demais pela concisão de seu estilo, enquanto o prestígio de Madame d'Aulnoy adviria da importância de sua produção. Nelly Novaes Coelho também ressalta que, “coincidindo com a fantasia extravagante e inverossímil dos ‘romances preciosos’ e novelas de cavalaria [...], os contos de fadas alcançam um sucesso extraordinário, que dura até fins do século XVIII” (COELHO, 1985, p. 76). Quanto ao restante dos autores, eles estariam “condenados a permanecer em um aglomerado amorfo e secundário”, que passaram muito tempo sem novas edições. Em Adams (1994) há a informação de que durante o século XVIII, a popularidade das obras de Marie-Catherine d'Aulnoy excedeu a de Charles Perrault. Considerando apenas o referido século, o professor da área de estudos franceses da Universidade de Manchester indica que *Os Contos de Fadas*, originalmente impressos entre 1696 e 1698, recebeu reimpressões em 1708, 1710, 1725, 1731, 1742, 1749, 1757, 1774, 1782 e 1785. Já o segundo livro de contos da autora, *Novos Contos ou A Moda das Fadas*, de 1698, foi reimpresso em 1711, 1715, 1719, 1725, 1735, 1742 e 1754. Segundo o pesquisador, “as traduções dos contos de fadas de Mme. d'Aulnoy foram mais populares na Inglaterra durante o século XVIII do que os de qualquer outro autor francês, inclusive Perrault” (ADAMS, 1994, p. 5, tradução nossa). Adams ainda sugere que parte do desdém pelas obras de Madame d'Aulnoy pode ser explicado pelo interesse exclusivo da autora em histórias de príncipes, reis e rainhas, bem como pela presença altamente recorrente de descrições do modo de vida cortesão. Além disso, declara que a fantasia inventiva de caráter atemporal típica do conto de fadas encontrava resistência no que diz respeito à noção clássica e racional de “tempo” narrativo cultuada pela poética vigente, ressaltando que o prestígio do conto de fadas entre os críticos e historiadores franceses do século XVIII foi inversamente proporcional ao seu

êxito editorial. Por fim, o estudioso lamenta que, apesar das evidências bibliográficas atestarem a popularidade das obras de Madame d’Aulnoy e a manutenção de um público leitor cativo de 1690 a 1703, foram poucas as análises críticas que fizeram boas recomendações das obras da autora, as quais foram praticamente ignoradas tanto pela crítica quanto pela historiografia literária francesa de então (ADAMS, 1994, p. 7).

Essa série de considerações foi aqui recuperada com o intuito de embasar o estatuto autoral singular de Marie-Catherine d’Aulnoy, bem como sua notória capacidade inventiva e de suas contemporâneas, para que a natureza dessa contística não seja confundida em termos narratológicos e estruturais com a de seu mais célebre contemporâneo, Charles Perrault, e com a de Jacob e Wilhelm Grimm, cuja obra parece ter definido o atual senso comum do horizonte de expectativas de um conto de fadas (narrativa curta, simples e formulaica de intenção moralizante destinada sobretudo ao leitor infantil<sup>13</sup>). Reforça-se, porém, que essa distinção não pressupõe, em instância alguma, que os contos de Madame d’Aulnoy sejam aqui considerados melhores ou piores do que o dos demais autores mencionados; eles são, em última instância, diferentes. Sendo assim, a nível de diferenciação terminológica e contraponto referencial, adotaremos os termos “conto de fadas *stricto sensu*” em referência às narrativas feéricas de Madame d’Aulnoy, e “conto de fadas *lato sensu*” em referência às de Perrault (e, por extensão, de Grimm e Andersen). As minúcias de tal proposição terminológicas serão delineadas no capítulo seguinte.

A fim de concluir as considerações do presente capítulo, retoma-se o axioma proposto pelo célebre crítico literário francês Jean-Baptiste Alphonse Karr (1864, p. 117, tradução nossa): “A ciência venceu as fadas”. Eis o resultado da peleja seiscentista entre *fantasia* e *lógica* mencionada por Nelly Novaes Coelho (1991, p. 65). Karr ainda chamou atenção para o fato de que a “Academia de Ciências prendera mais feiticeiros do que há

---

<sup>13</sup> Cristina Bacchilega (1997, p. 3) declara que pensar no conto de fadas como uma literatura predominantemente infantil ou mesmo como literatura de infância faz com que seus usos e significados não possam ser devidamente acomodados dentro da teoria literária, visto que o fenômeno não está intrinsecamente relacionado a esse público.

nos contos de Perrault e de Madame d’Aulnoy<sup>14</sup>”. Em suma, pode-se considerar que “o reinado do sentimentalismo — cujos sinais iniciais são evidentes no princípio dos anos de 1690” é arruinado quando a era das ciências “leva a um período durante o qual o projeto do iluminismo toma suas próprias rédeas” (DEJEAN, 2005, p. 53). Adams (1994, p. 6) corrobora o cenário, alegando que “durante o Iluminismo, os contos de fadas foram tratados com um desdém intelectual que contrastou fortemente com seu sucesso comercial”.

Pergunta-se, porém, quais seriam os motivos pelos quais as obras de Perrault e La Fontaine, por exemplo, teriam sobrevivido à “derrota” do fantasismo ao passo em que a obra feérica de Marie-Catherine d’Aulnoy e de outras contemporâneas suas tenham sido excluídas do cânone dos contos de fadas. Jack Zipes, um dos mais prestigiados pesquisadores do tema, afirmou em entrevista:

Tudo isso é esperado de sociedades patriarcais que trataram as mulheres indecentemente — no passado e até agora. Por muitos anos, graças à predominância e à dominação de estudiosos do sexo masculino na França, os quais exerceram uma grande influência sobre os estudiosos norte-americanos de literatura francesa, essas escritoras únicas e talentosas infelizmente foram negligenciadas. De fato, elas exerceram uma grande influência sobre Charles Perrault, mas não foram reconhecidas até a década de 1980; desde então, temos visto um ótimo renascimento de seus contos e excelentes pesquisas acadêmicas. Tudo isso se deve ao surgimento do movimento feminista nas décadas de 70 e 80. (ZIPES, 2019, p. 21-22).

Mesmo que partidários de diferentes frentes na Querela em que estiveram envolvidos, é preciso enfatizar o fato de Perrault e La Fontaine, homens de prestígio à sua época, terem sido membros da mesma Academia. Como dito anteriormente, ainda que o público feminino tenha experimentado certo protagonismo nos debates artísticos do século XVII, seu espaço de atuação se restringia aos salões; não se permitia a presença de mulheres na Academia e na Universidade. Às mulheres sequer era permitido frequentar os cafés (DEJEAN, 2005, p. 72). Apesar da vitória “moral” dos modernos, que

---

<sup>14</sup> Entre 1450 e 1750, mais de três mil pessoas foram processadas por bruxaria na França, das quais cerca de mil foram executadas (MONTER, 2002, p. 12).

conseguiram ventilar ideais minimamente progressistas — ainda que criticamente limitados pelas rédeas do conservadorismo religioso — e promover o acolhimento de novos gêneros literários no seio de um “novo” público leitor, o controle dos espaços de poder permaneceu entre os antigos. Joan DeJean avalia que os modernos perderam o controle “dos setores nos quais a escolha entre os programas opostos dos antigos e dos modernos teriam feito uma crucial diferença: acima de tudo, a escrita da história literária e o estabelecimento do cânon pedagógico” (2005, p. 114). Em consonância com o que foi aferido por Jack Zipes, a catedrática da Universidade da Pensilvânia constata que, “assim, no século XVIII, quando a história literária francesa foi reescrita por defensores dos antigos, as escritoras e o romance foram virtualmente eliminados de suas páginas” (DEJEAN, 2005, p. 117-118). Susana Ventura (2022, p. 9) salienta que a “borracha do tempo [...] apaga mais e melhor as mulheres e o que fizeram.”

Iluminado por dois “Sóis” (um no centro do sistema solar e outro sobre o mais importante trono da Europa), com a novidade das descobertas científicas acerca das características físicas da lua à “moda” das narrativas fantasistas — algumas especulativas, como as de Kepler, Bergerac e Fontenelle, outras declaradamente fictícias, como as *fairyland fictions* de Madame d’Aulnoy — o século XVII encantou-se com o alargamento das fronteiras cósmicas e expressou seu entusiasmo através da arte. O oportuno auxílio dos arautos da modernidade proporcionou a acolhida da literatura de autoria feminina e de novos gêneros literários junto a um público leitor não-institucionalizado, ou seja, externo às Academias e Universidades. A voga dos contos de fadas literários na França seiscentista demonstra ser, em última análise, um fenômeno cujo êxito está intimamente relacionado a esse *momentum* tão peculiar da História das mentalidades. A potência do efervescente imaginário cósmico pilariza o gosto pela fantasia feérica e demais gêneros ficcionais ancorados na interação entre diferentes mundos. Contudo, no que se refere aos contos de fadas, os rudimentos das noções literárias de “mundo primário” e “mundo secundário”, que ajudam a definir a fantasia contemporânea, remetem a um tipo particular de conto: o literário, ou, no caso das narrativas de Madame d’Aulnoy, o que será denominado de conto de fadas *stricto sensu*.



O capítulo a seguir sistematizará as principais distinções entre os contos de Madame d'Aulnoy e o conto de fadas *lato sensu* de Perrault, seu contemporâneo, a fim de estabelecer os contrapontos narratológicos que subsidiarão as deliberações teóricas que justificam a presente tese.

### CAPÍTULO 3

#### Contos de fadas *lato sensu* e *stricto sensu*: visadas contrastivas

Como adiantado em algumas etapas das considerações constantes nos capítulos anteriores, a presente seção tem como objetivo pontuar as mais notórias distinções temáticas, estruturais e narratológicas existentes entre os contos de fadas ditos *lato sensu* e *stricto sensu*. Para tanto, será estabelecido contraponto com a obra feérica de Charles Perrault, contemporâneo de Madame d’Aulnoy. À maior parte dos contos do primeiro atribui-se o qualificativo latino *lato sensu* (sentido amplo), e a todos os contos da segunda, *stricto sensu* (sentido estrito). Adianta-se que tal distinção foi feita a partir da acepção básica do termo “conto de fadas” enquanto “conto sobre fadas”, “narrativa sobre seres feéricos”, ou seja, seu sentido estrito, em contraposição com a ideia comum de “conto de fadas” como o gênero em que se inserem histórias tiradas da imaginação, “contos da carochinha” (em paralelo com “contos da mamãe ganso”), com ou sem fadas<sup>1</sup> e seres feéricos. A fim de não abrir margens para interpretações equivocadas, é preciso esclarecer que, com base na terminologia supracitada, todos os contos de fadas *stricto sensu* estão incluídos no domínio do conto de fadas *lato sensu*, e que todos os contos de fadas literários de Madame d’Aulnoy são contos de fadas *stricto sensu*.

Traduzido literalmente em inglês, o termo [*conte des fées*] significa ‘conto sobre fadas’ ou ‘conto das fadas’. Em outras palavras, as fadas eram figuras centrais ou protagonistas das narrativas mágicas, ocupando o lugar dos deuses e deusas da mitologia greco-romana. Ademais, d’Aulnoy nunca se refere a princípios religiosos da tradição judaico-cristã. Seus contos eram inteiramente seculares e o destino dos heróis e heroínas aristocráticos era determinado pelas fadas. (ZIPES, 2021, p. xii, tradução nossa).

---

<sup>1</sup> Além da relação etimológica já bastante difundida e discutida entre “fada” e *fatum* (destino), Souza (1998, p. 23) e Leal (1985, p. 80) ampliam a gama de entendimento do termo “fada” a partir de suas possíveis raízes gregas. Do grego, “fada” poderia derivar de *phos*, *phothom*, mesma raiz de termos como “fantasia”, “fantasma”, “fantástico”, o que estaria em consonância com a natureza luminosa da personagem.

Ruth Bottigheimer (2002, p. 129) afirma que, do gênero “conto de fadas”, estabelecido no século XVII francês, duas formas literárias emergiram: o conto de fadas literário, cuja tradição foi fundada e continuada por Madame d’Aulnoy, e o conto de fadas popular, baseado no modelo de Perrault. Também é Bottigheimer quem atesta:

Apesar de serem chamados de “contos de fadas”, contos como “A Ilha da Felicidade” e “O Anão Amarelo”, com suas tramas altamente desenvolvidas e seus paralelos entre o mundo dos homens e o das fadas, são mais propriamente designados como “contos sobre a terra das fadas e sobre fadas” [...]. Contos sobre fadas e a terra das fadas, geralmente mais longos e estilisticamente mais elaborados, detalham tanto as aventuras das fadas quanto de seus protagonistas.” (BOTTIGHEIMER, 2009, p. 56, tradução nossa).

Devido às diversas nuances interpretativas de base histórica, cultural e sociológica que pairam sob o qualificativo “popular” (assim como “folclórico” e “tradicional”), considera-se as designações conto de fadas *stricto sensu* e conto de fadas *lato sensu* menos imprudentes para qualificar, respectivamente, a totalidade dos contos de Madame d’Aulnoy e a maior parte dos contos de Perrault.

No tocante à natureza dos contos e suas fontes, é consenso entre os principais teóricos do conto de fadas que Charles Perrault encontra-se mais fortemente ligado à tradição oral do que Madame d’Aulnoy. Ítalo Calvino (1999, p. 131) afirma que “os contos populares, que através de Perrault haviam passado da tradição oral para a literatura escrita, tornaram da literatura escrita para a tradição oral”, definindo o que pode ser considerado um movimento de retroalimentação, uma evidência de que os limites entre o oral e o escrito são instáveis e moventes. Leituras puramente oralistas ou puramente literárias de qualquer fenômeno artístico localizado pós-invenção da escrita abrem margem para análises inequivocamente frágeis e contraproducentes.

Marie-Agnès Thirard (1994, p. 165, tradução nossa) constata que “em Madame d’Aulnoy, o conto de fadas perde todo o seu apelo popular”, já que, segundo Jack Zipes, eles eram claramente “endereçados a leitores das classes altas” (ZIPES, 2021, p. xiii, tradução nossa). Zipes ainda enfatiza tal endereçamento ao verificar que, diferentemente dos contos de apelo mais popular de Perrault, os contos de Madame d’Aulnoy (o que tem

potencial de se estender aos demais de autoria feminina) “concebiam mundos pagãos nos quais a majestade extraordinária das poderosas fadas ditava a palavra final” (ZIPES, 2021, p. xiii, tradução nossa). O pesquisador arremata suas constatações salientando que Marie-Catherine d’Aulnoy “estava exclusivamente interessada nas classes aristocráticas” (ZIPES, 2021, p. ix, tradução nossa).

De acordo com Calvino, Madame d’Aulnoy funda e cultiva uma tradição literária cujo “clima” é “totalmente diferente” daquela fundada por Perrault: em d’Aulnoy, “o ‘maravilhoso’ domina com grande pompa, à base de diamantes e esmeraldas, dragões e grifos, berlindas puxadas por macacos azuis e salas atapetadas com asas de borboleta” (CALVINO, 1999, p. 134). Calvino faz referência aos dragões de “O Pássaro Azul”, “A Gata Branca”, “A Rã Benevolente”, “Bela-Bela ou O Cavaleiro Fortunato” e “A Princesa Bela-Estrela e o Príncipe Querido”, aos grifos de “O Anão Amarelo” e “A Princesa Primavera”, aos macacos azuis de “A Princesa Roseta” e às salas atapetadas de “A Gata Branca” e “A Laranjeira e a Abelha”.

Michèle Simonsen (1987, p. 16) indica que “os contos de Mme. d’Aulnoy [...] afastam-se ainda mais da tradição oral [...] e o feérico se desdobra em longas análises psicológicas completamente estranhas à tradição popular.” A observação de Simonsen sobre os desdobramentos do feérico é extremamente cara à poética que emana dos contos de d’Aulnoy; a autora reserva páginas e páginas à descrição das reações psicológicas que os personagens têm frente aos seus infortúnios. As longas lamúrias são bastante frequentes, presentes em quase todos os seus contos. A título de exemplo, cita-se uma das elucubrações do príncipe Constâncio, personagem que protagoniza o conto “O Pombo e a Pombinha” (Cap. 5, p. 664):

— Ah, quão feliz serias, cordeirinho, se soubesses o valor das carícias esbanjadas em ti! — disse o príncipe, bem baixinho. — Ora, é como se essa pastora estivesse ainda mais bonita do que quando a vi pela primeira vez! Amor, Amor, o que queres de mim? Acaso deverei amá-la? Ou melhor, será que terei condições de resistir a esse amor? Eu a evitei tão somente por saber dos perigos que correria ao vê-la. Ó, grandes deuses, quão intensos são meus sentimentos desde a primeira vez que a vi! Apelei à minha razão na tentativa de fugir dessa criatura tão amável; infelizmente, porém, eis que a reencontro para ouvi-la cantar sobre o ditoso pastor a quem escolheu amar!

Em consonância com os apontamentos de Calvino (1996) e Simonsen (1987), Christine Rousseau (2013, p. 384, tradução nossa) alega que o maravilhoso em Madame d'Aulnoy é “hiperbólico, ostentatório, luxuoso, acumulativo, contrastivo, espetacular”, e também que “a maioria dos textos são de inspiração preciosa e galante ou então são escritos com um maravilhoso exaltado” (ROUSSEAU, 2013, p. 44, tradução nossa). Tais afirmações também são referendadas por Émile Montégut (2004, p. 87, tradução nossa), que, ao comparar a presença do elemento maravilhoso nos contos de Perrault e d'Aulnoy, chega à conclusão que “em Perrault, o maravilhoso é bem modesto e ocupa um lugar bem pequeno” e que “as fadas são especialmente raras em seus escritos”. Por outro lado, aprimorando suas análises, Montégut observa que as fadas de Madame d'Aulnoy não fazem parte da “imaginação da primeira infância”, tal como as de Perrault. Pelo contrário, por sua inclinação moderna, elas possuem “títulos nobiliárquicos, patentes e diplomas”, correspondendo muito bem “à época em que foram escritas” (MONTÉGUT, 2004, p. 87).

Dentro das possibilidades de trabalho na área de Estudos Comparados, Carvalhal (2006, p. 6) destaca os métodos que “comparam obras pertencentes a um mesmo sistema literário ou investigam processos de estruturação das obras”, e é justamente no âmbito de tal metodologia que serão feitas as considerações a seguir. Com base em Nitrini (2021), justifica-se a seleção dos contos de Charles Perrault como contrapontos comparantes na medida em que se qualificam como produtos de um processo literário condicionado por fenômenos estruturantes relativamente análogos aos que pilarizam a obra de Madame d'Aulnoy. Resguardadas as devidas proporções, ambos os autores compartilham (a) a circulação nos mesmos ambientes de divulgação artística, (b) o acesso ao mesmo sistema de valores sociais e culturais, (c) a inserção na mesma lógica polissistêmica, qual seja, a da França absolutista do século XVII, e (d) o acesso às mesmas referências literárias em voga. Devido às graves distinções entre a educação reservada aos homens e às mulheres, ressalvas são feitas, é claro, no tocante ao processo de letramento, acultramento e

reconhecimento autoral<sup>2</sup> de ambos. Ademais, tais diferenças, uma vez tematizadas em seus contos, também serão identificadas a partir do exercício comparativista.

### 3.1. O público-alvo

A respeito dos diferentes públicos-alvo dos contos de fadas *lato sensu* de Perrault e *stricto sensu* de d'Aulnoy, Farah Mendlesohn e Michael Levy (2016, p. 15, tradução nossa) postulam que as narrativas de Marie-Catherine são “tanto de sua própria criação quanto muito claramente destinadas a adultos”. Nelly Novaes Coelho faz coro a tal entendimento ao ler os contos de fadas literários franceses do século XVII como “produção literária fantástica destinada aos adultos” (1991, p. 71), ressaltando ainda que “não há nada nessa produção que seja gratuito ou tenha surgido como puro entretenimento sem importância” (1985, p. 56). Jennifer Schacker acrescenta mais especificidades a essas considerações, afirmando que

suas histórias [de Madame d'Aulnoy] podem parecer inesperadamente longas e peculiarmente complexas para os leitores modernos, mas em sua época eles ajudaram a definir o que era um conto de fadas: narrativas de paisagens fantásticas [...] escritos como diversão adulta e provocação intelectual. (SCHACKER, 2015, p. 41, tradução nossa).

Uma das mais reconhecidas biografistas de Madame d'Aulnoy, Fernande Gontier (2005, p. 362) classifica como uma “lenda” a imagem de Marie-Catherine cercada de crianças, contando histórias. Pelo contrário, a estudiosa registra que seu público nos anos de 1690 era o de frequentadores de salões literários, os visitantes do salão da Madame de Lambert e a corte da Duquesa do Maine. Entre os ilustres convidados da casa de Lambert, é citada “a célebre Madame d'Aulnoy, cujas visitas eram raras [...], e que serviu de

---

<sup>2</sup> Perrault foi membro da Academia Francesa, instituição exclusivamente masculina no século XVII. Marie-Catherine d'Aulnoy, por sua vez, foi a sétima mulher admitida na Academia Ricovrati de Pádua, instituição fundada em 1599 na presença de grandes nomes das artes e ciências, dentre eles Galileu Galilei. Foi uma das poucas academias europeias a aceitar a admissão de mulheres. Madame d'Aulnoy foi associada à Clio, musa grega da História, “a eloquente”.

intermediária entre Saint-Évremond e Madame de Lambert” (GIRAUD, 1881, p. 187, tradução nossa). Catherine Bernard, parente de Corneille e sobrinha de Fontenelle, também era frequentadora do referido salão. Gontier anota, porém, que os contos de Aulnoy foram, sim, reescritos para crianças nos séculos subseqüentes em versões adaptadas<sup>3</sup>. Foulché-Delbosc (1930, p. lxxxiii) assevera a afirmação, alegando que foram feitas inúmeras edições dos contos separados para o uso infantil no século XVIII. Em sua *História dos Livros Populares ou da Literatura de Colportagem* (Paris, 1864) Charles Nisard corrobora:

Nas edições feitas para a colportagem, os *Contos* de Perrault são impressos tanto coletivamente quanto isoladamente, bem como juntos de outros [textos] que não têm nenhuma relação [com o gênero]. Não vi nenhuma edição completa. A mesma observação é aplicável aos *Contos* de Madame d’Aulnoy. (NISARD, 1864, p. 513, tradução nossa).

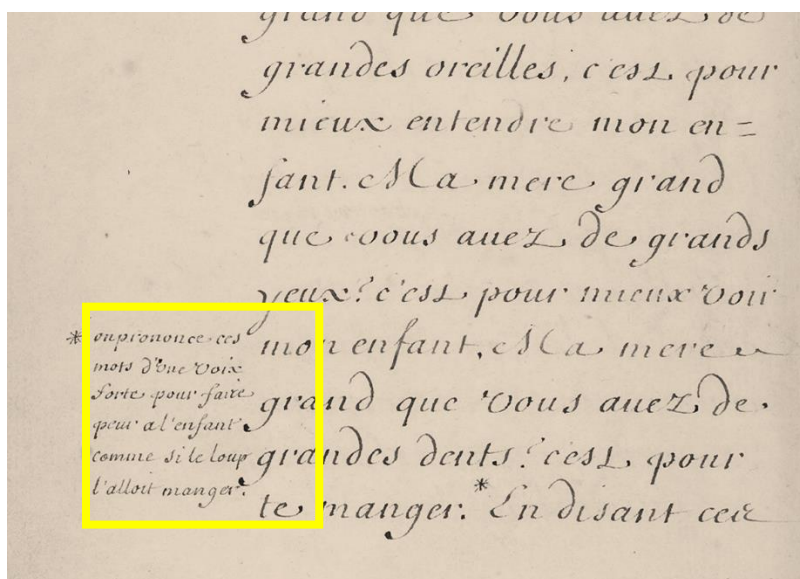
No Brasil, um exemplo claro desse processo de adaptação pode ser encontrado na coleção Biblioteca Melhoramentos, que oportunizou a circulação de alguns contos de fadas adaptados de Madame d’Aulnoy em pequenos livros direcionados ao público infantil.

Há que se sublinhar que nem todos os contos de fadas do século XVII foram exclusivamente endereçados ao leitor adulto. Tanto François de Salignac de La Mothe-Fénelon (1651-1715), preceptor de príncipes e autor de obras como *As Aventuras de Telêmaco* (1699) e *Fábulas Compostas para a Educação do Duque de Borgonha* (1700), quanto Charles Perrault, ambos pioneiros da literatura infantil francesa, demonstraram interesse na composição de obras destinadas ao público infantil. No tocante a Perrault, esse endereçamento pode ser corroborado por uma das notas presentes na edição manuscrita de seus *Contos*, datada de 1695 (Figura 32).

---

<sup>3</sup> Tanto as adaptações propriamente ditas dos contos de fadas para o público infantil quanto as edições setecentistas que adicionam frontispícios ilustrados — nos quais há a figura de uma senhora lendo os contos a crianças — são admitidos como movimentos exclusivamente editoriais (não autorais) relacionados à necessidade de aproximar o gênero como um todo ao seu “novo” público leitor, ampliando o público-alvo de Perrault e Fénelon aos demais contistas dos séculos XVII e XVIII francês.

Figura 32 – Nota ao leitor presente em “Chapeuzinho Vermelho”



Fonte: PERRAULT, 1695. Lê-se na nota à esquerda destacada pelo asterisco: “Pronuncia-se essas palavras com uma voz forte para causar medo à criança, como se o lobo fosse devorá-la” (tradução e destaque nossos).

Levy e Mendlesohn (2016, p. 17) sugerem que, ainda que aparentemente destinados a crianças, os contos de Perrault foram muito bem recebidos na corte; já as demais coleções de contos de fadas eram consideradas “obras mais sérias”, endereçadas a adultos, das quais as crianças e pessoas de baixa patente eram excluídas e não se viram representadas. Michèle Simonsen (1987, p. 16) ressalta que, para o público letrado, “os contos populares serão reservados às crianças.” Além de destacar a originalidade dos contos de Madame d’Aulnoy, o crítico literário Michel de Cubières-Palmézeaux (1812, p. 19, tradução nossa), afirma ter “a impressão de que eles são menos acessíveis às crianças do que os outros.”

Em sua antológica *História da Literatura Infantil – da Mamãe Ganso ao Rei Babar*, Jean de Trigon afirma que não se pode falar propriamente em uma “literatura infantil francesa” antes de Fénelon, que dedicou grande parte de suas composições narrativas (fábulas, novelas e contos) à formação moral de seus pupilos (TRIGON, 1950, p. 7). Quanto a Perrault, Trigon (1950, p. 9) destaca tratar-se do único autor francês cujas obras são conhecidas antes mesmo de se aprender a ler, corroborando o forte elo existente entre



seus *Contos* e o imaginário infantil. Ao comentar alguns dos precedentes literários em que Perrault se inspirou para a criação de seus contos, o pesquisador constata:

É Giambattista Basile que cria, em 1634, “O Gato de Botas” e “Cinderela”. Mas da mesma forma que La Fontaine deu forma definitiva às fábulas de Esopo e Fedro, Perrault cristalizou, com sua atmosfera e seus detalhes pitorescos, as histórias da mãe gansa para a posteridade. (TRIGON, 1950, p. 10, tradução nossa).

Storer (1928, p. 12) esclarece que o termo “histórias da mãe gansa” já era de uso corrente ao menos nos anos de 1650, antes da publicação de Perrault; trata-se, em língua francesa, de uma expressão cujo sentido é semelhante ao de “conto da carochinha” em português brasileiro. Em suma, pode-se afirmar que Charles Perrault assentou a pedra angular na fundação do que viria a ser o gérmen da chamada “literatura infantil” ocidental, promovendo o acabamento literário de uma forma de narrar já bastante tradicional.

A obra *Contos ou Histórias dos Tempos Passados com Moralidades, Contos da Mãe Gansa* foi oficialmente lançada em 1697, impressa e comercializada por Claude Barbin, livreiro parisiense que também editou Madame d’Aulnoy e La Fontaine. Os poemas narrativos “Grisélidis” e “Os Desejos Ridículos” haviam sido lançados no *Mercurie Galant* em 1691 e 1693, respectivamente. Em 1694, Perrault publica um primeiro compêndio poético contendo essas duas narrativas e também “Pele de Asno”. Em 1695, começa a circular a versão manuscrita dos *Contos da Mãe Gansa*, contendo “As Fadas”, “Chapeuzinho Vermelho”, “Barba Azul”, “O Gato de Botas” e “A Bela Adormecida no Bosque”; este último também foi publicado isoladamente no *Mercurie Galant* em 1696. Finalmente, em 1697, com a adição de “Cinderela”, “Riquete de Topete” e “O Pequeno Polegar”, a edição impressa veio a lume. Apenas no século seguinte é que será lançada uma “versão final” da obra infantil de Charles Perrault, ou seja, uma edição contendo as onze histórias (oito contos em prosa e três poéticos).

A fim de encerrar as considerações em torno dos *Contos da Mãe Gansa*, faz-se oportuno estabelecer contrapontos ao legado depreciativo instaurado pelos irmãos

Grimm contra Madame d'Aulnoy na condição de leitores de Perrault. No prefácio do primeiro volume de seus *Contos Infantis e do Lar* (*Kinder- und Hausmärchen*), de 1812, Jacob (1785-1863) e Wilhelm Grimm (1786-1859) lançam mão de uma declaração deveras polêmica acerca de duas das mais célebres autoras de contos de fadas do século XVII francês: Madame d'Aulnoy e Henriette-Julie de Castelnau de Murat, a Madame de Murat. Em um elogio a Perrault, os irmãos afirmam:

A França com certeza agora tem mais do que Charles Perrault informou, somente ele tratava os contos como histórias para crianças (ao contrário de seu imitador mais limitado Aulmoi Murat) [...] Seu mérito está em não ter lhes acrescentado nada e ter deixado tudo inalterado, e não ser alguns detalhes ínfimos; sua apresentação merece o elogio de ter se mantido tão simples quanto possível. (GRIMM, 2015, p. 30-31).

Ressalvando-se o equívoco tradutório que mesclou “Aulnoy” e “Murat” como se fossem uma pessoa só<sup>4</sup> (e do sexo masculino), verifica-se que, na esteira do romantismo folclorista e no auge da etnografia naturista de uma Alemanha recém libertada da voga dos modos franceses e da ameaça napoleônica, o vitupério dos Grimm a uma literatura profundamente marcada pela mundividência aristocrática francesa parece ser justificável enquanto fato histórico. Contudo, feita essa exceção, no âmbito literário, há que se fazer emendas. A primeira delas diz respeito à ideia de que os contos de Perrault não passaram por grandes alterações; o autor, pelo contrário, recorreu a temas conhecidos da audiência francesa (aristocratas e altos burgueses) para compor narrativas ricamente trabalhadas e estilisticamente distintas, elaboradas em versos cuidadosamente metrificadas e rimadas, como se constata em sua tríade poética (“Grisélidis”, “Os Desejos Ridículos” e “Pele de Asno”), por exemplo. Uma de suas intenções primordiais, enquanto defensor da modernidade, era a de provar ser possível fazer literatura “de bom gosto” em língua francesa sem necessariamente imitar os modelos e os temas dos antigos autores greco-latinos. Quanto à acusação dirigida às Madames d'Aulnoy e Murat, uma simples conferência comparatista entre os contos de ambas e os de Perrault mostra-se suficiente

---

<sup>4</sup> Para a versão traduzida em língua inglesa, cf. ZIPES, 2014, p. 8.

para atestar a clara improbidade de tal declaração. Fato é que tanto Perrault quanto Aulnoy revisitaram a “Gata Borralheira” de Giambattista Basile, uma das únicas coincidências temáticas entre a contística dos dois, mas o primeiro foi poupado do estatuto de “imitador” pela crítica dos Grimm. Ademais, contos como “A Bela Adormecida no Bosque”, “O Gato de Botas” e “Grisélidis” foram alguns dos outros títulos que Perrault “imitou” diretamente da tradição literária italiana. Em Alfred Maury (1896, p. 66, tradução nossa), há a constatação de que “muitos dos contos de Charles Perrault são tirados das *Noites Agradáveis* de Straparola, publicados em Veneza em 1550 e traduzidos em francês de 1560 a 1570; dentre eles, por exemplo, *O Gato de Botas*.”

Contudo, apesar de tais inconsistências, a declaração dos Grimm exerceu influência direta em outro importante coligidor europeu: o escocês Andrew Lang (1844-1912). De maneira análoga, no prefácio ao seu *Livro Oliva de Contos de Fadas*, Lang utiliza o termo “imitadoras” para se referir às contemporâneas de Perrault, deixando transparecer não apenas sua depreciação, mas também juízo de valor de natureza sexista:

O sucesso de Perrault foi baseado no prazer que a corte de Luís XIV tinha em contos de fadas: sabemos que eles eram contados entre damas da corte a partir de uma carta da Madame de Sévigné. Naturalmente, Perrault teve imitadoras, como Madame d’Aulnoy, uma senhora errante com mais inteligência do que reputação. (LANG, 1907, p. vi, tradução nossa).

A leitura equivocada e politicamente enviesada deixada pelos irmãos Grimm em termos de contos de fadas de autoria feminina ressoa até a contemporaneidade. Títulos presentes na bibliografia básica de cursos de Letras e Pedagogia endossam e agravam os posicionamentos previamente apresentados. Em Góes (2010, p. 166) há a declaração de que “no século XVIII, a Literatura Infantil francesa é sensivelmente insuportável” e a ideia de que os contos de fadas publicados depois de Perrault foram “desfigurados” por instrutoras moralistas que fingiam naturalidade, o que seria “quase pior que o preciosismo”, com posterior citação aos nomes das Madames d’Aulnoy, de Villeneuve e Leprince de Beaumont.

Felizmente para as fadas viria uma época melhor. Em 1812 apareceram as obras dos irmãos Grimm, Jacob e Wilhelm. Eles redescobriram os mitos, permitindo valorizar novamente a ingênua e fresca fantasia dos homens, concedendo-lhes hierarquia artística como concepção espontânea de vida. E foram os primeiros que descobriram a veia escondida do napolitano Giambattista Basile, traduzindo alguns dos contos de *Pentameron* para o alemão. (GÓES, 2010, p. 167).

Cabe dizer que a (re)descoberta dos contos de Basile ocorreu justamente no século XVII e pelas mãos das escritoras a quem as nódoas críticas foram lançadas. Verifica-se, novamente, o elogio dos ideais românticos de ingenuidade e espontaneidade como aspectos positivos do gênero conto de fadas, o que serviria para desqualificar a produção artística feminina, que, por oposição, seria caracterizada por artificialidade e frivolidade.

Leituras apuradas como as de Nelly Novaes Coelho (1991; 2016) mostram-se atentas aos perigos da contaminação do discurso sexista na apreciação da literatura francesa escrita por mulheres nos séculos XVII e XVIII. Ao atribuir termos como “rebuscamento” e “fantasismo exacerbado” aos contos de fadas de autoria feminina, Nelly Novaes Coelho averigua duas das principais características composicionais dessa produção feérica sem desqualificar o estatuto moral (e autoral) desse conjunto de autoras, evitando, assim, o afastamento de potenciais novos leitores.

### **3.2. As fontes**

Tanto Marie-Catherine d’Aulnoy quanto Charles Perrault recorreram à tradição italiana para a composição de sua contística feérica. Jack Zipes (2021, p. xii, tradução nossa) pontua que Madame d’Aulnoy esteve “claramente envolvida com as obras literárias fantasistas de escritores letrados” e que “baseou suas histórias na coleção de Straparola”. Zipes ainda faz a ressalva de que Marie-Catherine pode até ter tido contato com o *Pentameron* de Basile, mas demonstrou maior inclinação às *Noites Agradáveis* de Straparola. Pierre de Larivey (1540-1612) lançara sua tradução das *Noites Agradáveis* de Straparola nos anos 70 do século XVI. Já o *Pentameron* de Basile, importante fonte para Perrault, teve sua primeira edição apenas em 1634; não há informações sobre uma

tradução francesa no século XVII. De Basile, Perrault revisitou “A Gata Borracheira” para a composição de sua “Cinderela”, “Sol, Lua e Talia” para “A Bela Adormecida no Bosque”, e “As Três Fadas” para “As Fadas”. Um quarto conto, “Cagliuso”, teria servido de base para a trama de “Mestre Gato ou Gato de Botas”; no entanto, o conto de Perrault está mais próximo da versão de Straparola, “Constantino Fortunato”. Na advertência de suas *Histórias Sublimes e Alegóricas*, de 1699, Henriette-Julie de Castelnau, condessa de Murat, escreve:

A primeira [fonte] de que tirei as ideias para alguns desses contos foi dos contos de um autor antigo, intitulados “*As noites agradáveis*”, do Senhor Straparola, impressos pela décima sexta vez em 1615 [...]. As Damas que também escrevem esse gênero dispuseram da mesma fonte, ao menos a maior parte delas. (MURAT, 1699, p. ix, tradução nossa).

A declaração de Henriette-Julie de Murat testifica em primeira instância a proeminência dos contos de Straparola para o estabelecimento da contística feérica francesa do século XVII. Madame d’Aulnoy revisitou motivos presentes nos contos “O Rei Porco” (segunda noite, primeira história), “Pedro, o louco” (terceira noite, primeira história), “Livoretto” (terceira noite, segunda história), “Constanza” (quarta noite, primeira história) e “Ancilotto” (quarta noite, terceira história) para compor, respectivamente, “O Príncipe Javali”, “O Golfinho”, “A Bela dos Cabelos de Ouro”, “Bela-Bela ou O Cavaleiro Fortunato” e “A Princesa Bela-Estrela e o Príncipe Querido”. Charles Perrault recorreu às *Noites Agradáveis* para compor “Mestre Gato ou O Gato de Botas” a partir de “Constantino Fortunato” (décima primeira noite, primeiro conto). Ruth Bottigheimer (2013, p. 126) constata que o reconto de Perrault coincide parágrafo a parágrafo com o conto de Straparola.

A fim de promover análises contrastivas em torno dos contos de fadas de Perrault e d’Aulnoy e suas fontes italianas, retoma-se aqui, para melhor compreensão dos esquemas comparativos, a teoria dos narremas tal como proposta por Dorfman (1969), que define o narrema como a unidade mínima de sentido no interior de uma cadeia narrativa, um evento funcional cuja ausência desestabiliza a estrutura do texto. Os eventos

(ou “incidentes”, segundo a nomenclatura de Dorfman) de natureza narrêmica compõem a subestrutura da narrativa. Já os eventos ou incidentes paralelos (*marginal incidents*) compõem a chamada superestrutura da narrativa e sua omissão não causa prejuízo à continuidade do enredo. A fim de estabelecer um parâmetro distintivo em torno do tipo de evento sob suspeição, Dorfman (1969, p. 7, tradução nossa) propõe uma pergunta básica: “Pode o referido incidente ser omitido do inventário sem interromper a continuidade do enredo?”. Em caso positivo, independentemente do quão poético, artístico ou memorável o incidente possa ser, ele será considerado paralelo (*marginal*). Com o objetivo de complexificar as proposições de Eugene Dorfman, recupera-se Roland Barthes (1971) e Mieke Bal (2021) para o estabelecimento das seguintes categorias hiperonímicas seguidas de suas definições:

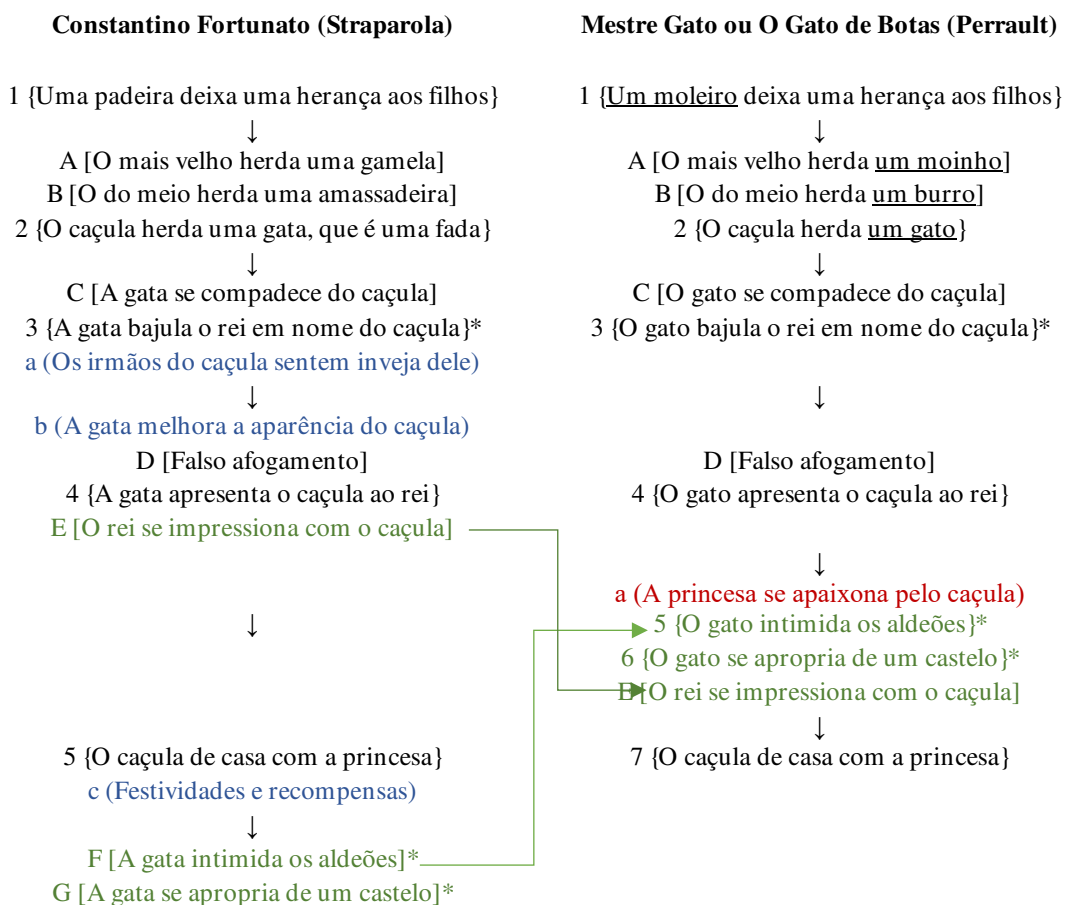
- (a) *Narrema*: unidade mínima da narrativa cuja omissão inviabiliza a continuidade do enredo (DORFMAN, 1969, p. 5-7), evento de “função cardinal” que constitui as “verdadeiras articulações da narrativa” (BARTHES, 1971, p. 31), “evento funcional” (BAL, 2021, p. 238);
- (b) *Catálise*: evento de “função completiva” e de notação subsidiária que se aglomera em torno de um núcleo sem modificar-lhe a natureza determinante (BARTHES, 1971, p. 31), “incidente marginal” (DORFMAN, 1969, p. 5-7), “evento não funcional” (BAL, 2021, p. 238);
- (c) *Apenso*: período não incidental, de natureza acessória e qualificativa, fato isolado, sem valor de evento por não por não determinar alternativamente a continuidade do enredo;
- (d) *Superestrutura*: cadeia de narremas, catálises e apensos que compõem uma narrativa;
- (e) *Subestrutura*: cadeia de narremas.

As noções de *super* e *subestrutura* partem de Dorfman (1969); a noção de *apenso* é nossa. Apesar de não influírem no inventário de incidentes que compõem a cadeia narrativa, os apensos podem desvelar ideários mais ou menos sutis implicados aos sistemas culturais, sociais, históricos, econômicos, jurídicos, etc, em que uma narrativa se

insere. Afinal, tal como referendado em Buescu (1998, p. 25), entende-se que todas as instâncias autorais (autor, tradutor, coligidor, editor) produzem textos que “sabem e mostram que *vêm de alguém e vão para alguém e que nesse movimento se jogam relações complexas*” (itálicos da autora), ou seja, a consciência básica de que um texto não é “autogerado”. A pertinência da noção de apenso será demonstrada a partir da análise a seguir.

Em ambas as superestruturas narrativas, os narremas foram isolados em chaves, as catálises em colchetes e os apensos em parênteses. Os narremas foram sequenciados numericamente; as catálises, alfabeticamente em letras maiúsculas; os apensos, alfabeticamente em minúsculas. Destacou-se, em azul e vermelho, os narremas, catálises e apensos exclusivos de cada narrativa. Em verde, destacou-se o deslocamento de uma mesma sequência de catálises.

### Paralelo contrastivo superestrutural 1

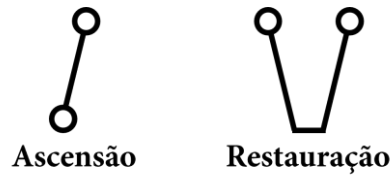


Para além da confirmação do que foi proposto por Bottigheimer (2013, p. 126), que enfatiza a similitude estrutural quase completa existente entre os dois contos, uma segunda constatação mais imediata diz respeito à troca de sexo de dois personagens: em Perrault, a figura da mãe (Soriana, a padeira, mãe de Constantino) dá lugar à do pai (o moleiro, pai do pretense Marquês de Carabás) e a gata se torna gato. As heranças dos filhos mais velhos variam de acordo com a profissão exercida pelo progenitor falecido. Ademais, os personagens não são nomeados em Perrault, enquanto em Straparola mesmo os secundários possuem nomes próprios.

Verifica-se que a subestrutura das narrativas — ou seja, sua cadeia narrêmica — varia em dois pontos: a alteração da natureza dos eventos “A gata/o gato intimida os aldeões” e “A gata/o gato se apropria de um castelo” e o desfecho. Em “Mestre Gato ou Gato de Botas”, Perrault condiciona o casamento do Marquês de Carabás à comprovação de suas posses, enquanto em Straparola, Morando, o rei da Boêmia, acredita tão somente no discurso da gata de Constantino e primeiro concede a mão de sua filha Elisetta para depois se importar com um lugar onde os dois pudessem morar. Em Perrault, ambos os eventos são considerados narremas por determinarem o casamento, enquanto em Straparola são catálises, pois não determinam os narremas seguintes (a morte do rei e a ascensão de Constantino ao trono). Perrault abdica dos dois últimos narremas de Straparola, abstando-se tanto da morte do monarca quanto da consequente ascensão de um plebeu ao trono, eventos avessos à lógica moderna e absolutista a que Perrault se filiava. Ainda assim, o conto de Perrault não deixa de se configurar como um conto ascensional, visto que o filho do moleiro acaba por se tornar príncipe consorte. A distinção entre contos de ascensão (*rise tales*) e contos de restauração (*restoration tales*) foi proposta por Ruth Bottigheimer (2003) e obedece à lógica simples ilustrada pelos diagramas abaixo (Figura 33):



Figura 33 – Diagramas das lógicas narrativas dos contos de ascensão e restauração



Fonte: adaptado de BOTTIGHEIMER, 2002, p. 11, 14.

Basicamente, um conto de ascensão, como a própria designação sugere, pressupõe ascensão social da parte de seu protagonista; no repertório de contos de fadas canônicos, é possível destacar, além de “O Gato de Botas”, “Cinderela” e “A Bela e a Fera” de Jeanne-Marie Leprince de Beaumont (1711-1780) como os exemplos desse primeiro tipo. Um conto de restauração, por sua vez, envolve a restituição de um *status quo* perdido, ou seja, a retomada de um título nobiliárquico do qual o protagonista foi destituído, a remissão de uma coroa. Na dimensão dos contos desse segundo tipo, é possível mencionar títulos como “A Bela Adormecida”, “Pele de Asno” e “A Bela e a Fera” de Gabrielle-Suzanne Barbot de Villeneuve (1695-1755).

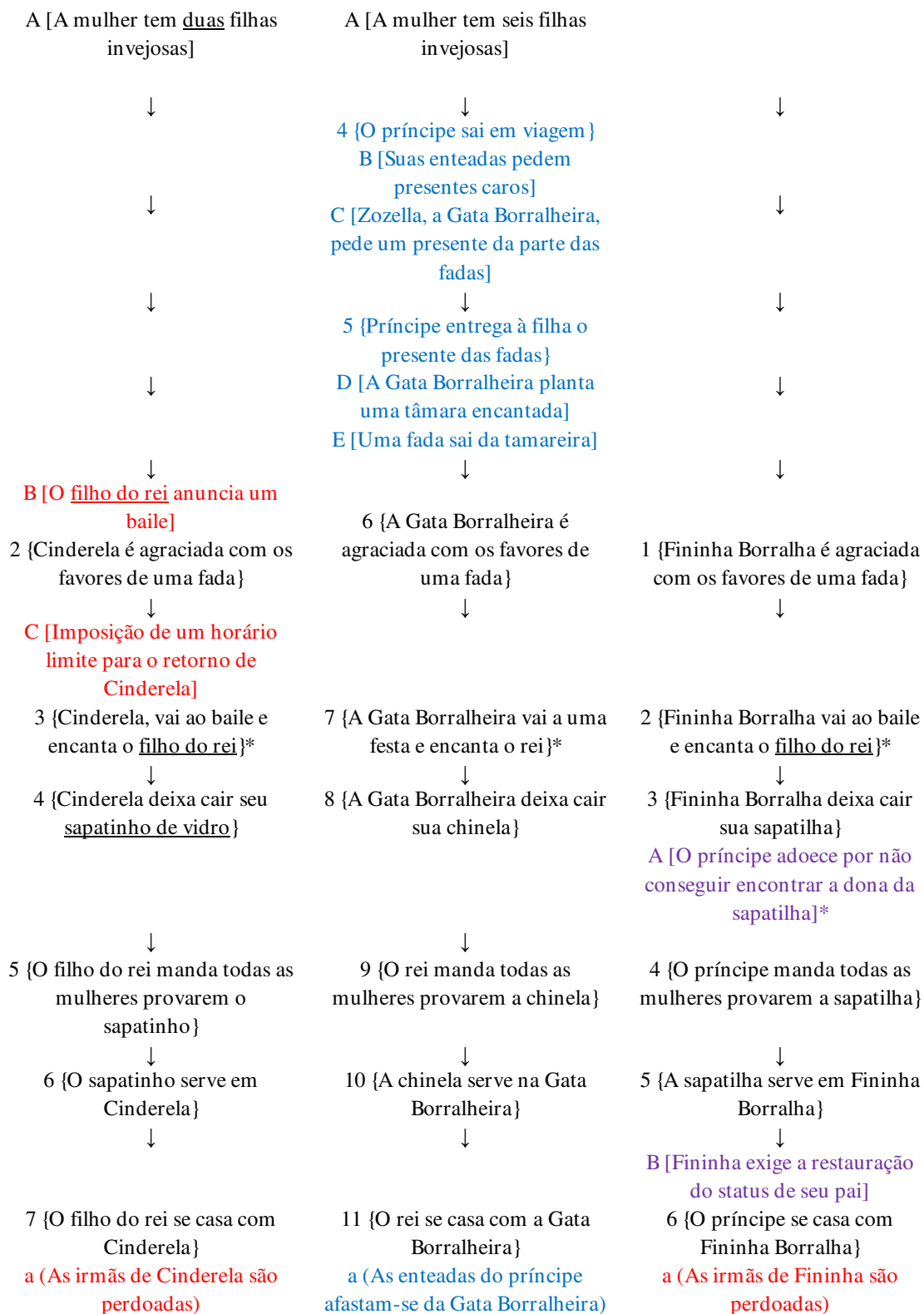
De volta à análise contrastiva, observa-se que o narrema 3 de ambos os contos e as catálises F e G de “Constantino Fortunato” (que correspondem aos narremas 5 e 6 de “O Gato de Botas”) foram marcadas com um asterisco (\*). Tal notação assinala o caráter resumitivo dos três eventos: em “A gata/o gato bajula o rei em nome do caçula” estão contidos os eventos não funcionais implicados pelos diferentes episódios de caça; em “A gata/o gato intimida os aldeões”, estão implicados os eventos referentes às ameaças que o animal faz a diversos trabalhadores do campo; por fim, em “A gata/o gato se apropria de um castelo” estão condensados os meios pelos quais o animal adquire um lugar para seu dono viver. Em “Constantino Fortunato”, a gata simplesmente se apropria do castelo de um “certo Senhor Valentino” que havia falecido em viagem (STRAPAROLA, 2015, p. 397). Em “Mestre Gato ou O Gato de Botas”, o bichano logra um ogro metamorfo, proprietário do castelo, e o devora quando transformado em rato (PERRAULT, 2007, p. 103).

No tocante aos apensos, interessa destacar o apenso *b* de “Constantino Fortunato” e o apenso *a* de “O Gato de Botas”. O primeiro enfatiza a proximidade do caçula com seu animal de estimação, herança de sua mãe: a gata lambe o corpo de Constantino para sarar suas máculas e melhorar sua aparência antes do episódio do falso afogamento. O segundo, por sua vez, demonstra a preocupação da parte de Perrault em relação ao consentimento e interesse prévio da princesa quanto à ideia de casar-se com o Marquês de Carabás. Casar-se por amor é um dos temas mais caros ao conto de fadas francês de autoria feminina do século XVII, presente na totalidade dos contos de Madame d’Aulnoy. Nesse ponto, pode-se presumir que Perrault optou por se identificar como um “aliado” da causa, fazendo questão de adicionar o referido período não incidental (que é retomado ao final da narrativa) na cadeia superestrutural de seu reconto.

Propõe-se, a seguir, uma segunda análise contrastiva. Dessa vez, três superestruturas narrativas serão postas em paralelo: “A Gata Borralheira”, de Giambattista Basile, “Cinderela”, de Charles Perrault, e “Fininha Borralha”, de Madame d’Aulnoy. Tal procedimento tem por objetivo demonstrar os diferentes mecanismos efabulatórios empregados por Perrault e Aulnoy em relação a uma mesma fonte, corroborando a distinção de suas poéticas e contestando as inectivas de Grimm (2015) e Lang (1907).

### Paralelo contrastivo superestrutural 2

| Cinderela (Perrault)   | A Gata Borralheira (Basile)  | Fininha Borralha (d’Aulnoy) |
|--|--|-----------------------------|
|  |  | Núcleo “João e Maria”*      |
|  | 1 {Um príncipe viúvo se casa em segundas núpcias com uma mulher malvada}             | ↓                           |
|  | ↓  | ↓                           |
|  | 2 {Zozella, filha do príncipe, mata sua primeira madrasta, orientada por sua mestra} | ↓                           |
|  | ↓  | ↓                           |
| 1 {Um <u>cavalheiro</u> se casa em <u>segundas núpcias</u> com uma mulher malvada} | 3 {O príncipe se casa em terceiras núpcias com a mestra de sua filha}                | ↓                           |



A fim de não tornar o paralelo demasiadamente extenso, foram omitidos os apensos das três narrativas, com exceção do último (apenso *a* das três colunas). Ademais, somente as catálises mais significativas foram mantidas para fins analíticos.

A constatação mais imediata diz respeito aos narremas iniciais de cada conto. Em Basile, um príncipe viúvo se casa em segundas núpcias com uma mulher tirana. Zozella, sua filha, é orientada por sua mestra a matá-la para que ela mesma pudesse se casar com o pai de sua pupila. Uma vez realizado o assassinato (cujos métodos são semelhantes ao que se descreve no conto “O Junípero”, dos Grimm) e o terceiro casamento do príncipe, só então a mestra se mostra tão tirânica quanto a primeira madrasta de Zozella. As seis filhas da mestra são enfim apresentadas, visto que sua existência era ocultada pela mulher. Em Perrault, um cavalheiro se casa em segundas núpcias com uma mulher malvada, mãe de duas moças. Ou seja, o terceiro narrema de Basile corresponde ao primeiro de Perrault. Em Madame d’Aulnoy, tanto a superestrutura quanto a subestrutura são divergentes logo de partida em comparação com as narrativas de Basile e Perrault. O conto “Fininha Borralha” possui um núcleo inicial cujos motivos são semelhantes aos da história de João e Maria (estabelecida pelos Grimm mais de um século depois): por motivos financeiros, Fininha e suas duas irmãs são abandonadas pelos pais em um deserto. Em seguida, encontram a casa de um casal de ogros e os matam. Uma vez em posse dos tesouros que pertenciam aos ogros, as duas irmãs de Fininha decidem maltratá-la, fazendo da caçula sua escrava. Daí em diante é que se inicia o “núcleo da borralheira” comum às três narrativas.

Mais uma vez, assim como foi demonstrado na primeira análise contrastiva, Perrault transformou a narrativa-fonte, um conto de restauração, em um conto de ascensão: a filha de um cavalheiro acaba se tornando princesa, não rainha. Em Madame d’Aulnoy, a narrativa adquire novos contornos na medida em que o enlace amoroso se dá entre amantes pertencentes à mesma estirpe: “Quando eles [os pais do príncipe] souberam que Fininha havia nascido princesa, foi uma outra grande alegria, por pouco não morreram de felicidade” (Cap. 5, p. 417). Uma dupla restauração ocorre no conto de

Madame d'Aulnoy, afinal, além de reaver sua posição social, Fininha exige dos sogros a restituição do reino de seus pais, o que lhe é concedido sem nenhuma ressalva.

Apenas em Basile as irmãs da Borracheira não recebem perdão. Mais do que isso, elas sequer demonstram interesse em recebê-lo, apenas afastam-se do círculo social de Zozella e aninham-se à sua mãe. Em Perrault e Aulnoy, as moças invejosas ainda conseguem granjear bons casamentos por intermédio da Borracheira.

A partir das constatações provenientes de ambas as análises contrastivas, é possível observar que, em termos de “imitação”, os contos de Perrault estão muito mais próximos dos de Basile e Straparola do que Jacob e Wilhelm Grimm admitiram em seu prefácio crítico às Madames d'Aulnoy e Murat. O paralelo em torno da “Gata Borracheira” é exemplar no tocante aos procedimentos efabulatórios empregados por Marie-Catherine na composição de seus outros contos inspirados em Straparola: mais do que fazer uma correspondência completa parágrafo a parágrafo, d'Aulnoy aglutina diferentes núcleos e cadeias narrêmicas em um mesmo conto, alongando e complexificando suas histórias, transformando-as em pequenas novelas (*petit nouvelles*).

A fim de encerrar a presente seção, cabe mencionar mais duas correspondências temáticas encontradas no *corpus* feérico de Madame d'Aulnoy: o conto “O Pássaro Azul” é por vezes interpretado como uma variante do “Lai de Yonec”, de Marie de France (1160~1215), e “A Ilha da Felicidade” como variante da lenda japonesa “Urashima Taro”, que remete ao século VIII<sup>5</sup>, e do conto celta “A Viagem de Oisín a Tir-Na-N'Og”. Em relação a “O Pássaro Azul” e o “Lai de Yonec”, para além do motivo da metamorfose<sup>6</sup> do enamorado em pássaro, nada mais parece justificar uma relação imediata entre as narrativas; nesse sentido, denominar o conto de d'Aulnoy como *variante* não parece apropriado. Já a “A Ilha da Felicidade” mantém diálogo direto com as narrativas japonesa e celta, havendo, de fato, o compartilhamento dos principais narremas que pilarizam a

---

<sup>5</sup> Agradeço a Therezinha Hernandes, doutoranda em Literatura pela Unesp de Araraquara, por ter me apresentado a essa narrativa.

<sup>6</sup> Rori Bloom (2015) associa as inúmeras metamorfoses presentes nos contos de Madame d'Aulnoy ao gosto que a autora demonstrava ter pelas miniaturas, pelo processo de miniaturização das pessoas e coisas.

subestrutura das três histórias; as variações ocorrem sobretudo na dimensão superestrutural.

### 3.3. As fadas

Henriette-Julie de Castelnau, Condessa de Murat, deixou registrado um verdadeiro manifesto em defesa das fadas modernas. Devido à relevância de tal tratado (a dedicatória de suas *Histórias Sublimes e Alegóricas*, de 1699, publicadas pelos livreiros parisienses Florentin e Pierre Delaulne), apresenta-se, no Apêndice C, sua tradução facsimilar para o português brasileiro. A partir das considerações da Condessa de Murat, será proposto um paralelo contrastivo entre a presença e a atuação das fadas enquanto personagens dos contos de fadas *lato sensu* de Charles Perrault e *stricto sensu* de Madame d'Aulnoy, a fim de corroborar a pertinência da acepção estrita do termo “contos de fadas” quando aplicado às narrativas de d'Aulnoy. Eis o que declara Henriette-Julie de Murat (Ap. F, p. 888-892):

As antigas Fadas, vossas predecessoras, não passam de bufonas diante de vós. Suas ocupações eram baixas e pueris, ocupando-se apenas com servas e nutrizas. Todo seu cuidado consistia em varrer suas casas, colocar panelas ao fogo, lavar roupas, embalar e fazer dormir as crianças, cuidar das vacas, bater a manteiga e mil outras misérias dessa natureza. E os mais notáveis efeitos de sua Arte se reduzem a fazer chorar pérolas e diamantes, espirrar esmeraldas e cuspir rubis. Seu divertimento era dançar à luz da Lua, transformar-se em velhas, gatos, macacos e em assombrações para causar medo às crianças e aos fracos de espírito. É por isso que tudo o que hoje nos resta de seus feitos e costumes não passam de contos da mãe ganso. Elas eram quase sempre velhas, feias, mal vestidas e mal acomodadas. À exceção de Melusina e de meia dúzia de fadas parecidas com ela, todas as demais não passavam de mendigas. Quanto a vós, Madames, haveis tomado um outro caminho; vós vos ocupais somente de grandes coisas. Dentre as menores, concedeis espírito àqueles que não possuem, beleza aos feios, eloquência aos ignorantes, riqueza aos pobres e esclarecimento sobre as coisas mais obscuras. Sois todas belas, jovens, formosas, vestidas e acomodadas com elegância e requinte. Habitais apenas a corte de reis ou palácios encantados. Encheis todos esses lugares de muitas graças pelas doces influências que neles espalhais. Esperamos que restabeleçais a ordem natural de nossas estações desregradas, pois almejamos uma doce primavera, um verão apropriado à maturação de nossas plantações, um outono fértil e abundante, onde o império de Baco retome seus direitos, e, enfim, um

inverno que se contenha em seus limites convencionais, sem se tornar o tirano de seus companheiros. (MURAT, 1699, tradução e adaptação nossas).

O embate entre antigos e modernos recebe novos contornos na dedicatória de Murat, onde até mesmo as fadas são envolvidas na querela. Para além de lançar nódoas às fadas antigas (“bufonas”, “velhas”, “feias”, “mal vestidas”, “mal acomodadas”, “mendigas”), a autora seiscentista — que ao que tudo indica foi amiga de Madame d’Aulnoy — faz questão de direcionar suas críticas aos contos de Charles Perrault. Ainda que filiado aos modernos na Querela, Perrault encontra-se diretamente associado à “antiguidade feérica” no entendimento de Henriette-Julie de Murat. Ainda que o emprego do termo “contos da mamãe ganso” no manifesto da contista deva ser compreendido em seu sentido conotativo (“contos da carochinha”), é evidente que a crítica se dirige à coletânea homônima publicada três anos antes. Tal interpretação é reforçada pela menção a uma das fadas de Perrault, aquela que faz “chorar pérolas e diamantes, espirrar esmeraldas e cuspir rubis” no conto “As Fadas”.

Note-se ainda o pedido que Murat direciona às suas interlocutoras em relação às estações. Isso porque, conforme citado por Joan DeJean (2005, p. 141), uma mudança climática de grandes proporções fez com que a França passasse por uma sequência de invernos de “força incomum”, o que serviu para agravar a fome enquanto decorrência da falta de colheitas<sup>7</sup>. No conto “O Selvagem”, presente na referida coletânea da Condessa de Murat, a fada Obligeantine conduz a princesa Constantina ao “Gabinete do Destino”, onde era possível visualizar a sorte dos homens; “Luís, o Grande” é mencionado como um rei conhecido em toda a Terra, bem como “a mudança nas estações no fim do presente século”, causada por um desarranjo dos astros e dos planetas (MURAT, 1699, p. 282-283, tradução nossa). Como sugerido no segundo capítulo da presente tese, o imaginário cósmico típico do século XVII alia-se ao imaginário feérico para gerar uma interpretação “científico-fantasia” sobre um fenômeno climático.

---

<sup>7</sup> Em “A Princesa Primavera”, Madame d’Aulnoy ficcionaliza a carência de suprimentos de um reino através do alerta da rainha: “Senhor, ordenai que todas as amas se apresentem e escolhei apenas uma, pois as nossas vacas não têm leite o suficiente para fornecermos mingau a tantas criancinhas.” (Cap. 5, p. 291).

De volta às fadas antigas e modernas, a fim de contextualizar as apreciações da Condessa de Murat, apresenta-se, na tabela abaixo, as ações de todas as fadas mencionadas na coletânea de Perrault:

Tabela 13 – As fadas de Charles Perrault

| <b>Conto</b>                | <b>Ação feérica</b>  |
|-----------------------------|--|
| A Bela Adormecida no Bosque | Oito fadas (sete boas e uma má) presenteiam a princesa com os seguintes dons: ser a pessoa mais bonita do mundo, ter a alma de um anjo, ter graça em tudo o que fizesse, dançar perfeitamente, cantar como um rouxinol, tocar perfeitamente todos os instrumentos, furar o dedo no fuso de uma roca (e morrer) e cair em um sono profundo de cem anos (recurso à morte). |
| Pele de Asno                | A fada madrinha auxilia sua afilhada a livrar-se do casamento com seu próprio pai. Seu ato mágico consiste em fornecer uma caixa de vestidos e demais paramentos à princesa, bem como sua varinha, para que a caixa pudesse surgir sempre que necessário.  |
| Cinderela                   | A fada madrinha providencia uma comitiva e promove uma transformação na aparência de sua afilhada para que ela possa ir ao baile e conquistar o filho do rei.  |
| Riquete de Topete           | A fada concede inteligência aos feios e beleza aos ignorantes como forma de amenizar seus pesares.   |
| As Fadas                    | A fada, primeiro disfarçada de anciã e depois de princesa, abençoa a moça virtuosa com o dom de expelir preciosidades pela boca e amaldiçoa a moça vil a expelir bichos peçonhentos.   |

Fonte: PERRAULT, 2007.

Com exceção da ação feérica descrita em “Riquete de Topete”, que está em consonância com um dos pressupostos actanciais das fadas modernas tal como previsto por Murat, e da influência que as duas últimas fadas de “A Bela Adormecida no Bosque” têm no destino da princesa, as demais parecem limitar suas ações a intervenções de natureza majoritariamente material. No conto “A Bela Adormecida no Bosque”, vê-se que a hierarquia feérica é baseada na idade, na experiência adquirida com o tempo. A fada mais velha é a mais poderosa, de sorte que a última admite: “é verdade que não tenho poder o bastante para desfazer inteiramente o que a mais velha fez” (PERRAULT, 2007, p. 84). A emenda feérica que resguarda a Bela Adormecida da morte propriamente dita não a livra de uma outra espécie de morte, afinal, cem anos depois, o mundo que a viu nascer já não será o mesmo; as pessoas de seu tempo terão morrido, bem como muitos dos seus costumes. Essa fratura secular entre o adormecimento e o despertar é bem notada pelo príncipe que a desperta, que arrazoia: “ela estava vestida à moda da vovó e ainda usava uma gola alta do tempo antigo” (PERRAULT, 2007, p. 87). “A Bela Adormecida no



Bosque”, “Cinderela”, “Pele de Asno”, “As Fadas” e “Riquete de Topete” configuram-se como os contos de fadas *stricto sensu* de Charles Perrault. Ademais, o título que encabeça a lista é a narrativa que mais se assemelha aos contos de fadas literários tanto em termos temáticos quanto estruturais, consideração corroborada por Ítalo Calvino (1996, p. 132):

A narrativa popular, muitas vezes obscura porque mistura tradições diferentes, pedaços de histórias esquecidas, resíduos de crenças e costumes de que se perdeu a noção, aqui [nos contos de Perrault] é podada e reduzida a uma funcional economia de efeitos e de emoções. Quase sempre, pelo menos; é exceção o seguimento da Bela Adormecida após o casamento com o príncipe [...].

Como será demonstrado no quarto capítulo da presente tese, as fadas que atuam nos contos literários de Madame d’Aulnoy agem de acordo com os ditames modernos evocados pela Condessa de Murat. Conclui-se, a partir dos dados apresentados nesta seção, que, dentre os onze *Contos da Mamãe Ganso* de Charles Perrault, cinco se classificam como contos de fadas *stricto sensu*, narrativas em que as intervenções feéricas — os *eventos* promovidos pelas fadas — possuem o estatuto de narremas na composição da estrutura dos contos. “Mestre Gato ou O Gato de Botas”, “Chapeuzinho Vermelho”, “Os Desejos Ridículos”, “Grisélidis”, “O Pequeno Polegar” e “Barba Azul” classificam-se, portanto, como contos de fadas *lato sensu*, histórias de natureza fantasista em que o elemento maravilhoso não é mediado pela intervenção de fadas.

#### **3.4. As noções narratológicas básicas do conto de fadas *lato sensu***

O objetivo desta curta seção, que encerra o presente capítulo, é o de estabelecer contrapontos narratológicos básicos aos princípios que serão estabelecidos no capítulo seguinte, bem como delimitar qual a natureza do *corpus* de referência de alguns dos principais teóricos do conto de fadas *lato sensu*. Pretende-se, portanto, lançar luzes tanto sobre a inexistência de uma teoria mais adequada às especificidades dos contos de fadas

literários *stricto sensu* quanto sobre a necessidade de se preencher essa lacuna com o estabelecimento de princípios temáticos e narratológicos próprios.

O conto de fadas em seu sentido amplo (que na lógica proposta pela presente tese engloba o que se entende por “conto de fadas tradicional”, “conto de fadas popular” ou mesmo “conto de fadas folclórico”) foi objeto de estudo de pesquisadores como Max Lüthi, André Jolles e Tzvetan Todorov. É de se esperar, portanto, que os contos de fadas literários de Marie-Catherine d’Aulnoy e outras autoras francesas do século XVII e XVIII não se adequem a todos os pressupostos de suas teorias. Consequentemente, para muitos leitores cujas referências estão calcadas em Perrault, Grimm e Andersen e em seus principais teóricos, os contos de fadas literários podem simplesmente não “parecer” contos de fadas justamente diferirem do que foi estabelecido como característico do gênero *lato sensu*.

Max Lüthi (1986) sumariza seu trabalho *O Conto Folclórico Europeu (The European Folktale)* com os seguintes tópicos autoexplicativos: unidimensionalidade, falta de profundidade, estilo abstrato, isolamento e interconexão universal, sublimação e inclusivismo total (*all-inclusiveness*). Cabe dizer que, apesar de Lüthi ter classificado seu objeto de análise como “conto folclórico” (*folktale*), seu corpus é composto por contos como “Cinderela” e “A Bela Adormecida”; ou seja, vê-se que o qualificativo “conto folclórico” também está incluído nos domínios do termo “conto de fadas *lato sensu*”. Nas palavras do autor, “desde que Charles Perrault fez do conto folclórico um objeto de atenção literária séria em 1696-97, escritores, leitores e estudiosos nunca deixaram de sentir atração por essa nova forma” (LÜTHI, 1986, p. 1, tradução nossa). A associação de Perrault ao folclore oferece subsídios teóricos para estudiosos que costumam associá-lo à figura de um coligidor, um etnógrafo, profissional que ouviu histórias diretamente da “boca do povo” e deu-lhes acabamento literário. Porém, conforme demonstrado em seções anteriores, Charles Perrault recorreu sobretudo às fontes escritas italianas para a composição de suas obras, bem como a possíveis temas até então exclusivamente veiculados pela oralidade, mas não *somente* a eles, como no caso de “Chapeuzinho

Vermelho”. Max Lüthi expressa suas considerações sobre a natureza distinta dos contos de fadas literários ao afirmar que

Em 1697 ele [Charles Perrault] publicou oito contos de fadas que, em contraste com os inúmeros contos sobre fadas e pixies<sup>8</sup> (*tales of fairies and pixies*) livremente embelezados que estavam em moda naquele tempo, fornecem clara evidência de sua origem entre o povo comum. (LÜTHI, 1976, p. 31, tradução nossa).

Evidencia-se, portanto, que é em referência ao “gênero de Perrault” que Lüthi tece suas apreciações. Em suas considerações sobre o conto de fadas, André Jolles (1976, p. 181) emprega o termo “o gênero de Grimm” para designar seu *corpus* de pesquisa. Afirma ainda que “o conto só adotou verdadeiramente o sentido de forma literária determinada no momento em que os irmãos Grimm deram a uma coletânea o título de *Contos para Crianças e Famílias*” (JOLLES, 1976, p. 181), contrariando os demais teóricos dos contos de fadas citados na presente tese. Segundo Jolles, o que os franceses chamaram de *conte de fées* seria uma variante particular e muito precisa de narrativa; literalmente, o “conto sobre fadas”, como sugerido por Zipes (2021) e Bottigheimer (2009; 2013; 2020; 2021). O estudioso faz ressoar as apreciações críticas dos Grimm e observa que, para eles, o conto (*Märchen*, não o *conte des fées*), sendo uma forma simples, tem por trunfo uma certa naturalidade poética, considerada pura e essencialmente coletiva na medida em que emana não de apenas um autor, mas de um Todo (com T maiúsculo); a poesia “artística”, por sua vez, seria uma elaboração destituída de naturalidade e, portanto, invariavelmente pior (JOLLES, 1976, p. 183-184). O autor enfatiza, porém, que não é sua intenção teorizar sobre o conto simples que é artisticamente complexificado:

Com este último ponto, somos levados à situação histórico-literária provocada pelo aparecimento do Conto na literatura ocidental, situação essa que se pode assim descrever: uma corporação de poetas e escritores especializados há muitos séculos em Formas artísticas crê ser seu dever e estar ao alcance de suas possibilidades atualizar uma Forma Simples, tal como atualiza suas Formas artísticas; uma série de romancistas procura tratar o Conto como uma novela,

---

<sup>8</sup> Pequenas criaturas mágicas assemelhadas às fadas e aos duendes, criaturas do folclore nórdico.

“encerrá-lo” da mesma maneira, inculir-lhe uma configuração sólida, peculiar e única. Haveria todo um estudo a fazer, e da mais alta importância para a teoria literária, sobre o que pode ocorrer em geral e o que ocorre em particular sempre que determinada Forma Simples se encontra com uma Forma artística; mas esse estudo, que verificaria o que pode resultar de tais cruzamentos, não pode ser levado a cabo neste volume. (JOLLES, 1976, p. 196, maiúsculas do autor).

Com essa declaração, André Jolles: (a) reafirma a especificidade de seu recorte como sendo os contos de Grimm, (b) indica a existência de uma lacuna no campo da teoria literária no que se refere ao conto “artístico” e (c) recusa a inserção dos contos de fadas literários no recorte das ditas formas simples. Em outras palavras, o autor deixa claro que suas considerações teóricas não dizem respeito e não podem ser estendidas ao conto de fadas “artístico”, que aqui se entende como sinônimo de conto de fadas literário. Ainda que seja possível associar os pressupostos de Jolles à contística de Perrault por proximidade narratológica, suas considerações foram pensadas com base exclusiva na contística de Grimm.

Mais adiante, ao comentar sobre o tempo e o espaço dos contos de fadas, Jolles (1976) postula que o cenário é sempre “uma terra muito, muito distante” e o tempo é “muito, muito pretérito”; ou o espaço é “lugar nenhum” ou “em qualquer lugar”. Joga-se, portanto, com as temporalidades do *nunca* e do *sempre* e com a espacialidade do *algures* e do *alhures*. Em Lüthi, tem-se que “o conto de fadas parece retratar um mundo atemporal. [...] A arte poética do conto de fadas não diz respeito a coisas transientes; retrata um mundo imperecível e eterno.” (LÜTHI, 1976, p. 53, tradução nossa). De fato, tarefa impossível é sondar quando e onde se passaram histórias como “Chapeuzinho Vermelho” ou “As Fadas”, de Perrault, visto que seus modelos efabulatórios não se pilarizam em referencialidades espaciais e temporais. Já narrativas como “Serpentino Verde” e “A Ilha da Felicidade”, de Madame d’Aulnoy, são construídas com base na fricção entre o mundo “real” (a China e a Rússia, respectivamente) e a terra feérica (a *fairyland* a que Ruth Bottigheimer se refere). Na concepção de Jolles, “sempre que [a forma simples] envereda por esse caminho [o de tornar-se forma artística], ganha em solidez, peculiaridade e unicidade, mas perde, por conseguinte, grande parte de sua

mobilidade, generalidade e pluralidade” (JOLLES, 1976, p. 197). Há que se convir, com base nessa constatação, que, sempre que adaptados para o leitor infantil, os contos de fadas literários são destituídos de suas especificidades (sobretudo catálises e apensos) para assim adquirirem o tom característico de uma forma simples, sendo reduzido ao mínimo narratológico a fim de granjearem alguma mobilidade. A título de exemplo, a adaptação de “O Pássaro Azul” por Osório Duque Estrada (2013), originalmente publicada em 1921, conta com sete páginas<sup>9</sup>, enquanto sua tradução integral chega a quarenta (AULNOY, 2020).

Tzvetan Todorov (2010) é outro importante teórico que fornece pistas importantes em torno da acepção geral do que seria um conto de fadas *lato sensu*.

Relaciona-se geralmente o gênero maravilhoso ao do conto de fadas; de fato, o conto de fadas não é senão uma das variedades do maravilhoso e os acontecimentos sobrenaturais aí não provocam qualquer surpresa: nem o sono de cem anos, nem o lodo que fala, nem os dons mágicos das fadas (para citar apenas alguns elementos dos contos de Perrault). (TODOROV, 2010, p. 60, parênteses do autor).

Ao estabelecer que no conto de fadas o maravilhoso e o sobrenatural não causam espanto, Todorov atribui características dos contos de Perrault (“A Bela Adormecida”, “Chapeuzinho Vermelho” e “As Fadas”, respectivamente, ao que parece) ao gênero como um todo. Nesse sentido, pode-se dizer que suas considerações remetem ao que aqui se entende por conto de fadas *lato sensu*. Como será demonstrado no capítulo seguinte, nos contos de fadas literários de Madame d’Aulnoy os eventos mágicos não são completamente naturalizados, visto que suas ocorrências costumam vir seguidas de justificativas<sup>10</sup>.

Uma vez que as demais teorias clássicas do conto de fadas *lato sensu* pouco diferem do que foi sugerido por Jolles, Lüthi e Todorov, e sem ter a intenção de fornecer uma

---

<sup>9</sup> Formato 14x21.

<sup>10</sup> Retoma-se, em torno desse ponto, a constatação de Christine Rousseau apresentada anteriormente: tem-se, em Madame d’Aulnoy, que a justificativa do prodígio é “baseada em critérios referenciais concretos que atualizam o maravilhoso e o ancoram em uma racionalidade pitoresca.” (ROUSSEAU, p. 234-235, tradução nossa).

revisão teórica sobre os trabalhos dos três autores, já que constantemente revisitados em trabalhos acadêmicos em torno dos contos de fadas de Perrault, Grimm e Andersen, finalizam-se aqui as considerações que servirão de contraponto aos princípios temáticos e narratológicos propostos no capítulo a seguir.

## CAPÍTULO 4<sup>1</sup>

### Princípios temáticos e narratológicos dos contos de fadas de Madame d’Aulnoy

No presente capítulo, estabelecerei alguns dos princípios temáticos e narratológicos identificados e averiguados a partir da tradução e análise dos vinte e quatro contos de fadas literários de Madame d’Aulnoy, ou seja, as quinze narrativas feéricas de *Os Contos de Fadas*, de 1697, e as nove de *Novos Contos ou A Moda das Fadas*, de 1698. Os contos “A Ilha da Felicidade”, de 1690, episódio constante no romance *História de Hipólito, Conde de Duglas*, e “História de Mira”, de 1691, presente nos *Relatos da Viagem pela Espanha*, não farão parte desse *corpus* por serem alheios aos dois projetos editoriais concebidos como compêndios específicos de contos de fadas tal como arquitetados e nomeados por Marie-Catherine d’Aulnoy.

Para tanto, organizarei a redação em tópicos, cada qual contendo um princípio, sua definição e uma sequência de exemplos. Alguns dos princípios estarão em contraposição direta com os pressupostos temáticos e teóricos do conto de fadas *lato sensu* apresentados ao longo dos capítulos anteriores.

Apenas neste capítulo, por conta da necessidade de repetição dos títulos dos contos, adotarei o uso de siglas conforme a tabela:

Tabela 14 – Siglas e suas correspondências

|             |                            |                |  |
|-------------|----------------------------|----------------|--|
| <b>GP</b>   | Graciosa e Percinê         | <b>BIB</b>     | Bibelô                                       |
| <b>ABCO</b> | A Bela dos Cabelos de Ouro | <b>OAA</b>     | O Anão Amarelo                               |
| <b>OPA</b>  | O Pássaro Azul             | <b>SV</b>      | Serpentino Verde                             |
| <b>OPD</b>  | O Príncipe Duende          | <b>APC</b>     | A Princesa Carpinha                          |
| <b>APP</b>  | A Princesa Primavera       | <b>ARB</b>     | A Rã Benevolente                             |
| <b>APR</b>  | A Princesa Roseta          | <b>ACB</b>     | A Corça no Bosque                            |
| <b>ORO</b>  | O Ramo de Ouro             | <b>AGB</b>     | A Gata Branca                                |
| <b>ALAB</b> | A Laranjeira e a Abelha    | <b>BBOCF</b>   | Bela-Bela ou O Cavaleiro Fortunato           |
| <b>ACB</b>  | A Camundonga Bondosa       | <b>OPAP</b>    | O Pombo e a Pombinha                         |
| <b>OC</b>   | O Carneiro                 | <b>APBEOPQ</b> | A Princesa Bela-Estrela e o Príncipe Querido |

<sup>1</sup> Neste capítulo, adotarei um registro menos impessoal do que o empregado até então, fazendo uso da primeira pessoa do singular. Justifico tal modificação por conta de minha proximidade o *corpus* em análise, oportunizada pelo intenso processo de tradução integral da contística completa de Madame d’Aulnoy. Ademais, as considerações reservadas a este último capítulo serão exclusivamente autorais.

|            |                  |            |                   |
|------------|------------------|------------|-------------------|
| <b>FB</b>  | Fininha Borralha | <b>OPJ</b> | O Príncipe Javali |
| <b>FOR</b> | Fortunata        | <b>OG</b>  | O Golfinho        |

As referências das ocorrências mencionadas nos exemplos obedecerão à notação já utilizada anteriormente, qual seja, a indicação de sua localização (número da página) no Apêndice D.

Por fim, é necessário salientar que os princípios abaixo elencados, aqui tomados como contrapontos temáticos e narratológicos exclusivos dos contos de fadas de Madame d’Aulnoy (em contraste com os dos contos de fadas *lato sensu*) certamente têm potencial de se provarem mais amplos, próprios à contística de outras autoras dos séculos XVII e XVIII francês, o que poderá ser ou não demonstrado à medida em que novas pesquisas em torno dessa temática surgirem.

## I. Protagonismo real

Os contos de fadas de Madame d’Aulnoy são invariavelmente protagonizados por reis, rainhas, príncipes ou princesas, sem exceção. Tal predileção tem como consequência mais imediata a formulaicização do mote “Era uma vez um rei e uma rainha”, que pode ser sistematizada pela fórmula “Era uma vez [uma figura real]”:

- GP** “Era uma vez um rei e uma rainha que tinham apenas uma filha.”
- ABCO** “Era uma vez a filha de um rei, uma princesa tão bonita que não havia nada no mundo cuja beleza pudesse se comparar à dela.”
- OPA** “Era uma vez um rei muito rico em terras e tesouros [...]”
- OPD** “Era uma vez um rei e uma rainha que tinham apenas um filho, a quem amavam apaixonadamente, embora ele fosse muito mal-apegoado.”
- APP** “Era uma vez um rei e uma rainha que tiveram muitos filhos.”
- APR** “Era uma vez um rei e uma rainha que tinham dois belos rapazes.”
- ORO** “Era uma vez um rei cujo humor austero e rancoroso inspirava mais medo que amor.”



|                |  |
|----------------|--|
| <b>ALAB</b>    | “Era uma vez um rei e uma rainha a quem não faltava mais nada para serem felizes, a não ser ter filhos.”   |
| <b>ACB</b>     | “Era uma vez um rei e uma rainha que se amavam tão intensamente, tão intensamente, que eram a felicidade um do outro.”   |
| <b>FB</b>      | “Era uma vez um rei e uma rainha que haviam administrado seus negócios muito mal.”   |
| <b>BIB</b>     | “Um dia existiu uma rainha que, para sentir-se feliz, não desejava mais nada a não ser ter filhos.”  |
| <b>OAA</b>     | “Era uma vez uma rainha a quem só havia restado uma única filha dentre as inúmeras crianças que tivera.”   |
| <b>SV</b>      | “Era uma vez uma grande rainha que, tendo dado à luz duas filhas gêmeas, convidou doze fadas da vizinhança para vir vê-las e prendá-las, como era de costume naquela época.” |
| <b>APC</b>     | “Era uma vez um velho rei que, para se consolar de uma longa viuvez, casou-se com uma bela princesa, a quem amava muito.”  |
| <b>ARB</b>     | “Era uma vez um rei que há muito tempo sustentava uma guerra contra seus vizinhos.”  |
| <b>ACB</b>     | “Era uma vez um rei e uma rainha cuja união era perfeita.”   |
| <b>AGB</b>     | “Era uma vez um rei que tinha três filhos corajosos e bem apessoados.”   |
| <b>BBOCF</b>   | “Era uma vez um rei muito amável, muito doce e muito poderoso.”  |
| <b>OPAP</b>    | “Era uma vez um rei e uma rainha que se amavam tão carinhosamente que sua união servia de exemplo a todas as famílias.”  |
| <b>APBEOPQ</b> | “Era uma vez uma princesa a quem nada restava de seu passado de grandeza [...]”  |
| <b>OPJ</b>     | “Era uma vez um rei e uma rainha que viviam em grande tristeza, porque não tinham filhos.”   |
| <b>OG</b>      | “Era uma vez um rei e uma rainha a quem o céu havia agraciado com vários filhos.”  |

A única aparente exceção ao princípio do protagonismo real advém do conto “Fortunata”, que tem por sentença inicial “Era uma vez um pobre lavrador”. Contudo, conforme o avanço da trama, a nutriz da pobre Fortunata — até então admitida como filha do lavrador — é quem se responsabiliza pela revelação de sua verdadeira estirpe:

Não sois filha do lavrador por quem fostes criada; não, bela Fortunata, ele não é vosso pai. A rainha que vos deu à luz já tinha seis filhas, e como se ela pudesse escolher engravidar de um menino, seu marido e seu sogro disseram que iriam matá-la com um punhal se ela não lhes desse um herdeiro. (Cap. 5, p. 422).

A nível de comparação, apenas três dos onze contos de Perrault são protagonizados por aristocratas: “A Bela Adormecida no Bosque”, “Pele de Asno” e “Riquete de Topete”. A dimensão da importância relegada a esse primeiro princípio pode ser exemplificada pela transformação da princesa Bagaço no conto “O Ramo de Ouro”. Ainda que virtuosa e infinitamente inteligente, a princesa é absolutamente desprovida de beleza. Uma vez tornada bela por uma fada — e renomeada Brilhante — a princesa lamenta o fato de ter aparentemente perdido seu título na ocasião da transformação:

Quantas reflexões ela não fez sobre essas novas maravilhas! Até então, havia nascido e vivido como a mais feia de todas as criaturas, mesmo sendo uma princesa. Agora, tornara-se mais bela que a estrela d’alva; porém, não passava de uma pastora, e a perda de sua posição não deixou de ser sentida. (Cap. 5, p. 337).

Em outras palavras, ainda que bela, inteligente e virtuosa, com todos os motivos para celebrar os dons recebidos, a ex-princesa Bagaço e agora pastora Brilhante ressentem o rebaixamento de sua patente, ainda que provisório.

## **II. Interdição à ascensão social**

Ao contrário do que ocorre em contos como “Cinderela”, “O Gato de Botas”, “Grisélidis” e “As Fadas” de Charles Perrault e em “A Bela e a Fera” de Jeanne-Marie Leprince de Beaumont, a ascensão social via casamento mostra-se tabú em Madame d’Aulnoy. Uma consequência direta de tal proibição é a recorrência de episódios de revelação como o apresentado anteriormente, em “Fortunata”, e de reflexões morais sobre a vileza pressuposta pelo relacionamento entre pessoas de estirpes muito distintas. Em alguns contos, o enlace amoroso é adiado unicamente pelo atraso da revelação das

verdadeiras patentes de príncipes e princesas disfarçados de plebeus, visto que a distância entre estirpes mostra-se um impeditivo quase irrevogável para o casamento.

- GP** “— O quê? Um pajem? — bradou a princesa, interrompendo-o. — Um pajem tem a audácia de dizer que me ama? Eis a maior de minhas desgraças!  
— Não temais, bela Graciosa — disse ele, expressando respeito e ternura. — Sou o príncipe Percinê, conhecido por minhas riquezas e por minha sabedoria, portanto não encontrareis disparidades entre nós [...].”
- OPD** “Quis saber se Abricotina não sabia nada sobre seu nome, seu país, a estirpe de sua família, de onde ele vinha e para onde estava indo.”
- APP** “— Ó, é o que mereço! Esse é um justo castigo por ter deixado o rei e a rainha, por ter amado tão irrefletidamente um homem que eu não conhecia, por ter fugido com ele sem considerar a minha estirpe [...].”
- ORO** “Ele, por sua vez, estava sobrecarregado de tristeza. Tinha a intenção de revelar-lhe a grandeza de sua estirpe, pensando que poderia tocá-la pela vaidade, e que assim ela o escutaria mais facilmente.”
- ALAB** “Infelizmente, porém, qual não foi a dor de Amada quando soube que teria de se casar com esse pavoroso amante? Embora não soubesse nada a respeito de sua estirpe, ela bem presumia, pela riqueza de seus pertences, como a corrente de ouro e a turquesa, que viera de um bom lugar.”
- BIB** “Sinto-me encantado com isso que me dizes, mas espero que me perdoes se eu não puder acatar tal pedido, afinal, nosso tamanho, nossa estirpe e nossos modos não são nada compatíveis.”
- APC** “— Não resta dúvidas de que esse pastor desconhecido é de uma estirpe conveniente à Carpinha — disse o rei. — Sua protetora é nobre demais para desejar unir duas pessoas inadequadas uma à outra.”
- BBOCF** “A Rainha, enganada pelo seu disfarce, pensava seriamente em um meio de celebrar um casamento secreto com ele; a desigualdade de suas estirpes era a única coisa que a incomodava.”
- APBEO PQ** “Quando ela soube que seu filho havia se casado sem a sua participação, ainda por cima com uma moça de uma estirpe tão obscura, e que o príncipe havia feito o mesmo, ficou tão irritada que assustou toda a corte.”
- OPJ** “— Terias tão pouco refinamento a ponto de desejares uma moça cuja estirpe é tão inferior à tua? — continuou a Rainha.”
- OG** “Ele confirmou tudo o que o Golfinho havia contado sobre sua estirpe, uma informação essencial para a satisfação da princesa, afinal as dádivas feéricas não suplantam os privilégios de um bom nascimento.”

O conto “A Princesa Primavera” é exemplar quanto a esse segundo princípio. Envolvida pelos encantos de Fanfarrino, um embaixador sem nenhuma patente nobilitária, Primavera enamora-se dele e prova duros castigos por sua imprudência.

Em vez de celebrarmos um casamento em nome do vosso amo, celebremos o nosso próprio casamento. Sei que não sois um príncipe, mas gosto de vós tanto como se fôsseis. Salvar-nos-emos juntos, indo para qualquer canto do mundo. De início, isso poderá gerar controvérsias, mas depois outras farão igual a mim, ou talvez pior [...] (Cap. 5, p. 298).

O relacionamento mostra-se improdutivo bastante depressa, pois a fome de Fanfarrino é maior que qualquer sentimento que ele demonstre ter por Primavera. Para que a trama tenha um final feliz, Fanfarrino é assassinado pela própria princesa, o crime é ocultado e Primavera enfim se casa com o filho de um rei no mesmo dia em que o conhece:

Naquele mesmo instante, o filho do grande rei Merlin chegou, inquieto por não ter recebido qualquer notícia do seu embaixador. Ele vinha com mil cavalos e trinta lacaios, todos bem vestidos de vermelho e com ricos distintivos de ouro; ele era cem vezes mais amável que o ingrato Fanfarrino. Os reis se abstiveram de contar-lhe sobre a aventura envolvendo o rapto, pois isso poderia levantar alguma suspeita. Com ares de grande sinceridade, disseram-lhe que o seu embaixador, tendo sede, foi tirar água do poço, acabou caindo e morreu afogado. Ele acreditou sem nenhuma dificuldade e logo o casamento foi realizado; a alegria foi tão grande que desfez todas as mágoas do passado. (Cap. 5, p. 308).

O casamento entre primos de primeiro grau, prática recorrente na França absolutista, ocorre em “A Laranjeira e a Abelha”, “Bibelô” e “A Princesa Bela-Estrela e o Príncipe Querido”.

Dois casos de “ascensão interna”, ou seja, entre a classe cortesã, ocorrem em “A Bela dos Cabelos de Ouro” e “Bela-Bela ou O Cavaleiro Fortunato”. No primeiro, Primoroso, “um jovem rapaz tão belo quanto o sol, o mais garboso de todo o reino”, que vivia na corte do rei, de quem era confidente, casa-se com a rainha que dá nome ao conto, granjeando o posto de rei consorte. No segundo, Bela-Bela, filha de um conde

empobrecido, casa-se com o rei. Ao final, a situação econômica da família de Bela-Bela é restaurada.

Tabela 15 – Exemplos de processos de restauração

| <b>Conto</b> | <b>Situação inicial</b>   | <b>Destituição</b>   | <b>Restauração</b>   |
|--------------|---|--|--|
| <b>GP</b>    | <p>“Sua beleza, doçura e inteligência eram incomparáveis, e por essa razão deram-lhe o nome de Graciosa. [...] Todos diziam que ela era a princesa mais feliz do universo.”</p>                         | <p>→ “Retiraram-lhe as belas vestes e cobriram-na com um trapo velho de linho grosseiro, calçaram um sapato de madeira em seus pés e puseram um áspero capuz em sua cabeça. A duras penas, concederam-lhe um fardo de palha para se deitar e um bocado de pão preto para comer.”</p>                   | <p>→ “Naquele mesmo instante, ecoou no palácio o som de vozes e instrumentos, e o matrimônio foi celebrado com um esplendor inédito.”</p>  |
| <b>ABCO</b>  | <p>“Naquela mesma corte vivia um jovem rapaz tão belo quanto o sol, o mais garboso de todo o reino. Por conta de suas boas graças e de seu espírito, chamavam-no de Primoroso.”</p>                     | <p>→ “E Primoroso foi prontamente capturado. Como recompensa por ter servido tão bem o rei, acabou preso na masmorra com pés e mãos acorrentados! Ele não podia ver mais ninguém além do carcereiro, que atirava-lhe bocados de pão preto por um buraco, e dava-lhe água em uma vasilha de barro.”</p> | <p>→ “Colocando uma coroa de ouro em sua cabeça e o manto real sobre seus ombros, disse-lhe: ‘Vinde, querido Primoroso, eu vos farei rei e vos tomarei como meu esposo.’<br/>Lançando-se a seus pés, ele a reverenciou. Todos ficaram satisfeitos em tê-lo como soberano.”</p> |
| <b>OPA</b>   | <p>“O rei tinha apenas uma filha de seu primeiro casamento, e ela parecia a oitava maravilha do mundo. Deram-lhe o nome de Florina, pois se assemelhava a Flora: era jovem, bela e cheia de vigor.”</p> | <p>→ “Assim, tão logo a princesa retornou aos seus aposentos, quatro homens mascarados conduziram-na para o alto de uma torre e lá a abandonaram em profunda desolação.”</p>   | <p>→ “Para sua surpresa, porém, os visitantes lançaram-se aos seus pés e informaram-na da mudança que estava prestes a acontecer em sua condição; Florina nem sequer comoveu-se com a notícia. Em seguida, conduziram-na ao palácio e a coroaram.”</p>                         |

### III. Onipresença feérica

Os contos de fadas de Madame d’Aulnoy fazem jus ao título atribuído pela autora ao gênero em questão; são contos de fadas *stricto sensu*, contos sobre fadas e suas aventuras. Tais personagens desempenham papéis centrais nas tramas em que figuram,

fazem parte das principais sequências narrêmicas subestruturais e têm o poder de redesignar os destinos dos príncipes e princesas com quem interagem. Seus interditos são invariavelmente violados por jovens curiosos e enamorados, que têm de enfrentar as consequências de suas desobediências, muitas delas desproporcionais à simplicidade do erro cometido. Na relação abaixo, estão listadas todas as fadas e seres feéricos mencionados nos vinte e quatro contos:

|             |  |
|-------------|--|
| <b>GP</b>   | Percinê, sua família e a fada que auxilia Rabuja.  |
| <b>ABCO</b> | Carpa, corvo e coruja falantes, auxiliares de Primoroso.   |
| <b>OPA</b>  | Fada Súcia, sua irmã e o Mago.   |
| <b>OPD</b>  | Fada Gentil, salva por Leandro enquanto metamorfoseada em cobra, e Fada dos Prazeres Tranquilos, irmã de Gentil. |
| <b>APP</b>  | Fada Cacunda e cinco fadas convidadas para proteger a princesa.  |
| <b>APR</b>  | Fadas do batismo de Roseta.  |
| <b>ORO</b>  | Fada Benigna, que estava adormecida por duzentos anos pela magia de um mago, e Rainha dos Meteoros.              |
| <b>ALAB</b> | Ogra Tormentina, meio-fada, e Trúcio, a fada real.   |
| <b>ACB</b>  | Fada que se metamorfoseia em camundonga e fada Cançalina.  |
| <b>OC</b>   | Fada Ranheta.  |
| <b>FB</b>   | Fada Merluza.  |
| <b>FOR</b>  | Rainha do Bosque e sua rival.  |
| <b>BIB</b>  | Fada Chorumela.  |
| <b>OAA</b>  | Fada do Deserto.   |
| <b>SV</b>   | Fada Protetora e fada Macaquina.   |
| <b>APC</b>  | Fada Amazona.  |
| <b>ARB</b>  | Fada Leona e rã benevolente, que era meio-fada.  |
| <b>ACB</b>  | Fada da Fonte e suas seis irmãs, dentre elas, a fada Tulipa, que se agracia da princesa.                         |

|                |   |
|----------------|---|
| <b>AGB</b>     | Fadas em seu palácio que interagem com a rainha mãe da Gata Branca. |
| <b>BBOCF</b>   | Fada que ajuda Bela-Bela.   |
| <b>OPAP</b>    | Fada Soberana.  |
| <b>APBEOPQ</b> | Fada que vai jantar na casa de Blondina.                            |
| <b>OPJ</b>     | Três fadas.   |
| <b>OG</b>      | Fada Rabuginha.   |

#### **IV. Espaço narrativo ancorado no mundo primário**

Como preconizado nos capítulos anteriores, em termos de espaço narrativo, os contos de Madame d’Aulnoy ancoram-se no chamado “mundo primário”, ou seja, o mundo dos homens, este em constante fricção com o mundo secundário, a terra das fadas, o lugar do maravilhoso. Para além do que já foi constatado, seus personagens humanos correspondem, em modos e trejeitos, aos homens e mulheres do século XVII francês. Em outras palavras, as tramas não se passam no algures típico das fábulas e de contos *lato sensu* como “Chapeuzinho Vermelho”. O trânsito dos príncipes, princesas e seus embaixadores no mundo primário e as referências a celebridades do século em questão encontram-se exemplificados a seguir:

|             |  |
|-------------|--|
| <b>GP</b>   | “Pretendia fazer sua entrada montada em um cavalo, pois ouvira dizer que as rainhas da Espanha assim o faziam em seus casamentos.”   |
| <b>ABCO</b> | “Carregava consigo um pequeno cesto, e dentro dele estava um belo cachorrinho que havia comprado em sua passagem por Bolonha.”   |
| <b>OPA</b>  | “Dentro da carruagem havia quatro marionetes mais engraçadas e mais animadas que todas aquelas que apareciam nas feiras de Saint-Germain e Saint-Laurent; elas faziam coisas surpreendentes, especialmente as duas pequenas egípcias, que, ao dançarem a sarabanda e o passa-pé, faziam-no tão bem quanto Leance.” |
| <b>OPD</b>  | a. “Ele atravessou um vasto número de cômodos; alguns estavam repletos daquelas belas peças da China, cuja fragrância, aliada à estranheza de suas cores e figuras, eram infinitamente agradáveis.”  |

- b. “Com muita dificuldade, colocou-os em um grande saco e depois desejou ir a Paris, pois ouvira dizer que naquele lugar era possível encontrar tudo o que se desejasse por dinheiro.”
- c. “Ele foi à butique de Dautel [...]. Em seguida ele foi à loja de Brioché.”
- d. “Ele colocou o seu chapuzinho vermelho e desejou estar na China; ali, ele comprou os tecidos mais bonitos que encontrara e levou um modelo de traje típico. Depois voou para Sião, onde fez o mesmo.”
- e. “[...] ele foi a Paris e comprou cinco ou seis dúzias de manequins e as vestiu; aquele era o lugar do mundo cuja moda estava em voga.”
- APP**
- a. “[...] ao que a princesa, que era muito generosa, resolveu dar-lhes de presente várias rocas de fiar da Alemanha, com fusos de madeira de cedro.”
- b. “Eu a presenteei com mais de cinquenta quilos de confeitos, glacê real e dois presuntos de Mainz [...].”
- c. “Procura naquele arbusto e encontrarás drageados e tarteletes do Le Coq.”
- ALAB**
- “Logo pensou em algum remédio que pudesse curá-lo e pediu sua permissão para voar até a Arábia, a fim trazer-lhe um pouco de bálsamo, ao que ele consentiu.”
- OC**
- a. “[...] havia fontes de vinho da Espanha.”
- b. “Essa planície estava coberta de árvores singulares de cujos galhos pendiam perdizes mais recheadas e bem cozidas que as dos Guerbois”
- FB**
- a. “[...] depois suas irmãs chegaram carregadas de laranjas de Portugal.”
- b. “Mandaram buscar médicos de todos os lugares, de Paris a Montpelier.”
- BIB**
- a. “Pintores dos quatro cantos do mundo vieram para pintá-la, especialmente da Itália.”
- b. “Ele não estava vestido de acordo com a moda, pois, desde o retorno do famoso Fagotin, que tanto havia brilhado em todo o mundo, não havia sobrado nenhum traje bom o bastante para os demais.”
- c. “[...] o médico de Chaudray.”
- SV**
- a. “Não havia uma noite em que não fosse encenada uma das mais belas peças de Corneille ou de Molière.”
- b. “Um embaixador da Inglaterra chegou à corte; ele tinha uma filha de extrema beleza, mas cujo humor altivo e pungente era insuportável.”
- BBOCF**
- “Ela meditou por algum tempo e, pegando sua prancheta, escreveu os seguintes versos, que mandou musicar pelo Lully que havia em sua corte.”
- APBEO PQ**
- a. “A princesa escolheu a maior pérola que tinha deu-lhe de presente, pedindo que a guardasse como lembrança; é a mesma que os reis da Espanha tanto estimam, chamada Peregrina, que significa viajante, porque foi-lhes dada por uma.”
- b. “Querido ficou estranhamente surpreso ao ver que essa água realmente dançava com a mesma precisão demonstrada por Favier e Pécourt. É bem verdade, porém, que essas águas só conheciam danças antigas, como a bocana, a casada e a sarabanda.”
- OPJ**
- a. “Ele tinha seis nutrizes, três das quais eram secas, à moda inglesa; estas davam-lhe vinhos espanhóis.”
- b. “Javali não teve muito sucesso nas danças figurativas; mas quanto ao passa-pé e ao minueto, cujos passos têm de ser rápidos e leves, ele foi capaz de realizar maravilhas.”



A consequência formal mais imediata para a abundância de referências a lugares, danças, jogos, comidas e bebidas de época é o aumento das notas de rodapé nas páginas de traduções. A necessidade de passos adicionais na pesquisa em torno dos contos mostrou-se desafiadora, visto que em alguns casos foi necessário recorrer a dicionários de época tanto para traduzir corretamente quanto para fornecer notas apropriadas.

## V. O maravilhoso tende ao racional

Os elementos maravilhosos e sobrenaturais presentes nos contos de fadas de Madame d’Aulnoy tendem a causar espanto e surpresa nos personagens. A necessidade de explicação para determinados eventos operados pela magia feérica demonstra que o mundo primário dos príncipes e princesas encontra-se “desencantado”, ou seja, é o mundo natural. A magia que circunda seus arredores advém de fontes externas que, quando encontradas, causam admiração. Seja pelo medo que o sobrenatural provoca nos personagens ou pelas sentenças explicativas que a autora insere após a menção a algum fato ou coisa extraordinária, os contos de fadas de Madame d’Aulnoy tendem à justificação do maravilhoso.

- GP** “Ao vê-la, ele teve medo e tentou em fugir, acreditando ser um fantasma.”
- a. “E, de fato, no dia combinado, o rei Charmoso foi buscar a princesa em uma cadeira voadora conduzida por rãs aladas (um presente que recebera de um mago que era seu amigo).”
- OPA** b. “Qualquer outra pessoa teria ficado completamente espantada; ele, porém, sabia tudo sobre a arte da necromancia. Bastou proferir algumas palavras para estancar o sangue que ainda vertia, e, com um punhado ervas que encontrou no bosque, sobre as quais recitou dois encantamentos de seu grimório, curou o rei com tanta perfeição que era como se ele nunca tivesse sido ferido.”
- a. “O jovem príncipe, que até então não tivera nenhum contato com as fadas, ficou tão surpreso que permaneceu em mudez por um longo tempo.”
- b. “Acreditando ser obra de um espírito, Blondina teria ficado menos surpresa se um raio tivesse caído sobre ela!”
- OPD** c. “Qual não foi o pavor de Abricotina ao sentir o toque de alguém e não ver ninguém! Disposta a não fazer movimentos bruscos, ela fechou os olhos com medo de se deparar com um espírito e não pronunciou uma palavrinha sequer.”

- d. “A princesa demonstrou surpresa ao ouvir falar o papagaio, pois ele havia se expressado muito corretamente.”
- e. “Como ela estava sozinha naquele momento, bem que podia acreditar na ocorrência de uma eventualidade sobrenatural; porém, logo convenceu-se de que fôra Abriçotina a responsável por tal galanteria.”
- f. “Quando ele terminou de recolher um número infinito de raridades (pois o dinheiro não lhe custava nada, já que sua rosa lhe fornecia um suprimento incessante) [...]”
- g. “Eu ouvi dizer, madame, que os duendes são feitos de ar e fogo, que eles não têm corpo e que agem tão somente com os poderes da mente, conforme seus desígnios.”

“Ele virou a folha novamente e sentiu o cheiro de uma excelente refeição; eram as pequenas figuras que estavam comendo. A maior delas não tinha um quarto de sua altura. Uma delas se voltou para o príncipe e disse:

**ORO**

— À tua saúde, Torcicolo! Encontra a nossa rainha; se agires bem, ficarás bem, se agires mal, ficarás mal.

Ao ouvir essas palavras, o príncipe ficou tão violentamente assustado (pois ele já tinha começado a tremer havia algum tempo) que deixou o livro cair para um lado e ele mesmo tombou para o outro, como um homem morto.”

“— Aproximai-vos, divina princesa — disse-lhe ele. — Não temais animais tão doces e pacíficos como nós.

**OC**

— Que prodígio! Carneiros que falam!

— Ah, madame — retorquiu ele. — Vosso macaco e vosso cãozinho falavam muito bem. Haveria, pois, motivo para tanta surpresa?

— Uma fada concedeu a eles o dom da fala, um prodígio que acabou por se tornar familiar — replicou Maravilhosa.”

**FOR**

“A princesa, trêmula e surpresa por ter ouvido falar um repolho, uma galinha e um cravo, e também por ter visto um exército de ratos, ficou pálida e desmaiou.”

**BIB**

“Se não fosse por experiência própria, ela jamais acreditaria que uma aventura como aquela seria possível; porém, mesmo as coisas mais extraordinárias acabam se tornando familiares para algumas pessoas.”

## **VI. A ausência de crianças**

Princípio cuja demonstração não depende de exemplos, a ausência de personagens infantis corrobora tanto o endereçamento das histórias ao público adulto quanto a inexistência de interesse, da parte da autora, de abrir margens para que um potencial leitor infantil pudesse ver-se representado como protagonista de uma de suas tramas, como ocorre em uma série de contos de fadas *lato sensu* (“Chapeuzinho Vermelho”, “O Pequeno Polegar”, “João e Maria”, “A Pequena Vendedora de Fósforos”, etc). A idade prevista para o casamento de príncipes e princesas varia dos quinze aos vinte anos, faixa

etária comum aos protagonistas de Madame d'Aulnoy. Do nascimento, a descrição da rotina dos personagens dá um salto à juventude, ignorando suas infâncias.

## VII. A primazia da metamorfose

Processos metamórficos são dos mais abundantes na contística feérica de Madame d'Aulnoy. Com exceção do ogro de “Mestre Gato ou O Gato de Botas”, trata-se de um tema ausente em Perrault e relativamente raro dentre os contos de fadas *lato sensu*. Às metamorfoses dos contos de Marie-Catherine estão implicadas a exteriorização de *ethos* fabulares e o alargamento de possibilidades de aceção crítica e metafórica da potência do feminino. No primeiro caso, a associação clássica de determinados animais a certas virtudes (haja vista os constantes elogios de Madame d'Aulnoy a La Fontaine) justifica, por exemplo, a transformação de Trutona em porca em “O Pássaro Azul”, de Leona em leoa em “A Rã Benevolente” e do príncipe em carneiro em “O Carneiro”. Quanto ao segundo caso, as três metamorfoses da princesa Amada, do príncipe Amado e de seu camelo em “A Laranjeira e a Abelha” mostra-se exemplar, com destaque para a segunda: “Em nome de Trúcio, a fada real, desejo que nosso camelo se transforme em um lago, o príncipe em um barco, e eu em uma velha barqueira, que o conduzirá!” (Cap. 5, p. 367).

O caso mais extremo encontra-se em “O Pombo e a Pombinha”, cujo casal de protagonistas decide não mais retornar à forma humana para enfim conseguirem desfrutar de seu amor em paz.

Abaixo, uma relação dos principais processos metamórficos encontrados dentre os vinte e quatro contos:

**OPA** O rei Charmoso em pássaro e Trutona em porca.

**OPD** A cobra em fada.

**ORO** Trasimeno em águia, a princesa Brilhante em gafanhota e o príncipe Sem-Par em grilo.

|             |   |
|-------------|---|
| <b>ALAB</b> | A princesa Amada em barqueira, em anã e em abelha, e o príncipe Amado em barco, em retrato e em laranjeira. |
| <b>OC</b>   | O príncipe em carneiro.   |
| <b>FOR</b>  | O príncipe em um vaso de cravos.  |
| <b>BIB</b>  | A princesa Bibelô em macaca.  |
| <b>ARB</b>  | A fada Leona em leoa.   |
| <b>ACB</b>  | A princesa Desejada em corça e a Fada da Fonte em lagostim.   |
| <b>AGB</b>  | A princesa em gata.   |
| <b>OPAP</b> | A princesa Constância em pomba e o príncipe Constâncio em pombo.  |
| <b>OPJ</b>  | O príncipe em javali.   |
| <b>OG</b>   | Alidor em canário.  |

### **VIII. A inteligência como virtude primordial**

A descrição das personagens femininas nos contos de fadas de Madame d’Aulnoy tende ao louvor à inteligência. Mesmo em ocasiões de distribuição de dons ao nascer, as fadas invariavelmente presenteiam suas afilhadas com virtude e sabedoria. A princesa Bagaço, do conto “O Ramo de Ouro”, é epítome de tal princípio: mesmo sendo completamente desprovida de beleza, quando tem a oportunidade de mudar a aparência por vias mágicas, opta por aumentar ainda mais sua virtude e aprimorar seu espírito. Ademais, mesmo os animais tendem a agir com civilidade e demonstrar inteligência. O ensino das ciências é preconizado na rotina dos príncipes e princesas.

- |             |  |
|-------------|--|
|             | a. “Sua beleza, doçura e inteligência eram incomparáveis, e por essa razão deram-lhe o nome de Graciosa.”  |
| <b>GP</b>   | b. “Graciosa passava todas as manhãs na companhia de notáveis preceptores que a ensinavam toda sorte de ciências [...].”<br>c. “É preciso que vosso espírito seja tão elevado quanto vossa estirpe.” |
| <b>ABCO</b> | a. “Por conta de suas boas graças e de seu espírito, chamavam-no de Primoroso.”<br>b. “Primoroso ficou muito surpreso com a inteligência e com a grande civilidade da carpa.”                        |

- OPA** a. “A princesa, que era doce e inteligente, esforçava-se para não se importar com o mau comportamento delas.”  
b. “Os pombos, civilizados e obedientes, não pararam de voar nem um dia e nem uma noite até chegarem às portas da cidade.”
- OPD** a. “Jamais houve alguém com maior beleza natural, intelecto mais brilhante e mais perspicaz, mais doce e mais solícito que aquele rapaz; tudo o que ele dizia soava com um tom alegre e uma graça especial: era uma pessoa completamente perfeita.”  
b. “O palácio era de ouro puro, ornamentado com figuras de cristal e de pedras preciosas que representavam o zodíaco e todas as maravilhas da natureza, da ciência e da arte, bem como os elementos, o mar e os peixes, a terra e os animais [...]”  
c. “[...] dois macacos excepcionais: o mais inteligente se chamava Briscambille; o nome do outro era Perceforêt, muito galante e educado.”
- APP** a. “Tudo o que ela dizia e fazia era de se admirar: aprendeu as ciências mais difíceis como se fossem as mais fáceis [...]. A sua ama nunca a deixava sozinha. Ela era uma mulher muito inteligente e de vez em quando descrevia as coisas do mundo à princesa, que a tudo compreendia muito bem, tal como se pudesse vê-las.”  
b. “O rei mandou que lhe trouxessem um livro enorme que possuía, cujas folhas tinham mais de oito metros de largura: era uma obra-prima escrita por uma fada erudita e que continha a descrição da terra inteira.”
- ORO** a. “[...] sua inteligência era tão superior à de todos os outros que ninguém conseguia ouvi-lo com indiferença.” (Príncipe Torcicolo)  
b. “Ela era a criatura mais amável do mundo por conta de sua inteligência; era como se o céu quisesse recompensá-la pelo mal que a natureza lhe fizera.” (Princesa Bagaço)  
c. “O príncipe amava a leitura. Ele pediu por livros e foi-lhe permitido tirar alguns da biblioteca da torre. Pensou que essa permissão seria o suficiente para deixá-lo feliz, mas, quando tentou lê-los, percebeu que estavam escritos em uma língua muito antiga, incompreensível. Ele os largava e depois os pegava de volta, tentando entender alguma coisa; era um tipo de entretenimento, ao menos.”
- ALAB** “A princesa ficou muito contente e como tinha uma inteligência maravilhosa que lhe era natural, disse-lhe coisas tão finas e bem lapidadas que o príncipe sentiu sua paixão aumentar violentamente.”
- FB** “Fininha, que era plena de inteligência e de beleza, desesperou-se por ser tão maltratada assim.”
- BIB** “O prodigioso príncipe, tão bonito quanto a figura do amor, gracioso e inteligente, não era menos extraordinário.”
- ACB** “Faltava apenas agradecer a criança com alguns dons, e as fadas se apressaram em fazê-lo: uma a presenteou com virtude, outra com inteligência [...].”

## IX. Multivetorização das cadeias e núcleos narrativos

Ao compor contos de fadas narratologicamente assemelhados às novelas (*nouvelles*), Marie-Catherine d’Aulnoy complexifica tanto a estrutura quanto a cadência de suas histórias, criando nódoas narrativas, pontos em que cadeias e núcleos se separam, gerando a necessidade de estabelecer momentos de pausa na trama principal para desenvolver ações paralelas. Consideremos o conto “A Princesa Roseta”: depois da morte dos reis, Roseta deixa a torre em que vivia enclausurada e decide se casar com o rei dos pavões. Os irmãos de Roseta saem em busca do rei, que aceita a proposta e manda chamar a princesa. Roseta, sua nutriz e sua irmã de leite saem em viagem rumo ao reino dos pavões, mas Roseta é lançada ao mar. Neste ponto, a narrativa retorna ao núcleo do rei dos pavões e procede à descrição da chegada da falsa princesa e da consequente prisão dos irmãos de Roseta. Em seguida, mais uma vez o vetor narrativo central se ramifica e o núcleo de Roseta passa a ser desenvolvido na choupana do velho que a salva. Essa multivetorização faz com que a narrativa seja interrompida em dois momentos.

Em “O Príncipe Duende”, O núcleo de Furibundo é suspenso na cena que descreve um grave acidente causado por seu rival Leandro; o príncipe e sua trama voltam a ser mencionados muito posteriormente. O vetor é retomado pela seguinte introdução: “Enquanto isso, o pequeno Furibundo, ainda apaixonado pela princesa mesmo sem nunca tê-la visto, aguardava impacientemente o retorno dos quatro homens que enviara à Ilha dos Prazeres Tranquilos” (Cap. 5, p. 285). Em “O Ramo de Ouro”, as histórias do príncipe Torcicolo e da princesa Brilhante avançam independentemente uma da outra; tais vetores se mesclam a partir de suas transformações em Sem-Par e Brilhante. Nesse ínterim, porém, a troca de um vetor para o outro é operada por diferentes sentenças introdutórias: “Enquanto isso, voltemos à torre para ver o que se sucedia com o príncipe” (Cap. 5, p. 327). Uma ramificação dupla ocorre posteriormente: “Enquanto ele se recupera de seu espanto, vejamos duas coisas: a primeira, o que se passou com os guardas que seu pai havia designado para vigiá-lo, e a outra, o que aconteceu com a princesa Bagaço” (Cap. 5, p. 332). Em “A Laranjeira e a Abelha”, o mecanismo é semelhante:

“Deixemo-lo ir, que a fortuna o guie! Voltemos a Raivoso, para ver o que se passava com a nossa jovem princesa” (Cap. 5, p. 355).

## X. Digressões psicológicas

As digressões abundam na contística feérica de Madame d’Aulnoy. Além de atribuírem certo grau de complexidade aos personagens, deslocando-os da planicidade prevista para o gênero em seu sentido amplo (conforme a teoria literária que toma os contos de Grimm como modelo genérico), as digressões adquirem o estatuto de entremeios poéticos em inúmeras ocasiões, visto que a elucubração dos personagens também costuma ser expressa em poesia. As digressões poéticas típicas de narrativas pastorais encontram-se especialmente presentes em “O Ramo de Ouro”, “A Princesa Carpinha” e “O Pombo e a Pombinha”, contos de temática pastoril com referências declaradas em *Astrée*, de Honoré d’Urfé<sup>2</sup>.

**GP** “— Ó, indiscretíssima curiosidade! — lamentou Graciosa. — Serviste bem à minha inimiga! O único infortúnio do qual eu poderia me resguardar me sobrevém por minha própria culpa! Nenhuma palavra é capaz de expressar o quanto condeno a mim mesma por tamanho erro!”

**OPA** a. “— Não — dizia para si mesmo. — Não é possível que o céu tenha colocado uma alma tão miserável no interior de uma obra-prima da natureza. Reconheço que ela não estava propriamente vestida quando a vi, mas a vergonha que expressava era a prova de que não estava acostumada a ser vista daquela forma. Ora! Haveria alguma maldade naquela encantadora expressão de modéstia e doçura? Isso me foge à razão. É bem mais fácil acreditar que apenas a rainha seria capaz de descrevê-la de tal modo; assim são as madrastas . A princesa Trutona é um monstro tão horrendo que não é de se estranhar que ela sinta inveja da mais perfeita de todas as criaturas.”  
b. “— Ó, Fortuna... — dizia ela. — Agraciavas o meu reinado e me concedias o amor de meu pai. c. “O que te fiz para me golpeares tão bruscamente com as mais amargas dores? Não é cedo demais para que uma moça tão jovem comece a ressentir a tua inconstância? Regressa a mim, bárbara sorte, se possível for! Suplico-te, acima de tudo, que adiantes de uma vez o meu destino fatal!”

---

<sup>2</sup> Em “O Ramo de Ouro”, por exemplo, há a seguinte passagem: “O príncipe vestiu um hábito de tafetá cor-de-rosa, coberto de rendas inglesas, tinha um cajado guardado com fitas e um cesto de pães. Trajado assim, nem todos os Céladons do mundo ousariam aparecer diante dele.” (Cap. 5, p. 341). Nadine Jasmin informa que Céladon, personagem da obra *L’Astrée*, de Honoré d’Urfé, era tido, à época, como o exemplo do amante perfeito das pastorais (AULNOY, 2008, p. 317).

**OPD** “— Será possível que essa obra-prima da natureza, esse milagre dos nossos dias, há de permanecer eternamente confinada em uma ilha, sem que nenhum mortal ouse aproximar-se dela? — ele refletiu. — Porém, de que me importa o fato de todos os outros homens serem banidos? Assim, ninguém além de mim terá a felicidade de estar aqui, de vê-la, de ouvi-la, de admirá-la e de amá-la desesperadamente.”

**APP** “— Ah, como sou azarada — ela se lamentou. — Me prenderam nesta torre sombria como se eu tivesse cometido um grande crime! Nunca vi o céu, o sol e as estrelas, coisas que se falam tantas maravilhas. Nunca vi um cavalo, um macaco e um leão, a não ser nas pinturas. O rei e a rainha dizem que me tirarão daqui quando eu fizer vinte anos, querem me entreter para que eu tenha paciência, mas eu sei muito bem que o que eles querem é me deixar perecer, sem que eu os tenha ofendido em nada.”

a. “— Sofro do mal de amor, amando um pobre pastor! — ela dizia. — Afinal, o que o destino reservou para mim? Eu preferi a virtude à beleza, mas parece que o céu, para me recompensar por tal escolha, quis que eu me tornasse bela. Agora sou infeliz por ter ficado assim! Sem esses atrativos inúteis, o pastor do qual estou fugindo não estaria disposto a me agradar, e eu não passaria pela vergonha de ruborizar sempre que penso nele.”

**ORO** b. “— Quão cruel é minha sorte! — ele lamentava. — Embora eu fosse pavoroso, haveria de suceder o meu pai. Governar um grande reino repararia meus defeitos. Agora, porém, seria inútil apresentar-me a ele ou a seus súditos, pois não há ninguém que possa me reconhecer. Todo o bem que a fada Benigna me fez ao mudar o meu nome e me livrar de minha fealdade serviu apenas para me transformar em um pastor e entregar-me aos encantos de uma pastora impassível, que jamais sofrerá por mim. Ó, bárbaros astros, tornem essa situação mais favorável, ou então me devolvam a minha deformidade e toda a indiferença de antes! — disse ele, suspirando.”

## **XI. Narradores intrusos**

Por inserirem apreciações críticas e de juízo de valor ao longo dos contos, os narradores dos contos de fadas de Madame d’Aulnoy podem ser classificados como intrusos. Com liberdade para apresentarem seus julgamentos sobre os fatos descritos, os narradores não apenas compartilham seus princípios como também fazem constantes movimentos de costura, retomando informações passadas — mas que ficaram distantes — através de sentenças tais como “Como eu já havia dito...”.

**OPA** “Basta somente conhecer as fraquezas dos indivíduos para ganhar seus corações e fazer deles o que bem desejar.”

**APP** “Ficou tão arranhada como se tivesse brigado com gatos (isso é o que se ganha por amar os homens, nada além de tristezas).”

**APR** “Maldição! Ela foi pega mentindo (o que é a coisa mais feia do mundo) e notou que o rei havia se chateado.”



- ORO** “O leitor não tenha dúvidas de que esse pastor era o príncipe Sem-Par.”
- a. “Como eu já disse, ela era meio-fada”  
 b. “Uma vez que estavam se entendendo, diziam as coisas mais bonitas do mundo um ao outro; geralmente o amor traz criatividade.”
- ALAB** c. “Agora, compreendamos qual não foi a alegria de nossos ternos amantes; isso é, compreenda quem puder, pois, para isso, teríamos que ter experimentado a mesma desgraça, ter estado entre os ogros e ter passado por tantas metamorfoses.”
- OAA** “Porém, quando Toda-Bela chegou à laranjeira fatal da qual já falei [...]”
- SV** “O Serpentino Verde fez um longo sibilo (é assim que as serpentes suspiram).”
- ACB** “Alguns cortesãos, hesitantes sobre como relatariam o caso (há muitos desse tipo) [...]”
- OPAP** “A fada lia os astros com a mesma facilidade que hoje lemos os novos contos que são impressos todos os dias.”
- APBEO PQ** “[...] deixando o rei um pouco envergonhado (pois parecia que Baco havia tomado o lugar do Cupido nesse casamento).”

## **XII. Ostentação e atos civis que denotam categorias sociais**

Para além das exuberantes e longas descrições de tecidos, jóias e pedras preciosas, os contos de fadas de Madame d’Aulnoy estão repletos de referências a jogos e danças de corte, comidas, bebidas e hábitos associados a uma ostentação típica das classes elevadas. O ato de ostentar e louvar a abundância de riquezas e alimentos em meio à grave situação findesecular francesa parece ser de natureza mântica, tal como a dedicatória que a Condessa de Murat faz às fadas modernas (Ap. F); os votos de Madame d’Aulnoy são para que a decadente nobreza francesa possa se restabelecer e voltar a gozar das benesses que reis e rainhas desfrutavam no tempo das fadas. Contudo, para além da lógica ostentatória, entende-se a necessidade de refinamento da representação, da ficcionalização descritiva da realidade, partindo do pressuposto de que é necessário descrever para aprimorar a imaginação. Em outras palavras, Madame d’Aulnoy e as demais autoras de contos de fadas do século XVII estavam construindo, pela palavra, o retrato de um determinado sistema de valores artísticos, sociais, históricos, culturais e econômicos. A nível de exemplo, os piores conflitos descritos no conto “A Princesa Primavera” derivam

justamente da fome, condição que rebaixa Fanfarrino ao estatuto de animal irracional, incapaz de amar. Destaca-se, também, a recorrência da menção a livros como presentes e ao ato de escrever.

- GP**
- a. “Para o almoço, traziam-lhe bandejas repletas de drageados e mais de vinte potes de confeitos.”
- b. “Aqui encontrareis Canary, Saint Laurent, Champagne, Hermitage, Rivesalte, Rossolis, Persicot, Fenouillet... Qual desses desejais provar?”
- ABCO**
- a. “Levava uma caderneta em seu bolso, de modo que quando lhe ocorria uma boa ideia para compor seu discurso, descia do cavalo e se sentava à sombra de uma árvore para escrever, a fim de não se esquecer de nada.”
- b. “Tudo ali era admirável. Havia diamantes empilhados como se fossem pedras comuns. As belas vestimentas, a prataria, as guloseimas, tudo era maravilhoso.”
- c. “Primoroso trajou vestes de brocado e um chapéu com plumas rosas e brancas. Penteou-se, perfumou-se e lavou o rosto; também amarrou uma fina echarpe toda bordada ao redor de seu pescoço.”
- OPA**
- a. “Não se passava um dia sequer sem que ele não oferecesse um presente à Florina: um colar de pérolas, anéis brilhantes e perfeitamente forjados, adereços de diamantes, broches, buquês de pedras preciosas que imitavam o formato e a cor das flores, livros agradáveis, medalhas, enfim, ela adquiriu um maravilhoso conjunto de tesouros.”
- b. “Dentro da carruagem havia quatro marionetes mais engraçadas e mais animadas que todas aquelas que apareciam nas feiras de Saint-Germain e Saint-Laurent; elas faziam coisas surpreendentes, especialmente as duas pequenas egípcias, que, ao dançarem a sarabanda e o passa-pé, faziam-no tão bem quanto Leance.”
- OPD**
- a. “O príncipe, que sempre carregava os melhores drageados do mundo em seus bolsos, bem que tentou alimentá-la [...]”
- b. “[...] afirmou que mandaria construir uma coudelaria, uma quadra de tênis real e uma de croquet para entretê-lo.”
- c. “A princesa colocou perdizes, codornizes e faisões no prato de ouro de Azulino.”
- d. “Servi a torta ou o fricassê ao pobre Azulino!”
- APP**
- a. “Eu a presenteei com mais de cinquenta quilos de confeitos, glacê real e dois presuntos de Mainz [...]”
- b. “Procura naquele arbusto e encontrarás drageados e tarteletes do Le Coq.”
- APR**
- a. “Os bolsos do príncipe estavam cheios de drageados, que ofereceu à Roseta.”
- b. “Então acenderam fogos, celebraram com tiros de canhão e se fartaram de drageados e doces por toda parte. Todos aqueles que foram saudar a princesa durante os três dias de festa receberam confeitos e hipocrás.”
- c. “Tremelique retornou ao local e pegou vinho branco, vinho moscatel, toda sorte de frutas e confeitos: estava tão carregado que não podia pegar mais nada.”
- ORO**
- a. “Em outra página, onde havia jogadores de bassette e tric-trac, as cartas e os dados iam e vinham.”

b. “Temendo que Brilhante estivesse com fome, a velha pastora ofereceu-lhe, em uma bandeja muito limpa, leite doce, pão integral, ovos frescos, manteiga recém batida e queijo cremoso. Sem-Par correu até a sua cabana e trouxe-lhe morangos, avelãs, cerejas e outras frutas, todas enfeitadas com flores.”

**ACB** “Nos bailes, dançavam o bourée e a pavana; nas grandes festas, comiam assados e drageados.”

a. “Alguns jogavam bassette, outros lansquenete.”

**OC** b. “Um grande rio de águas de flor de laranjeira corria ao redor; havia fontes de vinho da Espanha, rosólio, hipocrás e milhares de outros tipos de licores que formavam cascatas e riachos encantadores.”

### **XIII. Mitologia greco-romana**

Característica que aproxima Madame d’Aulnoy da poética do maravilhoso defendida pelos Antigos (na Querela dos Antigos e Modernos), a presença massiva da mitologia pagã é um dos princípios que mais distinguem os contos de Madame d’Aulnoy dos de seu contemporâneo mais imediato, Charles Perrault, e ainda mais dos demais epítomes do conto de fadas *lato sensu*. Ora citados diretamente, ora indiretamente, os deuses, semideuses e heróis da mitologia greco-romana estão mencionados em quase todos os contos da autora.

|             |  |
|-------------|--|
| <b>GP</b>   | Vênus e as ninfas  |
| <b>OPA</b>  | Flora, Diana, Ciparisso e Esculápio                            |
| <b>OPD</b>  | As vestais, Amazonas, Diana, Apolo, Psiquê, Cupido e as Graças |
| <b>APP</b>  | Aurora; a deusa da noite                                       |
| <b>APR</b>  | Fênix e Alcíone  |
| <b>ORO</b>  | Diana  |
| <b>ALAB</b> | Jasão e o tosão de ouro  |
| <b>OC</b>   | Atalanta   |
| <b>BIB</b>  | Náiades  |

|                |   |
|----------------|---|
| <b>OAA</b>     | Palas, Diana, Megera, Alecto e Tisífone                       |
| <b>SV</b>      | Febo e Proserpina   |
| <b>ARB</b>     | Diana, Afrodite, Lucina, Estige, Aqueronte, Ifigênia e Psiquê |
| <b>ACB</b>     | Ares  |
| <b>AGB</b>     | Adônis, Vênus e Penélope                                      |
| <b>BBOCF</b>   | Pégasus e Atalanta  |
| <b>OPAP</b>    | Musas, Apolo, Júpiter e Esculápio                             |
| <b>APBEOPQ</b> | Zéfiro e o velocino   |
| <b>OPJ</b>     | Adônis  |
| <b>OG</b>      | Netuno, Cila, Caríbdis, tritões e náíades                     |

#### **XIV. Extensão**

A longa extensão dos contos de fadas de Madame d’Aulnoy é uma das características mais mencionadas em trabalhos sobre a autora. A nível de comparação, os onze *Contos da Mamãe Gansa* de Charles Perrault somam, juntos, 114 páginas<sup>3</sup>, enquanto os vinte e quatro contos de Madame d’Aulnoy somam 792. “Grisélidis”, narrativa em versos, é o conto mais longo de Perrault, com 29 páginas, enquanto os mais breves são “As Fadas” e “Chapeuzinho Vermelho”, ambos com apenas três. Note-se, é claro, que a extensão de “Grisélidis” deve-se sobretudo à sua disposição enquanto poema. Dentre os contos em prosa, “O Pequeno Polegar” destaca-se como o mais longo, com 12 páginas. “A Princesa Bela Estrela e o Príncipe Querido” é o mais extenso de Marie-Catherine, somando 56 páginas. O mais breve é “Fortunata”, que contém o mesmo número de páginas do conto em prosa mais longo de Perrault.

---

<sup>3</sup> Soma baseada em PERRAULT (2017), partindo do princípio de que o número de caracteres em fonte regular tamanho 12 em uma lauda em A4 corresponde, aproximadamente, ao número de caracteres de uma página diagramada de 14 cm por 21 cm.

## XV. Protagonismo feminino

Como forma de elucidar a proeminência e a potência actancial das personagens femininas dos contos de fadas de Madame d'Aulnoy, selecionamos algumas passagens-chaves. Ademais, cabe ressaltar que ambas as tramas da autora que encontram correspondência em contos *lato sensu* são protagonizadas por figuras femininas em d'Aulnoy e por figuras masculinas nos demais autores: Fininha Borralha é quem salva suas irmãs do abandono (papel de João em “João e Maria”), enquanto a princesa Amada é quem salva seu amado dos ogros em “A Laranjeira e a Abelha” (papel do Pequeno Polegar). Enfatiza-se também a preocupação em dar nomes às princesas, fadas e demais personagens femininas, ainda que na categoria de epônimos.

**ABCO** “Sem dizer uma palavra a ninguém, [a Bela dos Cabelos de Ouro] retirou-se diretamente para a masmorra, onde, com suas próprias mãos, arrancou as correntes de ferro das mãos e dos pés de Primoroso. Colocando uma coroa de ouro em sua cabeça e o manto real sobre seus ombros, disse-lhe: — Vinde, querido Primoroso, eu vos farei rei e vos tomarei como meu esposo.”

**OPA** “Em pouco tempo, Florina enfim sentiu-se forte o suficiente para nomear o conselho que zelaria pelo reino em sua ausência. Depois, numa noite qualquer, pegou milhares de pedras preciosas e partiu totalmente sozinha, sem que ninguém soubesse para onde ela estava indo.”

**APP** “— Ficai atrás de mim — disse-lhe ela. — Eu irei à frente, usarei a pedra da invisibilidade e levarei comigo o punhal de meu pai para matar os inimigos, enquanto vós os matareis com a vossa espada.”

**ALAB** “— Amor, Amor! — exclamou o príncipe. — Não nos abandones! Haverá em teu império corações mais ternos e com ardor mais puro do que o nosso? Ah, minha querida Amada — ele continuou, pegando suas mãos e beijando-as calorosamente. — Estaríeis vós destinada a perecer de maneira assim tão bárbara?  
— Não! — ela respondeu. — Sinto dentro de mim certos ímpetos de coragem e firmeza que me tranquilizam.”

**ACB** “O bosque onde a Laranjeira estava servia de paragem para uma princesa que costumava passear por ali; ela vivia em um magnífico palácio e era dotada de juventude, beleza e inteligência. Seu nome era Linda. Ela não queria se casar, pois temia não ser amada para sempre por aquele que escolhesse como marido. Como tinha grandes posses, construiu um castelo suntuoso, onde recebia apenas damas e anciãos, estes mais filósofos que galantes, e não permitia que nenhum outro cavaleiro se aproximasse.”

**ACB** “A fada disse:

— Não comemoremos ainda, temos de realizar um golpe de Estado. Vamos para o grande salão do castelo, discursar ao povo.”

“— Não, grande Rei — disse a Fada Amazona, aparecendo no alto dos ares, montada sobre um soberbo cavalo. — Não estais enganado: eis o vosso filho, a quem protegi no ninho de uma águia, para onde seu cruel irmão mandou que o levassem. Que esse filho possa consolar-vos pela perda do outro.

**APC**

Ao dizer essas palavras, ela se precipitou contra o perverso Corcunda, perfurando-o até o coração com um golpe de sua lança ardente. Ele não teve muito tempo para vislumbrar os horrores da morte, pois foi consumido como se tivesse sido atingido por um raio.”

## **XVI. Intrigas feéricas interferem na vida humana**

Além de onipresentes nos contos de Madame d’Aulnoy, as fadas protagonizam tramas entre si que acabam interferindo diretamente na vida dos homens. Muitas histórias têm seus motes baseados nas dificuldades que um príncipe ou princesa enfrentam em decorrência da má relação que seus pais ou padrinhos têm com as fadas.

“— Minha querida irmã — disse-lhe ela. — Estou convencida de que não vos esquecestes dos bons ofícios que vos dei quando desejei retornar ao nosso reino. Sem a minha ajuda, jamais teríeis sido recebida de volta. Desde então, eu não vos pedi nenhum favor. No entanto, eis que é chegado o momento de me concederdes algo essencial. Perdoai esta bela princesa e permiti que este jovem rei se case com ela! Eu vos garanto que os sentimentos dele não mudarão. Seus dias serão fiados de ouro e seda: essa aliança vos encherá de satisfação e jamais me esquecerei do prazer que me destes.

**OPD**

— Eu consinto com tudo o que desejais, querida Gentil — exclamou a fada. — Vinde, meus filhos, vinde em meus braços e recebei a garantia de minha amizade.”

“— Infelizmente, minha amada, estamos perdidos — declarou o rei. — Essa é a fada Cacunda, uma malvada que me odeia desde o tempo em que eu era um rapazinho, tudo por causa de uma maldade que lhe fiz, colocando enxofre em sua sopa. Desde então, ela sempre procurou vingança.”

“Nunca, ninguém jamais ficou tão atônito quanto a jovem princesa. Enquanto admirava tais maravilhas, viu as duas carruagens avançarem umas contra as outras; a bela dama segurava uma lança de ouro, e a feia um pique enferrujado. Elas começaram a travar uma árdua batalha, que durou mais de um quarto de hora. Finalmente, a bela saiu vitoriosa, ao passo em que a feia teve de fugir com os seus morcegos. Em seguida, a bela dama desceu ao chão e falou com Primavera:

**APP**

— Não temais, gentil princesa, vim até aqui apenas para vos proteger. O combate que tive contra Cacunda foi por amor a vós; ela queria castigar-vos porque saístes da torre quatro dias antes de seu vigésimo aniversário. Porém, como bem vistes, tomei o vosso partido e a expulsei. Agora, gozai da felicidade que conquistei para vós.”

**ACB**

“— Tudo está perdido — informou à rainha. — Minha inimiga Canalina veio e levou a princesa! Deveis saber que ela é uma fada cruel que me odeia. Infelizmente, sendo ela a mais

velha, tem mais poder que eu. Não sei de que modo poderei retirar Lindinha de suas garras desprezíveis.”

**FOR** “Enquanto eles procuravam vossa mãe, que era minha irmã, uma fada intrometida, que sabia até das coisas mais secretas e contra a qual eu tenho pelejado por um longo tempo, aproveitou muito bem a oportunidade que teve para realizar o que intencionava desde o nascimento do meu filho, transformando-o em um cravo. Apesar da minha ciência, não pude evitar esse infortúnio.”

**BIB** “Um dia existiu uma rainha que, para sentir-se feliz, não desejava mais nada a não ser ter filhos; ela não falava de outra coisa. Vivia repetindo que a fada Chorumela estivera presente na ocasião de seu nascimento e que por conta de uma indisposição com a rainha, sua mãe, enfurecera-se e profetizara somente amarguras para sua vida.”

## **XVII. Enlace dos contos via intratextualidade**

Madame d’Aulnoy deixa transparecer a existência de um projeto estético-literário específico para sua produção feérica através da intratextualidade. Ao criar um sistema de parentesco entre personagens e até mesmo citar uma história como sendo de conhecimento de outro personagem, a autora expõe os rudimentos de um verdadeiro multiverso feérico. Em “O Pombo e a Pombinha”, a princesa Constância diz gostar da história do “Pássaro Azul”, atribuindo ao conto um novo grau na escala de ficcionalização (ficcionalizando a ficção). Ademais, é conveniente notar que, como se quisesse arrematar seu projeto, Madame d’Aulnoy cita Rabuja, personagem de “Graciosa e Percinê”, seu conto número um (que abre o primeiro compêndio), justamente no conto de número vinte e quatro, “O Golfinho”, que encerra o segundo compêndio.

**ALAB** “Se estiveres mentindo, estejas certo, seu pequeno porcalhão, de que eu te comerei, e também o teu pilar e o teu retrato de Merluza.”

**SV** “Elas estavam prestes a se sentar à mesa quando Macaquina entrou; era a irmã da fada Cacunda, não menos malvada que ela.”

**AGB** “Seus muros eram de porcelana transparente pintada de várias cores, e nelas estavam representadas as histórias de todas as fadas, desde a criação do mundo até os dias de então: as famosas aventuras da Pele de Asno, da Fininha, da Laranjeira, de Graciosa, da Bela Adormecida no Bosque, do Serpentino Verde e centenas de outras que também não foram esquecidas. Ele ficou encantado ao reconhecer ali o príncipe Duende, pois ele era seu tio à moda da Bretanha.”

- OPAP** “Se ao menos eu pudesse falar, tal como o Pássaro Azul, de cuja história eu sempre gostei [...]”
- OG** “Era a fada Rabuginha, que não era melhor que a Rabuja.”

## XVIII. Intertextualidade

Além de proceder com citações internas, tal como mencionado no princípio anterior, Madame d’Aulnoy faz diversas referências a autores e obras que circulavam no século XVII francês.

- GP** “Apesar de muito cansada, Graciosa foi convencida a acompanhar o príncipe até um reluzente salão dourado cheio de pinturas, onde uma ópera era representada: tratava-se d’*Os Amores de Cupido e Psiquê*, entremeada por danças e pequenas canções.”
- OPD** a. “Azulino tinha uma sineta de ouro que pendia de um colar de pérolas; com um ar de Rominagrobis, ele começou a comer.” (Nome dado a um velho gato que figura em duas fábulas de Jean de La Fontaine, “O velho gato e o jovem rato” e “O gato, a doninha e o coelho”, histórias publicadas em 1678.)  
b. “Acaso Psiquê não pensava que seu amado fosse uma serpente? Vosso caso tem algo de semelhante ao dela, afinal não sois menos bonita. Se é o Cupido quem vos ama, não o amareis de volta?”
- APP** “Abanando as asas, ele pronunciou essas palavras, como se as cantasse unicamente para Primavera; porém, ele as aprendera com Ovídio [...]”
- ORO** “Trajado assim, nem todos os Céladons do mundo ousariam aparecer diante dele.”
- ALAB** “esse gentil cavaleiro recebeu o prêmio e o galardão pelas justas e torneiros que foram feitos em honra de Melusina”
- SV** a. “Como todos os pagodes estavam ansiosos para entreter sua nova rainha, houve um que lhe trouxe a história de Psiquê, que um dos maiores autores da moda acabava de adaptar em uma bela linguagem.”  
b. “Ela não teria se arrependido tanto se não tivesse imitado sua predecessora Psiquê: assim como ela, pegou uma lamparina e, escondida, usou-a para espiar o rei invisível, que era tão caro ao seu coração.”
- APC** “Mesmo no Vale de Tempe e nos arredores do Lignon não se acharia nada assim tão galante.” (Lignon, mencionado em *Astrée* e tido como um idílio pastoril dos amores).
- AGB** a. “Seus muros eram de porcelana transparente pintada de várias cores, e nelas estavam representadas as histórias de todas as fadas, desde a criação do mundo até os dias de então: as famosas aventuras da Pele de Asno, da Fininha, da Laranjeira, de Graciosa, da Bela Adormecida no Bosque, do Serpentino Verde e centenas de outras que também não foram



esquecidas. Ele ficou encantado ao reconhecer ali o príncipe Duende, pois ele era seu tio à moda da Bretanha.”

b. “Via-se, ao redor, representações das histórias dos mais famosos gatos: Rodilardo pendurado pelos pés na assembleia de ratos, o Gato de Botas, o marquês de Carabás [...]”

c. “Eles também foram acusados de conspiração contra a sua pessoa, o que fizeram junto de Martafax e Lermite, ratos bastante famosos no condado, uma fama que eles deviam a La Fontaine, autor muito confiável.”

d. “[...] e cada uma delas estava sentada em uma concha de pérola maior do que aquela em que Vênus estivera quando saiu do mar.”

e. “[...] o teu trabalho é semelhante ao de Penélope.”

**OPJ** “Se Javali fosse tão belo quanto era feio e se eles se amassem tanto quanto Astrea e Celadon não haveria mais nada que ela pudesse desejar para resolver viver seus belos dias na mais completa solidão.”

## **XIX. Casar-se por amor, não por convenção**

Sendo o matrimônio um motivo central nos contos de fadas de Madame d’Aulnoy, é de se prever que o enlace amoroso não poderia se dar de outra maneira senão pelas vias da afeição verdadeira. O protagonismo feminino e a primazia da inteligência operam como precedentes para que os casamentos entre príncipes e princesas, reis e rainhas sejam todos baseados no amor e na predileção mútuas em todos os contos de fadas da autora.

**ABCO** “[...] respondeu ao mensageiro que agradecia ao rei por sua gentileza, mas que não tinha intenção alguma de se casar. O embaixador deixou a corte daquela princesa deveras abatido por não poder levá-la consigo.”

**OPA**

**OPD**

“Velho incrédulo! Se não acreditares em tua esposa, isso também te custará a vida! Desfaz o casamento de tua filha e entrega-a imediatamente ao homem que ela ama!”

**APP**

“— Minha ovelhinha (porque ele lhe dava todo tipo de apelidos carinhosos), é do teu agrado desposar o filho do grande rei Merlin?”

**APR**

**ACB**

“[...] ouviram dizer que o filho do rei perverso iria se casar com uma pastorinha de perus, mas que a pequena criatura não o queria. Era bastante surpreendente que uma pastora de perus se recusasse a ser rainha [...]

## XX. Neologismos

A criação de novas palavras é marca registrada da contística feérica de Madame d’Aulnoy, fato salientado por muitos de seus estudiosos. A tradução dos termos abaixo foi pensada de modo a respeitar, na medida do possível, a sonoridade e os sufixos dos termos originais.

|                |  |
|----------------|--|
| <b>OPD</b>     | “[...] um duende duêndico!”<br>“Quanto ao Duende, desduendizando-se [...]”<br>“[...] a comitiva macacônica.” |
| <b>ORO</b>     | “[...] talvez assim eu me desgrilarei.”<br>“[...] perguntou a alteza camundônica.”                           |
| <b>ALAB</b>    | “Ogrelete”, “ogruchos”, “ogrelês”, “ogresco”   |
| <b>BIB</b>     | “Império macacônico”, “Macacolândia”   |
| <b>SV</b>      | “Pagodinas”, “povo pagodeano”  |
| <b>ARB</b>     | “Consciência ranflica”, “fadas e fados”  |
| <b>ACB</b>     | “Descorcizar”  |
| <b>AGB</b>     | “Mas o Minagrobis, almirante da frota gatônica, reduziu a raça ratoniana [...]”                              |
| <b>BBOCF</b>   | “Mas ela é mais dragônica que o dragão que matastes.”  |
| <b>OPAP</b>    | “Reverência pombesca”, “linguagem pombônica”   |
| <b>APBEOPQ</b> | “Raça zefiriana”   |
| <b>OPJ</b>     | “Modos javalinescos”, “rainha Javalina”, “javalinagem”, “dejavalinizado”                                     |

## XXI. Encaixe de histórias (enquadramento de terceiro grau)

Procedimento comum às narrativas de Madame d’Aulnoy, o enquadramento de histórias a narrativas-molduras é alçado a graus elevados na medida em que, no interior dos contos (já enquadrados pelas novelas e pela récita de Saint-Cloud), novas narrativas

são contadas pelos personagens. O enquadramento de terceiro grau provoca a suspensão imediata da trama central para a narração de uma história complementar à do protagonista.

- OPD** Abricotina, serva da Princesa dos Prazeres Tranquilos, narra a história da fada, mãe da princesa, para justificar sua aversão aos homens.
- OC** “— Não tenhais medo — replicou o carneiro. — Dignai-vos a me ouvir pacificamente e conhecereis minha deplorável aventura.  
E então o Carneiro começou a narrar: [...]”
- FOR** “— Ah, pastora! — disse a galinha. — Deixai-me viver, e como vivo a cacarejar, hei de contar coisas surpreendentes.  
Assim, tomando a palavra, a galinha começou a narrar: [...]”
- SV** História do canário
- AGB** História da metamorfose da princesa em Gata Branca
- OPAP** História da fada
- OPJ** História do Javali

Como mencionado antes do início da sequência de princípios, os procedimentos adotados por Madame d’Aulnoy na composição de seus contos de fadas têm potencial de se provarem válidos às obras de outras contistas francesas dos séculos XVII e XVIII, o que poderá ser ou não verificado com o surgimento de novas — e oportunas — pesquisas em torno desse *corpus*. A fim de concluir o presente capítulo, apresento, a seguir, tópicos temáticos caros aos contos de Madame d’Aulnoy, mas não exclusivos deles. Ainda assim, são tópicos de grande potencial analítico e reflexivo que podem inspirar outros trabalhos em torno da obra da autora. Com o intuito de não tornar a listagem ainda mais exaustiva, os temas serão limitados a seus títulos e a poucos exemplos.

### **A. Os modos galantes dos homens enamorados**

- GP** a. “Ao despertar, Graciosa viu o pajem de verde em um cantinho do quarto; ele não se atreveu a se aproximar pelo respeito que nutria por ela.”

- b. “Será possível que tenhais um juízo tão mesquinho sobre minha pessoa a ponto de pensardes que eu seria capaz de faltar-vos com o respeito? Vinde, vinde sem medo ao palácio das fadas. Não entrarei convosco se me proibirdes. Lá encontrareis minha mãe, a Rainha, e minhas irmãs, que já vos amam ternamente por conta do que eu lhes tenho dito sobre vós.”
- c. “Havia claridade por toda parte; pastores e pastoras galantemente trajados dançavam ao som de flautas e gaitas.”
- a. “Algum tempo depois, anunciaram que o rei Charmoso faria uma visita ao reino. Jamais houve um príncipe mais esplêndido e galante do que aquele; seu espírito e sua personalidade faziam jus ao seu nome.”
- OPA** b. “— Lamento não poder aceitar semelhante honra. Um soberano não seria senhor de si mesmo se tivesse que assumir todos os compromissos que lhe são propostos. Sei quais são os deveres de um cavaleiro e gostaria de assumi-los todos, mas antes prefiro recusar a oferta que essa princesa me faz do que aceitá-la e tornar-me indigno dela.”
- “O Duende bem que desejou segui-la para ver a sua toaleta, no entanto, embora ele pudesse, o respeito que tinha por ela o impedia de fazê-lo. Ele considerava que só deveria tomar as liberdades que ela estivesse disposta a lhe conceder; ademais, sua paixão era tão delicada e ingênua que ele se preocupava até com as pequenas coisas.”
- OPD**
- “Ele respondeu galantemente que a sábia fada previra que os belos olhos da princesa o incendiariam de amores, e que aquele dilúvio serviria para arrefecê-lo.”
- APP**
- “Assim que viu Sem-Par ao seu lado, vestindo um hábito de pastor extremamente galante, olhou para ele com atenção e lembrou-se de que tinha visto seu retrato na torre.”
- ORO**

## B. Os modos pudicos das princesas

- a. “Em meio a qualquer outro apuro, Graciosa teria desejado que o belo Percinê viesse em seu auxílio; contudo, vendo-se quase nua, era muito comedida para desejar ter o príncipe como testemunha, então preparou-se para sofrer tudo aquilo como um pobre cordeirinho.”
- GP** b. “[...] depois, pediu também que se retirasse, já que fora instruída a não ficar sozinha na companhia de rapazes.”
- “Ele teve de recolher todos os presentes enviados da parte do rei, pois ela era muito instruída e acreditava que as moças não deveriam aceitar presentes de pretendentes por quem não se interessavam.”
- ABCO**
- “Indicai-me alguma sábia pastora de quem eu possa me aproximar, afinal, por ser uma desconhecida e por não ter idade o suficiente para estar sozinha, ficaria muito contente se encontrasse uma boa preceptora.”
- ORO**

### C. O retrato como duplo (primazia da imagem, do belo)

- GP** a. “Como o rei sabia que Rabuja gostava de ser elogiada por sua “beleza” mais do que qualquer outra coisa, fez com que pintassem seu retrato e ordenou que um torneio fosse organizado.”  
b. “Ele disse que iria lutar pelo argumento de que Rabuja era a mais odiosa de todas as mulheres, e que trazia dentro da caixa de diamantes o retrato da mais formosa.”
- OPD** a. “Ele se apaixonou por minha rainha só de ver o seu retrato.”  
b. “Narrou-lhe sua aventura e pintou um retrato do príncipe com cores muito vivas e atrativas, descrevendo-o com entusiasmo.”
- APP** “Eles mandaram pintar retratos de Primavera, que foram enviados para o mundo inteiro, pois o prazo para retirá-la da torre se aproximava e eles queriam que ela se casasse.” – faltavam 4 dias para completar 20 anos.
- APR** “Concluíram que deveriam mandar fazer um retrato da princesa Roseta, e eis que fizeram-no com tanta perfeição que só faltava falar.”
- ORO** “O rei Sombrio, tendo pedido e obtido o retrato da princesa Bagaço, ordenou que o dispusessem em uma grande sala, sob um dossel, e mandou chamar o príncipe Torcicolo, a quem ordenou que o admirasse com ternura, pois aquela era a princesa Bagaço, que estava destinada a casar-se com ele.”
- OAA** “Mandou que os pintores mais hábeis fizessem retratos de sua filha, e os enviou a vários reis, com os quais mantinha uma estreita amizade. Quando viram o retrato, nenhum deles conseguiu se defender do poder infalível de seus encantos; uns adoeceram, outros perderam o juízo.”

### D. O padrão de beleza

- GP** “Trajou-se com um vestido verde de barra dourada; soltou seus cabelos loiros, que escorriam sobre seus ombros e flutuavam ao vento, de acordo com a moda daquele tempo.”
- ABCO** “E justamente por ser tão bela, deram-lhe o nome de Bela dos Cabelos de Ouro, pois seus cabelos eram mais finos que fios de ouro, maravilhosamente louros, perfeitamente cacheados e tão longos que chegavam aos pés.”
- OPA** “Sentou-se na grama, amarrou seus cabelos loiros com uma fita e colocou os pés no riacho [...]”
- APP** “Amarrou seus belos cabelos louros com laços de diamantes e esmeraldas [...]”
- APR** “O tal rei dos pavões era tão bonito, tão bonito, que o rei e o príncipe ficaram encantados: ele tinha longos cabelos loiros e encaracolados, a pele branca e uma coroa de cauda de pavão.”

**ORO** “E então ele tocou a princesa com o retrato da fada. Prontamente, ela ouviu um cric croc em todos os seus ossos; eles se alongaram, ficaram alinhados, e a princesa enfim se levantou. Era alta, bonita, ereta, com uma pele mais branca que o leite, com os traços todos regulares, um ar majestoso e modesto, uma fisionomia fina e agradável.”

**ALAB** “Seus cabelos loiros estavam amarrados com um cordão de junco marinho; eles flutuavam com o vento, movendo-se do busto às costas.”

**ACB** “Lindinha, que era muito obediente, tirou imediatamente o trapo sujo que tinha na cabeça e, balançando-a, ficou coberta por seus cabelos, que eram claros como marfim e delicados como fios de ouro. Eles tombaram em cachos até o chão. Depois, levando suas delicadas mãos à água de uma fonte que corria próxima ao poleiro, ela lavou o rosto, que ficou tão claro quanto uma pérola oriental. Parecia que rosas haviam florescido em suas bochechas e em sua boca; seu doce hálito cheirava a tomilho e hortelã e seu corpo era tão esguio quanto um junco. Em dias de inverno, sua pele confundia-se com a neve; em dias de verão, assemelhava-se a uma flor-de-lis.”

## **E. A presença de animais de estimação**

**ABCO** “Carregava consigo um pequeno cesto, e dentro dele estava um belo cachorrinho que havia comprado em sua passagem por Bolonha.”

**OPA** Charmoso tem o gato Bichano e um macaquinho

**OPD** Os papagaios, canários e Azulino, o gato azul da Princesa dos Prazeres Tranquilos

**APR** Tremelique, o cachorrinho verde, e o pavão de Roseta

**OC** Os animais de Maravilhosa: o macaco Travesso e o cãozinho Tintin

## **F. Descrições de violência**

**GP** “Chegando lá, procurou por Rabuja e, encontrando-a, torceu-lhe o pescoço sem que seus guardas ou suas criadas tivessem tempo de impedi-la.”

**ABCO** “Galifron pegou uma barra de ferro maciço e bem que teria abatido Primoroso com um só golpe se não fosse pela intervenção de um corvo: a ave empoleirou-se no topo de sua cabeça e bicou-lhe os olhos, arrancando-os fora. O sangue cobriu seu rosto e, como um louco, desferiu golpes para todos os lados. Primoroso desviou das investidas e atacou o gigante com fortes golpes de sua lança, perfurando-o milhares de vezes. Ele perdeu tanto sangue até que finalmente tombou. Prontamente, Primoroso cortou-lhe a cabeça, muito contente por sua boa sorte.”

**OPD** “Naquele momento, o Duende agarrou-o pelos cabelos cortou-lhe a cabeça fora como se fosse uma galinha, tudo isso sem que o reizinho infeliz pudesse ver a mão que o degolava.”

- a. “No entanto, assim que a eleita foi nomeada, uma terrível serpente que estava escondida sob a relva picou-lhe o pé e ela desfaleceu como se estivesse morta.”
- b. “Naquele mesmo instante, uma águia passou voando. Em suas garras, ela segurava uma tartaruga, que deixou cair justamente na cabeça da pobre ama; o casco se partiu em pedaços, como vidro.”
- c. “Esta, querendo se aproximar o mais rapidamente possível, tropeçou e caiu sobre um arbusto cheio de longos espinhos que furaram os seus olhos.”
- APP** d. “— Salva-te, Primavera! pois Fanfarrino quer te matar e te comer.  
Imediatamente ela abriu os olhos e, à luz de seu carbúnculo, viu que o malvado Fanfarrino estava o braço levantado, pronto para perfurar o seu peito com a espada. Isso porque seu apetite foi aguçado ao vê-la tão rechonchuda e branquinha, tanto que desejou matá-la e comê-la. Sem pensar duas vezes sobre o que deveria fazer, discretamente ela pegou o punhal que mantivera consigo desde a batalha e desferiu-lhe um golpe tão furioso no olho que ele morreu instantaneamente.”
- a. “Quando uma boa mãe demonstrava carinho pela sua filhinha ou pelo seu filhinho, ele mandava buscá-la e, diante dela, quebrava os braços ou torcia o pescoço da criança.”
- b. “Ela correu para fazer pior ao filho e comeu seu único olho bom (pois ele era caolho).”
- ACB** c. “Quando viu seu filho tão desesperado, ele o repreendeu, mas como o garoto estava com os ouvidos esfolados, não reconheceu a voz de seu pai e lançou-se contra ele. O rei perverso, irado, desferiu-lhe um grande golpe de espada, recebendo outro em troca. Ambos foram ao chão, sangrando como bois.”
- a. “Por fim, Travesso, mais audacioso que os outros, subiu no topo de uma árvore e se jogou de cabeça, suicidando-se.”
- OC** b. “E no mesmo instante ela pegou a faca usada em Travesso e enfiou no próprio peito.” (Patypata, a moura).
- a. “E, inclinando-se, foi tão fundo no forno que não conseguiu mais se retirar, de modo que torrou até os ossos.” (Ogro)
- FB** b. “Enquanto ela se divertia às gargalhadas, Fininha pegou um machado e deu-lhe um golpe tão forte por trás que separou a cabeça do corpo.” (Ogra)

Neste capítulo, procurei apresentar, ainda que sumariamente (sobretudo devido ao volume do *corpus*), princípios composicionais caros à poética feérica de Madame d’Aulnoy. A fim de complexificar essa seleção, faz-se necessário estabelecer algumas relações de convergência.

Protagonismo real, interdição à ascensão social, ausência de crianças e atos civis que denotam categorias sociais (princípios I, II, VI e XII, respectivamente) pilarizam a lógica narratológica dos contos de fadas de Madame d’Aulnoy em termos de personagem. A caracterização dos protagonistas e antagonistas das tramas não pode ser considerada como um fator narratológico variante, quicá surpreendente, já que pautada por uma normatização que aponta para o elogio da beleza e da virtude como valores caros aos

“nobres de bons pendores”. Nesse sentido, o princípio VIII (a inteligência como virtude primordial) corrobora tal normatização, afinal, além de belos, os protagonistas nobres *devem* ser invariavelmente inteligentes. Quando erram por falta de sabedoria, o erro é justificado pela falta de conhecimento de mundo; a vida em clausura explicaria as faltas cometidas por inocência, tal como ocorre em “A Princesa Roseta”. Em suma, nos contos de fadas de Madame d’Aulnoy, as aparências não costumam enganar, já que beleza encontra-se comumente associada à virtude e à inteligência. Em última análise, mesmo o caminho oposto mostra-se verdadeiro, ou seja, a virtude sendo recompensada com a beleza (vide “O Ramo de Ouro”).

Também são convergentes os princípios da onipresença feérica, da primazia da metamorfose, da presença de referências à mitologia greco-romana e das intrigas mágicas que interferem na vida humana (princípios III, VII, XIII e XVI, respectivamente). A abundância de fadas e seres feéricos tem uma consequência imediata: o conflito de interesses. Fadas rivais estendem sua rivalidade às intrigas de suas afilhadas ou tão somente aderem à causa dos antagonistas por conveniência, para interditar o sucesso de seus desafetos. Tal como foi exaustivamente descrito por Gabrielle-Suzanne Barbot de Villeneuve em “A Bela e a Fera”, entende-se ser consensual entre os principais escritores de contos de fadas dos séculos XVII e XVIII a ideia de que a hierarquia feérica é pautada pelo fator experiência; a fada mais velha supera as mais novas em poder. Em Madame d’Aulnoy, para vencê-las, é necessária a associação de uma ou mais potestades em torno de um ideal comum (como se vê em “O Pássaro Azul”). Uma vez que o imaginário feérico está associado a figuras da mitologia greco-romana, justifica-se narratologicamente a presença de tantos processos de metamorfose ao longo das tramas. Há, inclusive, uma referência direta a Ovídio, autor das *Metamorfoses*, em “A Princesa Primavera” (Ap. E, p. 385). Ademais, algumas das principais relações feitas por Madame d’Aulnoy entre seus personagens e figuras mitológicas estão justamente pautadas pela escolha de narrativas marcadas pela transmutação animal ou vegetal de homens e mulheres célebres por sua beleza, tais como Cupido e Psiquê, Ciparisso e Adônis.



Ainda em termos de convergência entre os tópicos, cabe anotar que a abundância de digressões psicológicas (princípio XI) está diretamente relacionada à grande extensão dos contos (princípio XIV). Ambos os princípios podem ser considerados duas das mais notórias distinções dos contos de fadas *stricto sensu* de Madame d'Aulnoy se comparados aos *lato sensu* escritos por homens.

Por fim, não podemos nos escusar de uma crítica referente à convergência dos seguintes temas: protagonismo feminino e padrão de beleza (princípio XV e tópico geral D, respectivamente). Ainda que os contos de Madame d'Aulnoy inovem em termos de grandes atos heroicos protagonizados por mulheres e fadas, tais figuras virtuosas são descritas em consonância com os antigos padrões europeus de beleza feminina. Como consequência, temos a associação da feiúra à vicissitude e, por conseguinte, a figuras femininas não loiras e não brancas. Por tratar-se de um tema caro à recepção contemporânea dos contos de fadas entre um público leitor mais politizado em termos sociais e culturais, é preciso reforçar a necessidade de uma mediação crítica em torno do binômio beleza-virtude a fim de oportunizar reflexões que colaborem com o estabelecimento e avanço de importantíssimas pautas contemporâneas que defendem a pluralização dos padrões de beleza, sobretudo no tocante à beleza feminina.

A fim de concluir esta seção, mostra-se oportuno retomar alguns pontos discutidos ao longo do segundo capítulo da presente tese e aliá-los aos pressupostos temáticos contidos sobretudo nos princípios I e II, especialmente caros à poética da autora. Em primeiro lugar, no tocante ao público-alvo dos contos de fadas de Madame d'Aulnoy, é possível justificar a completa predileção por figuras da alta nobreza no posto de protagonistas das tramas tendo em vista a necessidade de se estabelecer o reconhecimento entre leitores e personagens. Tal como considerado anteriormente, o novo público leitor francês do século XVII, convidado à leitura via *Mercurie Galant*, ainda é majoritariamente composto por letradas e letrados das classes dominantes. Com esse recorte demográfico em vista, partindo do pressuposto aristotélico de que os sentimentos de pena e temor, caros à poética aristotélica, são ativados, respectivamente, “com relação ao infortúnio não merecido” e “com relação a alguém semelhante a nós” (ARISTÓTELES,

2014, p. 32), é de se presumir que Madame d’Aulnoy endereçaria suas tramas repletas de tragédias, reviravoltas e castigos desproporcionais àqueles que se reconhecerão no papel de protagonista, ou seja, figuras da corte e seus agregados (tal como ocorreu em relação à história da *Princesa de Clèves*, cujo enredo causou enorme frisson entre os “novos” leitores da França seiscentista). Em suma, as referências culturais presentes nos vinte e quatro contos de fadas dizem respeito ao cotidiano cortesão e às extravagâncias próprias de seres sociais entronizados. Ainda que tal constatação possa parecer óbvia, é necessário registrá-la por tratar-se de um recurso narratológico fortemente balizado pelo contexto de produção e circulação do referido produto literário.

Em segundo lugar, é possível inferir que o princípio da interdição à ascensão social também responda às mesmas demandas supracitadas e esteja em consonância com o ideal de restauração que ressoa nas tramas feéricas de Madame d’Aulnoy. Nesse sentido, somos levados a concluir que estamos diante de uma instância autoral francamente interessada na expressão literária de ideais caros à mentalidade absolutista francesa do século XVII. Nesse caso, Madame d’Aulnoy poderia ser considerada uma das últimas vozes a endossarem tal mundividência. Porém, mais do que isso, tratava-se de uma questão vital para figuras públicas e formadoras de opinião a publicização dessa mundividência; a fim de preservar a própria vida, era prudente demonstrar anuência ao polissistema vigente.

Uma análise pormenorizada do *momentum* histórico relacionado ao sucesso pré-revolucionário de “A Bela e a Fera” de Jeanne-Marie Leprince de Beaumont, o único conto de fadas canônico de autoria feminina, ajudaria a asseverar tais pressuposições; afinal, o referido conto pode ser considerado um dos mais importantes paradigmas em torno do tema da ascensão social, profundamente relacionado ao imaginário “principesco” contemporâneo. Em suma, a célebre figura da menina humilde que sonha em se tornar princesa (casando-se com um príncipe encantado) não é encontrada na contística feérica de Madame d’Aulnoy, fato literário de enorme potencial investigativo se analisado enquanto produto cultural de um polissistema marcado por polarizações sociais, econômicas e políticas; no século compreendido entre 1697 (ano de publicação do primeiro compêndio de contos de fadas de Madame d’Aulnoy) e 1797, a França passou

do louvor absoluto a Luís XIV à decapitação de Luís XVI. Um trabalho comparativo entre os contos de Aulnoy e Beaumont ajudariam a complexificar a hipótese aqui sugerida de que os temas e motivos dos contos de fadas franceses responderam às viradas epistemológicas ocorridas nos séculos XVII e XVIII, e, portanto, aos ideais da Revolução, fato que pode estar intimamente relacionado à presença de um seletivo rol de narrativas dentre as que hoje são consideradas canônicas.

## CAPÍTULO 5

### Contos de Fadas de Madame d'Aulnoy em português brasileiro

Figura 34 – Retrato de Madame d'Aulnoy ilustrado pelo artista gráfico brasileiro Bruno Romão (1986-)



Fonte: Portfólio do autor (2022).

## GRACIOSA E PERCINÊ

1 Era uma vez um rei e uma rainha que tinham apenas uma filha. Sua beleza, doçura  
2 e inteligência eram incomparáveis, e por essa razão deram-lhe o nome de Graciosa<sup>1</sup>. Ela  
3 era a única alegria de sua mãe. Toda manhã traziam-lhe um lindo vestido, ora de brocado  
4 de ouro, ora de veludo, e às vezes de cetim; vestia-se maravilhosamente bem sem que por  
5 isso aparentasse orgulho ou presunção. Graciosa passava todas as manhãs na companhia  
6 de notáveis preceptores que a ensinavam toda sorte de ciências; durante as tardes,  
7 trabalhava junto à rainha. Para o almoço, traziam-lhe bandejas repletas de drageados e  
8 mais de vinte potes de confeitos. Todos diziam que ela era a princesa mais feliz do  
9 universo.

10 Na mesma corte vivia uma solteirona muito rica, cujo nome era duquesa Rabuja<sup>2</sup>,  
11 assombrosa em todos os aspectos: seu cabelo era vermelho como o fogo; seu rosto era  
12 espantosamente grande e infestado de espinhas; dos dois olhos que tinha, apenas um  
13 enxergava; sua boca era tão grande que até diziam que ela poderia abocanhar o mundo  
14 inteiro se quisesse, porém, como já não tinha dentes, não havia o que temer. Possuía  
15 corcundas na frente e atrás e era manca das duas pernas. Sabe-se que grandes monstros  
16 como esse costumam invejar todas as pessoas belas; ela, portanto, detestava Graciosa com  
17 um ódio mortal, e se retirava da corte para não ter que ouvir os louvores à princesa. Ficava  
18 em seu próprio castelo, que não era muito distante. Quando alguém a visitava trazendo-  
19 lhe novidades a respeito dos encantos da princesa, gritava com grande cólera:

20 — Mentira! Mentira! Ela não tem nada de adorável; há mais charme em meu dedo  
21 mindinho que em toda sua pessoa!

22 Nesse ínterim, a rainha adoeceu e veio a falecer. A princesa Graciosa quase morreu  
23 de tristeza por ter perdido tão boa mãe; o rei, por sua vez, lamentou profundamente a  
24 perda de tão boa esposa e permaneceu confinado em seu palácio por quase um ano.  
25 Temendo que ele também sucumbisse a alguma doença, os médicos pediram-lhe que  
26 saísse e buscasse alguma distração. Até que um dia o rei enfim resolveu ir à caça; como  
27 fazia muito calor, ele resolveu abrigar-se em um grande castelo que avistara no caminho,  
28 a fim de repousar.

29 Assim que soube da chegada do rei, a duquesa Rabuja foi recebê-lo imediatamente  
30 (pois aquele era seu castelo). Disse-lhe que o aposento mais fresco do palácio era uma  
31 grande cave abobadada, muito limpa, e implorou-lhe para que descessem até lá. O rei a  
32 seguiu e, ao ver duzentos barris de vinho empilhados uns sobre os outros, perguntou-lhe  
33 se armazenava tão grandes provisões somente para si.

---

<sup>1</sup> *Gracieuse.*

<sup>2</sup> *La duchesse Grognon.*

1 — Sim, senhor — disse ela. — Apenas para mim; mas eu ficaria encantada em  
2 deixar-vos provar. Aqui encontrareis Canary, Saint Laurent, Champagne, Hermitage,  
3 Rivesalte, Rossolis, Persicot, Fenouillet<sup>3</sup>... Qual desses desejais provar?

4 — Francamente, considero o vinho de Champagne melhor que todos os outros —  
5 disse o rei.

6 Imediatamente Rabuja pegou um martelinho e golpeou o barril, toc-toc, e  
7 milhares de pistolas<sup>4</sup> jorraram do tonel.

8 — Ó, o que significa isso? — disse Rabuja com um sorrisinho no rosto.

9 Então golpeou outro barril, toc-toc, e de lá saiu um alqueire de duplos luíses de  
10 ouro<sup>5</sup>.

11 — Não estou entendendo nada! — disse ela novamente, com um sorriso ainda  
12 maior.

13 E passando para o terceiro barril, golpeou-o com o martelinho, toc-toc, ao que  
14 verteu uma enxurrada de pérolas e diamantes que cobriram o chão.

15 — Ah! — ela bradou. — Não compreendo! Meu senhor, alguém deve ter roubado  
16 meu bom vinho e colocado essas bagatelas no lugar.

17 — Bagatelas? — disse o atônito rei. — Céus, madame Rabuja! Chamais isso de  
18 bagatelas? É o suficiente para comprar dez grandes reinos como Paris!

19 — Pois bem! — disse ela. — Saibais que todos esses tonéis estão repletos de ouro  
20 e de pedras preciosas: eu vos farei dono de tudo, contanto que vos caseis comigo.

21 — Ah! — replicou o rei, que amava tão somente o dinheiro. — Nenhum pedido  
22 poderia ser melhor do que esse! Casar-nos-emos amanhã, se assim vos agradar.

23 — Contudo... — ela prosseguiu. — Tenho mais uma condição a impor: dai-me  
24 autoridade sobre vossa filha como se eu fosse sua própria mãe. Desejo que ela fique  
25 inteiramente à minha mercê, concedei a mim todo controle sobre ela.

26 — Sereis a dona de minha filha! — disse o rei. — Eu vos dou a minha palavra.

27 Rabuja estendeu a mão ao rei e entregou-lhe a chave do rico aposento. Juntos, os  
28 dois se retiraram.

29 O rei retornou ao seu palácio. Ouvindo-o chegar, Graciosa correu ao seu encontro.  
30 Abraçando-o, perguntou-lhe se havia feito uma boa caçada.

31 — Capturei uma pombinha vivaz! — disse ele.

32 — Ó, meu senhor — disse a princesa. — Entregai-a a mim para que eu possa cria-  
33 la!

---

<sup>3</sup> Variedades de vinhos de alta qualidade.

<sup>4</sup> Antiga moeda de prata que equivalia a 10 libras (COIMBRA, 1957, p. 247).

<sup>5</sup> Antiga moeda que apresentava a efígie do rei gravada em um de seus lados e chegou a valer 20 libras na época em que foi cunhada, por volta de 1640 (COIMBRA, p. 244-245).

1 — Isso não será possível — ele respondeu. — Para ser mais claro, o que tenho a  
2 dizer é que me encontrei com a duquesa Rabuja e decidi casar-me com ela.

3 — Ó, céus! — lamentou Graciosa, sem pensar duas vezes. — E a comparais a uma  
4 pombinha? Ela mais se parece com uma coruja!

5 — Calai-vos! — bradou colérico o rei. — Ordeno que a ameis e a respeiteis como  
6 se fosse vossa própria mãe. Ide e aprontai-vos depressa, pois iremos encontrá-la ainda  
7 hoje.

8 A princesa, sempre muito obediente, dirigiu-se prontamente ao seu quarto para  
9 se arrumar. Sua nutriz não tardou a notar a dor que havia em seu olhar.

10 — Qual o problema, queridinha? — disse-lhe ela. — Estais chorosa.

11 — Ó, minha pobre nutriz — respondeu Graciosa. — E quem não choraria? O rei  
12 me dará uma madrasta, e, para completar a desgraça, ela é a minha mais cruel inimiga, a  
13 odiosa Rabuja. Como suportarei vê-la nos belíssimos enxovais que minha boa mãe, a  
14 rainha, bordou tão delicadamente com suas próprias mãos? Como poderei ser carinhosa  
15 com um verme que deseja a minha morte?

16 — Minha pequena — replicou a nutriz. — É preciso que vosso espírito seja tão  
17 elevado quanto vossa estirpe. Princesas como vós devem dar exemplos ainda maiores que  
18 as pessoas comuns. E qual não seria a melhor maneira de fazê-lo senão obedecendo a  
19 vosso pai, sacrificando-vos para agradá-lo? Prometei-me que não permitireis que Rabuja  
20 veja o quão infeliz estais.

21 A princesa achou difícil concordar, mas os argumentos da sábia nutriz foram tão  
22 arrazoados que enfim prometeu manter uma boa aparência diante de sua madrasta.  
23 Trajou-se com um vestido verde de barra dourada; soltou seus cabelos loiros, que  
24 escorriam sobre seus ombros e flutuavam ao vento, de acordo com a moda daquele tempo.  
25 Em sua cabeça, levava uma delicada coroa de rosas e jasmims cujas folhas eram feitas de  
26 esmeraldas. Vestida dessa maneira, até mesmo Vênus, a mãe dos amores, pareceria menos  
27 bonita ao seu lado. Ainda assim, era possível notar em seu semblante uma tristeza  
28 impossível de ser disfarçada.

29 Voltando à Rabuja, essa horrenda criatura encontrava-se muito ocupada tentando  
30 se arrumar. Para que parecesse um pouco menos manca, mandou fazer um sapato meio  
31 cúbito mais alto que o outro e estofou um dos ombros de seu corpete para esconder a  
32 corcunda. Colocou o melhor olho de vidro que pôde encontrar, maquiou o rosto para  
33 embranquecê-lo e tingiu seu cabelo vermelho de preto. Escolheu um vestido de cetim  
34 amaranço com forro azul, uma anágua amarela e laços violeta. Pretendia fazer sua entrada  
35 montada em um cavalo, pois ouvira dizer que as rainhas da Espanha assim o faziam em  
36 seus casamentos.

1 Enquanto o rei distribuía ordens, Graciosa aguardava o momento de partir ao  
2 encontro de Rabuja. Sozinha, desceu aos jardins do castelo e aviou-se para dentro de  
3 pequena alameda sombreada, onde assentou-se sobre a grama.

4 — Finalmente estou livre para lamentar o quanto quiser sem que ninguém me  
5 censure! — disse ela.

6 E começou a suspirar e a chorar tanto, mas tanto, que seus olhos mais pareciam  
7 duas fontes de água corrente. Por fim, chegou à conclusão de que não poderia retornar ao  
8 palácio naquele estado. Foi quando avistou um pajem vindo em sua direção. Suas vestes  
9 eram de cetim verde adornadas com plumas brancas. Sua aparência era a melhor do  
10 mundo. Ajoelhando-se em terra diante dela, ele lhe disse:

11 — Princesa, o rei vos aguarda.

12 Graciosa surpreendeu-se com todos os encantos que observava naquele jovem  
13 pajem. Como ela não o conhecia, pensou que devesse pertencer à comitiva de Rabuja.

14 — Desde quando estais entre os pajens do rei? — perguntou.

15 — Não sou um pajem do rei, madame — ele respondeu. — Sirvo somente a vós e  
16 não desejo servir a mais ninguém.

17 — Sois meu pajem e eu não vos conheço? — ela replicou, admirada.

18 — Ó, princesa... — disse-lhe ele. — Até agora não ousei apresentar-me a vós, mas  
19 o mal que vos ameça com o casamento do rei força-me a revelar-me antes do que  
20 intencionava. Havia decidido que tão somente o tempo e os meus serviços se  
21 encarregariam da tarefa de demonstrar o meu amor por vós e...

22 — O quê? Um pajem? — bradou a princesa, interrompendo-o. — Um pajem tem  
23 a audácia de dizer que me ama? Eis a maior de minhas desgraças!

24 — Não temais, bela Graciosa — disse ele, expressando respeito e ternura. — Sou  
25 o príncipe Percinê, conhecido por minhas riquezas e por minha sabedoria, portanto não  
26 encontrareis disparidades entre nós, a não ser quanto a vossas virtudes e à vossa beleza.  
27 Eu vos amo há muito tempo, estou sempre onde estais, ainda que invisível aos vossos  
28 olhos. Os dons de fada que recebi ao nascer têm sido de grande ajuda por me  
29 proporcionarem o prazer de poder admirar-vos. Hoje eu vos acompanharei com sob este  
30 disfarce, espero ser útil a vós.

31 À medida em que falava, a princesa o admirava com um fascínio irreversível.

32 — Então sois vós, belo Percinê! — disse ela. — Sois justamente quem eu tanto  
33 precisava encontrar! As histórias que contam sobre vós são impressionantes! Que prazer  
34 ter-vos entre meus aliados! Já não preciso temer a nefasta Rabuja, pois vos engajareis em  
35 meu favor.

36 Eles ainda trocaram algumas palavras e então Graciosa retornou ao palácio, onde  
37 encontrou um cavalo já arreado e selado, presumidamente fornecido por Percinê. Ela o  
38 montou, mas como o cavalo era um vigoroso saltador, o pajem teve de mantê-lo a rédeas



1 curtas, conduzindo-o de perto, voltando-se à princesa a todo momento para ter o prazer  
2 de admirá-la.

3 O cavalo escolhido para Rabuja mais parecia um mísero potro diante do de  
4 Graciosa. A capa do belo corcel da princesa era esplêndida, adornada com pedras  
5 preciosas; a do outro nem podia entrar em comparação. Ocupado com milhares de outros  
6 afazeres, o rei não se ateu a esse detalhe. Todos os nobres só tinham olhos para a princesa,  
7 cuja beleza os encantava, e para o pajem de verde, que era mais belo que todos os pajens  
8 da corte juntos.

9 Eles se encontraram com Rabuja no meio do caminho. Ela vinha em uma  
10 carruagem aberta, tão feia e desengonçada quanto uma pobre camponesa. O rei e a  
11 princesa juntaram-se a ela e apresentaram-lhe o cavalo em que deveria montar. Porém,  
12 assim que viu o de Graciosa, reclamou:

13 — Como essa criatura pode ter um cavalo mais bonito que o meu? — disse ela. —  
14 Antes não me tornar rainha e voltar ao meu requintado castelo do que ser tratada de tal  
15 maneira.

16 Imediatamente, o rei ordenou à princesa que desmontasse do corcel e que  
17 implorasse à Rabuja que lhe desse a honra de montar em seu cavalo. A princesa obedeceu  
18 sem questionar. Rabuja, que nem sequer a olhou ou agradeceu, foi erguida para cima do  
19 belo cavalo como se fosse um amontoado de trapos. Oito cavalheiros tiveram de ampará-  
20 la para que não caísse. Mas ainda assim ela não se contentou e prosseguiu rosnando  
21 ameaças pelo caminho. Perguntaram-lhe o que tinha.

22 — Já que estou no comando, quero que o pajem de verde conduza as rédeas do  
23 meu cavalo, assim como fez quando Graciosa cavalgava — ela respondeu.

24 Então o rei ordenou ao pajem de verde que conduzisse o cavalo da rainha. Perciné  
25 volveu seu olhar para a princesa, e ela o correspondeu sem dizer uma única palavra. Ele  
26 obedeceu, e toda a corte prosseguiu em marcha em meio ao estrondoso som dos tambores  
27 e trompetes. Rabuja estava finalmente satisfeita: com seu nariz achatado e sua boca torta,  
28 já não queria mais trocar de lugar com Graciosa.

29 Porém, quando todos menos esperavam, o belo cavalo começou a saltar, a dar  
30 coices e a correr tão rápido que ninguém foi capaz de contê-lo. E disparou estrada afora  
31 com Rabuja. Ela se agarrou à sela e à crina, gritando o mais alto que podia, até que tombou  
32 com os pés enroscados no estribo. O cavalo arrastou-a por um longo caminho sobre  
33 pedras, espinhos e lama, onde ela terminou quase que enterrada. Todos a seguiram e não  
34 tardaram em alcançá-la. Estava cheia de arranhões, com a cabeça fraturada em quatro ou  
35 cinco regiões e um braço quebrado. Nunca antes uma noiva estivera em situação tão  
36 lamentável.

37 O rei parecia desesperado. Rabuja foi recolhida como vidro estilhaçado em  
38 pedaços; seu chapéu estava de um lado da estrada e os sapatos do outro. Carregaram-na

1 até a cidade e colocaram-na sobre a cama; mandaram chamar os melhores médicos  
2 cirurgiões. E apesar de todo sofrimento, ela não parava de se queixar.

3 — Eis um dos truques de Graciosa! — disse ela. — Estou certa de que ela só montou  
4 naquele belo e perverso cavalo para me fazer ciúmes e tentar me matar. Se o rei não fizer  
5 nada quanto a isso, retornarei ao meu rico castelo e nunca mais voltarei a vê-lo.

6 O rei foi informado da fúria de Rabuja. Como a paixão que o dominava era a  
7 avareza, estremeceu só de pensar em perder os milhares de barris de ouro e diamantes;  
8 ele faria qualquer coisa para evitar tal perda. Correu até a repugnante debilitada, jogou-se  
9 aos seus pés e jurou-lhe que bastava prescrever a punição mais adequada para a infração  
10 cometida por Graciosa, pois abdicava de seus cuidados paternos, deixando-a  
11 completamente a seu dispor. Rabuja disse que isso bastava e que mandaria buscá-la.

12 Com efeito, foram até a princesa para dizer que Rabuja a chamava. A jovem ficou  
13 pálida e trêmula, sabendo muito bem que não estava sendo chamada para ser acariciada.  
14 Olhou para todos os lados esperando que Percinê aparecesse, mas, sem encontrá-lo,  
15 encaminhou-se tristemente aos aposentos de Rabuja. Mal tinha entrado e as portas foram  
16 imediatamente fechadas; quatro mulheres, que se assemelhavam a quatro fúrias<sup>6</sup>,  
17 lançaram-se contra ela por ordem de sua patroa, arrancaram seus belos trajes e rasgaram  
18 sua camisola. Quando ficou com os ombros descobertos, as impiedosas megeras não  
19 suportaram olhar para sua resplandecente candura e fecharam os olhos como se tivessem  
20 olhado para a neve por um longo tempo.

21 — Continuai, continuai! Coragem! — gritava a inclemente Rabuja do fundo de  
22 seu leito. — Esfolai-a até que não sobre nem um pedacinho dessa pele branca que ela  
23 pensa ser bonita.

24 Em meio a qualquer outro apuro, Graciosa teria desejado que o belo Percinê viesse  
25 em seu auxílio; contudo, vendo-se quase nua, era muito comedida para desejar ter o  
26 príncipe como testemunha, então preparou-se para sofrer tudo aquilo como um pobre  
27 cordeirinho. Cada uma das quatro fúrias empunhava um feixe de garranchos medonhos;  
28 elas possuíam grandes vassouras das quais retiravam esses garranchos. Então surraram-  
29 na sem piedade, e a cada golpe Rabuja dizia:

30 — Mais forte! Mais forte! Estais poupando-a!

31 Qualquer um diria que depois disso a princesa estaria esfolada da cabeça aos pés;  
32 mas estariam enganados, pois o galante Percinê havia enfeitiçado os olhos daquelas  
33 mulheres. Elas pensavam ter garranchos em suas mãos, mas, na verdade, tinham tão  
34 somente plumas de milhares de cores. Logo que começaram a surra, Graciosa percebeu o  
35 que se passava e não sentiu mais medo, murmurando em sussurros:

---

<sup>6</sup> Entidades da mitologia greco-romana também conhecidas como Erinias; personificavam a vingança.

1 — Ah, Percinê! Viestes em meu auxílio tão generosamente! O que seria de mim  
2 sem o vosso amparo?

3 As carrascas ficaram tão exaustas que não conseguiam mais mover os braços.  
4 Enrolaram a princesa em seus trapos e puseram-na para fora sob uma enxurrada de  
5 injúrias.

6 Ela retornou ao seu quarto fingindo estar muito debilitada, foi para a cama e  
7 ordenou que ninguém além de sua nutriz permanecesse com ela, a quem contou toda sua  
8 aventura. À medida em que contava, adormeceu, e nutriz foi embora. Ao despertar,  
9 Graciosa viu o pajem de verde em um cantinho do quarto; ele não se atreveu a se  
10 aproximar pelo respeito que nutria por ela. Graciosa lhe disse que jamais em sua vida  
11 esqueceria a dívida que tinha com ele. Implorou-lhe que não a deixasse à mercê da fúria  
12 de sua inimiga; depois, pediu também que se retirasse, já que fora instruída a não ficar  
13 sozinha na companhia de rapazes. Percinê respondeu que faria jus ao respeito que lhe  
14 prestava, pois era muito íntegro. Disse também que ela era sua soberana e que a  
15 obedeceria em tudo, mesmo que às custas de sua própria felicidade. Em seguida, ele a  
16 deixou, não sem antes aconselhá-la a fingir estar debilitada por conta do cruel tratamento  
17 que lhe fora dispensado.

18 Rabuja estava tão feliz em pensar as situação de Graciosa que sarou duas vezes  
19 mais rápido que o esperado, e o casamento foi celebrado com grande magnificência.  
20 Como o rei sabia que Rabuja gostava de ser elogiada por sua “beleza” mais do que  
21 qualquer outra coisa, fez com que pintassem seu retrato e ordenou que um torneio fosse  
22 organizado. Seis dos melhores cavaleiros da corte deveriam duelar em defesa do  
23 argumento de que a rainha Rabuja era a mais linda donzela do universo, combatendo os  
24 detratores. Muitos cavaleiros e nobres estrangeiros de fato se alistaram justamente para  
25 argumentar o contrário. A macaca<sup>7</sup> esteve presente durante todo o torneio, sentada em  
26 uma grande varanda decorada com brocado de ouro, contemplando com grande prazer  
27 o discurso de seus cavaleiros, que triunfavam em sua perversa causa. Graciosa, a quem  
28 eram lançados milhares de olhares, estava posicionada atrás de sua madrastra. A vaidosa e  
29 tola Rabuja acreditava ser ela própria o foco de todas as atenções.

30 Não sobrou um cavaleiro sequer que ousasse contestar a beleza de Rabuja, até que  
31 viram se aproximar um jovem cavaleiro que carregava um retrato numa caixa de  
32 diamantes. Ele disse que iria lutar pelo argumento de que Rabuja era a mais odiosa de  
33 todas as mulheres, e que trazia dentro da caixa de diamantes o retrato da mais formosa.  
34 Ao dizer isso, enfrentou os seis cavaleiros, os quais lançou por terra. Seis outros vieram,  
35 o que se repetiu até somarem vinte e quatro, e todos foram vencidos por ele. Ao abrir a

---

<sup>7</sup> *Magotte*: fêmea do macaco-de-Gibraltar, símio sem cauda e de pelagem clara. A comparação de um homem feio ou de uma mulher feia com o referido macaco era uma prática comum à época.

1 caixa, disse aos derrotados que lhes mostraria o belo retrato como forma de consolo.  
2 Todos reconheceram que aquela era a princesa Graciosa, a quem ele prestou imensa  
3 reverência. Em seguida, retirou-se sem dizer seu nome. Mas Graciosa não tinha dúvida  
4 de que se tratava de Percinê.

5 Rabuja quase sufocou de ódio. Seu peito inchou e ela não conseguiu pronunciar  
6 uma única palavra. Sinalizou que era com Graciosa que ela desejava lidar, e, quando  
7 conseguiu se expressar, começou a esbravejar como um desespero incontável:

8 — Como ousais disputar comigo esse prêmio de beleza? — disse ela. — Fizestes  
9 recair grande afronta sobre meus cavaleiros! Não, eu não posso tolerar isso! Tenho que  
10 me vingar ou então morrerei!

11 — Madame — disse a princesa. — Eu vos asseguro que não tive parte alguma no  
12 que acabou de acontecer! Afirmarei com meu sangue, se assim desejardes, que sois a  
13 mulher mais bonita do mundo e que sou um monstro de feiura.

14 — Ah! Caçóis de mim, pequenina! — respondeu Rabuja. — Mas a minha  
15 vingança logo há de chegar!

16 O rei foi informado da fúria de sua esposa e de que a princesa, morta de medo,  
17 implorava-lhe por misericórdia, pois, à mercê da rainha, estaria sujeita a toda sorte de  
18 crueldades. Mesmo assim, ele não se comoveu e limitou-se a responder:

19 — Eu a entreguei à sua boa madrasta. Que ela faça o que bem desejar!

20 A malvada Rabuja esperou a noite chegar com grande impaciência. Assim que  
21 escureceu, pediu que encilhassem cavalos à sua carruagem. Graciosa foi forçada a  
22 acompanhá-la, e, sob o domínio de uma impetuosa escolta, foi conduzida a centenas de  
23 léguas dali por uma grande floresta, através da qual ninguém se atrevia a passar, pois  
24 estava repleta de leões, ursos, tigres e lobos. Quando chegaram ao centro da medonha  
25 floresta, fizeram-na descer e ali a abandonaram, apesar de suas súplicas por misericórdia.

26 — Eu não vos peço que poupeis a minha vida — disse-lhes ela. — Rogo-vos apenas  
27 por uma morte rápida. Matai-me de uma vez para me poupar de todos os males que não  
28 de me afligir.

29 Graciosa falou a ouvidos surdos. Nem sequer a responderam, e afastaram-se dali  
30 a toda velocidade, deixando a bela e mal-aventurada menina completamente só. Por  
31 algum tempo, ela caminhou sem saber aonde ia, ora ferindo-se em árvores, ora caindo,  
32 ora enganchando-se entre os arbustos; foi quando, enfim, coberta de angústia, atirou-se  
33 ao chão sem forças para se levantar.

34 — Percinê! — clamava de vez em quando. — Percinê, onde estais? Será possível  
35 que tendes me abandonado?

36 Logo que terminou de dizer essas palavras, de repente viu a mais bela e mais  
37 surpreendente aparição do mundo: era uma luminescência tão magnífica, todas as árvores  
38 da floresta pareciam estar cheia de candelabros repletos de velas. Ao fundo de uma trilha,

1 ela avistou um palácio todo feito de cristal que brilhava tanto quanto o Sol. Sentindo um  
2 misto de alegria e medo, Graciosa começou a crer que Percinê devia ter algo a ver com  
3 aquele novo encantamento.

4 — Estou sozinha... — disse ela. — E esse príncipe é tão jovem, afável e amoroso;  
5 devo a ele minha vida... Ah, isso é demais! Devo me afastar! Antes morrer que amá-lo!

6 Ao dizer isso, apesar do cansaço e da fraqueza, levantou-se e deu as costas ao lindo  
7 palácio, pondo-se a caminhar na direção oposta. Estava tão atribulada e confusa com os  
8 diferentes pensamentos que lhe sobrevinham que não sabia mais o que fazer.

9 Naquele momento, escutou um ruído nas cercanias e foi tomada pelo medo.  
10 Pensou que alguma fera selvagem fosse devorá-la. Aterrorizada, olhou para trás; foi  
11 quando avistou o príncipe Percinê, tão belo quanto o próprio Amor.

12 — Fugis de mim, minha princesa — disse-lhe ele. — Tendes medo de mim,  
13 enquanto eu vos venero. Será possível que tenhais um juízo tão mesquinho sobre minha  
14 pessoa a ponto de pensardes que eu seria capaz de faltar-vos com o respeito? Vinde, vinde  
15 sem medo ao palácio das fadas. Não entrarei convosco se me proibirdes. Lá encontrareis  
16 minha mãe, a Rainha, e minhas irmãs, que já vos amam ternamente por conta do que eu  
17 lhes tenho dito sobre vós.

18 Encantada pela maneira delicada e gentil com a qual seu jovem amado falava,  
19 Graciosa não pôde se recusar a acompanhá-lo em seu trenó dourado, conduzido por dois  
20 cervos extremamente velozes, de sorte que em pouquíssimo tempo eles atravessaram as  
21 incontáveis paisagens daquela floresta, todas de beleza admirável. Havia claridade por  
22 toda parte; pastores e pastoras galantemente trajados dançavam ao som de flautas e gaitas.  
23 Em outras paradas, às margens dos mananciais, jovens aldeões ceavam e dançavam  
24 alegremente acompanhados de suas donzelas.

25 — Eu pensava que esta floresta fosse inabitada — disse Graciosa. — Mas ela se  
26 encontra povoada e cheia de alegria!

27 — Desde que chegastes, minha princesa, a sombria solidão de outrora deu lugar  
28 ao júbilo e a agradáveis divertimentos — replicou Percinê. — Os amores vos  
29 acompanham e flores desabrocham pelos caminhos por onde trilhais.

30 Graciosa não ousou responder. Ela não desejava tomar parte nesse tipo de  
31 conversa e solicitou ao príncipe que a levasse até a rainha, sua mãe. Percinê pediu aos seus  
32 cervos que partissem em direção ao palácio das fadas.

33 Ao chegarem lá, a princesa começou a ouvir uma música admirável, e a rainha,  
34 com duas de suas filhas, que eram todas muito encantadoras, abraçaram-na e  
35 conduziram-na a um grande átrio cujas paredes eram de cristal de rocha<sup>8</sup>. Com enorme  
36 assombro, Graciosa reparou que a história de sua vida estava gravada ali, inclusive o que

---

<sup>8</sup> *Crystal de roche*: cristal de rocha, quartzo hialino, pedra transparente semipreciosa.

1 havia acontecido naquele mesmo dia, como o passeio de trenó que fizera com o príncipe,  
2 e tudo com uma técnica tão apurada que nem sequer as obras de Fídias<sup>9</sup> poderiam ser  
3 comparadas, nem mesmo aquelas das quais os antigos gregos se gabavam.

4 — Tendes um artesão muitíssimo diligente! — disse Graciosa à Percinê. — À  
5 medida em que faço um movimento ou um gesto, logo o vejo gravado ali.

6 — Isso é porque não desejo me privar de nada que esteja relacionado a vós, minha  
7 princesa — ele respondeu. — Afinal, não me sinto feliz ou satisfeito em lugar algum sem  
8 a vossa companhia.

9 Graciosa não disse nada em resposta e agradeceu à rainha pelo modo com que ela  
10 lhe recebera. Um enorme banquete foi servido e Graciosa ceou com grande apetite. Estava  
11 muito satisfeita por ter encontrado Percinê em vez dos ursos e leões que temia encontrar  
12 na floresta. Apesar de muito cansada, Graciosa foi convencida a acompanhar o príncipe  
13 até um reluzente salão dourado cheio de pinturas, onde uma ópera era representada:  
14 tratava-se d'*Os Amores de Cupido e Psiquê*<sup>10</sup>, entremeada por danças e pequenas canções.  
15 Um jovem pastor aproximou-se deles e entoou as seguintes palavras:

16  
17 *Sois amada, Graciosa, e nem mesmo o deus do amor*  
18 *É capaz de explicar o tanto que amada sois.*  
19 *Quão bom seria se um urso ou tigre imitásseis,*  
20 *Pois simples carinhos domam até mesmo tais feras selvagens.*  
21 *Até os ferozes seres, ainda que orgulhosos,*  
22 *Envolvidos pelo amor, gozam de prazeres ditosos:*  
23 *Todos falam de amor e se deixam encantar;*  
24 *Apenas vós resistis, recusai-vos a amar.*  
25

26 Ela corou ao ouvir seu nome mencionado dessa forma diante da rainha e das  
27 princesas. Disse a Percinê que a canção de algum modo a entristecera, pois agora todos  
28 conheciam os seus segredos.

29 — Isso me faz lembrar de uma máxima com a qual estou de acordo — disse ela.

30 Em seguida, Graciosa proferiu os seguintes versos:

31  
32 *Não compartilheis confidências:*  
33 *Certamente sabeis que o silêncio*

---

<sup>9</sup> Escultor grego, o mais famoso da Antiguidade. Entre suas célebres obras estão a Atena Partenos, estátua da deusa Atena, e o Trono de Zeus no Olimpo, considerado uma das sete maravilhas do mundo antigo.

<sup>10</sup> Ópera com prólogo e 5 atos composta por Jean-Baptiste Lully, com libreto de Thomas Corneille, estreada em Paris a 16 de abril de 1678 (PAXMAN, 2014, p. 147).

1 *Possui um charme poderoso.*  
2 *Pois em um mundo desajustado,*  
3 *Até um prazer virtuoso*  
4 *Por vezes de crime é tachado.*

5  
6 Percinê pediu-lhe perdão por ter feito algo que a tivesse desagradado. A ópera  
7 terminou e a rainha pediu às duas princesas que conduzissem Graciosa aos seus  
8 aposentos. Jamais se viu nada tão magnífico quanto aquela mobília, nem tão galante  
9 quanto o cortinado e a cama onde a princesa deveria dormir. Ela foi servida por vinte e  
10 quatro damas trajadas como ninfas; a mais velha tinha dezoito anos, e cada uma parecia  
11 um milagre, tamanha era a beleza. Quando se deitou, uma delicada música foi tocada para  
12 embalar seu sono, mas ela estava tão admirada que não conseguia sequer fechar os olhos.

13 — Tudo o que tenho visto é verdadeiramente maravilhoso — disse ela. — É de se  
14 temer a companhia de um príncipe tão amável e habilidoso, mas por enquanto terei de  
15 permanecer aqui.

16 Tão somente a ideia de partir era muito dolorosa para Graciosa: deixar um palácio  
17 tão esplêndido para cair nas garras da cruel Rabuja era uma mudança que ninguém sequer  
18 cogitaria. Apesar disso, Percinê lhe parecia tão perigosamente sedutor que não desejava  
19 permanecer em um palácio em que ele era o senhor.

20 Quando despertou, trouxeram-lhe trajes de todas as cores, ornamentos de pedras  
21 preciosas de todas as formas, laços, fitas, luvas e meias de seda, tudo de gosto muito  
22 requintado. Não faltava nada. Deram-lhe um vestido de ouro cinzelado; nunca antes  
23 estivera tão bem trajada, nunca antes estivera tão bela. Percinê adentrou o quarto vestindo  
24 um traje verde e dourado (verde era sua cor favorita, isso porque era a cor que Graciosa  
25 mais amava). Nem o mais fino e mais belo dos homens poderia se comparar ao jovem  
26 príncipe. Graciosa contou-lhe que não conseguira dormir, pois as lembranças de seus  
27 infortúnios a atormentavam, e que não podia fazer outra coisa senão temer o que ainda  
28 estava por vir.

29 — Por que razão vos alarmais, madame? — ele perguntou. — Sois soberana aqui,  
30 sois venerada. Me abandonaríeis em nome de vossa mais cruel inimiga?

31 — Se eu fosse a dona do meu destino, certamente aceitaria vossa proposta, mas  
32 devo obediência ao rei, o meu pai — disse-lhe ela. — Antes sofrer que falhar em meu  
33 dever.

34 Percinê disse tudo o que foi capaz de arrazoar a fim de persuadi-la a casar-se com  
35 ele, mas a princesa não queria consentir. Foi quase a despeito de sua vontade que o  
36 príncipe a manteve consigo por oito dias, período em que providenciou milhares de novos  
37 agradados para entretê-la.

1           Graciosa costumava dizer-lhe:

2           — Gostaria de saber o que se passa na corte de Rabuja e que tipo de explicação ela  
3 tem dado sobre o que fizera comigo.

4           Percinê afirmou que enviaria seu escudeiro, um homem de espírito, para satisfazer  
5 sua inquietação. Graciosa, por sua vez, replicou dizendo estava certa de que ele não  
6 precisaria enviar ninguém para informá-lo sobre o que se passava, pois ele mesmo seria  
7 capaz de contar-lhe tudo.

8           — Pois então vinde comigo à grande torre e vede com vossos próprios olhos —  
9 disse Percinê.

10          E prontamente ele a conduziu ao topo de uma torre imensamente alta, toda de  
11 cristal de rocha, assim como o restante do castelo. Graciosa foi orientada a colocar seu pé  
12 em cima do pé do príncipe, e seu dedo mindinho entre os lábios dele; em seguida, deveria  
13 olhar em direção à cidade. Tão logo seguiu as instruções, a princesa avistou a perversa  
14 Rabuja, que, estando ao lado do rei, disse-lhe:

15          — A infeliz princesa enforcou-se no porão. Acabei de vê-la, estava horrível.  
16 Precisa ser prontamente enterrada, assim vos consolareis de uma vez por tão  
17 insignificante perda.

18          O rei desatou a chorar pela morte de sua filha. Rabuja deu-lhe as costas e dirigiu-  
19 se aos seus aposentos. Ela preparou um sinuoso tronco de árvore que, encoberto de  
20 adereços, foi colocado no caixão depois de ter sido muito bem embrulhado. Então, por  
21 ordem do rei, houve um grande funeral, onde todos pranteavam e amaldiçoavam a  
22 madrasta, a quem acusavam pela morte da princesa. Todos sentiam imenso pesar, e  
23 Graciosa podia ouvir as lamentações que, em sussurros, exprimiam a dor de sua perda:

24          — É uma pena que tão jovem e bela princesa tenha perecido ante a crueldade de  
25 tão miserável criatura! Rabuja deveria ser fatiada em pedaços e transformada em patê!

26          Incapaz de comer ou beber, o rei encontrava-se verdadeiramente comovido e não  
27 parava de chorar. Vendo seu pai em tamanha aflição, Graciosa exclamou:

28          — Ah, Percinê! Não posso tolerar que meu pai permaneça sofrendo por acreditar  
29 que estou morta! Se me amais, levai-me de volta.

30          Percinê estava disposto a obedecer qualquer pedido de Graciosa, ainda que o  
31 fizesse com grande aversão.

32          — Minha princesa — disse-lhe ele. — Certamente sentireis falta do palácio das  
33 fadas. Todavia, não me atrevo a crer que sentireis minha falta. Sois mais desumana a mim  
34 do que Rabuja a vós.

35          No entanto, a despeito de tudo o que lhe fora dito, Graciosa insistiu em partir e  
36 despediu-se da mãe e das irmãs do príncipe. Percinê montou com ela no trenó e os cervos  
37 começaram a correr. Assim que atravessaram os portões do palácio, a princesa ouviu um  
38 grande estrondo e, ao olhar para trás, viu a edificação desmoronar em mil pedaços.



1 — Que é isso? — ela lamentou. — Não sobrou nada do palácio!

2 — Não — respondeu Percinê. — Meu palácio se erguerá entre os mortos. Haveréis  
3 de lá retornar apenas depois de sepultada.

4 — Estais enfurecido — disse Graciosa, tentando abrandá-lo. — No fim das contas,  
5 porém, não serei eu mais digna de pena que vós?

6 Ao chegarem, Percinê fez com que a princesa ficasse invisível, bem como a si  
7 mesmo e o trenó. Assim, ela subiu aos aposentos do rei e lançou-se aos seus pés. Ao vê-  
8 la, ele teve medo e tentou em fugir, acreditando ser um fantasma. Mas ela o segurou e  
9 contou-lhe que não estava morta, que Rabuja fez com que a conduzissem à floresta  
10 selvagem, onde subira até a copa de uma árvore e se alimentara de frutas. Contou também  
11 que um tronco havia sido enterrado em seu lugar. Graciosa implorou ao rei que a enviasse  
12 a qualquer um dos seus outros castelos, onde não estivesse mais exposta às fúrias de sua  
13 madrasta.

14 O rei, incerto da veracidade de tal testemunho, mandou desenterrar o corpo e, ao  
15 deparar-se com um tronco, ficou deveras assombrado com a perversidade de Rabuja.  
16 Qualquer outro ordenaria que ela mesma fosse enterrada naquela cova, mas ele era um  
17 pobre homem, fraco, sem coragem o bastante para fazer valer sua fúria. Apenas afagou a  
18 filha e levou-a para ceiar com ele. Quando os lacaios de Rabuja informaram-na sobre o  
19 retorno da princesa, que agora ceava com o rei, ela passou a agir como uma louca e,  
20 correndo até ele, disse-lhe que não admitiria qualquer hesitação: ou ele desistia daquela  
21 imprestável ou a veria partir naquele mesmo instante para retomar sua vida de solteira.  
22 Disse ainda que não passava de uma mera suposição crer que aquela menina fosse de fato  
23 a princesa, já que, apesar de ser um pouco parecida, Graciosa havia se enforcado, o que  
24 ela tinha visto com seus próprios olhos. Disse por fim que, ao colocar alguma fé nas farsas  
25 daquela impostora, ele demonstrava falta de consideração e de confiança em sua esposa.  
26 Foi então que, sem dizer uma palavra sequer, o rei novamente abandonou a desafortunada  
27 princesa, acreditando, ou fingindo acreditar, que aquela não era a sua filha.

28 Repleta de alegria, Rabuja arrastou Graciosa para um calabouço com a ajuda de  
29 suas criadas, onde fez com que ela se despisse. Retiraram-lhe as belas vestes e cobriram-  
30 na com um trapo velho de linho grosseiro, calçaram um sapato de madeira em seus pés e  
31 puseram um áspero capuz em sua cabeça. A duras penas, concederam-lhe um fardo de  
32 palha para se deitar e um bocado de pão preto para comer.

33 Em meio a tamanha aflição, Graciosa desatou a chorar amargamente e a sentir  
34 falta do palácio das fadas; não ousou, porém, desejar que Percinê viesse em seu socorro,  
35 pois achava que havia abusado demais da boa vontade do príncipe, além de estar incerta  
36 se ele a amava o bastante para querer ajudá-la novamente.

37 Enquanto isso, a perversa Rabuja mandou chamar uma fada não menos maligna  
38 que ela mesma.

1 — Mantenho cativa uma menina muito travessa, com a qual tenho grandes razões  
2 para estar zangada — disse ela à fada. — Desejo fazê-la sofrer incumbindo-a de tarefas  
3 muito difíceis todos os dias, as quais ela nunca será capaz de realizar. Assim, poderei  
4 castigá-la o quanto eu quiser sem que haja qualquer motivo para queixas. Ajudai-me a  
5 cada dia encontrar uma nova provação.

6 A fada respondeu que pensaria no assunto e voltaria no dia seguinte. E assim o  
7 fez, trazendo consigo um novelo da altura de quatro pessoas; a linha era tão fina que se  
8 romperia com um sopro, e estava tão embaraçada que mais parecia um emaranhado sem  
9 começo nem fim. Encantada, Rabuja mandou chamar sua formosa prisioneira e disse-lhe:

10 — Eis a vossa tarefa, comadre! Preparai as vossas rudimentares patas para  
11 enovelar esta linha, e sabei que, se a romperdes em um único ponto, estareis perdida, pois  
12 eu mesma vos esfolarei. Começai quando bem quiser, mas quero essa linha devidamente  
13 enovelada antes que o sol se ponha.

14 E então Rabuja a trancafiou em um quarto sob três cadeados.

15 Assim que a princesa ficou sozinha, começou a manusear o enorme emaranhado,  
16 virando-o de um lado para o outro. A linha se desfez em milhares de pedaços logo em sua  
17 primeira tentativa de desenroscar um único nó; Graciosa ficou tão transtornada que,  
18 querendo se livrar daquele embaraço, atirou-o no meio do aposento, declarando:

19 — Vá, novelo fatal! Tu serás a causa de minha morte. Ah, Percinê, Percinê... Se  
20 não fosse pela repulsa que vos causei com minha rudeza, eu pediria que viésseis não para  
21 me salvar, mas para receber meu último adeus.

22 Em seguida, ela chorou amargamente, tanto que qualquer um se comoveria, por  
23 mais insensível que fosse. Foi quando Percinê abriu a porta; e ele o fez com tanta facilidade  
24 que era como se estivesse com as chaves no bolso.

25 — Aqui estou, minha princesa — disse-lhe ele. — Sempre a postos para vos servir.  
26 Apesar do vosso menosprezo por minha paixão, não sou capaz de abandonar-vos.

27 E tocou o novelo três vezes com a sua varinha, fazendo com que as linhas  
28 quebradas fossem imediatamente emendadas; com duas outras batidas, todo o  
29 emaranhado foi enovelado com maravilhoso esmero. Percinê perguntou se ela desejava  
30 qualquer outra coisa, e se alguma vez o chamaria sem que estivesse em apuros.

31 — Não me reprendais, formoso Percinê — disse ela. — Já sou infeliz o bastante.

32 — Minha princesa, está em vossas mãos a decisão de libertar-vos da tirania de  
33 quem sois vítima. Vinde comigo para que sejamos felizes juntos. Do que tendes medo?

34 — De que não me ameis o bastante — ela respondeu. — Quero que o tempo me  
35 assegure de vossos sentimentos.

36 Enfurecido com tal desconfiança, Percinê despediu-se dela e partiu.

37 O sol estava prestes a se pôr, e Rabuja esperava por esse momento com grande  
38 impaciência. Por fim, resolveu ir antes da hora, acompanhada das quatro fúrias que

1 sempre a seguiam. Colocou as três chaves nos três cadeados, e, enquanto abria a porta,  
2 dizia:

3 — Aposto que essa bela indolente não manteve seus dez dedinhos trabalhando  
4 rápido o bastante. Ela deve ter preferido dormir para manter a boa aparência.

5 Quando entrou, Graciosa apresentou-lhe o novelo enrolado sem nenhum defeito.  
6 Rabuja não tinha do que se queixar, mas afirmou que ela havia sujado a linha por ser uma  
7 maltrapilha; por isso, desferiu-lhe deu dois tapas que deixaram suas alvas e rosadas  
8 bochechas inchadas. A pobre Graciosa suportou mansamente uma afronta da qual não  
9 seria capaz de se esquivar. Levaram-na de volta ao calabouço, onde foi novamente  
10 trancafiada.

11 Decepcionada por ter falhado com o novelo de linha, Rabuja mandou buscar a  
12 fada fez-lhe duras advertências.

13 — Encontraí algo muito mais difícil, algo que ela não consiga fazer! — disse-lhe  
14 ela.

15 A fada foi embora, e no dia seguinte trouxe um grande tonel cheio de penas. Havia  
16 penas de toda sorte de aves: rouxinóis, canários, lugres, pintassilgos, pintarroxos, sabiás-  
17 ruivos, papagaios, corujas, pardais, pombos, avestruzes, abetardas, pavões, cotovias,  
18 perdizes — eu nunca terminaria se tivesse que nomeá-las todas. Tais penas estavam tão  
19 misturadas umas com as outras que nem as próprias aves conseguiriam distingui-las.

20 — Vede — disse a fada à Rabuja. — Eis aqui algo que irá testar a habilidade e  
21 provar a paciência de vossa prisioneira. Ordenai a ela que selecione as penas e separe as  
22 que são de pavão das que são de rouxinol, e que faça o mesmo com todas as outras,  
23 montando uma pilha para cada espécie. Esta é uma tarefa que exasperaria até mesmo uma  
24 fada.

25 Rabuja sentiu grande alegria assim que imaginou o desespero da malfadada  
26 princesa. Mandou buscá-la, ameaçou-a da mesma forma que antes e trancou-a no quarto  
27 com o tonel, encerrada sob os três cadeados, dizendo-lhe que o trabalho deveria ser  
28 concluído até o pôr-do-sol.

29 Graciosa pegou algumas penas, mas como era impossível distinguir as diferenças  
30 umas das outras, lançou-as de volta no tonel. Depois, tornou a retirá-las e bem que tentou  
31 separá-las; porém, vendo que o que estava tentando fazer era impossível, bradou em tom  
32 de desespero:

33 — Basta! É a minha morte que elas querem! A morte acabará com meus  
34 sofrimentos! Não devo apelar novamente para que Percinê venha em meu socorro; se ele  
35 me amasse, já estaria aqui.

36 — E aqui estou, minha princesa! — exclamou Percinê, surgindo das profundezas  
37 do tonel, no qual ele estava escondido. — Aqui estou para livrar-vos de mais essa

1 provação. Ainda duvidais, depois de tantas provas do meu afeto, que eu não vos amo mais  
2 do que a minha própria vida?

3 Em seguida, tocou o tonel três vezes com a sua varinha, ao que as penas, saindo  
4 aos milhares, ordenaram-se por si mesmas em pequenas pilhas ao redor do quarto.

5 — O que não devo a vós, meu senhor? — disse Graciosa. — Sem o vosso auxílio  
6 eu teria sucumbido. Estejais certo de toda minha gratidão.

7 O príncipe ainda tentou persuadi-la a tomar uma decisão em seu favor, mas ela  
8 pediu tempo, e, por maior que fosse o sacrifício, ele agiria conforme a vontade da amada.

9 Rabuja retornou; ficou tão assombrada com o que viu que já não sabia mais o que  
10 fazer para assolar Graciosa. Não deixou de surrá-la, dizendo-lhe que as penas ficaram mal  
11 arranjadas. Novamente mandou buscar a fada e recebeu-lhe com grande cólera. A fada  
12 não sabia o que dizer, pois estava estupefata. Enfim, disse que empregaria toda sua  
13 destreza na confecção de uma caixa misteriosa que colocaria a prisioneira em apuros caso  
14 ela ousasse abri-la. Poucos dias depois, a fada trouxe para Rabuja uma caixa de tamanho  
15 considerável.

16 — Vede — disse a fada. — Ordenai à vossa escrava que leve esta caixa a algum  
17 lugar e proíba-a de abri-la. Ela não será capaz de resistir à tentação, então ficareis satisfeita.

18 Rabuja fez exatamente como lhe fora dito.

19 — Levai esta caixa ao meu grande castelo e colocai-a sobre a mesa do gabinete —  
20 disse-lhe ela. — Mas eu vos proíbo, sob pena de morte, de espiar o que há dentro dela.

21 Graciosa calçou seus tamancos, vestiu seus trajés grosseiros de linho, cobriu-se  
22 com seu capuz de lã e partiu. Aqueles que a encontravam pelo caminho diziam: “Esta deve  
23 ser alguma deusa disfarçada”, pois não deixava de aparentar uma beleza extraordinária.  
24 Caminhou um pouco até que se sentiu muito cansada. Ao atravessar um pequeno bosque  
25 nos arredores de uma agradável campina, sentou-se para descansar um pouco. Tinha a  
26 caixa apoiada em seus joelhos e, de repente, foi tomada por um forte desejo de abri-la.

27 — O que poderia me acontecer? — ponderou Graciosa. — Não retirarei nada da  
28 caixa, somente verei o que há dentro dela.

29 E sem pensar nas consequências, resolveu abri-la. Imediatamente, saltou de lá um  
30 grande número de homenzinhos, mulherzinhas, mesinhas, pequenos cozinheiros,  
31 loucinhas, violinistas e demais instrumentistas. Enfim, o gigante da tropa era do tamanho  
32 de um polegar. Eles se espalharam sobre a campina, separaram-se em vários grupos e  
33 deram início ao mais belo baile jamais visto. Alguns dançavam, uns cozinhavam e outros  
34 ceavam. Os pequenos violinistas tocavam maravilhosamente bem. De início, Graciosa  
35 divertiu-se ao deparar-se com algo tão extraordinário; porém, quando ficou entediada e  
36 tentou colocá-los de volta na caixa, nenhum deles quis voltar. Os pequenos cavalheiros  
37 fugiram com suas daminhas, e os violinistas fizeram o mesmo. Os cozinheiros, com

1 caçarolas na cabeça e espetos nos ombros, chispavam para o bosque quando Graciosa  
2 corria para as campinas, e para as campinas quando ela alcançava o bosque.

3 — Ó, indiscretíssima curiosidade! — lamentou Graciosa. — Serviste bem à minha  
4 inimiga! O único infortúnio do qual eu poderia me resguardar me sobrevém por minha  
5 própria culpa! Nenhuma palavra é capaz de expressar o quanto condeno a mim mesma  
6 por tamanho erro! Percinê, Percinê! — ela gritou. — Se ainda for possível amardes uma  
7 princesa tão insensata, vinde ajudar-me na mais infausta desventura da minha vida!

8 Percinê não precisou ser chamado pela terceira vez, pois logo apareceu em suas  
9 opulentas vestes verdes.

10 — Se não fosse pela perversa Rabuja, jamais pensaríeis em mim, formosa princesa!  
11 — disse-lhe ele.

12 — Ah! Julgais mal os meus sentimentos — replicou a princesa. — Não sou  
13 insensível aos vossos méritos, nem ingrata às gentilezas. A verdade é que testo vossa  
14 perseverança apenas para coroá-la quando estiver bem convencida dela.

15 Mais contente do que nunca, Percinê tocou a caixa três vezes com sua varinha e,  
16 imediatamente, todos os homenzinhos, daminhas, violinistas, cozinheiros e assados  
17 foram realocados na caixa como se nunca tivessem saído do lugar. Como seu trenó estava  
18 estacionado no bosque, Percinê sugeriu à princesa que o usasse em sua viagem ao  
19 requintado castelo, assegurando-a de que precisava aceitar mais esse auxílio, pois  
20 encontrava-se deveras exausta. Tornando-se invisível, Percinê conduziu-a para lá, tendo,  
21 assim, o prazer de sua companhia — um prazer, segundo me consta, ao qual Graciosa, do  
22 fundo de seu coração, já não era indiferente; no entanto, ela ainda insistia em ocultar seus  
23 sentimentos cuidadosamente.

24 Quando chegou ao suntuoso castelo e pediu, em nome de Rabuja, que a deixassem  
25 entrar em seu gabinete, o comandante desatou a rir.

26 — O quê? — disse ele, pensando tratar-se de uma pastora. — Acaso pensas que  
27 poderás passear com tuas ovelhas em um lugar tão refinado como esse? Sai já daqui! Volta  
28 para o lugar de onde vieste! Nossos nobres pisos jamais poderão ser pisados por tamancos  
29 tão grosseiros!

30 Graciosa implorou-lhe que escrevesse uma carta declarando sua recusa, e ele o fez.  
31 Então, afastando-se do grande castelo, voltou para junto do amável Percinê, que a  
32 aguardava. Ele a conduziu de volta ao palácio de seu pai. Seria difícil reproduzir todas as  
33 ternas e respeitosas palavras que o príncipe lhe dissera ao longo do caminho a fim de  
34 convencê-la a pôr um fim em seus infortúnios. Graciosa enfim respondeu que se Rabuja  
35 lhe armasse outro revés, ela então consentiria em casar-se com ele.

36 Ao vê-la regressar, sua madrasta atirou-se contra a fada, a qual mantivera cativa;  
37 arranhou-a e a teria estrangulado caso uma fada pudesse ser estrangulada. Graciosa

1 apresentou-lhe a carta e a caixa, mas Rabuja lançou-as ao fogo sem nem ao menos abri-  
2 las; e bem que teria lançado a própria princesa, se assim pudesse.

3 Com efeito, Rabuja não tardou em tramar um novo castigo. Ela ordenou aos seus  
4 servos que cavassem um enorme buraco no jardim, o mais profundo possível, e que  
5 colocassem uma imensa pedra sobre ele. Graciosa e todos os aliados da perversa rainha  
6 foram conduzidos ao local, onde ela lhes disse:

7 — Eis aqui uma pedra sob a qual me disseram que há um tesouro. Vinde já, erguei-  
8 a rapidamente!

9 Todos dispuseram suas mãos para ajudar, inclusive Graciosa; era justamente o que  
10 queriam. Assim que a princesa aproximou-se da beirada do abismo, Rabuja empurrou-a  
11 bruscamente para dentro. Em seguida, a pedra foi rapidamente tombada, sepultando-a.

12 Não havia esperança alguma para um golpe como esse. Como Percinê seria capaz  
13 de encontrá-la nas entranhas da terra? Quando compreendeu a gravidade da situação,  
14 Graciosa arrependeu-se por não ter aceitado o pedido de casamento enquanto tinha essa  
15 oportunidade.

16 — Quão cruel é meu destino! — ela choramingou. — Fui enterrada viva! Esse tipo  
17 de morte é mais terrível do que qualquer outro! Estais vingado por minha morosidade,  
18 Percinê! Temi que tivésseis de gênio tão volúvel quanto o dos outros homens, que mudam  
19 de personalidade assim que têm a certeza de terem conquistado um coração; eu quis me  
20 certificar da boa índole do vosso. Minhas injustas desconfianças são a causa do estado em  
21 que me encontro. Talvez minha partida fosse menos dolorosa se eu tão somente pudesse  
22 crer que sentiríeis minha falta! — ela concluiu.

23 Enquanto tentava encontrar nas palavras algum consolo para a dor que sentia,  
24 Graciosa avistou uma portinha se abrir ao longe, a qual ela não havia enxergado em meio  
25 a toda aquela escuridão. Do outro lado, viu brilhar a luz do dia em um jardim repleto de  
26 flores, frutas, fontes, grutas, esculturas, arbustos e pérgolas. Sem pensar duas vezes, a  
27 princesa dirigiu-se para lá. Enquanto avançava por uma grande vereda, imaginou que fim  
28 essa nova aventura poderia ter; foi quando enfim avistou o palácio das fadas. Não teve  
29 dificuldade em reconhecê-lo, pois, para além do fato de não haver nenhum outro castelo  
30 feito de cristal de rocha, viu que sua mais recente aventura já se encontrava gravada nas  
31 paredes. Percinê apareceu com a rainha, sua mãe, e suas irmãs.

32 — Não vos esquiveis mais, formosa princesa — disse a rainha à Graciosa. — É  
33 chegada a hora de fazerdes o meu filho feliz e de serdes libertada da vida deplorável que  
34 levais sob a tirania de Rabuja.

35 A agradecida princesa lançou-se de joelhos aos pés da rainha e disse-lhe que  
36 daquele dia em diante entregaria seu destino às suas ordens e que iria obedecê-la em tudo.  
37 Afirmou também que não havia se esquecido da profecia proferida por Percinê quando  
38 deixara o palácio das fadas: a de que aquele mesmo palácio seria erguido entre os mortos

1 e que ela não o adentraria até que fosse sepultada. Dirigindo-se a Percinê, disse-lhe que o  
2 admirava por sua sabedoria e por seu valor, e que finalmente o aceitaria como esposo. Ao  
3 ouvir aquilo, o príncipe atirou-se aos pés de sua amada. Naquele mesmo instante, ecoou  
4 no palácio o som de vozes e instrumentos, e o matrimônio foi celebrado com um  
5 esplendor inédito. Todas as fadas das cercanias vieram com suas suntuosas comitivas;  
6 algumas chegaram em carruagens conduzidas por cisnes, outras montadas em dragões;  
7 umas sobre nuvens, outras em globos flamejantes. Dentre elas estava a fada que havia  
8 ajudado Rabuja a atormentar Graciosa. Quando reconheceu a princesa, ficou mais  
9 surpresa do que qualquer um jamais ficaria. Implorou-lhe que a perdoasse pelo que havia  
10 acontecido e disse-lhe que encontraria meios de reparar os males que a fizera sofrer. A  
11 verdade é que a fada não se demorou na festa e que, montando de volta em sua carruagem  
12 conduzida por duas terríveis serpentes, voou rumo ao palácio do rei. Chegando lá,  
13 procurou por Rabuja e, encontrando-a, torceu-lhe o pescoço sem que seus guardas ou  
14 suas criadas tivessem tempo de impedi-la.

15

16

*És tu, triste e funesta invidia,  
Que os males dos homens causa,  
E que da mais bela vida  
Os dias serenos atrasa.*

17

18

19

20

21

*Foste tu que contra Graciosa  
Da indigna Rabuja acendeu o rancor;  
Foste tu a causadora do terror  
Que assolou a princesa formosa.*

22

23

24

25

26

*Ó! Qual não seria sua sorte,  
Se de seu Percinê o amor constante  
Não a tivesse livrado da morte.*

27

28

29

30

*Ele mereceu o galardão  
Recebido por sua constância.  
Aquele que ama de coração,  
Cedo ou tarde desfruta de perfeita bonança.*

31

32

33

## A BELA DOS CABELOS DE OURO

1           Era uma vez a filha de um rei, uma princesa tão bonita que não havia nada no  
2 mundo cuja beleza pudesse se comparar à dela. E justamente por ser tão bela, deram-lhe  
3 o nome de Bela dos Cabelos de Ouro<sup>1</sup>, pois seus cabelos eram mais finos que fios de ouro,  
4 maravilhosamente louros, perfeitamente cacheados e tão longos que chegavam aos pés.  
5 Andava sempre coberta por seus cachos, usava uma coroa de flores e vestes bordadas com  
6 diamantes e pérolas. Tamanha era sua beleza que não havia quem a visse e não se  
7 apaixonasse.

8           Em um reino vizinho, havia um jovem rei que, apesar de bem apessoado e muito  
9 rico, ainda não era casado. Quando ele soube de tudo o que diziam sobre a Bela dos  
10 Cabelos de Ouro, embora ainda não a tivesse visto, passou a amá-la tão intensamente que  
11 parou de comer e de beber. Um dia, ele enfim resolveu enviar um embaixador ao reino de  
12 Bela para que a pedisse oficialmente em casamento. Providenciou uma magnífica  
13 comitiva para acompanhar seu emissário; deu-lhe mais de uma centena de cavalos e  
14 lacaios, recomendando-lhe fortemente que trouxesse a princesa consigo.

15           Na data marcada, o embaixador despediu-se do rei e partiu. A corte não falava de  
16 outra coisa, e o rei, que não duvidava que a Bela dos Cabelos de Ouro aceitaria sua  
17 proposta, logo ordenou que fizessem elegantes vestidos para ela e deslumbrantes  
18 decorações para o palácio. Enquanto os servos estavam ocupados a trabalhar, o  
19 embaixador chegou ao castelo da Bela dos Cabelos de Ouro e entregou-lhe sua singela  
20 mensagem. Porém, seja porque ela não estava de bom humor naquele dia ou mesmo por  
21 considerar tal proposta disparatada, respondeu ao mensageiro que agradecia ao rei por  
22 sua gentileza, mas que não tinha intenção alguma de se casar.

23           O embaixador deixou a corte daquela princesa deveras abatido por não poder levá-  
24 la consigo. Ele teve de recolher todos os presentes enviados da parte do rei, pois ela era  
25 muito instruída e acreditava que as moças não deveriam aceitar presentes de pretendentes  
26 por quem não se interessavam. Portanto, jamais tomaria para si os esplêndidos diamantes  
27 e todo o resto. No entanto, para não descontentar totalmente o rei, aceitou somente um  
28 punhado de alfinetes ingleses.

29           O emissário enfim retornou ao reino em que vivia, onde o rei o aguardava com  
30 grande impaciência. Todos ficaram profundamente aflitos quando perceberam que ele  
31 não estava acompanhado da Bela dos Cabelos de Ouro. O rei desatou a chorar como uma  
32 criança. Bem que tentaram consolá-lo, mas não conseguiram.

33           Naquela mesma corte vivia um jovem rapaz tão belo quanto o sol, o mais garboso  
34 de todo o reino. Por conta de suas boas graças e de seu espírito, chamavam-no de

---

<sup>1</sup> *La Belle aux Cheveux d'Or.*



1 Primoroso<sup>2</sup>. Ele era amado por todos, exceto pelos invejosos. Seus detratores viviam  
2 aborrecidos, pois ele era um dos favoritos do rei, que lhe confiava todos os seus assuntos.

3 Um dia, Primoroso encontrava-se em meio a algumas pessoas que falavam a  
4 respeito do retorno do embaixador. Elas presumiam que ele não havia feito nada de  
5 excepcional que justificasse o aceite da princesa. Foi quando Primoroso afirmou, sem  
6 tomar nenhum cuidado:

7 — Se o rei tivesse me enviado à Bela dos Cabelos de Ouro, estou certo de que ela  
8 teria vindo comigo!

9 Imediatamente, aquela gente perversa foi dizer ao rei:

10 — Senhor, sabeis o que disse Primoroso? Que se o tivésseis enviado à Bela dos  
11 Cabelos de Ouro, ele a teria trazido consigo. Considereis tamanha malícia; ele pensa ser  
12 mais belo que vós, de modo que a princesa teria se apaixonado por ele e desejaria segui-  
13 lo para qualquer lugar.

14 O rei encheu-se de cólera, a ponto de ficar fora de si.

15 — Ha, ha! — riu-se ele. — Esse convencido zomba de meu infortúnio e se  
16 considera melhor que eu! Ide, trancai-o em minha grande masmorra. Que ele morra de  
17 fome!

18 Os guardas do rei foram buscar Primoroso, que nem sequer se lembrava do que  
19 havia dito. Arrastaram-no para a prisão e o penalizaram com milhares de maus tratos. O  
20 pobre rapaz não teve direito a nada além de um fardo de palha que lhe servia de cama, e  
21 estaria morto se não fosse por uma pequena fonte que fluía no pavimento térreo da torre,  
22 de cujas águas bebia para se refrescar, pois a fome ressecava-lhe a boca.

23 Um dia, sem conseguir suportar tamanho castigo, Primoroso desatou a  
24 resmungar:

25 — De que se queixa o rei? Não há sujeito algum que lhe seja mais fiel do que eu,  
26 jamais o desrespeitei!

27 O rei, por acaso, caminhava próximo à torre naquele dado instante. Assim que  
28 reconheceu a voz de seu antigo companheiro, a quem tanto amara, parou para escutá-lo,  
29 mesmo contra a vontade dos invejosos que o acompanhavam. Eles disseram ao rei:

30 — Senhor, por que vos distraís? Não sabeis que ele não passa de um patife?

31 O rei lhes respondeu:

32 — Deixai-me aqui, eu quero escutá-lo.

33 Ao ouvir os lamentos do rapaz, os olhos do rei se encheram de lágrimas. Foi então  
34 que abriu a porta da torre e chamou por ele. Primoroso apresentou-se completamente  
35 abatido, lançou-se de joelhos diante do rei e beijou seus pés, dizendo:

36 — O que vos fiz, senhor, para que me trateis tão duramente? — disse ele.

---

<sup>2</sup> *Avenant*.

1 — Zombaste de mim e de meu embaixador — disse o rei. — Disseste que se eu  
2 tivesse te enviado à Bela dos Cabelos de Ouro, tu a terias trazido contigo.

3 — É bem verdade, senhor — respondeu Primoroso. — Eu a teria feito conhecer  
4 tão bem vossas grandes qualidades, que estou certo de que ela não poderia ter se escusado;  
5 ao proferir essa afirmação, não disse nada que fosse ofensivo a vós.

6 O rei compreendeu que, de fato, ele não havia cometido nenhum erro; olhou com  
7 desprezo para aqueles que haviam caluniado seu favorito e levou-o embora consigo,  
8 arrependendo-se profundamente das penas que o fizera sofrer.

9 Depois de oferecer-lhe um maravilhoso jantar, chamou-o em seu gabinete e disse-  
10 lhe:

11 — Primoroso, continuo apaixonado pela Bela dos Cabelos de Ouro. Sua recusa  
12 não me fez voltar atrás; entretanto, não sei o que fazer para que ela queira se casar comigo.  
13 Gostaria de te enviar como meu emissário para ver se obténs sucesso.

14 Primoroso respondeu-lhe dizendo que estava totalmente disposto a obedecê-lo, e  
15 que partiria no dia seguinte.

16 — Ó! — exclamou o rei. — Providenciarei uma grande comitiva para ti.

17 — Não se faz necessário — ele respondeu. — Não preciso de nada além de um  
18 bom cavalo e de cartas da vossa parte.

19 De tão contente que estava com a prontidão de seu favorito, o rei o abraçou.

20 Foi numa manhã de segunda-feira que Primoroso despediu-se do rei e de seus  
21 amigos para seguir sua jornada completamente sozinho, sem pompa e sem alarde. Não  
22 fazia nada além de pensar nos métodos que empregaria para persuadir a Bela dos Cabelos  
23 de Ouro a casar-se com o rei. Levava uma caderneta em seu bolso, de modo que quando  
24 lhe ocorria uma boa ideia para compor seu discurso, descia do cavalo e se sentava à  
25 sombra de uma árvore para escrever, a fim de não se esquecer de nada. Numa manhã em  
26 que havia partido logo ao raiar do dia, ao passar por uma vasta planície, uma ideia muito  
27 oportuna lhe ocorreu; apeou o cavalo e recostou-se juntos aos salgueiros e álamos que  
28 estavam plantados às margens de um pequeno ribeiro que corria em torno da pradaria.  
29 Depois de ter escrito seu pensamento, olhou ao redor e encantou-se por encontrar-se em  
30 uma paragem tão bonita. Foi quando viu sobre a relva uma grande carpa dourada, tão  
31 ofegante a ponto de quase não mais conseguir respirar. Eis o que havia ocorrido: ao tentar  
32 capturar pequenas moscas, ela saltou tão longe para fora d'água que caiu na grama, e ali  
33 jazia prestes a morrer. Primoroso apiedou-se dela. Passara o dia em jejum, e bem que  
34 poderia tomá-la por jantar, mas, em vez disso, colocou-a gentilmente de volta no ribeiro.  
35 Assim que a comadre carpa sentiu o frescor da água, começou a revigorar-se e submergiu.  
36 Depois, exultante, retornou à margem do ribeiro e disse ao rapaz:

37 — Primoroso, agradeço-vos pela gentileza que acabastes de me fazer. Sem o vosso  
38 auxílio eu já estaria morta. Salvastes minha vida, um dia hei de fazer o mesmo por vós.

1 Depois daquele breve agradecimento, ela voltou a mergulhar. Primoroso ficou  
2 muito surpreso com a inteligência e com a grande civilidade da carpa.

3 Outro dia, enquanto continuava sua viagem, ele avistou um corvo em apuros: o  
4 pobre pássaro estava sendo perseguido por uma terrível águia, grande devoradora de  
5 corvos. A ave de rapina estava prestes a capturar sua presa, à qual engoliria tal qual uma  
6 lentilha. Primoroso, porém, comoveu-se com o infortúnio do pássaro.

7 — Olhe lá! — disse ele. — Vede como os fortes oprimem os fracos! Que razão tem  
8 a águia para devorar o corvo?

9 Ele pegou seu arco, que sempre carregava consigo, e uma flecha; depois, mirando  
10 bem na águia — croc! — atirou a flecha em seu dorso, atravessando-o por completo. Ela  
11 caiu morta. O corvo, em grande júbilo, empoleirou-se em uma árvore e disse:

12 — Primoroso, sois muito generoso por haver socorrido um miserável corvo como  
13 eu. Não vos serei ingrato, um dia hei de fazer o mesmo por vós.

14 Primoroso admirou a boa intenção do corvo e seguiu seu caminho. Antes do sol  
15 nascer, entrou em um grande bosque. Ainda estava escuro, de modo que mal conseguia  
16 enxergar a vereda por onde trilhava. Foi quando escutou o crocitar desesperado de uma  
17 coruja.

18 — Ó! — exclamou. — Eis uma coruja em perigo. Ela deve ter sido pega em alguma  
19 rede.

20 Procurou-a por todos os lados, até que finalmente avistou as grandes redes que os  
21 passarinhos haviam espalhado durante a noite para capturar as aves.

22 — Que pena! — refletiu ele. — Os homens só foram criados para atormentar uns  
23 aos outros ou para perseguir pobres animais que não os machucam nem lhes fazem mal  
24 algum.

25 Dizendo isso, pegou sua faca e cortou as cordas. A coruja levantou voo, mas  
26 retornou rapidamente para lhe dizer:

27 — Primoroso, não é necessário que eu vos faça um longo sermão para que  
28 compreendais a gratidão que sinto por vós, pois as circunstâncias falam por si mesmas.  
29 Os passarinhos viriam me capturar, eu estaria presa e seria morta sem o vosso auxílio.  
30 Tenho um coração grato, um dia hei de fazer o mesmo por vós.

31 Essas foram as três aventuras mais curiosas que surpreenderam Primoroso em sua  
32 jornada. Ele estava tão ansioso para chegar ao seu destino que não tardou em alcançar o  
33 palácio da Bela de Cabelos de Ouro. Tudo ali era admirável. Havia diamantes empilhados  
34 como se fossem pedras comuns. As belas vestimentas, a prataria, as guloseimas, tudo era  
35 maravilhoso. Pensou consigo mesmo que poderia considerar-se muito sortudo caso a  
36 princesa deixasse tudo aquilo para ir ao encontro de seu amo, o rei. Primoroso trajou  
37 vestes de brocado e um chapéu com plumas rosas e brancas. Penteou-se, perfumou-se e  
38 lavou o rosto; também amarrou uma fina echarpe toda bordada ao redor de seu pescoço.

1 Carregava consigo um pequeno cesto, e dentro dele estava um belo cachorrinho que havia  
2 comprado em sua passagem por Bolonha. Primoroso estava elegantíssimo, deveras  
3 adorável. Seus modos eram tão graciosos que, ao se apresentar nos portões do palácio,  
4 todos os guardas prestaram-lhe grande reverência e mandaram anunciar apressadamente  
5 à princesa que Primoroso, o embaixador do rei vizinho, pedia para vê-la.

6 Ao ouvir o nome de Primoroso, a princesa lhes disse:

7 — Esse nome soa muito bem. Tenho certeza de que ele é charmoso e que agrada a  
8 todo mundo.

9 — Certamente que sim, madame! — disseram todas as suas damas de honra. —  
10 Nós o vimos do sótão onde armazenamos os vossos tecidos. Enquanto ele esteve parado  
11 debaixo das janelas, não conseguimos fazer mais nada senão admirá-lo!

12 — Ora, se não é uma boa ocupação distrair-vos bisbilhotando rapazes! — replicou  
13 a Bela dos Cabelos de Ouro. — Pois bem, trouxe-me o meu grande vestido azul de cetim  
14 bordado, penteai bem os meus loiros cabelos, fazei guirlandas de flores frescas, pegai meus  
15 sapatos de salto alto e meu leque, e varrei meus aposentos e limpai meu trono. Quero que  
16 ele proclame a todos que realmente faço jus ao título de Bela dos Cabelos de Ouro.

17 Assim, todas as suas criadas apressaram-se em vesti-la como uma rainha. Elas  
18 estavam tão afoitas que esbarravam umas nas outras e progrediam com dificuldade.  
19 Depois disso, a princesa adentrou sua galeria de espelhos para ver se não lhe faltava nada.  
20 Satisfeita, ocupou o seu trono, que era de ouro, marfim e ébano, cujo odor se assemelhava  
21 ao do bálsamo. Por fim, ordenou às suas donzelas que pegassem instrumentos e  
22 cantassem muito docemente para não agredir os ouvidos de ninguém.

23 Primoroso foi conduzido à sala de audiências. Sua admiração foi tanta que mal  
24 conseguiu falar. Mesmo assim, tomou coragem e proclamou seu discurso  
25 maravilhosamente bem, implorando à princesa que não lhe desse o desprazer de retornar  
26 sem ela.

27 — Gentil Primoroso, todas as razões que acabastes de me dar são excelentes.  
28 Asseguro-vos de que eu aceitaria a proposta de bom grado, mais por vós do que por  
29 qualquer outro — disse-lhe ela. — Porém, deveis saber que há cerca de um mês eu  
30 passeava pelo ribeiro com todas as minhas damas; quando elas me serviram alguns  
31 aperitivos, retirei minha luva e deixei escapar um anel de meu dedo, e ele infelizmente  
32 caiu no fundo do rio. Ele era mais precioso para mim do que todo o meu reino. Imagino  
33 que podeis julgar quanta tristeza essa perda me causou. Jurei que jamais consideraria  
34 proposta alguma de casamento até que o meu anel fosse reencontrado. Vede o que tendes  
35 diante de vós: ainda que insistísseis por quinze dias e quinze noites, não poderíeis  
36 persuadir-me a mudar minha decisão.

37 Primoroso ficou muito surpreso com aquela resposta. Prestando-lhe uma grande  
38 reverência, implorou-lhe que ao menos aceitasse o cachorrinho, o cesto e a echarpe. Ela

1 respondeu, porém, que não desejava presente algum, e encarregou-o de pensar no que ela  
2 havia acabado de dizer.

3 O emissário dirigiu-se aos seus aposentos e deitou-se em jejum. Seu cachorrinho,  
4 cujo nome era Cabriola<sup>3</sup>, e que também não havia comido nada, deitou-se ao seu lado.  
5 Durante toda a noite, Primoroso não parou de murmurar.

6 — Como eu poderia encontrar um anel que caiu no fundo de grande rio há um  
7 mês? — ele ponderou. — Seria um desvario tentar fazê-lo! A princesa me disse isso apenas  
8 para ser impossível obedecê-la.

9 E suspirou em grande aflição. Cabriola, ouvindo tudo aquilo, disse-lhe:

10 — Meu querido amo, suplico-vos que não desacrediteis da vossa boa sorte. Sois  
11 afável demais para vos entristecerdes. Deveríamos ir às margens do rio logo ao  
12 amanhecer.

13 Primoroso fez-lhe alguns afagos e não respondeu nada. Finalmente, tendo  
14 superado sua tristeza, adormeceu.

15 Logo ao raiar do dia, Cabriola desatou a fazer tantas cabriolas que despertou o seu  
16 dono.

17 — Meu amo, ajeitai-vos para sairmos! — disse ele.

18 Primoroso não fez objeção. Levantando-se, vestiu-se e desceu ao jardim, e do  
19 jardim dirigiu-se diretamente às margens do rio, por onde caminhou com os olhos  
20 encobertos por seu chapéu e de braços cruzados. Pensava apenas em sua vindoura  
21 despedida quando, abruptamente, ouviu uma voz a chamá-lo:

22 — Primoroso! Primoroso!

23 Ele olhou ao redor e não viu ninguém; pensou que estivesse delirando. Continuou  
24 a caminhar até que novamente o chamaram:

25 — Primoroso! Primoroso!

26 — Quem me chama? — ele perguntou.

27 Cabriola, que era muito pequeno e espreitava a água, respondeu-lhe:

28 — Podeis não acreditar em mim, mas acho que vi uma carpa dourada!

29 Foi quando grande carpa enfim emergiu e disse a Primoroso:

30 — Salvastes minha vida no bosque, eu teria morrido se não fosse por vossa ajuda.  
31 Naquela ocasião, prometi que faria o mesmo por vós. Sendo assim, estimado Primoroso,  
32 eis aqui o anel da Bela dos Cabelos de Ouro.

33 Agachando-se, Primoroso retirou o anel da goela da comadre carpa, agradecendo-  
34 a milhares de vezes.

---

<sup>3</sup> Cabriolle.

1 Em vez de voltar para casa, ele foi direto ao palácio com o pequeno Cabriola, que  
2 estava muito contente por ter conduzido seu dono às margens do rio. Avisaram a princesa  
3 que Primoroso desejava vê-la.

4 — Ó, céus! — ela exclamou. — Pobre rapaz! Vem para despedir-se de mim. Ele  
5 considerou o meu pedido impossível e irá para casa para dizer isso ao seu amo.

6 Ao ser recebido, Primoroso apresentou-lhe o anel e disse-lhe:

7 — Princesa, cumpra a vossa ordenança; gostaríeis agora de receber o rei, meu amo,  
8 como vosso marido?

9 Quando ela viu o anel, o mesmo anel que havia perdido, ficou tão surpresa que  
10 pensou que estivesse sonhando.

11 — Na verdade, gracioso Primoroso, creio que fostes favorecido por alguma fada,  
12 pois naturalmente esse feito seria impossível por vossas próprias habilidades — disse-lhe  
13 ela.

14 — Madame, não conheço fada alguma, apenas estou verdadeiramente disposto a  
15 obedecer-vos — ele respondeu.

16 — Então, já que sois tão solícito, deves fazer-me um outro serviço, caso contrário  
17 jamais hei de me casar — ela continuou. — Não muito longe daqui, vive um príncipe  
18 chamado Galifron<sup>4</sup>, que não tira da cabeça o desejo de casar-se comigo. Anunciou-me sua  
19 intenção com temíveis ameaças, dizendo que se eu recusasse o seu convite, destruiria o  
20 meu reino. Como eu poderia aceitá-lo como marido? É um gigante maior que uma torre  
21 bem alta, capaz de devorar um homem tal qual um macaco come uma castanha. Quando  
22 ele vai à cidade, carrega pequenos canhões em seus bolsos, os quais ele usa como pistolas.  
23 Quando ele fala muito alto, quem está por perto fica surdo. Afirmei a ele que não desejava  
24 me casar e pedi que me desculpasse. No entanto, ele nunca parou de me perseguir e de  
25 matar os meus súditos. Sendo assim, antes de qualquer coisa, penso que deves lutar  
26 contra ele e me trazer a sua cabeça.

27 Primoroso ficou um tanto impressionado com aquela proposta. Permaneceu  
28 introspectivo por alguns instantes e depois respondeu:

29 — Bem, madame, lutarei contra Galifron. Creio que serei abatido, mas morrerei  
30 como um homem de coragem.

31 A princesa ficou muito surpresa e deu-lhe mil razões para que desistisse daquela  
32 empreitada, mas foi em vão. Ele se retirou a fim de armar-se de tudo o que fosse  
33 necessário. Quando encontrou o que precisava, colocou o pequeno Cabriola em seu cesto,  
34 montou em seu bom cavalo e partiu rumo às terras de Galifron. Ao longo do caminho,  
35 ele questionou os passantes a respeito do tal príncipe, e todos lhe disseram que era um

---

<sup>4</sup> Galifron.

1 verdadeiro demônio do qual não ousavam se aproximar. Quanto mais ouvia isso, mais  
2 atemorizado ficava. Cabriola o tranquilizava, dizendo:

3 — Meu querido amo, enquanto estiverdes lutando, morderei as pernas dele.  
4 Devereis matá-lo no instante em que ele abaixar a cabeça para me pegar.

5 Primoroso admirava a animosidade do cachorrinho, apesar de saber que sua ajuda  
6 não seria suficiente.

7 Enfim aproximou-se do castelo de Galifron. Todas as trilhas estavam cobertas com  
8 os ossos e carcaças dos homens que o gigante havia comido ou dilacerado em pedaços.  
9 Primoroso não precisou esperá-lo por muito tempo, pois logo o avistou atravessando um  
10 bosque. A altura de sua cabeça superava a das maiores árvores, e ele cantava com uma  
11 terrível voz:

12

13

14

15

16

17

*Onde estão os pequenos infantes,  
Que mastigarei com os meus dentes?  
Minha fome é tão, tão grande  
Que o mundo não será suficiente.*

18

Imediatamente, em resposta, Primoroso cantarolou com o mesmo tom:

19

20

21

22

23

24

*Eis aqui o Primoroso triunfante,  
Aquele que lhe arrancará os dentes;  
Posso não ter a altura de um gigante,  
Mas para matá-lo já será o suficiente.*

25

26

27

28

29

30

31

32

33

34

35

36

As rimas não ficaram muito regulares, pois Primoroso improvisara a canção; ademais, é um milagre que ela não tenha ficado muito pior, já que estava terrivelmente amedrontado. Quando Galifron ouviu aquelas palavras, olhou ao redor e viu Primoroso com uma lança nas mãos, endereçando-lhe duas ou três injúrias para deixá-lo irritado. Mas isso não era necessário, pois ele já estava tomado por uma cólera incontável. Galifron pegou uma barra de ferro maciço e bem que teria abatido Primoroso com um só golpe se não fosse pela intervenção de um corvo: a ave empoleirou-se no topo de sua cabeça e bicou-lhe os olhos, arrancando-os fora. O sangue cobriu seu rosto e, como um louco, desferiu golpes para todos os lados. Primoroso desviou das investidas e atacou o gigante com fortes golpes de sua lança, perfurando-o milhares de vezes. Ele perdeu tanto sangue até que finalmente tombou. Prontamente, Primoroso cortou-lhe a cabeça, muito contente por sua boa sorte. O corvo, que agora se encontrava sobre uma árvore, disse-lhe:

1 — Não me esqueci do favor que me prestastes ao abater a águia que me perseguia.  
2 Prometi que pagaria a minha dívida e assim o fiz.

3 — Devo a vós toda a minha gratidão, senhor Corvo — Primoroso replicou. —  
4 Estou à vossa disposição.

5 Em seguida, montou em seu cavalo carregando a espantosa cabeça de Galifron.

6 Quando chegou à cidade, todos correram atrás dele, gritando: “Aí vem o bravo  
7 Primoroso, que acabou de matar o monstro!”, de sorte que a princesa, ouvindo aquele  
8 alvoroço todo, não ousou perguntar o que havia acontecido, pois temia que viessem lhe  
9 informar sobre a morte do emissário. Contrariando suas expectativas, ela viu Primoroso  
10 chegar com a cabeça do gigante, a qual ainda lhe causava grande temor, apesar de já não  
11 haver motivo para isso.

12 — Madame, vosso inimigo está morto — disse ele. — Espero que não mais rejeiteis  
13 o pedido de meu amo, o rei.

14 — Ah! Muito bem! — respondeu a Bela dos Cabelos de Ouro. — Porém, a não ser  
15 que me tragais um pouco de água da gruta tenebrosa antes de minha partida, eu ainda o  
16 rejeitarei. Perto daqui há uma enorme gruta com ao menos de seis léguas de  
17 profundidade. Dois dragões guardam a entrada, impedindo o acesso ao local; eles soltam  
18 fogo pelos olhos e pela goela. Uma vez dentro da gruta, tendes que descer por um imenso  
19 fosso, cheio de sapos, víboras e serpentes. No fundo desse fosso há uma pequena ranhura  
20 através da qual flui a fonte da beleza e da saúde; esta é a água que tanto desejo. Tudo o  
21 que é lavado com ela torna-se maravilhoso: quem já é belo assim permanece, quem é feio  
22 torna-se belo, quem é jovem jamais envelhece e quem é velho rejuvenesce. Sabei,  
23 Primoroso, que não deixarei o meu reino sem levar comigo um suprimento dessa água.

24 — Madame, sois tão formosa que esta água vos será completamente inútil! — ele  
25 replicou. — Entendo, porém, que não passo de um infeliz embaixador cuja morte  
26 almejai. Irei em busca do que desejais com a certeza de que não mais retornarei.

27 A Bela dos Cabelos de Ouro não mudou de ideia, e Primoroso partiu com seu  
28 cachorrinho Cabriola para a gruta tenebrosa em busca da água da beleza. Todos os que o  
29 encontravam pelo caminho diziam:

30 — É uma pena ver um jovem tão amável deixar-se perder pela intrepidez de seu  
31 coração! Ele vai sozinho para a gruta, e mesmo que fosse acompanhado de cem bravos  
32 homens, não seria capaz de regressar. Por que a princesa só lhe pede coisas impossíveis?

33 Contudo, mesmo com o coração contrito, Primoroso continuou a caminhar sem  
34 dizer uma palavra sequer.

35 Ele escalou até o topo de uma montanha, onde sentou-se para descansar um  
36 pouco, deixando seu cavalo pastar enquanto Cabriola corria atrás de moscas. Ele sabia  
37 que a gruta tenebrosa não ficava longe dali, e olhou para ver se ela já não estava à vista.  
38 Primeiro viu uma rocha medonha, escura como piche, de onde saía uma fumaça espessa.



1 Um momento depois, viu um dos dragões que soltavam fogo pelos olhos e pela goela. Seu  
2 corpo era verde e amarelo, tinha grandes garras e uma longa cauda que se enrolava em  
3 centenas de curvas. Quando Cabriola viu tudo aquilo, ficou tão apavorado que não sabia  
4 onde se esconder.

5 Já resignado com a morte, Primoroso empunhou sua lança, pegou o frasco que a  
6 princesa havia lhe dado para encher com a água da beleza e disse ao seu cachorrinho  
7 Cabriola:

8 — Esse é o meu fim! Jamais poderei pegar daquela água que está guardada pelos  
9 dragões. Quando eu estiver morto, encha essa garrafa com meu sangue e leve-a até a  
10 princesa para que ela veja o que isso me custou! Depois, dirija-se à presença do rei, meu  
11 amo, e conte-lhe a respeito do meu infeliz destino.

12 Enquanto proferia essas palavras, Primoroso ouviu uma voz a lhe chamar:

13 — Primoroso! Primoroso!

14 — Quem me chama? — ele perguntou.

15 Foi quando avistou uma coruja no buraco de uma velha árvore. A ave lhe disse:

16 — Vós me retirastes da rede dos passarinhos quando estive presa, salvando a  
17 minha vida. Prometi que um dia faria o mesmo por vós: eis que é chegado o tempo! Dai-  
18 me o vosso frasco, eu conheço todos os caminhos da gruta tenebrosa e pegarei a água da  
19 beleza para vós.

20 Céus! Quem não ficaria completamente agradecido? Primoroso entregou-lhe a  
21 garrafa e a coruja adentrou a gruta sem nenhum impedimento. Em menos de quinze  
22 minutos ela já estava de volta, carregando o frasco cheio e bem arrolhado. Tomado pela  
23 alegria, Primoroso agradeceu-lhe de todo o seu coração e, retornando à montanha, seguiu  
24 muito feliz rumo à cidade.

25 Dirigindo-se diretamente ao palácio, apresentou o frasco à Bela dos Cabelos de  
26 Ouro, que já não tinha mais nada a dizer. Ela agradeceu Primoroso, deu todas as ordens  
27 necessárias para sua partida e enfim seguiu em viagem com ele. O embaixador lhe parecia  
28 muito charmoso, de modo que às vezes ela lhe dizia:

29 — Se estivésseis disposto, eu vos teria feito rei e nunca precisaríamos ter deixado  
30 meu reinado.

31 Mas ele respondia:

32 — Apesar de considerar-vos mais bela que o sol, eu jamais causaria tamanho  
33 desgosto ao meu amo, nem por todos os reinos da terra.

34 Finalmente eles chegaram à grande cidade do rei, que, sabendo que a Bela dos  
35 Cabelos de Ouro estava a caminho, foi recebê-la com os mais sublimes presentes do  
36 mundo. Eles se casaram com tantos festejos que não se falava de outra coisa. A verdade,  
37 porém, era que a Bela dos Cabelos de Ouro amava Primoroso do fundo de seu coração,  
38 só se sentia feliz quando o via e o elogiava diariamente.

1 — Eu jamais teria vindo se não fosse por Primoroso! — disse ela ao rei. — Ele teve  
2 de realizar feitos impossíveis por mim, tendes uma grande dívida com ele! Primoroso me  
3 deu a água da beleza, não envelhecerei jamais e hei de permanecer bela para sempre!

4 Ao ouvirem essas palavras, os invejosos não tardaram a incitar a desconfiança do  
5 rei:

6 — Não sois ciumento, majestade, mas tendes boas razões para o ser. A rainha está  
7 tão apaixonada por Primoroso que não consegue comer e nem beber. Ela não faz mais  
8 nada a não ser falar dele e de vossas obrigações para com ele, como se nenhum outro que  
9 tivésseis enviado pudesse ter feito o mesmo.

10 — Tendes razão! — o rei concordou. — Lancem Primoroso na masmorra e  
11 prendam-no com correntes de ferro nos pés e nas mãos!

12 E Primoroso foi prontamente capturado. Como recompensa por ter servido tão  
13 bem o rei, acabou preso na masmorra com pés e mãos acorrentados! Ele não podia ver  
14 mais ninguém além do carcereiro, que atirava-lhe bocados de pão preto por um buraco,  
15 e dava-lhe água em uma vasilha de barro. Seu cachorrinho Cabriola, no entanto, não o  
16 deixava sozinho; consolava-o e trazia-lhe todas as novidades.

17 Quando a Bela dos Cabelos de Ouro soube da desgraça de Primoroso, lançou-se  
18 aos pés do rei e, desfazendo-se em lágrimas, implorou para que o libertasse. Porém,  
19 quanto mais ela suplicava, mais o ódio do soberano crescia, pois pensava: “É certo que ela  
20 o ama!”, e, por isso, não estava disposto a ceder. Resignada, ela parou de tocar no assunto,  
21 pois já se encontrava deprimida demais.

22 Ocorreu ao rei que talvez sua esposa não o considerasse bonito o suficiente.  
23 Desejou, portanto, enxaguar o rosto com a água da beleza, a fim de que a rainha pudesse  
24 amá-lo mais. A água estava em uma garrafa que ficava no beiral da lareira dos aposentos  
25 da rainha, tudo para que pudesse ser contemplada diariamente. No entanto, na tentativa  
26 de matar uma aranha com a vassoura, uma de suas criadas acabou acertando a garrafa,  
27 que se espatifou no chão, deixando toda água se esvaír. Ela varreu os cacos rapidamente,  
28 e, sem saber o que fazer, lembrou-se que tinha visto uma garrafa igual àquela no gabinete  
29 do rei, cheia de um líquido cristalino, tal qual a água da beleza. Apossou-se dela  
30 disfarçadamente e, sem dizer nada, colocou-a sobre a lareira da rainha.

31 Acontece que a água que estava nos aposentos do rei era utilizada para causar a  
32 morte de príncipes e de grandes senhores que tivessem cometido algum crime. Em vez de  
33 decapitá-los ou enforcá-los, suas faces eram lavadas com aquele líquido para que caíssem  
34 em sono profundo e não despertassem mais. Uma noite, o rei pegou a garrafa nos  
35 aposentos de sua esposa e esfregou o rosto com essa água mortífera. Um instante depois,  
36 adormeceu e morreu. O cachorrinho Cabriola foi o primeiro a saber do ocorrido e não  
37 tardou em ir contar a Primoroso, que pediu-lhe para ir ao encontro da Bela dos Cabelos  
38 de Ouro a fim de fazê-la lembrar-se daquele pobre prisioneiro.

1 Cabriola teve de passar cuidadosamente pela multidão, pois houve um grande  
2 tumulto na corte devido à morte do rei.

3 — Madame, não vos esqueçais do pobre Primoroso! — disse ele à rainha.

4 Foi então que ela se recordou das penas que o fizera sofrer por sua causa e de sua  
5 grande fidelidade. Sem dizer uma palavra a ninguém, retirou-se diretamente para a  
6 masmorra, onde, com suas próprias mãos, arrancou as correntes de ferro das mãos e dos  
7 pés de Primoroso. Colocando uma coroa de ouro em sua cabeça e o manto real sobre seus  
8 ombros, disse-lhe:

9 — Vinde, querido Primoroso, eu vos farei rei e vos tomarei como meu esposo.

10 Lançando-se a seus pés, ele a reverenciou. Todos ficaram satisfeitos em tê-lo como  
11 soberano. Realizou-se o mais belo matrimônio do mundo, e a Bela dos Cabelos de Ouro  
12 viveu por muito tempo na companhia do belo Primoroso, ambos felizes e satisfeitos.

13  
14 *Se por acaso um pobre inditoso*  
15 *Clamar por tua assistência,*  
16 *Não lhe recuse socorro bondoso;*  
17 *Um benfeitor sempre tem recompensa.*

18  
19 *O belo Primoroso, cheio de piedade,*  
20 *Salvou a carpa, o corvo e até mesmo a corujinha,*  
21 *Sem se importar com a feiura da pobrezinha,*  
22 *Conservando-lhe a liberdade.*

23  
24 *Quem jamais imaginaria,*  
25 *Que tais animais, sem temor,*  
26 *Ao auge da glória o conduziriam,*  
27 *E que seu rei não viveria um grande amor?*

28  
29 *Apesar de todos os charmes da bela estonteante*  
30 *Que por ele começou a nutrir bons sentimentos,*  
31 *Ao seu amo foi leal a todo momento,*  
32 *Mantendo fidelidade constante.*

33  
34 *Entretanto, viu-se acusado sem razão:*  
35 *E de sua felicidade ainda mais se afastou,*  
36 *Mas com um milagre o céu o presenteou,*  
37 *Pois o céu não desampara os virtuosos de coração.*

## O PÁSSARO AZUL

1           Era uma vez um rei muito rico em terras e tesouros; sua esposa faleceu, deixando-  
2 o inconsolável. Trancou-se por oito dias inteiros em um pequeno cômodo, onde  
3 continuamente batia a cabeça contra a parede de tão desesperado que estava. Temendo  
4 que ele pudesse se matar, colocaram colchões entre a tapeçaria e a parede, de sorte que,  
5 mesmo se golpeasse a cabeça com força, não se machucaria. Todos os seus súditos  
6 resolveram visitá-lo para lhe dizer palavras que consolassem sua tristeza. Alguns  
7 elaboraram graves e sérios sermões, enquanto outros prepararam discursos leves e cheios  
8 de alegria, mas nenhum deles causou efeito algum em seu espírito, pois ele mal ouvia o  
9 que lhe diziam. Por último, veio diante dele uma mulher toda encoberta de tecidos  
10 escuros, com véu, manto e um longo hábito de luto, que chorava e soluçava tão alto e tão  
11 intensamente que ele se encheu de espanto. Ela disse que, ao contrário dos outros, não  
12 vinha com o propósito de diminuir sua dor, e sim de aumentá-la, pois nada era mais justo  
13 que o pranto de uma boa mulher. Contou que tivera o melhor de todos os maridos, mas,  
14 tendo ele falecido, agora restava-lhe apenas chorar enquanto tivesse olhos no rosto. Em  
15 seguida, redobrou o pranto, e o rei, a seu exemplo, começou a se lamentar.

16           Ele a recebeu melhor que aos outros, entretendo-lhe a falar das belas qualidades  
17 de sua querida defunta; e ela também o fazia, lembrando os adjetivos de seu estimado  
18 defunto. Eles conversaram tanto que já não sabiam mais o que dizer a respeito de seus  
19 pesares. Quando a fina viúva percebeu que o assunto estava prestes a se esgotar, ergueu  
20 um pouco o seu véu, ao que o aflito rei pôde contemplar os olhos daquela pobre  
21 angustiada, os quais, propositalmente, moviam-se de um lado para o outro para fazer  
22 charme. Eram dois grandes olhos azuis, franjeados por longos cílios escuros. Sua pele  
23 estava bastante corada. O rei admirou-a com muita atenção. Pouco a pouco ele passou a  
24 falar cada vez menos de sua esposa, até que parou por completo. A viúva dizia que  
25 lamentaria a morte de seu marido para sempre, mas o rei lhe pediu que não imortalizasse  
26 seu desgosto. Como conclusão, ele surpreendeu a todos ao anunciar que se casaria com  
27 aquela mulher, e que suas vestes escuras se verteriam em verde e cor-de-rosa. Basta  
28 somente conhecer as fraquezas dos indivíduos para ganhar seus corações e fazer deles o  
29 que bem desejar.

30           O rei tinha apenas uma filha de seu primeiro casamento, e ela parecia a oitava  
31 maravilha do mundo. Deram-lhe o nome de Florina<sup>1</sup>, pois se assemelhava a Flora<sup>2</sup>: era  
32 jovem, bela e cheia de vigor. Ninguém a via trajada em vestes magníficas, pois preferia  
33 usar robes macios de tafetá com broches de pedras preciosas e lindas coroas de flores, as

---

<sup>1</sup> *Florine.*

<sup>2</sup> Ninfa, deusa das flores e da primavera, uma das esposas de Zéfiro.

1 quais produziam um efeito admirável quando colocadas sobre seus belos cabelos. Ela  
2 tinha apenas quinze anos quando o rei se casou novamente.

3 A nova rainha mandou buscar sua própria filha, que havia sido criada por sua  
4 madrinha, a fada Súcia<sup>3</sup>. Apesar da criação, ela não era nem graciosa e nem bonita. Súcia  
5 bem que tentou encantá-la diversas vezes, mas nada funcionou. A fada, no entanto, não  
6 deixava de amá-la. Apelidaram a garota de Trutona<sup>4</sup>, pois o seu rosto era cheio de sardas  
7 como as de uma truta, seus cabelos escuros eram tão gordurosos e imundos que ninguém  
8 ousava tocá-los, e de sua pele amarelada escorria óleo. A rainha a amava loucamente e  
9 não falava de outra coisa a não ser da sua encantadora Trutona. Porém, como Florina  
10 possuía toda sorte de vantagens em relação à sua estimada filha, a rainha entrou em  
11 desespero. Procurava todos os meios possíveis de colocá-la em conflito com o rei. Não  
12 havia um dia sequer em que a rainha e Trutona não pregassem alguma peça em Florina.  
13 A princesa, que era doce e inteligente, esforçava-se para não se importar com o mau  
14 comportamento delas.

15 Um dia, o rei disse à rainha que Florina e Trutona já estavam maduras o bastante  
16 para se casarem, e que cederia a mão de uma das duas ao primeiro príncipe que viesse à  
17 corte.

18 — Quero que minha filha seja a primeira a se casar — replicou a rainha. — Ela é  
19 mais velha do que a vossa e também mil vezes mais amável, convenhamos.

20 O rei, que não gostava de disputas, disse-lhe que estava de acordo e que ela poderia  
21 proceder como bem quisesse, já que era a soberana.

22 Algum tempo depois, anunciaram que o rei Charmoso<sup>5</sup> faria uma visita ao reino.  
23 Jamais houve um príncipe mais esplêndido e galante do que aquele; seu espírito e sua  
24 personalidade faziam jus ao seu nome. Quando a rainha soube dessa novidade,  
25 encarregou todas as bordadeiras, costureiras e artesãos de prepararem peças de vestuário  
26 para Trutona. Ela implorou ao rei para que Florina não ganhasse nenhuma roupa nova;  
27 subornando suas criadas, fez com que todos os vestidos, grinaldas e pedras preciosas da  
28 princesa fossem jogados fora bem no dia da chegada de Charmoso. Quando a princesa foi  
29 se vestir, não encontrou nem um laço de fita. Florina bem sabia quem lhe armara aquele  
30 revés. Ao sair para comprar tecidos, os mercadores lhe disseram que a rainha os proibira  
31 de vender-lhe qualquer coisa. Ela não tinha mais nada para vestir a não ser uma pequena  
32 túnica muito suja; de tão envergonhada que estava, meteu-se em um cantinho do salão na  
33 ocasião da visita do rei.

---

<sup>3</sup> *La fée Soussio*: a escolha por “Súcia” se baseia tanto na aproximação sonora dos dois termos quanto no significado dessa palavra em língua portuguesa, qual seja corja, reunião de indivíduos de má índole. Essa acepção está em consonância com o tipo de associação que Trutona e sua fada possuem.

<sup>4</sup> *Truitonne*.

<sup>5</sup> *Le roi Charmant*.

1 A rainha o recebeu com grandes cerimônias e apresentou-lhe sua filha. Ela estava  
2 mais brilhante que o sol e mais feia que o normal por conta de todos aqueles ornamentos.  
3 O convidado desviava os olhos da garota. A rainha queria acreditar que Trutona o  
4 encantava demais, e, por isso, ele a evitava, para não se apaixonar. Sendo assim, ela sempre  
5 dava um jeito de colocar sua filha diante dele. Charmoso perguntou se ali não havia uma  
6 outra princesa chamada Florina.

7 — Sim — disse Trutona, apontando para ela. — Ela está escondida bem ali, pois é  
8 muito tímida.

9 Florina corou. Ela estava tão linda, mas tão linda, que o rei Charmoso permaneceu  
10 imóvel, completamente deslumbrado. Depois de alguns instantes, levantou-se  
11 rapidamente e, aproximando-se dela, prestou-lhe uma grande reverência, dizendo:

12 — Madame, vossa incomparável beleza vos adorna tão bem que não necessitais de  
13 nenhum outro tipo de recurso.

14 — Senhor, devo confessar-vos que não estou acostumada a usar vestidos tão  
15 inapropriados como este, e também que estaria mais à vontade caso não tivésseis me  
16 notado — ela respondeu.

17 — Seria impossível! — exclamou Charmoso. — Independentemente do lugar em  
18 que estivesse, eu não teria olhos para nenhuma outra a não ser para uma princesa tão  
19 maravilhosa como vós.

20 — Ah! — vociferou a rainha, irritada. — Que grande perda de tempo! Credes em  
21 mim, senhor, Florina já é coquete o bastante. Ela não precisa que lhe digam tantas  
22 galanterias.

23 O rei Charmoso prontamente compreendeu os motivos que levavam a rainha a  
24 agir daquela maneira. No entanto, como ele não conseguia se conter, deixou transparecer  
25 toda sua admiração por Florina e conversou com ela por três horas seguidas.

26 A rainha se desesperou. Trutona, por sua vez, estava inconsolável por ter sido  
27 preterida. As duas foram prestar grandes queixas ao rei e o forçaram a consentir que,  
28 durante a estadia de Charmoso, Florina deveria permanecer trancada para que os dois  
29 não se encontrassem. Assim, tão logo a princesa retornou aos seus aposentos, quatro  
30 homens mascarados conduziram-na para o alto de uma torre e lá a abandonaram em  
31 profunda desolação. Florina sabia muito bem que aquilo estava sendo feito para impedi-  
32 la de agradar o rei Charmoso, de quem ela já gostava muito e até aceitaria como esposo.

33 Sem saber das crueldades às quais a princesa estava sendo submetida, o jovem rei,  
34 impaciente, permanecia esperando a hora de revê-la. Enquanto aguardava, quis falar a  
35 respeito dela com os cortesãos que lhe faziam companhia. Seguindo as ordens da rainha,  
36 todos lhe contaram inúmeros impropérios sobre Florina: disseram que ela era uma  
37 coquete, esnobe e mal-humorada, que atormentava seus amigos e servos, que era  
38 desleixada e tão avarenta que preferia trajar-se como uma pastorinha a ter que comprar

1   apetrechos requintados com as grandes quantias de dinheiro que seu pai lhe dava.  
2   Charmoso sofria ao ouvir todos aqueles detalhes e esforçava-se para conter os ímpetos de  
3   cólera que o sobrevinham.

4         — Não — dizia para si mesmo. — Não é possível que o céu tenha colocado uma  
5   alma tão miserável no interior de uma obra-prima da natureza. Reconheço que ela não  
6   estava propriamente vestida quando a vi, mas a vergonha que expressava era a prova de  
7   que não estava acostumada a ser vista daquela forma. Ora! Haveria alguma maldade  
8   naquela encantadora expressão de modéstia e doçura? Isso me foge à razão. É bem mais  
9   fácil acreditar que apenas a rainha seria capaz de descrevê-la de tal modo; assim são as  
10  madrastas<sup>6</sup>. A princesa Trutona é um monstro tão horrendo que não é de se estranhar que  
11  ela sinta inveja da mais perfeita de todas as criaturas.

12         Enquanto Charmoso pensava em tudo aquilo, a julgar pelo seu semblante, os  
13  cortesãos perceberam que o haviam desagradado ao falarem mal de Florina. Entre eles  
14  havia um que era mais astuto que os outros; mudando de tom e de linguajar a fim de pôr  
15  à prova os sentimentos do príncipe, começou a dizer maravilhas sobre a princesa. Ao  
16  ouvir tais declarações, Charmoso despertou como de um sono profundo e entrou na  
17  conversa tomado por uma alegria que resplandecia sobre sua face. Amor, amor, quão  
18  difícil é esconder-te! Estás em todo lugar: nos lábios, nos olhos e no som de voz de quem  
19  ama! O silêncio, as conversas, a alegria e a tristeza, tudo passa a expressar o sentimento  
20  de quem ama!

21         A rainha, impaciente para saber se o rei Charmoso estava bem convencido da  
22  vilania da princesa, mandou chamar seus confidentes e passou o resto da noite  
23  questionando-os. Tudo o que lhe disseram serviu para confirmar sua tese de que o rei  
24  estava apaixonado por Florina.

25         E o que posso vos dizer a respeito da melancolia daquela pobre princesa? Ela estava  
26  deitada no chão da masmorra daquela horrível torre para onde os mascarados a levaram.

27         — Seria mais fácil suportar a solidão desse cativo se eles tivessem me  
28  trancafiado aqui antes de eu ter conhecido aquele adorável rei! — disse ela. — As  
29  recordações que trago comigo só fazem aumentar a minha dor. Não tenho dúvidas de que  
30  a rainha ordenou esse cruel castigo apenas para que eu não o visse nunca mais. Ó! O  
31  pouco de beleza com que o céu me agraciou há de me custar caro!

32         Ela começou a chorar tão amargamente, tão amargamente, que até sua pior  
33  inimiga teria se comovido caso testemunhasse seu sofrimento.

34         E foi assim que aquela noite se passou. Na tentativa de persuadir o rei Charmoso,  
35  a rainha começou a oferecer-lhe todas as provas de sua atenção: enviou-lhe trajes

---

<sup>6</sup> *L'on n'est pas belle-mère pour rien*: literalmente, “não se é madrasta por nada”, uma afirmação que denota o arquétipo negativo da madrasta como antagonista tradicional de suas enteadas.

1 magnificentes de incomparável requinte, feitos à moda do país. Presenteou-lhe também  
2 com a insígnia da ordem dos Cavaleiros do Amor, a qual ela obrigara o rei a instituir no  
3 dia em que se casaram. Tratava-se de um coração de ouro, esmaltado em vermelho-fogo,  
4 rodeado de várias flechas e traspassado por uma, na qual se lia: “Apenas uma me fere”. A  
5 pedido da rainha, o coração fora esculpido em uma enorme pedra de rubi especialmente  
6 para Charmoso, tão grande quanto um ovo de avestruz; cada flecha era feita de um único  
7 diamante, comprido como um dedo; o colar do qual o coração pendia era de pérolas, das  
8 quais a menor pesava uma libra<sup>7</sup>. Enfim, desde que o mundo é mundo, nunca se viu nada  
9 igual.

10 Ao ver aquilo, o rei Charmoso admirou-se tanto que ficou sem conseguir falar  
11 durante algum tempo. Nesse ínterim, entregaram-lhe um livro cheio de iluminuras  
12 admiráveis; as páginas eram de velino<sup>8</sup> e a capa era de ouro cravejada de pedras preciosas.  
13 Os estatutos da ordem dos Cavaleiros do Amor estavam ali escritos em um estilo muito  
14 terno e galante. Disseram ao rei que a princesa que ele havia visto implorava-lhe para que  
15 fosse seu cavaleiro e por isso ela lhe enviava aquele presente. Ouvindo aquilo, Charmoso  
16 teve a veleidade de pensar que se tratava daquela por quem estava apaixonado.

17 — Ó! A bela princesa Florina? — indagou. — Ela pensa em mim desse modo tão  
18 generoso e cativante?

19 — Senhor, fazeis confusão! — responderam-lhe. — Viemos da parte da afável  
20 Trutona.

21 — Então é Trutona que me quer como seu cavaleiro! — disse o rei com um ar frio  
22 e sério. — Lamento não poder aceitar semelhante honra. Um soberano não seria senhor  
23 de si mesmo se tivesse que assumir todos os compromissos que lhe são propostos. Sei  
24 quais são os deveres de um cavaleiro e gostaria de assumi-los todos, mas antes prefiro  
25 recusar a oferta que essa princesa me faz do que aceitá-la e tornar-me indigno dela.

26 Prontamente, Charmoso devolveu o coração de rubi, o colar e o livro para dentro  
27 do cesto; depois, enviou tudo de volta à rainha e sua filha, que quase explodiram de raiva  
28 por conta do desprezo com o qual o rei estrangeiro havia recebido um presente tão  
29 especial.

30 Em uma ocasião em que deveria se encontrar com o rei e a rainha, Charmoso  
31 dirigiu-se aos aposentos reais esperando que Florina estivesse lá. Olhou para todos os  
32 lados à sua procura. Sempre que ouvia alguém se aproximando, voltava o olhar na  
33 esperança de que fosse Florina. Charmoso parecia inquieto e infeliz. A maldosa rainha  
34 percebeu perfeitamente o que se passava em sua alma, mas fingia não saber de nada. Ela  
35 não falava de outra coisa a não ser de festas e divertimento, mas Charmoso mal lhe

---

<sup>7</sup> Cerca de meio quilograma.

<sup>8</sup> *Vélin*: pergaminho de pele de vitelo, considerado o de melhor qualidade à época.



1 respondia. Foi quando ele enfim resolveu perguntar sobre o paradeiro da princesa  
2 Florina.

3 — Senhor — respondeu altivamente a rainha. — O rei, seu pai, proibiu-a de sair  
4 de seus aposentos até que a minha filha se case.

5 — E por que razão seria preciso prender uma pessoa tão encantadora? — retorquiu  
6 Charmoso.

7 — Não sei — disse a rainha. — E mesmo se soubesse, não seria obrigada a vos  
8 dizer.

9 O rei visitante sentiu um ódio imensurável. Olhava atravessado para Trutona e  
10 pensava consigo mesmo que era por causa daquele monstrinho que lhe roubavam o  
11 prazer de ver a princesa. Ele não tardou a deixar os aposentos reais, pois a presença da  
12 rainha lhe causava muito sofrimento.

13 Quando regressou ao seu quarto, pediu a um jovem príncipe que o acompanhava,  
14 de quem ele gostava muito, que oferecesse tudo o que houvesse no mundo para ganhar a  
15 confiança de qualquer uma das criadas da princesa, a fim de que, em troca, pudesse falar  
16 com ela por um momento. O príncipe não teve dificuldade em encontrar algumas damas  
17 dispostas a trocar confidências. Houve uma que lhe assegurou que, naquela mesma noite,  
18 Florina apareceria em um janelinha que dava para o jardim, e que por ali eles poderiam  
19 se falar, desde que tomassem grandes cuidados a fim de que ninguém ficasse sabendo.

20 — O rei e a rainha são tão severos que me matariam se descobrissem que endosse  
21 a paixão do rei Charmoso! — ela acrescentou.

22 O príncipe, contente por ter obtido aquela informação, prometeu-lhe que lhe daria  
23 tudo o que ela quisesse. Depois, correu para comunicar o rei, informando-lhe a hora do  
24 encontro. A maldosa confidente, porém, não hesitou em ir contar à rainha tudo o que se  
25 passava, pois queria conquistar sua confiança. Imediatamente, a soberana decidiu que  
26 enviaria sua filha à janelinha; instruiu-lhe bem e Trutona entendeu tudo, mesmo sendo  
27 naturalmente uma grande estúpida.

28 A noite estava tão escura que seria impossível ao rei perceber a peça que lhe  
29 pregavam. Ademais, não agiu com a devida prudência e aproximou-se da janela tomado  
30 pelo entusiasmo. Disse à Trutona tudo o que teria dito à Florina a fim de convencê-la de  
31 sua paixão. Trutona, tirando proveito da situação, disse-lhe que se achava a pessoa mais  
32 infeliz do mundo por ter uma madrasta tão cruel e que continuaria a sofrer até que a filha  
33 dela se casasse. O rei afirmou que se sentiria extremamente feliz em compartilhar sua  
34 coroa e seu coração caso ela o aceitasse como esposo. Dizendo isso, tirou um anel do dedo  
35 e, colocando-o no dedo de Trutona, afirmou que aquela era a garantia eterna de sua  
36 promessa, e que bastava a ela decidir qual seria o melhor momento para partirem juntos.  
37 Trutona respondeu-lhe da melhor maneira que pôde em meio a todo aquele entusiasmo.  
38 Charmoso bem notava que ela não estava falando coisas muito razoáveis; isso o teria

1 entristecido caso não estivesse convencido de que o medo de ser surpreendida pela rainha  
2 era o que a impedia de pensar livremente. Só despediu-se dela com a condição de que  
3 voltariam a se encontrar no dia seguinte, naquela mesma hora, o que ela lhe prometeu de  
4 todo seu coração.

5 Quando soube que o encontro havia sido um sucesso, a rainha criou grandes  
6 expectativas. E, de fato, no dia combinado, o rei Charmoso foi buscar a princesa em uma  
7 cadeira voadora conduzida por rãs aladas (um presente que recebera de um mago que era  
8 seu amigo). A noite estava muito escura; disfarçada, Trutona saiu por uma portinhola, e  
9 o rei, que a esperava, tomou-a em seus braços e jurou-lhe fidelidade eterna centenas de  
10 vezes. Porém, como não estava disposto a voar por um longo tempo na cadeira voadora  
11 sem antes ter desposado a princesa que amava, perguntou-lhe onde queria que o  
12 casamento fosse realizado. Ela lhe disse que tinha por madrinha uma fada chamada Súcia,  
13 uma figura muito célebre, e que achava por bem seguirem rumo ao seu castelo. Apesar do  
14 rei não conhecer o caminho, bastou apenas pedir às suas enormes rãs que os levassem até  
15 lá. Elas conheciam o mapa geral do universo e em pouco tempo conduziram o rei e  
16 Trutona ao castelo de Súcia.

17 O palácio estava muito bem iluminado, tanto que, ao se aproximarem dele, o rei  
18 teria se dado conta de seu engano caso a princesa não estivesse cuidadosamente encoberta  
19 por um véu. Trutona solicitou a presença de sua madrinha, falou com ela em particular e  
20 contou-lhe como havia enganado o rei Charmoso. Por fim, pediu-lhe que o acalmasse  
21 quando chegasse a hora da revelação.

22 — Ah, minha filha, isso não será nada fácil! — disse a fada. — Ele ama Florina  
23 demasiadamente! Estou certa de que isso nos trará problemas.

24 Enquanto isso, o rei as aguardava numa sala cujas paredes eram feitas de  
25 diamantes muito brilhantes e transparentes. Através delas, ele pôde testemunhar o  
26 diálogo entre Súcia e Trutona. Pensou que estivesse delirando.

27 — O quê! — vociferou. — Fui enganado? Os demônios trouxeram a inimiga de  
28 nossa paz até aqui? Ela veio para atrapalhar o meu casamento? Onde está minha querida  
29 Florina que não aparece? Seu pai pode tê-la seguido!

30 E começou a pensar em milhares de coisas que o deixaram muito angustiado.  
31 Muito pior, porém, foi quando elas adentraram o salão e Súcia lhe disse em um tom  
32 imperioso:

33 — Rei Charmoso, eis aqui a princesa Trutona, aquela a quem jurastes vossa  
34 fidelidade. Ela é minha afilhada e eu desejo que vos caseis sem mais delongas!

35 — Eu? — ele protestou. — Desposar essa aberração? Acaso pensais que sou tolo o  
36 bastante para aceitar uma proposta tão disparatada? Eu não lhe prometi nada! Se ela  
37 afirma o contrário, ela é uma...

38 — Calai-vos! — interrompeu Súcia. — Não ouseis me faltar com o respeito!

1 — Concordo em respeitar-vos do modo que uma fada tem de ser respeitada — ele  
2 replicou. — Contanto que me entregueis a minha princesa!

3 — E não sou mais a vossa princesa, impostor? — disse Trutona, mostrando-lhe o  
4 anel. — A quem destes este anel como prova de vossa fidelidade? Com quem falastes pela  
5 janelinha se não comigo?

6 — Como é? — ele retorquiu. — Caí em uma cilada? Não, não serei feito de bobo!  
7 Vamos, vamos depressa, minhas rãs, devo partir agora mesmo!

8 — Ora, isso não é algo que podereis fazer sem o meu consentimento! — disse  
9 Súcia.

10 Em seguida, ela o tocou com sua varinha, e seus pés ficaram presos ao chão, como  
11 se estivessem colados.

12 — Surrado ou esfolado, não serei de nenhuma outra a não ser de Florina! — disse-  
13 lhe o rei. — Estou decidido, podeis usar o vosso poder como bem desejardes!

14 Súcia usou palavras doces, fez ameaças, promessas e súplicas; Trutona chorou,  
15 esperneou, gemeu, encolerizou-se e acalmou-se. O rei, porém, não pronunciou uma  
16 palavra sequer. Encarando as duas com o semblante mais indignado do mundo, não  
17 respondeu nada a todos aqueles discursos. E foi assim por vinte dias e vinte noites; elas  
18 não pararam de falar, não comeram, não dormiram e nem se sentaram. Enfim, exausta e  
19 fadigada, Súcia disse ao rei:

20 — Está bem, provastes ser um homem pertinaz que não deseja ouvir a razão! Pois  
21 então escolhei: passareis sete anos em penitência por terdes dado a vossa palavra  
22 falsamente ou então desposareis minha afilhada!

23 O rei, que havia permanecido em profundo silêncio até então, exclamou  
24 abruptamente:

25 — Fazei comigo o que bem desejardes, desde que eu fique livre dessa insolente!

26 — Insolente sois vós! — retrucou a colérica Trutona. — Não passais de um  
27 reizinho sedutor que veio ao meu país com sua comitiva brejeira apenas para me dirigir  
28 injúrias e me faltar com a palavra! Vejo que não tendes sequer quatro denares<sup>9</sup> de honra  
29 para desperdiçar!

30 — Quantas repreensões comoventes! — disse o rei em tom de zombaria. — Que  
31 grande pecado é rejeitar ter uma esposa tão graciosa como vós!

32 — Não, não, isso não pode continuar assim! — exclamou a irada Súcia. — Libertai-  
33 vos, rei Charmoso, tendes apenas que voar janela afora, se assim desejardes, pois sereis  
34 por sete anos um pássaro azul!

35 Naquele mesmo instante, o rei mudou de feição: seus braços cobriram-se de penas  
36 e formaram asas, suas pernas e seus pés ficaram escuros, diminutos e cheios de unhas

---

<sup>9</sup> Antiga moeda de prata de valor variado usada durante o Antigo Regime.

1 aduncas. Seu corpo se apequenou e ficou todo coberto de longas penas finas e macias de  
2 cor azul celeste. Seus olhos se arredondaram e brilharam como o sol, seu nariz se tornou  
3 um bico de marfim e sobre sua cabeça elevou-se um penacho branco que formava uma  
4 coroa. Cantava majestosamente e falava do mesmo modo. Emitiu um piado dolorido  
5 quando se viu assim metamorfoseado, depois levantou voo para fugir do funesto palácio  
6 de Súcia.

7 Tomado pela melancolia, o pássaro pulava de galho em galho e pousava apenas  
8 nas árvores consagradas ao amor ou à tristeza: às vezes sobre arbustos de mirtilos, outras  
9 sobre os ciprestes<sup>10</sup>. Cantava em tristes tons sobre seu desafortunado destino e o de  
10 Florina.

11 — Onde foi que nossos inimigos esconderam Florina? — ele se perguntava. — O  
12 que terá acontecido àquela graciosa vítima? Será que a bárbara rainha ainda permite que  
13 ela continue a respirar? Onde hei de encontrá-la? Estou condenado a passar sete anos sem  
14 Florina? Pode ser que durante esse tempo façam com que ela se case, então perderei para  
15 sempre a esperança que sustenta minha vida!

16 Esses diferentes pensamentos afligiam o Pássaro Azul a ponto de fazê-lo desejar a  
17 morte.

18 Nesse ínterim, a fada Súcia enviara Trutona de volta à rainha, que estava muito  
19 ansiosa para saber como foram as núpcias. Mas quando reencontrou sua filha e ficou  
20 sabendo de tudo o que havia acontecido, foi tomada por um terrível acesso de raiva, cujas  
21 consequências recaíram sobre a pobre Florina.

22 — É necessário que Florina se arrependa mais de uma vez por ter cativado o rei  
23 Charmoso! — disse ela.

24 Em seguida, subiu à torre na companhia de Trutona, a quem adornara com as  
25 mais esplendorosas vestes: portava uma coroa de diamantes sobre a cabeça e três filhas  
26 dos mais ricos barões do Estado carregavam a cauda do seu manto real. Em seu polegar  
27 estava o anel do rei Charmoso, no qual Florina havia reparado no dia em que conversara  
28 com ele. A princesa ficou estranhamente surpresa ao ver Trutona envolta em todo aquele  
29 aparato pomposo.

30 — Eis aqui minha filha, que vem apresentar-vos alguns presentes que recebeu em  
31 seu casamento — disse a rainha. — O rei Charmoso casou-se com ela, ele a ama  
32 loucamente, nunca se viu um casal mais feliz!

---

<sup>10</sup> Mirtilo e cipreste são vegetais ligados a mitos gregos. O mirtilo era a planta sagrada das deusas Afrodite e Deméter, relacionada ao amor que a primeira sentia por Adônis, um rapaz de beleza arrebatadora. Já o cipreste teria sua origem explicada por um conto etiológico envolvendo o amor entre Apolo e Ciparisso, um belíssimo rapaz a quem o deus teria dado um cervo adestrado. Ao matar o animal acidentalmente, Ciparisso pôs-se a chorar copiosamente, ao que Apolo transformou-o em um cipreste, para que suas lágrimas escorressem continuamente; essa seria a origem da seiva em gotas tão característica da árvore em questão. Ambos os mitos estão relacionados a personagens masculinos de beleza extraordinária.

1           Imediatamente, foram esparramados diante da princesa tecidos de ouro e de prata,  
2 pedras preciosas, rendas e laços de fita que estavam dentro de grandes cestos de filigrana  
3 de ouro. Enquanto lhe apresentavam todas essas coisas, Trutona não fazia outra coisa  
4 senão fazer brilhar o anel do rei, de sorte que a princesa Florina já não podia mais duvidar  
5 de seu infortúnio. Ela clamou, em desespero, que lhe tirassem da vista todos aqueles  
6 presentes tão funestos; disse que dali em diante não vestiria nada além de preto, ou  
7 melhor, que antes preferia morrer. Em seguida, desmaiou. A cruel rainha, felicíssima pelo  
8 sucesso de sua investida, não permitiu que a socorressem: deixou-a sozinha no estado  
9 mais deplorável do mundo. Depois, a maliciosa madrasta foi contar ao rei que a filha dele  
10 estava tão perturbada que passara a cometer extravagâncias insanas, de modo que seria  
11 prudente pensar duas vezes antes de deixá-la sair da torre. O rei concedeu-lhe autonomia  
12 para cuidar desse assunto a seu bel-prazer, assegurando-lhe que sempre estaria de acordo  
13 com tudo o que fizesse.

14           Quando a princesa recobrou a consciência, refletiu sobre a forma com que fora  
15 tratada, sobre os maus tratos que recebia de sua indigna madrasta e sobre a esperança que  
16 havia perdido por jamais poder se casar com o rei Charmoso. Sua dor era tão intensa que  
17 chorou a noite toda; naquele estado, pôs-se junto à janela, onde declamou lamentações  
18 muito ternas e comoventes. Quando o dia raiou, fechou-a e continuou a chorar.

19           Na noite seguinte, tornou a abrir a janela, suspirou e soluçou profundamente,  
20 vertendo uma torrente de lágrimas. A manhã despontou e ela se recolheu em seus  
21 aposentos. Nesse ínterim, o rei Charmoso, ou melhor, o belo Pássaro Azul, não parava de  
22 voar ao redor do palácio, pois julgava que sua querida princesa estivesse ali enclausurada.  
23 Se ela proferia tristes lamúrias, as dele não eram menores. Aproximava-se das janelas o  
24 máximo que podia na tentativa de bisbilhotar os cômodos. O medo de que Trutona o  
25 avistasse impedia-o de fazer tudo o que desejava.

26           — Minha vida está em risco! — dizia consigo mesmo. — Se essas princesas  
27 malvadas descobrirem onde estou, certamente se vingarão, e eu serei obrigado a me  
28 afastar, expondo-me a perigos ainda maiores!

29           Esses motivos forçavam-no a tomar grandes cuidados, por isso costumava cantar  
30 apenas durante a noite.

31           Em frente à janela dos aposentos de Florina havia um cipreste de prodigiosa altura.  
32 Uma noite, o Pássaro Azul resolveu ali pousar. Mal acabara de chegar, ouviu alguém a se  
33 lamentar:

34           — Sofrerei por mais quanto tempo? — dizia ela. — A morte não virá a meu  
35 socorro? Aqueles que a temem encontram-na bem depressa, enquanto eu a desejo e a  
36 cruel foge de mim! Ó, bárbara rainha, o que te fiz para me manteres em tão terrível  
37 cativeiro? Não seria o suficiente me exilares em algum outro lugar? Já não foi o bastante  
38 eu ter sido testemunha da bonança que tua indigna filha goza com o rei Charmoso?

1 O Pássaro Azul não havia perdido nenhuma palavra daquele lamento. Muito  
2 surpreso e com grande impaciência, esperou o dia raiar para enfim ver o rosto daquela  
3 dama tão aflita. Porém, antes de despontar a manhã, ela fechou a janela e se retirou.

4 O curioso pássaro retornou na noite seguinte. A lua estava clara e, de longe, ele  
5 avistou uma donzela junto à janela da torre, que logo começou a se queixar:

6 — Ó, Fortuna... — dizia ela. — Agraciavas o meu reinado e me concedias o amor  
7 de meu pai. O que te fiz para me golpeares tão bruscamente com as mais amargas dores?  
8 Não é cedo demais para que uma moça tão jovem comece a ressentir a tua inconstância?  
9 Regressa a mim, bárbara sorte, se possível for! Suplico-te, acima de tudo, que adiantes de  
10 uma vez o meu destino fatal!

11 O Pássaro Azul a escutava. E quanto mais escutava, mais se convenciu de que se  
12 tratava de sua amada princesa.

13 — Adorável Florina, maravilha de nossos dias — disse-lhe ele. — Por que tanto  
14 ansiais pelo vosso fim? Vossos males não são irremediáveis!

15 — Ó! — exclamou ela. — Quem me dirige palavras tão consoladoras?

16 — Um rei infeliz que vos ama e jamais amará outro alguém! — continuou o  
17 pássaro.

18 — Um rei que me ama! — ela zombou. — Essa é mais uma peça da minha inimiga?  
19 Afinal, o que ela tem a ganhar com isso? Se sua intenção for descobrir os meus  
20 sentimentos, não vejo problema em admiti-los!

21 — Não, minha princesa! — ele respondeu. — Não sou vosso inimigo. O amante  
22 que vos fala jamais seria capaz de vos trair.

23 Ao dizer essas palavras, ele voou para a janela. De início, Florina ficou assustada  
24 ao ver um pássaro tão extraordinário. Ele falava com tanta inteligência que até parecia um  
25 homem, apesar de conservar a delicada voz de um rouxinol. Enfim, a beleza de sua  
26 plumagem e o teor de suas belas palavras acabaram por acalmá-la.

27 — Finalmente vos reencontrei minha princesa! — ele chilreou. — Como poderei  
28 provar de tão perfeita felicidade sem morrer de alegria? Ó, infelizmente a plenitude do  
29 nosso júbilo encontra-se impedida tanto pelo vosso cativeiro quanto por esta forma à qual  
30 a impiedosa Súcia me reduziu por sete anos!

31 — Quem sois vós, pássaro charmoso? — indagou a princesa, acariciando-o.

32 — Haveis dito o meu nome e ainda não me reconhecestes? — questionou o rei.

33 — O quê? Seríeis vós o maior rei do mundo? — perguntou a princesa. — Seria o  
34 rei Charmoso este passarinho que tenho comigo?

35 — Ora, bela Florina, essa é a pura verdade! — ele respondeu. — E se há algo que  
36 me consola é saber que preferi este suplício em vez de renunciar à paixão que sinto por  
37 vós!

1 — Por mim? — disse Florina. — Ah! Não queirais me ludibriar! Sei muito bem  
2 que vos casastes com Trutona, reconheci vosso anel no dedo dela. Também pude ver o  
3 quanto ela brilhava com os diamantes que lhe destes! Ela veio me insultar em minha triste  
4 prisão, ostentando a magnífica coroa e o manto real que recebera de vossas mãos  
5 enquanto eu estava amarrada a correntes e grillhões!

6 — Vistes Trutona com todo esse aparato? — interrompeu o rei. — Aquelas duas  
7 ousaram vos dizer que tais joias foram presentes meus? Ó, céus! Será possível que terei de  
8 escutar mentiras tão escabrosas sem poder me vingar? Sabei que elas tentaram me tapear,  
9 e, fazendo uso do vosso nome, levaram-me a fugir com a medonha Trutona. Porém, no  
10 instante em que reconheci o meu engano, quis abandoná-la e, por fim, escolhi ser um  
11 pássaro azul durante sete anos em vez de descumprir o voto de fidelidade que tenho para  
12 convosco.

13 Florina sentiu um prazer tão agradável ao ouvir seu amado falar que até se  
14 esqueceu dos sofrimentos da prisão. Disse-lhe muitas coisas a fim de consolá-lo por sua  
15 triste desventura, prometendo-lhe que retribuiria todo aquele sacrifício à altura. O dia  
16 estava prestes a raiar e a maior parte dos oficiais já estava a postos, mas o Pássaro Azul e  
17 a princesa continuavam juntos. Despediram-se a duras penas, com a promessa de que  
18 todas as noites conversariam daquele jeito.

19 A alegria por terem se reencontrado era extrema e inexprimível. Ambos  
20 agradeciam ao Amor e à Fortuna por aquela dádiva. No entanto, Florina temia pela  
21 segurança do Pássaro Azul:

22 — Quem o protegerá dos caçadores, das garras afiadas de uma águia, ou de algum  
23 abutre faminto capaz de devorá-lo com um apetite voraz, como se ele não fosse um grande  
24 rei? — dizia ela. — Ó, céus! O que seria de mim se as suas penas leves e finas, sopradas  
25 pelo vento, chegassem até a minha prisão anunciando-me o desastre que tanto temo?

26 Esse pensamento tirou a paz da pobre princesa; afinal, quando se ama, até as  
27 ilusões parecem verdadeiras, e o que de início parece impossível acaba se tornando uma  
28 possibilidade. Florina chorou o dia todo, até chegar a hora de ir para junto da janela.

29 O charmoso pássaro, escondido no oco de uma árvore, passara o dia todo  
30 pensando em sua bela princesa.

31 — Como estou contente por tê-la reencontrado! — dizia ele. — Como é  
32 encantadora! Sinto vivamente o afeto que ela demonstra sentir por mim!

33 Esse terno amante contava os segundos para o fim da penitência que o impedia de  
34 casar-se com ela. Ninguém jamais havia desejado algo com tanta paixão! Como queria  
35 voltar a render à Florina todas as galanterias que era capaz de fazer! O pássaro voou para  
36 a capital de seu reino e foi ao seu palácio; entrou em seu gabinete através de um vidro que  
37 estava quebrado e pegou um par de brincos de diamantes, tão perfeitos e tão belos que

1 não havia no mundo nada que se comparasse a eles. Levou-os à noite para Florina e pediu-  
2 lhe que os usasse.

3 — Eu consentiria caso pudéssemos nos ver pela manhã! — disse-lhe ela. — Porém,  
4 como só falo convosco durante a noite, não os colocarei.

5 Foi então que o pássaro se comprometeu a ir visitá-la conforme sua  
6 disponibilidade, que voaria para a torre na hora que ela bem quisesse. Tendo seu desejo  
7 atendido, ela colocou os brincos nas orelhas, e, assim como na ocasião anterior, os dois  
8 passaram a noite conversando.

9 No dia seguinte, o Pássaro Azul retornou ao seu reino, dirigiu-se ao palácio e  
10 adentrou seu gabinete pelo vidro quebrado. Dessa vez, pegou os braceletes mais elegantes  
11 de que se tinha notícia: eles eram de uma esmeralda única, bem esculpidos e perfurados  
12 ao meio para se passar a mão e o braço.

13 — Acaso pensais que meus sentimentos por vós precisam ser alimentados com  
14 presentes? — disse-lhe a princesa. — Ah! Como me conheceis mal!

15 — Não, madame — ele retorquiu. — Não creio que as bagatelas que vos ofereço  
16 sejam necessárias para que me conserveis a vossa ternura. Porém, eu feriria meus  
17 sentimentos se resolvesse negligenciar essas ínfimas demonstrações de carinho. Além  
18 disso, quando não me virdes, estas pequenas joias me trarão à vossa memória.

19 Florina disse-lhe uma porção de palavras aprazíveis, às quais ele respondeu com  
20 milhares de outras à altura.

21 Na noite seguinte, foi a vez do pássaro apaixonado levar à sua amada um relógio  
22 de admirável grandeza, guardado dentro de uma pérola. A excelência do trabalho  
23 empregado na confecção da peça superava a da matéria.

24 — É inútil me presentardes com um relógio — disse ela galantemente. — Quando  
25 estais longe de mim, as horas parecem não ter fim. Quando estais comigo, elas passam  
26 como num sonho, de modo que não posso mensurá-las devidamente!

27 — Ó, minha princesa, quanta delicadeza! — suspirou o Pássaro Azul. — Tenho a  
28 mesma opinião que a vossa, porém em porção dobrada!

29 — Depois do que sofrestes a fim de conservar o vosso coração para mim, estou  
30 convencida de que levastes as noções de amizade e estima o mais longe que elas poderiam  
31 chegar — replicou ela.

32 Quando o dia raiava, o pássaro voava para o fundo de sua árvore, onde alguns  
33 frutos lhe serviam de alimento. Às vezes, ele entoava belas melodias. Sua voz agradava os  
34 passantes, mas como eles só o escutavam e não o viam, pensavam que eram vozes de  
35 espíritos. Essa crença se tornou tão popular que ninguém mais ousava entrar no bosque.  
36 Ademais, não tardou a surgir relatos sobre milhares de aventuras fabulosas que teriam  
37 acontecido ali. Como resultado, o terror generalizado acabou por garantir a segurança do  
38 Pássaro Azul de maneira excepcional.



1 Não se passava um dia sequer sem que ele não oferecesse um presente à Florina:  
2 um colar de pérolas, anéis brilhantes e perfeitamente forjados, adereços de diamantes,  
3 broches, buquês de pedras preciosas que imitavam o formato e a cor das flores, livros  
4 agradáveis, medalhas, enfim, ela adquiriu um maravilhoso conjunto de tesouros. Florina  
5 só os usava durante a noite, para agradar o rei. De manhã, sem ter onde guardá-los,  
6 escondia-os cuidadosamente no meio da palha.

7 Dois anos passaram assim, sem que Florina reclamasse uma só vez de seu cativo.  
8 E por que se queixaria? Tinha a satisfação de conversar toda noite com aquele a quem  
9 amava! Jamais se ouviu coisas tão belas! Ainda que ela não recebesse a visita de pessoa  
10 alguma e que o pássaro passasse o dia inteiro dentro do buraco de uma árvore, eles tinham  
11 muito o que contar um para o outro. A matéria era infinita, pois o coração e o espírito de  
12 ambos lhes forneciam variados assuntos para conversarem.

13 Enquanto isso, a maliciosa rainha, que tão cruelmente a mantinha na prisão,  
14 esforçava-se inutilmente para desposar Trutona. Enviava emissários para oferecerem a  
15 mão de sua filha a todos os príncipes que ela conhecia de nome. Porém, tão logo chegavam  
16 nos reinos estrangeiros, eram expulsos bruscamente, pois lhes diziam:

17 — Se fosse da parte da princesa Florina, seríeis recebidos com alegria. Porém,  
18 tratando-se de Trutona, não há quem se oponha ao fato dela permanecer casta!

19 Cada comentário só fazia aumentar o ódio que Trutona e sua mãe sentiam contra  
20 a inocente princesa que perseguiam:

21 — Ora! Mesmo presa essa arrogante nos atrapalha! — diziam elas. — De que  
22 forma poderíamos perdoá-la diante de todos esses contratemplos que ela nos causa? É  
23 possível que Florina esteja se correspondendo secretamente com os países estrangeiros!  
24 Trata-se, no mínimo, de um crime de Estado! É assim que devemos tratá-la, como  
25 criminosa! Devemos recorrer a todos os meios possíveis para levá-la a julgamento!

26 Essa conspiração terminou muito tarde; já passava da meia-noite quando as duas  
27 resolveram subir à torre para interrogá-la. Ela estava na janela com o Pássaro Azul,  
28 adornada de pedras preciosas; seus belos cabelos estavam bem arrumados, com um  
29 cuidado que não era natural às pessoas maltratadas. Seu quarto e seu leito estavam  
30 repletos de flores e de alguns incensos<sup>11</sup> que ela havia acabado de acender; eles difundiam  
31 um aroma excelente. Antes de entrar nos aposentos da princesa, a rainha parou e escutou  
32 atrás da porta. Julgou ouvir uma canção entoada em coro, isso porque Florina possuía  
33 uma voz quase celestial. Eis aqui os afetuosos versos que ela ouviu:

34  
35 *Que sorte deplorável a nossa,*  
36 *E quantos tormentos passamos*

---

<sup>11</sup> *Pastilles d'Espagne*: literalmente, “pastilhas da Espanha”, nome dado ao incenso.

1 *Por tão fortemente nos amarmos,*  
2 *Mas é em vão que nos põem à prova;*

3  
4 *Malgrado nossos cruéis inimigos,*  
5 *Nossos corações seguirão sempre unidos.*

6  
7 Alguns suspiros finalizaram o pequeno concerto.

8 — Ah, minha Trutona, nós fomos traídas! — bradou a rainha, abrindo a porta de  
9 supetão e lançando-se para dentro do recinto.

10 O que Florina fez ao vê-la? Fechou sua janelinha bem depressa, dando tempo para  
11 que o pássaro real alçasse voo. Ela estava bem mais preocupada com a segurança do seu  
12 amado do que com a sua própria. Mas ele não teve forças para deixá-la; seus olhos atentos  
13 divisaram o perigo ao qual sua princesa estava exposta, pois conseguira avistar a rainha e  
14 Trutona. Que aflição por não estar em condições de defender sua dama! Elas se  
15 aproximaram de Florina como fúrias prestes a devorá-la.

16 — Sabemos de vossas conspirações contra o Estado! — vociferou a rainha. — Não  
17 penseis que vossa estirpe poderá resguardar-vos das punições que mereceis!

18 — Conspiro com o auxílio de quem, madame? — contestou a princesa. — Não  
19 tendes sido minha única carcereira por dois anos? Tenho visto outras pessoas a não ser  
20 aquelas que me enviáveis?

21 Enquanto ela falava, a rainha e sua filha examinavam-na com grande surpresa. Sua  
22 beleza irretocável e seus extraordinários acessórios deixaram-nas embasbacadas.

23 — E de onde tirastes, madame, essas pedras preciosas que brilham mais que o sol?  
24 — perguntou-lhe a rainha. — Quereis que acreditemos que há minas escondidas nesta  
25 torre?

26 — Eu as encontrei aqui — replicou Florina. — Isso é tudo o que sei.

27 A rainha olhava para ela atentamente, a fim de penetrar no mais profundo de seu  
28 coração e descobrir o que de fato se passava.

29 — Não somos bobas — disse a soberana. — Pensais que nos engana, princesa, mas  
30 sabemos o que fazeis desde o raiar do dia até à noite! Deram-vos todas essas joias com o  
31 único propósito de obrigar-vos a vender o reino de vosso pai!

32 — Falais como se eu estivesse em condições de fazê-lo! — respondeu Florina, com  
33 um sorriso zombeteiro. — Como é que uma princesa desafortunada e agrilhoada por  
34 tanto tempo poderia ter parte em uma conspiração dessa natureza?

35 — Então por que é que estais penteada como uma pequena coquete, com o vosso  
36 quarto todo perfumado e portando-vos tão magnificamente, como nunca o fizestes no  
37 palácio? — replicou a rainha.

1 — Tenho estado muito ociosa — respondeu a princesa. — De modo que não há  
2 nada de extraordinário em dedicar alguns momentos para me arrumar. Tenho passado  
3 muitas horas chorando os meus desgostos, não podeis repreender-me por isso.

4 — Ora, ora, vejamos então se essa inocente menina não tem nenhum trato feito  
5 com inimigos! — disse a rainha.

6 E ela mesma vasculhou todos os cantos do aposento. Chegando ao monte de palha,  
7 mandou esvaziá-lo, e encontrou ali uma quantidade tão grande de diamantes, pérolas,  
8 rubis, esmeraldas e topázios que ficou sem entender de onde tudo aquilo poderia ter  
9 vindo. Decidida a implantar alguns papéis que incriminassem a princesa, tentou escondê-  
10 los dentro da chaminé num momento em que ninguém prestava atenção nela. No  
11 entanto, por sorte, o Pássaro Azul, que enxergava melhor que um lince, estava  
12 empoleirado justamente ali e acabou percebendo tudo. Ele exclamou:

13 — Tenhas cuidado, Florina, eis que a tua inimiga está prestes a cometer uma  
14 fraude!

15 Aquela voz misteriosa deixou a rainha tão assustada que ela não ousou fazer o que  
16 havia premeditado.

17 — Vede, madame — disse a princesa. — Os espíritos que voam pelo ar são  
18 favoráveis a mim.

19 — Creio que são os demônios que se interessam por vós — disse a colérica rainha.  
20 — Vosso pai saberá fazer justiça!

21 — Quisesse o céu que eu temesse apenas a fúria de meu pai! — exclamou Florina.  
22 — Mas a vossa, madame, é a mais terrível!

23 A rainha se retirou, muito perturbada com tudo o que vira e ouvira.  
24 Aconselharam-na sobre o que fazer contra a princesa: disseram-lhe que se Florina  
25 estivesse sendo protegida por alguma fada ou mago, o segredo para irritá-los seria causar-  
26 lhe novos sofrimentos, e talvez assim o mistério pudesse ser resolvido. A rainha aprovou  
27 essa sugestão e enviou uma jovem donzela (que se fazia de inocente) para dormir na  
28 alcova da princesa. Ordenaram-lhe que dissesse à Florina que estava ali apenas para servi-  
29 la. Como puderam armar uma emboscada tão grosseira? A princesa sabia que se tratava  
30 de uma espiã. Sua angústia só se agravava.

31 — Ora! Não poderei mais falar com aquele pássaro tão querido! — disse ela. —  
32 Ele me ajudava a suportar minhas tristezas e eu consolava as tristezas dele. Nossa ternura  
33 nos bastava. O que ele fará agora? O que será de mim?

34 Enquanto refletia sobre todas essas coisas, vertia rios de lágrimas.

35 Não ousava se aproximar da janelinha, apesar de ouvir o pássaro voando perto  
36 dela; morria de vontade de abri-la, mas temia pôr em risco a vida de seu amado. Florina  
37 passou um mês inteiro sem aparecer. O Pássaro Azul se desesperou. Quantos lamentos  
38 ele não fazia! Como viver sem contemplar sua princesa? Ele ressentiu as dores da saudade

1 e os efeitos de sua transformação como nunca antes! Tentava remediá-las, mas era inútil;  
2 ainda que tentasse se distrair, não encontrava nada que de fato o consolasse.

3 A espiã da princesa, que por um mês permanecera vigilante noite e dia, enfim  
4 sentiu-se tão cheia de sono que adormeceu profundamente. Quando se deu conta disso,  
5 Florina abriu sua janela e disse:

6  
7 *Pássaro azul da cor do firmamento,*  
8 *Voai até mim neste exato momento.*

9  
10 Essas foram as palavras ditas por ela, sem tirar nem pôr. O pássaro as ouviu muito  
11 bem, tanto que prontamente empoleirou-se na janela. Que alegria ao se reverem! Havia  
12 tanto a se dizer! As juras de afeto e fidelidade se renovaram milhares e milhares de vezes.  
13 A princesa não conseguiu conter suas lágrimas. Seu amado também comoveu-se muito e  
14 tentou consolá-la da melhor forma que pôde. Enfim, a hora do adeus chegou sem que a  
15 carcereira tivesse despertado. Os dois protagonizaram a despedida mais comovente do  
16 mundo! No dia seguinte, a espiã adormeceu outra vez. Prontamente, a princesa correu  
17 para a janelinha e disse, como da primeira vez:

18  
19 *Pássaro azul da cor do firmamento,*  
20 *Voai até mim neste exato momento.*

21  
22 O pássaro chegou no mesmo instante e a noite do nosso exultante casal se passou  
23 como a outra, sem interferências e sem serem descobertos. Ficaram muito contentes pelo  
24 fato da espiã demonstrar tanto prazer em dormir! Estavam certos de que ela faria o mesmo  
25 todas as noites. Com efeito, a terceira noite foi igualmente aprazível. Na noite seguinte,  
26 porém, a dorminhoca despertou ao ouvir alguns ruídos e começou a escutá-los  
27 disfarçadamente; depois, espiando como podia, avistou, ao clarão da lua, o mais belo  
28 pássaro do universo falando com a princesa, acariciando-a com a sua pata e bicando-a  
29 suavemente. Conseguiu escutar uma boa parte da conversa e ficou deveras impressionada,  
30 pois o pássaro falava como um homem apaixonado, a quem a bela Florina respondia com  
31 ternura.

32 Quando o dia raiou, os amantes se despediram. Como se pressentissem a  
33 aproximação de uma desgraça, separaram-se com extremo pesar. Banhada em lágrimas,  
34 a princesa deitou-se em sua cama, enquanto o rei retornou para o buraco de sua árvore.  
35 A carcereira correu até sua ama e relatou-lhe tudo o que vira e ouvira. A rainha mandou  
36 buscar Trutona e suas confidentes; juntas, elas pensaram por um longo tempo e enfim  
37 concluíram que o Pássaro Azul era o rei Charmoso.

1 — Que afronta! — bradou a rainha. — Que afronta, minha Trutona! Essa princesa  
2 insolente, que eu acreditava estar completamente angustiada, deleitava-se alegremente  
3 com os agradáveis discursos do ingrato rei! Ah! Minha vingança será tão sangrenta que  
4 falarão dela para todo sempre!

5 Trutona pediu-lhe que não perdesse um instante sequer, afinal, como se julgava  
6 mais interessada naquele assunto do que sua própria mãe, morria de prazer ao pensar em  
7 tudo o que poderia ser feito para desolar o rei vassalo e sua princesa suserana.

8 A rainha reenviou a espiã à torre, ordenando-lhe que não levantasse suspeitas nem  
9 demonstrasse curiosidade, e que parecesse mais sonolenta que o normal. De volta à  
10 companhia de Florina, a moça deitou-se cedo e começou a roncar o melhor que podia. A  
11 pobre e ingênua princesa, abrindo a janelinha, exclamou:

12  
13 *Pássaro azul da cor do firmamento,*  
14 *Voai até mim neste exato momento.*  
15

16 Ela o chamou a noite inteira, mas foi em vão, pois ele não apareceu. Isso porque a  
17 perversa rainha mandara encher o cipreste de espadas, facas, lâminas e punhais; quando  
18 o desatento Pássaro Azul pousou em um dos galhos da árvore, tais armas mortíferas  
19 cortaram-lhe as patas, fazendo-o cair sobre outro galho, com outras lâminas, que lhe  
20 cortaram as asas. Por fim, dilacerado, ele fugiu com seus mil ferimentos para dentro de  
21 sua árvore, deixando um longo rastro de sangue para trás.

22 Por que não estáveis lá, bela princesa, para amparar o majestoso pássaro? Ela,  
23 porém, teria morrido se o tivesse visto em um estado tão deplorável. Ele, no entanto, já  
24 não se importava mais com sua vida, pois acreditava que Florina teria sido a responsável  
25 por pregar-lhe aquele revés.

26 — Ah, bárbara! — ele disse dolorosamente. — Então é assim que retribuís a mais  
27 pura e terna paixão que jamais existiu? Se ansiáveis a minha morte, por que não a pedistes  
28 a mim? Ela me seria mais agradável se executada por vossas mãos. Eu me entregaria a vós  
29 cheio de amor e confiança! Por vós eu estaria disposto a sofrer sem me queixar! Contudo,  
30 decidistes me sacrificar em nome da mais cruel das mulheres! Ela era nossa inimiga, mas  
31 optastes por fazer as pazes com ela às minhas custas. Fostes vós, Florina, fostes vós quem  
32 me apunhalastes! Tomastes a mão de Trutona e a conduzistes diretamente ao meu peito!

33 Essas funestas reflexões afetaram-no de tal maneira que decidiu entregar-se à  
34 morte. Acontece, porém, que seu amigo, o Mago (que havia testemunhado uma de suas  
35 viagens ao palácio na companhia das rãs voadoras com a carruagem), preocupou-se com  
36 seu desaparecimento e afligiu-se ao pensar no que poderia ter acontecido. Ele percorreu  
37 a terra inteira oito vezes a procurá-lo, mas parecia impossível encontrá-lo. Em sua nona  
38 expedição, ao passar pelo bosque onde o pássaro estava, seguindo os mesmos

1 procedimentos que havia empregado nas outras vezes, tocou uma corneta por um longo  
2 tempo e depois gritou cinco vezes com toda sua força:

3 — Rei Charmoso, rei Charmoso, onde estais?

4 O rei reconheceu a voz de seu melhor amigo.

5 — Aproximai-vos desta árvore e vede o infeliz rei a quem estimais mergulhado em  
6 seu próprio sangue! — respondeu ele.

7 O Mago, estupefato, olhou por toda parte sem nada encontrar.

8 — Sou um pássaro azul — disse o rei com uma voz falha e lânguida.

9 Com essas palavras, o Mago acabou por encontrá-lo mais facilmente no interior  
10 de seu pequeno ninho. Qualquer outra pessoa teria ficado completamente espantada; ele,  
11 porém, sabia tudo sobre a arte da necromancia. Bastou proferir algumas palavras para  
12 estancar o sangue que ainda vertia, e, com um punhado ervas que encontrou no bosque,  
13 sobre as quais recitou dois encantamentos de seu grimório, curou o rei com tanta  
14 perfeição que era como se ele nunca tivesse sido ferido.

15 O Mago pediu-lhe que contasse as desventuras que o levaram a transformar-se em  
16 pássaro e quem o ferira tão cruelmente. O rei sanou sua curiosidade: disse-lhe que tinha  
17 sido Florina quem delatara as secretas e românticas visitas secretas que ele lhe fazia, e que,  
18 para ficar de bem com a rainha, havia consentido que enchessem o cipreste com as  
19 variadas lâminas que quase o deixaram em pedacinhos. Lamentou milhares de vezes a  
20 infidelidade daquela princesa e disse que preferia ter morrido antes de conhecer um  
21 coração tão maléfico. O Mago endereçou graves censuras não somente a Florina, mas a  
22 todas as mulheres. Por fim, aconselhou o rei a esquecê-la.

23 — Que desgraça seria a vossa se ainda continuásseis a amar aquela ingrata! —  
24 disse-lhe ele. — Depois do que ela vos fez, não se pode duvidar de mais nada!

25 Mas o Pássaro Azul não pôde concordar, pois ainda amava Florina com muita  
26 ternura. O Mago, que conhecia os sentimentos do amigo (apesar de seus cuidados para  
27 tentar escondê-los), disse-lhe de maneira carinhosa:

28 *Em meio a um cruel dissabor,*

29 *Falamos e arrazoamos em vão;*

30 *Nada escutamos além da dor,*

31 *Nem mesmo os conselhos que nos dão.*

32 *Deixemos o tempo passar,*

33 *Pois não há um ponto de vista somente;*

34 *E sofreremos inutilmente*

35 *Enquanto a hora certa não chegar.*

36  
37

1 O pássaro real agradeceu e pediu ao amigo que o levasse para casa e o colocasse  
2 numa gaiola onde estivesse protegido das patas de Bichano, seu gato, e de qualquer outra  
3 arma mortífera.

4 — Ireis permanecer por mais cinco anos num estado tão deplorável e tão pouco  
5 conveniente à vossa estirpe e à vossa dignidade? — perguntou-lhe o Mago. — Tendes  
6 inimigos que sustentam a teoria de que estais morto; com base nesse rumor, há quem  
7 intencione invadir o vosso reino. Tenho boas razões para crer que o tereis perdido antes  
8 de recobardes a vossa forma primordial.

9 — Não poderei permanecer em meu palácio e governar plenamente como  
10 costumava fazer? — replicou ele.

11 — Ó! — exclamou seu amigo. — Como seria difícil! Aqueles que obedeciam ao  
12 homem não hão de obedecer a um pássaro falante. Aqueles que antes vos temiam  
13 enquanto rei, envolto em grandeza e ostentação, hão de arrancar todas as vossas penas  
14 quando vos virem transformado em um passarinho!

15 — Ó, fraqueza humana! Ó, glória das aparências! — exclamou o rei. — Mesmo os  
16 menores seres são capazes de possuir méritos e virtudes dos quais eles possam se valer!  
17 Seja como for, pensemos como filósofos e desconsideremos o que não está ao nosso  
18 alcance. Nossa decisão não haverá de ser das piores.

19 — Não me dou por vencido com facilidade — disse o Mago. — Espero encontrar  
20 uma boa solução.

21 Quanto a Florina, a triste Florina, desesperada pelo sumiço do rei, ela passava os  
22 dias e as noites à janela, repetindo sem cessar:

23  
24 *Pássaro azul da cor do firmamento,*  
25 *Voai até mim neste exato momento.*  
26

27 A presença de sua espiã não a constrangia mais; seu desespero era tal que não se  
28 importava com mais nada.

29 — O que vos aconteceu, rei Charmoso? — ela se perguntava. — Nossos inimigos  
30 fizeram recair sobre vós as cruéis consequências da raiva que nutrem por nós? Fostes  
31 sacrificado por sua fúria? Ó, céus! Ó, céus! Não estais mais entre nós? Nunca mais voltarei  
32 a ver-vos? Ou então, farto das minhas desgraças, será que optastes por me abandonar à  
33 minha árdua sorte?

34 Quantas lágrimas e quantos soluços acompanhavam esses meigos lamentos!  
35 Como as horas pareciam demasiadamente longas com a ausência de um amante tão  
36 carinhoso e querido! A princesa, abatida, debilitada, magra e transformada, mal conseguia  
37 pôr-se de pé; ela estava convencida de que as coisas mais funestas do mundo haviam  
38 acontecido com o rei.

1 A rainha e Trutona estavam exultantes. A vingança lhes causava tanto prazer que  
2 até suplantara a dor e a ofensa que sofreram. Mas, afinal, que ofensa fora essa? O rei  
3 Charmoso apenas não estava disposto a desposar um monstrinho que ele tinha mil razões  
4 para detestar.

5 Nesse ínterim, o pai de Florina, que havia envelhecido, adoeceu e morreu. Foi  
6 então que a sorte da malvada rainha e de sua filha começou a mudar: seus súditos  
7 passaram a vê-las como duas oportunistas que haviam abusado das mercês do falecido  
8 rei. Amotinada, a população dirigiu-se ao palácio para aclamar a princesa Florina,  
9 reconhecendo-a como sua única soberana. A colérica rainha tratou o assunto com altivez:  
10 surgiu em uma sacada e começou a ameaçar os revoltosos. No mesmo instante, instaurou-  
11 se uma rebelião generalizada! Arrombaram as portas de seus aposentos, pilharam o local  
12 e o destruíram a pedradas. Trutona fugiu para o castelo de sua madrinha, a fada Súcia,  
13 visto que não corria menos perigo que sua mãe.

14 Os nobres do reino reuniram-se em assembleia e prontamente decidiram dirigir-  
15 se à torre onde a princesa era mantida cativa. Ela se encontrava bastante enferma, estava  
16 alheia à morte de seu pai e ao suplício de sua inimiga. Quando ouviu o barulho da  
17 comitiva que se aproximava, não duvidou de que finalmente estavam indo buscá-la para  
18 matá-la. Apesar disso, não sentiu medo algum, pois sua vida havia se tornado um odioso  
19 suplício depois de ter perdido o Pássaro Azul. Para sua surpresa, porém, os visitantes  
20 lançaram-se aos seus pés e informaram-na da mudança que estava prestes a acontecer em  
21 sua condição; Florina nem sequer comoveu-se com a notícia. Em seguida, conduziram-  
22 na ao palácio e a coroaram.

23 Os infinitos cuidados dispensados à sua saúde e o desejo que tinha de sair à  
24 procura do Pássaro Azul contribuíram muito para sua rápida recuperação. Em pouco  
25 tempo, Florina enfim sentiu-se forte o suficiente para nomear o conselho que zelaria pelo  
26 reino em sua ausência. Depois, numa noite qualquer, pegou milhares de pedras preciosas  
27 e partiu totalmente sozinha, sem que ninguém soubesse para onde ela estava indo.

28 Sem ter os poderes necessários para desfazer o que a fada Súcia fizera, o Mago (que  
29 estava cuidando dos assuntos do rei Charmoso) decidiu ir encontrá-la, pois queria lhe  
30 propor algum acordo na intenção de devolver ao rei sua figura original. Pegou as rãs e  
31 voou para o castelo da fada, que naquele momento conversava com Trutona. Entre um  
32 mago e uma fada quase não há distinção; os dois se conheciam havia quinhentos ou  
33 seiscentos anos, e, nesse intervalo de tempo, estiveram de bem e de mal milhares de vezes.  
34 Naquela ocasião, ela o recebeu prazerosamente:

35 — O que desejais, meu compadre? — ela quis saber (é assim que todos eles se  
36 cumprimentam). — Há alguma coisa de vosso interesse que dependa de mim?



1           — Sim, minha comadre — disse o Mago. — Minha satisfação depende  
2 completamente de vós. Venho falar sobre meu melhor amigo, um rei que haveis  
3 malfadado.

4           — Ha! Ha! Já entendi, compadre! — exclamou Súcia. — Fico entristecida, mas não  
5 espereis graça alguma em favor dele, a não ser que ele queira desposar minha afillhada. Ei-  
6 la aqui, linda e primorosa como podeis ver. Ele que se decida!

7           O Mago não disse nada, pois achou Trutona muito feia. Entretanto, ele não podia  
8 simplesmente ir embora sem estipular qualquer acordo com a fada, pois o rei corria  
9 muitos riscos preso em uma gaiola. Uma vez, o prego que a sustentava na parede caiu; a  
10 gaiola foi ao chão e a majestade emplumada se feriu gravemente com aquela queda.  
11 Bichano estava no recinto na ocasião do acidente e desferiu-lhe uma unhada no olho que  
12 quase o cegou. Numa outra vez, esqueceram de servir-lhe água; estava prestes a morrer  
13 de sede quando enfim lhe deram algumas gotas. E também ocorreu que um macaquinho  
14 travesso, tendo escapado de sua jaula, arrancou algumas penas do Pássaro Azul através  
15 das grades da gaiola, ferindo-o como se fosse um gaio ou um melro qualquer. Mas o pior  
16 de tudo é que Charmoso estava a ponto de perder seu reino: os herdeiros do trono não  
17 paravam de espalhar boatos a fim de convencer o povo de que o rei estava morto.

18           No fim das contas, o Mago estabeleceu um acordo com sua comadre Súcia: a fada  
19 conduziria Trutona ao palácio do rei Charmoso, onde ela se hospedaria por alguns meses.  
20 Durante esse tempo, o rei voltaria a cogitar a possibilidade de casar-se com ela. Ao longo  
21 desse período, Súcia devolveria sua forma humana, mas voltaria a transformá-lo em  
22 pássaro caso ele optasse por não se casar.

23           Súcia providenciou vestidos de ouro e de prata a Trutona, depois as duas  
24 montaram sobre um dragão e dirigiram-se ao reino de Charmoso, onde aterrissaram na  
25 companhia de seu fiel amigo, o Mago. Com três toques de varinha, o rei enfim tornou a  
26 ver-se como era antes, bonito, formoso, inteligente e magnífico. Porém, esse tempo que  
27 seria diminuído de sua penitência lhe custaria muito caro: ele tremia só de pensar em  
28 casar-se com Trutona. O Mago lhe dava todas as razões que podia, mas elas mal abalavam  
29 o juízo de Charmoso. Ele estava mais preocupado em encontrar um meio de prorrogar o  
30 prazo que Súcia lhe dera para casar-se com Trutona do que com a condução de seu  
31 reinado.

32           Enquanto isso, a rainha Florina havia começado sua jornada disfarçada em roupas  
33 de camponesa. Seus cabelos desgrenhados e embaraçados escondiam-lhe o rosto; usava  
34 um chapéu de palha sobre a cabeça e um bernal de lona no ombro. Às vezes, seguia a pé,  
35 outras a cavalo; às vezes, por mar, outras por terra, fazendo tudo com todo cuidado  
36 possível. Porém, sem saber para onde ir, ela temia estar seguindo na direção oposta à do  
37 seu amado rei. Um dia, Florina encostou à beira de uma fonte de águas prateadas, em cujo  
38 leito havia alguns pedregulhos. Decidida a lavar-se no fluxo de água, sentou-se na grama,

1 amarrou seus cabelos loiros com uma fita e colocou os pés no riacho; ela mais parecia  
2 Diana<sup>12</sup> banhando-se ao regressar de uma caçada. Foi quando passou por aquele lugar  
3 uma velhinha toda encolhida que se apoiava em uma formidável bengala. Aproximando-  
4 se dela, disse-lhe:

5 — Que fazes aí, minha bela filhinha? Estais bem desamparada!

6 — Minha boa mãe — disse a rainha. — Não deixo de estar em grande companhia,  
7 pois trago comigo tristezas, inquietudes e desgostos.

8 Ao dizer essas palavras, seus olhos se encheram de lágrimas.

9 — O quê! Sois tão jovem para chorar! — disse a boa mulher. — Ah, minha filha,  
10 não vos afligis mais! Sede sincera e dizei-me o que tendes, talvez eu possa vos consolar.

11 A rainha agradeceu-se da anciã e contou-lhe seus problemas, as atitudes que a fada  
12 Súcía havia tomado em relação ao caso e, finalmente, que estava procurando o Pássaro  
13 Azul.

14 A velhinha então se aprumou, ajeitou-se e, de repente, mudou de feição: tornou-  
15 se bela, jovem, vestida soberbamente, e, olhando para a rainha com um sorriso gracioso,  
16 disse-lhe:

17 — Incomparável Florina, o rei que procurais não é mais um pássaro. Minha irmã  
18 Súcía o fez retornar à sua primeira figura; ele está em seu reino. Não sofráis mais! Ao  
19 chegardes lá, dareis um fim ao vosso suplício. Eis aqui quatro ovos: deveis quebrá-los  
20 sempre que vos defrontardes com um perigo iminente e assim encontrareis auxílio que  
21 vos será útil.

22 Ao dizer essas palavras, ela desapareceu.

23 Florina sentiu-se muito aliviada com o que acabara de ouvir; colocou os ovos em  
24 seu bernal e volveu os passos em direção ao reino de Charmoso.

25 Depois de caminhar por oito dias e oito noites sem parar, chegou ao pé de uma  
26 montanha de prodigiosa altura, toda de marfim, tão íngreme e lisa que não se podia  
27 colocar os pés sem cair para trás. Tentou milhares de vezes, mas foi inútil; escorregou,  
28 fadigou-se e, desesperada diante de um obstáculo tão intransponível, deitou-se aos pés da  
29 montanha, resolvida a entregar-se à morte. Foi quando se lembrou dos ovos que a fada  
30 lhe dera. Pegou um e disse:

31 — Vejamos se ela não está zombando de mim ao prometer-me a ajuda que  
32 necessito!

33 Assim que ela o quebrou, encontrou pequenos ganchos de ouro, que colocou nos  
34 pés e nas mãos. Com esse auxílio, Florina escalou a montanha de marfim sem nenhuma  
35 dificuldade, pois os ganchos a prendiam, impedindo-a de escorregar. Quando chegou ao  
36 topo, teve novos problemas para descer, pois a encosta inteira era um único espelho de

---

<sup>12</sup> Deusa romana da caça e da lua; Ártemis na mitologia grega.

1 vidro. Lá embaixo estavam mais de sessenta mil mulheres que se admiravam com extremo  
2 prazer, pois esse espelho tinha duas léguas de largura e seis de altura. Nele, todas se viam  
3 da forma que desejavam ser: as ruivas pareciam loiras, os cabelos castanhos pareciam  
4 pretos, a velha pensava que era jovem e a jovem parecia não envelhecer; enfim, todos os  
5 defeitos ficavam tão bem escondidos que ia gente dos quatro cantos do mundo para lá.  
6 Dava para morrer de rir vendo as caretas e os trejeitos que a maioria daquelas coquetes  
7 fazia. Tais circunstâncias também atraíam os homens, pois o espelho os agraciava da  
8 mesma forma. A uns fazia parecer ter belos cabelos, a outros tornava mais altos e bem-  
9 apessoados, com porte marcial e melhor aparência. Diante daquelas circunstâncias, as  
10 mulheres não mais zombavam dos homens e nem os homens das mulheres. Aquela  
11 montanha era conhecida por mil nomes diferentes. Ninguém jamais havia alcançado o  
12 seu cume, de modo que, quando viram Florina lá em cima, as damas soltaram altos gritos  
13 de desespero:

14 — Aonde vai essa desavisada? — disseram elas. — Não há dúvidas de que ela está  
15 disposta a caminhar sobre o nosso espelho! Ao primeiro passo ela o despedaçará por  
16 completo!

17 E fizeram uma algazarra sem precedentes.

18 A rainha não sabia o que fazer, pois considerava um grande perigo descer até lá;  
19 então quebrou outro ovo, do qual saíram dois pombos e um trenó, que no mesmo instante  
20 tornou-se grande o suficiente para acomodá-la bem. Em seguida, os pombos conduziram-  
21 na suavemente para baixo, sem que nada de ruim acontecesse. Ela lhes disse:

22 — Meus amiguinhos, se me conduzísseis ao lugar onde o rei Charmoso mantém  
23 sua corte, estaríeis me fazendo um grande favor!

24 Os pombos, civilizados e obedientes, não pararam de voar nem um dia e nem uma  
25 noite até chegarem às portas da cidade. Florina desembarcou e deu a cada um deles um  
26 doce beijo mais valioso que uma coroa.

27 Ó! Como seu coração pulsava ao entrar! Ela sujou o rosto para não ser  
28 reconhecida. Perguntou aos transeuntes onde poderia encontrar o rei, ao que alguns  
29 desataram a rir.

30 — Ver o rei? — questionaram. — O que queres com ele, Porcalhona? Vai te limpar,  
31 não tens olhos dignos o suficiente para contemplar tal monarca!

32 A rainha não respondeu nada: afastou-se devagar e continuou a perguntar aos  
33 demais passantes para onde ela deveria seguir a fim de ver o rei.

34 — Amanhã ele deverá ir ao templo com a princesa Trutona — disseram-lhe. —  
35 Pois enfim consentiu em casar-se com ela.

36 Céus! Que notícia! Trutona, a indigna Trutona, prestes a casar-se com o rei!  
37 Florina pensou em morrer; já não tinha mais forças para falar e nem para andar. Meteu-

1 se debaixo de um pórtico, sentou-se sobre as pedras e escondeu o rosto entre seus cabelos  
2 e sob seu chapéu de palha.

3 — Quão azarada sou! — disse ela. — Vim aqui apenas para intensificar o triunfo  
4 de minha rival e tornar-me testemunha de sua felicidade! Tudo isso porque o Pássaro  
5 Azul parou de me visitar! Foi em nome dessa monstrenha que ele me fez a mais cruel de  
6 todas as injúrias! Mesmo tomada pelas dores, eu me preocupava com a conservação de  
7 sua vida! Enquanto isso, o traidor mudou de opinião e esqueceu-se de mim como se nunca  
8 tivesse me visto, deixando-me aflita com sua longa ausência, sem nem se preocupar com  
9 a minha!

10 A rainha procurou abrigo e foi dormir sem jantar; afinal, é raro ter um bom apetite  
11 quando se tem muita dor. Ela se levantou ao raiar do dia e correu para o templo; só entrou  
12 depois de ter superado os mil empecilhos dos guardas e dos soldados. Ela avistou o trono  
13 do rei e o de Trutona, que já era vista como a rainha. Quanta dor para uma pessoa tão  
14 terna e delicada como Florina! Agachada, ela se aproximou sorratamente do trono de  
15 sua rival; levantou-se e escondeu-se atrás de um pilar de mármore. O rei veio primeiro,  
16 mais bonito e mais garboso do que jamais esteve em toda sua vida. Trutona apareceu em  
17 seguida, ricamente vestida, mas tão feia que assustou a todos. Ela olhou para Florina,  
18 franziu a testa e disse-lhe:

19 — Quem és tu para ousar aproximar-te de minha ilustre figura e ficar tão perto do  
20 meu trono de ouro?

21 — Meu nome é Porcalhona — ela respondeu. — Venho de longe para vender-vos  
22 estas raridades.

23 Dizendo isso, ela revirou seu bernal de lona e apanhou os braceletes de esmeralda  
24 que o rei Charmoso havia lhe dado.

25 — Ora, ora! — exclamou Trutona. — Que lindos brilhantes! Queres uma moeda  
26 de cinco centavos<sup>13</sup> por eles?

27 — Mostrai-os, madame, aos conhecedores — disse a rainha. — E depois faremos  
28 nosso negócio.

29 Trutona, que como uma tola amava ternamente o rei, ficava feliz quando  
30 encontrava uma oportunidade de falar com ele. Aproximou-se de seu trono e mostrou-  
31 lhe os braceletes, pedindo-lhe que fizesse uma avaliação. Ao ver tais braceletes, ele se  
32 lembrou daqueles que havia dado à Florina; empalideceu, suspirou e ficou por um longo  
33 tempo sem responder. Finalmente, temendo que desconfiassem do lugar para onde seus  
34 diferentes pensamentos o haviam conduzido, fez um esforço e respondeu:

---

<sup>13</sup> *Une pièce cinq sous*: sou é uma antiga moeda francesa de baixo valor, a vigésima parte de uma libra (COIMBRA, 1957, p. 249).

1 — Estas pulseiras valem, creio eu, tanto quanto meu reino. Acredito que haja  
2 apenas um par delas no mundo, e estas são muito similares.

3 Trutona retornou ao seu trono. Ela tinha uma aparência pior que a de uma ostra  
4 com escamas. Pediu àquela desconhecida que lhe dissesse, sem hesitar, qual era o preço  
5 daqueles braceletes que ela tanto queria.

6 — Teríeis muita dificuldade em me pagar, madame — Florina respondeu. — É  
7 melhor que eu vos ofereça um trato. Se me permitirdes dormir uma noite no gabinete de  
8 ecos que há no palácio do rei, darei meus braceletes de esmeralda a vós de bom grado.

9 — Estou de acordo, Porcalhona! — disse Trutona, rindo como uma louca e  
10 mostrando seus dentes mais compridos que as presas de um javali.

11 O rei não procurou saber de onde aqueles braceletes tinham vindo; não pela falta  
12 de interesse em saber quem os levara até ali (pois sua noiva não dissera nada que  
13 despertasse sua curiosidade), mas pela repulsa incontrolável que sentia por Trutona. Cabe  
14 dizer que quando o rei ainda era um pássaro azul, contara à princesa que em seu palácio  
15 havia um cômodo que era chamado de gabinete de ecos, tão engenhosamente projetado  
16 que tudo o que se dizia, mesmo em voz baixa, era ouvido pelo rei quando ele estava  
17 deitado em seu quarto. Como Florina queria repreendê-lo por sua infidelidade, não  
18 conseguia imaginar uma maneira melhor de fazê-lo.

19 Levaram-na para o gabinete por ordem de Trutona. Uma vez ali, Florina começou  
20 a se queixar:

21 — A desgraça que eu teimava em duvidar já é dada como certa, cruel Pássaro Azul!  
22 — disse ela. — Me esqueceste e agora amas minha indigna rival! Os braceletes que recebi  
23 da tua iníqua mão já não me trazem à tua memória de tão esquecida que fui!

24 Os soluços interromperam seu discurso. Quando teve forças o suficiente para  
25 voltar a falar, lamentou-se novamente e continuou até a manhã seguinte. Os valetes do  
26 gabinete do rei ouviram-na gemendo e suspirando a noite toda. Contaram a Trutona, pois  
27 esta demandara saber que algazarra tinha sido aquela; disse que estava dormindo muito  
28 bem, sonhando como era de costume, até que a estranha começou a falar muito alto.  
29 Quanto ao rei, ele não havia escutado nada por conta de uma curiosa fatalidade: é que de  
30 tanto ter amado Florina, não conseguia mais dormir, e, quando se deitava na cama para  
31 descansar, davam-lhe ópio.

32 A bela rainha passou uma parte do dia com uma estranha ansiedade.

33 — Se ele de fato me ouviu, poderia haver indiferença mais cruel? — ponderava ela.  
34 — Mas se não me ouviu, que farei eu para garantir que ele me ouça?

35 Florina não possuía raridades mais extraordinárias que os braceletes; todas as  
36 pedras preciosas que tinha no bornal eram bonitas, mas precisava de qualquer coisa que  
37 caísse no gosto de Trutona. Foi então que decidiu recorrer aos ovos. Quebrou mais um e,  
38 imediatamente, tirou de lá uma pequena carruagem de aço polido, guarnecido de ouro;

1 nela estavam atrelados seis camundongos verdes, conduzidos por uma ratazana cor-de-  
2 rosa. O postilhão, que também era da família dos ratos, era cinza como linho. Dentro da  
3 carruagem havia quatro marionetes, mais engraçadas e mais animadas que todas aquelas  
4 que apareciam nas feiras de Saint-Germain e Saint-Laurent; elas faziam coisas  
5 surpreendentes, especialmente as duas pequenas egípcias, que, ao dançarem a sarabanda<sup>14</sup>  
6 e o passa-pé<sup>15</sup>, faziam-no tão bem quanto Leance<sup>16</sup>.

7 A rainha ficou encantada com aquela obra-prima da arte necromante. Não disse  
8 palavra alguma até que a noite chegasse e desse a hora de Trutona sair para caminhar.  
9 Parada em uma vereda, Florina colocou seus camundongos para galopar; eles arrastavam  
10 a carruagem, as ratazanas e as marionetes. Tal singularidade surpreendeu tanto Trutona  
11 que ela exclamou duas ou três vezes:

12 — Porcalhona, Porcalhona, queres cinco centavos pela carruagem com os  
13 camundongos e tudo mais?

14 — Perguntai aos letrados e aos doutores deste reino o quanto deve valer uma  
15 maravilha como esta, e eu me satisfarei com o lance mais modesto — respondeu Florina.

16 Trutona, que em tudo era intransigente, respondeu:

17 — Deixa de me importunar com tua presença imunda, diz o preço de uma vez!

18 — Desejo dormir novamente no gabinete de ecos — ela respondeu. — É tudo o  
19 que vos peço.

20 — Vai, pobre besta! — concordou Trutona. — Isso não te será recusado.

21 E, voltando-se para suas damas, disse-lhes:

22 — Eis aí uma criatura estúpida! Tira tão poucas vantagens de suas raridades...

23 A noite veio. Florina declamou tudo o que pode imaginar de mais meigo, mas o  
24 fez tão inutilmente quanto da última vez, porque o rei nunca deixava de tomar o seu ópio.  
25 Os valetes diziam entre eles:

26 — Não há dúvida de que essa camponesa é louca. No que é que ela pensa a noite  
27 toda?

28 — Contudo, não deixa de haver sabedoria e paixão nas coisas que ela diz! —  
29 diziam outros.

30 Ela esperou impacientemente pelo raiar do dia para ver quais efeitos seus discursos  
31 teriam produzido.

---

<sup>14</sup> Dança cerimonial lenta introduzida na corte francesa no século XVI; entrou em voga sob o reinado de Luís XIII (HORST, 1987, p. 44-46).

<sup>15</sup> Dança de salão francesa de origem campestre, popularizada na corte francesa durante o reinado de Luís XV. Os dançarinos costumavam se caracterizar de pastores e pastoras para realizar a performance (HORST, 1987, p. 94-96).

<sup>16</sup> Famosa dançarina egípcia do século XVII que alcançou sucesso em Paris aos dezesseis anos (LOSADA-GOYA, 1999, p. 184-185).

1 — O quê! Será que aquele bárbaro ficou surdo à minha voz? — ela se queixou. —  
2 Ele já não escuta a sua querida Florina? Ah! Quanta fraqueza por ainda amá-lo! Bem  
3 mereço os sinais de desprezo que ele me dá!

4 Mas era em vão que ela assim pensava, pois não conseguia livrar-se de seu  
5 sentimento. Havia apenas mais um ovo em seu bernal, do qual esperava obter alguma  
6 ajuda. Ela o quebrou: saiu de lá uma torta toda enfeitada, feita de seis aves, assada e muito  
7 bem preparada. Tais aves, apesar de assadas, cantavam maravilhosamente bem,  
8 proclamavam boas sortes e sabiam mais de medicina que o próprio Esculápio<sup>17</sup>. Florina  
9 ficou encantada com algo tão admirável; passou um tempo falando com sua torta na  
10 antecâmara de Trutona.

11 Enquanto esperava que ela passasse, um dos valetes do rei aproximou-se dela e  
12 disse-lhe:

13 — Minha pobre Porcalhona, sabíeis que se o rei não tomasse ópio para dormir,  
14 certamente iríeis atordoá-lo? Murmurais a noite toda de modo surpreendente!

15 Florina ficou deveras surpresa com o que acabara de ouvir. Vasculhou seu bernal  
16 e disse ao valete:

17 — Pouco temo interromper o repouso do rei! Aliás, se vós não o forneceres ópio  
18 esta noite, todas essas pérolas e todos esses diamantes serão vossos caso eu consiga dormir  
19 novamente neste mesmo quarto!

20 O valete consentiu e deu-lhe sua palavra. Alguns momentos depois, Trutona  
21 apareceu. Ela viu a rainha com sua torta e quis comê-la.

22 — Que fazes aí, Porcalhona? — ela perguntou.

23 — Madame, estou a devorar astrólogos, músicos e médicos — respondeu Florina.

24 Naquele mesmo instante, todas as aves desataram a cantar mais melodiosamente  
25 que as sereias. Depois elas piaram:

26 — Dai-nos carta branca e diremos a vossa sorte!

27 Um pato, que se sobressaía, berrava mais alto que os outros:

28 — Quá, quá, quá, eu sou um médico, trato de todos os males e de todo tipo de  
29 loucura, exceto a do amor!

30 Trutona, muito surpresa com todas as maravilhas que presenciara naqueles dias,  
31 afirmou:

32 — Puxa! Eis uma excelente torta! Ora, ora, desejo tê-la; quanto custa, Porcalhona?

33 — O preço de sempre — disse ela. — Dormir no gabinete de ecos, nada mais.

34 — Toma — disse Trutona, generosamente (pois ficara de bom humor pela  
35 aquisição de uma torta daquelas) — Ganharás uma pistola!

---

<sup>17</sup> Deus da medicina e da cura nas mitologias grega e romana.

1 Florina, que estava mais contente do que antes, esperando que o rei enfim fosse  
2 escutá-la, retirou-se fazendo agradecimentos.

3 Assim que a noite chegou, ela foi conduzida ao gabinete, desejando com ardor que  
4 o valete mantivesse sua palavra, e que em vez de dar o ópio para o rei, desse-lhe qualquer  
5 outra coisa que o mantivesse acordado. Quando pensou que todos haviam adormecido,  
6 deu início às suas lamentações corriqueiras.

7 — A quantos perigos fui exposta para te encontrar enquanto fugias de mim  
8 desejando casar-se com Trutona — disse ela. — O que te fiz, cruel, para olvidares teus  
9 juramentos? Lembra-te de tua metamorfose, das minhas bondades, das nossas conversas  
10 carinhosas...

11 E então ela repetiu quase todos os diálogos que tiveram, provando que aquelas  
12 eram as lembranças mais estimadas entre todas as suas memórias.

13 O rei não estava dormindo e ouviu claramente a voz de Florina e todas as suas  
14 palavras, sem conseguir entender de onde elas vinham. Seu coração, tomado de ternura,  
15 fê-lo recordar tão vividamente a figura de sua incomparável princesa que ressentiu sua  
16 separação com a mesma dor que sentira no instante em que as lâminas o feriram no  
17 cipreste. Do outro lado do quarto, ele começou a contar, por sua vez, o que acreditava que  
18 Florina tivesse feito com ele.

19 — Ah, princesa! — disse Charmoso. — Fostes muito cruel com um amante que  
20 vos adorava! Me oferecestes em sacrifício aos nossos inimigos!

21 Florina ouviu o que ele disse e não tardou em respondê-lo. Disse-lhe que se ele  
22 quisesse conversar com a Porcalhona, poderia esclarecer todos os mistérios que não  
23 haviam sido explicados até então. Com essas palavras, o rei, impaciente, chamou um de  
24 seus valetes e pediu-lhe para encontrar a Porcalhona e trazê-la até ele. O valete respondeu  
25 que seria fácil, pois ela estava dormindo no quarto de ecos.

26 O rei não sabia o que pensar. Como poderia acreditar que uma rainha tão  
27 magnânima como Florina estava disfarçada de mendiga? Por outro lado, como é que a  
28 Porcalhona teria a mesma voz da rainha e conheceria segredos tão particulares se não  
29 fosse ela mesma? Levantou-se com essa incerteza, vestiu-se apressadamente e desceu por  
30 uma escada secreta que dava no quarto de ecos. Trutona havia pegado a chave para si,  
31 mas o rei possuía uma chave mestra que abria todas as portas do palácio.

32 Charmoso encontrou Florina trajada com um vestido branco de tafetá, o qual ela  
33 estava usando debaixo de suas roupas grosseiras; seus lindos cabelos cobriam-lhe os  
34 ombros. Recostada em uma poltrona, a rainha encontrava-se suavemente iluminada por  
35 uma lamparina a poucos passos de si. O rei avançou em sua direção o mais depressa que  
36 pode; como o seu amor suplantava qualquer ressentimento, assim que a reconheceu,  
37 lançou-se aos seus pés, banhou suas mãos em lágrimas e pensou que fosse morrer de



1 alegria, de dor e de mil outros sentimentos que ocuparam a sua mente, todos ao mesmo  
2 tempo.

3 A rainha não ficou menos comovida; seu coração se comprimiu, tanto que ela mal  
4 conseguia respirar. Olhou fixamente para o rei sem dizer nada a ele. Quando teve forças  
5 para falar, já não estava mais disposta a repreendê-lo. O prazer de revê-lo fez com que ela  
6 se esquecesse por algum tempo de todas as queixas que tinha para fazer. Finalmente,  
7 quando tudo foi esclarecido, eles se perdoaram. A ternura que sentiam um pelo outro  
8 voltou a despertar. Nada mais os atrapalharia, a não ser a fada Súcia.

9 Naquele mesmo instante, o Mago que tanto amava o rei chegou na companhia de  
10 uma célebre fada, precisamente aquela que havia dado os quatro ovos para Florina.  
11 Depois dos primeiros cumprimentos, o Mago e a fada declararam que, com seus poderes  
12 unidos em favor do rei e da rainha, Súcia nada poderia contra eles, de modo que não havia  
13 mais nenhum motivo que retardasse o seu casamento.

14 É fácil imaginar a alegria daqueles dois jovens amantes! Assim que o dia raiou, a  
15 notícia se espalhou por todo o palácio e todos ficaram encantados ao verem Florina. As  
16 boas-novas chegaram rapidamente a Trutona. Ela correu até o rei, e que surpresa não foi  
17 reencontrar a sua bela rival! Assim que cogitou abrir a boca para lhe dirigir insultos, o  
18 Mago e a fada apareceram e transformaram-na em uma porca, pois desejavam conservar  
19 ao menos uma parte de suas características naturais<sup>18</sup>. Grunhindo em desespero, ela fugiu  
20 rumo ao celeiro sob uma enxurrada de gargalhadas.

21 Livres de uma pessoa tão odiosa, o rei Charmoso e a rainha Florina não pensaram  
22 em mais nada além da festa de suas núpcias, onde a galanteria e a magnificência marcaram  
23 presença. Não é difícil presumir o quanto os dois ficaram felizes depois de tantos  
24 infortúnios.

25

26 *Trutona queria se casar com Charmoso,*  
27 *E, mesmo sendo incapaz de o cativar,*  
28 *Quis firmar um matrimônio lamentoso*  
29 *Que somente a morte poderia separar;*  
30 *Uma imprudência sem par!*

31

32 *Ela não sabia que tal casamento*  
33 *Se verteria em escravidão e tormento*

---

<sup>18</sup> O texto informa que Trutona foi transformada em porca para que duas de suas características fossem mantidas: parte de seu nome e sua rabugice natural. Como explicitado no início do conto, o nome da perversa princesa, Truitonne, é um apelido dado em referência às suas características de truta. Este nome, porém, também faz ressoar o vocábulo *truie*, que significa “porca” (leitoa, feminino de porco), justificando a escolha do animal no qual ela se transformou.

1                                    *Se o amor não estivesse por perto.*  
2                                    *Ao fim, penso que Charmoso foi esperto.*  
3  
4                                    *Ao meu ver, muito melhor seria*  
5                                    *Ser Pássaro Azul, corvo ou outra ave disforme*  
6                                    *Do que ter de passar pela dor enorme*  
7                                    *De ver a quem odiamos todos os dias.*  
8  
9                                    *Desse tipo de casamento nosso século está fecundo:*  
10                                   *Os matrimônios seriam mais felizes,*  
11                                   *Se o melhor mago do mundo*  
12                                   *Se opusesse às más diretrizes*  
13                                   *E jamais permitisse que o casamento unisse,*  
14                                   *Por capricho ou para tirar vantagem,*  
15                                   *Dois corações infelizes, caso ambos não se amassem.*

## O PRÍNCIPE DUENDE

1           Era uma vez um rei e uma rainha que tinham apenas um filho, a quem amavam  
2 apaixonadamente a despeito de sua péssima aparência. Era tão balofo quanto o mais  
3 gorducho dos homens e tão pequeno quanto o menor dos anões. Mas a feiura de seu rosto  
4 e a deformidade de seu corpo não eram nada comparadas à malícia de sua alma: ele era  
5 uma fera implacável que atormentava a todo mundo. O rei se deu conta da personalidade  
6 do filho desde sua mais tenra infância, ao passo em que a rainha agia como uma louca: ela  
7 o mimava ainda mais com sua permissividade excessiva, o que fez com que ele não  
8 tardasse a compreender o poder que tinha sobre a mãe. Sendo assim, se alguém desejasse  
9 receber favores da soberana, bastava dizer que seu filho era belo e inteligente. Ela quis dar  
10 ao príncipe um nome que inspirasse medo e respeito, portanto, depois de refletir por um  
11 bom tempo, decidiu chamá-lo de Furibundo<sup>1</sup>.

12           Quando chegou a idade do garoto ter um preceptor, o rei escolheu para o posto  
13 um príncipe que tinha antigos direitos sobre a coroa, a qual ele assumiria com todos os  
14 méritos caso se encontrasse em melhores circunstâncias, pois era um homem de coragem.  
15 Contudo, já havia muito tempo que ele não pensava mais nisso, pois toda sua atenção  
16 estava voltada para a boa criação de seu único filho. Jamais existiu um rapaz com maior  
17 beleza natural, intelecto mais brilhante, mais perspicaz, mais doce e mais solícito do que  
18 aquele. Tudo o que ele dizia soava com um tom alegre e uma graça especial: era uma  
19 pessoa completamente perfeita.

20           Ao escolher esse grande senhor para conduzir Furibundo em sua juventude, o rei  
21 ordenou ao filho que lhe fosse muito obediente, mas o menino era tão indócil que  
22 poderiam chicoteá-lo cem vezes e mesmo assim não o corrigiriam em nada. O filho de  
23 seu tutor chamava-se Leandro<sup>2</sup>, a quem todos amavam. As damas o viam com muito bons  
24 olhos, mas ele não dava confiança a nenhuma, tanto que chamavam-no de “o belo  
25 indiferente” e tentavam forçá-lo a mudar o modo com o qual ele as tratava.

26           Leandro sempre andava acompanhado de Furibundo; essa companhia servia  
27 apenas para fazer o príncipe parecer ainda mais horroroso. Ele não se aproximava das  
28 damas senão para censurá-las: às vezes dizia que elas estavam mal vestidas, ou então que  
29 tinham ar de provincianas. Ele até as acusava, na frente de todos, de estarem maquiadas  
30 demais. Furibundo maquinava intrigas apenas para delatá-las à rainha, que as fazia jejuar  
31 como punição. Por essas e outras que todos odiavam Furibundo mortalmente, e ele estava  
32 ciente disso. Ademais, o príncipe também não perdia uma oportunidade de criticar o  
33 jovem Leandro.

---

<sup>1</sup> *Furibon.*

<sup>2</sup> *Léandre.*

1 — Estais muito feliz — disse-lhe ele, com um olhar atravessado. — As damas vos  
2 veem e vos aplaudem, mas não fazem o mesmo por mim.

3 — Senhor — Leandro respondeu modestamente — O respeito que elas nutrem  
4 por vós as impede de tomarem liberdades convosco.

5 — E elas estão certas! — ele replicou. — Caso contrário eu as sovaria como gesso  
6 para que aprendessem uma lição!

7 Um dia, chegaram no reino alguns embaixadores que vinham de muito longe.  
8 Acompanhado de Leandro, o príncipe Furibundo posicionou-se em uma galeria para vê-  
9 los passar. Quando os embaixadores avistaram Leandro, aproximaram-se e prestaram-lhe  
10 profundas reverências, evidenciando sua admiração, pois pensaram que o príncipe fosse  
11 ele. Depois, assim que viram Furibundo, pensando se tratar do anão de Leandro, sem  
12 saber quem ele realmente era, pegaram-no pelo braço e fizeram-no dançar.

13 Leandro entrou em desespero! Ele repetia incessantemente que aquele era o filho  
14 do rei, mas os embaixadores não o compreendiam. Infelizmente, o intérprete real não  
15 estava ali, pois aguardava a chegada dos visitantes junto ao rei. Percebendo que eles não  
16 estavam entendendo nenhum dos seus sinais, Leandro se prostrou em humilhação diante  
17 de Furibundo. No entanto, os embaixadores, e até mesmo os demais membros de sua  
18 comitiva, pensando tratar-se de uma brincadeira, riram até passarem mal. Quiseram  
19 cutucar o anão e fazer-lhe cócegas, à moda de seu país. Foi então que o furioso príncipe  
20 desembainhou sua espadinha, que não era mais longa que um leque. Ele teria agido com  
21 violência se não fosse pela chegada do rei, que, colocando-se diante dos embaixadores,  
22 demonstrou grande perplexidade perante tal comportamento. Pediu-lhes que se  
23 desculpassem, pois conhecia sua língua; eles responderam que não tiveram a intenção de  
24 ofendê-lo, pois não sabiam que o príncipe era aquele anãozinho feioso e mal-humorado.  
25 O rei já estava tão cansado das maldades e extravagâncias de seu filho que acabou  
26 desconsiderando o ocorrido.

27 Quando os embaixadores saíram da presença de Furibundo, ele agarrou Leandro  
28 pelos cabelos e arrancou dois ou três tufo de sua cabeça; ele o teria estrangulado se  
29 pudesse. Daquele dia em diante, o príncipe o proibiu de aparecer diante dele. O pai de  
30 Leandro, ofendido com a atitude de Furibundo, enviou seu filho para um castelo de sua  
31 propriedade, que ficava em uma campina, pois ali ele não ficaria ocioso. Leandro amava  
32 caçar, pescar e caminhar; ele sabia pintar, lia muito e tocava vários instrumentos. Em sua  
33 nova casa, Leandro sentia-se feliz por não mais ser mais obrigado a fazer a corte ao  
34 caprichoso príncipe. Apesar da solidão, em momento algum ele se entediou.

35 Um dia, enquanto Leandro caminhava em seus jardins, a temperatura aumentou  
36 consideravelmente e o calor obrigou-o a adentrar um pequeno bosque sombreado por  
37 árvores altas e cheias de folhas, onde encontrou agradável refúgio. Para passar o tempo,  
38 Leandro começou a tocar sua flauta; de repente, sentiu que alguma coisa se enrolava em

1 sua perna, apertando-a com muita força. Aflito, ele olhou para baixo e ficou de  
2 espantado ao deparar-se com uma grande cobra! Leandro pegou o seu lenço, agarrou a  
3 cobra pela cabeça e teve a intenção de matá-la. O animal, porém, enlaçou o restante de  
4 seu corpo ao redor do braço do rapaz, e, olhando fixamente para ele, pareceu implorar  
5 por misericórdia. Foi então que um dos jardineiros apareceu; ele estava perseguindo a  
6 cobra e a havia perdido de vista:

7 — Senhor, segurai-a bem, estou há uma hora perseguindo-a para matá-la! Esse é  
8 o pior monstro que há no mundo, está desolando os nossos canteiros! — disse ele.

9 Leandro lançou os olhos sobre a cobra mais uma vez e notou que ela era pintada  
10 com mil cores extraordinárias. Imóvel, o animal continuava a encará-lo, sem nada fazer  
11 para se defender.

12 — Por que desejas matá-la? — Leandro perguntou ao jardineiro. — Já que ela veio  
13 até mim em busca de refúgio, eu te proíbo de fazer-lhe qualquer mal! Vou alimentá-la e  
14 somente quando ela trocar sua bela pele eu a deixarei ir.

15 Ele a levou para casa, acomodou-a em um recinto bem grande e guardou a chave  
16 consigo. Trouxe-lhe farelo, leite, flores e ervas para alimentá-la e deixá-la feliz: eis uma  
17 serpente venturosa! Leandro a visitava com alguma frequência; assim que ela o avistava,  
18 vinha rapidamente ao seu encontro, rastejando, expressando todo carinho e graciosidade  
19 que uma cobra é capaz de demonstrar. O príncipe se surpreendia com esse  
20 comportamento, visto que não lhe dava tanta atenção assim.

21 Enquanto isso, é preciso dizer que todas as damas da corte se entristeceram com  
22 sua ausência; só falavam dele e ansiavam pelo seu retorno.

23 — Céus! — elas exclamavam. — Não há mais alegria nesta corte desde que  
24 Leandro se foi! E a culpa é do malvado Furibundo! O príncipe deve odiá-lo pelo fato de  
25 Leandro ser mais amável e mais amado que ele! Ora, o que mais Leandro poderia fazer  
26 para agradá-lo? Desfigurar o corpo e o rosto para se parecer com Furibundo? Deslocar os  
27 ossos, rasgar a boca até as orelhas, apequenar os olhos e arrancar o nariz? Esse  
28 macaquinho<sup>3</sup> é cruel demais! Ele nunca terá alegria em sua vida, pois jamais encontrará  
29 um companheiro melhor que Leandro!

30 Mas não importa quão ruins sejam os príncipes, eles sempre terão seus  
31 bajuladores; aliás, talvez os ruins tenham até mais que os outros. E Furibundo tinha os  
32 seus, pois o poder que ele tinha sobre o juízo da rainha fazia com que fosse temido.  
33 Contaram-lhe sobre o que as damas andavam dizendo e ele ficou completamente irado,  
34 em estado de fúria. Furibundo logo dirigiu-se aos aposentos de sua mãe e disse-lhe que se  
35 mataria ali mesmo, diante de seus olhos, caso ela não encontrasse um jeito de acabar com

---

<sup>3</sup> *Un petit magot*: “um pequeno macaco”. *Magot* é uma espécie de símio de grande porte (macaco-de-Gibraltar). Segundo o Dicionário da Academia Francesa (1695, p. 4), em seu sentido figurado, *magot* designava uma pessoa de má aparência.

1 Leandro. A monarca, que odiava o rapaz pelo fato dele ser muito mais bonito que o  
2 macaquinho<sup>4</sup> que ela tinha por filho, respondeu que já havia muito tempo que ela via  
3 Leandro como um traidor, e que de bom grado concederia sua morte às mãos de  
4 Furibundo. Eis o plano: o príncipe sairia para caçar na companhia de seus homens de  
5 confiança, atrairia Leandro para o local e enfim o faria aprender uma lição por querer ser  
6 amado por todos.

7 Como planejado, Furibundo foi à caça. Quando Leandro ouviu o som de cães e de  
8 cornetas nos arredores do bosque em que vivia, montou em seu cavalo e foi ver quem era.  
9 Ficou muito surpreso ao reencontrar o príncipe de forma tão inesperada. Desceu do  
10 cavalo e cumprimentou-o respeitosamente. Furibundo recebeu-o com cordialidade e  
11 pediu-lhe que o seguisse. Instantes depois, ele começou a tomar distância de Leandro,  
12 fazendo sinal para que os assassinos não falhassem em sua investida. Porém, enquanto o  
13 príncipe se afastava rapidamente, um leão de prodigiosa grandeza surgiu das profundezas  
14 de uma caverna e lançou-se sobre ele, atirando-o ao chão. Aqueles que o acompanhavam  
15 fugiram depressa. Leandro foi o único a permanecer no local; teria de enfrentar sozinho  
16 o furioso animal. Correndo o risco de ser devorado, ele desembainhou sua espada e salvou  
17 seu mais cruel inimigo com valentia e destreza. Furibundo havia desmaiado de medo e  
18 Leandro resgatou-o com extraordinário esmero.

19 Quando o príncipe recobrou parte de seus sentidos, Leandro ofereceu-lhe seu  
20 cavalo para montar; qualquer homem que não fosse tão ingrato sentiria, no fundo de seu  
21 coração, a inescusável obrigação de agradecer àquele que o salvara com as mais belas  
22 palavras do mundo. No entanto, apesar de tudo, Furibundo nem olhou para Leandro e  
23 usou seu cavalo tão somente para ir atrás dos assassinos, a quem ordenou que voltassem  
24 para matar o seu rival. Leandro foi encurralado; sua morte teria sido inevitável se ele não  
25 fosse tão corajoso. Recostando-se em uma árvore a fim de evitar um ataque pelas costas,  
26 ele não poupou nenhum de seus inimigos e lutou como o homem obstinado que era.  
27 Acreditando que Leandro estivesse morto, Furibundo aproximou-se do local para ter o  
28 prazer de ver o cadáver, mas acabou assistindo a um espetáculo bem diferente do que  
29 esperava: viu todos aqueles sacripantas dando seu último suspiro. Assim que avistou o  
30 príncipe, Leandro deu um passo à frente e disse-lhe:

31 — Senhor, se foi por vossa ordem que eles tentaram me matar, entristeço-me por  
32 ter me defendido.

33 — Sois um homem insolente! — respondeu o furioso príncipe. — Se aparecerdes  
34 diante de mim outra vez, eu vos matarei!

35 Leandro não lhe disse mais nada. Retirou-se para casa com grande tristeza e  
36 passou a noite pensando no que deveria fazer, pois não havia nenhuma possibilidade de

---

<sup>4</sup> *Son singe de fils.*

1 enfrentar o filho do rei. Resolveu, portanto, que iria aventurar-se pelo mundo. Quando  
2 estava prestes a partir, lembrou-se da cobra; pegou leite e frutas e dirigiu-se até ela. Assim  
3 que abriu a porta, deparou-se com um fulgor extraordinário que resplandecia em um dos  
4 cantos do recinto. Quando olhou mais de perto, surpreendeu-se ao notar a presença de  
5 uma dama cujo ar nobre e majestoso não deixava dúvidas quanto à grandeza de sua  
6 estirpe. Seu vestido era de cetim amarantho<sup>5</sup>, bordado com diamantes e pérolas.  
7 Aproximando-se dele com ares de graciosidade, ela lhe disse:

8 — Jovem príncipe, não mais encontrareis a cobra que trouxestes para cá, ela não  
9 está mais aqui. Eis-me aqui em seu lugar para vos pagar aquilo que ela vos deve. Permiti-  
10 me falar-vos com mais clareza: sabeis que eu sou a fada Gentil<sup>6</sup>, famosa pelos truques  
11 fortuneiros e divertidos que sei fazer. Nós, as fadas, vivemos cem anos sem envelhecer,  
12 sem doenças, sem mágoas e sem dores. Quando esse prazo expira, tornamo-nos cobras  
13 por oito dias; esse período é fatal para nós, pois durante esses oito dias não podemos  
14 prever nem impedir as desgraças que podem nos sobrevir. Se formos mortas durante esse  
15 período, nunca mais ressuscitaremos. Terminado o prazo, voltamos à nossa forma  
16 original, com toda beleza, poder e riquezas. Agora sabeis, meu senhor, das obrigações que  
17 tenho para convosco, e é justo que eu as cumpra. Pensai no que posso fazer por vós e  
18 contai com o meu auxílio.

19 O jovem príncipe, que até então não tivera nenhum contato com as fadas, ficou  
20 tão surpreso que permaneceu em mudez por um longo tempo. Depois, prestando-lhe  
21 profunda reverência, disse-lhe:

22 — Madame, servir-vos foi uma honra, mas não tenho nada a desejar da fortuna.

23 — Será uma grande tristeza para mim se dispensardes minha solicitude — ela  
24 replicou. — Considerai que eu posso fazer de vós um grande rei, prolongar a vossa vida,  
25 tornar-vos ainda mais amável, doar-vos minas de diamantes e castelos cheios de ouro.  
26 Posso fazer de vós um excelente orador, poeta, músico ou pintor. Posso fazer com que  
27 sejais amado pelas damas e até aumentar a vossa inteligência. Posso fazer de você um  
28 duende<sup>7</sup> aquático, aéreo, terrestre...

29 Leandro interrompeu-a nesse ponto.

30 — Permitti-me, madame, perguntar-vos: de que me serviria ser um duende?

31 — Ora, séríeis capaz de fazer milhares de coisas úteis e agradáveis! — respondeu  
32 a fada. — Poderíeis vos tornar invisível quando quisésseis, atravessaríeis num instante o  
33 vasto espaço do universo, levantaríeis voo sem terdes asas, iríeis às profundezas da terra  
34 sem que estívésseis morto, penetraríeis os abismos do mar sem vos afogardes, entraríeis

---

<sup>5</sup> Tom de rosa avermelhado; cor relativa à flor de mesmo nome.

<sup>6</sup> *La fée Gentille*.

<sup>7</sup> *Lutin*: Segundo o Dicionário da Academia Francesa (1695, p. 405), *lutin* é “um tipo de demônio, espírito zombeteiro” que costuma habitar as casas abandonadas.

1 em qualquer lugar mesmo que as janelas e portas estivessem fechadas, e, assim que  
2 julgásseis apropriado, poderíeis retornar à vossa forma natural.

3 — Ah, madame! — ele exclamou. — Sendo assim, desejo ser um duende! Estou  
4 prestes a viajar e já posso imaginar os infinitos prazeres que poderei viver na forma desse  
5 personagem! Dentre todas as possibilidades que gentilmente me oferecestes, eu prefiro a  
6 de tornar-me um duende!

7 — Transformai-vos em duende! — proclamou a fada Gentil, passando a sua mão  
8 três vezes sobre os olhos e o rosto de Leandro. — Sede um duende amável, um duende  
9 amado, um duende duêndico<sup>8</sup>!

10 Em seguida, ela o abraçou e entregou-lhe um chapeuzinho vermelho enfeitado  
11 com duas penas de papagaio.

12 — Quando colocardes este chapéu, vos tornareis invisível — ela declarou. —  
13 Quando o tirardes, todos vos enxergarão.

14 Encantado, Leandro colocou o chapeuzinho vermelho em sua cabeça e desejou ir  
15 à floresta para colher algumas rosas selvagens que ele havia visto. Imediatamente, o seu  
16 corpo tornou-se tão leve quanto seus pensamentos e ele foi transportado para dentro da  
17 floresta, atravessando a janela e voando como um pássaro. Ele não deixou de sentir um  
18 pouco de medo ao ver-se voando tão alto. Enquanto sobrevoava o rio, temeu a  
19 possibilidade de cair no meio dele, algo que a fada não teria o poder de evitar. Felizmente,  
20 porém, Leandro chegou em segurança aos pés da roseira, pegou três rosas e regressou bem  
21 depressa ao recinto onde a fada se encontrava. Maravilhado com o sucesso de seu  
22 primeiro experimento, o rapaz ofereceu as rosas à fada. Gentil, porém, pediu-lhe que  
23 guardasse aquelas flores consigo. Disse-lhe que uma delas forneceria todo o dinheiro que  
24 precisasse; a outra, uma vez próxima ao seio da mulher amada, provaria o seu amor,  
25 enquanto a última o impediria de adoecer. Depois, sem esperar qualquer tipo de  
26 agradecimento, a fada desejou-lhe boa viagem e desapareceu.

27 Leandro ficou infinitamente contente com os dons excepcionais que havia  
28 acabado de receber.

29 — Jamais poderia imaginar que receberia recompensas tão extraordinárias e  
30 grandiosas apenas por salvar uma pobre cobra das mãos do meu jardineiro! — disse ele.  
31 — Jamais poderia imaginar que me alegraria tanto, que viveria momentos tão agradáveis  
32 e que aprenderia tantas coisas! Eis-me aqui, invisível! Viverei muitas aventuras secretas!

33 Leandro concluiu que seria oportuno preparar algum tipo de vingança contra  
34 Furibundo. Depois de deixar tudo organizado para sua partida, montou no melhor cavalo  
35 que havia seu estábulo, cujo nome era Grisalho<sup>9</sup>, e foi seguido por alguns de seus criados,

---

<sup>8</sup> *Un lutin lutinant*: a autora faz uso de um neologismo para formular uma expressão redundante, reforçando a personalidade intrínseca à entidade; algo semelhante a “um demônio demoníaco”, um “duende de fato”.

<sup>9</sup> *Gris-de-lin*.



1 todos devidamente equipados. Rumores sobre seu retorno espalharam-se rapidamente  
2 pelo reino.

3 É preciso dizer que Furibundo era um grande mentiroso e que contara sua própria  
4 versão dos fatos quando regressou à corte depois do atentado contra seu rival: afirmou  
5 que se não fosse valente o bastante, Leandro o teria assassinado durante a caça. Disse que  
6 ele havia matado toda a sua comitiva e agora demandava que a justiça fosse feita.  
7 Importunado pela rainha, o rei deu ordens para que Leandro fosse preso. Diante desse  
8 cenário, assim que ficaram sabendo que o rapaz se aproximava, não tardaram a avisar  
9 Furibundo. O príncipe, porém, era covarde demais para ir enfrentá-lo. Ele correu até os  
10 aposentos de sua mãe, contou-lhe que Leandro estava prestes a chegar e implorou-lhe que  
11 providenciasse sua prisão imediatamente. A rainha, sempre a postos para realizar tudo o  
12 que o macaco que tinha por filho pudesse desejar, foi à presença do rei. Impaciente para  
13 saber o que seria resolvido, Furibundo foi atrás dela sem dizer uma palavra sequer. Do  
14 lado de fora dos aposentos do rei, o príncipe encostou o ouvido na porta e levantou os  
15 cabelos para escutar melhor. Nesse ínterim, Leandro havia adentrado o grande salão do  
16 palácio com o chapeuzinho vermelho na cabeça; estava invisível. Assim que viu  
17 Furibundo a espiar, pegou um prego e um martelo e cravou a orelha do príncipe à porta.

18 Furibundo entrou em desespero! Enfurecido, começou esmurrar a porta como um  
19 louco, gritando a plenos pulmões. Ao ouvir aquilo, a rainha correu para abri-la e ajudou  
20 seu filho a desenganchar a orelha, que sangrava como se tivesse sido cortada; o ferimento  
21 era horrível. Inconsolável, a rainha colocou Furibundo no colo, acariciou a orelha ferida,  
22 beijou-a e tentou consolá-lo. Foi então que o Duende<sup>10</sup> pegou um punhado de gravetos  
23 com os quais os cachorrinhos do rei brincavam e começou a surrar as mãos da rainha e o  
24 focinho<sup>11</sup> de seu filho. Fora de si, a monarca vociferou que o responsável por tais atentados  
25 deveria ser morto com uma marretada na cabeça. O rei havia presenciado a cena, bem  
26 como os cortesãos que correram para acudir o príncipe; nenhum outro homem foi visto.  
27 Todos sussurravam entre si que a rainha havia enlouquecido, que agira daquela forma  
28 por conta da dor de ver a orelha rasgada de Furibundo. O rei foi o primeiro a acreditar no  
29 que diziam e até afastou-se da esposa quando ela tentou aproximar-se dele; que cena mais  
30 agradável! Enfim, o bom Duende desferiu milhares de outros golpes em Furibundo antes  
31 de retirar-se do salão e dirigir-se ao jardim, onde voltou a tornar-se visível. Ousadamente,  
32 ele começou a colher as cerejas, os damascos, os morangos e as flores do canteiro da  
33 rainha; acontece que apenas ela podia regá-las e era uma questão de vida ou morte tão  
34 somente tocá-las. Os jardineiros, deveras aflitos, foram contar às Suas Majestades que o  
35 príncipe Leandro estava arrancando as frutas das árvores e as flores do jardim da rainha.

---

<sup>10</sup> Desse ponto em diante, *Lutin* passa a ser usado como nome próprio.

<sup>11</sup> *Museau*: “focinho”, parte dianteira do rosto de um animal; termo escolhido pela autora para reforçar o aspecto animalesco de Furibundo.

1 — Quanta insolência! — ela gritou. — Furibundo, meu pequenino, meu bebê  
2 rechonchudo! Esquece por um momento a tua orelha ferida e corre ao encontro desse  
3 sacripanta! Leva nossos guardas, nossos mosqueteiros, nossos cavaleiros e nossos  
4 cortesãos, coloca-te à frente deles, agarra o insolente e faz um ensopado com os  
5 pedacinhos dele!

6 Incitado por sua mãe e acompanhado de mil homens bem armados, Furibundo  
7 entrou no jardim e viu seu rival debaixo de uma árvore. Leandro atirou uma pedra contra  
8 o príncipe e quebrou-lhe o braço; em seguida, arremessou mais de cem laranjas contra o  
9 resto da tropa. Eles bem que tentaram correr atrás de Leandro, mas ele se fez invisível.  
10 Posicionando-se atrás de Furibundo, que já estava em muito mal, passou uma corda em  
11 suas pernas e fê-lo cair de cara no chão, tombando sobre o próprio nariz. Ele foi resgatado  
12 pelos homens de sua tropa, que o levaram para a cama, visto que se encontrava bastante  
13 ferido.

14 Satisfeito com sua vingança, Leandro voltou para o local em que seus  
15 companheiros o aguardavam. Deu-lhes dinheiro e enviou-os de volta ao seu castelo, pois  
16 não queria que ninguém descobrisse os segredos do chapeuzinho vermelho e das rosas  
17 mágicas. Sem saber para onde ir, ele montou em Grisalho, o seu belo cavalo, e deixou que  
18 o animal o conduzisse na direção que bem quisesse. Ele atravessou inúmeros bosques,  
19 planícies, encostas e vales desconhecidos. De vez em quando, parava para descansar,  
20 comia e dormia, sem se deparar com nada que fosse digno de nota.

21 Um dia, enfim, Leandro chegou a uma floresta, onde parou para repousar à  
22 sombra das árvores, pois estava muito calor. Passado algum tempo, começou a escutar  
23 suspiros e soluços; olhou em volta e viu um homem que corria e parava, gritava e depois  
24 mantinha-se em silêncio, arrancava os próprios cabelos e se martirizava ferindo a si  
25 mesmo. O príncipe não teve dúvidas de que se tratava de algum louco infeliz. Ele era  
26 jovem e tinha uma boa aparência; suas roupas eram magníficas, mas estavam todas  
27 esfarrapadas. Tocado pela compaixão, Leandro aproximou-se dele e disse-lhe:

28 — Vejo-vos em um estado tão lastimável que não posso deixar de oferecer-vos o  
29 meu auxílio; dizei-me o que vos aflige.

30 — Ah, senhor — respondeu o rapaz. — Não há remédio para os meus males! Hoje  
31 mesmo a minha amada será sacrificada! Seus pais a entregarão em casamento a um velho  
32 ciumento que possui muitos bens, mas que fará dela a pessoa mais infeliz do mundo!

33 — Suponho que ela também vos ame — presumiu Leandro.

34 — Sim, disso eu posso me lisonjear! — ele respondeu.

35 — E onde ela está? — continuou o príncipe.

36 — Em um castelo às margens desta floresta — respondeu o amante.

37 — Bem, esperai por mim — disse Leandro. — Voltarei com boas novas em um  
38 piscar de olhos!

1           Naquele mesmo instante, ele colocou o chapuzinho vermelho e desejou estar no  
2 castelo em questão. Uma vez lá, Leandro começou a escutar uma agradável sinfonia; o  
3 som de violinos e outros instrumentos ressoava por toda parte. Ele entrou em um grande  
4 salão e viu que o local estava cheio de parentes e amigos do velhaco e da jovem donzela.  
5 Ela era a mais encantadora dentre todas as demais, mas a palidez de sua pele, a melancolia  
6 que transparecia em seu rosto e as lágrimas que de tempos em tempos encobriam-lhe os  
7 olhos eram sinais evidentes de sua profunda tristeza.

8           Transformado em duende, Leandro ficou parado em um canto para tentar  
9 reconhecer alguns dos convidados. Ele não tardou a identificar o pai e a mãe daquela linda  
10 menina, pois ambos se dirigiram a ela a fim de repreendê-la discretamente por conta de  
11 seu semblante de descontentamento; depois, eles voltaram ao seus lugares. Posicionando-  
12 se de pé atrás da mãe, o Duende sussurrou em seu ouvido:

13           — Já que estás forçando a tua filha a dar a mão a esse macaco velho, estejas certa  
14 de que em menos de oito dias serás punida com a morte!

15           A mulher, mais aterrorizada pelo fato de ouvir uma voz fantasmagórica do que  
16 pela ameaça em si, soltou um grito e caiu desnorteada. Quando o marido perguntou-lhe  
17 o que estava acontecendo, ela exclamou que haveria de morrer se o casamento de sua filha  
18 se concretizasse e que não estava disposta a sofrer tal revés, nem por todos os tesouros do  
19 mundo. O marido bem que tentou ridicularizá-la, chamando-a de vidente, mas o Duende  
20 aproximou-se dele e sussurrou em seu ouvido:

21           — Velho incrédulo! Se não acreditares em tua esposa, isso também te custará a  
22 vida! Desfaz o casamento<sup>12</sup> da tua filha e entrega-a imediatamente ao homem que ela ama!

23           Tais palavras surtiram um efeito admirável! O noivo foi prontamente retirado do  
24 local e os pais da menina se justificaram dizendo que o casamento teria de ser desfeito por  
25 ordens superiores. Ele duvidou e bem que tentou contestar, pois era um normando<sup>13</sup>, mas  
26 o Duende soltou um urro tão terrível em seu ouvido que ele até pensou que fosse ficar  
27 surdo; depois, pisou tão forte em seus pés reumáticos<sup>14</sup> que os esmagou.

28           Em seguida, foram chamar o amante no bosque, que continuava desesperado. O  
29 Duende estava ansioso para reencontrá-lo, mas não tanto quanto a jovem apaixonada. O

---

<sup>12</sup> *Romps l'hymen de ta fille, e la donne promptement à celui qu'elle aime*: é preciso anotar que o uso do termo *hymen* em vez de *mariage* conota a perda da virgindade pressuposta pelo contrato nupcial. Nesse sentido, Duende está ordenando ao pai da noiva que entregue a virgindade da filha ao homem que ela ama e não ao velho rico.

<sup>13</sup> Os povos normandos, de origem escandinava, ficaram marcados na história francesa pelos saques a mosteiros cristãos em busca de tesouros. Uma vez vistos como inimigos da fé católica, entende-se que a autora atribui o pátrio “normando” ao velho rico e ciumento de forma pejorativa, conotando sua descrença e seu descaso em relação às ditas forças superiores. Nadine Jasmin assinala que, à época, a reputação dos normandos era questionável e eles eram vistos como trapaceiros e dissimulados, figurando em vários provérbios pejorativos (AULNOY, 2008, p. 211).

<sup>14</sup> *Ses piés goutteux*: literalmente, “seus pés gotosos”, afligidos pela gota, pelo reumatismo.

1 amante e sua amada ficaram a ponto de morrer de alegria! A festa que havia sido  
2 preparada para o casamento com o velhote serviu para o venturoso matrimônio dos  
3 jovens enamorados. Desduendizando-se<sup>15</sup>, Leandro misturou-se aos convidados à entrada  
4 do salão, passando-se por um estranho atraído pelo barulho da festa. Assim que o noivo  
5 o avistou, correu até ele e lançou-se aos seus pés, rendendo-lhe todos os elogios que  
6 conhecia como demonstração de sua gratidão. Leandro passou dois dias naquele castelo,  
7 e, se quisesse, teria deixado os recém-casados pobres, pois ambos ofereceram-lhe todos os  
8 seus bens em reconhecimento ao feito. Ele, porém, despediu-se de tão boa companhia  
9 levando consigo apenas boas recordações.

10 Dando prosseguimento a sua viagem, Leandro foi parar em uma grande cidade  
11 onde vivia uma rainha cujo maior prazer era expandir a sua corte com as pessoas mais  
12 bonitas do reino. Quando Leandro chegou, fez-se a maior comitiva jamais vista para  
13 recebê-lo. Ele sacudiu uma de suas rosas e uma imensurável quantia de dinheiro surgiu.  
14 É fácil julgar que, sendo bonito, jovem, inteligente e completamente magnífico, a rainha  
15 e todas as princesas receberam-no com mil demonstrações de estima e consideração.

16 Aquela era uma das cortes mais galantes do mundo; era quase impossível não se  
17 render ao amor naquele lugar. A intenção de Leandro era seguir o costume: resolveu que  
18 participaria dos jogos de amor<sup>16</sup>, mas que, ao partir, deixaria sua paquera para trás, tal  
19 como fizera com sua comitiva. E lançou os olhos sobre uma das damas de honra da rainha,  
20 chamada Bela-Blondina<sup>17</sup>; ela era de uma beleza impecável, mas tão fria e séria que  
21 Leandro não sabia o que fazer para agradá-la.

22 O rapaz oferecia-lhe festas encantadoras todas as noites, com bailes e comédia.  
23 Mandava buscar raridades dos quatro cantos do mundo para ela, mas nada daquilo a  
24 comovia; pelo contrário, sua indiferença parecia crescer cada vez mais. Leandro, no  
25 entanto, persistia em tentar conquistá-la. Mas não demorou para que uma hipótese  
26 surgisse: ela jamais seria capaz de amá-lo caso já estivesse apaixonada por alguém. A fim  
27 comprovar essa suposição, Leandro decidiu utilizar uma de suas flores: passou a rosa  
28 sobre o lado esquerdo do peito de Blondina, perto do coração, e, naquele mesmo instante,  
29 a rosa, que era fresca e vicejante, ficou seca e desbotada. Foi o bastante para que Leandro  
30 se certificasse da existência de um rival. Profundamente ressentido, transportou-se para  
31 o quarto de Blondina ao cair da noite, em busca de provas. Escondido em um canto, o  
32 Duende viu entrar um músico de péssima aparência que berrou três ou quatro versos que  
33 havia feito para ela. As palavras e a melodia eram detestáveis, mas ela recebeu aquela

---

<sup>15</sup> *Lutin se délutinant.*

<sup>16</sup> Prática de cortesia que pressupunha o endereçamento de galanterias a alguém, o que poderia significar a leitura de um poema, a dedicatória de uma música ou qualquer outra performance retórica em tom de flerte.

<sup>17</sup> *Belle-Blondine*: a tradução mais literal, “Bela-Loirinha”, comprometeria a aceção da personagem em português brasileiro, dada a conotação sexualizada do adjetivo.

1 canção como se fosse a música mais linda que já tivesse ouvido em toda sua vida. O  
2 desconhecido gesticulava como um homem possuído e recebia elogios da moça, pois ela  
3 estava louca por ele. Por fim, para a tristeza do bisbilhoteiro, Blondina permitiu que  
4 aquele miserável lhe beijasse a mão. Foi então que o Duende lançou-se sobre o músico  
5 impertinente e, empurrando-o rudemente contra a sacada, atirou-o no jardim, fazendo  
6 quebrar os poucos dentes que ainda lhe restavam.

7       Acreditando ser obra de um espírito, Blondina teria ficado menos surpresa se um  
8 raio tivesse caído sobre ela! Ainda invisível, o Duende deixou o castelo. Depois, retornou  
9 em sua figura original uma última vez apenas para escrever alguns bilhetes à Blondina,  
10 censurando-a com todas as reprovações que ela merecia. Sem esperar por uma resposta,  
11 Leandro partiu, deixando a equipagem que havia formado aos cuidados de seus  
12 escudeiros e cavalheiros. Ele também deixou alguns presentes aos seus demais súditos.  
13 Montado em Grisalho, seu fiel cavalo, Leandro partiu determinado a nunca mais amar  
14 pessoa alguma depois de tamanho revés, afastando-se daquele reino com extrema rapidez.  
15 Sua mágoa ainda durou muito tempo, mas a razão e a distância acabaram por curá-lo.

16       Leandro foi parar em uma outra cidade, onde soube, logo ao chegar, que havia  
17 uma grande cerimônia marcada para aquele mesmo dia: uma menina seria consagrada  
18 vestal<sup>18</sup>, muito embora contra sua vontade. O príncipe se comoveu; parecia, afinal, que seu  
19 chapeuzinho vermelho seria mais uma vez utilizado para corrigir os erros do povo e  
20 consolar os aflitos. Ele correu em direção ao templo; no caminho, encontrou a jovem  
21 criança vestida de branco, com uma coroa de flores e com rosto encoberto por seus  
22 cabelos. Dois de seus irmãos conduziam-na pela mão, enquanto sua mãe a seguia na  
23 companhia de uma grande comitiva de homens e mulheres. A mais velha dentre as vestais  
24 aguardava-os na porta do templo. Em um dado instante, o Duende gritou a plenos  
25 pulmões:

26       — Parai, irmãos cruéis! Parai, desarrazoada mãe! O Céu se opõe a essa injusta  
27 cerimônia! Se vós o ignorardes, sereis esmagados como rãs!

28       Os presentes olharam para todos os lados sem saber de onde vinham aquelas  
29 terríveis ameaças. Os irmãos afirmaram que não passava do amante de sua irmã que,  
30 escondido em algum buraco, fazia-se de oráculo. Zangado, o Duende pegou uma vara  
31 bem comprida e os açoitou com centenas de golpes. Todos podiam enxergar a vara sendo  
32 levantada e abaixada sobre seus ombros, tal como um martelo que golpeia uma bigorna;  
33 não havia como dizer que os golpes não eram reais. Apavoradas, as virgens vestais  
34 fugiram; em seguida, todos os demais fizeram o mesmo. Por fim, restaram apenas o  
35 Duende e a jovem vítima. Sem demora, ele tirou seu chapeuzinho e perguntou-lhe de que

---

<sup>18</sup> As vestais eram sacerdotisas da deusa romana Vesta (que corresponde a Héstia na mitologia grega), mulheres virgens e castas, tal como a deusa, e que dedicavam grande parte de sua vida a manter o fogo sagrado dos templos sempre aceso.

1 forma poderia ajudá-la. Com mais ousadia do que se poderia esperar de uma menina  
2 daquela idade, ela respondeu que havia um cavaleiro interessado em sua mão, mas que  
3 lhe faltava o dote. Leandro sacudiu a rosa da fada Gentil com tanto entusiasmo que  
4 entregou à donzela uma quantia de dez milhões. Ela se casou com seu amado e eles  
5 viveram muito felizes.

6 A última aventura do príncipe foi a mais agradável de todas. Ao entrar em uma  
7 grande floresta, ele escutou os gritos de uma jovem e convenceu-se de que ela estava sendo  
8 submetida a algum tipo de violência. Olhou em volta e enfim avistou quatro homens bem  
9 armados que carregavam uma menina que parecia ter treze ou catorze anos de idade.  
10 Aproximando-se deles o mais rápido que pode, gritou:

11 — O que essa criança vos fez para que a trateis como uma escrava?

12 — Ora, ora, senhorzinho — debochou o membro mais distinto da tropa. — Não  
13 vos intrometais!

14 — Eu vos ordeno que a liberteis agora mesmo! — exclamou Leandro.

15 — Sim, é claro, certamente iremos obedecer! — eles ironizaram, aos risos.

16 Furioso, o príncipe se escondeu e colocou o chapeuzinho vermelho, pois não  
17 considerou prudente atacar sozinho quatro homens que eram fortes o suficiente para  
18 enfrentar outros doze.

19 Ao vestir o chapeuzinho, Leandro ficou invisível. Os salteadores disseram:

20 — Ele fugiu, não vale a pena procurá-lo! Vamos apenas pegar o seu cavalo.

21 Um deles ficou com a menina, para segurá-la, enquanto os outros três começaram  
22 a correr atrás de Grisalho, que lhes dava muito trabalho. A mocinha continuava gritando  
23 e se lamentando:

24 — Ai de mim, minha bela princesa! — dizia ela. — Como eu vivia feliz em vosso  
25 palácio! Como poderei viver longe de vós? Se soubésseis de minha triste desventura,  
26 enviariéis vossas Amazonas atrás da pobre Abriçotina<sup>19</sup>.

27 Leandro a escutou e, sem demora, agarrou o braço do homem que a segurava e o  
28 amarrou contra uma árvore, sem que ele tivesse tempo ou força para se defender, visto  
29 que sequer podia enxergar quem o prendia. Quando o ladrão gritou, um de seus  
30 camaradas correu até ele e perguntou, ofegante, quem o havia amarrado.

31 — Eu não sei! — ele respondeu. — Eu não vi ninguém!

32 — Isso não passa de uma desculpa! — o outro replicou. — Bem sei que és um  
33 covarde, percebi há muito tempo! Vou te dar o tratamento que merece!

34 E desferiu cerca de vinte golpes de estribo contra o comparsa.

35 O Duende divertiu-se muito ao vê-lo gritar. Depois, aproximando-se do segundo  
36 ladrão, pegou-o pelos braços e o amarrou junto de seu camarada, que disse:

---

<sup>19</sup> *Abriçotine.*

1 — Muito bem, bravo homem, quem foi que acabou de te amarrar? Quem é o  
2 grande covarde agora?

3 O outro não disse nada e, envergonhado, baixou a cabeça, sem saber como aquilo  
4 havia acontecido.

5 Abricotina aproveitou o momento para fugir e correu sem nem saber para onde  
6 ia. Ao perdê-la de vista, Leandro chamou Grisalho três vezes; o cavalo, apressado para ir  
7 de encontro ao seu mestre, desferiu dois coices nos dois ladrões que ainda o perseguiam;  
8 quebrou a cabeça de um e três costelas do outro.

9 O Duende fazia questão de reencontrar Abricotina, pois a considerou muito  
10 bonita; para tanto, bastou desejar estar junto dela para ser imediatamente transportado  
11 até lá. A pobrezinha estava tão cansada, mas tão cansada, que ele a encontrou encostada  
12 às árvores, incapaz de sustentar-se em pé. Ao avistar Grisalho, que se aproximava cheio  
13 de vigor, ela exclamou:

14 — Muito bem, eis aqui um belo cavalo para conduzir a pobre Abricotina de volta  
15 ao Palácio dos Prazeres!

16 O Duende a escutava, mas ela não o via. Grisalho aproximou-se e parou diante  
17 dela; abraçando-a, o príncipe ajudou-a a montar, acomodando-a gentilmente diante de  
18 si. Qual não foi o pavor de Abricotina ao sentir o toque invisível de alguém! Disposta a  
19 não fazer movimentos bruscos, ela fechou os olhos com medo de se deparar com um  
20 espírito e não pronunciou uma palavrinha sequer. O príncipe, que sempre carregava os  
21 melhores drageados<sup>20</sup> do mundo em seus bolsos, bem que tentou alimentá-la, mas ela  
22 cerrou os lábios e os dentes.

23 Foi quando, enfim, ele tirou o chapeuzinho e disse-lhe:

24 — Como sois tímida, Abricotina! Tendes medo de mim, mas fui eu quem vos tirei  
25 das mãos dos ladrões.

26 Ao abrir os olhos, ela finalmente pôde vê-lo.

27 — Ó, senhor! — ela disse. — Tenho uma grande dívida para convosco! De fato,  
28 tive muito medo de estar na companhia de um homem invisível.

29 — Eu não sou invisível — ele respondeu. — Parece-me que estáveis mal dos olhos  
30 e isso vos impedia de me ver.

31 Embora fosse muito inteligente, Abricotina acreditou. Algum tempo depois de  
32 conversarem sobre algumas amenidades, Leandro pediu que ela falasse sobre sua vida, seu  
33 país e sobre como ela havia caído nas mãos dos salteadores.

34 — Sou muito grata a vós para me recusar a satisfazer a vossa curiosidade — ela  
35 respondeu. — No entanto, senhor, peço que avancemos em nossa viagem enquanto narro  
36 a minha história.

---

<sup>20</sup> Confeitos recobertos de açúcar ou chocolate.

1 E Abricotina começou a narrar<sup>21</sup>:  
2 *Uma fada de sabedoria inigualável apaixonou-se vorazmente por um certo príncipe;*  
3 *ela foi a primeira fada a sucumbir à fraqueza de amar e acabou casando-se com ele à revelia*  
4 *da censura de todas as outras fadas, que não deixaram de alertá-la sobre sua transgressão*  
5 *à ordem feérica. Uma vez expulsa, tudo o que ela pode fazer foi construir um grande palácio*  
6 *próximo ao seu antigo reino. Acontece, porém, que o príncipe com quem ela havia se casado*  
7 *acabou se cansando dela, atormentado pelo fato de sua esposa poder adivinhar todas as*  
8 *suas ações antes mesmo delas acontecerem. Caso o seu marido demonstrasse o mínimo*  
9 *interesse por outra pessoa, ela seria capaz de fazer um sabá<sup>22</sup> e, como vingança,*  
10 *transformaria até mesmo a mulher mais bonita do mundo em um monstro apavorante.*  
11 *Um belo dia, incomodado com aquele inconveniente excesso de cuidados, o príncipe*  
12 *fugiu e foi para longe, muito longe, acompanhado de uma cavalaria de emissários<sup>23</sup>.*  
13 *Escondeu-se em uma grande gruta no fundo de uma montanha, tudo isso para que sua*  
14 *esposa não pudesse encontrá-lo. Mas foi tudo em vão: ela o seguiu e disse-lhe que estava*  
15 *grávida. Ordenou-lhe que voltasse ao palácio, prometendo-lhe dinheiro, cavalos, cães e*  
16 *armas; afirmou que mandaria construir uma coudelaria, uma quadra de tênis real<sup>24</sup> e uma*  
17 *de croquet<sup>25</sup> para entretê-lo. Porém, nada daquilo serviu para convencê-lo, pois era*  
18 *naturalmente teimoso e libertino; pelo contrário, criticou-a duramente, chamando-a de*  
19 *velha fada e assombração.*  
20 — *Tua sorte é o fato de minha sabedoria ser maior que a tua loucura!* — *ela o*  
21 *repreendeu.* — *Se eu bem quisesse, poderia te transformar em um gato que miaria para*  
22 *sempre sobre os telhados, em um sapo horrendo a saltitar na lama, em uma abóbora ou*  
23 *coruja. No entanto, o maior dos males que posso te fazer é abandoná-lo à sua própria sorte.*  
24 *Continua escondido na tua gruta, na tua caverna sombria, na companhia dos ursos;*  
25 *conquista as pastoras da vizinhança e aprenderás, com o tempo, a diferença há entre as*

---

<sup>21</sup> Os períodos que introduzem e encerram a fala de Abricotina não constam no texto original. Optou-se por essa inclusão para deixar evidente ao leitor que o longo trecho destacado em itálico é narrado pela personagem.

<sup>22</sup> *Elle lui faisoit le sabbat*: para além da referência imediata ao concílio noturno das bruxas, o Dicionário da Academia Francesa (1695, p. 260) informa que a expressão *faire un sabbat* conota, popularmente, as lamentações extenuantes que as esposas lançam sobre seus maridos, o que se assemelharia ao falatório e à gritaria de um sabá.

<sup>23</sup> *Chevaux de poste*: metonímia para a antiga comitiva de emissários que realizavam a entrega de correspondências a cavalo.

<sup>24</sup> *Jeu de paume*: forma ancestral do tênis, jogo de corte em que dois participantes, munidos de raquetes, batem e rebatem uma bola sobre uma rede; jogo tipicamente francês.

<sup>25</sup> *Mail*: antigo esporte, praticado sobretudo na França, do qual descendem o atual croquet, o golfe e o bilhar. Consistia no uso de uma espécie de martelo de cabo longo (*maillet*) para acertar uma bola no alvo.



1 *camponesas miseráveis e uma fada como eu, que pode possuir todos os encantos que bem*  
2 *desejar.*

3 *Dito isso, a fada entrou em sua carruagem voadora e partiu mais rápido que um*  
4 *pássaro. Ao retornar, ela transportou seu palácio para uma ilha, expulsou os guardas e*  
5 *oficiais e levou consigo algumas mulheres da raça das Amazonas, cuja incumbência seria*  
6 *proteger o local para que homem algum jamais pudesse entrar. Ela batizou aquele lugar de*  
7 *Ilha dos Prazeres Tranquilos e passou a apregoar que jamais haveria verdade em uma*  
8 *sociedade habitada por homens. E foi com essa mentalidade que ela criou sua filha, uma*  
9 *menina de beleza incomparável: ela é a princesa a quem eu sirvo. E como os prazeres reinam*  
10 *com ela, ninguém envelhece em seu palácio: vede por mim, tenho mais de duzentos anos de*  
11 *idade. Quando a minha soberana cresceu, sua mãe, a fada, deu-lhe a ilha por herança e,*  
12 *antes de retornar ao reino feérico, deixou-lhe excelentes lições de como viver feliz. E foi assim*  
13 *que a Princesa dos Prazeres Tranquilos passou a governar o seu Estado de maneira*  
14 *admirável.*

15 *Desde que vim ao mundo, não me lembro de ter conhecido outros homens além de*  
16 *vós, senhor, e dos salteadores que me levaram. Esses ladrões me disseram que foram*  
17 *enviados por um certo homem, feio e mal-acabado, chamado Furibundo. Ele se apaixonou*  
18 *por minha rainha só de ver o seu retrato. Esses malfeitores estavam rondando a nossa ilha,*  
19 *mas não ousaram colocar os pés nela, pois as nossas Amazonas são muito vigilantes e jamais*  
20 *deixariam qualquer um entrar. No entanto, enquanto cuidava dos pássaros da princesa,*  
21 *deixei o seu belo papagaio voar para longe e, com medo de ser repreendida, tomei a*  
22 *imprudente decisão de sair da ilha para ir buscá-lo. Foi quando eles me pegaram, e teriam*  
23 *me raptado se não fosse pelo vosso socorro.*

24 *E foi assim que Abricotina concluiu a sua narração.*

25 *— Se desejais demonstrar-me gratidão, bela Abricotina, eu não posso esperar*  
26 *outra coisa senão que me leveis à Ilha dos Prazeres Tranquilos para que eu conheça essa*  
27 *maravilhosa princesa que não envelhece — disse Leandro.*

28 *— Ah, meu senhor, nós dois estaríamos perdidos se fizéssemos isso! — ela*  
29 *respondeu. — Bem sabeis que é mais fácil lidar com a falta de algo que não conhecemos.*  
30 *Jamais estivestes naquele palácio; imaginai, portanto, que ele não existe.*

31 *— Não é tão fácil retirar da mente os pensamentos agradáveis que nela estão*  
32 *incutidos! — replicou o príncipe. — E eu não concordo com a ideia de que a única*  
33 *maneira de desfrutar de prazeres tranquilos seja banindo completamente o nosso sexo.*

34 *— Senhor, não cabe a mim opinar sobre isso — ela respondeu. — E confesso que*  
35 *se todos os homens fossem iguais a vós, eu estaria certa de que a princesa faria leis*  
36 *diferentes. Entretanto, dos cinco homens que conheci, quatro eram perversos; concluo,*

1 portanto, que o número de homens perversos é superior ao de homens bons, e que, por  
2 isso, é melhor bani-los todos.

3 Finalizada a conversa, eles chegaram à margem de um grande rio. Abricotina  
4 saltou rapidamente para o chão.

5 — Adeus, meu senhor — ela se despediu, prestando-lhe profunda reverência —  
6 Desejo-vos muita felicidade, que toda a Terra seja para vós como uma ilha dos prazeres!  
7 Retirai-vos depressa, antes que nossas Amazonas vos vejam.

8 — E eu vos desejo, bela Abricotina, um coração sensível, a fim de que talvez eu  
9 possa fazer parte de vossas recordações! — respondeu o príncipe.

10 E então o príncipe partiu, dirigindo-se a um bosque fechado que encontrou perto  
11 do rio. Tirou a sela e o freio de Grisalho para que ele pudesse caminhar e pastar na grama.  
12 Em seguida, colocou o chapéuzinho vermelho e desejou estar na Ilha dos Prazeres  
13 Tranquilos. Seu desejo foi prontamente realizado e agora ele se encontrava no lugar mais  
14 belo e incomum do mundo.

15 O palácio era de ouro puro, ornamentado com figuras de cristal e de pedras  
16 preciosas que representavam o zodíaco e todas as maravilhas da natureza, da ciência e da  
17 arte, bem como os elementos, o mar e os peixes, a terra e os animais, as caçadas de Diana<sup>26</sup>  
18 com suas ninfas, os nobres feitos das Amazonas, as diversões da vida campestre, os  
19 rebanhos dos pastores e seus cães, as ocupações da vida rústica, a agricultura, as colheitas,  
20 os jardins, as flores, as abelhas... E dentre tantas coisas diferentes, não havia a  
21 representação de homens e nem de meninos, nem mesmo de um pobre cupidinho. A fada  
22 realmente ficara muito zangada com seu marido leviano, tanto que não fez menção  
23 alguma ao seu sexo infiel.

24 — Abricotina não me enganou — conjecturou o príncipe. — Até mesmo a ideia  
25 de homem foi expurgada desse lugar! Vejamos se fizeram um bom negócio.

26 Dizendo isso, adentrou o palácio e, a cada passo que dava, deparava-se com uma  
27 maravilha maior que a outra; quando lançava os olhos sobre algo, era preciso fazer um  
28 esforço enorme para desprender a atenção. As formas com que o ouro e os diamantes  
29 foram lapidados chamavam mais atenção do que o seu raro quilate. Por todos os lados  
30 havia jovens donzelas de aparência doce, inocente e risonha, tão bonitas quanto a luz do  
31 dia. Ele atravessou um vasto número de cômodos; alguns estavam repletos de belas obras  
32 de arte vindas da China, cuja fragrância, aliada à estranheza de suas cores e figuras, eram  
33 infinitamente agradáveis. Alguns aposentos eram feitos de uma porcelana tão fina que se  
34 podia ver através das paredes. Outros eram de cristal de rocha entalhado, de âmbar e de

---

<sup>26</sup> Deusa romana da caça e da lua; Ártemis na mitologia grega.

1 coral, de lápis-lazúli, de ágata e de cornalina<sup>27</sup>. O quarto da princesa era todo recoberto de  
2 vidro espelhado, isso porque era impossível multiplicar de verdade um ser tão encantador.

3 Seu trono era feito de uma única pérola escavada em forma de concha, onde ela se  
4 assentava muito confortavelmente. Ele era enfeitado com guirlandas guarnecidas de rubis  
5 e diamantes, mas isso não era nada se comparado à inigualável beleza da princesa. Com  
6 seu jeito de menina, ela expressava tanto as graças dos mais jovens quanto os modos dos  
7 mais experientes. Nada se comparava à doçura e à vivacidade de seu olhar: era impossível  
8 encontrar um defeito nela. Ela sorria graciosamente para suas damas de honra, que  
9 naquele dia estavam vestidas de ninfas para entretê-la.

10 Ao notar a ausência de Abricotina, a princesa quis saber onde ela estava. As ninfas  
11 responderam que a haviam procurado inutilmente, pois não conseguiram encontrá-la. O  
12 Duende, não podendo se conter, imitou o tom de voz de um papagaio (pois havia vários  
13 no local) e disse:

14 — Encantadora princesa, Abricotina voltará em instantes! Ela correu um grande  
15 perigo e teria sido sequestrada se um jovem príncipe não a tivesse encontrado.

16 A princesa demonstrou surpresa ao ouvir falar o papagaio, pois ele havia se  
17 expressado muito corretamente.

18 — Sois um papagaiozinho lindo, mas deveis estar enganado — disse a princesa. —  
19 Quando Abricotina chegar, ela há de vos castigar!

20 — Não serei castigado — respondeu o Duende, ainda se passando por papagaio.  
21 — Ela vos falará do desejo que aquele estranho teve de poder vir a este palácio para  
22 eliminar de sua mente as falsas ideias que tendes contra o seu sexo.

23 — Devo dizer, papagaio, que é de fato uma pena não seres assim tão eloquente  
24 todos os dias. Como eu amaria que fosse! — afirmou a princesa.

25 — Ora, se o meu falatório é do vosso agrado, então não vou parar de falar nem por  
26 um momento sequer! — respondeu o Duende.

27 — Quem não juraria que esse papagaio é um feiticeiro? — disse a princesa.

28 — Este papagaio tem mais de homem apaixonado do que de feiticeiro! — ele  
29 concluiu.

30 Naquele momento, Abricotina entrou e foi lançar-se aos pés de sua bela soberana.  
31 Narrou-lhe sua aventura e pintou um retrato do príncipe com cores muito vivas e  
32 atrativas, descrevendo-o com entusiasmo.

33 — Eu teria ódio de todos os homens se não tivesse encontrado aquele! —  
34 Abricotina acrescentou. — Ó, madame, como ele é encantador! Seu porte e todas as suas  
35 maneiras denunciam nobreza e inteligência! Como tudo o que ele diz tem um grande  
36 poder de persuasão, acredito que fiz bem em não trazê-lo comigo.

---

<sup>27</sup> Mineral semiprecioso de tom vermelho-acastanhado.

1 A princesa não teceu comentário algum; no entanto, não tardou para que  
2 começasse a fazer perguntas sobre o príncipe. Quis saber se Abricotina sabia o seu nome,  
3 qual era o seu país, a estirpe de sua família, de onde ele vinha e para onde estava indo.  
4 Sem respostas, a princesa entregou-se a um profundo devaneio.

5 O Duende, que a tudo examinava, voltou a falar, como havia começado:

6 — Abricotina é uma mulher ingrata, madame — ele disse. — Esse pobre  
7 desconhecido morrerá de desgosto se não vos conhecer.

8 — Está bem, papagaio, deixa-o morrer! — respondeu a princesa, suspirando. — E  
9 haja vista que gostas de opinar como uma pessoa de intelecto, e não como um passarinho,  
10 eu te proíbo de voltar a falar desse desconhecido!

11 Leandro contentou-se ao perceber que as palavras de Abricotina e as do papagaio  
12 haviam mobilizado a princesa. Ele a admirava com tanto prazer que até se esqueceu de  
13 seu juramento sobre nunca mais amar alguém na vida; mas era impossível comparar  
14 aquela princesa com a coquete da Blondina.

15 — Será possível que essa obra-prima da natureza, esse milagre dos nossos dias, há  
16 de permanecer eternamente confinada em uma ilha, sem que nenhum mortal ouse  
17 aproximar-se dela? — Leandro refletiu. — Porém, de que me importa o fato de todos os  
18 outros homens serem banidos? Melhor assim, pois ninguém além de mim terá a felicidade  
19 de estar aqui, de vê-la, ouvi-la, admirá-la e amá-la desesperadamente.

20 Era tarde da noite quando a princesa passou por um salão de mármore e pórfiro<sup>28</sup>  
21 onde havia várias fontes que jorravam água fresca; assim que ela entrou, deu-se início a  
22 uma sinfonia e um suntuoso jantar foi servido. Em todos os cantos da sala havia imensos  
23 aviários, todos cheios de pássaros raros, dos quais Abricotina cuidava.

24 Ao longo de suas viagens, Leandro aprendera a cantar como eles; estando invisível,  
25 começou a imitá-los. A cantoria chamou a atenção da princesa: ela ouviu, olhou e se  
26 maravilhou. Deixando a mesa, aproximou-se das gaiolas, e então o Duende chilreou mais  
27 forte e mais alto. Imitando a voz de um canário, ele entoou as seguintes palavras com ares  
28 de improvisado:

29  
30 *Na vida, os mais belos dias*  
31 *Sempre terminam de repente;*  
32 *Mas sem amor e alegria,*  
33 *Eles se arrastam tristemente.*  
34 *Amai, amai ternamente!*  
35 *Quão belo tudo aqui se tornaria!*  
36 *Escolhei um pretendente;*

---

<sup>28</sup> Rocha ígnea repleta de partículas vítreas brancas.

1 *É o que o próprio Amor vos pediria.*

2  
3 A princesa, mais surpresa ainda, chamou Abricotina e perguntou-lhe se ela havia  
4 ensinado algum de seus canários a cantar. Ela respondeu que não, mas que acreditava que  
5 os canários poderiam ser tão inteligentes quanto os papagaios. A princesa sorriu e  
6 imaginou que Abricotina tivesse dado lições aos bichinhos alados. Depois, voltou para a  
7 mesa a fim de terminar seu jantar.

8 Depois de ter percorrido um longo caminho, Leandro estava faminto. Atraído  
9 pelo odor das iguarias, aproximou-se daquele imenso banquete. A princesa tinha um  
10 grande gato azul, como era a moda, do qual ela gostava muito; com o bichano no colo,  
11 uma de suas damas de honra aproximou-se e disse:

12 — Madame, venho avisar que Azulino<sup>29</sup> está com fome.

13 Elas o colocaram à mesa diante de um pratinho dourado coberto por um  
14 guardanapo de renda bem dobrado. Azulino tinha uma sineta de ouro que pendia de um  
15 colar de pérolas; com um ar de Rominagrobis<sup>30</sup>, ele começou a comer.

16 — Ora, ora — o Duende pensou. — Um bichano gordo e azul que provavelmente  
17 nunca caçou nem um camundongo e que certamente não é de uma linhagem melhor que  
18 a minha tem a honra de cear na companhia de minha bela princesa! Eu gostaria de saber  
19 se ele a ama tanto quanto eu e se é correto que eu deva me contentar apenas com o cheiro  
20 da comida enquanto ele se farta de tanto comer!

21 Em seguida, ele ergueu o gato azul com muita discrição, sentou-se na poltrona e o  
22 acomodou em seu colo. Ninguém foi capaz de notar a presença do Duende. Ademais,  
23 como poderiam vê-lo se ele estava usando o chapuzinho vermelho? A princesa colocou  
24 perdizes, codornizes e faisões no prato de ouro de Azulino; as perdizes, codornizes e os  
25 faisões desapareceram em um piscar de olhos. A corte inteira exclamou:

26 — O gato azul nunca comeu com tanto apetite!

27 Havia excelentes guisados sobre a mesa; com a ajuda de um garfo, o Duende  
28 segurava a pata do gato e trazia-os para perto de si. Às vezes ele puxava a comida depressa  
29 demais e todas as damas desatavam a rir. Azulino não estava entendendo toda aquela  
30 zombaria; desesperado, ele miava e tentava arranhar o Duende. A princesa ordenou:

---

<sup>29</sup> *Bluet*.

<sup>30</sup> Nome dado a um velho gato que figura em duas fábulas de Jean de La Fontaine (1621-1695), “O velho gato e o jovem rato” e “O gato, a doninha e o coelho”, histórias publicadas em 1678. O fato do gato ter uma sineta no pescoço pode ser lido como uma referência à fábula “A assembleia dos ratos”. A referência direta e metafórica ao personagem supõe a grande fama das histórias de La Fontaine entre o público leitor partilhado por ambos os autores. *Raminagrobis* também é o nome de um personagem do romance *Os horríveis e apavorantes feitos e proezas do mui renomado Pantagruel, rei dos Dipsodos, filho do grande gigante Gargântua*, de François Rabelais (1532).

1 — Servi a torta ou o fricassê ao pobre Azulino! Vede como ele mia querendo  
2 prová-los!

3 Leandro ria bem baixinho daquela aventura tão engraçada; estava sedento, pois  
4 costumava beber enquanto fazia refeições longas como aquela. Ele agarrou um grande  
5 melão com a pata do gato, o que o ajudou a saciar um pouco de sua sede. Enfim, quando  
6 o jantar estava prestes a terminar, ele correu até o buffet e tomou duas garrafas de um  
7 delicioso néctar.

8 A princesa dirigiu-se aos seus aposentos, pediu a Abricotina que a seguisse e  
9 fechasse a porta. No entanto, um terceiro elemento acompanhou-as à surdina: o Duende  
10 invisível. A princesa disse à sua confidente:

11 — Admite que exageraste ao descrever aquele estranho! Não me parece possível  
12 que ele seja assim tão amável.

13 — Eu protesto, madame — ela respondeu. — Ao contrário, acredito que algo ainda  
14 tenha me escapado, que eu não tenha dito o suficiente.

15 A princesa suspirou, permaneceu em silêncio por um momento e depois  
16 emendou:

17 — Sou muito grata a ti por teres te recusado a trazê-lo contigo.

18 — Mas, madame, que mal poderia vos acontecer se ele pudesse vir admirar as  
19 maravilhas deste lindo lugar? — quis saber Abricotina (que era extremamente perspicaz  
20 e sabia muito bem como instigar os pensamentos de sua ama). — Desejais permanecer  
21 eternamente desconhecida pelo mundo inteiro, viver escondida dos mortais? De que  
22 serve tanta grandeza, pompa e magnificência se não sois vista por ninguém?

23 — Cala-te, cala-te, pequena tentadora! — disse a princesa. — Não perturbes o  
24 ditoso descanso de que venho desfrutando há seiscentos anos. Ou acaso pensas que eu  
25 teria vivido tanto tempo se tivesse levado uma vida agitada e turbulenta? Somente os  
26 prazeres inocentes e tranquilos podem produzir tais efeitos. Será que ninguém aprende  
27 com as histórias? As revoluções dos maiores Estados, os imprevisíveis golpes do  
28 inconstante destino, as terríveis desordens provocadas pelo amor, a tristeza causada pela  
29 saudade e pelo ciúme; qual é a causa de todas essas angústias e aflições? Tão somente as  
30 relações que os seres humanos estabelecem uns com os outros! Graças aos cuidados de  
31 minha mãe, estou isenta de todos esses contratemplos. Não conheço as amarguras do  
32 coração, os desejos inúteis e a inveja, não conheço o amor e nem o ódio. Ora, vivamos,  
33 vivamos para sempre com essa indiferença!

34 Abricotina não ousou responder; a princesa esperou um pouco e depois  
35 perguntou-lhe se não tinha nada a dizer. Ela afirmou, enfim, que fora inútil ter enviado  
36 seu retrato a inúmeras cortes, e que isso servira apenas para tornar as pessoas infelizes:  
37 todos desejariam conhecê-la, mas se desesperariam ao saber que seria impossível.

1 — Confesso-te, apesar de tudo, que gostaria que meu retrato caísse nas mãos  
2 daquele estranho cujo nome não sabes — disse a princesa.

3 — Ora, madame — ela respondeu. — Acaso não considerais suficiente o quanto  
4 ele já deve estar sofrendo com o violento desejo de querer conhecer-vos? Desejais agravar  
5 a situação?

6 — Sim! — exclamou a princesa. — Um certo ímpeto de vaidade me conduz a isso,  
7 algo que até então eu desconhecia.

8 O Duende ouviu aquilo tudo, sem perder uma palavra; de fato, enquanto muitas  
9 mulheres gostam de iludir com falsas esperanças, outras preferem destruí-las  
10 completamente.

11 Já era tarde quando a princesa entrou em seu quarto para dormir. O Duende bem  
12 que desejou segui-la para assistir à sua toalete, no entanto, embora pudesse, o respeito que  
13 nutria por ela impediu-o de fazê-lo. Ele considerava que só deveria tomar as liberdades  
14 que ela estivesse disposta a conceder-lhe; ademais, sua paixão era tão delicada e ingênu  
15 que ele se preocupava até com os pequenos detalhes.

16 Sendo assim, Leandro foi para um cômodo próximo ao quarto da princesa, onde  
17 ao menos teria o prazer de ouvi-la falar. Ela perguntou à Abricotina se havia visto algo de  
18 extraordinário em sua pequena viagem.

19 — Madame, passei por uma floresta onde vi animais parecidos com crianças —ela  
20 relatou. — Eles saltam e dançam nas árvores, como os esquilos. São muito feios, mas têm  
21 uma habilidade inigualável!

22 — Ah, como eu gostaria de vê-los! — disse a princesa. — Se eles não fossem tão  
23 ligeiros, alguém poderia capturá-los para mim!

24 O Duende, que havia passado por aquela floresta, suspeitou que elas estivessem  
25 falando dos macacos. Imediatamente, ele desejou ir para lá; capturou uma dúzia de  
26 macacos grandes, pequenos e de muitas cores diferentes. Com muita dificuldade,  
27 colocou-os em um grande saco e depois desejou ir a Paris, pois ouvira dizer que naquele  
28 lugar era possível encontrar tudo o que se desejasse em troca de dinheiro. Ele foi à butique  
29 de Dautel<sup>31</sup>, um sujeito curioso, e comprou dele uma pequena carruagem dourada e seis  
30 arreios de couro avermelhado<sup>32</sup> guarnecidos de ouro, os quais foram utilizados para arrear  
31 seis macacos verdes. Em seguida, ele foi à loja de Brioché, um famoso marionetista, onde  
32 encontrou dois macacos excepcionais: o mais inteligente se chamava Briscambille<sup>33</sup>, o

---

<sup>31</sup> Nadine Jasmin informa que Dautel era o nome de um comerciante parisiense, dono de uma butique. Ele vendia jóias e cerâmicas de luxo (AULNOY, 2008 [1697], p. 228).

<sup>32</sup> *Harnois de maroquin*: há, no Brasil, a designação “arreio marreca” ou “sela marreca” para se referir a um tipo de arreio de couro curtido de tom avermelhado.

<sup>33</sup> *Briscambille*: nome que faz referência a um antigo jogo de cartas francês que consiste em “casar” o rei e a rainha para receber um bônus na pontuação. A variante italiana se chama “bríscola”, enquanto a portuguesa

1 nome do outro era Perceforêt<sup>34</sup>, muito galante e educado. Briscambille foi vestido de rei e  
2 colocado na carruagem; Perceforêt serviu de cocheiro, enquanto os outros macacos foram  
3 feitos de pajens. Jamais existiu nada assim tão gracioso! Ele colocou a carruagem e os  
4 macacos adestrados no mesmo saco em que os demais estavam. Como a princesa ainda  
5 não havia ido dormir, ouviu de sua varanda o som da pequena comitiva. Não demorou  
6 para que suas ninfas viessem lhe contar sobre a chegada de um “rei dos anões”; naquele  
7 mesmo instante, a carruagem entrou em seu quarto com o cortejo simiesco<sup>35</sup>: os macacos  
8 da floresta fizeram muitos truques de passe-passe<sup>36</sup>, que foram tão bons quanto os de  
9 Briscambille e Perceforêt. De fato, era o Duende quem dirigia toda aquela apresentação.  
10 Ele tirou um macaquinho de dentro da carruagem de ouro, o qual segurava uma caixinha  
11 coberta de diamantes que foi dada à princesa com grande graça. Ao abri-la, ela encontrou  
12 um bilhete que continha estes versos:

13  
14  
15  
16  
17  
18  
19  
20  
21  
22

*Quanta beleza, quanto esplendor!  
Delicioso palácio, como sois encantador!  
Mas não sois assim tão belo  
Quanto aquela a quem anelo.  
Ó, bendita tranquilidade  
Que reina neste paraíso escondido!  
Aqui eu perco minha liberdade,  
Não ousou falar e nem me fazer conhecido!*

23 É fácil imaginar a surpresa da princesa: Briscambille acenou a Perceforêt para que  
24 fosse dançar com ele. Nem mesmo os mais famosos macacos adestrados eram tão hábeis  
25 quanto aqueles dois. A princesa, porém, dispensou os bailarinos mais cedo do que faria  
26 normalmente, pois, embora eles a divertissem infinitamente e a fizessem rir até passar  
27 mal, ficou inquieta por não saber quem era o autor daqueles versos. Por fim, ela se  
28 entregou inteiramente às suas reflexões, mas não conseguiu desvendar aquele mistério  
29 tão encoberto.

30 Contente pelos efeitos da leitura atenta de seus versos e pela alegria da princesa ao  
31 ver os macacos, Leandro quis descansar um pouco, era o que ele mais precisava. Com

---

é conhecida como “bisca”. Nadine Jasmin informa que esse é o apelido de Jean Gracieux, um ator de teatro e autor de farsas do século XVII (AULNOY, 2008 [1697], p. 228).

<sup>34</sup> *Perceforêt*: se traduzido literalmente, “fura floresta”, o que está em consonância com sua ocupação de cocheiro. “Perceforest” também é o nome do personagem que dá título a um antigo romance de cavalaria francês do século XIV.

<sup>35</sup> *La cortège singenois* (neologismo).

<sup>36</sup> Técnica de ilusionismo que consiste em fazer truques de mágica com as mãos; prestidigitação.



1 medo de escolher um quarto ocupado por uma das ninfas da princesa, permaneceu por  
2 algum tempo na grande galeria do palácio e depois desceu as escadas. Ali, o príncipe  
3 encontrou uma porta aberta e entrou discretamente em um pequeno cômodo, o mais belo  
4 e agradável jamais visto, onde havia uma cama forrada de gaze dourada e verde, enfeitada  
5 com cordões de pérolas e borlas<sup>37</sup> de rubis e esmeraldas. Como já era dia, estava claro o  
6 suficiente para que ele pudesse admirar a extraordinária magnificência daquele  
7 mobiliário. Depois de fechar a porta, ele adormeceu. A lembrança da bela princesa,  
8 porém, fez com que ele despertasse diversas vezes; Leandro suspirava de amores por ela.

9 De tão impaciente que estava para vê-la, levantou-se depressa. Olhando em volta,  
10 deparou-se com uma tela em branco e tintas coloridas; lembrou-se do que a princesa  
11 dissera a Abricotina sobre seu retrato e, sem perder tempo (pois ele pintava melhor que  
12 os grandes mestres), sentou-se diante de um grande espelho e fez um autorretrato.  
13 Depois, pintou a princesa em um retrato oval, tendo-a tão vívida em sua memória que  
14 não precisou vê-la para traçar o primeiro esboço. Depois, admirando-a, aperfeiçoou a  
15 obra sem que ela percebesse. Movido pelo desejo de agradá-la, Leandro acabou fazendo o  
16 retrato mais perfeito que já existiu: pintara a si mesmo de joelhos, segurando o retrato da  
17 princesa em uma das mãos e, na outra, um pergaminho com a seguinte inscrição:

18  
19 *É ainda melhor em meu coração.*  
20

21 Quando a princesa entrou em seu gabinete, ficou espantada ao ver o retrato de um  
22 homem; com os olhos fixos na pintura, surpreendeu-se ainda mais ao reconhecer a si  
23 mesma. As palavras escritas no pergaminho instigaram grandemente a sua curiosidade,  
24 fazendo com que ela comesse a divagar. Como estava sozinha naquele momento, bem  
25 que poderia suspeitar da ocorrência de uma eventualidade sobrenatural; porém, logo  
26 convenceu-se de que fora Abricotina a responsável por tal galanteria. Só lhe restava saber  
27 se o retrato daquele cavalheiro era tirado da imaginação ou se de fato existia um original.  
28 Levantando-se depressa, correu para chamar Abricotina. O Duende, trajando o  
29 chapeuzinho vermelho, já se encontrava no gabinete, muito curioso para saber o que iria  
30 acontecer.

31 A princesa pediu a Abricotina que analisasse o quadro e lhe dissesse o que sentia  
32 a respeito dele. Assim que ela o viu, gritou:

33 — Eu vos garanto, madame, que este é o retrato daquele generoso estrangeiro a  
34 quem devo minha vida! Sim, é ele, eu não tenho dúvidas! Eis aí suas feições, sua altura,  
35 seu cabelo e seu porte.

36 — Finges surpresa, mas foste tu que o colocaste aqui! — afirmou a princesa.

---

<sup>37</sup> Objeto decorativo de passamanaria; adorno em que consta uma base de onde pendem franjas.

1 — Madame, juro que nunca vi essa pintura em minha vida! — replicou Abricotina.  
2 — Teria eu a audácia de vos faltar com a verdade? Nem com um milagre eu seria capaz  
3 de fazer uma pintura como essa! Eu não sei pintar e homem algum jamais esteve aqui. O  
4 fato, entretanto, é que fostes retratada nessa tela.

5 — Estou totalmente apavorada! — exclamou a princesa. — Isso deve ter sido obra  
6 de algum demônio!

7 — Madame, acaso não seria uma armadilha do Amor? — sugeriu Abricotina. —  
8 E se for, como eu acredito que seja, eis o conselho que ousou vos dar: vamos queimá-lo  
9 imediatamente!

10 — Que pena! Parece-me que meu gabinete ficaria muito bem ornamentado com  
11 este quadro... — lamentou a princesa, suspirando enquanto o admirava.

12 Mas Abricotina seguiu insistindo que elas deveriam queimar o objeto, afinal ele só  
13 poderia ter aparecido ali por intermédio de algum poder mágico.

14 — “É ainda melhor em meu coração” — a princesa leu. — Vamos mesmo queimá-  
15 lo?

16 — Não deveis aceitar nada disso! — respondeu Abricotina. — Nem mesmo um  
17 retrato vosso.

18 E a confidente saiu bem depressa atrás de uma tocha. Disposta a não mais admirar  
19 o retrato que tanto comovera o seu coração, a princesa foi para perto de uma janela. O  
20 Duende, por sua vez, temendo que o queimassem, aproveitou o momento para pegá-lo  
21 sem que ela percebesse. Ele mal havia saído do gabinete quando a princesa decidiu  
22 retornar ao lugar onde antes estivera o lindo retrato que tanto a agradara. Qual não foi a  
23 sua surpresa ao não encontrá-lo novamente? Procurou-o por toda parte. Quando  
24 Abricotina voltou, a princesa quis saber se ela tinha tirado o quadro de lá. A criada  
25 garantiu que não, o que bastou para deixá-las bem assustadas.

26 O Duende tratou de esconder o retrato e depois voltou para junto de sua amada.  
27 Ele sentia um imenso prazer em ouvir e admirar a bela princesa; com o auxílio do gato  
28 azul, eles ceavam juntos todos os dias, o que não era nada fácil de se fazer. Toda aquela  
29 situação não era do agrado do Duende, que não ousava falar e nem podia ser visto; é raro  
30 que uma pessoa invisível consiga se fazer amada.

31 A princesa gostava de qualquer coisa que fosse bonita e, dada a situação em que  
32 seu coração se encontrava, ela precisava de alguma distração. Certo dia, na companhia de  
33 todas as suas ninfas, disse-lhes que teria grande prazer em saber como as damas se vestiam  
34 nas diferentes cortes do universo, a fim de que pudessem optar pelos trajes que lhes  
35 parecessem mais galantes. Bastou ao Duende ouvir aquilo para decidir percorrer o  
36 universo. Colocou seu chapeuzinho vermelho e desejou estar na China; lá, ele comprou  
37 os tecidos mais bonitos que encontrara e levou um modelo de traje típico. Depois voou  
38 para Sião, onde fez o mesmo. Enfim, ele viajou para todas as quatro partes do mundo em

1 três dias. À medida em que ficava carregado, voltava ao Palácio dos Prazeres Tranquilos  
2 e escondia tudo em um cômodo. Quando terminou de recolher um número infinito de  
3 raridades (pois o dinheiro não lhe custava nada, já que sua rosa lhe fornecia um  
4 suprimento incessante), ele foi a Paris e comprou cinco ou seis dúzias de manequins e os  
5 vestiu; este era o lugar cuja moda estava em voga no mundo. Havia modelos para todos  
6 os gostos e todos de uma magnificência ímpar. Por fim, o Duende organizou uma  
7 exposição no gabinete da princesa.

8 Ao adentrar o cômodo, ela teve a surpresa mais aprazível de sua vida. E mais: cada  
9 um dos manequins portava um presente. Eles usavam relógios, pulseiras, botões de  
10 diamante e colares; o que mais se destacava tinha uma caixa de retratos. A princesa o abriu  
11 e encontrou o retrato de Leandro; a lembrança que conservava do primeiro retrato fez  
12 com que ela o reconhecesse no segundo. Soltou um ruidoso grito; depois, olhando para  
13 Abricotina, disse-lhe:

14 — Eu não consigo entender tudo o que vem acontecendo há algum tempo neste  
15 palácio! Meus pássaros estão plenos em sabedoria e basta que eu faça um pedido para que  
16 ele se realize. É a segunda vez que me deparo com o retrato daquele desconhecido que te  
17 salvou das mãos dos ladrões! Eis aqui tecidos, diamantes, bordados, rendas e infinitas  
18 raridades. Quem é a fada ou o demônio que se preocupa em me render favores assim tão  
19 agradáveis?

20 Ouvindo-a falar, o Duende escreveu estas palavras em suas tabuinhas e atirou-as  
21 aos pés da princesa:

22  
23 *Não, não sou demônio nem fada alguma,*  
24 *Sou apenas um infeliz enamorado*  
25 *Que por vós não pode ser admirado;*  
26 *Tende piedade da minha fortuna.*  
27

## 28 O PRÍNCIPE DUENDE.

29  
30 De tanto que as tabuinhas brilhavam de ouro e pedrarias, a princesa avistou-as de  
31 imediato; abrindo-as, leu o que o Duende escrevera com grande espanto.

32 — Esse homem invisível não deve passar de um monstro, visto que não ousa se  
33 mostrar! — disse ela. — Se ele realmente tivesse algum apreço por mim, não teria tido a  
34 desfaçatez de me presentear com um retrato tão comovente como aquele! Ele não deve  
35 me amar de verdade, pois colocou meu coração à prova; ademais, ele também não deve  
36 ter um bom juízo sobre si mesmo, já que pensa ser muito mais amável do que realmente  
37 deve ser!

1 — Ouvi dizer, madame, que os duendes são feitos de ar e fogo, que eles não têm  
2 corpo e que agem tão somente com os poderes da mente, conforme seus desígnios —  
3 respondeu Abricotina.

4 — Eu estou bem certa de que um amante assim jamais perturbaria o repouso em  
5 que vivo! — replicou a princesa.

6 Leandro se alegrou ao ouvi-la e vê-la tão interessada em seu retrato. Lembrou-se  
7 de que havia uma gruta para onde a princesa ia com muita frequência; lá havia um  
8 pedestal sobre o qual colocariam um busto de Diana, peça que ainda não estava finalizada.  
9 Ele foi para lá trajado em vestes extraordinárias, coroadado de louros, segurando uma lira  
10 na mão, instrumento que tocava melhor que Apolo<sup>38</sup>. Com grande impaciência, esperou  
11 a visita de sua princesa, tal como ela fazia todos os dias. Aquele era o lugar para onde ela  
12 ia a fim de divagar sobre o desconhecido; ficava inquieta ao pensar em tudo o que  
13 Abricotina lhe dissera a respeito dele e no prazer que sentira ao olhar seu retrato. Desde  
14 então, a princesa passara a querer ficar cada vez mais tempo sozinha e seu bom humor  
15 havia começado a mudar, tanto que suas ninfas quase não a reconheciam.

16 Quando entrou na gruta, fez sinal para que não a seguissem, e as ninfas se  
17 dispersaram em caminhos separados. Desacompanhada, a princesa lançou-se sobre um  
18 leito de palha, suspirou e derramou algumas lágrimas; chegou a balbuciar algo, mas o  
19 fizera tão baixinho que o Duende não fora capaz de ouvi-la. Ele havia colocado o  
20 chapeuzinho vermelho para que ela não o visse logo ao chegar, mas depois o tirou,  
21 fazendo com que a princesa enfim o avistasse com extrema surpresa. Ela, porém,  
22 imaginou que fosse mesmo uma estátua, pois Leandro se disfarçara justamente para se  
23 parecer com uma. Ela o admirou com um misto de alegria e pavor. Aquela visão tão pouco  
24 esperada de fato a espantara; aos poucos, porém, o prazer suplantou o medo, e ela se  
25 afeiçoou a apreciar uma escultura tão próxima ao natural. Foi quando o príncipe,  
26 afinando a lira ao tom de sua voz, entoou estas palavras:

27  
28 *Como é perigosa a aventura de amar!*

29 *Até o mais indiferente se torna sensível.*

30 *Em vão prometi nunca mais me apaixonar,*

31 *Mas já perdi a esperança: isso é impossível!*

32 *Por que dizem que esse reinado*

33 *É o lugar dos prazeres tranquilos?*

34 *Desde que aqui cheguei, vivi sempre aprisionado,*

35 *E para aqui permanecer, meus desejos foram suprimidos.*

---

<sup>38</sup> Apolo, deus grego famoso pela extrema beleza, era irmão gêmeo de Ártemis, cujo equivalente romano era a referida Diana.

1 *Agora, porém, eu me entrego a esse ardente amor,*  
2 *E para sempre viverei aqui se preciso for.*  
3

4 Por mais encantadora que a voz de Leandro fosse, a princesa não resistiu ao susto  
5 que levou: ficou pálida e caiu inconsciente. Alarmado, o Duende saltou do pedestal ao  
6 chão e tornou a colocar seu chapeuzinho vermelho para que ninguém pudesse vê-lo.  
7 Tomou a princesa em seus braços e socorreu-a com zelo e ardor inigualáveis. Quando ela  
8 tornou a abrir seus lindos olhos, começou a olhar em volta, como se o procurasse, mas  
9 não o avistou. Mesmo assim, sentindo a sua presença, pegou suas mãos, beijou-as e  
10 molhou-as com lágrimas. Depois disso, permaneceu calada por bastante tempo; seu  
11 espírito inquieto hesitava entre o medo e a esperança. Ela temia o Duende, mas  
12 certamente o amaria se ele assumisse a forma daquele desconhecido.

13 — Duende, galante Duende, quem me dera se fôsseis aquele a quem desejo! — ela  
14 exclamou.

15 Ao ouvir essas palavras, ele bem que esteve prestes a se declarar, mas preferiu não  
16 arriscar. Ele afirmou:

17 — Se assusto a quem adoro, se tendes medo de mim, não conseguireis amar-me  
18 de verdade!

19 Depois de expressar tais considerações, ele emudeceu e retirou-se para um canto  
20 da caverna.

21 A princesa, acreditando estar sozinha, chamou Abricotina e contou-lhe as  
22 maravilhas da estátua animada. Disse-lhe que sua voz era celestial e que, ao desmaiar, o  
23 Duende a resgatara com muito cuidado.

24 — É uma pena que esse Duende seja disforme e pavoroso! — disse a princesa. —  
25 Não há de existir alguém com modos mais graciosos e amáveis que os dele!

26 — E quem vos garante, madame, que ele seja tal como imaginais? — replicou  
27 Abricotina. — Acaso Psiquê<sup>39</sup> não pensava que seu amado fosse uma serpente? Vosso caso  
28 tem algo de semelhante ao dela, afinal não sois menos bonita. Se é o Cupido quem vos  
29 ama, não o amareis de volta?

30 — Ora, se o Cupido e o desconhecido fossem a mesma pessoa, eu certamente o  
31 amaria! — declarou a princesa. — Mas estou muito longe de viver tal felicidade!  
32 Encontro-me presa a uma quimera! Ademais, quando me deparo com o retrato fatal  
33 daquele desconhecido e me recordo do que me disseste sobre ele, sinto-me transportada  
34 a uma condição oposta aos preceitos que recebi de minha mãe! Tenho muito medo de ser  
35 punida por isso.

---

<sup>39</sup> Em dada altura da história de Cupido e Psiquê, esta é levada a crer, erroneamente, que o ser invisível com quem se deita seria, na verdade, uma cobra monstruosa.

1 — Pois bem, madame! — disse Abricotina, interrompendo-a. — Acaso já não  
2 tendes problemas demais? Não sofraís antecipadamente por infortúnios que jamais vos  
3 acontecerão.

4 É fácil imaginar o quanto essa conversa agradou a Leandro.

5 Enquanto isso, o pequeno Furibundo, ainda apaixonado pela princesa mesmo sem  
6 nunca tê-la visto, aguardava impacientemente o retorno dos quatro homens que enviara  
7 à Ilha dos Prazeres Tranquilos. Apenas um deles retornou e prestou-lhe conta de tudo.  
8 Contou-lhe que a ilha era defendida por Amazonas e que a menos que ele fosse para lá  
9 liderando um grande exército, jamais conseguiria entrar.

10 O rei, seu pai, havia morrido, e Furibundo tornara-se dono de tudo. Reuniu mais  
11 de quatrocentos mil homens e partiu à frente deles. Mas que belo general! Até mesmo  
12 Briscambille e Perceforêt tinham uma aparência melhor que a dele. Seu cavalo de batalha  
13 não tinha mais que meio metro<sup>40</sup> de altura. Quando as Amazonas avistaram aquele grande  
14 exército, foram avisar a princesa, que não tardou em enviar a fiel Abricotina ao reino das  
15 fadas; sua missão era perguntar à mãe da princesa o que deveria ser feito para expulsar o  
16 pequeno Furibundo de sua ilha. A fada, porém, encontrava-se deveras zangada:

17 — Eu sei de tudo o que minha filha tem feito — ela disse a Abricotina. — O  
18 príncipe Leandro está em seu palácio: ele a ama e é amado. Todo o meu cuidado não foi  
19 o bastante para protegê-la da tirania do amor; eis que ela se encontra sob seu domínio  
20 fatal. Céus! Cruel que é, o homem não se contenta com os males que me fez, ele também  
21 quer exercer o seu poder sobre aquela a quem eu amo mais do que minha própria vida!  
22 Mas se esses são os decretos do destino, não posso me opor a eles. Retirai-vos, Abricotina,  
23 não quero ouvir mais nada sobre aquela menina; seus sentimentos me causam muito  
24 pesar!

25 Abricotina relatou as más notícias à princesa; faltou pouco para que ela não  
26 entrasse em desespero. O Duende estava junto dela e, invisível, partilhou de sua grande  
27 dor com extrema tristeza. Não ousou dizer nada naquele momento, mas lembrou que  
28 Furibundo era muito interesseiro e que se lhe oferecessem algum dinheiro, talvez aceitasse  
29 a retirada.

30 Vestido de Amazona, Leandro desejou ir à floresta a fim de reencontrar seu cavalo.

31 — Grisalho! Grisalho! — ele chamou.

32 E logo o cavalo apareceu, pulando e saltitando, pois havia muito tempo que sentia  
33 falta da companhia de seu amado mestre. Porém, como ele estava vestido de mulher,  
34 Grisalho não o reconheceu e pensou ter sido enganado. Leandro dirigiu-se ao  
35 acampamento de Furibundo e todos pensaram que fosse mesmo uma Amazona, de tão

---

<sup>40</sup> *Demie-aune de haut*: *aune* era uma antiga medida de comprimento, equivalente a pouco mais de um metro.

1 bonito que estava. Foram dizer ao rei que uma jovem dama pedia para falar com ele em  
2 nome da Princesa dos Prazeres Tranquilos. Furibundo vestiu o manto real bem depressa  
3 e assentou-se em seu trono; qualquer um diria que não passava de um sapo gordo  
4 fingindo-se de rei.

5 Disfarçado, Leandro discursou e disse-lhe que a princesa preferia uma vida doce  
6 e pacífica aos tumultos da guerra, por isso a enviara para oferecer-lhe a quantia que  
7 quisesse para deixá-la em paz. Disse também que, por outro lado, caso recusasse essa  
8 proposta, a princesa estava disposta a fazer de tudo para se defender. Furibundo  
9 respondeu que teria piedade e lhe concederia a honra de sua proteção; tudo o que tinham  
10 de fazer era enviar-lhe cem mil milhares de milhões de pistolas<sup>41</sup> para que retornasse  
11 imediatamente ao seu reino. Leandro replicou, dizendo que levaria muito tempo para  
12 contar cem mil milhares de milhões de pistolas e que bastava dizer quantas cabines cheias  
13 de dinheiro ele queria, pois a princesa era generosa e poderosa o suficiente para não  
14 precisar contar. Furibundo ficou surpreso ao ser-lhe oferecida a possibilidade de  
15 aumentar a oferta em vez de diminuí-la. Pensou consigo mesmo que deveria pegar todo  
16 o dinheiro que pudesse, prender a Amazona e matá-la para que não pudesse voltar à  
17 presença de sua ama.

18 Furibundo respondeu que queria trinta cabines bem grandes, todas repletas de  
19 moedas de ouro. Leandro foi levado para dentro das cabines que deveria encher de ouro;  
20 pegou a rosa e começou a sacudi-la, sacudiu tanto, mas tanto, que viu cair pistolas,  
21 quádruplos, luíses<sup>42</sup>, escudos de ouro, rosas nobres<sup>43</sup>, soberanos<sup>44</sup>, guinéus<sup>45</sup> e sequins<sup>46</sup>  
22 como uma chuva intensa: poucas coisas no mundo seriam mais belas de se ver.

23 Furibundo alegrou-se, ficou extasiado, e quanto mais ouro ele via, mais desejava  
24 prender a Amazona e raptar a princesa. Assim que as trinta cabines ficaram cheias, ele  
25 ordenou a seus guardas:

26 — Prendei, prendei essa vigarista! Ela está me trazendo dinheiro falsificado!

27 Os guardas bem que tentaram capturá-la, mas assim que o chapeuzinho vermelho  
28 foi colocado, ela desapareceu. Pensando que a Amazona tivesse fugido, todos partiram à  
29 sua procura e deixaram Furibundo sozinho. Naquele momento, o Duende agarrou-o

---

<sup>41</sup> *Cent mille mille mille millions de pistoles*. “Pistola” era uma antiga moeda de prata que equivalia a 10 libras (COIMBRA, 1957, p. 247).

<sup>42</sup> Antiga moeda que apresentava a efígie do rei gravada em um de seus lados e chegou a valer 20 libras na época em que foi cunhada, por volta de 1640 (COIMBRA, p. 244-245).

<sup>43</sup> *Noble à la rose*: antiga moeda inglesa de ouro que trazia a inscrição da rosa de York ou da rosa de Lancastre. Em 1419, cem mil escudos de ouro equivaliam a um *noble* inglês (COIMBRA, 1957, p. 246).

<sup>44</sup> *Souverain*: antiga moeda inglesa; libra de ouro que começou a ser cunhada no final do século XV, sendo a moeda de maior valor à época.

<sup>45</sup> *Guinée*: antiga moeda inglesa de ouro, cunhada em meados do século XVII com uso destinado ao tráfico de escravos; primeira moeda de ouro feita à máquina. Correspondia a uma libra, tal como o soberano.

<sup>46</sup> *Sequin*: antiga moeda de ouro cunhada em Veneza a partir do século XIII.

1 pelos cabelos cortou-lhe a cabeça fora como se fosse uma galinha, tudo isso sem que o  
2 reizinho infeliz pudesse ver a mão que o degolava.

3 Com a cabeça de Furibundo em mãos, o Duende desejou ir ao Palácio dos  
4 Prazeres. A princesa andava a esmo, refletindo tristemente sobre as palavras de sua mãe.  
5 Pensava também nos meios de expulsar Furibundo, missão que considerava muito difícil  
6 de ser realizada, pois agora se encontrava sozinha com um pequeno número de Amazonas  
7 que não podiam defendê-la contra quatrocentos mil homens. De repente, avistou uma  
8 cabeça no ar, flutuando sem que ninguém a segurasse. Tal prodígio deixou-a tão  
9 fortemente assustada que ela sequer conseguiu raciocinar. Depois, para piorar, a cabeça  
10 foi colocada a seus pés sem que ela pudesse enxergar a mão que a carregava. Por fim, a  
11 princesa escutou uma voz a lhe dizer:

12 — Não tenhais medo, charmosa princesa, Furibundo nunca vos fará mal.

13 Abricotina reconheceu a voz de Leandro e exclamou:

14 — Eu vos garanto, madame, que o ser invisível que vos fala é o estrangeiro que me  
15 resgatou!

16 A princesa parecia espantada e encantada.

17 — Ora, se é verdade que o Duende e o estrangeiro são a mesma pessoa, confesso  
18 que teria grande prazer em demonstrá-lo minha gratidão!

19 Mas o Duende replicou:

20 — Ainda tenho um trabalho a cumprir para merecê-la!

21 Dito isso, ele retornou à presença do exército de Furibundo, onde a notícia de sua  
22 morte havia acabado de se espalhar. Assim que Leandro apareceu em seus trajes  
23 costumeiros, todos correram até ele; os capitães e soldados cercaram-no com gritos de  
24 alegria e o reconheceram como seu rei, afirmando que a coroa lhe pertencia. Leandro deu-  
25 lhes permissão para dividirem entre si as trinta cabines cheias de ouro, de modo que os  
26 membros daquele exército ficaram ricos por toda eternidade. Os soldados ainda  
27 demonstraram sua fidelidade ao novo rei com a realização de algumas cerimônias. Por  
28 fim, Leandro ordenou-lhes que retornassem imediatamente ao reino e depois voltou para  
29 junto de sua princesa.

30 Era tarde e a princesa já havia se recolhido; movido pelo profundo respeito que  
31 nutria por ela, o príncipe decidiu que não entraria em seus aposentos. Sendo assim, ele se  
32 retirou para seu próprio quarto no andar de baixo, onde havia dormido desde que  
33 chegara. Estava muito cansado e ansiava por repouso, tanto que esqueceu-se de fechar a  
34 porta, como costumava fazer.

35 Morrendo de calor e ansiedade, a princesa levantou-se mais cedo que a Aurora e,  
36 ainda despida, dirigiu-se ao cômodo inferior. Qual não foi sua surpresa ao encontrar  
37 Leandro dormindo em uma cama! Ela teve tempo o bastante para admirá-lo sem ser vista,



1 a fim de convencer-se de que ele era a pessoa cujo retrato estava guardado em sua caixa  
2 de diamantes.

3 — Será possível que esse seja o Duende? — a princesa pensou consigo mesma. —  
4 Será que os duendes dormem? Será isso um corpo de ar e fogo que não ocupa nenhum  
5 espaço, tal como Abricotina me disse?

6 Dizendo isso, tocou-lhe os cabelos docemente e escutou sua respiração. Não  
7 conseguia afastar-se de Leandro; sentia-se igualmente encantada e apreensiva por tê-lo  
8 encontrado. Em um dado instante, enquanto estava distraída a admirá-lo, sua mãe, a fada,  
9 surgiu, fazendo um estrondo tão espantoso que Leandro acordou sobressaltado. Que  
10 surpresa e que aflição ele sentiu ao deparar-se com a princesa em uma situação tão  
11 desesperadora! Arrastando-a para fora, sua mãe a censurou com mil repreensões. Ó, que  
12 dor para esses jovens amantes! Estavam prestes a serem separados para sempre! A  
13 princesa não ousava dizer nada à terrível fada; limitava-se a olhar para Leandro como se  
14 clamasse por ajuda.

15 Ele bem julgou que não seria capaz de deter uma pessoa tão poderosa assim, mas  
16 tentou comover aquela mãe irritada com a sua eloquência, demonstrando submissão.  
17 Correu atrás dela e atirou-se a seus pés, suplicando-lhe que tivesse pena de um jovem rei  
18 que jamais mudaria o modo de agir com sua filha, afirmando que seu maior desejo era  
19 mantê-la sempre feliz. Encorajada por esse exemplo, a princesa abraçou os joelhos de sua  
20 mãe e disse-lhe que sem o rei ela não poderia viver contente, pois tinha grandes deveres  
21 para com ele. Mas a fada gritou:

22 — Não conheceis as desgraças do amor e as traições que esses gentis impostores  
23 são capazes de fazer! Eles nos encantam apenas para nos envenenar, eu já passei por isso.  
24 Acaso desejais um destino semelhante ao meu?

25 — Ah, madame, não haverá exceção? — replicou a princesa. — As garantias que  
26 o rei vos dá, e que parecem tão sinceras, não são suficientes para evitar o que temeis?

27 A teimosa fada deixou os dois suspirando aos seus pés; eles encharcaram suas  
28 mãos de lágrimas, mas foi inútil, pois ela parecia irredutível. A mãe da princesa decerto  
29 não os perdoaria se não fosse pelo aparecimento da amável fada Gentil, que surgiu mais  
30 brilhante que o próprio sol. As Graças<sup>47</sup> a acompanhavam e ela vinha seguida por uma  
31 trupe de Amores, Jogos e Prazeres, que entoavam milhares de canções agradáveis e  
32 inéditas; eles brincavam como crianças. Gentil abraçou a velha fada.

33 — Minha querida irmã — disse-lhe ela. — Estou convencida de que não vos  
34 esquecesteis dos bons ofícios que vos prestei quando desejastes retornar ao nosso reino.  
35 Sem a minha ajuda, jamais teríeis sido recebida de volta. Desde então, eu não vos pedi  
36 nenhum favor. No entanto, eis que é chegado o momento de me concederdes algo

---

<sup>47</sup> As Graças (ou Cárites), comumente retratadas em trio, são deusas que representam virtudes.

1 essencial: perdoai esta bela princesa e permiti que este jovem rei se case com ela! Eu vos  
2 garanto que os sentimentos dele jamais mudarão. Seus dias serão fiados de ouro e seda;  
3 essa aliança vos encherá de satisfação e jamais me esquecerei do prazer que me destes.

4 — Eu consinto com tudo o que desejais, querida Gentil! — exclamou a fada. —  
5 Vinde, meus filhos, vinde em meus braços e recebei a garantia de minha amizade.

6 Ao dizer essas palavras, ela abraçou a princesa e seu amado. A fada Gentil, cheia  
7 de alegria, começou a entoar um hino matrimonial com toda sua trupe; a doçura daquela  
8 sinfonia despertou todas as ninfas do palácio e elas vieram correndo com suas leves  
9 túnicas de gaze para ver o que estava acontecendo.

10 Que agradável surpresa para Abricotina! Ela reconheceu Leandro assim que o viu  
11 segurando a mão da princesa; não havia dúvidas de que ambos estavam muito felizes. Isso  
12 foi confirmado no momento em que a fada mãe lhes disse que transportaria a Ilha dos  
13 Prazeres Tranquilos, o castelo e todas as maravilhas ali contidas ao reino de Leandro.  
14 Disse também que passaria a viver com eles e que ainda lhes faria grandes bens.

15 — Qualquer dádiva que vossa generosidade vos inspire a conceder-me, madame,  
16 jamais será comparável ao presente que hoje recebi — disse o rei. — Vós me fizestes o  
17 mais feliz de todos os homens, e de todos o mais agradecido.

18 Esse pequeno elogio muito agradou a fada, pois ela era dos velhos tempos, de  
19 quando as pessoas elogiavam umas às outras o dia inteiro até por coisas simples<sup>48</sup>.

20 Como Gentil pensava em tudo, ela transportou os generais e capitães do antigo  
21 exército de Furibundo ao palácio da princesa em um passe de mágica para que pudessem  
22 testemunhar a galante festa que estava prestes a acontecer. E, de fato, ela cuidou de tudo:  
23 cinco ou seis volumes não seriam suficientes para descrever as comédias, as óperas, as  
24 corridas de argola<sup>49</sup>, as músicas, as lutas de gladiadores, as caçadas e todas as outras  
25 magnificências que ocorreram na ocasião daquele casamento encantador. A parte mais  
26 peculiar do matrimônio foi que, entre os bravos homens que a fada Gentil transportara  
27 àquele belo lugar, cada ninfa encontrou para si um marido tão apaixonado que era como  
28 se ambos estivessem se reencontrando depois de dez anos sem se verem, ainda que  
29 tivessem se conhecido havia menos de vinte e quatro horas. A pequena varinha da fada  
30 fora capaz de produzir esse e outros efeitos ainda mais extraordinários.

31  
32 *O que aconteceu com esses tempos ditosos,*

33 *Quando, pelo poder de uma fada,*

34 *A inocência era livrada*

---

<sup>48</sup> “[...] elle était du vieux temps où l'on complimentait tout un jour sur le pied d'une mouche.”

<sup>49</sup> *Courses de bagues*: competição a cavalo que consiste na tentativa de pegar um anel suspenso com a ponta de uma lança.

1 *Dos infortúnios mais perigosos?*  
2 *Com o auxílio de um chapéu e de uma rosa,*  
3 *Vimos acontecer uma transformação milagrosa.*  
4 *Podendo ver, mas sem ser visto,*  
5 *Percorreu o mundo um simples mortal,*  
6 *E encontrou pelos ares um caminho imprevisto.*  
7 *Leandro possuía uma rosa especial,*  
8 *Que fazia verter, malgrado a quantia,*  
9 *O metal precioso que a muitos aprazia.*  
10 *E pelo poder de outra flor magistral,*  
11 *De uma saúde perfeita ele pode desfrutar;*  
12 *A terceira, a meu ver, era a mais digna de louvor:*  
13 *Do sujeito amado o coração se podia provar;*  
14 *Para ver se nele ardia a chama do verdadeiro amor,*  
15 *Ou se era um fogo enganador.*  
16 *Pobres moças apaixonadas!*  
17 *Felizes são as ignorantes,*  
18 *Que com carícias são enganadas,*  
19 *Iludidas pelo amor de um farsante.*

## A PRINCESA PRIMAVERIL

1           Era uma vez um rei e uma rainha que tiveram muitos filhos. Porém, todos eles  
2 acabaram morrendo, infortúnio que deixou o casal deveras aborrecido; essa era a maior  
3 tristeza dos dois. Possuíam bens de sobra, só lhes faltava herdeiros. Havia cinco anos que  
4 a rainha não conseguia engravidar: todos pensavam que ela não teria mais nenhuma  
5 gestação, pois vivia sempre muito angustiada, lamentando a morte de todos os seus lindos  
6 príncipezinhos.

7           Mas enfim chegou o dia em que a rainha viu-se novamente grávida. Ela passava  
8 dia e noite pensando no que faria para conservar a vida da criaturinha que haveria de  
9 nascer; pensava também no nome que escolheria para ela, bem como nas roupas, nas  
10 bonecas e nos brinquedos que lhe daria.

11           Foi anunciado ao som de clarins e afixado em todos os cruzamentos que as  
12 melhores nutrizas de todos os reinos deveriam se apresentar à rainha, pois ela escolheria  
13 uma para cuidar de seu filho. Vieram mulheres dos quatro cantos do mundo, todas elas  
14 segurando crianças de colo. Um dia, depois de um passeio por um grande bosque, a rainha  
15 se sentou e disse ao rei:

16           — Senhor, ordenai que todas as nutrizas se apresentem e escolhei apenas uma,  
17 pois as nossas vacas não têm leite o suficiente para fornecermos mingau a tantas  
18 criancinhas.

19           — Como desejais, minha amada — disse o rei. — Vinde, vamos chamar as  
20 nutrizas.

21           E eis que elas começaram a se apresentar, uma após a outra, e todas prestavam  
22 grande reverência ao rei e à rainha. Em seguida, as nutrizas formaram uma fila e cada uma  
23 se posicionou junto a uma árvore. Suas feições foram analisadas: verificaram se os dentes  
24 estavam bonitos e se os seios estavam bem cheios de leite. Foi quando dois anõezinhos  
25 horrorosos apareceram. Eles puxavam uma carriola e vinham acompanhados de uma  
26 feiosa de pés tortos, manca, com uma grande corcunda, olhos fundos e a pele mais escura  
27 que piche. Ela segurava um filhote de macaco nos braços, a quem amamentava enquanto  
28 balbuciava algo que ninguém conseguia entender. Quando chegou a sua vez de se  
29 apresentar, a rainha a repeliu:

30           — Sai já daqui, gorda feiosa! — disse-lhe ela. — Sois muito atrevida em vos  
31 apresentardes de modo tão grosseiro; se insistirdes em ficar, farei com que vos expulsem  
32 à força!

33           Resmungando bem alto, a estranha se afastou. Junto de seus anõezinhos  
34 pavorosos, ela foi se esconder no oco de uma grande árvore, de onde conseguia ver tudo.

35           Esquecendo-se dela, a rainha enfim escolheu para si uma bela nutriz. No entanto,  
36 assim que a eleita foi nomeada, uma terrível serpente que estava escondida sob a relva

1 picou-lhe o pé e ela desfaleceu como se estivesse morta. A rainha se entristeceu com  
2 aquele acidente, mas logo lançou os olhos para outra candidata. Naquele mesmo instante,  
3 uma águia passou voando. Em suas garras, ela segurava uma tartaruga, que deixou cair  
4 justamente na cabeça da pobre nutriz; o casco se partiu em pedaços, como vidro. Ainda  
5 mais aflita, a rainha chamou uma terceira. Esta, querendo se aproximar o mais  
6 rapidamente possível, tropeçou e caiu sobre um arbusto repleto de longos espinhos que  
7 furaram os seus olhos.

8 — Ah! Quanta desgraça para um dia só! — exclamou a rainha. — Será possível  
9 que todas as nutrizes escolhidas por mim sejam tão azaradas? Vou deixar essa tarefa para  
10 o meu médico.

11 Enquanto ela se levantava para retornar ao palácio, ouviu que alguém gargalhava  
12 a plenos pulmões; olhando para cima, viu que atrás dela estava a corcunda malvada, que  
13 mais parecia um macaco com seu filhotinho dentro da carriola. Céus! Ela estava  
14 zombando de todos os presentes, especialmente da rainha. A soberana sentiu-se tão  
15 desrespeitada que quis aproximar-se dela e dar-lhe uma surra, pois suspeitava que ela  
16 fosse a responsável pelo mal que sucedera às nutrizes. A corcunda, porém, bateu três vezes  
17 com a sua varinha e os anões se transformaram em grifos alados; a carriola virou uma  
18 carruagem de fogo e todos voaram pelo ar, fazendo ameaças e grandes estrondos.

19 — Infelizmente, minha amada, estamos perdidos! — declarou o rei. — Essa é a  
20 fada Cacunda<sup>1</sup>, uma malvada que me odeia desde o tempo em que eu era um rapazinho,  
21 tudo por causa de uma maldade que lhe fiz, colocando enxofre em sua sopa. Desde então,  
22 ela sempre procurou vingança.

23 — Se ao menos eu tivesse perguntado o seu nome, poderia ter feito amizade com  
24 ela! — disse a rainha, chorando. — Estou certa de que morrerei!

25 Ao ver sua esposa tão angustiada, o rei lhe disse:

26 — Meu amor, busquemos conselhos sobre o que fazer.

27 E conduziu a rainha para longe dali, amparada em seus braços, pois ela ainda  
28 tremia de medo da fada Cacunda.

29 Quando o rei e a rainha chegaram ao palácio, mandaram chamar os seus  
30 conselheiros. As portas e janelas foram fechadas para que não fossem ouvidos. Eles  
31 tomaram a decisão de convidar para o nascimento da criança todas as fadas que morassem  
32 nos arredores, num raio de mil léguas<sup>2</sup>. Emissários foram prontamente enviados; os reis  
33 redigiram cartas muito bonitas e civilizadas às fadas, pedindo que elas fizessem um  
34 esforço para participar da cerimônia, mas que mantivessem o assunto em segredo, pois  
35 temiam que a fada Cacunda ficasse sabendo e resolvesse aparecer para criar problemas.

---

<sup>1</sup> *La fée Carabosse.*

<sup>2</sup> Uma légua corresponderia a cerca de cinco mil metros.

1 Como recompensa pelo comparecimento, foi-lhes prometido um sobretudo<sup>3</sup> de veludo  
2 azul, uma capa<sup>4</sup> de veludo amaranto<sup>5</sup>, pantufas forradas de cetim carmesim, tesourinhas  
3 douradas e um estojo cheio de finas agulhas.

4 Assim que os mensageiros partiram, a rainha começou a trabalhar com as suas  
5 donzelas e servas, a fim de preparar tudo o que havia prometido às convidadas. Ela  
6 conhecia várias fadas, mas apenas cinco compareceram. Elas chegaram no exato  
7 momento em que a rainha havia acabado de dar à luz uma pequena princesa. A primeira  
8 concedeu-lhe o dom da beleza perfeita; a segunda, o dom da inteligência infinita; a  
9 terceira, o dom de cantar maravilhosamente bem; a quarta, o dom de fazer obras em prosa  
10 e verso.

11 Quando a quinta fada abriu a boca para falar, ouviu-se um ruído vindo da  
12 chaminé, tal como uma grande pedra caindo do alto de um campanário; era Cacunda,  
13 que apareceu toda suja de fuligem e gritou com uma voz pungente:

14  
15 — *Eu fado essa criaturinha*  
16 *Com um azar muito azarado,*  
17 *Até vinte anos ter completado.*  
18

19 Ao ouvir aquelas palavras, a rainha, que estava em sua cama, começou a chorar,  
20 implorando à Cacunda que tivesse piedade da pequena princesa. Todas as fadas lhe  
21 disseram:

22 — Ai, minha irmã! Desfaizei essa má sorte, o que foi que ela vos fez?

23 Mas a fada feiosa as ignorou e nada respondeu. Diante disso, a quinta fada, que  
24 ainda não havia se pronunciado, tentou consertar as coisas e concedeu à princesa o dom  
25 de ter uma vida longa e próspera tão logo o prazo da maldição terminasse. Cacunda se  
26 limitou a rir e começou a cantarolar alguns versinhos irônicos enquanto ia embora,  
27 subindo pela mesma chaminé. Todas as fadas ficaram deveras consternadas com tudo  
28 aquilo, sobretudo a pobre rainha. Ela lhes entregou os presentes que prometera, até  
29 acrescentou alguns laços de fita de que elas gostaram muito. As fadas agradeceram-na  
30 carinhosamente. Por fim, antes de sair, a mais velha das boas fadas aconselhou-a a manter  
31 a princesa segura até que completasse vinte anos de idade; para isso, ela deveria  
32 permanecer muito bem trancafiada em um lugar onde não tivesse contato com ninguém,  
33 a não ser com as mulheres responsáveis por sua criação.

---

<sup>3</sup> *Hongrelíne*: sobretudo ou sobrecasaca que ia até a altura da coxa, muito popular no século XVII.

<sup>4</sup> *Cotillon*: espécie de capa com capuz.

<sup>5</sup> Rosa avermelhada; cor da flor de mesmo nome.

1 Para tanto, o rei mandou construir uma torre coberta e sem janelas, dentro da qual  
2 só seria possível enxergar à luz de velas. Seu único acesso se daria através de um túnel  
3 subterrâneo com uma légua de comprimento. Essa seria a via pela qual as nutrizes e  
4 governantas levariam à princesa tudo o que ela precisasse. A cada vinte passos haveria  
5 uma grande porta muito bem fechada, além de guardas por toda parte.

6 À jovem princesa deram o nome de Primavera<sup>6</sup>, pois ela se assemelhava aos lírios  
7 e às rosas, mais suave e vicejante que a primavera. Tudo o que ela dizia e fazia era de se  
8 admirar: aprendeu as ciências mais difíceis como se fossem as mais fáceis, e tornou-se tão  
9 grandiosa e tão bela que o rei e a rainha choravam de alegria sempre que a viam. A  
10 princesa costumava pedir a seus pais que ficassem mais tempo com ela ou então que a  
11 levassem consigo, pois vivia entediada; porém, sem que ela soubesse o porquê, eles sempre  
12 recusavam os seus pedidos.

13 A nutriz nunca a deixava sozinha. Era uma mulher muito inteligente e de vez em  
14 quando descrevia as coisas do mundo à princesa, que a tudo compreendia muito bem, tal  
15 como se pudesse vê-las. O rei dizia com frequência à rainha:

16 — Minha amada, Cacunda será lograda! Somos mais espertos que ela, nossa  
17 princesa Primavera será feliz apesar de suas previsões!

18 A rainha ria até chorar, pensando no desapontamento da fada malvada. Eles  
19 mandaram pintar retratos de Primavera, que foram enviados para o mundo inteiro, pois  
20 o prazo para libertá-la da torre se aproximava e eles queriam que ela se casasse. Restavam  
21 apenas quatro dias para completar os vinte anos; a corte e a cidade estavam em polvorosa  
22 pela vindoura libertação da princesa, uma alegria que se intensificou com a notícia de que  
23 o rei Merlin gostaria de tê-la como nora e que enviara o seu embaixador Fanfarrino<sup>7</sup> para  
24 fazer o pedido.

25 A nutriz contou tudo à princesa, dizendo que não haveria nada no mundo tão belo  
26 quanto a entrada da comitiva de Fanfarrino no reino.

27 — Ó, como sou azarada! — ela se lamentou. — Prenderam-me nesta torre sombria  
28 como se tivesse cometido algum crime grave! Nunca vi o céu, o sol e as estrelas, coisas das  
29 quais se falam tantas maravilhas. Nunca vi um cavalo, um macaco e um leão, a não ser  
30 nas pinturas. O rei e a rainha dizem que me tirarão daqui quando eu fizer vinte anos,  
31 tentam me ludibriar para que eu tenha paciência, mas eu sei muito bem que o que eles  
32 querem é me deixar perecer, sem que eu os tenha ofendido em nada!

33 E então desatou a chorar. Chorou tanto, mas tanto, que seus olhos ficaram do  
34 tamanho de um punho. Sua nutriz, sua irmã de leite, sua trocadora<sup>8</sup>, sua berçarista e sua

---

<sup>6</sup> *Printanière.*

<sup>7</sup> *Fanfarinet.*

<sup>8</sup> *Remueuse*: mulher responsável por trocar os panos (roupas de baixo, fraldas) dos filhos de figuras importantes, como príncipes e outros nobres.

1 governanta, mulheres que a amavam apaixonadamente, também começaram a chorar.  
2 Elas quase morreram sufocadas com tantos soluços e suspiros, foi uma grande desolação!

3 Quando percebeu que todas estavam tomadas por uma aflição intensa, a princesa  
4 pegou uma faca e disse em voz alta:

5 — Se não encontrardes uma maneira para que eu possa acompanhar a bela entrada  
6 de Fanfarrino sem que o rei e a rainha fiquem sabendo, irei me matar! Qual será a vossa  
7 decisão? Preferis que eu me degole em vez de me conceder esse favor?

8 Diante daquela situação, a nutriz e as outras prantearam ainda mais. Todas  
9 concordaram em deixá-la ver Fanfarrino, caso contrário morreriam de tristeza. Passaram  
10 o resto da noite propondo diferentes planos, mas nenhum deles parecia razoável.  
11 Primavera, que estava desesperada, continuava a pressioná-las:

12 — Creio que não me amais de verdade! Se me amásseis, saberíeis o que fazer. Li  
13 que o amor e a amizade superam qualquer coisa!

14 Enfim, elas concluíram que deveriam fazer um buraco na torre, no lado  
15 voltado para a cidade, por onde Primavera pudesse ver a chegada de Fanfarrino. A cama  
16 da princesa foi tirada do lugar e todas começaram a trabalhar imediatamente, sem parar,  
17 dia e noite. Primeiro removeram o gesso, depois as pedras pequenas; tanto fizeram que  
18 conseguiram abrir um orifício minúsculo, através do qual apenas uma agulhinha poderia  
19 passar, e ainda assim com grande dificuldade.

20 Foi por ali que Primavera viu a luz do dia pela primeira vez, o que a deixou  
21 deslumbrada. E como ela não parava de espiar pelo buraco, enfim pôde acompanhar  
22 a chegada de Fanfarrino, que vinha à frente de toda a sua trupe. Ele estava montado em  
23 um cavalo branco que dançava ao som das trombetas e saltava maravilhosamente bem.  
24 Seis flautistas tocavam as mais belas árias<sup>9</sup> da ópera, ao passo em que seis oboístas  
25 ecoavam as notas; trombetas e címbalos faziam grande estrondo. Fanfarrino usava um  
26 traje todo bordado de pérolas, botas douradas, plumas encarnadas, laços de fita por todo  
27 lado e inúmeros diamantes (pois o rei Merlin possuía câmaras cheias deles), tanto que o  
28 sol brilhava menos do que ele.

29 Ao ver aquilo, Primavera ficou completamente fora de si. Depois de refletir um  
30 pouco, ela jurou que não teria outro marido a não ser o belo Fanfarrino, pois estava certa  
31 de que o senhor a quem ele servia jamais o excederia em amabilidade. Ademais, a princesa  
32 afirmou que não cultivava nenhuma ambição: como sempre vivera trancafiada em uma  
33 torre, haveria de viver bem, se necessário, em um castelo qualquer, no campo, junto de  
34 Fanfarrino. Seria melhor viver de pão e água com ele do que de frangos e doces com outro.  
35 Enfim, ela disse tanta coisa que suas damas de companhia tiveram dificuldade de

---

<sup>9</sup> Canções contidas em uma obra maior.



1 acompanhar seu raciocínio. E quando tentaram fazê-la pensar em sua estirpe e no mal  
2 que faria a si mesma, a princesa não se dignou a escutá-las e ordenou que se calassem.

3 Assim que Fanfarrino chegou ao palácio do rei, a rainha foi buscar a sua filha.  
4 Todas as ruas estavam forradas de tapeçarias e havia damas às janelas; elas seguravam  
5 cestos repletos de flores, pérolas e, o que era ainda melhor, excelentes drageados, que  
6 atirariam enquanto a princesa estivesse passando.

7 Mal haviam começado a vesti-la, quando um anão chegou à torre, montado sobre  
8 um elefante. Ele vinha da parte das cinco boas fadas que a presentearam no dia de seu  
9 nascimento. Enviaram-lhe uma coroa, um cetro, um vestido de brocado dourado, uma  
10 sobressaia de asas de borboleta maravilhosamente bem trabalhada e um bauzinho ainda  
11 mais maravilhoso, repleto de jóias. Disseram-lhe que aquilo tudo tinha um valor  
12 inestimável; nunca se viu tanta riqueza junta. A rainha ficou pasmada de admiração  
13 diante daqueles presentes. A princesa, porém, olhava para tudo com indiferença, pois só  
14 pensava em Fanfarrino.

15 Agradeceram o anão e deram-lhe uma pistola<sup>10</sup> em gratificação, além de milhares  
16 de lacinhos de todas as cores, dos quais ele fez para si belas jarreteiras<sup>11</sup>, um laço para a  
17 gravata e outro para o chapéu. Aquele anão era tão pequeno que quando se enfeitou com  
18 todos esses laços quase desapareceu. A rainha lhe disse que procuraria algo de belo para  
19 presentear as fadas; como era muito generosa, resolveu dar-lhes de presente várias rocas  
20 de fiar da Alemanha, com fusos de madeira de cedro.

21 Vestiram a princesa com tudo o que o anão trouxera de mais raro e finalmente ela  
22 surgiu diante de todo mundo. Sua beleza era tão intensa que até o sol, despeitado, resolveu  
23 se esconder; a lua, não menos envergonhada, não se atreveu a aparecer enquanto ela  
24 passava. Primaveraíl caminhou a pé pelas ruas, pisando sobre os valiosos tapetes. A  
25 multidão à sua volta exclamava:

26 — Ó, como é bela! Ó, como é bela!

27 Enquanto a pomposa comitiva de mulheres desfilava — entre elas a rainha e  
28 quatro ou cinco dúzias de princesas de sangue, isso sem contar com as mais de dez dúzias  
29 que tinham vindo de Estados vizinhos para assistir à festa —, o céu escureceu, um trovão  
30 rugiu e começou a cair uma chuva de granizo torrencial. A rainha cobriu a cabeça com  
31 seu manto real, enquanto todas as damas usaram suas sobressaias. Primaveraíl estava  
32 prestes a fazer o mesmo; foi quando mais de mil corvos, corujas, gralhas e outros pássaros  
33 de mau agouro foram ouvidos no ar. A julgar pelos grasnados, aquele não era um bom  
34 presságio. Naquele instante, um mocho medonho de prodigiosa grandeza apareceu  
35 batendo as asas, segurando em seu bico uma echarpe de teia de aranha, bordada com asas

---

<sup>10</sup> Antiga moeda de prata que equivalia a 10 libras (COIMBRA, 1957, p. 247).

<sup>11</sup> Liga que prende as meias à perna para mantê-las esticadas.

1 de morcego. Ele deixou essa echarpe cair sobre os ombros de Primavera; logo se ouviu  
2 uma longa gargalhada, o que foi o suficiente para entender que aquela era mais uma  
3 brincadeira de mau gosto de Cacunda.

4 Àquela lúgubre visão, todos começaram a chorar. A rainha, mais aflita do que  
5 qualquer um, tentou arrancar a echarpe negra dos ombros de sua filha, mas era como se  
6 o tecido estivesse pregado à roupa.

7 — Ora, eis mais um truque de nossa inimiga! — disse ela. — Não há nada que  
8 possa apaziguá-la. Eu a presenteei com mais de cinquenta quilos de confeitos, glacê real e  
9 dois presuntos de Mainz<sup>12</sup>, mas foi inútil, ela não se importou!

10 Enquanto a rainha lamentava, todos se molhavam até os ossos. Primavera, no  
11 entanto, só pensava no embaixador e não dizia nada; estava preocupada apenas em  
12 agradá-lo, sem se importar com Cacunda e nem com a echarpe agourenta, só queria saber  
13 quando o encontraria. E foi então que, de repente, ele apareceu ao lado do rei, ao som  
14 agradável de trombetas, tambores e violinos. As exclamações redobraram e todos  
15 voltaram a se alegrar extraordinariamente.

16 Fanfarrino era muito inteligente; porém, quando avistou a bela Primavera plena  
17 em graça e majestade, ficou tão encantado que, em vez de falar, apenas gaguejou.  
18 Qualquer um diria que ele estava bêbado, mas a verdade era que havia tomado apenas  
19 uma taça de chocolate<sup>13</sup>. Ele se desesperou por ter esquecido, em um piscar de olhos, o  
20 discurso que ensaiara todos os dias durante vários meses, o qual ele havia decorado bem  
21 o suficiente para recitá-lo até enquanto dormia.

22 Enquanto vasculhava sua memória a fim de recobrar as palavras, prestou muitas  
23 reverências à princesa; e ela, irrefletida, também lhe prestou meia dúzia. Depois, a fim de  
24 salvá-lo do embaraço em que se encontrava, ela tomou a palavra e disse-lhe:

25 — Senhor Fanfarrino, eu bem sei que todos os vossos pensamentos são  
26 encantadores, tenho em conta que sois muito inteligente. Apressemos-nos, porém, para  
27 chegar ao palácio. Chove muito; trata-se da malvada Cacunda tentando nos inundar.  
28 Porém, quando estivermos protegidos, ela será lograda.

29 Ele respondeu galantemente que a sábia fada bem previra que os belos olhos da  
30 princesa o incendiariam de amores, e que aquele dilúvio serviria para arrefecê-lo.

31 Depois dessa pequena conversa, Fanfarrino ofereceu a mão à princesa para ajudá-  
32 la a caminhar. Ela sussurrou-lhe aos ouvidos:

33 — Jamais sabereis dos sentimentos que tenho por vós se eu mesma não vos  
34 confessá-los. Isso é algo que me entristece, mas há quem veja esses sentimentos com maus

---

<sup>12</sup> Antiga iguaria alemã de grande reputação entre os franceses; é mencionada em *Gargântua*, de François Rabelais (1534), n' *A Escola de Mulheres*, de Molière (1662) e na *Sátira III*, de Boileau (1666).

<sup>13</sup> Introduzida na França no século XVII, a bebida à base de cacau era utilizada como elixir digestivo e suplemento alimentar por conta da energia extra providenciada por seus açúcares.

1 olhos. Sabei, porém, monsenhor embaixador, que foi com grande admiração que eu vos  
2 vi montado em vosso belo cavalo que dança. Lamento que tenhais vindo em nome de  
3 outro. Porém, se tiverdes tanta coragem quanto eu, haveremos de encontrar um remédio.  
4 Em vez de celebrarmos um casamento em nome do vosso amo, celebremos o nosso  
5 próprio casamento. Sei que não sois um príncipe, mas gosto de vós tanto como se fôsseis.  
6 Salvar-nos-emos juntos indo para qualquer canto do mundo. De início, isso poderá gerar  
7 controvérsias, mas depois outras farão igual a mim, ou talvez pior; as pessoas vão se  
8 esquecer desse caso e passarão a falar dos demais, assim eu terei o prazer de viver  
9 tranquilamente convosco.

10 Fanfarrino pensou que estava sonhando, pois Primavera era uma princesa tão  
11 maravilhosa que ele jamais poderia imaginar uma honra dessas, só se fosse um excêntrico  
12 obstinado. Ele nem teve forças para respondê-la; se estivessem sozinhos, ele se atiraria a  
13 seus pés, mas, naquelas circunstâncias, apenas tomou a liberdade de apertar-lhe a mão  
14 com muita força, tanto que feriu seu dedo mindinho. De tão absorta que estava, ela sequer  
15 reagiu. Quando Primavera adentrou o palácio, mil tipos de instrumentos musicais  
16 soaram e vozes quase que celestiais juntaram-se a eles com tanta harmonia que ninguém  
17 nem ousou respirar, com medo de fazer demasiado barulho.

18 Depois de beijar a filha na testa e nas bochechas, o rei lhe disse:

19 — Minha ovelhinha (porque ele lhe dava todo tipo de apelido carinhoso), é do teu  
20 agrado desposar o filho do grande rei Merlin? Eis aqui o senhor Fanfarrino, que fará a  
21 cerimônia por ele, e que depois te levará ao mais belo reino do mundo.

22 — É claro que sim, meu pai! — ela respondeu com grande reverência. — Meu  
23 desejo é sempre deixar-vos satisfeito, desde que seja do consentimento de minha boa  
24 mãe.

25 — Estou de acordo, minha pequena! — disse a rainha, abraçando-a. — Vamos,  
26 sirvam as mesas!

27 E isso foi feito rapidamente. Havia uma centena delas, dispostas em uma grande  
28 galeria. Foi uma comilança como nunca antes vista; todos se fartaram, à exceção de  
29 Primavera e Fanfarrino, que só pensavam em admirar um ao outro. Tomados por um  
30 forte devaneio, eles se esqueceram de todo o resto.

31 Depois da refeição, houve baile, balé e comédia. Já era bem tarde e os convidados  
32 haviam comido tanto que quase dormiam em pé. O rei e a rainha, tomados pelo sono,  
33 deitaram-se em um sofá. A maioria das damas e dos cavalheiros roncava; os músicos  
34 estavam desentoados e os atores já não sabiam mais o que estavam dizendo. Somente os  
35 nossos dois amantes permaneciam bem acordados, como dois ratinhos, trocando  
36 centenas de olhares carinhosos. Vendo que não havia nada a temer e que os guardas  
37 também dormiam, a princesa disse a Fanfarrino:

1 — Confiai em mim, aproveitemo-nos de uma ocasião tão favorável como essa!  
2 Afinal, se eu aguardar a cerimônia de casamento, o rei me acercará de damas de  
3 companhia e designará um príncipe para me conduzir ao vosso rei Merlin. Então é melhor  
4 partirmos agora, o mais depressa possível!

5 Ela se levantou e pegou o punhal do rei, que era coberto de diamantes, e o toucado  
6 da rainha, que ela havia retirado para dormir mais confortavelmente. Depois, ofereceu  
7 sua alva mão a Fanfarrino. Ele a tomou e, colocando um joelho no chão, disse-lhe:

8 — Eu juro à Vossa Alteza fidelidade e obediência eternas. Grande princesa, fizestes  
9 tudo por mim; não há nada que eu não possa fazer por vós!

10 Então eles saíram do palácio; o embaixador levou uma lanterna<sup>14</sup> consigo e os dois  
11 seguiram por ruas muito enlameadas rumo ao porto. Entraram em um pequeno barco,  
12 onde um pobre barqueiro estava dormindo. Eles o acordaram, e quando o velho se  
13 deparou com Primavera tão bela e tão corajosa, com tantos diamantes e com a echarpe  
14 de teia de aranha, pensou que fosse a deusa da noite e ajoelhou-se diante dela. Mas como  
15 eles não podiam se estender, a princesa limitou-se a pedir que partissem imediatamente.  
16 Os dois tiveram muita sorte, pois não havia lua e nem estrelas no céu; o tempo ainda  
17 estava encoberto por conta da chuva que Cacunda provocara. O fato é que havia um  
18 carbúnculo no toucado da rainha que brilhava mais que cinquenta tochas acesas, de modo  
19 que Fanfarrino (assim dizem) teria passado bem sem a lanterna. Ademais, naquela peça  
20 havia também uma outra pedra capaz de tornar invisível quem a utilizasse.

21 Fanfarrino perguntou à princesa para onde ela desejava ir:

22 — Ora, tudo o que sei é que quero fugir convosco! — ela respondeu. — É tudo o  
23 que tenho em mente.

24 — Madame, eu não me atreverei a conduzir-vos ao reino do rei Merlin — disse  
25 ele. — Não quero ser enforcado.

26 — Bem, então vamos para a Ilha Deserta dos Esquilos — ela propôs. — É longe o  
27 bastante para que não nos sigam.

28 Ela ordenou ao marinheiro que fosse para lá e, embora a embarcação não passasse  
29 de um pequeno bote, ele assim obedeceu.

30 Quando o dia estava prestes a raiar, o rei, a rainha e todos os demais se  
31 espreguiçaram e esfregaram os olhos; não pensavam em outra coisa senão em concluir o  
32 casamento da princesa. A rainha, apressada, pediu o seu rico toucado para arrumar o  
33 cabelo; procuraram-no dos quartos à cozinha e até dentro das caçarolas, mas o toucado  
34 não estava em lugar nenhum. Preocupada, a rainha percorreu o castelo inteiro, de cima a  
35 baixo, do porão ao sótão, mas nada encontrou.

---

<sup>14</sup> *Lanterne sourde*: espécie de lanterna marroquina; lamparina coberta, provida de uma veneziana que permite alterar ou interromper a emissão de luz sem a necessidade de apagar a chama.

1 O rei também deu pela falta de seu brilhante punhal; logo, todos voltaram a  
2 vasculhar, abriram cofres e baús cujas chaves já estavam perdidas havia mais de cem anos.  
3 Encontraram mil raridades, bonecos que mexiam a cabeça e os olhos, ovelhas douradas  
4 com os seus cordeirinhos, cascas de limão e nozes confeitadas; mas nada disso confortou  
5 o rei. Seu desespero foi tamanho que arrancou as barbas, e a rainha, acompanhando-o,  
6 arrancou os cabelos, pois o fato era que o toucado e a adaga valiam mais de dez cidades  
7 grandes como Madrid.

8 Quando o rei percebeu que não havia esperança de encontrar coisa alguma, disse  
9 à rainha:

10 — Meu amor, tomemos coragem e apressemo-nos a dar prosseguimento à  
11 cerimônia que tanto nos custou.

12 Em seguida, quis saber onde estava a princesa, ao que sua nutriz se apresentou e  
13 disse:

14 — Monsenhor, eu vos garanto que já a procuro há mais de duas horas e não  
15 consigo encontrá-la.

16 Tais palavras terminaram de aumentar a angústia do rei e da rainha; ela começou  
17 a gritar como uma águia cujos filhotes lhe foram tirados e caiu inconsciente. Jamais se viu  
18 algo tão lastimável; mais de dois baldes de água da rainha da Hungria<sup>15</sup> foram atirados ao  
19 rosto de Sua Majestade antes que ela recobrasse os sentidos. As damas e donzelas  
20 pranteavam, enquanto todos os valetes diziam:

21 — O quê? A filha do rei está perdida?

22 Ao notar que a princesa estava mesmo desaparecida, o rei disse ao seu pajem-mor:

23 — Vai buscar Fanfarrino para que ele possa se lamentar conosco! Ele deve estar  
24 dormindo em um canto qualquer.

25 O pajem procurou-o por toda parte, por todos os lados, e tal como sucedera com  
26 Primavera, o toucado e o punhal, Fanfarrino também não foi encontrado. A aflição se  
27 intensificou, o que acabou por desolar ainda mais as Suas Majestades.

28 O rei mandou chamar todos os seus conselheiros e oficiais. Acompanhado da  
29 rainha, entrou com eles em um grande salão, que rapidamente foi tomado pelo luto; isso  
30 porque todos eles haviam trocado suas finas vestes por longas túnicas escuras amarradas  
31 à cintura com um cordão. Quando eles se viram nesse estado, até mesmo os corações mais  
32 duros ficaram prestes a morrer de tristeza: no salão só se ouvia soluços e suspiros; rios de  
33 lágrimas escorriam pelo chão. Como o rei não tivera tempo para preparar o seu discurso,  
34 ficou três horas em silêncio e depois começou:

35

---

<sup>15</sup> Mistura tida como o primeiro perfume à base de álcool da Europa, datado aproximadamente do final do século XIV.

1           *Escutai, jovens e velhos, eu perdi minha querida filha Primavera; não sei se ela fugiu*  
2 *ou se foi roubada de mim. O toucador da rainha e o meu punhal, que valem o seu peso em*  
3 *ouro, também desapareceram com ela. E o que é pior: o embaixador Fanfarrino também*  
4 *não está aqui. Receio que o rei, seu amo, não recebendo notícias dele, venha procurá-lo*  
5 *entre nós, e que nos acuse de o termos feito em picadinho*<sup>16</sup>. *Eu teria mais paciência se*  
6 *tivéssemos dinheiro, mas confesso que as despesas do casamento me arruinaram.*  
7 *Aconselhai-me, meus caros súditos, quanto ao que poderei fazer para reencontrar minha*  
8 *filha, Fanfarrino e o resto.*

9  
10           Todos admiraram o belo discurso do rei, que nunca havia feito um assim tão  
11 eloquente. O senhor Gambito<sup>17</sup>, chanceler do reino, tomou a palavra e disse:

12           — Senhor, estamos todos muito tristes com a vossa tristeza, e seríamos capazes de  
13 sacrificar até mesmo as nossas esposas e filhos pequenos para que não fôsseis vitimado  
14 por um infortúnio tão grande assim. Porém, aparentemente, essa é mais uma artimanha  
15 da fada Cacunda, visto que o dia do vigésimo aniversário da princesa ainda não havia  
16 terminado na ocasião em que ela deixou a torre. Porém, preciso dizer que reparei que ela  
17 olhava para Fanfarrino a todo momento, e que ele também olhava para ela; pode ser que  
18 o amor tenha parte nesse ofício...

19           Ao ouvir aquelas palavras, a rainha interrompeu-o rapidamente:

20           — Tomai cuidado com o que presumis, senhor Gambito! Sabei que a princesa não  
21 tem vocação para se enamorar de Fanfarrino, eu a instruí muito bem!

22           Porém, em seguida veio a nutriz, que havia escutado tudo aquilo; ajoelhando-se  
23 perante o rei e a rainha, disse-lhes:

24           — Vim para contar-vos o que de fato aconteceu: a princesa afirmou que morreria  
25 se não assistisse à chegada de Fanfarrino. Nós fizemos um buraco na parede, através  
26 do qual ela o viu chegar. Depois disso, Primavera jurou que jamais se casaria com outro  
27 homem a não ser com ele.

28           Tal notícia afligiu a todos os presentes; ficou comprovado que o chanceler  
29 Gambito tivera uma boa percepção. Despeitada, a rainha rosnou contra a nutriz, a irmã  
30 de leite, a trocadora, a camareira e a confidente, e esteve prestes a estrangulá-las.

31           O almirante Chapéu-Pontudo<sup>18</sup>, interrompendo a rainha, exclamou:

32           — Vamos, vamos atrás de Fanfarrino! Não há dúvida de que aquele gaio<sup>19</sup> raptou  
33 a nossa princesa!

---

<sup>16</sup> *Haché comme chair à pâté*: mesma expressão usada como ameaça pelo Gato de Botas.

<sup>17</sup> *Gambille*.

<sup>18</sup> *Chapeau-Pointu*.

<sup>19</sup> *Godenot*: Nadine Jasmin anota que, pelo contexto, o termo pode ser uma derivação de *godelureau*, jovem fanfarrão, cheio de si, coquete e galanteador (AULNOY, 2008 [1697], p. 263).

1 Todos aplaudiram e responderam afirmativamente. Uns foram para o mar e  
2 outros de reino em reino, rufando tambores e tocando trombetas; quando as pessoas se  
3 aglomeravam ao redor deles, eles gritavam:

4 — Alguém deseja ganhar uma bela boneca, confeitos secos e líquidos, tesourinhas,  
5 um vestido dourado ou um belo gorro de cetim? Basta dizer-nos para onde foram a  
6 princesa Primavera e Fanfarrino.

7 Mas todos respondiam:

8 — Ide procurar em outro lugar, nós não os vimos.

9 Aqueles que perseguiram a princesa pelo mar foram mais venturosos: depois de  
10 uma longa navegação, viram que algo brilhava no horizonte, como uma grande fogueira.  
11 Contudo, não ousaram se aproximar, pois não sabiam o que poderia ser; descobriram,  
12 por fim, que aquela luz irradiava da Ilha Deserta dos Esquilos. O que não sabiam era que  
13 se tratava da princesa e de seu amante, que estavam com o carbúnculo brilhante.

14 Quando os dois fugitivos desembarcaram na ilha, deram cem escudos de ouro ao  
15 bom homem que os conduzira. E quando se despediram dele, fizeram com que jurasse,  
16 pelos olhos que tinha no rosto, que não contaria nada a ninguém.

17 A primeira coisa com que ele se deparou no caminho de volta foi com a armada  
18 do rei. Sem reconhecê-la de imediato, bem que tentou evitá-la; mas o almirante, assim  
19 que o viu, enviou um barco atrás dele. O bom homem era tão velho e fraco que não teve  
20 força o suficiente para se esquivar. Pegaram-no e levaram-no ao almirante, que mandou  
21 revistá-lo. Foi quando encontraram os cem escudos de ouro, novos em folha, que haviam  
22 sido cunhados para a ocasião do casamento da princesa. O almirante o interrogou; porém,  
23 para não ser obrigado a responder, ele fingiu que era surdo e mudo.

24 — Ora, ora — disse o almirante. — Amarrai este velho mudo ao grande mastro e  
25 dai-lhe boas chicotadas! Não há nada melhor para sarar a mudez!

26 Quando o velho percebeu que aquilo não acabaria bem, confessou que recebera  
27 ordens da parte de uma donzela mais celeste que humana e de um gentil cavalheiro para  
28 que os conduzisse à Ilha Deserta dos Esquilos. Ouvindo aquilo, o almirante julgou que se  
29 tratava da princesa e ordenou que sua frota avançasse e sitiasse a ilha.

30 Cansada da viagem, logo depois de desembarcar, Primavera deitou-se sobre a  
31 relva verdejante, debaixo de uma árvore enorme, e começou a adormecer suavemente.  
32 Fanfarrino, porém, que sentia mais fome do que amor, não a deixou em repouso por  
33 muito tempo:

34 — Madame, realmente acreditais que eu possa permanecer aqui por muito mais  
35 tempo? — ele perguntou. — Não vejo nada para comer! De que me serve serdes mais bela  
36 que a aurora? Isso não é o bastante, é preciso que tenhamos o que comer! Tenho dentes  
37 bem compridos e um estômago bem vazio.

1 — Como é? — ela respondeu. — Fanfarrino, será possível que minhas provas de  
2 afeto não vos sirvam de nada? Será possível que vos preocupeis tão somente com a vossa  
3 boa fortuna?

4 — Sinto-me deveras infeliz! — ele reclamou. — Céus, antes ainda estivésseis em  
5 vossa torre sombria!

6 — Belo cavaleiro, peço que não vos zanguéis! — ela disse graciosamente. — Sairei  
7 em busca de alimento, procurarei por toda parte, quem sabe eu encontre alguma fruta.

8 — Podíeis encontrar um lobo que vos devorasse! — ele respondeu.

9 Aflita, a princesa correu para a floresta; suas belas roupas foram rasgadas pelos  
10 arbustos e sua branca pele feriu-se com os espinhos. Ficou tão arranhada como se tivesse  
11 brigado com gatos (isso é o que se ganha por amar os homens, nada além de tristezas).  
12 Vasculhou cada canto da ilha e voltou muito triste a Fanfarrino, dizendo que não tinha  
13 encontrado nada. Ele virou-lhe as costas e afastou-se dela, resmungando entre dentes.

14 No dia seguinte, fizeram outra busca igualmente inútil, de modo que ficaram três  
15 dias sem comer nada além de folhas e alguns besouros. A princesa não se queixava,  
16 embora fosse muito mais delicada que Fanfarrino.

17 — Eu ficaria feliz se estivesse sofrendo sozinha — disse-lhe ela. — E não me  
18 preocuparia em morrer de fome, desde que tivésseis algo para comer.

19 — Para mim, seria indiferente se morrêsseis — ele replicou. — Desde que eu  
20 tivesse o que preciso.

21 — Será possível que não vos comoveríeis com a minha morte? — ela indagou. —  
22 Foram esses os juramentos que me fizestes?

23 — Há uma grande diferença entre um homem alegre, que não sente fome e nem  
24 sede, e um homem infeliz prestes a definhar em uma ilha deserta! — ele respondeu.

25 — Eu corro o mesmo perigo e não estou me queixando disso — ela continuou.

26 — Alcançaríeis a bonança caso não tivésseis desejado abandonar pai e mãe para  
27 viver uma aventura tão pretensiosa! — ele a repreendeu com rispidez. — Eis-nos aqui,  
28 entregues à nossa própria sorte!

29 — Mas foi por amor a vós, Fanfarrino! — disse ela, estendendo-lhe a mão.

30 — Eu estaria em uma situação melhor se não fosse por isso! — ele respondeu,  
31 virando-lhe as costas.

32 Tomada pela dor, a bela princesa começou a chorar, e chorou tanto que teria  
33 comovido até mesmo uma pedra. Sentou-se aos pés de um arbusto repleto de rosas  
34 brancas e vermelhas; depois de admirá-las durante algum tempo, disse-lhes:

35 — Como sois felizes, jovens flores! Os zéfiros vos acariciam, o orvalho vos  
36 umedece, o sol vos embeleza, as abelhas vos fazem carinho e os vossos espinhos vos  
37 defendem; todos vos admiram! Ai de mim! Viveis mais tranquilas do que eu!



1           Essa reflexão fê-la derramar tantas lágrimas que o pé da roseira ficou todo  
2 molhado. Com grande espanto, a princesa viu o arbusto se agitar; as rosas se abriram e a  
3 mais bela dentre as flores lhe disse:

4           — Se não tivesses amado, teu destino seria tão digno de inveja quanto o meu.  
5 Quem ama se expõe aos piores infortúnios. Pobre princesa! Dentro do buraco daquela  
6 árvore há um favo de mel; pega-o, mas não sejas ingênua a ponto de oferecê-lo a  
7 Fanfarrino!

8           Sem saber se estava acordada ou sonhando, ela correu até a árvore. Encontrou o  
9 favo de mel e, assim que o pegou, levou-o para o seu ingrato amante.

10          — Aqui está um favo de mel — disse-lhe ela. — Eu poderia tê-lo comido sozinha,  
11 mas preferi partilhá-lo convosco.

12          Ele não agradeceu e nem olhou para ela; arrancou-lhe o favo das mãos e comeu de  
13 uma vez só, recusando-se a oferecer-lhe um pedacinho sequer. Ademais, ele até  
14 acrescentou uma provocação à brutalidade, dizendo a ela que o favo estava demasiado  
15 doce, que lhe estragaria os dentes, e uma centena de outras impertinências semelhantes.

16          Mais angustiada do que antes, Primaveraíl sentou-se debaixo de um carvalho e fez-  
17 lhe um elogio tal como fizera à roseira. O carvalho, movido pela compaixão, baixou para  
18 ela alguns de seus galhos e disse-lhe:

19          — Seria uma pena se perdesse a vida, bela Primaveraíl. Toma esse jarro de leite e  
20 beba-o sem dar uma gota ao teu ingrato amante.

21          Atônita, a princesa olhou para trás e de imediato viu um grande jarro cheio de  
22 leite. Naquele momento, só conseguiu pensar na sede que Fanfarrino estaria sentindo  
23 depois de ter comido mais de sete quilos de mel. Logo, correu para oferecer-lhe o jarro.

24          — Saciai-vos, belo Fanfarrino — disse ela. — E lembrai-vos de deixar um pouco  
25 para mim, pois tenho fome e sede.

26          Mas ele pegou o jarro e bebeu tudo em um gole só; depois, atirou-o às pedras,  
27 partindo-o em pedaços. Em seguida, disse com um sorriso malicioso:

28          — Já que não comestes, não ficareis com sede!

29          Juntando as mãos, a princesa olhou para o céu e gritou:

30          — Ó, é o que mereço! Esse é um justo castigo por ter deixado o rei e a rainha, por  
31 ter amado tão irrefletidamente um homem que eu não conhecia, por ter fugido com ele  
32 sem considerar a minha estirpe e por ignorar as terríveis ameaças da fada Cacunda!

33          E começou a prantear com o maior amargor que já sentira na vida. Embrenhou-  
34 se nas entranhas da floresta e tombou de fraqueza aos pés de um ulmeiro<sup>20</sup>, sobre o qual  
35 estava empoleirado um rouxinol que cantava maravilhosamente bem. Abanando as asas,

---

<sup>20</sup> Grande árvore nativa da Europa que chega a alcançar 30 metros de altura.

1 ele pronunciou essas palavras, como se as cantasse unicamente para Primavera; porém,  
2 ele as aprendera com Ovídio<sup>21</sup>:

3  
4  
5  
6  
7  
8

*O Amor é perverso; jamais esse pequeno traiçoeiro  
Fez-nos algum favor sem um truque matreiro;  
As falsas doçuras lhe servem de isca  
Para envenenar o coração de quem as belisca.*

9 — Ninguém melhor do que eu para saber disso! — ela exclamou, interrompendo-  
10 o — Infelizmente, conheço muito bem os seus truques, que são tão cruéis quanto o meu  
11 destino.

12 — Tem coragem! — disse o amoroso rouxinol. — Procura naquele arbusto e  
13 encontrarás drageados e tarteletes<sup>22</sup> do Le Coq<sup>23</sup>. Mas não sejas imprudente a ponto de  
14 oferecê-los a Fanfarrino.

15 Dessa vez, a princesa nem precisaria ter ouvido aquele conselho para se precaver;  
16 ela não havia se esquecido das duas últimas artimanhas. Enfim, depois de ter passado  
17 tanta fome, ela comeu os drageados e as tarteletes sozinha. O guloso Fanfarrino, ao vê-la  
18 comer sem ele, ficou tão nervoso que foi correndo até ela com a espada em mãos e os  
19 olhos vermelhos de ódio, pronto para matá-la. Rapidamente, ela pegou a pedra mágica do  
20 toucado e ficou invisível; afastando-se dele, repreendeu-o pela sua ingratidão, utilizando  
21 termos que deixavam claro que ela ainda não conseguia odiá-lo.

22 Enquanto isso, o almirante Chapéu-Pontudo mandara Jean Cacoete<sup>24</sup>, mensageiro  
23 da comitiva, ir dizer ao rei que a princesa e Fanfarrino haviam se escondido na Ilha dos  
24 Esquilos, e que, por não conhecer muito bem aquele país, temia alguma emboscada. Tal  
25 notícia deixou Suas Majestades muito contentes. O rei mandou que lhe trouxessem um  
26 enorme livro que possuía, cujas folhas tinham mais de oito metros de largura: era uma  
27 obra-prima escrita por uma fada erudita e que continha a descrição da terra inteira. Logo  
28 se soube que a Ilha dos Esquilos era desabitada.

29 — Vai! — disse ele a Jean Cacoete. — Diz ao almirante que eu ordeno o  
30 desembarque imediato. Assim como eu, ele deve estar se sentindo deveras aflito por  
31 deixar a minha filha passar tanto tempo sozinha com Fanfarrino.

---

<sup>21</sup> Nadine Jasmin informa que não há registros desses versos na obra de Ovídio e que muito provavelmente se trate apenas de um jogo ficcional (AULNOY, 2008 [1697], p. 267).

<sup>22</sup> Tortinhas, espécie de empada doce e aberta.

<sup>23</sup> Nadine Jasmin informa que o Le Coq era uma célebre confeitaria parisiense (AULNOY, 2008 [1697], p. 268).

<sup>24</sup> Jean Caquet.

1 Assim que Jean Cacoete retornou à frota, o almirante mandou que tocassem os  
2 tambores, címbalos, trombetas, oboés, a flauta, o violino, a viela<sup>25</sup>, o órgão e a guitarra: foi  
3 um espetáculo ensurdecidor, pois todos esses instrumentos de guerra e paz se fizeram  
4 ouvir por toda a ilha. Ao ouvir aquele barulho, a princesa, alarmada, correu em direção  
5 ao seu amado para oferecer ajuda. Ele já não estava bravo; o perigo reconciliou-os bem  
6 depressa.

7 — Ficai atrás de mim! — disse-lhe ela. — Eu irei à frente, usarei a pedra da  
8 invisibilidade e levarei comigo o punhal de meu pai para matar os inimigos, enquanto vós  
9 os matareis com a vossa espada.

10 A princesa invisível avançou entre os homens armados; ela e Fanfarrino mataram  
11 todos eles sem serem vistos. Não se ouvia outra coisa a não ser “Estou morto!”, “Estou  
12 morrendo!” Os soldados fizeram belos disparos, mas nada atingiram, pois a princesa e seu  
13 amado mergulhavam como patos e os tiros passavam por cima de suas cabeças. Por fim,  
14 o almirante, aflito por estar perdendo tantos homens de maneira tão extraordinária, sem  
15 saber quem os atacava ou como se defender, fez soar toque de retirada e retornou aos  
16 navios para receber conselhos.

17 Já era tarde da noite; a princesa e Fanfarrino foram se refugiar no canto mais denso  
18 da floresta. Ela estava tão cansada que se deitou na relva; quando estava prestes a cochilar,  
19 ouviu uma doce e delicada voz dizendo ao seu ouvido:

20 — Salva-te, Primavera! pois Fanfarrino quer te matar e te comer!

21 Imediatamente ela abriu os olhos e, à luz de seu carbúnculo, viu que o malvado  
22 Fanfarrino estava com o braço levantado, pronto para perfurar o seu peito com a espada.  
23 Isso porque seu apetite foi aguçado ao vê-la tão rechonchuda e branquinha, tanto que  
24 desejou matá-la e comê-la. Sem pensar duas vezes sobre o que deveria fazer,  
25 discretamente, ela pegou o punhal que mantivera consigo desde a batalha e desferiu-lhe  
26 um golpe tão furioso no olho que ele morreu instantaneamente.

27 — Vai, ingrato! — ela exclamou. — Recebe esse último favor, o que mais mereces!  
28 Serve de exemplo aos amantes traiçoeiros! Que o teu coração desleal não goze de descanso  
29 algum!

30 Quando o acesso de raiva terminou e ela se deu conta do estado em que se  
31 encontrava, ficou tão mortificada quanto aquele que acabara de matar.

32 — Que será de mim? — ela lamentou, chorando. — Estou sozinha nesta ilha; os  
33 animais selvagens me devorarão ou então morrerei de fome!

---

<sup>25</sup> Antigo instrumento musical de cordas.

1 Ela esteve a ponto de lamentar o fato de não ter sido devorada por Fanfarrino.  
2 Trêmula, ela se sentou para aguardar o raiar do dia, pois temia os espíritos e, sobretudo,  
3 o pesadelo<sup>26</sup>.

4 Ao recostar-se em uma árvore, olhou para cima e avistou, de um lado, uma bela  
5 carruagem de ouro puxada por seis grandes galinhas de crista, cujo cocheiro era um galo  
6 e o postilhão um frango gordo. Na carruagem estava uma dama tão bela, tão bela, que  
7 mais parecia o sol; seu vestido era todo bordado de palhetas de ouro e barras de prata. Do  
8 outro lado, viu aproximar-se uma outra carruagem, esta arreada com seis morcegos, um  
9 corvo de cocheiro e um caracol de postilhão; nela estava uma macaquinha espantosa, cuja  
10 roupa era de pele de serpente e sobre a cabeça levava um grande sapo que lhe servia de  
11 fontange<sup>27</sup>.

12 Nunca, jamais ninguém ficou tão atônito quanto a jovem princesa. Enquanto  
13 admirava tais maravilhas, viu as duas carruagens avançarem uma contra a outra; a bela  
14 dama segurava uma lança de ouro, e a feia um pique enferrujado. Elas começaram a travar  
15 uma árdua batalha, que durou mais de um quarto de hora. Finalmente, a bela saiu  
16 vitoriosa, ao passo em que a feia teve de fugir com os seus morcegos. Em seguida, a bela  
17 dama desceu ao chão e falou com Primavera:

18 — Não temais, gentil princesa, vim até aqui apenas para vos proteger. O combate  
19 que tive contra Cacunda foi por amor a vós; ela queria castigar-vos porque saístes da torre  
20 quatro dias antes de seu vigésimo aniversário. Porém, como bem vistes, tomei o vosso  
21 partido e a expulsei. Agora, gozai da felicidade que conquistei para vós!

22 Em reconhecimento, a princesa curvou-se diante dela e disse:

23 — Grande rainha das fadas, a vossa generosidade me encanta. Não sei como  
24 agradecer-vos, mas posso jurar que não desperdiçarei nenhuma gota do sangue que me  
25 conservastes a não ser a vosso serviço.

26 A fada beijou-a três vezes, deixando-a ainda mais bonita do que já era (caso isso  
27 fosse possível). Ela ordenou ao seu galo que se dirigisse aos navios do rei e dissesse ao  
28 almirante que poderia sair sem medo. Já o frango gordo foi enviado ao palácio da fada, a  
29 fim de buscar as roupas mais bonitas do mundo para Primavera.

30 Quando o almirante ouviu as boas novas do galo, ficou tão contente que pensou  
31 que estivesse delirando; desceu rapidamente à ilha com toda a sua gente. Ao ver a pressa  
32 com que todos saíam dos navios, Jean Cacoete também se apressou, carregando em seus  
33 ombros um espeto cheio de carne.

---

<sup>26</sup> O pesadelo é aqui deificado como *le cochemar*, entidade associada ao fenômeno da paralisia no sono; acreditava-se que uma espécie de demônio ou duende se sentava sobre o peito das pessoas enquanto elas dormiam e poderiam sufocá-las.

<sup>27</sup> Antigo penteado, muito comum na França do século XVIII.

1 Depois de caminhar por uma légua, o almirante Chapéu-Pontudo enfim avistou a  
2 carruagem com as galinhas e as duas damas passeando pela floresta. Logo reconheceu a  
3 sua princesa e foi atirar-se aos seus pés. Ela, porém, disse-lhe que todas as honras eram  
4 devidas à generosa fada, que a livrara das garras de Cacunda. Então ele beijou a barra de  
5 seu vestido e fez-lhe o mais belo elogio jamais proferido em situação semelhante.  
6 Enquanto ele falava, a fada interrompeu-o e exclamou:

7 — Posso jurar que sinto cheiro de assado!

8 — Sim, madame! — respondeu Jean Cacoete, apontando para o espeto carregado  
9 de excelentes cortes. — Vossas grandezas podeis prová-los.

10 — Com muito gosto! — ela respondeu. — Não tanto por mim, mas por amor à  
11 princesa, que precisa de uma boa refeição.

12 Prontamente, alguns homens voltaram aos navios para buscar o que fosse  
13 necessário. A alegria de reencontrar a princesa somada a uma boa refeição era tudo o que  
14 poderiam desejar.

15 Com o banquete terminado e o frango gordo de volta, a fada vestiu a princesa  
16 Primavera com um vestido de brocado verde e dourado, cravejado de rubis e pérolas.  
17 Amarrou seus belos cabelos louros com laços de diamantes e esmeraldas; deu-lhe uma  
18 coroa de flores e ajudou-a a subir em sua carruagem. Todas as estrelas que a viram passar  
19 pensaram que fosse Aurora<sup>28</sup> partindo em retirada, e saudaram-na ao longo da viagem:  
20 “Bom dia, Aurora”.

21 Na grande despedida da fada e da princesa, esta lhe perguntou:

22 — Madame, que direi eu à rainha, minha mãe, sobre aquela que me fez tanto bem?

23 — Bela princesa — ela respondeu. — Beijai-a por mim e dizei-lhe que sou a quinta  
24 fada que vos presenteou no dia do vosso nascimento.

25 Com a princesa a bordo, todos os canhões dispararam mais de mil foguetes. Ela  
26 chegou muito feliz ao porto, onde encontrou o rei e a rainha, que a esperavam cheios de  
27 bondade, tanto que nem quiseram perder tempo com seus pedidos de perdão pelas  
28 extravagâncias passadas. Apesar disso, ela atirou-se aos pés de seus pais assim que os viu;  
29 o pai a repreendeu com ternura e eles puseram toda culpa sobre a velha Cacunda.

30 Naquele mesmo instante, o filho do grande rei Merlin chegou, inquieto por não  
31 ter recebido qualquer notícia do seu embaixador. Ele vinha com mil cavalos e trinta  
32 lacaios, todos bem vestidos de vermelho e com ricos distintivos de ouro; ele era cem vezes  
33 mais amável que o ingrato Fanfarrino. Os reis se abstiveram de contar-lhe sobre a  
34 aventura envolvendo o rapto, pois isso poderia levantar alguma suspeita. Com ares de  
35 grande sinceridade, disseram-lhe que o seu embaixador, tendo sede, foi tirar água do  
36 poço, acabou caindo e morreu afogado. Ele acreditou sem nenhuma dificuldade e logo o

---

<sup>28</sup> Deusa da manhã, que sobrevoa o céu anunciando a chegada de um novo dia.

1 casamento foi realizado; a alegria foi tão grande que todas as mágoas do passado se  
2 desfizeram.

3

4

*O Amor a qualquer coisa nos pode sujeitar,  
Mas das regras do dever não devemos escapar;*

5

6

*É certo que a emoção às vezes nos engana,  
Mas eu desejo que a razão seja sempre soberana:*

7

8

*Que ela sempre reine em nossos corações*

9

*E que regule por completo as nossas paixões.*

CC BY-NC-ND 4.0

## A PRINCESA ROSETA

1           Era uma vez um rei e uma rainha que tinham por filhos dois belos rapazes. Eles  
2           cresciam e raiavam como o dia de tão bem-nutridos que eram. Sempre que dava à luz, a  
3           rainha mandava convidar as fadas; nessas ocasiões, pedia-lhes que lhe revelassem o futuro  
4           do recém-nascido.

5           Em sua terceira gestação, ela deu à luz uma bela menina, tão bonita que era  
6           impossível vê-la e não amá-la. A rainha tratou de presentear todas as fadas que se  
7           dispuseram a visitá-la. Quando elas estavam prestes a sair, a anfitriã lhes disse:

8           — Não vos esqueçais do vosso bom costume! Dizei-me o que sucederá à Roseta<sup>1</sup>  
9           (era assim que chamavam a princesinha).

10          Mas as fadas responderam que haviam esquecido seu grimório em casa e que  
11          retornariam em uma outra ocasião para vê-la.

12          — Ah! — exclamou a rainha. — Isso não me parece nada bom... Decerto que não  
13          quereis afligir-me com maus presságios! No entanto, imploro-vos que me digam tudo,  
14          não me escondam nada.

15          Elas começaram a se desculpar imensamente, deixando a rainha cada vez mais  
16          curiosa para saber do que se tratava. Enfim, a líder das fadas lhe disse:

17          — Tememos, madame, que Roseta cause um grande infortúnio a seus irmãos, que  
18          eles morram em algum acontecimento por causa dela. Isso é tudo o que podemos  
19          adivinhar sobre o futuro de sua bela filhinha. Estamos deveras consternadas por não haver  
20          melhores notícias para vos trazer.

21          E assim elas se foram. A rainha ficou tão triste, mas tão triste, que o seu semblante  
22          abatido não tardou a ser notado pelo rei; perguntou-lhe o que tinha, ao que ela respondeu  
23          que havia colocado sua roca de fiar perto demais da lareira, fazendo com que todo o linho  
24          que estava sobre ela fosse queimado.

25          — Apenas isso? — indagou o rei.

26          Em seguida, ele subiu ao sótão e trouxe-lhe mais linho do que ela poderia fiar em  
27          cem anos. A rainha, porém, permanecia triste. Mais uma vez, o rei perguntou-lhe o que  
28          tinha, ao que sua mulher respondeu-lhe que, em um passeio na beira do ribeiro, deixara  
29          sua pantufa verde de cetim cair na corrente d'água.

30          — Apenas isso? — indagou o rei.

31          Em seguida, ele mandou buscar todos os sapateiros de seu reino e providenciou  
32          dez mil pantufas verdes de cetim à rainha.

33          Mas ela continuava triste. O rei perguntou-lhe novamente o que tinha; dessa vez,  
34          ela respondeu que havia engolido a aliança de casamento que estava em seu dedo

---

<sup>1</sup> Rosette.

1 enquanto comia com muito bom apetite. Foi então que o rei descobriu que sua esposa  
2 não estava dizendo a verdade, pois ele tinha essa aliança guardada consigo.

3 — Minha querida esposa, estais mentindo! Eis aqui a vossa aliança, eu a guardei  
4 em meu bolso.

5 Maldição! Ela foi pega mentindo (o que é a coisa mais feia do mundo) e notou que  
6 o rei havia se entristecido com isso. Por essa razão, enfim decidiu contar-lhe o que as fadas  
7 haviam predito sobre a pequena Roseta, pedindo-lhe conselhos sobre como remediar a  
8 situação.

9 O rei ficou desolado. Por fim, sugeriu à rainha:

10 — Não vejo outra maneira de salvar nossos dois filhos a não ser através do  
11 sacrifício da caçula enquanto ela ainda está nas fraldas.

12 A rainha, porém, bradou que antes preferiria sua própria morte a ter que consentir  
13 com tamanha crueldade, afirmando pensaria em alguma outra saída.

14 Nesse ínterim, enquanto o casal não chegava a uma conclusão, a rainha ficou  
15 sabendo que em meio a um grande bosque próximo à cidade vivia um velho ermitão que  
16 dormia no tronco oco de uma árvore e que vinha gente de toda parte do mundo para  
17 consultá-lo.

18 — Devo ir procurá-lo! — disse a rainha. — As fadas anunciaram-me o problema,  
19 mas se esqueceram da solução.

20 Ao amanhecer, ela montou em uma bela mulinha branca, toda ferrada a ouro, e  
21 levou consigo duas de suas damas de companhia, cada uma em um lindo cavalo. Quando  
22 alcançaram as cercanias do bosque, a rainha e suas damas desceram da montaria e se  
23 dirigiram à árvore onde o eremita se encontrava. Ele não gostava de ver mulheres, mas  
24 quando reconheceu que se tratava da rainha, disse-lhe:

25 — Sois muito bem-vinda! Em que posso ajudar-vos?

26 Ela lhe contou o que as fadas haviam dito sobre o futuro de Roseta e pediu-lhe um  
27 conselho. O eremita respondeu que deveria esconder Roseta em uma torre, de onde ela  
28 jamais poderia sair. A rainha agradeceu, deu-lhe uma generosa gorjeta e retornou ao  
29 palácio para contar tudo ao rei.

30 Assim que o rei soube da notícia, ordenou que uma torre enorme fosse edificada  
31 o mais depressa possível; uma vez concluída, enviou sua filha para lá. Para que ela não  
32 ficasse deprimida, seus pais e seus dois irmãos iam visitá-la todos os dias. Chamavam o  
33 mais velho de Grande Príncipe<sup>2</sup>, e o mais novo de Pequeno Príncipe<sup>3</sup>. Eles amavam sua  
34 irmã apaixonadamente, pois ela era a princesa mais bonita e mais graciosa jamais vista, e

---

<sup>2</sup> *Grand Prince.*

<sup>3</sup> *Petit Prince.*



1 apenas seu olhar era mais valioso que cem pistolas<sup>4</sup>. Quando Roseta completou quinze  
2 anos, o Grande Príncipe disse ao rei:

3 — Papai, minha irmã já está madura o suficiente para se casar. Não deveríamos  
4 preparar seu matrimônio?

5 O Pequeno Príncipe disse o mesmo à rainha, mas suas majestades se esquivaram  
6 de tais sugestões e nada responderam sobre o casamento.

7 Enfim, sucedeu que o rei e a rainha adoeceram gravemente e acabaram morrendo  
8 no mesmo dia. Todos ficaram muito tristes e vestiram-se de luto; sinos dobraram por  
9 todo o reino. Roseta ficou inconsolável com a morte de tão boa mãe.

10 Finalizados os enterros do rei e da rainha, os marqueses e os duques do reino  
11 entronizaram o Grande Príncipe; assentado sobre um trono de ouro e diamantes, tinha  
12 uma esplêndida coroa sobre a cabeça e estava trajado com vestes de veludo violeta  
13 bordadas com sóis e luas. Por fim, toda corte bradou três vezes:

14 — Viva o rei!

15 Todos só pensavam em festejar.

16 Tempos depois, o novo rei e seu irmão chegaram a um consenso:

17 — Agora que somos os soberanos, podemos ordenar a retirada de nossa irmã da  
18 torre onde ela vive deprimida há tanto tempo.

19 Para chegar àquela edificação de imensurável altura, eles tinham apenas que  
20 atravessar o jardim, pois ela havia sido construída em uma de suas extremidades. O desejo  
21 dos falecidos reis era que a princesa permanecesse enclausurada para sempre.

22 Roseta bordava um belo vestido junto ao tear; assim que avistou seus irmãos,  
23 levantou-se, tomou a mão do rei e disse-lhe:

24 — Bom dia, senhor! Agora que sois o rei, suplico-vos, como vossa humilde serva,  
25 que me retireis desta torre onde vivo entediada.

26 Depois de fazer sua súplica, Roseta desatou a chorar. O rei abraçou sua irmã e  
27 pediu-lhe que cessasse o pranto, pois estava ali para libertá-la e conduzi-la a um lindo  
28 castelo. Os bolsos do príncipe estavam cheios de drageados<sup>5</sup>, que ele ofereceu à Roseta.

29 — Vamos! — disse o mais novo. — Saiamos desta sórdida torre! O rei te  
30 providenciará um casamento muito em breve! Não te preocupes!

31 Quando Roseta enfim contemplou o belo jardim todo repleto de flores, de frutos  
32 e de fontes, ficou tão atônita que não conseguiu pronunciar uma palavra sequer, pois  
33 nunca tinha visto algo tão bonito assim. Ela olhava para todos os lados, caminhava e  
34 parava, colhia frutas das árvores e flores do canteiro. Um pequeno cãozinho corria diante

---

<sup>4</sup> Antiga moeda de prata que equivalia a 10 libras (COIMBRA, 1957, p. 247).

<sup>5</sup> Na culinária, tipo de doce feito com uma amêndoa encoberta por açúcar.

1 dela, dançando festivamente; seu nome era Tremelique<sup>6</sup>, ele era verde como um papagaio,  
2 só linha uma orelha e fazia “au, au, au” com mil saltos e cabriolas.

3 Tremelique divertia muito a comitiva. De repente, ele desatou a correr em direção  
4 a um pequeno bosque. A princesa o seguiu e ficou mais maravilhada do que nunca ao  
5 avistar, naquele local, um grande pavão com a cauda eriçada; ele lhe parecia tão belo, mas  
6 tão belo, que ela não conseguia tirar os olhos dele. O rei e o príncipe aproximaram-se de  
7 sua irmã e perguntaram-lhe com o que se entretinha. Ela apontou para o pavão e  
8 perguntou-lhes o que era aquilo. Disseram-lhe que era uma ave que às vezes servia de  
9 alimento.

10 — O quê?! — ela exclamou. — Quem ousaria matar um pássaro tão belo e ainda  
11 comê-lo? Eu vos declaro que não me casarei com ninguém a não ser com o Rei dos Pavões!  
12 Assim, quando me tornar rainha, impedirei que eles sejam devorados!

13 O assombro do rei foi indescritível.

14 — Mas, minha irmã, onde poderemos encontrar o tal Rei dos Pavões? — ele  
15 perguntou.

16 — Onde quer que ele esteja, meu senhor! Mas não me casarei a não ser com ele!

17 Depois da decisão ter sido tomada, os dois irmãos conduziram-na ao castelo, para  
18 onde também levaram o pavão, que foi acomodado nos aposentos da princesa (pois ela  
19 havia amado demais a ave). Todas as damas que ainda não haviam conhecido Roseta  
20 correram para saudá-la e fazer-lhe a corte. Uma trouxe-lhe confeitos e doces, outras  
21 lhe ofereceram vestidos de ouro, belos laços de fita, bonecas, sapatos bordados, pérolas e  
22 diamantes; havia presentes por toda parte! E ela era tão bem educada e tão civilizada que  
23 beijava as mãos e fazia reverências a todos os que lhe presenteavam com qualquer coisa  
24 bonita, de modo que todas as damas e cavalheiros da corte se alegraram em sua presença.

25 Enquanto Roseta conversava em boa companhia, o rei e o príncipe pensavam em  
26 como encontrar o Rei dos Pavões, se é que existia um. Concluíram que primeiro deveriam  
27 mandar fazer um retrato da princesa. Ele foi feito com tanta perfeição que só faltava falar.  
28 Os dois disseram à irmã:

29 — Já que não aceitais casar-vos a não ser com o Rei dos Pavões, partiremos juntos  
30 a fim de procurá-lo por todo o mundo. Ficaremos muito felizes se acaso o encontrarmos!  
31 Tomai conta do nosso reino até o nosso regresso.

32 Roseta agradeceu-lhes pelo compromisso que haviam assumido. Disse-lhes que  
33 governaria o reino muito bem e que se divertiria contemplando o belo pavão e fazendo  
34 Tremelique dançar durante a ausência dos dois. Eles não conseguiram conter o choro  
35 quando disseram adeus.

---

<sup>6</sup> *Fretillon*.

1 E então os dois príncipes partiram. Por onde passavam, perguntavam a todos que  
2 encontravam:

3 — Acaso conheceis o Rei dos Pavões?

4 — Não, não! — respondiam.

5 Eles seguiam adiante e iam cada vez mais longe. Nesse ritmo, foram tão longe, mas  
6 tão longe, que chegaram aonde ninguém mais havia chegado. Primeiro alcançaram o  
7 reino dos besouros; jamais se viu tantos insetos reunidos! Eles faziam um zumbido tão  
8 intenso que o rei teve medo de ficar surdo. Perguntou àquele que lhe pareceu o mais  
9 sensato se ele não sabia em que lugar o Rei dos Pavões poderia ser encontrado.

10 — Senhor — disse o besouro. — O reino dos pavões fica a trinta mil léguas daqui.  
11 Haveis tomado o caminho mais longo para chegar lá!

12 — E como sabeis disso? — o rei quis saber.

13 — É porque vos conhecemos bem, pois vamos todos os anos passar dois ou três  
14 meses em vossos jardins — respondeu o besouro.

15 O rei e seu irmão estabeleceram acordos com os besouros, fizeram amizade e até  
16 cearam juntos. Eles viram com admiração todas as curiosidades daquele país, onde a  
17 menor folha de árvore valia uma pistola. Depois disso, seguiram viagem e não demoraram  
18 muito tempo para chegar ao local indicado, visto que agora conheciam o caminho. De  
19 longe, avistaram árvores carregadas de pavões empoleirados; o lugar estava tão repleto  
20 deles que era possível ouvi-los pupilar e falar a duas léguas de distância.

21 O rei disse a seu irmão:

22 — Se o Rei dos Pavões também for um pavão, como é que nossa irmã se casará  
23 com ele? Seria uma loucura consentir com isso! Que bela aliança seria... Teríamos  
24 pequenos pavõezinhos como sobrinhos!

25 O príncipe não estava menos aflito:

26 — Isso não passa de uma infeliz fantasia que acometeu seu juízo! Eu não sei como  
27 ela adivinhou que havia no mundo um rei dos pavões.

28 Quando chegaram à capital, viram que a cidade estava cheia de homens e de  
29 mulheres, cujas roupas eram feitas de penas de pavão (as quais eles penduravam em todo  
30 lugar, como se fossem consideradas um enfeite muito bonito). Em seguida, não tardaram  
31 a reconhecer o rei, que passeava em uma pequena carruagem de ouro e diamantes puxada  
32 por doze pavões a bridão. O tal Rei dos Pavões era tão bonito, mas tão bonito, que o rei e  
33 o príncipe ficaram encantados! Ele tinha longos cabelos loiros e encaracolados, a pele  
34 branca e uma coroa de cauda de pavão. Ao vê-los, o Rei dos Pavões julgou que decerto  
35 eram estrangeiros, pois suas vestes eram diferentes daquelas que as pessoas de seu país  
36 usavam. Disposto a conhecê-los, parou sua carruagem e mandou chamá-los.

37 O rei e o príncipe se dirigiram à sua presença. Depois de lhe prestarem reverência,  
38 disseram-lhe:

1 — Senhor, viemos de muito longe para vos mostrar um belo retrato.  
2 E tiraram de sua valise o grande retrato de Roseta. O Rei dos Pavões olhou bem  
3 para ele e depois disse:

4 — Eu não posso crer que exista no mundo uma donzela tão bela assim!

5 — É ainda cem vezes mais bonita! — afirmou o rei.

6 — Ah! Zombais de mim! — replicou o Rei dos Pavões.

7 — Senhor — disse o príncipe. — Meu irmão também é rei, assim como vós; ele é  
8 o rei e eu sou o príncipe. Nossa irmã, cujo retrato vos apresentamos, é a princesa Roseta.  
9 Viemos até aqui para saber se desejais desposá-la. Ela é bonita e bem instruída.  
10 Oferecemos um alqueire de escudos de ouro<sup>7</sup> por dote.

11 — Sim! — consentiu o rei. — Eu a desposarei de bom grado! Uma vez ao meu  
12 lado, não lhe faltará nada, hei de amá-la muito. No entanto, peço-vos a garantia de que  
13 ela seja assim tão bela quanto seu retrato em todos os mínimos detalhes, caso contrário  
14 ordenarei a morte dos dois!

15 — Está bem, estamos de acordo! — disseram os dois irmãos de Roseta.

16 — Estais de acordo? — enfatizou o rei. — Sendo assim, sereis provisoriamente  
17 aprisionados e permaneceréis aqui até a chegada da princesa.

18 Os príncipes não relutaram em concordar, pois estavam bem certos de que Roseta  
19 era ainda mais bela que seu retrato.

20 Uma vez cativos, o rei tratava de servi-los maravilhosamente bem e ia visitá-los  
21 frequentemente. O retrato de Roseta ficava exposto em seu palácio; estava tão alucinado  
22 por ela que não dormia nem de noite e nem de dia. Como o rei e o príncipe encontravam-  
23 se aprisionados, escreveram uma carta pedindo à princesa que fizesse suas malas bem  
24 depressa e se dirigisse para lá imediatamente, pois o Rei dos Pavões a aguardava. Com  
25 medo de deixá-la muito apreensiva, não lhe disseram que estavam presos.

26 Quando recebeu a carta, Roseta ficou tão exasperada que pensou até que fosse  
27 morrer. Contou a todo mundo que o Rei dos Pavões havia sido encontrado e desejava  
28 casar-se com ela. Seus súditos acenderam fogos, celebraram com tiros de canhão e se  
29 fartaram de drageados e doces por toda parte; todos os que se dirigiram ao palácio para a  
30 princesa durante os três dias de festa foram recebidos com confeitos e hipocrás<sup>8</sup>. Generosa  
31 que era, Roseta entregou suas belas bonecas às suas melhores amigas, e o reino de seu  
32 irmão nas mãos dos mais sábios anciãos da cidade. Recomendou-lhes veementemente  
33 que tomassem conta de tudo, que gastassem o mínimo possível e que poupassem dinheiro  
34 até o retorno do rei. Pediu também que cuidassem bem de seu pavão. Roseta levou  
35 consigo somente sua nutriz e sua irmã de leite, além de Tremelique, o cachorrinho verde.

---

<sup>7</sup> Moedas de alto valor cunhada com a gravura do brasão de armas da família emissora.

<sup>8</sup> Bebida medieval geralmente feita de vinho, açúcar e especiarias.

1           Elas entraram em um barco que flutuava sobre o mar. Levavam um alqueire de  
2 escudos de ouro e roupas para dez anos, com duas trocas por dia. Não faziam nada além  
3 de rir e cantar.

4           Passado algum tempo, a nutriz perguntou ao barqueiro:

5           — Já estamos perto do reino dos pavões?

6           E ele disse:

7           — Não, não.

8           Um tempo depois, ela perguntou novamente:

9           — E agora, já estamos perto?

10          E ele respondeu:

11          — Em breve, em breve.

12          E perguntou uma outra vez:

13          — E agora, estamos mais perto?

14          E ele replicou:

15          — Sim, sim.

16          Quando ouviu essa resposta, sentou-se na proa do barco, bem perto dele, e disse-  
17 lhe:

18          — Se tu quiseres, ficarás rico a perder de vista.

19          E ele respondeu:

20          — E como quero!

21          Ela prosseguiu:

22          — Se tu quiseres, ganharás muitas pistolas.

23          E ele respondeu:

24          — Não desejo outra coisa!

25          — Pois bem — disse ela. — É necessário que esta noite, enquanto a princesa estiver  
26 dormindo, tu me ajudes a lançá-la ao mar. Depois que ela se afogar, vestirei minha filha  
27 com seus belos vestidos e nós a levaremos ao Rei dos Pavões, que ficará bem contente em  
28 desposá-la. Como recompensa, te daremos muitos diamantes.

29          O barqueiro ficou deveras espantado com a proposta da nutriz; disse-lhe que seria  
30 uma vergonha afogar uma princesa tão bela e que se apiedava dela. Mas a nutriz pegou  
31 uma garrafa de vinho e fê-lo beber até perder a consciência, a ponto de não ser capaz de  
32 recusar mais nada.

33          A noite chegou e a princesa foi se deitar; seu pequeno Tremelique acomodou-se  
34 confortavelmente aos pés da cama, sem fazer nenhum movimento brusco. Roseta caiu em  
35 um sono profundo. Foi então que a malvada nutriz, que não tinha ido dormir, chamou o  
36 barqueiro. Juntos, os dois adentraram os aposentos da princesa e, sem acordá-la,  
37 carregaram-na para fora com seu leito de plumas, seu acolchoado, seus lençóis e  
38 cobertores. A irmã de leite empregou todas as forças que tinha para ajudá-los. Por fim,

1 conseguiram lançá-la ao mar. A princesa dormia um sono tão profundo que mesmo assim  
2 não despertou.

3 Havia, porém, um detalhe auspicioso: é que o colchão da princesa era feito de  
4 plumas de fênix, que eram muito raras e tinham a propriedade de jamais submergirem,  
5 de sorte que ela flutuava em seu leito como se estivesse em um barco. A água, no entanto,  
6 começou a molhar as plumas pouco a pouco, e depois o acolchoado.

7 Ao sentir aquela umidade, Roseta teve medo de ter feito xixi na cama e ser  
8 repreendida por isso. Como ela se virava de um lado para o outro, Tremelique acabou  
9 acordando. Ele tinha um olfato excelente; quando sentiu o cheiro dos linguados e dos  
10 bacalhaus tão de perto, começou a latir, e latiu tanto que despertou todos os peixes do  
11 mar. Eles desataram a nadar: os peixes maiores empurravam a cabeça contra o leito da  
12 princesa, que, sem saber de nada, começou a girar como um pião. Céus, ela ficou bastante  
13 atordoada!

14 — O nosso barco está dançando sobre a água? — ela indagou. — Nunca me senti  
15 tão indisposta como nesta noite!

16 Desesperado, Tremelique não parava de latir; a malvada nutriz e o barqueiro  
17 ouviram-no ao longe e fizeram suas conjecturas:

18 — Para nossa satisfação, eis que aquele cãozinho bizarro está a submergir com sua  
19 dona. Apressemos-nos para chegar logo!

20 Eles estavam muito perto da cidade do Rei dos Pavões. Ele havia enviado à beira-  
21 mar cem carruagens puxadas por toda sorte de bichos raros: havia ali leões, ursos, cervos,  
22 lobos, cavalos, búfalos, asnos, águias e pavões. A carruagem que a princesa Roseta deveria  
23 ocupar era puxada por seis macacos azuis que saltavam e dançavam sobre as rédeas,  
24 fazendo mil cabriolas engraçadas; tinham belas selas de veludo carmesim com placas de  
25 ouro. Na praia, via-se sessenta donzelas que o rei escolhera para entreter sua prometida.  
26 Elas vestiam trajes de todas as cores; ouro e prata era o que não faltava.

27 A nutriz dispensara grande esforço em adornar sua filha. Enfeitou-a dos pés à  
28 cabeça com os diamantes de Roseta e fê-la vestir o mais belo vestido da princesa. Porém,  
29 mesmo estando muito bem enfeitada, ela não deixava de ser mais feia que uma macaca:  
30 seus cabelos eram sujos e oleosos, era zarolha, tinha as pernas tortas e uma grande  
31 corcunda no meio das costas. Ademais, como era mal-humorada e impertinente, vivia  
32 sempre resmungando.

33 Quando os súditos do Rei dos Pavões viram-na desembarcar, ficaram tão  
34 surpresos que até perderam a voz.

35 — O que está acontecendo? — ela reclamou. — Acaso estais dormindo? Vamos,  
36 vamos, cheguei e quero comer! Movimentai-vos ou farei com que sejais enforcados, seus  
37 canalhas!

38 Ao ouvirem aqueles ultrajes, eles disseram entre si:

1 — Que besta horrorosa! O que tem de feia, tem de odiosa! Que ótimo casamento  
2 nosso rei foi arranjar, nada mais me surpreende! Não valeu a pena fazê-la vir de tão longe!

3 Ela agia como uma tirana, distribuindo tapas e socos em todo mundo por qualquer  
4 motivo. Como a comitiva de recepção era muito grande, a marcha avançava  
5 vagarosamente. A impostora se portava como uma rainha em sua carruagem. Todos os  
6 pavões que estavam empoleirados sobre as árvores queriam saudar sua futura soberana;  
7 eles estavam preparados para pupilar “Viva a bela rainha Roseta!”. Porém, quando se  
8 deram conta de sua péssima aparência, pupilaram:

9 — Piu, piu, como ela é feia!

10 Enfurecida com a ofensa, ela ordenou aos guardas:

11 — Matai esses pavões insolentes que me lançam injúrias!

12 Mas os pavões levantaram voo bem depressa e partiram em zombaria.

13 Testemunhando toda aquela situação, o patife do barqueiro disse bem baixinho à  
14 nutriz:

15 — Comadre, não vamos nada bem! Vossa filha deveria estar mais bonita...

16 Ao que ela respondeu:

17 — Cala-te, demente, ou nos trará azar!

18 Nesse ínterim, alguns emissários foram avisar o rei que a princesa se aproximava.

19 — Ótimo! — disse ele. — Seus irmãos me disseram a verdade? Ela é ainda mais  
20 bonita que seu retrato?

21 — Senhor... — eles responderam. — Já seria suficiente se ela fosse tão bonita  
22 quanto.

23 — De fato! — o rei concordou. — É o bastante para que eu fique muito contente.  
24 Vamos vê-la!

25 Pela grande algazarra que se fazia na corte, o rei entendeu que Roseta se  
26 aproximava. Porém, em meio ao barulho, não conseguiu escutar outra coisa a não ser o  
27 coro dos pavões: “Piu, piu, como ela é feia!”. Pensou que estivessem falando de alguma  
28 anã ou de algum bicho que a princesa trazia consigo; não podia nem cogitar que aqueles  
29 comentários se dirigiam a ela mesma.

30 Os homens do rei carregavam o retrato de Roseta no alto de um grande mastro. O  
31 rei marchava imediatamente atrás dele, seguido por todos os seus barões e todos os seus  
32 pavões, bem como pelos embaixadores dos reinos vizinhos. O Rei dos Pavões estava  
33 impaciente para conhecer sua querida Roseta.

34 Eca! Ele quase morreu ao avistá-la! Tomado pelo maior ódio do mundo, rasgou  
35 suas vestes<sup>9</sup> e não quis sequer aproximar-se dela, pois sua figura lhe causava pavor.

---

<sup>9</sup> Rasgar as vestes era uma prática comum na narrativa bíblica do antigo testamento e simbolizava o completo desespero, humilhação, indignação, sofrimento.

1 — Aqueles dois patifes que mantenho cativos tiveram a ousadia de zombar de  
2 mim quando me propuseram o casamento com uma macaca dessas! — vociferou o rei. —  
3 Eles merecem a morte! Vamos, prendei agora mesmo essa impostora, sua ama e o homem  
4 que as acompanha! Lançai-os no calabouço de minha grande torre!

5 Enquanto isso, o outro rei e seu irmão permaneciam presos, mas encontravam-se  
6 bem vestidos, pois sabiam que sua irmã já devia ter chegado e estavam prontos para  
7 recebê-la. Porém, em vez de abrir a prisão para libertá-los, assim como esperavam, o  
8 carcereiro chegou acompanhado de alguns soldados e fê-los descer a uma caverna  
9 completamente escura, repleta de feras perigosas, onde foram lançados e abandonados  
10 com água até o pescoço. Ninguém jamais ficou tão assustado e triste quanto aqueles dois!

11 — Ó, céus! — diziam um para o outro. — Eis as tristes bodas a nós reservadas!  
12 Qual será a causa de tamanho infortúnio?

13 Não conseguiam pensar em nada no mundo que justificasse tal punição; só sabiam  
14 que haviam sido lançados à morte, o que os deixava absolutamente desconsolados.

15 Três dias se passaram sem que tivessem uma resposta. Ao cabo desse período, o  
16 Rei dos Pavões dirigiu-se até eles para endereçar-lhes injúrias através de uma fresta:

17 — Ostentastes os títulos de rei e príncipe apenas para me enganar e fazer com que  
18 eu me compromettesse a casar-me com vossa irmã! — ele exclamou. — Mas não passais  
19 de dois coitados que não valem nem a água que bebem! Mandarei buscar juízes que  
20 cuidarão de vosso processo bem depressa! Tenho desde já a corda em que hei de enforcar-  
21 vos!

22 — Rei dos Pavões! — respondeu o colérico rei. — Não ajais assim tão  
23 precipitadamente quanto a essa questão, ou podereis arrepender-vos! Sou rei como vós,  
24 tenho um belo reino, vestes, coroas e muitos escudos; tendes a minha palavra<sup>10</sup>! Parece-  
25 me, porém, que estais bem predisposto a ver-nos enforcados! Acaso roubamos algo?

26 Ao ouvi-lo falar assim tão resolutamente, o rei reconsiderou suas atitudes e ficou  
27 em vias de deixá-los partir com sua irmã sem condená-los à morte. Mas o seu confidente,  
28 que era um verdadeiro bajulador, encorajou-lhe a manter a sentença fatal, afirmando que  
29 todo mundo zombaria de sua majestade e que ele seria considerado um reizinho de meia  
30 pataca<sup>11</sup> se não se vingasse. Novamente inflamado, o soberano declarou que não os  
31 perdoaria e ordenou a abertura do processo.

32 E não demorou para que chegassem a um veredito: bastou olhar para o retrato da  
33 verdadeira princesa Roseta e compará-lo à donzela que pretendia sê-la. Os irmãos foram  
34 condenados à decapitação pelo crime da mentira, pois haviam prometido uma bela  
35 princesa ao rei e não lhe deram mais que uma camponesa feiosa.

---

<sup>10</sup> “*J’y mangerais jusqu’à ma chemise*”: expressão que denota um juramento.

<sup>11</sup> “[...] *et qu’on le prendrait pour um petit roitelet de quatre deniers.*”



1 Os oficiais foram à prisão ler-lhes a sentença, mas eles reivindicaram: garantiram  
2 que não haviam mentido e reafirmaram que sua irmã era uma princesa mais bela que o  
3 dia. Os dois chegaram à conclusão de que havia acontecido algum mal-entendido e  
4 demandaram um prazo de sete dias para sua execução, pois acreditavam que sua  
5 inocência talvez pudesse ser reconhecida nesse ínterim. O Rei dos Pavões, que estava  
6 bastante irado, teve muita dificuldade em concordar com essa benevolência, mas acabou  
7 aceitando.

8 Enquanto tudo isso se passava na corte, é preciso dizer qualquer coisa sobre a  
9 pobre princesa. Assim que amanheceu, Roseta e Tremelique ficaram deveras assustados  
10 ao perceberem que estavam à deriva no meio do mar, sem barco e sem socorro. Ela  
11 desatou a chorar; e chorou tanto, mas tanto, que fez pena a todos os peixes. Não sabia o  
12 que fazer, nem o que pensar.

13 — Certamente fui lançada ao mar por ordem do Rei dos Pavões! — Roseta cogitou.  
14 — Ele se arrependeu de sua decisão de casar-se comigo e ordenou que me afogassem para  
15 livrar-se de mim! Que homem mais esquisito! Eu o amaria tanto... Seríamos tão felizes  
16 juntos!

17 Dito disso, chorou ainda mais intensamente, pois não conseguia deixar de amá-  
18 lo.

19 Roseta passou dois dias assim, flutuando de um lado para o outro do mar, molhada  
20 até os ossos, mortalmente resfriada e quase congelada. Se não fosse pelo pequeno  
21 Tremelique, que reconfortava um pouco o seu coração, teria morrido cem vezes. A pobre  
22 princesa sentia uma fome assombrosa; ao avistar algumas ostras em suas cascas, capturou-  
23 as e as comeu. Tremelique detestava o sabor que tinham, mas era necessário que ele  
24 também se alimentasse. Quando a noite chegou, Roseta foi tomada por um grande pavor,  
25 e pediu ao seu cachorrinho:

26 — Tremelique, não pare de latir para que os linguados não nos devorem!

27 E ele latiu a noite inteira.

28 Enfim, passado algum tempo, o leito da princesa já não se encontrava muito  
29 distante da praia. Um bondoso ancião morava naquelas cercanias; ele era muito pobre e  
30 não ligava para as riquezas do mundo. Vivia completamente sozinho em uma pequena  
31 choupana e jamais havia recebido a visita de alguém. Ficou bastante espantado ao ouvir  
32 os latidos de Tremelique, pois nenhum cachorro costumava passar por ali. Imaginando  
33 que algum viajante pudesse estar perdido, saiu caridosamente ao seu encontro para tentar  
34 ajudá-lo a retomar seu caminho. Foi então que avistou Roseta e Tremelique à deriva sobre  
35 o mar. Ao vê-lo, a princesa ergueu o braço e gritou:

36 — Bom ancião, salvai-me, pois estou prestes a morrer! Já faz dois dias que não  
37 tenho forças!

1           Ao ouvi-la falar tão tristemente, o ancião teve pena e voltou à sua casa para pegar  
2 uma vara bem comprida. Ele entrou no mar e pensou duas ou três vezes que fosse se  
3 afogar, pois a água chegava à altura de seu pescoço. Por fim, conseguiu arrastar o leito da  
4 princesa até a margem. Roseta e Tremelique ficaram muito felizes quando pisaram em  
5 terra firme. Ela agradeceu imensamente ao bondoso ancião e enrolou-se no cobertor que  
6 lhe foi oferecido. Depois, descalça, entrou na choupana, onde uma pequena fogueira de  
7 palha seca foi acesa. O velho tirou de seu baú o mais belo casaco de lã que pertencera à  
8 sua esposa, bem como um par de meias e uns sapatos com os quais a princesa se vestiu.  
9 Mesmo trajada de camponesa, ela era linda como o dia! Tremelique dançava ao seu redor  
10 para diverti-la.

11           O ancião bem notou que Roseta devia ser alguma grande dama, pois os cobertores  
12 de sua cama eram todos de ouro e prata, e seus acolchoados de cetim. Pediu-lhe que  
13 narrasse a sua história, prometendo que não faria comentário algum, caso ela assim  
14 desejasse. Roseta contou-lhe tudo, de uma ponta a outra, e chorou intensamente, pois não  
15 deixava de acreditar que o Rei dos Pavões fora o responsável por aquela tentativa de  
16 afogamento.

17           — O que faremos, minha filha? — perguntou-lhe o ancião. — Sois uma princesa  
18 magnânima, acostumada a comer as melhores iguarias, e eu não tenho nada além de pão  
19 preto e rabanetes para vos oferecer. Tereis uma vida indigna aqui. Porém, se confiardes  
20 em mim, irei à presença do Rei dos Pavões para informá-lo de vossa chegada. Afinal, se  
21 ele tivesse vos conhecido, certamente aceitaria casar-se convosco!

22           — Ah! De tão perverso que é, ele me condenaria novamente à morte! — disse  
23 Roseta. — Mas se tiverdes um cestinho bem pequeno, bastará atá-lo ao pescoço do meu  
24 cachorrinho para que ele nos traga alguma provisão. Ele só não conseguirá algo se formos  
25 muito azarados!

26           O ancião entregou um cestinho à princesa. Atando-o ao pescoço de Tremelique,  
27 disse-lhe:

28           — Encontra a melhor panela que houver na cidade e traz-me o que estiver lá  
29 dentro!

30           Tremelique seguiu para a capital. Como não havia nenhuma panela melhor que a  
31 do rei, ele entrou em sua cozinha, destampou a panela, apoderou-se de tudo o que estava  
32 dentro dela e regressou à choupana. Muito satisfeita, Roseta lhe disse:

33           — Retorna à despensa desse lugar e traz o que encontrares de melhor!

34           Tremelique retornou ao local e pegou vinho branco, vinho moscatel e toda sorte  
35 de frutas e confeitos; carregou-se até não conseguir pegar mais nada.

36           Quando o Rei dos Pavões desejou jantar, seus cozinheiros não encontraram mais  
37 nada dentro da panela e nem na despensa. Assombrados, todos se entreolharam; o rei  
38 ficou terrivelmente irado.

1 — Muito bem! — disse ele. — Não posso ficar sem nada! Colocai um espeto no  
2 fogo para que eu tenha bons assados para comer.

3 Ao cair da noite, a princesa disse a Tremelique:

4 — Vai à cidade, entra na melhor cozinha que houver e me traz bons assados!

5 Tremelique fez como sua dona lhe ordenara. Sem encontrar uma cozinha melhor  
6 que a do rei, invadiu-a silenciosamente. Enquanto os cozinheiros estavam de costas, ele  
7 pegou o assado que estava no espeto; a iguaria tinha uma aparência excelente, só de ver já  
8 aguçava o apetite.

9 O cãozinho voltou com o cesto cheio para a princesa. Muito contente, Roseta  
10 pediu a Tremelique que retornasse àquela despensa; dessa vez, ele se apoderou de todas  
11 as compotas e drageados do rei.

12 Muito faminto por ainda não ter jantado, o Rei dos Pavões ordenou que lhe  
13 servissem os assados. Porém, mais uma vez tiveram de informá-lo que a comida havia  
14 desaparecido. Tomado por uma cólera sem precedentes, ele acabou indo deitar-se em  
15 jejum. E aconteceu o mesmo no dia seguinte, tanto no almoço quanto no jantar, de modo  
16 que o rei ficou três dias sem beber nem comer; assim que ele se sentava à mesa, seus  
17 cozinheiros descobriam que tudo havia sido roubado.

18 Afrito e temeroso pela morte de seu soberano, o confidente do rei resolveu  
19 esconder-se em um canto escuro da cozinha; ele não tirava os olhos da panela que  
20 borbulhava. Qual não foi sua admiração ao ver um cachorrinho verde de uma orelha só  
21 entrando sorrateiramente! Ele destampou a panela e colocou a carne em seu cesto. O  
22 rapaz decidiu segui-lo a fim de descobrir para onde ele levava a comida. Tremelique foi  
23 visto deixando a capital e entrando na choupana do bom ancião. O confidente correu para  
24 contar tudo ao rei: disse-lhe que era para a casa de um pobre camponês que seus cozidos  
25 e assados eram levados noite e dia.

26 Bastante surpreso, o Rei dos Pavões ordenou a seus oficiais que fossem procurá-  
27 lo. Com a intenção de mostrar serviço, o confidente ofereceu-se para essa missão e  
28 retornou à choupana acompanhado de guardas reais. Encontraram o bom velhinho  
29 ceando com a princesa; ambos se fartavam com os cozidos do rei. O rapaz mandou  
30 prendê-los, e eles foram amarrados com cordas bem grossas, inclusive Tremelique.

31 De volta ao palácio, foram avisar o rei da captura dos ladrões. Ele respondeu:

32 — Amanhã expira o sétimo dia que concedi àqueles dois afrontosos. Eles morrerão  
33 na companhia dos ladrões de minha comida!

34 Em seguida, o Rei dos Pavões dirigiu-se ao salão de justiça. Colocando-se de  
35 joelhos, o pobre ancião prometeu-lhe que explicaria tudo. Ele começou a contar toda a  
36 história, mas o rei só tinha olhos para a bela princesa; sentia pena de vê-la chorar. Foi  
37 quando o bom homem declarou que aquela moça se chamava princesa Roseta e que a  
38 coitada havia sido lançada ao mar. Apesar da fraqueza em que se encontrava por ter

1 passado tanto tempo sem comer, o Rei dos Pavões deu três pulos de alegria e correu para  
2 abraçá-la. Desatando as cordas que a prendiam, disse-lhe que a amava de todo seu  
3 coração!

4 Imediatamente, o rei mandou seus guardas buscarem os irmãos da princesa. Os  
5 dois estavam muito tristes, de cabeça baixa, pois pensavam que havia chegado a hora de  
6 sua morte. Os oficiais também foram buscar a nutriz e sua filha. Uma vez juntos, eles  
7 reconheceram uns aos outros.

8 Roseta correu para abraçar seus irmãos quando enfim os reencontrou! A nutriz,  
9 sua filha e o barqueiro lançaram-se de joelhos e clamaram por piedade; o rei e a princesa  
10 estavam tão felizes que acabaram perdoadando os três. O bom ancião foi grandemente  
11 recompensado e permaneceu no palácio até o fim de sua vida.

12 Enfim, o Rei dos Pavões fez de tudo para gratificar o rei e seu irmão a fim de expiar  
13 o remorso que sentia por tê-los maltratado. A nutriz devolveu à Roseta seus belos vestidos  
14 e seu alqueire de escudos de ouro. As núpcias duraram quinze dias. No fim, todos ficaram  
15 contentes, inclusive Tremelique, que agora só comia asas de perdiz.

16  
17 *O Céu vela por nós; se um inocente*  
18 *Encontra-se em urgente aflição,*  
19 *Ele sempre vem e o defende,*  
20 *Trazendo vingança e libertação.*

21  
22 *Ao verem a tímida Roseta,*  
23 *Assim como Alcíone<sup>12</sup>, em seu leito a flutuar,*  
24 *Os ventos começaram a água soprar,*  
25 *Conduzindo-a à choupana secreta;*

26  
27 *Um triste fim ela teria*  
28 *Em meio às gigantescas ondas,*  
29 *E de petisco serviria*  
30 *A alguma baleia hedionda.*

31  
32 *Sem o socorro dos céus, ela teria perecido.*  
33 *Tremelique esteve ao seu lado*  
34 *Contra o bacalhau e o linguado,*

---

<sup>12</sup> No mito de Cêix e Alcíone, Zeus os castiga com uma tempestade enquanto eles estão navegando. Alcíone se lança ao mar e é carregada até a praia pelos ventos, enquanto Cêix desaparece, para depois ter seu cadáver descoberto pela amada (COLEMAN, 2007, p. 47).

1 *E também se mostrou agradecido*  
2 *Ao alimentar sua dona querida.*  
3 *Seria bom se tivéssemos conhecido*  
4 *Um cãozinho desses em nossas vidas.*

5  
6 *Roseta, mesmo lançada em alto mar,*  
7 *Aos seus algozes concedeu perdão.*  
8 *Quanto a vós, a quem insistem em insultar,*  
9 *Querendo vos tirar da razão,*

10  
11 *Aprendeí que é mais bonito perdoar a ofensa*  
12 *Do que abater vossos inimigos ardis*  
13 *Dando-lhes uma justa, mas cruel sentença.*  
14 *É isso que nosso século admira em Luís<sup>13</sup>.*

---

<sup>13</sup> Referência a Luís XIV, que poupou a vida de Marie-Catherine após o escândalo da falsa acusação do crime de lesa-majestade contra o barão d’Aulnoy, marido da autora.

## O RAMO DE OURO

1           Era uma vez um rei cujo humor austero e rancoroso inspirava mais medo que  
2 amor. Ele era raramente visto; sempre que levantava qualquer suspeita sobre um de seus  
3 súditos, mandava matá-lo. Chamavam-no de rei Sombrio<sup>1</sup>, pois sempre franzia a  
4 sobrelance. O rei Sombrio tinha um filho que em nada se parecia com ele. Sua  
5 inteligência, sua doçura, sua magnificência e suas habilidades eram ímpares; contudo, em  
6 contrapartida, ele tinha as pernas tortas, uma corcunda maior que sua cabeça, olhos  
7 vesgos e boca retorcida. Enfim, ele era um monstrinho; nunca houve uma alma tão bela  
8 dando vida a um corpo tão disforme. Porém, para sua sorte, aqueles que tinham o prazer  
9 de conhecê-lo amavam-no desesperadamente, sua inteligência era tão superior à de todos  
10 os outros que ninguém conseguia ouvi-lo com indiferença.

11           A rainha, sua mãe, quis que ele se chamasse Torcicolo<sup>2</sup>; seja porque gostava desse  
12 nome ou porque ele era realmente todo contorcido, ela acreditava que esse era o nome  
13 que melhor lhe convinha. O rei Sombrio, que pensava mais em sua própria grandeza do  
14 que na satisfação de seu filho, lançou os olhos sobre a filha de um poderoso rei, seu  
15 vizinho, cujos domínios, uma vez anexados aos seus, fariam dele um homem temível em  
16 toda a Terra. Sombrio concluiu que essa princesa seria muito adequada para casar-se com  
17 o príncipe Torcicolo, pois ela não teria motivos para repreendê-lo por sua deformidade e  
18 fealdade, já que ela mesma não era menos feia e deformada do que ele. Ela costumava  
19 andar dentro de uma tigela, pois era amputada<sup>3</sup>. Chamavam-na de Bagaço<sup>4</sup>. Ela era a  
20 criatura mais amável do mundo por conta de sua inteligência; era como se o céu quisesse  
21 recompensá-la pelo mal que a natureza lhe fizera.

22           O rei Sombrio, tendo pedido e obtido o retrato da princesa Bagaço, ordenou que  
23 o dispusessem em uma grande sala, sob um dossel, e mandou chamar o príncipe  
24 Torcicolo, a quem ordenou que o admirasse com ternura, pois aquela era a princesa  
25 Bagaço, que estava destinada a casar-se com ele. Torcicolo lançou seus olhos sobre o  
26 retrato e logo afastou-se com um ar de desdém, o que deixou seu pai ofendido.

27           — Acaso não estais contente? — o rei inquiriu, em um tom azedo e irritado.

28           — Não, senhor — ele respondeu. — Nunca ficarei contente por ter de me casar  
29 com uma amputada.

---

<sup>1</sup> *Le roi Brun*: literalmente, “o rei Sombrio”. A fim de evitar qualquer leitura de cunho racial, optou-se pelo termo “Sombrio”, que dá conta da personalidade do rei e consta como uma das definições do termo utilizado.

<sup>2</sup> *Torticoli*.

<sup>3</sup> *Cul-de-jatte*: indivíduo sem pernas, amputado, que se locomove com muletas, arrastando-se em uma espécie de cadeira de rodas rudimentar, uma tábua com rodinhas.

<sup>4</sup> *Trognon*: a parte que sobra de uma fruta ou de qualquer outra coisa comestível.

1 — Ora, quem sois vós para observar os defeitos dessa princesa? — disse o rei  
2 Sombrio. — Sois um monstrinho assustador!

3 — É por essa razão que não desejo me aliar a outro monstro! — acrescentou o  
4 príncipe. — Já tenho problemas o suficiente para sofrer sozinho; o que seria de mim em  
5 tal companhia?

6 — Tendes medo de perpetuar a vossa raça de macacos? — disse o rei, com um ar  
7 ofensivo. — Sabei, portanto, que temeis em vão, pois é com ela que vos casareis. Basta  
8 uma ordem minha para que isso aconteça.

9 Torcicolo não replicou; fez uma profunda reverência e se retirou.

10 O rei Sombrio foi tomado por uma cólera espantosa, pois não estava acostumado  
11 a encontrar qualquer resistência para seus desmandes. Mandou que prendessem seu filho  
12 em uma torre que havia sido construída justamente para príncipes rebeldes; ela estava  
13 desabitada havia duzentos anos, de modo que tudo se encontrava na pior desordem  
14 possível. A decoração e os móveis eram de uma antiguidade surpreendente.

15 O príncipe amava a leitura. Ele solicitou acesso a livros e foi-lhe permitido retirar  
16 alguns da biblioteca da torre. Pensou que essa permissão seria o suficiente para deixá-lo  
17 feliz, mas, quando tentou lê-los, percebeu que estavam escritos em uma língua muito  
18 antiga, incompreensível. Ele os largava e depois pegava-os de volta, tentando entender  
19 alguma coisa; era um tipo de entretenimento, ao menos.

20 O rei Sombrio, convencido de que Torcicolo se cansaria da prisão, agiu como se  
21 ele tivesse consentido em casar-se com Bagaço; enviou embaixadores ao reino vizinho  
22 para pedir ao rei a mão de sua filha, a quem prometia felicidade perfeita. O pai de Bagaço  
23 ficou encantado ao receber uma proposta tão vantajosa para poder casá-la, pois ninguém  
24 no mundo parecia disposto a juntar-se com uma amputada. Ele aceitou a proposta do rei  
25 Sombrio; contudo, para dizer a verdade, quando viu o retrato do príncipe Torcicolo,  
26 pensou que ele não parecia muito atraente. Por isso, mandou colocá-lo em uma magnífica  
27 galeria, para onde levaram a princesa Bagaço. Assim que ela o viu, baixou os olhos e  
28 começou a chorar. Seu pai, indignado com a repugnância que ela demonstrava, pegou um  
29 espelho e disse:

30 — Chorais, minha filha, mas basta olhar para esse espelho e então concordareis  
31 que não há motivo para choro.

32 — Senhor, não tenho pressa alguma para me casar — ela respondeu. — Posso estar  
33 errada por ser tão indelicada, mas prefiro preservar minhas desgraças e sofrê-las sozinha;  
34 não quero compartilhar com ninguém a infelicidade de me ver. Prefiro continuar sendo  
35 a infeliz princesa Bagaço por toda minha vida, eu me contento com isso, pelo menos não  
36 me queixarei de nada.

1 Por melhores que tenham sido suas razões, o rei não as escutou. Ela teve de partir  
2 com os embaixadores que vieram para buscá-la. A princesa fez sua viagem em uma liteira,  
3 onde era carregada como um verdadeiro bagaço.

4 Enquanto isso, voltemos à torre para ver o que se sucedia com o príncipe.

5 Nenhum de seus guardas se atrevia a falar com ele; receberam ordens para deixá-  
6 lo entediado, para alimentá-lo mal e para fadigá-lo com todo tipo de maus-tratos. O rei  
7 Sombrio sabia se fazer obedecer, se não por amor, pelo menos por medo; porém, o afeto  
8 que tinham pelo príncipe era tal que eles amenizavam suas penas tanto quanto podiam.

9 Um dia, quando caminhava por uma grande galeria, pensava tristemente em seu  
10 destino: refletia sobre o porquê de ter nascido tão feio e pavoroso e sobre o fato de estar  
11 sendo forçado a encontrar uma princesa ainda mais desgraçada. Foi quando lançou os  
12 olhos sobre os vitrais e viu que eles estavam pintados com cores muito brilhantes, com  
13 desenhos muito bem expressos; já que tinha um gosto especial por belas obras de arte, ele  
14 de deteve, admirando o vitral com atenção, mas não conseguia compreender as  
15 ilustrações, pois eram de histórias passadas, ocorridas há vários séculos. O fato é que ele  
16 ficou impressionado ao ver um homem muito semelhante a ele, tanto que parecia ser seu  
17 próprio retrato. Esse homem estava na masmorra da torre e olhava para a parede, onde  
18 encontrava um saca-rolhas<sup>5</sup> de ouro, com o qual abria um armário. Havia muitas outras  
19 coisas que impressionaram sua imaginação; na maioria dos outros vitrais ele também  
20 encontrou o seu retrato.

21 — Por qual prodígio fui feito de personagem aqui, sendo que ainda não havia  
22 nascido? — disse ele. — Que ideia terrível a do pintor, divertir-se ao fazer um homem  
23 parecido comigo!

24 Naqueles mesmos vitrais, ele também podia ver uma bela pessoa; seus traços eram  
25 tão regulares e sua aparência era a de alguém tão inteligente que ele não conseguia desviar  
26 seus olhos dela. Enfim, havia mil objetos diferentes, e todas as paixões estavam tão bem  
27 expressas que ele acreditava poder ver o que estava representado para além da mistura de  
28 cores.

29 Ele só deixou a galeria quando o dia já não oferecia luz o suficiente para que ele  
30 distinguisse as pinturas. Quando retornou ao seu quarto, pegou um manuscrito antigo, o  
31 primeiro que suas mãos alcançaram. Suas folhas de velino eram todas pintadas ao redor;  
32 a capa era de ouro, com chanfros esmaltados em azul. Ele ficou bem surpreso ao descobrir  
33 ali as mesmas coisas que estavam nos vitrais da galeria; tentou ler o que estava escrito,  
34 mas não conseguiu decifrar nada. De repente, em uma das páginas, os músicos que  
35 estavam representados começaram a cantar! Em outra página, onde havia jogadores de

---

<sup>5</sup> *Tire-bourre*: antigo instrumento de ponta espiralada usado para desarmar um revólver através do cano. Pela ausência de um termo equivalente, optou-se por “saca-rolhas” pela semelhança dos objetos.



1 basseto<sup>6</sup> e tric-trac<sup>7</sup>, as cartas e os dados iam e vinham. Ele virou o velino e viu um baile  
2 onde as pessoas dançavam; todas as damas estavam bem vestidas e eram de uma beleza  
3 maravilhosa. Ele virou a folha novamente e sentiu o cheiro de uma excelente refeição;  
4 eram as pequenas figuras que estavam comendo. A maior delas não tinha um quarto de  
5 sua altura. Uma delas se voltou para o príncipe e disse:

6 — À tua saúde, Torcicolo! Encontra a nossa rainha; se agires bem, ficarás bem, se  
7 agires mal, ficarás mal.

8 Ao ouvir essas palavras, o príncipe ficou tão violentamente assustado (pois ele já  
9 tinha começado a tremer havia algum tempo) que deixou o livro cair para um lado e ele  
10 mesmo tombou para o outro, como um homem morto. Ao som da queda, seus guardas  
11 vieram correndo, pois amavam-no muito, e tentaram de tudo para trazê-lo de volta de  
12 seu desmaio. Quando o príncipe enfim conseguiu falar, perguntaram-lhe qual era o seu  
13 problema; ele respondeu que estava sendo tão mal alimentado que desvaneceu.  
14 Acrescentou que, tendo a cabeça cheia de imaginação, imaginara ter visto e ouvido coisas  
15 tão incríveis vindas daquele livro que acabou sendo tomado pelo medo. Aflitos, seus  
16 guardas deram-lhe comida, apesar de todas as proibições do rei Sombrio. Estando bem  
17 alimentado, tornou a pegar o mesmo livro de antes e não encontrou mais nada do que  
18 havia visto, o que serviu para confirmar o seu engano.

19 No dia seguinte, ele voltou para a galeria. Não demorou para que também  
20 começasse a ver as pinturas dos vitrais se mexerem; nelas, as pessoas passeavam pelas  
21 campinas, caçando cervos e lebres, pescando ou construindo casas pequeninas, pois eram  
22 miniaturas minúsculas. Como de costume, seu retrato estava por todos os lados. Usando  
23 um manto como o seu, ele subia à masmorra da torre e ali encontrava o saca-rolhas de  
24 ouro. Ora, como o príncipe havia se alimentado bem, não havia mais motivos para  
25 acreditar que estava diante de uma nova visão.

26 — Isso tudo é misterioso demais, não posso ser negligente, preciso saber mais —  
27 disse ele. — Talvez eu encontre algo na masmorra.

28 E dirigiu-se para lá. Batendo contra a parede, pareceu ter descoberto um ponto  
29 oco; pegou um martelo e bateu, encontrando enfim o belo saca-rolhas de ouro, que era  
30 muito bem-feito. Torcicolo ainda não sabia para que ele serviria, até que avistou, em um  
31 canto da masmorra, um velho armário de madeira. Bem que tentou abri-lo, mas não  
32 conseguia encontrar um jeito; não importava de que maneira tentasse, era um esforço  
33 inútil. Finalmente, encontrou um buraquinho e, suspeitando que o saca-rolhas lhe seria  
34 útil, enfiou-o ali e puxou com força, abrindo o armário. O que ele tinha de velho e feio  
35 por fora, tinha de bonito e maravilhoso por dentro: todas as gavetas eram feitas de cristal

---

<sup>6</sup> Jogo de azar que envolvia um grande montante de dinheiro. Segundo o Dicionário da Academia Francesa, era jogado com cartas de baralho (1798, p. 126).

<sup>7</sup> Jogo de tabuleiro jogado a dois, muito semelhante ao gamão.

1 de rocha gravado, de âmbar e de outras pedras preciosas. Em cada gaveta havia  
2 compartimentos de diferentes tamanhos, espalhados acima, abaixo e nos fundos, cujas  
3 divisórias eram de madrepérola. Primeiro, ele retirou as divisórias de madrepérola, e  
4 depois as gavetas; elas estavam repletas das mais belas armas do mundo, ricas coroas e  
5 retratos admiráveis. O príncipe Torcicolo ficou encantado e não se cansava de tirar as  
6 coisas de lá de dentro. Por fim, encontrou uma pequena chave, feita de uma única  
7 esmeralda, com a qual abriu um postigo de ouro que estava escondido atrás de uma das  
8 gavetas. Ele ficou deslumbrado ao deparar-se com um carbúnculo brilhante, no formato  
9 de uma grande caixa. Prontamente, tratou de tirá-la de dentro do postigo. Porém, qual  
10 não foi sua surpresa ao encontrá-la toda cheia de sangue, contendo a mão decepada de  
11 um homem; essa mão, por sua vez, estava agarrada a um medalhão<sup>8</sup> contendo o retrato  
12 de uma rainha.

13 Ao ver aquilo, Torcicolo estremeceu, seus cabelos se eriçaram e mal conseguiu  
14 manter-se de pé com suas pernas trôpegas. Sentou-se no chão, ainda segurando a caixa,  
15 mas afastando os olhos daquele objeto tão funesto. Ansiava por colocá-la de volta de onde  
16 a retirara, mas chegou à conclusão de que tudo o que havia acontecido até então fazia  
17 parte de algum grande mistério a ser descoberto. Lembrou-se do que a pequena figura do  
18 livro lhe dissera: que, dependendo de como ele agisse, ficaria bem ou mal. Torcicolo não  
19 temia menos o seu futuro quanto já temia o presente. Censurando-se por demonstrar uma  
20 timidez indigna às grandes almas, esforçou-se e passou a encarar aquela mão decepada,  
21 dizendo-lhe:

22 — Ó, mão infeliz, acaso não podeis, com alguns sinais, instruir-me a respeito de  
23 vossa triste aventura? Se eu estiver em condições de vos servir, certificai-vos de que vos  
24 demonstrarei toda generosidade que há em meu coração.

25 A essas palavras, a mão pareceu agitar-se, e, mexendo os seus dedos, fez alguns  
26 sinais; Torcicolo entendeu muito bem seu discurso, tal como se uma boca inteligente  
27 estivesse conversando com ele.

28 — Serás capaz de tudo em nome daquele de quem fui separado, o que ocorreu por  
29 culpa da barbaridade de um homem ciumento — disse a mão. — Neste retrato, podereis  
30 ver aquela cuja adorável beleza é a causa de minha desgraça. Agora vai, sem mais demora,  
31 para a galeria, e presta atenção no ponto onde o sol lança seus raios mais ardentes;  
32 procura, e então encontrarás o meu tesouro.

33 Em seguida, a mão parou de se movimentar. O príncipe ainda lhe fez muitas  
34 perguntas, às quais ela não respondeu.

35 — Onde devo colocar-vos? — ele perguntou.

---

<sup>8</sup> *Boîte de portrait*: espécie de pingente enfeitado com pedras preciosas com o retrato do rei ao centro. Há muitos exemplos desses objetos contendo a imagem de Luís XIV no Museu do Louvre.

1           Através de alguns sinais, ele entendeu que a mão tinha de ser colocada de volta no  
2 armário, o que fez prontamente. Tudo foi novamente fechado; ele enfiou o saca-rolhas na  
3 mesma parede onde o havia encontrado. Agora, estando um pouco mais acostumado com  
4 aqueles acontecimentos prodigiosos, ele desceu à galeria.

5           Quando chegou, as janelas começaram a tremer extraordinariamente; ele reparou  
6 no ponto em que os raios do sol mais brilhavam, e viu que era no retrato de um jovem  
7 adolescente, tão belo e de ar tão grandioso que ele ficou deveras encantado. Ao levantar o  
8 quadro, encontrou um painel de ébano com filetes de ouro, o mesmo revestimento do  
9 restante da galeria. Torcicolo não sabia como removê-lo, e nem se deveria removê-lo. Foi  
10 então que ele olhou para os vitrais e descobriu que o painel poderia ser levantado; ele o  
11 fez, e logo encontrou-se em um vestibulo todo de pórfiro, decorado com estátuas. Ele  
12 subiu uma grande escadaria de ágata, cujos corrimões pareciam ser de ouro. Adentrou  
13 um salão todo de lápis-lazúli e depois atravessou um sem-número de aposentos, que o  
14 deixaram encantado pela excelência das pinturas e pela riqueza dos móveis. Enfim, ele  
15 chegou a um quatinho onde todos os ornamentos eram de turquesa; em uma cama de  
16 gaze azul e dourada, avistou uma dama que parecia estar dormindo. Ela era de uma beleza  
17 incomparável: seu cabelo, mais escuro que o ébano, realçava a brancura de sua tez. Ela  
18 parecia inquieta durante o seu sono; seu semblante expressava certo abatimento, tal qual  
19 o de uma pessoa doente.

20           Temendo acordá-la, o príncipe aproximou-se suavemente. Percebeu que ela  
21 estava balbuciando algumas palavras; prestando muita atenção, conseguiu entender estas  
22 poucas, intercaladas com suspiros:

23           — Pensas tu, ó pérfido, que um dia poderei te amar depois de teres me afastado  
24 do meu amável Trasimeno? Ora, ousastes separar sua mão, que me era tão querida, do  
25 braço que sempre temestes, e tudo isso diante dos meus olhos! É assim que pretendes  
26 demonstrar o teu respeito e o teu amor? Ó, Trasimeno, meu querido amante, nunca mais  
27 vos verei?

28           O príncipe notou que as lágrimas procuravam passagem entre suas pálpebras  
29 fechadas, e que, fluindo por suas bochechas, assemelhavam-se ao orvalho da aurora.

30           Ele permaneceu de pé, imóvel, ao lado de sua cama, sem saber se deveria acordá-  
31 la ou deixá-la mais tempo em um sonho tão triste. Ele já entendia que Trasimeno era o  
32 nome de seu amante, aquele cuja mão encontrara na masmorra. Torcicolo devaneava em  
33 mil pensamentos confusos sobre todas aquelas coisas esquisitas, até que escutou uma  
34 melodia encantadora; ela era entoada por rouxinóis e canários cujo chilrear era tão bem  
35 afinado que superava mesmo as vozes mais agradáveis. Subitamente, uma águia de  
36 extraordinária grandeza adentrou o recinto voando suavemente, segurando em suas  
37 garras um ramo de ouro carregado de rubis em forma de cerejas. Ela olhou fixamente para

1 a bela adormecida, tal como se estivesse contemplando o sol; depois, abrindo suas grandes  
2 asas, planou diante dela, subindo e descendo, sobrevoando-a da cabeça aos pés.

3 Após alguns momentos, a águia se voltou para o príncipe, e, aproximando-se dele,  
4 colocou o ramo dourado de cerejeira em suas mãos. Naquele instante, os pássaros  
5 cantores surgiram e entoaram notas altíssimas, que ressoaram por todo o palácio. O  
6 príncipe refletiu sobre as diferentes coisas que se sucederam e concluiu que aquela dama  
7 encontrava-se encantada, e que ele estava destinado à honra de viver essa aventura tão  
8 gloriosa. Dirigiu-se até ela, colocou um joelho no chão, tocou-lhe com o ramo e disse:

9 — Bela e encantadora pessoa, que dorme por intermédio de um poder por mim  
10 desconhecido, eu vos conjuro, em nome de Trasimeno, a recobrades todas as funções  
11 vitais que aparentemente perdestes.

12 Imediatamente, a dama abriu os olhos, avistou a águia e exclamou:

13 — Ficai, meu querido amante, ficai!

14 Mas a ave real soltou um piado tão alto quanto doloroso e voou para longe na  
15 companhia de seus pequenos músicos emplumados.

16 Em seguida, a dama voltou-se para Torcicolo e disse:

17 — Escutei o meu coração e não a minha razão — disse-lhe ela. — Sei que vos devo  
18 tudo, pois me trouxestes de volta à luz que perdi durante duzentos anos. O mago que me  
19 amava e que me fez sofrer tantos males reservou para vós esta grande aventura. Agora  
20 poderei servir-vos, é o que mais desejo fazer. Pedi o que bem desejardes, farei uso de meu  
21 soberano poder sobre a arte feérica para vos fazer feliz.

22 — Madame — respondeu o príncipe. — Se a vossa ciência vos permite sondar os  
23 sentimentos de um coração, facilmente sabereis que, malgrado as desgraças que me  
24 assolam, tenho menos pena de mim do que daquele outro homem.

25 — Esse é um efeito de vosso bom espírito — acrescentou a fada. — Mas não retireis  
26 de mim a honra de demonstrar minha gratidão para convosco. O que desejais? Posso fazer  
27 qualquer coisa, basta pedir.

28 — Eu desejo que o belo Trasimeno seja devolvido a vós — respondeu Torcicolo.  
29 — Aquele que tantos suspiros vos custa.

30 — Sois muito generoso para priorizar os meus interesses aos vossos — disse-lhe  
31 ela. — Mas esse grande caso só vai terminar por intermédio de outra pessoa, não posso  
32 das maiores informações. Sabei apenas que ela não será indiferente a vós. Agora, não me  
33 negueis o prazer de vos agradecer. O que desejais?

34 — Madame — disse o príncipe, atirando-se a seus pés. — Vedes minha pavorosa  
35 aparência, chamam-me de Torcicolo em zombaria. Fazei com que eu seja menos ridículo.

36 — Ide, príncipe — disse a fada, tocando-o três vezes com o ramo de ouro. — Ide  
37 e sereis tão primoroso e tão perfeito que nunca nenhum outro homem, antes ou depois

1 de vós, poderá ser comparado. Que sejais conhecido como Sem-Par<sup>9</sup>, nome que portareis  
2 com muita justiça.

3 Agradecido, o príncipe abraçou seus joelhos e, com um silêncio que expressava  
4 sua alegria, deixou-a adivinhar o que se passava em sua alma. Ela o obrigou a se levantar,  
5 foi quando ele enfim se viu refletido nos espelhos que adornavam aquele quarto; Sem-Par  
6 não mais reconheceu o Torcicolo. Ele havia crescido três pés, tinha cabelos que caíam em  
7 grandes cachos sobre seus ombros, um ar pleno de grandeza e graça, traços regulares e  
8 um olhar espirituoso; enfim, aquela era uma obra digna de uma fada beneficente e  
9 sensível. Ela lhe disse:

10 — Infelizmente, não me é permitido instruir-vos acerca das armadilhas que a sorte  
11 colocará em vosso caminho, nem ensinar-vos como evitá-las. Seria uma satisfação poder  
12 oferecer-vos este bom serviço, mas assim eu ofenderia o Gênio superior que vos guia. Ide,  
13 príncipe, fugi para bem longe desta torre, e lembrai-vos de que a fada Benigna<sup>10</sup> será  
14 sempre vossa amiga.

15 A essas palavras, a fada, o palácio e as maravilhas que o príncipe tinha visto  
16 desapareceram. Ele se encontrava em meio a uma floresta fechada, a mais de cem léguas  
17 da torre onde o rei Sombrio o colocara.

18 Enquanto ele se recupera de seu espanto, vejamos duas coisas: a primeira, o que se  
19 passou com os guardas que seu pai havia designado para vigiá-lo, e a outra, o que  
20 aconteceu com a princesa Bagaço. Os pobres guardas, surpresos por seu príncipe não ter  
21 pedido o jantar, resolveram entrar em seu quarto e, sem encontrá-lo, começaram a  
22 procurá-lo em toda parte, com medo de que ele não estivesse a salvo. Seus esforços foram  
23 inúteis e logo entraram em desespero, pois temiam que o terrível rei Sombrio pudesse  
24 matá-los. Depois de muito pensarem, enfim se acalmaram. Concluíram que um deles  
25 deveria ir para a cama e ali permanecer encoberto; primeiro, diriam que o príncipe estava  
26 muito doente, e depois que ele havia morrido. Em seguida, enterrariam um tronco de  
27 árvore e isso seria o bastante para encerrar qualquer intriga. Esse remédio lhes pareceu  
28 infalível e foi imediatamente colocado em prática. O menor dos guardas disfarçou-se com  
29 uma grande corcunda e se deitou. Foi dito ao rei que seu filho estava muito doente e ele  
30 pensou que isso não passava de um truque para tentar comovê-lo, portanto, não relaxaria  
31 sua severidade. Era justamente o que os tímidos guardas queriam, pois quanto mais eles  
32 insistiam na gravidade do caso, pedindo para que ele se apressasse, mais indiferente o rei  
33 Sombrio ficava.

34 Quanto à princesa Bagaço, ela chegou em uma tigelinha que tinha apenas um  
35 côvado de altura, e a tigela estava em cima da liteira. O rei Sombrio foi ao seu encontro e,

---

<sup>9</sup> *Sans-Pair*.

<sup>10</sup> *La Fée Benigne*.

1 quando a viu tão deformada, dentro de uma tigela, com a pele escamada como a de um  
2 bacalhau, as sobrancelhas unidas, o nariz largo e achatado e a boca perto das orelhas, não  
3 pôde deixar de lhe dizer:

4 — De fato, princesa Bagaço, séríeis muito orgulhosa se acaso desprezásseis o meu  
5 Torcicolo. Sabei que ele é muito feio, porém, sem mentir, é menos feio do que vós.

6 — Senhor, não tenho amor-próprio o suficiente para me ofender com as coisas  
7 depreciativas que me dizeis — ela respondeu. — Essa, porém, não é uma maneira segura  
8 de me convencerdes a amar o vosso encantador Torcicolo, se é que acreditais nisso. Eu  
9 vos declaro que, malgrado minha miserável amputação e os defeitos dos quais estou  
10 repleta, eu não quero me casar com ele, e que prefiro o título de princesa Bagaço ao de  
11 rainha Torcicolo.

12 O rei Sombrio ardeu de ódio com essa resposta.

13 — Eu vos asseguro que não voltarei atrás — disse-lhe ele. — O rei, vosso pai, não  
14 é mais o vosso mestre; sou eu quem ocupo essa posição desde que fostes entregue às  
15 minhas mãos.

16 — Há certas coisas que não podemos escolher — ela replicou. — Devo dizer que  
17 fui trazida até aqui apesar da minha recusa, e eu vos considerarei meu inimigo mais  
18 mortal se me tratardes com violência.

19 O rei, ainda mais furioso, afastou-se dela. Deu-lhe um dos aposentos de seu  
20 palácio e designou-lhe algumas damas que receberam ordens para persuadi-la de que a  
21 melhor saída era casar-se com o príncipe.

22 Os guardas, que temiam ser descobertos, dispostos a não deixarem o rei ficar  
23 sabendo da fuga de seu filho, apressaram-se para dizer-lhe que Torcicolo havia morrido.  
24 Ao ouvir essa notícia, ele sentiu uma dor que todos pensavam que ele fosse incapaz de  
25 sentir; ele gritou, berrou e culpou Bagaço pela sua perda, de modo que resolveu enviá-la  
26 para a torre no lugar de seu querido defunto.

27 A pobre princesa ficou tão triste quanto surpreendida ao descobrir que se tornaria  
28 uma prisioneira; ela tinha um bom coração e reclamou tanto quanto devia de uma atitude  
29 tão rude como aquela. Pensou que suas queixas chegariam ao rei, mas ninguém ousou  
30 transmiti-las. Ela também pensou que poderia escrever a seu pai sobre os maus tratos que  
31 estava sofrendo e que ele viria libertá-la. Seus planos, porém, foram todos inúteis, pois  
32 suas cartas eram interceptadas e entregues ao rei.

33 Como ela ainda alimentava essa esperança, sofria menos. Todos os dias ela se  
34 dirigia à galeria para ver as pinturas dos vitrais; nada lhe parecia mais extraordinário do  
35 que o número de diferentes coisas ali representadas, às quais ela admirava em sua tigela.

36 — Desde que cheguei a este país, parece que os pintores têm tido um estranho  
37 prazer em me retratar — ela disse. — Já não há figuras ridículas o suficiente além de mim?

1 Ou então, será que eles pretendem, através das oposições, ressaltar a beleza dessa jovem  
2 pastora, que me parece tão encantadora?

3 Em seguida, olhou para o retrato de um pastor; ele era tão magnífico que Bagaço  
4 não encontrava palavras para elogiá-lo.

5 — Que lástima é ser tão desgraçada pela natureza, tal como sou! — disse ela. —  
6 Quanta felicidade há em ser bonita!

7 A princesa pronunciou essas palavras com lágrimas nos olhos. Quando foi olhar-  
8 se no espelho, ela avistou, bem atrás dela, uma velhinha com um capuz, que era tão feia  
9 quanto ela; espantada, Bagaço virou-se bruscamente. A tigela em que a velhinha se  
10 arrastava tinha mais de vinte buracos, de tão desgastada estava.

11 — Princesa — disse-lhe essa velhota. — Podeis escolher entre a virtude e a beleza.  
12 Vossos lamentos foram tão comoventes que eu os escutei. Se quiserdes ser bela, sereis  
13 uma coquete gloriosa e muito galante. Se quiserdes permanecer como sois, sereis sábia,  
14 estimada e muito humilde.

15 Bagaço perguntou-lhe se a beleza era incompatível com a sabedoria.

16 — Não — respondeu a boa mulher. — Porém, em vosso caso, está decidido que  
17 podereis ter apenas uma das duas.

18 — Está bem, eu prefiro minha fealdade à beleza — Bagaço exclamou com firmeza.

19 — Como? Preferis continuar assustando àqueles que vos veem? — questionou a  
20 velha.

21 — Sim, madame — disse a princesa. — Antes escolho todos os infortúnios juntos  
22 em vez da falta de virtude.

23 — Eis aqui o meu regalo<sup>11</sup> amarelo e branco — disse a fada. — Se o soprardes do  
24 lado amarelo, vós vos tornareis tão bela quanto aquela admirável pastora que lhe parecera  
25 tão encantadora, e sereis amada por aquele pastor em cujo retrato vossos olhos se  
26 demoraram mais de uma vez. Se a soprardes pelo lado branco, vós vos fortalecereis ainda  
27 mais no caminho da virtude, no qual já vos enveredais tão corajosamente.

28 — Ora, madame — replicou a princesa. — Não me negueis essa graça, ela me  
29 consolará de todo o desprezo que sentem por mim.

30 A velhinha deu-lhe o regalo da virtude e da beleza. Bagaço não titubeou, soprou  
31 pelo lado branco e agradeceu à fada, que desapareceu imediatamente.

32 Ela ficou muito feliz com a boa escolha que fizera. Afinal, ainda que invejasse a  
33 incomparável beleza da pastora pintada nos vitrais, ela se esvairia como um sonho,  
34 enquanto a virtude seria um tesouro eternal e um tipo de beleza inalterável, que durava  
35 mais que a vida; assim ela pensava, para seu consolo. Bagaço ainda mantinha a esperança

---

<sup>11</sup> *Mouchon*: acessório de moda para agasalhar as mãos; peça cilíndrica comumente feita de peles, com as extremidades abertas, muito popular nos séculos XVII e XVIII.

1 de que seu pai, o rei, fosse capitanear um grande exército que a tiraria da torre. Aguardava  
2 ansiosamente o momento de reencontrá-lo e morria de vontade de ir até a masmorra para  
3 tentar acompanhar a chegada da ajuda que tanto ansiava. Mas como ela escalaria tão alto?  
4 Ela era mais devagar que uma tartaruga até mesmo para chegar ao seu quarto; para subir  
5 na cama, suas amas tinham de carregá-la.

6 Bagaço, contudo, encontrou um modo bastante peculiar de chegar até lá. Ela sabia  
7 que o relógio de seu quarto seria colocado na masmorra; sendo assim, arrancou o pêndulo  
8 e escondeu-se dentro dele; quando o relógio foi levado, a princesa foi içada até a  
9 masmorra. Uma vez lá, logo foi olhar pela janela com vista para o campo, mas não viu  
10 ninguém chegando. Depois, foi descansar um pouco. Ela se apoiou justamente contra a  
11 parede que Torcicolo, ou melhor, o príncipe Sem-Par, tinha desfeito. E como ela estava  
12 muito mal consertada, o gesso caiu e, com ele, o saca-rolhas de ouro, que fez *tin tin* bem  
13 perto de Bagaço. Ela o avistou e, depois de pegá-lo, examinou-o, pensando em qual seria  
14 sua utilidade. Como ela era muito mais inteligente do que qualquer um, logo julgou que  
15 serviria para abrir o armário, onde não havia fechadura. Aproximou-se dele, abriu-o, e  
16 não ficou menos feliz do que o príncipe diante de tudo o que havia encontrado de raro e  
17 galante. Havia quatro mil gavetas, todas repletas de jóias antigas e modernas. Por fim, ela  
18 encontrou o postigo de ouro, a caixa de carbúnculo e a mão que nadava em sangue. Ela  
19 estremeceu e tentou jogá-la fora, mas não estava em seu poder livrar-se dela; uma força  
20 secreta a impedia de fazê-lo.

21 — Ai de mim! O que farei? — ela disse tristemente. — Prefiro morrer a passar  
22 mais tempo com essa mão decepada!

23 Naquele momento, ela escutou uma voz doce e agradável, que lhe disse:

24 — Tomai coragem, princesa! Vossa felicidade depende desta aventura.

25 — O que deverei fazer? — ela respondeu, tremendo.

26 — Deveis levar essa mão para o vosso quarto e escondê-la debaixo da cabeceira da  
27 cama — respondeu a voz. — E quando virdes uma águia, dai-lhe a mão sem tardar!

28 Por mais assustada que a princesa estivesse, havia algo de tão persuasivo naquela  
29 voz que ela não hesitou em obedecê-la. Recolocou as gavetas e as raridades tal como as  
30 encontrara, sem levar nenhuma delas consigo. Seus guardas, que temiam que ela também  
31 pudesse escapar, sem poder achá-la em seu quarto, procuraram-na e ficaram surpresos ao  
32 encontrá-la na masmorra, um lugar para onde ela só poderia ter ido por algum  
33 encantamento, assim eles pensaram.

34 Ela passou três dias sem ver ninguém, mas não ousou abrir a bela caixa de  
35 carbúnculo, porque a mão decepada causava-lhe um grande pavor. Finalmente, uma  
36 noite, ela ouviu um barulho contra sua janela; abriu sua cortina e deparou-se com uma  
37 águia tremulando ao luar. Ela se levantou como pôde e, arrastando-se pelo cômodo, foi  
38 abrir a janela. A águia entrou, fazendo um grande barulho com suas asas, em sinal de



1 regozijo. Bagaço não tardou em apresentar-lhe a mão, que ela tomou com suas garras; no  
2 instante seguinte, a águia desapareceu. Em seu lugar, surgiu um jovem, o mais bonito e  
3 mais perfeito que ela já havia visto; um diadema cingia sua testa, suas vestes estavam  
4 cobertas de pedrarias. Ele tinha na mão um retrato; tomando a palavra, ele lhe disse:

5 — Princesa, um pérfido mago me manteve aqui por duzentos anos. Nós  
6 amávamos a mesma pessoa, a admirável fada Benigna. Eu tolerava a situação, mas ele  
7 morria de ciúmes. Na tentativa de prevalecer contra mim, ele me disse, com um ar  
8 inquisidor, que me proibia de vê-la, mas eu o ameacei. Muito ofendida com a conduta do  
9 feiticeiro, aquela a quem adoro também o fez, proibindo-o, por sua vez, de aproximar-se  
10 dela. Acontece, porém, que seus poderes ultrapassavam os meus, e esse homem cruel  
11 resolveu nos castigar. Um dia, quando eu estava junto dela, fiquei encantado com o retrato  
12 com que ela havia me presenteado; olhava para ele e o considerava mil vezes menos bonito  
13 que a original. Foi então que ele apareceu e, com uma espada, separou-me a mão do braço.  
14 A fada Benigna (esse é o nome de minha rainha) sentiu a dor daquele ataque ainda mais  
15 profundamente do que eu; ela caiu desvanecida em sua cama e logo me senti coberto de  
16 penas, metamorfoseado em águia. Desde então, todos os dias eu vinha para ver a rainha,  
17 mas sem poder aproximar-me dela ou acordá-la. Meu consolo, porém, era ouvi-la sempre  
18 a sussurrar ternos suspiros, falando de seu querido Trasimeno em sonhos. Finalmente,  
19 descobri que, passados duzentos anos, um príncipe traria Benigna de volta à luz, e que  
20 uma princesa, ao devolver-me minha mão cortada, me faria recobrar minha forma  
21 primordial. Uma fada, interessada em vossa glória, queria que tudo acontecesse assim; foi  
22 ela quem encerrou minha mão tão cuidadosamente no armário da masmorra e é ela quem  
23 me dá o poder de hoje demonstrar minha gratidão para convosco. Desejai, princesa, o que  
24 vos trará mais prazer, e logo o receberéis.

25 — Grande rei — respondeu Bagaço (após alguns momentos de silêncio). — Se eu  
26 não vos respondi prontamente, não é porque estou hesitante; confesso-vos, porém, que  
27 não estou acostumada com aventuras tão surpreendentes como essa. Isso mais me parece  
28 um sonho que do que uma realidade.

29 — Não, madame — respondeu Trasimeno. — Não é uma ilusão. Sentireis os  
30 efeitos assim que me disserdes o dom que desejais.

31 — Se eu vos demandasse tudo o que preciso para ser perfeita, seria muito difícil  
32 para vós realizardes tal pedido, qualquer que seja o vosso poder — disse-lhe ela. —  
33 Portanto, me deterei ao mais essencial, que é tornar minha alma tão bela quanto meu  
34 corpo é feio e deformado.

35 — Ah, princesa — exclamou o rei Trasimeno. — Me encantais com um pedido  
36 tão justo e elevado! Porém, quanto a isso, não tenho nada a fazer, pois já está realizado.  
37 Sendo assim, vosso corpo se tornará tão belo quanto vossa alma e vosso espírito!

1 E então ele tocou a princesa com o retrato da fada. Prontamente, ela ouviu um *cric*  
2 *croc* em todos os seus ossos; eles se alongaram, ficaram alinhados, e a princesa enfim se  
3 levantou. Era alta, bonita, ereta, com uma pele mais branca que o leite, com os traços  
4 todos regulares, um ar majestoso e modesto, uma fisionomia fina e agradável.

5 — Que prodígio! — ela exclamou. — Essa sou eu? Isso é possível?

6 — Sim, madame — replicou Trasimeno. — A sábia escolha que fizestes pela  
7 virtude ocasionou a ditosa transformação que testemunhastes. Que prazer eu sinto por  
8 ter sido destinado a contribuir com esse favor, depois do que fizestes por mim. Abandonai  
9 para sempre o nome de Bagaço; a partir de agora, sereis chamada de Brilhante<sup>12</sup>, um título  
10 que mereceis por vossas luzes e encantos.

11 Naquele instante, ele desapareceu. E a princesa, sem saber como, foi transportada  
12 de lá, e encontrou-se às margens de um riacho, em um lugar sombreado por árvores, a  
13 paragem mais agradável da terra. A água do rio era muito clara e, como ela ainda não  
14 tinha se visto, ficou extremamente surpresa ao descobrir que era a mesma pastora cujo  
15 retrato ela havia admirado nos vitrais da galeria. De fato, assim como ela, Brilhante trajava  
16 um hábito branco, aparado com renda fina, o mais limpo já visto em qualquer pastora.  
17 Seu cinto era de pequenas rosas e jasmims e tinha os cabelos adornados com flores.  
18 Encontrou um cajado pintado e dourado, e perto dela havia um rebanho de ovelhas  
19 pastando ao longo da margem. Ao ouvirem sua voz, todas vieram acariciá-la; até mesmo  
20 o cão do rebanho pareceu conhecê-la.

21 Quantas reflexões ela não fez sobre essas novas maravilhas! Até então, havia  
22 nascido e vivido como a mais feia de todas as criaturas, mesmo sendo uma princesa.  
23 Agora, tornara-se mais bela que a estrela d'alva; porém, não passava de uma pastora, e a  
24 perda de sua posição não deixou de ser sentida.

25 Esses diferentes pensamentos inquietaram-na até adormecer. Brilhante  
26 permanecera acordada a noite toda (como já disse), e a viagem que fez, mesmo sem se dar  
27 conta, foi de cem léguas<sup>13</sup>, de sorte que ela se encontrava um pouco cansada. Suas ovelhas  
28 e seu cão, por sua vez, reunidos ao seu redor, pareciam guardá-la e dar-lhe o cuidado que  
29 ela lhes devia. O sol não a incomodava, embora estivesse a pino, pois as grandes árvores  
30 a protegiam. A relva fresca e fina, sobre a qual ela havia deitado, parecia orgulhosa de uma  
31 carga assim tão bela. Ouviu-se cantar:

32  
33 *Vejam as violetas da selva,*  
34 *À inveja das outras flores,*  
35 *Subirem sobre a fina relva*

---

<sup>12</sup> *Brillante.*

<sup>13</sup> Uma légua terrestre corresponde a cerca de cinco quilômetros.

*Para espalhar seus odores.*

Os pássaros entoaram doces concertos, e os zéfiros prenderam a respiração com medo de acordá-la. Um pastor, fatigado pelo ardor do sol, tendo avistado aquela paragem de longe, dirigiu-se para lá em diligência. Porém, quando avistou a jovem Brilhante, ficou tão surpreso que, se não fosse por uma árvore contra a qual se apoiava, teria caído ao chão. Afinal, ele a reconheceu como sendo a mesma pessoa cuja beleza ele havia admirado nos vitrais da galeria e no livro de velino. O leitor não tenha dúvidas de que esse pastor era o príncipe Sem-Par. Um poder desconhecido o conduziu àquela terra, onde era admirado por todos os que o viam: era hábil em todas as coisas e sua boa aparência e sua inteligência serviam para distingui-lo entre os demais pastores, muito mais do que a sua estirpe jamais o distinguira antes em qualquer outro lugar.

Ele prendeu os olhos em Brilhante com uma atenção e prazer que não havia sentido até então. Ajoelhou-se ao lado dela e examinou o conjunto de sua beleza, pois ela era toda perfeita. Seu coração foi o primeiro a prestar-lhe o tributo que nenhum outro ousaria negar-lhe desde então. Enquanto ele estava imerso em devaneios, Brilhante despertou. Assim que viu Sem-Par ao seu lado, vestindo um hábito de pastor extremamente galante, olhou para ele com atenção e lembrou-se de que tinha visto seu retrato na torre.

— Amável pastora, que destino feliz vos conduziu até aqui? — disse-lhe ele. — Viestes, sem dúvida, para receber nossos incensos e votos. Ah, sinto-me deveras ansioso para prestar-vos minhas homenagens.

— Não, caro pastor — ela respondeu. — Não pretendo exigir honras que não me são devidas. Desejo continuar sendo uma simples pastora, amo meu rebanho e meu cachorro. A solidão é o que me satisfaz, ela é tudo o que anseio.

— Ora, jovem pastora, chegastes a esta terra com o propósito de esconder-vos dos mortais que aqui habitam? — ele continuou. — Seríeis capaz de nos fazer tanto mal? Escondei-vos de todos, exceto de mim, já que fui o primeiro a oferecer-vos os meus serviços.

— Não, não quero beneficiar-vos acima dos outros, embora eu já cultive uma estima especial por vós — Brilhante respondeu. — Indicai-me alguma sábia pastora de quem eu possa me aproximar, afinal, por ser uma desconhecida e por não ter idade o suficiente para estar sozinha, ficaria muito contente se encontrasse uma boa preceptora.

Sem-Par ficou animado com essa comissão. Ele a conduziu a uma cabana muito limpa, deveras agradável em sua simplicidade. Ali morava uma pequena velhota que raramente saía, porque mal conseguia andar.

— Eis aqui, minha boa mãe, uma menina incomparável, cuja mera presença vos fará rejuvenescer — disse Sem-Par, apresentando-lhe Brilhante.

1           A velha abraçou-lhe e disse-lhe com um ar afável que ela era bem-vinda, que sentia  
2 por abrigá-la tão mal, mas que certamente encontraria um abrigo muito melhor em seu  
3 coração.

4           — Eu não pensei que fosse encontrar aqui uma acolhida tão favorável e cheia de  
5 delicadeza — disse Brilhante. — Eu vos asseguro, minha boa mãe, que estou feliz de estar  
6 convosco.

7           E depois ela continuou, dirigindo-se ao pastor:

8           — Não me recuseis a graça de dizer vosso nome, para que eu possa saber a quem  
9 devo agradecer por tal serviço.

10          — Chamam-me de Sem-Par — respondeu o príncipe. — Agora, porém, não desejo  
11 ser chamado por nenhum outro nome, a não ser o de vosso escravo.

12          — E eu também desejo saber como se chama a pastora a quem ofereço  
13 hospitalidade — disse a velhinha.

14          A princesa contou que se chamava Brilhante. A velha ficou encantada com um  
15 nome tão bonito, e Sem-Par disse uma centena de coisas lindas sobre ele.

16          Temendo que Brilhante estivesse com fome, a velha pastora ofereceu-lhe, em uma  
17 bandeja muito limpa, leite doce, pão integral, ovos frescos, manteiga recém batida e queijo  
18 cremoso. Sem-Par correu até a sua cabana e trouxe-lhe morangos, avelãs, cerejas e outras  
19 frutas, todas enfeitadas com flores. E para que conseguisse passar mais tempo com  
20 Brilhante, o príncipe pediu-lhe permissão para cear com ela. Céus! Como foi difícil ter de  
21 recusar esse pedido! Ela o via com um prazer extremo, e, por mais que fingisse frieza, bem  
22 sabia que não conseguiria agir com indiferença em sua presença.

23          Brilhante continuou a pensar nele por um longo tempo depois de sua partida.  
24 Sem-Par a via todos os dias, levava seu rebanho ao mesmo lugar onde o dela pastava,  
25 cantava-lhe versos apaixonados, tocava flauta e gaita<sup>14</sup> para fazê-la dançar, e ela o fazia  
26 com tanta graça e precisão que o príncipe não se cansava de admirar. Os dois começaram  
27 a refletir, cada um por si, sobre a surpreendente série de aventuras que lhes ocorrera, de  
28 modo que não tardou para que ficassem inquietos. Sem-Par tratava de segui-la sutilmente  
29 para onde quer que fosse.

30  
31                                    *Enfim, sempre que a encontrava sozinha,*

32                                    *Falava-lhe do amor que tinha,*

33                                    *Expressava o fogo de sua paixão,*

34                                    *E o desejo de uma doce união.*

35                                    *Ela reconheceu, em seu interior,*

36                                    *Que o sentimento que por ele nutria,*

---

<sup>14</sup> *Musette*: instrumento musical barroco da família das gaitas de fole.

1 *O que vinha sentindo, mas não sabia,*  
2 *Era uma chama de amor.*  
3 *Brilhante, porém, reconhecia o perigo,*  
4 *E, mesmo com pouca experiência,*  
5 *Não quis arriscar sua inocência,*  
6 *E passou a evitar esse pastor amigo;*  
7 *Essa recusa lhe doía,*  
8 *Era cruel a pena que sofria.*  
9 *Ocultava seu amor com suspiros secretos,*  
10 *E reprendia esse amante tão discreto!*  
11 *Sem-Par não podia compreender*  
12 *O que causara tal transformação,*  
13 *Tentava a todo instante entender,*  
14 *Mas seus esforços eram em vão,*  
15 *Pois Brilhante só queria se esconder.*  
16

17 Ela o evitava com cuidado e vivia se culpando pelo amor que sentia por ele.

18 — Sofro do mal de amor, amando um pobre pastor! — ela dizia. — Afinal, o que  
19 o destino reservou para mim? Eu preferi a virtude à beleza, mas parece que o céu, para me  
20 recompensar por tal escolha, quis que eu me tornasse bela. Agora sou infeliz por ter ficado  
21 assim! Sem esses atrativos inúteis, o pastor do qual estou fugindo não estaria disposto a  
22 me agradar, e eu não passaria pela vergonha de ruborizar sempre que penso nele.

23 Suas dolorosas reflexões sempre terminavam em lágrimas e sua dor só aumentava  
24 quando pensava no estado em que havia deixado seu amável pastor.

25 Ele, por sua vez, estava sobrecarregado de tristeza. Tinha a intenção de revelar-lhe  
26 a grandeza de sua estirpe, pensando que poderia tocá-la pela vaidade, e que assim ela o  
27 escutaria mais facilmente. Contudo, logo convenceu-se de que Brilhante não acreditaria  
28 nele, afinal, se ela lhe pedisse uma prova do que estava dizendo, não teria condições de  
29 atendê-la.

30 — Quão cruel é minha sorte! — ele lamentava. — Embora eu fosse pavoroso,  
31 haveria de suceder o meu pai. Governar um grande reino repararia meus defeitos. Agora,  
32 porém, seria inútil apresentar-me a ele ou a seus súditos, pois não há ninguém que possa  
33 me reconhecer. Todo o bem que a fada Benigna me fez ao mudar o meu nome e me livrar  
34 de minha fealdade serviu apenas para me transformar em um pastor e entregar-me aos  
35 encantos de uma pastora impassível, que jamais sofrerá por mim. Ó, bárbaros astros,  
36 tornem essa situação mais favorável, ou então me devolvam a minha deformidade e toda  
37 a indiferença de antes! — disse ele, suspirando.

1           Esses eram os tristes lamentos que o amante e sua senhora faziam por não  
2           conhecerem um ao outro. Como Brilhante continuava fugindo de Sem-Par, um dia ele  
3           decidiu ir falar com ela. A fim de encontrar um pretexto que não a ofendesse, levou  
4           consigo um cordeirinho enfeitado com fitas e flores. Colocou nele uma coleira de palha  
5           pintada, tão bem trabalhada que parecia uma espécie de obra-prima. O príncipe vestiu  
6           um hábito de tafetá cor-de-rosa, coberto de rendas inglesas, tinha um cajado guarnecido  
7           com fitas e um cesto de pães. Trajado assim, nem todos os Céladons<sup>15</sup> do mundo ousariam  
8           aparecer diante dele. Ele encontrou Brilhante sentada junto a um riacho, que corria  
9           lentamente através das áreas mais fechadas do bosque; suas ovelhas, dispersas, pastavam  
10          por ali. A profunda tristeza da pastora não permitia que ela lhes dedicasse todos os  
11          cuidados devidos. Sem-Par apresentou-lhe o cordeirinho e, encarando-a com ternura,  
12          disse-lhe:

13                 — O que eu vos fiz, bela pastora, para demonstrardes sinais tão terríveis de vossa  
14          aversão? Censurais os vossos olhos para que eles não me vejam, fugis de mim. Minha  
15          paixão vos parece tão ofensiva assim? Desejais um amor mais puro e mais fiel? Minhas  
16          palavras e atitudes não foram sempre cheias de respeito e ardor? Ora, certamente amais  
17          um outro alguém; vosso coração está reservado a outra pessoa.

18                 Ela, porém, não tardou em replicar:

19  
20                                 *Pastor, se eu fujo de vossa presença,*  
21                                 *Não é para vos preocupar.*  
22                                 *Sabei que minha indiferença*  
23                                 *É por muito vos amar.*  
24                                 *Eu fugiria com menos dor,*  
25                                 *Se o ódio me fizesse fugir;*  
26                                 *Eu ficaria em nome do amor,*  
27                                 *Mas é a razão que me faz partir.*  
28                                 *Tudo me assusta nesse instante,*  
29                                 *Pois vossos olhos ameaçam meu coração.*  
30                                 *O amor é extremo e me deixa hesitante.*  
31                                 *Pastor, quão duros são os rigores da razão!*  
32                                 *Afastai-vos lentamente, fugi desse amor lancinante!*  
33                                 *Se tendes amor por mim, adeus!*  
34                                 *Minha paz depende disso, não deveis me seguir,*

---

<sup>15</sup> Nadine Jasmin informa que Céladon, personagem da obra *L'Astrée*, de Honoré d'Urfé, era tido, à época, como o exemplo do amante perfeito das pastorais (AULNOY, 2008, p. 317).

1 *Ainda que longe de vós eu não consiga resistir;*  
2 *Mesmo assim, pastor, não sigais os passos meus.*

3  
4 Ao fim dessas palavras, Brillhante se afastou. Apaixonado e desesperado, o príncipe  
5 bem que tentou segui-la, mas sua dor era tão grande que ele desmaiou inconsciente aos  
6 pés de uma árvore. Ah, severa e demasiada feroz virtude, por que temeis um homem que  
7 vos ama desde a mais tenra infância? Ele não seria capaz de vos enganar, sua paixão é  
8 inocente! Mas o maior desafio da princesa era lutar contra ela mesma, pois não podia  
9 deixar de considerar os méritos desse encantador pastor, mesmo tendo em mente que era  
10 preciso evitar tudo aquilo que lhe parecesse amável demais.

11 Ela nunca sofreu tanto como naquele momento, pois estava se desprendendo do  
12 sujeito mais terno e querido que já havia conhecido em toda sua vida. Ela não pôde deixar  
13 de volver os olhos várias vezes, para ver se ele a seguia. Foi quando o viu cair como se  
14 estivesse morto. Ela o amava, mas recusou a consolação de voltar para socorrê-lo. Quando  
15 alcançou a planície, cheia de dor, elevou os olhos e juntou as mãos, dizendo:

16 — Ó, virtude! Ó, glória! Ó, grandeza! Eu sacrifiquei a vós a minha paz! Ó, destino!  
17 Ó, Trasimeno! Eu renuncio à minha beleza fatal, devolvi-me a fealdade! Ou então  
18 devolvi-me o amante que abandonei, mas retirei de mim todo rubor!

19 Depois de pronunciar essas palavras, ela parou de correr. Hesitava entre continuar  
20 a fugir ou voltar atrás em seus passos. Seu coração queria que ela voltasse para o bosque  
21 onde havia deixado Sem-Par; sua virtude, porém, triunfou sobre sua ternura. Ela tomou  
22 a magnânima decisão de não vê-lo mais.

23 Quando Brillhante foi transportada para esse lugar desconhecido, ela ouviu falar  
24 de um célebre feiticeiro que vivia em um castelo, o qual ele construía com a ajuda de sua  
25 irmã, nos confins da ilha. Eles não falavam de outra coisa a não ser sobre seus estudos, e  
26 todos os dias realizavam novos prodígios. Brillhante chegou à conclusão de que nada seria  
27 melhor que o uso de poderes mágicos para apagar de seu coração a imagem do charmoso  
28 pastor. Portanto, sem dizer nada à sua caridosa anfitriã, que a acolhera e que a tratava  
29 como sua filha, ela partiu em sua jornada, tão atormentada pelos seus desprazeres que não  
30 fez nenhuma ponderação sobre os perigos que correria, sendo bela e jovem, ao viajar  
31 sozinha. Ela não parou nem de dia e nem de noite, não bebeu e nem comeu, dada a pressa  
32 que tinha de chegar ao castelo para se curar de sua ternura. Porém, enquanto atravessava  
33 um bosque, ouviu alguém cantar; por um instante, ela pensou ter ouvido o nome de seu  
34 amado. Reconhecendo a voz de uma de suas companheiras de pastoreio, parou para  
35 escutá-la:

36  
37 *Sem-Par, entre os aldeões,*

1 *Era o mais belo e cheio de perfeições,*  
2 *Amava a pastora Brilhante,*  
3 *Amável, jovem e bela, em tudo estonteante.*  
4 *Com muito cuidado, dia a dia, esse pastor*  
5 *Declarava-lhe o que sentia,*  
6 *Mas a jovem, cheia de rebeldia,*  
7 *Não sabia o que era o amor.*  
8 *Seu coração, porém, cheio de amargura,*  
9 *Suspirava em segredo, em sua ausência,*  
10 *Demonstrando sinais de ternura,*  
11 *Uma prova de sua falsa indiferença.*  
12 *A verdade é que essa pastora fria,*  
13 *Não se importava com o quanto ele sofria;*  
14 *Era sempre cortejada por seu amante,*  
15 *(Mas para ela não era o bastante).*  
16 *Muitas vezes, deitado em meio à mata,*  
17 *Cantava para ela versos de seu coração;*  
18 *Com prazer, a bela ouvia sua gaita,*  
19 *E escutava sua canção.*  
20

21 — Ah, isso já é demais! — ela disse, vertendo lágrimas. — Pastor indiscreto! Tu te  
22 gabas dos inocentes favores que eu te concedi! Presumes que meu fraco coração tem de  
23 ser mais sensível à tua paixão do que ao meu dever! Confiaste teus injustos desejos a  
24 outros e me fizeste ser cantada na floresta e nas planícies!

25 Ela se sentiu tão violentamente despeitada que enfim se achou capaz de pensar  
26 nele com indiferença, ou mesmo com ódio.

27 — Não é mais necessário que eu vá mais longe em busca de remédios para minha  
28 dor — ela continuou. — Não tenho nada a temer de um pastor em quem reconheço tão  
29 pouco mérito. Voltarei ao vilarejo junto da pastora que ouço cantar.

30 Brilhante chamou a pastora com todas as suas forças, mas ela não respondeu,  
31 ainda que parecesse estar muito perto. A preocupação e o medo se apoderaram da  
32 princesa, pois esse bosque pertencia ao feiticeiro, e ninguém passava por ele sem viver  
33 alguma aventura.

34 Mais incerta do que nunca, Brilhante apressou-se a sair do bosque.

35 — O pastor que eu temia tornou-se tão pouco temível que agora corro o risco de  
36 reencontrá-lo — disse ela. — Será que o meu coração, que só pensa nele, está tentando



1 me enganar? Ah, fuja, fuja! A fuga é o melhor caminho para uma princesa tão  
2 infeliz como eu.

3 E assim ela decidiu seguir seu caminho até o castelo do feiticeiro; alcançou-o e o  
4 adentrou sem nenhum obstáculo. Atravessou vários pátios enormes, onde a grama e as  
5 silvas estavam tão altas que parecia que não tinham sido pisadas há mais de cem anos. Ela  
6 abriu caminho com as mãos e acabou se arranhando em mais de um lugar. Por fim,  
7 adentrou uma sala iluminada por um único raio de luz, que atravessava um buraco.  
8 A tapeçaria era feita de asas de morcego e havia doze gatos presos ao chão, que serviam  
9 como candelabros; eles miavam muito, a ponto de fazer qualquer um perder a paciência.  
10 Sobre uma longa mesa, doze camundongas bem gordas estavam amarradas pela cauda, e  
11 cada uma tinha diante de si um pedaço de tocinho, que não conseguiam alcançar. Em  
12 suma, os gatos viam as ratinhas sem poder comê-las, enquanto as ratinhas temiam os  
13 gatos e ficavam desesperadas de fome perto de um bom pedaço de tocinho.

14 Enquanto a princesa considerava o tormento desses animais, viu o feiticeiro entrar  
15 com um longo manto preto. Sobre a cabeça levava um crocodilo, que servia-lhe de boné;  
16 jamais se viu um chapéu tão assustador quanto aquele. O velhote usava óculos e trazia à  
17 mão um chicote feito com cerca de vinte longas serpentes, todas vivas. Ó! Quanto medo  
18 a princesa sentia! Naquele momento, sentia falta de seu pastor, de suas ovelhas e de seu  
19 cachorro! Pensava apenas em fugir, e, sem dizer uma palavra àquele homem terrível,  
20 correu para a porta, mas ela estava coberta de teias de aranha. Levantava uma e encontrava  
21 outra, levantava essa outra e aparecia uma terceira, assim por diante; enfim, essa porta  
22 tinha incontáveis teias de aranha. A pobre princesa não conseguia mais suportar, seus  
23 braços não eram suficientemente fortes para arrancar todas essas teias. Tentou sentar-se  
24 no chão para descansar um pouco, mas sentiu longos espinhos perfurarem sua pele.  
25 Levantou-se e novamente tentou atravessar a porta, mas sempre aparecia uma teia depois  
26 da outra. O velho malvado, que a observava, quase morreu de tanto gargalhar.  
27 Finalmente, ele a chamou e disse:

28 — Passarás o resto da tua vida falhando em tuas tentativas. Bem, pareces ser a mais  
29 jovem e mais bonita donzela que já vi! Se quiseres, eu me caso contigo. Eu te darei estes  
30 doze gatos que vês presos ao chão e também estas doze camundongas que estão sobre a  
31 mesa, poderás fazer o que quiser com eles, serão teus. Os gatos são príncipes e as ratinhas  
32 são princesas. Essas malandras, em diferentes ocasiões, tiveram a honra de poder me  
33 agradar (pois sempre fui amável e galante), mas nenhuma delas quis me amar! Esses  
34 príncipes eram os meus rivais, que viviam mais felizes do que eu. O ciúme tomou conta  
35 de mim e encontrei um meio de atraí-los para cá, capturei-os e os transformei em gatos e  
36 ratas. O que é mais divertido é que eles tanto se odeiam quanto se amam! Não existe  
37 vingança mais completa!

1 — Ah, meu senhor — exclamou Brilhante. — Transformai-me em camundonga,  
2 não sou menos merecedora do que essas pobres princesas!

3 — Como? — disse o mago. — Também não desejas me amar, pastorinha?

4 — Eu decidi não amar jamais — ela respondeu.

5 — Ora, como és simplória! — ele continuou. — Saibas que irei alimentá-la  
6 maravilhosamente bem, contarei histórias, te darei os vestidos mais bonitos do mundo,  
7 só andarás de carruagem e liteira e serás chamada de madame!

8 — Eu decidi não amar jamais — respondeu novamente a princesa.

9 — Cuidado com o que dizes! — gritou o colérico feiticeiro. — Ou irás te  
10 arrepende por muito tempo!

11 — Não importa — disse Brilhante. — Eu decidi não amar jamais.

12 — Está bem, criaturinha indiferente! — disse ele, tocando-a. — Já que não desejas  
13 amar, deverás ser transformada em uma espécie peculiar: não terás carne e nem serás  
14 peixe, não terás sangue, nem espinhas; serás verde, porque ainda não amadureceste, serás  
15 leve e saltitante, viverás nos prados, como costumava viver. Serás transformada em  
16 gafanhota!

17 E naquele mesmo instante, a princesa Brilhante tornou-se a gafanhota mais bonita  
18 do mundo. Enfim desfrutando de sua liberdade, ela foi imediatamente para o jardim.  
19 Sozinha, pôs-se a lamentar, chorando dolorosamente:

20 — Ah, minha tigela, minha querida tigela, onde estais? Então esse é o resultado de  
21 vossas promessas, Trasimeno? Eis o que estava reservado para mim durante duzentos  
22 anos: uma beleza tão curta como as flores da primavera e, por fim, um traje verde de crepe!  
23 Tornei-me uma espécie peculiar, que não tem carne e nem é peixe, que não tem osso e  
24 nem sangue. Como sou infeliz! Céus! Uma coroa na cabeça teria reparado todos os meus  
25 defeitos e eu teria encontrado um marido digno de mim. Afinal, o bondoso Sem-Par  
26 desejava apenas a posse do meu coração, mesmo sendo uma pastora! Agora ele pode  
27 sentir-se muito bem vingado pelo meu injusto desdém. Eis-me aqui, uma gafanhota,  
28 destinada a cantar dia e noite, quando meu coração cheio de amargura me convida a  
29 chorar!

30 E assim falou a gafanhota, escondida entre as finas ervas, às margens de um riacho.

31 Mas o que fazia o príncipe Sem-Par, longe de sua adorável pastora? A dureza com  
32 que ela o havia deixado atingiu-o tão duramente que ele não teve forças para segui-la.  
33 Antes de poder alcançá-la, ele desmaiou e permaneceu muito tempo inconsciente aos pés  
34 da árvore onde Brilhante o vira cair. Por fim, a frieza da terra, ou algum poder  
35 desconhecido, fez com que ele voltasse a si; não ousou ir atrás dela naquele mesmo dia, e  
36 repetiu em sua mente os últimos versos que ela lhe dissera:

37  
38 *Já é difícil fugir de um amor*

1 *Quando movidos por ódio e rancor,*  
2 *Quanto mais esquecer-se de um amante*  
3 *Terno, jovem e constante.*

4  
5 E sentiu uma esperança deveras lisonjeira, prometendo a si mesmo que esperaria  
6 mais algum tempo antes de ir demonstrar-lhe sua gratidão. Porém, aconteceu que, tendo  
7 passado pela casa da velha pastora, onde Brilhante se abrigava, ficou sabendo que ela não  
8 tinha aparecido desde o dia anterior. Ele achou que fosse morrer de preocupação. Retirou-  
9 se dali assolado por mil pensamentos estranhos; sentou-se tristemente às margens do rio  
10 e pensou centenas de vezes em se afogar, dando cabo de sua vida e de seus infortúnios.  
11 Enfim, pegou um punção e esculpiu os seguintes versos na casca de uma árvore:

12  
13 *Bela fonte, água cristalina,*  
14 *Vales aprazíveis, planícies da natureza,*  
15 *Paisagem tão bela e divina,*  
16 *Ó, aumentais a minha tristeza!*  
17 *O terno objeto de meu amor,*  
18 *Que a tudo supera em encantos,*  
19 *Para fugir de mim, partiu em dor,*  
20 *E agora só viverei em prantos.*  
21 *Quando a aurora vier anunciar o dia,*  
22 *Ela me achará em profundo sofrimento;*  
23 *O sol é testemunha de minha agonia,*  
24 *E mesmo quando ele some do firmamento*  
25 *Minha dor não acaba, não há alegria.*  
26 *Ó, terna árvore, perdoa as feridas,*  
27 *Que em teu seio faço para meus males gravar;*  
28 *Mas essas marcas são menos doloridas,*  
29 *Do que as que ficaram no meu peito a sangrar.*  
30 *Esta ponta de ferro não acabará com tua vida,*  
31 *Nem comprometerá tua bela verdura.*  
32 *Quanto a mim, minha única saída,*  
33 *Sem ter Brilhante, é entrar na sepultura.*

34

1 Ele não pôde continuar a escrever, pois foi abordado por uma velhinha que usava  
2 um rufo<sup>16</sup> no pescoço, uma crinolina<sup>17</sup>, um molde sob seus cabelos brancos e um capuz de  
3 veludo; havia algo de venerável em sua antiguidade. Ela lhe disse:

4 — Meu filho, tendes remorsos bem amargos, peço que me conteis sobre eles.

5 — Pobre de mim, minha boa mãe — disse Sem-Par. — Eu sofro pela partida de  
6 uma amável pastora que está fugindo de mim. Resolvi procurar por toda a terra até  
7 encontrá-la!

8 — Ide por ali, meu filho — disse ela, mostrando-lhe o caminho para o castelo onde  
9 a pobre Brilhante se tornara uma gafanhota. — Tenho um palpite de que não precisareis  
10 procurá-la por muito mais tempo.

11 Sem-Par agradeceu-lhe e suplicou ao Amor para que o ajudasse.

12 O príncipe não encontrou nada em seu caminho que o fizesse parar. Assim que  
13 adentrou o bosque próximo ao castelo do mago e de sua irmã, pensou ter visto sua  
14 pastora. Apressou-se em segui-la, mas ela desapareceu.

15 — Brilhante! — ele gritava. — Brilhante que eu adoro, esperai um pouco, dignai-  
16 vos a ouvir-me!

17 Mas o fantasma fugia ainda mais depressa, e assim foi durante o resto do dia.  
18 Quando a noite chegou, ele avistou muitas luzes no castelo e cogitou que sua pastora  
19 pudesse ali estar. Correu até lá e entrou sem nenhum impedimento. Subiu as escadas e  
20 encontrou, em um magnífico salão, uma grande e velha fada de magreza espantosa. Seus  
21 olhos pareciam duas lâmpadas apagadas; seu rosto estava mal iluminado. Seus braços  
22 eram como gravetos e os dedos finos como fusos; uma pele escurecida de tristeza recobria  
23 seu esqueleto. Suas bochechas estavam pintadas com maquiagem, tinha pintas falsas no  
24 rosto, usava fitas verdes e cor-de-rosa, um manto de brocado de prata e levava uma coroa  
25 de diamantes sobre a cabeça, com pedras preciosas por toda parte.

26 — Finalmente, Príncipe! — disse-lhe ela. — Chegaste ao lugar onde eu há muito  
27 tempo eu te espero. Não penses mais em tua pastorinha. Uma paixão tão desproporcional  
28 deveria te envergonhar. Eu sou a Rainha dos Meteoros, simpatizo contigo e, se me amares,  
29 posso te fazer infinitamente bem.

30 — Amar-vos? — exclamou o príncipe, olhando para ela com ar de indignação. —  
31 Amar-vos, madame? Ora, sou eu quem manda em meu coração, não posso consentir com  
32 uma infidelidade dessas! Ademais, se eu fosse mudar o objeto de meu amor, vós não  
33 seríeis a escolhida. Encontrai entre os vossos meteoros algum que seja do vosso agrado;  
34 amai o ar, os ventos, mas deixai os mortais em paz!

---

<sup>16</sup> Gorgeira, gola branca rendada usada como acessório de moda nos séculos XVI e XVII.

<sup>17</sup> Armação que confere volume às saias.

1 A fada se encheu de fúria e cólera. Com dois golpes de sua varinha, ela encheu a  
2 galeria de monstros horríveis, contra os quais o jovem príncipe teve de exercer sua  
3 habilidade e seu valor. Alguns tinham várias cabeças e inúmeros braços, outros tinham a  
4 figura de centauro ou sereia, havia vários leões com rostos humanos, esfinges e dragões  
5 voadores. Sem-Par tinha apenas o seu cajado e uma pequena lança, instrumentos com que  
6 se armou ao iniciar sua jornada. Às vezes, durante a luta, a grande fada suspendia os  
7 embates e lhe perguntava se estava disposto a amá-la, mas o príncipe sempre respondia  
8 que era devotado ao amor fiel e que não poderia mudar. Cansada de tanto insistir, ela fez  
9 Brilhante aparecer.

10 — Bem, tua amante está no fundo daquela galeria — disse-lhe ela. — Pensa bem  
11 no que vais fazer. Se recusares o meu pedido de casamento, ela será dilacerada e  
12 despedaçada pelos meus tigres bem diante teus olhos!

13 — Ah, madame! — gritou o príncipe, atirando-se a seus pés. — Eu me entrego  
14 voluntariamente à morte para salvar aquela a quem amo! Poupai os dias dela e encurtai  
15 os meus!

16 — Eu não te peço a morte — respondeu a fada enganadora. — Peço-te o teu  
17 coração e a tua mão.

18 Enquanto eles falavam, o príncipe podia ouvir a voz de sua pastora, que parecia se  
19 queixar:

20 — Permitireis que eu seja devorada? Se me amais, fazei o que a rainha manda!

21 O pobre príncipe hesitava:

22 — Como isso é possível? Benigna, vós me abandonastes depois de tantas  
23 promessas? Vinde, vinde ajudar-nos!

24 Ele mal havia terminado de pronunciar essas palavras, quando escutou uma voz  
25 nos ares, pronunciando distintamente as seguintes palavras:

26 — Deixai o destino seguir seu curso, sede sempre fiel e buscai o Ramo de Ouro.

27 A grande fada, que já se considerava vitoriosa com a ajuda de todas aquelas  
28 diferentes ilusões, ficou desesperada ao encontrar em seu caminho um obstáculo tão  
29 poderoso como a proteção de Benigna.

30 — Desaparece da minha presença, príncipe teimoso e desgraçado! — ela  
31 exclamou. — Já que o teu coração está repleto de tantas chamas, tu te tornarás um grilo,  
32 amigo do calor e do fogo!

33 Imediatamente, o belo e maravilhoso príncipe Sem-Par tornou-se um pequeno  
34 grilo escuro, que teria se lançado vivo na primeira lareira ou forno que tivesse encontrado  
35 se não fosse pela bondosa voz que o havia tranquilizado.

1 — Tenho que procurar o Ramo de Ouro, talvez assim eu me desgrilarei<sup>18</sup> — disse  
2 ele. — Ah, se eu encontrasse a minha pastora, o que mais faltaria para minha felicidade?

3 Apressando, o grilo saiu daquele palácio fatal e, sem saber para onde ir, lançou-se  
4 aos cuidados da bela fada Benigna, sem companhia e sem equipamentos, pois um grilo  
5 não precisa temer ladrões e nem encontros ruins. Logo no primeiro abrigo que encontrou,  
6 no buraco de uma árvore, deparou-se com uma gafanhota muito triste, que não cantava.  
7 O grilo, sem suspeitar que aquela pudesse uma pessoa como ele, cheia de inteligência e  
8 razão, disse-lhe:

9 — Para onde vais, comadre gafanhota?

10 Ao que ela prontamente respondeu:

11 — Não sei. E tu, compadre grilo, para onde vais?

12 Essa resposta deixou o amoroso grilo muito surpreso.

13 — O quê? — ele exclamou. — Podes falar?

14 — Sim, e tu também! — disse ela. — Acaso pensas que uma gafanhota tem menos  
15 privilégios que um grilo?

16 — Eu posso falar porque sou um homem — disse o grilo.

17 — Por essa mesma regra, posso falar ainda mais do que tu, já que sou uma menina  
18 — respondeu a gafanhota.

19 — Então experimentas uma sorte semelhante à minha? — perguntou o grilo.

20 — Sem dúvida — disse a gafanhota. — E afinal, para onde vais?

21 — Bem, eu ficaria feliz se pudéssemos passar um bom tempo juntos — emendou  
22 o grilo. — Porém, ouvi uma voz desconhecida no ar, que me disse: “Deixai o destino seguir  
23 seu curso e buscai o Ramo de Ouro.” Pareceu-me que esse aviso só podia ser para mim.  
24 Sem hesitar, resolvi partir em jornada, embora eu não saiba para onde ir.

25 Aquela conversação, porém, foi interrompida por duas camundongas que corriam  
26 com todas as suas forças e, avistando o buraco aos pés da árvore, lançaram-se de cabeça  
27 para dentro, e quase esmagaram o compadre grilo e comadre gafanhota. Elas se  
28 aninharam o melhor que puderam em um cantinho.

29 — Ó, madame — disse a maior. — Estou exausta de tanto correr! Como vossa  
30 alteza está?

31 — Tive de arrancar a minha cauda! — respondeu a mais jovem. — Se não fosse  
32 assim, eu ainda estaria sobre a mesa daquele velho feiticeiro! Viste como ele nos  
33 perseguiu? Temos sorte de estarmos a salvo de seu palácio infernal!

34 — Tenho um pouco de medo de gatos e ratoeiras, minha princesa — continuou a  
35 maior. — Estou ardendo em ansiedade para chegarmos logo ao Ramo de Ouro!

---

<sup>18</sup> *Dégrillonnerai* (neologismo).

1 — Conheces o caminho? — perguntou a alteza camundônica<sup>19</sup>.

2 — Sim, madame, eu conheço muitíssimo bem! — respondeu a outra. — Esse ramo  
3 é maravilhoso, apenas uma de suas folhas é suficiente para deixar qualquer um rico para  
4 sempre! Ele fornece dinheiro, desencanta, embeleza e preserva a juventude! Devemos ir  
5 para a campina antes do amanhecer.

6 — Se for do vosso agrado, dai-nos a honra de acompanhar-vos, madames, eu e  
7 esse honesto grilo! — disse a gafanhota. — Afinal, assim como vós, somos peregrinos do  
8 Ramo de Ouro.

9 Um grilo e uma gafanhota foram capazes de demonstrar uma polidez como nunca  
10 antes no mundo. As camundongas eram as princesas que aquele malvado feiticeiro  
11 mantinha amarradas.

12 Eles acordaram muito cedo pela manhã e saíram juntos em silêncio, pois temiam  
13 que caçadores estivessem à espreita e, ouvindo-os falar, pudessem pegá-los e colocá-los  
14 em uma gaiola. Enfim, eles chegaram ao Ramo de Ouro. Ele estava plantado no meio de  
15 um jardim maravilhoso; em vez de areia, as trilhas estavam repletas de pequenas pérolas  
16 orientais, mais redondas que ervilhas. As rosas eram de diamante vermelho e suas folhas  
17 eram de esmeralda; as flores de romã eram de granada; as calêndulas, de topázio; os  
18 narcisos eram brilhantes amarelos; as violetas eram de safira; os mirtilos, de turquesa; as  
19 tulipas eram de ametista, opala e diamante. Enfim, a quantidade e a variedade dessas belas  
20 flores brilhavam mais do que o sol.

21 Era ali (como já disse) que estava o Ramo de Ouro, o mesmo que o príncipe Sem-  
22 Par havia recebido da águia, com o qual ele tocara a fada Benigna quando ela estava  
23 encantada. O ramo tinha se tornado tão alto quanto as árvores mais altas, e estava todo  
24 carregadas de rubis em forma de cerejas. Assim que o grilo, a gafanhota e as duas  
25 camundongas se aproximaram dele, voltaram à sua forma natural. Que alegria! Qual não  
26 foi o júbilo que tomou conta do príncipe ao rever sua bela pastora! Atirou-se a seus pés e  
27 estava prestes a contar-lhe todos os sentimentos suscitados por aquela surpresa tão  
28 agradável e inesperada, mas foi então que a rainha Benigna e o rei Trasimeno apareceram,  
29 tão pomposos como nunca, pois tudo ali correspondia à magnificência do jardim. Quatro  
30 cupidos armados dos pés à cabeça, com os arcos de lado e as aljavas sobre os ombros,  
31 sustentavam, com suas flechas, uma pequena almofada de brocado azul e dourado, sobre  
32 a qual estavam duas ricas coroas.

33 — Vinde, caros amantes — exclamou a rainha, estendendo seus braços para eles.  
34 — Vinde receber de nossas mãos as coroas merecidas por vossa virtude, estirpe e  
35 fidelidade. Todo vosso labor se converterá em prazeres.

36 E depois continuou:

---

<sup>19</sup> *L'altesse sourissonne* (neologismo).

1 — Princesa Brilhante, este pastor que tanto assusta o vosso coração é o príncipe a  
2 vós destinado, tanto pelo vosso pai quanto pelo pai dele. Ele não morreu na torre. Receba-  
3 o como vosso marido e deixai aos meus cuidados o vosso descanso e a vossa bonança.

4 Jubilosa, a princesa lançou-se ao colo de Benigna. As lágrimas que escorriam de  
5 seus olhos e o seu silêncio eram provas do excesso de sua alegria, que lhe tirava o uso das  
6 palavras. Sem-Par dobrou-se de joelhos diante daquela generosa fada, beijou suas mãos  
7 respeitosamente e disse-lhe mil coisas desconexas. Trasimeno acarinhou-lhes e Benigna  
8 revelou, em poucas palavras, que ela nunca os deixara; disse que fora ela quem apresentara  
9 os regalos amarelo e branco à Brilhante e que havia tomado a forma de uma velha pastora  
10 para alojar a princesa em sua casa. Contou-lhes também que fora ela a responsável por  
11 indicar ao príncipe qual caminho seguir para encontrar sua pastora.

12 — A verdade é que eu poderia ter evitado muitos outros sofrimentos se assim  
13 desejasse — ela continuou. — Acontece, porém, que os prazeres do amor devem ser  
14 conquistados.

15 Naquele mesmo instante, uma doce sinfonia ressoou por toda parte e os cupidos  
16 não tardaram em coroar os jovens amantes. Fez-se o himeneu<sup>20</sup>. Durante a cerimônia, as  
17 duas princesas que haviam acabado de se livrar da forma de camundongas, imploraram à  
18 fada que usasse seu poder para libertar os infelizes gatos do castelo do feiticeiro, onde  
19 viviam desesperados.

20 — Esse é um dia muito especial para recusar-vos isso! — ela respondeu.

21 Prontamente, ela agitou o Ramo de Ouro três vezes e todos aqueles que viviam  
22 cativos no castelo apareceram; eles recobram sua forma natural e ali encontraram suas  
23 senhoras. A fada, com toda sua benevolência, querendo que a comemoração ficasse ainda  
24 mais festiva, deu-lhes de presente o armário do calabouço para que pudessem  
25 compartilhar entre si. Esse donativo valia mais que dez reinos daquela época. É fácil  
26 imaginar toda satisfação e gratidão que eles sentiram. Benigna e Trasimeno completaram  
27 essa grande obra com uma generosidade que superava tudo o que tinham feito até aquele  
28 momento: declararam que o palácio e o jardim do Ramo de Ouro agora pertenceria ao rei  
29 Sem-Par e à rainha Brilhante. Uma centena de outros reis passaram a ser seus tributários,  
30 e uma centena de reinos tornaram-se seus dependentes.

31  
32 *Quando uma fada se apresentou à Brilhante,*  
33 *Sendo ela desprovida de beleza,*  
34 *Ela poderia pedir uma aparência estonteante,*  
35 *Ou demandar raras riquezas;*  
36 *Eis uma tentação tremenda!*

---

<sup>20</sup> *L'hymen se fit*: fez-se o enlace matrimonial.



1 *Mas ela não cedeu à vaidade*  
2 *E nem aos embaraços da fealdade*  
3 *Que a tantas mulheres atormenta.*  
4 *Brilhante sequer hesitou,*  
5 *A sedução da vaidade ignorou,*  
6 *Quis uma bela alma, ser mais inteligente:*  
7 *As rosas e os lírios têm uma aparência linda,*  
8 *Mas, como nas outras flores, ela um dia se finda;*  
9 *Uma bela alma, porém, vive eternamente.*

CC BY-NC-ND 4.0

## A LARANJEIRA E A ABELHA

1           Era uma vez um rei e uma rainha a quem não faltava mais nada para serem felizes,  
2 a não ser ter filhos. A rainha já estava velha e não tinha mais esperanças de tê-los, até que  
3 finalmente engravidou e deu à luz a menina mais bonita jamais vista. A alegria na casa  
4 real foi extrema; todos se apressaram em encontrar um nome para a princesa, algo que  
5 expressasse o que sentiam por ela: enfim, resolveram chamá-la de Amada<sup>1</sup>. A rainha  
6 mandou gravar o nome de Amada, filha do rei da Ilha Feliz, em um coração de turquesa,  
7 que pendurou no pescoço da princesa, acreditando que a turquesa lhe traria sorte. Mas  
8 essa presunção mostrou-se deveras errônea, pois, um dia, com a intenção de entretê-la,  
9 sua ama a levava ao mar em pleno verão; de repente, formou-se uma tempestade tão  
10 terrível que foi impossível voltar para a terra. A princesa e seus acompanhantes estavam  
11 em um barquinho que só era usado para passeios ao longo da costa e que logo foi feito em  
12 pedaços: a ama e todos os marinheiros pereceram. Já a princesinha, que dormia em seu  
13 berço, permaneceu flutuando sobre as águas. O mar acabou conduzindo-a a um país  
14 bastante agradável, mas que se encontrava praticamente inabitado desde que o ogro  
15 Raivoso<sup>2</sup> e sua esposa Tormentina<sup>3</sup> foram morar lá; eles comeram todo mundo. Os ogros  
16 são pessoas terríveis; tendo uma vez experimentado carne fresca (é assim que eles  
17 chamam os homens), já não conseguiam comer outra coisa. Tormentina sempre  
18 encontrava um jeito de levar alguém para lá, pois era meio-fada.

19           Ela sentiu o cheiro da pobre princesinha a uma milha de distância e correu para a  
20 praia para encontrá-la antes de Raivoso, pois um era mais guloso que o outro. Eles eram  
21 os seres mais horrendos que já existiram: seus olhos fundos ficavam no meio da testa, a  
22 boca era grande como um forno, seus narizes eram largos e achatados, tinham longas  
23 orelhas de asno, cabelos espetados e corcundas na frente e atrás.

24           Entretanto, quando ela viu Amada em seu rico berço, envolta em tecidos de  
25 brocado de ouro, brincando com suas mãozinhas, com suas bochechas delicadas como  
26 rosas brancas, levemente ruborizadas, e sua boquinha vermelha risonha, entreaberta, que  
27 parecia sorrir para aquele monstro feioso que vinha para devorá-la, Tormentina,  
28 comovida, com um sentimento de pena que jamais sentira, resolveu que iria cuidar dela,  
29 e que se fosse comê-la, não a comeria tão cedo. Tomou-a em seus braços, amarrou o berço  
30 nas costas e retornou à sua caverna.

31           — Vê, Raivoso — disse ela ao marido. — Temos carne fresca, bem macia, mas eu  
32 te proíbo de mordê-la com um dente sequer! É uma linda menininha, vou criá-la, vamos

---

<sup>1</sup> *Aimée.*

<sup>2</sup> *Ravagio.*

<sup>3</sup> *Tourmentine.*

1 casá-la com o nosso ogrelete<sup>4</sup> e eles vão gerar ogruchos<sup>5</sup> de aparência extraordinária, o  
2 que nos fará felizes em nossa velhice.

3 — Bem pensado — respondeu Raivoso. — Afinal, és mais inteligente do que  
4 gorda! Deixa-me olhar essa criança, ela parece ser linda de se admirar.

5 — Não vai comê-la! — disse Tormentina, colocando a pequena entre suas grandes  
6 garras.

7 — Não, não — ele respondeu. — Eu preferiria morrer de fome.

8 E eis que Raivoso, Tormentina e seu filho, o ogrelete, começaram a acariciar  
9 Amada de maneira tão humana que parecia uma espécie de milagre. Mas a pobre criança,  
10 que não via nada além desses macacos deformados ao seu redor, sem encontrar a teta de  
11 sua ama, começou a fazer um pouco de manha, e depois esperneou com todas as suas  
12 forças, fazendo seu choro ressoar por toda a caverna de Raivoso. Temendo que isso o  
13 irritasse, Tormentina levou-a ao bosque, seguida de suas ogrinhas; ela tinha seis filhas,  
14 cada uma mais feia que a outra. Como eu já disse, ela era meio-fada, e sua habilidade  
15 consistia em segurar sua varinha de marfim e desejar qualquer coisa. Ela pegou a varinha  
16 e disse:

17 — Em nome de Trúcio<sup>6</sup>, a fada real, desejo que a mais bela corça de nossas  
18 florestas, doce e pacífica, apareça agora mesmo, que ela deixe seu filhote e venha nutrir  
19 essa pequenina criatura que a fortuna me deu.

20 Naquele mesmo instante, uma corça apareceu. As ogrinhas fizeram festa; ela se  
21 aproximou e amamentou a princesa. Depois, Tormentina levou Amada de volta à sua  
22 caverna. A corça foi atrás delas, pulando e saltitando, enquanto a criança olhava para ela  
23 e a acariciava. Daquele dia em diante, sempre que a menina era colocada em seu berço e  
24 começava a chorar, a corça logo vinha oferecer-lhe leite e as ogrinhas a embalavam.

25 E foi assim que a filha do rei foi criada. Enquanto isso, seus pais choravam noite e  
26 dia, pensando que ela jazia afogada na profundidade das águas. Enfim, eles pensaram em  
27 escolher um herdeiro; o rei falou com a rainha e ela lhe disse para fazer o que bem quisesse,  
28 já que sua querida Amada estava morta e que ela já não tinha esperança de ter mais  
29 crianças. Disse também que já haviam esperado tempo demais: quinze anos se passaram  
30 desde que tiveram a infelicidade de perdê-la, seria um exagero esperar encontrá-la  
31 novamente. Sendo assim, o rei decidiu pedir a seu irmão que escolhesse, entre seus filhos,  
32 aquele que considerava ser o mais digno de reinar, e que o enviasse rapidamente à sua  
33 corte. Os embaixadores, tendo recebido seu despacho e todas as instruções necessárias,  
34 não tardaram a partir. A viagem era longa, mas eles foram colocados em bons navios e o

---

<sup>4</sup> *Ogrelet.*

<sup>5</sup> *Ogrichons.*

<sup>6</sup> “*La royale Fée Trusio*”: possível relação com o radical latino “trux” (feroz, selvagem), que dá origem, por exemplo, ao verbo “trucidar”.

1 vento lhes fôra favorável, de modo que puderam chegar em pouco tempo à presença do  
2 irmão do rei, que possuía um grande reino. Ele os recebeu muito bem, e quando lhe  
3 pediram para indicar um de seus filhos como sucessor do rei a quem serviam, ele começou  
4 a chorar de alegria. Respondeu-lhes que, como seu irmão lhe dera a possibilidade de  
5 escolha, enviaria aquele que ele mesmo escolheria como seu sucessor, que era o segundo  
6 de seus filhos, cujas inclinações eram compatíveis com a grandeza de sua estirpe, e que  
7 possuía todas as qualidades que alguém pudesse desejar, sendo perfeito em tudo.

8 Dito isso, eles mandaram chamar o príncipe Amado<sup>7</sup> (esse era o nome dele) e,  
9 embora os embaixadores tivessem sido avisados, quando o viram, ficaram muito  
10 surpresos. Ele tinha dezoito anos. Mesmo o Cupido, o terno Cupido, era menos bonito  
11 que ele; mas a sua beleza em nada diminuía seu porte nobre e marcial que inspirava  
12 respeito e ternura. Ele foi avisado do desejo do rei, seu tio, de tê-lo como herdeiro, e da  
13 intenção do rei, seu pai, de fazê-lo partir em diligência. Sua tripulação foi preparada e as  
14 despedidas foram feitas; ele embarcou e atravessou o mar aberto. Deixemo-lo ir, que a  
15 fortuna o guie!

16 Voltemos a Raivoso, para ver o que se passava com a nossa jovem princesa. Ela  
17 cresceu tanto em beleza quanto em idade, e o fato é que podemos dizer que o Cupido, as  
18 Graças e todas as deusas reunidas jamais teriam tantos encantos. Era como se o sol, as  
19 estrelas e os céus tivessem descido àquela profunda caverna com Raivoso, Tormentina e  
20 os ogrinhos. A crueldade que ela via nesses monstros a tornava ainda mais doce; e depois  
21 que ela soube do terrível gosto que eles tinham por carne fresca, passou a ocupar-se apenas  
22 de tentar salvar os infelizes que caíam em suas mãos, e, sempre que ela conseguia, ficava  
23 exposta à fúria dos dois. Na verdade, eles bem que a teriam devorado caso o seu ogrelete  
24 não a estimasse tanto. Ora, o que uma forte paixão não faz? Pois saibam que esse  
25 monstrinho adquirira uma doce personalidade, de tanto ver e amar a bela princesa.

26 Infelizmente, porém, qual não foi a dor de Amada quando soube que teria de se  
27 casar com esse pavoroso amante? Embora não soubesse nada a respeito de sua estirpe, ela  
28 bem presumia, pela riqueza de seus pertences, como a corrente de ouro e a turquesa, que  
29 viera de um bom lugar; ademais, os sentimentos de seu coração eram o que mais a  
30 levavam a acreditar nisso. Ela não sabia ler e nem escrever, sequer falava outra língua a  
31 não ser o jargão ogrelês<sup>8</sup>: vivia na mais completa ignorância quanto a todas as coisas do  
32 mundo, mas, mesmo assim, ela não deixava de ter bons e virtuosos princípios, agindo  
33 com doçura e naturalidade, tal como se tivesse sido educada na corte mais educada do  
34 universo.

---

<sup>7</sup> Aimé.

<sup>8</sup> “Le jargon d’ogrelie”.

1            Fizera para si um traje de pele de tigre: seus braços estavam seminus, carregava  
2            uma aljava e flechas sobre os ombros e um arco na cintura. Seus cabelos loiros estavam  
3            amarrados com um cordão de junco marinho; eles flutuavam com o vento, movendo-se  
4            do busto às costas. Ela também usava um par de botas feito do mesmo junco. Assim  
5            equipada, Amada atravessava o bosque como uma segunda Diana<sup>9</sup>; ela jamais saberia o  
6            quanto era bonita se não fosse pelas fontes cristalinas, que lhe ofereciam seus singelos  
7            espelhos, onde ela podia admirar-se detidamente, sem que isso a tornasse mais vaidosa,  
8            nem mais soberba. O sol brilhava sobre sua pele e a embranquecia, tal como acontece com  
9            a cera, e mesmo a brisa do mar não podia escurecê-la. Amada não comia nada a não ser  
10           o que conseguia através da caça e da pesca; e era com esse pretexto que muitas vezes ela  
11           se afastava da terrível caverna, tudo para não ter que olhar para os sujeitos mais  
12           deformados que existiam na natureza.

13            — Céus! — dizia ela, vertendo suas lágrimas. — O que vos fiz para terdes me  
14            destinado àquele cruel ogrelete? Por que não me deixastes perecer no mar? Por que me  
15            conservastes essa vida terei de vivê-la de maneira tão deplorável? Não tendes compaixão  
16            alguma pela minha dor?

17            E era assim que ela se dirigia aos deuses, pedindo-lhes socorro.

18            Quando o tempo fechava, ela temia que o mar lançasse algum infeliz na costa;  
19            discretamente, ela se dirigia para lá com a intenção de resgatá-los, a fim de evitar que eles  
20            avançassem até a caverna do ogro. Um dia, Amada se levantou logo ao amanhecer e  
21            correu em direção ao mar. Assim que chegou, avistou um homem que, segurando uma  
22            prancha em seus braços, tentava alcançar a costa, malgrado a violência das ondas que o  
23            empurravam de volta. A princesa bem que tentou ajudá-lo, acenando para ele, apontando  
24            para a rota mais segura, mas ele não a via e nem ouvia. Às vezes, ele chegava muito perto  
25            da margem, ficava a um passo de alcançá-la, mas logo uma onda o cobria e ele desaparecia.  
26            Enfim, ele foi levado para a areia e ali permaneceu estirado, sem nenhum movimento.  
27            Amada aproximou-se dele e, mesmo temendo que ele já estivesse morto, por conta de sua  
28            palidez, ofereceu-lhe toda a ajuda possível; ela sempre carregava consigo certas ervas cujo  
29            odor servia para despertar até mesmo dos desmaios mais longos, de tão forte que era.  
30            Macerou-as em suas mãos e esfregou-as nos lábios e nas têmporas do homem; assim que  
31            ele abriu os olhos, ficou tão surpreso com a beleza e com os trajes da princesa que não  
32            conseguia dizer se aquilo era um sonho ou realidade.

33            Foi ele quem falou com ela primeiro, tentando iniciar uma conversa. Ambos,  
34            porém, não conseguiam entender um ao outro, mas se admiravam com uma atenção  
35            combinada de espanto e prazer. Como eu já disse, até então a princesa havia visto apenas  
36            alguns pobres pescadores que os ogros haviam capturado e outros que ela mesma salvara;

---

<sup>9</sup> Deusa da caça e da lua; Ártemis na mitologia grega.

1 sendo assim, o que ela poderia pensar ao se deparar com o homem mais bem-feito e mais  
2 magnificamente vestido do mundo? Ora, esse era o príncipe Amado, seu primo de  
3 primeiro grau, cuja frota, assolada por uma furiosa tempestade, despedaçou-se contra os  
4 rochedos; alguns tripulantes morreram, enquanto outros, empurrados pelos ventos,  
5 foram conduzidos a algumas praias, a maioria delas desconhecidas.

6 O jovem príncipe, por sua vez, ficou admirado por encontrar uma pessoa tão  
7 maravilhosa vestida em trajes tão selvagens em um país aparentemente deserto. Amado  
8 lembrou-se das princesas e damas que já havia visto e ficou convencido de que essa não  
9 se igualava a nenhuma outra. Com essa admiração mútua, eles continuaram conversando  
10 em silêncio, pois os olhares e os gestos que trocavam denunciavam os seus pensamentos.  
11 A princesa assim permaneceu por muito tempo, até que, de repente, refletindo sobre o  
12 perigo ao qual esse estranho a expunha, foi tomada por uma grande melancolia; tal  
13 abatimento transpareceu imediatamente em seu semblante. Temendo que ela estivesse  
14 passando mal, Amado foi até a princesa e quis tomar suas mãos, mas Amada o repeliu,  
15 como se pedisse para que ele se afastasse. Depois, ela começou a correr diante dele,  
16 incentivando-o a fazer o mesmo e fugir dali; porém, à medida em que ela se afastava, ele  
17 a seguia. Furiosa, Amada pegou suas flechas e apontou-as em direção ao coração do  
18 príncipe, para indicar-lhe que os ogros iriam matá-lo; ele, no entanto, entendeu que era  
19 ela quem desejava matá-lo, de modo que, colocando um dos joelhos no chão, permaneceu  
20 imóvel, esperando o golpe. Vendo aquilo, sem saber o que fazer e nem como se expressar,  
21 a princesa olhou para ele com ternura e disse<sup>10</sup>:

22 — Ora, agindo assim, serás vitimado pelos meus terríveis anfitriões! Com os  
23 mesmos olhos com que tenho o prazer de te admirar, hei de ver-te despedaçado e  
24 devorado sem misericórdia alguma!

25 Ela começou a chorar e o príncipe foi acudi-la, sem conseguir entender o que  
26 estava acontecendo. Decidida a fazê-lo compreender que não deveria segui-la, Amada  
27 pegou-o pela mão e conduziu-o para dentro de um rochedo cuja entrada era voltada para  
28 o mar. Era uma gruta muito profunda, local em que ela costumava ir para lamentar suas  
29 desgraças; às vezes, quando o sol ardia demais, era ali que ela dormia antes de retornar à  
30 caverna dos ogros. E como era muito limpa e habilidosa, a princesa havia decorado o local  
31 com um tecido de asas de borboleta de muitas cores; caules enredados, emendados uns  
32 sobre os outros, formavam uma espécie de leito para repouso, sobre o qual ela havia  
33 estendido um tapete de juncos marinhos. Ramos de flores foram colocados em vasos  
34 feitos de grandes e profundas conchas, que ela enchia de água para preservar seus buquês.  
35 Havia milhares de outras graciosidades feitas por ela, algumas com espinhas de peixe,  
36 outras com conchas, juncos marinhos e caules, e essas pequeninas obras, apesar de sua

---

<sup>10</sup> Cabe lembrar que os dois falavam línguas diferentes, por isso a falta de compreensão.

1 simplicidade, tinham algo de tão delicado que era fácil notar o bom gosto e a habilidade  
2 da princesa.

3 O príncipe ficou surpreso com todo o asseio do local e pensou que aquele fosse o  
4 lugar em que ela morava, de modo que sentiu-se encantado de ali estar em sua companhia.  
5 Ele, no entanto, só não estava mais feliz pois não conseguia testemunhar o sentimento de  
6 admiração que ela lhe inspirava; desde já, ele parecia preferir vê-la e viver junto dela em  
7 detrimento dos anseios de seus parentes e de todas as honrarias que haveria de receber  
8 em razão de sua estirpe.

9 Amada fez com que ele se sentasse e, para deixar claro que ele deveria permanecer  
10 ali até que ela lhe trouxesse comida, desamarrou o cordão que prendia uma parte de seus  
11 cabelos, amarrou-o ao braço do príncipe e o prendeu ao pequeno leito; depois disso, ela  
12 foi embora. Amado morria de vontade de segui-la, mas temia desagradá-la. Enfim  
13 sozinho, sem ser distraído pela presença da princesa, ele começou a refletir.

14 — Onde estou? — disse ele. — A que país a fortuna me conduziu? Meus navios  
15 naufragaram, meus homens se afogaram, não tenho mais nada. Em vez da coroa que me  
16 foi oferecida, eis que me encontro refugiado em um triste rochedo! O que vim fazer aqui?  
17 Que povos encontrarei? A julgar pela pessoa que me salvou, eles devem ser divindades.  
18 Porém, o medo que ela tinha de que eu a seguisse e aquela linguagem dura e bárbara, que  
19 soa tão mal quando pronunciada por uma boca tão bela, fazem com que eu tema alguma  
20 desventura ainda mais funesta do que aquela que já me aconteceu!

21 Em seguida, ele empregou todo seu esforço para trazer de volta à mente a imagem  
22 daquela jovem selvagem de incomparável beleza. Seu coração se aqueceu e ele começou a  
23 ficar impaciente por não vê-la retornar; sua ausência lhe parecia o maior de todos os  
24 males. Mas ela voltou o mais depressa possível, pois também não conseguia parar de  
25 pensar no príncipe. Amada era tão inexperiente quanto a esses ternos sentimentos que  
26 não havia se dado conta de que era ele que os inspirava; ela agradeceu aos céus por tê-lo  
27 salvado dos perigos do mar e rogou para que também o preservassem dos ogros de quem  
28 ela fugia. A princesa estava tão carregada e havia caminhado tão rapidamente que, quando  
29 chegou, sentiu-se um pouco mal sob a espessa pele de tigre que lhe servia de manto. Ela  
30 se sentou e o príncipe lançou-se aos seus pés, pois estava muito comovido com seu  
31 sofrimento; ele, porém, encontrava-se muito mais enfermo do que ela.

32 Assim que Amada recobrou suas forças, mostrou-lhe todas as pequenas porções  
33 que lhe trouxera; dentre elas, quatro papagaios e seis esquilos cozidos ao sol, morangos,  
34 cerejas, framboesas e algumas outras frutas; os pratos eram de madeira de cedro e  
35 calamba<sup>11</sup>, talheres de pedra, guardanapos de grandes folhas de árvore, muito macias e  
36 maleáveis, uma concha para beber e outra com boa água.

---

<sup>11</sup> Madeira odorífica escura comumente utilizada na produção de incenso e perfume; ágar; pau-de-águila.

1 O príncipe demonstrou sua gratidão com todos os acenos de cabeça e de mãos que  
2 sabia fazer; Amada, por sua vez, respondeu-lhe com um sorriso doce, fazendo-o saber que  
3 todos os seus gestos lhe foram agradáveis. Quando chegou a hora de se despedir, ela  
4 sinalizou que estava de partida e ambos começaram a suspirar, escondendo suas lágrimas  
5 um do outro, com um choro terno e contido. Ela se levantou e tentou sair, mas o príncipe  
6 soltou um grande brado e atirou-se aos seus pés, pedindo-lhe que ficasse. Ela  
7 compreendeu muito bem o que ele queria, mas o repeliu com um semblante um tanto  
8 severo; por fim, ele logo entendeu que deveria se acostumar a obedecê-la.

9 Verdade seja dita, se ele teve uma noite terrível, a noite da princesa não foi menos  
10 triste. Quando ela retornou à caverna, bem que desejou lançar-se de cabeça no mar; afinal,  
11 viu-se em meio aos ogros e ogruchos, olhou para o pavoroso ogrelete, o mostro que viria  
12 a ter por marido, e lembrou-se dos charmes do estranho que havia acabado de abandonar.  
13 Ademais, somado a isso havia o medo de que Raivoso ou Tormentina sentisse o cheiro de  
14 carne fresca e que fosse ao rochedo para devorar o príncipe Amado.

15 Essas e outras preocupações mantiveram-na acordada durante toda a noite.  
16 Amada levantou-se assim que o dia raiou e tomou seu caminho para a costa; ela correu,  
17 voou para lá, carregada de papagaios, macacos e uma abetarda, frutas, leite e tudo o que  
18 ela conseguira de melhor. O príncipe ainda não havia acordado, de tão cansado que estava  
19 de sua desventura no mar; no entanto, fazia pouco tempo que havia pegado no sono, pois  
20 não conseguira dormir durante a noite.

21 — Como? — disse ela, acordando-o. — Tenho pensado em vós desde que vos  
22 deixei, não consegui nem sequer fechar os olhos; vós, porém, fostes capaz de adormecer!

23 O príncipe olhava para ela e a escutava sem poder entendê-la. Ele, por sua vez,  
24 disse-lhe, beijando-lhe as mãos:

25 — Que alegria, minha menina querida! Que alegria em ver-vos novamente!  
26 Parece-me que já faz um século desde que partistes deste rochedo.

27 E falou com ela por muito tempo, sem cogitar o fato de que ela não entendia nada.  
28 Quando enfim se lembrou, suspirou tristemente e emudeceu. Ela tomou a palavra e disse-  
29 lhe que padecia de cruéis inquietudes, temendo que Raivoso e Tormentina o  
30 descobrissem; disse-lhe também que não seria ingênua de esperar que ele se mantivesse  
31 seguro naquele rochedo por muito tempo. Porém, mesmo sentindo que haveria de morrer  
32 caso se afastasse dele, Amada o incentivou a fugir, pois sabia que ali ele estava exposto ao  
33 risco de ser devorado. Ao dizer isso, seus olhos ficaram cobertos de lágrimas; diante dele,  
34 a princesa juntou suas mãos em sinal de súplica, mas Amado não conseguia entender o  
35 que ela estava pedindo. Desesperado, o príncipe jogou-se aos seus pés. Ela começou a  
36 apontar para fora com tanta avidez que ele enfim compreendeu alguns de seus sinais; em  
37 contrapartida, Amado fê-la entender que preferia morrer a ter de abandoná-la. Essa  
38 demonstração de amizade da parte do príncipe comoveu-a a tal ponto que, para sinalizar



1 o quanto se sentira tocada, tirou a corrente de ouro e o coração turquesa que a rainha, sua  
2 mãe, colocara ao redor de seu pescoço e amarrou-a ao braço do príncipe com a maior  
3 ternura do mundo. A despeito da grande emoção ocasionada por esse gesto, Amado não  
4 deixou de reparar nos caracteres que estavam gravados na turquesa; olhou-os  
5 atentamente e leu:

6 — “Amada, filha do rei da Ilha Alegre”.

7 Ninguém jamais ficou tão espantado quanto ele! Amado sabia que a princesinha  
8 falecida chamava-se Amada e não teve dúvidas de que aquele coração pertencera a ela;  
9 contudo, ainda não era capaz de saber se aquela bela selvagem era de fato a princesa ou se  
10 o mar havia lançado aquela jóia na areia. Sendo assim, ele olhou para Amada com uma  
11 atenção extraordinária, e quanto mais ele a admirava, mais parecia reconhecer uma certa  
12 semelhança familiar em determinados traços, especialmente nas demonstrações de  
13 ternura que vinham de sua alma, o que serviu para assegurá-lo de que a selvagem era  
14 mesmo sua prima.

15 Ela acompanhava aquelas ações com surpresa: elevando os olhos ao céu, como se  
16 lhe rendesse graças, o príncipe olhava para ela e chorava, pegava suas mãos e as beijava  
17 com todo afeto de seu coração. Amado agradeceu-lhe pela generosidade do presente que  
18 recebera, mas optou por devolvê-lo, dizendo que preferia ganhar um fio de seu cabelo,  
19 algo que seria muito mais difícil de se obter.

20 Quatro dias se passaram assim. De manhã, a princesa levava tudo o que ele  
21 precisava para se alimentar e permanecia em sua companhia tanto quanto podia. Embora  
22 eles não tivessem o prazer de entreter um ao outro conversando, as horas se passavam  
23 bem depressa.

24 Um dia, ela acabou retornando muito tarde à caverna; temia ser repreendida pela  
25 terrível Tormentina, mas, em vez disso, ficou bastante surpresa ao receber uma acolhida  
26 favorável, deparando-se com uma mesa repleta de frutas. Amada pediu permissão para  
27 pegar algumas, ao que Raivoso respondeu-lhe que elas estavam ali justamente para servi-  
28 la, que seu ogrelete tinha ido buscá-las e que finalmente havia chegado a hora de fazê-lo  
29 feliz: Amada deveria desposá-lo em um prazo de três dias. Mas que notícia! Haveria no  
30 mundo algo mais funesto do que isso para essa amável princesa? Ela pensou que fosse  
31 morrer de medo e de dor, porém, escondendo sua aflição, respondeu-lhe que haveria de  
32 obedecê-los sem demonstrar resistência, desde que prolongassem um pouco mais o prazo  
33 prescrito. Raivoso irritou-se e gritou:

34 — Isso não faria diferença se eu resolvesse te devorar!

35 A pobre princesa tombou desvanecida por entre as garras de Tormentina e do  
36 ogrelete, que a amava muito, e que de tanto suplicar fez com que Raivoso se acalmasse.

37 Amada não dormiu nem por um só momento; em vez disso, esperou  
38 impientemente pelo raiar do dia. Assim que amanheceu, ela foi para o rochedo e, assim

1 que avistou o príncipe, soltou um grito de dor e derramou um rio de lágrimas. Ele  
2 permaneceu praticamente imóvel; sua paixão pela bela Amada havia progredido mais em  
3 quatro dias do que as paixões comuns em quatro anos. Ele insistia em perguntar o que  
4 havia acontecido, mas ela sabia que não seria compreendida, não tinha como fazer-se  
5 entender. Sendo assim, amarrou seus longos cabelos e colocou uma coroa de flores sobre  
6 a cabeça; depois, encostando sua mão na mão de Amado, fez um gesto que dava a  
7 entender que logo ela ficaria unida a outra pessoa. O príncipe enfim compreendeu a  
8 desgraça que o ameaçava, que iriam fazê-la se casar com alguém.

9 Ele ficou a ponto de desvanecer a seus pés; não sabia como proceder ou de que  
10 maneira poderia salvá-la. De fato, nem mesmo ela sabia. Eles choraram, entreolharam-se  
11 e disseram um para o outro que seria melhor morrer juntos do que viver separados.  
12 Amada permaneceu junto do príncipe até o fim da tarde; a noite avançou mais rápido do  
13 que ela esperava e, sem prestar atenção nos caminhos que seguia, tomada por seus  
14 devaneios, a princesa avançou por uma trilha em um bosque pouco frequentado, onde  
15 um longo espinho acabou perfurando o seu pé, transpassando-o por completo.  
16 Felizmente, a caverna não ficava muito longe dali; com grande dificuldade, ela chegou lá  
17 com o pé todo ensanguentado. Raivoso, Tormentina e os ogruchos resgataram-na e ela  
18 sentiu dores terríveis quando eles tiveram de arrancar aquele espinho. Esmagaram  
19 algumas ervas, colocaram-nas sobre o ferimento e Amada foi se deitar tomada pela maior  
20 inquietude que se pode imaginar por conta de seu querido príncipe.

21 — Ai de mim! — disse ela. — Não poderei andar amanhã! O que ele há de pensar  
22 com a minha ausência? Eu fiz com que ele entendesse que iria me casar, agora ele vai  
23 pensar que não consegui evitar esse matrimônio. Quem irá alimentá-lo? Seja como for,  
24 ele acabará morrendo: se vier me buscar, estará perdido, se eu enviar uma ogrinha até ele,  
25 Raivoso ficará sabendo.

26 Ela chorou, suspirou e bem que tentou levantar-se cedo pela manhã, mas não  
27 conseguia andar, pois sua ferida era muito grande. Ademais, quando Tormentina viu que  
28 ela estava tentando sair, impediu-a, dizendo-lhe que se desse mais um passo, ela a  
29 devoraria.

30 Enquanto isso, o príncipe começou a se afligir e a temer o pior, pois já havia  
31 passado da hora em que Amada costumava visitá-lo. Quanto mais o tempo avançava, mais  
32 suas preocupações aumentavam; todos os suplícios do mundo lhe pareciam menos  
33 terríveis que as inquietudes ocasionadas pelo amor. Ele lutava contra si mesmo para  
34 continuar esperando, e quanto mais ele esperava, menos esperança tinha. Finalmente,  
35 decidiu lançar-se à morte, determinado a ir de encontro à sua amada princesa.

36 Ele marchou sem saber para onde ir; seguiu por uma vereda de terra batida, que  
37 encontrou à entrada do bosque. Depois de caminhar por uma hora, escutou alguns ruídos  
38 e enfim avistou a caverna, de onde saía uma densa fumaça. Amado imaginou que ali

1 poderia obter alguma informação. Assim que adentrou a morada, deparou-se com  
2 Raivoso, que o agarrou de repente, com uma força espantosa. O ogro estava prestes a  
3 devorá-lo, mas os gritos que ele deu enquanto lutava chegaram aos ouvidos de sua querida  
4 amante. Ao ouvir aquela voz, não houve nada que pudesse detê-la: Amada saiu de sua  
5 cova e entrou naquele em que Raivoso segurava o pobre príncipe. Ela estava pálida e  
6 trêmula, como se o ogro ameaçasse comer uma parte dela mesma. Ajoelhou-se diante dele  
7 e implorou-lhe que guardasse essa carne fresca para o dia de seu casamento com o  
8 ogrelete, prometendo que iria comê-la. Raivoso ficou muito feliz ao ouvir aquilo,  
9 pensando que a princesa finalmente estava disposta a partilhar de seus costumes; ele  
10 soltou o príncipe e trancou-o na cova onde todos os ogruchos dormiam.

11 Amada pediu permissão para alimentá-lo bem, a fim de que ele não perdesse peso  
12 e honrasse a refeição, ao que o ogro consentiu. Ela levava ao príncipe o que encontrava de  
13 melhor. Na primeira vez em que a viu entrar, Amado sentiu grande alegria, o que serviu  
14 para amenizar seu desprazer; porém, quando ela lhe mostrou a ferida no pé, sua dor  
15 adquiriu novas forças. Eles choraram juntos por muito tempo. Vendo que o príncipe não  
16 conseguia comer, sua querida senhora fatiou o alimento em pedacinhos com suas  
17 delicadas mãos; depois, ofereceu-lhes de forma tão graciosa que ele não conseguiu recusá-  
18 los.

19 Ela pediu aos ogruchos que lhe trouxessem musgo fresco; cobriu-os com um  
20 tapete de penas de pássaro e fez o príncipe entender que essa seria sua cama. Tormentina  
21 a chamou e Amada teve de despedir-se dele estendendo-lhe a mão, que foi beijada pelo  
22 príncipe com uma ternura indescritível. Antes de deixá-lo, lançou-lhe um olhar cujo  
23 propósito era o de exprimir aquilo que estava sentindo.

24 Raivoso, Tormentina e a princesa dormiam em uma das concavidades da caverna,  
25 enquanto o ogrelete e cinco ogruchinhas dormiam em outra, onde o príncipe também  
26 estava alojado. É um costume ogresco<sup>12</sup> que todas as noites o ogro, a ogresa e os ogruchos  
27 coloquem uma bela coroa dourada sobre a cabeça, com a qual eles dormem. Eis a única  
28 magnificência que possuem, tanto que prefeririam ser enforcados e estrangulados a  
29 perder esse tesouro.

30 Quando todos foram dormir, a princesa, que pensava em seu amável amante,  
31 chegou à conclusão de que, apesar da promessa que Raivoso e Tormentina lhe fizeram  
32 sobre não devorá-lo, eles certamente o fariam se sentissem fome durante a noite (o que  
33 quase sempre acontecia quando tinham carne fresca à disposição). Pensando nisso,  
34 Amada foi assaltada por uma ansiedade tão agressiva que pensou que fosse morrer de  
35 medo. Depois de refletir por algum tempo, ela se levantou, cobriu-se rapidamente com  
36 sua pele de tigre e, tateando, sem fazer nenhum ruído, entrou na caverna onde os

---

<sup>12</sup> *Ogrichonnie*.

1 ogruchos estavam dormindo; pegou a coroa do primeiro que encontrou e colocou-a sobre  
2 a cabeça do príncipe, que estava bem acordado. Ele não ousou reagir, mesmo sem saber  
3 quem é que estava promovendo essa cerimônia; em seguida, a princesa voltou para sua  
4 caminha.

5 Mal ela havia se deitado, Raivoso começou a imaginar a boa refeição que teria feito  
6 se tivesse devorado o príncipe, fazendo com que seu apetite aumentasse conforme ele  
7 assim pensava. Enfim ele se levantou e dirigiu-se à cova onde os ogruchos dormiam.  
8 Como ele não podia enxergar claramente, com medo de se enganar, bateu com a mão e  
9 lançou-se sobre aquele que não estava coroado, mastigando-o como a uma galinha. A  
10 pobre princesa, que ouviu o barulho dos ossos do infeliz que estava sendo devorado,  
11 desmaiou, morrendo de medo de que pudesse ser o seu amante. Quanto ao príncipe, que  
12 estava ao lado da vítima, muito próximo dela, sentiu todas as aflições que se poderia sentir  
13 em ocasião semelhante.

14 O dia livrou a princesa de sua terrível tristeza; ela se apressou em ir atrás do  
15 príncipe, fazendo-o saber, através de seus sinais, de todo medo e impaciência que sentia  
16 por tê-lo imaginado devorado pelos dentes mortíferos desses monstros. Amada  
17 demonstrou-lhe toda sua amizade, e ele bem que teria retribuído se a ogresa não tivesse  
18 aparecido naquele mesmo instante, com a intenção de ver os seus filhos. Foi então que se  
19 deparou com a caverna cheia de sangue e descobriu que seu ogrucho caçula havia  
20 desaparecido. Ela soltou um grito aterrorizante. Raivoso logo compreendeu o grande erro  
21 que havia cometido, mas o mal era irremediável. Contou-lhe ao ouvido que sentira fome  
22 durante a madrugada e que fizera uma escolha, pensando que haveria de comer carne  
23 fresca. Tormentina fingiu se acalmar, pois Raivoso era cruel; se não tivesse aceitado o seu  
24 pedido de desculpas, ela mesma correria o risco de ser devorada por ele.

25 Mas, ora! Quantas inquietudes estranhas assolavam a bela princesa! Ela não  
26 parava de pensar em formas de salvar o príncipe. E quanto a ele, qual não era sua opinião  
27 sobre o terrível lugar em que essa adorável menina morava? Mesmo próximos, eles  
28 estavam mais distantes do que nunca; a morte ter-lhe-ia parecido mais doce do que essa  
29 separação. Com sinais repetidos, ela o incitava a fugir, a colocar sua vida em segurança;  
30 ele compreendia e os dois choravam juntos, de mãos dadas. Cada um, em sua própria  
31 língua, jurava fidelidade recíproca e amor eterno. Enfim ela lhe mostrou as roupas que  
32 usava quando foi encontrada por Tormentina, bem como o berço em que estava deitada.  
33 O príncipe ali reconheceu as armas e o lema do rei da Ilha Alegre; essa visão o encantou  
34 e ele demonstrou toda sua felicidade à princesa, o que a fez pensar que Amado havia  
35 descoberto algo importante ao contemplar esse berço. Ela morria de vontade de saber o  
36 que era, porém, qualquer que fosse sua ansiedade, como é que ele poderia fazê-la entender  
37 de quem ela era filha e o grau de parentesco que existia entre eles? Tudo o que ela  
38 conseguia compreender era que podia sentir-se à vontade com ele.

1           Chegada a hora de dormir, todos foram para a cama, tal como fizeram na noite  
2 anterior. A princesa, tomada pelas mesmas ansiedades, levantou-se silenciosamente,  
3 entrou na caverna onde o príncipe estava, retirou delicadamente a coroa de uma ogreleta  
4 e colocou-a sobre a cabeça de seu amante, que não se atreveu a detê-la, apesar de todo o  
5 seu desejo; isso porque o respeito que tinha por ela e o medo de desagradá-la impediam-  
6 no de fazê-lo.

7           Colocar a coroa na cabeça de Amado foi a melhor ideia que a princesa poderia ter  
8 tido, afinal, sem essa precaução, o que não teria acontecido a ele! A bárbara Tormentina  
9 acordou em sobressalto, pensando naquele príncipe, a quem ela considerava belo como o  
10 dia e deveras apetitoso. Com um grande medo de que Raivoso fosse comê-lo sozinho,  
11 pensou que seria melhor se prevenir: sem dizer uma palavra, esgueirou-se até a cova dos  
12 ogruchos e acariciou gentilmente todos aqueles que tinham coroas (o príncipe era um  
13 deles); depois, devorou uma das ogreletes em apenas três mordidas. Amado e sua senhora  
14 tremiam de medo, pois estavam ouvindo tudo. Finalizada sua expedição, Tormentina  
15 voltou a dormir, e os dois ficaram seguros o resto da noite.

16           — Ó, céus, ajudai-nos! — clamou a princesa. — Inspirai-me acerca do que  
17 devemos fazer nessa situação tão extrema!

18           O príncipe não fazia preces menos fervorosas; às vezes, pensava em atacar aqueles  
19 dois monstros, em combatê-los. Porém, como poderia esperar ter alguma vantagem sobre  
20 eles? Eram altos como gigantes e sua pele era à prova de balas; sua prudência fez com que  
21 ele chegasse à conclusão de que não havia jeito de se livrarem daquele horrível lugar.

22           Tão logo raiou o dia, Tormentina encontrou os ossos de sua ogreleta e encheu o  
23 ar de uivos espantosos; Raivoso não ficou menos desesperado. Enfim, ambos estavam  
24 mais dispostos do que nunca a tramar contra o príncipe e a princesa e planejavam degolá-  
25 los sem misericórdia. Os dois haviam se escondido em um cantinho escuro, mas os  
26 comedores de carne fresca sabiam muito bem onde eles estavam; de todos os perigos a  
27 que estiveram expostos, esse era o mais grave e evidente.

28           De tanto pensar e bater a cabeça, de repente, Amada se lembrou da varinha de  
29 marfim que Tormentina costumava usar, com a qual que ela operava certos tipos de  
30 prodígios, dos quais ela mesma desconhecia a razão.

31           — Ora, se a sua ignorância não a impede de fazer com que coisas tão  
32 surpreendentes aconteçam, por que minhas próprias palavras não haveriam de possuir  
33 igual virtude? — disse ela.

34           Tomada por essa ideia, Amada correu para a cova onde Tormentina dormia,  
35 procurou a varinha e encontrou-a escondida no fundo de um buraco. Empunhando-a,  
36 exclamou:

37           — Em nome de Trúcio, a fada real, desejo falar a mesma língua daquele a quem  
38 amo!

1 E ela bem que teria realizado outros desejos, mas Raivoso adentrou a cova e ela  
2 teve de se calar. Depois, colocando a varinha de volta no lugar, dirigiu-se ao príncipe  
3 docemente:

4 — Caro estranho — ela começou. — Vossas penas me comovem mais do que as  
5 minhas.

6 Ao ouvir essas palavras, o príncipe ficou espantado e confuso.

7 — Eu vos entendo, adorável princesa — disse-lhe ele. — Falastes a minha língua,  
8 portanto presumo que também possais me compreender: sabeis que sofro menos por mim  
9 do que por vós, que sois mais querida por mim do que minha própria vida, do que a luz  
10 do Sol e de tudo o que há de mais amável na natureza.

11 — Minhas expressões serão mais simples — respondeu a princesa. — Mas nem  
12 por isso menos sinceras: sinto que daria tudo o que tenho, o rochedo do mar, minhas  
13 ovelhas, meus cordeiros, enfim, tudo o que possuo, pelo único prazer de poder vos ver.

14 O príncipe rendeu-lhe mil graças por sua gentileza e demandou saber quem havia  
15 lhe ensinado, em tão pouco tempo, todas as palavras e todas as delicadezas de uma língua  
16 até então desconhecida por ela. Amada contou-lhe sobre o poder da varinha encantada;  
17 ele, por sua vez, informou-a a respeito de seu nascimento e de seu parentesco. A princesa  
18 ficou muito contente e como tinha uma inteligência maravilhosa que lhe era natural,  
19 disse-lhe coisas tão finas e bem lapidadas que o príncipe sentiu sua paixão aumentar  
20 violentamente.

21 Eles não tinham mais tempo a perder para resolver seus assuntos: o que estava em  
22 questão era fugir dos monstros irritados e buscar um asilo em que pudessem viver seus  
23 amores inocentes. Eles prometeram que se amariam eternamente e que uniriam seus  
24 destinos assim que estivessem em condições de se casar. A princesa disse a seu amante  
25 que, assim que Raivoso e Tormentina caíssem no sono, eles pegariam o grande camelo  
26 que os ogros criavam, montariam nele e enfim partiriam para onde o céu quisesse levá-  
27 los. O príncipe sentiu-se tão contente que mal podia conter sua alegria. Malgrado o medo  
28 que tinham, apenas a encantadora ideia de um futuro juntos apagava uma parte dos males  
29 presentes.

30 A tão desejada noite chegou. A princesa pegou um punhado de farinha e amassou  
31 um bolinho com suas alvas mãos; em seguida, colocou uma fava dentro dele, dizendo,  
32 enquanto empunhava a vara de marfim:

33 — Ó fava, favinha, em nome de Trúcio, a fada real, eu desejo que tenhas o dom de  
34 falar, se assim for preciso, até estares cozido.

35 E meteu o bolo debaixo das cinzas quentes. Depois, foi buscar o príncipe, que a  
36 esperava impacientemente na vil cova dos ogruchos.

37 — Partamos — disse ela. — O camelo já está no bosque.

1 — Que o Amor e a Fortuna nos guiem — respondeu em voz baixa o jovem  
2 príncipe. — Vamos, vamos, minha Amada, vamos encontrar uma morada feliz e  
3 tranquila.

4 Eles partiram sob o clarão da lua; a princesa havia se apossado da vantajosa  
5 varinha de marfim. Não demorou para que encontrassem o camelo e enfim começassem  
6 sua jornada, sem saber para onde iam.

7 Enquanto isso, com a cabeça cheia de amargura, Tormentina revirava-se de um  
8 lado para o outro, sem conseguir dormir. Esticou o braço para sentir se a princesa já estava  
9 deitada em sua caminha; porém, sem encontrá-la, gritou com uma voz de trovão:

10 — Onde é que estás, menina?

11 — Estou aqui, junto ao fogo — respondeu a fava.

12 — Já estás vindo para a cama? — disse Tormentina.

13 — Agora mesmo — respondeu a fava. — Dormi, dormi.

14 Com medo de acordar seu marido Raivoso, Tormentina calou. Porém, duas horas  
15 depois, ela voltou a tatear a caminha de Amada, e gritou:

16 — Ora, sua sapequinha! Ainda não foste te deitar?

17 — Estou me aquecendo o máximo que posso — respondeu a fava.

18 — Espero que estejas bem no meio do fogo para que pagues pelos teus delitos —  
19 acrescentou a ogresa.

20 — Eis que estou bem aqui mesmo! — disse a fava. — Ninguém jamais se aqueceu  
21 tão perto do fogo.

22 Os dois ainda fizeram muitos outros discursos e todos foram bem sustentados pela  
23 fava, que demonstrava ser uma fava muito habilidosa. Conclusão: ao raiar o dia,  
24 Tormentina chamou novamente pela princesa, mas a fava não respondeu, pois já estava  
25 cozida. Esse silêncio serviu para inquietá-la e ela se levantou muito preocupada, olhou  
26 por toda parte, chamou, desesperou-se e procurou em todos os cantos da caverna: nada  
27 de princesa, nada de príncipe e nada de sua varinha. Tormentina gritou com tanta força  
28 que sua voz ressoou pelos bosques e vales:

29 — Acorda, meu bebê, acorda, belo Raivoso, tua esposa foi traída, nossas carnes  
30 frescas escaparam!

31 Raivoso abriu o olho e deu um salto no meio da caverna; rugindo como um leão,  
32 gritando, bramindo, vociferando, espumando, ele disse:

33 — Vem, vem, minhas botas de sete léguas, que eu preciso perseguir nossos  
34 fugitivos! Em instantes pegarei esses dois e farei uma boa refeição!

35 E então ele calçou suas botas; a cada passo que dava, avançava sete léguas. Céus!  
36 De que maneira alguém poderia se safar de tal corredor? Ora, não é de se espantar que  
37 eles jamais superariam o ogro se não fosse pela varinha de marfim. Acontece que a bela  
38 princesa era bem nova na arte da magia feérica, ela não sabia de tudo o que poderia fazer

1 com uma varinha dessas; a situação, porém, era tão extrema que a mente de Amada teve  
2 de iluminar-se subitamente.

3 Lisonjeados pelo prazer de estarem juntos, de se entenderem e pela impressão de  
4 não serem perseguidos, eles avançavam tranquilos em seu caminho, até que a princesa  
5 enfim avistou o terrível Raivoso. Ela gritou:

6 — Príncipe, estamos perdidos! Vede aquele pavoroso monstro, que vem em nossa  
7 direção como um trovão!

8 — O que vamos fazer? — disse o príncipe. — Que será de nós? Ah, se eu estivesse  
9 sozinho, não me importaria em perder minha vida. Mas a vossa, minha querida senhora,  
10 a vossa vida corre perigo!

11 — Se a varinha não nos proteger, não há esperança, estaremos rendidos à morte  
12 — acrescentou Amada, chorando. — Em nome de Trúcio, a fada real, desejo que nosso  
13 camelo se transforme em um lago, o príncipe em um barco, e eu em uma velha barqueira,  
14 que o conduzirá!

15 Naquele mesmo instante, o lago, o barco e a barqueira tomaram forma. Raivoso  
16 alcançou a margem e gritou:

17 — Ho, ho, velha mãezinha eternal! Acaso não vistes um camelo, um rapaz e uma  
18 menina passarem por aqui?

19 A barqueira, que estava no meio do lago, meteu os óculos sobre o nariz e, olhando  
20 para Raivoso, fez um sinal positivo, indicando que havia visto os dois passarem, e apontou  
21 para a pradaria. O ogro acreditou nela e virou à esquerda. A princesa desejou voltar à sua  
22 forma natural e bateu três vezes com a varinha: no barco, na lagoa e em si mesma,  
23 tornando-se bela e jovem novamente, bem como o príncipe. Eles montaram no camelo e  
24 viraram à direita, a fim de não reencontrarem seu inimigo.

25 Enquanto avançavam diligentemente, desejosos por encontrar alguém a fim de  
26 perguntar qual era o caminho para a Ilha Alegre, eles viviam de frutos do campo, bebiam  
27 a água das fontes e dormiam debaixo das árvores, com medo de serem vistos e devorados  
28 por algum animal selvagem; mas a princesa tinha seu arco e flecha, com o qual poderia  
29 tentar se defender. O perigo não os assustava a ponto de superar o prazer de terem  
30 escapado da caverna e de estarem juntos. Uma vez que estavam se entendendo, diziam as  
31 coisas mais bonitas do mundo um ao outro; geralmente o amor traz criatividade. Quanto  
32 aos dois, não precisavam dessa ajuda, pois tinham mil atributos naturais e ideias sempre  
33 novas.

34 O príncipe relatou sua impaciência à princesa, pois queria chegar logo à casa do  
35 rei (ou melhor, à sua própria casa, já que Amada prometera casar-se com ele uma vez que  
36 obtivesse o consentimento de seu pai). Enquanto esse ditoso dia não chegasse, Amado  
37 haveria de viver com ela no bosque, em solidão, sempre disposto a oferecer-lhe tudo o



1 que ela pudesse desejar, de maneira sábia e respeitosa, demonstrando tanta paixão e  
2 virtude como jamais se viu.

3 Depois de vaguear pelas montanhas, florestas e planícies, Raivoso retornou à sua  
4 caverna, onde Tormentina e os ogruchos esperavam impacientemente por ele. O ogro  
5 estava carregado de cinco ou seis pessoas que infelizmente haviam caído em suas garras.

6 — E então? — gritou-lhe Tormentina. — Acaso encontraste e comeste aqueles  
7 fugitivos, ladrões, carnes frescas? Não deixaste nada para mim? Nem pés, nem patas?

8 — Acho que eles voaram para longe — respondeu Raivoso. — Corri como um  
9 lobo para todos os lados, mas sem encontrá-los. Vi apenas uma velha em um barco na  
10 lagoa, foi ela que me deu notícias sobre eles.

11 — E o que ela disse? — replicou a impaciente Tormentina.

12 — Que eles tinham virado à esquerda — acrescentou Raivoso.

13 — Pelos deuses! — disse ela. — És mesmo um tolo! Decerto estavas falando com  
14 os próprios! Volta lá e não baixes a guarda nem por um momento se conseguires capturá-  
15 los!

16 Raivoso engraxou suas botas sete léguas e partiu em desespero. Nossos jovens  
17 amantes saíam do bosque onde haviam passado a noite. Quando o avistaram, ficaram  
18 igualmente assustados.

19 — Minha Amada — disse o príncipe. — Eis aí o nosso inimigo! Sinto-me  
20 suficientemente corajoso para combatê-lo; quanto a vós, tereis coragem de fugir sozinha?

21 — Não! — ela exclamou. — Jamais irei abandoná-lo. Ó, cruel, ainda duvidais da  
22 minha ternura? Seja como for, não desperdicemos um só momento, pois talvez a varinha  
23 seja de grande ajuda para nós. Em nome de Trúcio, a fada real, eu desejo que o príncipe  
24 seja metamorfoseado em retrato, o camelo em um pilar, e eu em um anão.

25 A mudança foi feita, e o anão logo começou a soprar uma corneta. Raivoso deu  
26 um passo à frente e disse-lhe:

27 — Diz-me, nanico da natureza, acaso vistes um belo rapaz, uma jovem menina e  
28 um camelo passarem por aqui?

29 — Ó, sim, eu vos direi — respondeu o anão. — Se estiverdes procurando por um  
30 moço gentil, uma maravilhosa dama e seu animal de montaria, eu os avistei ontem por  
31 aqui, bem animados, contentes e risonhos; esse gentil cavaleiro recebeu o prêmio e o  
32 galardão pelas justas e torneiros que foram feitos em honra de Melusina<sup>13</sup>, a quem podeis  
33 ver aqui retratada com vívida semelhança. Os homens mais elevados e também alguns  
34 bons cavaleiros quebraram suas lanças, cotas de malha<sup>14</sup>, brasões e baluartes: o conflito  
35 foi feroz e o galardão foi um mui belo fecho de ouro, guarnecido de pérolas e diamantes.

---

<sup>13</sup> Personagem de lendas do folclore europeu, geralmente retratada como uma mulher-serpente. A mais famosa referência literária é a escrita por Jean d'Arras publicada no século XIV.

<sup>14</sup> Peça de vestuário destinada à proteção, feita a partir de entrelaçamentos de pequenas argolas de metal.

1 Ao partirem, a dama desconhecida me disse: “Anão, meu amigo, sem mais delongas, eu  
2 te peço um serviço em nome da tua doce amizade”. “Eu vos ajudarei”, respondi a ela,  
3 “Caso esteja ao meu alcance, desde que eu possa fazê-lo”. E ela assim me instruiu: “Se  
4 acaso encontrares um grande e descomunal gigante, cujo único olho fica bem no meio da  
5 testa, pede a ele muito gentilmente que nos deixe em paz, que nos deixe ir”. E depois ela  
6 montou em seu palafrém<sup>15</sup> e os dois foram embora.

7 — E para onde eles foram? — disse Raivoso.

8 — Diretamente àquela pradaria verde, nas cercanias do bosque — disse o anão.

9 — Se estiveres mentindo, estejas certo, seu pequeno porcalhão, de que eu te  
10 comerei, e também o teu pilar e o teu retrato de Merluza<sup>16</sup> — respondeu Raivoso.

11 — Ora, em mim não há vilania nem falácia — disse o anão. — Minha boca não é  
12 enganosa; nenhum homem vivente jamais encontrará fraude alguma em minhas palavras.  
13 Mas se desejais alcançá-los antes do pôr-do-sol, é melhor partirdes depressa!

14 Assim que o ogro se afastou, o anão recobrou sua aparência e tocou o retrato e o  
15 pilar, que voltaram a se tornar o que deveriam ser.

16 Que alegria para o amante e sua senhora!

17 — Não me entendais mal — disse o príncipe. — Jamais provei de um sentimento  
18 tão vívido, minha querida Amada. Como minha paixão por vós ganha novas forças a todo  
19 instante, minhas preocupações aumentam quando estais em perigo.

20 — Quanto a mim, pensais que não tive medo de perder-vos? — disse-lhe ela. —  
21 Raivoso não costuma comer objetos, eu era a única exposta à sua fúria, mas minha  
22 aparência era pouco apetitosa. Enfim, sabei que eu daria minha vida para preservar a  
23 vossa.

24 Raivoso correu inutilmente, sem encontrar o amante e nem a senhora. Cansado  
25 como um cão, tomou o caminho de volta à sua caverna.

26 — O quê? Voltaste sem os nossos prisioneiros? — gritou Tormentina, arrancando  
27 seus cabelos eriçados. — Não te aproximes de mim, ou eu te estrangularei!

28 — Encontrei apenas um anão, um pilar e um quadro — ele respondeu.

29 — Pelos deuses! — ela continuou. — Eram eles! Eu não seria tola de seguir  
30 confiando minha vingança a ti, como se eu fosse fraca demais para fazê-la eu mesma! É  
31 isso, eu vou; vou calçar as botas e não serei menos veloz que tu.

32 Dizendo isso, ela calçou as botas de sete léguas e partiu. De que modo o príncipe  
33 e a princesa seriam capazes de escapar desses monstros com suas malditas botas de sete  
34 léguas? Não demorou para que eles avistassem Tormentina, que estava vestida em peles

---

<sup>15</sup> Na Idade Média, cavalo elegante, manso, de boa linhagem, próprio para a montaria de damas.

<sup>16</sup> O termo utilizado por Raivoso foi *Merluce* em vez de *Merlusine*; a fada Merluza (*la fée Merluce*) é personagem do conto “Fininha Borralha” (*Finette Cendron*), da mesma autora. A troca de palavras também pode ser indício da ignorância do ogro, bem como de sua fome descomunal.

1 de serpente, cujas cores bizarras os surpreenderam. Ela carregava uma clava de ferro de  
2 peso espantoso sobre os ombros; olhando cuidadosamente para todos os lados, ela bem  
3 que teria visto o príncipe e a princesa se eles não estivessem escondidos nas profundezas  
4 de um bosque.

5 — Não há mais saída — disse Amada, aos prantos. — Eis aí a cruel Tormentina,  
6 cuja aparência congela o meu sangue. Ela é mais hábil que Raivoso, se um de nós falar  
7 com ela, ela nos reconhecerá e dará início ao processo de devoração, que será finalizado  
8 bem depressa, podeis acreditar.

9 — Amor, Amor! — exclamou o príncipe. — Não nos abandones! Haverá em teu  
10 império corações mais ternos e com ardor mais puro do que o nosso? Ah, minha querida  
11 Amada — ele continuou, pegando suas mãos e beijando-as calorosamente. — Estaríeis  
12 vós destinada a perecer de maneira assim tão bárbara?

13 — Não! — ela respondeu. — Sinto dentro de mim certos ímpetos de coragem e  
14 firmeza que me tranquilizam. Vamos, varinhazinha, cumpre o teu dever: em nome de  
15 Trúcio, a fada real, eu desejo que o camelo seja um baú, que meu querido príncipe se torne  
16 uma bela laranjeira, e que eu me transforme em uma abelha, voando ao seu redor.

17 Como de costume, ela deu três toques com a varinha e a transformação logo  
18 aconteceu, e foi boa o suficiente para que Tormentina não os notasse quando chegou ao  
19 local.

20 A pavorosa megera sentou-se debaixo da laranjeira, visto que estava sem fôlego. A  
21 princesa Abelha se deu o prazer de picá-la em mil lugares; por mais dura que fosse sua  
22 pele, as picadas perfuraram-na e fizeram-na gritar. Quem a visse rolando e se debatendo  
23 sobre a grama pensaria que fosse um touro ou um jovem leão atacado por moscas, pois  
24 aquela abelha valia por cem. O príncipe Laranjeira morria de medo de que a ogresa  
25 conseguisse pegá-la e matá-la; mas por fim, toda ensanguentada, Tormentina foi embora.  
26 Infelizmente, quando a princesa tentou retomar sua forma primordial, alguns viajantes  
27 passaram pelo bosque e, tendo encontrado a varinha de marfim, que tinha um ótimo  
28 aspecto, pegaram-na e a levaram embora. Não poderia haver um contratempo mais infeliz  
29 do que esse! O príncipe e a princesa não tinham perdido a capacidade de falar, mas do  
30 que isso adiantaria no estado em que se encontravam? Sobrecarregado de dor, o príncipe  
31 encheu-se de arrependimentos, o que aumentava ainda mais o descontentamento de sua  
32 querida Amada. A um dado momento, ele exclamou:

33  
34 *Apaixonei-me no instante em que minha bela princesa*

35 *Decidiu coroar minha ternura com gentileza;*

36 *Essa doce esperança encantava-me os sentidos.*

37 *Ó, Amor, que opera tantas maravilhas,*

1 *E cujos tratos são poderosos e temidos,*  
2 *Salva minha querida Abelhinha,*  
3 *Não deixes mudar o seu coração;*  
4 *E que apesar de transformados,*  
5 *Por um cruel infortúnio vitimados,*  
6 *Que ela me ame com devoção.*

7  
8 — Como sou infeliz! — continuou ele. — Encontro-me encarcerado sob a casca  
9 de uma árvore! Eis-me aqui, uma laranjeira sem movimento algum. O que será de mim  
10 se me abandonardes, minha querida Abelhinha? Contudo, por que haveríeis de me  
11 deixar? Encontrareis em minhas flores um orvalho agradável e um licor mais doce que o  
12 mel; podereis alimentar-vos deles. Minhas folhas vos servirão de cama para repousardes,  
13 aqui não precisareis temer a malícia das aranhas.

14 Assim que a Laranjeira finalizou suas lamentações, a Abelha respondeu-lhe assim:

15  
16 *Príncipe, não temais, eu jamais vos deixarei.*  
17 *Nada pode abalar o meu amor;*  
18 *E que nada perturbe o vosso coração de rei,*  
19 *Pois do meu coração sois o conquistador.*

20  
21 — Acaso não entendestes que eu jamais vos abandonaria? — ela acrescentou. —  
22 Nem os lírios, nem os jasmims, nem as rosas, nem todas as flores dos canteiros mais  
23 encantadores me fariam cometer tal infidelidade. Voarei sem cessar ao vosso redor, e  
24 então sabereis que a Laranjeira não é menos querida para a Abelha, do que o príncipe  
25 Amado era para sua princesa Amada. De fato, ela se fechou em uma de suas maiores  
26 flores, como se estivesse em um palácio; a verdadeira ternura, que encontra recursos em  
27 qualquer situação, não deixou se ser expressa nessa união.

28 O bosque onde a Laranjeira estava servia de paragem para uma princesa que  
29 costumava passear por ali; ela vivia em um magnífico palácio e era dotada de juventude,  
30 beleza e inteligência. Seu nome era Linda. Ela não queria se casar, pois temia não ser  
31 amada para sempre por aquele que escolhesse como marido. Como tinha grandes posses,  
32 construiu um castelo suntuoso, onde recebia apenas damas e anciãos, estes mais filósofos  
33 que galantes, e não permitia que nenhum outro cavaleiro se aproximasse. O calor do dia  
34 a deixara trancada em seus aposentos por mais tempo do que gostaria, de modo que  
35 resolveu sair à noite com todas as suas damas, e foi dar um passeio no bosque. A fragrância  
36 da Laranjeira a surpreendeu; ela nunca havia visto uma e ficou encantada por tê-la  
37 encontrado. Não conseguia entender por qual acaso aquela árvore se encontrava ali. Linda

1 acercou-se das damas de sua grande comitiva, deu ordens para que nem uma única flor  
2 fosse colhida e para que a levassem ao seu jardim, para onde a fiel Abelha também seguiu.  
3 Encantada com seu excelente odor, Linda sentou-se debaixo dela; antes de voltar para  
4 dentro do palácio, bem que tentou levar algumas flores, mas foi então que a vigilante  
5 Abelha apareceu, zumbindo sob as folhas, onde estava escondida em sentinela, e picou a  
6 princesa com tanta força que ela pensou que fosse desmaiar. Desistindo de arrancar as  
7 flores da Laranjeira, Linda voltou para casa toda dolorida.

8 Podendo falar livremente com Amada, o príncipe lhe disse:

9 — Por que agistes com tanto rancor contra a jovem Linda, minha querida Abelha?  
10 Vós a picastes cruelmente.

11 — Como podeis me fazer uma pergunta dessas? — ela respondeu. — Não sois  
12 delicado o bastante para compreender que vossas doçuras devem ser somente para mim,  
13 que tudo o que é vosso me pertence e que, ao defender vossas flores, estou defendendo  
14 minha propriedade?

15 — Mas não vedes que as flores caem sem nenhum esforço? — disse-lhe ele. — Não  
16 seria o mesmo se a princesa as tivesse colhido e feito delas adornos para seus cabelos ou  
17 colocado-as em seu seio?

18 — Não — respondeu a Abelha, em um tom de veras azedo. — Não seria a mesma  
19 coisa. Eu sei, ingrato, que estais mais interessado por ela do que por mim! De fato, há uma  
20 grande diferença entre uma pessoa educada, ricamente vestida, que detém um posto  
21 considerável, e uma infeliz princesa, que uma vez vistes coberta em pele de tigre, no meio  
22 de vários monstros que não vos demonstraram nada além de modos grosseiros e bárbaros,  
23 e cuja beleza é medíocre demais para conquistar-vos.

24 E então ela começou a chorar tanto quanto uma abelha poderia ser capaz de fazê-  
25 lo; algumas das flores da amorosa Laranjeira ficaram molhadas, e o descontentamento  
26 por ter feito sua princesa sofrer foi tão grande que todas as suas folhas ficaram amarelas,  
27 muitos galhos secaram e o príncipe pensou que fosse morrer.

28 — O que foi que eu fiz, bela Abelha? — ele exclamou. — O que fiz para atrair a  
29 vossa ira sobre mim? Ah, decerto desejais me abandonar, já estais cansada de permanecer  
30 presa a um infeliz como eu!

31 A noite se passou em aflição, porém, ao amanhecer, um prestativo zéfiro, que os  
32 havia escutado, exortou-os a se entenderem; ora, esse foi o melhor conselho que eles  
33 poderiam ter recebido.

34 Enquanto isso, Linda ainda morria de vontade de ter um buquê de flores de  
35 laranjeira: levantou-se pela manhã e desceu ao seu canteiro para colher algumas. Porém,  
36 assim que levantou a mão, sentiu-se picada tão violentamente pela ciumenta abelha que  
37 sentiu seu coração parar. Ela voltou para o quarto de muito mau humor.

1 — Não compreendo o que acontece com a árvore que encontramos — disse ela.  
2 — Assim que tento pegar o menor botão, as moscas que os guardam me penetram com  
3 suas picadas!

4 Uma de suas donzelas, que era bem inteligente e divertida, rindo, disse-lhe:

5 — Eu vos aconselho, madame, a armar-vos como uma amazona<sup>17</sup>, e, à exemplo de  
6 Jasão quando conquistou o Tosão de Ouro<sup>18</sup>, irdes corajosamente colher as mais belas  
7 flores daquela linda árvore.

8 Linda considerou essa ideia agradável e imediatamente mandou fazer um elmo  
9 emplumado, uma leve couraça e manoplas. Ao som de trombetas, timbales<sup>19</sup>, pífaros e  
10 oboés, ela entrou em seu jardim seguida por todas as suas damas, que também estavam  
11 trajadas conforme seu exemplo. Aquela festa foi chamada de Guerra das Moscas e das  
12 Amazonas. Linda desembainhou sua espada com grande graça e cortou o mais belo ramo  
13 da Laranjeira:

14 — Cuidado, terríveis abelhas! — ela gritou. — Cuidado! Eu vim para desafiar-vos.  
15 Tereis coragem o bastante para defender o que tanto amais?

16 Mas qual não foi a surpresa de Linda e todas aquelas que a acompanhavam quando  
17 ouviram uma lamentável interjeição seguida de um profundo suspiro e viram escorrer  
18 sangue do ramo cortado.

19 — Céus! — ela exclamou — O que foi que fiz? Que prodígio é esse?

20 Ela pegou o galho ensanguentado e tentou colocá-lo de volta inutilmente. A  
21 princesa foi tomada por um medo e uma aflição terríveis.

22 A pobre Abelhinha, desesperada pela funesta desventura de sua querida  
23 Laranjeira, bem que pensou em lançar-se à morte e lutar contra a ponta daquela espada  
24 fatal, querendo vingança pelo seu querido príncipe; no entanto, chegou à conclusão de  
25 que seria melhor viver para ajudá-lo. Logo pensou em algum remédio que pudesse curá-  
26 lo e pediu sua permissão para voar até a Arábia, a fim trazer-lhe um pouco de bálsamo<sup>20</sup>,  
27 ao que ele consentiu. Depois de terem se despedido com um adeus terno e comovente, ela  
28 voou para aquela parte do mundo, guiada unicamente pelo seu instinto. Contudo, para  
29 falar com justiça, foi o Amor quem a levou até lá; e como ele se move mais depressa que  
30 as moscas mais diligentes, foi ele quem lhe proporcionou os meios para empreender essa  
31 grande jornada tão rapidamente. Ela carregou bálsamos maravilhosos sobre suas asas e

---

<sup>17</sup> Donzelas guerreiras comumente referidas como filhas de Ares e Ártemis (COLEMAN, 2007, p. 56).

<sup>18</sup> “O carneiro que levou Frixo para a segurança tinha um velo dourado. Depois de sacrificar o carneiro aos deuses, Frixo deu o velo ao rei da Cólquida, que pendurou-o em uma árvore guardada por uma serpente. Mais tarde, essa lâ foi objeto de uma busca empreendida por Jason e o Argonautas” (COLEMAN, 2007, p. 421, tradução nossa).

<sup>19</sup> Pequeno tambor de pele de pouca profundidade e som agudo.

<sup>20</sup> O bálsamo de Gileade era uma substância fabricada na referida região da Jordânia e utilizada para fins medicinais.

1 na ponta de seus pezinhos, com os quais curou seu príncipe. É verdade que não foi apenas  
2 pela excelência do bálsamo que sua ferida sarou, mas sobretudo porque ele ficou contente  
3 de ver a princesa Abelha preocupar-se tanto com seu ferimento. Ela passava seu bálsamo  
4 todos os dias, o que foi de grande ajuda, pois o ramo cortado era um de seus dedos; a  
5 depender do golpe que Linda tivesse desferido, ele poderia ter perdido os braços ou as  
6 pernas. Ó, como a Abelha ressentia vivamente o sofrimento da Laranjeira! Ela reprendia  
7 a si mesma como se fosse a responsável por isso, pela vontade que teve de defender suas  
8 flores.

9 Espantava com o que havia visto, Linda não conseguia mais dormir e nem comer.  
10 Até que finalmente resolveu procurar o auxílio das fadas para tentar esclarecer aquela  
11 situação que lhe parecia tão extraordinária. Enviou seus embaixadores até elas e mandou-  
12 lhes grandes presentes, convidando-as a comparecerem em sua corte.

13 Entre aquelas que chegaram à morada de Linda, uma das primeiras foi a rainha  
14 Trúcio; jamais existiu uma pessoa mais sabida na arte feérica. Ela examinou o ramo e a  
15 Laranjeira, sentiu o cheiro das flores e percebeu um odor humano que a surpreendeu.  
16 Trúcio operou algumas conjurações tão poderosas que, de repente, a Laranjeira  
17 desapareceu e, no lugar dela, todos viram o príncipe mais bonito e mais perfeito que já  
18 existiu. A essa visão, Linda ficou paralisada; foi tomada por uma certa admiração e sentiu  
19 alguma coisa tão especial por ele que acabou deixando para trás sua indiferença pelos  
20 homens. Porém, quanto ao jovem príncipe, estando preocupado com sua amável Abelha,  
21 atirou-se aos pés de Trúcio e lhe disse:

22 — Grande rainha, minha dívida é infinita! Devolvestes a mim o uso da vida,  
23 fazendo-me recobrar minha forma primordial. Porém, se desejais que eu também vos  
24 deva o meu descanso, a minha alegria, enfim, tudo o que bem quiserdes, devolvi a minha  
25 princesa.

26 Dizendo essas palavras, ele pegou a pequena Abelha, a qual ele mantivera sempre  
27 à vista.

28 — Então que fiques contente — respondeu a generosa Trúcio.

29 E assim ela repetiu as cerimônias, fazendo a princesa Amada aparecer com tanto  
30 encanto que não houve uma dama que não a invejara.

31 Em seu coração, Linda hesitou entre sentir alegria ou tristeza por aquela aventura  
32 tão extraordinária, especialmente pela metamorfose da Abelha. Por fim, a razão  
33 prevaleceu sobre a paixão, pois esta ainda era nascente. Ela fez mil carinhos em Amada e  
34 Trúcio pediu-lhe para contar-lhes a respeito de suas aventuras. Nossa princesa sentiu-se  
35 na obrigação de atender a esse pedido; a graça e a leveza com que ela falava deixou toda a  
36 assembleia interessada em sua história. Quando contou à Trúcio sobre as tantas  
37 maravilhas que fizera pela virtude de seu nome e de sua varinha, houve um grito de alegria  
38 no salão e todos louvaram a fada pela realização dessa grande obra.

1 Da sua parte, Trúcio sentiu um extremo prazer com tudo o que ouviu. Abraçou a  
2 princesa com força e disse-lhe, tendo-a em seus braços:

3 — Já que vos tenho sido tão útil sem que me conheçais, sabei agora, charmosa  
4 Amada, que eu vos conheço e que vos farei um outro serviço: sou amiga do rei, seu pai, e  
5 da rainha, sua mãe. Vamos, subam logo na minha carruagem, voaremos para a Ilha  
6 Alegre, onde ambos serão recebidos como bem mereceis.

7 Linda, porém, implorou-lhes para que ficassem mais um dia com ela, durante o  
8 qual ela dedicou-lhes ricos presentes: a princesa Amada deixou sua pele de tigre e vestiu  
9 trajes de beleza incomparável.

10 Agora, compreendamos qual não foi a alegria de nossos ternos amantes; isso é,  
11 compreenda quem puder, pois, para isso, teríamos que ter experimentado a mesma  
12 desgraça, ter estado entre os ogros e ter passado por tantas metamorfoses. Enfim, eles  
13 partiram. Trúcio conduziu-os através do ar até a Ilha Alegre, onde foram recebidos com  
14 a maior satisfação pelo rei e pela rainha; das pessoas que existiam no mundo, eles eram as  
15 que todos menos esperavam encontrar. A beleza e a sabedoria de Amada, juntamente com  
16 sua inteligência, fizeram dela o ser mais admirado de seu século. Sua querida mãe a amava  
17 perdidamente. As grandes qualidades do príncipe Amado não encantavam menos que  
18 sua boa aparência. O casamento foi realizado; jamais houve algo tão pomposo. As Graças<sup>21</sup>  
19 compareceram com roupas festivas e os Amores lá estiveram sem nem terem sido  
20 convidados; por ordem expressa destes, o filho mais velho do príncipe e da princesa foi  
21 nomeado de Amor Fiel.

22 Desde então, muitos outros também receberam esse nome; porém, dentre todos,  
23 é muito difícil encontrar um que de fato faça jus ao título, pois o Amor Fiel só pode nascer  
24 de um casamento igualmente encantador. Feliz quem o encontra sem se enganar.

25  
26 *Sozinha no bosque, junto de seu terno amante,*  
27 *Amada agiu a todo instante com extrema sabedoria;*  
28 *Da razão ela sempre escutou a voz constante,*  
29 *E de seu amante conservou a empatia.*  
30 *Beldades, não creiais que, para um coração cativar,*  
31 *Seja necessário agir sempre com complacência;*  
32 *Mesmo em meio às doçuras, o Amor pode se acabar:*  
33 *Sede seguras, com severa paciência,*  
34 *E assim vossas paixões para sempre irão durar.*

---

<sup>21</sup> As Cárites da mitologia romana, deusas da alvorada; Aglaia, Eufrosina e Thalia (COLEMAN, 2007, p. 426).



## A CAMUNDONGA BONDOSA

1           Era uma vez um rei e uma rainha que se amavam tão intensamente, tão  
2 intensamente, que eram a felicidade um do outro. A inteligência sempre guiava seus  
3 corações e seus sentimentos. Todos os dias eles saíam à caça para matar lebres e cervos e  
4 iam à pesca capturar linguados e carpas. Nos bailes, dançavam o *bourée*<sup>1</sup> e a pavana<sup>2</sup>; nas  
5 grandes festas, comiam assados e drageados. Iam às comédias e às óperas. Eles riam,  
6 cantavam e pregavam mil peças para se divertirem. Enfim, eles eram as pessoas mais  
7 felizes de todos os tempos. Os súditos seguiam o exemplo do rei e da rainha, entretendo  
8 uns aos outros. Por todas essas razões, chamavam esse reino de “país da alegria”.

9           Acontece que o rei vizinho do rei Felizardo<sup>3</sup> vivia de um modo totalmente  
10 diferente. Ele era um inimigo declarado dos prazeres, só provocava contendas e combates.  
11 Tinha um semblante sombrio, barba grande e olhos fundos, era magro e seco, sempre  
12 vestido de preto, com cabelos eriçados, oleosos e sujos. Sentia prazer em surrar e matar  
13 pessoas. Ele mesmo enforcava os criminosos, pois regozijava-se em fazer-lhes mal.

14           Quando uma boa mãe demonstrava carinho pela sua filhinha ou pelo seu filhinho,  
15 ele mandava buscá-la e, diante dela, quebrava os braços ou torcia o pescoço da criança.  
16 Chamavam esse reino de “terra das lágrimas”. O malvado rei ouvira falar da satisfação do  
17 rei Felizardo; sentiu uma inveja terrível, resolveu formar um grande exército e ordenou  
18 que batalhassem com todo vigor até que ele fosse morto ou ficasse bem debilitado. Ele  
19 recrutou pessoas de toda parte e reuniu armas do mundo todo, mandou até que fizessem  
20 canhões. Todos o temiam. Diziam que não sobraria nada daquele contra quem o rei  
21 pelejasse. Quando tudo estava pronto, ele avançou rumo à terra do rei Felizardo. Ao ouvir  
22 essas más notícias, o soberano do país da alegria montou sua defesa imediatamente. A  
23 rainha, que estava morrendo de pavor, disse-lhe em prantos:

24           — Senhor, devemos fugir. Pegamos uma quantia de dinheiro e vamos para alguma  
25 terra bem distante que nos possa receber.

26           O rei respondeu:

27           — Basta, madame! Tenho muita coragem. Seria melhor morrer do que agir como  
28 um potro covarde.

---

<sup>1</sup> A mais “vigorosa” modalidade de dança do período, originalmente uma dança campesina e rústica dos nativos de Auvergne e Berri, províncias das regiões montanhosas da França (HORST, 1987, p. 77-81).

<sup>2</sup> Dança cerimonial lenta e “esplendorosa”. Seu movimento básico consistia em passos para trás e para frente, à semelhança de um pavão, sem que os pés se levantassem do chão (HORST, 1987, p. 7-8). Nota-se a intenção de autora de enumerar atividades opostas, indicando a versatilidade do casal real e sua integração com o povo.

<sup>3</sup> *Roi Joyeux*, rei do país da alegria.

1           Ele muniu todo seu povo de armas, disse um terno adeus à rainha, montou em um  
2 belo cavalo e partiu. Quando ela o perdeu de vista, começou a chorar dolorosamente, e  
3 disse, juntando as mãos:

4           — Céus, eu estou grávida! Se o rei for morto na guerra, serei viúva e prisioneira, e  
5 o rei perverso me fará milhares de males.

6           Esse pensamento a impedia de comer e de dormir. Seu marido a escrevia todos os  
7 dias; uma manhã, porém, enquanto ela olhava por cima dos muros, viu um mensageiro  
8 que vinha correndo com todo seu vigor, então o chamou:

9           — Ó, mensageiro, quais as novas?

10          — O rei está morto! — ele exclamou. — A batalha está perdida, o rei cruel chegará  
11 em um momento.

12          A pobre rainha caiu desmaiada. Carregaram-na para a cama e todas as suas damas  
13 de companhia choravam ao seu redor, uma pelo pai, outra pelo filho; arrancavam os  
14 cabelos, era a coisa mais lamentável do mundo. Eis que ouviu-se de repente:

15          — À morte, à espoliação!

16          Era o rei perverso que chegava com todos os seus súditos infelizes. Eles matavam  
17 a quem encontravam pelo caminho, um sim, outro não. Ele entrou armado na mansão do  
18 rei e subiu ao quarto da rainha. Quando ela o viu entrar, ficou tão apavorada que afundou-  
19 se na cama e colocou o cobertor sobre a cabeça. Ele a chamou duas ou três vezes, mas ela  
20 não disse uma palavra sequer. Irritado, muito irritado, ele afirmou:

21          — Creio que zombas de mim. Não sabes tu que posso te degolar agora mesmo?

22          Ele a descobriu, desmanchou seus coques e seus lindos cabelos caíram sobre seus  
23 ombros; agarrando-os, o malvado deu três voltas na mão e carregou a rainha nas costas  
24 como se fosse um saco de trigo. Levando-a consigo, montou em seu grande cavalo, que  
25 era todo preto. A rainha implorava para que ele tivesse misericórdia, mas ele debochava,  
26 dizendo:

27          — Chora mais, eu te peço, isso me faz rir e me diverte!

28          Ele então a levou para o seu país, afirmando durante todo o caminho que estava  
29 determinado a enforcá-la. Disseram-lhe, no entanto, que seria uma pena, pois ela estava  
30 grávida.

31          Quando o malvado se deu conta disso, ocorreu-lhe que se ela desse à luz uma  
32 menina, ele poderia casá-la com o seu filho. Então, para descobrir o sexo do bebê, mandou  
33 chamar uma fada que morava perto de seu reino. Quando ela chegou, ele a tratou melhor  
34 do que era de costume. Depois, levou-a a uma torre, no alto da qual a pobre rainha  
35 ocupava um quarto bem pequeno e pobremente mobiliado. Ela estava deitada no chão,

1 em um colchão que não valia dez centavos<sup>4</sup>, sobre o qual chorava dia e noite. A fada ficou  
2 comovida ao vê-la; prestou-lhe uma reverência e, abraçando-a, disse-lhe bem baixinho:

3 — Tende coragem, madame, vossos infortúnios cessarão, espero poder contribuir.

4 A rainha, um pouco consolada por essas palavras, acariciou-a e implorou-lhe que  
5 tivesse compaixão de uma pobre nobre que havia desfrutado de uma grande fortuna mas  
6 que agora estava bem longe disso. Elas conversavam juntas, até que o rei ímpio disse:

7 — Vamos, chega de tantos cumprimentos. Eu vos trouxe aqui para me dizer se  
8 essa escrava está grávida de um menino ou de uma menina.

9 A fada respondeu:

10 — Ela está grávida de uma menina, que será a princesa mais bonita e mais  
11 instruída que já existiu.

12 Ela então a desejou bens e honras infinitas.

13 — Se ela não for a mais bela e a mais bem instruída, eu a pendurarei no pescoço  
14 de sua mãe, e sua mãe em uma árvore, sem que nada possa me impedir! — disse o rei  
15 perverso.

16 E assim ele saiu com a fada, sem nem olhar para a boa rainha, que chorava  
17 amargamente, pois dizia para si mesma:

18 — Ó, céus! Que farei eu? Se tiver uma linda garotinha, ele a entregará ao seu filho  
19 que parece um macaco, e se ela for feia, ele nos enforcará. A que situação extrema estou  
20 submetida! Não poderei eu escondê-la em algum lugar a fim de que ele jamais a veja?

21 O dia em que a princesinha viria ao mundo estava se aproximando e as  
22 inquietudes da rainha aumentavam. Ela não tinha ninguém com quem se lamentar e se  
23 consolar. O carcereiro que a vigiava dava-lhe apenas três ervilhas cozidas com água e um  
24 pequeno pedaço de pão preto todos os dias.

25 Ela ficou mais magra que um arenque: não tinha nada além de pele e ossos. Uma  
26 noite, enquanto fiava (pois o rei perverso, que era muito avarento, fazia com que ela  
27 trabalhasse dia e noite), ela viu uma camundonga muito bonita entrando por um buraco.  
28 A rainha lhe disse:

29 — Ora, minha pequenina! Que vens tu procurar aqui? Não tenho nada além de  
30 três ervilhas para me sustentar durante o dia todo. Se não quiseres jejuar, vai-te daqui.

31 A camundonga correu de cá pra lá, dançou e deu cabriolas como um macaquinho.  
32 A rainha teve tanto prazer em observá-la que lhe deu a única ervilha que restava para seu  
33 jantar.

34 — Toma, pequenina — disse ela. — Come, não tenho mais nada a oferecer, mas  
35 te dou de bom coração.

---

<sup>4</sup> *Deux sous*: o *sou* era uma moeda cujo valor se referia à vigésima parte do franco; cinco centavos (COIMBRA, 1957, p. 249).

1 No instante em que fez aquilo, a rainha viu sobre a mesa uma excelente perdiz,  
2 maravilhosamente cozida, e dois potes de geleia.

3 — Em verdade, uma benevolência jamais é em vão — disse ela.

4 E comeu pouco, pois seu apetite estava afetado por causa do jejum. Jogou alguns  
5 doces para a camundonga, que não parava de mordiscar; depois o animalzinho começou  
6 a saltitar ainda mais do que antes. Na manhã seguinte, bem cedo, o carcereiro trouxe as  
7 três ervilhas da rainha, as quais ele colocara em um prato bem grande para caçoar dela. A  
8 camundonga surgiu sorrateiramente e comeu as três, e também o pão. Quando a rainha  
9 quis jantar, não encontrou mais nada; ficou bem zangada com a roedora.

10 — És uma minúscula e malvada fera — disse ela. — Se continuares assim, morrerei  
11 de fome.

12 Intencionando cobrir o prato grande e vazio, a rainha foi até ele e ali encontrou  
13 toda sorte de coisas boas para comer: ficou deveras contente e se fartou. Enquanto comia,  
14 porém, ocorreu-lhe que o rei maldoso poderia matar sua filha dentro de dois ou três dias,  
15 então ela deixou a mesa para chorar. Levantando os olhos para o céu, disse:

16 — Ora! Não há nenhum meio de salvação?

17 Ao dizer isso, ela viu a camundonga brincando com longos fios de palha. Pegou-  
18 os e começou a trabalhar.

19 — Se eu tiver palha o suficiente, farei um cesto coberto para esconder minha  
20 filhinha e a entregarei pela janela à primeira pessoa caridosa que quiser tomar conta dela  
21 — disse ela.

22 Assim, ela começou a trabalhar de boa vontade. Não lhe faltava palha, pois  
23 diariamente a camundonga trazia um pouco consigo para o quarto, por onde ela  
24 continuava saltitando. Na hora da refeição, a rainha lhe doava suas três ervilhas e, em  
25 troca, encontrava centenas de tipos de ensopados. Ela estava bem surpresa; pensava sem  
26 parar em quem poderia estar lhe enviando todas aquelas coisas incríveis. Um dia, a rainha  
27 olhou pela janela para calcular qual deveria ser o tamanho da corda na qual amarraria o  
28 cesto de palha a fim de conduzi-lo em segurança até o chão. Foi quando viu, lá embaixo,  
29 uma boa senhorinha idosa que se apoiava em uma bengala.

30 — Sei da vossa dor, madame; se quiserdes, eu vos servirei — afirmou a anciã.

31 — Ai, minha querida amiga — disse-lhe a rainha. — Me fareis um grande favor  
32 vindo todas as noites ao pé da torre. Eu vos entregarei minha pobre criança e cuidareis  
33 dela. Caso eu enriqueça, hei de pagar-vos muito bem.

34 — Não estou interessada nisso — respondeu a velha. — Mas há algo de que gosto  
35 muito: não há nada que eu ame tanto quanto um camundongo gorducho e roliço. Se  
36 encontrardes algum em vossa masmorra, matai-o e jogai-o para mim. Eu não vos serei  
37 ingrata, vosso neném será bem criado.

1 A rainha, ouvindo-a, desatou a chorar sem nada responder. A velha, depois de  
2 esperar um pouco, perguntou-lhe por que chorava.

3 — É que há apenas uma camundonga que entra no meu quarto, e ela é tão linda,  
4 tão lindinha, que definitivamente não posso matá-la — respondeu a rainha.

5 — Como é? — disse a velha encolerizada. — Amais mais uma camundonguinha  
6 assanhada, que a tudo rói, do que a criança que estais prestes a ter? Bem, madame, não  
7 mereceis misericórdia alguma, ficai em boa companhia, terei meus camundongos de  
8 qualquer forma, realmente não me importo.

9 Ela saiu rosnando e murmurando. Apesar da rainha ter feito uma boa refeição e  
10 da camundonga ter dançado diante dela, ela não levantou os olhos do chão, onde os  
11 manteve fixos enquanto as lágrimas escorriam por suas bochechas. Naquela mesma noite  
12 ela deu à luz uma princesa que era um milagre da beleza. Em vez de gritar como os outros  
13 recém-nascidos, ela ria para sua boa mamãe e estendia para ela suas mãozinhas, como se  
14 tivesse consciência do que fazia. A rainha acariciou-a e abraçou-a com todo o amor de  
15 seu coração, pensando tristemente:

16 — Pobre pequenina! Querida filhinha! Se caíres nas mãos do perverso rei, é o fim  
17 da tua vida.

18 Ela a embrulhou no cesto com um bilhete atado às suas roupinhas, onde estava  
19 escrito: “Esta desafortunada criancinha se chama Lindinha<sup>5</sup>.”

20 Por um momento, a rainha desviou o olhar da menina, depois abriu o cesto  
21 novamente e a filha estava ainda mais bonita; beijou-a e chorou mais intensamente, sem  
22 saber o que fazer. Foi quando a camundonga apareceu e se meteu no cesto com Lindinha.

23 — Ah! Pequena bestiola — disse a rainha. — Muito me custou salvar a tua vida!  
24 Corro o risco de perder a minha amada Lindinha! Qualquer um além de mim teria te  
25 matado e te dado à velha com o paladar peculiar. Não posso acreditar no que fiz!

26 E eis que a camundonga começou a dizer:

27 — Não vos arrependais, madame, eu não sou tão indigna de vossa amizade quanto  
28 credes.

29 A rainha morreu de medo ao ouvir a roedora falar, mas seu medo aumentou ainda  
30 mais quando ela percebeu que seu pequeno focinho transfigurava-se na forma de um  
31 rosto, que suas patas se tornavam mãos e pés, e que ela crescia vertiginosamente. Por fim,  
32 a rainha, que de início não ousou olhá-la, reconheceu-a como a fada que viera na  
33 companhia do rei perverso e que a trouxera tanto conforto. Ela lhe disse:

---

<sup>5</sup> *Joliette*, mesmo termo que ela usou anteriormente para se referir à camundonga. *Souris* (camundongo) é um substantivo feminino em francês e está em consonância com a metamorfose pela qual o animal passa ao longo da narrativa.

1 — Eu queria testar vosso coração. Reconheci que ele é bom e que sois digna de  
2 amizade. Nós, as fadas, que possuímos tesouros e riquezas imensas, encontramos a doçura  
3 da vida apenas na amizade, mas raramente a encontramos.

4 — Como é possível, bela dama, que tenhais dificuldade em encontrar amigos  
5 sendo tão rica e tão poderosa? — disse a rainha, abraçando-a.

6 — Pois bem — ela respondeu. — É porque somos amadas apenas por interesse e  
7 esse sentimento ambicioso não nos comove. Ao me amardes como uma camundonga,  
8 não havia motivo para interesses. E eu vos testei em uma prova ainda maior: transfigurei-  
9 me em uma velha, fui eu quem falou convosco ao pé da torre, e permanestes fiel a mim.

10 Ao dizer essas palavras, ela abraçou a rainha. Depois beijou o biquinho vermelho  
11 da pequena princesa três vezes e disse-lhe:

12 — Concedo a ti, minha filha, o dom de seres o consolo de tua mãe e mais rica que  
13 teu pai. Viverás cem anos sempre bela, sem doenças, sem rugas e sem envelhecer.

14 A jubilosa rainha agradeceu-lhe e implorou-lhe para que levasse Lindinha consigo  
15 e cuidasse dela, acrescentando que a entregaria para ser sua filha.

16 A fada acatou o pedido e agradeceu. Colocou a menininha na cesta e conduziu-a  
17 para baixo, levando alguns instantes para retomar sua forma de camundonga. Porém,  
18 quando finalmente desceu pela corda, não mais encontrou a criança. Voltando para o alto  
19 da torre completamente aturdida, ela disse:

20 — Tudo está perdido — informou à rainha. — Minha inimiga Candalina veio e  
21 levou a princesa! Deveis saber que ela é uma fada cruel que me odeia. Infelizmente, sendo  
22 ela a mais velha, tem mais poder que eu. Não sei de que modo poderei retirar Lindinha  
23 de suas garras desprezíveis.

24 Quando a rainha ouviu essa notícia tão triste, pensou que morreria de dor. Chorou  
25 copiosamente e implorou à sua boa amiga que tentasse reaver a pequenina a qualquer  
26 preço. Naquele momento, o carcereiro entrou no quarto da rainha e viu que ela não estava  
27 mais grávida. Ele foi contar ao rei, que correu para demandar a criança, mas foi-lhe dito  
28 que uma fada, cujo nome ela não sabia, havia aparecido para levá-la à força. O malvado  
29 rei bateu o pé e roeu as unhas até o último pedaço.

30 — Eu prometi que te enforcaria — disse ele. — Cumprirei minha palavra  
31 imediatamente.

32 Naquela mesma hora, conduziu a pobre rainha para um bosque e trepou em uma  
33 árvore para amarrar a corda de enforcamento. A boa fada, que estava invisível, empurrou-  
34 o violentamente lá de cima, fazendo-o tombar do alto da árvore; nessa queda ele quebrou  
35 quatro dentes. Enquanto seus súditos tentavam colocá-los de volta, a fada resgatou a  
36 rainha com a sua carruagem voadora e levou-a para um belo castelo. Ali, a viúva fora  
37 muito bem tratada, mas estaria mais feliz se estivesse junto da princesa Lindinha.

1 Entretanto, não conseguiam descobrir para onde Candalina a levava, embora a  
2 camundonga tivesse feito o possível para isso.

3 Enfim, o tempo passou e a grande aflição da rainha diminuiu. Quinze anos se  
4 passaram, foi quando ouviram dizer que o filho do rei perverso iria se casar com uma  
5 pastorinha de perus<sup>6</sup>, mas que a pequena criatura não o queria. Era bastante  
6 surpreendente que uma pastora de perus se recusasse a ser rainha; entretanto, o vestido  
7 de noiva já estava pronto e vieram pessoas de mais de cem léguas de distância para  
8 presenciar o bellissimo casamento. A camundonga também foi para lá, pois desejava ver a  
9 pastora de perus à vontade. Entrou no poleiro e a encontrou vestida em trajes grosseiros,  
10 descalça e com um trapo sujo na cabeça. Havia vestidos de ouro e de prata jogados no  
11 chão, bem como diamantes, pérolas e laços de fita. Os perus ciscavam sobre eles,  
12 arranhando-os e rasgando-os. A pastorinha estava sentada em uma grande pedra na  
13 companhia do filho do rei malvado, que era corcunda, caolho e manco.

14 — Se me recusardes vosso coração, eu vos matarei — ele disse rispidamente.

15 E ela o respondeu, cheia de orgulho:

16 — Eu jamais me casarei convosco, sois muito feio, à semelhança de vosso cruel  
17 pai. Deixai-me em paz com meus peruzinhos, eu os amo mais do que tudo que há em vós.

18 A camundonga olhou para ela com admiração, pois era tão bonita quanto o sol.  
19 Assim que o filho do rei perverso saiu, a fada assumiu a figura de uma velha pastora e lhe  
20 disse:

21 — Bom dia, minha pequena, vejo que vossos perus estão em bom estado.

22 A jovem pastora olhou para aquela velha com olhos cheios de doçura e lhe disse:

23 — Eles querem que eu os abandone em troca de uma torpe coroa. O que me  
24 aconselhais?

25 — Minha menina, uma coroa é muito atraente — disse a fada. — Não sabeis o  
26 valor nem o peso de uma.

27 — Se eu me casar, então saberei — retorquiu prontamente a pastorinha. — No  
28 entanto, recuso-me a me submeter a isso. Não sei quem sou, nem onde está meu pai, nem  
29 onde está minha mãe, não tenho parentes e nem amigos.

30 — Tendes a beleza e a virtude convosco, minha criança — disse a sábia fada. — E  
31 isso vale mais do que dez reinos. Contai-me, por favor, quem vos colocou aqui, já que não  
32 tendes nem pai, nem mãe, nem parentes, nem amigos.

33 — Uma fada chamada Candalina. É por causa dela que vim parar aqui; ela me  
34 batia, me surrava sem motivo e sem razão. Um dia resolvi fugir e, sem saber para onde ir,  
35 detive-me em um bosque. O filho do rei perverso tinha saído para passear, então ele me  
36 encontrou e perguntou se eu desejava servir em seu curral. Eu bem o queria e comecei a

---

<sup>6</sup> *Dindonnière*.

1 cuidar dos perus. Ele vinha vê-los a todo momento, e também a mim. Ai! Sem que eu  
2 quisesse, ele passou a me amar tanto, mas tanto, que começou a me importunar muito.

3 Com essa história, a fada passou a crer que a pastorinha de perus era a princesa  
4 Lindinha. Ela lhe disse:

5 — Minha filha, digei-me vosso nome.

6 — Meu nome é Lindinha, a vosso dispor — disse ela.

7 Ao dizer isso, a fada não mais duvidou da verdade. Envolvendo-a em seus braços,  
8 decidiu acabar com toda aquela carência; para isso, disse-lhe:

9 — Lindinha, eu vos conheço há muito tempo, estou muito feliz por serdes tão  
10 sábia e tão bem instruída. Gostaria que estivésseis mais limpinha, pois pareceis uma  
11 mendiguinha. Pegai as mais belas vestes que aqui estão e vos apronteis.

12 Lindinha, que era muito obediente, tirou imediatamente o trapo sujo que tinha na  
13 cabeça e, balançando-a, ficou coberta por seus cabelos, que eram claros como marfim e  
14 delicados como fios de ouro. Eles tombaram em cachos até o chão. Depois, levando suas  
15 delicadas mãos à água de uma fonte que corria próxima ao poleiro, ela lavou o rosto, que  
16 ficou tão claro quanto uma pérola oriental. Parecia que rosas haviam florescido em suas  
17 bochechas e em sua boca; seu doce hálito cheirava a tomilho e hortelã e seu corpo era tão  
18 esguio quanto um junco. Em dias de inverno, sua pele confundia-se com a neve; em dias  
19 de verão, assemelhava-se a uma flor-de-lis. Quando ela se adornou com diamantes e  
20 lindos vestidos, a fada a considerou como uma maravilha.

21 — Quem acreditais ser, minha cara Lindinha, para agirdes com tanta bravura? —  
22 perguntou a fada.

23 E ela respondeu:

24 — Em verdade, tenho para mim que sou filha de um grande rei.

25 — Ficaríeis feliz com isso? — disse a fada.

26 — Sim, minha boa madrinha — respondeu Lindinha, prestando uma reverência.

27 — Eu ficaria muito feliz.

28 — Bem, então alegrai-vos! — disse a fada. — Amanhã eu vos contarei mais.

29 Ela se dirigiu em diligência para o seu belo castelo, onde a rainha estava ocupada  
30 a fiar a seda. A fada exclamou:

31 — Quereis apostar comigo, madame rainha, vosso novelo e vosso fuso, que eu vos  
32 trago as melhores notícias que jamais poderíeis ouvir?

33 — Ó, céus! — replicou a rainha. — Desde a morte do rei Felizardo e da perda da  
34 minha Lindinha, eu não trocava todas as boas-novas deste mundo por um alfinete.

35 — Ora, ora, não vos lastimeis mais — disse a fada. — A princesa se comporta  
36 maravilhosamente bem. Eu acabei de vê-la, ela é tão linda, tão linda, que não lhe cabe  
37 outra coisa a não ser tornar-se uma rainha.



1 Em seguida ela contou toda a história de uma ponta à outra. A rainha chorou de  
2 alegria ao saber que sua filha era tão encantadora, e de tristeza por ser uma pastorinha de  
3 perus.

4 — Quando éramos grandes reis em nosso reino e nos faziam tantas festas, o pobre  
5 falecido e eu jamais pensaríamos que nossa criança seria uma pastora de perus — disse  
6 ela.

7 — É culpa da cruel Cancalina — acrescentou a fada. — Sabendo como eu vos  
8 estimo, por inveja, ela colocou vossa filha nesse estado. Mas ela sairá de lá, do contrário  
9 queimarei meus livros!

10 — Eu não quero que ela se case com o filho do rei perverso — disse a rainha. —  
11 Vamos buscá-la amanhã e trazê-la para cá.

12 Ora, aconteceu que o filho do rei malvado, completamente irado com Lindinha,  
13 sentou-se embaixo de uma árvore e chorou tão alto, tão alto, que chegava a gritar. Seu pai  
14 ouviu, foi até a janela e exclamou:

15 — Por que estás chorando? Como és estúpido!

16 E ele respondeu:

17 — É que a nossa pastora de perus não quer me amar.

18 — Como? Ela não quer te amar? — disse o rei perverso. — Ou ela te ama ou então  
19 morrerá!

20 Ele chamou seus pistoleiros e disse-lhes:

21 — Ide buscá-la, pois eu lhe farei tantos males que ela se arrependerá de ter opinião  
22 própria.

23 Eles foram ao poleiro e encontraram Lindinha em um garboso vestido de cetim  
24 branco, todo bordado em ouro, com diamantes vermelhos e milhares de laços por todos  
25 os lados. Nunca, jamais eles haviam visto uma moça tão bonita assim. Não ousaram se  
26 dirigir a ela, tomando-a por uma princesa.

27 Ela lhes disse muito educadamente:

28 — Por favor, dizei-me, quem procurais aqui?

29 — Madame — disseram eles. — Nós estamos procurando uma pobre coitada, cujo  
30 nome é Lindinha.

31 — Ora, sou eu! — disse ela. — O que quereis de mim?

32 Eles a prenderam rapidamente, amarraram seus pés e suas mãos com cordas  
33 grossas com medo de que ela fugisse. Dessa maneira, conduziram-na à presença do rei  
34 malvado, que estava com seu filho. Quando ele a viu assim tão bonita, ficou um tanto  
35 emocionado. Ela certamente sentiria pena se ele não fosse o rei mais perverso e mais cruel  
36 do mundo. Ele disse:

1 — Ah, pequena travessa, sapinha, quer dizer que não quereis amar o meu filho?  
2 Ele é cem vezes mais belo que vós, as suas mais ínfimas qualidades são melhores que toda  
3 a vossa pessoa. Vamos, amai-o agora, ou então eu vos esfolarei.

4 A princesa, tremendo como uma pombinha, lançou-se de joelhos diante dele e lhe  
5 disse:

6 — Senhor, eu vos imploro, não me esfoleis, isso doeria demais. Dai-me um ou dois  
7 dias para pensar no que devo fazer, depois disso ficarei à vossa disposição.

8 Seu filho, desesperado, queria que ela fosse esfolada. Juntos, eles concluíram que  
9 deveriam trancafiá-la em uma torre onde ela não pudesse ver mais nada a não ser o sol.

10 Nesse ínterim, a boa fada chegou em sua carruagem voadora com a rainha. Elas  
11 ouviram todas as notícias; a rainha começou a chorar amargamente, dizendo que sempre  
12 seria infeliz e que preferia ver sua filha morta do que casada com o filho do rei perverso.  
13 A fada lhe disse:

14 — Tende coragem! Eu causarei tanto tormento a eles, que vos sentireis contente e  
15 vingada.

16 Quando o rei malvado foi se deitar, a fada se transformou em camundonga e se  
17 meteu debaixo da cabeceira da cama: assim que ele pegou no sono, ela mordeu sua orelha,  
18 deixando-o muito irritado. Quando ele se virou para o outro lado, ela mordeu a outra  
19 orelha. Ele clamou por seus carrascos, ordenou que viessem; ao chegarem, encontraram-  
20 no com as duas orelhas mordidas, tão machucadas que não conseguiam estancar o  
21 sangue. Enquanto procuravam a camundonga em todos os cantos, ela foi fazer o mesmo  
22 ao filho do rei perverso: ele chamou seus súditos e mostrou-lhes as orelhas, que estavam  
23 completamente esfoladas; colocaram emplastros sobre elas. Então a camundonga voltou  
24 aos aposentos do rei, que já estava um pouco sonolento; ela mordeu seu nariz e ficou presa  
25 à mordida. Ele a agarrou com as mãos e ela o mordeu ainda mais, arranhando-o

26 — Misericórdia, estou perdido! — ele gritou.

27 Foi quando ela entrou em sua boca e mordeu sua língua, seus lábios e suas  
28 bochechas. Quando chegaram para acudi-lo, depararam-se com uma visão hedionda,  
29 tanto que ele mal podia falar, de tanto que sua língua estava ferida. Ele sinalizou que se  
30 tratava de uma camundonga; procuraram-na no colchão, na cabeceira, em cada cantinho,  
31 mas já não estava lá. Ela correu para fazer pior ao filho e comeu seu único olho bom (pois  
32 ele era caolho). Ele se levantou como uma fúria e desembainhou a espada. Cego, o  
33 príncipe correu para o quarto de seu pai, que também havia pegado sua espada,  
34 vociferando e jurando que mataria a todos se não capturassem a camundonga.

35 Quando viu seu filho tão desesperado, ele o repreendeu, mas como o garoto estava  
36 com os ouvidos esfolados, não reconheceu a voz de seu pai e lançou-se contra ele. O rei  
37 perverso, irado, desferiu-lhe um grande golpe de espada, recebendo outro em troca.  
38 Ambos foram ao chão, sangrando como bois. Todos os seus súditos, que os odiavam

1 mortalmente, e que os serviam apenas por medo, já não os temiam mais. Amarraram  
2 cordas em seus pés e arrastaram-nos para o rio, dizendo que estavam muito felizes pois  
3 finalmente ficariam livres. Eis que o rei perverso morreu de vez, bem como seu filho. A  
4 boa fada, que presenciara tudo aquilo, foi chamar a rainha; juntas, elas foram para a torre  
5 negra, onde Lindinha estava trancafiada com mais de quarenta cadeados.

6 A fada bateu três vezes com uma pequena varinha na grande porta, que se abriu à  
7 semelhança das demais com que se depararam. Acharam a pobre princesa muito triste,  
8 sem dizer nem uma palavra sequer. Lançando-se sobre ela, a rainha disse:

9 — Minha querida pequenina, eu sou tua mamãe, a rainha Felizarda.

10 E contou-lhe a história de sua vida. Bom Deus! Quando Lindinha ouviu aquelas  
11 boas notícias, por pouco não morreu de satisfação. Jogou-se aos pés da rainha, abraçou  
12 os seus joelhos e molhou suas mãos com lágrimas, beijando-as mil vezes; também afagou  
13 carinhosamente a fada que lhe trouxera cestas cheias de joias de valor inestimável, além  
14 de ouro, diamantes, braceletes, pérolas e o retrato do rei Felizardo cravejado de pedras  
15 preciosas, o qual foi colocado diante dela.

16 A fada disse:

17 — Não comemoemos ainda, temos de realizar um golpe de Estado. Vamos para  
18 o grande salão do castelo, discursar ao povo.

19 Ela foi na dianteira, com uma expressão grave e séria, usando um vestido que tinha  
20 mais de dez metros de comprimento. A rainha, por sua vez, usava um vestido de veludo  
21 azul, todo bordado a ouro, tão longo quanto o da fada. Elas trajavam suas mais finas  
22 indumentárias. Colocaram coroas em suas cabeças, as quais brilhavam como sóis. A  
23 princesa Lindinha as seguia com toda sua modéstia e beleza, nada menos que maravilhosa.  
24 Elas faziam reverências a todos que encontravam pelo caminho, aos pequenos e aos mais  
25 velhos. Todos as seguiam, muito ansiosos para saber quem eram aquelas lindas damas.  
26 Quando o salão ficou cheio, a boa fada disse aos súditos do rei perverso que daria a eles  
27 como rainha a filha do rei Felizardo, a qual se fazia presente. Disse também que viveriam  
28 felizes sob seu reinado e pediu que eles a aceitassem. Afirmou que encontraria um marido  
29 que fosse tão perfeito quanto ela, para que rissem juntos e dissipassem a melancolia de  
30 todos os corações. Com essas palavras, todos gritaram:

31 — Sim, sim, nós a queremos bem! Temos sido tristes e miseráveis por muito  
32 tempo.

33 Imediatamente, todos os tipos de instrumentos soaram por todos os lados, todos  
34 deram as mãos e formaram uma ciranda, dançando e cantando ao redor da rainha, de sua  
35 filha e da boa fada:

36 — Sim, sim, nós as queremos bem!

37 Foi assim que elas foram recebidas. Jamais houve uma alegria igual. Puseram as  
38 mesas, comeram, beberam e depois foram se deitar para dormirem bem. Quando a jovem

1 princesa despertou, a fada apresentou-lhe o mais belo príncipe que ela já tinha visto.  
2 Trouxera-o do fim do mundo na carruagem voadora; ele era tão amável quanto Lindinha.  
3 Assim que ela o viu, o amou. Ele, por sua vez, ficou encantado, e a rainha, repleta de  
4 alegria. Uma ceia admirável e roupas maravilhosas lhes foram preparadas. As núpcias  
5 foram realizadas com júbilo infinito.

6  
7 *Essa princesa azarada,*  
8 *Cujas tristezas acabastes de ver,*  
9 *Foi na prisão abandonada,*  
10 *E momentos de dor teve que viver;*  
11 *Ela conteve o choro desde seu nascimento,*  
12 *E, mesmo exposta à morte,*  
13 *Sem nenhum reconhecimento,*  
14 *Não se importou com sua sorte.*  
15 *Aquela sábia e prudente fada,*  
16 *Com uma atitude generosa,*  
17 *Resgatou a rainha ameaçada,*  
18 *Salvando uma mulher virtuosa.*  
19 *Tudo isso não passa de uma estória,*  
20 *Para os leitores entreter;*  
21 *No entanto, uma moral notória*  
22 *É dada a quem perceber:*  
23 *Mostre alguma gratidão;*  
24 *A quem te faz um favor;*  
25 *Eis a virtude de maior valor*  
26 *Para conquistar um coração.*

## O CARNEIRO

1 No tempos ditosos em que viviam as fadas, reinava um rei que tinha três filhas.  
2 Elas eram belas e jovens, todas tinham seus méritos, mas a caçula era a mais amável e a  
3 mais amada; chamavam-na de Maravilhosa<sup>1</sup>. O rei, seu pai, dava-lhe mais vestidos e  
4 adereços em um mês, do que a todas as outras em um ano. Ela tinha um coraçãozinho tão  
5 bondoso que partilhava tudo com as suas irmãs, para que a união se mantivesse forte entre  
6 elas.

7 O rei tinha vizinhos maus que, cansados de deixá-lo em paz, empreenderam uma  
8 guerra tão intensa contra o seu reino que ele temia ser abatido caso não se defendesse à  
9 altura. Ele reuniu um vasto exército e partiu em campanha. As três princesas  
10 permaneceram como governadoras em um castelo, onde diariamente ouviam boas  
11 notícias sobre o rei: primeiro ele tomava uma cidade, depois ganhava uma batalha. Por  
12 fim, ele tanto fez que venceu seus inimigos, expulsando-os de seus países. Em seguida,  
13 voltou rapidamente ao castelo para rever sua pequena Maravilhosa, a quem tanto amava.  
14 As três princesas mandaram fazer três vestidos de cetim: um verde, o outro azul e o último  
15 branco. Suas joias correspondiam à cor dos vestidos: o verde tinha esmeraldas, o azul,  
16 turquesas, e o branco, diamantes. Bem adornadas, foram ao encontro do rei cantando os  
17 versos que elas haviam composto sobre suas vitórias:

18  
19 *Depois de tantas ilustres vitórias,*  
20 *Que alegria em rever seu pai e seu rei!*  
21 *Celebremos mil festas, recitemos as glórias,*  
22 *Que todos aqui se submetam à sua lei*  
23 *E possam provar dessa nossa euforia,*  
24 *Pois estamos orgulhosas e cantamos de alegria.*  
25

26 Quando ele as viu tão bonitas e alegres, abraçou-as com ternura e fez mais carícias  
27 em Maravilhosa do que nas outras. Uma ceia magnífica foi servida; o rei e suas três filhas  
28 sentaram-se à mesa, e como ele queria saber os motivos de tudo, disse à mais velha:

29 — Ei, dizei-me, por que vestíreis um vestido verde?

30 — Monsenhor — disse ela. — Ao saber de vossas façanhas, pensei que o verde  
31 simbolizaria minha alegria e a esperança de vosso retorno.

32 — Isso foi muito bem dito! — exclamou o rei. — E vós, minha filha, por que  
33 vestíreis um vestido azul?

---

<sup>1</sup> *Merveilleuse.*

1 — Monsenhor — disse a princesa. — Para demonstrar que implorei  
2 incessantemente aos deuses a vosso favor, e também que, ao rever-vos, pensei estar vendo  
3 o céu e os mais belos astros.

4 — Falais como um oráculo — disse o rei. — E vós, Maravilhosa, por que razão vos  
5 vestíreis de branco?

6 — Monsenhor — disse ela. — Porque essa cor combina melhor comigo do que as  
7 outras cores.

8 — Como! — exclamou o rei deveras irado. — Pequena coquete, não tivestes  
9 nenhuma outra intenção?

10 — Minha intenção era a de agradar-vos — disse a princesa. — Acredito que não  
11 devo ter nenhuma outra.

12 O rei, que a amava, considerou o assunto muito bem resolvido, dizendo-lhe que  
13 esse pequeno truque de sua mente o agradara e que havia algo de artístico em não se  
14 declarar de uma vez tudo o que se pensava.

15 — Ora, jantei e estou bem satisfeito — ele disse. — Mas não quero ir me deitar tão  
16 cedo. Contai-me os sonhos que tivestes na noite que precedeu o meu retorno.

17 A mais velha disse que havia sonhado que ele lhe trazia um vestido cujo ouro e  
18 pedras preciosas brilhavam mais que o sol. A segunda, que havia sonhado que ele lhe  
19 trazia um vestido e uma roca de fiar dourada para que ela fiasse camisas. A caçula disse  
20 que havia sonhado com o dia do casamento de sua segunda irmã e que nessa ocasião ele  
21 segurava um alcatruz de ouro, dizendo-lhe: “Vinde, Maravilhosa, vinde que irei lavar as  
22 vossas mãos<sup>2</sup>”.

23 O rei, indignado com esse sonho, franziu a testa e fez a careta mais feia do mundo;  
24 todos perceberam que ele ficara irado. Dirigiu-se para o quarto e deitou-se bruscamente.  
25 O sonho de sua filha sempre voltava à sua mente.

26 — Essa pequena insolente deseja reduzir-me à condição de servo! — dizia ele. —  
27 Não me surpreenderia se ela tivesse escolhido o vestido de cetim branco sem nem pensar  
28 em mim. Ela me acha indigno de consideração, mas irei me prevenir de seus maus  
29 presságios antes que eles aconteçam.

30 Ele se levantou tomado de fúria e, sem nem mesmo esperar o raiar do dia, mandou  
31 chamar seu capitão de guardas e lhe disse:

32 — Ouvistes o sonho que Maravilhosa teve. Ele denuncia coisas estranhas contra  
33 mim. Quero que a prendais agora mesmo! Levai-a para a floresta e degolai-a. Em seguida,  
34 trazei-me seu coração e sua língua. Não pretendo ser enganado, caso contrário eu vos  
35 matarei cruelmente.

---

<sup>2</sup> *Venez que je vous donne à laver*: originalmente não há a complementação do verbo, ou seja, o rei afirma apenas que lavará/banhará a filha. Optou-se por adicionar um complemento especificador como forma de fazer um paralelo com um acontecimento posterior, diretamente relacionado a esse sonho.

1 O capitão dos guardas ficou bem espantado ao ouvir uma ordem tão bárbara. Ele  
2 não desejava contrariar o rei, temendo enraivecê-lo ainda mais, levando-o a designar essa  
3 missão a outra pessoa. Disse-lhe então que levaria a princesa, que a degolaria e traria de  
4 volta seu coração e sua língua.

5 Imediatamente ele se dirigiu ao quarto dela e a chamou. Ela demorou a responder,  
6 pois era muito cedo. O capitão disse à Maravilhosa que o rei a chamava, então ela se  
7 levantou rapidamente. Uma pequena moura, chamada Patypata, pegou a cauda de seu  
8 vestido; o seu macaquinho e o seu cachorro, que a seguiam sempre, correram atrás dela.  
9 O macaco se chamava Travesso<sup>3</sup>, e o cãozinho, Tintin.

10 O capitão dos guardas obrigou Maravilhosa a descer, dizendo-lhe que o rei estava  
11 no jardim para tomar ar fresco. Chegando lá, ele fingiu procurá-lo; sem encontrá-lo, disse:

12 — Sem dúvida o rei foi para a floresta.

13 Ele abriu uma pequena porta e a conduziu pela floresta. O dia começava a raiar. A  
14 princesa olhou para seu condutor: ele tinha lágrimas nos olhos e estava tão triste que não  
15 conseguia falar.

16 — O que tendes? — disse-lhe ela com um ar encantador de bondade. — Me  
17 pareceis muito aflito!

18 — Ah, madame, quem não ficaria tendo que executar a mais funesta ordem que já  
19 existiu? — exclamou ele. — O rei quer que eu vos degole aqui e que leve para ele o vosso  
20 coração e a vossa língua. Se eu falhar, ele me matará.

21 A pobre princesa, assustada, empalideceu e começou a chorar delicadamente,  
22 parecia um cordeirinho prestes a ser abatido. Ela fixou seus belos olhos no capitão dos  
23 guardas e, admirando-o sem nenhuma raiva, disse-lhe:

24 — Teríeis coragem de me matar? Eu que nunca vos fiz mal algum e que sempre  
25 falei bem de vós ao rei? Se eu merecesse o ódio de meu pai, haveria de sofrer as  
26 consequências sem murmurar, porém tenho demonstrado a ele muito respeito e afeição.  
27 Ele se revolta injustamente!

28 — Não tendes medo, bela princesa — disse o capitão dos guardas. — Eu prefiro  
29 perder as mãos a ter que executar uma ação tão bárbara, prefiro dar cabo de minha própria  
30 vida, entregando-me à morte com a qual ele me ameaça. Porém, se eu me apunhalasse,  
31 não ficaríeis em segurança. Preciso encontrar uma maneira de voltar à presença do rei e  
32 convencê-lo de que estais morta.

33 — Que meios encontraremos? — perguntou Maravilhosa. — Ele quer que leveis  
34 minha língua e meu coração, caso contrário ele não acreditará em vós.

---

<sup>3</sup> *Grabugeon.*

1 Patypata, que havia escutado tudo e cuja presença era despercebida pela princesa  
2 e pelo capitão dos guardas de tão aflitos que os dois estavam, tomou coragem e se lançou  
3 aos pés de Maravilhosa.

4 — Madame — disse-lhe ela. — Venho oferecer minha vida a vós. Ele deve matar  
5 a mim, ficarei muito contente em morrer em nome de uma patroa tão bondosa.

6 — Ah, eu não me importo em morrer, minha querida Patypata — disse a princesa,  
7 beijando-a. — Depois de um testemunho tão afetuoso de tua amizade, tua vida não me  
8 parece menos preciosa que a minha própria.

9 Travesso avançou e disse:

10 — Minha princesa, tendes razão em amar uma escrava tão fiel quanto Patypata,  
11 ela pode ser mais útil do que eu. Por isso, ofereço-vos com alegria minha língua e meu  
12 coração, desejando ser imortalizado no império dos primatas.

13 — Ah, meu pequeno Travesso — replicou Maravilhosa. — Jamais! Sofro apenas  
14 em pensar na possibilidade de tirar a tua vida.

15 — Essa missão cabe a mim — exclamou Tintin. — Qualquer outro cãozinho tão  
16 bom quanto eu daria sua vida pela sua dona. Devo morrer ou ninguém mais morrerá.

17 Surgiu uma grande disputa entre Patypata, Travesso e Tintin, havendo até  
18 palavras. Por fim, Travesso, mais audacioso que os outros, subiu no topo de uma árvore  
19 e se jogou de cabeça, suicidando-se. Por mais que lamentasse, a princesa consentiu que o  
20 capitão dos guardas arrancasse sua língua, afinal ele já estava morto. Mas ela era tão  
21 pequena (pois tudo nele não era maior que um punho) que eles julgaram com grande  
22 tristeza que o rei não seria ludibriado.

23 — Céus! Meu querido macaquinho, eis que estás morto sem que a tua morte  
24 coloque minha vida em segurança — lamentou a princesa.

25 — É para mim que essa honra está reservada! — interrompeu a moura.

26 E no mesmo instante ela pegou a faca usada em Travesso e enfiou no próprio peito.  
27 O capitão dos guardas quis pegar a sua língua, mas ela era muito escura e ele não se  
28 atrevera a tentar ludibriar o rei com ela.

29 — Já não sou infeliz o bastante? — disse a princesa, chorando. — Perco todos a  
30 quem amo e minha sorte não muda.

31 — Se tivésseis aceitado a minha proposta, estaríeis lamentando apenas a minha  
32 morte e eu teria a vantagem de ser o único a ser lembrado por tal feito — disse Tintin.

33 Maravilhosa beijou seu pequeno cãozinho e, chorando intensamente, afastou-se  
34 dali<sup>4</sup>. Quando enfim retornou, já não viu mais o seu algoz. Ela se achava sozinha entre os  
35 corpos mortos de sua moura, de seu macaco e de seu cachorrinho. Ela não pôde sair dali

---

<sup>4</sup> Fica subentendido que o cachorro iria ser sacrificado.



1 antes de enterrá-los em uma cova que encontrou por acaso ao pé de uma árvore. Depois,  
2 escreveu essas palavras no tronco:

3

4 *Aqui jaz um mortal, dois mortais,*  
5 *Três mortais, todos fiéis e iguais,*  
6 *Que quiseram preservar os meus dias,*  
7 *Dando fim às suas próprias alegrias.*

8

9 Enfim ela começou a pensar em sua segurança e isso ela não teria naquela floresta  
10 que ficava tão perto do castelo de seu pai; qualquer transeunte poderia vê-la e reconhecê-  
11 la, ou então os leões e os lobos a devorariam como se fosse uma galinha. Ela começou a  
12 caminhar o mais depressa possível; a floresta era tão grande e o sol tão ardente, que logo  
13 ela estava quase morrendo de calor, de medo e de cansaço. Olhou para todos os lados e  
14 não viu o fim da floresta. Tudo a assustava, ela não parava de pensar que o rei estava  
15 correndo atrás dela para matá-la; é impossível reproduzir suas tristes queixas. Ela andava  
16 sem seguir nenhuma estrada, os arbustos rasgavam seu lindo vestido e machucavam sua  
17 pele branca. Por fim, ouviu um carneiro a balir.

18 — Não há dúvida de que há pastores por aqui com seus rebanhos — disse ela. —  
19 Eles poderão de me guiar a algum vilarejo, onde me esconderei sob os trajes de uma  
20 camponesa. Ora, e ainda pensam que os soberanos e os príncipes são sempre os mais  
21 felizes! Quem acreditaria que sou uma fugitiva e que meu pai deseja a minha morte sem  
22 motivo e sem razão, e que para evitá-la tenho que me disfarçar?

23 Fazendo essas reflexões, ela avançou em direção ao lugar onde ouviu o balido.  
24 Qual não foi a sua surpresa ao chegar em uma clareira bastante espaçosa, toda cercada de  
25 árvores, em cujo centro havia um enorme carneiro mais branco que a neve; seus chifres  
26 eram dourados, tinha uma guirlanda de flores em volta do pescoço, as patas estavam  
27 enfeitadas com pulseiras de pérolas de prodigioso tamanho e havia alguns colares de  
28 diamantes sobre si. Estava deitado sobre flores de laranjeira e um pavilhão de tecido  
29 dourado suspenso no ar impedia que o sol o incomodasse. Uma centena de caprinos bem  
30 vestidos estavam ao seu redor, os quais não pastavam na grama, mas, em vez disso,  
31 tomavam café, gelados de frutas, sorvetes e limonada, enquanto outros comiam  
32 morangos, creme e confeitos. Alguns jogavam bassette<sup>5</sup>, outros lansquenete<sup>6</sup>. Muitos  
33 tinham coleiras de ouro enriquecidas com ornamentos galantes, as orelhas furadas, fitas  
34 e flores em milhares de lugares. Maravilhosa ficou tão espantada que permaneceu

---

<sup>5</sup> Jogo de azar que envolvia um grande montante de dinheiro. Segundo o Dicionário da Academia Francesa, era jogado com cartas de baralho (1798, p. 126).

<sup>6</sup> Jogo de azar semelhante ao trinta e um; lasca, lasquiné. Segundo o Dicionário da Academia Francesa, também era jogado com cartas de baralho (1798, p. 10).

1 praticamente imóvel. Tentava avistar o pastor daquele rebanho tão extraordinário  
2 quando o mais belo carneiro foi até ela, pulando e saltitando.

3 — Aproximai-vos, divina princesa — disse-lhe ele. — Não temais animais tão  
4 doces e pacíficos como nós.

5 — Que prodígio! Carneiros que falam!

6 — Ah, madame — retorquiu ele. — Vosso macaco e vosso cãozinho falavam muito  
7 bem. Haveria, pois, motivo para tanta surpresa?

8 — Uma fada concedeu a eles o dom da fala, um prodígio que acabou por se tornar  
9 familiar — replicou Maravilhosa.

10 — Pode ser que tenha acontecido algo semelhante conosco — respondeu o  
11 carneiro, sorrindo para aquela cordeirinha. — Mas, minha princesa, o que vos trouxe  
12 aqui?

13 — Mil infortúnios, senhor carneiro — disse-lhe ela. — Eu sou a pessoa mais infeliz  
14 do mundo, procuro um asilo contra as fúrias de meu pai.

15 — Vinde, madame — disse o carneiro. — Vinde comigo. Ofereço-vos um asilo em  
16 que não sereis conhecida como filha de um rei e onde sereis a soberana absoluta.

17 — É impossível seguir-vos — disse Maravilhosa. — Estou tão cansada que  
18 morreria.

19 O carneiro com chifres de ouro ordenou que fossem buscar sua carruagem. Um  
20 momento depois, surgiram seis cabras amarradas a uma abóbora de tamanho tão  
21 prodigioso que duas pessoas podiam ocupá-la muito comodamente. A abóbora estava  
22 seca e dentro dela havia bons estofados de plumas e de veludo por toda parte. A princesa  
23 se acomodou ali, admirando aquela decoração tão nova. O mestre carneiro entrou na  
24 abóbora com ela, e as cabras correram com toda a força para uma caverna, cuja entrada  
25 estava fechada por uma grande pedra.

26 O carneiro dourado tocou-a com o pé e imediatamente ela caiu. Ele disse à  
27 princesa para entrar sem medo; ela achou aquela caverna muito assustadora, se estivesse  
28 menos apavorada, nada a faria descer; porém, de tão aflita que estava, se jogaria até dentro  
29 de um poço.

30 Ela não hesitou em seguir o carneiro que caminhava à sua frente. Ele a fez descer  
31 tão fundo, tão fundo, que ela pensou que estava indo para os antípodas; às vezes temia  
32 que ele a estivesse levando ao reino dos mortos. Por fim, de repente ela se viu em uma  
33 vasta planície coberta de milhares de flores diferentes, cujo bom odor superava o de todas  
34 as flores que ela já havia cheirado. Um grande rio de águas de flor de laranjeira corria ao  
35 redor; havia fontes de vinho da Espanha, rosólio<sup>7</sup>, hipocrás e milhares de outros tipos de  
36 licores que formavam cascatas e riachos encantadores. Essa planície estava coberta de

---

<sup>7</sup> Antigo licor italiano cujo nome deriva da erva *Drosera rotundifolia*, uma planta carnívora.

1 árvores singulares de cujos galhos pendiam perdizes mais recheadas e bem cozidas que as  
2 dos Guerbois<sup>8</sup>; outras árvores estavam cheias de codornas, coelhos, perus, galinhas,  
3 faisões e hortulanas<sup>9</sup>. Em certos lugares onde o tempo era mais fechado, chovia bisque<sup>10</sup>  
4 de lagostins, sopas saudáveis<sup>11</sup>, *foie gras*, molejas de vitelo<sup>12</sup>, pudim branco, salsichas,  
5 tortas, patês, compotas secas e líquidas, luíses de ouro, escudos, pérolas e diamantes. A  
6 raridade dessa chuva, bem como toda sua utilidade, teria atraído muita gente para lá, isso  
7 se o grande carneiro tivesse um temperamento mais agradável para se socializar; porém,  
8 todas as crônicas que falam dele garantem que ele era mais austero que um senador  
9 romano.

10 Era a mais bela estação do ano quando Maravilhosa chegou a esse lindo lugar. O  
11 palácio que ela viu era composto por inúmeras laranjeiras, jasmims, madressilvas e  
12 pequenas rosas mosquetas cujos galhos, entrelaçados uns nos outros, formavam quartos,  
13 salas e câmaras revestidas de gaze de ouro e de prata, com grandes espelhos, lustres e  
14 quadros admiráveis.

15 O mestre carneiro disse à princesa que ela seria a soberana daquele lugar. Disse  
16 também que durante muitos anos ele tivera motivos para se lamentar e derramar lágrimas,  
17 mas que agora ela poderia fazê-lo esquecer de seus infortúnios.

18 — Me tratais de maneira tão generosa, charmoso carneiro — disse-lhe ela. — E  
19 tudo o que vejo aqui me parece tão extraordinário que nem sei o que pensar.

20 Ela mal havia terminado de dizer essas palavras quando viu aparecer diante dela  
21 uma tropa de ninfas de admirável beleza. Elas lhe presentearam com frutas em cestos de  
22 âmbar. Porém, quando Maravilhosa tentou se aproximar delas, seus corpos se afastaram  
23 gradualmente; estendeu o braço para tocá-las, mas não sentiu nada, e se deu conta de que  
24 eram fantasmas.

25 — Ah! O que é isso? — ela gritou. — Quem são essas pessoas que estão aqui  
26 comigo?

27 E começou a chorar. O rei Carneiro<sup>13</sup> (pois o chamavam assim), que a deixara  
28 sozinha por alguns instantes, voltando para junto dela e vendo suas lágrimas escorrerem,  
29 ficou tão perplexo que pensou que morreria a seus pés.

30 — O que tendes, bela princesa? — disse-lhe ele. — Por acaso vos faltamos com o  
31 devido respeito aqui?

---

<sup>8</sup> Em nota para a edição crítica de *Contes de Fées*, Nadine Jasmin afirma que os Guerbois eram uma célebre família parisiense envolvida em atividades gastronômicas (AULNOY, 2008a [1697], p. 431).

<sup>9</sup> Ave comida inteira, cozida em sua própria gordura. O ato de degustação costuma ser ritualístico, com os envolvidos usando um pano na cabeça.

<sup>10</sup> Sopa cremosa com caldo de carne ou de crustáceos e outros ingredientes.

<sup>11</sup> *Soupes de santé*: sopas de saúde, com propriedades medicinais.

<sup>12</sup> Miúdos cozidos de bovinos, caprinos ou suínos.

<sup>13</sup> *Le roi Mouton*.

1 — Não — disse ela. — Não estou me queixando de nada, apenas admito que não  
2 estou acostumada a viver com os mortos e com carneiros que falam. Tudo aqui me  
3 apavora, e embora eu seja muito grata por terdes me trazido até aqui, serei ainda mais se  
4 me levardes de volta ao meu mundo.

5 — Não tenhais medo — replicou o carneiro. — Dignai-vos a me ouvir  
6 pacificamente e conhecereis minha deplorável aventura.

7 E então o Carneiro começou a narrar<sup>14</sup>:

8 *Eu nasci sobre o trono. Uma longa sucessão de reis formada por meus avôs havia*  
9 *me assegurado a posse do mais belo reino do universo; meus súditos me amavam e eu era*  
10 *temido e invejado por meus vizinhos, mas também estimado, com alguma justiça. Diziam*  
11 *que nenhum rei jamais fora tão digno de o ser. Não tratava ninguém com indiferença. Eu*  
12 *amava caçar; deixando-me levar pelo prazer de perseguir um cervo, afastei-me um pouco*  
13 *de todos os que me acompanhavam. De repente, eu vi o animal se lançando para dentro de*  
14 *uma lagoa; esporeei meu cavalo para lá imprudentemente, ainda que cheio de temor.*  
15 *Entretanto, ao avançar um pouco, em vez do frescor da água, senti um calor extraordinário.*  
16 *O lago secou e, por uma abertura de onde saíam labaredas terríveis, caí no fundo de um*  
17 *precipício onde não se via nada além de chamas. Quando pensei que estava perdido, ouvi*  
18 *uma voz que me dizia:*

19 — *É preciso todo esse fogo, ingrato, para aquecer teu coração.*

20 — *Ei! Quem aqui reclama de minha frieza? — eu exclamei.*

21 — *Uma pessoa infeliz que te adora sem esperanças — replicou a voz.*

22 *No mesmo instante as chamas se apagaram e eu vi uma fada que conhecia desde a*  
23 *minha mais tenra juventude, cuja velhice e feiura sempre me aterrorizaram. Ela se apoiava*  
24 *em uma jovem escrava de beleza incomparável e usava correntes de ouro que*  
25 *demonstravam bem as suas condições financeiras.*

26 — *Que prodígios são esses, Ranheta (esse era o nome da fada)? — eu disse. — Seriam*  
27 *obras de vossas mãos?*

28 — *E de quem mais seriam? — ela respondeu. — Ainda não te deste conta dos meus*  
29 *sentimentos? Terei que passar pela vergonha de me explicar? Meu olhar impactante, antes*  
30 *tão eficaz, perdeu todo seu poder? Vê até onde me rebaixo, admito minha fraqueza a ti,*  
31 *porque mesmo sendo tu um grande rei, és menor que uma formiga diante de uma fada*  
32 *como eu.*

33 — *Sou tudo o que desejardes — eu lhe disse, com um ar e um tom de impaciência.*

34 — *Mas enfim, o que quereis de mim? Minha coroa, minhas cidades, meus tesouros?*

---

<sup>14</sup> Os períodos que introduzem e encerram a fala do carneiro não constam no original. Optou-se por essa inclusão para deixar evidente ao leitor que o longo trecho destacado em itálico é narrado pelo personagem.

1 — Ah, infeliz! — ela retorquiu com desdém. — Meus mirmidões<sup>15</sup>, se eu bem  
2 quisesse, seriam mais poderosos do que tu. Eu peço teu coração. Somente meus olhos já te  
3 pediram milhares e milhares de vezes, mas tu não os compreendeste ou, melhor dizendo,  
4 não quiseste compreendê-los. Se estivesse envolvido com alguma outra, eu te deixaria  
5 prosseguir com teu caso de amor. Porém, no afã de conhecer-te mais, acabei descobrindo a  
6 indiferença que reina em teu coração. Pois bem, ame a mim — emendou ela, fazendo  
7 biquinho e revirando os olhos na tentativa de parecer mais agradável — Serei tua pequena  
8 Ranheta, acrescentarei vinte reinos ao que já possuis, cem torres cheias de ouro e mais  
9 quinhentas cheias de prata. Em uma palavra, te darei tudo o que desejas.

10 — Madame Ranheta — eu disse a ela. — Não é no fundo de uma cova onde eu  
11 pensei que seria assado que eu devo me declarar a uma pessoa com vossos méritos. Eu vos  
12 suplico, por todos os encantos que vos tornam amável, que me concedais a liberdade e então  
13 veremos juntos o que poderei fazer para vossa satisfação.

14 — Ah! Traidor! — exclamou ela. — Se me amasses, não procuraria o caminho do  
15 teu reino, estarias contente em qualquer lugar, em uma caverna, numa toca de raposa, nos  
16 bosques, nos desertos. Não penses que sou ingênua; tu sonhas em te esquivar, mas eu te  
17 aviso que permanecerás aqui, e a primeira coisa que farás será cuidar das minhas ovelhas.  
18 Elas têm intelecto e falam tão bem quanto tu.

19 Imediatamente ela avançou rumo à planície onde estamos e me mostrou seu  
20 rebanho; eu o considerei pequeno. Aquela bela escrava que estava perto dela me parecia  
21 maravilhosa e meus olhos me traíram. A cruel Ranheta, notando minha atração, lançou-se  
22 sobre ela e deu-lhe um soco nos olhos tão forte que aquela adorável figura perdeu sua vida  
23 instantaneamente. A essa visão funesta, atirei-me contra Ranheta e, com a espada em mãos,  
24 eu a teria sacrificado de forma requintada se ela não me tivesse imobilizado usando seus  
25 poderes. Meus esforços foram inúteis, caí por terra e procurei meios de me matar para me  
26 livrar da situação em que estava. Foi quando ela me disse, com um sorriso irônico:

27 — Eu te farei conhecer meu poder. És um leão agora, mas tu te tornarás um  
28 carneirinho.

29 Naquele mesmo instante ela me tocou com sua varinha e eu me vi metamorfoseado  
30 tal como bem vedes. Não perdi o uso da palavra e não deixei de sentir a dor advinda da  
31 minha nova condição.

---

<sup>15</sup> Na mitologia, os mirmidões são homens-formiga que lutaram ao lado de Aquiles na Guerra de Tróia (COLEMAN, 2007, p. 727). Como Ranheta fez menção ao inseto anteriormente, o termo provavelmente foi utilizado para denotar um homem fraco. Também pode designar um ajudante de cozinheiro.

1 — *Serás um carneiro por cinco anos e senhor absoluto desse belo lugar — ela disse.*  
2 — *Enfim me afastarei de ti e, não mais admirando tua bela figura, pensarei apenas no ódio*  
3 *que me fizeste sentir.*

4 *Então ela desapareceu. E se havia alguma coisa que amenizava minha desgraça, era*  
5 *sua ausência. As ovelhas falantes que aqui estão me reconheceram por seu rei, elas me*  
6 *contaram que também eram desafortunados que haviam desagradado a vingativa fada de*  
7 *várias maneiras, e assim ela havia formado o rebanho; disseram que a duração das*  
8 *penitências variava de um para o outro. Eles acrescentaram que de tempos em tempos*  
9 *alguns deles voltavam a ser quem eram e deixavam o grupo. Outros, os que eram rivais ou*  
10 *inimigos que Ranheta matou, permaneceriam aqui por cerca de um século e depois*  
11 *retornariam ao nosso mundo. A jovem escrava de quem vos falei faz parte desse número.*  
12 *Eu a via várias vezes com muita satisfação, embora ela nunca falasse comigo. Quando*  
13 *finalmente tentei aproximar-me dela, fiquei frustrado ao perceber que não passava de um*  
14 *vulto. Posteriormente, notei que um dos meus carneiros permanecia assiduamente perto*  
15 *desse pequeno fantasma, então soube que se tratava de seu namorado, e que Ranheta,*  
16 *invejosa daquele amor, havia separado os dois.*

17 *Por esse motivo me afastei do vulto da escrava, e depois de três anos já não conseguia*  
18 *sentir desejo algum por nada e por ninguém, a não ser pela minha liberdade.*

19 *E assim o pobre carneiro concluiu a narração dos fatos que precederam aquele*  
20 *encontro.*

21 — *Por conta disso é que costumo ir para a floresta ocasionalmente. E foi lá que eu*  
22 *vos vi, bela princesa — explicou ele. — Às vezes passáveis em uma carruagem, a qual*  
23 *conduzíeis por vós mesma com mais destreza que o sol a conduzir a sua. Outras vezes*  
24 *passáveis caçando, montada sobre um cavalo que parecia indomável a qualquer outro*  
25 *senão a vós. Também corríeis suavemente pela planície com as princesas de vossa corte e*  
26 *ganháveis as disputas tal qual Atalanta<sup>16</sup>. Ah, princesa! Se em todos esses momentos em*  
27 *que meu coração vos fazia votos secretos eu tivesse ousado falar convosco, o que eu vos*  
28 *teria dito? Como teríeis recebido a declaração de um infeliz carneiro como eu?*

29 *Maravilhosa ficou tão perturbada com tudo o que havia escutado até então que já*  
30 *não sabia mais como respondê-lo. No entanto, ela o fez com tanta honestidade que o*  
31 *deixou um tanto esperançoso. Disse que agora ela tinha menos medo dos vultos, pois um*  
32 *dia eles iriam reviver.*

---

<sup>16</sup> Personagem da mitologia grega, foi abandonada pelos pais logo após seu nascimento, tendo sido alimentada por uma urso e depois recolhida e criada por caçadores. Tornou-se uma exímia caçadora, protegida por Ártemis. Muito ágil, algumas versões do mito informam que Zeus a transformou em uma leoa ou leoparda (COLEMAN, 2007, p. 105).

1 — Ó! — suspirou ela. — Se minha pobre Patypata, meu querido Travesso e o lindo  
2 Tintin, que morreram para me salvar, pudessem ter um destino semelhante, eu não ficaria  
3 mais entediada aqui.

4 Malgrado a desgraça do rei Carneiro, ele não deixava de ter privilégios admiráveis.

5 — Ide — disse ele ao seu grande escudeiro (que era um carneiro de excelente  
6 aparência). — Ide buscar a moura, o macaco e o cãozinho, as sombras deles irão divertir  
7 a nossa princesa.

8 Um instante depois, Maravilhosa os viu, e embora eles não se aproximassem dela  
9 o bastante para serem tocados, sua presença lhe serviu de consolo infinito.

10 O rei Carneiro tinha toda a inteligência e toda a delicadeza necessárias para  
11 sustentar conversas muito agradáveis. Ele demonstrava amar Maravilhosa tão  
12 apaixonadamente que ela começou a desenvolver uma grande admiração por ele; depois,  
13 passou a amá-lo. Um lindo carneiro, muito doce e bem carinhoso não deixava de ser  
14 amável, sobretudo quando se sabia que ele era um rei e que a metamorfose iria acabar.  
15 Assim, a princesa passou seus belos dias docemente, esperando por um destino mais feliz.  
16 O carneiro galante não se importava com mais nada a não ser com ela, organizava  
17 banquetes, concertos e caças; seu rebanho o ajudava, até mesmo os vultos, que  
18 interpretavam seus personagens.

19 Em um fim de tarde em que os mensageiros retornaram (pois o rei mandava-os  
20 buscar notícias discretamente e por isso ele sempre ficava sabendo das melhores  
21 novidades), vieram lhe dizer que a irmã mais velha da princesa Maravilhosa iria se casar  
22 com um grande príncipe e que nada era mais magnífico do que tudo o que estava sendo  
23 preparado para o casamento.

24 — Ah! — lamentou a jovem princesa. — Como sou azarada por não poder ver tais  
25 coisas bonitas. Eis-me aqui debaixo da terra com vultos e ovelhas, enquanto minha irmã  
26 vai aparecer vestida como uma rainha. Todos comparecerão à corte, eu serei a única a não  
27 partilhar de sua alegria.

28 — Do que vos queixais, madame? — perguntou o rei das ovelhas. — Acaso eu vos  
29 proibi de ir ao casamento? Podeis partir quando quiser, mas dai-me vossa palavra como  
30 garantia de que regressareis. Se não consentir, fenecerei aos vossos pés, pois o apego que  
31 tenho por vós é extremo demais para que eu possa vos perder sem morrer.

32 Maravilhosa concordou e prometeu ao carneiro que nada no mundo poderia  
33 impedir seu retorno. Ele a equipou com acessórios à altura de sua estirpe. Ela se vestiu  
34 soberbamente e não abriu mão de nada que pudesse intensificar sua beleza. Subiu em uma  
35 carruagem de madrepérola carregada por seis hipogrifos castanhos recém-chegados dos  
36 antípodas. O Carneiro fez com que ela fosse acompanhada por um grande número de  
37 oficiais ricamente vestidos e admiravelmente esbeltos, os quais haviam recebido ordens  
38 para formarem uma longa fila de cortejo.

1 Ela se dirigiu ao palácio de seu pai e chegou no momento em que celebravam o  
2 casamento. Assim que entrou, todos que a viram se surpreenderam com o brilho de sua  
3 beleza e de suas jóias. Ela só ouvia aclamações e elogios vindos de toda parte. O rei a fitou  
4 com tanta atenção e entusiasmo que ela temeu ser reconhecida. Mas ele estava tão certo  
5 de sua morte que não fazia a menor ideia de que se tratava de sua filha.

6 No entanto, o medo de ser retida impediu-a de permanecer até o final da  
7 cerimônia; ela saiu bruscamente, deixando um pequeno baú de coral decorado com  
8 esmeraldas. Nele via-se escrito com pequenos diamantes: “Jóias para a noiva”. Abriram-  
9 no prontamente; muitas coisas belas foram encontradas lá! O rei, que esperava  
10 aproximar-se dela e que ardia de desejo para conhecê-la, ficou desesperado por não vê-la  
11 novamente. Ele ordenou com veemência que se alguma vez ela voltasse, todas as portas  
12 deveriam ser fechadas assim que ela entrasse, para poder contê-la.

13 Por mais curta que tivesse sido a ausência de Maravilhosa, para o carneiro parecia  
14 que havia demorado um século. Ele a esperava à beira de uma fonte, na parte mais densa  
15 da floresta; havia espalhado inúmeros tesouros por ali para oferecer-lhe em gratidão ao  
16 seu retorno. Assim que a viu, correu em sua direção, saltando e pulando como um  
17 carneiro de fato. Fez mil carícias afetuosas, deitou-se aos seus pés, beijou suas mãos e  
18 contou sobre suas ansiedades e impaciências; sua paixão lhe proporcionava uma  
19 eloquência com a qual a princesa se encantava.

20 Depois de algum tempo, o rei resolveu casar sua segunda filha. Maravilhosa ficou  
21 sabendo e implorou ao carneiro que lhe permitisse ir presenciar a cerimônia, como já  
22 havia feito uma vez, pois era uma celebração na qual ela estava muito interessada. Ao  
23 ouvir esse pedido, ele sentiu uma dor que não podia controlar, um pressentimento secreto  
24 que lhe anunciava seu infortúnio. Porém, nem sempre somos capazes de evitar o pior, e  
25 como sua complacência em relação à princesa superava todos os seus próprios interesses,  
26 ele não teve forças para recusar.

27 — Desejais deixar-me, madame — ele lhe disse. — E esse infeliz efeito advém da  
28 minha triste sina, não de vós. Concordo com o que desejais e jamais poderei render-vos  
29 um sacrifício mais efetivo que esse.

30 Ela garantiu que tardaria tão pouco quanto da primeira vez e que se esquivaria  
31 prontamente de qualquer coisa que pudesse afastá-la dele, jurando-lhe que não era  
32 preciso se preocupar. Ela fez uso dos mesmos acessórios que havia utilizado da primeira  
33 vez; chegou quando a cerimônia começava. Apesar da atenção com que acompanhavam  
34 a celebração, sua presença fez com que exclamações de alegria e admiração se elevassem,  
35 o que atraiu os olhos de todos os príncipes para ela. Eles não se cansavam de admirá-la e  
36 a consideravam tão extraordinariamente bonita que estavam prestes a acreditar que ela  
37 não era uma mortal.



1 O rei ficou encantado ao revê-la e apenas tirou os olhos dela para ordenar que  
2 todas as portas fossem bem fechadas a fim de contê-la. A cerimônia estava prestes a  
3 terminar quando a princesa se levantou rapidamente na tentativa de se esquivar da  
4 multidão, mas ficou extremamente surpresa e aflita ao encontrar as portas fechadas.

5 O rei a abordou com grande respeito e submissão, o que a tranquilizou. Ele a  
6 implorou para que não lhes tirasse tão cedo o prazer de vê-la e pediu que participasse da  
7 festa que ele ofereceria aos príncipes e princesas. Ele a conduziu a um magnífico salão  
8 onde toda a corte estava; ele mesmo pegou uma bacia de ouro e um vaso cheio de água  
9 para lavar suas belas mãos. Naquele momento ela não conseguiu mais se conter, jogou-se  
10 aos seus pés e abraçou seus joelhos, dizendo:

11 — Eis o meu sonho realizado! Lavastes as minhas mãos no dia do casamento da  
12 minha irmã, sem que nada de ruim acontecesse convosco.

13 Então o rei a reconheceu com mais facilidade, já que da primeira vez havia  
14 considerado que ela de fato se parecia perfeitamente com Maravilhosa.

15 — Ah, minha querida filha! — disse ele, beijando-a e derramando lágrimas. —  
16 Podereis perdoar a minha crueldade? Eu desejei a vossa morte, pois pensei que vosso  
17 sonho significava a perda da minha coroa. E ele de fato se concretizou de alguma maneira.  
18 Eis aqui as vossas duas irmãs casadas, cada qual com uma coroa, e a minha será vossa.

19 Naquele mesmo instante, ele se ergueu e colocou sua coroa na cabeça da princesa,  
20 depois gritou:

21 — Viva a rainha Maravilhosa!

22 E toda a corte ecoou o grito. As duas irmãs da jovem rainha pularam em seu  
23 pescoço e fizeram-lhe mil carícias. Maravilhosa não se acanhava mais, de tanto que estava  
24 contente: chorava e ria ao mesmo tempo, beijava uma, falava com a outra, agradecia o rei,  
25 e, em meio a todas essas coisas, lembrou-se do capitão dos guardas, a quem ela devia um  
26 grande favor. Perguntou dele insistentemente, mas lhe disseram que ele estava morto; ela  
27 sentiu essa perda intensamente.

28 Quando estava à mesa, o rei implorou para que ela contasse o que havia acontecido  
29 desde o dia em que ele dera ordens tão funestas contra ela. Maravilhosa tomou a palavra  
30 prontamente e contou tudo com uma graça admirável, todos a escutaram com atenção.

31 Mas enquanto ela se entretinha com o rei e suas irmãs, o carneiro enamorado viu  
32 a hora do retorno da princesa passar e sua ansiedade se tornou tão extrema que ele não  
33 pôde mais se conter.

34 — Ela não quer mais voltar — ele chorou. — Minha desditosa aparência de  
35 carneiro a desagrada. Ah! Que amante infeliz eu sou, que farei sem Maravilhosa? Ranheta,  
36 bárbara fada, tamanha vingança empreendeste contra a indiferença que sinto por ti!

37 Ele se lamentou por muito tempo e, vendo que a noite se aproximava sem que a  
38 princesa aparecesse, correu para a cidade. Quando ele chegou ao palácio do rei, perguntou

1 por Maravilhosa, mas como todo mundo já sabia de sua aventura e ninguém queria que  
2 ela voltasse para junto das ovelhas, recusaram-lhe duramente a possibilidade de vê-la. Ele  
3 proferiu algumas queixas e fez lamúrias capazes de comover quaisquer outros que não os  
4 guardas suíços que protegiam a porta do palácio. Finalmente, tomado pela dor, ele se  
5 lançou por terra e perdeu a vida.

6 O rei e Maravilhosa não ficaram sabendo da triste tragédia que acabara de  
7 acontecer. Ele propôs à sua filha que subisse em uma carruagem para ser vista por toda a  
8 cidade à luz das milhares e milhares de tochas que estavam nas janelas e nas grandes  
9 praças. Mas qual não foi o espetáculo quando Maravilhosa saiu do palácio e encontrou  
10 seu querido carneiro desfalecido, estendido na rua? Ela se jogou para fora da carruagem,  
11 correu ao encontro dele, chorou, gemeu e reconheceu que sua falta de atenção causara a  
12 morte do carneiro real. Em seu desespero, ela pensou que também morreria.

13 Com esse exemplo, demonstrou-se que mesmo as pessoas mais nobres estão  
14 sujeitas, assim como as outras, aos golpes da fortuna, e que os maiores infortúnios  
15 costumam lhes sobrevir justamente no momento em que eles creem estarem prestes a  
16 realizar todos os seus desejos.

17  
18 *Os mais belos dons dos céus, às vezes,*  
19 *Servem apenas para nos arruinar:*  
20 *Um simples desejo que pedimos aos Deuses*  
21 *Pode ser capaz de nossos males originar.*  
22 *O rei Carneiro não teria sofrido assim*  
23 *Se não tivesse inflamado essa chama fatal*  
24 *Por isso Ranheta se vingou dele e de sua rival:*  
25 *É por isso que seu sonho teve fim.*  
26 *Ele devia gozar de um destino mais propício.*  
27 *Ranheta e seus presentes não o fizeram hesitar;*  
28 *Ele odiava sem temer, amava sem artifício,*  
29 *E em nada com os homens hoje se podia comparar.*  
30 *O seu destino muito cruel nos pareceu,*  
31 *Ao pobre rei Carneiro ele foi impiedoso.*  
32 *E já não há pastores neste tempo desditoso*  
33 *Que assim fenecem por uma ovelha que se perdeu.*

## FININHA BORRALHA

1 Era uma vez um rei e uma rainha que haviam administrado seus negócios muito  
2 mal. Expulsaram-nos de seu reino. Eles venderam suas coroas para viver, depois suas  
3 vestes, suas louças, seus ornamentos e todos os seus móveis, peça por peça. Os mercadores  
4 de roupas usadas já estavam cansados de comprar, pois todos os dias eles vendiam algo  
5 novo. Quando o rei e a rainha ficaram realmente muito pobres, o rei disse à sua esposa:

6 — Eis que estamos fora do nosso reino, não temos mais nada, precisamos obter  
7 nosso sustento e o dos nossos pobres filhos. Dizei o que devemos fazer, pois até hoje só  
8 conheci a profissão de rei, que é muito agradável.

9 A rainha era muito inteligente. Ela lhe pediu oito dias para pensar. Quando o  
10 prazo terminou, ela disse:

11 — Meu senhor, não devemos nos afligir. Basta que façais filés da carne dos  
12 pássaros que caçardes e dos peixes que pescardes. À medida em que os laços e anzóis se  
13 desgastarem, fiarei outros. Com relação às nossas três filhas, não passam de verdadeiras  
14 preguiçosas, que pensam ser grandes damas; querem se fazer de dondocas. Temos de levá-  
15 las tão longe, tão longe, que não consigam retornar nunca mais, pois será impossível para  
16 nós sustentar o modo de vida que elas desejam ter.

17 O rei começou a chorar quando se deu conta de que tinha que se separar de suas  
18 crianças. Ele era um bom pai, mas a rainha era a soberana. Ele, portanto, ficou de acordo  
19 com tudo o que ela queria e lhe disse:

20 — Levantai-vos amanhã bem cedo e tomai vossas três filhas a fim de levá-las para  
21 onde julgardes melhor.

22 Enquanto eles tramavam esse caso, a princesa Fininha<sup>1</sup>, que era a caçula, escutava  
23 pelo buraco da fechadura; e quando ela descobriu o plano de seu papai e sua mamãe,  
24 dirigiu-se o mais rápido que pôde a uma grande caverna muito longe de casa, onde  
25 morava a fada Merluza<sup>2</sup>, que era sua madrinha.

26 Fininha havia pegado dois quilos de manteiga fresca, ovos, leite e farinha para  
27 fazer um excelente bolo para sua madrinha, a fim de que fosse bem recebida. Iniciou a  
28 jornada alegremente, porém, quanto mais avançava, mais ela se cansava. Seus sapatos se  
29 desgastaram até o último resto de sola e seus pezinhos delicados incharam tanto que dava  
30 pena; ela não aguentava mais. Sentou-se na grama, chorando.

31 Por lá passou um belo cavalo espanhol, todo selado, todo arreado. Em sua capa  
32 havia diamantes o bastante para comprar mais de três cidades. Quando ele viu a princesa,

---

<sup>1</sup> *Finette*: adjetivo comumente utilizado para se referir àquele que é atento às pequenas coisas, perspicaz, que se atém aos detalhes.

<sup>2</sup> *La fée Merluche*.

1 começou a pastar docemente ao seu redor; abaixando o jarrete, pareceu fazer uma  
2 reverência. Imediatamente ela o pegou pelo freio.

3 — Gentil cavalinho — disse ela. — Gostarias de me levar à casa de minha  
4 madrinha, a fada? Tu me farás um grande favor, pois estou tão cansada que estou prestes  
5 a morrer. Mas se tu me servires nessa ocasião, eu te darei boa aveia e bom feno, terás palha  
6 fresca para se deitar.

7 O cavalo curvou-se ao chão diante dela e a jovem Fininha saltou sobre ele. O  
8 animal começou a correr tão levemente que parecia ser um pássaro. Ele parou na entrada  
9 da caverna, como se conhecesse o caminho; e ele de fato o sabia muito bem, pois fora a  
10 própria Merluza que, tendo adivinhado que sua afilhada queria vê-la, enviara-lhe aquele  
11 belo cavalo.

12 Quando ela entrou, fez três grandes reverências à sua madrinha, pegou a parte de  
13 baixo de seu vestido e o beijou. Depois ela lhe disse:

14 — Olá, minha madrinha, como estais? Aqui está a manteiga, o leite, a farinha e os  
15 ovos que trago para vos fazer um bom bolo à moda de nosso país.

16 — Sede bem-vinda, Fininha — disse a fada. — Vinde para que eu vos beije.

17 Ela a beijou duas vezes, o que deixou Fininha muito contente, pois madame  
18 Merluza não era uma fada qualquer<sup>3</sup>. Ela disse:

19 — Aqui, minha afilhada, desejo que sejais minha pequena dama de companhia.  
20 Soltai o meu cabelo e me penteai.

21 A princesa soltou o cabelo da fada e a penteou com maior destreza do mundo.

22 — Eu bem sei por que viestes aqui — disse Merluza. — Haveis escutado que o rei  
23 e a rainha querem vos abandonar, portanto desejais evitar esse infortúnio. Vede, tereis  
24 apenas que levar este novelo, cujo fio jamais se rompe; amarrareis uma ponta na porta de  
25 vossa casa e o segurareis em vossa mão. Quando a rainha vos tiver abandonado, será fácil  
26 regressar seguindo o fio.

27 A princesa agradeceu a sua madrinha, que lhe entregou uma bolsa cheia de roupas  
28 finas, tudo de ouro e de prata. Fininha a beijou e a fada fez com que ela voltasse a montar  
29 no lindo cavalo, de modo que em dois ou três momentos ele a levou de volta para a porta  
30 do casebre de suas majestades. Fininha disse ao cavalo:

31 — Meu amiguinho, sois belo e muito sábio. Correis mais rápido que o sol. Eu vos  
32 agradeço pelo vosso esforço, retornai para o local de onde viestes.

33 Ela entrou disfarçadamente em casa, escondendo a bolsa debaixo do colchão.  
34 Deitou-se como se nada tivesse acontecido. Assim que o dia raiou, o rei acordou sua  
35 esposa:

---

<sup>3</sup> *Car madame Merluche n'étoit pas une Fée à la douzaine*: a autora faz uso de uma expressão que denota o destaque de Merluza entre as demais fadas.

1 — Ide, ide, madame — disse ele. — Preparai-vos para a viagem.  
2 Imediatamente ela se levantou, pegou seus grandes sapatos, uma saia curta, um  
3 suéter branco e um cajado. Mandou chamar a mais velha de suas filhas, que se chamava  
4 Amarílis; a segunda se chamava Bela-da-Noite<sup>4</sup> e a terceira, Fina-Orelha<sup>5</sup>: é por isso que  
5 costumavam chamá-la simplesmente de Fininha.  
6 — O sonho que tive esta noite levou-me à conclusão de que deveríamos visitar a  
7 minha irmã — disse a rainha. — Ela nos tratará bem, daremos risadas e comeremos o  
8 quanto quisermos.  
9 Amarílis, que se estava desesperada por viver em um deserto, disse à sua mãe:  
10 — Vamos, madame, onde bem desejarde, não me importa o quanto eu tenha que  
11 andar.  
12 As outras duas disseram o mesmo. Despediram-se do rei e começaram a jornada.  
13 As quatro foram tão longe, tão longe, que Fina-Orelha ficou com muito medo de não ter  
14 fio o suficiente, pois já haviam caminhado por quase mil léguas. Ela andava sempre atrás  
15 de suas irmãs, astuciosamente passando o fio pelos arbustos.  
16 Quando a rainha pensou que suas filhas não conseguiriam mais encontrar o  
17 caminho de volta, entrou num grande bosque e disse-lhes:  
18 — Dormi, minha ovelhinhas. Farei como a pastora que vela por seu rebanho para  
19 que o lobo não as devore.  
20 Elas se deitaram sobre a relva e adormeceram. Então a rainha as abandonou,  
21 acreditando que jamais voltaria a vê-las. Fininha fechou os olhos, mas não dormiu.  
22 — Se eu fosse uma filha malvada, iria embora agora mesmo e deixaria minhas  
23 irmãs morrerem aqui, pois elas me batem e me arranham a ponto de sangrar — disse ela.  
24 — Porém, apesar de todas as suas malícias, não as abandonarei.  
25 Ela as acordou e lhes contou toda a história. As duas começaram a chorar e lhe  
26 imploraram para que as levasse consigo, prometendo que lhe dariam suas lindas bonecas,  
27 suas pequenas reservas de dinheiro, seus outros brinquedos e seus bombons.  
28 — Sou esperta o suficiente para saber que não fareis nada disso — disse Fininha.  
29 — Mas nem por isso serei uma má irmã.  
30 E, levantando-se, seguiu o seu fio, e as princesas também, de modo que chegaram  
31 em casa quase ao mesmo tempo que a rainha.  
32 Quando pararam junto à porta, elas ouviram o que o rei estava dizendo:  
33 — Meu coração se aperta ao ver que regressastes sozinha.  
34 — Bom — disse a rainha. — Estávamos muito encrencados com nossas filhas.

---

<sup>4</sup> *Fleur d'Amour e Belle-de-Nuit*. Os nomes das duas irmãs de Fininha correspondem a nomes de flores.

<sup>5</sup> *Fine-Oreille*.

1 — Ainda assim — disse o rei. — Se ao menos tivésseis trazido de volta a minha  
2 Fininha, eu me consolaria pelas outras, pois elas não se contentavam com nada.

3 Então elas bateram, toc, toc. O rei disse:

4 — Quem está aí?

5 E elas responderam:

6 — São vossas três filhas, Amarílis, Bela-da-Noite e Fina-Orelha.

7 A rainha começou a tremer:

8 — Não abrais! — exclamou ela. — Devem ser espíritos, pois é impossível que elas  
9 possam ter retornado.

10 O rei, que era tão covarde quanto sua esposa, disse-lhes:

11 — Estais a me enganar, não sois minhas filhas.

12 Mas Fina-Orelha, que era esperta, fez uma proposta:

13 — Meu papai, vou me abaixar, olhai para mim através da portinhola do gato, e se  
14 eu não for a Fininha, consinto em ser açoitada.

15 O rei fez como ela lhe dissera e, assim que a reconheceu, abriu a porta. A rainha  
16 fingiu estar bem alegre por revê-las. Disse-lhes que havia esquecido algo e voltara para  
17 procurar, mas que certamente retornaria para encontrá-las. Elas fingiram acreditar e  
18 foram para o pequenino sótão onde dormiam.

19 — Lembrai-vos, minhas irmãs, que me prometestes uma boneca, entregai-a para  
20 mim — disse Fininha.

21 — Tu certamente não deverás esperar por isso, pequena travessa — disseram elas.  
22 — Tu és a causa pela qual o rei não sentiria nossa falta.

23 Então, pegando seus fusos de fiar, as duas bateram muito nela. Depois de ter sido  
24 espancada, Fininha foi se deitar. Como estava cheia de feridas e inchaços, ela não  
25 conseguiu dormir, e assim pôde ouvir o que a rainha dizia ao rei:

26 — Eu as levarei para outro lugar, ainda mais longe, e estou certa de que elas não  
27 retornarão jamais.

28 Quando Fininha ouviu esse complô, levantou-se bem delicadamente e foi ver sua  
29 madrinha outra vez. Ela entrou no galinheiro, pegou duas galinhas e um grande galo e  
30 torceu-lhes o pescoço; pegou também dois coelhinhos que a rainha alimentava com  
31 repolho para deles se deliciar oportunamente. Ela colocou tudo em uma cesta e partiu.  
32 Morrendo de medo, não havia caminhado mais que uma légua quando o cavalo espanhol  
33 veio à galope, ruflando e relinchando. Antes de reconhecê-lo, ela pensou que se tratava de  
34 uma artimanha da rainha, que teria mandado algum guarda para prendê-la. Quando viu  
35 o lindo cavalo sozinho, Fininha logo montou nele, feliz por ir ao encontro da fada com  
36 tanta facilidade. Chegou rapidamente à presença de sua madrinha.

37 Depois das cerimônias habituais, a princesa apresentou-lhe as galinhas, o galo e os  
38 coelhos, implorando-lhe que a ajudasse com seus bons conselhos, pois a rainha havia

1 jurado que as levaria para o fim do mundo. Merluza disse à sua afilhada para não se  
2 preocupar; em seguida, deu-lhe um saco todo cheio de cinzas:

3 — Levai o saco diante de vós — disse ela. — Devereis chacoalhá-lo aos poucos  
4 para que andeis sobre as cinzas, e quando quiserdes voltar, tereis apenas que olhar para a  
5 marca de vossos passos. Porém, não tragais as vossas irmãs de volta, elas são muito  
6 maliciosas. Se caso as trouxerdes convosco, eu não desejarei ver-vos outra vez.

7 Fininha despediu-se dela, levando, por sua ordem, trinta ou quarenta milhões de  
8 diamantes em uma caixinha que carregou no bolso. O cavalo estava a postos e a levou de  
9 volta como de costume. Ao amanhecer, a rainha chamou as princesas. As três vieram e  
10 ela lhes disse:

11 — O rei não se sente muito bem. O sonho que tive esta noite orientou-me a ir  
12 colher flores e ervas em um certo país onde há plantas muito excelentes; tais remédios o  
13 farão recobrar a saúde. É por isso que estamos indo para lá agora mesmo.

14 Bela-da-Noite e Amarílis, que já não acreditavam que sua mãe ainda desejava  
15 abandoná-las, ficaram aflitas com essa notícia. Deviam, portanto, partir; e elas foram tão  
16 longe quanto jamais haviam ido em alguma viagem. Fininha, que não dizia nada,  
17 mantinha-se atrás das outras, sacudindo suas cinzas perfeitamente, sem que o vento ou a  
18 chuva estragassem nada. Certa noite em que suas três filhas estavam dormindo, a rainha,  
19 convencida de que elas não conseguiriam encontrar o caminho de volta, aproveitou a  
20 ocasião para abandoná-las e voltou para casa.

21 Quando se fez dia, Fininha sabia que sua mãe tinha ido embora, então acordou  
22 suas irmãs e disse-lhes:

23 — Estamos sós, a rainha se foi.

24 Amarílis e Bela-da-Noite começaram a chorar: arrancaram seus cabelos e  
25 golpearam seus próprios rostos com socos. Elas gritaram:

26 — Céus! O que vamos fazer?

27 Fininha era a melhor menina do mundo; novamente teve pena de suas irmãs.

28 — Vede a que risco me exponho — ela lhes disse. — Pois quando minha madrinha  
29 me concedeu os meios para voltar, proibiu-me de ensinar-lhes o caminho, dizendo que  
30 se eu a desobedecesse, ela não me veria novamente.

31 Bela-da-Noite lançou-se ao colo de Fininha, bem como Amarílis; elas a  
32 acariciavam tão ternamente, que não demorou para que todas as três estivessem  
33 novamente diante do rei e da rainha.

34 Suas majestades ficaram bem surpresas ao verem as princesas novamente. Eles  
35 conversaram sobre isso a noite toda, e a caçula, que não se chamava Fina-Orelha por  
36 acaso, ouviu que eles estavam fazendo um novo complô, e que no dia seguinte a rainha  
37 retomaria sua empreitada. Ela correu para acordar suas irmãs.

1 — Ai de mim! — ela lhes disse. — Estamos perdidas, a rainha quer nos levar para  
2 algum lugar desértico e nos deixar lá de uma vez por todas. Vós sois as responsáveis pela  
3 irritação de minha madrinha, não posso me atrever a ir encontrá-la como sempre fazia.

4 Elas ficaram muito ressentidas e disseram uma à outra:

5 — Que faremos nós?

6 Finalmente, Bela-da-Noite disse às outras duas:

7 — Não devemos nos envergonhar, a velha Merluza não tem tanta inteligência  
8 quanto nós três juntas. Temos apenas que nos munir de ervilhas: nós as semearmos ao  
9 longo do caminho e assim retornaremos.

10 Amarílis achou a ideia admirável. Elas se carregaram de ervilhas, encheram os  
11 bolsos. Já Fina-Orelha, em vez de pegar ervilhas, pegou a bolsa com suas belas vestes e a  
12 caixinha de diamantes. Quando a rainha as chamou para sair, estavam todas preparadas.  
13 Ela lhes disse:

14 — No sonho que tive esta noite, estávamos em um país que não é necessário  
15 nomear, em que três belos príncipes vos esperavam a fim de se casarem convosco. Vou  
16 levar-vos para lá para ver se o meu sonho é verdadeiro.

17 A rainha foi adiante e suas filhas depois, semeando as ervilhas sem se  
18 preocuparem, pois estavam certas de que iriam voltar para casa. Dessa vez, a rainha foi  
19 ainda mais longe do que tinha ido das outras vezes. Durante uma noite escura, ela as  
20 abandonou e voltou para encontrar o rei. Chegou muito cansada, mas também muito  
21 alegre por não ter mais uma família tão grande sobre seus ombros.

22 As três princesas dormiram até às onze horas da manhã. Quando acordaram,  
23 Fininha foi a primeira a notar a ausência da rainha; embora estivesse preparada para isso,  
24 não parou de chorar, pois creditava seus retornos bem-sucedidos à sua madrinha, a fada  
25 Merluza, e desconfiava da habilidade de suas irmãs. Cheia de medo, ela lhes disse:

26 — A rainha se foi, devemos segui-la o mais breve possível.

27 — Calai-vos, pequena babuína — respondeu Amarílis. — Encontraremos o  
28 caminho quando bem quisermos, estais querendo assustar-nos de propósito.

29 Fininha não ousou replicar. Mas quando quiseram encontrar a estrada de volta,  
30 não havia mais traços nem trilhas; os pombos, dos quais havia um grande número naquele  
31 país, comeram todas as ervilhas. Elas começaram a chorar aos berros. Depois de terem  
32 ficado dois dias sem comer, Amarílis disse à Bela-da-Noite:

33 — Minha irmã, tu não tens nada para comer?

34 — Não — ela respondeu.

35 Depois perguntou a mesma coisa para Fininha:



1 — Eu também não tenho nada — ela respondeu. — Mas acabei de encontrar uma  
2 bolota<sup>6</sup>.

3 — Ah! Dai-me! — disse uma.

4 — Dai a mim! — disse a outra.

5 Todas a queriam.

6 — Não ficaremos saciadas com uma bolota dividida entre nós três — disse  
7 Fininha. — Vamos plantá-la, então virá uma outra que poderá nos servir.

8 Elas consentiram, embora fosse improvável encontrarem uma árvore nesse país  
9 onde não havia nenhuma. Também não se via ali os repolhos e alfaces que costumavam  
10 comer; se fossem meninas muito delicadas, teriam morrido cem vezes. Elas dormiam  
11 quase sempre sob as belas estrelas. Todas as manhãs e todas as noites elas iam uma a uma  
12 regar a bolota, dizendo-lhe:

13 — Crescei, crescei bolota bonita.

14 E o carvalho começou a crescer visivelmente. Quando já estava um pouco grande,  
15 Amarílis quis subir nele, mas ainda não estava forte o bastante para suportá-la. A pequena  
16 árvore envergou até que a menina caiu. Bela-da-Noite teve a mesma desventura. Fininha,  
17 por sua vez, como era a mais leve, manteve-se lá no alto por um longo tempo. Suas irmãs  
18 lhe perguntaram:

19 — Vês alguma coisa, minha irmã?

20 Ela lhes respondeu:

21 — Não, eu não vejo nada.

22 — Ah! É que o carvalho não é alto o suficiente — disse Amarílis.

23 De modo que elas continuaram a regar a bolota e a dizer-lhe:

24 — Crescei, crescei bolota bonita.

25 Fininha nunca deixava de subir duas vezes por dia; uma manhã em que ela estava  
26 lá, Bela-da-Noite disse a Amarílis:

27 — Eu encontrei uma bolsa que nossa irmã escondeu de nós. O que pode haver  
28 dentro dela?

29 Amarílis respondeu:

30 — Ela me disse que eram umas rendas velhas que ela está a remendar, mas eu acho  
31 que são bombons.

32 Bela-da-Noite os apreciava e queria vê-los. De fato encontrou ali todas as rendas  
33 do rei e da rainha, mas elas serviam apenas para esconder as finas roupas de Fininha e a  
34 caixa de diamantes.

35 — Aí está! Que grande travessa ela é! — exclamou. — Devemos pegar tudo para  
36 nós e colocar pedras no lugar.

---

<sup>6</sup> Fruto do carvalho, a típica noz dos esquilos, marrom, com uma cobertura áspera; glande.

1           Elas fizeram isso prontamente. Fininha voltou sem perceber a artimanha de irmãs,  
2 pois nem cogitava se vestir com aqueles trajes em meio a um deserto, pensava apenas no  
3 carvalho, o qual se tornou o mais belo de todos os carvalhos.

4           Uma vez ela subiu, e suas irmãs, como de costume, perguntaram-lhe se ela não  
5 havia descoberto nada, foi quando Fininha exclamou:

6           — Avisto uma grande casa, tão linda, tão linda que não consigo descrevê-la. As  
7 paredes são de esmeraldas e rubis, o teto de diamantes. Está toda coberta de sinos de ouro,  
8 as birutas vão e vêm com o vento.

9           — Mentos! — disseram elas. — Não deve ser tão bonito quanto dizes.

10          — Crede em mim — respondeu Fininha. — Eu não estou mentindo, vinde aqui e  
11 vede por vós mesmas, meus olhos estão completamente deslumbrados.

12          Amarílis subiu na árvore; quando viu o castelo, não conseguiu nem falar. Bela-da-  
13 Noite, por sua vez, estava muito curiosa e também não deixou de subir; enfim ficou tão  
14 encantada quanto suas irmãs.

15          — Certamente devemos nos dirigir a esse palácio — elas disseram. — Talvez  
16 possamos encontrar os belos príncipes que ficarão muito felizes em se casarem conosco.

17          A noite foi bem longa e as duas não falaram de outra coisa senão de suas intenções,  
18 até que se deitaram na relva. Quando Fininha lhes pareceu muito sonolenta, Amarílis  
19 disse à Bela-da-Noite:

20          — Sabeis o que devemos fazer, minha irmã, vamos nos levantar e nos vestir com  
21 as roupas elegantes que Fininha trouxe.

22          — Tendes razão — disse Bela-da-Noite.

23          Elas se levantaram, pentearam-se, maquiaram-se, depois colocaram presilhas e  
24 trajaram os belos vestidos de ouro e de prata cobertos de diamantes; jamais se viu algo tão  
25 magnífico.

26          Fininha não sabia do roubo que suas irmãs malvadas haviam feito. Pegou sua bolsa  
27 com a intenção de se vestir e ficou muito aflita ao não encontrar nada além de  
28 pedregulhos. Imediatamente percebeu que suas irmãs estavam adornadas como sóis. Ela  
29 chorou e reclamou da traição que haviam cometido; as duas apenas riram e zombaram  
30 dela.

31          — É possível que tereis a coragem de me levar ao castelo sem que eu esteja bem  
32 adornada e bonita? — ela lhes disse.

33          — Não há o suficiente para todas nós — respondeu Amarílis. — A única coisa que  
34 te daremos é uma boa surra se continuares a nos importunar.

35          — Mas as roupas que vestis são minhas — ela prosseguiu. — Minha madrinha  
36 entregou-as para mim, elas não têm nada a ver convosco.

37          — Se falares mais, vamos te aniquilar — elas ameaçaram. — E te enterraremos sem  
38 que ninguém o saiba.

1 A pobre Fininha teve o cuidado de não mais incomodá-las. Seguiu-as  
2 serenamente, andando um pouco atrás, podendo apenas se passar por serva das duas.

3 Quanto mais perto chegavam da casa, mais maravilhosa ela parecia.

4 — Ah! — exclamaram Amarílis e Bela-da-Noite. — Como iremos nos divertir!  
5 Teremos boa comida, cearemos à mesa do rei. Quanto a Fininha, ela lavará as tigelas na  
6 cozinha, pois não passa de uma porcalhona. Se acaso perguntarem quem ela é, estejamos  
7 prontas para dizer que nossa irmã é a pequena vaqueira da cidade.

8 Fininha, que era plena de inteligência e de beleza, desesperou-se por ser tão  
9 maltratada assim. Quando chegaram no castelo, logo foram surpreendidas. Antes mesmo  
10 de baterem à porta, uma velha e espantosa mulher apareceu para abri-la. Ela tinha apenas  
11 um olho no meio da testa, o qual era cinco ou seis vezes maior que um olho normal; tinha  
12 o nariz achatado, pele negra e uma boca tão horrível que causava pavor; tinha quinze pés  
13 de altura e trinta de circunferência.

14 — Ó, miseráveis! O que vos traz aqui? — disse-lhes ela. — Acaso não sabeis que  
15 este é o castelo do ogro e que mal sois o suficiente para servir-lhe de café da manhã? Eu,  
16 porém, sou melhor que meu marido; entrai, eu não vos devorarei imediatamente, tereis o  
17 consolo de poder viver por mais dois ou três dias.

18 Ao ouvirem o que a ogra havia dito, elas fugiram, acreditando que podiam se  
19 salvar, mas apenas um passo da monstra valia por cinquenta passos delas. Ela correu atrás  
20 das três e as agarrou, uma pelos cabelos, as outras pelo pescoço. Colocando-as debaixo do  
21 braço, lançou-as num porão que estava cheio de sapos e serpentes, onde andavam por  
22 cima dos ossos daqueles que já haviam sido comidos.

23 Como a ogra queria mastigar Fininha ali mesmo, saiu em busca de vinagre, óleo e  
24 sal para comê-la com salada; mas ela ouviu que o ogro se aproximava, e, percebendo que  
25 as princesas tinham uma pele branca e delicada, decidiu que iria comê-las sozinha, e  
26 prontamente as escondeu dentro de um grande tonel, de onde elas só podiam ver o lado  
27 de fora através de um buraquinho.

28 O ogro era seis vezes maior que sua esposa. Quando ele falava, a casa tremia, e  
29 quando ele tossia, parecia um estrondo de trovão. Ele tinha apenas um olho nojento, seu  
30 cabelo era todo arrepiado e se apoiava sobre um tronco que fazia de bengala. Em uma das  
31 mãos ele carregava um cesto coberto; de lá tirou quinze criancinhas que havia raptado  
32 pelo caminho, as quais foram engolidas como se fossem quinze ovos frescos. Quando as  
33 três princesas o viram fazê-lo, tremeram dentro do tonel, mas não ousaram chorar muito  
34 alto, para não serem ouvidas. Elas sussurravam uma para a outra:

35 — Ele nos comerá vivas, como poderemos nos salvar?

36 O ogro disse à esposa:

37 — Vê, sinto cheiro de carne fresca, quero que me entregues.

1 — Bom — disse o ogra. — Todos os dias acreditas sentir um cheiro de carne fresca,  
2 mas são apenas as tuas ovelhas a pastarem por aí.  
3 — Ó, dessa vez não me engano — replicou o ogro. — Com certeza sinto cheiro de  
4 carne fresca. Vou procurar em todo canto.  
5 — Procures — disse ela — E nada encontrarás.  
6 — Se eu encontrar e descobrir que foste tu quem escondeu, cortarei a tua cabeça  
7 para fazer uma bola — disse o ogro.  
8 Com medo dessa ameaça, ela lhe disse:  
9 — Não te aborreças, meu pequeno ogrinho, vou te contar a verdade. Tenho três  
10 jovens mocinhas presas comigo, mas seria uma pena comê-las, pois elas sabem fazer de  
11 tudo. Como estou velha, preciso repousar. Tu bem vês que nossa bela casa está muito  
12 encardida, que nosso pão não é mais assado, que a sopa já não te parece tão boa e que eu  
13 já não te pareço tão bonita, visto que me mato de trabalhar. Elas serão minhas servas; eu  
14 te imploro, não as devores agora. Se algum dia sentires vontade, poderás fazê-lo como  
15 bem desejares.  
16 O ogro teve dificuldade em prometer que não as devoraria logo de uma vez. Ele  
17 disse:  
18 — Deixa-me comer, vou pegar apenas duas.  
19 E ela respondeu:  
20 — Não, tu não comerás nenhuma.  
21 — Tudo bem, comerei apenas a menorzinha.  
22 — Não, tu não comerás nenhuma.  
23 Finalmente, depois de muita contestação, ele prometeu que não iria comê-las. E a  
24 ogra pensou consigo mesma:  
25 — Quando ele sair para caçar, eu as devorarei e direi que elas escaparam.  
26 O ogro saiu do porão e disse à esposa que as levasse diante dele. As pobres meninas  
27 estavam quase mortas de medo, mas a ogra as tranquilizou. Quando ele as viu, perguntou-  
28 lhes o que sabiam fazer. Elas responderam que sabiam varrer, fiar e costurar  
29 maravilhosamente, que faziam guisados tão deliciosos que comiam até os pratos, e que  
30 seus pães, bolos e tortas eram tão famosos que vinha gente de muito longe só para degustá-  
31 los. O ogro estava gostando, e disse:  
32 — Certo, certo, coloquemos essas boas operárias rapidamente ao trabalho. Porém,  
33 quando ateares fogo ao forno, como poderás saber se ele está suficientemente quente? —  
34 disse ele à Fininha.  
35 — Monsenhor — replicou ela. — Primeiro jogo um pouco de manteiga e depois  
36 provo com a língua.  
37 — Está bem — ele disse. — Acende o forno.

1           Aquele forno era tão grande quanto um estábulo, isso porque o ogro e a ogra  
2 comiam mais pão que dois exércitos inteiros. Então a princesa ateou um fogo assustador,  
3 que queimava como em uma fornalha, e o ogro, que estava presente, esperando pelo pão,  
4 comeu cem cordeiros e cem leitõezinhos. Amarílis e Bela-da-Noite batiam a massa. O  
5 mestre ogro disse:

6           — Bem, o forno já está quente?

7           Fininha respondeu:

8           — Monsenhor, vós ireis ver.

9           Diante dele, ela jogou mil libras de manteiga no fundo do forno e depois disse:

10          — Eu deveria provar com a língua, mas sou muito pequena.

11          — Eu sou grande — disse o ogro.

12          E, inclinando-se, foi tão fundo no forno que não conseguiu mais se retirar, de  
13 modo que torrou até os ossos. Quando a ogra foi ao forno, ficou completamente  
14 estupefata ao encontrar uma montanha de cinzas dos ossos de seu marido.

15          Amarílis e Bela-da-Noite, que a viram muito aflita, consolaram-na da melhor  
16 forma que puderam. Mas elas temiam que seu luto passasse depressa e que, voltando o  
17 seu apetite, ela as colocasse numa salada como havia pensado em fazer. Disseram-lhe:

18          — Tende coragem, madame, encontrareis algum rei ou marquês qualquer que  
19 ficará feliz em se casar convosco.

20          Ela sorriu um pouco, mostrando dentes mais longos que um dedo. Quando a viu  
21 de bom humor, Fininha disse:

22          — Se vos despires dessas horríveis peles de urso que estais vestindo, poderíeis  
23 entrar na moda. Nós vos pentearmos perfeitamente, ficaríeis bela como um astro.

24          — Vem, já que tu entendes — disse ela. — Mas estejas certa de que, se houver  
25 qualquer dama bonita que eu, vou te cortar como uma torta de carne.

26          Em seguida, as três princesas tiraram seu gorro e começaram a pentear e enrolar  
27 seus cabelos. Enquanto ela se divertia às gargalhadas, Fininha pegou um machado e deu-  
28 lhe um golpe tão forte por trás que separou a cabeça do corpo.

29          Ela nunca esteve tão alegre. As três subiram no telhado da casa para se divertir  
30 tocando os sinos de ouro e foram em todos os cômodos, que eram de pérolas e diamantes.  
31 A mobília era tão requintada que quase morreram de prazer; elas riam e cantavam, nada  
32 lhes faltava: havia trigo, compotas, frutas e bonecas em abundância. Amarílis e Bela-da-  
33 Noite foram se deitar em camas de brocado e veludo, dizendo:

34          — Eis que somos mais ricas do que nosso pai já foi quando ele tinha seu reino,  
35 agora só nos resta nos casarmos; mas ninguém virá aqui, certamente esta casa é conhecida  
36 como um abatedouro e por enquanto ninguém sabe da morte do ogro e da ogra. Temos  
37 que ir à cidade mais próxima para nos exibirmos em nossas lindas roupas. Não vai

1 demorar até encontrarmos bons financiadores<sup>7</sup> que ficarão muito contentes em desposar  
2 duas princesas.

3 Depois de se vestirem, disseram à Fininha que iriam dar um passeio, que ela  
4 deveria ficar em casa limpando e lavando, e que quando retornassem tudo deveria estar  
5 arrumado e limpo. Disseram também que se ela não o fizesse, as duas a espancariam. A  
6 pobre Fininha, com o coração repleto de dor, ficou sozinha em casa, varrendo, limpando  
7 e lavando sem descansar, sempre chorando.

8 — Como me sinto infeliz por ter desobedecido minha madrinha — dizia ela. —  
9 Agora toda sorte de desgraça me sobreveio; minhas irmãs roubaram minhas roupas  
10 elegantes, elas só serviram para adorná-las. Sem mim, o ogro e sua esposa ainda estariam  
11 bem. Que ganho eu por tê-los matado? Será que não teria sido melhor se eles tivessem me  
12 comido ao invés de ter que viver como eu vivo?

13 Ao dizer isso, chorou a ponto de soluçar, depois suas irmãs chegaram carregadas  
14 de laranjas de Portugal<sup>8</sup>, confeitos e açúcar. Disseram-lhe:

15 — Ah! Viemos de um lindo baile! Havia um mundo de pessoas! O filho do rei  
16 estava dançando lá. Fomos cortejadas com mil honrarias! Vamos, vem, tira os nossos  
17 sapatos e ajuda-nos a nos descompor, pois essa é tua ocupação.

18 Fininha obedeceu; e se proferisse alguma queixa, as duas se atirariam contra ela e  
19 a espancariam até deixá-la à beira da morte.

20 No dia seguinte, retornaram ao baile e voltaram contando maravilhas. Uma noite  
21 em que Fininha estava sentada perto do fogo sobre um monte de cinzas, sem saber o que  
22 fazer, olhou para as rachaduras da lareira. Ao observar de perto, encontrou uma  
23 pequenina chave, tão velha e tão enferrujada que teve grande dificuldade para limpá-la.  
24 Quando ela ficou bem areada, percebeu era de ouro, e pensou que uma pequena chave de  
25 ouro deveria servir para abrir um pequeno e lindo baú. Imediatamente ela começou a  
26 correr por toda casa, enfiando a chave nas fechaduras, até que finalmente encontrou uma  
27 caixinha que era uma obra-prima. Ela a abriu: havia ali roupas, diamantes, rendas, linha  
28 e fitas de imensa variedade. Ela não disse nada sobre sua boa sorte, apenas esperou  
29 impacientemente que suas irmãs partissem no dia seguinte. Assim que elas saíram de seu  
30 campo de visão, correu e se ataviou de tal modo que ficou mais bela que o sol e que a lua.

31 Assim, ajustada, ela foi ao mesmo baile onde suas irmãs dançavam, e embora não  
32 estivesse usando máscara alguma, estava tão transformada que elas não a reconheceram.  
33 Assim que surgiu na celebração, elevou-se um murmúrio de vozes, umas de admiração e

---

<sup>7</sup> A palavra *financiers* pode ter sido usada em tom jocoso por se assemelhar foneticamente com *fiancés* (noivos).

<sup>8</sup> À época, as laranjas de Portugal eram consideradas as melhores do mundo. Acredita-se que os portugueses trouxeram a laranja da Ásia e introduziram-na na Europa no século XVI. “Portugal” é o nome de um tipo de laranja em muitas línguas.

1 outras de ciúmes. Levaram-na para dançar e ela superou todas as outras damas na dança,  
2 tanto quanto as superava em beleza. A anfitriã da festa foi até ela e, prestando-lhe uma  
3 profunda reverência, implorou-lhe que lhe dissesse como se chamava, a fim de jamais  
4 esquecer o nome de uma figura tão maravilhosa. Ela respondeu educadamente que a  
5 chamavam de Borralha<sup>9</sup>. Não havia amante algum que não seria infiel à sua amada por  
6 causa de Borralha, nem poeta algum que não fizesse rimas com Borralha; jamais um nome  
7 tão pequeno fez tanto estardalhaço em tão pouco tempo; os ecos não repetiam mais nada  
8 que não fossem os elogios feitos à Borralha; não existiam olhos o suficiente para admirá-  
9 la, nem bocas o bastante para louvá-la.

10 Amarílis e Bela-da-Noite, que a princípio haviam causado um grande frisson nos  
11 lugares em que apareceram, vendo o acolhimento dispensado a essa recém-chegada,  
12 explodiram de despeito. Fininha, porém, se desvencilhava de tudo isso com a maior  
13 graciosidade do mundo; parecia, pelo seu ar portentoso, que ela havia sido feita para  
14 reinar. Amarílis e Bela-da-Noite, que não viam a irmã senão com o rosto encoberto pela  
15 fuligem da chaminé e mais encardida que um cachorrinho abandonado, há muito haviam  
16 perdido a ideia de sua beleza, tanto que não a reconheciam de maneira alguma; ambas  
17 faziam corte à Borralha como todas as outras. Quando percebeu que o baile estava prestes  
18 a terminar, saiu rapidamente, voltou para casa, despiu-se diligentemente e tornou a vestir-  
19 se de trapos. Quando suas irmãs chegaram, disseram:

20 — Ah, Fininha, acabamos de ver uma jovem princesa que é muito charmosa. Não  
21 é uma feiosa como tu; ela é branca como a neve, mais delicada que as rosas; os dentes dela  
22 são pérolas, seus lábios são de coral; ela tem um vestido que pesa mais de mil libras, pois  
23 é todo de ouro e diamantes. Como ela é linda! Como é amável!

24 Fininha respondeu entre dentes:

25 — Assim estava eu, assim estava eu...

26 — O que é que tu resmungas? — elas diziam.

27 E Fininha respondeu ainda mais baixo:

28 — Assim estava eu.

29 Esse joguinho durou muito tempo. Não houve um dia sequer em que Fininha não  
30 usasse uma roupa diferente, pois a caixinha era de fada; quando uma peça era retirada de  
31 lá, outra aparecia, e todas de acordo com a moda, tanto que as damas só se vestiam de  
32 acordo com seus modelos.

33 Certa noite, Fininha dançou mais que o habitual e acabou se retirando muito  
34 tarde. Querendo reaver o tempo perdido e chegar em casa um pouco antes de suas irmãs,  
35 correu com todas as suas forças e acabou deixando cair uma de suas sapatilhas, que era de  
36 veludo vermelho, toda bordada com pérolas. Ela fez o possível para reencontrá-la no

---

<sup>9</sup> *Cendron*: relativo às cinzas; borralho. A “borralheira” de Perrault é a *Cendrillon*.

1 caminho, mas a noite estava tão escura que seria um esforço inútil, então voltou para casa  
2 com um pé calçado e o outro nu.

3 No dia seguinte, o príncipe Querido, filho mais velho do rei, saindo para caçar,  
4 encontrou a sapatilha de Fininha. Ele a pegou, olhou para ela, admirou sua pequenez e  
5 delicadeza, virou-a, beijou-a, acarinhou-a e a levou embora consigo. Daquele dia em  
6 diante, ele não conseguiu se alimentar; emagreceu e se transformou, ficou amarelo como  
7 um marmelo, triste, abatido. O rei e a rainha, que o amavam perdidamente, enviaram  
8 gente de toda parte para entretê-lo com brincadeiras e confeitos, mas para ele isso não  
9 significava nada; olhava com desdém para tudo aquilo e não respondia à rainha quando  
10 ela falava. Mandaram buscar médicos de todos os lugares, de Paris a Montpellier. Quando  
11 eles chegaram, fizeram com que examinassem o príncipe e, depois de observá-lo por três  
12 dias e três noites sem perdê-lo de vista, concluíram que ele estava apaixonado e que  
13 morreria se não lhe trouxessem a cura.

14 A rainha, que o amava loucamente, chorava torrentes d'água por ser incapaz de  
15 descobrir quem era a mulher que ele amava, a fim de fazê-la casar-se com ele. Ela enviou  
16 as mais belas donzelas para os seus aposentos, mas ele nem se deu ao trabalho de olhar  
17 para elas. Por fim, ela lhe disse uma vez:

18 — Meu querido filho, queres sufocar-nos de dor, estás apaixonado e escondes teus  
19 sentimentos de nós. Diz-nos a quem estimas e nós a traremos a ti, nem que seja uma  
20 simples pastora.

21 O príncipe, instigado pelas promessas da rainha, puxou a sapatilha de baixo de sua  
22 cama e, mostrando-lhe, disse:

23 — Aqui, madame, eis a causa de minha dor. Encontrei esta pequenina, delicada e  
24 linda sapatilha quando estava saindo para uma caçada. Jamais me casarei senão com a  
25 mulher que possa calçá-la.

26 — Está bem, meu filho — disse a rainha. — Não te aflijas mais, mandaremos  
27 procurá-la.

28 Ela foi contar ao rei aquela notícia; ele ficou muito surpreso, e imediatamente  
29 ordenou que rufassem os tambores e estrugissem as trombetas, anunciando que todas as  
30 meninas e as mulheres deveriam vir ao castelo para experimentar a sapatilha, e que aquela  
31 que a calçasse casar-se-ia com o príncipe. Quando se deram conta do que estava em  
32 questão, todas começaram a limpar os pés com todos os tipos de águas, cremes e pomadas.  
33 Houve algumas damas que fizeram até esfoliação para ter a pele mais bonita; outras  
34 jejuaram e até os cortaram para diminuí-los. Apareceu uma multidão para experimentar  
35 a sapatilha. Quanto mais inutilmente tentavam, pois ninguém conseguia calçá-la, mais o  
36 príncipe se entristecia.

37 Amarílis e Bela-da-Noite estavam tão decididas a calçá-la que chegava a dar medo.

38 — Para onde ides? — Fininha perguntou.



1 — Iremos para a capital, onde o rei e a rainha estão a provar a sapatilha que o filho  
2 deles encontrou — responderam elas. — Caso ela seja apropriada para uma de nós duas,  
3 ele se casará com a escolhida e seremos rainhas.

4 — E eu? — disse Fininha. — Não devo ir também?

5 — Realmente és uma bela gansinha — elas disseram. — Vai, vai regar os nossos  
6 repolhos, tu não serves para nada.

7 Imediatamente, Fininha decidiu que iria vestir suas melhores roupas e que iria se  
8 aventurar como as outras, pois suspeitava que se daria muito bem. Lamentavelmente, ela  
9 não conhecia o caminho, pois o baile em que fora dançar não ficava na capital. Ela se  
10 trajou magnificamente; seu vestido era de cetim azul, todo coberto de estrelas e de  
11 diamantes; tinha um sol na cabeça e uma lua cheia nas costas; tudo aquilo brilhava tão  
12 intensamente que não se podia olhar para ela sem piscar os olhos. Quando abriu a porta  
13 para sair, ficou muito surpresa ao encontrar o lindo cavalo espanhol que a levava à sua  
14 madrinha. Ela o acariciou e disse:

15 — Sois muito bem vindo, meu pequeno cavaleiro. Sou muito grata à minha  
16 madrinha Merluza.

17 Ele se inclinou e a princesa montou sobre ele como uma ninfa. Ele estava todo  
18 coberto de sinetas de ouro e de fitas; sua capa e sua sela eram de imensurável valor.  
19 Fininha estava trinta vezes mais bela que a bela Helena.

20 O cavalo espanhol partiu ligeiramente, seus sinos faziam “din, din, din”. Amarílis  
21 e Bela-da-Noite, ouvindo-os, viraram-se e viram-na se aproximar. Naquele momento,  
22 porém, qual não foi a sua surpresa? Elas a reconheceram como Fininha Borralha. As duas  
23 estavam muito sujas, suas belas roupas estavam cobertas de barro:

24 — Minha irmã! — gritou Amarílis; depois, dirigindo-se à Bela-da-Noite, afirmou:  
25 — Eu vos garanto que aquela é a Fininha Borralha!

26 A outra também gritou para a irmã, e quando Fininha passou ao lado delas, seu  
27 cavalo as derrubou no lamaçal e lhes fez um monte de fezes; ela desatou a rir e disse-lhes:

28 — Altezas, a Borralha<sup>10</sup> vos despreza o tanto quanto mereceis.

29 Então, avançando como uma seta, os dois desapareceram. Bela-da-Noite e  
30 Amarílis se entreolharam.

31 — Nós estamos sonhando? — disseram elas. — Quem pode ter fornecido roupas  
32 e um cavalo para Fininha? Que maravilha! A bonança a sobreveio em boa hora, ela vai  
33 calçar a sapatilha e nos restará a dor de uma viagem inútil.

34 Enquanto elas se desesperavam, Fininha chegou ao palácio. Assim que a viram,  
35 todos pensaram que era uma rainha, os guardas portaram suas armas, rufaram o tambor,

---

<sup>10</sup> *Cendrillon*.

1 estrugiram a trombeta e abriram todas as portas; aqueles que a tinham visto no baile,  
2 foram diante dela, dizendo:

3 — Deem passagem, deem passagem, esta é a bela Borralha, a maravilha do  
4 universo.

5 Ela entrou com todo seu aparato na câmara do príncipe moribundo, que lançou  
6 os olhos sobre ela e ficou encantado, desejando que ela tivesse um pé pequeno o suficiente  
7 para caber na sapatilha. Ela calçou de uma vez só e mostrou o outro par que trouxera  
8 consigo. No mesmo instante todos gritaram:

9 — Viva a princesa Querida! Viva a princesa que será nossa rainha!

10 O príncipe levantou-se de seu leito e foi beijar as suas mãos. Ela o achou bonito e  
11 muito inteligente. Ele lhe fez mil saudações. O rei e a rainha foram informados do  
12 acontecido e vieram correndo; a rainha envolveu Fininha em seus braços, chamou-a de  
13 sua filha, sua queridinha e sua pequena rainha, deu-lhe presentes admiráveis, aos quais o  
14 generoso rei acrescentou muitos outros, ainda mais caros. Fez-se uma salva de armas; os  
15 violinos, os oboés e tudo o mais foi tocado, só se falava em dança e regozijo.

16 O rei, a rainha e o príncipe imploraram à Borralha que aceitasse se casar.

17 — Não — disse ela. — Antes é necessário que eu vos conte a minha história.

18 E ela o fez em poucas palavras. Quando eles souberam que Fininha havia nascido  
19 princesa, foi uma outra grande alegria, por pouco não morreram de felicidade. Porém,  
20 quando ela lhes disse o nome do rei, seu pai, e da rainha, sua mãe, os dois descobriram e  
21 revelaram que foram justamente eles que haviam conquistado o reino de seus pais. Sendo  
22 assim, ela jurou que não consentiria com aquele casamento a menos que restaurassem o  
23 status de seu pai. Eles lhe prometeram que o fariam, pois tinham mais de cem reinos e um  
24 a menos não faria diferença.

25 Enquanto isso, Bela-da-Noite e Amarílis finalmente chegaram. A primeira notícia  
26 foi a de que Borralha havia calçado a sapatilha, e elas ficaram sem saber o que fazer nem  
27 o que dizer, queriam voltar sem precisar vê-la. Mas quando Fininha soube que elas  
28 estavam lá, fez com que se apresentassem, e, ao invés de revelar suas más inclinações e de  
29 puni-las como mereciam, ela se levantou e se colocou diante delas para beijá-las  
30 carinhosamente, depois apresentou-as à rainha, dizendo:

31 — Madame, estas são minhas irmãs, que são muito amáveis. Eu vos peço que  
32 também as ameis.

33 Elas ficaram tão atordoadas com a bondade de Fininha que não conseguiram  
34 pronunciar uma palavra sequer. A caçula lhes prometeu que retornariam ao seu reino,  
35 pois o príncipe o devolveria para sua família. Com essas palavras, elas se jogaram de  
36 joelhos diante dela, chorando de alegria.

37 O casamento foi o mais bonito que já se viu. Fininha escreveu para sua madrinha  
38 e colocou sua carta em meio a grandiosos presentes nas costas do belo cavalo espanhol.

1 Na correspondência, a princesa pedia a ela que procurasse o rei e a rainha para contar-  
2 lhes a respeito de sua bonança e que já podiam voltar para o seu reino.

3 A fada Merluza realizou essa missão com sucesso. O pai e a mãe de Fininha  
4 recobriram suas posições e suas irmãs foram rainhas assim como ela.

5

6 *Ao livrar aquelas ingratas de uma nobre vingança,*

7 *A jovem Fininha fez uso da temperança;*

8

9 *Jamais deixou de agir bondosamente:*

10 *E as dádivas que recebeu por merecimento*

11 *Serviram para vingá-la sutilmente,*

12 *E do seu pobre coração reparar o sofrimento.*

13

14 *Bela-da-Noite e Amarílis queriam se safar*

15 *Mas foram cruelmente punidas*

16 *Pois Fininha concedeu-lhes graças infinitas,*

17 *Até quando a ogra as queria devorar.*

18

19 *Tende sempre essa máxima na lembrança,*

20 *E reflita sobre vossas tribulações,*

21 *Que somente os mais nobres corações*

22 *Realizam tão generosas vinganças.*

## FORTUNATA

1 Era uma vez um pobre lavrador que, vendo-se à beira da morte, não queria que a  
2 partilha de sua herança se tornasse motivo para disputas entre seu filho e sua filha, aos  
3 quais ele amava ternamente.

4 — Por dote, vossa mãe me trouxe dois banquinhos e um colchão de palha — disse-  
5 lhes ele. — Aqui estão, junto de minha galinha, um vaso de cravos e uma aliança de prata  
6 que me foi dada por uma distinta dama que passou o dia em minha pobre choupana. Ela  
7 disse-me assim: “Meu bom homem, eis uma dádiva que vos concedo; permaneci atento  
8 para regar os cravos adequadamente e para polir bem o anel. De resto, vossa filha será de  
9 uma beleza incomparável, nomeai-a Fortunata<sup>1</sup>, dai-lhe o anel e os cravos para consolá-  
10 la de sua pobreza”. Sendo assim, minha Fortunata — acrescentou o bom homem. — Tu  
11 terás um e outro, o resto será para o teu irmão.

12 Os filhos do lavrador pareceram contentes. Ele morreu. Os dois choraram e a  
13 partilha foi feita sem julgamento. Fortunata acreditava que seu irmão a amava, porém,  
14 quando quis pegar um dos bancos para se sentar, ele bradou:

15 — Fica com teus cravos e teu anel — disse-lhe com rudeza. — E não toques em  
16 meus banquinhos, gosto de ordem na minha casa.

17 Fortunata, que era muito doce, chorou em silêncio. Ela continuou em pé enquanto  
18 Bedú<sup>2</sup> (esse era o nome de seu irmão) permaneceu mais bem acomodado que um doutor.  
19 A hora do jantar chegou, Bedú comeu um excelente ovo fresco de sua única galinha e  
20 jogou a casca para sua irmã.

21 — Toma — disse ele. — Não tenho mais nada para te dar. Se não te acostumares  
22 com isso, vai caçar rãs, há algumas no pântano mais próximo.

23 Fortunata não respondeu. O que ela poderia ter respondido? Elevou os olhos ao  
24 céu, chorou novamente e depois entrou em seu quarto.

25 Ela o encontrou todo perfumado. Sem ter dúvidas de que se tratava da fragrância  
26 de seus cravos, aproximou-se deles com tristeza e disse-lhes:

27 — Belos cravos, tão sortidos que me dão um grande prazer só de ver, vós que  
28 fortificais meu aflito coração com esse doce perfume que espalhais, não tendes medo de  
29 que eu vos deixe faltar água ou de que eu vos arranque de vosso caule com uma mão cruel.  
30 Eu cuidarei de vós, já que sois meu único bem.

31 Ao dizer essas palavras, verificou se eles haviam sido bem regados, mas estavam  
32 muito secos. Ela pegou seu cântaro e correu sob a luz do luar para a fonte, que era bem  
33 longe dali. Como havia andado depressa, chegando lá, sentou-se na beirada para

---

<sup>1</sup> *Fortunée.*

<sup>2</sup> *Bedou.*

1 descansar. Mal havia repousado quando viu se aproximar uma senhora cujo ar majestoso  
2 correspondia bem à numerosa comitiva que a acompanhava: seis damas de honra  
3 carregavam a cauda de seu manto; ela se apoiava sobre duas outras; seus guardas  
4 marchavam diante dela, ricamente vestidos de veludo carmesim bordado de pérolas,  
5 transportavam um trono estofado com tecido de ouro, no qual ela estava assentada, e um  
6 dossel de campo, que logo foi armado. Prontamente organizaram um buffet, repleto de  
7 pratos de ouro e taças de cristal. Serviram-lhe uma excelente ceia na beira da fonte, cujo  
8 doce murmúrio parecia acompanhar as várias vozes que cantavam estas palavras:

9  
10 *Nossos bosques se agitam com os zéfiros gentis,*  
11 *Flora brilha sobre essas margens;*  
12 *E sob as escuras folhagens*  
13 *Os pássaros encantados cantam seus desejos sutis.*

14  
15 *Empenhai-vos para escutá-los;*  
16 *E se vosso coração quiser amar,*  
17 *Há doces objetos que vos podem encantar:*  
18 *Teremos orgulho em entregá-los.*

19  
20 Fortunata ficou escondida em um cantinho, sem ousar se mexer, de tanto que  
21 ficou surpresa com todas as coisas que estavam acontecendo. Passado um momento,  
22 aquela grande rainha disse a um de seus escudeiros:

23 — Parece-me que vejo uma pastora entre os arbustos, fazei com que se aproxime.

24 Imediatamente Fortunata surgiu e, mesmo estando naturalmente tímida, não  
25 deixou de prestar uma profunda reverência à rainha, com tanta graça que aqueles que a  
26 viram ficaram maravilhados. Ela pegou a cauda do vestido e a beijou, depois posicionou-  
27 se diante dela, abaixando os olhos modestamente; suas bochechas enrubesceram,  
28 revelando a brancura de sua pele. Era fácil notar em suas maneiras aquele ar encantador  
29 de simplicidade e doçura típico da juventude.

30 — Que fazeis vós aqui, bela menina — disse-lhe a rainha. — Não tendes medo de  
31 salteadores?

32 — Oras, madame — disse Fortunata. — Tenho apenas uma túnica de linho, o que  
33 eles tirariam de uma pobre pastora como eu?

34 — Não sois rica? — replicou a rainha, sorrindo.

35 — Eu sou tão pobre que só herdei de meu pai um vaso de cravos e um anel de  
36 prata — respondeu Fortunata.

1 — Mas tendes um coração — acrescentou a rainha. — Se pudessem tirá-lo de vós,  
2 concordaríeis em entregá-lo?

3 — Eu não entendo o que significa entregar meu coração, madame — ela  
4 respondeu. — Sempre ouvi dizer que sem o coração não se pode viver, que se ele for  
5 ferido, pode levar-nos à morte. Apesar da minha pobreza, sinto-me feliz em viver.

6 — Estareis sempre certa, minha linda menina, em defender o vosso coração —  
7 continuou a rainha. — Mas, dizei-me, tivestes um bom jantar?

8 — Não, madame — disse Fortunata. — Meu irmão comeu tudo.

9 A rainha ordenou que trouxessem pratos e talheres; depois de colocá-la à mesa,  
10 serviu-lhe o que tinha de melhor. A jovem pastora ficou tão cheia de admiração e tão  
11 encantada com a bondade da rainha que mal conseguiu comer.

12 — Eu gostaria de saber o que fazeis tão tarde aqui na fonte — disse a rainha.

13 — Madame — disse ela. — Eis aqui o meu cântaro, eu vim buscar água para regar  
14 meus cravos.

15 Ao dizer isso, ela se abaixou para pegar o cântaro que estava ao seu lado. Porém,  
16 no momento em que o mostrou à rainha, ficou surpresa ao perceber que agora ele era  
17 feito de ouro, todo coberto de grandes diamantes, repleto de uma água que cheirava  
18 admiravelmente bem. Ela não se atreveu a pegá-lo, temendo que não fosse dela.

19 — Eu o dedico a vós, Fortunata — disse a rainha. — Ide regar as flores que tanto  
20 estimais, e lembrai-vos de que a rainha do Bosque deseja ser vossa amiga.

21 Ao dizer essas palavras, a pastora se atirou aos seus pés.

22 — Depois de terdes me agraciado tão humildemente, madame, e pelas honras que  
23 me fizestes, posso tomar a liberdade de vos pedir para esperar aqui um momento? — disse  
24 Fortunata. — Trarei a vós metade de meus bens, isto é, o meu vaso de cravos, que jamais  
25 poderá estar em mãos melhores que as vossas.

26 — Ide, Fortunata — disse a rainha, tocando suavemente suas bochechas. — Eu  
27 consinto em permanecer aqui até regressardes.

28 Fortunata pegou seu cântaro de ouro e correu para seu pequeno quarto. Porém,  
29 enquanto esteve ausente, seu irmão Bedú entrou em seus aposentos, pegou o vaso de  
30 cravos e colocou um grande repolho no lugar. Quando Fortunata olhou para aquele  
31 maldito repolho, foi tomada pela pior das aflições, ficando em dúvida se deveria ou não  
32 retornar à fonte. Por fim, determinou-se a voltar; lançando-se de joelhos diante da rainha,  
33 disse:

34 — Madame, Bedú roubou meu vaso de cravos, não me resta nada além do meu  
35 anel. Suplico-vos que o recebais como uma prova da minha gratidão.

36 — Se eu ficar com o vosso anel, bela pastora — disse a rainha. — Estareis  
37 arruinada?

1 — Ah, madame — disse ela com um ar muito inteligente — Com o presente que  
2 me destes de bom grado, não hei de me arruinar.

3 A rainha pegou o anel de Fortunata e colocou-o no dedo. Imediatamente montou  
4 em uma carruagem de coral, guarnecida de esmeraldas e puxada por seis cavalos brancos,  
5 mais belos que a atrelagem do sol<sup>3</sup>. Fortunata a seguiu com os olhos o máximo que pôde;  
6 por fim, as emaranhadas estradas da floresta fizeram-na perder a rainha de vista. Muito  
7 animada com essa aventura, voltou para Bedú.

8 A primeira coisa que fez quando entrou em seu quarto foi jogar o repolho pela  
9 janela. Foi quando ouviu uma voz que a deixou atônita:

10 — Ah! Estou morto!

11 Ela não entendeu de onde vinha aquela queixa, pois geralmente os repolhos não  
12 falavam. Assim que raiou o dia, Fortunata, preocupada com seu vaso de cravos, desceu  
13 para procurá-lo, e a primeira coisa que encontrou foi o maldito repolho. Deu-lhe um  
14 pontapé e disse:

15 — Que fazes tu aqui, tu que te intrometestes no meu quarto no lugar dos meus  
16 cravos?

17 — Se não me tivessem levado, eu não teria cogitado ir até lá por minha própria  
18 cabeça — respondeu o repolho.

19 Ela estremeceu, tomada por um grande pavor. O repolho continuou:

20 — Se me colocásseis de volta com meus camaradas, eu vos diria em duas palavras  
21 que vossos cravos estão debaixo do colchão de palha de Bedú.

22 Fortunata, em desespero, não sabia como pegá-los de volta. Ela teve a bondade de  
23 plantar o repolho e, em seguida, pegou a galinha favorita de seu irmão, dizendo-lhe:

24 — Besta malvada, eu vou te fazer pagar por todas as mágoas que Bedú me dá.

25 — Ah, pastora! — disse a galinha. — Deixai-me viver, e como vivo a cacarejar, hei  
26 de contar coisas surpreendentes.

27 Assim, tomando a palavra, a galinha começou a narrar<sup>4</sup>:

28 *Não sois filha do lavrador por quem fostes criada; não, bela Fortunata, ele não é*  
29 *vosso pai. A rainha que vos deu à luz já tinha seis filhas, e como se ela pudesse escolher*  
30 *engravidar de um menino, seu marido e seu sogro disseram que iriam matá-la com um*  
31 *punhal se ela não lhes desse um herdeiro. A pobre e aflita rainha engravidou; trancafiaram-*  
32 *na em um castelo, sob a vigilância de guardas, ou, para melhor dizer, de carrascos, os quais*  
33 *tinham ordem para matá-la se ela tivesse mais uma menina.*

---

<sup>3</sup> Ao deus Hélios, o sol, costuma ser atribuída uma carruagem puxada por cavalos de fogo com a qual ele circunda a Terra levando o amanhecer.

<sup>4</sup> Os períodos que introduzem e encerram a fala da galinha não constam no original. Optou-se por essa inclusão para deixar evidente ao leitor que o longo trecho destacado em itálico é narrado pela personagem.

1           *Essa mulher, alarmada pelo infortúnio que a ameaçava, não conseguia mais comer*  
2 *e nem dormir. Ela tinha uma irmã que era fada, a quem escreveu sobre seus medos*  
3 *legítimos. A fada estava grávida e já sabia que teria um filho. Quando ela deu à luz, equipou*  
4 *os zéfiros com uma cesta, na qual acomodou seu filho adequadamente, ordenando-lhes que*  
5 *levassem o pequeno príncipe para o quarto da rainha, a fim de trocá-lo pela menina que*  
6 *nasceria. Essa providência, no entanto, não serviu de nada, pois a rainha não recebera*  
7 *nenhuma notícia de sua irmã, a fada. O que fez foi tirar proveito da boa vontade de um de*  
8 *seus guardas, que teve misericórdia dela e a salvou com uma escada de cordas. Assim que*  
9 *viestes ao mundo, a aflita rainha, tentando se esconder, chegou a este casebre, quase morta*  
10 *de cansaço e de dor. Como eu era muito prestativa e uma boa babá, ela me encarregou de*  
11 *vosso cuidado. A rainha ainda relatou-me suas desventuras, até que ficou tão exaurida que*  
12 *morreu sem que houvesse tempo para nos instruir a respeito do que faríamos convosco.*

13           *Como sempre amei tagarelar a minha vida toda, não posso deixar de contar esta*  
14 *aventura: aconteceu que um dia chegou aqui uma bela dama, a quem contei tudo o que*  
15 *sabia. Imediatamente ela me tocou com uma varinha e eu me tornei uma galinha, incapaz*  
16 *de continuar falando. Minha dor foi extrema, e meu marido, que estava ausente no*  
17 *momento da metamorfose, jamais soube de nada. Quando voltou, ele me procurou por*  
18 *todos os lugares; por fim, chegou à conclusão de que eu havia me afogado ou que os animais*  
19 *da floresta tinham me devorado. Aquela mesma senhora que me fizera tanto mal esteve*  
20 *uma segunda vez aqui. Ela ordenou ao meu marido que vos desse o nome de Fortunata e*  
21 *presenteou-lhe com uma aliança de prata e um vaso de cravos. Enquanto ela ainda estava*  
22 *aqui, chegaram vinte e cinco guardas do rei, vosso pai, que vos procuravam com más*  
23 *intenções. Ela lhes disse algumas palavras e fez com que se transformassem em repolhos*  
24 *verdes, um dos quais é aquele que jogastes ontem à noite pela vossa janela. Eu não os tinha*  
25 *ouvido falar até agora; eu mesma também não podia falar, não sei como conseguimos*  
26 *recuperar nossas vozes.*

27           A princesa ficou muito surpresa com as maravilhas que a galinha havia acabado  
28 de contar. Dessa vez cheia de bondade, ela lhe disse:

29           — Sinto um imenso pesar por terdes sido transformada em uma galinha, minha  
30 pobre babá. Eu gostaria muito de vos fazer recobrar vossa forma original, se assim eu  
31 pudesse; mas não vos desesperéis, todas essas coisas não podem permanecer do jeito que  
32 estão. Eu vou procurar os meus cravos, pois os amo de uma forma singular.

33           Bedú estava fora, no bosque, sem poder imaginar que Fortunata fosse averiguar  
34 seu colchão. Ela se alegrou com a ausência do irmão, gabando-se da ideia de não haver  
35 nenhum empecilho, até que repentinamente deparou-se com uma grande quantidade de  
36 ratos prodigiosos, armados para a guerra: eles se agrupavam em batalhões diante do



1 famoso colchão de palha, ao lado dos banquinhos. Vários camundongos enormes  
2 formavam a tropa de reserva e estavam decididos a lutar como as Amazonas.

3 Fortunata ficou perplexa. Ela não ousava se aproximar, pois os ratos se lançavam  
4 sobre ela, mordendo-a e fazendo-a sangrar.

5 — O quê! — ela gritou. — Meus cravos, meus queridos cravos, permaneceréis em  
6 tão má companhia?

7 Subitamente, lembrou-se da água muito perfumada que guardava em um vaso  
8 dourado: talvez ela tivesse algum propósito especial. Correu para buscá-la e jogou  
9 algumas gotas sobre a população de roedores. Imediatamente, os patifes fugiram cada um  
10 para o seu buraco, ao que a princesa rapidamente pegou seus belos cravos, que estavam  
11 prestes a morrer de tanto que precisavam ser regados. Ela derramou sobre eles toda a água  
12 que estava em seu vaso de ouro e os cheirou com muito prazer. Foi quando ouviu uma  
13 voz muito doce que soava dos galhos, dizendo-lhe:

14 — Incomparável Fortunata, eis que é chegado o ditoso e tão esperado dia em que  
15 hei de declarar meus sentimentos por vós. Saibais que o poder de vossa beleza é tamanho  
16 a ponto de sensibilizar até mesmo as flores.

17 A princesa, trêmula e surpresa por ter ouvido falar um repolho, uma galinha e um  
18 cravo, e também por ter visto um exército de ratos, ficou pálida e desmaiou. Bedú chegou  
19 nesse instante. O trabalho e o sol esquentaram sua cabeça; quando viu que Fortunata tinha  
20 ido procurar os cravos e que os havia encontrado, ele a arrastou até a porta e a colocou  
21 para fora. Ela mal havia sentido o frescor da terra quando abriu seus belos olhos. Foi então  
22 que notou que ao seu lado estava a rainha do Bosque, sempre encantadora e magnífica.

23 — Tendes um irmão malvado — disse ela a Fortunata. — Eu vi com que  
24 desumanidade ele vos jogou aqui. Quereis que eu vos vingue?

25 — Não, madame — disse ela. — Eu já não sou mais capaz de me irritar; a má índole  
26 de meu irmão não pode mudar a minha.

27 — Mas tenho um pressentimento que me garante que esse grosseiro lavrador não  
28 é vosso irmão. O que pensais disso? — questionou a rainha.

29 — Todos os indícios me levam a crer que ele é sim, madame — respondeu  
30 modestamente a pastora. — E devo acreditar neles.

31 — O quê? — continuou a rainha. — Não ouvistes dizer que nascestes uma  
32 princesa?

33 — Disseram-me isso recentemente — respondeu ela. — No entanto, como ousarei  
34 me vangloriar disso se não tenho prova alguma?

35 — Ó, minha querida criança — acrescentou a rainha. — Como amo essa vossa  
36 feição! Agora percebo que a educação obscura que haveis recebido não sufocou a nobreza  
37 de vosso sangue. Sim, sois uma princesa. Tenho para mim que Bedú não se importou em  
38 fazer-vos passar por todas as desgraças que vivestes até agora.

1           Naquele instante, ela foi interrompida pela chegada de um jovem adolescente mais  
2 belo que o dia. Ele trajava um longo colete mesclado de ouro e seda verde, fechado com  
3 grandes abotoaduras de esmeraldas, rubis e diamantes; ele tinha uma coroa de cravos e  
4 seus cabelos cobriam seus ombros. Assim que viu a rainha, prostrou-se em terra e  
5 reverenciou-lhe respeitosamente.

6           — Ah! Meu filho, meu adorável Cravo — disse-lhe ela. — O tempo fatal de vosso  
7 encantamento finalmente acabou com a ajuda da bela Fortunata. Que alegria em vos ver!

8           Ela o envolveu intensamente em seus braços. Em seguida, voltando-se para a  
9 pastora, disse-lhe:

10          — Charmosa princesa, eu sei de tudo o que a galinha vos contou. O que não sabeis  
11 é que os zéfiros que eu havia encarregado de colocar meu filho em vosso lugar levaram-  
12 no para um canteiro de flores. Enquanto eles procuravam vossa mãe, que era minha irmã,  
13 uma fada intrometida, que sabia até das coisas mais secretas e contra a qual eu tenho  
14 pelejado por um longo tempo, aproveitou muito bem a oportunidade que teve para  
15 realizar o que intencionava desde o nascimento do meu filho, transformando-o em um  
16 cravo. Apesar da minha ciência, não pude evitar esse infortúnio. Durante o período de  
17 lamentação ao qual fui submetida, empreguei toda minha arte a fim de encontrar algum  
18 remédio que revertesse a situação. Cheguei à conclusão de que deveria trazer o príncipe  
19 Cravo ao local em que vós seríeis criada, supondo que quando regásseis as flores com a  
20 deliciosa água que eu guardava em um vaso de ouro, ele despertaria, falaria e vos amaria;  
21 assim, não haveria de acontecer nada que perturbasse o repouso de meu filho. Havia  
22 também o anel de prata que eu tinha de receber da vossa mão, entendendo que esse seria  
23 o sinal pelo qual eu saberia que se aproximava a hora em que o feitiço perderia sua força,  
24 tudo isso apesar dos ratos e dos camundongos que nossa inimiga colocaria em campo  
25 para vos impedir de tocar nos cravos. Enfim, minha querida Fortunata, se meu filho se  
26 casar convosco imediatamente, vossa felicidade será permanente. Vede agora se este  
27 príncipe vos parece amável o bastante para recebê-lo por esposo.

28          — Madame — ela replicou, corando. — Vós me enchestes de graças, reconheço  
29 que sois minha madrinha e que por vosso intermédio os guardas enviados para me matar  
30 foram transformados em repolhos e minha babá em uma galinha. Também entendo que  
31 a proposta de uma aliança com o príncipe Cravo é a maior honra que eu poderia desejar.  
32 Porém, posso dividir convosco a minha incerteza? Eu desconheço as intenções de seu  
33 coração. Sinto que não teria uma vida feliz se acaso ele não me amasse.

34          — Não tendes nenhuma dúvida sobre isso, bela princesa — disse-lhe o príncipe.  
35 — Faz muito tempo desde que cultivastes em mim todas as boas impressões que se fazem  
36 presentes até agora. Se o uso da voz me tivesse sido permitido desde o início, teríeis  
37 percebido, diariamente, o progresso de uma paixão que me consumia! Mas sou um  
38 príncipe infeliz, por quem não sentis nada além de indiferença.

1 Em seguida, ele recitou esses versos:

2  
3 *Ainda que de um cravo eu tivesse a figura,*  
4 *Cuidastes de mim com imensa ternura:*  
5 *Admiráveis, às vezes, às escuras,*  
6 *De minhas flores a estranha pintura.*  
7 *Por vós espalhei um perfume fragrante,*  
8 *E agradei vossos olhos com beleza sem igual;*  
9 *Mas quando de vós eu ficava distante,*  
10 *Apossava-se de mim uma aridez mortal*  
11 *Vossa ausência em segredo me consumia,*  
12 *A esperar, eu definhava e passava mal*  
13 *Sem a fonte que me trazia alegria.*  
14 *Às minhas dores fostes sensível,*  
15 *E a vossa bela mão*  
16 *Com água pura regou meu coração,*  
17 *E a vossa boca aprazível*  
18 *Com doces beijos me afetou a emoção.*  
19 *Para melhor gozar de minha felicidade,*  
20 *E provar a vós meu reconhecimento*  
21 *Eu desejei, em tão doce momento,*  
22 *Que alguma mágica se tornasse realidade,*  
23 *E me tirasse de tão triste encantamento.*  
24 *Transformei-me, eu vos vejo, e meu amor não teve fim;*  
25 *E assim posso testemunhar o meu tormento:*  
26 *É que agora, infelizmente, já não quereis a mim.*  
27 *Que maus desejos foram esses! O que foi que eu fiz, pelos deuses!*

28  
29 A princesa ficou muito contente com a galanteria do príncipe. Elogiou muito  
30 aquele improvisado; apesar de não estar acostumada a ouvir versos, sabia que eram palavras  
31 de bom gosto. A rainha, impaciente, sofrendo ao vê-la vestida como uma pastora, tocou-  
32 a, desejando as roupas mais requintadas que jamais vistas. No mesmo instante, o linho  
33 branco foi transformado em brocado de prata bordado com carbúnculos; de seu alto  
34 penteado caiu um longo véu de gaze entremeado de ouro; seus cabelos pretos foram  
35 adornados com milhares de diamantes; e sua pele, cuja brancura ofuscava, adquiriu uma  
36 cor tão vívida que o príncipe mal podia contemplar seu esplendor.

1 — Ah, Fortunata, como sois bela e charmosa! — ele exclamou, suspirando. —  
2 Sereis inexorável às minhas angústias?

3 — Não, meu filho — disse a rainha. — Vossa prima não resistirá às nossas súplicas.  
4 Enquanto ela falava, Bedú, que retornava ao seu trabalho, passou, e, vendo  
5 Fortunata como uma deusa, pensou que estava sonhando. Ela o chamou com grande  
6 bondade e implorou à rainha que tivesse misericórdia dele.

7 — O quê? Depois de terdes sido tão maltratada? — ela disse.

8 — Ah, madame — respondeu a princesa. — Sou incapaz de me vingar.

9 A rainha abraçou-a e elogiou a generosidade de seus sentimentos, dizendo:

10 — Para vos agradar, vou enriquecer o ingrato Bedú!

11 E então sua choupana tornou-se um palácio mobiliado cheio de dinheiro. Seus  
12 banquinhos não mudaram de forma, nem o seu colchão de palha, para fazê-lo lembrar de  
13 seu primeiro estado. A rainha do Bosque refinou sua consciência, concedeu-lhe polidez e  
14 mudou sua feição. Bedú tornou-se capaz de sentir gratidão. Quão belas foram as palavras  
15 que ele dirigiu à rainha e à princesa naquela ocasião!

16 Depois, com um toque da varinha, os repolhos se tornaram homens, e a galinha,  
17 uma mulher. O príncipe Cravo, no entanto, estava todo descontente; ele suspirava perto  
18 de sua princesa, implorando-lhe para tomar uma decisão em seu favor. Até que  
19 finalmente ela consentiu. Fortunata nunca havia conhecido alguém tão amável, e tudo o  
20 que existia de mais amável não se comparava a esse jovem príncipe. A rainha do Bosque,  
21 exultante com um casamento tão feliz, não poupou esforços para deixar tudo o mais  
22 suntuoso possível. Essa festa durou muitos anos e a bonança desses ternos esposos durou  
23 tanto quanto suas vidas.

24

25 *Se não fosse pelo auxílio da fada,*  
26 *Sabemos que aquele vil parente*  
27 *Maltrataria a amável Fortunata.*  
28 *Mas as boas virtudes que lhe eram natas,*  
29 *Mantiveram-na sempre à frente*  
30 *Com um bom sangue fora ela agraciada:*  
31 *Mas suas virtudes e sua sensatez*  
32 *É que expressavam sua real nobreza.*  
33 *Tu, que te revestes de altivez,*  
34 *Cheio de orgulho e torpeza,*  
35 *Aprendas comigo esta moral:*  
36 *Se és rebento de uma antiga família,*  
37 *E ostentas um ilustre nome real,*

1 *Em vão, sobre ti, a grandeza brilha.*  
2 *Quem tem virtudes, mesmo com humildade,*  
3 *Se passa por nobre, podendo até mesmo sê-lo:*  
4 *Sua honra e seu brilho são de verdade,*  
5 *E como nobre hão de reconhecê-lo.*

CC BY-NC-ND 4.0

## BIBELÔ

1 Um dia existiu uma rainha que, para sentir-se feliz, não desejava mais nada a não  
2 ser ter filhos; ela não falava de outra coisa. Vivia repetindo que a fada Chorumela<sup>1</sup> estivera  
3 presente na ocasião de seu nascimento e que por conta de uma indisposição com a rainha,  
4 sua mãe, enfurecera-se e profetizara somente amarguras para sua vida.

5 Um dia, enquanto ela se lamentava sozinha ao lado de sua lareira, viu uma  
6 velhinha descer pela chaminé; ela era do tamanho de sua mão e estava pendurada em três  
7 fios de junco. Sobre a cabeça, usava um ramo de espinheiro-branco, seu vestido era feito  
8 de asas de mosca e duas cascas de nozes eram seus sapatos. Ela caminhou pelo ar, deu três  
9 voltas na sala e depois parou diante da rainha.

10 — Já faz muito tempo que murmurais contra mim — disse-lhe ela. — Acusando-  
11 me pelo vosso descontentamento e culpando-me por tudo o que vos aconteceu; credes,  
12 madame, que eu sou a causa de não terdes filhos. Hoje, porém, venho anunciar-vos que  
13 tereis uma filha, mas deixo-vos ciente de que ela vos custará muitas lágrimas.

14 — Ah, nobre Chorumela! — exclamou a rainha. — Não me recuseis vossa piedade  
15 e vosso auxílio! Comprometo-me a prestar-vos todos os favores que estiverem ao meu  
16 alcance, desde que a princesa prometida nasça para o meu consolo e não para minha  
17 tristeza.

18 — O destino é mais poderoso que eu — replicou a fada. — Tudo o que posso fazer  
19 como demonstração de meu afeto é entregar-vos este ramo de espinheiro-branco.  
20 Colocai-o sobre a cabeça de vossa filha assim que ela nascer e ele a protegerá de muitos  
21 perigos.

22 A fada entregou-lhe o ramo em flor e desapareceu como um relâmpago.

23 A rainha ficou triste e pensativa:

24 — O que fui desejar! — dizia ela. — Uma filha que me custará muitas lágrimas e  
25 suspiros... Será que eu viveria mais feliz se não tivesse nenhuma?

26 A presença do rei, a quem ela amava muito, dissipava parte de seu desgosto. A  
27 rainha engravidou, e, durante a gestação, teve a preocupação de solicitar a todas as suas  
28 confidentes mais próximas que, assim que a princesa nascesse, colocassem a flor de  
29 espinheiro-branco em sua cabeça. Ela estava guardada em uma caixa de ouro coberta de  
30 diamantes, como se fosse a coisa que ela mais estimava no mundo.

31 Enfim, a rainha deu à luz à mais bela criatura jamais vista. Imediatamente, a flor  
32 de espinheiro-branco foi colocada em sua cabeça; qual não foi a maravilha! Naquele  
33 mesmo instante, a menina transformou-se em uma macaquinha<sup>2</sup>, saltando, correndo e

---

<sup>1</sup> *La fée Fanferluche.*

<sup>2</sup> *Une petite guenon:* faz-se necessário distinguir ao menos três categorias de primatas que serão mencionadas ao longo do conto. Com base no tratado sobre mamíferos de George Louis Le Clerc, conde

1 fazendo cabriolas pelo quarto, sem que ninguém conseguisse contê-la. Com essa  
2 metamorfose, todas as damas soltaram gritos assustadores, e a rainha, mais alarmada do  
3 que qualquer outra pessoa, pensou que morreria de desespero, depois ordenou que  
4 retirassem o ramo de sua orelha. Foi deveras penoso capturar a macaquinha e o  
5 espinheiro-branco foi inutilmente retirado, pois ela já era uma macaquinha, uma  
6 macaquinha confirmada, que não quis ser amamentada ou agir como uma criança; ela só  
7 desejava nozes e castanhas.

8 — Bárbara Chorumela! — a rainha gritou dolorosamente. — O que eu vos fiz para  
9 ser tratada com tanta crueldade? Que será de mim? Que vergonha a minha! Todos os  
10 meus súditos acreditarão que eu dei à luz um monstro! Qual não será o horror do rei  
11 quando vir uma criança assim!

12 Ela chorou e implorou às damas que a aconselhassem sobre o que ela poderia fazer  
13 naquela situação tão tensa.

14 — Madame — disse a mais anciã. — É preciso convencer o rei de que a princesa  
15 está morta, colocar essa macaquinha em uma caixa e lançá-la no fundo do mar. Seria  
16 espantoso manterdes uma besta dessa natureza convosco por muito mais tempo.

17 A rainha não conseguia se resolver; porém, quando lhe disseram que o rei estava  
18 a caminho de seu quarto, ela ficou tão confusa e perturbada que, sem poder deliberar por  
19 mais tempo, disse à sua dama de honra que poderia fazer o que quisesse com a  
20 macaquinha.

21 Levaram-na para um outro aposento, trancafiaram-na em uma caixa e mandaram  
22 um camareiro da rainha lançá-la ao mar; ele saiu imediatamente. Eis a princesa em grande  
23 perigo! Considerando a caixa muito bonita, o rapaz não quis desfazer-se dela; sentou-se  
24 às margens da água e tirou a macaquinha da caixa, determinado que estava a matá-la, sem  
25 saber que ela era sua soberana. No entanto, assim que ele a agarrou, fez-se um grande  
26 estrondo; surpreso, o camareiro olhou para trás e avistou uma carruagem aberta,  
27 arrastada por seis unicórnios; ela brilhava com ouro e jóias e vinha precedida ao som de  
28 muitos instrumentos. Uma rainha estava assentada sobre estofados dourados, coroada e  
29 envolta em um manto real, e carregava consigo seu filho de quatro anos.

30 O camareiro reconheceu aquela rainha, pois era a irmã de sua soberana. Ela viera  
31 com a intenção de felicitá-la, mas assim que soube que a princesinha havia morrido,

---

de Buffon, de 1844, *guenons* ou *mones* eram os termos utilizados, nos séculos XVI e XVII, para designar os primatas de cauda longa, como os saguis e micos. *Singe* designava qualquer primata relativamente grande, com ou sem cauda. *Magot* era uma categoria intermediária entre *singe* e *babouin* (babuíno), um primata sem cauda comprida, com apenas uma pequena ponta ao final do corpo (LE CLERC, 1844, p. 685). A nível de esclarecimento, traduziremos *guenon* como “mico” ou “macaquinho”, *mone* como “mono”, *singe* como “simio” ou “chimpanzé” e *magot* como “macaco”, dado que este último também é utilizado comumente como sinônimo de pessoa feia.

1 decidiu retornar ao seu reino, cheia de tristeza. Ela estava absorta em seus pensamentos  
2 quando seu filho gritou:

3 — Eu quero essa macaquinha, eu quero tê-la!

4 Foi quando rainha olhou ao seu redor e avistou a macaquinha mais bonita que já  
5 existiu. O camareiro bem que tentou escapar, mas foi impedido de fazê-lo; a rainha  
6 mandou que lhe dessem uma grande soma de dinheiro. Por considerá-la dócil e  
7 pequenina, ela lhe deu o nome de Bibelô. Assim, malgrado o rigor de sua sorte, ela acabou  
8 caindo nas mãos da rainha, sua tia.

9 Quando a soberana chegou em seu Estado, o pequeno príncipe pediu-lhe que lhe  
10 desse Bibelô para brincar. Ele queria que a vestissem como uma princesa, e assim foi feito;  
11 todos os dias eram feitos novos trajés para ela, que foi ensinada a andar apenas de pé. Seria  
12 impossível encontrar uma macaquinha mais bela e donairosa que Bibelô: seu rostinho era  
13 escuro como o de um gaio<sup>3</sup>, com uma barbicha branca e tufos avermelhados nas orelhas;  
14 suas mãozinhas não eram maiores que as asas de uma borboleta, e a vivacidade de seus  
15 olhos expressava sua grande inteligência, tanto que não havia quem não se espantasse  
16 com todas as coisas que ela podia fazer.

17 O príncipe, que a amava muito, acarinhava-lhe sem parar; ela tinha o cuidado de  
18 não mordê-lo, e quando ele chorava, ela chorava também. Depois de quatro anos vivendo  
19 com a rainha, um dia, Bibelô começou a gaguejar, como uma criança que tenta dizer  
20 qualquer coisa. Todo mundo se espantou, mas o espanto maior foi quando ela começou  
21 a falar com uma voz doce e clara, tão acurada que não se perdia nenhuma palavra. Que  
22 maravilha! Bibelô falava, Bibelô raciocinava! Para se divertir, a rainha quis tê-la de volta  
23 e, para o grande pesar do príncipe, a macaquinha foi levada aos aposentos de sua mãe.  
24 Isso lhe custou algumas lágrimas; para consolá-lo, deram-lhe cães e gatos, pássaros,  
25 esquilos e até um cavalinho chamado Criquetim<sup>4</sup>, que dançava a sarabanda<sup>5</sup>. Mas nada  
26 disso lhe parecia mais valioso que Bibelô.

27 Ela agia com mais timidez perante a rainha do que na presença do príncipe; como  
28 se fosse uma sibila<sup>6</sup>, ela tinha de responder a centenas de perguntas muito difíceis, das  
29 quais nem sempre ela conseguia se desvencilhar. Ademais, quando um embaixador ou  
30 algum estrangeiro chegava, ela era obrigada a aparecer encoleirada, trajada em vestidos  
31 de veludo ou de brocado. Se a corte estivesse em luto, ela tinha de arrastar véus e mantos  
32 muito longos, o que a deixava deveras fatigada. Por ordens médicas, não lhe era mais

---

<sup>3</sup> Pássaro da família dos corvos.

<sup>4</sup> *Criquetin*.

<sup>5</sup> Dança cerimonial lenta introduzida na corte francesa no século XVI; entrou em voga sob o reinado de Luís XIII (HORST, 1987, p. 44-46).

<sup>6</sup> Entre os antigos, mulher a quem eram atribuídos o dom da profecia e o conhecimento do futuro.



1 permitido comer o que fosse de seu gosto, e isso não lhe agradava, pois ela tinha os  
2 pendores de uma princesa, ainda que nascida como uma macaquinha.

3 A rainha entregou-lhe aos cuidados de mestres que pudessem desenvolver a  
4 vivacidade de seu intelecto. Ela demonstrou grande aptidão no toque do clavecino<sup>7</sup>;  
5 fizeram para ela um exemplar maravilhoso com uma concha de ostra. Pintores dos quatro  
6 cantos do mundo vieram para pintá-la, especialmente da Itália. Sua fama foi de um polo  
7 a outro, pois ninguém jamais havia visto uma macaquinha falante.

8 O prodigioso príncipe, tão bonito quanto a figura do amor, gracioso e inteligente,  
9 não era menos extraordinário. Ele visitava Bibelô costumava divertir-se com ela; suas  
10 conversas, geralmente pueris e divertidas, às vezes se tornavam sérias e edificantes. Bibelô  
11 tinha um coração, e esse coração não havia sofrido a metamorfose que acometera sua  
12 aparência, de modo que ela começou a desenvolver um sentimento de ternura pelo  
13 príncipe que se intensificava cada vez mais.

14 A infeliz Bibelô não sabia o que fazer; ela passava as noites no parapeito da janela,  
15 ou no alto das chaminés, sem querer entrar em seu cesto, que era forrado, emplumado,  
16 limpo e macio. Sua governanta (pois ela tinha uma) ouvia seus suspiros e lamentos com  
17 frequência; à medida em que seu intelecto se desenvolvia, também aumentava sua  
18 melancolia. Sempre que ela se via em um espelho, não tardava quebrá-lo. “Um símio é  
19 sempre um símio”, era o que diziam, e Bibelô não conseguia se livrar da malícia com que  
20 os membros de sua família eram naturalmente tratados.

21 O príncipe cresceu. Ele adorava a caça, a dança, a comédia, as armas e os livros;  
22 quanto à macaquinha, quase nunca ele se lembrava dela. As coisas, porém, eram muito  
23 diferentes do lado dela: aos doze anos de idade, Bibelô o amava ainda mais do que quando  
24 tinha seis. Às vezes, ela o repreendia por tê-la esquecido, mas ele sempre tinha alguma  
25 justificativa, e dava-lhe, por qualquer razão, uma maçãzinha ou um pouco de marrom  
26 glacé<sup>8</sup>.

27 Enfim, a fama de Bibelô chegou ao Reino dos Micos; o rei Macaco<sup>9</sup>, muito  
28 interessado em desposá-la, enviou uma notável embaixada com a intenção de pedir sua  
29 mão em casamento para a rainha. Suas intenções foram ouvidas pelo primeiro-ministro  
30 sem grandes dificuldades, mas teria sido muito difícil expressá-las se não fosse pela ajuda  
31 dos papagaios e das pegas<sup>10</sup>, vulgarmente chamadas de margôs<sup>11</sup>, que tagarelavam muito;

---

<sup>7</sup> Instrumento musical de cordas pinçadas semelhante ao cravo.

<sup>8</sup> O *marron glacé* francês, diferente do homônimo brasileiro, é feito com castanhas cozidas mergulhadas em açúcar.

<sup>9</sup> *Le roi Magot*.

<sup>10</sup> Aves da família dos corvos, consideradas uma das espécies mais inteligentes do mundo.

<sup>11</sup> *Vulgairement appelées margots*.

1 até mesmo os gaios que acompanhavam a tripulação sentiam-se despeitados por não  
2 conseguirem falar melhor do que elas.

3 Um grande chimpanzé chamado Meiaboca<sup>12</sup> era o chefe da embaixada; ele  
4 mandou fazer uma carruagem de papelão, sobre a qual fez-se uma pintura que ilustrava a  
5 história de amor do rei Macaco com a Mica Monete<sup>13</sup>, que era muito famosa no império  
6 macacônico<sup>14</sup>. Ela morreu impiedosamente sob as garras de um gato selvagem, desatenta  
7 que estava às suas travessuras. Ali estavam ilustrados os prazeres vividos por Macaco e  
8 Monete durante o casamento, bem como a tristeza e o pranto do rei na ocasião de seu  
9 falecimento. Seis excelentes espécimes de coelhos brancos arrastavam essa carruagem  
10 alegórica, feita em honra a essa história. Em seguida vinha uma carroça de palha, pintada  
11 de diversas cores, na qual estavam as macaquinhas destinadas a servir Bibelô. Era preciso  
12 ver como elas estavam adornadas! Realmente parecia que estavam prontas para um  
13 casamento. O restante do cortejo era composto de pequenos spaniels<sup>15</sup>, filhotes de galgo,  
14 gatos espanhóis, ratos de Moscou, alguns ouriços, doninhas espertas e adoráveis raposas;  
15 uns conduziam as carroças e outros carregavam a bagagem. Meiaboca, à frente de todos,  
16 mais sério que um ditador romano, mais severo que um Catão<sup>16</sup>, montava uma jovem  
17 lebre muito bem adaptada à sela, melhor do que qualquer cavalo inglês.

18 A rainha não sabia nada sobre a vinda dessa magnífica embaixada até o momento  
19 de sua chegada ao palácio. As gargalhadas do povo e de seus guardas brigaram-na a  
20 colocar a cabeça para fora da janela; foi quando ela avistou a mais extraordinária  
21 cavalgada já vista em toda sua vida. Imediatamente, Meiaboca, seguido por um número  
22 considerável de símios, avançou em direção à carruagem das macaquinhas e ofereceu a  
23 pata a uma grande mica chamada Gibona<sup>17</sup>, ajudando-a a descer. Depois, soltou o  
24 pequeno papagaio que serviria como seu intérprete e esperou que a bela ave se  
25 apresentasse à rainha e demandasse uma audiência com ela.

26 O papagaio, elevando-se suavemente no ar, foi até a janela onde a rainha estava e  
27 disse-lhe com o mais belo tom de voz do mundo:

28 — Madame! Monsenhor, o conde de Meiaboca, embaixador do célebre Macaco,  
29 rei dos símios, pede uma audiência com vossa majestade para discutir um assunto muito  
30 importante.

---

<sup>12</sup> *Mirlifiche*: a opção por Meiaboca está baseada na acepção do termo *mirliton*, que parece compor o nome do embaixador, e que pode significar “mediocre, de baixa qualidade”, em consonância com a descrição do personagem.

<sup>13</sup> *Monette Guenuche*.

<sup>14</sup> *L’empire Magotique*; neologismo.

<sup>15</sup> Raça de cão de caça de pêlos longos e sedosos.

<sup>16</sup> Antropônimo de Marcus Porcius Cato, oficial romano; pessoa severa, de aparência autoritária.

<sup>17</sup> *Gigogna*.

1 — Belo papagaio — disse a rainha, acariciando-o. — Primeiro servi-vos de um  
2 assado e bebei um pouco. Depois disso, disse ao conde Meiaboca que ele é muito bem-  
3 vindo em meus domínios, bem como todos os que o acompanham. Caso a viagem da  
4 Macacolândia<sup>18</sup> até aqui tenha sido cansativa, ele poderá adentrar a sala de audiências na  
5 hora em que bem desejar; eu o esperarei assentada em meu trono, na companhia de toda  
6 a minha corte.

7 Com essas palavras, o papagaio fez dois movimentos com a pata, prestou-lhe  
8 reverência e cantou uma doce melodia em sinal de alegria. Depois, retomando seu voo,  
9 foi pousar sobre o ombro de Meiaboca e contou-lhe ao ouvido sobre a resposta favorável  
10 que acabara de receber. Grato pela boa recepção, o embaixador enviou Margô, a pega (que  
11 havia sido promovida a sub-intérprete) a um dos oficiais da rainha, solicitando um quarto  
12 para que eles pudessem descansar por alguns momentos. Prontamente, eles abriram um  
13 salão todo pavimentado em mármore, bem pintado e adornado em ouro, que era um dos  
14 mais impecáveis do palácio. Meiaboca o adentrou com uma parte de seu séquito; e como  
15 os símios têm o pendor de serem grandes bisbilhoteiros, eles logo descobriram, em um  
16 certo canto do palácio, um lugar em que estavam armazenados muitos potes de geleia. Eis  
17 que os glutões não tardaram a agir! Enquanto um pegava uma taça de cristal cheia de  
18 damascos, outro tomava uma garrafa de caramelo; uns se enchiam de tortas, outros de  
19 maçapão<sup>19</sup>. A população de pássaros que acompanhava o cortejo ficou aborrecida por não  
20 encontrar nenhuma refeição que contivesse cereais ou painço; foi quando um gaio  
21 falastrão voou até o sala de audiências e, aproximando-se respeitosamente da rainha,  
22 disse-lhe:

23 — Madame, como um grande servo de vossa majestade, não posso ser um  
24 cúmplice benevolente do estrago que estão fazendo com vossas doces compotas. Apenas  
25 o conde Meiaboca já devorou três potes deles, e estava prestes a comer o quarto quando  
26 me retirei, com o coração contrito, para vir avisar vossa majestade real dessa completa  
27 falta de respeito para convosco.

28 — Eu vos agradeço, pequeno gaio, meu amigo — disse a Rainha, sorrindo. — Mas  
29 eu vos dispense do ofício de zelardes pelos meus potes de geleia; eles sempre estiveram à  
30 disposição de Bibelô, a quem amo de todo o meu coração.

31 O gaio, um pouco envergonhado de sua reclamação, retirou-se sem dizer uma  
32 palavra sequer.

33 Alguns momentos depois, o embaixador e sua comitiva adentraram o salão. Ele  
34 não estava vestido de acordo com a moda, pois, desde o retorno do famoso Fagotin<sup>20</sup>, que

---

<sup>18</sup> *Magotie*.

<sup>19</sup> Doce de origem árabe; massa de amêndoas, ovos e açúcar.

<sup>20</sup> Fagotin era o nome do esperto macaco de Brioché, um famoso marionetista parisiense (AULNOY, 2008, p. 229).

1 tanto havia brilhado em todo o mundo, não havia sobrado nenhum traje bom o bastante  
2 para os demais. Seu chapéu era pontudo, com um buquê de plumas verdes, e usava um  
3 talabarte<sup>21</sup> de papel azul coberto de lacinhos dourados, com um tambor e uma bengala. O  
4 papagaio, que fazia as vezes de um poeta dos bons, tendo composto um discurso muito  
5 elevado, avançou aos pés do trono onde a rainha estava assentada e, dirigindo-se a Bibelô,  
6 falou assim:

7  
8 *Madame, dos vossos olhos mensurais o poder,*  
9 *Pelo amor que o rei Macaco por vós veio a ter.*

10 *Os símios e gatos, aquele cortejo pomposo,*  
11 *Os pássaros e tudo o mais declaram seu amor caloroso.*

12 *Monete (esse era o nome de uma mica querida),*  
13 *Pela fúria de um gato selvagem perdeu sua vida;*  
14 *Madame, somente a vós ela pode ser comparada,*  
15 *E bem feliz ela viveu estando com Macaco casada.*

16 *Cem vezes o rei jurou ao seu confidente mais leal*  
17 *Que por ela conservaria um amor eternal.*

18 *Porém, madame, vossos encantos conquistaram seu coração*  
19 *E superaram o ardor de sua primeira paixão.*

20 *Se soubésseis, madame, que somente em vós é que ele pensa,*  
21 *E que a chama de seu amor é tão intensa,*

22 *Sem dúvida, vosso coração, sensível a tais penas,*  
23 *Desejaria adocicá-las, tornando-as mais amenas!*

24 *Antes ele vivia saudável, disposto e risonho,*

25 *Mas agora está inquieto, disforme e tristonho;*

26 *Uma angústia eterna parece querer fazê-lo definhar,*

27 *Tudo isso, madame, por sentir o que é amar!*

28 *As azeitonas e nozes de que ele tanto se fartava,*

29 *Parecem-lhe agora não ter gosto de nada.*

30 *Ele está morrendo, e é a vós que pedimos auxílio!*

31 *Somente vós podeis salvá-lo desse martírio.*

32 *Nem é preciso falar sobre os maravilhosos encantos*

33 *Que em nosso reino vereis em todos os cantos.*

34 *Uma abundância de uvas e figos temporãos,*

---

<sup>21</sup> Alça feita de couro que, antigamente, servia para guardar uma espada, uma bandeira ou para pendurar instrumentos de percussão.

1 *Pois lá as mais belas frutas nascem em qualquer estação.*

2

3 Assim que o papagaio terminou seu discurso, a rainha lançou os olhos sobre  
4 Bibelô, que, por sua vez, encontrava-se mais retraída do que nunca. Antes de dar uma  
5 resposta definitiva, a rainha queria saber quais eram sentimentos de sua macaquinha a  
6 respeito de tudo aquilo, e pediu ao papagaio que dissesse ao embaixador que, de sua parte,  
7 mostrava-se favorável às reivindicações de seu rei. Finalizada a audiência, ela se retirou  
8 da sala e dirigiu-se aos seus aposentos, acompanhada de Bibelô.

9 — Minha macaquinha — disse-lhe ela. — Confesso-te que sofrerei com a tua  
10 partida, mas não há como recusar o pedido de casamento do rei Macaco. Eu não posso  
11 me esquecer do fato de que teu pai, o antigo rei, colocou duzentos mil chimpanzés em  
12 campanha para apoiar uma grande guerra contra o meu reino; eles devoraram tantos  
13 súditos meus que fomos obrigados a declarar uma trégua deveras vergonhosa.

14 — Isso significa, madame, que estais decidida a me sacrificar, entregando-me  
15 àquele monstro perverso somente para evitar sua ira — Bibelô replicou impacientemente.  
16 — Peço, porém, que vossa majestade ao menos me conceda alguns dias para que eu tome  
17 uma decisão final.

18 — Isso é justo — disse a rainha. — Contudo, acredita em mim e toma depressa a  
19 tua decisão. Considera as honras que estão sendo preparadas para ti, a magnificência da  
20 embaixada e damas de honra que te foram enviadas. Estou certa de que Macaco nunca fez  
21 por Monete o que está fazendo por ti.

22 — Eu não sei o que ele pode ter feito por Monete — respondeu a pequena Bibelô,  
23 desdenhosamente. — O que sei é que me sinto pouco tocada pelos sentimentos que ele  
24 atribui a mim.

25 E em seguida ela se levantou, prestou-lhe uma reverência de bom grado e foi  
26 procurar o príncipe para falar-lhe de suas dores. Assim que a viu, ele gritou:

27 — Ora, minha Bibelô, quando é que vamos festejar o teu casamento?

28 — Eu não sei, senhor — disse-lhe ela, tristemente. — Mas o estado em que me  
29 encontro é tão deplorável que não posso mais esconder o meu segredo de vós;  
30 independentemente do que isso possa custar ao meu pudor, devo confessar que sois o  
31 único a quem eu poderia desejar como esposo.

32 — Como esposo? — disse o príncipe, desatando a rir. — Como esposo, minha  
33 macaquinha? Sinto-me encantado com isso que me dizes, mas espero que me perdoes se  
34 eu não puder acatar tal pedido, afinal, nosso tamanho, nossa estirpe e nossos modos não  
35 são nada compatíveis.

36 — Sois um ingrato, algo que já percebi há muito tempo! Que extravagância a  
37 minha ser capaz de amar um príncipe que pouco merece o meu amor!

1 — Mas, Bibelô, pensa na tristeza que eu sentiria ao ver-te empoleirada na ponta  
2 de um sicômoro<sup>22</sup>, segurando um galho com a tua cauda — disse o príncipe. — Acredita  
3 em mim, façamos desse assunto uma brincadeira em nome da tua honra e da minha.  
4 Casa-te com o rei Macaco e, em nome da boa amizade que existe entre nós, apresenta-me  
5 o primeiro macaquinho da tua prole.

6 — Sorte a vossa, senhor, que eu não tenha o instinto de uma macaquinha —  
7 respondeu Bibelô. — Em meu lugar, qualquer outra já teria arrancado vossos olhos,  
8 mordido vosso nariz e arrancado vossas orelhas. Eu, porém, deixo-vos com a certeza de  
9 que um dia refletireis sobre vossas atitudes indignas.

10 E nada mais ela pode dizer, pois sua governanta foi buscá-la; o embaixador  
11 Meiaboca havia deixado presentes magníficos em seus aposentos.

12 Era um toalete de teia de aranha, bordado com pequenos brilhantes; os pentes  
13 estavam dentro de uma casca de ovo, uma cereja servia de pregadeira<sup>23</sup> e todas as vestes  
14 de linho estavam cobertas com rendas de papel. Em uma cesta, havia uma variedade de  
15 conchas; umas serviriam de brincos, outras de enfeites para o cabelo<sup>24</sup>, e elas brilhavam  
16 como diamantes. Mas o que havia de muito melhor era uma dúzia de potes repletos de  
17 geleia e um pequeno baú de vidro que continha uma avelã e uma azeitona; a chave, porém,  
18 estava perdida, o que deixou Bibelô um tanto entristecida.

19 O embaixador a fez entender, com alguns resmungos (utilizando a língua que era  
20 falada na Macacolândia), que seus encantos haviam tocado o coração do monarca de um  
21 modo como nenhum outro mico jamais sentira em toda sua vida. Disse-lhe que seu rei  
22 mandaria construir um palácio para ela no alto de um abeto<sup>25</sup> e que lhe enviara aqueles  
23 donativos e as boas geleias como prova de seu afeto; essa havia sido a melhor maneira que  
24 o rei, seu amo, encontrara de demonstrar seu apreço.

25 — Porém, madame — ele acrescentou. — A maior prova de sua ternura, a mais  
26 sensível, foi o cuidado que ele teve de providenciar-lhe um retrato, para que não tardásseis  
27 em ter o prazer de vê-lo.

28 E logo ele revelou o retrato do rei dos símios assentado sobre um grande cepo<sup>26</sup>,  
29 segurando a maçã que estava comendo.

30 Bibelô desviou os olhos para não olhar por muito tempo para aquela figura tão  
31 desagradável; rosnando três ou quatro vezes, fez com que Meiaboca entendesse que ela  
32 estava agradecida por toda estima de seu amo, mas que ainda não estava decidida sobre o  
33 desejo de se casar.

---

<sup>22</sup> Espécie de figueira típica de regiões meridionais; metonímia para a madeira dessa árvore.

<sup>23</sup> Utensílio em que agulhas e alfinetes ficam espetados.

<sup>24</sup> *Poiçons*: utensílios pontiagudos cuja finalidade era prender o cabelo para a elaboração de penteados.

<sup>25</sup> Árvore ornamental das Américas e da Europa.

<sup>26</sup> Tronco de madeira cortado.

1 A rainha, no entanto, estava determinada a não atrair a cólera dos chimpanzés.  
2 Acreditando que não seria muito difícil enviar Bibelô para onde quer que fosse, deixara  
3 tudo preparado para sua partida. Assim que ela ficou sabendo disso, o desespero tomou  
4 conta de seu coração: de um lado, o desprezo do príncipe, de outro, a indiferença da  
5 rainha, e, acima de tudo, um pretendente como aquele. Foi o bastante para que Bibelô  
6 decidisse fugir, o que não seria algo muito difícil de se fazer, pois, desde que começara a  
7 falar, não a acorrentavam mais; ela entrava e saía de seu quarto tantas vezes quisesse, tanto  
8 pela janela quanto pela porta.

9 Então ela se apressou em partir. Pulou de árvore em árvore, de galho em galho, até  
10 chegar à beira de um rio. O excesso de desespero a impedia de compreender o perigo em  
11 que estava prestes a se meter: na tentativa de atravessá-lo a nado, sem pensar em mais  
12 nada, atirou-se na água e afundou imediatamente. Ela, porém, não perdeu a consciência,  
13 e, avistando uma caverna magnífica, toda decorada com conchas, apressou-se em  
14 adentrá-la. Lá, foi recebida por um venerável ancião, cuja barba branca descia até a  
15 cintura. Ele estava deitado sobre um monte de ervas<sup>27</sup> e gladiolos e tinha uma coroa de  
16 papoulas e lírios selvagens. O ancião estava recostado em uma rocha, da qual brotavam  
17 as várias fontes que enchiam o rio.

18 — Ei, o que te traz aqui, pequena Bibelô? — disse ele, estendendo-lhe a mão.

19 — Senhor, sou uma macaquinha infeliz — ela respondeu. — Estou fugindo de um  
20 macaco horrível com quem eles querem que eu me case.

21 — Eu sei da tua vida muito mais do que pensas — comentou o sábio ancião. — É  
22 bem verdade que abominas o rei Macaco, e não é menos verdade que amas um jovem  
23 príncipe, que por ti não sente nada além de indiferença.

24 — Ah, senhor! — exclamou Bibelô, suspirando. — Não falemos dele, pois sua  
25 lembrança aumenta todas as minhas mágoas.

26 — Ele não resistirá ao amor para sempre — continuou o anfitrião dos peixes. —  
27 Sei que ele está reservado à mais bela princesa do universo.

28 — Desgraçada que sou! — prosseguiu Bibelô. — Afinal, ele nunca será meu!

29 O homem sorriu e lhe disse:

30 — Não te aflijas, boa Bibelô, o tempo é um grande mestre. Toma somente o  
31 cuidado de não perder o bauzinho de vidro que o Macaco te enviou; mantenha-o  
32 guardado em tua bolsa, isso é tudo o que posso te dizer. Eis aqui uma tartaruga que navega  
33 muito bem, ela te conduzirá a qualquer lugar que precisas ir.

34 — São tantas as minhas obrigações para convosco — disse-lhe ela. — Que não  
35 posso partir sem saber o vosso nome.

---

<sup>27</sup> *Roseaux*: cana-de-vassouras, gramínea aquática cultivada para cobrir áreas alagadiças e beiras de lagoas.

1 — Chamam-me de Birrocá — ele respondeu. — Pai de Birroqui<sup>28</sup>, o rio, deveras  
2 grandioso e muito famoso, tal como verás.

3 Cheia de confiança, Bibelô enfim montou sobre a tartaruga e elas navegaram por  
4 muito tempo sobre as águas, até que, finalmente, depois de percorrer um caminho  
5 bastante longo, alcançaram a costa. Seria difícil encontrar algo mais galante do que a sela  
6 inglesa e os arreios que a tartaruga usava; havia até mesmo um par de pequenas pistoletas  
7 de arção<sup>29</sup>, cujas bainhas eram a carcaça de duas lagostas.

8 Bibelô viajava com total confiança nas promessas do sábio Birrocá, quando, de  
9 repente, escutou um grande estrondo. Céus! Céus! Era o embaixador Meiaboca e todos  
10 os seus meiaboquinhos<sup>30</sup>, que estavam voltando para a Macacolândia tristes e desolados  
11 pela fuga de Bibelô. Um chimpanzé da tropa tinha subido em uma noqueira para jantar  
12 e, enquanto quebrava nozes para alimentar os macaquinhos, olhou ao seu redor e, do alto  
13 da árvore, avistou Bibelô sobre a pobre tartaruga, que caminhava lentamente pela  
14 campina. Assim que a viu, começou a gritar tão alto que os símios se reuniram e lhe  
15 perguntaram, em sua própria língua, o que estava acontecendo. Imediatamente, os  
16 papagaios, as pegas e os gaios foram soltos e voaram até onde ela estava; sob as ordens do  
17 embaixador, os micos e o resto da tripulação não tardaram em prendê-la.

18 Que infortúnio para Bibelô! O maior e mais triste de todos os infortúnios!  
19 Forçaram-na a subir na carruagem de papelão e logo se viu cercada pelos micos mais  
20 vigilantes, algumas raposas e um galo que se empoleirou na cúpula do veículo, agindo  
21 como sentinela dia e noite. Um chimpanzé carregava a tartaruga em suas mãos, como se  
22 fosse um animal raro. Assim, a cavalaria prosseguiu em viagem, para o grande desgosto  
23 de Bibelô, cuja única companhia era a madame Gibona, uma mica desagradável e pouco  
24 complacente.

25 Ao cabo de três dias, que haviam se passado sem nenhuma aventura, os guias se  
26 perderam e todos foram parar em uma grande e famosa cidade que eles não conheciam.  
27 No entanto, ao avistarem um belo jardim, cuja porta estava aberta, decidiram fazer uma  
28 parada e foram a todos os lugares, como se estivessem conquistando um país. Um comia  
29 nozes, outro engolia cerejas e um outro se fartava em uma ameixeira; enfim, todos os  
30 miquinhos não deixaram de morder alguma coisa e de sair às compras.

31 É preciso saber que essa cidade era a capital do reino onde Bibelô havia nascido, e  
32 que a rainha, sua mãe, vivia ali. Desde o desgosto que sentira ao ver sua filha  
33 metamorfoseada em macaquinha pelo buquê de espinheiro-branco, ela desejou nunca

---

<sup>28</sup> “*On me nomme, dit-il, Biroqua, père de Biroquie...*”

<sup>29</sup> Pequena arma de fogo muito comum no século XVII, costumeiramente alojadas no arção da sela dos cavalos.

<sup>30</sup> “*C'étoit l'ambassadeur Mirlifiche, avec tous ses mirlifichons...*”



1 mais encontrar nem micos, nem capuchinhos<sup>31</sup>, nem qualquer outro macaco em seus  
2 domínios, nada que pudesse lembrá-la da fatalidade de sua deplorável aventura. Ali, os  
3 símios agora eram vistos como perturbadores da tranquilidade pública. Qual não foi o  
4 espanto do povo ao se deparar com uma carruagem de papelão, uma carroça de palha  
5 pintada e com o restante da tripulação; desde que os contos são contos e as fadas são fadas,  
6 aquele era o cortejo mais surpreendente jamais visto!

7 Essas notícias voaram até o palácio; a rainha ficou em transe, acreditando que o  
8 povo símio faria um atentado contra sua autoridade. Imediatamente, ela reuniu o seu  
9 conselho e fez com que todos os macacos fossem condenados pelo crime de lesa-  
10 majestade. Ademais, sem querer perder a oportunidade de criar um exemplo  
11 suficientemente grandioso para ser lembrado no futuro, ela enviou seus guardas ao jardim  
12 com a ordem de capturarem todos os símios. Eles lançaram grandes redes sobre as árvores  
13 e a caça terminou bem depressa; a patente de embaixador foi completamente desprezada  
14 e Meiaboca foi impiedosamente jogado no fundo de um calabouço, dentro de um grande  
15 tonel vazio, onde ele e seus companheiros foram presos, juntamente com as damas  
16 macacas e as donzelas macaquinhas que acompanhavam Bibelô.

17 Ela, por sua vez, sentia uma certa alegria secreta com essa nova desordem; afinal,  
18 quando as desgraças chegam a um certo ponto, não há mais nada com o que se preocupar,  
19 e até mesmo a morte pode ser considerada uma coisa boa. Essa era a situação em que ela  
20 se encontrava: com o coração ocupado pelo príncipe que a desprezara e a mente  
21 perturbada só de pensar na terrível ideia de se tornar a esposa do rei Macaco.

22 De resto, não se deve esquecer de dizer que seu vestido era tão bonito e que seus  
23 modos eram tão incomuns, que aqueles que a prenderam começaram a perceber que  
24 havia algo de maravilhoso nela. Quando a ouviram falar, foi outro espanto; cabe ressaltar  
25 que eles já haviam ouvido falar da admirável Bibelô. A rainha que a encontrara, sem saber  
26 da metamorfose de sua sobrinha, havia escrito muitas vezes à sua irmã sobre uma  
27 macaquinha maravilhosa que ela possuía, implorando para que fosse vê-la; mas a aflita  
28 rainha costumava passar por esse parágrafo sem o desejo de lê-lo. Enfim, os guardas,  
29 cheios de admiração, levaram Bibelô para uma grande galeria e ali fizeram um pequeno  
30 trono, sobre o qual ela se assentou. Parecendo mais uma soberana do que uma  
31 macaquinha prisioneira, a rainha, ao passar, ficou tão vivamente surpresa com sua linda  
32 figura e com o gracioso elogio que ela lhe fez que, apesar de sua espécie, a natureza falou  
33 a favor da infanta.

---

<sup>31</sup> *Sapajou*: macaco-capuchinho, macaco-prego-de-cara-branca, típico das Américas, comumente adquirido como animal de estimação.

1 Foi então que ela abraçou a criaturinha. Enlevada com um gesto de carinho que  
2 ela nunca havia recebido, Bibelô atirou-se no colo da rainha e disse-lhe coisas tão ternas  
3 e envolventes que causou admiração em todos que a ouviram.

4 — Não, madame — ela declarou. — Não é o medo de uma morte vindoura que  
5 me leva a querer encontrar um modo de agradar e deleitar vossa majestade, visto que  
6 estou consciente das ameaças que proferistes contra a infeliz raça dos símios. O fim de  
7 minha vida não é o maior infortúnio que me pode acontecer; meus sentimentos estão  
8 acima de mim mesma, de modo que eu evitaria tomar qualquer atitude com o intuito de  
9 me preservar. É por isso, madame, que posso dizer que vos amo pelo que sois, e que vossos  
10 méritos me sensibilizam muito mais do que a vossa coroa.

11 No seu entender, que resposta poderia ser dada a um Bibelô<sup>32</sup> tão gentil e  
12 reverente? A rainha, mais muda que uma carpa, arregalou seus dois grandes olhos; pensou  
13 que estivesse sonhando e uma forte comoção tomou conta de seu coração.

14 Ela levou a macaquinha para o seu gabinete. Quando eles ficaram sozinhas, a  
15 rainha lhe disse:

16 — Não tardes nem mais um momento para me contar tuas aventuras, pois bem  
17 sei que, de todas as bestiolas que povoam as gaiolas que guardo em meu palácio, tu serás  
18 a que eu mais amarei. Asseguro-te até mesmo que, em teu favor, demonstrarei piedade  
19 aos símios que te acompanham.

20 — Ah, madame! — ela exclamou. — Eu não vos peço nada em favor deles! Meu  
21 azar foi ter nascido macaquinha, e também por azar recebi o dom do discernimento, o  
22 que me fará sofrer até morrer. Afinal, o que mais eu poderia sentir sempre que me vejo  
23 no espelho, pequena, feia e preta, com as patas cobertas de pelo, uma cauda e dentes  
24 prontos para morder, sabendo que não me falta inteligência, bom gosto, delicadeza e  
25 sensibilidade?

26 — És capaz de sentir alguma ternura? — perguntou a rainha.

27 Bibelô suspirou, sem nada responder.

28 — Ó, diz-me se amas algum mico, um coelho ou um esquilo — continuou a  
29 rainha. — Pois se não estiveres comprometida, tenho um anão que muito te agradaria.

30 Ao ouvir essa proposta, Bibelô expressou um ar desdenhoso, ao que a rainha  
31 desatou a rir.

32 — Não te zangues — disse-lhe ela. — Diz-me, afinal, como é que podes falar.

33 — Tudo o que sei de minhas aventuras é que a rainha, vossa irmã, tendo partido  
34 daqui após o nascimento e morte da princesa, vossa filha, viu passar, à beira-mar, um de  
35 vossos camareiros e percebeu que ele queria me afogar, mas fui arrancada de suas mãos

---

<sup>32</sup> O artigo indefinido masculino foi empregado para indicar que o termo Bibelô (*Babiote*, substantivo feminino em francês) foi empregado para conjugar o antropônimo com seu significado de dicionário.

1 por ordens dela. E por intermédio de algum prodígio que surpreendeu a todo mundo, fui  
2 dotada de fala e de razão. Enviaram-me mestres que me ensinaram várias línguas e  
3 também a tocar instrumentos. Enfim, madame, tornei-me sensível às minhas desgraças  
4 e... Céus! — ela gritou, vendo o semblante pálido da rainha, que suava frio. — O que  
5 tendes, madame? Observo uma mudança extraordinária em vossa pessoa!

6 — Estou morrendo! — respondeu a rainha, com uma voz fraca e mal articulada.  
7 — Estou morrendo, minha querida e infeliz filha! É porque eu acabo de te reencontrar!

8 E depois de proferir essas palavras, ela desmaiou. Bibelô, assustada, correu para  
9 pedir ajuda, e as damas da rainha apressaram-se em dar-lhe um pouco de água, desatar  
10 os laços de suas vestes e colocá-la na cama. Bibelô permaneceu ao seu lado sem que  
11 ninguém percebesse, de tão pequena que era.

12 Quando a rainha voltou do longo desmaio provocado pelo discurso da princesa,  
13 pediu para ficar sozinha com as damas que sabiam do segredo a respeito da fatalidade que  
14 foi o nascimento de sua filha. Relatou-lhes o que havia acontecido com ela, deixando-as  
15 tão perturbadas que não souberam dar conselho algum.

16 Ela, porém, ordenou-lhes que lhe dissessem o que deveria ser feito em tão triste  
17 conjectura. Um das disseram que a macaquinha deveria ser sufocada, outras que deveriam  
18 prendê-la em um buraco, e algumas sugeriram mandá-la de volta ao mar. Enquanto isso,  
19 a rainha chorava e soluçava.

20 — Ela é tão inteligente! Que pena vê-la reduzida a esse estado miserável por causa  
21 de um buquê encantado. Porém, no fundo, ela é minha filha, é do meu sangue! Fui eu  
22 quem fez recair sobre ela a ira da malvada Chorumela. É justo que ela sofra com o ódio  
23 que essa fada tem por mim?

24 — Sim, madame — exclamou a mais velha de suas damas de honra. — Devemos  
25 salvar a vossa glória. O que o mundo pensaria se declarásseis que uma mona é vossa  
26 infanta? Não é natural ter filhos assim quando se é tão bela quanto vós.

27 A rainha estava perdendo a paciência por ouvi-la falar assim. As outras, porém,  
28 não foram menos contumazes ao argumentarem que aquele monstrinho deveria ser  
29 exterminado. Em conclusão, ela resolveu trancar Bibelô em um castelo, onde seria bem  
30 alimentada e bem tratada pelo resto de seus dias.

31 Quando ouviu que a rainha desejava colocá-la na prisão, Bibelô esgueirou-se  
32 discretamente pela alcova<sup>33</sup> próxima à cama, atirou-se janela afora sobre uma árvore do  
33 jardim e fugiu para a grande floresta, deixando todos em polvorosa por não conseguirem  
34 encontrá-la.

---

<sup>33</sup> *Ruelle*: espaço entre a cama e a parede ou entre outra cama; nos séculos XVII e XVIII, *ruelle* designava uma espécie de alcova próxima ao leito de uma dama, onde suas convidadas poderiam se acomodar a fim de realizarem leituras e conversações, tal como se fosse um salão literário.

1 Ela passou a noite no buraco de um carvalho, onde teve tempo para refletir sobre  
2 a crueldade de seu destino. Porém, o que lhe parecia mais doloroso era a necessidade de  
3 afastar-se da rainha; contudo, ela preferiu exilar-se voluntariamente e manter-se dona de  
4 sua liberdade a ter que perdê-la para sempre.

5 Pela manhã, ela continuou sua jornada, sem saber para onde deveria ir, pensando  
6 e repensando milhares de vezes sobre a bizarrice de suas aventuras tão extraordinárias.

7 — Que diferença entre o que eu sou e o que deveria ser! — ela lamentou.

8 E as muitas lágrimas brotaram nos olhinhos da pobre Bibelô.

9 Assim que a luz do dia raiou, ela partiu: tinha medo de que a rainha mandasse  
10 alguém segui-la, ou que algum chimpanzé escapasse do calabouço e ela fosse levada ao rei  
11 Macaco à força. Sem seguir nenhum caminho ou trilha, Bibelô foi tão longe, mas tão  
12 longe, que chegou a um grande deserto onde não havia casa, nem árvore, nem frutas, nem  
13 relva e nenhuma fonte de água. Sem pensar, permaneceu por ali até que começou a passar  
14 fome; ela reconheceu, ainda que tarde demais, que fora deveras imprudente viajar para  
15 um país assim.

16 Passaram-se dois dias e duas noites sem que ela conseguisse capturar uma  
17 minhoca ou um mosquito sequer. O medo da morte tomou conta dela. Bibelô estava tão  
18 fraca que começou a desvanecer; ao deitar-se no chão, enfim se lembrou da azeitona e da  
19 avelã que ainda estavam no interior do pequeno baú de vidro. Cogitando que poderia  
20 fazer uma leve refeição com elas, toda contente com esse raio de esperança, pegou uma  
21 pedra, estilhaçou o baú e mordeu a azeitona.

22 Mal ela havia dado a primeira mordida, saiu de lá uma grande abundância de óleo  
23 perfumado, que, ao escorrer sobre suas patas, fez com que elas se transformassem nas  
24 mãos mais bonitas do mundo. Sua surpresa foi extrema! Em seguida, ela pegou um pouco  
25 desse óleo e esfregou pelo corpo inteiro. Que maravilha! De repente, ela ficou tão bela que  
26 nada no universo poderia ser comparado! Sentiu que tinha olhos grandes, uma boca  
27 pequena e um nariz bem-feito, e ficou morrendo de vontade de ter um espelho. Para  
28 tanto, pegou um dos maiores pedaços de vidro de seu cofre; quando ela se viu, que alegria!  
29 Que agradável surpresa! Suas roupas haviam crescido com ela, estava bem penteada, seus  
30 cabelos faziam mil cachos e sua tez tinha o frescor das flores primaveris.

31 Passados os primeiros momentos de sua surpresa, a fome se intensificou, e seus  
32 lamentos ficaram ainda mais graves.

33 — Por que alguém como eu, tão bela e tão jovem, nascida princesa, tem de perecer  
34 em um lugar tão triste como esse? — disse ela. — Ó, barbara fortuna que me trouxe até  
35 aqui! O que queres do meu destino? É para me afligir ainda mais que operaste uma  
36 transformação tão feliz e tão inesperada em mim? E tu, venerável rio Birrocá, que tão  
37 generosamente salvou a minha vida, vais me deixar perecer nesta terrível solidão?

1 A infanta clamou inutilmente por socorro, pois todos eram surdos à sua voz. A  
2 necessidade de comer a atormentava a tal ponto que ela decidiu pegar a avelã. Depois de  
3 quebrá-la, assim que retirou a casca, ficou bem surpresa ao ver arquitetos, pintores,  
4 construtores, tapeceiros, escultores e milhares de outros tipos de artesãos saírem de  
5 dentro dela. Uns desenharam um palácio, outros o construíram e outros o mobiliaram;  
6 os aposentos foram pintados, os jardins foram cultivados e tudo brilhava em ouro e  
7 azurita. Serviram-lhe uma ceia magnífica; sessenta princesas mais bem vestidas que  
8 rainhas, acompanhadas de escudeiros e seguidas por seus pajens, vieram cumprimentá-la  
9 e convidaram-na para o festim que estava reservado para ela. Imediatamente, sem mais  
10 delongas, Bibelô dirigiu-se ao salão e, com um ar de rainha, comeu como uma esfomeada.

11 Assim que deixou a mesa, seus tesoueiros trouxeram diante dela quinze mil  
12 cofres, uns grandes e outros miúdos, repletos de ouro e diamantes. Perguntaram-lhe se  
13 ela estava de acordo em pagar os trabalhadores que haviam construído seu palácio. Bibelô  
14 disse que isso era justo, desde que eles também construíssem uma cidade para si, que se  
15 casassem e permanecessem com ela. Todos concordaram e a cidade foi concluída em três  
16 quartos de hora, ainda que fosse cinco vezes maior que Roma. Esses foram os prodígios  
17 que saíram de uma pequena avelã.

18 A princesa planejava enviar uma célebre embaixada à rainha, sua mãe, bem como  
19 fazer algumas repreensões ao seu primo, o jovem príncipe. Enquanto ela pensava nas  
20 medidas que tomaria, divertia-se com as corridas de argola<sup>34</sup>, nas quais ela sempre fazia  
21 uma aposta, com jogos, comédia, caça e pesca, visto que um rio fora transposto para lá.  
22 Os rumores sobre sua beleza se espalharam por todo o universo e pessoas dos quatro  
23 cantos do mundo vieram à sua corte: reis, gigantes mais altos que as montanhas e de  
24 pigmeus menores que ratos.

25 Aconteceu que, um dia, houve uma grande festa, ocasião em que vários cavaleiros  
26 quebraram suas lanças, ficaram zangados, lutaram e feriram uns aos outros. Irada, a  
27 princesa desceu de seu camarote para conhecer os culpados: uma vez livres de suas  
28 armaduras, qual não foi a surpresa de Bibelô ao reconhecer o príncipe, seu primo! Se ele  
29 não estivesse morto, faltava muito pouco; ela, por sua vez, pensou que também morreria  
30 de surpresa e dor. Mandou que o levassem ao mais belo apartamento do palácio, onde  
31 havia tudo o que seria necessário para a sua cura: o médico de Chaudray<sup>35</sup>, cirurgiões,  
32 unguentos, caldos e xaropes. A própria infanta preparou as bandagens e as ataduras. Seus  
33 olhos regaram as lesões de lágrimas, e essas lágrimas foram como um bálsamo para o  
34 ferido, que vinha sofrendo de diferentes maneiras: além da meia dúzia de golpes de espada

---

<sup>34</sup> “*elle se divertissoit à voir courre la bague*”: referência ao “*course de bague*”, antigo esporte que consistia em uma disputa de cavaleiros na tentativa de pegar um anel com a ponta de uma lança.

<sup>35</sup> Antiga vila do subúrbio parisiense frequentada por pessoas que buscavam uma consulta com um célebre curandeiro dos anos de 1690 (AULNOY, 2008, p. 569).

1 e de tantos outros golpes de lança que o perfuravam por todos os lados, já havia algum  
2 tempo que ele vivia incógnito naquela corte, onde provara o poder dos belos olhos de  
3 Bibelô, que o arrebataram de maneira irreversível. Portanto, é fácil imaginar o que ele  
4 estava sentindo por estar na presença daquela amável princesa, que demonstrava em seu  
5 semblante a mais profunda dor por vê-lo reduzido àquele estado.

6 Eu não me deterei relatando todas as coisas que seu coração o inspirou a dizer  
7 como forma de agradecer a gentileza que ela lhe demonstrara; aqueles que o escutaram  
8 ficaram surpresos com o fato de um homem tão ferido conseguir demonstrar tanta paixão  
9 e gratidão. A infanta, que corou mais de uma vez, suplicou-lhe que se calasse, mas a  
10 emoção e o ardor de seus discursos foram tão longe que, de repente, ela começou a sentir  
11 uma agonia medonha. Foi então que Bibelô perdeu toda a compostura que sempre a  
12 acompanhara: arrancou os cabelos, proferiu gritos estrondosos e fez com que todos  
13 acreditassem que seu coração era de fácil acesso, visto que ela não conseguia esconder  
14 toda a comoção causada por um estranho que conhecera havia tão pouco tempo. Isso  
15 porque, em Bibeólia<sup>36</sup> (esse era o nome que ela havia dado a seu reino), ninguém sabia  
16 que o príncipe era seu primo e que ela o amava desde a aurora de sua juventude.

17 Foi durante uma de suas viagens que ele chegou àquela corte. Como não conhecia  
18 ninguém que pudesse apresentá-lo à infanta, pensou que não havia nada melhor do que  
19 fazer cinco ou seis galanterias heroicas diante dela, ou seja, cortar os braços e as pernas de  
20 alguns cavaleiros durante um torneio. Ele, porém, não encontrou nenhum adversário  
21 suficientemente complacente para sofrer tais injúrias. Portanto, teve de se envolver em  
22 um duro combate; o mais forte venceu o mais fraco, e o mais fraco, como eu já disse, foi  
23 o príncipe.

24 Desesperada, Bibelô percorreu longas estradas sem carruagem e sem guardas.  
25 Desse modo, assim que adentrou uma floresta, caiu inconsciente aos pés de uma árvore,  
26 onde foi encontrada pela fada Chorumela, que nunca dormia, pois sempre buscava  
27 oportunidades para fazer o mal. Ela foi até lá em uma nuvem mais negra que o betume,  
28 voando mais rápido que o vento. A princesa permaneceu inconsciente por algum tempo.  
29 Quando ela finalmente recobrou os sentidos, teve uma surpresa como nunca outra: viu-  
30 se bem longe do chão e bem perto do Pólo. A superfície das nuvens não é muito sólida,  
31 de modo que, ao correr de cá pra lá, parecia que ela estava andando sobre penas. Ademais,  
32 quando a nuvem se abria, ela sofria para evitar uma queda. Bibelô não via ninguém com  
33 quem pudesse reclamar, pois a malvada Chorumela se fizera invisível. A princesa teve  
34 tempo para pensar em seu querido príncipe e no estado em que o havia deixado, o que fez  
35 com que ela se entregasse aos sentimentos mais dolorosos que podem ocupar uma alma.

---

<sup>36</sup> *Babiote*, mesmo nome da protagonista. Optou-se por um nome diferente para evitar qualquer confusão.

1 — Céus! Como serei capaz de sobreviver com a apreensão da morte iminente  
2 daquele a quem amo? Essa dor invade o meu coração! — ela exclamou. — Ah! O sol me  
3 faria um bom favor se me queimasse! Ou então que eu pudesse me afogar em um arco-  
4 íris, como ficaria feliz! Infelizmente, porém, o zodíaco inteiro é surdo à minha voz: o  
5 sagitário não tem flechas, o touro não tem chifres e o leão não tem dentes! Pode ser que a  
6 terra seja mais prestadia e me ofereça a ponta de uma rocha sobre a qual eu possa me  
7 matar. Ó, príncipe, meu querido primo, não estais aqui para me ver realizar os mais  
8 trágicos gestos de amor que uma amante desesperada poderia conceber!

9 Dizendo essas palavras, ela correu para a extremidade da nuvem e atirou-se para  
10 baixo, tal como uma flecha que é lançada com violência.

11 Todos que a viram pensaram que era a lua que estava caindo. Como era lua nova,  
12 os povos que a adoravam ficaram muito tempo sem vê-la de novo. Houve um grande  
13 lamento; eles estavam convencidos de que o sol, por ciúmes, tinha sido o responsável por  
14 esse maldoso revés.

15 Por mais que a infanta desejasse morrer, ela não obteve sucesso: acabou caindo  
16 dentro da garrafa de vidro onde as fadas costumavam colocar sua ratafia<sup>37</sup> ao sol. E que  
17 garrafa! Não havia no universo outra que fosse assim tão grande. Felizmente, ela estava  
18 vazia, caso contrário Bibelô teria se afogado como uma mosca.

19 Os seis gigantes que a guardavam reconheceram a infanta imediatamente, pois  
20 eram os mesmos que estiveram em sua corte e que muito a amavam. A maligna  
21 Chorumela, que não fazia nada ao acaso, fora quem os conduzira para lá, montados sobre  
22 seis dragões voadores; esses dragões guardavam a garrafa enquanto os gigantes dormiam.  
23 Enquanto permaneceu ali, houve dias em que a princesa desejou voltar a ser uma  
24 macaquinha, a viver como os camaleões, sentindo o ar e o orvalho.

25 Ninguém mais sabia da prisão da infanta. Nem mesmo o jovem príncipe, que não  
26 havia morrido, e perguntava por Bibelô incessantemente. Aos poucos, ele começou a  
27 perceber, pela melancolia daqueles que a serviam, que a toda corte padecia de alguma  
28 grande tristeza. Sua discrição o impedia de tocar no assunto; porém, no auge de sua  
29 convalescença, tanto pressionou para ter notícias da princesa que seus servos não tiveram  
30 coragem de continuar a esconder sua perda. Aqueles que a viram adentrando a floresta  
31 alegavam que ela fora devorada por leões; uns acreditavam que ela havia se matado em  
32 desespero, enquanto outros diziam que ela havia enlouquecido e que estava vagando pelo  
33 mundo como uma errante.

34 Como essa última opinião era a menos terrível e alimentava as esperanças do  
35 príncipe, ele decidiu apegar-se a ela. Montado em Criquetim, de quem eu já falei, ele

---

<sup>37</sup> Ratafia é uma mistura alcóolica doce, um licor à base de frutas e açúcar. Essa mistura costumava ser colocada em um pote de vidro, vedada e exposta ao sol durante alguns dias.

1 partiu; mas o que eu não disse era que esse cavalo era o filho mais velho de Bucéfalo<sup>38</sup>, e  
2 um dos melhores cavalos daquele século. Com os bridões<sup>39</sup> no pescoço, ele partiu em sua  
3 aventura. O príncipe clamava pela infanta, mas somente os ecos lhe respondiam.

4 Enfim, ele chegou às margens de um grande rio. Criquetim estava com sede e  
5 entrou na água beber. Já o príncipe, como era costume, começou a gritar com todas as  
6 suas forças:

7 — Bibelô, bela Bibelô, onde estais?

8 Foi então que ele escutou uma voz, cuja doçura parecia encantar as ondas; essa voz  
9 lhe disse:

10 — Entra, e saberás onde ela está.

11 Ao ouvir essas palavras, o príncipe, tão imprudente quanto apaixonado, deu dois  
12 golpes de espora em Criquetim. Eles nadaram e encontraram um abismo onde a  
13 correnteza desembocava; lançados nas profundezas das águas, eles estavam convencidos  
14 de que iriam se afogar.

15 Felizmente, porém, eles chegaram à casa do gentil Birrocá, que celebrava o  
16 casamento de sua filha com um dos rios mais ricos e elevados da região. Todas as  
17 divindades piscianas estavam presentes em sua caverna: tritões e sereias faziam boa  
18 música, e o rio Birroqui, vestido com leveza, dançava as olivetes<sup>40</sup> com o Sena, o Tâmisia,  
19 o Eufrates e o Ganges, que vieram de muito longe para se divertirem juntos. Criquetim,  
20 que tinha modos, parou respeitosamente na entrada da caverna, enquanto o príncipe, que  
21 tinha modos ainda melhores que seu cavalo, prestando uma profunda reverência,  
22 perguntou se era permitido a um mortal como ele aparecer em meio a tão bela celebração.

23 Birrocá tomou a palavra e respondeu, com um ar afável, que seria uma honra e  
24 um grande prazer.

25 — Faz alguns dias que eu vos aguardo, senhor — disse ele. — Os vossos interesses  
26 e os interesses da infanta são caros a mim. É preciso retirá-la do lugar fatal onde a  
27 vingativa Chorumela a prendeu: Bibelô está dentro de uma garrafa.

28 — Ah! O que é que estais me dizendo? — exclamou o príncipe. — A infanta está  
29 em uma garrafa?

30 — Sim — disse o velho sábio. — E ela padece de grande sofrimento. Mas eu vos  
31 aviso, senhor, que não será fácil derrotar os gigantes e os dragões que a guardam, a menos  
32 que sigais os meus conselhos. Deveis deixar o vosso bom cavalo aqui, e cavalgar em um  
33 golfinho alado que há muito tempo eu tenho preparado para vós.

---

<sup>38</sup> Famoso cavalo de guerra de Alexandre, o Grande.

<sup>39</sup> Freio leve geralmente utilizado em cavalos mais experientes, que respondem bem aos comandos do domador.

<sup>40</sup> Dança tradicional que se fazia na ocasião do término da colheita de azeitonas.



1 Então ele mandou buscar o golfinho, que já estava selado e arreado, e que era tão  
2 habilidoso em fazer voltas e curvas que Criquetim ficou com ciúmes.

3 Birroqui e seus companheiros apressaram-se em armar o príncipe. Deram-lhe  
4 uma couraça brilhante de escamas de carpas douradas e cobriram-lhe a cabeça com um  
5 elmo feito da concha de um grande caracol, cujo penacho era um rabo de bacalhau. Uma  
6 náiade<sup>41</sup> cingiu-lhe a cintura com uma enguia, na qual foi pendurada uma formidável  
7 espada feita de uma longa espinha de peixe. Em seguida, ele recebeu uma grande casca de  
8 tartaruga, que fez de escudo para se proteger. Com todo esse equipamento, mesmo o  
9 menor dos góbios<sup>42</sup> o tomaria por deus dos linguados, pois, verdade seja dita, esse jovem  
10 príncipe era dotado de uma presença raramente encontrada entre os mortais.

11 A esperança de logo reencontrar a encantadora princesa que ele amava enfim o  
12 deixou inspirado, com uma alegria que ele não sentia desde sua perda. E a fiel crônica  
13 deste conto anota que ele ceou com muito bom apetite na companhia de Birrocá, e que  
14 agradeceu a toda companhia com termos rebuscados. Depois, despediu-se de seu  
15 Criquetim e subiu no peixe voador, que partiu imediatamente.

16 Ao fim do dia, o príncipe voara tão alto que, para descansar um pouco, adentrou  
17 o reino da lua. As raridades que ali descobriu bem que poderiam tê-lo detido caso seu  
18 desejo de retirar a infanta da garrafa — onde ela vivia já havia alguns meses — fosse um  
19 pouco menos urgente.

20 A aurora mal havia raiado quando ele finalmente a encontrou, rodeada dos  
21 gigantes e dragões que a fada mantinha junto dela em virtude dos poderes de sua varinha  
22 mágica. Chorumela não acreditava que alguém pudesse ser suficientemente poderoso  
23 para libertá-la, pois isso descansava, confiante na vigilância de seus terríveis guardas para  
24 mantê-la em constante sofrimento.

25 Um dia, enquanto essa bela princesa olhava para o céu com tristeza e declamava  
26 seus tristes lamentos, avistou o golfinho voador e o cavaleiro que vinha para salvá-la. Se  
27 não fosse por experiência própria, ela jamais acreditaria que uma aventura como aquela  
28 seria possível; porém, mesmo as coisas mais extraordinárias acabam se tornando  
29 familiares para algumas pessoas.

30 — Será pela proeza de alguma fada que esse cavaleiro se move pelo ar? — ela  
31 indagou. — Céus, que pena seria se ele também acabasse aprisionado em uma garrafa ou  
32 em uma jarra, tal como aconteceu comigo.

33 Enquanto ela raciocinava, os gigantes, que viam o príncipe acima de suas cabeças,  
34 pensaram que fosse uma pipa, e gritaram uns para os outros:

35 — Peguem, peguem a linha! Isso nos divertirá!

---

<sup>41</sup> Ninfa dos rios e fontes de água doce.

<sup>42</sup> Pequena espécie de peixe.

1            Porém, quando eles se abaixaram para procurar a linha da pipa, o príncipe desceu  
2 sobre eles, e, com sua espada, cortou-os de uma ponta à outra, rasgando-os em pedaços,  
3 como um baralho de cartas que é cortado ao meio e lançado ao vento. Ao som desse  
4 grande combate, a infanta virou-se e reconheceu seu jovem príncipe. Que alegria em saber  
5 que ela estava viva! Mas que angústia ao vê-la em tão grande perigo, cercada daqueles  
6 terríveis colossos e dos dragões que agora se precipitavam sobre ele! Ela soltou um grito  
7 terrível ao perceber o perigo que ele corria, tanto que pensou que fosse morrer.

8            No entanto, a espinha de peixe encantada que Birrocá entregara ao príncipe lhe  
9 fora muito útil, bem como a leveza do golfinho, que subia e descia com grande agilidade.  
10 Tais auxílios foram maravilhosos, de sorte que, em pouquíssimo tempo, a terra ficou  
11 coberta com os corpos desses monstros. Impaciente, o príncipe avistou sua infanta através  
12 do vidro; bem que o teria estilhaçado, mas teve medo de machucá-la, então decidiu descer  
13 pelo gargalo da garrafa. Assim que alcançou o fundo, lançou-se aos pés de Bibelô e,  
14 respeitosamente, beijou-lhe a mão.

15            — Senhor — disse-lhe ela. — É justo que, a fim de poupar a vossa estima, eu vos  
16 revele o motivo de meu grande interesse em vossa sobrevivência. Sabei que somos  
17 parentes próximos, que sou a filha da rainha, vossa tia. Sou a mesma Bibelô que  
18 encontrastes sob a figura de uma macaquinha à beira-mar; fugi depois de demonstrar-vos  
19 um afeto que foi por vós desprezado.

20            — Ah, madame, devo acreditar em um evento tão prodigioso assim? — ele bradou.  
21 — Fostes uma macaquinha, me amastes, e, mesmo sabendo disso, meu coração foi capaz  
22 de recusar o maior de todos os bens!

23            — Bem, eu teria uma opinião muito ruim sobre vosso gosto caso tivésseis  
24 correspondido aos meus sentimentos — replicou a risonha infante. — Partamos, senhor,  
25 pois já estou cansada de ser prisioneira e tenho medo de minha inimiga. Vamos ao  
26 encontro da rainha, minha mãe, para contar-lhe sobre todas essas coisas extraordinárias  
27 que são de seu interesse.

28            — Vinde, madame, vamos! — disse o amoroso príncipe, subindo no golfinho  
29 alado e tomando-a em seus braços. — Façamos com que ela veja em vós a princesa mais  
30 amável que já existiu no mundo!

31            O golfinho elevou-se suavemente e voou para a capital onde a rainha passava sua  
32 triste vida. A fuga de Bibelô não lhe rendeu nem um momento de descanso; não conseguia  
33 parar de pensar nela, lembrando-se das coisas bonitas que ouvira. Para voltar a vê-la,  
34 mesmo sendo uma macaquinha, ela daria metade de seu reino.

35            Quando o príncipe chegou, disfarçou-se de velho e demandou uma audiência  
36 particular com a rainha.

37            — Madame — disse-lhe ele. — Tenho estudado a arte da necromancia desde a  
38 mais tenra juventude. Por isso, podeis julgar que é de meu conhecimento o ódio que a

1 fada Chorumela sente por vós, bem como os terríveis efeitos decorrentes disso. Porém,  
2 madame, enxugai as vossas lágrimas, pois aquela Bibelô que vistes tão feia é agora a mais  
3 bela princesa do universo. Vós a tereis prontamente convosco se perdoardes a rainha,  
4 vossa irmã, pela cruel guerra que foi feita contra vós e selardes a paz com o casamento de  
5 vossa infanta com o príncipe, vosso sobrinho.

6 — Eu não tenho como ficar lisonjeada com essa proposta — respondeu a rainha,  
7 chorando. — Velho sábio, desejais amenizar os meus problemas, mas eu perdi minha  
8 querida filha, não tenho marido, minha irmã afirma que meu reino lhe pertence e seu  
9 filho é tão injusto quanto ela; eles me perseguem, jamais poderei fazer uma aliança com  
10 eles.

11 — O destino ordena o contrário — ele continuou. — Fui escolhido para vos  
12 informar.

13 — Ora, de que me serviria consentir com esse casamento? — replicou a rainha. —  
14 A perversa Chorumela é muito poderosa e maliciosa, ela sempre se oporá a tudo.

15 — Não vos inquieteis, madame — respondeu o bom homem. — Prometei-me  
16 apenas que não fareis nenhuma oposição ao casamento proposto.

17 — Eu vos prometo tudo, desde que eu volte a ver minha querida filha — declarou  
18 a rainha.

19 O príncipe saiu e correu para junto da infanta, que esperava por ele. Bibelô ficou  
20 surpresa ao vê-lo disfarçado, e ele foi obrigado a contar-lhe que, depois de algum tempo  
21 vivendo juntas, as duas rainhas decidiram se separar e que isso havia gerado uma grande  
22 contenda entre elas, mas que agora ele havia obtido o consentimento de sua tia para que  
23 tudo se resolvesse. Muito contente, a princesa se dirigiu ao palácio; todos os que a viram  
24 passar consideraram-na tão perfeitamente parecida com sua mãe que se apressaram a  
25 segui-la, a fim de descobrirem quem era ela.

26 Assim que a rainha a avistou, seu coração ficou tão comovido que nem houve a  
27 necessidade de prestar alguma explicação sobre a veracidade de toda aquela aventura. A  
28 princesa atirou-se a seus pés e a rainha acolheu-a em seus braços. Depois de passarem  
29 muito tempo em silêncio, elas enxugaram suas lágrimas, trocaram milhares de beijos  
30 carinhosos e disseram uma à outra tudo o que se podia esperar em uma ocasião como  
31 aquela. Depois, a rainha lançou os olhos sobre o seu sobrinho, a quem acolheu  
32 favoravelmente, reiterando-lhe o que havia prometido ao necromante. Bem que ela teria  
33 falado por mais tempo, mas um estrondo vindo do pátio do palácio obrigou-a a ir até a  
34 janela, de onde pode acompanhar a chegada da rainha, sua irmã, o que foi uma grata  
35 surpresa. O príncipe e a infanta, que também foram assistir, reconheceram que junto dela  
36 vinham o venerável Birrocá e o bom Criquetim. Houve grandes demonstrações de alegria  
37 de ambas as partes; com um entusiasmo indescritível, todos correram para se reencontrar.

1 O célebre casamento do príncipe e da infanta foi realizado imediatamente, a despeito da  
2 fada Chorumela, cuja sabedoria e malícia foram igualmente logradas.

3

4

*Devemos temer a presença de um inimigo.*

5

*Ainda que ele vos tente conquistar,*

6

*Dizendo amar-vos como a um amigo,*

7

*Secretamente, ele quer se vingar.*

8

*A infanta de quem contei a experiência,*

9

*Teria crescido com uma amável aparência,*

10

*E viveria uma juventude venturosa*

11

*Se Chorumela, a injusta fada madrinha,*

12

*Não lhe fadasse com uma sina desastrosa*

13

*Ao transformá-la em macaquinha.*

14

*Essa mudança tão apavorante*

15

*Tentou fazer com que o amor fosse inibido*

16

*Pois seu afeto jamais seria correspondido.*

17

*Ainda assim, escolheu um príncipe por amante.*

18

*Eu bem conheço, no século presente,*

19

*Quem, dos homens mais elevados,*

20

*Conquistar os corações pretende,*

21

*Mesmo tendo a feiura de um macaco;*

22

*Qualquer feiticeira, por benevolência,*

23

*Poderia prestar-lhes um grande favor,*

24

*Concedendo-lhes uma boa aparência,*

25

*Para fazê-los felizes, como foi com Bibelô.*

26

## O ANÃO AMARELO

1           Era uma vez uma rainha a quem só havia restado uma única filha dentre as  
2 inúmeras crianças que tivera. Para sua mãe, no entanto, ela valia mais que mil; viúva, não  
3 existia nada no mundo que estimasse mais do que essa jovem princesa. Tinha tanto medo  
4 de perdê-la que não corrigia seus defeitos, de modo que essa maravilhosa menina,  
5 destinada à coroa, de beleza mais celeste que mortal, tornou-se tão orgulhosa e tão  
6 convencida de seus charmes inerentes que desprezava todo mundo.

7           O excesso de carinhos e complacências da rainha, sua mãe, serviram para  
8 persuadi-la de que nada era bom o suficiente. Quase sempre a princesa era vista vestida  
9 de Palas<sup>1</sup> ou de Diana, seguida pelas mais proeminentes damas da corte, todas vestidas de  
10 ninfas. Por fim, como um último golpe de vaidade, a rainha deu-lhe o nome de Toda-  
11 Bela<sup>2</sup>. Mandou que os pintores mais hábeis fizessem retratos de sua filha, e os enviou a  
12 vários reis, com os quais mantinha uma estreita amizade. Quando viram o retrato,  
13 nenhum deles conseguiu se defender do poder infalível de seus encantos; uns adoeceram,  
14 outros perderam o juízo. Os mais venturosos iam ao encontro de Toda-Bela em boa  
15 saúde; no entanto, assim que aparecia diante deles, esses pobres príncipes acabavam por  
16 se tornar seus escravos.

17           Nunca houve uma corte mais galante e educada: vinte reis rivalizaram na tentativa  
18 de agradá-la; gastaram trezentos ou quatrocentos milhões em cada festa que fizeram para  
19 ela e sentiram-se deveras recompensados tão somente ao ouvi-la dizer “Que lindo!”. Os  
20 louvores dedicados à princesa muito alegravam a rainha; todos os dias, sua corte recebia  
21 sete ou oito mil sonetos, elegias, madrigais e canções, que eram enviadas por todos os  
22 poetas do universo. Toda-Bela era o único objeto da prosa e da poesia dos autores de seu  
23 tempo; fazia-se grandes fogueiras com todos esses versos, que crepitavam e queimavam  
24 melhor do que qualquer tipo de madeira.

25           A princesa havia completado quinze anos, mas ninguém ousava pleitear a honra  
26 de ser seu esposo, ainda que esse fosse o desejo de todos. Afinal, como tocar um coração  
27 assim? Qualquer um se enforcaria cinco ou seis vezes ao dia para agradá-la, mas para ela  
28 isso não significaria nada. Seus amantes murmuravam contra sua crueldade; e a rainha,  
29 que desejava casá-la, não sabia como resolver essa questão.

30           — Não desejais conter um pouco desse orgulho insuportável que vos faz olhar  
31 com desprezo para todos os reis que vêm à nossa corte? — a rainha às vezes lhe  
32 perguntava. — Eu quero conceder a vossa mão a um deles, não tendes complacência  
33 alguma por mim?

---

<sup>1</sup> Atena.

<sup>2</sup> *Toute-Belle*.

1 — Sinto-me muito feliz — Toda-Bela respondia. — Permitti, madame, que eu  
2 permaneça em minha tranquila indiferença. Se eu a perdesse, ficaríeis aborrecida.

3 — Sim — a rainha replicava. — Eu ficaria zangada se amásseis qualquer um que  
4 estivesse abaixo de vós; vede, porém, aqueles que vos cortejam, e perceberéis que nenhum  
5 deles ocupa esse lugar.

6 Isso era verdade, mas a princesa, assoberbada de seus méritos, achava que valia  
7 ainda mais. Pouco a pouco, sua teimosia em permanecer solteira começou a deprimir sua  
8 mãe, que se arrependeu, ainda que tarde demais, de ter sido tão complacente com ela.

9 Insegura do que deveria fazer, sozinha, a rainha saiu à procura de uma célebre  
10 fada, chamada de Fada do Deserto. Porém, não seria nada fácil encontrá-la, pois era  
11 vigiada por leões. A rainha jamais conseguiria vê-la se não soubesse que era necessário  
12 atirar aos leões um bolo feito de farinha de milho, açúcar cristalizado e ovos de crocodilo.  
13 Ela mesma amassou o bolo e colocou-o em uma cestinha que levou em seus braços.  
14 Cansada de tanto caminhar, pois não estava acostumada, deitou-se aos pés de uma árvore  
15 para descansar um pouco. Cochilou sem perceber, e, quando acordou, viu que sua cesta  
16 estava vazia. O bolo não estava mais lá, e, para piorar a situação, notou que os grandes  
17 leões se aproximavam; eles faziam um grande escarcéu, pois haviam sentido o cheiro do  
18 bolo.

19 — Céus! O que será de mim? — a rainha gritou dolorosamente. — Serei devorada!  
20 Ela chorou e, sem forças para dar um passo para se salvar, colocou-se contra a  
21 árvore onde havia dormido. Naquele mesmo instante, ela ouviu:

22 — Nhoc, nhoc, nham, nham.

23 Procurou por todos os lados e, quando olhou para cima, viu um homenzinho  
24 sobre a árvore, com um côvado<sup>3</sup> de altura, comendo laranjas. Ele lhe disse:

25 — Ó, rainha, eu vos conheço bem, sei que tendes medo de que os leões possam  
26 devorá-la. E deveis mesmo temer, pois eles já devoraram muita gente; e para completar  
27 vossa desgraça, não tendes um bolo.

28 — Devo render-me à morte — disse a rainha, suspirando. — Céus! Eu teria menos  
29 problemas se minha querida filha estivesse casada!

30 — O quê, tendes uma filha? — perguntou o Anão Amarelo (ele era chamado assim  
31 por causa da cor de sua pele e da laranjeira onde vivia). — Realmente é meu dia de sorte,  
32 pois estou à procura de uma esposa por terra e mar! Se me prometerdes a mão de vossa  
33 filha, eu vos protegerei de leões, tigres e ursos.

34 A rainha olhou para ele e sentiu tanto medo de sua horrível aparência quanto  
35 sentia dos leões. Ela se retraiu e não respondeu nada.

---

<sup>3</sup> Pouco menos de um metro.

1 — O quê? Estais hesitando, madame? — ele exclamou. — Não amais vossa própria  
2 vida?

3 Naquele momento, a rainha avistou os leões no topo de uma colina; eles vinham  
4 correndo em sua direção. Cada um tinha duas cabeças, oito pés e quatro fileiras de dentes;  
5 sua pele era dura como o casco de uma tartaruga e vermelha como marroquim<sup>4</sup>. Àquela  
6 visão, a pobre rainha, mais trêmula que uma pomba quando vê um gavião, gritou com  
7 todas as suas forças:

8 — Monsenhor Anão, Toda-Bela é vossa!

9 — Ó, Toda-Bela é bela demais, eu não a quero, fiqueis com ela! — ele respondeu  
10 com ar de desdém.

11 — Ora, monsenhor, não a recuseis, ela é a princesa mais encantadora do universo!  
12 — continuou a aflita rainha.

13 — Está bem — ele concordou. — Eu vou aceitá-la por caridade. Porém, nunca vos  
14 esqueçais de que eu a recebi como um presente da vossa parte.

15 Imediatamente, a laranjeira abriu-se ao meio e a rainha lançou-se para dentro dela.  
16 Uma vez fechada, os leões não conseguiram pegá-la.

17 A rainha estava tão perturbada que, de início, não percebeu que havia uma porta  
18 dentro árvore; quando ela finalmente a viu, abriu-a e adentrou um campo de urtigas e  
19 cardos<sup>5</sup>. Ele era cercado por uma vala lamacenta e, um pouco mais adiante, via-se um  
20 casebre muito baixo, coberto de palha, de onde o Anão Amarelo saiu rejubilante. Ele  
21 usava tamancos de madeira e uma sobrecapa rústica de lã amarela; não tinha nenhum fio  
22 de cabelo, as orelhas eram grandes e seu aspecto era o de um pequeno celerado.

23 — Fico feliz, madame, minha sogra, por conhecerdes o pequeno castelo onde  
24 vossa filha Toda-Bela viverá comigo — disse-lhe ele. — Ela poderá alimentar-se de urtigas  
25 e cardos, um asno a conduzirá em seus passeios, sob o meu rústico teto ela estará bem  
26 protegida das intempéries, beberá desta água lamacenta e comerá algumas rãs que vivem  
27 ali. Enfim, permaneceréi com ela noite e dia, belo, disposto e vigoroso como me vedes;  
28 ficarei bem zangado se sua sombra estiver mais próxima dela do que eu.

29 Foi quando a infeliz rainha se deu conta da vida deplorável que aquele anão  
30 prometia à sua querida filha. Incapaz de conceber uma ideia tão terrível, ela desmaiou  
31 inconsciente, sem ter forças para respondê-lo. Nesse estado, ela foi levada de volta ao seu  
32 palácio e colocada em sua cama com um belíssimo robe; seu penteado fontange<sup>6</sup> estava  
33 mais bonito do que nunca. Ao acordar, lembrou-se do que havia acontecido, mas não  
34 acreditou em nada daquilo, pois estava em seu palácio, entre suas damas, com sua filha  
35 ao seu lado; não havia nenhum indício de que ela de fato estivera no deserto, de que

---

<sup>4</sup> Couro de caprino tingido.

<sup>5</sup> Planta espinhosa de flores violetas.

<sup>6</sup> Antigo penteado, muito comum na França do século XVIII.

1 corra tantos perigos e de que o Anão a salvara daquela dura situação em troca da mão  
2 de Toda-Bela. No entanto, o robe de renda e os laços de fita que ela estava usando eram  
3 muito raros, o que serviu para deixá-la em dúvida quanto àquilo que ela supunha ter sido  
4 um sonho. Como resultado, no excesso de sua ansiedade, ela foi tomada por uma  
5 melancolia tão extraordinária que mal podia falar, comer ou dormir.

6 A princesa, que a amava de todo o coração, ficou muito preocupada; implorou-  
7 lhe várias vezes para que lhe dissesse o que se passava. A rainha, porém, sempre procurava  
8 uma desculpa: às vezes respondia que eram consequências de sua saúde debilitada, outras  
9 que algum de seus vizinhos ameaçava uma grande guerra. Toda-Bela considerava que suas  
10 respostas eram plausíveis, mas sabia que, no fundo, havia algo a mais, algo que a rainha  
11 tentava esconder dela. Sem conseguir conter sua inquietude, a princesa resolveu ir  
12 procurar a famosa Fada do Deserto, cuja sabedoria era do conhecimento de todos; ela  
13 também queria pedir um conselho sobre a decisão de permanecer solteira, visto que todo  
14 mundo a pressionava para escolher um marido. Toda-Bela teve o cuidado de amassar o  
15 bolo capaz de apaziguar a fúria dos leões e, no início de uma noite, fingiu que ia para a  
16 cama e fugiu por uma saída secreta, com o rosto encoberto por um grande véu branco  
17 que chegava aos seus pés. Assim, sozinha, ela se dirigiu à caverna onde vivia a esperta  
18 fada.

19 Porém, quando Toda-Bela chegou à laranjeira fatal da qual já falei, encontrou-a  
20 tão cheia de frutas e flores que sentiu vontade de colher algumas. Colocou sua cesta no  
21 chão, pegou algumas laranjas e comeu. Depois, quando foi reaver a cesta e o bolo, nada  
22 mais encontrou; ela ficou inquieta e aflita, até que, de repente, avistou o pavoroso  
23 anãozinho de que já falei bem ao seu lado. Ele lhe disse:

24 — O que vos aconteceu, bela menina, para chorardes assim?

25 — Ai de mim! Quem não choraria! — ela respondeu. — Perdi a minha cesta e o  
26 bolo que me era necessário para chegar à Fada do Deserto.

27 — Ora, o que quereis com ela, bela menina? — quis saber aquele macaquinho  
28 feioso. — Sou seu parente, seu amigo e tão esperto quanto ela.

29 — A rainha, minha mãe, sucumbiu a uma tristeza terrível já faz algum tempo, o  
30 que me faz temer por sua vida — respondeu a princesa. — Tenho em mente que posso  
31 ser a causa de tudo isso, pois ela deseja que eu me case. Confesso-vos, porém, que ainda  
32 não encontrei ninguém que fosse digno de mim. São essas as razões que me levam a querer  
33 falar com a fada.

34 — Não vos preocupeis mais, princesa — respondeu o Anão. — Sou mais apto do  
35 que ela para esclarecer-vos tais coisas. A rainha, sua mãe, está triste por ter-vos prometido  
36 em casamento.



1 — A rainha me prometeu? — disse ela, interrompendo-o. — Ó, sem dúvida estais  
2 enganado, caso contrário ela me teria dito! Esse é um assunto que me diz respeito, ela  
3 jamais me comprometeria sem o meu consentimento.

4 — Linda princesa — disse o Anão, atirando-se abruptamente de joelhos. — Eu vos  
5 garanto que não ficareis descontente ao saber que sou eu mesmo quem está destinado a  
6 essa felicidade!

7 — Minha mãe deseja que sejais o seu genro? — gritou Toda-Bela, recuando alguns  
8 passos. — Ela deve estar tão louca quanto vós!

9 — Pouco me importo com essa honra — replicou o colérico Anão. — Aí vêm os  
10 leões; em três mordidas eles me vingarão de vosso injusto desprezo.

11 Naquele mesmo instante, a pobre princesa ouviu-os se aproximando com seus  
12 fortes rugidos.

13 — Que será de mim? — lamentou-se ela. — É assim que terminarei meus dias?

14 O malvado Anão olhou para ela e riu com desprezo:

15 — Pelo menos tereis a glória de morrer solteira e de não partilhar vossos brilhantes  
16 méritos com um Anão tão miserável como eu.

17 — Por favor, não vos zangueis — disse a princesa, juntando suas belas mãos. —  
18 Eu preferiria casar-me com todos os anões do universo a ter de perecer de uma maneira  
19 tão trágica.

20 — Olhai bem para mim, princesa, e dai-me a vossa palavra — ele respondeu. —  
21 Para que depois não haja nenhum mal-entendido.

22 — Eu vos garanto — disse-lhe ela, olhando-o de relance. — Os leões se  
23 aproximam, meu medo está aumentando! Salvai-me, salvai-me, ou então o medo me  
24 matará!

25 De fato, ela mal terminou de dizer essas palavras e caiu inconsciente. Depois, sem  
26 saber como, acordou em sua cama, envolta com os lençóis mais belos do mundo, os mais  
27 belos laços de fita e um pequeno anel feito de um único fio de cabelo ruivo, que estava tão  
28 apertado que seria mais fácil arrancar a pele de seu dedo do que retirá-lo.

29 Quando a princesa viu todas essas coisas, lembrou-se do que havia acontecido na  
30 noite anterior e foi tomada por uma melancolia que surpreendeu e preocupou toda a  
31 corte. A rainha era a mais alarmada; perguntou-lhe uma centena de vezes o que se passava,  
32 mas ela insistia em esconder sua aventura. Por fim, os governadores do reino, ansiosos  
33 pelo casamento de sua princesa, reuniram-se e foram até a rainha para pedir-lhe que  
34 escolhesse um noivo para sua filha o mais rápido possível. Ela respondeu que era tudo o  
35 que desejava, mas que sua filha demonstrava grande resistência; aconselhou-os a irem  
36 procurá-la e pressioná-la, e eles o fizeram sem demora. Com o orgulho ferido desde sua  
37 aventura com o Anão Amarelo, Toda-Bela chegou à conclusão de que a melhor maneira  
38 de esquivar-se da situação seria casar-se com um grande rei, contra quem aquele

1 macaquinho feioso não teria condições de disputar a glória de sua conquista. Sendo assim,  
2 ao contrário do que se esperava, ela respondeu favoravelmente ao pedido. Embora ela  
3 desejasse viver feliz como uma donzela solteira por toda vida, consentiu em casar-se com  
4 o Rei das Minas de Ouro. Ele era um príncipe muito poderoso e muito bem-feito que a  
5 amava apaixonadamente já havia alguns anos, e que, até então, ainda não havia recebido  
6 nenhum retorno da parte da princesa.

7 É fácil imaginar o excesso de sua alegria quando ficou sabendo de uma notícia tão  
8 encantadora, bem como a fúria de todos os seus rivais, que perdiam para sempre a  
9 esperança que alimentava sua paixão. Seja como for, Toda-Bela não poderia se casar com  
10 vinte reis, tivera muito trabalho para escolher apenas um, pois, cheia de vaidade, estava  
11 convencida de que ninguém no mundo poderia comparar-se a ela.

12 Estava tudo preparado para a maior festa do universo: o Rei das Minas de Ouro  
13 trouxe somas tão prodigiosas de dinheiro que o mar inteiro foi coberto pelos navios de  
14 carga. Embaixadores reais foram enviados às cortes mais educadas e galantes que  
15 existiam, especialmente à corte da França, a fim de adquirir o que havia de mais  
16 requintado para adornar a princesa. Ela, porém, era a pessoa que menos precisava de  
17 paramentos realçadores de beleza: sua aparência era tão perfeita que nada podia ser  
18 acrescentado a ela. O Rei das Minas de Ouro, vendo-se prestes a alcançar sua felicidade,  
19 não saía de perto daquela adorável princesa.

20 Toda-Bela interessou-se em conhecê-lo melhor e, para isso, teve de estudá-lo  
21 meticulosamente. Descobriu tantos méritos, tanta inteligência, sentimentos tão vivos e  
22 delicados e uma alma tão bela em um corpo tão perfeito, que começou a sentir por ele  
23 uma parte do que ele sentia por ela. Que momentos felizes eles passaram juntos,  
24 passeando pelos mais belos jardins do mundo! Estavam livres para descobrir toda ternura  
25 que sentiam um pelo outro. Esses momentos de prazer eram muitas vezes acompanhados  
26 de música; o rei, sempre galante e amoroso, fazia versos e canções para a princesa. Eis  
27 aqui uma que ela considerou muito agradável:

28  
29 *Estes bosques, quando vos veem, enfeitam-se de folhagens,*

30 *E estes prados brilham com suas charmosas cores.*

31 *Quando passais, desabrocham-se as flores;*

32 *Os pássaros apaixonados cantam em vossa homenagem;*

33 *Neste charmoso lugar de resplendor,*

34 *Tudo ri, e todos reconhecem a filha do amor.*

35  
36 Foi o auge da alegria. Os rivais do rei, despeitados com sua boa sorte, acabaram  
37 por deixar a corte e voltaram para casa afligidos pela mais viva dor, sem condições de

1   testemunhar o casamento de Toda-Bela. Despediram-se dela de forma tão comovente que  
2   ela não pode deixar de sentir pena deles.

3           — Ah, madame — disse-lhe o Rei das Minas de Ouro. — Não vos deixeis levar  
4   pela tristeza! Sentis pena desses homens enamorados, mas tão somente o vosso olhar já é  
5   o bastante para aliviar-lhes a dor.

6           — Eu me aborreço com a vossa insensibilidade à compaixão que demonstro aos  
7   príncipes que me perderam para sempre — replicou Toda-Bela. — Essa é uma prova de  
8   vossa indelicadeza que levarei em conta. Sabei, senhor, que o estado deles é muito  
9   diferente do vosso. Devíeis estar suficientemente satisfeito comigo; eles, porém, têm  
10  muito pouco do que se orgulhar, de modo que não é preciso esse ciúme adiante.

11          O Rei das Minas de Ouro, constrangido pela maneira amável com que a princesa  
12  lidou com algo que poderia perturbá-la, atirou-se a seus pés e, beijando suas mãos, pediu-  
13  lhe mil vezes perdão.

14          O dia tão esperado e tão desejado enfim chegou: tudo estava pronto para as  
15  núpcias de Toda-Bela. Trompetes e outros instrumentos anunciavam a grande festa por  
16  todas as províncias; as ruas foram cobertas com tapetes de flores e o povo em polvorosa  
17  aglomerou-se na praça principal do palácio. A alegre rainha mal conseguira dormir e  
18  levantou-se antes do amanhecer para dar as ordens necessárias e escolher as jóias com as  
19  quais a princesa seria enfeitada. Tudo era de diamante, da cabeça aos pés, inclusive os  
20  sapatos. Seu vestido de brocado de prata estava adornado com uma dúzia de raios de sol,  
21  comprados por um alto valor, de modo que nada era mais brilhante, a não ser a própria  
22  beleza da princesa. Uma rica coroa enfeitava sua cabeça, seus cabelos flutuavam até os pés  
23  e a majestade de seu porte entrava em evidência no meio de todas as damas que a  
24  acompanhavam. O Rei das Minas de Ouro não estava menos arrumado ou menos  
25  magnífico: a alegria transparecia em seu rosto e em todos os seus gestos. Todos que se  
26  aproximavam dele eram recebidos com grande generosidade: ele havia colocado mil  
27  barris cheios de ouro ao redor do salão de festas, bem como grandes sacos de veludo  
28  bordados com pérolas que estavam cheios de pistolas<sup>7</sup>; qualquer um poderia pegar  
29  centenas de milhares. Eles eram entregues indiferentemente àqueles que estendessem as  
30  mãos, de modo que esse pequeno evento, que nem era um dos mais úteis e mais agradáveis  
31  do casamento, atraiu muitas pessoas que tinham pouca consideração por todos os outros  
32  prazeres.

33          Porém, aconteceu que, quando a rainha e a princesa estavam prestes a se retirarem  
34  da festa na companhia do rei, viram dois enormes perus adentrarem a galeria onde elas  
35  estavam, arrastando um baú muito mal feito. Atrás deles vinha uma grande velha, cuja  
36  idade avançada e decrepitude não eram menos surpreendentes que sua fealdade extrema.

---

<sup>7</sup> Antiga moeda de prata que equivalia a 10 libras (COIMBRA, 1957, p. 247).

1 Ela se apoiava em uma bengala, trajava um rufo<sup>8</sup> preto de tafetá, um capuz<sup>9</sup> de veludo  
2 vermelho e um vestido esfarrapado com anquinhas<sup>10</sup>. Fez três voltas com os perus sem  
3 dizer uma palavra; depois, parou no meio da galeria, apontou com a bengala de forma  
4 ameaçadora e gritou:

5 — Ho, ho, rainha! Ho, ho, princesa! Pretendeis falsear impunemente a palavra que  
6 destes ao meu amigo, o Anão Amarelo? Eu sou a Fada do Deserto! Acaso não sabeis que  
7 sem ele, sem a sua laranjeira, meus grandes leões vos teriam devorado? Insultos como esse  
8 não são tolerados no reino das fadas. Pensai prontamente no que ireis fazer, pois eu juro  
9 pelo meu escofion<sup>11</sup> que vos casareis com ele, ou então queimarei minha bengala!

10 — Ah, princesa! — disse a rainha, chorando. — O que foi que prometestes?

11 — Ah, minha mãe! — respondeu dolorosamente Toda-Bela. — O que foi que vós  
12 mesma prometestes?

13 O Rei das Minas de Ouro, indignado com o que se passava, vendo que aquela velha  
14 malvada estava se opondo à sua bem-aventurança, aproximou-se dela com sua espada em  
15 mãos, apontou-a para sua garganta e disse:

16 — Desgraçada! Afasta-te deste lugar para sempre, ou perderás a tua vida como  
17 vingança por tua maldade!

18 Assim que ele terminou de pronunciar essas palavras, o tampo do baú foi ao chão  
19 com um estrondo terrível e dele saiu o Anão Amarelo, montado em um grande gato  
20 espanhol; ele se posicionou entre a Fada do Deserto e o Rei das Minas de Ouro.

21 — Jovem atrevido! — disse-lhe ele. — Não penses em ultrajar essa ilustre fada!  
22 Esse é um assunto meu, eu sou o teu rival, eu sou o teu inimigo! A infiel princesa que  
23 deseja entregar-se a ti havia me dado a sua palavra em troca da minha. Olha, vê se ela não  
24 está usando um anel feito com um dos fios do meu cabelo! Tenta removê-lo, e provarás,  
25 com esse pequeno teste, que teu poder é inferior ao meu!

26 — Monstro miserável! — vociferou o rei. — Tens a ousadia de considerar-te  
27 digno da adoração dessa divina princesa e de reivindicar um presente tão glorioso? Saibas  
28 que és um macaco feioso e que a tua horrível aparência é de ferir os olhos; eu já teria tirado  
29 a tua vida caso fosses digno de uma morte tão gloriosa!

30 O Anão Amarelo, ofendido até o fundo da alma, pressionou seu esporão contra o  
31 ventre do gato, que começou a miar pavorosamente e a saltar de cá pra lá, assustando  
32 todos os presentes, exceto o corajoso rei, que não saía de perto do Anão. Foi quando ele  
33 desembainhou um grande facão que trazia consigo e desafiou o rei para uma batalha; em  
34 seguida, desceu à praça do palácio emitindo ruídos esquisitos.

---

<sup>8</sup> Grande gola armada usava no pescoço da camisa; gorgeira.

<sup>9</sup> *Chaperon*: capa curta com capuz.

<sup>10</sup> Armação que as mulheres costumavam usar sob a saia do vestido para entufá-las.

<sup>11</sup> Armação que se levava à cabeça como adorno, podendo ser acompanhada de um véu.

1 O furioso rei seguiu-o a passos largos. De repente, assim que eles ficaram frente a  
2 frente diante de toda corte, que assistia ao espetáculo das varandas, o sol adquiriu uma  
3 tonalidade muito vermelha, como se estivesse sangrando, e o dia ficou tão escuro que eles  
4 mal podiam enxergar um ao outro. Relâmpagos e trovões retumbaram como se fosse o  
5 fim do mundo; os dois perus apareceram ao lado do malvado Anão na forma de dois  
6 gigantes mais altos que as montanhas. Eles lançavam tanto fogo pela boca e pelos olhos  
7 que mais pareciam uma fornalha ardente. Porém, nem todas essas coisas foram capazes  
8 de assustar o magnânimo coração do jovem monarca; seu semblante e suas ações  
9 demonstravam uma intrepidez que tranquilizava a todos que torciam pela sua vitória, o  
10 que serviu para deixar o Anão Amarelo envergonhado. Sua coragem, no entanto, foi  
11 abalada assim que viu o estado em que sua querida princesa ficou ao ser atacada: a Fada  
12 do Deserto, passando-se por Tisífone<sup>12</sup>, com a cabeça coberta de serpentes bem  
13 compridas, surgiu montada sobre um grifo<sup>13</sup> alado. Com uma lança, golpeou Toda-Bela  
14 gravemente; a princesa tombou nos braços da rainha, que ficou toda banhada em seu  
15 sangue. Aquela carinhosa mãe, mais ferida que sua filha, gritou e bradou lamentações  
16 inexprimíveis. Foi então que o rei perdeu a coragem e a razão; desistiu da luta e correu  
17 para a princesa a fim de resgatá-la, ou mesmo para morrer junto dela. Contudo, o Anão  
18 Amarelo não lhe deu tempo de aproximar-se dela; correu com seu gato espanhol até a  
19 varanda onde ela estava, arrebatou-a das mãos da rainha e de todas as damas e depois  
20 fugiu pelo teto do palácio, desaparecendo com a sua presa.

21 O rei, confuso e imóvel, ficou completamente desesperado com aquela desventura  
22 tão extraordinária. Sentia-se bastante infeliz por não ter conseguido remediá-la. Para  
23 piorar a desgraça, seus olhos foram subitamente cobertos, a visão escureceu, e ele sentiu  
24 que algum ser de extraordinária força o levava para longe, no vasto espaço aéreo.

25 — Quanta desgraça! Amor, cruel amor, é assim que trata àqueles que reconhecem  
26 a tua glória?

27 Acontece que o bárbaro coração da malvada Fada do Deserto, que acompanhara  
28 o Anão Amarelo para ajudá-lo no sequestro da princesa, foi tocado pelos méritos do  
29 jovem Rei das Minas de Ouro assim que ela o viu. Com a intenção de fazer dele o seu  
30 prisioneiro, levou-o para o fundo de uma caverna apavorante, onde o amarrou contra  
31 uma rocha com grandes correntes. Ela tinha a esperança de que o medo da morte o fizesse  
32 esquecer Toda-Bela e o obrigasse a fazer o que ela queria. Uma vez agrilhoado, ela  
33 restaurou sua visão; depois, fazendo uso da arte feérica, cobriu-se das graças e dos  
34 encantos que a natureza lhe havia negado, e apareceu diante dele como uma amável ninfa,  
35 como se o acaso a tivesse conduzido àquele lugar.

---

<sup>12</sup> Uma das Erínias, deusas da vingança.

<sup>13</sup> Ser mitológico metade leão, metade águia.

1 — Que é isto que vejo? — ela exclamou. — Quem sois vós, príncipe encantado,  
2 assolado pelo infortúnio e mantido em tão triste cativeiro?

3 O rei, ludibriado por tão enganosa aparência, respondeu:

4 — Infelizmente, linda ninfa, desconheço a fúria infernal que me conduziu até aqui.  
5 Embora ela tenha me tirado a visão no momento em que fui raptado e de não ter  
6 aparecido desde então, não deixei de reconhecer o som daquela voz e estou certo de que  
7 foi a Fada do Deserto.

8 — Ah, meu senhor! — exclamou a falsa ninfa. — Se de fato estiverdes nas mãos  
9 dessa mulher, não saireis daqui até vos casardes com ela. Esse truque já foi feito com mais  
10 de um herói, ela é a pessoa mais irredutível do mundo em sua teimosia.

11 Enquanto a ninfa fingia partilhar da aflição do rei, ele reparou em seus pés, que  
12 eram como os pés de um grifo; esse era o detalhe que fazia a fada ser reconhecida em suas  
13 diferentes metamorfoses, um traço disforme que ela não tinha o poder de mudar.

14 Sem deixar nenhuma pista, o rei lhe disse em tom de confiança:

15 — Não sinto aversão alguma à Fada do Deserto, mas não suporto o fato dela  
16 proteger o Anão Amarelo contra mim e de manter-me acorrentado como um criminoso.  
17 O que fiz para ela? Eu amei uma princesa encantadora, mas se a fada me devolvesse a  
18 liberdade, sinto que a gratidão me levaria a amar somente a ela.

19 — Falais com sinceridade? — perguntou a ninfa iludida.

20 — Sem dúvidas — respondeu o rei. — Desconheço a arte do fingimento. Ademais,  
21 confesso-vos que o amor de uma fada me deixaria mais lisonjeado e envaidecido que o de  
22 uma simples princesa. Porém, em vez de morrer de amores por pela, continuarei a odiá-  
23 la até que eu volte a ser o dono de minha liberdade.

24 A Fada do Deserto, enganada por essas palavras, resolveu transportar o rei para  
25 um lugar muitíssimo agradável, mas extremamente isolado. Forçou-o a entrar em sua  
26 carruagem, na qual ela havia atrelado cisnes no lugar dos morcegos que normalmente a  
27 conduziam, e assim voou de um polo para o outro.

28 Porém, enquanto atravessavam o vasto espaço aéreo, o príncipe avistou sua  
29 querida princesa em um castelo todo feito de aço, cujos muros, quando atingidos pelos  
30 raios de sol, funcionavam como espelhos ardentes que queimavam todos aqueles que  
31 tentassem aproximar-se deles. Ela estava em uma clareira, deitada às margens de um  
32 riacho; uma de suas mãos servia-lhe de travesseiro, enquanto a outra enxugava suas  
33 lágrimas. Quando olhou para o céu para clamar por socorro, viu o rei passar na  
34 companhia da Fada do Deserto, que estava disfarçada pela arte feérica, na qual era  
35 especialista, para parecer bela aos olhos do jovem monarca. E foi assim que ela também  
36 apareceu aos olhos da princesa, como se fosse a pessoa mais maravilhosa do mundo.

37 — O quê! — ela gritou. — Já não estou suficientemente infeliz neste castelo  
38 inacessível para onde o terrível Anão Amarelo me transportou? Para completar a

1 desgraça, o demônio dos ciúmes vem me perseguir? Afinal, será que essa aventura  
2 extraordinária é para que eu possa descobrir a infidelidade do Rei das Minas de Ouro?  
3 Quando me perdeu de vista, ele logo pensou que estava livre de todos os juramentos que  
4 me fizera. Quem será essa formidável rival, cuja beleza fatal supera a minha?

5 Enquanto ela dizia isso, o amoroso rei sentia uma dor mortal por ter de afastar-se  
6 tão rapidamente do objeto de seus desejos. Se não conhecesse os poderes da fada, teria  
7 tentado de tudo para desvencilhar-se dela, provocando-lhe a morte ou fazendo qualquer  
8 outra coisa movido pelo amor e pela coragem que tinha. Porém, o que poderia fazer  
9 contra uma pessoa tão poderosa? Somente o tempo e a astúcia poderiam tirá-lo de suas  
10 mãos.

11 A fada, que também avistara Toda-Bela, averiguou o olhar do rei para testar o  
12 efeito que essa visão causaria em seu coração.

13 — Ninguém melhor do que eu mesmo para dizer-vos isso — disse-lhe ele. — Sabei  
14 que esse inesperado encontro com a princesa infeliz pela qual eu estava interessado antes  
15 de conhecer-vos comoveu-me um pouco. Porém, estais muito acima dela em minha  
16 mente, tanto que eu preferiria morrer a ser infiel a vós.

17 — Ah, príncipe! — ela respondeu. — Posso mesmo me orgulhar por ter inspirado  
18 em vós sentimentos tão elevados em meu favor?

19 — O tempo vos convencerá disso — disse ele. — Mas se desejais convencer-me de  
20 que eu também tenho parte em vossas boas graças, não recuseis ajuda a Toda-Bela.

21 — Ora, pensai melhor no que estais me pedindo — replicou a fada, franzindo o  
22 cenho, fitando-o com um olhar atravessado. — Desejais que eu use de minha ciência  
23 contra o Anão Amarelo, que é meu melhor amigo, e que eu tire de suas mãos uma princesa  
24 orgulhosa que é a minha rival?

25 O rei suspirou sem nada responder. O que ele poderia responder a uma pessoa tão  
26 perspicaz?

27 Eles chegaram a uma vasta pradaria, forrada de mil flores diferentes; um profundo  
28 rio circundava o local e vários arroios corriam suavemente sob as árvores frondosas, sob  
29 as quais podia-se desfrutar de um frescor eternal. Ao longe, via-se um soberbo palácio,  
30 cujos muros eram de esmeraldas translúcidas. Assim que os cisnes que conduziam a fada  
31 aterrissaram debaixo de um pórtico, cujo pavimento era de diamantes e as abóbadas de  
32 rubi, milhares de pessoas bonitas surgiram de todos os lados para recebê-la com grande  
33 alegria. Elas entoavam estas palavras:

34  
35 *Quando o amor quer de um coração obter a vitória,*  
36 *Inutilmente aos seus esforços tentamos resistir,*  
37 *Só fazemos aumentar a sua glória,*

1 *E os mais impassíveis são os primeiros a sucumbir.*

2  
3 A Fada do Deserto, que ficou contente ao ouvir aquela canção de amor, conduziu  
4 o rei ao mais soberbo quarto jamais relatado no memorial das fadas e deixou-o ali sozinho  
5 por alguns momentos, tudo para que ele não pensasse que fosse um prisioneiro de fato.  
6 Ele, porém, bem suspeitou que ela não se afastaria, que deveria estar escondida em algum  
7 lugar, observando o que ele estava fazendo. Essa suposição levou-o a aproximar-se de um  
8 grande espelho e a dirigir-se a ele:

9 — Fiel conselheiro, diga-me o que poderei fazer para tornar-me agradável aos  
10 olhos da encantadora Fada do Deserto, pois o desejo que tenho de agradá-la não me deixa  
11 descansar.

12 Em seguida, ele começou a pentear o cabelo, passou pó no rosto, colocou uma  
13 pinta<sup>14</sup> e rapidamente vestiu um traje ainda mais magnífico que o seu, o qual encontrou  
14 em cima de uma mesa.

15 A fada entrou no quarto cheia de alegria, tanto que não conseguia contê-la.

16 — Estou ciente da vossa preocupação em me agradar — disse-lhe ela. —  
17 Confidenciastes isso em segredo, sem nenhuma intenção; considerai, senhor, se não vos  
18 parecer difícil, dizer diretamente a mim o que bem quiserdes.

19 O rei, que tinha seus motivos para bajular a velha fada, não economizou em suas  
20 doces palavras, e obteve, em resposta, a liberdade de passear à beira-mar. Com sua arte,  
21 ela tornara aquelas águas tão terríveis e tempestuosas que piloto algum seria ousado o  
22 suficiente para navegá-las. Assim, ela não precisaria temer a complacência que tivera por  
23 seu prisioneiro. Ele sentiu um certo alívio para suas penas ao poder refletir sozinho, sem  
24 ser interrompido por sua maldosa carcereira.

25 Depois de caminhar pela areia por um bom tempo, ele se abaixou e escreveu estes  
26 versos com um graveto que tinha à mão:

27  
28 *Enfim eu posso, em liberdade,*  
29 *Com lágrimas acalmar minha dor:*  
30 *Ai de mim, que não vejo mais o fulgor*  
31 *Daquela que me encantou de verdade.*  
32 *Ó, águas que tornam esta ilha inacessível,*  
33 *Mar tempestuoso, mar terrível,*  
34 *Agitado por furiosos ventos,*  
35 *Que sopram do inferno e do firmamento,*

---

<sup>14</sup> *Mouche*: literalmente, “mosca”, pinta falsa utilizada como adorno facial.



1 *Meu coração não está menos sensível*  
2 *Do que vós nesse exato momento.*  
3 *Toda-Bela! Ó, destino cruel,*  
4 *Perdi o objeto de meu amor;*  
5 *Fomos separados pelo vasto céu,*  
6 *Que dos dias me tirou o esplendor!*  
7 *Divindade das ondas do mar,*  
8 *Que do amor já sentiu o poder elevado;*  
9 *Sai de vossas grutas para resgatar*  
10 *Este amante que se encontra desesperado.*

11  
12 Enquanto escrevia, ouviu voz que, mesmo contra sua vontade, atraiu sua atenção.  
13 Notando que a maré estava crescendo, olhou em volta, foi quando avistou uma mulher  
14 de extraordinária beleza; seu corpo estava coberto apenas por seus longos cabelos, que,  
15 suavemente agitados pelos zéfiros, flutuavam sobre as ondas. Em uma das mãos, ela  
16 segurava um espelho, na outra, um pente; a parte inferior de seu corpo era um longo rabo  
17 de peixe com barbatanas. O rei ficou bem surpreso com um encontro tão extraordinário.  
18 Aproximando-se para falar com ele, ela disse:

19 — Sei do triste estado a que fostes reduzido pela separação de vossa princesa e pela  
20 estranha paixão que a Fada do Deserto sente por vós. Se assim desejardes, eu vos salvarei  
21 deste lugar fatal, onde definhareis por mais de trinta anos.

22 O rei não sabia o que responder àquela proposta; não que ele não estivesse  
23 disposto a sair do cativeiro, mas temia que a Fada do Deserto tivesse tomado essa nova  
24 aparência para testá-lo. Como ele hesitava, a sereia, que adivinhava seus pensamentos,  
25 disse-lhe:

26 — Não penseis que estou armando uma cilada para vós, pois tenho boa índole e  
27 jamais serviria aos vossos inimigos. As atitudes da Fada do Deserto e do Anão Amarelo  
28 amarguraram-me contra eles. Vejo vossa infeliz princesa todos os dias; sua beleza e seus  
29 méritos me fazem semelhante pena. Portanto, digo-vos novamente: se confiardes em  
30 mim, eu vos salvarei.

31 — Minha confiança em vós é tão perfeita que farei tudo que me for ordenado —  
32 exclamou o rei. — Já que vistes a minha princesa, dai-me notícias suas!

33 — Perderíamos muito tempo falando sobre isso — disse a sereia. — Vinde comigo,  
34 eu vos levarei ao castelo de aço. A fim de ludibriar a fada, farei uma figura muito parecida  
35 convosco e a deixarei nessas margens.

36 E então ela cortou alguns juncos marinhos e fez um grande embrulho; depois,  
37 soprando três vezes sobre eles, disse-lhes:

1 — Juncos marinhos, meus amigos, ordeno que permaneçais estendidos sobre a  
2 areia, e que não saiais daqui até que a Fada do Deserto venha buscar-vos.

3 De repente, os juncos se cobriram de pele e ficaram tão parecidos com o Rei das  
4 Minas de Ouro que ele nunca havia visto uma coisa tão surpreendente. Vestidos com  
5 roupas iguais às dele, estavam pálidos e desfeitos, como se ele tivesse se afogado. Naquele  
6 mesmo instante, a boa sereia fez o rei assentar-se em seu grande rabo de peixe e ambos  
7 navegaram para o mar cheios de satisfação.

8 — Eis o que tenho para vos dizer — disse-lhe ela. — Quando o perverso Anão  
9 Amarelo raptou Toda-Bela, mesmo sabendo do grave ferimento causado pela Fada do  
10 Deserto, ele a meteu dentro de um saco e a carregou nas costas de seu terrível gato  
11 espanhol. Ela perdia tanto sangue e estava tão perturbada com tal desventura, que suas  
12 forças se esgotaram e ela permaneceu desmaiada ao longo de todo caminho. O Anão  
13 Amarelo nem pensou em parar para socorrê-la, o que fez somente quando chegou em  
14 segurança em seu terrível palácio de aço, onde foi recebido por suas prisioneiras, que eram  
15 as pessoas mais belas do mundo. Todas demonstraram prontidão para servir a princesa,  
16 que foi colocada em uma cama cujo acolchoado era dourado, cingido de pérolas maiores  
17 que nozes.

18 — Ah! — gritou o Rei das Minas de Ouro, interrompendo a sereia. — Ele a  
19 desposou! Vou desmaiar, vou morrer!

20 — Não, meu senhor — ela respondeu. — Ficai tranquilo, a firmeza de Toda-Bela  
21 salvaguardou-lhe da violência daquele pavoroso Anão.

22 — Então prossegui — disse-lhe o Rei.

23 — O que mais tenho a dizer-vos — continuou a sereia. — É que a princesa estava  
24 no bosque quando passastes voando; ela o viu na companhia da Fada do Deserto, que, de  
25 tão transformada, parecia possuir uma beleza superior à dela. Seu desespero foi tanto que  
26 não há como explicar; Toda-Bela acredita que estais apaixonado pela fada.

27 — Ela pensa que eu a amo? Pelos deuses! — exclamou o rei. — Em que erro fatal  
28 ela foi cair! O que devo fazer para convencê-la do contrário?

29 — Consultai o vosso coração — respondeu a sereia, com um sorriso gracioso. —  
30 Aqueles que estão verdadeiramente envolvidos não precisam de conselhos.

31 Terminado esse diálogo, eles chegaram ao castelo de aço; o lado voltado para o  
32 mar era o único lugar em que o Anão Amarelo não havia cercado daquelas formidáveis  
33 paredes que queimavam a todos.

34 — Eu bem sei que Toda-Bela está junto à mesma fonte em que a vistes de passagem  
35 — disse a sereia. — Tereis alguns inimigos para combater antes de lá chegardes; eis aqui,  
36 portanto, uma espada, com a qual podereis fazer qualquer coisa e enfrentar os maiores  
37 perigos, desde que não a deixeis cair. Adeus, eu me retirarei para a rocha que vedes; caso

1 preciseis que eu vos leve para longe com vossa querida princesa, eu não vos faltarei, pois  
2 a rainha, vossa mãe, é minha melhor amiga, e é para servi-la que eu vim resgatar-vos.

3 Quando ela terminou de pronunciar essas palavras, entregou ao rei uma espada  
4 feita de um único diamante; os raios do sol brilhavam menos do que ela. Reconhecendo  
5 sua solicitude, incapaz de encontrar palavras suficientemente fortes para expressar sua  
6 gratidão, o rei pediu-lhe que esquadrinhasse seu bom coração, pois nele encontraria  
7 provas de todo o seu reconhecimento.

8 É preciso dizer alguma coisa sobre a Fada do Deserto. Bem, ao perceber que seu  
9 amável amante não retornava, ela apressou-se a buscá-lo, e foi à praia com cem donzelas  
10 de sua comitiva, todas bem carregadas de magníficos presentes para o rei. Algumas  
11 levavam grandes cestas cheias de diamantes, outras, vasos de ouro maravilhosamente bem  
12 trabalhados; muitas carregavam âmbar cinza<sup>15</sup>, coral e pérolas; umas levavam rolos de  
13 tecidos inestimavelmente caros sobre a cabeça, enquanto outras carregavam frutas, flores  
14 e até mesmo pássaros. Mas qual não foi a surpresa da fada, que caminhava atrás dessa  
15 galante e numerosa tropa, ao avistar os juncos marinhos que tanto se pareciam com o Rei  
16 das Minas de Ouro! Quando os viu, sem notar diferença alguma, tremeu de espanto e  
17 proferiu um grito tão terrível que retumbou nos céus, fez tremer as montanhas e ressoou  
18 até no submundo. Nem mesmo o semblante das furiosas Megera, Alecto e Tisífone<sup>16</sup> se  
19 comparava ao da atormentada fada. Ela se jogou sobre o corpo do rei, pranteou, esgoelou-  
20 se e esartejou cinquenta das mais belas pessoas que a acompanhavam, imolando-as em  
21 tributo ao seu querido defunto. Depois, ela chamou onze de suas irmãs, que eram fadas  
22 como ela, e implorou-lhes que a ajudassem a erigir um magnífico mausoléu para aquele  
23 jovem herói. Todas elas foram igualmente enganadas pelos juncos do mar. Tal  
24 acontecimento foi deveras surpreendente, pois as fadas costumavam saber de tudo;  
25 acontece que a astuta sereia era ainda mais sábia do que elas.

26 Enquanto elas providenciavam pórfiro, jaspe, ágata, mármore, estátuas,  
27 emblemas, ouro e bronze para imortalizar a memória do rei que elas pensavam ter  
28 morrido, ele agradecia à amável sereia, exortando-a a conceder-lhe sua proteção. Ela se  
29 comprometeu em ajudá-lo com a maior graça do mundo, depois desapareceu diante dos  
30 seus olhos. Tudo o que ele tinha de fazer era dirigir-se ao castelo de aço.

31 Assim, guiado pelo amor, ele avançou a passos largos, perscrutando os arredores  
32 com um olhar curioso, disposto a avistar sua adorável princesa. Mas não ficou muito  
33 tempo desocupado, pois quatro terríveis esfinges<sup>17</sup> o cercaram, e, lançando-se sobre ele

---

<sup>15</sup> Substância sólida que se forma no intestino da baleia cachalote; exposta ao ar e à luz, adquire um odor agradável. Era comumente utilizada na perfumaria como fixador de fragrâncias, mas também em rituais, como oferenda, como afrodisíaco e como especiaria.

<sup>16</sup> As erínias, personificações da vingança na mitologia grega. Habitam as profundezas do Tártaro, onde julgam as almas dos pecadores.

<sup>17</sup> Criatura mítica com corpo de leão e cabeça de homem, falcão ou gato.

1 com suas garras afiadas, tê-lo-iam despedaçado caso a espada de diamante não tivesse  
2 provado sua utilidade, tal como a sereia havia previsto. Assim que seu brilho atingiu os  
3 olhos daqueles monstros, eles tombarão a seus pés, enfraquecidos, e receberam um golpe  
4 mortal. Depois, avançando mais um pouco, encontrou seis dragões cobertos de escamas  
5 mais impenetráveis que o ferro. Por mais assustador que fosse aquele encontro, ele não se  
6 deixou abater; fazendo uso de sua formidável espada, partiu todos os dragões ao meio.  
7 Quando ele começou a pensar que já havia superado as maiores dificuldades, um  
8 problema bem embaraçoso surgiu diante dele: vinte e quatro ninfas, lindas e graciosas,  
9 vieram ao seu encontro segurando longas guirlandas de flores, bloqueando sua passagem.

10 — Para onde desejais ir, meu senhor? — elas disseram. — Somos responsáveis pela  
11 guarda deste lugar. Se permitirmos a vossa passagem, males infinitos sobrevirão a todos  
12 nós. Por vossa graça, não insistais. Acaso desejaríeis macular a vossa vitoriosa mão com o  
13 sangue de vinte e quatro donzelas inocentes que nunca vos fizeram mal?

14 O rei permaneceu hesitante por algum tempo, sem saber como agir. Ele, que havia  
15 feito uma profissão de respeito ao belo sexo quando se tornou cavaleiro, teve de cogitar  
16 contrariá-la nessa ocasião. De repente, uma voz misteriosa fortaleceu a sua intenção:

17 — Lutai, lutai, não poupeis ninguém, ou então perdereis vossa princesa para  
18 sempre!

19 Naquele instante, sem nada responder àquelas ninfas, meteu-se no meio delas,  
20 destruiu suas guirlandas e atacou-as sem nenhum receio, dissipando-as em um só  
21 momento. Esse foi um dos últimos obstáculos que ele encontrou antes de adentrar o  
22 pequeno bosque onde avistara Toda-Bela. Lá estava ela, na beira da fonte, pálida e abatida.  
23 Tremendo, aproximou-se dela e tentou lançar-se aos seus pés, mas ela se afastou bem  
24 depressa, demonstrando tanta indignação como se ele fosse o próprio Anão Amarelo.

25 — Não me condeneis sem antes ouvir-me, madame — disse-lhe ele. — Não sou  
26 infiel e em nada tenho culpa; sou um homem infeliz que vos decepcionou sem querer.

27 — Ó, bárbaro! — ela exclamou. — Eu vos vi voando pelos ares com uma pessoa  
28 de extraordinária beleza! Fizestes essa viagem contra a vossa vontade?

29 — Sim, princesa — ele respondeu. — Foi contra a minha vontade. A perversa Fada  
30 do Deserto não apenas me acorrentou a uma pedra, como também levou-me aos confins  
31 da terra em uma carruagem, onde eu ainda estaria definhando se não fosse pela  
32 inesperada ajuda de uma sereia benevolente, que me conduziu até aqui. Vim até aqui,  
33 minha princesa, para livrar-vos das mãos que vos mantêm cativa. Não recuseis o socorro  
34 do mais fiel de todos os amantes!

35 Dizendo isso, o rei jogou-se ao pés de Toda-Bela, e, no momento em que agarrou  
36 a barra de seu vestido, infelizmente deixou sua formidável espada ir ao chão. O Anão  
37 Amarelo, que estava escondido atrás de uma alface, atirou-se sobre ela e a empunhou  
38 assim que a viu longe das mãos do rei, pois bem conhecia todo o seu poder.

1 A princesa proferiu um grito terrível quando viu o Anão, e suas queixas só  
2 serviram para amargar ainda mais aquele monstrinho; com duas palavras de seu  
3 grimório<sup>18</sup>, ele fez aparecer dois gigantes que amarraram o rei em correntes e grilhões de  
4 ferro.

5 — Eis que agora sou o mestre do destino de meu rival — disse o Anão. — Estou  
6 disposto, porém, a conceder-te vida e liberdade para partires deste lugar, desde que a  
7 princesa consinta em desposar-me sem mais demora.

8 — Ah! Antes prefiro morrer mil vezes! — exclamou o amoroso rei.

9 — Meu senhor! — disse a princesa. — O que poderia ser mais terrível que a morte?

10 — Que vos torneis vítima desse monstro! — respondeu o rei. — Haveria algo mais  
11 terrível que isso?

12 — Então morreremos juntos! — ela declarou.

13 — Concedei a mim consolação de morrer por vós, minha princesa — pediu o rei.

14 — Não, em vez disso, eu consinto com o que desejais — disse ela, dirigindo-se ao  
15 Anão.

16 — Diante dos meus olhos? — replicou o rei. — Fareis dele o vosso marido diante  
17 dos meus olhos, cruel princesa? Que vida odiosa a minha!

18 — Não será diante dos teus olhos que me tornarei esposo de Toda-Bela — disse o  
19 Anão Amarelo. — Ter um rival tão amado é muito perigoso para mim!

20 Dizendo essas palavras, malgrado o pranto e os gritos de Toda-Bela, o Anão  
21 desferiu um golpe direto no coração do rei, que acabou estendido a seus pés. A princesa,  
22 incapaz de sobreviver à morte de seu querido amante, deixou-se cair sobre seu corpo;  
23 afinal, não demorou muito para que sua alma se unisse à dele. E assim pereceram esses  
24 ilustres infelizes, sem que a sereia pudesse oferecer remédio algum, pois a força do  
25 encanto estava contida na espada de diamante.

26 O perverso Anão antes preferia ver a princesa privada de vida a vê-la nos braços  
27 de outro. Quanto à Fada do Deserto, assim que tomou conhecimento de tal aventura,  
28 destruiu o mausoléu que ela mesma havia criado, pois o ódio que passou a sentir da  
29 memória do Rei das Minas de Ouro era tão intenso quanto a paixão que um dia sentira.  
30 A solícita sereia, desolada por tão grande infortúnio, nada pode fazer frente ao destino  
31 dos dois, a não ser transformá-los em palmeiras. Seus corpos tão perfeitos tornaram-se  
32 duas belas árvores, que para sempre conservaram o fiel amor que sentiam um pelo outro,  
33 acariciando-se mutuamente com seus galhos entrelaçados, imortalizando sua paixão com  
34 aquela terna união.

35  
36 *O naufrago que promete, em desesperança,*

---

<sup>18</sup> Coleção medieval de feitiçaria e encantamentos.

1 *Uma hecatombe aos seres imortais,*  
2 *De seu juramento não escapará jamais*  
3 *Quando na terra estiver em bonança.*  
4 *Nada prometas estando em perigo;*  
5 *Aprende com o erro de Toda-Bela,*  
6 *Pois as promessas se tornam castigos*  
7 *Se teu coração não puder ser fiel a elas.*

CC BY-NC-ND 4.0

## SERPENTINO VERDE

1           Era uma vez uma grande rainha que, tendo dado à luz duas filhas gêmeas,  
2 convidou doze fadas da vizinhança para vir vê-las e prendá-las, como era de costume  
3 naquela época; um costume muito conveniente, pois o poder das fadas quase sempre  
4 consertava os estragos feitos pela natureza. Às vezes, porém, esse poder também era capaz  
5 de muito estragar o que a natureza fizera de melhor.

6           Quando todas as fadas adentraram o salão de festas, foi-lhes servida uma refeição  
7 magnífica. Elas estavam prestes a se sentar à mesa quando Macaquina<sup>1</sup> entrou; era a irmã  
8 da fada Carochuda<sup>2</sup>, não menos malvada que ela. A essa visão, temendo algum desastre,  
9 a rainha estremeceu, visto que não a convidara para a festa. Porém, escondendo sua  
10 inquietude com cuidado, ela mesma tratou de providenciar-lhe uma poltrona de veludo  
11 verde com bordados de safira. Como Macaquina era a mais velha dentre as fadas, todas  
12 as demais se levantaram, fizeram escolta para que ela passasse e cochicharam umas às  
13 outras: “Apressemos-nos, minha irmã, a prender as princesinhas, como prevenção à  
14 Macaquina”.

15           Quando lhe ofereceram a poltrona, ela respondeu rudemente que não precisava  
16 de uma, pois era suficientemente alta para comer em pé. Mas ela estava errada, porque a  
17 mesa era relativamente alta e ela nem conseguia alcançá-la, de tão pequena que era.  
18 Despeitada, seu mau humor aumentou ainda mais.

19           — Madame, peço-vos que vos acomodeis à mesa — disse a rainha.

20           — Se de fato quisésseis a minha presença, teríeis me convidado como às outras —  
21 replicou a fada. — Em vossa corte são aceitas apenas as pessoas bonitas, benfazejas e  
22 magníficas, como são as minhas irmãs. Quanto a mim, sou muito feia e velha demais, mas  
23 isso não quer dizer que eu tenha menos poder que elas; aliás, sem querer me vangloriar,  
24 talvez tenha até mais.

25           De tanto as fadas insistirem para que ela se sentasse à mesa, Macaquina consentiu.  
26 Primeiro, colocaram diante delas um cesto de ouro, e dentro dele havia doze buquês de  
27 jóias; as primeiras doze fadas logo pegaram os seus, de modo que não sobrou nenhum  
28 para Macaquina, que começou a resmungar entre dentes. A rainha correu para o seu  
29 gabinete e trouxe-lhe um cofre de couro espanhol perfumado, coberto de rubis, repleto  
30 de diamantes, implorando-lhe para que o recebesse. Macaquina, porém, sacudiu a cabeça  
31 e disse-lhe:

---

<sup>1</sup> *Magotine*: o termo *magot* (“macaco”), como já mencionado em outras ocasiões, era usado como sinônimo de pessoa feia.

<sup>2</sup> *La sœur de Carabosse*: Macaquina era irmã da fada Carochuda, antagonista do conto “A Princesa Primavera”, presente nesta mesma edição de contos de fadas.

1 — Guardai as vossas jóias, madame, eu tenho de sobra. Eu só queria ver se havíeis  
2 pensado em mim, mas vós me negligenciastes.

3 Em seguida, ela bateu com sua varinha na mesa e todas as carnes se transformaram  
4 em fricassé de serpente. As fadas ficaram tão horrorizadas que lançaram mão de seus  
5 guardanapos e deixaram o banquete.

6 Enquanto elas falavam do maldoso truque que Macaquina lhes fizera, essa bárbara  
7 fadinha aproximou-se do berço onde as princesas mais lindas do mundo estavam, ambas  
8 envoltas em lençóis de ouro, e proclamou:

9 — O meu dom para ti é o de seres perfeita em fealdade!

10 E ela estava prestes a dar alguma maldição à outra menina quando as fadas,  
11 completamente alarmadas, apressaram-se em impedi-la, de sorte que a malvada  
12 Macaquina, estilhaçando um vitral, atravessou-o como um raio, desaparecendo da vista  
13 de todos.

14 Mesmo com todos os dons que as fadas benfazejas pudessem doar à princesa, a  
15 rainha haveria de lamentar a dor de ser a mãe da criatura mais feia do mundo. Tomando-  
16 a em seus braços, entristeceu-se ao vê-la enfeioar de um instante a outro. Inutilmente,  
17 tentou permanecer firme para não chorar na frente das madames fadas, mas não  
18 conseguiu se conter, causando uma grande comoção entre elas.

19 — O que faremos, minhas irmãs? — as fadas se perguntavam. — O que faremos  
20 para consolar a rainha?

21 Elas realizaram um grande concílio e depois aconselharam a rainha a dar menos  
22 ouvido à sua dor, pois chegaria um tempo em que sua filha viveria muito feliz.

23 — Ela ficará bonita? — interrompeu a rainha.

24 — Não podemos explicar mais nada — replicaram as fadas. — É suficiente que  
25 saibais, madame, que vossa filha será feliz.

26 Ela ficou muito agradecida e não deixou de enchê-las de presentes; afinal, embora  
27 as fadas fossem bastante ricas, elas sempre esperavam receber algum donativo. Desde  
28 então, esse costume se difundiu entre todos os povos da Terra, sem que o tempo o  
29 destruísse.

30 A rainha chamou sua filha mais velha de Feiosinha<sup>3</sup>, e a mais nova de Belinha<sup>4</sup>.  
31 Esses nomes lhes eram perfeitamente convenientes, pois Feiosinha tornou-se tão horrível  
32 que, por mais inteligente que fosse, era impossível olhar para ela; a irmã, por sua vez,  
33 tornava-se cada vez mais bonita e cheia de encantos. Quando Feiosinha completou doze  
34 anos de idade, foi à presença do rei e da rainha e lançou-se aos seus pés para implorar-  
35 lhes que a deixassem viver trancafiada no Castelo dos Solitários, a fim de esconder sua

---

<sup>3</sup> *Laideronnette.*

<sup>4</sup> *Bellotte.*



1 feiura e também para evitar que tristeza dos dois se prolongasse. Eles não deixavam de  
2 amá-la apesar de sua deformidade, de modo que resistiram a consentir com aquele  
3 pedido. Porém, como Belinha permaneceria junto deles, isso seria o suficiente para  
4 consolá-los.

5 Feiosinha informou à rainha que lhe bastava a companhia de sua ama e de alguns  
6 oficiais para servi-la:

7 — Não temais a minha partida, madame — disse-lhe ela. — Afinal, sendo como  
8 sou, deveria evitar até mesmo a luz do dia.

9 O rei e a rainha atenderam aos seus pedidos e a princesa foi levada ao castelo que  
10 escolhera. Ele fora construído havia vários séculos; o mar quase alcançava a altura das  
11 janelas, servindo como um canal. As cercanias eram cobertas por um vasto bosque, por  
12 onde ela poderia passear. Grandes pradarias encerravam a paisagem. Feiosinha tocava  
13 muitos instrumentos e cantava divinamente bem; por dois anos ela permaneceu nessa  
14 agradável solidão, período em que escreveu alguns livros de reflexão. Mas o desejo de  
15 rever o rei e a rainha obrigou-a a montar em uma carruagem e dirigir-se à corte.

16 Ela chegou justamente quando a princesa Belinha estava prestes a se casar. Todos  
17 estavam felizes, até que avistaram Feiosinha. Um ar de tristeza tomou conta do lugar; ela  
18 não foi abraçada e nem acariciada por nenhum de seus parentes. Pelo contrário, foi-lhe  
19 dito que ela estava ainda mais feia e aconselharam-na a não aparecer no baile; e se caso  
20 ela desejasse acompanhar a cerimônia, eles mandariam fazer um buraquinho na parede.  
21 A princesa respondeu que não viera para dançar, nem para ouvir violinos, mas que havia  
22 passado tanto tempo no Castelo Solitário que sentiu-se na obrigação de ir demonstrar  
23 suas reverências ao rei e à rainha. Disse também, com grande dor, que sabia que eles não  
24 suportavam sua feiura, mas que logo retornaria ao seu deserto, onde as árvores, as flores  
25 e as fontes não a repreendiam por sua aparência quando ela se aproximava deles. Ao  
26 perceberem que Feiosinha estava bastante aborrecida, o rei e a rainha disseram-lhe, a  
27 contragosto, que ela poderia permanecer com eles por dois ou três dias. Porém, como  
28 tinha um bom coração, a princesa respondeu que teria muita dificuldade em deixá-los se  
29 passasse todo esse tempo em tão boa companhia. Eles, por sua vez, não demonstraram  
30 resistência alguma, pois o que mais desejavam era que ela fosse embora; portanto,  
31 friamente, disseram-lhe que ela estava certa.

32 A princesa Belinha deu-lhe um velho laço de fita como presente de casamento, o  
33 qual ela usara durante todo o inverno na manga de seu vestido, enquanto o rei com quem  
34 ela se casaria deu-lhe um tafetá zinzolino<sup>5</sup> para fazer uma saia. Se ela não fosse educada,  
35 teria jogado o laço e o zinzolino nos narizes das generosas pessoas que a trataram tão mal.  
36 Porém, ela tinha tanta inteligência, sabedoria e razão que não desejava demonstrar

---

<sup>5</sup> Antiga designação para a cor púrpura; gema preciosa de tonalidade violeta avermelhada.

1 nenhuma amargura. Sendo assim, ela partiu com sua fiel ama de volta ao seu castelo, com  
2 seu coração tão cheio de tristeza que não pronunciou palavra alguma durante a viagem.

3 Um dia, enquanto caminhava em uma das trilhas mais sombrias da floresta, ela  
4 avistou, debaixo de uma árvore, uma grande serpente verde, que, elevando a cabeça, disse-  
5 lhe:

6 — Feiosinha, tu não estás sozinha em tua infelicidade; vê a minha horrível figura  
7 e saibas que nasci ainda mais belo que tu.

8 Assustada, a princesa não parou para escutar nem metade daquelas palavras; fugiu  
9 e não ousou sair do castelo por vários dias, de tanto medo que teve de tal encontro. Enfim,  
10 entediada por permanecer sempre sozinha em seu quarto, ela saiu durante a noite e foi  
11 passear junto ao mar. Caminhava bem devagar e sonhava com seu triste destino, até que  
12 viu um barquinho todo dourado aproximar-se dela, pintado com mil lemas diferentes. A  
13 vela era de brocado de ouro, o mastro de cedro e os remos de calamba<sup>6</sup>. Como parecia que  
14 ele navegava ao acaso e estava parado muito perto da costa, a princesa, curiosa para  
15 conhecer toda a sua beleza, embarcou. Seu interior estava guarnecido de veludo carmesim  
16 com forro dourado e os pregos eram feitos de diamantes. De repente, o barco se afastou  
17 da margem, e a princesa, alarmada com o perigo que corria, tomou os remos para tentar  
18 retornar, mas seus esforços foram inúteis. O vento soprou, elevando as ondas, e ela perdeu  
19 a terra de vista; não havia mais nada além do céu e do mar. Feiosinha estava lançada à  
20 própria sorte, convencida de que isso não acabaria bem e de que Macaquina era a  
21 responsável por esse malvado revés.

22 — É melhor mesmo que eu morra — disse ela. — Afinal, o que me faria temer a  
23 morte? Céus! Até hoje eu não experimentei nenhum prazer que me fizesse temê-la. Minha  
24 fealdade assusta até mesmo os meus parentes mais próximos; minha irmã é uma grande  
25 rainha e eu fui relegada às profundezas de um deserto, onde uma serpente falante é a  
26 minha única companhia. Não é melhor perecer a ter de arrastar uma vida mofina como a  
27 minha?

28 Essas reflexões serviram para secar as lágrimas da princesa. Com intrepidez, olhou  
29 para todos os lados para descobrir de onde sua morte viria, disposta que estava a não mais  
30 atrasá-la. Foi então que avistou uma serpente em meio às ondas, que, aproximando-se do  
31 barco, disse-lhe:

32 — Eu poderia salvar a vossa vida se estivésseis disposta a receber ajuda de um  
33 pobre Serpentino Verde como eu.

34 — A morte me assusta menos que tu! — exclamou a princesa. — Se queres me  
35 fazer algum favor, nunca mais apareças diante de mim!

---

<sup>6</sup> Madeira odorífica escura comumente utilizada na produção de incenso e perfume; ágar; pau-de-água.

1 O Serpentino Verde fez um longo sibilo (é assim que as serpentes suspiram) e, sem  
2 retorquir, afundou-se nas ondas.

3 — Que monstro horrível! — a princesa pensou. — Tem asas esverdeadas, um  
4 corpo de mil cores, garras de marfim, olhos de fogo e uma longa crina eriçada sobre a  
5 cabeça. Ah, prefiro perecer a dever-lhe minha vida. Afinal, que razão ele teria para me  
6 seguir? E por qual motivo ele pode falar como se tivesse raciocínio?

7 Enquanto ela refletia, uma voz respondeu aos seus pensamentos, dizendo-lhe:

8 — Saibas, Feiosinha, que não devias desprezar o Serpentino Verde. Perdoa a  
9 dureza destas palavras, mas eu te asseguro que ele é menos feio entre sua espécie do que  
10 tu entre os teus; em vez de aborrecer-te ainda mais, deverias entender que sua única  
11 intenção era a de aliviar as tuas mágoas caso consentisses com isso.

12 Essa voz deixou a princesa deveras surpresa; suas palavras soaram-lhe tão  
13 contundentes que ela não teve forças para conter as lágrimas. Porém, abruptamente,  
14 depois de refletir um pouco, ela exclamou:

15 — O quê! Não bastasse eu chorar minha morte, eis que sou repreendida pela  
16 minha feiura! Ora, de que me serviria ser a pessoa mais bonita do mundo, eu haveria de  
17 perecer do mesmo jeito. Afinal, minha aparência me serve de consolo para que eu não me  
18 arrependa de perder a vida.

19 Enquanto ela moralizava, o barco, que ainda flutuava ao gosto dos ventos, chocou-  
20 se contra uma rocha, estraçalhando todas as peças de madeira. A pobre princesa enfim  
21 percebeu que toda a sua filosofia não se sustentava diante de um perigo tão iminente.  
22 Pensando ter encontrado um pedaço de madeira, tomou-o em seus braços e, como se  
23 estivesse boiando, felizmente conseguiu alcançar a base de um grande rochedo. Céus!  
24 Qual não foi sua surpresa ao perceber que, na verdade, estava abraçada ao Serpentino  
25 Verde? Diante daquele terrível susto, ele se afastou, exclamando:

26 — Teríeis menos medo de mim se me conhecêsseis melhor; no entanto, é uma  
27 determinação do meu destino que eu assuste a todo mundo.

28 Dizendo isso, imediatamente ele se lançou de volta nas águas, e Feiosinha foi  
29 deixada sozinha sobre um rochedo de prodigiosa grandeza.

30 Não importava para que lado ela olhasse, não havia nada que pudesse aliviar seu  
31 desespero. A noite se aproximava; ela não tinha provisões para comer e não tinha para  
32 onde ir.

33 — Acredito que meus dias se findarão aqui no mar — ela disse tristemente. — Sem  
34 dúvida, esses são meus últimos momentos. Algum monstro marinho virá me devorar, ou  
35 então a falta de alimento acabará com a minha vida.

36 Assentada sobre a ponta mais alta do rochedo, ela passou o dia olhando para o  
37 mar; quando anoiteceu, ela usou seu tafetá zinzolino para cobrir a cabeça e o rosto. E ali  
38 permaneceu, preocupada com o que iria acontecer.

1 Enquanto Feiosinha enfim adormecia, ela teve a impressão de ouvir diversos  
2 instrumentos. De início, pensou que estivesse sonhando; porém, instantes depois, escutou  
3 alguém cantando os seguintes versos, que pareciam ter sido feitos para ela:

4  
5 *Aqui sofrereis os males do Amor,*  
6 *E sentireis suas chamas de ternura,*  
7 *Esse deus é quem bane o nosso amargor,*  
8 *E nos agradamos dessa feliz aventura;*  
9 *Aqui sofrereis os males do Amor,*  
10 *E sentireis suas chamas de ternura.*

11  
12 A atenção que ela deu a essas palavras fez com que despertasse imediatamente.

13 — Afinal, ameaçam-me com bonança ou com desventura? — ela pensou. — No  
14 estado em que me encontro, ainda haveria esperança de dias melhores?

15 Sentindo um pouco de medo, enfim ela abriu os olhos, temendo estar rodeada de  
16 monstros. Porém, qual não foi sua surpresa, quando, no lugar daquele rochedo  
17 apavorante e selvagem, ela se viu em uma sala toda revestida de ouro; a cama onde estava  
18 deitada correspondia perfeitamente à magnificência do mais belo palácio do universo. Ela  
19 fez uma centena de perguntas a si mesma, sem conseguir acreditar que estava de fato  
20 acordada. Depois, levantou-se e correu para abrir uma porta de vidro que dava acesso a  
21 uma espaçosa varanda, da qual era possível contemplar toda a beleza natural que poderia  
22 existir na terra, circundada por objetos de arte: jardins repletos de flores, fontes, estátuas  
23 e árvores raras. Ao longe, via-se grandes florestas e palácios cujos muros eram adornados  
24 com pedras preciosas e os telhados eram de pérolas, tão maravilhosamente bem-feitos  
25 que mais pareciam obras-primas. O mar era doce e pacífico, coberto por mil diferentes  
26 tipos de embarcações, cujas velas, bandeiras e flâmulas, agitadas pelos ventos, faziam o  
27 mundo parecer muito mais agradável aos seus olhos.

28 — Deuses! Justos Deuses! — ela exclamou. — O que vejo? Onde estou? Que  
29 metamorfose surpreendente! O que aconteceu com aquele espantável rochedo que  
30 parecia ameaçar os céus com seu cume pontiagudo? Será verdade que eu quase pereci  
31 dentro de um barco e fui salva pela ajuda de uma serpente?

32 Hesitante, a princesa passeava pelo palácio enquanto se questionava, até que,  
33 finalmente, ouviu um ruído que vinha dos seus aposentos. Assim que entrou,  
34 testemunhou a chegada de uma centena de pagodes<sup>7</sup> vestidos, um diferente do outro; os

---

<sup>7</sup> Ídolos orientais, estátuas de deuses indianos ou chineses que estiveram em moda nos séculos XVII e XVIII e serviam para decoração; alguns mexiam a cabeça e os braços (AULNOY, 1992, p. 177).

1 maiores tinham a altura de um cúbito<sup>8</sup>, enquanto os menores não passavam de quatro  
2 dedos. Uns eram bonitos, graciosos e agradáveis; outros eram horríveis e  
3 assustadoramente feios. Eles eram feitos de diamantes, esmeraldas, rubis, pérolas, cristal,  
4 âmbar, coral, porcelana, ouro, prata, bronze, ferro, madeira e terra. Uns não tinham  
5 braços, outros não tinham pés; em alguns faltava a boca, em outros, a orelha. Uns tinham  
6 os olhos tortos, enquanto outros tinham os narizes achatados. Em uma palavra, esses  
7 pagodes eram tão diferentes uns dos outros quanto todas as criaturas que habitam o  
8 mundo.

9 Aqueles que se apresentaram perante a princesa eram os deputados do reino.  
10 Depois de proferirem um discurso entremeado por algumas reflexões muito judiciosas,  
11 disseram-lhe, para seu conhecimento, que já havia algum tempo que eles viajavam pelo  
12 mundo, mas para isso eles tinham de fazer um juramento a fim de obter a permissão de  
13 seu soberano: ao partirem, eles não poderiam mais falar. Disseram inclusive que havia  
14 pagodes que evitavam até mesmo mexer a cabeça, os pés e as mãos de tão escrupulosos  
15 que eram, mas que a maioria deles não se continha. Era dessa maneira que eles percorriam  
16 o universo. Quando voltavam, encantavam seu rei com o relato de tudo o que acontecia  
17 de mais secreto nas diversas cortes onde eram recebidos.

18 — Esse é um prazer que às vezes proporcionaremos a vós, madame, pois temos  
19 ordens de jamais deixá-la entediada — disseram os deputados. — Em vez de vos trazer  
20 presentes, viemos para entreter-vos com nossas danças e canções.

21 E imediatamente eles começaram a entoar estas palavras, dançando uma dança de  
22 roda, com tambores-bascos<sup>9</sup> e castanholas:

23  
24 *Quão doces são os agrados,*  
25 *Que vêm depois do sofrimento,*  
26 *Quão doces são os agrados,*  
27 *Depois de longos tormentos.*  
28 *Cessai os vossos lamentos,*  
29 *Jovens enamorados.*  
30 *Quão doces são os agrados,*  
31 *Que vêm depois do sofrimento,*  
32 *Quão doces são os agrados,*  
33 *Depois de longos tormentos.*  
34  
35 *Por sofrerdes tristes momentos*

---

<sup>8</sup> Antiga unidade de medida que correspondia a cerca de 50 centímetros.

<sup>9</sup> Tamboril revestido de pele em apenas uma das extremidades; pandeiro.

1                                    *Sereis de alegria revigorados.*  
2                                    *Quão doces são os agrados,*  
3                                    *Que vêm depois do sofrimento,*  
4                                    *Quão doces são os agrados,*  
5                                    *Depois de longos tormentos.*  
6

7                    Quando terminaram, o deputado que havia dirigido a palavra à princesa disse-lhe:  
8                    — Madame, eis aqui cem pagodinas<sup>10</sup> destinadas à honra de vos servir. Tudo o que  
9                    desejares será atendido, desde que permaneçais aqui conosco.

10                    As pagodinas apareceram segurando cestas de tamanho proporcional à sua altura,  
11                    repletas de uma centena de coisas diferentes, tão bonitas, tão úteis, tão bem-feitas e tão  
12                    valiosas que Feiosinha jamais se cansaria de admirar, louvar e elogiar as maravilhas que  
13                    viu. A mais notória das pagodinas, que era uma pequenina estátua de diamante, sugeriu  
14                    que ela entrasse na gruta dos banhos<sup>11</sup>, porque o calor estava aumentando. A princesa  
15                    encaminhou-se para o lado que lhe fora indicado, passando por duas fileiras de guarda-  
16                    costas cujo tamanho e semblante fariam qualquer um morrer de rir. Ela encontrou duas  
17                    cubas de cristal guarnecidas de ouro, cheias de uma água cuja fragrância era tão boa e rara  
18                    que ela ficou bastante surpresa. Um pavilhão de tecido dourado mesclado de verde foi  
19                    levantado e ela perguntou o motivo de haver duas cubas; disseram-lhe que uma era para  
20                    ela e a outra para o soberano dos pagodes.

21                    — Mas onde ele está? — ela indagou.

22                    — No momento ele está em guerra, madame — responderam-lhe. — Vós o  
23                    conhecereis na ocasião de seu retorno.

24                    Em seguida, a princesa perguntou se ele era casado; disseram-lhe que não, pois era  
25                    demasiadamente amável e por isso ainda não havia encontrado alguém que fosse digno o  
26                    bastante. Disposta a não deixar sua curiosidade ir mais longe, ela se despiu e entrou no  
27                    banho. Prontamente, os pagodes e as pagodinas começaram a cantar e a tocar  
28                    instrumentos; uns tinham teorbis<sup>12</sup> feitas de casca de noz, outros tinham violas feitas de  
29                    casca de amêndoa, isso porque os instrumentos tinham de ser proporcionais ao seu  
30                    tamanho. Ainda assim, tudo estava muito bem ajustado e arranjado, de sorte que esse  
31                    peculiar concerto era dos mais agradáveis.

32                    Quando a princesa saiu do banho, ofereceram-lhe um robe magnífico. Vários  
33                    pagodes caminharam diante dela, tocando flauta e oboé; outros vieram atrás, entoando  
34                    versos em seu louvor. Assim que ela adentrou o quarto, seu toailete foi montado. Em

---

<sup>10</sup> *Pagodines*: neologismo para designar as estátuas femininas.

<sup>11</sup> Recanto dos antigos castelos que era protegido do sol e servia de espaço para banhos mais refrescantes.

<sup>12</sup> Instrumento de corda semelhante ao alaúde, de braço longo.

1 seguida, entraram as pagodinas de companhia e as pagodinas camareiras, que iam de um  
2 lado para o outro, penteavam o seu cabelo, vestiam-na, faziam elogios e a aplaudiam.  
3 Ninguém mais falava sobre sua aparência; a saia zinzolina e o velho laço de fita foram  
4 deixados para trás. A princesa ficou verdadeiramente admirada:

5 — Como explicar essa minha felicidade tão extraordinária? — disse ela. — Eu  
6 estava prestes a perecer, esperando a morte chegar, sem ter esperança alguma. No entanto,  
7 de repente, eis-me no lugar mais agradável e mais magnífico do mundo, onde todos ficam  
8 muito felizes quando me veem!

9 Como ela era infinitamente inteligente e gentil, comportou-se tão bem que todas  
10 as criaturinhas que se aproximavam dela ficavam encantadas com seus modos.

11 Todos os dias, quando ela se levantava, encontrava novos trajes, novas rendas e  
12 novas jóias. Era uma pena que ela fosse tão feia; porém, ainda assim, sem ter com o que  
13 se preocupar, Feiosinha começou a se achar menos desagradável, visto que eles a  
14 enfeitavam com muito esmero. Os pagodes se aproximavam dela a todo momento para  
15 informá-la sobre as coisas mais secretas e curiosas que estavam acontecendo no mundo:  
16 tratados de paz, alianças de guerra, traições e separações de amantes, infidelidades  
17 conjugais, contendas, reconciliações, herdeiros destituídos, casamentos desfeitos, velhas  
18 viúvas que se casavam novamente e se davam mal, tesouros descobertos, falências,  
19 fortunas adquiridas instantaneamente, a queda dos favoritos, trocas de cadeiras, maridos  
20 ciumentos, esposas coquetes, filhos malcriados, cidades arruinadas; enfim, não havia nada  
21 que eles não fossem relatar à princesa para entretê-la e mantê-la ocupada. Alguns pagodes  
22 tinham as barrigas e as bochechas tão inchadas que era uma coisa surpreendente; quando  
23 a princesa lhes perguntou o porquê de serem assim, eles disseram:

24 — Sempre que viajamos pelo mundo, testemunhamos coisas muito risíveis e  
25 tolices praticamente intoleráveis; o desejo de gargalhar é muito forte, mas somos  
26 proibidos de rir e de falar quando estamos fora daqui. Por isso é que ficamos inchados, o  
27 que podemos chamar de hidropisia<sup>13</sup> do riso, da qual só nos curamos quando voltamos  
28 para cá.

29 A princesa admirava o bom humor do povo pagodeano; de fato, qualquer um  
30 ficaria inchado de risos se não pudesse rir de todas as impertinências que são vistas por  
31 aí.

32 Não havia uma noite em que não fosse encenada uma das mais belas peças de  
33 Corneille<sup>14</sup> ou de Molière<sup>15</sup>. Os bailes eram muito frequentes e mesmo os pagodes de  
34 menor estatura também aproveitavam as festas e dançavam sobre uma corda para serem

---

<sup>13</sup> A hidropisia é a acumulação patológica de líquidos no corpo.

<sup>14</sup> Pierre Corneille (1606-1684), dramaturgo francês, célebre por suas tragédias, contemporâneo da autora.

<sup>15</sup> Jean-Baptiste Poquelin, mais conhecido como Molière (1622-1673), dramaturgo francês considerado um dos mestres da comédia, contemporâneo da autora.

1 devidamente vistos. Além disso, as refeições que eram servidas à princesa eram  
2 comparáveis às das festas mais solenes. Traziam-lhe livros de matéria elevada, bem como  
3 livros de galanteria e livros históricos, e os dias se passavam em instantes. Com o passar  
4 do tempo, a simples companhia de um ou dois desses pagodes tão inteligentes começou  
5 a parecer insuficiente por conta de sua pequenez, de modo que, quando ela saía para  
6 passear, colocava cerca de trinta deles em seus bolsos para mantê-la bem entretida, pois  
7 ouvi-los tagarelar com suas pequenas vozes era a coisa mais divertida do mundo, e eles  
8 falavam com mais clareza que as marionetes.

9 Certa vez, sem conseguir dormir, a princesa declarou:

10 — O que será de mim? Ficarei aqui para sempre? Levo uma vida muito mais  
11 agradável do que eu ousaria esperar; no entanto, meu coração sente falta de alguma coisa.  
12 Não sei dizer o que é, mas sinto que a repetição dos mesmos prazeres, sem que nenhum  
13 evento surpreendente aconteça, começa a me parecer insípida.

14 — Ah, princesa, e isso não é vossa culpa? — disse uma voz. — Se estivésseis  
15 disposta a amar, sentiríeis bem depressa o prazer de passar o tempo na companhia de  
16 quem se ama; seja vivendo em um palácio movimentado ou até mesmo na mais completa  
17 solidão, jamais desejaríeis deixá-lo.

18 — Quem é o pagode que está falando comigo? — ela respondeu. — Que conselho  
19 pernicioso é esse, contrário a toda tranquilidade que tanto anseio para a minha vida?

20 — Não é um pagode que vos adverte a respeito de um sentimento que cedo ou  
21 tarde vos acometerá — respondeu a voz. — É o infeliz soberano deste reino, madame,  
22 alguém que vos adora e que treme pela ousadia de dizer-vos isso.

23 — Um rei que me adora? — replicou a princesa. — Acaso esse rei tem olhos? Ou  
24 então ele é cego, pois não viu que eu sou a pessoa mais feia do mundo.

25 — Eu já vos vi, madame — respondeu o invisível. — E não considero correta a  
26 apreciação que tendes de vós mesma. Por vossa pessoa, por vossos méritos e pelo que já  
27 sofrestes, eu repito: eu vos adoro. Porém, meu amor é respeitoso e temeroso, o que me  
28 obriga a permanecer escondido.

29 — Sinto-me lisonjeada, muito obrigada — disse a princesa. — Céus! O que seria  
30 de mim se eu sentisse amor por alguém?

31 — Seríeis a felicidade desse alguém que não pode viver sem vós — disse-lhe ele. —  
32 Mas ele não aparecerá sem a vossa permissão, não ousaria fazê-lo.

33 — Não! — disse a princesa. — Eu não quero nada que possa me comprometer  
34 demais.

35 E então ele parou de respondê-la, e ela passou o resto da noite muito ocupada,  
36 pensando nesse incidente.

37 Mesmo resolvida a não dizer nada a respeito do incidente, ela não pôde deixar de  
38 perguntar aos pagodes se o rei deles havia voltado; eles disseram que não. Essa resposta



1 serviu para preocupá-la, já que não condizia com o que escutara. Depois, perguntou se ele  
2 era jovem e bem-feito, ao que os pagodes responderam que sim, que seu rei era jovem,  
3 bem-feito e muito gentil. Também perguntou com que frequência eles recebiam notícias  
4 a seu respeito, e foi-lhe dito que recebiam notícias todos os dias.

5 — Mas será que ele sabe que eu estou em seu palácio? — ela acrescentou.

6 — Sim, madame — os pagodes responderam. — Ele sabe de tudo a vosso respeito,  
7 pois é de seu interesse, por isso enviamos-lhe cartas de hora em hora para mantê-lo bem-  
8 informado.

9 Feiosinha emudeceu e começou a ter devaneios com muito mais frequência do  
10 que estava acostumada. Quando ficava sozinha, a voz falava com ela; os sentimentos da  
11 princesa alternavam entre o medo e o prazer, pois não existia nada tão galante quanto as  
12 coisas que ele lhe dizia.

13 — Apesar da minha decisão de jamais amar alguém e apesar de todas as razões  
14 que eu possa ter para defender meu coração de um compromisso invariavelmente fatal,  
15 eu vos confesso que ficaria muito feliz em conhecer um rei cujo gosto é tão estranho  
16 quanto o vosso — disse a princesa. — Afinal, se é verdade que me amais, talvez sejais o  
17 único no mundo capaz de demonstrar um interesse tão grande em uma pessoa tão feia  
18 como eu.

19 — Pensai tudo o que quiserdes sobre meu caráter, adorável princesa — respondeu  
20 a voz. — O meu amor é suficientemente justificado por vossos méritos. Vossa aparência  
21 não é o que me obriga a permanecer escondido; os motivos que tenho para isso são tão  
22 tristes que jamais me negaríeis a vossa piedade caso os conhecesseis.

23 A princesa pressionou a voz a se explicar, mas não houve resposta, apenas longos  
24 suspiros. Todas essas coisas a deixaram intrigada; porém, embora ele fosse um amante  
25 oculto e desconhecido, dispensava-lhe mil cuidados. Apesar da boa situação em que se  
26 encontrava, pouco a pouco ela passou a desejar uma companhia mais conveniente que a  
27 dos pagodes, o que se tornou o motivo de seu constante aborrecimento. Agora, apenas a  
28 voz de seu amante invisível tinha o poder de deixá-la verdadeiramente feliz e entretida.

29 Em uma das noites mais escuras do ano, ela despertou de seu sono ao perceber  
30 que havia alguém sentado bem perto de sua cama. Pensou que fosse a pagodina de pérolas,  
31 que, sendo mais inteligente que as demais, às vezes vinha para entretê-la. A princesa  
32 estendeu o braço para pegá-la, mas, em vez disso, sua mão é que foi pega, envolvida e  
33 beijada. Algumas lágrimas foram derramadas sobre ela; de tão comovido, seu admirador  
34 nem conseguia falar. A princesa não teve dúvidas de que se tratava do rei invisível.

35 — Afinal, o que quereis de mim? — disse-lhe ela, com um suspiro. — Como  
36 poderei amar-vos sem conhecer-vos e sem ver-vos?

37 — Ah, madame — ele respondeu. — Imporeis essas condições para a gentileza de  
38 vos agradar? Eu não posso ser visto, isso é algo impossível para mim. A perversa

1 Macaquina, que vos pregou um maléfico revés, é a mesma que me condenou a uma  
2 penitência de sete anos. Cinco deles já se passaram, ainda me restam dois; vós, porém,  
3 amenizareis minhas agruras se me receberdes como vosso marido. Podeis pensar que sou  
4 um homem insensato e que isso que vos peço é algo absolutamente impossível. No  
5 entanto, madame, se soubésseis até onde vai minha paixão e até onde chega o excesso das  
6 minhas desgraças, não recusaríeis a graça que vos peço.

7 Feiosinha estava entediada, como eu já disse, mas enfim descobriu que o rei  
8 invisível tinha tudo o que precisava para agradar seu espírito, de modo que seu coração  
9 foi tomado pelo amor, um sentimento que ela disfarçava sob a alcunha de “generosa  
10 piedade”. A princesa respondeu que levaria alguns dias para tomar uma decisão, o que  
11 era um bom sinal, pois ela estava disposta a resolver em pouco tempo algo que sequer  
12 ousara considerar anteriormente. Os festivais e os concertos tornaram-se mais frequentes;  
13 cânticos de Himeneu<sup>16</sup> eram entoados para ela. A todo momento traziam-lhe presentes  
14 de uma magnificência que superava tudo o que ela jamais havia visto. A amorosa voz, que  
15 permanecia sempre junto dela, fazia-lhe a corte ao anoitecer; a princesa se retirava assim  
16 que o sol se punha, tudo para passar mais tempo em sua agradável companhia.

17 Enfim, ela consentiu em aceitar o rei invisível como seu esposo e prometeu que  
18 não iria vê-lo até que sua penitência tivesse fim.

19 — Tudo está em jogo, tanto para vós quanto para mim — disse-lhe ele. — Se não  
20 resistirdes a essa imprudente curiosidade, terei de recomeçar minha penitência e  
21 dividireis comigo essa dor. Mas se fordes capaz de ignorar os maus conselhos que vos  
22 serão dados, tereis a satisfação de encontrar em mim tudo o que o vosso coração mais  
23 deseja e, ao mesmo tempo, recobrareis a maravilhosa beleza que a malvada Macaquina  
24 tirou de vós.

25 Contenta com essa nova esperança, a princesa prometeu mil vezes a seu esposo  
26 que não seria contrária aos seus anseios e que não cederia à curiosidade. Dessa forma, as  
27 núpcias foram celebradas tranquilamente, com discrição, mas nem por isso seus corações  
28 e espíritos ficaram menos satisfeitos.

29 Como todos os pagodes estavam ansiosos para entreter sua nova rainha, houve  
30 um que lhe trouxe a história de Psiquê, que um dos maiores autores da moda<sup>17</sup> acabava  
31 de adaptar em uma bela linguagem. Ela notou que muitas das coisas narradas tinham a  
32 ver com sua própria aventura e logo foi tomada por um violento desejo de rever seu pai e  
33 sua mãe, sua irmã e seu cunhado, tanto que nada no mundo poderia fazê-la desistir dessa  
34 fantasia, nem qualquer coisa que o rei lhe dissesse.

---

<sup>16</sup> Deus grego do casamento, filho de Apolo com Afrodite.

<sup>17</sup> Provável referência a Jean de La Fontaine (1621-1695), que em 1669 publicara *Les Amours de Psiché et de Cupidon (et Adonis)*.

1 — O livro que estais lendo também vos informará sobre os infortúnios que  
2 acometeram Psiquê — ele acrescentou. — Por favor, atentai-vos para poder evitá-los.

3 Um navio carregado de pagodes e de magníficos presentes foi despachado com  
4 cartas da rainha Feiosinha para a rainha sua mãe. Ela a incentivava a vir vê-la em seu  
5 reino, e somente dessa vez os pagodes foram autorizados a falar fora de casa.

6 O desaparecimento da princesa havia sensibilizado seus parentes; pensava-se até  
7 que ela havia morrido. Suas cartas, afinal, foram recebidas com grande alegria na corte. A  
8 rainha, que estava morrendo de vontade de vê-la novamente, não esperou um só  
9 momento para ir ao encontro da filha e do genro. Os pagodes, que eram os únicos que  
10 conheciam o caminho até o reino, conduziram toda a família real até lá. Quando  
11 Feiosinha enfim reviu seus parentes, pensou que fosse morrer de alegria. Ela leu e releu  
12 *Psiquê* para se precaver contra tudo o que lhe diriam e também para saber como  
13 responder a tudo. Porém, apesar de seu empenho, ela se contradisse centenas de vezes:  
14 primeiro dissera que rei estava com seu exército, depois, que estava tão doente e de mau  
15 humor que não queria ver ninguém. Às vezes dizia que ele estava em peregrinação e  
16 depois que estava caçando ou pescando. Enfim, parecia que ela estava disposta a não dizer  
17 nada que prestasse e que a bárbara Macaquina havia perturbado sua mente. Sua mãe e sua  
18 irmã concluíram que ela estava tentando enganá-las, ou que talvez ela mesma estivesse  
19 sendo enganada, de modo que, movidas por um zelo deveras descabido, resolveram falar  
20 com ela, e o fizeram tão habilmente que plantaram milhares de medos e dúvidas em seu  
21 espírito. Depois de muito tempo tentando refutar as coisas que elas lhe diziam, Feiosinha  
22 confessou que ainda não tinha visto seu marido, mas que havia tanto charme em suas  
23 conversas que bastava ouvi-lo para se sentir feliz. Contou que ele permaneceria em  
24 penitência por mais dois anos e que depois desse tempo não só haveria de vê-lo, mas que  
25 também se tornaria tão bela quanto a estrela d'alva.

26 — Ah, coitadinha! — exclamou a rainha. — Quão grosseiras são as promessas que  
27 ele te faz! Como é possível acreditares em tais histórias com tanta ingenuidade? Teu  
28 marido é um monstro e não pode ser de outra forma, pois todos os pagodes dos quais ele  
29 é rei são verdadeiros monstros.

30 — Eu prefiro acreditar que ele é o próprio deus do amor! — replicou Feiosinha.

31 — Que erro! — gritou a rainha Belinha. — Disseram a Psiquê que ela tinha um  
32 monstro como marido, mas ela descobriu que era o Cupido. Quanto a vós, acreditais que  
33 o Cupido é vosso esposo, mas certamente trata-se de um monstro. Se ao menos tivésseis  
34 consciência de algo tão simples, poderíeis descansar o vosso espírito.

35 A rainha, sua mãe, disse o mesmo, bem como o seu cunhado.

36 A pobre princesa ficou tão confusa e perturbada que, depois de mandar toda sua  
37 família embora com os presentes que eles haviam levado, inclusive o tafetá zinzolino e o  
38 velho laço de fita, ela resolveu que veria seu marido a qualquer custo. Ah! curiosidade

1 fatal! Nem mesmo mil terríveis exemplos são capazes de nos corrigir. Quão caro tu  
2 custarás a essa infeliz princesa! Ela não teria se arrependido tanto se não tivesse imitado  
3 sua predecessora Psiquê: assim como ela, pegou uma lamparina e, escondida, usou-a para  
4 espiar o rei invisível, que era tão caro ao seu coração. Mas qual não foi seu terrível espanto  
5 quando, em vez de encontrar o terno amante de seus sonhos, louro, branco, jovem e  
6 amável, deparou-se com o medonho Serpentino Verde e sua longa crina eriçada? Ele  
7 despertou em fúria e desespero:

8 — Bárbara! — ele gritou. — Esta é a recompensa por tanto amor?

9 Mas a princesa não conseguiu ouvi-lo, pois tinha desmaiado de medo, e o  
10 Serpentino fugiu para longe.

11 Ao som de toda aquela tragédia, alguns pagodes vieram correndo. Resgataram a  
12 princesa e acomodaram-na; quando ela voltou a si, ficou em um estado inimaginável.  
13 Como lamentou pelo mal que fizera a seu marido! Ela o amava ternamente, mas  
14 abominava sua figura; por fim, desejou nunca tê-lo visto.

15 Entretanto, seus tristes devaneios foram interrompidos por alguns pagodes, que  
16 adentraram seu quarto aparentando grande medo; vieram adverti-la de que vários navios  
17 cheios de marionetes estavam prestes a aportar, sem houvesse algum obstáculo para  
18 impedi-los; a fada Macaquina era quem os liderava. As marionetes e os pagodes eram  
19 inimigos desde sempre, competiam em milhares de coisas; diferentemente dos pagodes,  
20 as marionetes tinham o privilégio de falar em qualquer lugar. Macaquina era sua rainha,  
21 e a aversão que ela tinha ao pobre Serpentino Verde e à infeliz Feiosinha obrigou-a a  
22 reunir suas tropas com o intuito de atormentá-los justamente no auge de sua dor.

23 A fada obteve êxito sem muita dificuldade, pois a rainha encontrava-se tão  
24 desolada que, embora pressionada a dar as ordens necessárias, ela se esquivava, dizendo  
25 que não entendia nada sobre guerras. Pediu aos pagodes que se unissem, tanto os que  
26 estavam nas cidades sitiadas quanto os que viviam nos quartéis dos maiores capitães, e  
27 ordenou-lhes que cuidassem de tudo. Depois, trancou-se em seus aposentos, olhando  
28 com indiferença para todas as situações que acometiam sua vida.

29 O general de Macaquina era o famoso Polichinelo<sup>18</sup>, perito em seu ofício, que tinha  
30 uma grande tropa de reserva composta de moscas-das-flores<sup>19</sup>, escaravelhos e borboletas.  
31 Esses insetos conseguiram operar maravilhas contra as rãs e os lagartos levemente  
32 armados que há muito tempo lutavam como soldados dos pagodes e cuja formidável fama  
33 não fazia jus à sua aptidão para a batalha.

34 Durante algum tempo, Macaquina se divertiu assistindo ao combate. Quando os  
35 pagodes e pagodinas estavam prestes a superar as marionetes, a fada deu um golpe com

---

<sup>18</sup> *Polichinelle*.

<sup>19</sup> *Mouches guepes*: mosca muito semelhante a uma abelha ou vespa, de coloração amarela e preta.

1 sua varinha e destruiu todas as soberbas edificações do reino, bem como seus  
2 encantadores jardins, bosques, prados e fontes, que foram enterrados sob suas próprias  
3 ruínas, de modo que a rainha Feiosinha não pôde evitar a dura condição de se tornar  
4 escrava da fada mais maligna que já existiu. Quatrocentas ou quinhentas marionetes  
5 forçaram-na a dirigir-se ao local onde Macaquina estava.

6 — Madame — disse Polichinelo. — Eis aqui a rainha dos pagodes, a quem me  
7 atrevo a apresentar-vos.

8 — Eu a conheço já faz muito tempo — afirmou Macaquina. — Por sua causa fui  
9 afrontada, no dia de seu nascimento. Jamais a esquecerei.

10 — Céus, madame! — disse-lhe a rainha. — Pensei que estivesseis suficientemente  
11 vingada. O dom da suprema fealdade que me concedestes já teria satisfeito qualquer  
12 pessoa menos vingativa do que vós.

13 — Ora, como ela gosta de falar — disse a fada. — Eis aqui um bom remédio: o  
14 vosso primeiro trabalho será o de ensinar filosofia às minhas formigas. Preparai-vos para  
15 ensinar-lhes uma lição por dia.

16 — Como é que isso pode ser possível, madame? — respondeu a aflita rainha. —  
17 Não sei nada sobre filosofia e, mesmo se soubesse, como é que vossas formigas  
18 conseguiriam aprendê-la?

19 — Ora, ora, vejam como ela raciocina! — exclamou Macaquina. — Bem, rainha,  
20 não os ensinareis filosofia, mas dareis a todo mundo, mesmo contra a vossa vontade,  
21 exemplos de paciência que serão difíceis de imitar.

22 Em seguida, ela mandou trazer um par de sapatos de ferro tão pequenos que mal  
23 acomodavam metade dos pés, mas Feiosinha teve de calçá-los. Tudo o que a pobre  
24 rainha podia fazer era apenas chorar e sofrer.

25 — Ó, vede! — disse Macaquina. — Eis aqui um fuso cheio de teias de aranha!  
26 Quero que ele seja fiado em duas horas e que os fios fiquem tão finos quanto o vosso  
27 cabelo!

28 — Mas eu nunca fiei, madame! — disse a rainha. — Apesar do vosso pedido me  
29 parecer impossível, tentarei obedecer-vos.

30 E então conduziram-na ao fundo de uma caverna muito escura, deram-lhe pão  
31 preto e um cântaro de água e depois fecharam a entrada com uma grande pedra.

32 Sempre que ela tentava fiar a imunda teia de aranha, seu pesado fuso caía no chão,  
33 e assim aconteceu centenas de vezes; pacientemente, ela tornava a pegá-lo, mas seus  
34 esforços sempre eram em vão.

35 — Já me dei conta do excesso de minha desgraça! — disse ela. — Estou à mercê da  
36 implacável Macaquina; como se já não estivesse satisfeita por ter roubado toda a minha  
37 beleza, agora ela pretende encontrar pretextos para me fazer morrer.

1 E começou a chorar, recordando a felicidade que há pouco desfrutara no reino de  
2 Pagodia. Depois, jogando seu fuso no chão, exclamou:

3 — Que Macaquina venha quando quiser! Eu não tenho como fazer o impossível.

4 Foi quando ela ouviu uma voz, que lhe disse:

5 — Ah, rainha, as lágrimas que derramais são o preço de vossa curiosidade deveras  
6 indiscreta. Porém, como é doloroso ver sofrer a quem se ama, sabei que tenho uma amiga  
7 de quem não vos falei: trata-se da fada Protetora<sup>20</sup>, espero que ela seja de grande ajuda  
8 para vós.

9 Prontamente, Feiosinha ouviu três batidas e as teias do fuso foram devidamente  
10 fiadas e enoveladas por algum ser invisível. Ao cabo das duas horas, Macaquina, que  
11 ansiava por uma contenda, mandou retirar a pedra e adentrou a caverna, seguida de um  
12 numeroso cortejo de marionetes.

13 — Vamos, vejamos o trabalho de uma preguiçosa que não sabe costurar e nem fiar  
14 — disse ela.

15 — Madame — ela respondeu. — De fato, eu não sabia, mas tive de aprender.

16 Quando Macaquina deparou-se com aquela estranha proeza, pegou o novelo de  
17 fios de aranha e disse à rainha:

18 — Realmente sois muito habilidosa, seria uma pena não terdes com o que vos  
19 ocupar. Aqui, rainha, fazei redes com estes fios; elas devem ser fortes o suficiente para  
20 capturar salmões.

21 — Ora, por favor! — ela respondeu. — Uma rede de fios de aranha mal serviria  
22 para prender moscas!

23 — Raciocinai muito bem, minha bela amiga — disse Macaquina. — Mas isso não  
24 vos servirá de nada.

25 E assegurou-lhe que ela estaria perdida se as redes não estivessem prontas em duas  
26 horas. Depois, saiu da caverna, cuja entrada foi novamente fechada com a grande pedra.

27 — Ó, fada Protetora — a rainha clamou. — Se é verdade que meus infortúnios  
28 podem vos comover, não me recuseis o vosso socorro.

29 Naquele mesmo instante, as redes foram tecidas. Feiosinha ficou completamente  
30 surpresa e agradeceu de todo o coração a essa prestativa fada que tanto bem lhe fizera,  
31 chegando à feliz conclusão de que seu marido deveria ser o responsável por essa amizade.

32 — Ora, Serpentino Verde — disse ela. — Sois muito generoso por ainda me  
33 amardes depois dos males que eu vos causei.

34 Mas não obteve resposta, pois Macaquina entrou logo em seguida e ficou  
35 espantada ao encontrar as redes laboriosamente entretecidas, trabalhadas com tanto  
36 esmero que não parecia obra de mãos vulgares.

---

<sup>20</sup> *La fée Protectrice.*

1 — O quê? — ela exclamou. — Tendes a coragem de dizer-me que fostes vós quem  
2 teceu essas redes?

3 — Eu não tenho amigo algum em vossa corte, madame — disse a rainha. — E  
4 mesmo se tivesse, encontro-me tão bem trancafiada que seria difícil contactá-lo sem a  
5 vossa permissão.

6 — Já que sois tão hábil e esperta — disse Macaquina. — Sereis muito útil para mim  
7 em meu reino.

8 E então ela ordenou que seus navios fossem preparados e que todas as marionetes  
9 estivessem prontas para partir. Mandou amarrarem a rainha com pesadas correntes de  
10 ferro para que ela não tentasse lançar-se ao mar em algum movimento desesperado. Uma  
11 noite, enquanto essa infeliz princesa lamentava seu triste destino, ela avistou, sob o clarão  
12 das estrelas, o Serpentino Verde, que se aproximava discretamente do navio.

13 — Sempre fico com medo de assustar-vos — disse-lhe ele. — E apesar das razões  
14 que eu tenha para não mais vos ajudar, sois infinitamente querida para mim.

15 — Poderíeis perdoar minha indiscreta curiosidade? — ela perguntou. — Não vos  
16 entristeçais, tenho algo a vos dizer:

17  
18 *Sois vós, Serpentino? Sois vós, meu amante querido?*  
19 *Enfim reencontro aquele por quem suspira meu coração!*  
20 *Ó, enfim reencontro meu amado e terno marido!*  
21 *Ó, céus! Tenho sofrido uma rigorosa provação!*  
22 *Ai de mim, como tenho sofrido,*  
23 *Por não encontrar o meu querido!*  
24

25 E o Serpentino respondeu com estes versos:

26  
27 *As dores da ausência*  
28 *Perturbam o coração amoroso*  
29 *Neste mundo temeroso*  
30 *Onde furiosos deuses exercem sua inclemência!*  
31 *Mal nenhum pode ser mais rigoroso*  
32 *Que as dores da ausência.*  
33

34 Macaquina não era uma dessas fadas que costumam dormir; a ânsia pelo mal a  
35 mantinha acordada e ela não deixou de ouvir a conversa do rei Serpentino com sua esposa.  
36 Furiosa, ela surgiu para interrompê-los:

1 — Ah! ah! Vós vos atreveis a fazer rimas e a declamar no tom de Febo<sup>21</sup>! Para vossa  
2 sorte, sou muito bondosa; Proserpina<sup>22</sup>, que é minha melhor amiga, pediu-me que lhe  
3 enviasse de presente um poeta qualquer, não que lhe falte algum, mas ela deseja mais. Eu  
4 vos ordeno, Serpentino Verde, como forma de completar a vossa penitência, que sejais  
5 levado à morada das sombras a fim de prestar os meus cumprimentos à gentil Proserpina.

6 Com longos sibilos, o infeliz Serpentino teve de partir imediatamente, deixando a  
7 rainha com a mais pungente dor. Como pensava que já não tinha mais nada a perder, fora  
8 de si, ela gritou:

9 — Que crime eu cometi para te desagradar, bárbara Macaquina? Eu mal havia  
10 nascido quando a tua maldição infernal tirou de mim a minha beleza e me deixou  
11 horrível! Eu não sabia raciocinar e sequer conhecia a mim mesma! Podes tu dizer qual foi  
12 a minha culpa? Estou certa de que o infeliz rei que acabaste de enviar aos infernos é tão  
13 inocente quanto eu o era! Acaba de uma vez com isso, mata-me depressa, essa é a única  
14 graça que te peço.

15 — Ficarias muito feliz se eu te concedesse o que pedes — respondeu Macaquina.  
16 — Primeiro deverás pegar a água da fonte sem fundo.

17 Assim que os navios aportaram no reino das marionetes, a cruel Macaquina pegou  
18 uma pedra de moinho e colocou-a no pescoço da rainha; depois, ordenou que ela subisse  
19 até o topo de uma montanha que ficava acima das nuvens. Quando chegasse lá, deveria  
20 colher trevos de quatro folhas até encher uma cesta; em seguida, desceria até o fundo do  
21 vale para pegar a Água da Discricção com um cântaro furado, o suficiente para encher a  
22 grande taça da fada. A rainha respondeu que isso era algo impossível de se obedecer, que  
23 a pedra de moinho era dez vezes mais pesada do que ela e que o cântaro furado jamais  
24 seguraria a água que ela desejava beber; enfim, disse que não conseguiria fazer uma coisa  
25 tão impossível.

26 — Se falhares, estejas certa de que o teu Serpentino Verde sofrerá — disse  
27 Macaquina.

28 Essa ameaça causou tanto medo à rainha que, ignorando sua fraqueza, ela tentou  
29 andar. Mas, ora! Se não fosse pelo socorro da fada Protetora, a quem ela clamou, seus  
30 esforços teriam sido inúteis.

31 — Vede, esse é o justo pagamento por vossa curiosidade fatal — disse-lhe a fada.  
32 — Não culpeis a mais ninguém, a não ser a vós mesma, pelo estado a que Macaquina vos  
33 reduz.

34 Prontamente, ela conduziu Feiosinha ao topo da montanha e colocou os trevos de  
35 quatro folhas em sua cesta, malgrado os terríveis monstros que os guardavam e que

---

<sup>21</sup> Deus romano equivalente ao grego Apolo.

<sup>22</sup> Filha de Júpiter e Ceres na mitologia romana, equivalente a Perséfone na mitologia grega, deusa de grande beleza que foi raptada por Plutão (Hades). Deusa do submundo, a quem eram associadas as serpentes.



1 tentariam defendê-los com esforços sobrenaturais; porém, com apenas um toque de sua  
2 varinha, a fada Protetora tornou-lhes mais doces que cordeiros.

3 Ela nem deu tempo para que a grata rainha lhe demonstrasse todo seu  
4 reconhecimento e logo tratou de finalizar o seu obsequioso trabalho: deu-lhe uma  
5 pequena carruagem puxada por dois canários brancos, que falavam e assobiavam  
6 maravilhosamente bem. Disse-lhe que, ao descer a montanha, deveria lançar seus sapatos  
7 de ferro contra os dois gigantes armados com clavas que guardavam a fonte, pois assim  
8 eles tombariam sem nem perceberem. Depois, ela deveria entregar o cântaro aos  
9 canarinhos, pois eles encontrariam uma maneira de enchê-lo com a Água da Discrção.  
10 Assim que ela estivesse em posse dessa água, poderia esfregar seu rosto com ela, pois assim  
11 se tornaria a pessoa mais bonita do mundo. Por fim, aconselhou-a a não permanecer junto  
12 à fonte e nem a voltar ao topo da montanha; ela deveria abrigar-se em um bosque muito  
13 agradável que encontraria em seu caminho, onde poderia passar os próximos três anos,  
14 visto que Macaquina haveria de crer que ela estava ocupada tentando pegar a água com  
15 seu cântaro furado, ou então que teria morrido devido aos demais perigos da viagem.

16 A rainha abraçou os joelhos da fada Protetora e agradeceu-lhe cem vezes pelos  
17 favores especiais que dela recebera.

18 — Mas, madame — ela acrescentou. — O sucesso que terei de obter e a beleza  
19 que me prometeis só me farão comemorar quando o Serpentino for deserpentinado.

20 — Isso é o que há de acontecer depois de passardes três anos no bosque da  
21 montanha — disse-lhe a fada. — Quando enfim podereis entregar a água do cântaro  
22 furado e os trevos à Macaquina.

23 A rainha prometeu à fada Protetora que não faria nada diferente do que ela lhe  
24 prescrevia.

25 — Enquanto isso, madame, ficarei três anos sem ter notícias do rei Serpentino? —  
26 ela quis saber.

27 — Mereceríeis passar todo o tempo de vossa vida privada de notícias a respeito  
28 dele — respondeu a fada. — Afinal, o que poderia haver de mais terrível do que causar o  
29 recomeço da penitência desse pobre rei, tal como o fizestes?

30 A rainha nada respondeu; as lágrimas que escorreram de seus olhos e o seu silêncio  
31 foram o suficiente para expressar a dor que ela sentia. Ela subiu na pequena carruagem e  
32 os canários cumpriram seu dever; levaram-na ao fundo do vale, onde os gigantes  
33 guardavam a Fonte da Discrção. Rapidamente, ela pegou seus sapatos de ferro e lançou-  
34 os contra suas cabeças; uma vez atingidos, os gigantes tombaram sem vida. Os canários  
35 pegaram o cântaro furado e o consertaram com uma habilidade tão surpreendente que  
36 parecia que ele nunca estivera quebrado. O nome dessa água fez com ela sentisse vontade  
37 de bebê-la.

1 — Ela tornará mais prudente e mais discreta do que no passado — disse a rainha.  
2 — Céus, se eu já tivesse essas qualidades, ainda estaria no reino de Pagodia!

3 E depois de tomar um grande gole, ela lavou o rosto, tornando-se tão bonita, mas  
4 tão bonita, que mais se parecia uma deusa do que uma mortal.

5 Foi então que fada Protetora apareceu, dizendo-lhe:

6 — Acabastes de fazer algo que me agradou infinitamente. Sabíeis que essa água  
7 poderia embelezar tanto a vossa alma quanto a vossa aparência; eu queria ver qual das  
8 duas teria a vossa preferência. Enfim, escolhestes a vossa alma, pelo que eu vos elogio, de  
9 modo que essa ação encurtará a vossa penitência em quatro anos.

10 — Peço para não amenizardes em nada as minhas penas, pois eu as mereço —  
11 replicou a rainha. — Aliviai, porém, as penas do Serpentino Verde, que não merece  
12 nenhuma.

13 — Farei o que for possível — disse a fada, abraçando-a. — Agora, como sois tão  
14 bonita, é preciso abandonar o nome de Feiosinha, que não mais vos convém; deveis ser  
15 chamada de rainha Discreta.

16 Com essas palavras, ela desapareceu, deixando-lhe um par de sapatinhos, tão  
17 lindos e tão bem bordados que ela quase teve pena de calçá-los. Em seguida, segurando  
18 seu cântaro cheio de água, a rainha montou de volta em sua carruagem e os canários  
19 levaram-na diretamente ao bosque da montanha. Jamais existira um lugar tão agradável  
20 como aquele! Murtas e laranjeiras uniam seus galhos para formar longos caminhos  
21 cobertos e repartições onde o sol não podia penetrar; milhares de riachos e fontes fluíam  
22 suavemente e ajudavam a refrescar essa bela paragem. Porém, o que havia de mais raro  
23 era que todos os animais que ali viviam podiam falar, e eles deram a melhor acolhida do  
24 mundo aos pequenos canários:

25 — Pensávamos que tivésseis nos abandonado — disseram eles.

26 — Não, o tempo de nossa penitência ainda não terminou — replicaram os  
27 canários. — Eis aqui uma rainha que a fada Protetora nos encarregou de cuidar; façamos  
28 a gentileza de entretê-la tanto quanto pudermos.

29 Prontamente, ela se viu rodeada de animais de toda espécie, que lhe fizeram  
30 grandes elogios:

31 — Sereis a nossa rainha — disseram-lhe. — Renderemos a vós todo o nosso  
32 cuidado e respeito.

33 — Onde estou? — ela exclamou. — Podeis falar por intermédio de algum poder  
34 sobrenatural?

35 Um dos canarinhos, que não saía de perto dela, disse ao seu ouvido:

36 — É preciso que saibas, madame, que muitas fadas, ao longo de suas viagens, ficam  
37 muito aborrecidas quando veem pessoas se rendendo a erros primários. A princípio, elas  
38 pensavam que bastaria aconselhá-las para que se corrigissem, mas seus cuidados eram

1 inúteis. Esse aborrecimento levou-as a colocá-las em penitência: os que falavam demais  
2 foram transformados papagaios, pegas e galinhas; os amantes e suas senhoras viraram  
3 pombos, canários e cãesinhos; aqueles que traíam seus amigos tornaram-se macacos;  
4 algumas pessoas que amavam demais a boa comida transformaram-se em porcos; os  
5 furiosos, em leões. Enfim, o número de penitentes é tão grande que este bosque está  
6 povoado deles, de modo que aqui há pessoas de todas as qualidades e humores.

7 — Pelo que acabastes de me contar, meu querido canarinho, tenho razões para  
8 crer que estais aqui apenas por ter amado demais — disse-lhe a rainha.

9 — É verdade, madame — respondeu o canário. — Sou filho de um grande homem  
10 da Espanha. Em nosso país, o amor impera absoluto sobre todos os corações, de modo  
11 que não se pode escapar dele sem cometer um crime de rebelião.

12 E então o passarinho começou a narrar a sua história<sup>23</sup>:

13 Um embaixador da Inglaterra chegou à corte; ele tinha uma filha de extrema  
14 beleza, mas cujo humor altivo e pungente era insuportável. Apesar disso, eu me apeguei  
15 a ela, amava-a a ponto de adorá-la; ora ela parecia sensível aos meus cuidados, ora me  
16 rejeitava tão fortemente que acabava com a minha paciência. Houve um dia em que ela  
17 me fez cair em profundo desespero; foi então que uma venerável anciã aproximou-se de  
18 mim e censurou-me por minha fraqueza. Porém, tudo o que ela me disse não serviu de  
19 nada e eu persisti em minha teimosia. Uma vez irritada, ela exclamou:

20 — Eu te condeno a transformar-te em um canário por três anos, e a tua amante  
21 em uma mosca-das-flores!

22 Imediatamente, senti uma metamorfose em mim, a mais extraordinária do  
23 mundo. Apesar da minha aflição, não pude deixar de voar para o jardim do embaixador  
24 para descobrir qual teria sido o destino de sua filha; assim que cheguei, vi-a transformada  
25 em uma grande mosca-das-flores, zumbindo quatro vezes mais alto que qualquer outra.  
26 Flutuei ao redor dela com o sentimento de um amante que nada podia fazer para  
27 desprender-se de sua paixão; ela, porém, tentou me picar várias vezes.

28 — Desejais a minha morte, bela vespa? — eu lhe disse. — Não é preciso usar o  
29 vosso ferrão, basta ordenar a minha morte, e eu morrerei.

30 A vespa nada respondeu; limitou-se a lançar-se sobre as flores, que sofreram com  
31 seu mau humor.

32 Desiludido com seu desprezo e pela minha condição, voei sem ter um rumo certo.  
33 Finalmente, cheguei a uma das mais belas cidades do universo, que se chama Paris.  
34 Cansado, joguei-me sobre a folhagem de altas árvores cercadas por muros e, sem saber  
35 como, encontrei-me à porta de uma jaula pintada de verde e guarnecida de ouro; seus

---

<sup>23</sup> O trecho que introduz a narração do canário não passa de uma adição didática do tradutor, cuja finalidade é evitar qualquer confusão decorrente da alternância do foco narrativo devido à extensão do relato.

1 móveis e aparatos eram de uma magnificência surpreendente. Em seguida, uma jovem  
2 apareceu e começou a me acariciar, falando-me com tanta doçura que fiquei encantado!  
3 Não demorou para que eu conhecesse o triste segredo de seu coração: vi aproximar-se  
4 dela um sujeito presunçoso, todo furioso, que não parecia nada satisfeito; ele não só a  
5 repreendeu injustamente, mas também a espancou, a ponto de deixá-la quase morta nos  
6 braços de suas damas de companhia. Fiquei deveras aflito ao vê-la sofrer um tratamento  
7 tão indigno. Porém, para o meu mais completo espanto, parecia que os golpes que ele  
8 desferia tinham a virtude de despertar toda a ternura dessa linda dama.

9 Dia e noite, passei a desejar que as fadas que haviam me transformado em canário  
10 aparecessem para colocar alguma ordem nesse amor tão mal combinado. Enfim, meus  
11 desejos foram realizados: em um sábado qualquer, as fadas surgiram de repente,  
12 repreenderam o amante furioso e condenaram-no a transformar-se em um lobo. Quanto  
13 à paciente dama que sofria por ter sido espancada, fizeram dela uma ovelha, e ambos  
14 foram enviados ao bosque da montanha. Da minha parte, decidi voar para longe. Queria  
15 conhecer as diferentes cortes da Europa. Passei pela Itália e o acaso me fez cair nas mãos  
16 de um homem muito ciumento: ele tinha negócios na cidade e, quando saía de casa, não  
17 permitia que sua esposa visse ninguém, de modo que tratava de mantê-la trancada de  
18 manhã até a noite. A mim foi dada a honra de entreter essa bela cativa. Ela, porém, não se  
19 mostrava nada interessada em cuidar de mim, preocupada que estava com outros  
20 assuntos. Acontece que um certo vizinho, que a amava havia muito tempo, vinha visitá-  
21 la toda noite; ele descia pela chaminé, deslizando de cima a baixo, e surgia mais escuro  
22 que um demônio. Afinal, as chaves que o marido ciumento levava consigo serviam apenas  
23 para manter seu espírito em repouso. Eu vivia temendo a iminência de uma infeliz  
24 catástrofe, até que as fadas entraram pelo buraco da fechadura e surpreenderam esses  
25 ternos amantes.

26 — Ide em penitência! — disseram elas, tocando-os com suas varinhas. — Que o  
27 limpador de chaminés se torne um esquilo e que a dama se transforme em uma  
28 macaquinha, visto que é muito melindrosa! Quanto ao marido, que a ama a ponto  
29 esconder as chaves de sua casa, que ele se torne um grande dogue<sup>24</sup> por dez anos.

30 — Eu teria muito mais a vos contar, madame — acrescentou o canário. — Se  
31 resolvesse relatar as várias aventuras que me aconteceram. De vez em quando sou  
32 obrigado a vir a este bosque, e sempre que retorno encontro novos animais, isso porque  
33 as fadas continuam a viajar e as pessoas continuam a irritá-las com suas infinitas falhas.  
34 Durante a vossa estadia, podereis divertir-vos com o relato de todas as aventuras das  
35 pessoas que aqui estão.

---

<sup>24</sup> Raça de cão de caça, comumente chamado de “dogue alemão” ou “grande dinamarquês”.

1           Prontamente, muitos animais se ofereceram para contar-lhe suas histórias quando  
2 ela assim desejasse. A rainha agradeceu-lhes muito civilizadamente e, como estava mais  
3 interessada em pensar do que em ouvi-los falar, procurou um lugar solitário, onde  
4 pudesse ficar sozinha. Bastou ela desejar e um palacete foi erguido diante dela, onde  
5 algumas aves serviram-lhe o maior banquete do mundo, composto apenas de frutas, mas  
6 frutas muito raras. Enquanto ela permanecesse naquele bosque, nada lhe faltaria.

7           De vez em quando havia festas, mais agradáveis por sua singularidade do que por  
8 qualquer outra coisa: via-se leões dançando com cordeiros, ursos dizendo doçuras às  
9 pombas e serpentes agindo mansamente com os pintarroxos. Houve até mesmo uma  
10 intriga entre uma borboleta e uma pantera. Enfim, ninguém agia de acordo com sua  
11 espécie, pois não se tratava de um tigre ou de uma ovelha de verdade, eram apenas pessoas  
12 que as fadas queriam punir por seus defeitos.

13           Todos amavam a rainha Discreta a ponto de venerá-la; abriram mão de suas  
14 diferenças e deram a ela poder absoluto nessa pequena república, de modo que se ela não  
15 se culpasse incessantemente pelo infortúnio do Serpentino Verde, teria suportado o seu  
16 próprio com alguma paciência. Porém, sempre que pensava na situação em que ele se  
17 encontrava, ela não conseguia perdoar a si mesma por sua curiosidade indiscreta. Quando  
18 chegou a hora de deixar o bosque da montanha, ela pediu aos seus pequenos condutores,  
19 os fiéis canários, que lhe assegurassem um bom retorno. A rainha foi embora no meio da  
20 noite, tudo para evitar despedidas e lamentos que teriam lhe custado algumas lágrimas,  
21 afinal, ela havia sido profundamente tocada pela amizade e deferência que todos aqueles  
22 animais pensantes lhe demonstraram.

23           Ela não se esqueceu do cântaro cheio da Água da Discrção, do cesto de trevos e  
24 dos sapatos de ferro. Macaquina pensava que a rainha estava morta, até que, de repente,  
25 deparou-se com ela: tinha a pedra de moinho ao redor do pescoço, os sapatos de ferro nos  
26 pés e o cântaro na mão. Essa fada, ao vê-la, soltou um forte grito. Depois, perguntou-lhe  
27 de onde vinha.

28           — Madame, passei três anos tentando pegar a água com o cântaro furado — ela  
29 respondeu. — Até enfim encontrar uma maneira de fazer com que ela não vazasse.

30           Macaquina desatou a rir, pensando na fadiga que havia causado à pobre rainha.  
31 No entanto, ao olhar para ela com mais atenção, exclamou:

32           — O que temos aqui? Feiosinha se tornou completamente encantadora! Onde foi  
33 que conseguistes essa beleza toda?

34           A rainha respondeu que havia se lavado com a Água da Discrção, e que essa fora  
35 a causa de tal prodígio. Ao ouvir aquela notícia, tomada pelo desespero, Macaquina atirou  
36 seu cântaro no chão:

37           — Ó, poder que me valha! — gritou ela. — Eu me vingarei! Prepare os vossos  
38 sapatos de ferro, pois ireis ao inferno pedir a Essência da Longa Vida à Proserpina. Vivo

1 com medo de adoecer e até mesmo de morrer, porém, quando eu estiver em posse desse  
2 antídoto, não terei motivo algum para temer! Ademais, tende cuidado para não  
3 desenvolver a garrafa a fim de provar o licor que ela vos dará, pois isso diminuiria a minha  
4 parte.

5 A pobre rainha ficou mais surpresa do que nunca com aquela ordem. Ela disse:

6 — Como se chega ao inferno? Aqueles que lá vão podem voltar? Ora, madame,  
7 jamais vos cansareis de me perseguir? Afinal, sob que astro eu nasci? Minha irmã é muito  
8 mais feliz que eu, por isso sou levada a crer que as constelações não são as mesmas para  
9 todos.

10 E então ela começou a chorar; triunfante por ver suas lágrimas escorrendo,  
11 Macaquina desatou a rir:

12 — Vamos, vamos, vamos! Não adiemos nem por um instante essa viagem que me  
13 trará tanta satisfação!

14 A fada tratou de encher seu bernal com nozes velhas e pão preto e, com essa bela  
15 provisão, a rainha partiu, determinada a esmagar sua cabeça contra a primeira pedra que  
16 encontrasse, tudo para acabar com seu sofrimento.

17 Sem rumo, ela caminhou por algum tempo, indo de um lado para o outro,  
18 pensando na impossibilidade de cumprir a extraordinária ordem de chegar ao inferno.  
19 Sentindo-se cansada, deitou-se aos pés de uma árvore e começou a pensar no pobre  
20 Serpentino, sem mais se preocupar com sua viagem. De repente, ela avistou a fada  
21 Protetora, que lhe disse:

22 — Sabei, bela rainha, que é necessário encontrar Proserpina para que possais  
23 libertar o vosso esposo dos domínios sombrios em que ele se encontra por ordens de  
24 Macaquina.

25 — Eu iria ainda mais longe caso isso fosse possível — ela respondeu. — No  
26 entanto, madame, eu não sei como chegar a esse tenebroso lugar.

27 — Eis aqui um ramo de verdura — disse a fada Protetora. — Basta esfregá-lo na  
28 terra e declamar distintamente alguns versos sinceros.

29 A rainha abraçou os joelhos de sua generosa amiga e depois declamou:

30  
31 — *Tu, que desarmas o mestre do trovão,*

32 *Atende o meu pedido,*

33 *Vem e livra-me, ó Cupido,*

34 *Dos rigores que assolam meu coração,*

35 *Abre-me, com teu poder, o caminho dos infernos;*

36 *Lugar subterrâneo, onde as chamas da paixão,*

37 *Agrilhoaram Proserpina aos amores de Plutão,*

1 *Abre-me, terno Cupido, o caminho dos infernos.*

2 *Separaram-me de meu esposo leal;*

3 *Sinto os rigores da mais terrível sorte.*

4 *Minha dor é mais que mortal,*

5 *E não consigo encontrar a morte.*

6

7 Ela mal havia terminado sua prece, quando uma criança mais bonita que tudo o  
8 que já vimos surgiu do fundo de uma nuvem mesclada em tons de ouro e azurita. Ela voou  
9 e desceu aos seus pés; uma coroa de flores cingia-lhe a cabeça. A julgar pelo seu arco e  
10 flecha, a rainha soube que era o Cupido. Aproximando-se dela, ele disse:

11

12 *— Os vossos suspiros foram ouvidos,*

13 *E eu descí do firmamento,*

14 *Secarei vossas lágrimas em um momento,*

15 *E por vós farei o que for preciso:*

16 *Encontrareis o vosso amado, cessareis esse lamento.*

17 *O Serpentino voltará a sentir as doçuras da vida,*

18 *E assim puniremos vossa cruel inimiga.*

19

20 Maravilhada com o brilho que envolvia o Cupido e jubilosa com suas promessas,  
21 a rainha exclamou:

22

23 *— Ao inferno estou pronta para descer;*

24 *Esse terrível lugar se tornará encantado,*

25 *Se ali eu reencontrar o meu amado,*

26 *Pois sem ele eu não saberia viver.*

27

28 O Cupido, que raramente fala em prosa, desferiu três golpes contra a terra  
29 enquanto entoava as seguintes palavras maravilhosamente bem:

30

31 *— Terra, à minha voz obedeci,*

32 *Sabei que sou o Cupido, abri-nos uma passagem,*

33 *Levai-nos à triste paragem*

34 *Onde Plutão impõe suas leis.*

35

1 A terra obedeceu e abriu seu largo seio. Assim, através de uma descida obscura,  
2 com a ajuda do fulgurante guia que a conduzia sob sua proteção, a rainha chegou ao  
3 inferno. Temia encontrar seu marido sob a figura de uma serpente, mas o Cupido, que às  
4 vezes rende boas graças aos infelizes, tendo previsto tudo o que poderia prever<sup>25</sup>, já havia  
5 ordenado que o Serpentino Verde voltasse a ser como era antes de sua penitência. Por  
6 mais poderosa que fosse Macaquina, ora, o que ela poderia fazer contra o próprio Amor?  
7 Finalmente, a primeira pessoa que a rainha encontrou foi seu amável esposo. Ela jamais  
8 vira uma figura tão charmosa, e nem ele havia visto uma pessoa tão bela quanto ela.  
9 Porém, como se fosse um pressentimento (ou talvez pela influência do Cupido, que se  
10 encontrava entre eles), eles conseguiram reconhecer um ao outro. Naquele mesmo  
11 instante, a rainha lhe disse com extrema ternura:

12

13

14

15

16

17

18

— *Aqui eu vim para revogar a lei do destino,  
Já que ele vos prendeu aqui por uma ordem perversa  
Aqui uniremos nossos corações sem que nada nos impeça,  
O inferno, que para alguns causa pavor,  
Não me afligirá, pois estarei com meu amor.*

19

20

21

22

23

24

25

26

27

28

29

30

31

32

33

34

35

36

*Muitas vezes, um desejo curioso  
É a fonte dos males mais espantáveis:  
Se um segredo pode nos tornar miseráveis,*

---

<sup>25</sup> “...ayant prévu là-dessus tout ce qui étoit à prévoir...”



1 *Por que razão abrimos o olho?*  
2 *O belo sexo é o que mais sofre desse desejo fatal.*  
3 *Basta pensarmos na primeira mortal;*  
4 *Com Pandora e Psiquê aprendamos um pouco mais:*  
5 *Elas quiseram um mistério desvendar,*  
6 *Algo que os deuses escondiam dos mortais,*  
7 *E sua própria miséria acabaram por causar.*  
8 *Feiosinha, que quis conhecer o Serpentino,*  
9 *Experimentou semelhante destino;*  
10 *Ora, o exemplo de Psiquê não a fez mais inteligente,*  
11 *Nada aprendeu com os infortúnios passados,*  
12 *E a maior parte dos mortais, curiosos insensatos,*  
13 *Não costuma fazer diferente.*

## A PRINCESA CARPINHA<sup>1</sup>

1 Era uma vez um velho rei que, para se consolar de uma longa viuvez, casou-se com  
2 uma bela princesa, a quem amava muito. Ele tinha um filho de sua primeira esposa, um  
3 menino corcunda e impertinente, que ficou muito aborrecido com o fato de seu pai se  
4 casar uma segunda vez.

5 — A qualidade de filho único me faz ser amado e temido — dizia ele. — Mas se a  
6 jovem rainha tiver filhos, meu pai, que por ela renunciaria a seu reino, não me considerará  
7 como o primogênito e me deserará em seu favor.

8 Ele era ambicioso, cheio de malícia e dissimulação, tanto que, sem demonstrar sua  
9 inquietude, foi consultar uma fada em segredo. Ela era considerada a fada mais inteligente  
10 do mundo; no instante em que ele apareceu, ela adivinhou seu nome, sua estirpe e o que  
11 ele queria.

12 — Príncipe Corcunda<sup>2</sup> (era assim que o chamavam), chegastes tarde demais —  
13 disse ela. — A rainha terá um filho. Eu não farei mal algum ao menino; porém, se ele  
14 morrer ou suceder-lhe algum acidente, prometo-vos que evitarei que ela engravide  
15 novamente.

16 Essa promessa deixou Corcunda um pouco consolado. Ele pediu à fada que não  
17 se esquecesse disso, pois estava disposto a fazer alguma maldade contra seu irmãozinho  
18 assim que ele nascesse.

19 Ao cabo de nove meses, a rainha teve um filho, o mais bonito do mundo. Algo de  
20 extraordinário foi observado no recém-nascido: ele tinha uma marca de nascença em  
21 forma de flecha impressa em seu braço. A rainha amava tanto o seu filho que ela mesma  
22 o amamentava, o que deixava o príncipe deveras irritado, afinal o cuidado de uma mãe é  
23 bem maior que o de uma nutriz, e é muito mais fácil enganar esta do que aquela.  
24 Corcunda, que só pensava em executar seu golpe, começou a demonstrar um grande  
25 carinho pela rainha e muito amor pelo pequeno príncipe, tanto que o rei ficou encantado.

26 — Jamais imaginei que meu filho pudesse ter tão boas inclinações — disse ele. —  
27 Se continuar assim, deixarei uma porção do meu reino para ele.

28 Mas essas promessas não eram suficientes para Corcunda, ele queria tudo ou nada.  
29 Uma noite, ele presenteou a rainha com alguns confeitos recheados de ópio, fazendo-a  
30 adormecer. Imediatamente, o príncipe, que havia se escondido atrás da tapeçaria, pegou  
31 o pequeno príncipe com delicadeza e colocou um grande gato bem coberto em seu lugar,  
32 tudo para que as berçaristas não percebessem o roubo. O gato miava e elas o embalavam.  
33 Certa hora, porém, ele soltou um miado tão alto que as berçaristas pensaram que o bebê

---

<sup>1</sup> *La Princesse Carpillon.*

<sup>2</sup> *Prince Bossu.*

1 estivesse com fome. Acordaram a rainha, que, ainda dominada pelo sono, pensando ter  
2 agarrado seu querido neném, deu-lhe o seio; foi quando o gato malvado a mordeu. Ela  
3 gritou e olhou para ele: qual não foi seu espanto quando viu uma cabeça de um gato em  
4 vez da cabeça de seu filho! Sua dor foi tão intensa que ela quase morreu na mesma hora.  
5 Os gritos das damas da rainha acordaram todo o palácio. O rei vestiu seu robe e correu  
6 para os aposentos da rainha. A primeira coisa que viu foi o gato, envolto nos tecidos de  
7 ouro normalmente usados por seu filho caçula. Lançado ao chão, ele soltava grunhidos  
8 perturbadores. Muito alarmado, o rei perguntou o que tudo aquilo significava. Disseram-  
9 lhe que não sabiam o que tinha acontecido, mas que o pequeno príncipe havia  
10 desaparecido, que o procuraram inutilmente e que a rainha estava muito ferida. O rei  
11 entrou no quarto da rainha e encontrou-a terrivelmente aflita; como não queria piorar as  
12 coisas, conteve a sua própria tristeza na tentativa de consolar essa pobre princesa.

13 Nesse ínterim, Corcunda entregara seu irmãozinho a um de seus homens.

14 — Levai-o para uma floresta distante — disse-lhe ele. — E abandonai-o nu,  
15 exposto às feras selvagens, a fim de que possam devorá-lo. Talvez assim nunca mais  
16 ouçamos falar dele. Eu mesmo o levaria lá, pois temo que minhas ordens sejam  
17 desrespeitadas; porém, devo comparecer à presença do rei. Ide, portanto, com a certeza  
18 de que, sob o meu reinado, não serei ingrato para convosco.

19 Ele mesmo colocou o pobre infante em um cesto coberto; e como tinha o costume  
20 de acariciá-lo, o menino já o conhecia e sorria para ele, mas o impiedoso Corcunda era  
21 menos compassivo do que uma pedra. Depois, dirigiu-se prontamente ao quarto da  
22 rainha; estava meio desarrumado devido à pressa, segundo ele. Esfregava os olhos como  
23 se estivesse sonolento; quando soube das tristes notícias sobre o ferimento de sua  
24 madrastra e o desaparecimento do príncipe, vendo o gato amarrado, proferiu lamentos tão  
25 dolorosos que todos se ocuparam tentando consolá-lo, como se ele realmente estivesse se  
26 sentindo muito aflito. Pegou o gato e torceu seu pescoço com uma ferocidade que lhe era  
27 bastante natural, fazendo-os acreditar que estava descontando sua fúria devido à mordida  
28 que o animal desferira contra a rainha.

29 Embora fosse suficientemente perverso para perpetrar um crime como aquele,  
30 ninguém suspeitava dele; seu crime foi muito bem ocultado por suas lágrimas fingidas. O  
31 rei e a rainha, afeitos a esse infeliz, encarregaram-no de pedir a todas as fadas informações  
32 sobre o paradeiro de seu filho. Sem paciência para fazer tal pesquisa, Corcunda lhes trouxe  
33 várias respostas diferentes e muito enigmáticas, mas todas indicavam um mesmo  
34 consenso: o de que príncipe não estava morto, ele havia desaparecido por algum tempo  
35 por motivos impenetráveis, mas que tudo lhe seria restituído, que se manteria perfeito em  
36 todos os aspectos e que eles não deveriam mais procurá-lo, pois seria um esforço inútil.  
37 Corcunda imaginou que haveria de tranquilizá-los com tais respostas, e assim aconteceu.

1 O rei e a rainha se entretinham pensando no dia em que voltariam a ver seu filho.  
2 Porém, passados alguns dias, a mordida do gato provou-se tão venenosa que a rainha  
3 acabou morrendo. O rei, sobrecarregado de tristeza, trancou-se por um ano inteiro no  
4 interior de seu palácio. Ele ainda esperava ter notícias de seu filhinho, mas esperava em  
5 vão.

6 O homem que levou a criança caminhou a noite inteira, sem parar. Ao raiar da  
7 aurora, ele abriu a cesta, e o amável infante sorriu para ele, como costumava fazer com a  
8 rainha quando ela o tomava em seus braços.

9 — Ó, pobre principezinho — disse ele. — Que destino infeliz o teu! Tal como um  
10 tenro cordeiro, servirás de alimento para algum leão faminto. Por que Corcunda escolheu  
11 justamente a mim para ajudá-lo a te destruir?

12 E então ele fechou a cesta para não mais admirar aquele ser tão digno de pena. A  
13 criança, porém, que havia passado a noite sem mamar, começou a chorar com todas as  
14 suas forças. O homem colheu alguns figos e colocou-os em sua boca; a doçura da fruta  
15 serviu para acalmá-lo um pouco, de modo que a caminhada pôde prosseguir até a noite  
16 seguinte, quando ele enfim alcançou uma floresta vasta e sombria. Temendo ser devorado,  
17 não ousou adentrá-la àquela hora, e retomou sua viagem apenas na manhã seguinte, ainda  
18 carregando a cesta.

19 A floresta era tão grande que, para onde quer que olhasse, ele não enxergava uma  
20 saída. Em um lugar todo coberto por árvores, ele avistou um rochedo, que se elevava em  
21 vários picos escarpados.

22 — Não há dúvidas de que este é o retiro das feras mais selvagens — disse ele. —  
23 Devo deixar a criança aqui, já que não tenho condições de salvá-la.

24 Assim que ele se aproximou do local, uma águia de prodigiosa grandeza surgiu.  
25 Ela voou em círculos e se afastou do rochedo, agindo como se estivesse cuidando de algo  
26 muito importante em seu ninho; de fato, ali estavam os seus filhotes, que ela alimentava  
27 no fundo de uma espécie de gruta.

28 — Tu, pobre infante, serás a presa destas aves, que são os reis dos outros animais  
29 — disse o homem.

30 Dizendo isso, ele despiu o bebê e colocou-o ao lado das três aguiazinhas. O ninho  
31 era bem grande e protegido da inclemência do tempo. O homem teve muita dificuldade  
32 em colocar o príncipe ali; para alcançar a gruta no rochedo, teve de se esgueirar por um  
33 caminho muito acidentado, que dava para um precipício assustador. Por fim, retirou-se  
34 suspirando, vendo a águia retornar rapidamente para o ninho.

35 — Ah, esse é o fim! — disse ele. — O infante perderá a vida.

36 E apressou-se para deixar o local, pois não queria ouvir seus últimos gritos. Ele  
37 voltou à presença de Corcunda e assegurou-lhe de que não tinha mais um irmão. Ao saber  
38 dessa notícia, o bárbaro príncipe abraçou seu fiel ministro e deu-lhe um anel de

1 diamantes, prometendo-lhe que, quando se tornasse rei, faria dele o capitão de seu  
2 exército.

3 De volta ao seu ninho, a águia ficou um tanto surpresa ao encontrar um novo  
4 hóspede. Surpresa ou não, ela exerceu os deveres da hospitalidade e se saiu muito melhor  
5 do que muita gente costuma fazer. Ela o aninhou junto dos seus filhotes, cobriu-o com  
6 suas asas e o aqueceu. Parecia até que dedicava um cuidado especial a ele. Um instinto  
7 peculiar induziu-a a procurar frutas, a bicá-las e a verter o suco na boca rosada do  
8 pequeno príncipe; enfim, ela o alimentou tão bem que nem mesmo sua mãe verdadeira  
9 poderia tê-lo nutrido melhor.

10 Assim que as aguiazinhas ficaram um pouco mais fortes, a águia começou a tirá-  
11 las do fundo da gruta de vez em quando, às vezes em suas asas, às vezes em suas garras,  
12 acostumando-as a olhar para o sol sem fechar as pálpebras. Às vezes os filhotes saíam de  
13 perto da mãe e voavam um pouco ao seu redor; o principzinho, porém, não podia fazer  
14 nada desse tipo. Quando ela o carregava no ar, ele corria grandes riscos de cair e morrer.  
15 A fortuna, porém, afeiçãoou-se dele: foi ela que lhe providenciou uma nutriz tão  
16 extraordinária e era ela que o impedia de cair.

17 Quatro anos se passaram dessa maneira. A águia perdeu todos os seus filhotes, que  
18 voaram pelo céu quando ficaram suficientemente grandes e nunca mais voltaram para ver  
19 sua mãe ou seu ninho. Quanto ao príncipe, que não tinha forças para ir muito longe, ele  
20 permanecia no rochedo, mas longe da gruta, pois a águia, prudente e temerosa, temendo  
21 que ele caísse no precipício, levou-o para o outro lado e colocou-o em um abrigo bem alto  
22 e estreito, longe do alcance dos animais selvagens.

23 Até mesmo o Amor, que é pintado com todas as perfeições, era muito menos  
24 bonito do que esse jovem príncipe. O ardor do sol não podia macular os lírios e as rosas  
25 de sua tez; havia tanta regularidade em todos os seus traços que nem os melhores pintores  
26 conseguiriam imaginar algo semelhante; seu cabelo já era longo o suficiente para cobrir-  
27 lhe os ombros, e seu porte era tão elevado que jamais se viu nada tão nobre e tão grandioso  
28 em uma criança antes. A águia o amava com um afeto surpreendente; alimentava-o  
29 somente com frutas, fazendo distinção entre ele e as aguiazinhas, que eram nutridas  
30 apenas com carne crua. Ela assolava todos os pastores das redondezas, capturando os seus  
31 cordeiros sem piedade; não se falava de outra coisa a não ser da devastação que a águia  
32 causava. Por fim, cansados de alimentá-la às custas de seus rebanhos, eles resolveram  
33 descobrir o seu retiro. Dividiram-se em vários grupos e começaram a segui-la; vagaram  
34 pelas montanhas e pelos vales por um longo tempo, mas sem sucesso. Até que um dia  
35 avistaram-na aterrissar sobre um grande rochedo; os mais corajosos se aventuraram a  
36 escalá-lo, embora fossem correr mil perigos. Naquela época, a ave tinha duas pequenas  
37 aguiazinhas, das quais cuidava carinhosamente; contudo, por mais queridas que fossem,  
38 seu afeto ainda era mais forte pelo jovem príncipe, com quem já convivia havia um longo

1 tempo. Ela não estava presente quando os pastores descobriram o seu ninho, por isso, eles  
2 não tiveram muita dificuldade em destruí-lo e tomar para si tudo o que estava dentro dele.  
3 Qual não foi a surpresa dos pastores quando encontraram o príncipe! Havia algo de tão  
4 maravilhoso naquela descoberta que seus espíritos limitados não conseguiam entender  
5 nada.

6 Eles carregaram a criança e as aguias, ao que os três começaram a gritar. A  
7 águia os escutou e desceu sobre os salteadores de sua propriedade. Eles bem que teriam  
8 sentido os efeitos de sua fúria se ela não tivesse sido abatida por uma flecha, lançada contra  
9 ela por um dos pastores. O jovem príncipe, naturalmente, vendo-a cair, proferiu gritos  
10 dignos de pena e chorou amargamente. Depois dessa expedição, os pastores retornaram  
11 às suas aldeias. No dia seguinte, uma cruel cerimônia haveria de acontecer.

12 Acontece que, há muito tempo, esse país fôra ocupado por ogros. Seus habitantes,  
13 desesperados por terem vizinhos tão perigosos, tentaram afastá-los de todos os jeitos, mas  
14 sem sucesso. Indignados com o ódio que se manifestava contra eles, os terríveis ogros  
15 redobram suas crueldades e começaram a devorar qualquer um que caísse em suas  
16 mãos, sem exceção. Um dia, quando os pastores se reuniram para deliberar sobre o que  
17 poderiam fazer contra os ogros, um homem de espantosa grandeza surgiu entre eles:  
18 metade de seu corpo era como o de um cervo, coberto de uma pele azul. Ele tinha pés de  
19 cabra, uma clava sobre os ombros e um escudo à mão. Ele lhes disse:

20 — Pastores, eu sou o Centauro Azul. Se me derdes uma criança a cada três anos,  
21 prometo trazer uma centena dos meus irmãos até aqui e travar uma guerra feroz contra  
22 os ogros. Nós os expulsaremos, qualquer que seja o número deles.

23 Os pastores hesitaram em concordar com algo tão cruel. Porém, os mais  
24 veneráveis entre eles disseram:

25 — Meus amigos, o que é mais vantajoso para nós, afinal? Que os ogros devam  
26 nossos pais, nossos filhos e nossas esposas todos os dias? Ao sacrificarmos um, salvaremos  
27 muitos. Portanto, não recusemos a oferta que o Centauro nos faz.

28 Todos consentiram. Com grandes juramentos, eles se comprometeram a cumprir  
29 sua palavra com o Centauro e entregar-lhe uma criança.

30 Tal como dissera, ele partiu e retornou junto de seus irmãos, que eram todos tão  
31 monstruosos quanto ele. Os ogros, que não eram menos corajosos do que cruéis,  
32 resistiram a muitos combates; os centauros, no entanto, saíram vitoriosos de todos eles,  
33 forçando-os a fugir. O Centauro Azul não tardou em reclamar a recompensa de seus  
34 esforços. Todos disseram que nada poderia ser mais justo, porém, quando tiveram de  
35 selecionar a criança prometida, nenhuma família concordou em entregar-lhes uma, tanto  
36 que algumas mães até esconderam seus bebês no seio da terra. O Centauro, que não estava  
37 de brincadeira, depois de ter esperado quarenta e oito horas, disse aos pastores que agora  
38 demandava um número de crianças equivalente ao número de dias que ele teve de

1 permanecer naquele país; esse atraso custou-lhes seis menininhos e seis menininhas.  
2 Daquele dia em diante, eles resolveram regularizar essa grave situação: a cada três anos,  
3 realizariam uma cerimônia solene para entregar um pobre inocente ao Centauro.

4 Pois bem, o príncipe foi retirado do ninho da águia na véspera do dia em que esse  
5 tributo deveria ser pago, e, embora uma outra criança já tivesse sido escolhida, era de se  
6 esperar que os pastores fossem substituí-la pelo príncipe. Por conta do mistério acerca de  
7 seu nascimento — pois eles eram tão simples que às vezes cogitavam a possibilidade de a  
8 águia ser de fato sua mãe — e de sua maravilhosa beleza, ficou decidido que iriam oferecê-  
9 lo ao Centauro, isso porque ele era tão exigente que se recusava a comer crianças que não  
10 fossem muito bonitas. A mãe da criança previamente selecionada sentiu-se aliviada; os  
11 horrores da morte enfim deram lugar às doçuras da vida. Incumbiram-na de adornar o  
12 jovem príncipe para o sacrifício, tal como ela preparara o seu filho: penteou muito bem  
13 os seus longos cabelos, fez-lhe uma coroa de pequenas rosas vermelhas e brancas, aquelas  
14 que costumam nascer em arbustos, e vestiu-lhe com um longo hábito de tecido branco e  
15 fino, cingido com um cinto de flores. Assim adornado, fizeram-no marchar à frente das  
16 várias crianças que deveriam acompanhá-lo. Como poderei descrever o ar de grandeza e  
17 de nobreza que brilhava em seus olhos? Ele, que nunca havia visto nada além de águias e  
18 que ainda era de uma idade tão tenra, não parecia assustado e nem agia com selvageria;  
19 parecia-lhe que todos aqueles pastores haviam se reunido tão somente para agradá-lo.  
20 “Ah, que pena que essa criança será devorada e não podemos salvá-la!”, diziam uns aos  
21 outros. Muitos até choraram, mas seria impossível evitar o sacrifício.

22 O Centauro tinha o costume de aparecer no alto de um rochedo com seu escudo  
23 em uma mão e sua clava na outra. Com uma voz amedrontadora, ele gritava lá de cima  
24 aos pastores:

25 — Deixai a minha presa e retirai-vos!

26 Naquela ocasião, no momento em que avistou a criança escolhida, ele fez uma  
27 grande festa, rindo tão alto que até as montanhas tremeram.

28 — Este é o melhor café da manhã que já tomei em toda a minha vida! — ele  
29 exclamou. — Não vou querer nem pimenta e nem sal para saborear esse menininho!

30 Admirando aquela pobre criança, os pastores e as pastoras disseram entre si:

31 — A águia a poupou, mas eis aí o monstro que vai acabar com sua vida.

32 O mais velhos dos pastores tomou-o em seus braços e beijou-o várias vezes.

33 — Ó, minha criança, amável criança — disse ele. — Eu não te conheço, mas sinto  
34 que me apeguei a ti! É justo assistir ao teu funeral? Por que é que a Fortuna te defendeu  
35 das garras e do bico afiado daquela águia terrível e agora te abandona aos dentes  
36 carniceiros desse pavoroso monstro?

37 Enquanto o pastor encharcava as bochechas rosadas do príncipe com as lágrimas  
38 que corriam de seus olhos, o doce e inocente menino passava suas mãozinhas pelos

1 cabelos grisalhos do ancião, sorrindo para ele de maneira pueril. E quanto mais piedade  
2 o príncipe inspirava, mais hesitante o pastor ficava em entregá-lo.

3 — Apressai-vos! — exclamou o faminto Centauro. — Se me fizerdes descer, se eu  
4 tiver que ir até aí, devorarei mais de cem!

5 E, de fato, ele foi tomado pela impaciência: levantou-se e começou a manejar a sua  
6 clava. Foi quando um grande globo de fogo apareceu no ar, envolto por uma nuvem  
7 azulada. Todos olhavam atentamente para essa extraordinária aparição; a nuvem e o  
8 globo desceram pouco a pouco e enfim se abriram, fazendo surgir uma carruagem de  
9 diamantes conduzida por cisnes, dentro da qual estava assentada uma das mais belas  
10 damas do mundo. Sobre sua cabeça havia um elmo de ouro puro, coberto de penas  
11 brancas; a viseira estava levantada, revelando olhos tão brilhantes quanto o sol. Seu corpo  
12 estava coberto por uma rica couraça, e ela empunhava uma lança de fogo, o que deixava  
13 bastante claro que ela era uma Amazona.

14 — Ora, pastores! — ela exclamou. — Acaso teríeis a desumanidade de sacrificar  
15 essa criança ao cruel Centauro? Chegou a hora de libertar-vos desse compromisso. A  
16 justiça e a razão se opõem a um costume tão bárbaro assim. Não temais o retorno dos  
17 ogros, eu garantirei a vossa segurança, pois sou a Fada Amazona. A partir deste momento,  
18 eu vos guardarei sob a minha proteção.

19 — Ó, madame, essa é a maior alegria que poderia nos acontecer! — disseram os  
20 pastores e pastoras, levantando suas mãos para ela.

21 Eles, porém, foram interrompidos pelo enfurecido Centauro, que desafiou a Fada  
22 para um combate. A batalha foi feroz e obstinada, mas a lança de fogo da Fada Amazona  
23 queimava tudo o que tocava; o monstro proferiu gritos horríveis, que só cessaram com a  
24 sua morte. Ele tombou completamente assado; qualquer um teria dito que uma montanha  
25 havia sido derrubada, de tão tremendo que foi o choque. Assustados, os pastores se  
26 esconderam; uns foram para a floresta vizinha, outros para trás dos rochedos, de cujas  
27 cavidades eles podiam assistir a tudo sem serem vistos.

28 Foi em um rochedo que o sábio pastor se refugiou, segurando o pequeno príncipe  
29 em seus braços; ele estava muito mais preocupado com o que poderia acontecer a essa  
30 amável criança do que consigo mesmo ou com a sua família, embora esta última também  
31 o preocupasse. Após a morte do Centauro, a Fada Amazona pegou uma trombeta e tocou-  
32 a tão melodiosamente que os doentes que a ouviram ergueram-se em perfeita saúde;  
33 quanto aos demais, eles sentiram uma alegria inexplicável, da qual não conseguiam  
34 expressar o motivo.

35 Enfim, ao som da harmoniosa trombeta, os pastores e pastoras reuniram-se  
36 novamente. Ao avistá-los, a fim de tranquilizá-los, a Fada Amazona aproximou-se em sua  
37 carruagem de diamantes, descendo aos poucos, até ficar a três pés de tocar terra. A nuvem  
38 sobre a qual a carruagem pairava era tão transparente que parecia ser de cristal. O velho



1 pastor, a quem chamavam de Sublime, saiu de seu esconderijo com o pequeno príncipe  
2 no colo.

3 — Aproximai-vos, Sublime — disse a Fada. — Não há mais nada a temer. De hoje  
4 em diante, eu desejo que a paz reine nestas terras e que venhais a desfrutar do descanso  
5 que aqui vieram buscar. Entregai a mim essa pobre criança, cujas aventuras já foram  
6 deveras extraordinárias.

7 O velho, prestando uma profunda reverência, ergueu o Príncipe e colocou-o nos  
8 braços da fada. Ela lhe fez milhares de carícias e o abraçou; colocou-o em seus joelhos e  
9 conversou com ele. Bem sabia que ele não podia falar e nem compreender língua alguma.  
10 Ele se limitava a proferir gritos de alegria (ou de tristeza), suspiros e ruídos inarticulados,  
11 pois nunca tinha ouvido um ser humano falar.

12 O pequeno príncipe ficou bastante deslumbrado com a brilhante armadura da  
13 Fada Amazona. Ergueu-se de joelhos para tentar alcançar seu capacete, a fim de tocá-lo.  
14 A fada riu e lhe disse, como se ele fosse capaz de entendê-la:

15 — Meu filho, quando fores capaz de portar armas, eu farei com que não te falte  
16 nenhuma.

17 Depois de render-lhe mais algumas carícias, ela o devolveu a Sublime.

18 — Sábio ancião — disse-lhe ela. — Tendes o meu reconhecimento, peço que não  
19 recuseis o vosso cuidado a essa criança. Ensinai-o a desprezar as pompas do mundo e a  
20 estar sempre acima dos golpes da fortuna; é possível que ele seja muito bem nascido, mas  
21 eu bem sei que a sabedoria o fará mais feliz do que o poder. A felicidade dos homens não  
22 deve consistir somente em grandeza exterior; para ser feliz, é preciso ser sábio, e para ser  
23 sábio, é preciso conhecer a si mesmo, saber controlar seus desejos, contentar-se tanto na  
24 pobreza quanto na opulência, buscar a estima dos homens de mérito, não desprezar a  
25 ninguém e estar sempre preparado para se desfazer das riquezas desta vida miserável sem  
26 se queixar. Mas por que é necessário dizer-vos isso, venerável pastor? Afinal, falo de  
27 assuntos que conheceis muito melhor do que eu. A verdade é que estou me dirigindo  
28 menos a vós do que aos demais pastores que também me escutam. Adeus, pastores!  
29 Adeus, pastoras! Clamai por mim em vossa necessidade; esta mesma lança e esta mesma  
30 mão que acabaram de exterminar o Centauro Azul estarão sempre prontas para proteger-  
31 vos.

32 Tão confusos quanto felizes, Sublime e todos aqueles que o acompanhavam não  
33 sabiam como responder às palavras tão solícitas da Fada Amazona; afoitos e contentes,  
34 eles se prostraram humildemente diante dela, e, enquanto permaneciam nessa posição, o  
35 globo de fogo foi subindo suavemente para as regiões aéreas, até desaparecer com  
36 Amazona e a carruagem.

37 A princípio, os temerosos pastores não ousaram se aproximar do Centauro;  
38 mesmo estando completamente morto, eles não deixavam de temê-lo. Enfim, eles foram

1 se aquietando pouco a pouco, até que resolveram fazer uma grande fogueira para reduzi-  
2 lo a cinzas, pois temiam que seus irmãos ficassem sabendo do que havia acontecido e  
3 viessem vingar-lhe a morte. De comum acordo, eles não perderam nem mais um instante  
4 e logo foram se livrar daquele odioso cadáver.

5 Sublime levou o pequeno príncipe para sua cabana; sua esposa, que estava doente,  
6 havia ficado em casa na companhia de suas duas filhas, que não puderam deixá-la para  
7 assistir à cerimônia.

8 — Vede, pastora — disse ele. — Eis aqui uma criança querida pelos deuses e  
9 protegida por uma Fada-Amazona; devemos tomá-lo por nosso filho e dar-lhe uma  
10 educação que possa torná-lo feliz.

11 A pastora ficou encantada com aquele presente; ela pegou o príncipe e levou-o  
12 para sua cama.

13 — Bem, se eu não puder dar a ele lições tão boas quanto as vossas — disse-lhe ela.  
14 — Ao menos eu o verei crescer, e lhe darei carinho como se fosse meu próprio filho.

15 — Isso é o que eu vos peço — disse o velhinho, entregando-lhe o menino.

16 Suas duas filhas correram para vê-lo e ficaram encantadas com sua incomparável  
17 beleza e com todas as graças de sua pequena pessoa. Daquele dia em diante, elas  
18 começaram a ensiná-lo sua língua; jamais houve um aluno de inteligência tão admirável  
19 e rápida! Ele aprendia mesmo as coisas mais difíceis com uma facilidade que espantava os  
20 pastores, de modo que não demorou para que ele estivesse suficientemente preparado  
21 para receber as lições do ancião. O velho sábio foi capaz de lhe dar os melhores conselhos,  
22 pois ele havia sido o rei de um belo e florescente reino; mas aconteceu que um usurpador,  
23 seu vizinho e inimigo, obteve sucesso com suas intrigas secretas e ganhou influência sobre  
24 certas mentes facciosas que se levantaram em rebelião, pegando o rei e toda sua família  
25 de surpresa. Naquele mesmo dia, eles foram aprisionados em uma fortaleza para que  
26 percessem miseravelmente.

27 Contudo, mesmo essa reviravolta tão estranha não teve nenhum efeito sobre a  
28 virtude do rei e da rainha: eles sofreram resolutamente todos os ultrajes que o tirano lhes  
29 fazia. E a rainha, que estava grávida quando essa desgraça ocorreu, deu à luz uma menina,  
30 que ela mesma amamentou. Ela tinha outras duas filhas muito amáveis, que partilhavam  
31 de suas penas tanto quanto sua idade permitia. Ao final de três anos, o rei ganhou a  
32 confiança de um de seus guardas, que concordou em trazer um pequeno barco para que  
33 eles atravessassem o lago que circundava a fortaleza. Forneceu-lhes também uma lima  
34 para cortarem as barras de ferro de seus aposentos, e cordas para conseguirem descer. Eles  
35 decidiram fugir em uma noite muito escura. Tudo estava indo bem, sem ruído algum; o  
36 guarda ajudou-os a deslizar pelas paredes, que eram assustadoramente altas. O rei desceu  
37 primeiro, seguido por suas filhas e depois pela rainha; a princesinha desceria por último,  
38 numa grande cesta. Mas, céus! Ela fora mal amarrada, e, de repente, viram-na cair no

1 fundo do lago. Se a rainha não tivesse desmaiado de dor, ela teria despertado todos os  
2 guardas com seus gritos e lamentos. O rei, aflito com esse acidente, procurou pela criança  
3 tanto quanto era possível em meio à escuridão da noite. Ele encontrou a cesta, e esperava  
4 que a princesa estivesse dentro dela; mas ela não estava lá, e ele se viu obrigado a remar  
5 para salvar a si mesmo e ao resto da família. Na margem do lago, eles encontraram cavalos  
6 a postos, providenciados pelo guarda para que conduzissem o rei para onde ele quisesse  
7 ir.

8 Durante sua prisão, ele e a rainha tiveram tempo para moralizar, e chegaram à  
9 conclusão de que, quando estimamos o justo valor das coisas, percebemos que os maiores  
10 tesouros que alguém pode obter na vida valem muito pouco. Essa resolução, somada à  
11 desgraça que acabara de lhes ocorrer com a perda de sua filhinha, fez com que eles  
12 decidissem não buscar refúgio entre os reis, seus vizinhos e aliados, onde talvez pudessem  
13 ser considerados um fardo. Assim, tomando seu próprio rumo, eles se estabeleceram em  
14 uma fértil planície, o mais agradável de todos os lugares que poderiam ter escolhido. Nesse  
15 lugar, o rei, trocando seu cetro por um cajado, comprou um grande rebanho e tornou-se  
16 um pastor. Ele construiu uma pequena casa de campo ladeada pelas montanhas, às  
17 margens de um riacho repleto de peixes. Ali eles desfrutavam de uma tranquilidade muito  
18 maior do que a que tinham sobre o trono; ninguém invejava sua pobreza, não precisavam  
19 temer traidores e nem bajuladores. Os dias se passavam sem tristeza, e o rei costumava  
20 dizer:

21 — Ah! Se os homens pudessem curar-se da ambição, como seriam felizes! Eu era  
22 um rei, agora sou um pastor; prefiro minha cabana ao palácio em que reinava.

23 E foi com esse grande filósofo que o jovem príncipe estudou; ele não conhecia a  
24 patente de seu mestre, nem o mestre conhecia a estirpe de seu discípulo. O pastor, porém,  
25 via nele tão nobres inclinações, que não podia acreditar que ele fosse uma criança comum.  
26 Ele notava, com prazer, que quase sempre o menino se colocava à frente de seus  
27 camaradas, com um ar de superioridade que lhes inspirava respeito; ele vivia formando  
28 pequenos exércitos, construía fortes e os atacava. Ademais, quando saía para caçar,  
29 afrontava os maiores perigos, à revelia das repreensões do pastor. Todas estas coisas  
30 serviram para convencê-lo de que ele havia nascido para comandar. Porém, enquanto ele  
31 cresce até atingir os quinze anos, voltemos à corte do rei, seu pai.

32 O príncipe Corcunda, diante da velhice do pai, já não tinha quase nenhum respeito  
33 por ele; estava impaciente por ter de esperar tanto tempo pela sucessão. Com a intenção  
34 de se consolar, pediu ao rei um exército para invadir um reino bem próximo do seu, cujo  
35 governo inconstante demonstrava fraquezas. O rei concordou, mas impôs uma condição:  
36 antes de sua partida, ele teria de servir como testemunha de um ato a ser assinado por  
37 todos os senhores do reino. Esse ato previa que, se por acaso o seu çacula retornasse e sua  
38 identidade fosse confirmada com a inspeção da marca de nascença em forma de flecha

1 que havia em seu braço, ele deveria ser reconhecido como único herdeiro da coroa.  
2 Corcunda não apenas participou de bom grado dessa cerimônia, como também assinou  
3 ele mesmo o ato, uma atitude que seu pai jamais exigiria dele. Porém, como estava bem  
4 certo da morte de seu irmão, não tinha nada a temer; ademais, haveria de adquirir grande  
5 prestígio com essa prova de sua complacência. A cerimônia aconteceu: o rei reuniu os  
6 senhores de seus Estados e dirigiu-se a eles derramando muitas lágrimas ao falar da perda  
7 de seu filho, inspirando comoção e piedade em todos aqueles que o ouviram. Depois de  
8 assinar o ato e fazer com que os demais notáveis o assinassem, ordenou-lhes que o  
9 colocassem junto ao Tesouro Real e que várias cópias autenticadas fossem feitas para  
10 salvaguardar o registro.

11 Em seguida, o príncipe Corcunda despediu-se dele para ir chefiar um belo exército  
12 e tentar conquistar o reino para onde fora chamado. Após muitas batalhas, ele matou seu  
13 oponente com as próprias mãos, tomou a capital, instalou suas guarnições e nomeou seus  
14 governadores. De volta à presença de seu pai, apresentou-lhe uma jovem princesa  
15 chamada Carpinha, a quem ele havia feito prisioneira.

16 Ela era tão extraordinariamente bela que nenhuma outra criação da natureza e  
17 nem mesmo tudo aquilo que o pensamento fosse capaz de imaginar podia ser comparado  
18 a ela. O rei ficou encantado quando avistou Carpinha. Quanto a Corcunda, depois de tê-  
19 la admirado por muito tempo, encontrava-se tão profundamente apaixonado que já não  
20 podia passar um só momento sem vê-la. Porém, o amor que ele sentia por ela era  
21 proporcional ao ódio que ela nutria por ele, pois o príncipe só se dirigia a ela na condição  
22 de mestre, tratando-a sempre como sua escrava. Os sentimentos de seu coração eram tão  
23 contrários àqueles modos grosseiros que ela fazia de tudo para evitá-lo.

24 O rei lhe dera um apartamento em seu palácio e donzelas para servi-la, pois  
25 ressentia pelas desgraças de uma princesa tão jovem e bela. Quando Corcunda contou ao  
26 seu pai que pretendia casar-se com ela, ele respondeu:

27 — Eu consinto, desde que ela não seja contrária a isso. Afinal, parece-me que ela  
28 expressa um ar de melancolia quando estais perto dela.

29 — É porque ela me ama e não ousa reconhecê-lo — disse Corcunda. — O  
30 constrangimento faz com que ela se sinta envergonhada, mas assim que ela se tornar  
31 minha esposa, vereis como ela ficará feliz.

32 — Eu bem que gostaria de acreditar nisso — disse o rei. — Não achais, porém, que  
33 estais vos gabando um pouco demais?

34 Corcunda ficou muito ofendido com as dúvidas de seu pai.

35 — Vós sois a causa, madame, pela qual o rei tem me tratado com uma severidade  
36 que não lhe era habitual — disse ele à princesa. — Pode ser que ele vos ame... Sendo assim,  
37 sede sincera e escolhei um de nós; afinal, desde que eu vos veja reinar, ficarei satisfeito.

1           Ele falava assim apenas para sondar seus sentimentos, pois não tinha a menor  
2 intenção de alterar seus planos. A jovem Carpinha, que ainda não sabia que a maioria dos  
3 amantes são criaturas fingidas e dissimuladas, caiu na armadilha.

4           — Eu vos afirmo, senhor, que se eu tivesse alguma soberania quanto a isso, não  
5 escolheria nenhum dos dois — disse-lhe ela. — Porém, já que a minha cruel fortuna me  
6 obriga a essa dura necessidade, prefiro o rei.

7           — E por quê? — respondeu Corcunda, disfarçando sua cólera.

8           — Porque ele é mais doce do que vós, porque é ele quem reina no momento e  
9 porque talvez ele não viva por muito mais tempo — ela acrescentou.

10          — Ah, pequena imbecil! — exclamou Corcunda. — Vós vos casaríeis com meu pai  
11 apenas para vos tornardes uma rainha viúva em pouco tempo! Mas certamente não o  
12 fareis, pois ele não pensa em vós! Sou muito bondoso em vos fazer o favor de falar a  
13 verdade, mal-afortunada! Demonstrais uma ingratidão insustentável! Porém, mesmo se  
14 fôsseis cem vezes mais ingrata, ainda haveria de casar-me convosco.

15          A princesa Carpinha aprendeu, um pouco tarde demais, que às vezes é perigoso  
16 dizer tudo o que se pensa. Por isso, a fim de emendar o que havia acabado de dizer,  
17 respondeu:

18          — Eu gostaria de conhecer os vossos sentimentos, pois estou muito feliz em saber  
19 que me amais o suficiente para resistir à dureza de minhas palavras. Eu já vos estimo, meu  
20 senhor; esforçai-vos para que eu vos ame.

21          Agora foi a vez do príncipe cair de cabeça em uma armadilha, por mais grosseira  
22 que ela fosse. Acontece que as pessoas costumam ser muito tolas quando estão  
23 apaixonadas demais; elas tendem a se iludir com facilidade, o que é difícil de corrigir. As  
24 palavras de Carpinha tornaram-no mais doce que um cordeiro; ele sorriu e apertou-lhe  
25 as mãos até quase esmagá-las.

26          Assim que ele a deixou, Carpinha correu até os aposentos do rei e atirou-se a seus  
27 pés:

28          — Protegei-me, senhor, do maior dos infortúnios — disse-lhe ela. — O príncipe  
29 Corcunda insiste em se casar comigo. Confesso-vos que ele me trata com ódio, não sejais  
30 injusto como ele! Minha estirpe, minha juventude e as desgraças de minha família  
31 merecem a compaixão de um rei tão grandioso como o senhor.

32          — Bela princesa — disse ele. — Não me surpreende que meu filho vos ame, pois  
33 esse deve ser o caso de todos os que vos veem. Contudo, jamais irei perdoá-lo, por faltardes  
34 vos com o respeito devido.

35          — Ah, senhor, ele me vê como sua prisioneira e me trata como sua escrava — ela  
36 respondeu.

37          — Foi com o meu exército que ele saiu vitorioso contra o rei, vosso pai — o rei  
38 respondeu. — Não sois prisioneira dele, e sim minha, e eu vos devolvo à liberdade.

1 Infelizmente, minha idade avançada e meus cabelos brancos me impedem de me tornar  
2 vosso escravo.

3 A grata princesa agradeceu milhares de vezes ao rei e se retirou com suas damas.

4 Tendo visto o que havia acabado de se passar, Corcunda ficou profundamente  
5 ressentido e seu furor só aumentou. O rei o proibiu de perseguir a princesa, ao que o  
6 príncipe respondeu dizendo que não seria justo negar-lhe essa conquista depois de ter  
7 prestado tão bons serviços ao reino,

8 — Decerto passarei a vida inteira trabalhando em vão — disse ele. — Não gosto  
9 de perder meu tempo.

10 — Sinto muito por vós — respondeu o rei. — Mas não há nada o que se fazer  
11 quanto a isso.

12 — É o que veremos — Corcunda respondeu insolentemente, deixando a sala. —  
13 Pretendeis tirar a minha prisioneira de mim, mas eu daria minha vida para não perdê-la.

14 — Aquela a quem chamais de vossa prisioneira, é minha prisioneira — o rei  
15 acrescentou, irritado. — Agora ela está em liberdade, será dona do seu próprio destino e  
16 não dependerá dos vossos caprichos!

17 Uma conversação tão ávida como aquela poderia ter ido ainda mais longe se  
18 Corcunda não tivesse decidido se retirar. Ele resolveu que era hora de se tornar dono do  
19 reino e, por conseguinte, da princesa. Uma vez envolvido com as tropas, o príncipe fez-se  
20 muito querido enquanto as comandava; assim, granjeou a amizade de mentes sediciosas  
21 que de bom grado secundariam seus planos perversos. O rei foi avisado de que seu filho  
22 conspirava para destroná-lo, e como o príncipe tinha mais força do que ele, não houve  
23 outra saída a não ser tratá-lo com doçura. Mandou que o chamassem e lhe disse:

24 — É possível que sejais tão ingrato a ponto de querer me destronar e ocupar o meu  
25 lugar? Encontro-me à beira da sepultura e ainda assim desejais apressar o fim da minha  
26 vida? Já não fui suficientemente afligido pela morte de minha esposa e pela perda de meu  
27 filho? É verdade que sou contra os vossos desígnios sobre a princesa Carpinha, mas faço  
28 isso por consideração a vós, não somente a ela. Afinal, pode alguém ser feliz ao lado de  
29 uma pessoa que não o ama? Mas já que desejais correr esse risco, tendes o meu  
30 consentimento; dai-me algum tempo para falar com ela a fim de convencê-la desse  
31 casamento.

32 Corcunda desejava mais a princesa do que o trono, visto que já governava o reino  
33 que tinha acabado de conquistar. Sendo assim, ele disse ao rei que não estava assim tão  
34 ansioso para reinar, tanto que havia assinado o acordo que o deserdava no caso do retorno  
35 de seu irmão, e que respeitaria a autoridade de seu pai desde que não fosse impedido de  
36 se casar com Carpinha. O rei o abraçou e foi procurar a pobre princesa, que parecia  
37 pressentir o pior e continuava alarmada mesmo depois de sua libertação. Sua governanta,

1 que permanecia sempre junto dela, estava com ela em seu gabinete, onde Carpinha  
2 chorava amargamente.

3 — Será possível que depois de todas as promessas que o rei me fez ele tenha a  
4 crueldade de me sacrificar a esse Corcunda? Decerto, minha cara amiga, se eu tiver que  
5 me casar com ele, o dia das minhas núpcias será o último dia da minha vida. Não é tanto  
6 a deformidade dele que me enoja, mas a maldade do seu coração.

7 — Céus, minha princesa! — respondeu a governanta. — Certamente ignorais o  
8 fato de que mesmo as filhas dos maiores reis são sempre vítimas, suas vontades raramente  
9 são consideradas. Quando se casam com um príncipe bonito e amável, devem agradecer  
10 à sorte! Porém, entre um macaco feioso e outro, o que vale são os interesses do Estado.

11 Quando Carpinha estava prestes a responder, foi anunciado que o rei a esperava  
12 em seus aposentos. Ela elevou os olhos ao céu e clamou por ajuda.

13 Assim que ela avistou o rei, entendeu que seria desnecessário pedir explicações  
14 sobre sua nova resolução, isso porque ela tinha uma intuição admirável e as qualidades  
15 de sua mente chegavam a ultrapassar as de sua pessoa.

16 — Ah, senhor — ela exclamou. — O que tendes para me dizer?

17 — Bela princesa — disse-lhe ele. — Não vejais o vosso casamento com meu filho  
18 como uma desgraça. Peço-vos que consintais de bom grado; o ardor com que ele trata os  
19 vossos sentimentos é prova suficiente da intensidade de seus próprios sentimentos. Se ele  
20 não vos amasse, poderia muito bem encontrar inúmeras princesas dispostas a  
21 compartilhar com ele tanto o reino que já possui quanto este, que o espera após a minha  
22 morte. Mas ele não deseja nenhuma outra além de vós. Vosso desdém e vosso desprezo  
23 não o desanimam; sabeis que ele jamais deixará de fazer tudo o que puder para agradar-  
24 vos.

25 — Eu estava contente por ter encontrado um protetor em vós — ela respondeu.  
26 — Mas minha esperança se desfez, vós me abandonastes! Mas os Deuses, os justos Deuses,  
27 esses não me abandonarão!

28 — Se soubésseis de tudo o que fiz para tentar defender-vos desse casamento,  
29 ficaríeis convencida de minha amizade — replicou o rei. — Ai de mim! O céu me  
30 concedeu um filho, a quem eu amava muito, e sua própria mãe o amamentou. Uma noite,  
31 porém, ele foi roubado de seu berço e um gato foi colocado em seu lugar. Ele feriu a rainha  
32 tão cruelmente que ela acabou morrendo. Se esse amável infante não tivesse sido tirado  
33 de mim, ele agora seria o consolo de minha velhice; meus súditos o temeriam e eu haveria  
34 de oferecer-lhe meu reino. Mesmo Corcunda, meu atual herdeiro, teria ficado feliz em  
35 poder permanecer na corte conosco. Mas perdi meu querido filho, princesa, e essa  
36 desgraça se estendeu a vós.

37 — Eu sou a única culpada de tudo o que aconteceu — respondeu a princesa. — Se  
38 ele estivesse vivo, eu não estaria causando nenhum problema. Devo ser responsabilizada

1 por sua morte, senhor. Sim, considerai-me culpada e ordenai que eu seja punida em vez  
2 de me casar.

3 — Ora, bela princesa — disse o rei. — Naquela época, não tínheis idade para fazer  
4 mal algum a qualquer pessoa, e nem o bem. Eu não vos acuso de causar minhas desgraças,  
5 mas se desejais amenizá-las, preparai-vos para receber meu filho de bom grado. Ele é o  
6 mais forte entre nós e seria capaz de agir com violência se contrariado.

7 Carpinha respondeu-lhe apenas com suas lágrimas; o rei a deixou. Como  
8 Corcunda estava impaciente para saber o que havia sido acordado, o rei o encontrou  
9 esperando em seu quarto; disse-lhe que a princesa havia consentido com o casamento e  
10 que ele já havia dado as ordens necessárias para a realização da solenidade. O príncipe se  
11 encheu de alegria; agradeceu ao rei e logo mandou chamar joalheiros, comerciantes e  
12 bordadeiras. Comprou as coisas mais bonitas do mundo para sua amada e enviou-lhe  
13 grandes cestas de ouro repletas de milhares de raridades. Ela as recebeu com o mínimo de  
14 satisfação. Em seguida, Corcunda foi visitá-la e disse:

15 — Afinal, madame Carpinhazinha<sup>3</sup>, não estáveis bem decidida a recusar a honra  
16 que eu vos oferecia? Pois bem, a despeito da minha amabilidade, sabeis que me consideram  
17 muito inteligente. Dar-vos-ei tantos vestidos, tantos diamantes e tantas coisas bonitas que  
18 nenhuma rainha do mundo será comparável a vós.

19 A princesa respondeu friamente, dizendo que as desgraças de sua casa real não  
20 permitiam que ela se enfeitasse tanto como as outras, por isso implorou-lhe que não lhe  
21 desse presentes muito extravagantes.

22 — Bem que poderíeis decidir por não vos enfeitar caso eu vos desse essa permissão  
23 — ele respondeu. — Mas é vosso dever agradecer-me. Em quatro dias, tudo estará pronto  
24 para o nosso casamento. Diverti-vos, princesa, ordenai o que quiserdes, considerai-vos  
25 soberana absoluta desde já.

26 Assim que ele a deixou, Carpinha se reuniu com sua governanta e pediu-lhe para  
27 fazer uma escolha: ou elas encontrariam um meio de fugir, ou então um meio de se matar  
28 no dia de seu casamento. A governanta falou-lhe sobre a impossibilidade de uma fuga e  
29 sobre a fraqueza de se entregar à morte para evitar os males da vida. Tentou convencê-la  
30 de que sua virtude contribuiria para uma vida tranquila, e que mesmo sem estar  
31 desesperadamente apaixonada por Corcunda, ela o estimaria o suficiente para viver  
32 contente ao lado dele.

33 Carpinha não escutou nenhum de seus conselhos. Respondeu-lhe que, até então,  
34 havia confiado nela, mas que agora sabia em quem deveria confiar: já que todo mundo  
35 falhara com ela, não haveria de falhar consigo mesma. Disse-lhe também que para grandes  
36 males eram necessários grandes remédios. Em seguida, abriu a janela e começou a olhar

---

<sup>3</sup> *Madame Carpillonne.*



1 para fora, sem pronunciar uma palavra sequer. Sua governanta, temendo que ela fosse se  
2 jogar, lançou-se a seus pés e, com um olhar carinhoso, disse-lhe:

3 — Está bem, madame, o que desejais que eu faça? Eu vos obedecerei, mesmo que  
4 para isso eu tenha de arriscar minha vida.

5 A princesa a abraçou e disse-lhe que precisava de um vestido de pastora e de uma  
6 vaca, pois assim buscaria refúgio onde pudesse. Pediu-lhe que não se alongasse tentando  
7 convencê-la do contrário, pois seria inútil. Garantiu não era preciso se preocupar, pois,  
8 para que ela tivesse tempo de se afastar, fingiriam que ela estava doente: vestiriam uma  
9 boneca e a colocariam em sua cama.

10 — Considerai, madame, o perigo a que estou prestes a me expor — disse a pobre  
11 governanta. — O príncipe Corcunda não duvidará de que eu vos auxiliem em vossos  
12 planos e me infligirá mil torturas a fim de descobrir para onde fostes. E então ele me  
13 queimará ou me esfolará viva. Ainda assim duvidaríeis da minha amizade?

14 A princesa ficou deveras embaraçada.

15 — Eu quero que escapeis dois dias depois de mim — ela respondeu. — Não será  
16 difícil mantê-los enganados até lá.

17 Enfim, elas executaram tão bem o plano que Carpinha conseguiu um vestido e  
18 uma vaca naquela mesma noite. De todas as Deusas que já desceram do cume do Olimpo,  
19 até mesmo aquelas que foram atrás do pastor Páris<sup>4</sup> e uma centena de outras, nenhuma  
20 teria superado a beleza de Carpinha trajada com aquela rústica vestimenta. Ela partiu  
21 sozinha sob a luz da lua, ora conduzindo sua vaca com uma corda, ora fazendo-a carregá-  
22 la. Aventurou-se ao acaso morrendo de medo; se uma lufada de vento soprava nos  
23 arbustos, se uma ave voasse de seu ninho ou se uma lebre saísse de sua toca, ela pensava  
24 que eram ladrões ou lobos tentando atacá-la.

25 Ela andou a noite inteira, e teria andado o dia todo, mas sua vaca precisou parar  
26 para se alimentar em um prado, e a princesa, fatigada pelos seus tamancos de madeira e  
27 pelo peso de seu grosseiro vestido cinza de lã, sentou-se na relva ao lado de um riacho.  
28 Ali, tirou suas cornetes<sup>5</sup> de linho amarelo para arrumar seus loiros cabelos, pois eles  
29 estavam escapando; ao soltá-los, eles caíram em cachos até seus pés. Olhou para ver se  
30 havia alguém por perto, pois queria se esconder. Porém, apesar dessa precaução, ela foi  
31 surpreendida por uma dama de armadura completa; apenas sua cabeça estava descoberta,  
32 pois havia retirado seu elmo de ouro coberto de diamantes.

33 — Pastora, estou cansada — disse-lhe ela. — Poderíeis tirar um pouco de leite da  
34 vossa vaca para saciar minha sede?

---

<sup>4</sup> Príncipe de Troia, aquele que julgou o concurso de beleza entre Hera, Afrodite e Atena, e raptou Helena, esposa de Menelau.

<sup>5</sup> *Cornettes*: espécie de chapéu com duas grandes pontas.

1 — Eu o faria de muita boa vontade, madame — respondeu Carpinha. — Se eu  
2 tivesse algum recipiente para colocá-lo.

3 — Eis aqui uma taça — disse a guerreira.

4 E apresentou-lhe uma porcelana muito bonita; mas a pobre princesa não sabia  
5 como ordenhar uma vaca.

6 — Afinal, vossa vaca não dá leite, ou não sabeis ordenhá-la? — disse a dama.

7 E a princesa começou a chorar, envergonhada por demonstrar tanta incapacidade  
8 diante de uma pessoa tão extraordinária.

9 — Eu vos confesso, madame, que tenho vivido como pastora faz pouco tempo —  
10 disse-lhe ela. — Tudo o que tenho a fazer é levar minha vaca para o pasto e alimentá-la,  
11 minha mãe é que faz o resto.

12 — Tendes uma mãe então? — continuou a dama. — E o que ela faz?

13 — Ela mantém uma fazenda — disse Carpinha.

14 — Fica perto daqui? — quis saber a dama.

15 — Sim — respondeu a princesa.

16 — Ora, bendita ela seja pela graça de ter dado à luz uma menina tão bonita — disse  
17 a dama. — Eu gostaria de conhecê-la e demonstrar minha afeição, levai-me até ela.

18 Mas Carpinha não sabia como responder; ela não estava acostumada a mentir e  
19 não sabia que estava falando com uma fada. Isso porque, naqueles tempos, as fadas não  
20 eram assim tão comuns como têm se tornado desde então. Ela baixou os olhos e seu rosto  
21 foi coberto por um profundo rubor; finalmente, ela disse:

22 — Quando sou enviada para os campos, só posso voltar para casa ao anoitecer.  
23 Peço-vos, madame, que não me obrigueis a irritar minha mãe, que me maltratará se eu a  
24 desobedecer.

25 — Ah, princesa, princesa... — disse a fada, sorrindo. — Não sois capaz de sustentar  
26 uma mentira, bem como não podeis desempenhar o papel que assumistes sem a minha  
27 ajuda. Eis aqui um buquê de goiveiros<sup>6</sup>, pegai-o. Estejais certa de que Corcunda, que está  
28 à vossa procura, não vos reconhecerá enquanto estiverdes com esse buquê. Quando  
29 chegardes à grande floresta, lembrai-vos de perguntar aos pastores que ali alimentam seus  
30 rebanhos onde vive Sublime; ide até ele e dizei-lhe que fostes enviada da parte da Fada  
31 Amazona, que suplica para que ele vos acolha entre sua esposa e filhas. Adeus, bela  
32 Carpinhazinha, sabeis que minha amizade para convosco é antiga.

33 — Ora, madame! — exclamou a princesa. — Já que me conheceis e me amais,  
34 sabendo que tenho tanta necessidade de vossa ajuda, por que me abandonareis?

---

<sup>6</sup> *Un bouquet de Giroflée*: goiveiro, flor ornamental odorífera de diferentes colorações, com folhas longas e finas.

1 — O buquê de goiveiros não vos desampará — ela respondeu. — Meu tempo é  
2 precioso, preciso deixar que vosso destino se cumpra.

3 Ao finalizar suas palavras, ela desapareceu da vista de Carpinha, que de tão  
4 assustada pensou que fosse morrer. Depois de se recuperar um pouco, ela retomou sua  
5 viagem; não sabia ao certo onde ficava a grande floresta, mas dizia para si mesma:

6 — Essa hábil fada, que aparece e desaparece, que me reconhece em vestes de  
7 camponesa sem nunca ter me visto, há de me conduzir para onde ela deseja que eu vá.

8 Caminhando ou descansando, a princesa sempre segurava o seu buquê. Ela  
9 avançava, porém lentamente, pois sua delicadeza superava sua força. Ela tropeçou ao  
10 atravessar um caminho pedregoso, caiu e ficou com os pés sangrando. Viu-se obrigada a  
11 deitar-se no chão sob o abrigo de algumas árvores; tinha medo de tudo e, cheia de aflição,  
12 vivia pensando em sua governanta.

13 E não era sem razão que ela pensava naquela pobre mulher, pois seu zelo e sua  
14 fidelidade foram exemplares. Ela enfeitou uma boneca bem grande com as cornetes da  
15 princesa, fez-lhe um fontange<sup>7</sup> e vestiu-lhe de linho fino. Circulava muito delicadamente  
16 pelo quarto, por medo, dizia ela, de incomodá-la; e quando alguém fazia qualquer ruído,  
17 ela logo reprendia. Não tardou para que fossem dizer ao rei que a princesa estava doente,  
18 mas isso não o surpreendeu; atribuiu seu estado à sua péssima condição emocional.  
19 Porém, quando o príncipe Corcunda ouviu essa triste notícia, ficou irremediavelmente  
20 aflito e quis vê-la, mas a governanta, a duras penas, conseguiu impedi-lo.

21 — Em todo caso, permiti a meu médico vê-la — disse ele.

22 — Ah, meu senhor — lamentou a governanta. — Melhor seria matá-la, ela detesta  
23 os médicos e seus remédios; mas não vos alarmeis, ela só precisa de alguns dias de  
24 descanso. É uma dor de cabeça que passará depois de um bom sono.

25 Assim, ela conseguiu fazer com que ele promettesse não perturbar a sua senhora,  
26 mantendo sempre a boneca na cama. Uma noite, porém, enquanto ela se preparava para  
27 fugir (pois não tinha dúvidas de que o impaciente príncipe voltaria a tentar adentrar o  
28 quarto), Corcunda encheu-se de fúria e abriu a porta sem esperar por uma resposta. Esse  
29 furor tinha um motivo: as damas de companhia da princesa descobriram a fraude e,  
30 temendo as possíveis represálias, não tardaram a informá-lo do ocorrido. Seria impossível  
31 descrever o excesso de sua cólera. Ele se dirigiu ao rei, pois pensava que ele tivesse algum  
32 envolvimento na trama; porém, pela surpresa por ele demonstrada, Corcunda assegurou-  
33 se de que o pai também não sabia de nada. Assim que a pobre governanta apareceu, ele se  
34 lançou contra ela e a agarrou pelos cabelos:

35 — Entrega-me a Carpinhazinha — disse ele. — Ou então arrancarei teu coração!

---

<sup>7</sup> Antigo penteado em moda no século XVII; tratava-se da verticalização do cabelo com o uso de um suporte.

1 Ela só respondeu com suas lágrimas e, atirando-se a seus pés, suplicou que ele a  
2 ouvisse, mas foi em vão. Ele mesmo a arrastou para o fundo de uma masmorra, onde a  
3 teria esfaqueado milhares de vezes se não fosse por intermédio do rei, cuja bondade era  
4 proporcional à maldade do filho; ele obrigou Corcunda a deixá-la viver nessa assustadora  
5 prisão.

6 Imediatamente, o apaixonado e violento príncipe emitiu ordens para que a  
7 perseguissem por terra e mar. E também pôs-se a caminho, correndo para todo lado como  
8 um homem insensato. Um dia, Carpinha se abrigou sob um grande rochedo com a sua  
9 vaca, pois o tempo estava assustadoramente ruim; os trovões, os relâmpagos e o granizo  
10 causavam-lhe tremores. Nessa ocasião, encharcados pela chuva, o príncipe Corcunda e  
11 todos os seus seguidores surgiram e foram se refugiar sob o mesmo rochedo. Ora, quando  
12 ela o viu tão perto de si, assustou-se muito mais do que com um trovão! Agarrou seu  
13 buquê de goiveiros com as duas mãos, temendo que uma só não fosse o suficiente;  
14 lembrando-se da fada, disse:

15 — Não me abandoneis, encantadora Amazona.

16 Corcunda lançou os olhos sobre ela.

17 — O que tens a temer, velha decrépita? — disse-lhe ele. — Se o trovão te matasse,  
18 que mal te faria? Não estás mesmo à beira da sepultura?

19 De fato, a jovem princesa ficou bem surpresa e contente ao ser chamada de velha.  
20 “Não há dúvidas de que meu pequeno buquê operou essa maravilha”, ela pensou. E a fim  
21 de evitar o prolongamento da conversa, fingiu que era surda. Crente de que ela não podia  
22 ouvir, Corcunda disse a seu confidente, que nunca o abandonava:

23 — Se eu estivesse de melhor humor, levaria essa velha ao topo do rochedo e a  
24 empurraria de lá, só para ter o prazer de vê-la quebrar o pescoço! Não haveria nada de  
25 mais divertido!

26 — Meu senhor — respondeu o celerado. — Se for do vosso agrado, eu posso levá-  
27 la até lá de boa vontade, ou à força, e vereis seu corpo ser lançado como uma bola sobre  
28 as pontas do rochedo, e seu sangue escorrerá até chegar a vós.

29 — Não — disse o príncipe. — Não tenho tempo para isso. Devo continuar  
30 procurando pela ingrata responsável por toda miséria da minha vida.

31 Dito isso, ele esporeou seu cavalo e afastou-se dali bem depressa. É fácil imaginar  
32 a alegria da princesa com sua partida; afinal, com toda certeza, a conversa que ele tivera  
33 com seu confidente a deixara deveras aflita. Carpinha não se esqueceu de agradecer à Fada  
34 Amazona, de cujo poder ela acabava de ter uma prova. Assim, continuando sua jornada,  
35 ela enfim chegou à planície, lugar em que os pastores construía suas pequenas cabanas;  
36 elas eram muito bonitas e cada uma delas tinha seu jardim e sua fonte. Mesmo no Vale de

1 Tempe<sup>8</sup> e nos arredores do Lignon<sup>9</sup> não se acharia nada assim tão galante. As pastoras  
2 eram muito bonitas em sua maioria, e os pastores faziam de tudo para agradá-las. Todas  
3 as árvores estavam gravadas com milhares de cifras e versos de amor. Quando Carpinha  
4 apareceu, eles deixaram seus rebanhos e passaram a segui-la respeitosamente, pois  
5 ficaram embevecidos por sua beleza e seu ar de extraordinária majestade. Contudo, a  
6 pobreza de seu vestido causou-lhes surpresa, afinal, embora levassem uma vida simples e  
7 rústica, não renunciavam ao cuidado com seus trajés.

8 A princesa pediu-lhes que a informassem onde ficava a casa do pastor Sublime e  
9 eles se apressaram em conduzi-la para lá. Ela o encontrou sentado em um vale com sua  
10 esposa e filhas; o riozinho que corria a seus pés fazia um suave murmúrio. Ele tinha alguns  
11 juncos marinhos na mão, com os quais fazia uma cesta para armazenar frutas; sua esposa  
12 fiava e suas duas filhas pescavam. Quando Carpinha os abordou, surpreendeu-se ao ser  
13 recebida com gestos de respeito e ternura; assim que a viram, ficaram tão encantados que  
14 até mudaram de cor.

15 — Sou uma pobre pastora — ela disse, saudando-os humildemente. — Venho vos  
16 oferecer os meus serviços em nome da Fada Amazona, que bem conheceis. Espero, por  
17 vossa consideração a ela, que me recebais de bom grado.

18 — Minha menina — disse o Rei, levantando-se e, por sua vez, saudando-a. — Essa  
19 grande fada tem toda razão em acreditar que sempre a honraremos perfeitamente.  
20 Portanto, sois muito bem-vinda. E mesmo se não tivésseis nenhuma recomendação a não  
21 ser a vossa própria, nossa casa certamente estaria aberta para vós.

22 — Aproximai-vos, linda menina — disse a Rainha, estendendo sua mão. — Vinde  
23 para que eu vos abrace. Sinto-me plenamente disposta a acolher-vos de boa vontade,  
24 desejo que me considereis como vossa mãe, e minhas filhas como vossas irmãs.

25 — Ora, minha boa mãe — disse a princesa. — Eu não mereço essa honra. É  
26 suficiente que eu seja vossa pastora e que me encarregue do vosso rebanho.

27 — Minha menina — disse o Rei. — Aqui somos todos iguais! Fostes muito bem  
28 recomendada, não podemos fazer qualquer distinção entre vós e os nossos filhos. Vinde  
29 e sentai-vos conosco, deixai vossa vaca alimentar-se com nossas ovelhas.

30 Ela fez alguma objeção, insistindo que viera apenas para servir-lhes, ainda que essa  
31 declaração a deixasse um tanto embaraçada; de fato, bastava olhar para ela para perceber  
32 que estava mais apta a comandar do que a obedecer. Ademais, eles também estavam certos  
33 de que uma pessoa de tanta importância como a Fada Amazona não se interessaria em  
34 proteger uma pessoa qualquer.

---

<sup>8</sup> Vale grego localizado no norte da Tessália, próximo ao Olimpo. Nos tempos antigos, o local era conhecido como o local favorito de Apolo e das Musas.

<sup>9</sup> Rio localizado entre Chaudeyrolles e Saint-Front, na França, mencionado no célebre romance *Astrée*.

1 O Rei e a Rainha olhavam para ela com um misto de espanto e admiração, algo  
2 difícil de se compreender. Perguntaram-lhe se ela vinha de muito longe, ela disse que sim.  
3 Depois, se tinha pai e mãe, e ela disse que não. E a todas as perguntas ela respondia com  
4 monossílabos, na medida do respeito que lhes era devido.

5 — E qual é o vosso nome, minha filha? — quis saber a Rainha.

6 — Chamam-me de Carpinha — disse ela.

7 — Esse é um nome singular — respondeu o Rei. — É provável que alguma  
8 aventura tenha dado origem a ele, pois é raro alguém ser chamado assim.

9 Mas ela não respondeu, e pegou um dos fusos da Rainha para ajudar a fiar.  
10 Quando viram suas mãos, pensaram que ela estava tirando de suas mangas duas bolas de  
11 neve, de tão brilhantes e brancas que elas eram. O Rei e a Rainha entreolharam-se com  
12 um quê de sagacidade e disseram-lhe:

13 — O vosso vestido é muito quente, Carpinha, para o clima em que vivemos, e  
14 vossos sapatos de madeira são muito duros para uma pessoa tão jovem como vós. Devíeis  
15 estar vestida à nossa moda.

16 — Em meu país, minha mãe, todos se vestem assim — respondeu Carpinha. —  
17 Mas se for do vosso agrado, posso vestir-me de outra maneira.

18 Eles admiraram sua obediência e, sobretudo, o ar de modéstia que transparecia  
19 em seus belos olhos e em seu semblante.

20 A hora do jantar havia chegado, eles se levantaram e foram para casa. As duas  
21 princesas haviam pescado alguns bons peixinhos, mas eles também tinham ovos frescos,  
22 um pouco de leite e algumas frutas.

23 — Estou surpreso que meu filho ainda não tenha voltado — disse o Rei. — Sua  
24 paixão pela caça o leva mais longe do que eu gostaria, vivo temendo que algum acidente  
25 lhe aconteça.

26 — Estou tão preocupada quanto vós — disse a Rainha. — Se assim desejardeis,  
27 esperaremos por ele para jantar.

28 — Não — disse o Rei. — Não faremos isso, pelo contrário, peço que ninguém fale  
29 com ele quando voltar, que o tratemos com frieza.

30 — Sabeis como ele é afetuoso — disse a Rainha. — Isso poderá angustiá-lo a ponto  
31 de fazê-lo adoecer!

32 — Não há o que fazer — disse o Rei. — Ele deve ser corrigido.

33 Sentaram-se à mesa e algum tempo depois o Príncipe entrou; ele tinha um corço  
34 sobre os ombros, seu cabelo estava molhado de suor e seu rosto coberto de poeira. Ele se  
35 apoiava em uma pequena lança que costumava carregar, seu arco estava preso de um lado  
36 e sua aljava cheia de flechas de outro. Mesmo nesse estado, havia algo de tão nobre e tão  
37 altivo em seu semblante e em sua postura que ninguém conseguia vê-lo sem dedicar-lhe  
38 atenção e respeito.

1 — Mãe — disse ele, dirigindo-se à Rainha. — Meu desejo de trazer-vos este corço  
2 fez com que eu corresse o dia inteiro pelas colinas e planícies.

3 — Meu filho — disse-lhe o Rei com seriedade. — Vós nos causais mais inquietude  
4 do que contentamento. Já sabeis tudo o que penso sobre o vossa paixão pela caça, mas  
5 não pareceis disposto a vos corrigir.

6 Aborrecido, o Príncipe ruborizou, sobretudo por ter percebido a presença de uma  
7 estranha em sua casa. Respondeu que em outra ocasião voltaria mais cedo, ou então que  
8 pararia de caçar até obter sua permissão.

9 — Isso é o bastante — disse a Rainha, que o amava muito. — Meu filho, agradeço-  
10 vos pelo presente que me destes. Vinde, assentai-vos ao meu lado e comei, pois estou certa  
11 de que não vos falta apetite.

12 Ele estava um pouco desconcertado com o ar de seriedade com que o rei lhe falara  
13 e quase não ousava levantar os olhos; afinal, embora fosse intrépido em meio aos perigos,  
14 ele era dócil e demonstrava muita timidez com aqueles a quem devia respeito.

15 Depois, recuperado da repreensão, colocou-se ao lado da rainha e lançou os olhos  
16 sobre Carpinha, que não tardou a retribuir o olhar. Tão logo seus olhos se encontraram,  
17 seus corações ficaram tão comovidos que quase não conseguiram conter aquele  
18 inexplicável arrebatamento. A Princesa corou e olhou para baixo, mas o príncipe  
19 continuou a admirá-la; depois, ela tornou a erguer os olhos com doçura e olhou para ele  
20 por muito mais tempo. Eles ficaram mutuamente surpresos, pensando que nada no  
21 mundo poderia superar a visão que estavam tendo. “De todas as pessoas que já vi na corte,  
22 não conheço ninguém que possa ser comparado a este jovem pastor!”, pensou a Princesa.  
23 “Não é possível que esta jovem maravilhosa seja uma simples pastora! Ah, quem dera se  
24 eu fosse um rei para colocá-la sobre o trono e fazer dela senhora dos meus domínios e do  
25 meu coração!”, ele pensou, por sua vez, divagando tanto que acabou não comendo nada.

26 A Rainha, acreditando que ele estava assim em consequência da má recepção,  
27 encheu-o de carícias; ela mesma ofereceu-lhe alguns dos frutos exóticos por ela  
28 cultivados. Ele pediu à Carpinha que provasse alguns, ao que ela agradeceu, mas recusou;  
29 e ele, sem nem pensar na gentileza de quem os oferecera, disse com um ar de tristeza:

30 — Eu também não quero.

31 E largou-os friamente sobre a mesa. A Rainha não se deu conta, mas a Princesa  
32 mais velha, que nutria algum carinho por ele (e que o amaria se não fosse pela diferença  
33 que ela acreditava existir entre sua condição e a dele), observou o ocorrido com algum  
34 grau de despeito.

35 Após o jantar, o Rei e a Rainha se retiraram. As princesas, como era costume,  
36 fizeram tudo o que era de sua responsabilidade: uma foi tratar das vacas e a outra foi fazer  
37 queijo. Carpinha estava ansiosa para trabalhar, assim como as outras, mas não estava tão  
38 acostumada a isso. Ela não fazia nada que prestasse, e as duas princesas, rindo,

1 chamavam-na de bela incompetente. Mas o príncipe, já apaixonado, a ajudou. Ele foi ao  
2 poço com ela, carregou seus cântaros, puxou a água, encheu-os e os trouxe de volta, sem  
3 permitir que ela carregasse coisa alguma.

4 — O que pretendeis, pastor? — disse-lhe ela. — Desejais que eu aja como uma  
5 dondoca? Eu, que trabalhei a vida inteira, acaso vim aqui em busca de repouso?

6 — Fareis o que bem desejar, encantadora pastora — ele respondeu. — Mas não  
7 vos recuseis a aceitar minha simplória assistência nessas ocasiões.

8 E eles voltaram juntos, mais rápido do que o Príncipe queria, pois, embora mal  
9 ousasse dirigir-lhe a palavra, sentia-se feliz quando estava junto dela.

10 Ambos passaram a noite em claro; sua inexperiência os impedia de compreender  
11 o motivo de tamanha inquietude. O Príncipe esperava impacientemente pela hora em que  
12 pudesse voltar a ver a pastora, ao passo em que ela também ansiava por reencontrá-lo.  
13 Essa nova preocupação ocasionada pela vida serviu para desviar sua atenção das outras  
14 tristezas que um dia a oprimiram: Carpinha pensava em seu pastor com tanta frequência  
15 que mal se lembrava do Príncipe Corcunda.

16 — Bizarra fortuna! — ela exclamou. — Por que concedeste tantas graças, tão boa  
17 aparência e tantos encantos a um jovem pastor, que só está destinado a vigiar seu rebanho,  
18 e tanta malícia, fealdade e deformidade a um grande príncipe destinado a governar um  
19 reino?

20 Até então, Carpinha ainda não tinha tido a curiosidade de olhar-se no espelho  
21 desde sua metamorfose de princesa em pastora; agora, porém, um certo desejo a induzia  
22 a isso. Foi ao espelho das princesas e, quando viu sua touca e seus trajes, ficou bastante  
23 desconcertada.

24 — Mas que figura é essa? — disse ela. — Eu não posso mais me esconder sob essa  
25 aparência grosseira.

26 Pegando um pouco de água, lavou as mãos e o rosto, que se tornaram mais brancos  
27 que lírios. Em seguida, procurou a Rainha e, ajoelhando-se diante dela, apresentou-lhe  
28 um anel com um diamante admirável (pois trouxera algumas jóias consigo).

29 — Minha boa mãe — disse ela. — Algum tempo atrás, encontrei este anel;  
30 desconheço seu valor, mas suponho que valha algum dinheiro. Peço-vos que o aceite  
31 como prova de minha gratidão por vossa caridade para comigo. Peço também que  
32 compreis alguns vestidos e roupas de linho para mim, a fim de que eu me pareça com as  
33 pastoras deste país.

34 A Rainha ficou surpresa ao ver um anel tão bonito em posse daquela jovem  
35 menina.

36 — Irei guardá-lo, mas não o aceitarei — disse ela. — Ademais, eu vos asseguro de  
37 que amanhã mesmo tereis tudo o que vos falta.



1 E, de fato, ela se dirigiu a uma pequena vila, não muito distante, e pediu que eles  
2 lhe trouxessem o mais belo traje de camponesa jamais visto, com touca e sapatos, tudo  
3 completo. Assim vestida, Carpinha parecia mais encantadora do que a Aurora. O  
4 Príncipe, por sua vez, deixara de ser negligente consigo mesmo; enfeitara seu chapéu com  
5 um cordão de flores, prendera um lenço ao cesto que levava consigo e também  
6 ornamentara o seu cajado. Fez um buquê e levou-o para Carpinha, apresentando-o com  
7 a timidez de um amante. Mesmo sendo infinitamente educada, ela o recebeu com um  
8 certo embaraço. Sempre se calava quando ficava perto dele, envolta em devaneios. E o  
9 mesmo acontecia da parte do Príncipe. Quando saía para caçar, em vez de perseguir as  
10 corças e camurças que encontrava, entregava-se a pensar na encantadora Carpinha  
11 sempre que encontrava uma boa paragem; interrompia a caça e ficava sozinho, fazendo  
12 versos, cantando estrofes para sua pastora, falando aos rochedos, aos bosques, aos  
13 pássaros. De repente, ele havia perdido todo aquele belo humor que fizera dele uma  
14 companhia tão querida por todos os pastores.

15 Como é difícil estar muito apaixonado e temer aqueles que amamos! Ele tinha  
16 tanto medo de ofender sua pastora ao declarar sua paixão que não ousava falar com ela.  
17 E embora ela percebesse claramente que ele a preferia dentre todas, e que essa preferência  
18 poderia ser uma prova segura de seus sentimentos, ora ela ficava perturbada com o seu  
19 silêncio, ora satisfeita, pois também tinha medo.

20 — Se for verdade que ele me ama, como eu deveria receber tal declaração? — dizia  
21 ela. — Se eu demonstrar aborrecimento, pode ser até que ele morra. Mas se não for assim,  
22 eu é que morreria de vergonha e de dor. Ora essa! Tendo nascido princesa, por que deveria  
23 dar ouvidos a um pastor? Ó, que fraqueza indigna! Jamais consentirei com isso. Meu  
24 coração não pode se transformar assim como aconteceu com meus trajes. Ademais, já tive  
25 que renunciar a muitas coisas desde que cheguei aqui.

26 Como o príncipe possuía uma voz naturalmente encantadora, anda que talvez não  
27 cantasse muito bem, a princesa estava tão afeiçoada a ele que adorava ouvi-lo. Por isso,  
28 muitas vezes pedia-lhe para entoar algumas cantigas; o que ele cantava era tão terno, com  
29 uma entonação tão comovente, que o desejo de ouvi-lo tornou-se uma constante. Ele  
30 havia escrito alguns versos que repetia sem cessar, e Carpinha estava plenamente  
31 consciente de que se referiam a ela. Eis os versos:

32

33

34

35

36

37

*Ah, se um dia acontecesse  
De qualquer outra Divindade,  
Que a vós se igualasse em beldade,  
Para me conquistar, o Universo oferecesse,  
Eu, com desprezo, a tudo negaria,*

1 *E somente a vós me devotaria.*

2  
3 Embora fingisse não prestar uma atenção especial ao príncipe, ela não conseguia  
4 deixar de transparecer uma certa predileção por ele em detrimento dos demais pastores,  
5 o que acabava por deixá-lo bastante lisonjeado. Isso serviu para inspirar-lhe um pouco  
6 mais de ousadia: dirigiu-se às margem do rio, em um lugar sombreado por salgueiros e  
7 mostajeiros<sup>10</sup>, para onde ele sabia que Carpinha conduzia seus cordeiros todos os dias,  
8 pegou um espeto e escreveu sobre a casca de uma árvore:

9  
10 *Em vão, neste asilo,*  
11 *Reinam todos os prazeres naturais,*  
12 *Pois aqui, nesse lugar tranquilo,*  
13 *É que o Amor me arranca suspiros e ais.*  
14

15 A princesa o surpreendeu enquanto ele terminava de gravar essas palavras.  
16 Fingindo estar embaraçado, depois de alguns momentos de silêncio, ele disse:

17 — Vedes aqui um infeliz pastor a revelar seus sofrimentos a uma árvore insensível,  
18 sentimentos estes que ele deveria ter revelado somente a vós.

19 Ela não respondeu; baixando os olhos, deu-lhe todo o tempo de que precisava para  
20 enfim declarar seus sentimentos. Enquanto ele falava, ela pensava em como deveria reagir  
21 às declarações que ouvia desses lábios que não lhe eram indiferentes. O medo de se  
22 comprometer logo fez com que encontrasse uma desculpa. “Ele desconhece a minha  
23 origem”, ela pensou. “Sua temeridade é perdoável; ele me ama e acredita que não estou  
24 acima dele. Mas mesmo que ele soubesse da minha estirpe, os Deuses, que estão tão acima  
25 de nós, também não cobiçam os corações humanos? Acaso eles se zangam quando os  
26 homens lhes demonstram amor?”

27 — Pastor — disse ela, quando ele terminou de falar. — Tudo o que posso dizer é  
28 que lamento por vós, pois não posso vos amar, já tenho muitos outros problemas. Ora,  
29 qual não seria minha sorte se os meus tristes dias ficassem ainda mais tribulados por um  
30 relacionamento?

31 — Ah, pastora, ao invés disso, penseis que, se tendes tristezas, nada seria melhor  
32 para aliviá-las! — ele exclamou. — Eu haveria de compartilhá-las todas convosco, minha  
33 única intenção seria agradecer-vos, e poderíeis confiar a mim os cuidados com vosso  
34 rebanho.

35 — Quisera o céu que essas fossem minhas únicas inquietudes! — disse ela.

---

<sup>10</sup> *Alisiers*: árvore pertencente à família Rosaceae; mostajeiro.

1 — Acaso tendes outras? — ele perguntou, intrigado. — Um ser tão belo, tão jovem,  
2 sem ambições, que desconhece as vãs grandezas de uma corte? Não há dúvidas de que  
3 amais um outro alguém, um rival que vos torna inalcançável para mim.

4 Quando terminou de pronunciar essas palavras, ele mudou de cor; entristeceu-se,  
5 pois essa hipótese afligiu-o cruelmente.

6 — De fato, tendes um rival odioso e inoportuno — ela replicou. — Ademais,  
7 jamais teríamos nos encontrado se não fosse pela necessidade que tive de fugir de suas  
8 incessantes investidas.

9 — Sendo assim, pastora, é bem possível que façais o mesmo comigo — disse-lhe  
10 ele. — Pois se o odiais simplesmente por amar-vos, aos vossos olhos eu hei de ser o mais  
11 odioso dos homens.

12 — Seja por não conceber essa possibilidade ou então pelo fato de considerar-vos  
13 muito mais querido do que ele, bem sei que não precisarei evitar-vos da mesma maneira  
14 que evito o outro — ela respondeu.

15 O pastor se sentiu transportado de alegria com essas palavras tão complacentes.  
16 Daquele dia em diante, ele não poupou esforços para agradar a princesa.

17 Todas as manhãs ele se ocupava em procurar as mais belas flores para fazer-lhe  
18 guirlandas, enfeitava seu cajado com fitas de mil diferentes cores e não permitia que ela  
19 ficasse exposta ao sol; assim que Carpinha chegava com seu rebanho às margens do rio,  
20 ou então no bosque, ele pegava alguns ramos, amarrava-os bem e fazia gazebos cobertos,  
21 sob os quais ela podia descansar sobre a relva macia. Todas as árvores estavam marcadas  
22 com as cifras e versos que ele havia esculpido; todos não falavam de outra coisa a não ser  
23 da beleza de Carpinha. Era somente a ela que ele louvava, e a jovem princesa observava  
24 todos esses sinais de paixão ora com prazer, ora com muita preocupação. Ela o amava,  
25 mas ainda não estava ciente disso; e não ousava promover um autoexame, pois temia  
26 descobrir sentimentos profundos demais. Porém, quando sentimos um medo desses, já  
27 não estamos certos daquilo que tememos?

28 O afeto da jovem pastora pelo jovem pastor não era segredo, e todos pareciam  
29 muito contentes com isso, afinal, em um lugar onde tudo era amor, ninguém haveria de  
30 culpá-la por amar. Diziam que eles pareciam ter nascido um para o outro, pois ambos  
31 eram perfeitos, obras-primas dos Deuses que a Fortuna havia confiado àquele pequeno  
32 país; portanto, fariam de tudo para mantê-los ali. Carpinha sentia uma alegria secreta  
33 sempre que ouvia as pessoas elogiarem o seu amável pastor. Porém, sempre que refletia  
34 sobre a diferença de suas posições, ficava aborrecida, e preferia manter-se desconhecida  
35 para que seu coração pudesse viver em liberdade.

36 O Rei e a Rainha, que a amavam muito, não estavam nada descontentes com essa  
37 paixão nascente. Consideravam o Príncipe como se fosse um filho, e as todas as perfeições  
38 da pastora não lhes pareciam menos encantadoras.

1 — Não foi a Amazona que a enviou até nós? — eles disseram. — E também não  
2 foi ela que veio e lutou contra o Centauro em favor do menino? Não há dúvidas de que  
3 essa sábia fada destinou-os um para o outro. Ouviremos suas ordens e trataremos de  
4 cumpri-las.

5 E as coisas seguiam assim, com o príncipe sempre se queixando da indiferença de  
6 Carpinha, pois ela escondia seus sentimentos cuidadosamente. Um dia, enquanto caçava,  
7 ele foi abruptamente atacado por um urso feroz, que surgiu do fundo de um rochedo e  
8 lançou-se sobre ele; o príncipe teria sido devorado se não fosse tão habilidoso quanto  
9 corajoso. Depois de lutarem por um longo tempo no cume de uma montanha, eles  
10 rolaram para baixo sem interromper o embate. Carpinha estava de pé perto daquele local  
11 com várias de suas companheiras. Elas não puderam ver o que havia se passado acima  
12 delas, mas qual não foi o terror dessas jovens quando viram um homem caindo na  
13 companhia do que parecia ser um urso! A princesa reconheceu o seu pastor  
14 imediatamente, e proferiu gritos de terror e angústia. Todas as pastoras fugiram, mas ela  
15 continuou ali, sendo a única espectadora do combate; ousada e cheia de coragem, ela  
16 atacou o urso com a ponteira de seu cajado, metendo-o na boca do terrível animal, pois o  
17 Amor lhe dera forças para prestar socorro ao seu amante. Ao vê-la, o príncipe teve medo  
18 de que ela se envolvesse naquele perigo; sua coragem aumentou a tal ponto que ele já não  
19 pensava em preservar a própria vida, desde que conseguisse salvar a de sua pastora. De  
20 fato, ele acabou matando o urso aos pés dela, mas também desvaneceu, quase morto em  
21 decorrência das feridas que havia recebido. Ah, o que Carpinha não sentiu ao ver seu  
22 sangue escorrendo, manchando suas vestes! Ela não conseguia falar; as lágrimas jorravam  
23 de seus olhos. Apoiando a cabeça do príncipe em seus joelhos, fez um grande esforço e  
24 quebrou o silêncio:

25 — Pastor, se morrerdes, morrerei convosco. Em vão escondi de vós os segredos  
26 do meu coração; conheci-os, pois, agora, e sabeis de que minha vida é dependente da  
27 vossa.

28 — Não tenho mais a nada a desejar, bela pastora — disse-lhe ele. — Malgrado o  
29 que o destino tenha me reservado, saiba que serei feliz para sempre.

30 As pastoras que haviam fugido agora voltavam com vários outros pastores, pois  
31 correram para informá-los sobre o que acabara de acontecer. Todos se apressaram em  
32 ajudar o Príncipe e a Princesa, pois ela precisava de ajuda quase tanto quanto ele.  
33 Enquanto cortavam os galhos de árvores para fazer uma espécie de garrote, a Fada  
34 Amazona apareceu no meio deles.

35 — Não vos inquieteis mais — disse ela. — Deixai-me tocar o jovem pastor.

36 Pegando-o pela mão, colocou seu elmo de ouro na cabeça dele e disse:

37 — Eu te impeço de adoecer, querido pastor.

1 E instantaneamente ele se reergueu. Como o visor do elmo estava aberto, todos  
2 puderam ver seus belos traços cheios de uma expressão heroica; seus olhos vivos e  
3 brilhantes confirmavam a graça concedida pela Fada. Ele ficou espantado com a maneira  
4 com que fora curado, e também com a majestosa aparência de sua benfeitora.  
5 Transportado de admiração, alegria e gratidão, atirou-se a seus pés e disse-lhe:

6 — Grande Rainha, eu me encontrava perigosamente ferido, mas bastou uma  
7 mirada de vossos olhos e uma palavra de vossa boca para que eu ficasse curado. Mas, ora!  
8 Trago uma ferida no fundo do coração que não consigo curar: dignai-vos a aliviar essa  
9 dor e melhorai a minha sorte, para que eu possa compartilhá-la com esta bela pastora.

10 A princesa corou ao ouvi-lo falar assim, pois já conhecia a Fada Amazona e tinha  
11 medo de ser censurada por dar esperanças a um amante tão inferior a ela, tanto que nem  
12 ousava encará-la. Os suspiros que lhe escaparam inspiraram compaixão na Fada.

13 — Carpinha — disse ela. — Este pastor não é indigno de vossa estima. E quanto a  
14 vós, pastor, que tanto deseja uma mudança em vossa sorte, assegurai-vos de que em pouco  
15 tempo uma grande transformação ocorrerá.

16 Tendo proferido estas palavras, ela desapareceu, como de costume. Os pastores e  
17 pastoras, que tinham se apressado a ajudá-los, conduziram-nos em triunfo até a aldeia.  
18 Colocaram os dois amantes no meio deles, e, tendo-os coroado com flores em honra da  
19 vitória que acabaram de alcançar sobre o terrível urso (que vinha arrastado atrás da  
20 comitiva), entoaram estas palavras sobre a ternura que Carpinha havia demonstrado pelo  
21 Príncipe:

22  
23 *Nesta floresta que a todos nós fascina,*  
24 *Onde vivemos belos dias de esplendor,*  
25 *Um pastor, com sua beleza divina,*  
26 *Conquistou o coração da filha do Amor.*  
27

28 E assim eles foram conduzidos à casa de Sublime, a quem relataram tudo o que  
29 havia acontecido, sobre a coragem com que o pastor havia se defendido contra o urso e  
30 sobre a nobreza com que a pastora o ajudara no combate. Por fim, contaram o que a Fada  
31 Amazona fizera por ele. O rei, encantado com esse testemunho, correu para contar à  
32 rainha.

33 — Não há dúvidas de que esse rapaz e essa moça não são nada comuns — disse  
34 ele. — Suas eminentes perfeições, sua beleza e o cuidado que a Fada Amazona lhes  
35 dispensa provam que há algo de extraordinário nos dois.

36 Foi então que a rainha se lembrou do anel de diamante que Carpinha lhe dera.

1 — Vivo esquecendo de vos mostrar o anel que essa jovem pastora colocou em  
2 minhas mãos com um ar de dignidade bastante incomum, implorando que eu o aceitasse  
3 e lhe desse alguns vestidos em troca, algo mais adequado aos costumes deste país — ela  
4 contou.

5 — E é uma boa jóia? — perguntou o rei.

6 — Mal olhei para ela — acrescentou a Rainha. — Aqui está.

7 E apresentou-lhe com o anel. Assim que olhou para ele, o rei exclamou:

8 — Pelos Deuses, o que vejo! Como é que não vos lembrastes de um presente que  
9 recebi de vossas próprias mãos?

10 Imediatamente, ele girou um botãozinho, do qual conhecia o segredo. O diamante  
11 se levantou e a Rainha avistou seu retrato, um que ela mesma havia pintado para o Rei e  
12 que um dia amarrara ao pescoço de sua filhinha para que ela pudesse brincar enquanto a  
13 amamentava na torre.

14 — Ah, senhor, que estranho incidente é esse? — disse a Rainha. — Isso reaviva  
15 todas as minhas dores. Contudo, falemos com a pastora, precisamos saber mais a respeito  
16 disso.

17 Ela a chamou e disse:

18 — Minha filha, esperei até este momento por uma explicação da vossa parte. Teria  
19 sido muito mais agradável se tivésseis nos contado sem precisar ser incitada a fazê-lo,  
20 porém, como continuais escondendo de nós quem realmente sois, é justo que saibais que  
21 nós já chegamos a uma conclusão, pois o anel que nos destes resolveu o enigma.

22 — Ai de mim, minha boa mãe! — respondeu a princesa, ajoelhando-se diante dela.  
23 — Não foi por falta de confiança que eu persisti em esconder de vós a minha estirpe,  
24 pensei que sentiríeis pena ao ver uma princesa na condição em que me encontro. Meu pai  
25 era o Rei das Ilhas Pacíficas, mas seu reinado foi interrompido por um usurpador, que o  
26 confinou em uma torre junto da rainha, minha mãe. Após três anos de cativo, eles  
27 encontraram um jeito de fugir, pois um dos guardas os ajudou. Favorecidos pela  
28 escuridão da noite, eles tentaram me tirar da torre em uma cesta, mas o cordão se rompeu.  
29 Eu caí no lago e eles ficaram sem saber se eu havia me afogado ou não. Alguns pescadores  
30 que haviam lançado suas redes para capturar carpas, encontraram-me enredada nelas.  
31 Meu tamanho e peso induziram-nos a pensar que eu fosse a carpa mais monstruosa que  
32 existia no lago, mas essas conjecturas desapareceram assim que me viram. Eles cogitaram  
33 lançar-me de volta na água para servir de alimento aos peixes, mas acabaram decidindo  
34 manter-me presa às redes e me levaram até o tirano. Foi assim que ele soube da fuga de  
35 minha família e que eu era a princesinha infeliz que fora abandonada. Sua esposa, que  
36 nunca havia tido filhos, teve pena de mim. Ela mesma me criou e me educou sob o nome  
37 de Carpinha. Talvez ela até desejasse que eu me esquecesse de minha origem, mas meu  
38 coração vivia me dizendo quem eu era. Às vezes é uma desgraça possuir sentimentos tão

1 avessos à nossa fortuna. Como se não fosse o bastante, um príncipe chamado Corcunda  
2 apareceu e conquistou o trono do usurpador que havia privado meu pai do reino que um  
3 dia ele governara tão pacificamente. Essa troca de tiranos piorou ainda mais o meu  
4 destino. O príncipe Corcunda me carregou consigo como se eu fosse um dos mais belos  
5 troféus de sua vitória, e resolveu que se casaria comigo contra minha vontade. Nessa  
6 situação de extrema gravidade, decidi que partiria sozinha, vestida como uma pastora,  
7 conduzindo a minha vaca. O príncipe Corcunda me procurou por toda parte e até chegou  
8 a me encontrar; ele bem que teria me reconhecido se a generosa Fada Amazona não  
9 tivesse me dado um buquê de goiveiros a fim de me proteger dos meus inimigos. Ela foi  
10 igualmente caridosa ao enviar-me a vós, minha boa mãe — continuou a princesa. — E se  
11 eu ainda não tinha declarado minha origem a vós, não foi por falta de confiança, mas  
12 apenas para poupar-vos de mais preocupações. Mas não tenho nada a reclamar, pois não  
13 havia conhecido a felicidade até o dia em que me recebestes. Eu vos asseguro que  
14 considero a vida campestre tão doce e inocente que eu não hesito em preferi-la àquela que  
15 eles levam na corte.

16 Como ela falava com veemência, não percebeu que a rainha estava afogada em  
17 lágrimas, e nem que os olhos do rei também estavam cheios delas. Mas assim que ela  
18 terminou o seu relato, eles se apressaram em abraçá-la e a mantiveram em seus braços por  
19 algum tempo, sem dizer uma palavra. Carpinha ficou tão emocionada quanto eles e  
20 também começou a chorar; seria muito difícil tentar exprimir a dor e o prazer que  
21 acometeram esses três ilustres infelizes. Finalmente, a Rainha, esforçando-se para  
22 conseguir falar, disse-lhe:

23 — Será possível, amada criança de minha alma, que, depois de ter lamentado tão  
24 longa e profundamente tua triste perda, os Deuses tenham te restituído à tua mãe para  
25 consolá-la de suas desgraças? Sim, minha filha, estás diante daquela que te deu à luz e que  
26 te amamentou em tua tenra infância. Eis aí o Rei, teu pai, e eu, a que te gerou. Ó, luz dos  
27 nossos olhos! Ó, Princesa, de quem a ira do céu nos privou! É com muito júbilo que  
28 celebraremos teu bendito retorno!

29 — E quanto a mim, minha ilustre mãe e querida Rainha! — exclamou a Princesa,  
30 lançando-se a seus pés. — Não tenho palavras e nem ações capazes de expressar todo o  
31 respeito e todo o amor que me fizestes sentir neste momento! Em vós encontrei um  
32 refúgio para os meus problemas! Eu que já não ousava pensar que tornaria a reencontrar-  
33 vos!

34 Eles redobraram suas carícias e assim passaram algumas horas. Depois, Carpinha  
35 se retirou; seu pai e sua mãe aconselharam-na a não contar a ninguém sobre o que acabara  
36 de acontecer, pois temiam a curiosidade dos pastores daquele país. Afinal, como eles eram  
37 bastante grosseiros em sua maioria, era de se temer que tentassem se envolver em  
38 mistérios que não lhes diziam respeito.

1 A Princesa calou-se sobre o assunto com quem lhe era mais indiferente, mas não  
2 conseguiu esconder o segredo de seu jovem pastor. Como permanecer calado quando se  
3 ama? Ela não parava de se culpar por ter ocultado sua estirpe. “O que ele não pensaria de  
4 mim se soubesse que, tendo nascido sobre um trono, acabei me rebaixando a esse ponto?”,  
5 ela pensou. “Ora, o amor faz pouca diferença entre o cetro e o cajado! Será que essa  
6 quimérica grandeza da qual nos gabamos pode realmente preencher nossa alma e  
7 satisfazê-la? Não, só a virtude pode fazer isso. Ela nos coloca acima do trono e também  
8 pode separar-nos dele. O pastor que me ama é sábio, inteligente e amável; por que razão  
9 ele haveria de ser inferior a um príncipe?”.

10 Enquanto ela se entregava a tais reflexões, seu amado surgiu e atirou-se a seus pés;  
11 ele a seguiu até as margens do rio e, oferecendo-lhe uma encantadora guirlanda de flores  
12 variadas, disse-lhe:

13 — De onde viestes, bela pastora? Há horas que vos procuro, estava ansioso pela  
14 vossa chegada.

15 — Pastor, eu estava ocupada com uma surpreendente aventura — ela respondeu.  
16 — Eu me arrependeria se não vos dissesse isso; lembrai-vos, porém, que este meu gesto  
17 de confiança deverá permanecer eternamente em segredo. Sou uma princesa, meu pai era  
18 rei, e acabo de reencontrá-lo na figura de Sublime.

19 O príncipe ficou tão confuso e agitado com essa revelação que não teve forças para  
20 interrompê-la enquanto ela recontava toda a sua história com muita boa vontade.  
21 Quantos motivos ele não tinha para temer que o bom pastor que o educara, sendo um rei,  
22 viesse a recusar-lhe a mão de sua filha, ou então que ela mesma refletisse sobre a diferença  
23 que havia entre um pastor e uma grande princesa e começasse a faltar-lhe com as  
24 gentilezas que lhe demonstrara até então.

25 — Ah, madame — ele disse tristemente. — Sou um homem perdido! Devo  
26 renunciar à vida. Nascestes sobre um trono e reencontrastes vossos pais, enquanto eu sou  
27 um ser infeliz que desconhece seu país e sua parentela. Uma águia foi minha mãe adotiva,  
28 seu ninho serviu-me de berço. Se um dia vos dignastes a olhar-me favoravelmente, agora  
29 sereis aconselhada a não pensar mais em mim.

30 A princesa refletiu por um momento e, sem nada responder, pegou uma agulha  
31 que prendia parte de seu belo cabelo e escreveu sobre a casca de uma árvore:

32  
33 *Amaríeis um coração que vos ama?*

34  
35 Ao que o Príncipe respondeu gravando estas palavras:

36  
37 *Com milhares de chamas eu me sinto inflamado.*

38



1 E a princesa acrescentou em baixo:

2

3 *Em boa hora a bonança vos chama*

4 *Para amardes e também ser amado.*

5

6 O príncipe, transportado de alegria, atirou-se a seus pés e, segurando uma de suas  
7 mãos disse-lhe:

8 — Aliviais meu coração aflito, adorável princesa, e com essas benevolências me  
9 conservais a vida. Lembrai-vos sempre do que acabastes de escrever em meu favor.

10 — Não sou capaz de esquecer — ela disse com graciosidade. — Confiai em meu  
11 coração, ele tem mais interesse em vós do que em mim.

12 A conversa dos dois teria se estendido se tivessem mais tempo. Porém, como  
13 tinham de recolher os rebanhos que conduziam, apressaram-se em voltar.

14 Enquanto isso, o Rei e a Rainha ponderavam juntos sobre como conduziriam a  
15 relação de Carpinha com o jovem pastor. Quando ela era uma desconhecida, eles haviam  
16 aprovado a nascente chama que aos poucos se acendia em suas jovens almas. A perfeita  
17 beleza com que o céu lhes havia dotado, seu intelecto e a graça que os distinguiu em todas  
18 as suas ações fizeram-nos desejar que essa união fosse duradoura. Agora, porém, eles  
19 encaravam a situação com outros olhos, pois passaram a vê-la como filha. O pastor devia  
20 ser apenas uma criança infeliz, exposto a animais selvagens pela negligência dos pais a fim  
21 de pouparem a si mesmos do trabalho de educá-lo. Por fim, resolveram dizer a Carpinha  
22 que ela não deveria continuar mantendo suas antigas esperanças; inclusive, pediriam que  
23 ela falasse com seriedade ao pastor e dissesse que não desejava mais estabelecer-se naquele  
24 país.

25 A rainha a chamou oportunamente e falou-lhe com muita gentileza. Contudo, que  
26 palavras seriam capazes de acalmar uma reviravolta tão violenta? Em vão, a princesa se  
27 esforçou para conter seus sentimentos; seu rosto, antes coberto por um ardente rubor,  
28 estava agora tão pálido como se estivesse a ponto de morrer. Seus tristes olhos, sem brilho,  
29 expressavam bem o seu estado. Ah! O quanto ela se arrependeu de sua confissão! Apesar  
30 disso, demonstrando grande submissão, garantiu à mãe que seguiria suas ordens. Assim  
31 que a rainha se retirou, Carpinha só teve forças para jogar-se na cama, onde, banhada em  
32 lágrimas, proferiu milhares de lamentações e arrependimentos.

33 Enfim, ela decidiu que se levantaria para levar suas ovelhas ao pasto; porém, em  
34 vez de se dirigir ao rio, embrenhou-se para dentro do bosque, onde, deitada sobre o  
35 musgo, curvou a fronte e caiu em profundo devaneio. O Príncipe, que não conseguia  
36 descansar sem tê-la por perto, saiu a procurá-la até que a encontrou. Ao vê-lo, ela soltou  
37 um grito, como se tivesse sido pega de surpresa; levantou-se e fugiu depressa, sem olhar

1 para ele. O príncipe ficou sem entender aquela reação tão inusitada; foi atrás dela e,  
2 detendo-a, disse-lhe:

3 — O quê? Infligistes um golpe mortal e agora fugis para não me ver morrer diante  
4 dos vossos olhos, pastora? É possível que tenhais mudado de ideia sobre o vosso pastor?  
5 Já vos esquecestes das promessas de ontem?

6 — Ai de mim! — disse ela, encarando-o com tristeza. — De que crime me acusais?  
7 Sou uma miserável, impuseram-me ordens das quais me será impossível escapar. Tende  
8 pena de mim e vos afastai de onde quer que eu esteja. Tem de ser assim.

9 — Tem de ser assim? — ele exclamou, erguendo os braços em desespero. — Devo  
10 fugir de vós, divina princesa? Pode uma ordem tão cruel e tão injusta ser pronunciada por  
11 vós mesma? Como poderei viver sem a lisonjeira esperança que me prometestes e que  
12 agora pedis que eu abandone?

13 Sem forças, Carpinha, tão mortiça quanto seu amante, desvaneceu em mudez. Ao  
14 vê-la cair ao chão, ele foi tomado por mil diferentes pensamentos. O estado em que via  
15 sua amante era prova suficiente da sua objeção às ordens que recebera, o que certamente  
16 serviu para diminuir em grande medida o seu pesar.

17 Ele não tardou a socorrê-la; uma fonte que fluía suavemente por entre a relva  
18 forneceu-lhe água para salpicar sobre o rosto de sua pastora. Alguns Cupidos que estavam  
19 escondidos atrás de um arbusto disseram uns aos outros: “Camaradinhas, façamos com  
20 que ele ouse roubar-lhe um beijo”. Assim ele fez e prontamente ela abriu os olhos;  
21 repelindo seu amável pastor, disse-lhe:

22 — Fugi! Afastai-vos! Se minha mãe aparecesse, ela teria motivos para se zangar!

23 — Então eu deveria ter-vos deixado para ser devorada por ursos e javalis? — disse  
24 ele. — Ou então para que durante vosso longo desmaio, sozinha nesse lugar solitário,  
25 fostes picada por alguma áspide ou serpente?

26 — Antes me arriscar do que desagradar a Rainha — ela respondeu.

27 Enquanto eles tinham essa conversa repleta de ternura e deferência, a Fada, sua  
28 protetora, apareceu subitamente na câmara do Rei. Ela estava armada como de costume;  
29 as pedrarias que cobriam sua couraça e seu elmo não eram menos brilhantes que seus  
30 olhos. Dirigindo-se à Rainha, disse-lhe:

31 — Não reconhecestes, madame, o presente que vos concedi ao restaurar-vos vossa  
32 filha, que teria se afogado nas redes sem a minha ajuda, visto que estais prestes a causar a  
33 morte do pastor que confiei a vossos cuidados. Não penseis mais na diferença que cogitais  
34 existir entre ele e Carpinha; é chegado o tempo de sua união. Preparai o casamento, ilustre  
35 Sublime — disse ela ao Rei. — Esse é o meu desejo, nunca tereis motivos para vos  
36 arrepender disso.

37 Com essas palavras, sem esperar por uma resposta da parte deles, ela se retirou,  
38 emitindo longos facho de luz enquanto desaparecia, semelhantes aos raios do sol. O Rei

1 e a Rainha ficaram igualmente surpresos e encantados com o fato de as ordens da Fada  
2 terem sido tão positivas.

3 — Não resta dúvidas de que esse pastor desconhecido é de uma estirpe  
4 conveniente à Carpinha — disse o rei. — Sua protetora é nobre demais para desejar unir  
5 duas pessoas inadequadas uma à outra. Afinal, foi ela, como bem percebestes, que salvou  
6 nossa filha de perecer no lago. Como poderíamos retribuir tamanha graça?

7 — Sempre ouvi dizer que há fadas boas e fadas malvadas — respondeu a Rainha.  
8 — Que demonstram amizade ou aversão a certas famílias de acordo com seu humor.  
9 Aparentemente, a Fada Amazona é favorável à nossa.

10 Elas ainda conversavam quando a princesa retornou; seu aspecto era de  
11 abatimento e languidez. O Príncipe, que não ousou segui-la, senão à distância, chegou  
12 algum tempo depois, tão melancólico que bastava olhar para ele para entender o que se  
13 passava em sua mente. Durante o jantar, esses pobres amantes, que antes faziam a alegria  
14 da casa, não proferiram uma só palavra, nem mesmo se atreveram a levantar os olhos.

15 Tão logo deixaram a mesa, o Rei se dirigiu ao seu pequeno jardim e pediu ao pastor  
16 que o seguisse. Ao ouvir essa ordem, ele empalideceu, e um estranho tremor correu por  
17 todas as suas veias. Acreditando que seu pai iria mandá-lo embora, Carpinha não ficou  
18 menos alarmada do que ele. Sublime atravessou um pergolado de plantas, sentou-se e,  
19 encarando o Príncipe, disse-lhe:

20 — Meu filho, sabeis com que carinho eu vos criei. Eu vos recebi como um presente  
21 dos Deuses para me apoiar e me consolar em minha velhice. Porém, a maior prova de  
22 minha consideração por vós é a decisão que tomei quanto à vossa relação com minha filha  
23 Carpinha, da qual muitas vezes me ouvistes lamentando o afogamento. O céu, que a  
24 restituiu a mim, deseja que ela seja vossa esposa, e eu também o desejo com todo o meu  
25 coração. Acaso vos oporíeis a isso?

26 — Ó, meu pai! — exclamou o príncipe, atirando-se a seus pés. — Poderei eu me  
27 lisonjear com o que ouço? Devo comemorar por vossa escolha ter recaído sobre mim ou  
28 desejais apenas sondar os meus sentimentos a respeito dessa adorável pastora?

29 — Não, meu querido filho — disse o rei. — Não mais hesiteis entre a esperança e  
30 o medo. Estou resolvido a celebrar vossas núpcias em poucos dias.

31 — Sinto-me constrangido com toda vossa benevolência! — respondeu o Príncipe,  
32 abraçando seus joelhos. — Mal consigo expressar minha gratidão a vós dado o excesso de  
33 minha alegria!

34 O Rei pediu que ele se levantasse, disse-lhe mil coisas amáveis e, embora não lhe  
35 tenha falado de sua possível alta patente, deu-lhe a entender que sua estirpe estava muito  
36 acima da condição a que a fortuna o havia reduzido.

37 Acontece que Carpinha, tomada pela ansiedade, não pôde deixar de seguir seu pai  
38 e seu amante até o jardim. Ela os observava à distância, escondida atrás de algumas

1 árvores. Quando viu o príncipe lançado aos pés do rei, acreditou tão piamente que ele  
2 estava implorando para não ser condenado a uma separação tão cruel que não conseguiu  
3 se conter: embrenhou-se para as profundezas da floresta, correndo como um fulvo<sup>11</sup>  
4 perseguido por cães e caçadores. Ela não temia mais nada, nem a ferocidade dos animais  
5 selvagens e nem os espinhos que a perfuravam de todos os lados. Os ecos repetiam seus  
6 tristes lamentos; parecia que ela estava em busca da morte. Impaciente para transmitir-  
7 lhe as boas novas que acabara de ouvir, o pastor apressou-se em procurá-la.

8 — Onde estais, minha pastora, minha amada Carpinha? — ele gritou. — Se me  
9 escutais, não fujais, pois a felicidade nos espera!

10 Depois de ter pronunciado essas palavras, avistou-a no fundo de um vale, cercada  
11 por vários caçadores que tentavam colocá-la em um cavalo atrás de um homenzinho  
12 corcunda e deformado. A essa visão, ouvindo os gritos de socorro de sua amada, ele partiu  
13 em sua direção como uma flecha. Sem ter nada em mãos a não ser sua funda, ele atirou  
14 uma pedra, atingindo em cheio o homem que carregava sua pastora; o golpe foi tão forte  
15 e certo que ele caiu de seu cavalo com uma terrível ferida na cabeça; Carpinha caiu com  
16 ele. O príncipe aproximou-se dela, tentando defendê-la de seus sequestradores, mas toda  
17 sua resistência não lhe serviu de nada: eles o agarraram e o teriam estrangulado ali mesmo  
18 se o príncipe Corcunda não tivesse feito sinais para que o poupassem:

19 — Quero que ele sofra diferentes torturas antes de morrer.

20 Sendo assim, eles tiveram de contentar-se em amarrar-lhe os braços com cordas  
21 bem grossas; e as mesmas cordas serviam para conter a princesa, de modo que eles ficaram  
22 perto o bastante para poder conversar. Em seguida, fizeram uma espécie de maca para  
23 carregar o malvado Corcunda. Assim que terminaram, enfim partiram, sem que nenhum  
24 dos pastores ficasse sabendo do infortúnio que acometera nossos jovens amantes, nem  
25 mesmo Sublime. É fácil imaginar qual não foi sua aflição quando a noite chegou sem os  
26 dois terem retornado. A Rainha ficou igualmente alarmada, e ambos passaram vários dias  
27 na companhia dos demais pastores do país, procurando-os em vão e lamentando seu  
28 desaparecimento.

29 É preciso dizer que o príncipe Corcunda jamais esquecera a princesa Carpinha,  
30 ainda que o tempo tivesse enfraquecido sua paixão. Quando não se divertia cometendo  
31 alguns assassinatos e cortando as gargantas de todos aqueles que o desagradavam, sem  
32 distinção, ele saía para caçar e, às vezes, passava sete ou oito dias fora. Foi justamente em  
33 uma dessas longas expedições de caça que ele avistou a princesa caminhando por uma  
34 vereda. Sua dor era tão aguda que ela já não se importava com os perigos que corria, tanto  
35 que não havia levado seu buquê de goiveiros consigo; por conta disso, Corcunda a  
36 conheceu no momento em que a viu.

---

<sup>11</sup> Jovem corça.

1 — Ó, de todas as desgraças, esta é a maior! — disse o pastor, em voz baixa, à sua  
2 pastora. — Ai de nós! Estávamos prestes a nos unirmos para sempre!

3 E então relatou o que havia se passado entre ele o Sublime. É fácil compreender o  
4 arrependimento de Carpinha.

5 — Afinal, por minha causa é que perdereis a vida — disse-lhe ela, transbordando  
6 em lágrimas. — Eu mesma vos conduzi à morte! Vós, por quem eu derramaria minha  
7 última gota de sangue. Eu sou a causa do infortúnio que vos sobrepuja, e através da minha  
8 própria imprudência caí novamente nas bárbaras mãos do meu mais cruel perseguidor!

9 E assim foram conversando até chegar à cidade onde residia o bom e velho rei, pai  
10 do horrível Corcunda. Ele foi informado de que seu filho havia retornado em uma maca,  
11 pois um jovem pastor, ao defender sua pastora, desferira-lhe um golpe tão forte com sua  
12 funda que ele se encontrava gravemente ferido. Ao ouvir tais notícias, preocupado com o  
13 estado de seu único filho, o rei ordenou que colocassem o pastor em um calabouço.  
14 Corcunda também deu uma ordem secreta para que Carpinha fosse tratada da mesma  
15 maneira; ele havia determinado que ela deveria casar-se com ele ou então seria torturada  
16 até a morte. Os dois amantes estavam separados apenas por uma velha porta cheia de  
17 fendas, através das quais eles podiam desfrutar do triste consolo de se verem à luz do dia  
18 e de conversarem à tarde e à noite.

19 Quantas coisas ternas e passionais eles não diziam um para o outro! Tudo o que o  
20 coração podia sentir, ou a mente imaginar, eles expressavam em termos tão comoventes  
21 que ficavam banhados em lágrimas; qualquer um choraria se tentasse redigir tais palavras.

22 Os confidentes de Corcunda vinham todos os dias para ver a princesa e faziam  
23 ameaças de morte na tentativa de convencê-la a preservar a vida consentindo em casar-se  
24 com ele de bom grado. Ela recusava essas propostas com uma firmeza e um ar de desprezo  
25 que os deixava em desespero sempre que tentavam uma negociação. E quando podia falar  
26 com o Príncipe, ela dizia:

27 — Não tenhais medo, meu pastor, pois nem mesmo o pavor das torturas mais  
28 cruéis me fariam ser infiel. Morreremos juntos se não pudermos viver juntos!

29 — Vossa intenção é a de me consolardes, bela princesa? — dizia ele. — Ai de mim!  
30 Antes ver-vos nos braços daquele monstro do que nas mãos do carrasco com o qual ele  
31 vos ameaça.

32 Ela o repreendia por tais sentimentos, acusava-o de fraqueza e vivia repetindo que  
33 lhe mostraria como morrer com coragem.

34 Corcunda se recuperava aos poucos de seu ferimento; com o ego ferido, irritado  
35 pelas contínuas recusas da princesa, ele decidiu sacrificá-la junto do pastor que o  
36 maltratara, tudo para expiar sua cólera. Marcou o dia para essa lúgubre tragédia e  
37 convidou o Rei, todos os seus senadores e os grandes do reino para participarem da  
38 cerimônia. Acomodado em uma liteira descoberta, estava pronto para apreciar todos os

1 horrores do espetáculo. O Rei, como eu havia dito, não sabia que a princesa Carpinha  
2 estava aprisionada, de modo que, quando a viu ser conduzida à execução na companhia  
3 de sua pobre governanta (a quem Corcunda também havia condenado) e do jovem pastor  
4 mais belo que o dia, ordenou que eles fossem levados ao terraço, onde ele se encontrava,  
5 cercado por toda a corte.

6 Ele sequer esperou que a princesa reclamasse do tratamento indigno que havia  
7 recebido e logo cortou as cordas que a amarravam; em seguida, olhando para o jovem  
8 pastor, sentiu um certo anseio de ternura e piedade por ele.

9 — Jovem imprudente! — disse ele, esforçando-se para falar-lhe duramente. — O  
10 que te inspirou tamanha ousadia para ataques tão grande príncipe e te condenares à  
11 morte?

12 O pastor, ao ver esse venerável velho ornamentado em púrpura real, ficou  
13 impressionado com seu porte de respeito e confiança, algo que ele nunca havia  
14 testemunhado antes.

15 — Grande monarca — disse-lhe ele, com firmeza admirável. — O perigo em que  
16 vi esta bela princesa foi a causa de minha temeridade. Eu não conhecia o vosso filho,  
17 ademais, como haveria de reconhecer um príncipe em uma ação tão violenta e indigna de  
18 sua categoria?

19 Ao falar dessa maneira, inflamado com seu discurso, ele impostou a voz e  
20 gesticulou, de modo que seu braço ficou descoberto; o sinal em forma de flecha que havia  
21 nele era evidente demais para que o Rei não a notasse.

22 — Ó, Deuses! — ele exclamou. — Estou enganado ou encontro em ti o querido  
23 filho que eu havia perdido?

24 — Não, grande Rei — disse a Fada Amazona, aparecendo no alto dos ares,  
25 montada sobre um soberbo cavalo. — Não estais enganado: eis o vosso filho, a quem  
26 protegi no ninho de uma águia, para onde seu cruel irmão mandou que o levassem. Que  
27 esse filho possa consolar-vos pela perda do outro.

28 Ao dizer essas palavras, ela se precipitou contra o perverso Corcunda, perfurando-  
29 o até o coração com um golpe de sua lança ardente. Ele não teve muito tempo para  
30 vislumbrar os horrores da morte, pois foi consumido como se tivesse sido atingido por  
31 um raio. Em seguida, ela se aproximou do terraço e presenteou o príncipe com armas e  
32 armaduras.

33 — Eu as prometi a ti — disse-lhe ela. — Serás invulnerável com elas, te tornarás o  
34 maior guerreiro do mundo.

35 Imediatamente, ouviu-se a fanfarras de mil trombetas e de todo tipo de  
36 instrumento de guerra que se pode imaginar, mas esse ruído logo deu lugar a uma doce  
37 sinfonia, cantada ao som de melodiosos louvores ao Príncipe e à Princesa. A Fada  
38 Amazona desceu do cavalo, colocou-se ao lado do Rei e pediu-lhe que encomendasse

1 imediatamente tudo o que fosse necessário para a celebração do casamento do Príncipe e  
2 da Princesa. Ela ordenou a uma pequena fada (que apareceu assim que foi chamada) que  
3 fosse buscar o Rei Pastor, a Rainha e suas filhas, e que não tardasse em retornar com eles.  
4 A Fada partiu bem depressa e voltou no instante seguinte com os ilustres exilados. Que  
5 satisfação depois de tão longas penas! O palácio ressoava com gritos de alegria, e os mais  
6 altos eram os desses soberanos e de seus filhos.

7 A Fada Amazona proferiu diversas ordens, e somente uma de suas palavras era  
8 capaz de fazer o trabalho de cem mil pessoas. O matrimônio foi celebrado com uma  
9 magnificência sem igual, como jamais vista. O rei Sublime regressou ao seu reino;  
10 Carpinha teve o prazer de conduzi-lo até lá na companhia de seu marido. O velho rei,  
11 encantado por ter um filho tão digno de seu afeto, até rejuvenesceu; bem, pode-se dizer  
12 ao menos que ele desfrutou de tanta satisfação em sua velhice que acabou vivendo por  
13 muito mais tempo.

14  
15 *A juventude é a época em que o coração*  
16 *Aprende todas as coisas que precisar;*  
17 *É uma cera macia de se moldar*  
18 *E que sabe obedecer à mão.*

19  
20 *É quando o caráter está sendo formado,*  
21 *Bem como os vícios e as virtudes,*  
22 *E tudo aquilo que lhe for ensinado*  
23 *Uma vez aprendido, não há o que o mude.*

24  
25 *Sobre o revolto mar da existência,*  
26 *Feliz é quem tem um piloto com experiência*  
27 *Capaz de guiá-lo por um bom caminho;*  
28 *E o príncipe que foi aqui retratado,*  
29 *Não precisou temer um destino errado,*

30  
31 *Pois o Rei Pastor conduzia-o com carinho.*

32  
33 *Dentre todas as virtudes que esse mestre lhe ensinou,*  
34 *Foi o Amor que de fato imperou;*  
35 *Sabei, censores odiosos,*  
36 *Vós, que heróis resistentes à ternura desejam louvar,*  
37 *E que dizem que a razão deve a tudo superar:*  
38 *É o Amor que dá à luz os feitos gloriosos!*

## A RÃ BENEVOLENTE

1           Era uma vez um rei que há muito tempo sustentava uma guerra contra seus  
2 vizinhos. Depois de muitas batalhas, os inimigos armaram um cerco na capital de seu país;  
3 ele temia pela rainha e, vendo-a grávida, pediu-lhe que se retirasse para um castelo que  
4 havia fortificado, onde nunca estivera antes. A rainha fez preces e derramou lágrimas para  
5 persuadi-lo a deixá-la com ele, pois queria viver aqueles momentos ao lado do marido.  
6 Gritou a plenos pulmões quando a colocaram em uma carruagem para fazê-la partir; ele,  
7 no entanto, ordenou a seus guardas que a acompanhassem, prometendo-lhe que escaparia  
8 o mais secretamente possível para poder vê-la: essa era a esperança com a qual ele a  
9 confortava. O castelo era muito longe, cercado por uma floresta densa e, a menos que se  
10 conhecesse bem as estradas, não seria possível chegar lá.

11           A rainha partiu muito emocionada por deixar o marido exposto aos perigos da  
12 guerra. Conduziram-na até lá por etapas para que ela não ficasse debilitada pela fadiga de  
13 uma viagem tão longa. Enfim, ela chegou ao castelo muito inquieta e melancólica. Depois  
14 de descansar o suficiente, desejou caminhar pelas cercanias, mas não encontrou nada que  
15 pudesse entretê-la. Lançou os olhos para todos os lados; viu apenas grandes desertos que  
16 lhe causavam mais tristezas do que alegrias. Ela os contemplava tristemente e às vezes  
17 dizia:

18           — Que comparação entre meu paradeiro atual e o lugar em que vivi a vida toda!  
19 Se eu ficar aqui por muito tempo, acho que vou morrer. Com quem irei conversar nesse  
20 lugar solitário? Com quem poderei aliviar minhas ansiedades? O que fiz ao rei para ter  
21 sido exilada? É como se ele desejasse me fazer sentir toda a amargura de sua ausência ao  
22 me relegar a um castelo tão desagradável.

23           E assim ela se lamentava. Embora ele lhe escrevesse todos os dias e lhe desse boas  
24 notícias sobre o cerco, ela se afligia cada vez mais, de modo que acabou por tomar a  
25 decisão de regressar para junto do rei. Porém, os oficiais que a acompanhavam foram  
26 instruídos a não levá-la de volta a não ser que o rei lhes enviasse uma ordem expressa.  
27 Ciente disso, ela resolveu agir sorrateiramente e mandou fazer uma pequena carruagem,  
28 a qual deveria ter espaço somente para ela, pois dizia que eventualmente sairia para caçar.  
29 Ela mesma conduziria os cavalos e acompanharia os cães tão de perto que seria mais ágil  
30 que os demais caçadores, por isso deveria ser a condutora de sua própria carruagem, de  
31 modo que pudesse voltar ao castelo quando bem desejasse. Havia apenas uma dificuldade:  
32 ela não conhecia as rotas da floresta, mas acreditava que os deuses a guiariam em  
33 segurança. Depois de render alguns pequenos sacrifícios a eles, disse aos guardas que  
34 desejava empreender uma grande caçada e que todos deveriam ir. Ela montaria em sua  
35 carruagem e todos seguiriam caminhos diferentes a fim de não deixar nenhum animal  
36 selvagem escapar. Assim, eles se dividiram: a jovem rainha, que pensava que logo voltaria



1 a ver seu marido, trajava um vestido muito avantajado; sua capelina estava coberta de  
2 penas de cores sortidas; suas vestes, inteiramente enfeitadas com pedras preciosas. Sua  
3 beleza, que não era nada comum, fazia com que parecesse uma segunda Diana<sup>1</sup>.

4 No instante em que todos estavam arrebatados pelo prazer da caça, ela soltou as  
5 rédeas de seus cavalos e os atçou com exclamações e alguns golpes de chicote.  
6 Inicialmente eles marcharam com uma rapidez comedida, até que começaram a galopar  
7 e finalmente desataram a correr<sup>2</sup>, de modo que a carroça pareceu estar sendo arrastada  
8 pelos ventos; era difícil até mesmo segui-la com os olhos. A pobre rainha se arrependeu  
9 de sua leviandade, mas era tarde demais.

10 — No que é que eu estava pensando ao acreditar que poderia conduzir sozinha  
11 esses cavalos tão intrépidos e nem um pouco dóceis? — disse ela. — Céus! O que vai me  
12 acontecer? Ah! Se o rei soubesse do perigo a que estou exposta, o que seria dele, que me  
13 ama tão carinhosamente e que me afastou da capital apenas para me colocar em maior  
14 segurança? Eis como eu respondo aos seus ternos cuidados. Essa benquista criança que  
15 trago em meu ventre será vítima de minha imprudência, bem como eu mesma. Suas  
16 dolorosas queixas ecoavam pelo ar; ela invocou os deuses e clamou às fadas em seu auxílio,  
17 mas os deuses e as fadas tinham-na abandonado. A carruagem capotou e ela não teve  
18 forças para se jogar rapidamente no chão, de modo que seu pé ficou preso entre a roda e  
19 o eixo; não restava dúvidas de que apenas um milagre seria capaz de salvá-la de um  
20 acidente tão fatal.

21 Quando ela finalmente se desvencilhou e caiu estirada no chão, aos pés de uma  
22 árvore, já não tinha pulso nem voz e seu rosto estava todo coberto de sangue. Ela  
23 permaneceu por muito tempo nesse estado. Ao abrir os olhos, viu ao seu lado uma mulher  
24 de altura gigantesca, coberta apenas com a pele de um leão; seus braços e pernas estavam  
25 nus, o cabelo amarrado com uma pele seca de cobra, cuja cabeça pendia sobre seus  
26 ombros. Levava um bastão de pedra na mão, que lhe servia de bengala para se apoiar, e  
27 uma aljava cheia de flechas à cintura. Ao se deparar com uma figura tão extraordinária, a  
28 rainha se convenceu de que estava morta; ela não acreditava que depois de tão grave  
29 acidente pudesse estar viva. Falando baixinho, disse:

30 — Não me surpreende o fato de ser tão difícil aceitar a morte, já que o que se vê  
31 nesse outro mundo é deveras assustador.

32 A gigante, que a escutava, não pôde deixar de rir da ponderação da rainha sobre  
33 estar morta.

---

<sup>1</sup> Deusa romana da caça e da lua; Ártemis na mitologia grega.

<sup>2</sup> *Prendre le mors aux dents*: expressão que denota entrega total a uma atividade; “segurar com unhas e dentes”, “mergulhar de cabeça”.

1 — Retenha teu espírito — ela disse. — Saibas que ainda estás entre os vivos, mas  
2 nem por isso teu destino será menos triste. Eu sou a fada Leona<sup>3</sup>, moro perto daqui. Deves  
3 vir e passar tua vida comigo.

4 A rainha olhou tristemente para ela e disse:

5 — Se quiserdes, madame Leona, levai-me de volta ao meu castelo e informai ao  
6 rei a importância que ele deverá pagar-vos pelo meu resgate. Ele me ama tão  
7 carinhosamente que não vos recusaria metade de seus bens.

8 — Não — ela respondeu. — Eu sou suficientemente rica, tenho estado entediada  
9 por passar algum tempo sozinha, mas tu és inteligente, talvez me entretenhas.

10 Ao proferir essas palavras, ela assumiu a forma de uma leoa e, carregando a rainha  
11 em seu dorso, conduziu-a para o fundo de sua terrível gruta. Chegando lá, curou-a usando  
12 um líquido que esfregou em seu corpo.

13 Que assombro e que dor a rainha sentiu ao se deparar com aquela pousada  
14 medonha! Desceu dez mil degraus que levavam quase ao centro da terra. Não havia outra  
15 fonte de luz senão a de várias lâmpadas enormes que refletiam sobre um lago de mercúrio.  
16 Ele estava coberto de monstros, cujas diferentes feições teriam aterrorizado a mais  
17 intrépida rainha; mochos e corujas, alguns corvos e outras aves de rapina ameaçadoras  
18 eram ouvidas. À distância via-se uma montanha da qual fluíam águas quase paradas: eram  
19 todas as lágrimas que os amantes infelizes já haviam derramado; de tantos desamores, já  
20 se fazia um reservatório cheio. As árvores estavam todas despidas de folhas e de frutas, a  
21 terra coberta de calêndulas, arbustos e urtigas. A comida era conveniente ao clima de um  
22 país tão maldito: algumas raízes secas, castanhas-da-Índia e pomos de rosa mosqueta, isso  
23 era tudo o que se oferecia para aliviar a fome dos infelizes que caíam nas garras da  
24 fada Leona.

25 Assim que a rainha ficou em estado de poder trabalhar, a fada lhe disse que  
26 poderia fazer uma cabana para si, pois passaria a vida toda com ela. Ao ouvir essas  
27 palavras, a nobre mulher não teve forças para conter suas lágrimas.

28 — Ei! O que eu vos fiz para me manterdes aqui? — ela questionou. — Se o fim da  
29 minha vida, que eu sinto que se aproxima, vos causa algum prazer, dai-me logo a morte,  
30 isso é tudo o que ousa esperar como um ato solidário da vossa parte. Mas não me  
31 condeneis a passar uma vida longa e deplorável sem meu marido.

32 A fada Leona zombou de sua dor; disse-lhe que a aconselhava a enxugar suas  
33 lágrimas e que começasse a agradá-la, pois, se tivesse uma conduta diferente, seria a  
34 pessoa mais infeliz do mundo.

35 — O que deve ser feito para tocar vosso coração? — replicou a rainha.

---

<sup>3</sup> *La fée Lionne.*

1 — Eu amo patê de moscas — disse-lhe a fada. — Quero que encontreis uma  
2 maneira de obter o suficiente delas para me fazer um grande e saboroso patê.

3 — Mas eu não vejo nenhuma aqui — disse-lhe a rainha. — E se houvesse, não  
4 saberia ao certo como capturá-las; e se acaso eu as capturasse, não saberia fazer o patê, de  
5 sorte que me mandais cumprir ordens que não conseguirei executar.

6 — Não me importa — disse a impiedosa Leona. — É o que quero e ponto final.

7 A rainha nada respondeu. Concluiu que, a despeito da fada cruel, não tinha mais  
8 nada a perder; no estado em que se encontrava, o que mais poderia temer? Em vez de ir  
9 procurar moscas, sentou-se sob um teixo e começou a proferir suas tristes queixas.

10 — Qual não será a vossa dor, meu querido esposo, quando fordes me procurar e  
11 não me encontrardes mais! — disse ela. — Acreditareis que estou morta ou que fui infiel  
12 a vós. Prefiro que lamenteis a perda da minha vida que a de minha fidelidade. Talvez  
13 encontrem minha carruagem em pedaços na floresta, com todos os ornamentos que eu  
14 usava para vos agradar; a essa vista não mais duvidareis da minha morte. E se o vosso  
15 coração for entregue a outra? Ao menos não o saberei, já que não posso mais retornar ao  
16 nosso mundo.

17 Ela teria continuado a se entreter dessa maneira por muito tempo se não tivesse  
18 escutado, sobre sua cabeça, o triste crocitar de um corvo. Auxiliada pela fraca  
19 luminosidade que clareava a costa, ela viu um grande corvo segurando uma rã em seu  
20 bico, bem disposto a mastigá-la.

21 — Mesmo que nada aqui possa me consolar, não vou deixar de salvar essa pobre  
22 rã — disse ela. — De certa forma, ela deve estar tão aflita quanto eu.

23 Ela se serviu do primeiro graveto que encontrou perto de sua mão e, com ele,  
24 espantou o corvo. A rã caiu e permaneceu atordoada por algum tempo; depois,  
25 retomando sua consciência ranílica<sup>4</sup>, disse:

26 — Bela rainha, sois a única pessoa benevolente que vejo neste lugar desde que aqui  
27 cheguei por conta de minha curiosidade.

28 — Falais de forma prodigiosa, Rã pequenina — respondeu a rainha. — E quem  
29 são as pessoas que vistes aqui? Pois ainda não vi nenhuma.

30 — Todos os monstros que cobrem esse lago um dia estiveram no nosso mundo —  
31 replicou a Rãzinha. — Alguns sobre um trono, outros sob a confiança de seus soberanos.  
32 Há até amantes de alguns reis, as quais custaram muito sangue ao Estado: aqui elas estão  
33 metamorfoseadas em sanguessugas. O destino envia essas pessoas para cá por algum  
34 tempo, sendo que nenhuma delas se torna melhor ou mais correta do que quando chegou.

35 — Entendo que vários malfeitores juntos não se ajudam a melhorar — afirmou a  
36 rainha. — Mas no vosso caso, minha comadre Rã, que fazeis aqui?

---

<sup>4</sup> *Ses esprits grenouilliques.*

1           — A curiosidade me obrigou a vir — ela retorquiu. — Sou meio-fada, meu poder  
2 é limitado em certas coisas e fortemente eficaz em outras. Se a fada Leona me reconhecesse  
3 nessa forma, ela me mataria.

4           — Como é possível que sendo fada ou meio-fada um corvo estivesse prestes a vos  
5 devorar? — disse a rainha.

6           — Em duas palavras compreendereis — respondeu a Rã. — Quando estou com  
7 meu chapeuzinho de rosas na cabeça, no qual meus maiores poderes residem, nada tenho  
8 a temer. Infelizmente, porém, eu o deixei cair no pântano, foi quando aquele maldito  
9 corvo precipitou-se sobre mim. Confesso, madame, que se não fosse por vós, eu não  
10 existiria mais. Como devo a minha vida a vós, se eu puder fazer qualquer coisa para  
11 melhorar a vossa vida, podeis ordenar o que bem desejar.

12          — Ó, minha querida Rã — disse a rainha. — A fada má que me mantém cativa  
13 quer que eu faça para ela um patê de moscas, mas não há nenhuma mosca aqui, e se  
14 tivesse, não saberia exatamente como capturá-las, portanto corro o risco de morrer sob  
15 seus golpes.

16          — Deixai-me fazê-lo — disse a Rã. — Daqui a pouco eu vos trarei as moscas.

17          Ela imediatamente se cobriu de açúcar e mais de seis mil rãs amigas suas fizeram  
18 o mesmo. Depois, foram para um lugar repleto de moscas; a fada perversa mantinha um  
19 depósito delas, feito intencionalmente para atormentar alguns desgraçados. Assim que as  
20 moscas sentiram o açúcar, apegaram-se às laboriosas rãs, que voltaram saltitando para  
21 onde a rainha estava. Jamais houve uma captura de moscas como essa, nem um patê  
22 melhor do que o que foi feito para a fada Leona. Quando a rainha a serviu, a fada ficou  
23 muito surpresa, sem entender com que habilidade ela havia conseguido capturar as  
24 moscas.

25          Exposta a todas as intempéries do ar envenenado daquele lugar, a rainha cortou  
26 alguns ciprestes para começar a edificar sua casinha. A Rã ofereceu-lhe os seus serviços  
27 generosamente. À frente de todas aquelas rãs que buscaram as moscas, ela ajudou a rainha  
28 a erguer uma pequena edificação, a mais bonita do mundo. Porém, mal ela havia se  
29 deitado quando os monstros do lago, com inveja de seu repouso, foram atormentá-la com  
30 o mais horrível pandemônio já visto. Ela se levantou bastante assustada e fugiu para fora;  
31 era isso que os monstros queriam. Um dragão, que fora tirano de um dos mais belos reinos  
32 do universo, apossou-se da casa.

33          A pobre e aflita rainha começou a se lamentar e eles zombaram ainda mais dela.  
34 Os monstros a vaiaram e a fada Leona fez uma ameaça, dizendo que se ela voltasse a  
35 atordoá-la com suas lamentações, iria esmurrá-la com socos. Ela teve que se calar e  
36 recorrer à Rã, que certamente era a melhor pessoa daquele mundo. As duas choraram  
37 juntas; como a Rã havia recuperado seu chapéu de rosas, ela conseguia rir e chorar como  
38 uma pessoa qualquer.

1 — Eu tenho uma amizade tão grande por vós que vou reconstruir a vossa casa e  
2 fazer todos os monstros do lago entrarem em desespero — prometeu a Rã.

3 Ela cortou as madeiras instantaneamente e o pequeno palácio rústico da rainha  
4 foi feito em tão pouco tempo que ela se retirou para lá na mesma noite.

5 A Rã, atenta a tudo o que fosse necessário para a rainha, fez-lhe um leito de  
6 tomilho selvagem e hortelã. Quando a fada perversa soube que a rainha não estava mais  
7 dormindo no chão, mandou chamá-la:

8 — Quem são os homens ou os deuses que vos protegem? — perguntou ela. — Esta  
9 terra, sempre regada por uma chuva de fogo e enxofre, jamais produziu nada que valha  
10 uma folha de sálvia. Apesar disso, fiquei sabendo que ervas perfumadas crescem sob os  
11 vossos pés!

12 — Desconheço a causa, madame — disse a rainha. — E se fosse atribuir essa sorte  
13 a alguém, seria à criança que carrego no ventre, que deve ser menos infeliz do que eu.

14 — Sendo assim, desejo ter um buquê das flores mais raras do mundo — exigiu a  
15 fada. — Vejamos se a sorte do vosso filho vos fornecerá isso. Se alguma flor estiver  
16 faltando, não vos faltarão murros, pois bem sei desferi-los e sempre o faço  
17 maravilhosamente bem.

18 A rainha começou a chorar. Uma surra não lhe seria conveniente e a  
19 impossibilidade de encontrar as flores a deixava desesperada. Ela voltou para seu casebre.  
20 Sua amiga, a Rã, foi até ela:

21 — Como estais triste — disse ela à rainha.

22 — Céus! Minha querida comadre, quem não estaria? A fada quer um buquê das  
23 mais belas flores do mundo. Onde irei encontrá-las? Vedes que elas não nascem aqui. No  
24 entanto, pagarei com a minha vida se eu não a satisfizer.

25 — Amável rainha — disse a Rã graciosamente. — Tentarei desvencilhar-vos do  
26 embaraço em que estais. Há aqui uma morcega, a única com quem estabeleci relações. Ela  
27 é uma boa criatura, muito mais rápida que eu. Darei a ela meu chapéu de folhas de rosas  
28 e com essa ajuda ela encontrará as flores para vós.

29 A rainha lhe fez uma profunda reverência, isso porque não havia modo de abraçar  
30 a Rãzinha.

31 Imediatamente ela foi falar com a morcega, que regressou poucas horas depois  
32 carregando flores admiráveis sobre suas asas. A rainha levou-as rapidamente para a fada  
33 perversa, que ficou ainda mais surpresa do que havia ficado antes, não podendo entender  
34 o milagre da rainha estar sendo tão bem servida.

35 A nobre monarca pensava incessantemente nos meios de conseguir escapar. Ela  
36 contou seu desejo à boa Rã, que lhe disse:

37 — Madame, permiti-me, antes de qualquer coisa, consultar meu chapeuzinho.  
38 Agiremos de acordo com os seus conselhos.

1 Ela o pegou, colocando-o sobre um punhado de palha e queimou diante dele  
2 alguns ramos de zimbro, alcaparras e duas pequenas ervilhas. Coaxou cinco vezes e  
3 colocou o chapéu de rosas de volta na cabeça depois que a cerimônia terminou. Logo ela  
4 começou a falar como um oráculo.

5 — O destino, dono de tudo, vos proíbe de deixar este lugar — disse ela. — Tereis  
6 uma princesa mais bela do que a mãe dos amores<sup>5</sup>. Não vos preocupeis com o resto,  
7 somente o tempo poderá vos consolar.

8 A rainha abaixou olhos e algumas lágrimas caíram, mas ela estava decidida a crer  
9 em sua amiga.

10 — Ao menos não me abandoneis — disse ela à Rã — Permanecei comigo em  
11 minha cama, pois estou condenada a poder lamentar somente aqui.

12 A honesta Rã se comprometeu em ser a sua Lucina<sup>6</sup>, consolando-a da melhor  
13 forma que podia.

14 Mas agora é hora de falar do rei. Enquanto seus inimigos o mantiveram cercado  
15 em sua capital, ele não pôde enviar cartas à rainha. No entanto, tendo feito várias  
16 manobras, ele conseguiu obrigá-los a se retirarem. Sua felicidade, porém, não residia  
17 nesse acontecimento, e sim no fato de finalmente poder trazer sua querida rainha de volta  
18 sem nada temer. Ele não sabia de sua desgraça, pois nenhum de seus oficiais ousara avisá-  
19 lo. Eles haviam encontrado, na floresta, a carruagem em pedaços, os cavalos fugitivos e  
20 todos os adornos de amazona que ela havia colocado para encontrá-lo.

21 Como eles não duvidavam de sua morte e achavam que ela havia sido devorada,  
22 fizeram questão de persuadir o rei a acreditar que ela havia morrido subitamente. Quando  
23 soube dessas notícias funestas, pensou que morreria de tristeza; cabelos arrancados,  
24 lágrimas vertidas, choros plangentes, soluços, suspiros e outros atos advindos da viuvez,  
25 nada foi contido naquela ocasião.

26 Depois de passar vários dias sem ver ninguém e sem querer ser visto, ele retornou  
27 à sua grande cidade, trazendo consigo um luto profundo, que enegrecia mais seu coração  
28 do que suas vestes. Todos os embaixadores dos reis vizinhos foram cumprimentá-lo e  
29 depois das cerimônias indispensáveis a esse tipo de catástrofe, ele decidiu dar algum  
30 repouso a seus súditos, isentando-os da guerra e providenciando-lhes ocupações  
31 comerciais.

32 A rainha desconhecia todas essas coisas. O tempo das fraldas chegou e as duas  
33 amigas ficaram muito felizes: o céu concedeu à rainha uma princesinha, tão bonita quanto

---

<sup>5</sup> Referência a Afrodite/Vênus.

<sup>6</sup> Nome romano de Ilítia, deusa dos casamentos, partos e gestantes na mitologia grega; é também um epíteto de Hera/Juno (COLEMAN, 2007, p. 638).

1 a Rã predissera. Elas a chamaram de Moufette<sup>7</sup>. Com muita dificuldade, a rainha obteve  
2 permissão de Leona para alimentá-la, isso porque que a fada nutria um grande desejo de  
3 devorá-la, de tão feroz e bárbara que era.

4 Moufette, a maravilha dos nossos dias, fez seis meses. A rainha, admirando-a com  
5 uma ternura afetada, mesclada com piedade, dizia sem cessar:

6 — Ah! Se o rei, teu pai, te visse, minha pobre pequenina, ficaria tão feliz! Serias  
7 querida por ele! Pode ser que nesse exato momento ele esteja começando a me esquecer,  
8 acreditando que estamos enterradas para sempre nos horrores da morte. Pode ser  
9 também que uma outra esteja ocupando o lugar em seu coração que antes era meu.

10 Essas tristes reflexões lhe custaram boas lágrimas. A Rã, que a amava de boa-fé,  
11 vendo-a chorar assim, disse-lhe um dia:

12 — Se quiserdes, madame, vou encontrar o rei, vosso esposo. A viagem é longa e  
13 eu caminho lentamente, porém hei de chegar, mais cedo ou mais tarde.

14 Essa proposta não poderia ter sido recebida com mais satisfação. A rainha apertou  
15 as patinhas da amiga, juntando também as mãozinhas de Moufette, para deixar claro à  
16 madame Rã a importância da obrigação que ela teria ao empreender tal viagem. Ela lhe  
17 garantiu que o rei não seria ingrato.

18 — Mas de que me servirá o fato dele saber que estou nesta triste morada? Será  
19 impossível que ele me tire daqui — ponderou a rainha.

20 — Madame — repreendeu a Rã. — Devemos deixar esses cuidados aos deuses e  
21 fazermos a nossa parte, que depende unicamente de nós.

22 Elas se despediram prontamente. A rainha escreveu ao rei com seu próprio sangue  
23 sobre um pequeno pedaço de pano, pois ela não tinha tinta nem papel. Ela o implorava  
24 para acreditar em todas as coisas que a virtuosa Rã lhe informaria sobre seu paradeiro.

25 Ela levou um ano e quatro dias para subir os dez mil degraus que levavam à saída  
26 da planície negra, onde havia deixado a rainha a fim de desbravar o mundo. Demorou  
27 mais um ano para montar sua comitiva, pois era orgulhosa demais para aparecer em uma  
28 grande corte como uma Rãzinha miserável dos pântanos. Ela fez um ninho grande o  
29 suficiente para acomodar dois ovos confortavelmente; um casco de tartaruga servia de  
30 cúpula, forrada com a pele de lagartos jovens. Levava consigo cinquenta damas de honra,  
31 que eram essas pequenas formigas verdes<sup>8</sup> que saltitavam nos prados. Cada uma estava  
32 montada em um caracol com uma sela inglesa; as patinhas ficavam apoiadas no arção com

---

<sup>7</sup> O nome da princesa é etimologicamente associado a “mau cheiro” pela 5ª edição do Dicionário da Academia Francesa de Letras, de 1798. Não há ocorrência na edição de 1695 do mesmo dicionário. Segundo as fontes mais contemporâneas, *moufette* é o gambá, marsupial odorífero. Optou-se, nesse caso, pela manutenção do nome original.

<sup>8</sup> *Petites reines vertes*: referência à espécie *Oecophylla smaragdina*, uma variedade de formiga relativamente maior que as comuns e que adquire a coloração verde ao longo da vida.

1 uma elegância maravilhosa. Muitos ratos d'água, vestidos de pajens, precediam os  
2 caracóis, aos quais ela havia confiado a guarda de sua pessoa. Enfim, nunca se viu nada  
3 tão bonito assim. Seu chapéu de rosas vermelhas, sempre fresco e fluorescente, caía-lhe  
4 admiravelmente bem. Ela parecia uma coquete à sua maneira, pois sentiu-se obrigada a  
5 passar rouge e colocar pintas no rosto; disseram que, de fato, ela estava maquiada como a  
6 maioria das damas daquele país. Investigando mais a fundo, descobriu-se que diziam isso  
7 em tom de deboche e não de elogio.

8 Ela demorou sete anos para fazer sua viagem, durante os quais a pobre rainha  
9 sofreu males e tristezas inexprimíveis. Se não fosse pela bela Moufette consolando-a, ela  
10 teria morrido centenas de vezes. Aquela criaturinha maravilhosa não abria a boca e não  
11 dizia uma palavra sequer que não encantasse sua mãe. Ela foi capaz de amansar até mesmo  
12 a fada Leona, que permitiu à rainha conduzir a sua filha à caça depois de seis anos desde  
13 sua chegada àquela horrível morada; a única condição era entregar-lhe tudo o que  
14 caçassem.

15 Que alegria para a pobre rainha rever o sol! Ela havia perdido o hábito de tal forma  
16 que pensou que fosse ficar cega. Quanto a Moufette, ela era tão hábil que desde seus cinco  
17 ou seis anos nada escapava dos tiros que desferia. Dessa maneira, mãe e filha suavizaram  
18 um pouco a ferocidade da fada.

19 A Rãzinha caminhava por montanhas e vales, dias e noites, até que finalmente  
20 chegou perto do local onde o rei estava hospedado. Ela ficou surpresa ao ver danças e  
21 festas por toda parte; todos riam e cantavam, e quanto mais ela se aproximava da cidade,  
22 mais encontrava alegria e júbilo. Sua comitiva pantanosa surpreendeu a todo mundo:  
23 todos a seguiram, formou-se uma grande multidão. Quando ela enfim entrou na cidade,  
24 teve muita dificuldade em chegar ao palácio, lugar em que tudo era magnífico. O rei, viúvo  
25 por nove anos, havia finalmente cedido às súplicas de seus súditos: ele se casaria com uma  
26 princesa notavelmente menos bonita que sua esposa, mas que não deixava de ser muito  
27 agradável.

28 A boa Rã, descendo de sua carruagem improvisada, entrou na casa do rei seguida  
29 de toda sua comitiva. Ela nem precisou pedir uma audiência; o monarca, sua noiva e todos  
30 os príncipes estavam ansiosos demais para saber o motivo de sua vinda.

31 — Senhor — disse ela. — Não sei se as notícias que carrego vos trarão alegria ou  
32 tristeza. O casamento que estais prestes a realizar me convence da vossa infidelidade à  
33 rainha.

34 — A memória dela sempre será estimada por mim — disse o rei (derramando  
35 algumas lágrimas que ele não pôde conter). — Mas deveis saber, gentil Rã, que os reis nem  
36 sempre fazem o que querem. Faz nove anos que meus súditos me pressionam para que eu  
37 me case novamente. Eu lhes devo herdeiros, então volvi os olhos para essa jovem princesa,  
38 que me parece muito charmosa.



1 — Eu não vos aconselho a casardes com ela, pois a poligamia é um caso  
2 condenável. A rainha não está morta; eis aqui uma carta escrita com seu próprio sangue,  
3 a qual ela me encarregou de entregar a vós. Tendes por filha uma princesinha, Moufette,  
4 que é mais bonita que todos os céus.

5 O rei pegou o trapo onde a rainha havia rabiscado algumas palavras, beijou-o,  
6 regou-o com suas lágrimas e o exibiu a toda assembleia, dizendo que reconhecia muito  
7 bem a caligrafia de sua esposa. Ele fez milhares de perguntas à Rã, às quais ela respondeu  
8 com muita inteligência e rapidez. A princesa prometida e os embaixadores, encarregados  
9 da organização do seu casamento, fizeram caretas horríveis.

10 — Senhor, como podeis quebrar uma aliança tão solene acreditando nas palavras  
11 de uma sapinha como essa? — disse o mais célebre entre eles. — Essa escória do pântano  
12 tem a insolência de vir mentir em vossa corte e ainda goza do prazer de ser ouvida!

13 — Monsenhor embaixador — replicou a Rã. — Saibais que não sou nenhuma  
14 escória do pântano! Já que se faz necessário provar a minha verdade aqui, vamos, fadas e  
15 fados<sup>9</sup>, aparecei!

16 Todas as rãzinhas, ratos, caracóis e lagartos de fato apareceram, tendo ela à frente.  
17 Mas eles não estavam mais transfigurados nesses pequenos e feios animais: sua estatura  
18 era alta e majestosa, seus rostos eram aprazíveis, seus olhos mais brilhantes que as estrelas,  
19 cada um portando uma coroa de jóias na cabeça; sobre os ombros levavam um manto real  
20 de veludo forrado de arminho, com uma longa cauda que os anões e as anãs carregavam.  
21 No mesmo instante, trombetas, timbales, oboés e tambores surgiram das nuvens com seus  
22 agradáveis e pungentes sons; todas as fadas e fados iniciaram um balé, dançando com  
23 tanta leveza que a menor das piruetas alçavam-nos à cúpula do salão. O atencioso rei e a  
24 futura rainha estavam igualmente surpresos; de repente, viram os honoráveis arlequins  
25 transformarem-se em flores, as quais continuavam a dançar: jasmíns, narcisos, violetas,  
26 cravos e tuberosas, todas providas de pernas e pés. Era um verdadeiro canteiro animado,  
27 cujos movimentos deleitavam tanto o olfato quanto a visão.

28 Um momento depois, as flores desapareceram e várias fontes tomaram seus  
29 lugares; subiam rapidamente e voltavam a entrar em um largo canal que se formava no  
30 chão do castelo. Ele estava coberto de pequenos galés<sup>10</sup> bem coloridos e dourados, tão  
31 bonitos e tão galantes que a princesa convidou seus embaixadores a entrarem com ela  
32 para passear. Eles concordaram, entendendo que tudo aquilo não passava de um jogo que  
33 terminaria com um feliz casamento.

---

<sup>9</sup> *Fées et féos*: em nota para a edição crítica de *Contes Nouveaux ou Les Fées à La Mode*, Nadine Jasmin afirma que o termo *féo* é um neologismo criado pela autora para designar o masculino de fada (AULNOY, 2008b [1698], p. 97).

<sup>10</sup> Tipo de barco movido a remo.

1 Assim que todos embarcaram, o galé, o rio e todas as fontes desapareceram. As  
2 rãs se tornaram rãs novamente. O rei perguntou onde estava sua princesa, e a Rã  
3 respondeu:

4 — Senhor, não deveis ter outra companheira senão a rainha vossa esposa. Se eu  
5 não fosse tão amiga dela, não me incomodaria com o casamento que estáveis prestes a  
6 realizar; mas ela tem tantos méritos e vossa filha Moufette é tão amável que não deveis  
7 perder nem um momento sequer para ir libertá-las.

8 — Confesso a vós, madame Rã, que se antes eu já não acreditava na morte de  
9 minha esposa, agora não há nada no mundo que eu não possa fazer para recuperá-la —  
10 disse o rei.

11 — Depois das maravilhas que realizei diante de vós, parece-me que acreditais no  
12 que vos digo — ela respondeu. — Deixai vosso reino em boas mãos e não atrasai a vossa  
13 partida. Aqui está um anel que vos fornecerá os meios necessários para verdes a rainha e  
14 conversardes com a fada Leona, embora ela seja a criatura mais terrível que há no mundo.

15 Quando deixou de ver a princesa que lhe fora designada, o rei sentiu que sua  
16 paixão por ela havia enfraquecido muito, ao passo em que seu amor pela rainha ganhava  
17 novas forças.

18 Ele partiu sem querer ser acompanhado por ninguém e ofereceu presentes  
19 consideráveis à Rã.

20 — Não vos desencorajeis — disse-lhe ela. — Tereis terríveis dificuldades para  
21 superar, mas espero que alcanceis o que desejais.

22 O rei, consolado por essas promessas, não levou guia algum para encontrar sua  
23 querida rainha a não ser o anel. À medida em que Moufette crescia, sua beleza se  
24 aperfeiçoava tão fortemente que todos os monstros do lago de mercúrio já estavam  
25 apaixonados por ela; via-se dragões de espantável aparência rastejando a seus pés. Embora  
26 ela os visse sempre, seus lindos olhos não podiam se acostumar com tamanha feiura, e ela  
27 fugia para se esconder nos braços de sua mãe.

28 — Ficaremos aqui por muito tempo? — perguntava ela. — Nossos infortúnios não  
29 terão fim?

30 A rainha lhe dava boas esperanças a fim de consolá-la; no fundo, porém, ela não  
31 tinha nenhuma. Muito tempo havia se passado desde o afastamento da Rã, e ela seguia  
32 sem nenhuma notícia do rei. A meu ver, tudo isso a afligia em excesso.

33 A fada Leona acostumou-se pouco a pouco a mandá-las à caça; ela gostava disso,  
34 amava as carnes que elas lhe traziam. Como recompensa, dava-lhes os pés ou a cabeça do  
35 animal, o que era o bastante, já que lhes permitia ver a luz do dia continuamente. Houve  
36 um dia em que as três foram correr juntas pelas florestas; a fada assumiu a forma de uma  
37 leoa e a rainha e sua filha montaram em suas costas.

1 O rei, conduzido por seu anel, tendo parado em uma floresta, viu-as passar como  
2 uma flecha; elas, por sua vez, não conseguiram vê-lo. Ele ainda tentou segui-las, mas logo  
3 desapareceram completamente no horizonte de seu olhar.

4 Apesar das contínuas dores da rainha, sua beleza não havia sido alterada; ela lhe  
5 pareceu mais graciosa do que nunca. O fogo da paixão foi totalmente reavivado. Ele não  
6 teve dúvidas de que a jovem princesa que estava com ela era sua querida Moufette. Ao ver  
7 sua filha pela primeira vez na companhia de sua esposa, decidiu que morreria mil vezes  
8 antes de desistir da intenção de recuperá-las.

9 O vantajoso anel conduziu-o ao local obscuro onde a rainha estivera durante  
10 tantos anos. Ele não ficou nem um pouco surpreso ao descer ao fundo da terra; tudo o  
11 que viu por lá foi que lhe pareceu muito surpreendente. A fada Leona, que sabia de tudo,  
12 estava ciente do dia e da hora em que ele chegaria: o que ela poderia fazer contra os  
13 desígnios do destino, mesmo que desejasse o contrário? Ainda assim, ela resolveu que  
14 tentaria combatê-los usando todos os seus poderes.

15 No meio do lago de mercúrio, Leona edificou um palácio de cristal que flutuava  
16 sobre as ondas. Trancou a pobre rainha e sua filha ali. Em seguida, discursou a todos os  
17 monstros apaixonados por Moufette:

18 — Perdereis essa linda princesa se não estiverdes dispostos a defendê-la comigo  
19 contra um cavaleiro que vem para levá-la embora.

20 Os monstros prometeram que não negligenciariam nada que pudessem fazer. Eles  
21 cercaram o palácio de cristal; os mais leves se colocaram sobre o telhado e sobre as  
22 paredes; os outros, nos portões e no resto do lago.

23 O rei, aconselhado por seu fiel anel, foi primeiro à caverna da fada. Ela o esperava  
24 transfigurada em leoa. Assim que ele apareceu, lançou-se sobre ele: o rei, no entanto,  
25 desembainhou a espada com uma destreza que ela não havia previsto. Quando ela esticou  
26 sua pata para derrubá-lo, ele a decepou bem na articulação, precisamente no cotovelo. Ela  
27 soltou um grande rugido e caiu; aproximando-se dela, pisou em seu peito e jurou por sua  
28 fé que iria matá-la. Apesar de sua fúria impassível, ela não deixou de sentir medo.

29 — O que queres de mim? — disse-lhe ela. — O que tens a me pedir?

30 — Eu quero te punir por teres raptado a minha esposa — ele respondeu  
31 orgulhosamente. — Obrigo-te a entregá-la para mim, ou então irei estrangulá-la agora  
32 mesmo.

33 — Olha para aquele lago — disse ela. — Vê se ela está em meu poder.

34 O rei olhou para o canto que ela lhe mostrava; foi aí que viu a rainha e sua filha no  
35 castelo de cristal que navegava sem remo e sem leme, como um galé sobre o mercúrio.

36 Ele pensou que morreria de alegria e de dor. Chamou-as com toda sua força e foi  
37 ouvido; mas como as alcançaria? Enquanto ele pensava em uma maneira, a fada Leona  
38 desapareceu.

1           Ele correu ao longo das margens do lago; porém, quando pensava estar prestes a  
2           adentrar o palácio transparente, ele se afastava com uma velocidade espantosa, de modo  
3           que suas esperanças sempre eram frustradas. A rainha, temendo que enfim ele se cansasse,  
4           gritava para que ele não desanimasse, dizendo que a fada Leona queria fatigá-lo, mas que  
5           um amor verdadeiro não podia ser contido por nenhuma dificuldade. Em seguida, ela e  
6           Moufette estenderam-lhe as mãos de modo suplicante. A essa visão, o rei sentiu-se  
7           invadido por novas forças; ele levantou a voz e jurou pelo Estige<sup>11</sup> e pelo Aqueronte<sup>12</sup> que  
8           passaria o resto de sua vida nesse triste lugar, mas que não partiria sem elas.

9           Foi preciso revestir-se de uma grande perseverança. Ele passou mais tempo ali do  
10          que como rei no mundo comum. A terra, repleta de silvas e coberta de espinhos, servia-  
11          lhe de cama; ele comia apenas frutas silvestres, mais amargas que o fel, e lutava sem cessar  
12          contra os monstros do lago. Um marido que demonstra essa conduta para recuperar sua  
13          esposa é certamente um homem do tempo das fadas; suas atitudes indicam bem a época  
14          do meu conto.

15          Três anos se passaram sem que o rei obtivesse avanço algum. Ele estava quase  
16          desesperado. Cogitou centenas de vezes atirar-se no lago e teria feito isso se considerasse  
17          que esse último recurso fosse uma cura para as tristezas da rainha e da princesa. Um dia,  
18          enquanto ele corria como sempre de um lado para o outro do lago, um espantoso dragão  
19          o chamou e disse:

20                 — Se jurardes pela vossa coroa, pelo vosso cetro, pelo vosso manto real, por vossa  
21          esposa e por vossa filha que me dareis um bocado de certas iguarias para comer sempre  
22          que eu tiver vontade, eu vos levarei sobre minhas asas e, malgrado todos os monstros que  
23          cobrem este lago e que guardam o castelo de cristal, prometo que resgataremos a rainha  
24          e a princesa Moufette.

25                 — Ah, dragão querido de minha alma — exclamou o rei. — Eu juro a vós e a toda  
26          vossa espécie draconiana que vos darei para comer tudo o que desejardes e que serei vosso  
27          pequeno servo para sempre.

28                 — Não vos comprometais tanto se não estiverdes disposto a manter vossa palavra,  
29          pois, se não a cumprirdes, grandiosas desgraças recairão sobre vós e vos lembrareis disso  
30          para o resto de vossa vida — replicou o dragão.

31          O rei redobrou seus juramentos, pois estava morrendo de impaciência para  
32          libertar sua querida rainha. Montou nas costas do dragão como se ele fosse o mais belo  
33          cavalo do mundo. Imediatamente os monstros se colocaram diante dele para impedir sua

---

<sup>11</sup> Rio que circunda o submundo; uma promessa feita pelo Estige é o voto mais sagrado que pode ser feito, sendo que nem mesmo os deuses podem quebrar uma promessa feita em nome do Estige sem sofrerem penalidades (COLEMAN, 2007, p. 964).

<sup>12</sup> Um dos rios do submundo por onde Caronte navega levando as almas dos mortos; metonímia do próprio Hades (COLEMAN, 2007, p. 16).

1 passagem. Eles lutaram; ouviu-se o sibilo agudo de serpentes e houve labaredas de fogo,  
2 salitre e enxofre por todo lado, mas enfim o rei chegou ao castelo. Ali surgiram novos  
3 empecilhos: morcegos, corujas, corvos e tudo mais defendiam a entrada, mas o dragão,  
4 com suas garras, dentes e cauda, fez os mais obstinados em pedaços. A rainha, por sua  
5 vez, vendo essa grande batalha, quebrou as paredes com chutes e improvisou armas com  
6 seus estilhaços, tudo para ajudar seu querido marido. Finalmente eles saíram vitoriosos,  
7 reuniram-se e o encantamento acabou com um trovão que caiu sobre o lago, secando-o.

8 O laborioso dragão desapareceu, assim como todos os outros monstros. O rei foi  
9 transportado de volta para a sua capital na companhia da rainha e de Moufette, algo que  
10 ele não soube explicar como aconteceu. Eles estavam assentados em um salão magnífico,  
11 em frente a uma mesa deliciosamente servida. Jamais houve uma surpresa parecida com  
12 aquela, nem uma alegria maior. Todos os seus súditos se apressaram para verem sua  
13 soberana e a jovem princesa, que, por uma série de prodígios, estava tão soberbamente  
14 vestida que era difícil suportar o brilho de suas jóias.

15 É fácil imaginar que todas as coisas mais prazerosas foram realizadas naquela bela  
16 corte: bailes de máscaras, corridas de argola<sup>13</sup> e torneios que atraíram os maiores príncipes  
17 do mundo. Os belos olhos de Moufette arrebatavam a todos. Dentre os mais formosos e  
18 mais habilidosos, o príncipe Moufy<sup>14</sup> se sobressaía; era o mais aplaudido, todos o  
19 admiravam, e a jovem Moufette, que até então só estivera entre as serpentes e os dragões  
20 do lago, não pôde deixar de levar os méritos de Moufy em consideração. Nenhum dia se  
21 passou sem que esse príncipe não fizesse novas galanterias para agradá-la, pois ele a amava  
22 apaixonadamente. Colocando-se na fila de candidatos à mão da princesa para firmar suas  
23 pretensões, ele fez saber ao rei e à rainha que seu principado era de uma beleza e de uma  
24 extensão que bem mereciam uma atenção especial.

25 O rei lhe disse que Moufette era quem escolheria um marido para si e que ele não  
26 a contradiria em nada, pois se empenhava em agradá-la e que essa era a única maneira de  
27 ser feliz. O príncipe ficou encantado com essa resposta e deixou claro que pensava de  
28 forma semelhante. Quando ele finalmente se declarou, Moufette lhe disse que se ele não  
29 fosse seu esposo, jamais se casaria com nenhum outro. Moufy, cheio de alegria, lançou-se  
30 aos seus pés e jurou com os mais carinhos termos que se lembraria para sempre da  
31 palavra que ela lhe dera.

32 Imediatamente ele correu para os aposentos do rei e da rainha e prestou-lhes conta  
33 dos efeitos que suas juras de amor tiveram sobre Moufette, suplicando-lhes que não se

---

<sup>13</sup> *Courses de bagues*: de acordo com a quinta edição do dicionário da Academia Francesa (1798, p. 113), trata-se de uma competição a cavalo que consiste na tentativa de pegar um anel suspenso com a ponta de uma lança.

<sup>14</sup> Optou-se pela manutenção do nome original do príncipe sob as mesmas justificativas dadas a respeito do nome da princesa.

1 opusessem à sua felicidade. Eles consentiram com prazer. O príncipe Moufy tinha  
2 qualidades tão distintas que parecia ser o único digno de possuir a maravilhosa Moufette.  
3 O rei estava disposto a noivá-los antes do príncipe retornar a seu país, para onde ele seria  
4 obrigado a ir a fim de dar ordens para os preparativos de seu casamento. Ele preferia não  
5 ter que partir jamais, porém, já que era necessário, garantiu que não partiria sem a certeza  
6 de que continuaria feliz ao retornar. A princesa Moufette não conseguiu dizer adeus sem  
7 deixar de derramar muitas lágrimas; ela tinha alguns pressentimentos que a afligiam, não  
8 sei quais. A rainha, vendo o príncipe tomado pela tristeza, deu-lhe um retrato de sua filha,  
9 implorando-lhe, por amor a todos, que a cerimônia que ele estava prestes a preparar não  
10 fosse menos que magnífica e que não tardasse em regressar. Ele lhe disse:

11 — Madame, jamais terei tanto prazer em vos obedecer quanto nesta ocasião. Meu  
12 coração se encontra deveras encantado para que eu negligencie a única coisa que pode me  
13 fazer feliz.

14 E ele partiu a trabalho. Enquanto aguardava seu retorno, a princesa Moufette  
15 ocupava-se das músicas e dos instrumentos que havia aprendido a tocar nos últimos  
16 meses, aos quais ela se adaptava maravilhosamente bem. Um dia em que ela estava no  
17 quarto da rainha, o rei entrou com o rosto cheio de lágrimas. Envolvendo a filha em seus  
18 braços, exclamou:

19 — Ó, minha filha! Ó, pai infeliz! Ó, desditoso rei!

20 Ele não conseguia dizer nada além disso, os suspiros cortavam o fio da sua voz.  
21 Espantadas, a rainha e a princesa perguntaram o que ele tinha. Enfim ele lhes disse que  
22 um gigante de tamanho incomensurável havia acabado de chegar, o qual alegava ser o  
23 embaixador do dragão do lago, que, por sua vez, cobrava a promessa que o rei lhe fizera  
24 em troca de ajudá-lo a combater e derrotar os monstros. Ele demandava a princesa  
25 Moufette, pois queria devorá-la em uma torta; e reforçou a exigência, dizendo que o rei  
26 havia se comprometido através de gravíssimos juramentos a fornecer-lhe tudo o que ele  
27 desejasse. Naqueles tempos, não se cogitava faltar com a palavra.

28 A rainha, ouvindo aquelas tristes notícias, soltou gritos medonhos e envolveu a  
29 princesa em seus braços, dizendo:

30 — Prefiro que minha vida seja ceifada a que ter que concordar com a entrega da  
31 minha filha a esse monstro! Que antes ele tome o nosso reino e tudo o que possuímos. Pai  
32 desnaturado, como pudestes anuir com tamanha barbárie? O quê? Minha filha em uma  
33 torta? Ah! Não posso sequer imaginar. Enviai esse bárbaro embaixador até mim, pode ser  
34 que minha aflição o comova.

35 O rei nada respondeu. Ele foi falar com o gigante e depois o levou à rainha, que se  
36 jogou aos seus pés, tanto ela quanto sua filha, implorando-lhe que sentisse pena delas e  
37 que persuadisse o dragão a tomar para si tudo o que elas possuíam a fim de poupar a vida  
38 de Moufette. Mas o gigante lhes respondeu que isso não dependia dele e que o dragão era

1 muito teimoso e muito renitente; quando ele estava determinado a comer qualquer  
2 iguaria, nem todos os deuses juntos inibiriam o seu desejo. Disse também que, como  
3 amigo, aconselhava-os a satisfazer a demanda de boa vontade, caso contrário infortúnios  
4 muitos maiores poderiam lhes sobrevir. Ao ouvir essas palavras, a rainha desmaiou; a  
5 princesa teria feito o mesmo se não tivesse que socorrer sua mãe.

6 Essas tristes notícias ecoaram dolorosamente pelo palácio e logo toda a cidade o  
7 soube. Nada mais se ouvia a não ser choros e gemidos, pois Moufette era adorada por  
8 todos. O rei não cogitava entregá-la ao gigante, o qual já estava esperando por vários dias  
9 e começava a se cansar, fazendo terríveis ameaças. Enquanto isso, o rei e a rainha diziam:

10 — O que pode nos acontecer de pior? Se o dragão do lago viesse para nos devorar,  
11 não estaríamos tão aflitos assim. Mas se colocassem a nossa Moufette em uma torta, aí  
12 sim estaríamos perdidos.

13 Nesse ínterim, o gigante lhes disse que havia recebido novas ordens de seu mestre:  
14 se a princesa concordasse em se casar com um sobrinho que ele tinha, ele consentiria em  
15 deixá-la viver. Disse também que esse sobrinho era bonito e muito formoso, um  
16 verdadeiro príncipe, com quem ela poderia viver muito contente.

17 Essa proposta amenizou um pouco a dor de suas majestades. A rainha falou com  
18 a princesa, mas ela considerava essa possibilidade ainda mais remota que a primeira.

19 — Madame, eu não sou capaz de preservar a minha vida por intermédio da  
20 infidelidade — disse Moufette. — Vós me prometestes ao príncipe Moufy, eu jamais  
21 pertencerei a outro. Deixai-me morrer, o fim de minha vida garantirá a permanência da  
22 vossa.

23 O rei veio em seguida e disse à sua filha tudo o que se podia imaginar de mais  
24 terno, mas ela permaneceu firme em seus sentimentos. Por conclusão, foi decidido  
25 conduzi-la ao topo de uma montanha onde o dragão do lago viria para capturá-la.

26 Tudo estava preparado para aquela triste entrega; nem os sacrifícios de Ifigênia e  
27 Psiquê<sup>15</sup> haviam sido tão lúgubres. Via-se apenas roupas pretas, rostos pálidos e  
28 consternados por toda parte. Quatrocentas jovens moças de alta estirpe vestiram-se de  
29 longos vestidos brancos e foram coroadas com ciprestes para acompanhá-la: carregavam-  
30 na descoberta em um leito de veludo preto para que todo mundo contemplasse aquela  
31 obra-prima dos deuses. Seus cabelos estavam espalhados sobre seus ombros, enfeitados  
32 com fitilhos, e a coroa que ela levava sobre a cabeça era de jasmims misturadas com  
33 algumas calêndulas. Ela parecia comovida apenas pela dor do rei e da rainha, que a  
34 seguiam tomados pela mais profunda tristeza. O gigante, munido de todos os talheres,

---

<sup>15</sup> Há um episódio da mitologia grega em que Ifigênia é sacrificada pelo próprio pai, Agamenon, em meio aos desdobramentos da guerra de Tróia (COLEMAN, 2007, p. 525). Em uma versão do mito de Psiquê, ela se atira do alto de uma montanha para escapar da ira de Afrodite, furiosa pelo fato de seu filho ter se apaixonado por ela (COLEMAN, 2007, p. 848).

1 caminhava ao lado do leito onde a princesa estava; ele a contemplava com olhos ávidos,  
2 parecia estar certo de que comeria sua parte. O ar ressoava suspiros e soluços, o caminho  
3 ficou inundado das lágrimas que eram derramadas.

4 — Ah, Rã, Rã... — exclamava a rainha. — Vós me abandonastes! Céus, por que me  
5 oferecestes vosso socorro na planície sombria e agora o negais? Eu seria mais feliz estando  
6 morta! Assim eu não veria todas as minhas esperanças frustradas no dia de hoje! Eu não  
7 veria a minha querida Moufette a ponto de ser devorada.

8 Enquanto ela fazia essas queixas, todos continuavam avançando, caminhando  
9 lentamente, até que finalmente chegaram ao topo da montanha fatal. Naquele lugar, o  
10 choro e as lamentações redobram com tanta força que nunca houve nada assim tão  
11 lamentável. O gigante solicitou a todos que fizessem suas despedidas e se retirassem.  
12 Aquilo tinha de ser feito, pois naquela época as coisas eram muito simples e não se  
13 procurava remediar nada.

14 O rei e a rainha foram embora e subiram em uma outra montanha com toda a sua  
15 corte, porque de lá poderiam ver o que aconteceria com a princesa. De fato, não demorou  
16 muito para que vissem no ar um dragão de quase meia légua de comprimento, que  
17 embora tivesse seis grandes asas quase não conseguia voar de tão pesado que era o seu  
18 corpo, todo coberto de grossas escamas azuis e de longos espinhos ardentes; sua cauda  
19 fazia cinquenta voltas e meia; cada uma de suas garras era da grandeza de um moinho de  
20 vento; via-se em suas mandíbulas três fileiras de dentes tão longos quanto as presas de um  
21 elefante.

22 No entanto, enquanto ele avançava pouco a pouco, a querida e fiel Rã, montada  
23 em um falcão, voou rapidamente de encontro ao príncipe Moufy. Embora ele estivesse  
24 trancado em seu gabinete, ela conseguiu entrar sem nenhuma chave, pois estava com o  
25 seu chapéu de rosas.

26 — Que fazeis vós aqui, desafortunado amante? — disse-lhe ela. — Divagais com  
27 as belezas de Moufette, que neste momento está exposta à mais perigosa catástrofe. Eis  
28 aqui uma folha de rosa, soprando-a, faço surgir um raro cavalo, como bem o vereis.

29 Imediatamente apareceu um cavalo todo verde, ele tinha doze pés e três cabeças;  
30 a primeira cuspiu fogo, a segunda lançava bombas e a terceira atirava balas de canhão. Ela  
31 lhe deu uma espada de dezoito braças de comprimento, ainda assim mais leve que uma  
32 pena. A Rã também o revestiu com uma armadura de diamante, na qual ele entrou como  
33 em um vestido; embora ela fosse mais muito mais dura que uma rocha, era tão maleável  
34 que não o incomodava em nada.

35 — Ide — disse-lhe ela. — Correi, voai para defender aquela que amais. O cavalo  
36 verde que eu vos dei vos levará onde ela está. Quando ela for libertada, fazei com que  
37 todos saibam da minha parte nisso tudo.



1 — Generosa fada — exclamou o príncipe. — Não posso demonstrar toda a minha  
2 gratidão a vós no presente momento, porém me declaro para sempre vosso escravo mais  
3 fiel.

4 Então ele montou sobre o cavalo de três cabeças, que imediatamente começou a  
5 galopar com seus doze pés, correndo mais rapidamente que três dos melhores cavalos  
6 juntos, de modo que em pouco tempo o príncipe chegou ao topo da montanha, onde viu  
7 sua amada princesa completamente sozinha, enquanto o assustador dragão se  
8 aproximava lentamente dela. O cavalo verde começou a lançar fogo, bombas e balas de  
9 canhão, o que muito surpreendeu o monstro; ele recebeu vinte golpes dessas balas no  
10 pescoço, que perdeu um pouco das escamas. As bombas, por sua vez, detonaram um de  
11 seus olhos. Ele ficou furioso e tentou lançar-se contra o príncipe, mas a espada de  
12 dezoito braças era de tão boa empunhadura que ele a manjava como bem queria,  
13 deixando-a reta e rígida, em guarda, ou usando-a como um chicote. O príncipe não teria  
14 deixado de sentir a força de suas garras se não fosse pelas vestes de diamante impenetrável.

15 Moufette o reconheceu de muito longe, pois o diamante que o cobria era muito  
16 brilhante e claro, de sorte que ela foi arrebatada pela mais mortal apreensão que uma  
17 amante pudesse sentir. O rei e a rainha, entretanto, começaram a desenvolver em seus  
18 corações alguns raios de esperança, pois era deveras extraordinário ver um cavalo de três  
19 cabeças e doze pés que lançava chamas, bem como um príncipe em uma armadura de  
20 diamantes, munido de uma espada formidável, vindo em um momento tão oportuno e  
21 lutando com tanto valor. O rei pendurou o chapéu na sua bengala e a rainha prendeu seu  
22 lenço na ponta de um bastão a fim de fazerem sinais ao príncipe de modo a encorajá-lo.  
23 Toda sua comitiva fez o mesmo. Na verdade, ele não precisava de incentivos; seu coração  
24 e tão somente o perigo em que sua amada se encontrava bastavam para motivá-lo.

25 Que esforços ele não fez! A terra ficou coberta de espinhos, garras, chifres, asas e  
26 escamas do dragão. O sangue do monstro fluiu por todos os lados: ele era azul, e o do  
27 cavalo, verde; misturados, fizeram uma nuance singular sobre a terra. O príncipe caiu  
28 cinco vezes, mas se reergueu em todas elas; levava algum tempo para montar de volta em  
29 seu cavalo, mas depois voltava a disparar os canhões e os fogos gregos<sup>16</sup> como nunca se  
30 viu igual. Finalmente o dragão perdeu suas forças, tombou, e o príncipe desferiu-lhe um  
31 golpe no ventre que lhe causou uma ferida terrível. Aconteceu que (por mais que seja  
32 difícil de acreditar, mas é tão verdadeiro quanto o resto do conto) através daquela  
33 espantosa ferida saiu o príncipe mais bonito e charmoso jamais visto; seu casaco era de  
34 veludo azul com forro de ouro, todo bordado com pérolas; tinha na cabeça um pequeno

---

<sup>16</sup> Mistura inflamável e oleosa que queima até mesmo em contato com a água, muito utilizada pelos bizantinos.

1 morrião grego<sup>17</sup> enfeitado com plumas brancas. De braços abertos, ele correu para abraçar  
2 o príncipe Moufy, dizendo:

3 — O que não devo a vós, meu generoso libertador! Acabastes de me libertar da  
4 mais assustadora prisão onde um soberano poderia ser retido. Fui condenado pela fada  
5 Leona e ali estive definhando por dezesseis anos. Seu poder sobre mim era tal que me  
6 forçava a querer devorar essa bela princesa mesmo contra a minha vontade. Levai-me a  
7 seus pés para que eu possa explicar a ela a minha desgraça.

8 O príncipe Moufy, surpreso e encantado por uma aventura tão surpreendente,  
9 não pôde ignorar a cortesia daquele príncipe. Eles se apressaram para se juntarem à bela  
10 Moufette, que, por sua vez, rendia mil graças aos deuses por uma bonança tão inesperada.  
11 O rei, a rainha e toda a corte já estavam juntos dela; todos falavam ao mesmo tempo,  
12 ninguém se entendia, choravam de alegria tanto quanto haviam chorado de dor. Enfim,  
13 para que nada faltasse à festa, a bondosa Rã apareceu no ar, montada em um falcão que  
14 tinha sinetas douradas nas patas. Quando se ouviu o “drelin dindin”<sup>18</sup>, todos ergueram os  
15 olhos e viram o chapéu de rosas brilhar como um sol, e a Rã tão bela quanto a aurora. A  
16 rainha avançou em sua direção e agarrou-a por uma de suas patinhas; imediatamente, a  
17 sábia Rã se transformou e surgiu como uma grande rainha. Sua aparência era a mais  
18 aprazível do mundo.

19 — Eu venho para coroar a fidelidade da princesa Moufette — anunciou ela. — Ela  
20 preferiu arriscar sua vida ao invés de mudar de ideia. Esse exemplo é raro no século em  
21 que estamos, mas será muito mais nos séculos vindouros.

22 Prontamente ela pegou duas coroas de murta e colocou-as sobre a cabeça dos dois  
23 amantes que se amavam. Balançando sua varinha três vezes, viu-se todos os ossos do  
24 dragão erguerem-se para formar um arco de triunfo em memória da grande aventura que  
25 acabara de acontecer.

26 Depois, essa bela e numerosa tropa seguiu em direção à cidade cantando hinos  
27 matrimoniais com a mesma intensidade com a qual haviam tristemente celebrado o  
28 sacrifício da princesa. O casamento não foi adiado nem mais um dia. É fácil imaginar a  
29 alegria que os acompanhou.

30

31 *A Rainha que acabei de descrever,*  
32 *Em meio aos horrores de um lugar infernal,*  
33 *Por fim não teve o que temer,*  
34 *Amparada por uma amiga e por um amor real.*  
35 *A Rãzinha e Moufy demonstraram sua afeição*

---

<sup>17</sup> Espécie de bacinete; elmo da armadura medieval.

<sup>18</sup> Onomatopeia do tilintar dos sinos.

1 *Através de seus corajosos gestos,*  
2 *E malgrado Leona, a de cruel coração,*  
3 *Livraram a Rainha de intentos funestos.*  
4 *Maridos fiéis e amigos tão leais*  
5 *São dos velhos tempos de nossos pais,*  
6 *E não do tempo em que agora vivo,*  
7 *O século das fadas em toda sua glória.*  
8 *Vê-se pelo exemplo aqui descrito,*  
9 *Que na época de minha história*  
10 *Todos estavam bem protegidos.*

CC BY-NC-ND 4.0

## A CORÇA NO BOSQUE

1           Era uma vez um rei e uma rainha cuja união era perfeita. Eles se amavam  
2   ternamente e seus súditos os adoravam; uns e outros, porém, demonstravam certa  
3   insatisfação pelo fato de faltar-lhes um herdeiro. A cada primavera, a rainha, que estava  
4   convencida de que o rei a amaria muito mais se ela lhe desse um filho, saía para beber de  
5   certas águas miraculosas, ocasião que atraía multidões. O número de estrangeiros era  
6   muito elevado; ali se encontrava gente de todas as partes do mundo.

7           Eles se reuniam em um grande bosque repleto de fontes, estas guarnecidas de  
8   mármore e pórfiro, pois os seus frequentadores faziam questão de embelezá-las. Um dia,  
9   quando a rainha estava assentada junto à fonte, pediu a todas as suas damas que se  
10   afastassem e a deixassem sozinha; em seguida, como era de costume, ela começou a se  
11   lamentar:

12           — Já não me basta a infelicidade de não ter filhos? Até mesmo as mulheres mais  
13   pobres os têm! Já faz cinco anos que eu peço uma criança aos céus. Acaso hei de morrer  
14   sem essa satisfação?

15           Enquanto falava, ela notou que a água da fonte começou a se agitar. Foi então que  
16   um grande lagostim apareceu e lhe disse:

17           — Grande Rainha, finalmente tereis o que desejais! Devo informar-vos de que  
18   nestas cercanias existe um soberbo palácio erguido pelas fadas, mas é impossível avistá-  
19   lo, pois está rodeado de nuvens muito espessas, invisíveis aos olhos de um mortal.  
20   Entretanto, na condição de vosso mais humilde servo, se estiverdes disposta a confiar na  
21   orientação de um pobre lagostim, eu me ofereceria para conduzir-vos até lá.

22           A rainha o escutou sem interrupções; a novidade de ver um lagostim falar foi uma  
23   grande surpresa para ela. Disse-lhe que aceitaria sua oferta com prazer, mas que não sabia  
24   andar para trás como ele fazia. O lagostim sorriu e, de repente, transformou-se em uma  
25   bela velhinha.

26           — Está bem, madame — disse-lhe ela. — Não será preciso andarmos para trás.  
27   Peço, sobretudo, que me considereis como uma de vossas amigas, pois não desejo outra  
28   coisa a não ser fazer-vos bem.

29           Ela saiu da fonte sem se molhar. Suas roupas eram brancas, forradas em carmesim,  
30   e seus cabelos grisalhos estavam amarrados com fitas verdes; jamais se viu uma velha com  
31   um ar mais galante. Ela saudou a rainha, beijou-a e, sem mais tardar, conduziu-a por uma  
32   trilha no bosque, o que deixou essa princesa bastante surpresa, pois, embora já tivesse  
33   passado por lá milhares de vezes, jamais se dera conta de sua existência. Mas como isso  
34   seria possível? Bem, esse era o caminho que as fadas faziam para chegar à fonte, e  
35   normalmente ele estava fechado com arbustos e espinheiros. Porém, à medida em que a  
36   Rainha e sua condutora avançavam, rosas começaram a brotar das roseiras, os jasmims e

1 as laranjeiras entrelaçaram seus ramos para fazer um dossel coberto de folhas e flores; a  
2 terra cobriu-se de violetas e mil diferentes pássaros começaram a cantar sobre as árvores.

3 A rainha ainda não havia se recuperado de sua surpresa quando seus olhos foram  
4 atingidos pelo brilho inigualável de um palácio todo feito de diamantes: os muros e as  
5 paredes, os telhados, os pisos, os degraus, as varandas e até os terraços, tudo era feito de  
6 diamante. No excesso de sua admiração, ela não se conteve e gritou bem alto; em seguida,  
7 perguntou à galante anciã que a acompanhava se o que via era um sonho ou realidade.

8 — Nada poderia ser mais real, madame — ela respondeu.

9 E assim que as portas do palácio se abriram, seis fadas saíram de lá; e que fadas!  
10 As mais belas e magníficas de todo império. Elas se aproximaram e prestaram uma  
11 profunda reverência à Rainha. Depois, cada uma presenteou-lhe com uma flor de  
12 pedrarias até formar um buquê: havia uma rosa, uma tulipa, uma anêmona, uma  
13 columbina, um cravo e uma flor de romã.

14 — Madame — disseram-lhe elas. — O maior sinal de nossa estima é o fato de  
15 terdes recebido permissão para visitar-nos aqui. Para além disso, porém, sentimo-nos  
16 muito contentes em anunciar-vos que tereis uma bela princesa, a quem dareis o nome de  
17 Desejada<sup>1</sup>, pois já faz muito tempo que a desejas. Não vos esqueçais de nos chamar assim  
18 que ela vier ao mundo, pois queremos dotá-la de toda sorte de boas qualidades. Basta  
19 empunhardes o buquê que vos demos e chamar cada flor pelo nome, pensando em nós;  
20 estejais certa de que surgiremos em vosso quarto imediatamente.

21 Transportada de alegria, a Rainha atirou-se ao colo das fadas e os abraços duraram  
22 mais de meia hora. Depois disso, elas pediram à Rainha que adentrasse seu palácio, do  
23 qual seria impossível fazer uma descrição boa o suficiente. Elas haviam chamado o  
24 Arquiteto do Sol<sup>2</sup> para construí-lo, e ele o fizera tal qual uma miniatura da grandiosidade  
25 do Sol. A Rainha se esforçava para suportar aquele brilho e fechava os olhos a todo  
26 instante. Elas a conduziram ao seu jardim; jamais se viu frutas tão bonitas! Os damascos  
27 eram maiores que uma cabeça, e não se podia comer uma cereja sem cortá-la em quatro.  
28 A Rainha jamais experimentara sabores tão deliciosos em toda sua vida, e já não desejava  
29 comer outra coisa. Havia um pomar cheio de árvores de confeitos, que cresciam e eram  
30 tão vivas quanto as outras.

31 Não tenho como expressar todo o júbilo da Rainha, o quanto ela falou da  
32 princesinha Desejada e o quanto agradeceu às amáveis fadas que lhe anunciaram tão  
33 agradável notícia; enfim, ela empregou todos os termos de ternura e gratidão que  
34 conhecia. A Fada da Fonte recebeu o mérito que lhe era devido e a rainha permaneceu no

---

<sup>1</sup> *Desirée*.

<sup>2</sup> *L'Architecte du Soleil*: possível referência a Jules Hardouin-Mansat (1646-1708), conhecido como “arquiteto do Rei-Sol”, responsável por edificações emblemáticas do reinado de Luís XIV, entre eles o Palácio de Versalhes.

1 palácio até o anoitecer. Adorou a música e escutou vozes que mais lhe pareciam celestiais;  
2 encheram-na de presentes e, depois de ter agradecido a essas grandes damas, retornou ao  
3 seu reino com a Fada da Fonte.

4 Sua corte havia entrado em desespero: eles a procuravam com grande aflição e não  
5 conseguiam nem imaginar onde é que ela poderia estar. Temiam que algum estrangeiro  
6 audacioso a tivesse raptado, pois era bela e jovem, de modo que qualquer um ficaria  
7 extremamente feliz em tê-la por perto; ademais, ela sempre demonstrava grande  
8 satisfação com os votos de esperança que as pessoas lhe faziam, e tinha uma conversa  
9 agradável e brilhante que encantava a todo mundo.

10 A Fada da Fonte a deixou perto de sua casa; os elogios e carícias redobram no  
11 momento da despedida. A Rainha continuou visitando a fonte por mais oito dias, ocasiões  
12 em que retornava ao Palácio das Fadas na companhia da velha coquete, que inicialmente  
13 aparecia como um lagostim e depois retomava sua forma natural.

14 E então aconteceu: a Rainha engravidou e deu à luz uma princesa a quem chamou  
15 de Desejada. Prontamente, pegou o buquê que recebera, chamou todas as flores pelo  
16 nome e viu as fadas chegarem no mesmo instante. Cada uma tinha sua própria carruagem:  
17 uma era feita de ébano e puxada por pombos brancos, outra era de marfim, conduzida  
18 por pequenos corvos, outras eram de cedro e de calamba<sup>3</sup>. Essa era a tripulação que  
19 simbolizava aliança e paz; quando estavam zangadas, vinham acompanhadas de dragões  
20 voadores, cobras que lançavam fogo de suas bocas e olhos, leões, leopardos e panteras,  
21 sobre as quais se transportavam de um extremo ao outro do mundo antes que alguém  
22 pudesse dizer bom dia ou boa noite. Dessa vez, porém, elas estavam com o melhor humor  
23 possível.

24 A rainha as viu entrar em seu quarto com um ar alegre e majestoso, seguidas por  
25 seus anões e anãs que vinham carregados de presentes. Depois de terem abraçado a rainha  
26 e beijado a princesinha, deram-lhe um enxoval de tecidos tão finos e tão bons que poderia  
27 ser usado por cem anos sem se desgastar; as fadas o fiaram em seu tempo livre. Os  
28 bordados, feitos à agulha e ao fuso, eram ainda mais impressionantes que o tecido: toda a  
29 história do mundo estava ali representada. Em seguida, mostraram os cueiros e cobertores  
30 bordados para ela: neles estavam representadas as milhares de diferentes brincadeiras  
31 com as quais as crianças se divertiam. Desde que os bordadeiros e bordadeiras passaram  
32 a existir, jamais se viu nada tão maravilhoso assim. Porém, quando enfim elas lhe  
33 mostraram o berço, a rainha gritou de admiração, pois ele conseguia superar tudo o que  
34 vira antes: era de uma madeira tão rara que chegava a custar cem mil escudos a libra<sup>4</sup>.  
35 Quatro pequenos Cupidos o sustentavam, quatro indescritíveis obras-primas em que a

---

<sup>3</sup> Madeira odorífica escura comumente utilizada na produção de incenso e perfume; ágar; pau-de-água.

<sup>4</sup> Cerca de meio quilo.

1 arte superava a matéria em valor, mesmo sendo feitos de diamantes e rubis. Esses  
2 pequenos Cupidos tinham sido animados pelas fadas, para que quando a criança chorasse,  
3 eles a embalsassem e a pusessem para dormir; isso seria uma comodidade maravilhosa para  
4 as nutrizes.

5 As fadas colocaram a princesinha em seus joelhos, envolveram-na em um manto  
6 e lhe deram mais de cem beijos, pois já era tão bela que era impossível não se apaixonar  
7 só de vê-la. Elas notaram que Desejada queria mamar, e logo bateram no chão com sua  
8 varinha, fazendo aparecer uma ótima nutriz para essa amável bonequinha. Faltava apenas  
9 agradecer a criança com alguns dons, e as fadas se apressaram em fazê-lo: uma a presenteou  
10 com virtude, outra com inteligência; a terceira, com uma beleza miraculosa; a seguinte,  
11 com um destino feliz; a quinta desejou-lhe longa saúde; e a última profetizou que ela se  
12 sairia bem em todas as coisas que fosse empreender.

13 Muito contente, a Rainha agradeceu-lhes milhares e milhares de vezes pelos  
14 favores que acabavam de fazer à princesinha. Foi então, porém, que todos viram um  
15 enorme lagostim adentrar a sala, tão grande que a porta quase não foi larga o suficiente  
16 para que ele passasse.

17 — Ah, quão ingrata sois, Rainha! — disse o lagostim. — Não vos dignastes a  
18 lembrar-vos de mim! Será possível que tenhais esquecido tão cedo a Fada da Fonte e os  
19 bons ofícios que eu vos demonstrei ao conduzir-vos à morada das minhas irmãs? Ora,  
20 convidastes todas elas e fui a única negligenciada! Um mal pressentimento sobre a vossa  
21 conduta fez-me assumir a figura de um lagostim quando falei convosco pela primeira vez,  
22 pois sabia que caminharíeis para trás em vossa amizade, e não para frente.

23 Inconsolável com o erro que havia cometido, a Rainha a interrompeu e pediu-lhe  
24 perdão: disse-lhe que acreditava ter chamado sua flor pelo nome, tal como fizera com as  
25 demais, e que devia ter sido enganada pelo buquê de jóias, pois jamais se esqueceria da  
26 gratidão que lhe era devida. Implorou-lhe que não revogasse sua amizade e, sobretudo,  
27 que fosse favorável à princesa. Temendo que ela a dotasse de miséria e infortúnios, as  
28 demais fadas tentaram ajudar a Rainha a acalmá-la:

29 — Minha querida irmã — disseram-lhe elas. — Que Vossa Alteza não vos zangueis  
30 contra uma rainha que nunca teve a intenção de desagradar-vos! Abandonai essa figura  
31 de lagostim e fazei com que vos vejamos com todos os vossos encantos.

32 Como eu já disse, a Fada da Fonte era um pouco coquete, tanto que os elogios de  
33 suas irmãs de fato serviram para amenizá-la:

34 — Bem, não farei a Desejada todo o mal que eu estava resolvida a fazer — disse  
35 ela. — Ademais, se eu quisesse pô-la a perder, nada me impediria de fazê-lo. Contudo, eis  
36 a minha advertência: se a princesa vir a luz do dia antes dos seus quinze anos de idade, ela  
37 terá motivos para se arrepender e isso poderá custar-lhe a vida.

1 O pranto da rainha e as preces das ilustres fadas não a fizeram retirar as palavras  
2 que havia pronunciado. A Fada da Fonte retirou-se em marcha à ré, pois não quis  
3 abandonar sua forma de lagostim.

4 Quando ela se retirou do quarto, a triste rainha pediu às fadas que encontrassem  
5 um modo de proteger sua filha dos males que a ameaçavam. Imediatamente, elas  
6 entraram em conselho e, por fim, depois de terem considerado diferentes sugestões,  
7 escolheram esta: que deveriam construir um palácio sem portas e janelas, com uma única  
8 entrada subterrânea, onde a princesa poderia ser criada até alcançar a idade fatídica que  
9 lhe ameaçava.

10 Três golpes de varinha bastaram para iniciar e terminar esse grande edifício. As  
11 paredes externas eram de mármore branco e verde, os tetos e pisos eram de diamante e  
12 esmeralda, gravados com flores, pássaros e milhares de coisas agradáveis. Tudo era  
13 forrado com tapeçarias de veludo de diferentes cores, bordadas pelas mãos das fadas, e  
14 como elas entendiam de História, tiveram o prazer em registrar o que havia de mais belo  
15 e notável: passado, presente e futuro estavam ali ilustrados, e os feitos heroicos do maior  
16 rei do mundo enchiam muitas cortinas.

17  
18 *De Ares, o Deus da Trácia,*  
19 *Ele tem o porte vitorioso,*  
20 *E dos trovões, o olhar luminoso,*  
21 *Marcas de sua belicosa audácia.*

22  
23 *Com paz e serenidade,*  
24 *Ele governa a França com equilíbrio profundo,*  
25 *E com suas leis, faz com que o resto do mundo*  
26 *Inveja o seu destino de felicidade.*

27  
28 *Pelas mãos dos hábeis pintores reais,*  
29 *Ele é retratado com diferentes feições:*  
30 *Generoso ao fazer a paz,*  
31 *E destemido ao conquistar nações.*

32  
33 As sábias fadas imaginavam que dessa forma conseguiriam ensinar os vários  
34 acontecimentos da vida dos heróis e dos outros homens com mais facilidade à jovem  
35 princesa.

36 Ela só enxergava à luz de velas, e havia tantas que os dias pareciam nunca ter fim  
37 devido à luminosidade perpétua. Todos os mestres de que ela precisava para se aperfeiçoar



1 foram levados àquele lugar; sua inteligência, sua vivacidade e suas habilidades faziam-na  
2 quase sempre predizer o que eles queriam lhe ensinar, deixando-os em estado de  
3 constante admiração por conta das coisas surpreendentes que ela dizia, tudo isso em uma  
4 idade em que as demais crianças mal sabiam chamar sua nutriz. Afinal, ninguém pode  
5 permanecer ignorante e estúpido depois de ter recebido dons de fadas.

6 Se sua inteligência encantava a todos aqueles que se aproximavam dela, sua beleza  
7 não surtia efeitos menos poderosos: ela conquistava mesmo os mais insensíveis, e a  
8 rainha, sua mãe, jamais deixaria sua presença se não fosse pelo seu dever de permanecer  
9 ao lado do rei. De vez em quando, as boas fadas visitavam a princesa, trazendo raridades  
10 ímpares e roupas tão bem ajustadas, tão ricas e tão galantes que pareciam ter sido feitas  
11 para o casamento de alguma jovem princesa não menos amável do que essa de quem  
12 estamos falando. Dentre todas as fadas, Tulipa era a que mais a amava; vivia  
13 recomendando muito cuidado à rainha, para que não a deixasse ver a luz do dia antes dos  
14 quinze anos de idade:

15 — Nossa irmã, a Fada da Fonte, é vingativa — disse-lhe ela. — E faria muito mal  
16 à princesa se ficasse sabendo do nosso interesse por ela. Portanto, madame, permaneça  
17 sempre vigilante.

18 A Rainha prometeu que velaria incessantemente para mantê-la a salvo. Como sua  
19 querida filha estava se aproximando do momento em que poderia deixar o castelo, ela  
20 mandou pintar o seu retrato, que foi levado às maiores cortes do universo. Todos os  
21 príncipes ficaram muito admirados ao vê-la, mas houve um que se sentiu tão comovido  
22 que já não conseguia afastar-se do retrato. Colocando-o em seu gabinete, fechava-se com  
23 ele e conversava como se o quadro pudesse senti-lo e ouvi-lo, contando-lhe as coisas mais  
24 apaixonantes do mundo.

25 O rei, que quase já não via o filho, quis saber quais eram suas ocupações e porque  
26 ele não parecia tão alegre como de costume. Alguns cortesãos, hesitantes sobre como  
27 relatariam o caso (há muitos desse tipo), disseram-lhe que era de se temer que o príncipe  
28 pudesse estar enlouquecendo, pois passava dias inteiros trancado em seu gabinete;  
29 segundo diziam, era possível escutá-lo falando sozinho, como se tivesse na companhia de  
30 alguém. O rei recebeu esse aviso com preocupação:

31 — É possível que meu filho esteja perdendo a razão que sempre demonstrou  
32 possuir? — disse ele aos seus confidentes. — Bem sabeis o quão admirado ele é. Ainda  
33 não fui capaz de perceber nada de errado em seu olhar, ele só me parece cada vez mais  
34 triste. É necessário que eu passe algum tempo junto dele, assim descobrirei se algum tipo  
35 de loucura o acomete.

36 Com efeito, o rei mandou chamá-lo e pediu para que os deixassem a sós. Depois  
37 de ter falado muitas coisas, às quais seu filho não havia prestado muita atenção e mal havia  
38 respondido, ele enfim quis saber o que poderia ter acontecido para que seu humor e sua

1 personalidade estivessem tão diferentes. O príncipe, vendo-se em um momento favorável,  
2 atirou-se a seus pés e disse:

3 — Havíeis decidido que eu me casaria com a Princesa Negra<sup>5</sup>, pois encontras  
4 vantagens nessa aliança, algo que eu não posso vos oferecer se me casasse com a Princesa  
5 Desejada. Porém, Senhor, nesta eu encontro encantos que jamais encontrarei naquela.

6 — Onde foi que as vistes? — perguntou o rei.

7 — Os retratos de uma e da outra me foram trazidos — respondeu o Príncipe  
8 Guerreiro<sup>6</sup> (era assim que o chamavam desde que vencera três grandes batalhas). —  
9 Confesso que fiquei tão fortemente apaixonado pela Princesa Desejada que só me restará  
10 morrer se não retirardes a palavra que destes à Princesa Negra. Antes morrer do que  
11 perder a esperança de estar com aquela a quem amo.

12 — Então é com esse retrato que decidistes conversar, expondo-se ao ridículo para  
13 todos os cortesãos? — disse o rei, repreendendo-o com seriedade. — Eles acham que  
14 perdestes o senso! Se soubésseis da tristeza que isso me casou, teríeis vergonha de  
15 demonstrar tanta fraqueza.

16 — Não me censureis por um sentimento tão belo — ele respondeu. — Quando  
17 virdes o retrato dessa encantadora princesa, aprovareis o que sinto por ela.

18 — Ide buscá-lo agora mesmo! — disse o rei, com um ar de impaciência que  
19 expressava seu descontentamento.

20 O príncipe bem que teria ficado triste se não tivesse a certeza de que nada no  
21 mundo poderia ser igualado à beleza de Desejada. Ele correu até o seu gabinete e voltou à  
22 presença do rei, que ficou quase tão encantado quanto seu filho:

23 — Ó, meu querido Guerreiro! — disse-lhe ele. — Eu consinto com o que desejas,  
24 até mesmo eu rejuvenescerei quando tiver uma princesa tão amável em minha corte!  
25 Enviarei meus embaixadores à corte da Princesa Negra imediatamente para que possam  
26 retirar a minha palavra, o que deverá causar uma dura guerra; contudo, prefiro que seja  
27 assim.

28 O príncipe beijou as mãos de seu pai em sinal de respeito e também abraçou seus  
29 joelhos várias vezes; ficou tão contente que mal o reconheceram. Pressionou o rei a enviar  
30 seus embaixadores não apenas à Negra, mas também à Desejada, e recomendou que  
31 escolhessem o homem mais hábil e mais refinado do reino para ir ao encontro desta  
32 última, pois essa visita deveria ser célebre o bastante para persuadir a princesa a concordar  
33 com a proposta. O rei lançou os olhos sobre Bicafigo<sup>7</sup>, um jovem senhor muito eloquente,  
34 que possuía cem milhões de rendas<sup>8</sup>. Ele amava o Príncipe Guerreiro apaixonadamente e,

---

<sup>5</sup> *Princesse Noire.*

<sup>6</sup> *Prince Guerrier.*

<sup>7</sup> *Becafigue.*

<sup>8</sup> Ao que se figura, Bicafigo era rendatário do governo, ou seja, recebia juros de empréstimos que havia feito.

1 para agradá-lo, preparou a maior tripulação e a mais belas fardas que ele poderia  
2 imaginar. Sua diligência foi extrema, isso porque o amor do príncipe aumentava a cada  
3 dia, e ele o exortava a partir incessantemente:

4 — Sabei que minha vida está em risco — dizia ele em confidência. — Estou quase  
5 perdendo o juízo só de pensar que o pai dessa princesa pode ter feito alianças com outra  
6 pessoa e não desejará quebrá-las a meu favor, fazendo com que eu a perca para sempre.

7 Bicafigo o tranquilizava a fim de ganhar algum tempo, tudo para que as despesas  
8 lhe rendessem mais honorários. Ele liderou oitenta carruagens, e todas brilhavam com  
9 ouro e diamantes; mesmo os menores detalhes encontrava-se bem ornamentados. Depois  
10 vinham outras cinquenta, com vinte e quatro mil pajens a cavalo, todos mais magníficos  
11 que príncipes. E ao restante desse grande cortejo também não faltava esplendor.

12 Durante a audiência de despedida do embaixador, o príncipe o abraçou com força  
13 e disse-lhe:

14 — Lembrai-vos, meu caro Bicafigo, de que minha vida depende do casamento que  
15 negociareis. Portanto, não poupeis esforços para convencê-la disso, e regressai com a  
16 amável princesa que tanto adoro.

17 E então ele o encheu de milhares de presentes cuja galanteria se igualava à  
18 magnificência: lemas amorosos gravados em emblemas de diamante, relógios de  
19 carbúnculos, chanfrados com as iniciais de Desejada, braceletes de rubi talhados em  
20 forma de coração; enfim, tudo o que ele conseguiu imaginar para tentar agradá-la.

21 O embaixador levava consigo o retrato do jovem príncipe, que fôra pintado por  
22 um sábio muito instruído; a pintura falava e fazia pequenos cumprimentos espirituosos.  
23 Decerto que ela não respondia a todas as coisas que lhe diziam, mas mesmo assim não lhe  
24 faltava mais nada. Bicafigo prometeu ao príncipe que não negligenciaria nada para  
25 conseguir satisfazê-lo, acrescentando que estava munido de tanto dinheiro que, se lhe  
26 recusassem a princesa, haveria de encontrar um modo de subornar uma de suas damas  
27 de companhia para que o ajudassem a sequestrá-la.

28 — Ó, não! — exclamou o príncipe. — Não posso concordar com isso, ela ficaria  
29 muito ofendida com um procedimento tão pouco respeitoso.

30 Bicafigo não disse mais nada a respeito disso e partiu.

31 A comitiva se aproximava do reino fazendo um grande estrondo, anunciando sua  
32 chegada. O rei e a rainha ficaram encantados, muito estimaram o embaixador e tomaram  
33 conhecimento dos grandes atos do Príncipe Guerreiro, mas foram seus méritos pessoais  
34 que mais os agradaram; eles jamais encontrariam um marido mais digno para sua filha  
35 em todo o universo. Um palácio foi preparado para abrigar Bicafigo, e todas as ordens  
36 foram dadas para que a corte se portasse com a máxima magnificência.

37 O rei e a rainha resolveram permitir que o embaixador fosse ver a Princesa  
38 Desejada, mas a fada Tulipa foi ao encontro da rainha e disse-lhe:

1 — Acautelai-vos, madame, quanto ao fato de conduzir Bicafigo à nossa criança  
2 (era assim que ela chamava a princesa). Ele não deve vê-la tão cedo, não deveis consentir  
3 em enviá-la ao rei que lhe pede em casamento antes que ela complete quinze anos. Estou  
4 certa de que se ela sair mais cedo, algum infortúnio a acometerá.

5 A rainha abraçou a boa Tulipa e prometeu seguir seu conselho. Em seguida, elas  
6 foram ver a princesa.

7 Quando o embaixador chegou com sua tripulação, demorou vinte e três horas  
8 para todos terminarem de passar, pois havia seiscentas mil mulas cobertas por capas de  
9 veludo e brocado bordadas com pérolas, e cujos sinos e correntes eram de ouro; as ruas  
10 ficaram congestionadas e todos saíram apressados para vê-los. O rei e a rainha saíram do  
11 palácio e foram recebê-lo, tão confortáveis que estavam com sua vinda. Não há razão para  
12 falarmos sobre o discurso que ele fez e sobre as cerimônias que ocorreram de ambos os  
13 lados, pode-se muito bem imaginá-las. Porém, quando ele pediu para saudar a princesa,  
14 ficou muito surpreso ao ter essa graça negada.

15 — Senhor Bicafigo, o fato de vos recusarmos algo que parece tão justo não é por  
16 um capricho particular — disse o Rei. — Devemos informar-vos sobre a estranha  
17 aventura de nossa filha para que saibais o que se passa. À época de seu nascimento, uma  
18 fada criou aversão a ela e ameaçou-a com um grande infortúnio caso ela visse a luz do dia  
19 antes dos quinze anos. Nós a mantemos fechada em um palácio, em belíssimos aposentos  
20 subterrâneos. Estávamos decididos a conduzir-vos até lá, mas a fada Tulipa nos disse para  
21 não fazermos isso.

22 — Como é, Senhor? — respondeu o embaixador. — Terei o desgosto de regressar  
23 sem ela? Acaso não concordastes em tornar o Rei, meu mestre, vosso genro? Ele aguarda  
24 a princesa com grande impaciência. Será possível que acreditareis nessas tolices de  
25 previsões das fadas? Eis o retrato do Príncipe Guerreiro, que eu vos apresento tal como  
26 me foi ordenado; ele é tão fidedigno que, ao contemplá-lo, é como se estivesse diante do  
27 próprio príncipe.

28 Bicafigo desvelou o retrato; instruído a falar apenas com a princesa, ele disse:

29 — Linda Desejada, não podeis imaginar com quanto ardor eu vos aguardo! Vinde  
30 depressa a esta corte para adorná-la com as graças que vos tornam incomparável.

31 E então parou de falar. O Rei e a Rainha ficaram tão surpresos que imploraram a  
32 Bicafigo que lhes entregasse o retrato para que eles o levassem à princesa. Muito contente,  
33 o emissário concordou e o confiou às mãos do casal.

34 A Rainha ainda não havia contado à filha sobre o que estava acontecendo; ela havia  
35 proibido até mesmo as suas damas de companhia de comentarem sobre a chegada do  
36 embaixador, mas elas não a obedeceram, e a princesa ficou sabendo que se tratava de uma  
37 grande proposta de casamento. Contudo, ela era tão prudente que escondeu o fato de sua  
38 mãe. Quando ela enfim apresentou-lhe o retrato falante do príncipe, este lhe rendeu um

1 elogio tão terno e tão galante que Desejada ficou muito surpresa, pois nunca tinha visto  
2 nada parecido. A boa aparência do príncipe, seu ar de inteligência e a regularidade de suas  
3 feições não lhe foram menos surpreendentes que as palavras do retrato.

4 — Ficaríeis triste se tivésseis um esposo parecido com este príncipe? — perguntou  
5 a risonha Rainha.

6 — Madame — ela respondeu. — Não cabe a mim fazer tal escolha, de modo que  
7 sempre me mostrarei contente com o que destinardes a mim.

8 — Seja como for — acrescentou a Rainha. — Se acaso a vossa sorte recaísse sobre  
9 ele, não ficaríeis feliz?

10 Desejada corou, baixou os olhos e não respondeu nada. A Rainha tomou-lhe em  
11 seus braços e beijou-a várias vezes. Foi inevitável verter algumas lágrimas ao pensar que  
12 estava prestes a perdê-la, pois restava menos de três meses para que ela completasse  
13 quinze de idade. Porém, escondendo seu desprazer, contou-lhe tudo a respeito da  
14 embaixada do célebre Bicafigo e entregou-lhe as raridades que ele havia trazido para  
15 presenteá-la. A princesa ficou admirada e a tudo elogiou com muito gosto; entretanto, o  
16 que era mais curioso é que de tempos em tempos seus olhos escapavam e se prendiam ao  
17 retrato do Príncipe, fazendo-a sentir um prazer que até então lhe era desconhecido.

18 O embaixador, percebendo que seus pedidos para que a Princesa lhe fosse  
19 entregue eram inúteis, contentando-se com a promessa de seus pais, dos quais não tinha  
20 razão para duvidar, permaneceu pouco tempo com o Rei e logo retornou ao seu reino a  
21 fim de relatar aos seus superiores o resultado da negociação.

22 Quando o Príncipe soube que teria de esperar por sua querida Desejada por mais  
23 três meses, abateu-se de modo a afligir toda a corte: triste e delirante, ele não conseguia  
24 mais dormir e não comia mais. A vivacidade de sua pele deu lugar a um amarelo doentio,  
25 cor de calêndula<sup>9</sup>, e ele passava dias deitado em um divã em seu gabinete, olhando para o  
26 retrato de sua princesa. Escrevia para ela o tempo todo e apresentava-lhe as cartas, como  
27 se o retrato fosse capaz de lê-las. Por fim, suas forças diminuíram pouco a pouco e ele  
28 adoeceu perigosamente; e não era preciso nenhum médico ou doutor para adivinhar as  
29 causas.

30 O Rei se desesperou, pois amava seu filho mais ternamente do que qualquer outro  
31 pai jamais amou. Sentia que estava prestes a perdê-lo; que dor para um pai! Não havia  
32 remédio capaz de curar o Príncipe: ele ansiava por Desejada e, sem ela, haveria de morrer.  
33 Diante de uma situação tão extrema, o Rei decidiu ir pessoalmente ao encontro do Rei e  
34 da Rainha, pais da Princesa, que a haviam prometido, a fim de sensibilizá-los sobre o  
35 estado de penúria a que o Príncipe fora reduzido, e para implorar-lhes que não adiassem

---

<sup>9</sup> Flor de tonalidade amarela ou alaranjada. “*Coleur de soucis*”: o termo *souci*, além de se referir à flor, também é sinônimo de inquietude, o estado de um espírito atribulado.

1 o casamento, pois ele não haveria de acontecer caso eles estivessem obstinados a esperar  
2 que a Princesa completasse quinze anos.

3 Preparou-se uma comitiva extraordinária; afinal, o Rei faria de tudo para jamais  
4 permitir que um filho tão amável e querido perecesse. No entanto, o soberano encontrou-  
5 se diante de uma dificuldade insuperável: devido a sua idade avançada, ele só poderia  
6 viajar em uma liteira, e esse tipo de veículo não atenderia à impaciência de seu filho, de  
7 sorte que o Rei teve de enviar o fiel Bicafigo como emissário das cartas que ele mesmo  
8 escrevera, as mais tocantes do mundo, feitas para convencer o Rei e a Rainha a acatarem  
9 seu pedido.

10 Enquanto isso, Desejada não tinha menos prazer em admirar o retrato do Príncipe  
11 do que ele tinha de olhar para o dela. Ela ia a todo instante ao lugar onde ele estava, e  
12 apesar de todos os cuidados que tinha para esconder seus sentimentos, era impossível  
13 disfarçá-los. Goiveira e Espinhuda<sup>10</sup>, que eram suas damas de companhia, estavam entre  
14 as pessoas que haviam notado as pequenas inquietudes que começavam a atormentá-la.  
15 Goiveira a amava apaixonadamente e era fiel a ela; Espinhuda, contudo, sempre sentiu  
16 um ciúme secreto de seus méritos e de sua estirpe. Sua mãe havia criado a Princesa, foi  
17 sua governanta e, depois, tornou-se sua Dama de Honra, amando-a como se fosse a  
18 criança mais adorável do mundo. Porém, ela amava ainda mais a sua própria filha e,  
19 percebendo o ódio que ela nutria por Desejada, começou a desgostar da Princesa.

20 O embaixador enviado à corte da Princesa Negra não foi bem recebido, dado o  
21 teor da mensagem que ele fora incumbido de transmitir. Essa etíope era a criatura mais  
22 vingativa do mundo; ela pensava que a visita seria para tratar cordialmente dos  
23 compromissos com ela firmados, um ato de agradecimento. Ela tinha visto um retrato do  
24 Príncipe e por ele se interessara; quando as mulheres etíopes se apaixonam, elas amam  
25 com mais extravagância do que as outras.

26 — Como é, senhor Embaixador? — disse ela. — Vosso mestre não me considera  
27 suficientemente rica e bela? Dai uma volta pelos meus domínios e descobrireis que não  
28 existe outro maior! Visitai o meu tesouro real e vereis mais ouro do que todas as minas  
29 do Peru jamais forneceram! Por fim, olhai para a negritude da minha pele, este nariz  
30 achatado, estes lábios grossos, acaso não tenho tudo para ser considerada bela?

31 — Madame — respondeu o Embaixador, que temia as bastonadas (mais do que  
32 todos aqueles enviados à Porta<sup>11</sup>). — A culpa é de meu mestre e de mais ninguém! Se o  
33 Céu tivesse me colocado sobre o maior trono do universo, eu sei muito bem a quem eu o  
34 ofereceria: a vós.

---

<sup>10</sup> *Giroflée & Longue-épine.*

<sup>11</sup> Referência à “Sublime Porta”, designação dada ao governo do Império Otomano entre os séculos XVII e XX, em referência ao monumental portão de entrada do palácio do governo.

1 — Essas palavras salvarão vossa vida — disse-lhe ela. — Eu estava decidida  
2 começar a minha vingança por vós, mas isso seria injusto, já que não tendes parte na  
3 perversa decisão tomada pelo vosso príncipe. Ide dizer a ele que esse rompimento me  
4 satisfaz, pois detesto gente desonesta.

5 O Embaixador, que não podia lhe pedir qualquer outra coisa a não ser sua licença,  
6 partiu dali tão logo a obteve.

7 Mas a etíope sentiu-se ofendida demais pelo Príncipe Guerreiro para conseguir  
8 perdoá-lo. Ela montou em uma carruagem de marfim arrastada por seis avestruzes que  
9 faziam dez léguas por hora e dirigiu-se ao palácio da Fada da Fonte, que era sua madrinha  
10 e melhor amiga. Contou-lhe sobre sua aventura e implorou-lhe que tomasse as devidas  
11 providências para compensar seu ressentimento. Sensível à dor de sua afilhada, a fada  
12 consultou o Livro Que Tudo Diz e logo ficou sabendo que o Príncipe Guerreiro havia  
13 preterido a Princesa Negra em nome da Princesa Desejada, por quem ele estava  
14 perdidamente apaixonado; descobriu também que ele se encontrava muito doente pelo  
15 simples desejo de querer vê-la. Essa descoberta reacendeu sua cólera, que já estava quase  
16 extinta. Como ela nunca mais a vira desde o dia de seu nascimento, não voltaria a fazer-  
17 lhe mal caso a vingativa Princesa Negra não a tivesse conjurado.

18 — O quê! — ela exclamou ela. — Quer dizer que essa infeliz Desejada continua  
19 tentando me desafiar? Não, adorável princesa, não, minha pequena, eu não permitirei que  
20 ela te afronte desse modo! Os Céus e todos os elementos se engajarão nesse assunto; vai  
21 para casa e descansa sobre a proteção de tua querida madrinha.

22 A Princesa Negra agradeceu e deu-lhe flores e frutas como presentes, aos quais a  
23 fada recebeu com muito prazer.

24 O Embaixador Bicafigo dirigiu-se diligentemente até a capital onde morava o pai  
25 de Desejada, jogou-se aos pés do Rei e da Rainha, verteu muitas lágrimas e disse-lhes,  
26 empregando os termos mais comoventes, que o Príncipe Guerreiro morreria se o prazer  
27 de ver a Princesa, filha deles, fosse adiado por mais tempo. Disse que faltava apenas três  
28 meses para ela completar quinze anos de idade e que nada de desagradável poderia  
29 acontecer a ela em um período tão curto; e também tomou a liberdade de adverti-los,  
30 dizendo que não era certo que Majestades Reais dessem tanto crédito às pequenas fadas.  
31 Enfim, ele discursou muito bem, pois tinha o dom de persuadir. Toda comitiva chorou  
32 com ele, expressando o triste estado a que o jovem príncipe fora reduzido. Os reis  
33 disseram que levariam alguns dias para tomar uma decisão e dar-lhe uma resposta.  
34 Bicafigo, porém, replicou dizendo que só poderia aguardar algumas horas, visto que seu  
35 mestre estava à beira da morte, pois imaginava que a Princesa o odiava e, por isso, queria  
36 atrasar a viagem. Sendo assim, os reis lhe prometeram uma resposta até o anoitecer.

1 A Rainha correu para o palácio de sua querida filha e contou-lhe tudo o que estava  
2 acontecendo. Desejada sentiu uma dor sem precedentes, seu coração apertou e ela  
3 desvaneceu; foi assim que a Rainha soube de seus sentimentos pelo Príncipe:

4 — Não vos afligis, minha querida criança — disse ela. — Faremos de tudo para  
5 curar a vossa dor. Minha única preocupação são as ameaças que a Fada da Fonte fez na  
6 ocasião de vosso nascimento.

7 — Eu aposto, madame, que encontraremos um meio de enganar a fada malvada  
8 — ela replicou. — Por exemplo, eu não poderia viajar a bordo de uma carruagem toda  
9 fechada, onde eu não possa ver a luz do dia? Nós a abríamos somente à noite, à hora do  
10 jantar. Talvez assim eu consiga ir alegremente ao encontro do Príncipe Guerreiro.

11 A Rainha gostou muito desse expediente e transmitiu a ideia ao Rei, que também  
12 concordou. Pediram a Bicafigo que se apresentasse imediatamente, e ele enfim recebeu a  
13 garantias de que a Princesa partiria o mais depressa possível. Portanto, a ele só restava  
14 retornar ao seu reino para transmitir a boa notícia ao seu mestre; ademais, a fim de  
15 apressar ainda mais a viagem, eles renunciariam à comitiva e ao excesso de paramentos  
16 convenientes à sua estirpe. O embaixador, transportado de alegria, lançou-se novamente  
17 aos pés de Suas Majestades para agradecê-los e depois partiu, sem ver a Princesa.

18 A separação do Rei e da Rainha teria sido insuportável para Desejada caso ela não  
19 estivesse tão interessada no Príncipe; acontece, porém, que certos sentimentos sufocam  
20 quase todos os outros. Fizeram-lhe uma carruagem forrada de veludo verde por fora,  
21 adornada com grandes placas de ouro; por dentro, havia brocado de prata e bordados cor-  
22 de-rosa. Era muito grande, mas não possuía janela alguma; era mais fechada que um baú.  
23 Um Senhor do primeiro escalão do reino estava encarregado das chaves que abriam as  
24 fechaduras que haviam sido colocadas nas portas.

25  
26 *As Graças vão junto dela,*  
27 *Os Risos, Prazeres e Jogos,*  
28 *E os Amores respeitosos*  
29 *Prontos para viajar com ela.*  
30 *Ela tem um ar majestoso,*  
31 *Com uma doçura celestial;*  
32 *Emana tudo de glorioso,*  
33 *E o que há de mais especial.*  
34 *Possui os mesmos predicados,*  
35 *Que fazem Adelaide<sup>12</sup> brilhar;*

---

<sup>12</sup> Segundo Nadine Jasmin (2008, p. 133), referência à Maria Adelaide de Saboia (1685-1712), princesa de Saboia, que foi esposa de Luís, Duque da Borgonha, Delfim da França (herdeiro aparente, filho mais velho



1 *E quando o himeneu for celebrado,*  
2 *A paz ela irá instaurar.*  
3

4 Poucos oficiais foram chamados para acompanhá-la, tudo para evitar os atrasos  
5 que um séquito muito numeroso pudesse ocasionar. E depois de terem dado a ela as joias  
6 mais bonitas do mundo e alguns trajes muito requintados, devo dizer que a despedida  
7 quase sufocou o Rei, a Rainha e toda a corte de tanto que eles choraram. Em seguida,  
8 trancaram-na dentro da sombria carruagem na companhia de suas duas damas de  
9 companhia, Espinhuda e Goiveira, e da Dama de Honra.

10 Pode ser que tenham se esquecido de que Espinhuda não gostava da princesa  
11 Desejada; fora isso, ela também estava apaixonada pelo Príncipe Guerreiro, pois tinha  
12 visto seu retrato falante. A mágoa causada por esse trato era tão viva que, estando prestes  
13 a partir, Espinhuda disse à sua mãe que morreria caso o casamento da princesa fosse  
14 realizado, e que, se ela quisesse lhe conservar a vida, teria de encontrar uma maneira de  
15 romper tal acordo. A Dama de Honra disse-lhe para não se afligir, pois tentaria remediar  
16 sua dor e fazer-lhe feliz.

17 Quando a Rainha enviou sua querida filha, fez todo tipo de recomendação que  
18 possa existir a essa malvada mulher:

19 — Quão grande é o tesouro que deposito em vossas mãos! — disse-lhe ela. — Vale  
20 mais que a minha vida! Cuidai da saúde da minha filha, e, acima de tudo, cuidai para que  
21 ela não veja a luz do dia, se não tudo estará perdido, bem sabeis dos males que a ameaçam.  
22 Instruí o embaixador do Príncipe Guerreiro a encerrá-la em um castelo onde ela não  
23 tenha acesso à luz do dia, somente à luz de velas, até que complete quinze anos.

24 A Rainha cobriu a referida dama de presentes para incentivá-la a cumprir suas  
25 ordens com a maior precisão possível; a mulher, por sua vez, comprometeu-se a velar pela  
26 conservação da princesa e a enviar-lhe um bom relato assim que chegassem lá.

27 Desse modo, o Rei e a Rainha puderam ficar menos inquietos, despreocupados  
28 com a sua querida filha; de alguma forma, isso serviu para moderar a dor causada pela  
29 sua partida. Espinhuda, porém, permanecia sempre atenta aos oficiais da princesa,  
30 responsáveis por abrirem a carruagem para servi-la na hora do jantar; quando ficou  
31 sabendo que já estavam se aproximando da cidade onde eram esperados, incitou sua mãe  
32 a realizar seu plano antes que fosse tarde demais, pois temia que o Rei ou o Príncipe viesse  
33 ao encontro de Desejada. Sendo assim, de repente, por volta do meio-dia, quando o Sol  
34 disparava seus raios com toda força, a Dama rasgou o imperial<sup>13</sup> da carruagem com uma  
35 grande faca, que trouxera consigo justamente para esse propósito. Então, pela primeira

---

de Luís XIV, que acabou morrendo antes do pai e nunca veio a assumir o trono), e mãe de Luís XV. Casou-se formalmente aos doze anos de idade.

<sup>13</sup> Cobertura superior de certos veículos.

1 vez, a Princesa Desejada viu o dia. Assim que ela olhou para a luz e soltou um profundo  
2 suspiro, precipitou-se da carruagem transformada em uma Corça branca e meteu-se a  
3 correr para a floresta mais próxima, embrenhando-se em um canto escuro, tudo para que  
4 pudesse lamentar sozinha a perda de todos os encantos de sua figura.

5 A Fada da Fonte, que era quem conduzia essa estranha aventura, vendo que todos  
6 aqueles que acompanhavam a princesa puseram-se a correr – alguns para segui-la e outros  
7 para ir à cidade avisar o Príncipe Guerreiro do infortúnio que tinha acabado de acontecer  
8 –, tratou de perturbar a natureza imediatamente: relâmpagos e trovões assustaram até  
9 mesmo os mais assegurados, e, por intermédio de sua maravilhosa sabedoria, transportou  
10 todas essas pessoas para bem longe, a fim de afastá-las do reino em que eram aguardadas.

11 Não restava mais ninguém além da Dama de Honra, Espinhuda e Goiveira. Esta  
12 última, porém, pôs-se a correr atrás de sua ama, gritando seu nome por entre os bosques  
13 e rochedos, enquanto fazia suas lamentações. As outras duas, jubilosas por terem se  
14 livrado da princesa, não perderam um só momento e logo fizeram o que haviam  
15 planejado. Espinhuda vestiu as roupas mais requintadas de Desejada: seu manto real, que  
16 fora feito para suas núpcias e era de uma riqueza incomparável, sua coroa, que tinha  
17 diamantes duas ou três vezes maiores que um punho, seu cetro, que era feito de um único  
18 rubi, e o globo que ela seguraria na outra mão, que era uma pérola maior que sua cabeça.  
19 Todas essas raridades eram muito pesadas para se carregar, mas era necessário convencer  
20 a todos de que ela era a princesa, portanto não poderia negligenciar nenhum dos  
21 ornamentos reais.

22 Assim vestida, Espinhuda seguia acompanhada de sua mãe, que carregava a cauda  
23 de seu manto, caminhando rumo à cidade. Essa falsa princesa marchava com pompa, pois  
24 tinha a certeza de que logo viriam ao seu encontro; e, de fato, elas mal haviam avançado  
25 quando enfim avistaram uma grande cavalaria, contendo ao centro duas liteiras  
26 brilhantes de ouro e pedrarias, carregadas por mulas adornadas com longos penachos de  
27 plumas verdes (pois essa era a cor favorita da princesa). O Rei ocupava uma liteira, e o  
28 adoentado Príncipe a outra. Os mais ansiosos galoparam em direção a elas e, a julgar pela  
29 magnificência de suas vestes, concluíram que deveriam ser pessoas de distinção.  
30 Desmontando dos cavalos, abordaram-nas respeitosamente.

31 — Tende a gentileza de me informar quem são esses que ocupam as liteiras —  
32 disse Espinhuda.

33 — Madame — eles responderam. — Trata-se do Rei e do Príncipe, seu filho, que  
34 vêm ao encontro da Princesa Desejada.

35 — Eis-me aqui — ela continuou. — Ide informar-lhes de minha chegada. Uma  
36 fada com ciúmes da minha bonança dispersou todos aqueles que me acompanhavam,  
37 lançando centenas de raios e relâmpagos, operando prodígios surpreendentes. Mas aqui  
38 está minha Dama de honra, que traz consigo as cartas do Rei, meu pai, e minhas jóias.

1           Esses cavaleiros não tardaram a beijar a orla de seu vestido e partiram em  
2 diligência para dizer ao Rei que a princesa se aproximava:

3           — Como?! — ele exclamou. — Ela vem a pé em plena luz do dia?

4           E então contaram-lhe o que ela lhes dissera. O Príncipe, ardendo de impaciência,  
5 chamou-lhes e fez alguns comentários:

6           — Admiti que ela é um prodígio da beleza, um milagre, uma princesa totalmente  
7 perfeita!

8           Porém, para a surpresa do Príncipe, eles não responderam nada.

9           — Há tanto o que se louvar que preferistes vos calar, não é? — ele prosseguiu.

10          — Senhor — disse o mais ousado deles. — Vereis que a fadiga da viagem talvez  
11 tenha afetado a fisionomia dela.

12          O Príncipe ficou espantado; se não estivesse tão fraco, teria corrido para fora da  
13 liteira a fim de satisfazer sua impaciência e sua curiosidade. O Rei desceu e avançou com  
14 toda a corte para juntar-se à falsa princesa; contudo, assim que lançou os olhos sobre ela,  
15 soltou um grande grito, recuou alguns passos e exclamou:

16          — O que é isso? Traição!

17          — Senhor — disse a Dama de honra, avançando audaciosamente. — Eis aqui a  
18 Princesa Desejada, as cartas do Rei e da Rainha e também a caixa de joias que eles me  
19 encarregaram de entregar-vos quando partimos.

20          O Rei manteve-se em silêncio diante de tudo aquilo, enquanto o Príncipe, apoiado  
21 em Bicafigo, aproximava-se de Espinhuda. Ó, deuses! Qual não foi sua decepção ao  
22 deparar-se com essa menina, cuja extraordinária altura era apavorante? Ela era tão alta  
23 que as vestes da princesa mal cobriam seus joelhos; era de uma magreza assustadora, tinha  
24 um nariz mais torto que o bico de um papagaio, que brilhava com um vermelho reluzente.  
25 Nunca se viu dentes mais escuros e desalinhados; enfim, o que Desejada tinha de beleza,  
26 Espinhuda tinha de feiúra.

27          Ao vê-la, p Príncipe, que até então só se ocupara em pensar no encantador retrato  
28 de sua princesa idealizada, ficou em transe, imóvel, sem forças para pronunciar uma  
29 palavra sequer. Olhando para ela com feição de espanto, dirigiu-se ao rei:

30          — Eu fui traído — disse ele. — Aquele maravilhoso retrato pelo qual comprometi  
31 minha solteirice não tem nada de parecido com a pessoa que nos enviaram! Eles  
32 conseguiram nos enganar, e isso me custará a vida!

33          — O que é que estais dizendo, senhor? — disse Espinhuda. — Alguém tentou vos  
34 enganar? Pois então sabeis que jamais ireis me desposar! Vossas afrontas e vosso orgulho  
35 não têm precedentes!

36          Fitando-os com desprezo, a Dama de honra exclamou:

1 — Ah, minha bela princesa, vede como fomos recebidas! Isso é jeito de tratar uma  
2 pessoa da vossa estirpe? Que desrespeito, que maus modos! O Rei, vosso pai, ficará  
3 sabendo disso!

4 — Nós é que vamos pedir explicações! — respondeu o Rei. — Ele nos prometeu  
5 uma linda princesa, mas enviou um esqueleto, uma múmia de fazer medo! Não me  
6 surpreende o fato dele ter mantido esse belo tesouro escondido por quinze anos! Ele  
7 queria enganar o primeiro tolo que encontrasse, e foi sobre nós que essa sorte caiu. Mas  
8 certamente nos vingaremos!

9 — Que ultraje! — gritou a falsa princesa. — Como se já não fosse infeliz o bastante,  
10 ainda acreditei na palavra dessa gente! Vede o grande infortúnio que pode recair sobre  
11 aquela que é retratada um pouco mais bonita do que realmente é! Acaso isso não acontece  
12 todos os dias? Se por tais inconvenientes os príncipes decidissem rejeitar suas noivas,  
13 poucos se casariam.

14 O Rei e o Príncipe, transportados pela cólera, não se dignaram a respondê-la. Cada  
15 qual subiu em sua liteira e, sem mais cerimônias, um guarda-costas colocou a Princesa e  
16 a Dama de honra em uma algibeira, e assim conduziu-as à cidade, onde, por ordem do  
17 rei, foram trancadas no Castelo das Três Pontas.

18 O Príncipe Guerreiro ficou arrasado com o golpe que tentaram lhe pregar, tanto  
19 que seu coração foi completamente tomado por uma grande aflição. Quando tinha forças  
20 o suficiente para se lamentar, dizia coisas terríveis sobre seu destino cruel. Ele continuava  
21 apaixonado, mas não tinha nada além de um retrato como objeto de sua paixão. Suas  
22 esperanças se esvaíram e todas as ideias tão encantadoras que tinha sobre a Princesa  
23 Desejada foram logradas; teria preferido morrer a se casar com aquela que dizia sê-la.  
24 Enfim, ninguém nunca sentiu tanto desespero quanto ele. Assim, com o intuito de poupar  
25 a corte de todo aquele sofrimento, ele resolveu partir secretamente e dirigir-se a algum  
26 lugar onde pudesse viver sozinho enquanto ainda lhe restava alguma saúde, um lugar em  
27 que pudesse passar o resto de sua triste vida.

28 Guerreiro comunicou seu desejo apenas ao fiel Bicafigo, pois estava bem  
29 convencido de que ele o apoiaria em tudo e o seguiria onde quer que fosse; ademais, o  
30 embaixador era quem mais estava ciente de todos os detalhes referentes àquela maligna  
31 reviravolta. Assim que começou a se sentir um pouco melhor, o príncipe escreveu uma  
32 grande carta para o Rei e deixou-a na mesa de seu gabinete; assegurou-lhe de que assim  
33 que sua mente estivesse mais tranquilizada, ele retornaria. Suplicou-lhe, entretanto, que  
34 continuasse pensando em sua vingança, e que mantivesse a princesa feia aprisionada para  
35 sempre.

36 É fácil julgar a dor que o Rei sentiu quando recebeu essa carta. A separação de um  
37 filho tão querido o fez pensar que fosse até morrer. Enquanto todos estavam ocupados  
38 consolando-o, o Príncipe e Bicafigo afastaram-se dali e, depois de três dias, chegaram a

1 uma vasta floresta. Ela era tão sombreada pela grandeza das árvores e tão agradável pelo  
2 frescor da relva e dos riachos que fluíam por todos os lados que o Príncipe, fadigado pela  
3 extensão da viagem (pois ele ainda estava doente), desceu do cavalo, lançou-se tristemente  
4 sobre a terra e pôs a mão sobre a cabeça; estava quase incapaz de falar de tão fraco que se  
5 encontrava.

6 — Senhor — disse Bicafigo. — Enquanto descansais, procurarei alguns frutos para  
7 vos refrescardes, além de reconhecer os arredores do lugar onde estamos.

8 O Príncipe não respondeu nada, apenas fez um sinal em demonstração de  
9 concordância.

10 Já faz muito tempo que deixamos a Corça no bosque, quero dizer, a incomparável  
11 princesa. Ela chorou feito uma corça desolada quando viu seu rosto refletido em uma  
12 fonte que serviu-lhe de espelho:

13 — O quê! Estou assim? — disse ela. — Ora, eis que me encontro forçada a viver a  
14 mais estranha aventura advinda do reino das fadas! Como isso poderia acontecer a uma  
15 princesa tão inocente como eu? Quanto tempo vai durar minha metamorfose? Onde é  
16 que me esconderei para que leões, ursos e lobos não me devorem? Como conseguirei  
17 alimentar-me de grama?

18 Enfim, ela fez mil perguntas a si mesma, sentindo a mais cruel das dores que  
19 alguém pode sentir. A verdade é que se havia algo que lhe servia de conforto, era o fato de  
20 ter se tornado uma bela corça, tão bela quanto ela era enquanto princesa.

21 A fome pressionou Desejada, que começou a mastigar a grama com um bom  
22 apetite, o que a deixou deveras surpresa. Em seguida, deitou-se sobre o musgo; não  
23 demorou para que fosse surpreendida pela chegada da noite, o que lhe trouxe temores  
24 inconcebíveis. Ela conseguia escutar a aproximação dos bichos ferozes e, muitas vezes,  
25 esquecendo-se de era uma corça, tentava subir em uma árvore. A claridade do dia trazia-  
26 lhe um pouco mais de segurança; ela admirava a sua beleza, e o Sol parecia-lhe algo tão  
27 maravilhoso que ela não conseguia parar de admirá-lo. Tudo o que ouvira falar sobre ele  
28 parecia-lhe muito aquém do que via, e esse era o único consolo que ela encontrava em um  
29 lugar tão deserto, onde permaneceu sozinha por vários dias.

30 A fada Tulipa, que sempre amou essa princesa, ressentiu fortemente o seu  
31 infortúnio. Sentia-se genuinamente desrespeitada pela Rainha, que teria feito pouco caso  
32 de seus avisos; afinal, alertara diversas vezes que a princesa poderia se dar mal caso visse  
33 a luz do dia antes de completar quinze anos. Mesmo assim, Tulipa decidiu não abandoná-  
34 la à fúria da Fada da Fonte, e foi ela quem guiou os passos de Goiveira pela floresta, a fim  
35 de que essa fiel confidente pudesse consolar a princesa em sua desgraça.

36 Essa bela Corça passeava tranquilamente ao longo de um riacho quando Goiveira,  
37 que mal conseguia andar, deitou-se para descansar. Ela pensava, cheia de tristeza, para  
38 onde deveria ir a fim de encontrar sua querida princesa. Quando a Corça a avistou,

1 imediatamente cruzou o riacho, que era largo e profundo, e lançou-se em seu colo para  
2 enchê-la de mil carícias. Goiveira ficou bastante surpresa, pois não sabia se os bichos  
3 daquele lugar nutriam alguma amizade especial pelos homens, se possuíam sentimentos  
4 humanos, ou então se a corça a conhecia; afinal, era algo muito singular que uma corça se  
5 prestasse tão bem a fazer as honras da floresta. Olhou atentamente para ela e percebeu,  
6 com extrema surpresa, que grandes lágrimas fluíam de seus olhos; foi então que não teve  
7 dúvidas de que se tratava de sua querida princesa. Pegando suas patas, beijou-as com  
8 tanto respeito e ternura quanto se estivesse beijando suas mãos. Falou com ela, e logo  
9 percebeu que a Corça a entendia, mas que não conseguia respondê-la; houve lágrimas e  
10 suspiros redobrados de ambas as partes. Goiveira prometeu à sua ama que não a deixaria,  
11 ao que a Corça respondeu fazendo mil pequenos sinais com a cabeça e os olhos, o que  
12 serviu para expressar seu contentamento. De sua parte, a Corça também prometeu que  
13 consolaria algumas de suas tristezas.

14 Eles permaneceram juntas a maior parte do dia, até Corcinha<sup>14</sup> teve medo de que  
15 sua fiel Goiveira estivesse com fome. Sendo assim, conduziu-a a um lugar na floresta onde  
16 havia notado algumas frutas selvagens, que não deixavam de ser muito boas. Goiveira  
17 colheu um punhado delas, pois estava morrendo de fome. Porém, assim que terminaram  
18 de comer, um grande temor lhes sobreveio, pois não sabiam para onde se retirariam na  
19 hora de dormir; afinal, não poderiam permanecer no meio da floresta, expostas a todo  
20 tipo de perigos. Parecia um problema impossível de ser resolvido.

21 — Não tendes medo, charmosa Corça, de passar a noite aqui? — ela perguntou.

22 A Corça elevou os olhos ao céu e suspirou.

23 — Já viajaste por uma parte dessa vasta solidão — Goiveira prosseguiu. — Acaso  
24 não vistes nenhuma casa de campo, uma mina de carvão, uma cabana ou algum  
25 eremitério<sup>15</sup>?

26 A julgar pelos movimentos de sua cabeça, a Corça respondeu que não vira nada.

27 — Ó, deuses! — exclamou Goiveiro. — Eu não amanhecerei viva! Ainda que eu  
28 tenha a sorte de escapar dos tigres e dos ursos, tenho certeza de que somente o medo já  
29 será o suficiente para me matar! Não há escapatória, minha querida princesa, só me resta  
30 lamentar pela minha vida e também pela vossa. Céus! Há algo mais triste do que ser  
31 abandonada em uma floresta, totalmente desprovida de qualquer esperança?

32 A pequena Corça se pôs a chorar, e chorava quase como se fosse uma pessoa. Suas  
33 lágrimas comoveram a fada Tulipa, que a amava muito.

34 — Eu não posso repreender-vos — disse ela. — Pois o estado em que vos vejo me  
35 faz muita pena.

---

<sup>14</sup> *Bichette*.

<sup>15</sup> Lugar para onde os eremitas se retiram.

1 Corcinha e Goiveira interromperam-na, lançando-se de joelhos a seus pés; a  
2 primeira beijou-lhe as mãos, acariciando-as da maneira mais terna no mundo, enquanto  
3 a outra implorava-lhe que tivesse misericórdia da princesa, que lhe devolvesse sua figura  
4 natural.

5 — Isso não depende de mim — disse Tulipa. — Aquela que vos fez tanto mal tem  
6 muito poder. Eu, porém, posso encurtar a duração dessa penitência a fim de suavizá-la:  
7 assim que o dia der lugar à noite, ela deixará sua forma de Corça. Porém, logo que a  
8 Aurora raiar, ela voltará a se transformar, e tornará a correr pelas planícies e florestas  
9 como as outras corças.

10 Desejada já estava prestes a deixar de ser uma corça, pois a noite logo chegaria. A  
11 Princesa demonstrou sua alegria dando saltos e piruetas que deixaram Tulipa encantada.

12 — Avançai por esta pequena senda — disse-lhes ela. — E encontrareis uma cabana  
13 suficientemente apropriada para um lugar campestre.

14 Ao pronunciar essas palavras, ela desapareceu. Goiveira obedeceu e seguiu com  
15 Corcinha pela rota indicada, onde encontrou uma velha senhora assentada sobre o  
16 batente de uma porta; ela estava terminando de tecer um finíssimo cesto de vime. Goiveira  
17 cumprimentou-a:

18 — Minha boa mãe, acaso poderíeis abrigar-me, a mim e à minha corça? — disse-  
19 lhe ela. — Um quartinho já seria o bastante.

20 — Sim, minha bela filha — ela respondeu. — É com prazer que vos recebo aqui;  
21 entrai com a vossa corça.

22 E então conduziu-as a um quarto muito bonito, todo revestido de madeira de  
23 cerejeira, onde havia duas pequenas camas de pano branco e lençóis finos; tudo era tão  
24 simples e limpo, que, mais tarde, a Princesa chegou a dizer que jamais imaginaria  
25 encontrar um lugar que fosse mais agradável ao seu gosto.

26 Assim que a noite chegou, Desejada deixou de ser uma corça, e abraçou sua  
27 querida Goiveira centenas de vezes, agradecendo-lhe pelo afeto que a fez segui-la apesar  
28 de seu destino, prometendo-lhe que faria de tudo para fazê-la feliz assim que sua  
29 penitência terminasse.

30 A velha bateu delicadamente em sua porta e, sem entrar, entregou excelentes  
31 frutas a Goiveira, as quais a Princesa comeu com grande apetite. Depois, elas foram se  
32 deitar. Assim que o dia raiou, Desejada transformou-se em Corça e começou a arranhar  
33 a porta para que Goiveira a abrisse. Elas expressaram profundo pesar por terem de se  
34 separar, embora não fosse por muito tempo. E tendo a Corcinha se embrenhado para as  
35 profundezas do bosque, começou a correr como era de sua natureza.

36 Como eu havia dito, o Príncipe Guerreiro havia se retirado para a floresta e  
37 Bicafigo estava passeando por ela a fim de encontrar alguma fruta. Era muito tarde  
38 quando ele chegou à casa da boa e velha mulher de quem falei. Abordando-a com

1 civilidade, perguntou-lhe se tinha as coisas de que precisava para levar ao seu amo. Ela  
2 logo tratou de entregar-lhe uma cesta bem cheia.

3 — Temo que se passardes a noite desabrigado, sereis acometido por algum  
4 incidente — disse-lhe ela. — Eu vos ofereço um abrigo muito pobre, mas ao menos ele  
5 vos protegerá dos leões.

6 Ele agradeceu, disse que estava com um de seus amigos e que faria a proposta para  
7 que ele se abrigasse em sua cabana. De fato, ele era tão bom em persuadir o Príncipe que  
8 logo fê-lo consentir em ser levado à presença dessa boa mulher. Quando eles chegaram,  
9 ela ainda estava à porta, e, sem fazer ruído nenhum, levou-os a um quarto semelhante  
10 àquele que a princesa ocupava. Eles ficavam muito perto um do outro, separados apenas  
11 por uma partição.

12 O Príncipe passou a noite com as inquietudes de sempre, mas assim que os  
13 primeiros raios do sol atravessaram suas janelas, ele se levantou e, para amenizar sua  
14 tristeza, saiu para a floresta, pedindo a Bicafigo que não o acompanhasse. Caminhou por  
15 muito tempo sem manter nenhuma rota definida, até que alcançou uma paragem bastante  
16 espaçosa, coberta de árvores e musgos, de onde viu sair uma Corça. Devido à sua forte  
17 propensão para a caça, não pode deixar de segui-la, ainda que tal inclinação estivesse  
18 esmorecida por conta da paixão que tinha em seu coração. Apesar disso, ele perseguiu a  
19 pobre Corça e tentou alvejá-la de tempos em tempos. Ela, por sua vez, estava morrendo  
20 de medo; acontece, porém, que os tiros não eram capazes de acertá-la, pois sua amiga  
21 Tulipa a protegia. Só mesmo a mão amiga de uma fada para evitar que ela perecesse sob  
22 tiros tão certos! Ninguém jamais se cansou tanto quanto a Princesa das Corças, pois o  
23 exercício que fazia era uma novidade para ela. Por fim, ela se desviou por uma senda com  
24 tanta habilidade que o perigoso caçador a perdeu de vista, e, encontrando-se  
25 extremamente fadigado, não insistiu em persegui-la.

26 O dia transcorreu dessa maneira, e a Corça se alegrou quando enfim chegou a hora  
27 de se retirar. Volveu os passos em direção à cabana, onde Goiveira a esperava com  
28 impaciência. Assim que entrou em seu quarto, jogou-se na cama, ofegante; estava toda  
29 suada. Goiveira fez-lhe mil carícias, estava louca para saber o que tinha acontecido com  
30 ela. Chegada a hora de se descorcizar<sup>16</sup>, a bela princesa retomou sua forma comum,  
31 abraçou o colo de sua favorita e disse-lhe:

32 — Céus! Pensei que não tinha nada a temer além da Fada da Fonte e dos cruéis  
33 habitantes das florestas, mas hoje fui perseguida por um jovem caçador, a quem mal pude  
34 ver, pois estava com pressa para fugir. Ele disparou milhares de tiros contra mim,  
35 ameaçando-me com uma morte inevitável. Ainda não sei como é que consegui me salvar.

---

<sup>16</sup> *Débichonner* (neologismo).



1 — Não saiais mais, minha princesa — respondeu Goiveira. — Permaneci neste  
2 cômodo durante o período de vossa penitência. Irei à cidade mais próxima e comprarei  
3 livros para o vosso entretenimento; leremos os novos contos que foram feitos sobre as  
4 fadas, faremos versos e canções.

5 — Desisti dessa ideia, minha querida — disse a Princesa, repreendendo-a. — Só  
6 de pensar no Príncipe Guerreiro já me mantenho suficientemente ocupada. Contudo, o  
7 mesmo poder que durante o dia me reduz à triste condição de corça também me força a  
8 fazer o que elas fazem, malgrado a minha natureza. Eu corro, pulo e como a grama como  
9 elas; passar esse tempo em um quarto seria insuportável para mim.

10 Ela estava tão exausta devido à caça que logo pediu de comer; em seguida, seus  
11 belos olhos se fecharam até o raiar da Aurora. Assim que viu a luz, a metamorfose ocorreu  
12 e ela voltou para a floresta.

13 O Príncipe, por sua vez, também regressara à noite para se juntar ao seu favorito.

14 — Passei o tempo perseguindo a corça mais bonita que já vi — disse ele. — Ela se  
15 esquivou de mim centenas de vezes com uma habilidade maravilhosa! Meus tiros foram  
16 certos, não entendo como ela conseguiu evitar meus golpes. Assim que amanhecer, irei  
17 procurá-la novamente, e dessa vez não a deixarei escapar.

18 De fato, este jovem Príncipe, querendo afastar de seu coração uma ideia que ele já  
19 considerava quimérica, ocupou-se de sua paixão pela caça, o que servia para amenizar sua  
20 tristeza. Logo cedo, dirigiu-se para o mesmo lugar onde avistara a Corça, mas ela tratou  
21 de se afastar dali, temendo passar por uma aventura semelhante à do dia anterior. Ele a  
22 procurou por toda parte e caminhou por um longo tempo. Sentindo-se exausto, ficou  
23 encantado ao encontrar maçãs cujas cores muito lhe agradaram; ele as colheu, as comeu  
24 e, quase que imediatamente, adormeceu em um sono profundo, deitado sobre a relva  
25 fresca, à sombra das árvores, onde mil pássaros se reuniam.

26 Enquanto ele dormia, nossa medrosa Corça, ávida por conhecer novas paragens,  
27 passou por aquela onde o Príncipe estava. Se ela o tivesse avistado mais cedo, certamente  
28 fugiria; porém, vendo-se tão perto dele, não pôde deixar de admirá-lo, dada a segurança  
29 de sua sonolência. Sendo assim, a Corça se entreteve analisando todos os seus traços. Ó,  
30 Deuses! O que ela não sentiu ao reconhecê-lo! Seu espírito ficou tão arrebatado pelo  
31 encanto de finalmente vê-lo que ela perdeu a noção do tempo. Amor, Amor, o que desejais,  
32 afinal? Que a Corcinha corra o risco de perder sua vida pelas mãos de seu amado? Sim,  
33 ela estava exposta a esse perigo, pois já não pensava em sua segurança. Deitou-se a poucos  
34 passos dele, admirando-o com um olhar cheio de alegria, sem conseguir desviá-lo do  
35 Príncipe um momento sequer. Ela suspirava e soltava leves gemidos; enfim, agindo com  
36 um pouco mais de ousadia, chegou ainda mais perto e tocou-lhe. Foi quando ele acordou.

37 Sua surpresa foi extrema, pois reconheceu a mesma Corça que lhe dera tanto  
38 trabalho no dia anterior, a qual havia procurado por um longo tempo. Encontrá-la assim,

1 agindo com tanta familiaridade, pareceu-lhe uma coisa rara. Mas a Corça não esperou até  
2 que ele tentasse capturá-la; fugiu com toda sua força, e ele a seguiu com toda a sua.  
3 Ocasionalmente, os dois paravam para recuperar o fôlego; a bela Corça ainda estava  
4 cansada do tanto que havia corrido no dia anterior, e o príncipe não menos do que ela.  
5 Mas sabe o que mais dificultava a fuga da Corcinha? Céus! Era ter de se afastar daquele  
6 que a feria em seu interior, mas que não conseguiria feri-la com nenhuma flecha que  
7 atirasse contra ela. O Príncipe percebeu que, de vez em quando, ela voltava a cabeça e  
8 olhava para ele, como se perguntasse se seu desejo era matá-la sob seus golpes. E quando  
9 ele ficava mais perto de alcançá-la, ela fazia mais esforços para se salvar.

10 — Ah, se pudesses me entender, pequena Corça, então não me evitarias — ele  
11 exclamava. — Eu te amo, quero te alimentar, és encantadora, vou cuidar de ti!

12 Mas o ar carregava suas palavras elas não chegavam até a Corça.

13 Enfim, depois de ter dado uma volta na floresta, nossa Corça não conseguia mais  
14 sustentar os seus passos, ao que o Príncipe, redobrando os seus, enfim a alcançou,  
15 sentindo uma alegria que ele já não pensava ser capaz de sentir. Ele viu que ela tinha  
16 perdido todas as suas forças e encontrava-se deitada, tal como um bichinho semimorto,  
17 aguardando pelo fim de sua vida nas mãos de seu conquistador. Porém, em vez de agir  
18 com crueldade, ele começou a acarinhá-la:

19 — Bela Corça — disse-lhe ele. — Não tenhas medo, quero levar-te comigo para  
20 que me acompanhes onde quer que eu vá.

21 Em seguida, ele cortou alguns ramos das árvores e entrelaçou-os habilmente,  
22 fazendo uma esteira, que forrou com folhas de ervas, musgos e pétalas de rosas, pois ali  
23 havia alguns arbustos bem carregados. Depois, pegou a Corça em seus braços, apoiou sua  
24 cabeça em seu colo e, suavemente, colocou-a deitada sobre os ramos. Sentou-se ao lado  
25 dela e começou a procurar ervas finas, as quais ofereceu-lhe para comesse em sua mão.

26 O Príncipe continuou conversando com a Corça, embora estivesse convencido de  
27 que ela não o entendia. Contudo, apesar de qualquer prazer que ela pudesse sentir, estava  
28 preocupada, pois a noite estava prestes a chegar:

29 — O que seria de mim se ele testemunhasse a minha repentina transformação? —  
30 disse consigo mesma. — Ficaria assustado e fugiria de mim! E mesmo se não fugisse, o  
31 que seria de mim, totalmente sozinha em uma floresta?

32 Enquanto ela ainda pensava em um modo de se salvar, o Príncipe acabou por  
33 fornecer-lhe uma oportunidade: temendo que ela pudesse estar com sede, saiu para tentar  
34 encontrar algum riacho para onde pudesse levá-la. Enquanto ele procurava, a Corça fugiu  
35 bem depressa e voltou ao casebre onde Goiveira esperava por ela. Tal como no dia  
36 anterior, jogou-se em sua cama e, assim a noite chegou e sua metamorfose cessou, relatou-  
37 lhe sua aventura.

1 — Acreditais, minha querida, que meu Príncipe Guerreiro está nesta floresta? —  
2 disse-lhe ela. — Foi ele quem me perseguiu e, ao me capturar, fez-me mil carícias! Ah, o  
3 retrato que me foi dado não é deveras fiel! Ele é cem vezes mais primoroso e mesmo toda  
4 a descompostura comum aos caçadores não afeta em nada a sua boa aparência; todas as  
5 suas inexprimíveis qualidades mantêm-se conservadas! Ora, como me sinto infeliz por  
6 ser forçada a fugir do Príncipe que me foi destinado pelos meus amados pais, que tanto  
7 me amam! Alguma fada perversa deve ter criado uma antipatia por mim no dia de meu  
8 nascimento, e está disposta a atribular todos os outros que ainda estão por vir.

9 Ela começou a chorar e Goiveira a consolou, fazendo-a crer na esperança de que  
10 um dia suas tristezas se transformariam em prazeres.

11 Depois de ter achado uma fonte, o Príncipe voltou para buscar sua querida Corça,  
12 mas não conseguiu encontrá-la no local onde a deixara. Procurou-a por toda parte, mas  
13 foi em vão. Por fim, entristeceu-se tal como se ela tivesse agido movida pela razão:

14 — Ora! — ele exclamou. — Eu nunca terei nada além de queixas contra esse sexo  
15 enganador e infiel?

16 E então retornou à casa da boa velhinha cheio de melancolia. Contou ao seu  
17 confidente a aventura com a Corcinha e acusou-a de ingratidão. Bicafigo não conseguiu  
18 conter o riso diante da ira de Guerreiro, e aconselhou-o a punir a Corça quando a  
19 reencontrasse.

20 — Eu só continuarei aqui para isso! — respondeu o Príncipe. — Depois,  
21 seguiremos para mais longe.

22 Um novo dia amanheceu e, com ele, a Princesa retomou sua figura de Corça  
23 Branca. Ela não sabia o que fazer: ir para os mesmos lugares onde o Príncipe costumava  
24 passear ou então tomar o caminho oposto para poder evitá-lo. Acabou optando pela  
25 segunda ideia e afastou-se bastante. O jovem Príncipe, porém, que era tão esperto quanto  
26 ela, tomou os mesmos rumos, pois acreditava que ela tentaria despistá-lo, de modo que  
27 acabou por encontrá-la nas profundezas da floresta. A Corça se sentia segura, até que o  
28 avistou; de imediato, deu um salto e pulou sobre os arbustos. Tal como se tivesse  
29 apreendido com o dia anterior, fugiu mais ligeira que os ventos. Contudo, enquanto  
30 atravessava uma senda, o Príncipe mirou tão bem que acabou acertando uma flecha em  
31 sua pata. Ela sentiu uma dor violenta e não teve mais forças para fugir, deixando-se  
32 tombar.

33 Bárbaro e cruel Amor, onde estavas tu? Céus! Deixaste essa incomparável donzela  
34 ser ferida pelo seu amado! Acontece que essa triste catástrofe era inevitável, pois era o fim  
35 que a Fada da Fonte destinara à sua aventura. O Príncipe se aproximou e logo sentiu o  
36 arrependimento mais profundo do mundo ao ver o sangue vertente da Corça. Colheu  
37 algumas ervas e colocou-as sobre a pata ferida para aliviá-la; depois, fez-lhe uma nova  
38 cama de ramos e apoiou a cabeça da Corcinha em seu colo.

1 — És a única culpada, Corça inconstante, do que te aconteceu! — disse-lhe ele. —  
2 O que foi que te fiz para teres me abandonado ontem? Mas hoje será diferente, vou te  
3 levar comigo.

4 A Corça não disse nada; ademais, o que poderia dizer? Ela havia cometido um erro  
5 e não podia se justificar. É incomum que as pessoas que cometem erros permaneçam em  
6 silêncio. O Príncipe rendeu-lhe mil carícias:

7 — Como sofro por ter te machucado! — disse-lhe ele. — Tu me odiarás, mas  
8 desejo que me ames.

9 Era como se um gênio secreto o inspirasse a dizer tudo o que dizia à Corcinha.  
10 Enfim, a hora de voltar à casa de sua velha anfitriã se aproximava, e ele tratou de preparar  
11 sua caçada, e não foi nada fácil conseguir contê-la, carregá-la e, às vezes, empurrá-la, pois  
12 ela não queria ir com ele.

13 — Céus, que será de mim quando anoitecer e eu me encontrar sozinha com esse  
14 Príncipe? — disse a Corça. — Ó, antes prefiro morrer!

15 Como ela era pesada e o sobrecarregava, ele ficou totalmente suado de tanta fadiga.  
16 Ainda que não faltasse muito para chegar à casinha, o Príncipe sentiu que não conseguiria  
17 fazê-lo sem alguma ajuda, por isso resolveu chamar seu fiel Bicafigo. Antes, porém, de  
18 abandonar a sua presa, amarrou-a com vários laços ao pé de uma árvore, com medo de  
19 que ela fugisse.

20 Céus! Quem poderia pensar que um dia a Princesa mais bonita do mundo seria  
21 tratada dessa forma por um Príncipe que a adorava? Em vão, ela tentou desatar os laços,  
22 mas seus esforços só fizeram apertá-los ainda mais. Quando estava a ponto de  
23 estrangular-se com um dos nós que tinha feito, Goiveira, cansada de permanecer trancada  
24 em seu quarto, saiu para tomar ar fresco e passou justamente pelo lugar onde a Corça  
25 Branca se contorcia. Qual não foi seu susto ao avistar sua querida ama! Ela não conseguiu  
26 desamarrá-la a tempo, pois os nós foram feitos em diferentes lugares. Foi então que o  
27 Príncipe enfim retornou com Bicafigo, quando ela estava prestes a libertar a Corça.

28 — Com todo respeito que tenho por vós, madame — disse-lhe o Príncipe. — Devo  
29 opor-me ao furto que tentais me fazer: eu capturei esta Corça, ela é minha, eu a amo e  
30 agora serei o seu amo.

31 — Senhor — respondeu Goiveira, com civilidade (pois ela muito elegante e  
32 graciosa). — Esta Corça já era minha antes de ser vossa, e eu renunciaria à minha vida  
33 para salvar a dela. E para vos provar o quanto ela me conhece, basta que eu peça: vamos,  
34 minha branquinha, dá-me um abraço.

35 E então a Corcinha lançou-se em seu pescoço.

36 — Beija-me a bochecha direita.

37 E ela obedeceu.

38 — Tocai o meu coração.

1 E tocou-lhe com a pata.

2 — Suspira.

3 E ela suspirou. Enfim, o Príncipe já não tinha como duvidar do que Goiveira lhe  
4 dissera.

5 — Eu a devolvo a vós — disse ele, honestamente. — Mas confesso que não o faço  
6 sem tristeza.

7 Foi então que Goiveira partiu na companhia da Corça. Elas não sabiam, porém,  
8 que o Príncipe estava abrigado naquela mesma casa; Guerreiro e Bicafigo seguiram-nas  
9 de uma certa distância e ficaram muito surpresos ao vê-las entrando na casa da boa e velha  
10 mulher. Eles entraram logo depois e, movido pelo ímpeto de curiosidade que a Corça  
11 Branca lhe causava, o Príncipe perguntou à senhora quem era aquela jovem, ao que ela  
12 respondeu que não a conhecia, mas que a recebera em casa junto da Corça. Disse que ela  
13 lhe pagava bem e que vivia em grande solidão. Bicafigo, por sua vez, perguntou em que  
14 quarto ela estava abrigada, ao que a velhinha respondeu que era o que ficava ao lado do  
15 deles, separado apenas por uma partição.

16 Quando o Príncipe se retirou, seu confidente lhe disse que poderia estar muito  
17 enganado, mas que tinha a impressão de ter visto essa mesma menina junto da Princesa  
18 Desejada na ocasião em que visitara seu palácio, para onde fora enviado em embaixada.

19 — Que funesta recordação! — disse-lhe que o Príncipe. — E por qual motivo ela  
20 estaria aqui?

21 — Isso é o que não sei, senhor — disse Bicafigo. — Mas desejo vê-la novamente.  
22 Uma vez que uma simples partição de madeira nos separa, farei um buracozinho.

23 — Ora, eis uma curiosidade inútil! — disse tristemente o príncipe, pois a  
24 lembrança de Bicafigo havia reavivado todas as suas angústias.

25 Dito isso, ele abriu sua janela, olhou para a floresta e entregou-se aos devaneios.

26 Nesse ínterim, Bicafigo pôs-se a trabalhar e logo fez um furo na partição, grande  
27 o suficiente para que ele conseguisse enxergar a encantadora Princesa. Ela trajava um  
28 vestido de brocado prateado, enfeitado com algumas flores encarnadas, bordadas com  
29 ouro e esmeraldas; seu cabelo caía em grandes cachos sobre o busto mais bonito do  
30 mundo. Sua pele brilhava com as mais vivas cores e seus olhos lampejavam. Goiveira  
31 estava ajoelhada diante dela, enfaixando-lhe o braço, de onde escorria sangue em  
32 abundância. Ambas pareciam bastante preocupadas com essa ferida.

33 — Deixa-me morrer — disse a Princesa. — A morte me será mais doce do que a  
34 deplorável vida que levo! Ah, como é difícil ter de viver como Corça durante o dia,  
35 encontrar-me com aquele a quem estou destinada sem poder falar-lhe e sem poder  
36 informá-lo de minha fatal desventura! Céus! Se ouvisses todas as palavras de ternura que  
37 ele me disse durante minha metamorfose, o som de sua voz, se conhecesses suas maneiras

1 nobres e envolventes, terias pena de mim, ainda mais do que já tens, e assim me pouparias  
2 do meu triste destino.

3 Pode-se julgar facilmente o espanto de Bicafigo com tudo o que acabava de ver e  
4 ouvir. Correu até o Príncipe e arrancou-o da janela tomado por arroubos inexprimíveis  
5 de alegria:

6 — Ah, senhor! — disse ele. — Não vos recuseis a aproximar-vos dessa partição,  
7 pois ali vereis o verdadeiro original do retrato que vos encantou!

8 O Príncipe olhou pelo furo e imediatamente reconheceu sua Princesa! Ele teria  
9 morrido de prazer se não fosse pelo temor de estar sendo ludibriado por algum  
10 encantamento. Afinal, como conciliar essa descoberta tão surpreendente com o encontro  
11 que teve com Espinhuda e sua mãe, que estavam confinadas no Castelo das Três Pontas e  
12 que se apresentaram como Desejada e sua Dama de honra?

13 Contudo, ele estava tomado pela paixão, esse sentimento que persuade  
14 naturalmente aqueles que a possuem, de modo que, nessas circunstâncias, ou ele morreria  
15 de impaciência ou então tentaria esclarecer os fatos. Sem mais demora, ele saiu e bateu  
16 suavemente na porta do cômodo onde a Princesa estava. Goiveira, que não duvidava se  
17 tratar da boa velhinha, precisando de ajuda para enfaixar o braço de sua ama, correu para  
18 abrir. Ficou muito surpresa ao descobrir que era o Príncipe, que logo se jogou aos pés de  
19 Desejada. O excesso de animosidade mal permitiu-lhe fazer um discurso apropriado; eu  
20 bem que tentei compreender o que ele disse à Princesa naqueles instantes iniciais, mas  
21 não consegui, e até hoje ninguém foi capaz de me explicar direito. Mas a Princesa também  
22 se embaraçou com suas respostas; mas o Amor, que muitas vezes serve de intérprete aos  
23 que emudecem, foi o terceiro interlocutor, deixando-os convencidos de que ninguém  
24 jamais havia se expressado com tanta inteligência. Bom, o que se pode dizer é que jamais  
25 se ouviu palavras tão tocantes e ternas como aquelas. Houve lágrimas, suspiros,  
26 declarações, e até mesmo alguns sorrisos graciosos. E foi assim que a noite passou e o dia  
27 raiou; e Desejada nem sequer percebeu não voltara a se transformar em Corça. Só pensava  
28 em sua inigualável alegria e no quanto queria compartilhar esse sentimento com o  
29 Príncipe. Por fim, ela narrou sua história com a graça e a eloquência que lhe eram naturais,  
30 superando até mesmo os mais hábeis narradores.

31 — O quê! — ele gritou. — Minha adorável Princesa, foi a vós que eu feri sob a  
32 figura de uma corça branca? Que farei para expiar tão grande crime? Hei de perecer diante  
33 dos vossos olhos!

34 A terrível aflição do Príncipe ficou estampada em seu rosto. Desejada sofreu mais  
35 com a possibilidade de perder seu amado do que com o ferimento, e assegurou-lhe de que  
36 não tinha sido nada; ademais, ela não podia deixar de agradecer por um mal que acabou  
37 lhe proporcionando tanto bem.

1 Desejada falou-lhe de maneira tão compassiva que o Príncipe pôde perceber o  
2 quanto ela era bondosa. Para esclarecê-la de todas as coisas, contou-lhe sobre a armação  
3 que Espinhuda e sua mãe haviam feito, acrescentando que seria necessário voltar bem  
4 depressa ao reino de seu pai para contar-lhe as boas-novas e impedi-lo de travar a terrível  
5 guerra que eles planejavam em razão da afronta que achavam ter recebido. Desejada  
6 implorou-lhe que enviasse Bicafigo, e ele já estava pronto para obedecê-lo quando o som  
7 retumbante de trombetas, cornetas, címbalos e tambores se espalhou pela floresta; era  
8 como se uma multidão estivesse passando bem perto do casebre. O Príncipe olhou pela  
9 janela e reconheceu vários de seus oficiais, suas bandeiras e seus estandartes; ordenou-  
10 lhes que parassem e que o aguardassem.

11 A armada jamais poderia esperar por uma surpresa tão agradável! Estavam todos  
12 convencidos de que seu Príncipe iria liderá-los rumo à vingança contra o pai de Desejada.  
13 O pai de Guerreiro era quem os conduzia apesar de sua grande idade. Ele vinha em uma  
14 liteira de veludo bordada em ouro. Vinha seguido por uma carruagem aberta, onde  
15 estavam Espinhuda e sua mãe. Ao avistar a liteira, o Príncipe Guerreiro correu até lá e  
16 lançou-se nos braços estendidos do rei, seu pai, que o abraçou e deu-lhe mil  
17 demonstrações de seu amor paterno.

18 — Onde estáveis, meu querido filho? — ele exclamou. — Enfim desejais me livrar  
19 da dor que a vossa ausência me causa?

20 — Senhor — respondeu o Príncipe. — Dignai-vos a me ouvir.

21 Prontamente, o Rei desceu de sua liteira e retirou-se para um lugar remoto, onde  
22 filho lhe informou do feliz encontro que tivera e do engano de Espinhuda.

23 Encantado com essa aventura, o Rei ergueu as mãos e os olhos aos Céus em sinal  
24 de gratidão, e foi nesse momento que avistou a Princesa Desejada, mais bonita e mais  
25 brilhante do que todos os astros reunidos. Vinha montada em um soberbo cavalo, que  
26 trotava fazendo curvas; centenas de plumas de diferentes cores adornavam sua cabeça, e  
27 os maiores diamantes do mundo enfeitavam os seus trajes. Ela estava vestida como uma  
28 caçadora. Goiveira, que a seguia, não estava menos paramentada que sua ama. Esses eram  
29 os efeitos da proteção de Tulipa, que a tudo dirigira com cuidado até obter sucesso. A bela  
30 cabana de madeira fora feita em favor da Princesa, e, sob o rosto de uma velha, a fada  
31 cuidara dela por vários dias.

32 Assim que o Príncipe reconheceu suas tropas e foi ao encontro do Rei, seu pai,  
33 Tulipa entrou no quarto de Desejada e soprou em seu braço para curar sua ferida. Depois,  
34 deu-lhe os requintados trajes sob os quais ela surgiu diante do Rei, que, de tão encantado,  
35 mal conseguiu acreditar que se tratava de uma mortal. O soberano disse-lhe tudo o que  
36 poderia existir de mais agradável em tal ocasião, instando-a a não mais adiar aos seus  
37 súditos a felicidade de tê-la como rainha:

1 — Pois estou determinado — ele continuou. — A ceder o meu reino ao Príncipe  
2 Guerreiro, a fim de torná-lo mais digno de vós.

3 Desejada respondeu-lhe com toda a polidez que se esperaria de uma pessoa tão  
4 bem-educada. Em seguida, lançando seus olhos sobre as duas miseráveis prisioneiras que  
5 estavam na carruagem, e que escondiam seus rostos com as mãos, teve a generosidade de  
6 pedir-lhe um favor: solicitou que as deixasse ir para onde quisessem, a bordo daquele  
7 mesmo veículo. O Rei consentiu com o pedido, ficou admirado com seu bom coração e  
8 fez-lhe grandes elogios.

9 Foi ordenado que o exército desse meia-volta; o Príncipe seguiu a cavalo para  
10 acompanhar sua bela Princesa, e ambos foram recebidos na capital com mil gritos de  
11 alegria. Tudo foi preparado para o dia do casamento, ocasião que se tornou ainda mais  
12 solene devido à presença das seis fadas benignas que tanto amavam a Princesa. Elas lhe  
13 concederam os mais ricos presentes já imaginados, entre eles o magnífico palácio que fora  
14 visitado pela Rainha, mãe da noiva, e que apareceu no ar carregado por cinquenta mil  
15 Amores, que o instalaram em uma bela planície à beira do rio. Depois de receberem um  
16 presente como esse, já não havia mais nada com o que se preocupar.

17 O fiel Bicafigo implorou ao seu amo para falar com Goiveira para que os dois  
18 também se unissem na ocasião de seu casamento com a princesa. Ele a queria muito bem,  
19 e essa gentil donzela sentiu-se muito bem-aventurada por receber uma proposta tão  
20 vantajosa logo ao chegar em um reino estrangeiro. A fada Tulipa, que era ainda mais  
21 generosa que suas irmãs, deu-lhe quatro minas de ouro nas Índias para que seu marido  
22 não tivesse a chance de dizer que era mais rico do que ela. As núpcias do príncipe duraram  
23 vários meses, com uma nova festa a cada dia; desde então, as aventuras da Corça Branca  
24 têm sido cantadas por todo o mundo.

25  
26 *A Princesa estava ansiosa*

27 *Para sair daquela prisão sombria,*  
28 *Onde, por causa de uma fada poderosa,*  
29 *Teve de se esconder da luz do dia;*  
30 *Sua metamorfose e suas aventuras*  
31 *Colocaram-na em perigo profundo,*  
32 *É o que acontece quando uma moça tão pura*  
33 *É exposta cedo demais ao mundo.*  
34 *Vós, com quem o Amor foi liberal*  
35 *E vos abençoou com uma bela feição:*  
36 *Sabei que a beleza pode ser fatal,*  
37 *Se não a usardes com precaução.*



1 *Se sentis alguma seguridade*  
2 *Por amar e também ser amada,*  
3 *Sabei que, contra a vossa vontade,*  
4 *A beleza que recebestes pode vos ser tirada.*

CC BY-NC-ND 4.0

## A GATA BRANCA

1 Era uma vez um rei que tinha três filhos corajosos e bem-apegoados. Ele temia  
2 que a ganância pelo poder os dominasse antes da sua morte; de fato, já circulavam certos  
3 rumores de que eles estavam se acercando de correligionários, a fim de se apossarem do  
4 reino. O rei sentia-se velho, mas seu intelecto e sua capacidade de reinar não haviam  
5 diminuído, de modo que ele ainda não intencionava entregar-lhes o posto que ocupava  
6 com tanta dignidade. Para que pudesse viver tranquilamente, o rei os ludibriava com  
7 promessas cujas recompensas sempre eram proteladas.

8 Um dia, ele os chamou ao seu gabinete e, depois de falar-lhes com grande  
9 bondade, acrescentou:

10 — Concordareis comigo, meus queridos filhos, que minha velhice já não me  
11 permite aplicar-me aos assuntos de meu Estado com tanto esmero quanto antigamente.  
12 Temo pelo sofrimento dos meus súditos, por isso desejo colocar a minha coroa na cabeça  
13 de um de vós. No entanto, para conquistardes um presente como esse, é muito justo que  
14 tenhais de encontrar meios de me satisfazer, visto que intenciono retirar-me para o  
15 campo. Parece-me que um cachorrinho inteligente, bonito e fiel me faria boa companhia.  
16 Para que eu não precise escolher entre os meus filhos mais velhos e o caçula, declaro que  
17 aquele que me trouxer o cachorrinho mais bonito imediatamente se tornará o meu  
18 herdeiro.

19 Os príncipes pareceram surpresos com o interesse do pai em um cachorrinho. Os  
20 dois cadetes<sup>1</sup> ficaram muito interessados nessa oportunidade e aceitaram com prazer a  
21 missão de procurar um cãozinho; o mais velho, por sua vez, mostrou-se tímido ou então  
22 respeitoso demais para reclamar os seus direitos. Eles se despediram do rei, que lhes  
23 entregou dinheiro e pedras preciosas, acrescentando que, em um ano, sem falta, no  
24 mesmo dia e ao mesmo tempo, eles deveriam retornar para apresentar seus cachorrinhos.

25 Antes de partirem, eles se dirigiram a um castelo que ficava a apenas uma légua da  
26 cidade, onde reuniram seus confidentes mais chegados e fizeram grandes festas. Ali, os  
27 três irmãos juraram amizade eterna, prometendo que agiriam sem ciúmes e sem  
28 ressentimento, e que o vencedor sempre partilharia sua fortuna com os outros dois. E  
29 enfim eles partiram, declarando que regressariam àquele mesmo castelo para então irem  
30 juntos à presença do rei. Como os príncipes não queriam ser seguidos por ninguém,  
31 mudariam seus nomes a fim de não serem reconhecidos.

32 Cada um tomou um caminho diferente: os mais velhos viveram muitas aventuras,  
33 mas me apegarei apenas às do caçula. Ele era gracioso, tinha um espírito alegre e jubiloso,  
34 uma cabeça admirável, porte de nobre, traços regulares, belos dentes e muita habilidade

---

<sup>1</sup> Filhos não primogênitos, sem direito imediato ao trono.

1 em todos as atividades que convinham a um príncipe. Cantava agradavelmente, tocava o  
2 alaúde e a teorba<sup>2</sup> com uma delicadeza encantadora. Ademais, ele também sabia pintar.  
3 Em uma palavra, ele era muito prendado, e seu valor tão notável quanto sua coragem.

4 Todos os dias ele adquiria diferentes cachorros: grandes, pequenos, galgos,  
5 mastins, bloodhounds, cães de caça, spaniels, barbets e bichons<sup>3</sup>. Quando encontrava um  
6 exemplar que superava o anterior, largava um para ficar com o outro, pois seria impossível  
7 carregar trinta ou quarenta mil cães por conta própria, visto que havia dispensado a  
8 companhia de cavalheiros, valetes e pajens. Uma vez, enquanto avançava em seu  
9 caminho, sem determinar até que distância iria, foi surpreendido pela chegada da noite:  
10 uma tempestade com trovoadas o acometeu em meio a uma floresta, impedindo-o de  
11 reconhecer as trilhas.

12 Ele tomou o primeiro caminho à sua frente e, depois de caminhar por um longo  
13 tempo, avistou um foco de luz, o que o levou a acreditar na possibilidade de haver alguma  
14 casa por perto, onde ele poderia se abrigar até o dia seguinte. Assim, guiado pela luz que  
15 avistara, chegou à porta de um castelo, o mais magnífico que alguém poderia imaginar.  
16 Essa porta, que era de ouro e coberta de carbúnculos, irradiava uma luz pura e brilhante  
17 que iluminava todos os arredores; era ela o que o príncipe havia enxergado de longe. Seus  
18 muros eram de porcelana transparente pintada de várias cores, e nelas estavam  
19 representadas as histórias de todas as fadas, desde a criação do mundo até os dias de então:  
20 as famosas aventuras da Pele de Asno, da Fininha, da Laranjeira, de Graciosa, da Bela  
21 Adormecida no Bosque, do Serpentino Verde e centenas de outras que também não foram  
22 esquecidas<sup>4</sup>. Ele ficou encantado ao reconhecer ali o príncipe Duende, pois ele era seu tio  
23 à moda da Bretanha<sup>5</sup>. A chuva e o mau tempo o impediam de demorar-se naquele local,  
24 onde ele se molhava até os ossos; além disso, ele não conseguia enxergar nos lugares em  
25 que a luz dos carbúnculos não chegava. Decidiu, portanto, voltar para junto da porta de  
26 ouro.

27 Ali, ele viu um pé de corço atado a uma corrente de diamantes<sup>6</sup> e ficou admirado  
28 com a magnificência e a segurança com que se vivia no castelo.

29 — Ora — ele disse para si mesmo. — O que impede os ladrões de virem cortar a  
30 corrente e arrancar os carbúnculos? Eles ficariam ricos para sempre.

---

<sup>2</sup> Instrumento de cordas à semelhança de um violão de braço longo, criado na Itália no século XVI.

<sup>3</sup> Raças de cães de caça.

<sup>4</sup> Nessa passagem, a autora faz referência a cinco de seus contos (“Fininha Borralha”, “A Laranjeira e a Abelha”, “Graciosa e Perciné”, “Serpentino Verde” e, mais adiante, “O Príncipe Duende”), títulos presentes em sua primeira coletânea, *Contes des Fées*, de 1697. Já “Pele de Asno” e “A Bela Adormecida no Bosque”, de autoria de Charles Perrault, são duas histórias que já haviam sido publicadas separadamente anos antes de figurarem entre os onze títulos que compõem os *Contos da Mamãe Ganso*, também de 1697.

<sup>5</sup> Designação antiga para se referir ao primo de segundo grau, ou seja, aquele que é primo de primeiro grau do pai ou da mãe do indivíduo.

<sup>6</sup> Descrição de uma campainha antiga, com sino de cordão.

1           Ele puxou o pé de corço e imediatamente ouviu o tinir do sino, que parecia ser de  
2 ouro ou de prata pelo som que fazia. Um momento depois, a porta foi aberta, e ele não  
3 viu outra coisa senão uma dúzia de mãos erguidas, cada uma segurando uma tocha. O  
4 príncipe ficou tão atônito que hesitou em avançar, até que sentiu que outras mãos o  
5 empurravam por detrás com muita violência. Ele caminhou com grande inquietude, e,  
6 por prevenção, colocou a mão na empunhadura de sua espada. Porém, ao entrar em um  
7 vestíbulo todo incrustado de pórfiro<sup>7</sup> e lápis-lazúli, ele ouviu duas vozes adoráveis que  
8 cantavam estas palavras:

9  
10                           *As mãos que vedes aclaram a noite escura,*  
11                           *Nesta estadia não tereis o que temer,*  
12                           *Senão os encantos de uma bela figura,*  
13                           *Caso do amor desejais vos esconder.*  
14

15           Uma vez recebido de tão bom grado, o príncipe estava certo de que não lhe fariam  
16 mal algum. Em seguida, sentiu que o empurravam em direção a uma grande porta de  
17 coral, que se abriu assim que ele se aproximou. Ele entrou em um salão de madrepérola  
18 e, em seguida, em vários outros cômodos com decorações diversas, tão paramentados de  
19 pinturas e pedras preciosas que ele ficou deveras encantado. Milhares e milhares de luzes  
20 pendiam dos arcos do salão, iluminando parte dos outros recintos, os quais se  
21 encontravam igualmente repletos de lustres, girandoles<sup>8</sup> e altares<sup>9</sup> cheios de velas; enfim,  
22 a magnificência era tanta que ficava difícil acreditar que tudo aquilo fosse uma coisa  
23 possível.

24           Depois de passarem por sessenta cômodos, as mãos que o conduziam fizeram-no  
25 parar; diante de si, viu uma grande poltrona<sup>10</sup>, que figurava sozinha próxima a uma lareira.  
26 Imediatamente, o fogo se acendeu, e aquelas mãos, que lhe pareciam muito bonitas,  
27 brancas, pequenas, macias e bem proporcionadas, despiram-no, pois, como eu já  
28 mencionei, ele estava molhado, e elas temiam que o príncipe se resfriasse. Sem que ele  
29 pudesse ver quem o fazia, entregaram-lhe uma camisa tão bela quanto as que são próprias  
30 para um casamento e um robe estofado, revestido com tecido dourado e bordado com  
31 pequenas esmeraldas que formavam inscrições. As mãos sem corpos posicionaram uma

---

<sup>7</sup> Pedra preciosa vermelho-púrpura.

<sup>8</sup> Castiçal de vários braços ornamentado com cristais.

<sup>9</sup> *Gradins couverts de bougies*: “gradin” é uma espécie de suporte ou degrau colocado em altares e escrivatinhas com o intuito de apoiar candelabros e castiçais.

<sup>10</sup> *Convenience chair*: literalmente, “cadeira de conveniência”, mais uma peça do conjunto de móveis antigos listados pela autora. Espécie de poltrona estofada e equipada com compartimentos inferiores para armazenamento e braços adaptados para apoio de livros.

1 mesa ao seu lado, e sobre ela foi colocada a toailete<sup>11</sup>. Nada era mais magnífico; eles o  
2 pentearam com leveza e habilidade, o que o deixou muito satisfeito. Depois tornaram a  
3 vesti-lo, mas não com as roupas dele; trouxeram-lhe peças muito mais elegantes. Em  
4 silêncio, ele admirava tudo o que se passava, e, às vezes, tinha alguns espasmos  
5 involuntários causados pelo medo.

6 Depois de ter o rosto empoado e o cabelo encaracolado, estando bem perfumado,  
7 adornado e ajustado, tendo ficado mais bonito que Adônis<sup>12</sup>, as mãos finalmente o  
8 conduziram a uma câmara magnífica por seus douramentos<sup>13</sup> e sua mobília. Via-se, ao  
9 redor, representações das histórias dos mais famosos gatos: Rodilardo<sup>14</sup> pendurado pelos  
10 pés na assembleia de ratos, o Gato de Botas, o marquês de Carabás<sup>15</sup>, o gato que escreve,  
11 o gato se transforma em mulher, as bruxas que se transformam em gatos, o sabá e todas  
12 as suas cerimônias; enfim, nada era mais insólito do que aquelas pinturas.

13 A mesa estava posta; havia dois aparelhos de jantar, cada qual guarnecido com  
14 seus talheres de ouro. A baixela era surpreendente pela quantidade de recipientes feitos  
15 de cristal de rocha e de milhares de outras pedras raras. O príncipe não sabia para quem  
16 aqueles dois aparelhos foram colocados, até que viu alguns gatos se posicionarem em uma  
17 pequena orquestra, os quais se organizaram rapidamente. Um segurava um livro com as  
18 notações mais extraordinárias do mundo; outro, uma vareta de papel que lhe servia de  
19 batuta, e os outros portavam pequenos violões. De repente, todos começaram a miar de  
20 uma vez só em diferentes tons, bem como a arranhar as cordas dos violões com as suas  
21 unhas; foi a música mais estranha que já se pôde ouvir. O príncipe até teria acreditado  
22 que estava no inferno caso não tivesse considerado o palácio maravilhoso demais para  
23 cogitar algo tão inverossímil. Cobrindo os ouvidos, ele ria com todas as suas forças ao ver  
24 os gestos esquisitos e as caretas daqueles músicos inexperientes.

25 Enquanto refletia sobre as diferentes situações que lhe haviam ocorrido desde que  
26 chegara no castelo, ele viu entrar uma pequena figura que não tinha nem um côvado<sup>16</sup> de  
27 altura. Essa miúda estava encoberta por um longo véu de crepe preto. Dois gatos a  
28 conduziam; eles estavam trajados de luto, vestiam um casaco e levavam uma espada à  
29 cintura. Um numeroso cortejo de gatos vinha logo em seguida: alguns traziam ratoeiras  
30 cheias de ratos e outros carregavam camundongos em gaiolas.

---

<sup>11</sup> Conjunto de utensílios utilizados para vestimenta e cuidados com o corpo. “Fazer a toailete” refere-se ao ato de tomar banho, pentear-se, maquiarse e vestir-se para alguma ocasião.

<sup>12</sup> Um “belo efebo” da mitologia grega, jovem de beleza arrebatadora que conquistou Afrodite e Perséfone.

<sup>13</sup> O douramento é uma técnica antiga que consiste em recobrir objetos de madeira com folhas de ouro.

<sup>14</sup> Gato envolvido na famosa trama da fábula “A Assembleia dos Ratos”, de Esopo, recontada em versos por Jean de La Fontaine, contemporâneo de Marie-Catherine. O nome próprio só é encontrado na versão do autor francês.

<sup>15</sup> Mais uma referência a um conto de Perrault, “Mestre Gato ou O Gato de Botas”.

<sup>16</sup> Antiga medida equivalente a cerca de meio metro.

1 O príncipe não se excedeu em espanto, pois já nem sabia o que pensar. A  
2 pequenina encoberta de preto se aproximou, e, quando ela ergueu o véu, o príncipe se  
3 deparou a mais bela gatinha branca que já existira e que jamais existirá igual. Ela parecia  
4 muito jovem e muito triste. Emitia um miado tão doce e tão encantador que ressoava  
5 direto no coração. Ela disse ao príncipe:

6 — Filho do rei, sê bem-vindo! Minha miaujestade<sup>17</sup> te acolhe com prazer.

7 — Madame Gata — disse o príncipe. — Sois muito generosa em me receberdes  
8 com tanto cuidado. Vós não me pareceis ser um bichano comum. O dom que tendes para  
9 falar e o soberbo castelo que possuíis são provas evidentes disso.

10 — Filho do rei — respondeu a Gata Branca. — Eu te peço que pares de me fazer  
11 elogios, sou simples em meus discursos e em minhas maneiras, mas tenho um bom  
12 coração. Permite que te sirvam. Peço aos músicos que fiquem em silêncio, pois o príncipe  
13 não entende o que eles dizem.

14 — E eles dizem alguma coisa, madame? — o príncipe quis saber.

15 — Ora, sem dúvida! — ela continuou. — Temos aqui poetas de inteligência  
16 infinita! Se ficares um pouco conosco, logo estarás convencido disso.

17 — Eu creio só de ouvir-vos falar — disse o príncipe galantemente. — Afinal,  
18 madame, considero-vos uma Gata muito rara.

19 A ceia foi posta e os dois foram servidos pelas mãos cujos corpos eram invisíveis.  
20 Duas porções de bisque<sup>18</sup> foram colocadas sobre a mesa: uma era feita de pombo e a outra  
21 de camundongos bem gorduchos. A visão de uma impediu o príncipe de comer a outra,  
22 pois imaginou que o mesmo cozinheiro preparara ambos os pratos. Mas o gatinho  
23 responsável, compreendendo o que se passava só de analisar o semblante do príncipe, fez  
24 questão de assegurar-lhe que sua cozinha era separada das demais e que ele podia comer  
25 o que lhe era apresentado com a certeza de que não haveria resquícios de ratos ou  
26 camundongos em seu prato.

27 Isso bastou para que o príncipe se tranquilizasse, pois acreditava que a bela  
28 Gatinha não seria capaz de enganá-lo. Ele ficou surpreso ao notar que ela carregava um  
29 porta-retrato entre suas patas. Pediu-lhe para ver, pensando se tratar do mestre  
30 Minagrobis<sup>19</sup>. Ele ficou muito admirado ao ver a imagem de um rapaz tão bonito, mas tão  
31 bonito, que mal podia acreditar que a natureza tivesse sido capaz de gerar alguém assim.  
32 Ademais, aquele jovem se parecia muito com ele, tanto que ninguém o teria pintado com  
33 maior perfeição. Ela suspirou, entristeceu-se ainda mais e manteve um profundo silêncio.

---

<sup>17</sup> *Ma miaularde majesté.*

<sup>18</sup> Sopa tipicamente francesa feita com o caldo de variados tipos de carne, geralmente de crustáceos.

<sup>19</sup> *Rominagrobis*, uma variante próxima, é o nome dado a um velho gato que figura em duas fábulas de Jean de La Fontaine, “O velho gato e o jovem rato” e “O gato, a doninha e o coelho”, histórias publicadas em 1678.

1 O príncipe logo percebeu que havia algo de estranho por trás daquilo, mas não ousou  
2 perguntar nada para não desagradar ou aborrecer a Gata. Ele a entreteve com todas as  
3 notícias que sabia e notou que ela também estava muito bem informada sobre os  
4 diferentes interesses dos príncipes, bem como sobre outras coisas que se passavam no  
5 mundo.

6 Depois do jantar, a Gata Branca convidou o seu hóspede a entrar num salão onde  
7 havia um teatro, no qual doze gatos e doze macacos dançavam um balé. Uns estavam  
8 vestidos de mouros e outros de chineses. É fácil imaginar quantos saltos e cabriolas eles  
9 davam e, de quando em quando, arranhavam-se uns aos outros. E assim a noite terminou.  
10 A Gata Branca desejou uma boa noite ao seu hóspede e as mãos que o conduziram até lá  
11 levaram-no de volta, acomodando-o em um aposento bem diferente daquele ele tinha  
12 visto. Era um cômodo magnífico e galante, todo forrado de asas de borboletas que  
13 formavam diferentes flores coloridas. Havia também diversas plumas de aves raríssimas;  
14 algumas delas só poderiam ser encontradas naquele local. As roupas de cama eram feitas  
15 de gaze, adornadas com milhares laços de fita. Havia grandes espelhos que se estendiam  
16 do teto ao chão, enquadrados em molduras de ouro cinzelado nas quais estavam  
17 representados milhares de pequenos cupidos.

18 O príncipe deitou-se sem dizer uma palavra, pois não tinha como conversar com  
19 as mãos que o serviam. Ele dormiu pouco e foi despertado com alguns ruídos confusos.  
20 As mãos retiraram-no da cama depressa e o vestiram com um traje de caça. Ele olhou para  
21 o pátio do castelo e avistou mais de quinhentos gatos; alguns conduziam galgos com  
22 trelas, enquanto outros sopravam cornetas. Era uma grande festa, a Gata Branca ia à caça  
23 e queria que o príncipe a acompanhasse. As oficiosas mãos presentearam-no com um  
24 cavalo de madeira que corria velozmente e trotava maravilhosamente bem, mas ele não  
25 estava conseguindo montá-lo; disse que não era um cavaleiro errante tão bom quanto  
26 Dom Quixote<sup>20</sup>. Porém sua resistência não serviu de nada e ele foi colocado sobre o cavalo  
27 de madeira, cuja capa e sela eram bordadas de ouro e diamantes. A Gata Branca estava  
28 montada em um macaco, o mais belo e soberbo que já tinha sido visto. Ela não mais  
29 trajava seu grande véu, e sim um quepe<sup>21</sup> que lhe conferia um aspecto de valentia tão  
30 grande que todos os camundongos da vizinhança ficariam apavorados. Nunca se fez uma  
31 caçada tão agradável! Os gatos corriam mais depressa que os coelhos e as lebres; sempre  
32 que eles faziam uma captura, a Gata Branca lançava-lhes petiscos e eles faziam truques  
33 muito divertidos. Os pássaros, por sua vez, também não estavam seguros, pois os gatinhos

---

<sup>20</sup> Em *Dom Quixote*, de Miguel de Cervantes, publicado em 1615, quatro selvagens vestidos de hera aparecem com um cavalo de madeira sobre os ombros e pedem para que D. Quixote o monte na companhia de seu escudeiro, Sancho Pança.

<sup>21</sup> *Bonnet à la Dragone*: boina de uso circunstancial que consiste em uma espécie de touca enfeitada com correias ou cordões, tal qual um capelo de formatura ou boné militar.

1 escalavam as árvores. Já o mestre macaco levou a Gata Branca ao ninho das águias para  
2 que ela se satisfizesse dos nobres filhotes de águia-real.

3 Quando a caçada terminou, ela pegou uma corneta do tamanho de um dedo e a  
4 tocou; ela soava tão alta e clara que podia ser facilmente ouvida a dez léguas de distância.  
5 Depois de tê-la tocado duas ou três vezes, a Gata Branca viu-se rodeada por todos os gatos  
6 do país: alguns apareceram no ar, montados em carruagens, outros em barcos cercados  
7 de água. Enfim, nunca se viu tantos gatos, e eles se vestiam de diferentes maneiras. Ela  
8 voltou ao castelo seguida por aquele cortejo pomposo e pediu ao príncipe que também  
9 retornasse. Era o que ele queria, embora lhe parecesse que toda aquela gataria tivesse algo  
10 de sabá ou qualquer outro ato de feitiçaria; todavia, a Gata falante o surpreendia mais do  
11 que qualquer outra coisa.

12 Assim que ela adentrou o palácio, puseram-lhe o seu grande véu escuro. Em  
13 seguida, ela jantou na companhia do príncipe; ele estava faminto e comeu com um bom  
14 apetite. Trouxeram-lhe licores dos quais ele bebeu com prazer. Assim, ele foi se  
15 esquecendo da missão de levar um cãozinho ao rei e em pouco tempo já não pensava em  
16 outra coisa senão em miar com a Gata Branca; quer dizer, em fazer-lhe boa e fiel  
17 companhia. Os dias se passavam com celebrações deleitosas: às vezes eles pescavam ou  
18 então saíam para caçar; e depois havia danças, cavalhadas<sup>22</sup> e milhares de outras coisas  
19 que muito os divertiam. Às vezes a bela Gata compunha versos e cantigas tão amorosas  
20 que parecia ter um coração apaixonado, coisas que só quem ama seria capaz de dizer.  
21 Infelizmente a sua secretária era uma gata velha que escrevia muito mal, de modo que  
22 mesmo que as suas obras tivessem sido preservadas, seria impossível lê-las.

23 O príncipe esquecer-se até mesmo do seu próprio país. As mãos de que falei  
24 continuaram a servi-lo. Às vezes ele lamentava o fato de não ser um gato, pois desejava  
25 passar a vida em tão boa companhia.

26 — Ai de mim! Não queria deixar-vos, eu vos amo tão ternamente! — dizia ele. —  
27 Tornai-vos uma donzela humana ou então transformai-me em gato.

28 Ela considerava aquele desejo deveras elogioso, mas só lhe dava respostas  
29 obscuras, dizendo coisas que ele não conseguia entender.

30 Um ano passou bem depressa; isso acontece quando todos vivem alegres e tudo  
31 vai bem, quando não se tem preocupações e nem tristezas. A Gata Branca sabia da data  
32 em que o príncipe tinha de regressar, e como ele já não pensava nisso, ela tratou de  
33 recordá-lo:

34 — Saiba que só tens três dias para encontrar um cãozinho para o teu pai, o rei —  
35 disse-lhe ela. — Os teus irmãos encontraram uns muito bonitos.

36 O príncipe voltou a si e lamentou sua negligência:

---

<sup>22</sup> Antiga celebração cerimonial a cavalo.



1 — Por intermédio de qual encanto secreto terei eu me esquecido da coisa que me  
2 é mais importante no mundo? — ele se queixou. — O que será da minha glória e da minha  
3 fortuna? Onde é que irei arranjar um cãozinho que me faça ganhar o reino, bem como  
4 um cavalo suficientemente rápido para levar-me tão longe?

5 Ele estava inquieto e muito aflito.

6 E disse-lhe a Gata Branca, tentando acalmá-lo:

7 — Filho do rei, não te entristeças, eu sou tua amiga! Podes ficar aqui ainda mais  
8 um dia, e embora haja quinhentas léguas daqui até o teu país, o bom cavalo de madeira  
9 levar-te-á em menos de doze horas.

10 — Eu vos agradeço, bela Gata — respondeu o príncipe. — Mas não basta apenas  
11 voltar para o reino de meu pai, tenho de levar-lhe um cãozinho.

12 — Toma, eis aqui uma bolota<sup>23</sup> — disse-lhe a Gata Branca. — Dentro dela há um  
13 cãozinho ainda mais bonito que o Cão Menor<sup>24</sup>.

14 — Ora, madame Gata, vossa majestade escarnece de mim — disse o príncipe.

15 — Aproxima a bolota do teu ouvido e vais ouvi-la latir — afirmou a princesa.

16 Ele obedeceu e prontamente escutou um cãozinho fazendo “au, au”, o que o  
17 deixou muito contente.

18 — Um cachorro que cabe em uma bolota deve ser minúsculo! — ele supôs.

19 Bem que desejou abri-la, pois queria muito vê-lo, mas a Gata Branca lhe disse que  
20 podia fazer frio ao longo do caminho e que seria melhor abri-la perante o rei, seu pai. Ele  
21 a agradeceu milhares de vezes e despediu-se com palavras muito carinhosas:

22 — Devo dizer que os dias se passaram depressa na vossa companhia e que lamento  
23 por ter de deixar-vos aqui. Apesar de serdes a soberana de vosso reino e de todos os gatos  
24 da vossa corte serem mais inteligentes e galantes que os nobres da minha, eu não posso  
25 sair daqui sem convidar-vos a virdes comigo.

26 A Gata limitou-se a responder à proposta com um profundo suspiro.

27 Eles se separaram e o príncipe foi o primeiro a chegar ao castelo onde deveria  
28 reencontrar seus irmãos. Eles chegaram pouco tempo depois e ficaram surpresos ao  
29 verem um cavalo de madeira no pátio, pois ele trotava melhor que qualquer cavalo de  
30 competição.

31 O príncipe foi ao encontro deles e eles se abraçaram diversas vezes. Depois,  
32 começaram a dar conta de suas viagens, mas o nosso príncipe ocultou de seus irmãos a  
33 verdade sobre suas aventuras e mostrou-lhes um cachorro tão feioso que só serviria  
34 assado num espeto; disse-lhes que o achava tão lindo que o ofertaria ao rei. Qualquer que  
35 fosse a amizade que existisse entre eles, os dois mais velhos sentiram uma alegria secreta

---

<sup>23</sup> Fruto do carvalho; glande.

<sup>24</sup> *La Canicule*: em francês, a constelação de Cão Menor é chamada de *le petit chien* ou *canicule*.

1 pela péssima escolha do caçula; sentados à mesa, um pisou no pé do outro, como se  
2 dissessem a si mesmos que não teriam nada a temer.

3 No dia seguinte, eles partiram juntos na mesma carruagem. Os dois filhos mais  
4 velhos levavam câezinhos bem pequenos dentro de cestos, tão bonitos e delicados que  
5 nem ousavam tocá-los. O mais novo levava o pobre vira-lata, tão lamacento que ninguém  
6 se atreveria a tocar. Ao chegarem no palácio, todos os cercaram para dar-lhes as boas-  
7 vindas, depois eles se dirigiram aos aposentos do rei. Ele não conseguia chegar a um  
8 consenso, pois os câezinhos apresentados pelos mais velhos eram igualmente bonitos.  
9 Quando o rei já estava prestes a tomar uma decisão sobre quem seria o seu sucessor, o  
10 caçula os surpreendeu ao tirar de seu bolso a bolota que a Gata Branca lhe dera. Ao abri-  
11 la, todos viram saltar para fora uma cadelinha deitada sobre um tufo de algodão. Ela era  
12 tão pequena que passava pelo buraco de um anel sem tocá-lo. O príncipe colocou-a no  
13 chão e ela começou a dançar a sarabanda<sup>25</sup> com castanholas, e ela o fazia com tanta leveza  
14 quanto a mais célebre dançarina espanhola. Ela tinha mil cores diferentes; seus pêlos  
15 sedosos e suas orelhas se arrastavam pelo chão. O rei ficou muito perplexo, pois era  
16 impossível encontrar algum defeito na beleza do totó.

17 Ele, no entanto, não estava nada disposto a se desfazer de sua coroa; mesmo os  
18 menores florões eram-lhe mais preciosos que todos os cães do universo. Ele disse aos seus  
19 filhos que ficara muito satisfeito com suas penosas conquistas, no entanto, já que eles  
20 tinham se saído tão bem na primeira tarefa imposta, ele desejava testar mais uma vez a  
21 habilidade dos três antes de cumprir com sua palavra. Deu-lhes, então, o prazo de um ano  
22 para procurarem, por terra e mar, um pedaço de pano fino o bastante para passar pelo  
23 buraco de uma agulha, ainda mais fino que as rendas de Veneza<sup>26</sup>. Os três ficaram muito  
24 aflitos por serem obrigados a sair em uma nova missão. Os dois príncipes mais velhos,  
25 cujos cães eram menos bonitos do que o de seu irmão caçula, consentiram. Cada um  
26 seguiu o seu próprio caminho, dessa vez sem fazer promessas de amizade como antes; o  
27 caso do vira-lata arrefecera a relação entre eles.

28 O nosso príncipe pegou seu cavalo de madeira e, sem saber a quem recorrer senão  
29 à amizade da Gata Branca, partiu a toda velocidade de volta ao castelo em que ela o  
30 recebera tão bem da primeira vez. Encontrou todas as portas abertas, as janelas,  
31 coberturas e torres. Os muros estavam bem iluminados por cem mil lâmpadas que faziam  
32 um efeito maravilhoso. As mãos que muito bem o serviram foram diante dele e tomaram  
33 as rédeas do excelente cavalo de madeira, que foi conduzido ao estábulo enquanto o  
34 príncipe se dirigia aos aposentos da Gata Branca.

---

<sup>25</sup> Dança cerimonial lenta introduzida na corte francesa no século XVI; entrou em voga sob o reinado de Luís XIII (HORST, 1987, p. 44-46).

<sup>26</sup> *Point de Venise*: Renda meticulosa feita a agulha, composta por padrões florais; era um tecido rendado em voga em meados do século XVII.

1 Ela parecia abatida, deitada em um cestinho forrado por um lençol branco de  
2 cetim muito limpo. Sem ter escutado as cornetas que anunciaram a chegada do príncipe,  
3 ela deu mil saltos e rodopios ao vê-lo chegar, expressando a alegria que sentia ao  
4 reencontrá-lo:

5 — Eu poderia esperar qualquer coisa, menos o teu regresso — ela disse. —  
6 Confesso-te, filho do rei, que não costumo criar expectativas, visto que normalmente  
7 frustrro-me com as coisas que desejo, por isso estou surpresa.

8 O agradecido príncipe rendeu-lhe mil carícias e contou-lhe sobre o sucesso de sua  
9 viagem, o que talvez ela já soubesse que iria acontecer. Disse-lhe também que o rei queria  
10 um pedaço de pano que pudesse passar pelo olho de uma agulha, o que ele acreditava ser  
11 algo impossível, mas que ainda assim tentaria obter, confiante que estava na ajuda de sua  
12 amiga. Com ares de seriedade, a Gata Branca respondeu que aquele era um assunto a ser  
13 pensado, já que em seu castelo felizmente havia algumas gatas que fiavam muito bem.  
14 Prometeu que ela mesma meteria as patas nesse assunto e tomaria a frente da tarefa, pois  
15 assim ele poderia ficar tranquilo, sem precisar ir para qualquer outro lugar do mundo. Ali  
16 mesmo, em sua companhia, ele encontraria facilmente o que precisava.

17 As mãos apareceram, elas carregavam tochas; e o príncipe, seguindo-as com a  
18 Gata Branca, entrou em uma galeria magnífica que ficava às margens de um grande rio,  
19 onde uma esplêndida quantidade de fogos de artifício estava disposta. Tudo estava pronto  
20 para proceder com a queima de quatro gatos que haviam sido formalmente processados,  
21 acusados de comer o assado do jantar da Gata Branca, bem como a sua coalhada e o seu  
22 leite. Eles também foram acusados de conspiração contra a sua pessoa, o que fizeram junto  
23 de Martafax<sup>27</sup> e Lermite<sup>28</sup>, ratos bastante famosos no condado, uma fama que eles deviam  
24 a La Fontaine<sup>29</sup>, autor muito confiável. Contudo, logo se soube que havia intrigas secretas  
25 por trás daquele caso e que a maioria das testemunhas tinham sido subornadas. Por fim,  
26 eles obtiveram graça real. Os fogos de artifício não fizeram mal a ninguém; jamais se viu  
27 foguetes tão belos quanto aqueles.

28 Depois eles foram servidos com um delicioso jantar, o que deu mais prazer ao  
29 príncipe do que os fogos, isso porque ele estava com muita fome depois da rápida viagem  
30 que fizera com o cavalo de madeira. Os dias seguintes passaram como da primeira vez,  
31 com as milhares de diferentes festas que a engenhosa Gata Branca oferecia ao seu hóspede.  
32 Talvez ele fosse o primeiro mortal a divertir-se com os gatos sem a presença de qualquer  
33 outra pessoa.

---

<sup>27</sup> Rato combatente da fábula “A batalha dos ratos”, de La Fontaine.

<sup>28</sup> Rato gordo e eremita que luta contra os gatos na fábula “O rato ermitão”, de La Fontaine.

<sup>29</sup> Jean de La Fontaine (1621-1695), o mais célebre fabulista francês, contemporâneo de Madame d’Aulnoy.

1 O fato era que a Gata Branca tinha um gênio agradável, era confiável e sabia de  
2 quase tudo. Era muito mais instruída do que um gato poderia ser. O príncipe sempre se  
3 surpreendia.

4 — Não, não pode ser natural tudo o que noto de maravilhoso em vós — ele disse.  
5 — Se me amais, charmosa Bichana, revelai a mim com que prodígio podeis pensar e falar  
6 com tamanha sabedoria, tanto que seríeis facilmente admitida nas célebres academias a  
7 que pertencem as mentes mais elevados.

8 — Cessa as tuas perguntas, filho do rei — ela respondeu. — Não me é permitido  
9 respondê-las; podes levar as tuas conjecturas até onde quiseres, eu não me oponho. Basta  
10 saberes que sempre terás a minha patinha de veludo a teu favor, e que me preocupo com  
11 tudo o que te diz respeito.

12 Invariavelmente, aquele segundo ano passou como o primeiro: as diligentes mãos  
13 invisíveis levavam de pronto tudo o que o príncipe desejasse. Se quisesse livros, jóias,  
14 pinturas ou medalhas antigas, bastava pedir; se ele dissesse que queria uma jóia  
15 pertencente ao imperador Mogol ou ao rei da Pérsia, ou mesmo uma estátua de Corinto  
16 ou da Grécia, imediatamente ele a veria diante de si, sem nem saber quem a tinha trazido  
17 ou como ela tinha vindo. Tal comodidade seria aprazível a qualquer um; afinal, por  
18 descontração, quem é que não adoraria possuir alguns dos mais belos tesouros da Terra?

19 A Gata Branca, que sempre se ocupava com os interesses do príncipe, enfim o  
20 advertiu que a hora da sua partida se aproximava e que ele não precisava se preocupar  
21 com o pedaço de tecido que seu pai demandava, pois ela providenciara uma peça  
22 maravilhosa. Acrescentou que dessa vez desejava dar-lhe uma tripulação digna de sua  
23 estirpe e, sem nem esperar pela sua resposta, obrigou-o a olhar para o grande pátio do  
24 castelo: lá estava uma carruagem esmaltada a ouro, cor de fogo, com mil emblemas  
25 galantes que satisfaziam tanto a mente quanto os olhos. Doze cavalos brancos como a  
26 neve o conduziriam; eles estavam paramentados com placas de ouro e equipados com  
27 arreios de veludo vermelho bordado com diamantes. A cabine da carruagem seguia o  
28 mesmo padrão. Ademais, centenas de carruagens de oito cavalos o acompanhariam, todas  
29 repletas de senhores de nobre aparência, soberbamente vestidos. Mil guarda-costas o  
30 seguiriam e suas roupas estavam tão cobertas de bordados que em se podia ver o forro. O  
31 mais peculiar, porém, era que havia retratos da Gata Branca em toda parte: no emblema  
32 da carruagem, nas roupas dos guarda-costas e até mesmo atados com uma fita branca aos  
33 corpos daqueles que seguiriam o cortejo, como uma espécie de ordem de adoradores.

34 — Vai e te apresenta na corte do teu pai, o rei, de maneira tão suntuosa e com um  
35 porte tão magnificente que ele não mais te negue a coroa que mereces — disse ela ao  
36 príncipe. — Eis aqui uma noz, guarda-a! Quebra-a somente na presença do rei, nela  
37 encontrarás a peça de tecido que me pediste.

1 — Amável Branquinha, confesso-vos que me sinto tão comovido pelas vossas  
2 gentilezas que, se fosse do vosso consentimento, eu preferiria passar a minha vida aqui,  
3 convosco, e renegaria a todas as grandezas que a mim estão destinadas em terras distantes.

4 — Filho do rei, estou convencida da bondade do teu coração, algo raro entre os  
5 príncipes; eles desejam ser amados por todos, mas não querem amar ninguém — ela  
6 respondeu. — Tu, porém, demonstraste suficientemente bem que para toda regra existe  
7 uma exceção. Sempre me recordarei da consideração que tiveste por uma gatinha branca  
8 que não serve de nada, a não ser para caçar camundongos.

9 O príncipe beijou-lhe a pata e partiu.

10 Seria difícil acreditar na rapidez com que ele retornou ao castelo se já não  
11 soubéssemos que o cavalo de madeira era capaz de cumprir mais de quinhentas léguas em  
12 menos de dois dias. Porém, o mesmo poder que o movia o cavalo de madeira também  
13 afetava os demais, de modo que eles passaram apenas vinte e quatro horas na estrada. E  
14 não fizeram parada alguma até chegarem ao palácio do rei, onde os dois irmãos do  
15 príncipe já se encontravam. Sem notícias do caçula, eles comemoraram sua negligência e  
16 disseram bem baixinho um ao outro:

17 — Que sorte a nossa! Ele deve estar morto ou doente; não será nosso rival nessa  
18 importante disputa.

19 Eles apresentaram os seus tecidos, que de fato eram tão finos que passavam pelo  
20 buraco de uma agulha grande, mas não por uma agulha pequena. O rei, muito à vontade  
21 pelo pretexto que tinha para anular a competição, mostrou-lhes a agulha proposta, trazida  
22 por seus magistrados diretamente da sala do tesouro, onde havia sido cuidadosamente  
23 guardada.

24 Houve muita murmuração sobre essa disputa. Os amigos dos príncipes,  
25 especialmente os amigos do mais velho, disseram que o tecido dele era o melhor,  
26 afirmando que tudo aquilo não passava de um franco engodo, cheio de trapças e  
27 normandismo<sup>30</sup>. Já os criados do rei sustentavam que ele não tinha a obrigação de aprovar  
28 condições que não haviam sido propostas. Até que, finalmente, para acabar com todos os  
29 desacordos, ouviu-se um adorável som de trombetas, tambores e oboés: era o nosso  
30 príncipe que chegava na companhia de seu pomposo séquito. O rei e os seus dois filhos  
31 ficaram atônitos quando viram tamanha magnificência.

32 Depois de reverenciar o pai e abraçar os irmãos, ele tirou a noz de uma caixa  
33 coberta de rubis e partiu-a; pensou que fosse encontrar o pedaço de pano que tanto queria,  
34 mas em vez disso encontrou uma avelã. Partiu-a novamente, e ficou surpreso ao se  
35 deparar com um caroço de cereja. Todos se entreolharam; o rei riu docemente e zombou

---

<sup>30</sup> Nadine Jasmin assinala que, à época, a reputação dos normandos era questionável e eles eram vistos como trapaceiros e dissimulados, figurando em vários provérbios pejorativos (AULNOY, 2008, p. 211).

1 do filho, a quem considerou muito ingênuo por acreditar que haveria um pedaço de pano  
2 dentro de uma noz. No entanto, por que não haveria de acreditar nele, uma vez que fora  
3 presenteado com uma cadelinha que cabia numa bolota? Em seguida, o príncipe partiu o  
4 caroço de cereja, que, por sua vez, estava ocupado por uma amêndoa. Fez-se grande  
5 algazarra no salão; nada mais se podia ouvir além de zombarias: “O cadete é o idiota da  
6 vez”, todos diziam. Mas ele não respondeu às provocações dos cortesãos; abriu a  
7 amêndoa, e encontrou um grão de trigo, e dentro do grão de trigo, um grão de painço. Ó,  
8 foi quando ele começou a se questionar, murmurando entre dentes: “Gata Branca, Gata  
9 Branca, zombaste de mim”. Naquele mesmo instante ele sentiu a garra de um gato  
10 arranhar-lhe a mão, que de tão ferida começou a sangrar. Sem saber se aquele arranhão  
11 era um sinal de incentivo ou de desânimo, ele enfim abriu o grão de painço, provocando  
12 um espanto geral: tirou de lá uma peça de tecido com quatrocentos metros de  
13 comprimento, tão maravilhoso que todos os pássaros, animais e peixes estavam pintados  
14 ali, bem como as árvores, frutos e plantas da terra; e também as rochas, as raridades, as  
15 conchas do mar, o sol e a lua. Figuravam ali as estrelas, os astros e os planetas do céu; e  
16 não faltaram os retratos dos reis e de outros soberanos que reinavam no mundo naquela  
17 época, e todos estavam acompanhados de suas esposas, amantes e filhos, e de todos os  
18 seus súditos, sem esquecer nem mesmo o menor dos patifes. Cada governante estava  
19 retratado à caráter, de acordo com moda de seu país. Quando o rei viu aquele pedaço de  
20 pano, empalideceu na mesma proporção em que o príncipe havia ruborizado diante da  
21 vergonha que passara ao quebrar as cascas. Apresentaram-lhe a agulha e o tecido deu seis  
22 voltas em seu buraco. O rei e os dois príncipes mais velhos mantiveram um silêncio  
23 sepulcral, embora a beleza e raridade daquele tecido os obrigasse a repetir que tudo o que  
24 havia no universo não se comparava a ele.

25 O rei suspirou profundamente e voltou-se para os filhos:

26 — Nada me traz mais consolo em minha velhice do que o reconhecimento de  
27 vossa deferência para comigo. Por isso desejo submeter-vos a um novo teste: aventurai-  
28 vos pelo mundo por mais um ano e, ao final desse prazo, aquele que me apresentar a mais  
29 bela donzela, casar-se-á com ela e será coroado rei na ocasião de seu casamento. Portanto,  
30 é também uma condição que meu sucessor esteja disposto a se casar. Eu juro, prometo  
31 que dessa vez não mais tardarei a entregar a recompensa.

32 Quanta injustiça recaiu sobre o nosso príncipe! A cadelinha e a peça de tecido  
33 fizeram-no merecer dez reinos em vez de um. Mas ele era tão bem-nascido que não  
34 contrariou a vontade do seu pai e, sem demora, voltou para a sua carruagem. O grande  
35 cortejo retornou junto dele ao reino de sua querida Gata Branca. Ela sabia o dia e a hora  
36 em que ele deveria chegar; havia flores por todo caminho e milhares de caçarolas  
37 fumegavam por toda parte, especialmente no castelo. Ela estava assentada em um tapete  
38 persa, sob um dossel de tecido dourado, numa galeria de onde podia vê-lo chegar. Ele foi

1 recebido pelas mãos que sempre o serviram. Todos os gatos subiram ao telhado a fim de  
2 felicitá-lo com uma miação desesperada.

3 — Ora, filho do rei, retornas novamente sem a coroa? — questionou a Gata  
4 Branca.

5 — Madame, o vosso auxílio colocou-me a ponto de ganhá-la — ele respondeu. —  
6 Mas tenho a certeza de que o rei tem mais dificuldade em entregá-la do que eu em possuía-  
7 la.

8 — Seja como for, deves fazer o que for preciso para merecê-la — ela replicou. —  
9 Servir-te-ei também na atual disputa; e já que tens de levar uma bela donzela à corte do  
10 teu pai, procurarei alguma que garante o prêmio para ti. Enquanto isso, alegremo-nos,  
11 pois ordenei um combate naval entre os meus gatos e os ratos mais terríveis do condado.  
12 Meus gatos ficarão um tanto temerosos, pois temem a água; porém, se não fosse por isso,  
13 eles teriam demasiadas vantagens, e tudo deve ser feito com equilíbrio.

14 O príncipe admirou a prudência da madame Bichana. Rendeu-lhe muitos elogios  
15 e dirigiu-se com ela a um terraço com vista para o mar.

16 As embarcações dos gatos consistiam em grandes pedaços de cortiça, sobre os  
17 quais navegavam com bastante conforto. Os ratos tinham juntado várias cascas de ovos  
18 que lhes serviam de navios. A batalha foi cruelmente travada; os ratos se atiravam na água  
19 e nadavam muito melhor que os gatos, de modo que por vinte vezes eles venceram e por  
20 outras vinte também foram vencidos. Mas o Minagrobis, almirante da frota gatônica,  
21 reduziu a raça ratoniana<sup>31</sup> em um último golpe de desespero: devorou o general da frota  
22 adversária com uma boa dentada, pois era um rato velho e experiente, que já tinha dado  
23 três voltas pelo mundo a bordo de bons navios, onde não fora capitão e nem marinheiro,  
24 mas apenas um devorador de toucinho.

25 A Gata Branca não queria de modo algum que aqueles pobres infelizes fossem  
26 destruídos. Ela era politizada e sabia que, se não houvesse mais ratos e camundongos em  
27 seu país, seus súditos viveriam em uma ociosidade que poderia tornar-se prejudicial.

28 O príncipe passou aquele ano tal como havia passado os outros dois, ou seja,  
29 caçando, pescando e jogando, pois a Gata Branca era ótima no xadrez. De vez em quando,  
30 ele não conseguia se conter e fazia novas perguntas, tudo para tentar descobrir por qual  
31 milagre ela conseguia falar. Ele perguntava se ela era uma fada ou se por intermédio de  
32 alguma metamorfose ela fora transformada em gata. Porém, como ela sempre alegava que  
33 nada poderia dizer, suas respostas nada respondiam, e se esquivava com palavras que não  
34 significavam nada. Tal situação fê-lo entender que ela não desejava partilhar seu segredo  
35 com ele.

---

<sup>31</sup> La gente ratonienne.

1 Nada acaba mais depressa do que os dias que se passam sem tristeza e sofrimento,  
2 tanto que, se a Gata não tivesse o cuidado de lembrar o prazo de regresso à corte, decerto  
3 o príncipe o teria esquecido totalmente. Ela o advertiu, na véspera, que caberia a ele  
4 mesmo encontrar uma das mais belas princesas do mundo, revelando-lhe que finalmente  
5 era chegado o tempo de desfazer o fatal trabalho das fadas. Para isso, ele deveria decepar-  
6 lhe a cabeça e a cauda e atirá-las prontamente ao fogo.

7 — Eu? — ele exclamou. — Branquinha, por todo o meu amor! Como eu seria  
8 suficientemente bárbaro a ponto de vos matar? Ora, não há dúvidas de que quereis testar  
9 o meu coração! Estejais certa de que não sou capaz de faltar-vos com a amizade e com a  
10 gratidão que vos devo.

11 — Não, filho do rei — ela continuou. — Eu não desconfio de nenhuma ingratidão,  
12 bem conheço o teu mérito. Não cabe a ti e nem mesmo a mim decidir sobre o nosso  
13 destino dessa vez. Faz o que te pedi e assim viveremos felizes. Verás, pela fé na minha  
14 bondade e honra felina, que sou tua amiga de verdade.

15 Lágrimas escorreram duas ou três vezes pelos olhos do jovem príncipe só de  
16 pensar em cortar a cabeça de sua linda e graciosa Gatinha. Ele ainda tentou convencê-la  
17 do contrário, usando os argumentos mais comoventes que conhecia, tudo para que ela o  
18 dispensasse daquela tarefa. Ela, porém, respondeu obstinadamente que desejava morrer  
19 pela mão dele, e que aquele seria o único meio de evitar que seus irmãos conquistassem a  
20 coroa. Sem dizer mais nada, ela o agarrou com muito ardor; trêmulo, ele sacou a espada  
21 e, com uma mão insegura, cortou a cabeça e a cauda de sua boa amiga, a Gata. Naquele  
22 mesmo instante, ele testemunhou a mais encantadora metamorfose que se poderia  
23 imaginar: o corpo da Gata Branca cresceu e de súbito ela se transformou em uma donzela.  
24 E quem era ela? Isso é algo que não se pode descrever, basta saber que assim aconteceu.  
25 Seu olhar alegrava corações e a sua doçura os constrangia; o seu porte era majestoso, com  
26 ares de nobreza e modéstia. Era espirituosa e tinha modos envolventes; enfim, ela estava  
27 acima de tudo o que havia de mais amável.

28 Ao vê-la, o príncipe ficou tão surpreso, tão maravilhosamente surpreso, que  
29 pensou ter sido enfeitiçado. Ele não conseguia falar, seus olhos não eram suficientemente  
30 grandes para admirá-la e a sua língua atrofiada não conseguia explicar o seu  
31 deslumbramento. E também aconteceu outra coisa: ele viu entrar um número  
32 extraordinário de damas e cavalheiros, e todos traziam consigo a sua pele de gata ou de  
33 gato sobre os ombros; eles se prostraram aos pés da rainha, testemunhando a grande  
34 alegria que sentiam ao vê-la em seu estado natural. Ela os recebeu com todas as  
35 demonstrações de gentileza que eram características de sua personalidade. E, depois de  
36 interagir com o seu círculo por algum tempo, ela ordenou que fosse deixada a sós com o  
37 príncipe. E narrou-lhe assim:



1 “Não penses, senhor, que fui sempre gata, nem que tive um mau nascimento entre  
2 os homens. Meu pai era rei de seis reinos. Ele amava ternamente a minha mãe e dava-lhe  
3 total liberdade para fazer tudo o que bem quisesse. Seu maior prazer era viajar; por isso,  
4 estando grávida de mim, ela foi conhecer uma certa montanha sobre a qual ouvira falar  
5 coisas surpreendentes. A certa altura do percurso, disseram-lhe que perto dali ficava um  
6 antigo castelo de fadas, o mais bonito do mundo, ao menos era o que dizia uma velha  
7 tradição; como ninguém jamais o visitara, não seria possível julgar ao certo. O que se sabia  
8 com toda a certeza era que aquelas fadas cultivavam em seu jardim as melhores, mais  
9 saborosas e mais delicadas frutas jamais experimentadas.

10 Logo, minha mãe foi tomada por um desejo incontrollável de comê-los, tão forte  
11 que ela refez o seu trajeto e enfim chegou à porta daquele soberbo edifício, que brilhava  
12 de ouro e azurita<sup>32</sup> por todos os lados. Em vão ela bateu à porta, pois ninguém apareceu.  
13 Parecia que não havia uma alma viva ali. A dificuldade aumentou ainda mais o seu desejo  
14 e ela mandou buscar escadas para que pudessem pular os muros do jardim; seus súditos  
15 bem que teriam conseguido se os muros não se erguessem sozinhos a cada degrau que  
16 eles subiam, mesmo que não houvesse ninguém trabalhando neles. Eles uniram as escadas  
17 umas às outras, mas elas se partiram com o peso daqueles que tentaram subir; uns se  
18 estropiaram e outros morreram.

19 A rainha entrou em desespero. Ela avistou grandes árvores cheias de frutas que ela  
20 imaginava serem deliciosas; queria comê-las ou então morreria. Por isso, mandou que  
21 montassem um grande acampamento em frente ao castelo, e lá permaneceu durante seis  
22 semanas com toda a sua corte. Ela não dormia e nem comia, suspirava o tempo todo e só  
23 falava das frutas do jardim inacessível. Por fim, ela adoeceu perigosamente, sem que  
24 ninguém pudesse remediar o seu mal. As inexoráveis fadas nem sequer apareceram desde  
25 o dia em que ela se instalara nas imediações do castelo. Todos os oficiais se angustiaram  
26 extraordinariamente. Não havia nada a se fazer a não ser chorar e lamentar sempre que a  
27 rainha moribunda pedia uma fruta àqueles que a serviam; mas ela não queria outras senão  
28 aquelas que lhe eram recusadas.

29 Uma noite, depois de ter adormecido por um momento, ela acordou e viu uma  
30 velhinha feia e decrépita sentada numa poltrona bem ao lado da sua cama. Ficou surpresa  
31 com a omissão de suas damas de companhia, que permitiram que uma estranha se  
32 aproximasse tanto dela. Foi quando a velha lhe disse:

33 — Vossa Majestade é mesmo muito impertinente! Estás obstinada em comer as  
34 nossas frutas. Como a tua preciosa vida está em risco, minhas irmãs e eu concordamos  
35 em te dar algumas, tantas quantas possas carregar, desde que permaneças aqui e que nos  
36 dês um presente.

---

<sup>32</sup> Mineral azul utilizado como joia e também para pigmentação.

1 — Ah, minha boa mãe! — exclamou a rainha. — Dizei logo o que quereis para que  
2 eu as tenha, se são os meus reinos, o meu coração ou a minha alma. Sei que não poderei  
3 pagá-las, devem me custar muito caro.

4 — Nós queremos que Vossa Majestade nos dê a filha que traz no seu ventre —  
5 respondeu a fada. — Assim que ela nascer, viremos buscá-la; ela será criada entre nós e  
6 não lhe faltará virtude, beleza e sabedoria. Em outras palavras, ela será nossa filha, fá-la-  
7 emos feliz. Observe, porém, que Vossa Majestade não voltará a vê-la enquanto ela não se  
8 casar. Se a proposta te agrada, nós te curaremos imediatamente e te levaremos aos nossos  
9 pomares. Mesmo que seja noite, haverá luz o bastante para que escolhas o que desejares.  
10 Porém, se não for do teu agrado, boa noite, madame rainha, eu irei dormir.

11 — Por mais dura que seja a lei que me impondes, eu a aceito em vez de morrer —  
12 respondeu a rainha. — Decerto não tenho nem mais um dia de vida e, ao perder-me, eu  
13 perderia o meu filho. Curai-me, sábia fada, não mais me priveis do prazer de desfrutar o  
14 privilégio que me concedestes.

15 A fada tocou-a com uma pequena varinha de ouro, dizendo:

16 — Que Vossa Majestade esteja livre de todos os males que a mantêm nessa cama.

17 E logo a rainha teve a sensação de estar sendo despida do pesado e injustamente  
18 cruel manto que a sobrecarregava; em alguns pontos, o alívio pareceu ser ainda maior,  
19 provavelmente naqueles em que a doença mais havia se agravado. Ela mandou chamar  
20 todas as suas damas, e disse-lhes, com semblante de felicidade, que estava se sentindo  
21 maravilhosamente bem, que se levantaria e que finalmente os portões do palácio das  
22 fadas, tão bem fechados e trancados, seriam abertos para que ela pudesse comer aquelas  
23 belas frutas, além de levar consigo o quanto quisesse.

24 Não houve uma dama que não achasse que a rainha estava delirando, tendo  
25 devaneios com as frutas que tanto desejava; tanto que em vez de lhe responderem,  
26 começaram a chorar e acordaram todos os médicos para que eles vissem em que estado  
27 ela se encontrava. Desesperada com aquele atraso, a rainha pediu que lhe trouxessem suas  
28 roupas, mas as damas se recusaram, deixando-a vermelha de raiva. Disseram que o rubor  
29 era um efeito de sua condição febril, mas enfim os médicos entraram e, depois de  
30 verificarem o seu pulso e de realizarem os procedimentos de rotina, afirmaram que ela  
31 estava com a saúde perfeita. Foi então que as damas se deram conta do erro provocado  
32 pelo excesso de cuidados, e não tardaram em tentar repará-lo, vestindo-a depressa. Todas  
33 lhe pediram perdão e a situação foi apaziguada. A rainha apressou-se para ir ao encontro  
34 da velha fada, que a aguardava.

35 Ela entrou no palácio, um ambiente em que nada precisava ser acrescentado para  
36 que fosse considerado o lugar mais bonito do mundo, como bem podes ver, meu senhor,  
37 visto que é aqui onde estamos. Duas outras fadas — estas um pouco menos velhas do que  
38 aquela que conversara com a minha mãe — receberam-na à porta e acolheram-na com

1 benignidade. Ela pediu às fadas que a conduzissem rapidamente para o jardim e para o  
2 pomar, onde ela buscaria pelas melhores frutas.

3 — São todas igualmente boas — elas lhe disseram. — E se não quiseres ter o prazer  
4 de colhê-las, basta que as chamemos para que elas apareçam aqui.

5 — Eu vos suplico, madames, que eu possa ter a satisfação de testemunhar algo  
6 assim tão extraordinário.

7 A mais velha pôs os dedos na boca e assobiou três vezes, depois gritou:

8 — Damascos, pêssegos, nêspersas, nectarinas, cerejas vermelhas e reais, ameixas,  
9 peras, melões, moscatéis, maçãs, laranjas, limões, groselhas, morangos e framboesas,  
10 atendam ao meu chamado!

11 — Mas as frutas que chamastes são de diferentes estações — comentou a rainha.

12 — Isso não se aplica aos nossos pomares — respondeu a fada. — Temos todos os  
13 tipos de frutas da terra, sempre maduras, sempre boas e que nunca estragam.

14 E prontamente elas vieram; rolavam, rastejavam e escalavam, sem sujeira e sem  
15 avarias, de modo que a rainha, impaciente para satisfazer o seu desejo, atirou-se sobre  
16 elas, tomou as primeiras que lhe vieram às mãos e as devorou sem nem mastigar.

17 Quando se sentiu um pouco satisfeita, pediu às fadas que a deixassem ir aos  
18 pomares para que ela tivesse o prazer de escolhê-las com os olhos e de colhê-las por si  
19 mesma.

20 — Nós estamos de acordo — disseram as três fadas. — Lembra, porém, da  
21 promessa que nos fizeste, já não podes mais voltar atrás.

22 — Ora, estou convencida de que é muito bom estar aqui convosco — respondeu a  
23 rainha. — Ademais, este palácio parece-me tão bonito que, se o amor que sinto pelo meu  
24 marido não fosse tanto, oferecer-me-ia para ficar aqui. Por isso não é preciso temer que  
25 eu retire as minhas palavras.

26 Muito contentes, as fadas abriram-lhe todos os seus jardins e também os demais  
27 recintos. A rainha ali permaneceu por três dias e três noites, sem nem pensar em sair, de  
28 tão deliciosas que achou as frutas. Ela fez um estoque para si, visto que elas nunca  
29 estragavam; carregou quatro mil mulas para levá-las embora. As fadas acondicionaram as  
30 frutas em requintados cestos de ouro bem trabalhados, além de adicionarem várias  
31 raridades de inestimável valor. Prometeram à minha mãe que me criariam como uma  
32 princesa, que me tornariam perfeita e que escolheriam um marido para mim. Na ocasião  
33 oportuna, ela seria avisada do casamento para que pudesse comparecer.

34 O rei se alegrou com o regresso da rainha, bem como toda corte. Houve bailes,  
35 mascaradas, corridas de argola<sup>33</sup> e festas onde as frutas da rainha foram servidas como

---

<sup>33</sup> *Courses de bagues*: de acordo com a quinta edição do dicionário da Academia Francesa (1798, p. 113), trata-se de uma competição a cavalo que consiste na tentativa de pegar um anel suspenso com a ponta de uma lança.

1 iguarias saborosas. O rei se fartou de comê-las em detrimento de qualquer coisa que lhe  
2 apresentassem. Ele não sabia do tratado que sua esposa fizera com as fadas; perguntou-  
3 lhe muitas vezes onde ficava o país de onde ela trouxera frutas tão boas. Ela respondia que  
4 ficava além de uma montanha quase inacessível, depois dos vales, no meio de um jardim  
5 nas entranhas de uma grande floresta. O rei ficou surpreso com a quantidade de  
6 empecilhos e resolveu interrogar os súditos que a tinham acompanhado; ela, porém, os  
7 proibira de contar sobre sua aventura, de modo que eles não se atreveram a revelar ao rei.

8 Quando a rainha finalmente começou a se preocupar com o que tinha prometido  
9 às fadas, vendo aproximar-se o tempo das fraldas, sucumbiu a uma terrível melancolia:  
10 seu semblante se abateu visivelmente e ela passou a suspirar o tempo inteiro. Preocupado,  
11 o rei pressionou a rainha a declarar-lhe o motivo de sua tristeza, e assim, tomada de  
12 extrema dor, ela contou-lhe tudo o que tinha se passado entre ela e as fadas, que lhes tinha  
13 prometido a filha que iria ter.

14 — O quê!? — vociferou o rei. — Nós não temos filhos, bem sabeis o quanto eu  
15 desejo um, e fostes capaz de prometer a nossa filha em troca de um punhado de maçãs!  
16 Certamente não tendes consideração alguma por mim!

17 Ele a censurou com mil reprovações, tanto que minha pobre mãe pensou que fosse  
18 morrer de desgosto. Não contente com isso, o rei mandou trancá-la em uma torre, e  
19 colocou guardas por toda parte a fim de impedi-la de ter contato com qualquer pessoa no  
20 mundo, exceto com os oficiais que a serviam; tratou, também, de dispensar aqueles que  
21 estiveram com ela no castelo das fadas.

22 O mal-entendido entre o rei e da rainha deixou a corte completamente  
23 consternada. Todos trocaram seus trajes requintados por vestes de luto. O rei, por sua vez,  
24 parecia irredutível, e já não fazia questão de visitar sua esposa. Assim que eu nasci, ele  
25 ordenou que me levassem ao seu palácio, onde eu seria criada, enquanto minha mãe  
26 continuaria prisioneira e muito infeliz. As fadas não sabiam nada do que estava  
27 acontecendo; elas ficaram zangadas, pois me queriam, viam-me como sua propriedade,  
28 achavam que estavam sendo roubadas. Antes, porém, de tramarem uma vingança  
29 proporcional ao seu aborrecimento, elas enviaram uma célebre emissária ao castelo do  
30 rei. Ela o advertiu, solicitou a libertação da rainha e a restituição de seus privilégios; pediu  
31 também que ele me entregasse aos embaixadores das fadas, para que eu fosse criada e  
32 educada por elas. Esses embaixadores eram bem pequenos e disformes, anões horrendos,  
33 cuja aparência não colaborou para o convencimento do rei. Ele recusou os pedidos de  
34 forma categórica e poderia ter feito pior caso eles não tivessem se retirado bem depressa.

35 Quando as fadas souberam da atitude do meu pai, ficaram terrivelmente  
36 indignadas. Elas trataram de desolar todos os seis reinos que ele governava, fazendo recair  
37 sobre eles os piores males que pudessem existir. Elas libertaram um dragão espantoso,

1 capaz de envenenar todos os lugares por onde ele passava; ele devorou homens e crianças,  
2 devastando árvores e plantas com o sopro do seu hálito.

3 Ao ver-se na mais terrível desolação, o rei consultou todos os sábios do seu reino,  
4 buscando saber o que deveria fazer para salvar seus súditos dos infortúnios que os  
5 acometiam. Aconselharam-no a chamar os melhores médicos e a obter os remédios mais  
6 excelentes do mundo; disseram também que ele deveria prometer que preservaria a vida  
7 dos criminosos condenados à morte que aceitassem lutar contra o dragão. O rei ficou  
8 bastante satisfeito com aqueles conselhos e os executou; porém, não houve remissão: a  
9 mortandade persistiu e todos que foram contra o dragão acabaram devorados. Acabou  
10 que ele decidiu recorrer a uma fada que o protegia desde sua mais tenra infância. Ela era  
11 muito velha e mal se levantava; ao encontrá-la, ele fez mil acusações, disse que o destino  
12 o perseguia e que ela não o ajudava. A fada disse-lhe:

13 — Que poderei eu fazer? Irritastes minhas irmãs, elas têm tanto poder quanto eu  
14 e raramente agimos umas contra as outras. Considerai apaziguá-las entregando-lhes vossa  
15 filha, pois essa princesinha pertence a elas. Ademais, trancafiastes a rainha na prisão! O  
16 que uma mulher tão amável vos fez para que fosse tratada tão mal assim? Tomai a decisão  
17 correta e mantende a promessa que ela fez. Eu vos garanto que, agindo assim, sereis  
18 agraciado com a bonança.

19 O rei, meu pai, amava-me ternamente; porém, sem encontrar outra forma de  
20 salvar os reinos e de afugentar o mortífero dragão, ele disse à sua amiga, a fada, que estava  
21 decidido a seguir seus conselhos, que me entregaria às fadas, pois elas haviam assegurado  
22 que me criariam com carinho e que me tratariam como a princesa de estirpe que sou. Ele  
23 também prometeu que libertaria a rainha. Por fim, perguntou à fada o que ele deveria  
24 fazer para que eu fosse levada ao castelo feérico.

25 — Deveis levá-la em seu berço até a Montanha das Flores — ela respondeu. — E  
26 se desejares, podereis permanecer por perto para testemunhar a festa que será feita.

27 O rei lhe disse que dentro de oito dias ele iria até lá com a rainha e pediu que as  
28 fadas fossem avisadas para que a situação se normalizasse.

29 Quando retornou ao palácio, mandou que libertassem a rainha; ela foi recebida  
30 com ternura e pompa proporcionais ao ódio e violência com que fora feita cativa. No  
31 entanto, ela se encontrava tão prostrada e abatida que teria sido difícil reconhecê-la caso  
32 o seu coração não o tivesse assegurado de que se tratava da mesma pessoa que uma vez  
33 lhe fora tão querida. O rei implorou, com lágrimas nos olhos, que ela se esquecesse do  
34 desprazer que ele lhe causara; disse que seria a primeira e última vez que ele a desagradava.  
35 Ela replicou dizendo que experimentara as consequências de sua própria imprudência  
36 por ter prometido sua filha às fadas, e que o estado em que se encontrava era uma prova  
37 de seu arrependimento. Foi então que o rei declarou sua intenção de entregar-me a elas,  
38 ao que a rainha demonstrou relutância, pois acreditava ter sido perdoada; afinal, era como

1 se eu estivesse fadada a ser objeto de discórdia entre meus pais. Somente depois de muito  
2 choro e lamentação, sem nenhum sinal do suposto perdão (pois o rei continuou a  
3 testemunhar inúmeros acontecimentos catastróficos e os nossos súditos continuaram a  
4 morrer como se fossem culpados pelas falhas da nossa família), a rainha enfim consentiu  
5 com a intenção do rei, e logo a cerimônia foi preparada.

6 Eu fui colocada em um berço de madre pérola, adornado com todo tipo de artefato  
7 galante que se possa imaginar. Havia guirlandas de flores e festões pendurados em volta  
8 do berço; as flores eram feitas de joias de diferentes cores, e quando elas eram atingidas  
9 pelo sol, refletiam raios tão brilhantes que era impossível olhar para elas. Apenas uma  
10 coisa ultrapassava a magnificência do berço: a minha apresentação. As abotoaduras do  
11 meu traje eram grandes pérolas; vinte e quatro princesas legítimas me carregaram sobre  
12 uma numa espécie de liteira muito leve. Elas estavam ataviadas com diferentes adereços,  
13 mas não lhes fora permitido vestir qualquer outra cor que não o branco, em alusão à  
14 minha inocência. Todos os cortesãos me acompanharam, cada qual com sua comitiva.

15 Enquanto subíamos a montanha, à medida em que íamos nos aproximando do  
16 local, começamos a ouvir uma melodiosa sinfonia. Foi quando as três fadas finalmente  
17 apareceram, acompanhadas de suas boas amigas; no total eram trinta e seis, e cada uma  
18 delas estava sentada em uma concha de pérola maior do que aquela em que Vênus<sup>34</sup>  
19 estivera quando saiu do mar. Mais pomposas que as maiores rainhas do universo, ainda  
20 que excessivamente velhas e feias, elas eram conduzidas por cavalos-marinhos que não  
21 apresentavam um bom desempenho em terra. As fadas levavam um ramo de oliveira  
22 como símbolo de que a submissão do rei havia encontrado graça perante elas. Quando as  
23 fadas me pegaram, abraçaram-me com um carinho tão extraordinário que parecia que  
24 elas desejavam viver apenas para me fazerem feliz.

25 O dragão que lhes tinha servido em vingança contra meu pai veio atrás delas,  
26 amarrado em correntes de diamantes. Pegando-me no colo, todas as fadas me fizeram mil  
27 carícias e concederam-me muitos dons. Em seguida começou o balé das fadas, uma dança  
28 muito alegre; foi inacreditável ver o modo como aquelas velhotas pularam e saltitaram.  
29 Depois, o dragão que havia devorado tantas pessoas veio rastejando em minha direção e  
30 as três fadas a quem a minha mãe me prometera montaram sobre ele e colocaram o meu  
31 berço no meio delas. Bateram com a varinha no dragão, que imediatamente abriu suas  
32 grandes asas escamosas mais finas do que um crepe, coloridas com uma mescla de cores  
33 bizarras; e assim ele levantou voo rumo ao castelo. Quando minha mãe me viu voando no  
34 ar, nas costas daquele furioso dragão, ela não conseguiu se conter e soltou um grito  
35 estridente. O rei a consolou com a segurança que sua amiga fada lhe tinha dado,  
36 garantindo que nenhum acidente me aconteceria e que eu seria tratada como se tivesse

---

<sup>34</sup> Referência ao episódio do nascimento de Vênus, retratado pelo famoso pintor Sandro Botticelli em 1483.

1 permanecido no meu próprio palácio. Ela se acalmou, ainda que fosse muito doloroso me  
2 perder por tanto tempo; se ela não tivesse desejado comer as frutas do jardim, eu teria  
3 permanecido no reino do meu pai e não teria tido o desprazer de viver todos os  
4 infortúnios que estou prestes a vos contar.

5 Sabei, filho do rei, que minhas tutoras mandaram construir para mim uma torre  
6 com milhares de belos aposentos, pensados para todas as estações do ano, com um  
7 magnífico mobiliário e livros agradáveis. Porém, não fizeram uma porta, de modo que o  
8 único meio de adentrá-la era pelas janelas, que eram prodigiosamente altas. No alto da  
9 torre havia um belo jardim, com flores, fontes e canteiros de verduras, onde se poderia  
10 passear nos dias mais quentes da canícula<sup>35</sup>. Foi nesse lugar que as fadas me criaram, com  
11 um cuidado que ultrapassava tudo o que tinham prometido à rainha. As minhas roupas  
12 estavam sempre de acordo com a moda, tão bonitas que se alguém me tivesse visto,  
13 pensaria que eu andava sempre trajada como se fosse o dia do meu casamento. Elas me  
14 ensinaram tudo o que era apropriado para a minha idade, de acordo com os padrões da  
15 minha estirpe. Eu não lhes dei muito trabalho, pois não havia quase nada que eu não  
16 pudesse compreender com extrema facilidade. Minha doçura muito as agradava, e como  
17 nunca tinha visto nada e ninguém além delas, eu bem que teria vivido tranquilamente  
18 nessa situação o resto da minha vida.

19 Todos os dias elas iam me ver, montadas sobre o furioso dragão de que já falei,  
20 mas nunca me falavam do rei ou da rainha; chamavam-me de filha, e eu de fato pensava  
21 que o era. Não havia mais ninguém vivendo comigo na torre a não ser um papagaio e um  
22 cachorrinho, animais que elas me deram para o meu entretenimento, visto que eles eram  
23 dotados de razão e falavam maravilhosamente.

24 Um dos lados da torre fora construído próximo a uma trilha fechada, repleta de  
25 rochas e árvores que a encobriam, de sorte que eu não tinha visto ninguém por lá desde  
26 que eu fora trancada. Um dia, porém, enquanto eu estava à janela falando com o meu  
27 papagaio e com o meu cachorro, ouvi um ruído qualquer. Olhei à minha volta e avistei  
28 um jovem cavaleiro; ele estava ali, parado, ouvindo a nossa conversa. Eu nunca tinha visto  
29 um, só em pinturas. Eu não me zanguei com aquela intrusão inesperada, afinal era a  
30 oportunidade de conhecer alguém. Sem conhecer as perigosas consequências atreladas à  
31 satisfação de admirar algo tão amável, dei um passo à frente para vê-lo melhor; e quanto  
32 mais olhava para ele, mais prazer eu tinha. Sem tirar seus olhos dos meus, ele me prestou  
33 uma profunda reverência. No entanto, pareceu-me que ele não sabia como se dirigir a  
34 mim, pois a minha janela era muito alta e ele temia ser ouvido, pois bem sabia que aquele  
35 era o castelo das fadas.

---

<sup>35</sup> Calor muito forte; período do ano com fortes ondas de calor.

1           A noite caiu de repente; ou melhor, para ser mais justa, devo dizer que anoiteceu  
2 sem que nos déssemos conta. Ele tocou uma corneta duas ou três vezes e me entreteve  
3 com algumas fanfarras. Depois, partiu sem que eu pudesse ver para que lado ia, pois já  
4 estava muito escuro. Daquele dia em diante eu me entreguei aos devaneios; já não sentia  
5 o mesmo prazer ao conversar com o papagaio e o cão. Eles me contavam as coisas mais  
6 bonitas do mundo, pois os animais encantados pelas fadas se tornam inteligentíssimos.  
7 Eu, porém, encontrava-me perdida em meus sonhos e já não dominava mais a arte da  
8 concentração. E o papagaio reparou nisso; ele era sagaz e não disse nada do que lhe  
9 passava pela cabeça.

10           Todos os dias eu me levantava ao raiar do sol e corria para a janela; era sempre  
11 uma agradável surpresa quando eu via o jovem cavaleiro aos pés da torre. Ele sempre  
12 aparecia vestido em trajes magníficos, e eu me gabava pelo fato de talvez ser a causa disso;  
13 afinal, eu não estava errada. Ele falava comigo com o auxílio de uma espécie de trompete  
14 que intensificava a voz. Disse-me que, até então, ele fora insensível a todas as belezas que  
15 vira no mundo, mas que, quando me viu, sentiu-se tão fortemente atraído que já não sabia  
16 como haveria de conviver com o desejo mortal de me ver todos os dias da sua vida. Eu  
17 fiquei muito contente com aquele elogio, mas também muito aflita por não ousar  
18 respondê-lo, pois para isso eu teria de gritar com todas as minhas forças, correndo o risco  
19 de ser ouvida antes pelas fadas do que por ele. Peguei algumas flores e as atirei a ele, que  
20 as recebeu como uma grande dádiva; beijou-as várias vezes e me agradeceu. Em seguida,  
21 perguntou-me se eu estava de acordo que ele viesse todos os dias naquela mesma hora  
22 debaixo da minha janela; se sim, deveria atirar-lhe algo. Eu estava usando um anel de  
23 turquesa, que prontamente retirei e joguei para ele com muita pressa, fazendo sinal para  
24 que fosse logo embora, isso porque eu já podia ouvir a violenta fada se aproximando pelo  
25 outro lado da torre. Ela vinha montada em seu dragão para me trazer o desjejum.

26           A primeira coisa que ela me disse ao entrar no meu quarto foi:

27           — Pressinto por aqui a voz de um homem! Procura-o, dragão.

28           Ó, quão tensa eu me senti! Fiquei asfisiada de pavor, torcendo para que ele não  
29 passasse pela outra janela e avistasse o cavaleiro, por quem eu já estava muito interessada.

30           — Minha boa mamãe (pois a velha fada queria que eu a chamasse assim), estais a  
31 brincar quando dizeis que pressentis a voz de um homem? — disse eu. — Ademais, sendo  
32 verdade o vosso pressentimento, quem seria o mortal suficientemente imprudente para  
33 se aventurar a escalar esta torre?

34           — Estás certa, minha filha — ela respondeu. — Estou contente ao ver-te raciocinar  
35 tão bem! Penso que talvez seja o ódio que tenho por todos os homens, o que às vezes me  
36 leva a crer que eles não estão muito longe de mim.

37           Ela me entregou a comida e o meu fuso.



1 — Quando estiveres satisfeita, não te esqueças de fiar, pois ontem não fizeste nada  
2 e minhas irmãs ficaram zangadas — disse ela.

3 Eu estivera tão ocupada com o desconhecido que não tinha conseguido fiar.

4 Assim que ela se retirou, coloquei o fuso de canto com ares de revolta e subi para  
5 o terraço a fim de enxergar o mais longe possível. Eu tinha uma excelente luneta e não  
6 havia nada que limitasse a minha visão; olhei de todos os lados, até que avistei o meu  
7 cavaleiro no alto de uma montanha. Ele estava descansando sob um rico dossel de tecido  
8 dourado, cercado por uma grande comitiva. Não tive dúvidas de que ele fosse filho de  
9 algum rei vizinho ao palácio das fadas. Com medo de que ele voltasse à torre e fosse  
10 descoberto pelo terrível dragão, fui buscar o meu papagaio e disse-lhe para voar até a  
11 montanha, que ali encontraria o homem com quem eu havia conversado. Pedi a ele que  
12 implorasse ao príncipe, em meu nome, para não mais voltar, pois eu temia a vigilância  
13 das minhas guardiãs e que elas lhe fizessem algo de mau.

14 Inteligente que era, o papagaio executou sua missão. Todos ficaram surpresos ao  
15 vê-lo chegar voando e empoleirar-se no ombro do príncipe. Falou-lhe ao ouvido, bem  
16 baixinho, deixando-o ao mesmo tempo feliz e ressentido com aquela mensagem; a minha  
17 preocupação enterneceu seu coração, mas as dificuldades que ele teria de enfrentar para  
18 falar comigo oprimiram-no, já que ele não seria capaz de suprimir seu desejo de me  
19 agradar. Fez centenas de perguntas ao papagaio; e o papagaio, por sua vez, fez-lhe outra  
20 centena, pois era curioso por natureza. O rei delegou-lhe a incumbência de me entregar  
21 um anel em substituição ao de turquesa que eu lhe dera; era um anel mais bonito que o  
22 meu, forjado em forma de coração e cravejado de diamantes.

23 — É justo que eu vos trate como um embaixador — disse ele ao papagaio. — Eis  
24 aqui o meu retrato, mostrai-o apenas à vossa encantadora senhora.

25 O retrato foi colocado sobre suas asas e o anel foi trazido em seu bico.

26 Esperei o retorno do meu pequeno emissário verde com uma ansiedade tal como  
27 eu nunca sentira antes. Ele me disse que o homem a quem eu o enviara era um grande rei,  
28 que o recebera com os melhores modos do mundo, e que eu podia ter a certeza de que ele  
29 viveria apenas para mim. Disse também que ele estava determinado a fazer o que fosse  
30 preciso para me ver, e que apesar do grande perigo que correria ao aproximar-se da torre,  
31 ele não estava disposto a desistir. Aquela notícia me comoveu fortemente, tanto que  
32 comecei a chorar; o papagaio e o totó me consolaram da melhor forma que puderam, pois  
33 eles me amavam ternamente. O papagaio então me entregou o anel e o retrato; juro que  
34 jamais havia me sentido tão feliz! Enfim eu pude admirar de perto aquele a quem eu só  
35 avistara de longe. E ele me pareceu ainda mais amável do que eu imaginava. Uma centena  
36 de pensamentos vieram-me à mente, uns agradáveis e outros tristes; acabei por sentir uma  
37 ansiedade extraordinária.

1 As fadas, que naquele instante vieram me fazer uma visita, viram o estado em que  
2 eu me encontrava. Disseram umas às outras que eu já estava ficando entediada e que elas  
3 teriam de encontrar em um esposo para mim, um homem que fosse da raça das fadas.  
4 Falaram de muitos e se detiveram no nome do pequeno rei Migonnet<sup>36</sup>, cujo reino ficava  
5 a quinhentas mil léguas de seu palácio, mas que isso não seria um problema. O papagaio  
6 ouviu aquele belo conselho e logo veio me prestar contas, dizendo:

7 — Ó, sentirei pena de vós, minha querida senhora, caso vos torneis a rainha  
8 Migonnette! Ele é um feioso de fazer pavor! Lamento dizer-vos isso, mas o rei que vos  
9 ama não o tomaria nem para ser um lacaios.

10 — Tu já o viste, papagaio? — eu perguntei.

11 — Acredito que já estive ao lado dele no alto de um galho.

12 — Como assim, em um galho? — eu repliquei.

13 — Sim — o papagaio respondeu. — Ele tem pés de águia.

14 Aquele testemunho me afligiu estranhamente. Olhei para o retrato encantador do  
15 jovem rei; aquele presente servia apenas para suscitar em mim o desejo de vê-lo. Ao  
16 compará-lo com o que o papagaio dissera sobre Migonnet, não tive mais esperança para  
17 a minha vida: antes escolheria morrer a me casar com ele.

18 Passei a noite em claro. O papagaio e o totó conversaram comigo e acabei  
19 adormecendo pela manhã; dormi pouco. Como o meu cãozinho tinha um ótimo faro, ele  
20 percebeu que o rei estava aos pés da torre. Ele acordou o papagaio, dizendo:

21 — Eu aposto que o rei está lá embaixo.

22 — Cala-te, tagarela! — o papagaio respondeu. — Se ficares sempre de olhos  
23 abertos e ouvidos atentos, acabarás com o repouso dos outros!

24 — Mas eu aposto, sei muito bem que é ele! — disse o bom totó.

25 Mas o papagaio respondeu:

26 — E eu bem sei que não deve ser ele! Acaso eu não o proibi de vir aqui em nome  
27 de nossa dona?

28 — Ora, que belos argumentos! — ironizou o cão. — Um homem apaixonado ouve  
29 apenas a voz do coração.

30 E depois ele começou a puxar as penas do papagaio com tanta força que o deixou  
31 furioso. Acordei com a algazarra dos dois; eles me disseram o que se tratava, e eu corri,  
32 ou melhor, voei para a minha janela. Foi quando vi o rei estendendo-me os braços,  
33 declarando com a ajuda do trompete que já não podia viver sem mim. Disse que possuía  
34 um reino florescente e me implorou para que eu encontrasse um meio de sair da torre, ou  
35 então que o fizesse entrar, pois jurava por todos os deuses e por todos os elementais que  
36 haveria de se casar comigo e que eu seria uma das maiores rainhas do universo.

---

<sup>36</sup> *Le roy Migonnet.*

1           Ordenei ao papagaio que fosse lhe dizer que o que ele desejava era praticamente  
2 impossível, mas que por consideração às palavras e aos juramentos que ele me fizera, eu  
3 me comprometeria a pensar em algo. Implorei para que ele não viesse todos os dias, pois  
4 as fadas poderiam encontrá-lo e com elas não haveria negócio.

5           Ele foi embora cheio de alegria, levando consigo a esperança que eu lhe dava.  
6 Quando dei por mim, notei que a minha promessa me colocava no maior embaraço do  
7 mundo. Como poderia eu sair daquela torre que não tinha portas? Não havia ninguém  
8 para me ajudar a não ser o papagaio e cachorrinho; eu era tão jovem, tão inexperiente, tão  
9 medrosa! Por fim, tomei a decisão de não me aventurar em algo que nunca daria certo;  
10 portanto, pedi ao papagaio que levasse essa informação ao rei. Ao ouvir aquilo, ele quis se  
11 matar na mesma hora. Desesperado, disposto a me persuadir, ele disse ao papagaio que  
12 eu teria duas opções: ir consolá-lo ou vê-lo morrer.

13           — Senhor, a minha dona já está suficientemente persuadida, falta-lhe apenas o  
14 poder para agir — exclamou o embaixador emplumado.

15           Quando ele me contou o que havia acontecido, fiquei mais angustiada do que  
16 nunca. E mais uma vez a violenta fada apareceu; ela me encontrou com os olhos inchados  
17 e vermelhos. Disse que certamente eu havia chorado, e que se eu não lhe contasse o  
18 motivo, ela me queimaria viva; todas as suas ameaças eram sempre terríveis. Tremendo,  
19 eu respondi que já estava cansada de fiar e que desejava fazer algumas redes para apanhar  
20 os passarinhos que vinham bicar as frutas do meu jardim.

21           — O que desejares, minha filha — disse ela. — Que isso não te custe mais nenhuma  
22 lágrima, eu te trarei tantos barbantes quanto quiseres.

23           E de fato foi o que ela fez naquela mesma noite. No entanto, pediu que eu pensasse  
24 menos em trabalhar e mais em me embelezar, pois o rei Migonnet chegaria em breve.  
25 Estremeci com aquela notícia, mas não disse nada.

26           Assim que ela partiu, comecei a tecer duas ou três redes; a minha intenção, porém,  
27 era a de fazer uma escada de corda, que por sinal estava ficando muito bem-feita, mesmo  
28 que eu nunca tivesse visto uma. A verdade era que a fada não havia me fornecido tanto  
29 material quanto eu precisava, e sempre que eu pedia mais, ela me dizia:

30           — Mas a minha filha, o teu trabalho é semelhante ao de Penélope<sup>37</sup>! Não vejo  
31 avanço algum e ainda assim continuas a me pedir mais insumos para trabalhar.

32           — Ó, minha boa mãe, é muito fácil presumirdes isso — eu respondia. — Já que eu  
33 não sei tecer direito, queimo tudo o que faço de errado. Tendes medo de que eu vos  
34 arruíne de tanto pedir barbantes?

---

<sup>37</sup> Esposa do herói grego Ulisses; estava decidida a não se casar com outro homem enquanto seu marido não retornasse. Porém, diante da insistência do pai, aceitou receber pretendentes, mas alegou que se casaria somente quando terminasse de tecer uma túnica para Laerte, seu sogro, de modo a conseguir adiar as núpcias o quanto pudesse.

1 Embora ela fosse deveras cruel e seu humor muito desagradável, meu ar de  
2 simplicidade a alegrava.

3 Uma noite, enviei o papagaio ao rei para pedir-lhe que viesse à torre, pois ali  
4 encontraria uma escada; o resto ele saberia quando chegasse. E quando ele chegou, eu  
5 amarrei a corda com firmeza, pois estava determinada a descer e fugir com ele. Porém, ao  
6 vê-la cair, sem esperar que eu descesse, ele subiu depressa e atirou-se para dentro do meu  
7 quarto enquanto eu me preparava para a minha fuga.

8 Ao vê-lo, senti tanta alegria que me esqueci do perigo em que nos encontrávamos.  
9 Ele renovou todos os juramentos que fizera e me implorou para que eu não mais tardasse  
10 a aceitá-lo como esposo. Tomamos o papagaio e o cachorrinho por testemunhas e  
11 celebramos nosso matrimônio. Jamais houve um casamento como aquele, silencioso, sem  
12 brilho algum, feito entre pessoas de estirpes tão elevadas. Nunca, porém, dois corações  
13 estiveram mais contentes que os nossos.

14 O dia ainda não havia raiado quando o rei me deixou; contei-lhe sobre o terrível  
15 plano das fadas de me casarem com o pequeno Migonnet. Descrevi sua figura e ele ficou  
16 tão horrorizado quanto eu. Tão logo ele partiu, pareceu-me que as horas se alongaram  
17 como anos; corri para a janela e segui-o com os olhos na escuridão. Mas qual não foi o  
18 meu assombro ao ver voando no ar uma carruagem de fogo arrastada por salamandras  
19 aladas, tão diligentes que era difícil acompanhá-las! Aquela carruagem vinha  
20 acompanhada por vários guardas montados em avestruzes. Não tive tempo o suficiente  
21 para identificar a figura disforme que se aproximava pelos ares, mas não era difícil  
22 presumir que se tratava de uma fada ou de algum feiticeiro.

23 Pouco tempo depois, a fada violenta entrou em meu quarto:

24 — Trago-te boas notícias — disse-me ela. — O teu pretendente chegou faz  
25 algumas horas! Prepara-te para recebê-lo, eis aqui algumas roupas e joias.

26 — E quem foi que disse que eu desejo me casar? — eu exclamei. — Essa não é a  
27 minha intenção! Mandai o rei Migonnet de volta para o reino dele. Não me enfeitarei nem  
28 com um alfinete; quer ele me ache bonita ou feia, não sou para ele.

29 — Ora, ora, pequena revoltada, que cabeça sem cérebro! — replicou a fada  
30 colérica. — Não quero ouvir mais reclamações tuas, ou então...

31 — Que mais me fareis? — eu respondi, envergonhada pela forma com que ela  
32 havia me tratado. — Ninguém jamais foi criado tão tristemente quanto que eu, presa em  
33 uma torre com um papagaio e um cão, vendo todos os dias a horrível figura de um dragão  
34 espantoso!

35 — Ah, pequena ingrata! — disse a fada. — Nós a criamos com tanta dificuldade,  
36 cheia de cuidados! Bem que eu disse às minhas irmãs que tínhamos uma triste  
37 recompensa!

1 Então ela foi procurá-las e falou-lhes da nossa discussão, o que as deixou muito  
2 surpresas.

3 O papagaio e o cãozinho me alertaram que se eu continuasse revoltosa, elas se  
4 voltariam contra mim e me fariam sofrer grandes infortúnios. Eu, porém, sentia-me tão  
5 orgulhosa por possuir o coração de um grande rei que ignorei as fadas e desprezei os  
6 conselhos dos meus pobres camaradinhas. Não me vesti e deixei o meu cabelo  
7 emaranhado a fim de que Migonnet me achasse desagradável.

8 Encontramo-nos no terraço. Ele chegou em sua carruagem de fogo; entre todos os  
9 anões que já existiram, nunca se viu um tão pequeno como aquele. Ele se arrastava sobre  
10 os seus pés de águia e também sobre os joelhos, pois não tinha ossos nas pernas; apoiava-  
11 se em duas muletas de diamantes. O seu manto real não tinha nem meio metro de  
12 comprimento e um terço dele se arrastava no chão. Sua cabeça era enorme e seu nariz era  
13 tão grande que sobre ele havia uma dúzia de pássaros, cujo canto muito o alegrava. Ele  
14 tinha uma barba tão cheia que os canários faziam ninhos nela. Suas orelhas eram ainda  
15 maiores que sua cabeça. Se não fosse pela coroa alta e pontiaguda que usava para parecer  
16 mais alto, ele mal seria visto. As labaredas de sua carruagem torraram as frutas, secaram  
17 as flores e evaporaram as fontes do meu jardim. Ele veio em minha direção de braços  
18 abertos para me abraçar; eu fiquei em pé, e modo que foi necessário que um de seus  
19 escudeiros o levantasse. Porém, assim que ele se aproximou, fugi para o meu quarto e  
20 fechei a porta e as janelas. Muito indignado contra mim, Migonnet foi ter com as fadas.

21 Elas pediram milhares vezes que ele perdoasse a minha grosseria. Para apaziguá-  
22 lo, pois ele era alguém a se temer, disseram que o levariam ao meu quarto enquanto eu  
23 estivesse dormindo; amarrariam meus pés e minhas mãos e me colocariam com ele em  
24 sua carruagem de fogo para que eu fosse levada embora. Com o plano arquitetado, elas  
25 vieram conversar comigo e me repreenderam pela minha descortesia. Disseram somente  
26 que eu deveria pensar em um modo de reparar os danos que causara. Espertos que eram,  
27 o papagaio e o cãozinho desconfiaram daquela censura tão amena:

28 — Sabei, minha senhora, que meu coração não me anuncia nada de bom — disse  
29 o meu cãozinho. — As madames fadas são seres estranhos e sobretudo violentos.

30 Eu zombei daqueles presságios e esperei impacientemente pela chegada do meu  
31 querido esposo, que também estava muito ansioso para me ver. Atirei-lhe a escada de  
32 corda; eu estava determinada a fugir naquela noite. Ele subiu rapidamente e me disse  
33 coisas tão carinhosas que nem eu mesma consigo me recordar.

34 Nós conversávamos tranquilamente, como se já estivéssemos juntos em seu  
35 palácio; de repente, porém, vimos as janelas do meu quarto serem completamente  
36 destruídas. Eram as fadas, que entraram montadas em seu terrível dragão, acompanhadas  
37 de Migonnet, que as seguia em sua carruagem de fogo, com todos os seus guardas  
38 montados em avestruzes. O destemido rei desembainhou sua espada, pensando apenas

1 em me proteger da mais fatal desventura que jamais me acontecera. Por fim, meu senhor,  
2 que mais tenho a vos dizer? Aquelas bárbaras criaturas lançaram-se contra ele e o dragão  
3 o devorou diante dos meus olhos.

4 Desesperada com a desgraça que recaía sobre nós, atirei-me à boca daquele  
5 monstro terrível, esperando que ele também me engolisse, pois ele havia acabado de  
6 engolir tudo o que eu mais amava no mundo. O dragão bem que estava disposto a isso,  
7 mas as fadas, ainda mais cruéis do que ele, impediram-me. Elas gritaram:

8 — Temos de fazê-la sofrer por mais tempo, uma morte rápida seria doce demais  
9 para essa criatura indigna!

10 Elas me tocaram com a varinha e prontamente eu me vi na figura de uma gata  
11 branca. Elas me conduziram a este soberbo palácio, que pertencia ao reino de meu pai, e  
12 transformaram todas damas e todos os senhores do reino em gatos e gatas. Outros  
13 tornaram-se quase invisíveis, restando-lhes apenas as mãos. Enfim, elas me reduziram ao  
14 estado deplorável em que me vós me encontrastes. Contaram-me tudo sobre a minha  
15 origem e relataram a morte do meu pai e a morte da minha mãe. Disseram que eu só  
16 poderia ser libertada de minha forma gatônica pelas mãos de um príncipe que fosse  
17 perfeitamente parecido com o esposo que me fora roubado.”

18 — Sois vós, senhor, o príncipe que tem essa semelhança — ela continuou. — Os  
19 mesmos traços, os mesmos ares, o mesmo tom de voz! Fiquei impressionada assim que  
20 vos vi. Do mesmo modo que fui informada de tudo o que já aconteceu, também estou  
21 ciente de tudo o que há de vir. Agora sei que as minhas tristezas terão fim!

22 — E quanto às minhas, bela rainha? — disse o príncipe, atirando-se aos seus pés.  
23 — Por quanto tempo mais elas vão durar? Eu vos amo mais do que à minha própria vida.

24 — Senhor, temos de ir ao encontro do vosso pai — respondeu a rainha. —  
25 Saberemos de sua impressão sobre mim, e se ele consente com o que desejais.

26 Ela saiu, o príncipe deu-lhe a mão e eles se dirigiram a uma carruagem, esta muito  
27 mais bonita do que aquela que ele utilizara antes. O restante da comitiva estava à altura;  
28 as ferraduras de todos os cavalos eram de esmeralda e os pregos de diamante, algo que só  
29 se viu uma vez, naquela ocasião única. Nem é preciso falar sobre as agradáveis conversas  
30 que a rainha e o príncipe tiveram juntos. Se a sua beleza era singular, também o era sua  
31 inteligência; e aquele jovem príncipe era tão perfeito quanto ela, de modo que juntos eles  
32 só falaram sobre coisas encantadoras.

33 Quando estavam perto do castelo, antes de encontrarem os dois irmãos mais  
34 velhos do príncipe, a rainha saiu da carruagem e se escondeu no interior de uma espécie  
35 de liteira, que na verdade era um geodo de cristal cujas ponteiras eram todas guarnecidas  
36 de ouro e rubis. Havia um cortinado ao seu redor, de modo que ela não podia ser vista. A  
37 rainha foi carregada por rapazes esbeltos e soberbamente vestidos. O príncipe continuou  
38 na bela carruagem e logo avistou os seus irmãos, que estavam acompanhados de princesas

1 de excelente beleza. Assim que eles o viram, aproximaram-se para recebê-lo.  
2 Perguntaram-lhe se trazia uma pretendente, ao que ele respondeu que não, que fora muito  
3 infeliz em sua procura e só tinha se deparado com moças muito feias. Disse, porém, que  
4 havia encontrado algo muito raro: uma pequena gata branca. Eles riram de sua  
5 simplicidade.

6 — Uma gata! — disseram eles. — Tendes medo de que os camundongos devorem  
7 o nosso palácio?

8 O príncipe respondeu que, de fato, não seria sensato apresentá-la ao seu pai.  
9 Depois, todos tomaram o caminho da cidade.

10 Os príncipes mais velhos levavam suas princesas em caleches de ouro e azurita.  
11 Seus cavalos tinham penas e plumas na cabeça; nada era mais brilhante que aquela  
12 cavalgada. O nosso jovem príncipe os seguia, e atrás dele vinha o geodo de cristal, para o  
13 qual todos olhavam com admiração.

14 Os cortesãos foram depressa dizer ao rei que os três príncipes estavam prestes a  
15 chegar.

16 — E eles trazem belas damas? — ele quis saber.

17 — Sim, é impossível que alguma outra as ultrapasse em beleza.

18 Ao ouvir essa resposta, ele pareceu zangar-se. Os dois príncipes apressaram-se em  
19 apresentar suas maravilhosas princesas. O rei as recebeu muitíssimo bem, mas não sabia  
20 a quem dar o prêmio. Voltando-se para o seu caçula, disse-lhe:

21 — Dessa vez viestes sozinho?

22 — No interior desta rocha de cristal, Vossa Majestade encontrará uma pequena  
23 gata branca — respondeu o príncipe. — Seu miado suave e suas patinhas de veludo muito  
24 vos agradarão.

25 O rei sorriu e foi desvelar a rocha por si mesmo. Porém, antes que ele pudesse  
26 tocá-la, a rainha estilhaçou o cristal em mil pedaços e surgiu diante de todos, raiando  
27 como o sol que durante algum tempo esteve envolto em nuvens. Seus cabelos loiros caíam  
28 sobre os seus ombros e escorriam em grandes caracóis até os seus pés. Sua cabeça estava  
29 cingida de flores e ela trajava um leve vestido de gaze branca, forrado de tafetá cor-de-  
30 rosa. Ela prestou uma profunda reverência ao rei, que não conseguiu conter seu excesso  
31 de admiração e exclamou:

32 — Eis aqui uma dama de beleza incomparável e aquele que merece a minha coroa!

33 — Senhor, eu não vim aqui para tirar de vós um trono que tão dignamente ocupais  
34 — disse a rainha. — Eu nasci soberana de seis reinos. Permite que eu vos ofereça um deles  
35 e que vossos dois filhos fiquem com outros dois. Não vos peço outra recompensa senão a  
36 vossa amizade e o prazer de ter este jovem príncipe como esposo. Resta-nos ainda três  
37 reinos para governar.

1 O rei e toda a corte deram grandes gritos de alegria e admiração. O casamento foi  
2 realizado naquele mesmo instante, bem como o dos dois outros príncipes, de modo que  
3 toda corte desfrutou de muitos meses de divertimento e prazer. Depois, cada um foi  
4 governar o seu Estado. A bela Gata Branca foi imortalizada, tanto por sua bondade e  
5 liberalidade quanto pela sua beleza e seus raros méritos.

6  
7 *O jovem príncipe teve boa ventura*  
8 *Ao encontrar numa gata augusta rainha,*  
9 *Digna de todo louvor e ternura,*  
10 *Com quem os seus sonhos partilharia.*  
11 *Quando olhos apaixonados se amam,*  
12 *Não há o que possa impedir,*  
13 *E se entre eles gratidão existir,*  
14 *Os corações ainda mais se inflamam.*  
15 *Que tola foi aquela mãe desejosa,*  
16 *Que entregou a Gata Branca à infelicidade,*  
17 *E somente para provar os frutos da maldade,*  
18 *Deixou-a aos cuidados de uma fada perniciososa.*  
19 *Vós, mães agraciadas com uma dádiva divinal,*  
20 *Aprendeis com esse exemplo e jamais façais igual.*



## BELA-BELA, OU O CAVALEIRO FORTUNATO

1 Era uma vez um rei muito amável, muito doce e muito poderoso. Contudo, o  
2 Imperador Matapa<sup>1</sup>, seu vizinho, ainda era mais poderoso que ele. Os dois haviam travado  
3 grandes guerras um contra o outro; na última, porém, o Imperador ganhara uma  
4 considerável batalha. Depois de matar ou aprisionar a maior parte dos capitães e soldados  
5 do Rei, ele sitiou sua capital e tomou-a para si, tornando-se mestre de todos os tesouros  
6 ali contidos. O Rei mal teve tempo de salvar a si mesmo e à Rainha Herdeira<sup>2</sup>, sua irmã.  
7 Essa princesa tornara-se viúva muito jovem. Ela era inteligente e bonita; mas também é  
8 verdade que ela era orgulhosa, violenta e de um trato bastante difícil.

9 O Imperador transportou todas as pedrarias e móveis do Rei para o seu próprio  
10 palácio. Também levou consigo um número extraordinário de soldados, moças, cavalos e  
11 tudo o mais que lhe seria útil ou agradável. Depois de ter despovoado a maior parte  
12 daquele reino, retornou triunfante para o seu, onde foi recebido com milhares de  
13 demonstrações de alegria pela Imperatriz e pela Princesa, sua filha.

14 Enquanto isso, o Rei destronado sofria com impaciência pelo estado em que se  
15 encontrava. Convocou algumas tropas e compôs uma pequena armada; e para conseguir  
16 aumentá-la em pouco tempo, ele publicou uma ordenança, exigindo que todos os  
17 cavaleiros de seu reino se apresentassem pessoalmente para servi-lo ou então que  
18 enviassem um de seus filhos, equipados de armas e cavalos, bem-dispostos a servir em  
19 todas as suas demandas.

20 Na fronteira, vivia um velho senhor de oitenta anos, pleno de inteligência e  
21 sabedoria, mas tão mal agraciado pelos bens da fortuna que, depois de ter possuído muitas  
22 riquezas, via-se reduzido a um certo grau de pobreza que ele bem conseguiria suportar  
23 pacientemente se não tivesse de compartilhá-la com as três belas filhas que lhe restavam.  
24 Elas eram tão sensatas que nunca murmuravam de suas desgraças; e se por acaso tocassem  
25 no assunto com seu pai, era mais para consolá-lo do que para aumentar suas penas.

26 Eles viviam com ele sob um teto rústico, livres de ambição. Quando a ordenança  
27 do Rei chegou aos ouvidos do velhote, ele chamou suas filhas e, mirando-as tristemente,  
28 disse-lhes:

29 — Que faremos nós? O Rei ordena a todas as pessoas ilustres de seu reino que se  
30 apresentem para servi-lo contra o Imperador, ou então as condenará a uma multa muito  
31 pesada se não o fizerem. Não estou em condições de pagar a taxa. Eis-me, portanto, diante  
32 de dois terríveis extremos: a minha morte ou a nossa ruína.

---

<sup>1</sup> *L'Empereur Matapa.*

<sup>2</sup> *La Reine Doüariere*: uma *douarière* é uma viúva agraciada por um dote, uma pensão, que lhe é de direito após o falecimento de seu marido.

1 Suas três filhas afligiram-se com ele, mas não deixaram de suplicar-lhe que tivesse  
2 um pouco de coragem, pois estavam convencidas de que conseguiriam encontrar algum  
3 remédio para sua aflição.

4 De fato, logo na manhã seguinte, a mais velha foi ao encontro de seu pai, que  
5 caminhava tristemente em um pomar, do qual ele mesmo cuidava.

6 — Senhor — disse-lhe ela. — Eu vim para suplicar-vos que me permitais  
7 apresentar-me à armada. Tenho uma estatura considerável e sou bastante robusta; eu me  
8 vestirei de homem e passarei por vosso filho. E mesmo que eu não faça nenhuma ação  
9 heroica, ao menos vos livrarei da viagem ou da taxa, o que já é muito devido ao estado em  
10 que nos encontramos.

11 O Conde abraçou-a ternamente; de início, ele se opôs a uma proposta tão  
12 extraordinária, mas ela falou com tanta firmeza que ele não conseguiu vislumbrar  
13 nenhum outro remédio, até que finalmente consentiu.

14 Não havia mais nada a se fazer a não ser fornecer trajes convenientes ao  
15 personagem que ela iria representar. Seu pai entregou-lhe as armas e o melhor dos quatro  
16 cavalos que ele usava para arar. As despedidas e os lamentos de ambas as partes foram  
17 cheios de ternura. Depois de alguns dias de viagem, enquanto atravessava um prado  
18 margeado por uma cerca viva, ela avistou uma velha pastora bastante aflita, que se  
19 esforçava para retirar uma de suas ovelhas da fossa em que havia caído.

20 — Que fazeis aí, boa pastora? — disse-lhe ela.

21 — Céus! Estou tentando salvar minha ovelha, que está prestes a se afogar —  
22 replicou a pastora. — Estou tão fraca que não tenho mais forças para retirá-la.

23 — Sinto muito por vós — disse ela.

24 E partiu sem oferecer-lhe qualquer ajuda. Imediatamente, a pastora exclamou:

25 — Adeus, bela disfarçada!

26 A surpresa de nossa heroína foi inexprimível.

27 — Como? — disse ela. — Será possível que eu esteja tão reconhecível? Essa velha  
28 pastora mal me viu por um momento e soube que estou travestida! Ora, como  
29 prosseguirei assim? Serei descoberta por todo mundo! E se o Rei descobrir? Qual não será  
30 a minha vergonha e a sua cólera? Ele vai pensar que meu pai é um covarde, que não ousou  
31 colocar-se em perigo.

32 Depois de todas essas reflexões, ela concluiu que deveria refazer seus passos de  
33 volta para casa.

34 O Conde e suas filhas estavam falando dela e contando os dias de sua ausência  
35 quando a viram entrar. Ela prestou conta de sua aventura, ao que o bom homem disse-  
36 lhe que a prevenira disso, e que se tivesse acreditado nele, jamais teria partido, pois seria  
37 impossível não perceberem que se tratava de uma menina disfarçada. Toda essa pequena

1 família viu-se em um novo embaraço, sem saber o que fazer. Foi quando a segunda filha  
2 decidiu procurar o Conde.

3 — Minha irmã nunca havia montado em um cavalo — disse ela. — Não é surpresa  
4 que ela tenha sido descoberta. Quanto a mim, ousou prometer que vos farei muito feliz se  
5 me permitirdes ir no lugar de minha irmã.

6 Tudo o velho pudesse lhe dizer para combater sua intenção não surtiria efeito  
7 algum; só lhe restava consentir em vê-la partir. Ela pegou outro traje, outras armas e outro  
8 cavalo. Assim equipada, ela abraçou seu pai e suas irmãs milhares de vezes, resolvida a  
9 bem servir o Rei. Porém, ao passar pelo mesmo prado onde sua irmã avistara a pastora e  
10 suas ovelhas, ela notou que havia uma no fundo da fossa, e que a pastora se ocupava em  
11 tentar retirá-la.

12

13 — Quão azarada eu sou! — exclamou a velha. — Metade do meu rebanho perecerá  
14 dessa maneira! Se alguém me ajudasse, eu poderia salvar este pobre animal, mas todo  
15 mundo foge de mim!

16 — Ora, pastora, vosso cuidado com essas ovelhas é muito pouco para deixar que  
17 elas caiam na água!

18 E sem oferecer-lhe nenhum consolo, ela apeou seu cavalo. A velha, porém, gritou  
19 com todas as suas forças:

20 — Adeus, bela disfarçada!

21 Essas poucas palavras deixaram a nossa Amazona<sup>3</sup> muito aflita.

22 — Que fatalidade! — disse ela. — Eu também fui descoberta! O que aconteceu  
23 com minha irmã também aconteceu comigo, não fui menos azarada do que ela! Seria uma  
24 coisa ridícula juntar-me à armada com um ar tão afeminado, de modo que todo mundo  
25 consiga me reconhecer!

26 Ela retornou prontamente à casa de seu pai, muito triste por ter feito uma viagem  
27 malsucedida.

28 Ele a recebeu ternamente e elogiou-a por ter tido a prudência de voltar. Mas isso  
29 não impediu o recomeço de uma dor ainda mais forte, pois já havia custeado o tecido para  
30 dois trajes inúteis e várias outras pequenas coisas. O bom velhinho, no entanto, manteve  
31 sua desolação em segredo, pois não queria demonstrar toda sua dor às suas filhas.

32 Enfim, a caçula implorou-lhe até as últimas instâncias para conceder-lhe a mesma  
33 graça que fizera às suas irmãs.

34 — Pode ser uma presunção esperar que eu obtenha mais sucesso do que elas —  
35 disse ela. — Mas ainda assim não deixarei de tentar essa aventura. Sou mais alta do que  
36 elas e bem sabeis que saio todos os dias para caçar; esse exercício não deixa de me conceder

---

<sup>3</sup> Donzelas guerreiras comumente referidas como filhas de Ares e Ártemis (COLEMAN, 2007, p. 56).

1 algum talento para a guerra. Ademais, o extremo desejo que tenho de amenizar vossas  
2 penas me inspira com uma coragem extraordinária!

3 O Conde a amava muito mais do que a suas duas outras irmãs; ela se preocupava  
4 tanto com o pai que ele a considerava seu único consolo. Ela lia histórias agradáveis para  
5 diverti-lo, velava quando ele adoecia, e toda caça que matava era para ele. Sendo assim,  
6 ele lhe deu todas as razões que tinha para tentar fazê-la mudar de decisão, muito mais do  
7 que fizera com suas irmãs.

8 — Quereis me abandonar, minha querida filha? — disse-lhe ele. — Vossa ausência  
9 me causará a morte. Se a fortuna realmente for favorável à vossa viagem e retornardes  
10 coberta de louros, eu não terei o prazer de testemunhar essa ocasião; minha idade  
11 avançada e vossa ausência darão fim à minha vida.

12 — Não, meu pai — disse Bela-Bela<sup>4</sup> (pois era assim que ele a chamava). — Não  
13 penseis que hei de tardar tanto tempo assim, a guerra logo vai terminar. Se eu pudesse  
14 encontrar qualquer outro modo de satisfazer as ordens do Rei, eu não o negligenciaria,  
15 pois ousou dizer-vos que, sabendo o quanto a minha ausência vos aflige, minha aflição se  
16 torna ainda maior que a vossa.

17 Enfim, ele consentiu com o que ela desejava. Bela-Bela fez para si um traje muito  
18 simples, pois o de suas irmãs havia custado muito e as finanças do pobre Conde não  
19 permitiam mais despesas. Ela também foi obrigada a pegar um cavalo muito ruim, pois  
20 suas irmãs haviam quase estropiado os outros dois; mas tudo isso não a desencorajou.  
21 Abraçando seu pai, recebeu sua benção respeitosamente. E depois de ter misturado suas  
22 lágrimas com as dele e as de suas irmãs, ela partiu.

23 Ao passar pelo prado que já mencionei, ela encontrou a velha pastora, que ainda  
24 não havia retirado sua ovelha (ou então estava tentando retirar uma outra) do meio de  
25 uma fossa profunda.

26 — Que fazes aí, pastora? — disse Bela-bela, parando.

27 — Não consigo fazer mais nada, meu senhor — respondeu a pastora. — Desde o  
28 amanhecer que eu estou ocupada com essa ovelha. Meu esforço tem sido em vão; me sinto  
29 tão cansada que mal posso respirar. Não há um dia sequer que algum novo infortúnio não  
30 me aconteça, e eu não encontro ninguém para me ajudar.

31  
32 — Eu realmente sinto muito por vós — disse Bela-Bela. — E para vos provar  
33 minha compaixão, irei ajudar-vos.

34 E logo desceu de seu cavalo, que era muito dócil, tanto que não foi difícil amarrá-  
35 lo para impedi-lo de fugir. Pulando rapidamente sobre a cerca, depois de ter sofrido

---

<sup>4</sup> Belle-Belle.

1 alguns arranhões, ela se jogou na fossa. Depois de muito se movimentar, ela conseguiu  
2 retirar a tão amada ovelha de lá.

3 — Não choreis mais, minha boa mãe — ela disse à pastora. — Eis aqui a vossa  
4 ovelha. Ela me parece bastante animada apesar do longo tempo que passou na água.

5 — Pois sabeis que não ajudastes uma pessoa ingrata — disse a pastora. — Eu vos  
6 conheço, encantadora Bela-Bela. Eu sei para onde desejais ir e conheço todas as vossas  
7 intenções. Vossas irmãs passaram por este prado, eu também as conheço bem, e bem sabia  
8 o que se passava em suas mentes. Mas elas me pareceram tão rudes e suas condutas para  
9 comigo foram tão pouco graciosas que eu encontrei um meio para interromper suas  
10 jornadas. Mas foi muito diferente convosco, e eu vos farei prova disso, Bela-Bela; eu sou  
11 uma fada, e a minha inclinação é a de encher de bens aqueles que os merecem. Tendes  
12 um cavalo cuja magreza é de causar espanto; eu vos darei outro.

13 Ela tocou a terra com seu cajado e imediatamente Bela-Bela escutou um relincho  
14 atrás de um arbusto; virando-se rapidamente, ela avistou o cavalo mais bonito do mundo,  
15 que começou a correr e a saltar pelo prado. Como Bela-Bela amava cavalos, ficou muito  
16 contente ao ver um tão perfeito. A fada chamou esse belo corcel e o tocou com seu cajado,  
17 dizendo:

18 — Fiel Camarada, ornai-vos com arreios melhores do que os do melhor cavalo do  
19 Imperador Matapa!

20 Instantaneamente, Camarada viu-se coberto com um manto de veludo verde,  
21 bordado com diamantes e rubis, uma sela da mesma natureza e um bridão todo de  
22 pérolas, com as rédeas e os freios de ouro. Enfim, ninguém poderia encontrar algo mais  
23 magnífico.

24 — Isso que vedes é o que há de menos admirável neste cavalo — disse a fada. —  
25 Ele tem muitos outros talentos, dos quais vos falarei. Primeiramente, ele só come uma vez  
26 a cada oito dias, não precisais ter o trabalho de vos preocupardes com isso. Ele conhece o  
27 passado, o presente e o futuro e está a meu serviço há muito tempo, eu o treinei como se  
28 fosse para mim. Quando quiserdes ser informada sobre algum assunto ou quando  
29 precisardes de um conselho, basta um pedido para que ele vos dê juízos muito bons, tanto  
30 que qualquer soberano ficaria feliz em ter igual conselheiro. Deveis, portanto, considerá-  
31 lo mais como vosso amigo do que como vosso cavalo. De resto, vosso traje não é do meu  
32 agrado; eu vos darei um que vos servirá muito bem.

33 Ela bateu no chão com seu cajado, fazendo aparecer um grande cofre coberto com  
34 marroquim do Levante<sup>5</sup>, com pregos de ouro e chanfrado com as iniciais de Bela-Bela. Do  
35 meio da relva, a fada tirou uma chave de ouro feita na Inglaterra e abriu o cofre, que estava  
36 forrado com couro espanhol todo bordado. Dentro dele havia doze trajes, doze gravatas,

---

<sup>5</sup> Couro tingido feito de pele de cabra ou bode advindo da região do Oriente Médio.

1 doze espadas, doze plumas, e assim por diante, tudo em dúzias. Os trajes estavam tão  
2 cobertos de bordados e diamantes, que Bela-Bela mal conseguia erguê-los.

3 — Escolhei o que mais vos agradar — disse a fada. — E os demais estarão à vossa  
4 disposição a qualquer momento. Basta baterdes o pé, dizendo: “cofre de marroquim,  
5 venha até mim cheio de linho e renda”, ou então “cofre de marroquim, venha até mim  
6 cheio de pedrarias e dinheiro”, e instantaneamente ele aparecerá diante de vós, quer  
7 estejais em campanha ou dentro do vosso quarto. Também é preciso escolherdes um  
8 nome, pois Bela-Bela não será conveniente ao trabalho que desempenhareis. Parece-me  
9 que poderíeis vos chamar de Cavaleiro Fortunato<sup>6</sup>. Enfim, é bem justo me conhecerdes,  
10 portanto, retomarei minha aparência habitual diante de vós.

11 Ao mesmo tempo, ela deixou sua pele de velha cair e tomou uma figura tão  
12 maravilhosa que até ofuscou os olhos de Bela-Bela. Seu vestido era de veludo azul, forrado  
13 com pele de arminho; havia pérolas atadas em seus cabelos e uma soberba coroa em sua  
14 cabeça.

15 Transportada de admiração, Bela-Bela lançou-se a seus pés e se prostrou,  
16 demonstrando respeito e gratidão inexprimíveis. A fada levantou-a e abraçou-a  
17 ternamente. Disse-lhe para vestir um traje de brocado verde e dourado. Ela obedeceu às  
18 suas ordens e, montando seu cavalo, continuou sua jornada, tão admirada com todas as  
19 coisas extraordinárias que haviam acontecido que não conseguia pensar em mais nada.  
20 Com efeito, ela começou a se perguntar qual seria o motivo da sorte de ter atraído a  
21 benevolência de uma fada tão poderosa.

22 — Afinal, ela não precisava de mim para recuperar a ovelha — disse ela. — Com  
23 um simples golpe de sua varinha, ela teria retirado um rebanho inteiro do extremo das  
24 antípodas, caso suas ovelhas tivessem caído lá. Tive muita sorte por me encontrar disposta  
25 a ajudá-la, pois nada do que eu tenha feito por ela justificaria tudo o que ela fez por mim.  
26 Ela conhecia meu coração e se agradou dos meus sentimentos. Ah, se meu pai pudesse me  
27 ver agora, tão magnífica e tão rica, como ele ficaria contente! Mas ao menos terei o prazer  
28 de partilhar com minha família os bens que ela me concedeu.

29 Quando ela terminou de fazer essas diversas reflexões, chegou em uma bela cidade  
30 bastante populosa. Assim que surgiu aos olhos de todas aquelas pessoas, elas começaram  
31 a segui-la e a cercá-la, dizendo:

32 — Jamais se viu um cavaleiro mais belo, mais perfeito e mais ricamente vestido!  
33 Vejam com que graciosidade ele maneja esse soberbo cavalo!

34 E renderam-lhe profundas reverências, às quais ele reagiu com um ar honesto e  
35 civilizado. Quando tentou entrar na hospedaria, o governador, que estava andando por  
36 ali e também o admirara ao vê-lo passar, enviou-lhe um cavaleiro para pedir-lhe que

---

<sup>6</sup> *Chevalier Fortuné.*

1 fosse se hospedar em seu castelo. O Cavaleiro Fortunato (pois agora devemos chamá-la  
2 assim) respondeu que não tomaria essa liberdade pelo fato de ainda não ter tido a honra  
3 de se apresentar, mas que certamente iria visitá-lo. Suplicou-lhe, porém, que lhe  
4 dispusesse um de seus homens, alguém a quem ele pudesse confiar uma coisa importante  
5 que desejava enviar a seu pai. Imediatamente, o governador enviou-lhe um homem muito  
6 confiável; Fortunato pediu-lhe que voltasse mais tarde, já que seus despachos ainda não  
7 estavam prontos.

8 Ele se fechou em seu quarto e, batendo com o pé, disse:

9 — Cofre de marroquim, venha até mim cheio de diamantes e pistolas<sup>7</sup>!

10 E no mesmo instante o cofre apareceu, mas sem a chave; onde ele poderia  
11 encontrá-la? Que lástima seria ter de quebrar uma fechadura de ouro, esmaltada de várias  
12 cores! Além disso, ele não haveria de temer a indiscrição de um serralheiro? Bastaria ele  
13 começar a falar sobre os tesouros do Cavaleiro para que os ladrões se reunissem para  
14 roubá-lo, e talvez eles pudessem até matá-lo.

15 Então Fortunato começou procurar a chave em todos os lugares, mas quanto mais  
16 ele procurava, menos a encontrava.

17 — Que desolação! — ele exclamou. — Eu não poderei me valer da bondade da  
18 fada, nem partilhar com meu pai dos bens que ela me deu.

19 Enquanto assim meditava, ocorreu-lhe que a melhor coisa a se fazer seria  
20 consultar seu cavalo. Ao adentrar o estábulo, disse-lhe bem baixinho:

21 — Eu te peço, meu Camarada, que me digas onde poderei encontrar a chave do  
22 cofre de marroquim.

23 — Na minha orelha — respondeu o cavalo.

24 Fortunato olhou dentro da orelha do cavalo e avistou uma fita verde; puxando-a  
25 para fora, encontrou a chave que tanto desejava. Ele abriu o cofre de marroquim, onde  
26 havia mais diamantes e pistolas do que caberia em um tonel<sup>8</sup>. O Cavaleiro encheu três  
27 baús, um para seu pai e os outros dois para suas irmãs. Depois, entregou-os ao homem  
28 que o governador lhe enviara e implorou-lhe para não parar, nem de dia e nem à noite,  
29 até que chegasse na casa do Conde.

30 Esse mensageiro obedeceu-lhe com a maior diligência, e quando disse ao bom  
31 velhinho que vinha da parte de seu filho, o Cavaleiro, e que lhe trazia um baú muito  
32 pesado, ele ficou surpreso, pensando no que poderia haver dentro dele. Afinal, sua filha  
33 havia partido com tão pouco dinheiro que ele não acreditava que ela estivesse em  
34 condições de comprar qualquer coisa, quiçá para pagar a viagem do homem que lhe trazia  
35 esse presente. Primeiro ele abriu sua carta; quando leu a respeito de tudo o que sua querida

---

<sup>7</sup> Antiga moeda de prata que equivalia a 10 libras (COIMBRA, 1957, p. 247).

<sup>8</sup> *Muid*: antiga unidade de medida, equivalente a cerca de 274 litros.

1 filha lhe mandava, pensou que fosse morrer de alegria. A visão das pedrarias e do ouro  
2 confirmou a veracidade da história. Mas algo extraordinário aconteceu quando as duas  
3 irmãs de Bela-Bela abriram seus baús: encontraram pistolas falsas e pedaços de vidro em  
4 vez de diamantes, isso porque a fada não queria que elas partilhassem de suas benfeitorias.  
5 Sendo assim, elas imaginaram que a intenção de sua irmã era caçar delas, e se sentiram  
6 extremamente despeitadas. Mas o Conde, ao vê-las assim tão zangadas, deu-lhes a maior  
7 parte das joias que ele havia recebido. Acontece, porém, que assim que as joias foram  
8 tocadas por elas, transformaram-se como as demais. As duas concluíram, portanto, que  
9 algum poder desconhecido estava agindo contra elas, e pediram ao seu pai que mantivesse  
10 o restante dos tesouros consigo.

11 O belo Fortunato teve de partir antes do retorno de seu mensageiro. Devia  
12 prosseguir em sua viagem urgentemente, a fim de se colocar às ordens do Rei. Antes, porém,  
13 ele fez sua visita à casa do governador, onde toda a cidade se reuniu para vê-lo. Havia um  
14 ar de tanta honestidade em sua personalidade e em todas as suas ações que ninguém  
15 conseguia deixar de admirá-lo e querê-lo bem. Fortunato não dizia nada que não soasse  
16 agradável aos ouvidos da multidão que se avolumava ao seu redor; ele não sabia a que  
17 atribuir uma coisa tão extraordinária. Ademais, como sempre vivera no campo, conhecia  
18 muito pouco do mundo.

19 Ele continuou sua jornada com seu excelente cavalo, que gentilmente o entreteve  
20 com milhares de curiosidades, contando o que havia de mais notável nas histórias antigas  
21 e modernas.

22 — Meu querido mestre — disse-lhe ele. — Estou contente por pertencer a vós,  
23 pois sei que possuíis muita honra e franqueza. Estava cansado de certas pessoas com quem  
24 convivi por um longo tempo, as quais me faziam detestar a vida de tanto que sua  
25 sociedade era insuportável. Entre eles estava um homem que professava grande amizade  
26 por mim e que me colocava acima de Pégasus<sup>9</sup> e de Bucéfalo<sup>10</sup> quando em minha presença.  
27 Porém, assim que eu ficava fora de vista, ele me tratava como um pangaré chucro. Ele  
28 fazia questão de ressaltar os meus defeitos, o que só me fazia adquirir outros ainda  
29 maiores. A verdade é que um dia, cansado de suas carícias, que não passavam de traições,  
30 dei-lhe um coice tão terrível que tive o prazer de fazê-lo perder quase todos os dentes.  
31 Desde então, sempre que o vejo, digo com grande sinceridade: “Afinal, não é justo que  
32 uma boca que se abre somente para ferir aqueles que não lhe fazem mal algum seja tão  
33 bonita quanto as outras.”

34 — Ora, ora! — exclamou o Cavaleiro. — És bastante ardiloso! Não temes que esse  
35 colérico homem um dia atravesse teu corpo com sua espada?

---

<sup>9</sup> Cavalo alado da mitologia grega, nascido do sangue de Medusa.

<sup>10</sup> Cavalo de guerra de Alexandre, o Grande.



1 — Isso não me importa, senhor — respondeu Camarada. — Ademais, eu tomaria  
2 conhecimento de sua intenção tão logo ele a formasse.

3 Eles assim falavam quando chegaram a uma vasta floresta. Camarada disse ao  
4 Cavaleiro:

5 — Meu mestre, aqui vive um homem que talvez seja de grande utilidade para nós.  
6 Trata-se de um lenhador que foi dotado.

7 — O que queres dizer com esse termo? — interrompeu Fortunato.

8 — “Dotado” quer dizer que ele recebeu um ou mais dons de fadas — emendou o  
9 cavalo. — Deveis convencê-lo a vir conosco.

10 Ao mesmo tempo, eles avançaram para o lugar onde lenhador estava trabalhando.  
11 O jovem Cavaleiro aproximou-se dele com um ar doce e insinuante, fazendo-lhe várias  
12 questões sobre o local em que se encontravam; perguntou se havia animais selvagens na  
13 floresta e se era permitido caçar. O lenhador respondeu a tudo como um homem de bom  
14 senso. Fortunato então perguntou onde estavam todos os homens que decerto o haviam  
15 ajudado a derrubar tantas árvores por terra. O lenhador, porém, respondeu que havia  
16 derrubado tudo sozinho e que o fizera em algumas horas; disse que ainda derrubaria  
17 muitas outras a fim de fazer um pequeno carregamento.

18 — O quê! Pretendeis carregar ainda hoje toda essa madeira? — perguntou o  
19 Cavaleiro.

20 — Ó, meu senhor — respondeu Espinhaço<sup>11</sup> (pois era assim que o chamavam). —  
21 Possuo uma força extraordinária.

22 — Decerto ganhais muito dinheiro — disse Fortunato.

23 — Muito pouco — respondeu o lenhador. — As pessoas daqui são pobres, cada  
24 um trabalha para seu próprio sustento, sem pedir favores aos vizinhos.

25 — Uma vez que viveis em um país de tão pouca opulência e não há nada que vos  
26 impeça de partir, vinde comigo — emendou o Cavaleiro. — Nada vos faltará, e quando  
27 desejardes voltar, eu vos darei dinheiro para vossa viagem.

28 O lenhador concluiu que não tinha nada melhor para fazer, então largou seu  
29 machado e seguiu seu novo mestre.

30 Enquanto atravessava a floresta, Fortunato avistou um homem na planície; ele  
31 parecia estar amarrando as próprias pernas com alguns laços, deixando-as tão atadas que  
32 certamente mal conseguiria andar. Camarada parou e disse ao seu mestre:

33 — Senhor, eis aí mais um dotado; seria prudente levá-lo convosco.

34 Fortunato aproximou-se dele e perguntou-lhe com sua graça habitual:

35 — Por que amarras as pernas desse jeito?

36 — Estou me preparando para caçar — ele respondeu.

---

<sup>11</sup> Forte échine.

1 — Como é? — questionou o Cavaleiro, sorrindo. — Acaso achais que conseguireis  
2 correr estando assim garrotado?

3 — Não, senhor — ele replicou. — Estou ciente de que não serei tão veloz, mas esse  
4 é justamente o meu objetivo, pois não há cervo, veado ou lebre que eu não ultrapasse  
5 quando minhas pernas estão livres, de sorte que eu os deixo muito para trás e eles acabam  
6 escapando; quase nunca tenho o prazer de pegá-los!

7 — Pareceis ser um homem raro! — disse Fortunato. — Qual é o vosso nome?

8 — Me chamam de Ligeiro — disse o caçador. — Eu sou bem conhecido nesse  
9 condado.

10 — Bem, se for do vosso interesse conhecer outros lugares, eu ficaria bem contente  
11 de levar-vos comigo — emendou o Cavaleiro. — Não passaríeis por nenhuma dificuldade  
12 e eu vos trataria muito bem.

13 Ligeiro ficou deveras contente e aceitou de bom grado a oferta que lhe fora  
14 proposta. Assim, seguido por seu novo servo, Fortunato continuou sua jornada.

15 Na manhã seguinte, nos arredores de um pântano, ele encontrou um homem  
16 vendando os próprios olhos. O cavalo disse ao seu mestre:

17 — Meu Senhor, aconselho-vos a também levardes esse homem a vosso serviço.

18 Fortunato prontamente perguntou-lhe o porquê de estar vendando os próprios  
19 olhos.

20 — É porque eu enxergo muito claramente — disse ele. — Consigo avistar uma  
21 caça a mais de quatro léguas, e meus tiros acabam matando mais do que o necessário. Sou,  
22 portanto, obrigado a vendar meus olhos. Ademais, mesmo estando com a visão  
23 comprometida, eu seria capaz de acabar com todas as perdizes ou quaisquer outras  
24 pequenas caças do país em menos de duas horas.

25 — Sois muito habilidoso! — elogiou Fortunato.

26 — Chamam-me de Bom Atirador<sup>12</sup> — disse o homem. — E eu não deixaria essa  
27 ocupação por nada no mundo.

28 — É grande o meu desejo de vos fazer uma proposta — disse o Cavaleiro. —  
29 Gostaria que viajásseis comigo, o que não impedirá o exercício de vosso talento.

30 O Bom Atirador fez algumas objeções, e o Cavaleiro teve mais dificuldade em  
31 conquistá-lo do que aos outros, isso porque os caçadores geralmente são apaixonados pela  
32 liberdade. No entanto, ele acabou concordando. Em seguida, o Cavaleiro seguiu viagem,  
33 afastando-se do pântano em que havia parado.

34 Alguns dias depois disso, enquanto passava por um prado, ele avistou um homem  
35 deitado de lado. Camarada disse:

36 — Mestre, esse homem é dotado! Prevejo que ele vos será muito necessário.

---

<sup>12</sup> *Bon Tireur.*

1 Fortunato entrou no prado e pediu-lhe que contasse o que estava fazendo.  
2 — Preciso de algumas plantas medicinais<sup>13</sup> — ele respondeu. — Estou escutando  
3 as ervas nascerem para saber se são aquelas de que preciso.  
4 — Como? — disse o Cavaleiro. — Tendes ouvidos tão apurados assim para  
5 conseguir ouvir a erva crescendo debaixo da terra e adivinhar a que vai surgir?  
6 — É por essa razão que me chamam de Fina-Orelha<sup>14</sup> — disse o ouvinte.  
7 — Muito bem, Fina-Orelha — prosseguiu Fortunato. — Estaríeis disposto a me  
8 seguir? Eu vos pagarei tão bem que só tereis motivos para comemorar.  
9 O homem, encantado com uma proposta tão agradável, juntou-se aos demais sem  
10 hesitar.  
11 O Cavaleiro, continuando seu trajeto, avistou, próximo a uma grande estrada, um  
12 homem cujas bochechas estavam muito infladas, uma figura deveras curiosa. Ele estava  
13 de pé, posicionado diante de uma alta montanha que ficava a duas léguas de distância,  
14 sobre a qual havia cinquenta ou sessenta moinhos de vento. O cavalo disse ao seu mestre:  
15 — Eis mais um de nossos dotados! Fazei tudo o que for necessário para levá-lo  
16 convosco.  
17 Fortunato, que a todos conquistava assim que aparecia ou assim que começava a  
18 falar, abordou esse homem e perguntou-lhe o que ele estava fazendo.  
19 — Estou soprando um pouco, senhor — disse ele. — Para fazer todos esses  
20 moinhos começarem a moer.  
21 — Parece-me que estais longe demais — respondeu o Cavaleiro.  
22 — Pelo contrário — respondeu o Soprador. — Acho que estou perto demais! E se  
23 não contiver metade do meu sopro, arrancarei fora os moinhos e talvez a montanha em  
24 que eles estão. É assim que acabo causando muitos estragos sem ter a intenção. Devo vos  
25 contar, senhor, que, um dia, depois de ter sido maltratado por minha amada, estando  
26 muito enamorado, saí para suspirar nos bosques. Meus suspiros arrancaram as árvores  
27 pela raiz e fizeram uma terrível desordem, de modo que nesta província eles só me  
28 chamam de “o Impetuoso”.  
29 — Se eles estão fartos de vós, por que então não vos juntais a mim? — disse  
30 Fortunato. — Aqui há gente para vos fazer companhia; eles também possuem talentos  
31 extraordinários.  
32 — Tenho uma curiosidade tão natural por tudo o que é incomum que aceito vossa  
33 proposta — respondeu o Impetuoso.

---

<sup>13</sup> *Simples*: nome dado às plantas medicinais na Idade Média.

<sup>14</sup> *Fine Oreille*.

1 Muito satisfeito, Fortunato se afastou daquele lugar. E depois atravessar um país  
2 bem arborizado, avistou um grande lago, onde várias nascentes desaguavam; às margens  
3 dele havia um homem, o qual olhava atentamente para a água.

4 — Senhor — disse Camarada ao seu mestre. — Eis um homem que faz falta à vossa  
5 comitiva. Não seria de todo mal se pudésseis convencê-lo a seguir-vos.

6 O Cavaleiro aproximou-se dele bem depressa.

7 — Poderíeis me dizer que fazeis aí? — disse ele.

8 — Vereis, senhor — respondeu o homem. — Assim que este lago estiver cheio,  
9 irei bebê-lo num gole só, pois ainda estou com sede, embora já o tenha esvaziado duas  
10 vezes.

11 Com efeito, ele se inclinou para beber e quase não restou água o suficiente nem  
12 para os menores peixinhos nadarem. Fortunato não ficou menos surpreso que toda sua  
13 tropa.

14 — O quê! — ele exclamou. — Estais sempre com tanta sede?

15 — Não — disse o bebedor de água. — Eu só bebo dessa maneira quando como  
16 algo muito salgado, ou em caso de alguma aposta. Já faz um tempo que sou conhecido  
17 pelo nome de Brindador<sup>15</sup>.

18 — Vinde comigo, Brindador — disse o Cavaleiro. — Eu vos farei brindar com  
19 vinhos muito mais saborosos do que a água de um lago.

20 Essa promessa muito agradou o seu destinatário, que prontamente se pôs a  
21 marchar com os outros.

22 Quando o Cavaleiro estava prestes a avistar o lugar em que todos os súditos do Rei  
23 deveriam se reunir, deparou-se com um homem que comia avidamente; embora tivesse  
24 mais de sessenta mil pães de Gonesse<sup>16</sup> diante de si, ele parecia disposto a não deixar a  
25 menor migalha. Camarada disse ao seu mestre:

26 — Senhor, só vos falta mais esse homem; tende a graça de convencê-lo a seguir  
27 convosco.

28 O Cavaleiro o abordou e, sorrindo, disse-lhe:

29 — Estais determinado a comer todo esse pão como vosso desjejum?

30 — Sim — ele respondeu. — Só lamento que haja tão pouco. Mas os padeiros são  
31 francos preguiçosos, eles não se importam muito com quem está faminto ou não.

32 — Se comerdes assim todos os dias, dificilmente haverá um país que não  
33 colocareis em estado de fome — afirmou Fortunato.

---

<sup>15</sup> *Trinquet*.

<sup>16</sup> Pães fabricados na referida região, ao norte da França, de grande importância para o abastecimento de Paris durante os últimos séculos do Antigo Regime.

1 — Ó, senhor — respondeu o Comilão<sup>17</sup> (pois era assim que o chamavam). — Eu  
2 seria muito infeliz se sempre tivesse esse apetite tão voraz; nem os meus bens e nem os  
3 bens dos meus vizinhos seriam suficientes para satisfazê-lo. O fato é que apenas de vez  
4 em quando eu me delicio dessa maneira.

5 — Meu amigo Comilão — disse Fortunato. — Vinde comigo! Eu vos farei boa  
6 acolhida, jamais vos arrependereis por ter me escolhido como mestre.

7 Camarada, a quem não faltava inteligência e nem precaução, instruiu o Cavaleiro  
8 a proibir todos esses homens de se gabarem dos dons extraordinários que possuíam. Sem  
9 mais tardar, chamou-os e disse:

10 — Escutai, Espinhaço, Ligeiro, Bom Atirador, Fina-Orelha, Impetuoso, Brindador  
11 e Comilão: eu vos advirto que, se quiserdes me agradecer, deveis manter um segredo  
12 inviolável sobre os talentos que possuíis. Assim, eu vos asseguro que tomarei todas as  
13 providências para deixar-vos sempre satisfeitos e muito contentes.

14 Todos eles juraram que seriam fiéis às suas ordens. Em seguida, mais adornado  
15 por sua própria beleza e por sua boa aparência do que por seus magníficos trajes, o  
16 Cavaleiro adentrou a capital montado em seu excelente cavalo, seguido pelos homens  
17 mais perfeitos do mundo. Fortunato não tardou a providenciar-lhes trajes bem enfeitados  
18 com ouro e prata e deu-lhes bons cavalos. Abrigado na melhor hospedaria da capital, o  
19 Cavaleiro aguardava o dia fixado para se apresentar. Só se falava dele em toda a cidade, de  
20 modo que o Rei, avisado de sua reputação, estava muito ansioso para conhecê-lo.

21 Todas as tropas se reuniram em uma grande planície, para onde o Rei se dirigiu  
22 na companhia de sua irmã, a Rainha Herdeira, e de toda a sua corte. Malgrado os  
23 infortúnios que assolaram o Estado, a Rainha não moderou sua pomposidade; Fortunato  
24 ficou deslumbrado diante de tantas riquezas. Contudo, não foi apenas isso que atraiu as  
25 atenções: a beleza incomparável do Cavaleiro e sua célebre tropa pareciam ainda mais  
26 impressionantes. Todos se perguntavam quem era aquele jovem perfeito e gracioso.  
27 Passando próximo ao lugar em que ele estava, o Rei fez sinal para que se aproximasse.

28 Fortunato desceu prontamente de seu cavalo para prestar-lhe uma profunda  
29 reverência. Ao perceber que o Rei o admirava com grande atenção, ele ruborizou; esse  
30 rubor ressaltou ainda mais o brilho de sua pele.

31 — Eu ficaria muito contente se me dissésseis quem sois e qual é o vosso nome —  
32 disse o Rei.

33 — Senhor — ele respondeu. — Eu me chamo Fortunato, ainda que até o presente  
34 momento eu não tenha qualquer motivo para justificar esse nome; pois meu pai, que é o  
35 Conde da Fronteira, tem vivido em grande pobreza, embora seja muito bem nascido.

---

<sup>17</sup> Grugeon.

1 — A Fortuna, que tem sido vossa madrastra, não vos fez mal ao conduzir-vos até  
2 aqui — respondeu o Rei. — Sinto uma afeição particular por vós, e lembro-me que vosso  
3 pai me prestou grandes serviços. Vou recompensá-lo em reconhecimento a vós.

4 — Essa é uma decisão muito justa, meu irmão — afirmou a Rainha Herdeira, que  
5 ainda não havia se pronunciado. — E como irmã mais velha, tenho ainda mais lembranças  
6 do que vós a respeito de tudo o que o Conde da Fronteira fez ao longo de muitos anos a  
7 serviço do Estado. Peço que confieis a mim o cuidado de recompensar este jovem  
8 Cavaleiro.

9 Encantado com a acolhida que lhe faziam, Fortunato não sabia como agradecer o  
10 Rei e a Rainha; contudo, ele não ousou se exceder em seu sentimento de gratidão, pois  
11 acreditava que era mais respeitoso permanecer em silêncio do que falar demais. Assim, o  
12 pouco que disse soou tão justo e apropriado que ambos o aplaudiram. Em seguida, ele  
13 tornou a montar em seu cavalo e misturou-se entre os nobres senhores que  
14 acompanhavam o Rei. A Rainha o chamava a todo instante para lhe fazer mil perguntas;  
15 depois, voltando-se para Florida<sup>18</sup>, que era sua confidente mais querida, disse bem  
16 baixinho:

17 — O que achas desse Cavaleiro? Existe alguém com um ar mais nobre ou traços  
18 mais regulares? Eu te juro que nunca vi nada mais amável!

19 Florida não teve dificuldade em concordar com a Rainha e até adicionou outros  
20 grandes elogios a ele, pois não considerava o Cavaleiro menos amável que sua ama.

21 Fortunato, por sua vez, não conseguia parar de admirar o Rei de tempos em  
22 tempos. Ele era o príncipe mais perfeito do mundo e todos os seus modos eram  
23 fascinantes. Bela-Bela, que não havia renunciado seu sexo por conta dos trajes que vestia,  
24 sentiu uma sincera atração por ele.

25 Depois de admirá-lo mais uma vez, o Rei disse a Fortunato que temia que a guerra  
26 fosse muito sangrenta, e por isso estava determinado a mantê-lo perto de si. A Rainha  
27 Herdeira, que estava presente, exclamou que também havia pensado na mesma coisa;  
28 disse que o Cavaleiro não deveria ser exposto aos perigos de uma longa campanha e que  
29 o cargo de mordomo estava vago em sua mansão, e que o daria a ele.

30 — Não — disse o Rei. — Farei dele meu Grão Escudeiro.

31 E assim eles disputaram o prazer de agraciar Fortunato; mas a Rainha, temendo  
32 que descobrissem os sentimentos secretos que escondia em seu coração, acabou cedendo  
33 ao Rei a satisfação da companhia do Cavaleiro.

34 Ele chamava seu cofre de marroquim quase todos os dias, de onde sempre tirava  
35 um traje novo. Decerto ele era mais magnífico que muitos príncipes da corte, de sorte que

---

<sup>18</sup> *Floride*.

1 às vezes a Rainha lhe perguntava de que maneira seu pai conseguia fornecer-lhe tão  
2 grandes dispensas. Em outras ocasiões, ela o provocava, dizendo:

3 — Dizei a verdade, tendes uma amante! É ela que vos envia todas as coisas bonitas  
4 que vemos.

5 Fortunato corava e respondia respeitosamente a todas as diferentes questões que  
6 a Rainha lhe fazia. Ele, por sua vez, tendo se adaptado admiravelmente bem ao seu novo  
7 cargo, com o coração sensível aos méritos do Rei, apegou-se a ele mais do que queria.

8 — Qual não será o meu destino? — dizia ele. — Amo um grande Rei sem qualquer  
9 esperança de que ele possa me amar; ele sequer poderá saber o quanto estou sofrendo!

10 O Rei, de sua parte, enchia-o de elogios, e nada lhe parecia bem-feito se não tivesse  
11 sido feito pelo belo Cavaleiro. A Rainha, enganada pelo seu disfarce, pensava seriamente  
12 em um meio de celebrar um casamento secreto com ele; a desigualdade de suas estirpes  
13 era a única coisa que a incomodava.

14 Mas ela não era a única que sentia tais inclinações por Fortunato: as mais belas  
15 pessoas da corte também se atraíram involuntariamente. Ele foi sobrecarregado de  
16 bilhetes carinhosos, propostas, presentes e mil galanterias, às quais ele respondia com  
17 tanto desinteresse que ninguém duvidava que ele pudesse ter uma amante em seu país.  
18 Mas nem por isso ele deixava de chamar a atenção em todas as festas que ia: ganhava o  
19 prêmio em todos os torneios, abatia mais caças do que todos os outros e dançava nos  
20 bailes com mais graça e habilidade do que qualquer um dos cortesãos. Enfim, todos  
21 ficavam encantados ao vê-lo e ouvi-lo.

22 A Rainha, decidida a evitar a vergonha de declarar seus sentimentos por si mesma,  
23 incumbiu Florida de fazê-lo compreender que todas aquelas demonstrações de bondade  
24 vindas da parte de uma jovem e bela Rainha não deveriam ser tratadas com indiferença  
25 por ele. Florida ficou muito embaraçada com essa comissão, pois ela mesma também não  
26 fôra capaz de evitar o destino de todos os que olhavam para o Cavaleiro; ele lhe parecia  
27 muito amável para que ela colocasse os interesses de sua ama acima dos seus. De sorte  
28 que, em todas as ocasiões providenciadas pela Rainha para que sua confidente conversasse  
29 com ele, em vez de falar da beleza e das grandes qualidades daquela princesa, ela lhe falava  
30 sobre seu mau humor e do quanto suas damas sofriam em suas mãos; falava das injustiças  
31 que ela cometia e do mau uso que ela fazia do poder que havia usurpado no reino. Um  
32 dia, fazendo uma comparação entre seus sentimentos, ela disse:

33 — Eu não nasci rainha, mas realmente deveria ser. Tenho tanta generosidade que  
34 o meu maior desejo é fazer bem a todo mundo. Ó, se eu estivesse naquela augusta posição,  
35 quão feliz não seria o belo Fortunato! Se não me amasse por afeição, ele certamente me  
36 amaria por gratidão!

37 O jovem Cavaleiro ficou bastante consternado com esse discurso e não soube o  
38 que responder; por isso, passou a evitar cuidadosamente esse *tête-à-tête* com ela.

1 Impaciente, a Rainha vivia perguntando a Florida quais impressões ela havia causado na  
2 mente de Fortunato.

3 — Madame, ele tem muito pouco apreço por si mesmo — ela dizia. — Sua timidez  
4 é tanta que ele dificilmente acredita em todos os elogios que lhe faço da vossa parte. Ou  
5 então ele finge não acreditar, preocupado com alguma outra paixão.

6 — Penso como eu — dizia a Rainha, alarmada. — Mas será possível que ele não  
7 acabará cedendo à ambição?

8 — Madame — replicou Florida. — Acaso não vos preocupais com o destino de  
9 vossa coroa? Tão jovem e bela como sois, possuindo mil qualidades raras, seria mesmo  
10 necessário recorrer ao esplendor de um diadema?

11 — Recorre-se a tudo quando se quer subjugar um coração rebelde — respondeu a  
12 Rainha.

13 Florida notou muito bem que seria impossível curar sua ama do interesse que ela  
14 sentia pelo Cavaleiro.

15 Todos os dias a Rainha esperava algum bom resultado a partir dos esforços de sua  
16 confidente, mas Florida fazia tão pouco progresso com Fortunato que ela se viu obrigada  
17 a encontrar por si mesma um meio de ter uma conversa com ele. Ela sabia que o Cavaleiro  
18 costumava sair toda manhã bem cedo para caminhar em um pequeno bosque que ficava  
19 de frente para as janelas de seu apartamento. Ela se levantou com a Aurora e, espreitando  
20 o caminho que ele costumava trilhar, notou-o com um ar melancólico, caminhando com  
21 desânimo. Imediatamente, ela mandou chamar Florida.

22 — O que me disseste é bem verdade — disse ela. — Não há dúvidas de que  
23 Fortunato esteja apaixonado por alguma outra dama desta corte ou de seu próprio país;  
24 vê a tristeza estampada em seu rosto!

25 — Foi o que percebi em todas as conversas — respondeu Florida. — E se fosse  
26 possível para vós esquecê-lo, madame, faríeis muito bem.

27 — É tarde demais — lamentou a Rainha, em um profundo suspiro. — Enfim, já  
28 que ele adentrou o arvoredo, vamos lá, tu me seguirás.

29 A moça não se atreveu a parar a Rainha, por mais que ela quisesse fazê-lo, pois  
30 temia que ela conseguisse conquistar Fortunato; afinal, é muito perigoso ter uma rival de  
31 tamanha estirpe. Assim que a Rainha deu alguns passos para dentro do bosque, escutou  
32 o Cavaleiro cantando; sua voz era muito agradável. Ele havia composto as seguintes  
33 palavras consoante às árias que estavam em voga:

34

35

36

37

*Ah, como é complicado  
Amar com ternura e viver sossegado;  
Quanto mais feliz me vejo,*



1 *Mais eu temo o fim da bonança que me encanta;*  
2 *O temor pelo porvir é o que sempre me amedronta*  
3 *E o receio de não realizar meus desejos.*  
4

5 Fortunato havia composto essa canção a fim de expressar seus sentimentos pelo  
6 Rei, pelas bondades que ele lhe demonstrara e pelo medo que tinha de ser reconhecido, o  
7 que o obrigaria a deixar aquela corte, que para ele era o melhor lugar do mundo. A Rainha,  
8 que havia parado para ouvir, ficou extremamente angustiada.

9 — Que poderei fazer? — ela disse bem baixinho para Florida. — Esse jovem  
10 ingrato despreza a honra de poder me agradecer! Ele se considera feliz, parece satisfeito com  
11 sua conquista e me sacrifica em nome de uma outra!

12 — Ele está em uma idade em que a razão ainda não estabeleceu suas regras —  
13 respondeu Florida. — Se eu ousasse dar um conselho à Vossa Majestade, eu lhe diria para  
14 esquecer um rapaz tão parvo assim, que não é capaz de apreciar a boa fortuna que tem.

15 A Rainha esperava que sua confidente lhe desse um conselho bem diferente  
16 daquele; lançando um olhar furioso sobre ela, avançou depressa, entrando bruscamente  
17 no arvoredo onde o Cavaleiro repousava. Ela fingiu surpresa ao encontrá-lo ali e lamentou  
18 o fato de estar sendo vista desarrumada (embora ela tivesse feito de tudo para ficar tão  
19 magnífica e galante quanto fosse possível). Assim que a Rainha apareceu, Fortunato quis  
20 se retirar em sinal respeito, mas ela pediu para que ele ficasse e que a acompanhasse na  
21 caminhada.

22 — Nesta manhã, fui prazerosamente acordada pelo canto dos pássaros — disse ela.  
23 — O tempo fresco e a pureza do ar me convidaram a vir ouvi-los mais de perto. Céus,  
24 como eles são felizes! Não conhecer nada além dos prazeres, as tristezas não atribulam  
25 suas vidas!

26 — Parece-me, madame, que eles não estão absolutamente isentos de dor e  
27 inquietude — replicou Fortunato. — Pois estão sempre a perigo, evitando o tiro mortífero  
28 ou as ardilosas armadilhas dos caçadores, além das aves de rapina que fazem guerra contra  
29 esses pequenos inocentes. Quando o rude inverno chega e congela a terra, cobrindo-a de  
30 neve, eles morrem por falta de grãos de cânhamo ou de milho, e todos os anos eles  
31 passam pelo embaraço de ter de procurar uma nova amante.

32 — Então credes que isso é um embaraço, Cavaleiro? — disse a Rainha, sorrindo.  
33 — Há homens que têm uma nova amante para cada um dos doze meses do ano! Bom  
34 Deus! Parecis surpreso com isso, como se vosso coração agisse de outra maneira, como  
35 se nunca tivésseis trocado um amor pelo outro.

36 — Eu não sei dizer se seria capaz, madame, pois nunca amei ninguém — afirmou  
37 o Cavaleiro. — Mas ousa acreditar que, uma vez comprometido, seria para o resto da  
38 minha vida.

1 — Nunca amastes? — questionou a Rainha, olhando fixamente para o pobre  
2 Cavaleiro, fazendo-o mudar várias vezes de cor. — Nunca amastes mesmo? Fortunato,  
3 como podeis afirmar uma coisa dessas diante de uma rainha que lê em vosso rosto e nos  
4 vossos olhos a paixão que ocupa vosso coração? Eu mesma ouvi as palavras que fizestes  
5 inspirado pelas árias em voga.

6 — É verdade, madame, que esses versos são meus — respondeu o Cavaleiro. —  
7 Mas também é verdade que eu os fiz sem qualquer inspiração particular. Todos os dias  
8 meus amigos me pedem para lhes escrever canções de beber<sup>19</sup>, embora eu não beba nada  
9 além de água, enquanto há outros que preferem canções de ternura. Sendo assim, canto  
10 ao Amor e a Baco mesmo sem estar apaixonado ou bêbado.

11 A Rainha ouviu-o com tanta emoção que mal conseguiu se conter; aquelas  
12 palavras reacenderam em seu coração a esperança que Florida havia tentado dissipar.

13 — Se eu acreditasse em vossa sinceridade, então ficaria surpresa pelo fato de até  
14 hoje não terdes encontrado nesta corte uma pessoa suficientemente amável para vos  
15 apegardes — disse ela.

16 — Madame — replicou Fortunato. — Eu me dedico com tanto empenho para  
17 cumprir os deveres do meu cargo que não tenho tempo para suspirar.

18 — Então não amais ninguém? — ela questionou com veemência.

19 — Não, madame — disse ele. — Não tenho um coração de natureza assaz galante;  
20 sou uma espécie de misantropo, amo minha liberdade e não desejo perdê-la por nada no  
21 mundo.

22 A Rainha se recompôs e, lançando sobre ele um olhar muito gentil, disse-lhe:

23 — Existem cadeias belas e gloriosas, onde qualquer um se sentiria feliz em ver-se  
24 aprisionado; se a Fortuna vos destinar algo parecido, eu vos aconselharia a renunciardes  
25 vossa liberdade.

26 Falando dessa maneira, seus olhos expressaram uma intenção deveras inteligível  
27 para o Cavaleiro, cujas suspeitas já eram muito fortes, mas que agora estavam totalmente  
28 confirmadas. Temendo que a conversa pudesse ir ainda mais longe, ele pegou seu relógio  
29 e, empurrando um pouco os ponteiros, disse à Rainha:

30 — Suplico a Vossa Majestade que me permita ir ao palácio — disse ele. — Já está  
31 na hora do Rei se levantar, e ele ordenou que eu estivesse presente.

32 — Ide, belo indiferente — disse ela, com um profundo suspiro. — Estais certo em  
33 fazer vossa corte ao meu irmão, mas sabeis que não faríeis mal se também dedicásseis  
34 alguma atenção a mim.

35 A Rainha seguiu-o com os olhos e depois baixou sua fronte. Ao refletir sobre o que  
36 acabara de se passar, corou de vergonha e ódio. E o que fez sua mágoa aumentar ainda

---

<sup>19</sup> Cantigas entoadas em situação de beberagem.

1 mais foi o fato de Florida ter testemunhado tudo; em seu rosto havia uma certa expressão  
2 de contentamento, como se quisesse dizer-lhe que teria sido melhor se ela tivesse acatado  
3 seu conselho em vez de ir falar com Fortunato. Ela meditou por algum tempo e, pegando  
4 sua prancheta, escreveu os seguintes versos, que mandou musicar pelo Lully<sup>20</sup> que havia  
5 em sua corte:

6  
7 *Tu vistes, enfim vistes o meu tormento,*  
8 *Meu conquistador o viu, mas não ficou comovido;*  
9 *Diante dele, meu coração expôs sentimentos*  
10 *Que antes deveriam permanecer escondidos.*  
11 *Não notaste teu desprezo? Teu rigor desumano?*  
12 *Ele me odeia, e eu também queria odiá-lo;*  
13 *Mas essa é uma vã esperança, um desengano,*  
14 *Pois não consigo deixar de amá-lo.*  
15

16 Florida desempenhou muito bem o seu papel junto à Rainha e consolou-a da  
17 melhor maneira possível, dando-lhe motivos para não perder a esperança, pois era disso  
18 que ela precisava para não sucumbir.

19 — Fortunato se encontra tão abaixo de vós, madame, que talvez não tenha  
20 compreendido o que tentastes fazê-lo entender — disse-lhe ela. — E parece-me bastante  
21 razoável o fato dele ter vos assegurado que não ama ninguém.

22 O coração da Rainha enfim se acalmou um pouco, visto que é bastante natural  
23 sermos facilmente afetados por elogios. O que ela não sabia era que a maliciosa Florida,  
24 ciente da indiferença do Cavaleiro por sua ama, queria induzi-la a declarar-se mais  
25 claramente, tudo para que ele pudesse ofendê-la ainda mais com a indiferença de suas  
26 respostas.

27 Fortunato, por sua vez, sentia-se totalmente constrangido. Essa situação lhe  
28 parecia cruel, e ele não teria hesitado em deixar a corte se o afeto fatal que sentia pelo Rei  
29 não o detivesse, mesmo contra sua vontade. Ele passou a evitar aproximar-se da Rainha  
30 nas horas em que ela fazia suas reuniões e também durante as comitivas do Rei. Ela  
31 percebeu bem depressa essa nova alteração em sua conduta e começou a tramar várias  
32 ocasiões para que o Cavaleiro pudesse cortejá-la, sem que ele tirasse proveito delas. Um  
33 dia, porém, quando a Rainha desceu para visitar seus jardins, viu-o atravessar uma grande

---

<sup>20</sup> Jean-Baptiste Lully (1632-1687), compositor italiano naturalizado francês. Passou a maior parte da vida trabalhando na corte de Luís XIV. Compositor prolixo, de estilo largamente imitado pela Europa, considerado o mestre do barroco francês.

1 trilha e depois aviar-se rapidamente bosque adentro. Ela o chamou; temendo desagradá-  
2 la se fingisse que não a escutara, Fortunato apresentou-se respeitosamente.

3 — Acaso vos lembrais, Cavaleiro, da conversa que tivemos há algum tempo no  
4 arvoredor? — ela perguntou.

5 — Eu não seria capaz de esquecer essa honra, madame — ele respondeu.

6 — Não me restam dúvidas de que as perguntas que eu vos fiz naquela ocasião vos  
7 causaram alguma angústia — disse-lhe ela. — Pois desde então tendes evitado qualquer  
8 ocasião em que eu pudesse vos fazer outras.

9 — Devo esse favor tão somente ao acaso — disse ele. — Parece-me que ele teve o  
10 cuidado de evitar que me fizésseis outras.

11 — Dizei a verdade, ingrato! — a Rainha exclamou, ruborizando. — Tendes evitado  
12 a minha presença pois conheceis muito bem os meus sentimentos!

13 Fortunato baixou os olhos de maneira constrangida e modesta; e como ele hesitava  
14 em responder, ela continuou:

15 — Pareceis muito desconcertado. Enfim, não é necessário dizerdes nada; eu já vos  
16 entendi melhor do que se tivésseis falado.

17 Talvez a Rainha ainda tivesse a intenção de dizer outras coisas, mas viu que o Rei  
18 estava se aproximando. Avançando em direção ao seu irmão, ela notou o quão  
19 melancólico ele estava e pediu-lhe para que lhe dissesse a razão.

20 — Sabeis que há cerca de um mês fui avisado a respeito de um dragão de  
21 prodigiosa grandeza que estava devastando todo o país — disse o Rei. — Pensei que  
22 nossos homens fossem capazes de matá-lo e emiti as ordens necessárias para isso.  
23 Contudo, eles tentaram inutilmente; o dragão devorou meus súditos, seus rebanhos e  
24 tudo o que encontrou pela frente! Ele envenena os rios e as fontes ao saciar sua sede e faz  
25 apodrecer as ervas e as plantas onde se deita.

26 Enquanto o Rei assim falava, a Rainha, com seu espírito irritado, tramou um plano  
27 para sacrificar o Cavaleiro por conta de seu ressentimento.

28 — As más notícias que recebestes são de meu conhecimento — disse ela. — Foi o  
29 próprio Fortunato, com quem me vistes conversar, que acabou de me prestar conta disso.  
30 Meu irmão, ficareis surpreso com o que tenho para vos dizer: ele me suplicou, até a última  
31 instância, que eu pedisse a vossa permissão para que ele pudesse ir lutar contra esse  
32 terrível dragão! De fato, ele maneja tão bem as suas armas que não me surpreende  
33 tamanha presunção. Ademais, ele me contou que tem um segredo para fazer dormir até  
34 o mais alerta dos dragões, algo que não pode ser dito para não desmerecer o valor de seus  
35 atos.

36 — Esse seria um feito bem glorioso para ele e bem útil para nós caso ele viesse a  
37 obter sucesso, independentemente da maneira com que o fizesse — respondeu o Rei. —

1 Contudo, temo que essa intenção provenha de um zelo imprudente e que isso lhe custará  
2 a vida.

3 — Não, meu irmão — insistiu a Rainha. — Não temais! Ele já me contou alguns  
4 de seus feitos surpreendentes. Bem sabeis que Fortunato é naturalmente muito sincero!  
5 Portanto, que honra ele poderia esperar se fosse para morrer tão facilmente? Enfim, eu  
6 prometi que tentaria obter junto a vós a permissão para que ele pudesse realizar seu  
7 grande desejo, algo que ele anseia com tanta paixão que, se vós o recusardes, ele morrerá.

8 — Malgrado o meu repúdio, consentirei com o vosso pedido — afirmou o Rei. —  
9 Enfim, vamos chamá-lo.

10 Prontamente, ele fez um sinal para que Fortunato se aproximasse, e disse-lhe em  
11 um tom gentil:

12 — Acabei de saber, através da Rainha, do desejo que tendes de combater o dragão  
13 que está devastando nosso país. Essa é uma resolução tão ousada que mal consigo  
14 acreditar que realmente considerastes todos os perigos envolvidos.

15 — Eu já havia lhe dito isso, meu irmão — disse a Rainha. — Mas ele é tão zeloso  
16 em vosso serviço e está tão ansioso para dar provas disso que nada poderá dissuadi-lo. Eu  
17 prevejo que ele logrará algum êxito.

18 Fortunato ficou surpreso ao ouvir o que o Rei e a Rainha lhe disseram. Ele tinha  
19 inteligência o suficiente para compreender as perversas intenções daquela princesa, mas  
20 sua doçura não permitia que ele tentasse se explicar ou respondesse algo. Deixou-a falar,  
21 contentando-se em prestar profundas reverências, de modo que o Rei foi levado a crer  
22 que ele estivesse reforçando suas súplicas para obter a permissão que tanto desejava.

23 — Ide, então — disse ele, suspirando. — Ide para onde a glória vos chama. Bem  
24 sei que sois muito hábil em todas as coisas, e mais particularmente no uso de armas; de  
25 fato, pode ser que esse monstro tenha muita dificuldade em evitar vossos golpes.

26 — Senhor — respondeu o Cavaleiro. — Qualquer que seja o resultado desse  
27 combate, ficarei satisfeito: ou vos livrarei de um flagelo terrível, ou então morrerei por  
28 vós. Honrai-me, porém, com um favor que me será infinitamente caro.

29 — Pedi tudo o que quiserdes — disse o Rei.

30 — Ouso pedir um retrato vosso — respondeu Fortunato.

31 O Rei sentiu-se muito lisonjeado por ele querer um retrato seu em uma ocasião  
32 em que deveria se preocupar com outras coisas. A Rainha, por sua vez, ressentiu uma  
33 nova mágoa, já que ele não fizera o mesmo pedido para ela. Por outro lado, ele teria de  
34 ser demasiadamente bondoso para querer o retrato de uma pessoa tão má.

35

36 O Rei retornou ao seu palácio, e a Rainha para o dela. Muito constrangido pela  
37 promessa que fizera, Fortunato foi ao encontro de seu cavalo e lhe disse:

38 — Meu caro Camarada, tenho muitas novidades.

1 — Eu já sei de tudo, meu senhor — ele respondeu.

2 — O que faremos, então? — acrescentou Fortunato.

3 — Devemos partir imediatamente — respondeu o cavalo. — Ide obter a ordem do  
4 Rei, pela qual ele vos ordena a ir combater o dragão, e em seguida faremos o nosso dever.

5 Essas poucas palavras consolaram o nosso jovem Cavaleiro. Na manhã seguinte,  
6 ele não tardou a ir ao encontro do Rei; estava vestido em trajes de campanha, tão formosos  
7 quanto os outros que já havia tirado do cofre de marroquim. Assim que o Rei o avistou,  
8 exclamou:

9 — O quê! Já estais pronto para partir?

10 — Temos de ser diligentes na execução de vossos comandos, senhor — ele  
11 replicou. — Vim para me despedir de vós.

12 Diante de um cavaleiro tão jovem, tão belo e tão perfeito que estava às vésperas  
13 de se expor ao maior perigo em que um homem jamais poderia enfrentar, o Rei não pôde  
14 deixar de se comover. Ele o abraçou e deu-lhe seu retrato, emoldurado com grandes  
15 diamantes. Fortunato recebeu-o com uma alegria extraordinária; as nobres qualidades do  
16 Rei tocavam-no a tal ponto que para ele não haveria de existir no mundo alguém mais  
17 amável. E se o Cavaleiro sofreu ao deixá-lo, foi muito menos pelo medo de ser devorado  
18 pelo dragão do que pela privação de uma companhia que lhe era tão querida.

19 O Rei incluiu aviso geral na ordem que emitiu de Fortunato: todos os seus súditos  
20 deveriam ajudá-lo e prestar-lhe socorro sempre que ele precisasse. Em seguida, o  
21 Cavaleiro despediu-se do Rei; e para não deixar de demonstrar sua boa conduta, foi ao  
22 encontro da Rainha, que estava fazendo seu toalete, cercada de várias damas. Ela mudou  
23 de cor quando ao vê-lo chegar; afinal, quantos motivos ela não tinha para se envergonhar?  
24 Fortunato saudou-a respeitosamente e perguntou-lhe se ela gostaria de honrá-lo com  
25 alguma ordem, pois estava prestes a partir; esse pedido deixou-a desconcertada. Florida,  
26 que não sabia nada sobre a conspiração da Rainha contra o Cavaleiro, ficou bastante  
27 confusa. Bem que ela gostaria de ter um momento a sós com Fortunato, mas sabia que ele  
28 fugiria de uma conversa tão constrangedora.

29 — Peço aos Deuses que vos façam vencer e retornar triunfante — disse a Rainha.

30 — Madame — replicou o Cavaleiro. — Vossa Majestade me concedeu essa grande  
31 honra e está suficientemente ciente do perigo a que serei exposto. Contudo, estou cheio  
32 de confiança; nesse momento, acredito que eu seja o único com essa expectativa.

33 A Rainha entendeu muito bem o que ele quis dizer; sem dúvida, ela teria  
34 respondido a essa pequena censura se houvesse menos pessoas em seu quarto.

35 Por fim, o Cavaleiro retornou aos seus aposentos e ordenou a seus sete excelentes  
36 servos que montassem em seus cavalos e o seguissem, porque havia chegado a hora de  
37 provarem o que sabiam fazer. Não houve um que não tenha demonstrado alegria em  
38 finalmente ser capaz de servi-lo. Tudo ficou pronto em menos de uma hora e então eles

1 partiram na companhia do Cavaleiro, assegurando-lhe que fariam de tudo para sua  
2 satisfação.

3 Com efeito, assim que chegaram à campanha, sem mais temer o risco de serem  
4 descobertos, cada um deu prova de sua habilidade. Brindador bebeu a água dos lagos e  
5 pegou o mais belo peixe para o jantar de seu mestre. Ligeiro, por sua vez, caçou cervos e  
6 apanhou lebres pelas orelhas, por mais espertas que elas fossem. O Bom Atirador não  
7 poupou os perdizes e faisões. E enquanto a caça era morta de um lado, a carne preparada  
8 de outro, e o peixe retirado da água, era Espinhaço que a tudo carregava alegremente. Até  
9 mesmo Fina-Orelha mostrou-se útil: ele encontrou trufas<sup>21</sup>, moréis<sup>22</sup>, champignons,  
10 saladas e ervas finas só de escutá-las saindo da terra. Sendo assim, a Fortunato só restava  
11 o cuidado de pôr a mão no bolso para custear as despesas de sua jornada. Ele bem que  
12 teria se divertido ao ver tantas coisas extraordinárias se seu coração não estivesse tão  
13 ocupado com aquele que havia acabado de abandonar. Ele não parava de pensar nos  
14 méritos do Rei; mas quanto à Rainha, sua malícia lhe parecia tão grande que ele não podia  
15 deixar de detestá-la.

16 Ele cavalgava imerso em profundos devaneios quando foi despertado pelos gritos  
17 pungentes de várias pessoas: eram os pobres camponeses a quem o dragão ameaçava  
18 devorar. Fortunato viu que muitos estavam fugindo, correndo com todas as suas forças.  
19 Ele os chamou, mas ninguém quis parar para responder; seguindo-os, conseguiu falar  
20 com alguns e soube que o monstro não estava muito longe. Ao perguntar-lhes que  
21 garantia tinham disso, contaram-lhe o seguinte: como a água era muito escassa naquele  
22 país e eles só dispunham da água da chuva para beber, haviam construído uma represa a  
23 fim de preservá-la. Era lá que o dragão saciava sua sede depois das incursões. Os gritos  
24 que ele proferia ao se aproximar eram tão altos que podiam ser ouvidos a uma légua de  
25 distância; alarmados, todos começavam a correr para se esconder, fechando as portas e  
26 janelas de suas casas.

27 O Cavaleiro entrou em uma hospedaria, não para repousar, mas para obter os  
28 bons conselhos de seu lindo cavalo. Quando todos se retiraram, ele desceu ao estábulo e  
29 perguntou-lhe:

30 — Camarada, que faremos para vencer esse dragão?

31 — Meu senhor — ele respondeu. — Sonharei com a resposta esta noite, e vos  
32 prestarei conta amanhã bem cedo.

33 Na manhã seguinte, ao retornar, Camarada lhe disse:

34 — Preciso que Fina-Orelha nos informe se o dragão está por perto.

---

<sup>21</sup> Espécie de cogumelo.

<sup>22</sup> Espécie de cogumelo.

1           Imediatamente, Fina-Orelha deitou-se no chão e escutou os gritos do dragão, que  
2 estava a sete léguas de distância. Uma vez informado, o cavalo disse a Fortunato:

3           — Ordenai ao Brindador que beba toda água dessa grande represa, e que  
4 Espinhaço leve vinho o bastante para enchê-la. Fazei com que encham suas margens de  
5 uvas passas, pimenta e várias outras coisas que causem sede. Ordenai a todos os habitantes  
6 que permaneçam trancados em suas casas. Quanto a vós, meu senhor, protegei a si mesmo  
7 e aos vossos homens. O dragão não tardará a ir beber na represa; o vinho lhe parecerá  
8 muito bom, e então vereis o que há de acontecer.

9  
10           Assim que Camarada terminou de ditar o que era para ser feito, todos começaram  
11 a executar suas tarefas. O Cavaleiro foi hospedar-se em uma casa com vista para a represa;  
12 ele mal havia entrado quando o terrível dragão apareceu. Ele bebeu um pouco e em  
13 seguida provou do desjejum que lhe fora preparado; depois, bebeu mais e mais, até que  
14 ficou embriagado. Incapaz de se locomover, deitou-se de lado, com a cabeça pendurada e  
15 os olhos fechados. Quando Fortunato o viu nesse estado, julgou que não tinha tempo a  
16 perder: empunhando a espada, atacou-o com uma coragem maravilhosa. O dragão,  
17 sentindo-se perfurado por todos os lados, tentou se levantar e avançar sobre o Cavaleiro,  
18 mas não teve forças, pois havia perdido muito sangue. O Cavaleiro, muito feliz por tê-lo  
19 reduzido a um estado tão extremo, chamou sua gente para amarrar o monstro com cordas  
20 e correntes, pois ele queria conceder ao Rei o prazer e a glória de matá-lo. Desse modo,  
21 não tendo nada mais a temer, eles arrastaram o dragão até a cidade.

22           Fortunato marchava à frente de seu pequeno cortejo. Ao se aproximar do palácio,  
23 pediu a Ligeiro que enviasse as boas-novas de seu vantajoso sucesso ao Rei. Isso parecia  
24 quase impossível, mas enfim todos puderam ver o monstro amarrado sobre um veículo  
25 construído para esse propósito. O Rei desceu e abraçou Fortunato, dizendo-lhe:

26           — Os Deuses reservaram essa vitória a vós! Meu querido Cavaleiro, sinto mais  
27 alegria pelo vosso retorno em segurança do que por ver esse horrível dragão reduzido a  
28 tal condição!

29           — Senhor — ele respondeu. — Peço que Vossa Majestade disfira o golpe mortal;  
30 eu o trouxe até aqui para que ele o recebesse de vossa mão.

31           Então o Rei sacou sua espada e acabou de matar um de seus inimigos mais cruéis.  
32 Todo mundo gritou de alegria e fez aclamações por um sucesso tão inesperado.

33           Florida, que permanecia inquieta, não tardou em saber do retorno do belo  
34 Cavaleiro. Ela correu para dar o anúncio à Rainha, que ficou tão surpresa e hesitante entre  
35 o amor e o ódio que não conseguiu responder ao que sua favorita lhe dissera. Repreendeu-  
36 se centenas de vezes pela trama maliciosa que havia armado contra ele, ainda que  
37 preferisse vê-lo morto a vê-lo indiferente. Ela não sabia se ficava muito feliz ou muito  
38 triste por seu retorno à corte, onde sua presença voltaria a perturbar sua paz.



1 O Rei, impaciente para transmitir à sua irmã o sucesso de uma aventura tão  
2 extraordinária, entrou em seu quarto apoiado no Cavaleiro.

3 — Eis aqui o Conquistador do Dragão! — disse ele à Rainha. — Aquele que me  
4 prestou o serviço mais notável que eu poderia esperar de um súdito fiel! E foi a vós,  
5 madame, que ele expressou pela primeira vez seu desejo de combater esse monstro; espero  
6 que o valorizeis pelo perigo a que ele foi exposto.

7 A Rainha, recompondo seu semblante, homenageou Fortunato com uma acolhida  
8 graciosa e mil elogios. Ela achou que ele parecia ainda mais amável do que quando partiu;  
9 admirava-o com atenção, a fim de fazê-lo entender que seu coração continuava  
10 inflamado. Mas a Rainha não podia confiar apenas em seu olhar. Sendo assim, um dia,  
11 enquanto caçava com o Rei, ela fingiu estar indisposta e alegou que não conseguiria  
12 continuar seguindo os cães. Então, voltando-se para o jovem Cavaleiro, que não estava  
13 muito longe, disse-lhe:

14 — Me daríeis o prazer de vossa companhia? Quero descer e descansar um pouco.

15 E voltando-se àqueles que a acompanhavam, disse-lhes:

16 — Ide, não deixeis meu irmão sozinho.

17 Em seguida, ela desembarcou com Florida e assentou-se ao lado de um riacho,  
18 onde permaneceu em profundo silêncio por algum tempo, pensando em como começaria  
19 seu discurso. Finalmente, levantando os olhos, fixou-os sobre o Cavaleiro e disse-lhe:

20 — Como as boas intenções não são manifestadas com frequência, temo que não  
21 tenhais compreendido os motivos que me induziram a pressionar o Rei a enviar-vos para  
22 combater o dragão. Tive um pressentimento, e eles nunca me enganam; sendo o homem  
23 de coragem que sois, eu estava certa de que não recusaríeis essa missão. Afinal, como não  
24 fostes com a armada, os invejosos falavam muito mal de vós, de modo que seria necessário  
25 realizardes algo esplendoroso para calar suas bocas. Eu deveria ter relatado a vós o que  
26 eles diziam sobre isso, mas temia as consequências que poderiam resultar de vosso  
27 ressentimento — ela continuou. — Sendo assim, pensei que o melhor para vós seria  
28 calardes esses mal-intencionados através da vossa conduta intrépida diante do perigo, em  
29 vez de me valer de uma autoridade que denunciasses ainda mais o vosso favoritismo dentre  
30 os demais soldados. Agora sabeis, Cavaleiro, do meu sincero interesse para que todas essas  
31 coisas gloriosas vos acontecessem; estaríeis muito enganado se julgásseis de outra  
32 maneira.

33 — A distância que nos separa é tão grande, madame, que eu não sou digno do  
34 esclarecimento que me destes de tão boa vontade — ele respondeu, modestamente. — E  
35 nem do cuidado que tivestes ao colocar minha vida em risco para preservar minha honra.  
36 Os Céus me protegeram com mais benevolência do que meus inimigos esperavam.  
37 Ademais, sempre me sentirei feliz por poder empregar minha vida aos serviços do Rei, ou  
38 aos vossos; uma vida cuja perda é mais indiferente para mim do que se possa imaginar.

1           Essa respeitosa censura de Fortunato envergonhou a Rainha. Ela compreendeu  
2           perfeitamente tudo o que ele queria dizer. Contudo, considerava-o amável demais para  
3           correr o risco de afastá-lo com alguma resposta muito azeda; pelo contrário, ela fingiu  
4           partilhar de seus sentimentos e pediu que lhe contasse o que fizera para derrotar o dragão.  
5           Fortunato tomara o cuidado de não dizer a ninguém que o vencera com a ajuda de seus  
6           homens, e gabava-se de ter enfrentado esse formidável inimigo sozinho; dizia que suas  
7           habilidades, sua coragem e mesmo sua temeridade foram suficientes para realizar esse  
8           feito. A Rainha, porém, sem prestar atenção no que Fortunato lhe contava, interrompeu-  
9           o para perguntar se ele já estava bem convencido de sua contribuição para essa conquista.  
10          Essa conversa teria ido mais longe, mas ele lhe disse:

11           — Madame, ouço o som de uma trombeta; o Rei se aproxima. Vossa Majestade  
12          não gostaria de montar a cavalo para irmos encontrá-lo?

13           — Não — disse ela, com um ar cheio de despeito. — Já é o bastante irdes sozinho.

14           — O Rei me culparia, madame, se eu vos deixasse sozinha em um lugar onde  
15          poderíeis correr algum risco — ele acrescentou.

16           — Eu dispenso toda essa vossa preocupação — ela respondeu em um tom  
17          absoluto. — Ide, vossa presença me importuna!

18

19           A essa ordem, o Cavaleiro prestou-lhe profunda reverência, montou a cavalo e  
20          desapareceu de sua visão, preocupado com os efeitos que esse novo ressentimento  
21          poderiam suscitar. Em seguida, consultou seu belo cavalo:

22           — Dizei-me, Camarada: essa Rainha, que demonstra ternura e cólera ao mesmo  
23          tempo, encontrará algum outro monstro para me entregar?

24           — Apenas a si mesma — respondeu o lindo cavalo. — Mas ela é mais dragônica<sup>23</sup>  
25          que o dragão que matastes, e colocará vossa paciência e vossa virtude à prova.

26           — Será que ela me fará perder as boas graças do Rei? — ele exclamou. — Isso é  
27          tudo que eu temo.

28           — Não revelarei o futuro a vós — disse Camarada. — Basta saberdes que estou  
29          velando por tudo.

30           E não disse mais nada, pois o Rei despontou no fim de uma trilha. Fortunato  
31          juntou-se a ele e contou-lhe que a Rainha havia passado mal e que lhe ordenara a  
32          permanecer junto dela.

33           — Parece-me que caístes nas boas graças de minha irmã e que antes ela prefere  
34          abrir seu coração a vós do que a mim — disse o Rei, sorrindo. — Eu não esqueci que  
35          pedistes a ela que vos garantisse a glória de ir combater o dragão.

---

<sup>23</sup> *Elle est plus dragonne que le dragon que vous avez tué.*

1           — Senhor, eu não ousaria vos contradizer — respondeu o Cavaleiro. — Mas  
2 asseguro à Vossa Majestade que noto uma grande diferença entre as vossas boas graças e  
3 as da Rainha! Se fosse permitido a um súdito ter um soberano por confidente, para mim  
4 seria uma alegria muito singela poder declarar todos os sentimentos do meu coração a  
5 vós.

6           Mas o Rei o interrompeu para perguntar onde ele havia deixado a Rainha. Em  
7 seguida, os dois saíram juntos para encontrá-la. Enquanto isso, ela reclamava com Florida  
8 sobre a indiferença de Fortunato:

9           — Sua visão tornou-se odiosa para mim! — ela exclamou. — Ele deve deixar a  
10 corte, ou então eu a deixarei, pois não quero continuar sofrendo com a presença de um  
11 ingrato que ousa me demonstrar tanto desprezo! Que outro mortal não se sentiria feliz  
12 em poder agradar a Rainha todo-poderosa deste Estado? Não há outro no mundo além  
13 dele! Ah, os Deuses escolheram-no para perturbar o repouso da minha vida!

14          Florida não se sentia nem um pouco triste pela mágoa de sua ama contra  
15 Fortunato, e, longe de se esforçar para apaziguar a situação, ela tentou agravá-la,  
16 relembrando milhares de circunstâncias que a Rainha não queria mais recordar. Assim,  
17 seu despeito aumentou ainda mais, levando-a a conceber algum novo plano para pôr o  
18 pobre Cavaleiro a perder.

19          Assim que o Rei a encontrou e expressou sua preocupação com sua saúde, ela lhe  
20 disse:

21          — Confesso que estava me sentindo muito mal, mas é difícil não se curar com  
22 Fortunato! Ele é tão divertido e suas ideias são tão agradáveis! Sabei que ele me pediu para  
23 obter outra graça de Vossa Majestade. Absolutamente confiante em seu sucesso, ele  
24 solicitou o favor de poder empreender a missão mais temerária do mundo.

25          — O que, minha irmã? — exclamou o Rei. — Acaso ele deseja lutar com um novo  
26 dragão?

27          — Com vários dessa vez! — disse ela. — E tem certeza da vitória. Bem, como posso  
28 dizer? Ele garante que vai obrigar o Imperador a devolver todos os nossos tesouros e que  
29 não precisa de uma armada para isso.

30          — Que lástima! — respondeu o Rei. — Esse pobre rapaz sucumbirá em uma  
31 loucura tão extraordinária!

32          — Sua luta contra o monstro fez com que ele não pensasse em mais nada além de  
33 grandes desafios — acrescentou a Rainha. — Quantos riscos não correríeis ao  
34 concederdes a permissão para que ele se exponha novamente ao perigo em vosso serviço?

35          — Eu poria sua vida em risco, e ela é muito cara para mim — replicou o Rei. —  
36 Sentiria uma pena extrema por deixá-lo perecer por conta de um desvario de seu coração.

1 — Seja qual for a resolução, sua morte será inevitável — disse ela. — Pois eu vos  
2 asseguro que o desejo de Fortunato de ir recuperar vossos tesouros é tão forte que ele  
3 definhará se essa permissão não for concedida por vós.

4  
5 O Rei caiu em profunda tristeza.

6 — Eu não consigo imaginar como ele pôde encher a cabeça com todas essas  
7 quimeras! Sofro por vê-lo nesse estado.

8 — Fato é que ele lutou contra o dragão e o venceu — replicou a Rainha. — Pode  
9 ser que ele obtenha um novo êxito. Costumo ter pressentimentos justos, e meu coração  
10 me diz que ele sairá vitorioso dessa façanha. Por vossa graça, meu irmão, não vos oponhais  
11 à zelosa intenção de Fortunato.

12 — Antes é preciso chamá-lo — acrescentou o Rei. — Para ao menos apresentar-  
13 lhe todos os riscos que ele correrá.

14 — Ora, é justamente isso que o fará entrar em desespero — replicou a Rainha. —  
15 Pois ele vai pensar que não quereis deixá-lo ir, e eu vos asseguro que não conseguireis  
16 dissuadi-lo com consideração alguma, pois eu mesma já lhe disse tudo o que se pode  
17 imaginar sobre os perigos dessa ocasião.

18 — Está bem! — exclamou o Rei. — Deixai-o ir então, estou de acordo.

19 Jubilosa com essa permissão, a Rainha chamou Fortunato.

20 — Cavaleiro — disse ela. — Agradecei ao Rei por ter concedido a vós a permissão  
21 que tanto desejais: a de ir ao encontro do Imperador Matapa para fazê-lo devolver, de  
22 bom grado ou à força, os tesouros que foram roubados de nós. Preparai-vos para partir  
23 com a mesma diligência que tivestes para ir combater o dragão.

24 Surpreso, Fortunato reconheceu nessa declaração a fúria que a Rainha nutria  
25 contra ele. Contudo, ele sentia prazer em poder doar sua vida por um Rei que lhe era tão  
26 querido. Portanto, sem fazer qualquer objeção a essa extraordinária comissão, ele se  
27 ajoelhou e beijou a mão do Rei, deixando-o deveras comovido. A Rainha sentiu uma  
28 espécie de vergonha ao testemunhar o respeito com que ele recebera essa condenação que  
29 o levaria a encarar a morte.

30 — Será que ele tem algum carinho por mim? — ela disse consigo mesma. — Afinal,  
31 em vez de contradizer as minhas palavras, ele optou por sucumbir à malvada trama que  
32 armei sem reclamar! Ah, se isso realmente for verdade, hei de me arrepender pelo mal  
33 que lhe farei!

34 O Rei disse poucas coisas ao Cavaleiro. Ele montou em seu cavalo e a Rainha  
35 tornou a entrar em sua carruagem, fingindo estar se sentindo mal novamente. Fortunato  
36 acompanhou o Rei até os limites da floresta; depois, tornou a adentrá-la para ter uma  
37 conversa com seu cavalo.

1 — Está tudo acabado, meu fiel Camarada! — disse ele. — A Rainha armou uma  
2 trama totalmente inesperada.

3 — Meu amável mestre, não vos alarmeis — respondeu o cavalo. — Embora eu não  
4 tenha estado presente ao que se passou, tudo isso já era do meu conhecimento há algum  
5 tempo. Essa missão não é tão terrível quanto imaginais.

6 — Acaso não sabes que esse Imperador é o mais colérico de todos os homens? —  
7 continuou o Cavaleiro. — E que se eu propuser que ele devolva tudo o que tirou do Rei,  
8 ele não me responderá de outra forma a não ser ordenando que amarrem uma pedra em  
9 meu pescoço e me atirem no rio?

10 — Fui informado de sua conduta violenta — disse Camarada. — Mas que isso não  
11 vos impeça de partir, levando vossa gente convosco. Se perecerdes, todos nós também  
12 pereceremos; no entanto, espero um resultado melhor.

13 Um pouco consolado, o Cavaleiro voltou para casa, emitiu as ordens necessárias e  
14 depois foi receber as ordens do Rei, bem como suas credenciais.

15 — Da minha parte, direis ao Imperador que eu exijo de volta os meus súditos que  
16 foram escravizados, meus soldados aprisionados, meus cavalos, dos quais ele se serve,  
17 meus móveis e meus tesouros — disse o Rei.

18 — O que devo oferecer-lhe em troca de todas essas coisas? — perguntou  
19 Fortunato.

20 — Nada além da minha amizade — respondeu o Rei.

21 O jovem embaixador não teve dificuldades para decorar essas instruções e partiu  
22 sem ver a Rainha. Ela se sentiu ofendida, mas ele não tinha nada a tratar com ela; afinal,  
23 se ela fez o que fez estando muito apaixonada, o que não seria capaz de fazer movida  
24 somente pelo ódio? Para o Cavaleiro, uma afeição desse tipo parecia a coisa mais temerosa  
25 do mundo. Florida, a confidente, desesperou-se contra sua ama ao saber de seu desejo  
26 secreto de sacrificar aquele que era a flor de todo o cavalheirismo.

27 Fortunato retirou do cofre de marroquim tudo o que seria necessário para sua  
28 viagem. Ele não se contentou em ser o único a vestir-se magnificamente e quis que os sete  
29 homens que o acompanhavam também se apresentassem da mesma forma. E como todos  
30 tinham excelentes cavalos e Camarada mais parecia voar através do ar do que correr sobre  
31 a terra, eles chegaram em pouco tempo à capital em que o Imperador Matapa residia. A  
32 cidade era maior do que Paris, Constantinopla e Roma juntas, e tão povoada que todas as  
33 caves, porões e sótãos estavam ocupados.

34 Fortunato ficou bem surpreso ao ver uma cidade de extensão tão prodigiosa. Ele  
35 exigiu uma audiência com o Imperador e a obteve com facilidade. Porém, ao declarar o  
36 assunto de sua embaixada, embora o fizesse com uma graciosidade que valorizava seus  
37 argumentos, o Imperador não pôde deixar de rir.

1 — Se estivésseis à frente de quinhentos mil homens, talvez eu pudesse levar-vos  
2 em consideração — disse-lhe ele. — Me disseram, porém, que tendes apenas sete.

3 — Não é de meu interesse, senhor, fazer-vos devolver à força o que meu mestre  
4 deseja, e sim por meus humildes protestos — disse Fortunato.

5 — Seja como for, não tereis o que desejais — acrescentou o Imperador. — Isto é,  
6 a menos que sejais capaz executar uma tarefa que acabou de me ocorrer. Devereis  
7 encontrar um homem com apetite o bastante para comer todo os pães que são assados  
8 para os habitantes desta grande cidade.

9 O Cavaleiro ficou surpreso de alegria com essa proposta. Mas como ele não  
10 respondeu prontamente, o Imperador desatou a rir.

11 — Vede como é natural responder a uma extravagância com uma proposta ainda  
12 mais extravagante? — disse-lhe ele.

13 — Senhor — disse Fortunato. — Eu aceito a vossa oferta. Amanhã trarei um  
14 homem que comerá não só todos os pães frescos, mas também todos os pães duros desta  
15 cidade. Ordenai que eles sejam levados à grande praça, onde tereis o prazer de vê-lo  
16 devorar até as migalhas.

17 O Imperador consentiu. Ao longo do dia, não se falou de outra coisa a não ser da  
18 loucura daquele embaixador, e Matapa jurou que o condenaria à morte se ele não  
19 mantivesse sua palavra.

20 Assim que retornou ao hotel dos embaixadores, onde estava abrigado, Fortunato  
21 chamou Comilão e disse-lhe:

22 — Chegou a tua vez! Prepara-te para comer muitos pães, pois todos nós  
23 dependemos disso.

24 E depois contou-lhe o que havia prometido ao Imperador.

25 — Não vos preocupeis, meu mestre — disse Comilão. — Comerei tanto que eles  
26 se cansarão primeiro que eu.

27 Ainda assim, Fortunato não pôde deixar de temer seu fracasso e proibiu que lhe  
28 servissem o jantar, a fim de guardar sua fome para o desjejum; mas essa precaução era  
29 inútil.

30 O Imperador, a Imperatriz e a Princesa acomodaram-se em um terraço para que  
31 pudessem ver melhor tudo o que iria acontecer. Fortunato chegou com sua pequena  
32 comitiva e avistou seis montanhas de pão mais altas que os Pirineus dispostas na grande  
33 praça; ele não pôde deixar de empalidecer. Mas Comilão não reagiu da mesma forma; a  
34 esperança de poder comer tantos pães deliciosos causou-lhe um grande prazer. Ele pediu  
35 que ninguém esperasse por sobra alguma, afirmando que não deixaria nem uma migalha  
36 para os camundongos. O Imperador e toda sua corte se divertiram com a extravagância  
37 de Fortunato e de sua gente. Comilão, porém, já estava impaciente e exigiu que lhe dessem  
38 logo o sinal para começar a comer, o que foi feito ao som de tambores e trombetas. No

1 mesmo instante, ele se jogou sobre uma das montanhas de pão, que devorou em menos  
2 de um quarto de hora; depois, engoliu todo o resto no mesmo ritmo.

3 Nunca houve um espanto parecido. Todos se perguntavam se seus olhos não os  
4 tinham enganado, e por isso foram apalpar o lugar onde tinham colocado os pães.  
5 Naquele dia, do Imperador ao gato, todos tiveram de jantar sem pão.

6 Infinitamente contente com seu bom sucesso, Fortunato aproximou-se do  
7 Imperador e perguntou-lhe com muito respeito se fôra do seu agrado o cumprimento de  
8 sua palavra. Um pouco irritado por ter sido feito de bobo, o Imperador lhe disse:

9 — Senhor Embaixador, é muita comida para nenhuma bebida! É preciso que vós  
10 ou um dos vossos beba a água de todas as fontes, aquedutos e reservatórios da cidade, e  
11 todo o vinho que pode ser encontrado nas adegas.

12 — Senhor — disse Fortunato. — Quereis tornar impossível o cumprimento de  
13 vossas ordens! Contudo, não deixarei de tentar essa nova aventura, desde que eu possa  
14 estar seguro de que devolvereis ao Rei, meu amo, o que pedi em seu nome.

15 — Farei isso — disse o Imperador. — Desde que obtenhais êxito em vossa  
16 empreitada.

17 O Cavaleiro perguntou ao Imperador se ele gostaria de presenciar o feito, ao que  
18 ele respondeu que uma coisa assim tão rara merecia sua curiosidade. Assim, montando  
19 em uma carruagem magnífica, ele foi até a Fonte dos Leões, onde havia sete deles feitos  
20 de mármore, de cujas goelas vertiam torrentes de água que formavam um rio, através do  
21 qual era possível atravessar a cidade em gôndolas. Brindador aproximou-se da grande  
22 bacia e, sem nem tomar fôlego, deixou-a tão seca como se nunca tivesse existido água  
23 dentro dela. Os peixes no rio juraram vingança contra ele, pois não sabiam o que seria  
24 deles. E o mesmo aconteceu em todas as outras fontes, aquedutos e reservatórios; enfim,  
25 ele poderia beber o mar se tivesse sede para tanto. Diante de tal experiência, o Imperador  
26 já não duvidava que ele seria capaz beber o vinho tão bem quanto bebera a água, de modo  
27 que ninguém mais queria oferecê-lo a ele. Mas Brindador reclamou da injustiça que  
28 estavam cometendo e afirmou que teria dor de estômago se não bebesse mais; disse que  
29 não queria barganhar apenas o vinho, mas também os licores. Temendo parecer muito  
30 avarento, Matapa consentiu com o pedido de Brindador. Fortunato aproveitou a  
31 oportunidade para pedir ao Imperador que se lembrasse do que havia prometido. A essas  
32 palavras, tomando um ar de severidade, ele respondeu que iria pensar.

33 Com efeito, o Imperador reuniu seu conselho para declarar a situação de extremo  
34 desgosto em que se encontrava, visto que havia prometido ao jovem embaixador que  
35 devolveria tudo o que usurpara de seu amo caso suas condições fossem cumpridas, isso  
36 porque acreditava na impossibilidade de sua execução. Portanto, agora ele precisava de  
37 uma sugestão sobre o que fazer a fim de evitar algo que lhe seria tão prejudicial. A

1 Princesa, sua filha, que era uma das pessoas mais bonitas do mundo, ouvindo-o falar  
2 assim, disse-lhe:

3 — Senhor, bem sabeis que até o presente momento eu derrotei todos aqueles que  
4 ousaram disputar o prêmio em uma corrida comigo. Deveis dizer ao embaixador que,  
5 caso ele consiga ultrapassar a linha de chegada primeiro que eu, não mais hesitareis em  
6 manter a palavra que lhe destes.

7 O Imperador abraçou sua filha e considerou seu conselho maravilhoso. Na manhã  
8 seguinte, recebeu Fortunato com amabilidade e disse-lhe:

9 — Tenho mais uma exigência a fazer: quero que vós, ou qualquer um de vossos  
10 homens, disputeis uma corrida contra a Princesa, minha filha. Juro por todos os  
11 Elementos que, se alguém conquistar o prêmio antes dela, darei toda sorte de satisfação  
12 ao vosso amo.

13 Fortunato não recusou esse desafio e disse ao Imperador que o aceitava. Matapa  
14 prontamente acrescentou que a corrida aconteceria dentro de duas horas. Mandou que  
15 dissessem à sua filha para se preparar, mas esse era um exercício que ela estava  
16 acostumada a fazer desde a mais tenra juventude.

17 Ela despontou em uma grande alameda de laranjeiras que tinha três léguas de  
18 comprimento, tão perfeitamente pavimentada que não se via nem uma pedrinha do  
19 tamanho da cabeça de um alfinete. Usava um vestido leve de tafetá cor-de-rosa, repleto  
20 de estrelinhas bordadas em ouro e prata; seus belos cabelos estavam amarrados para trás  
21 com um laço e se esparramavam sobre seus ombros. Ela calçava sapatinhos sem salto,  
22 extremamente lindos, e trajava uma cinta de pedrarias que demarcava muito bem o seu  
23 porte, fazendo ver que nunca houve outra mais bela; nem mesmo a jovem Atalanta<sup>24</sup>  
24 ousaria disputar com ela.

25  
26 Fortunato chegou, seguido pelo fiel Ligeiro e seus outros empregados. O  
27 Imperador tomou seu lugar com toda sua corte e o embaixador anunciou que Ligeiro teria  
28 a honra de correr contra a Princesa. O cofre de marroquim forneceu-lhe um traje de linho  
29 holandês todo guarnecido com renda inglesa, meias de seda cor-de-fogo e plumas da  
30 mesma cor. Assim vestido, com uma ótima aparência, a Princesa o aceitou como  
31 adversário. Porém, antes da partida, ofereceram a ela um licor que a ajudaria a ficar mais  
32 veloz e fortalecida. O Corredor reclamou que também deveria bebê-lo, pois as vantagens  
33 teriam de ser iguais.

34 — Como quiserdes — disse ela. — Sou muito justa para recusar vosso pedido.

---

<sup>24</sup> Personagem da mitologia grega, foi abandonada pelos pais logo após seu nascimento, tendo sido alimentada por uma urso e depois recolhida e criada por caçadores. Tornou-se uma exímia caçadora, protegida por Ártemis. Muito ágil, algumas versões do mito informam que Zeus a transformou em uma leoa ou leoparda (COLEMAN, 2007, p. 105).



1 E então fez com que ele vertesse uma dose. Mas como Ligeiro não estava  
2 acostumado com essa bebida, que era muito forte, o efeito subiu depressa à sua cabeça.  
3 Ele deu duas ou três voltas e tombou ao pé de uma laranjeira, onde adormeceu  
4 profundamente.

5 Nesse ínterim, foi dado o sinal para o início da corrida. E deram mais três outras  
6 vezes, mas a Princesa aguardava gentilmente pelo despertar de Ligeiro. Enfim, ela pensou  
7 que seria de grande importância libertar seu pai do embaraço em que se encontrava, de  
8 sorte que resolveu partir com graça e velocidade maravilhosas. Como Fortunato estava na  
9 outra extremidade da alameda com toda a sua gente, ele não sabia de nada do que estava  
10 acontecendo, até que viu a Princesa correndo totalmente sozinha, a menos de meia légua  
11 da chegada.

12 — Pelos Deuses! — ele exclamou, falando com seu cavalo. — Estamos perdidos!  
13 Não vejo sinal algum de Ligeiro!

14 — Senhor — disse Camarada. — É preciso que Fina-Orelha tente escutar algo,  
15 talvez ele seja capaz de nos dizer o que se passa.

16 Fina-Orelha jogou-se no chão e, embora estivesse a duas léguas de Ligeiro,  
17 conseguiu ouvi-lo roncar.

18 — Realmente, ele não virá — disse ele. — Pois está dormindo como se estivesse  
19 em sua cama.

20 — Ó, que faremos então? — Fortunato exclamou novamente.

21 — Meu mestre — disse Camarada. — É preciso que o Bom Atirador atire uma  
22 flecha na ponta de sua orelha a fim de acordá-lo.

23 O Bom Atirador pegou seu arco e atirou com muita precisão, perfurando a orelha  
24 de Ligeiro; a dor o despertou e o tirou do estado de sonolência. Assim que abriu os olhos,  
25 viu que a Princesa estava quase alcançando a linha de chegada; ouviu muitos aplausos e  
26 gritos de alegria. De início, ficou atônito, mas acabou recuperando bem depressa a  
27 distância que havia perdido ao dormir. Parecia que os ventos o conduziam; ninguém  
28 conseguia segui-lo com os olhos. Por fim, ele chegou primeiro, com a flecha ainda em sua  
29 ouvido, pois tivera tempo de tirá-la.

30 O Imperador ficou tão surpreso com os três eventos ocorridos desde a chegada do  
31 embaixador, que concluiu que os Deuses se interessavam por ele e que não podia mais  
32 adiar o cumprimento de sua palavra.

33 — Aproximai-vos — disse ele a Fortunato. — A fim de que possais ouvir da minha  
34 boca o seguinte consentimento: vós ou um dos vossos homens poderá pegar parte dos  
35 tesouros do vosso amo. Não pensem, porém, que eu vá conceder-vos uma vantagem maior  
36 que essa, nem que eu vá deixar os soldados, os súditos e os cavalos partirem.

37 O embaixador prestou-lhe profunda reverência, disse-lhe que agradecia por  
38 tamanha graça e pediu-lhe que não tardasse em emitir suas ordens.

1 Cheio de despeito, Matapa falou com seu tesoureiro e depois dirigiu-se a uma de  
2 suas casas de veraneio, que ficava perto da cidade. Prontamente, Fortunato e seus homens  
3 demandaram acesso a todos os lugares onde os móveis, raridades, dinheiro e joias do Rei  
4 estavam guardadas; não esconderam nada dele, mas deram-lhe a condição de que apenas  
5 um homem poderia carregá-las. Espinhaço se apresentou e, com sua ajuda, o embaixador  
6 conseguiu levar todos os móveis que estavam no palácio do Imperador, quinhentas  
7 estátuas de ouro mais altas que gigantes, carroças, carruagens e toda sorte de coisas, sem  
8 exceção, às quais Espinhaço carregava com tanta leveza que parecia não haver nem uma  
9 libra<sup>25</sup> em suas costas.

10 Quando os ministros do Imperador viram que seus palácios foram desmobiados  
11 a ponto de não restar nem cadeiras, nem baús, nem painéis e nem uma cama para se  
12 deitar, apressaram-se em ir avisá-lo. É fácil imaginar qual não foi seu espanto ao saber que  
13 apenas um homem havia carregado tudo. Ele exclamou que não admitiria isso e ordenou  
14 a seus guardas e mosqueteiros que montassem a cavalo e fossem atrás dos salteadores de  
15 seus tesouros em diligência.

16 Embora Fortunato já estivesse a mais de dez léguas da cidade, Fina-Orelha disse-  
17 lhe que ouvia uma grande cavalaria vindo em sua direção a toda velocidade; e o Bom  
18 Atirador, que tinha uma excelente visão, enxergou-os a essa distância. Eles estavam às  
19 margens de um rio, e Fortunato disse a Brindador:

20 — Nós não temos barcos! Se bebesses uma parte dessa água, poderíamos  
21 atravessar.

22 E Brindador cumpriu o seu dever prontamente. O embaixador queria se afastar  
23 dali o mais depressa possível, mas seu cavalo lhe disse:

24 — Não vos inquieteis, deixai nossos inimigos se aproximarem.

25 Com efeito, eles apareceram na margem oposta do rio e, sabendo onde os  
26 pescadores atracavam seus barcos, embarcaram rapidamente e começaram a remar com  
27 todas as suas forças. Foi quando Impetuoso inflou suas bochechas e começou a soprar: o  
28 rio se agitou, os barcos viraram e a pequena armada do Imperador pereceu. Nenhum  
29 homem se salvou para ir contar a notícia.

30 Jubilosos com um desfecho tão favorável, esses homens já não pensavam em outra  
31 coisa senão em exigir a recompensa que consideravam merecer. Eles queriam fazer-se  
32 donos de todos os tesouros que carregavam, e uma grande disputa surgiu entre eles acerca  
33 da divisão.

34 — Se eu não tivesse vencido a corrida, ninguém teria nada — disse o Corredor.

35 — Se eu não tivesse te ouvido roncar, onde estaríamos então? — disse Fina-Orelha.

36 — Quem teria te despertado sem mim? — respondeu o Bom Atirador.

---

<sup>25</sup> Unidade de peso equivalente a cerca de meio quilo.

1 — De fato, vossas contestações são admiráveis — acrescentou Espinhaço. — Mas  
2 quem ousaria disputar comigo a vantagem de poder escolher primeiro, já que tive o  
3 trabalho de carregar tudo isso? Sem a minha ajuda, sequer estaríamos nesse apuro sobre  
4 a partilha.

5 — Ora, antes é preciso admitir que se não fosse pelo rio que bebi como se fosse  
6 um copo de limonada, todos vós estaríeis em apuros — replicou Brindador.

7 — A situação seria outra se eu não tivesse virado os barcos! — afirmou Impetuoso.

8 — Fiquei em silêncio até agora — interrompeu Comilão. — Mas não posso deixar  
9 de ressaltar que fui eu que abri a cena para todos grandes eventos que se passaram, pois  
10 se eu tivesse deixado uma casca de pão para trás, tudo estaria perdido.

11 — Meus amigos — disse Fortunato em um tom absoluto. — Todos vós fizestes  
12 maravilhas, mas devemos deixar ao Rei o cuidado de reconhecer nossos serviços. Eu  
13 ficaria muito triste se fosse recompensado por qualquer outra mão que não fosse a dele.  
14 Acreditai em mim, deixemos tudo à sua vontade; ele nos enviou para recuperar seus  
15 tesouros, não para roubá-los. Esse pensamento é tão vergonhoso, que eu vos aconselho a  
16 nunca mais falarmos disso. Da minha parte, asseguro-vos que vos recompensarei tão bem  
17 que não tereis nada a lamentar mesmo se o Rei viesse a vos negligenciar.

18 Os sete dotados sentiram-se tocados pela advertência de seu amo, lançaram-se a  
19 seus pés e prometeram-lhe que não teriam outra vontade senão a dele. Com essa  
20 determinação, eles concluíram sua viagem.

21 Ao aproximar-se da cidade, o amável Fortunato sentiu-se abalado por milhares de  
22 diferentes sensações: a alegria de ter prestado um serviço tão considerável ao seu Rei, por  
23 quem sentia tão terna afeição, e a esperança de revê-lo e de ser recebido favoravelmente.  
24 Tudo isso lhe causava uma agradável ansiedade. Por outro lado, sentia um estranho  
25 abatimento, pois tinha medo de irritar novamente a Rainha e de experimentar novas  
26 perseguições de sua parte e de Florida. Enfim, ele chegou; todo mundo ficou muito  
27 contente ao ver a imensa quantidade de riquezas que ele trazia consigo. Seguiram-no com  
28 mil aclamações, cujo barulho chegou ao palácio.

29 O Rei mal podia acreditar em uma coisa tão extraordinária e correu para informar  
30 a Rainha. De início, ela ficou totalmente pasmada, mas depois recuperou-se um pouco.

31 — Vede que os Deuses o protegem — disse-lhe ela. — Felizmente ele conseguiu, e  
32 não estou surpresa, pois ele pode realizar o que parece impossível aos outros.

33 Tendo proferido essas palavras, ela viu Fortunato entrar. Ele informou suas  
34 majestades do sucesso de sua viagem, acrescentando que os tesouros foram colocados no  
35 parque, pois havia tanto ouro, joias e móveis, que não existia um lugar suficientemente  
36 grande para guardá-los. É fácil imaginar quanto afeto o Rei expressou por um súdito tão  
37 fiel, zeloso e amável.

1 A presença do Cavaleiro e todas as vitórias que ele havia alcançado reabriram no  
2 coração da Rainha uma ferida que nunca fora completamente curada. Ela o achava mais  
3 charmoso do que nunca. Assim que ela se viu livre para falar com Florida, retomou suas  
4 queixas habituais:

5 — Viste tudo o que fiz para tentar arruiná-lo — disse-lhe ela. — Eu imaginava que  
6 essa fosse a única maneira de esquecê-lo, mas uma fatalidade inigualável sempre o traz de  
7 volta para mim. E quaisquer que sejam as razões que eu tenha que desprezar um homem  
8 tão inferior a mim e que retribui meus afetos com sombria ingratidão, não consigo deixar  
9 de amá-lo! Estou decidida a desposá-lo em segredo!

10 — Desposá-lo? — exclamou Florida. — Será possível? Eu ouvi direito?

11 — Sim — respondeu a Rainha. — Ouviste minhas intenções e irás me ajudar.  
12 Ordeno que tragas Fortunato ao meu gabinete esta noite. Eu mesma irei declarar minhas  
13 boas intenções a ele!

14 Florida entrou em desespero por ter sido escolhida para contribuir com o  
15 casamento de sua ama com seu amado e tentou de tudo para dissuadir a Rainha de querer  
16 vê-lo. Usou como argumento a raiva que o Rei sentiria se viesse a descobrir essa intriga,  
17 afirmando que talvez ele pudesse até ordenar a execução do Cavaleiro, ou ao menos  
18 condená-lo à prisão perpétua, e ela nunca mais o veria. Mas toda a sua eloquência foi em  
19 vão, pois viu que a Rainha começava a se enfurecer; enfim, a confidente não tinha outra  
20 saída senão obedecer a sua ama.

21 Florida encontrou Fortunato na galeria do palácio, onde ele arranjava as estátuas  
22 de ouro que havia recuperado de Matapa. Disse-lhe que deveria ir ao encontro da Rainha  
23 ao anoitecer, ordem que o fez tremer. Florida percebeu sua angústia.

24 — Ó, Deuses! — disse-lhe ela. — Como lamento por vós, pois o coração dessa  
25 princesa não vos deixará escapar! Ora, conheço um coração menos perigoso que o dela,  
26 mas ele jamais ousaria se declarar!

27 O Cavaleiro não queria se comprometer pedindo mais esclarecimentos, pois já  
28 tinha problemas demais. E como ele não queria agradecer a Rainha, vestiu-se com desleixo,  
29 a fim de que ela não pensasse que ele tinha algum interesse naquele encontro. Porém,  
30 embora pudesse dispensar os diamantes e bordados, ele não podia se livrar de seus  
31 charmes pessoais. Independentemente de seu humor, era sempre amável e sempre  
32 maravilhoso; nada se comparava a ele.

33 A Rainha, por sua vez, esforçou-se muito para ressaltar sua beleza, utilizando-se  
34 de todo brilho que pudesse adquirir com paramentos extraordinários. Foi com muito  
35 prazer que ela notou a aparente surpresa de Fortunato ao vê-la.

36 — Às vezes, as aparências são muito enganosas — disse-lhe ela. — Tanto que me  
37 sinto no dever de oferecer-vos uma justificativa a respeito do que certamente pensais  
38 sobre os meus sentimentos. Quando induzi o Rei a mandar-vos ao Imperador, parecia

1 que eu queria sacrificar-vos. Contudo, entendi, belo Cavaleiro, que eu já sabia de tudo o  
2 que iria acontecer, e que eu não tinha outro objetivo senão fazer-vos alcançar uma glória  
3 imortal.

4 — Madame, estais muito acima de mim para vos rebaixardes a uma explicação —  
5 disse ele. — Eu não preciso saber dos motivos que vos induziram a agir assim; contento-  
6 me por ter obedecido o Rei.

7 — Sois muito indiferente ao esclarecimento que eu quis vos oferecer — ela  
8 acrescentou. — Mas enfim, é chegado o tempo de convencer-vos da minha benevolência.  
9 Aproximai-vos, Fortunato, aproximaí-vos para receber minha mão como um  
10 compromisso de minha fé.

11 O pobre Cavaleiro ficou tão aturdido quanto ninguém jamais estivera. Por vinte  
12 vezes, esteve a ponto de revelar seu sexo à Rainha, mas não ousou fazê-lo, e só respondeu  
13 às suas demonstrações de afeto com uma frieza extrema. Deu-lhe infinitas razões sobre a  
14 cólera que o Rei sentiria quando descobrisse que seu súdito ousara contrair um  
15 matrimônio tão importante sem o seu aval, dentro de sua própria corte. A Rainha se  
16 esforçou para remediar o pavor que parecia alarmá-lo, mais foi em vão. Abruptamente,  
17 ela assumiu a voz e o semblante de uma Fúria<sup>26</sup>: avançando contra ele, fez-lhe mil ameaças,  
18 encheu-lhe de injúrias e o agrediu com arranhões. Depois, descontando sua raiva sobre si  
19 mesma, arrancou seus cabelos, fez seu rosto e seu peito sangrarem e rasgou seu véu e seus  
20 laços. Por fim, começou a gritar:

21 — Socorro, guardas, socorro!

22 Fazendo-os entrar em seu gabinete, ordenou-lhes que lançassem esse  
23 Infortunato<sup>27</sup> no fundo de uma masmorra. Ao mesmo tempo, correu ao encontro do Rei  
24 para exigir justiça contra as violências daquele jovem monstro. Ela contou ao seu irmão  
25 que, passado algum tempo, Fortunato teve a audácia de declarar-lhe sua paixão.  
26 Esperançosa de que a distância e os rigores da vida pudessem curá-lo, fizera de tudo para  
27 mantê-lo afastado, como o Rei bem poderia notar. Porém, ele era um infeliz incorrigível,  
28 e agora seu irmão podia ver a gravidade de seu comportamento contra ela. Por fim, disse  
29 desejar que ele fosse processado, e que se essa justiça lhe fosse negada, ela perderia a razão.

30 A maneira com que ela falava assustou o Rei; ele sabia que ela era uma das  
31 mulheres mais violentas do mundo, tinha muito poder e era bem capaz de alvoroçar o  
32 reino. A ousadia Fortunato demandava uma punição exemplar, e todo mundo já estava  
33 ciente do que tinha acontecido. De fato, ele mesmo devia se importar em vingar sua irmã.  
34 Mas, ora! Contra quem essa vingança deveria ser exercida? Contra um cavaleiro que se  
35 expôs aos maiores perigos em seu serviço, a quem ele devia sua tranquilidade e todos os

---

<sup>26</sup> As Erínias da mitologia grega.

<sup>27</sup> *Infortuné*.

1 seus tesouros, e a quem amava com uma afeição particular. Ele daria metade de sua vida  
2 para salvar seu querido favorito. O Rei reafirmou à Rainha o quão útil ele havia sido, os  
3 serviços que havia prestado ao Estado, falou de sua juventude e tudo o mais que poderia  
4 convencê-la a perdoá-lo. Mas ela não quis ouvir e exigiu sua morte. Já que não podia evitar  
5 colocá-lo em juízo, o Rei nomeou os juízes mais afáveis e mais suscetíveis à ternura,  
6 aqueles com mais propensão a tolerar essa falta.

7 Porém, ele se enganou em suas conjecturas: os tais juízes quiseram restabelecer  
8 sua reputação às custas desse pobre infeliz, e como se tratava de um caso de grande  
9 destaque, armaram-se com o mais extremo rigor e condenaram Fortunato sem se  
10 dignarem a ouvi-lo. Sua sentença era a de receber três punhaladas no coração, pois era em  
11 seu coração que residia a culpa.

12 O Rei se abalou com essa sentença tal como se ela tivesse sido pronunciada contra  
13 ele mesmo, e mandou exilar todos os juízes que a pronunciaram, ainda que isso não  
14 pudesse salvar seu amado Fortunato. A Rainha triunfou com o suplício que ele haveria de  
15 sofrer, pois seus olhos sedentos de sangue exigiam o de sua ilustre vítima. O Rei fez novas  
16 tentativas de salvá-lo, mas elas só serviram para irá-la ainda mais.

17 Finalmente, o dia marcado para essa terrível execução chegou. O Cavaleiro foi  
18 retirado da prisão em que permanecera sozinho, sem que nenhuma pessoa do mundo  
19 tivesse ido falar com ele. Ele não sabia do crime pelo qual a Rainha o acusara, apenas  
20 imaginava que se tratava de alguma nova perseguição causada por sua indiferença. O que  
21 mais o afligia era pensar que o Rei havia relevado as fúrias dessa princesa.

22 Inconsolável com o estado a que seu amado fora reduzido, Florida tomou uma  
23 resolução de extrema violência: iria envenenar a Rainha e a si mesma se Fortunato tivesse  
24 de provar o rigor de uma morte cruel. Quando soube da sentença, sua alma foi tomada  
25 pelo desespero, e agora só pensava em executar seu plano. No entanto, trouxeram-lhe um  
26 veneno mais lento do que ela queria, de sorte que, embora ela o tivesse dado à Rainha, ela  
27 demorou a sentir seu efeito maligno, e mandou conduzi-rem o belo Cavaleiro ao centro  
28 da grande praça do palácio para que pudesse presenciar sua morte. Os carrascos tiraram-  
29 no do calabouço com a crueldade costumeira, e conduziram-no para o abate como um  
30 terno cordeirinho.

31 O primeiro objeto que atingiu a visão de Fortunato foi a Rainha em sua carruagem.  
32 Ela estava tão perto quanto podia, pois desejava, se possível, que seu sangue jorrasse sobre  
33 ela. O Rei se trancou em seu gabinete a fim de lamentar livremente o destino de seu  
34 querido favorito.

35 Quando Fortunato foi amarrado à estaca, os carrascos rasgaram sua túnica e seu  
36 colete para perfurar seu coração; mas qual não foi o espanto dessa numerosa plateia ao  
37 descobrirem o busto de alabastro da verdadeira Bela-Bela! Todos reconheceram que se  
38 tratava de uma moça inocente, acusada injustamente. Comovida e confusa, a Rainha se

1 atribulou a tal ponto que o veneno começou a fazer um efeito surpreendente: ela caiu com  
2 longas convulsões, das quais ela só despertou para declarar seus amargos  
3 arrependimentos. As pessoas que amavam Fortunato puseram-no em liberdade e  
4 correram para anunciar essa surpreendente novidade ao Rei, que estava absorto na mais  
5 profunda tristeza. Nesse momento, porém, a alegria tomou o lugar da dor; ele correu para  
6 a praça e ficou encantado ao testemunhar a metamorfose de Fortunato.

7 Os últimos suspiros da Rainha fizeram com que o júbilo desse príncipe fosse  
8 suspenso por alguns instantes; porém, ao refletir sobre sua malícia, ele não conseguiu  
9 compadecer-se dela. O Rei resolveu que se casaria com Bela-Bela, a fim de pagar-lhe com  
10 uma coroa pelas infinitas obrigações que lhe devia, e declarou-lhe suas intenções. É fácil  
11 imaginar o quanto essas palavras satisfizeram os maiores desejos de Bela-Bela, bem menos  
12 por sua ascensão do que pela conquista de um Rei cheio de méritos, por quem sempre  
13 sentira extrema ternura.

14 O dia do célebre casamento do Rei foi marcado e Bela-Bela reassumiu seus trajes  
15 de moça, surgindo mil vezes mais amável do que nos trajes de Cavaleiro. Ela consultou  
16 seu cavalo quanto às próximas aventuras, e ele prometeu somente as mais agradáveis. Em  
17 gratidão por todos os bons ofícios que ele lhe fizera, Bela-Bela mandara fazer um estábulo  
18 revestido de ébano e marfim, onde ele só se deitaria em acolchoados cetim. Quanto  
19 àqueles que a seguiram, eles foram recompensados de acordo com seus serviços.

20 Camarada, no entanto, desapareceu, e foram contar a Bela-Bela. Essa perda  
21 angustiou o Rei, pois ela o adorava. Ela fez com que seu cavalo fosse procurado por toda  
22 parte, o que foi inutilmente feito ao longo de três dias. No quarto dia, a inquietude fez  
23 com que Bela-Bela se levantasse antes da Aurora. Ela desceu ao jardim, atravessou o  
24 bosque e entrou em uma vasta pradaria, gritando de tempos em tempos:

25 — Camarada! Meu querido Camarada! O que aconteceu convosco? Ainda preciso  
26 dos vossos sábios conselhos! Voltai, voltai para me aconselhar!

27 Enquanto assim falava, de repente ela avistou um segundo sol elevando-se do  
28 Ocidente, e parou para admirar esse prodígio. Sua felicidade foi inigualável ao notar que  
29 ele se aproximava pouco a pouco, e ao reconhecer, depois de alguns instantes, que aquele  
30 era o seu cavalo, cujos acessórios estavam todos cobertos de pedrarias. Cabriolando, ele  
31 vinha diante de um carruagem de pérolas e topázios, dirigida por vinte e quatro ovelhas  
32 cuja lã era de fio de ouro e de canutilho muito brilhante. Seus arreios eram de cetim  
33 carmesim, cobertos de esmeraldas, e também não faltavam carbúnculos, que  
34 ornamentavam seus chifres e orelhas. Na carruagem, Bela-Bela reconheceu sua protetora,  
35 a fada, acompanhada do Conde, seu pai, e de suas duas irmãs, que gritavam seu nome  
36 batendo palmas e faziam vários acenos carinhosos, dizendo que tinham vindo para o seu  
37 casamento. Ela pensou que iria morrer de alegria, tanto que não sabia o que fazer, ou o  
38 que dizer, para dar-lhes testemunho disso. Ela entrou na carruagem, e essa pomposa

1 comitiva adentrou o palácio, onde tudo já estava preparado para celebrar a maior festa já  
2 ocorrida naquele reino. Assim, o amoroso Rei uniu seu destino ao de sua ama, e essa  
3 encantadora aventura foi transmitida de séculos em séculos, até chegar ao nosso.

4  
5 *O mais cruel leão da ardente Líbia,*  
6 *Pelos tratos do caçador acuado,*  
7 *É menos perigoso que uma amante em fúria*  
8 *Que vê seus atrativos desprezados.*

9  
10 *As menores vinganças foram o veneno e o punhal,*  
11 *Que ousaram demandar por ciúmes e amargor;*  
12 *Mas era preciso sangue para conter o rancor*  
13 *E acalmar a violência fatal.*

14  
15 *Vistes aqui os funestos efeitos*  
16 *Que Fortunato sentiu, apesar de sua inocência,*  
17 *E todos os tormentos que lhe foram feitos.*

18  
19 *Uma metamorfose se desvela*  
20 *E desarma um povo obstinado,*  
21 *Pois reconheceram Bela-Bela*  
22 *Sob as vestes de Fortunato.*

23  
24 *Em vão, a Rainha demandou seu suplício,*  
25 *Pois o Céu aos justos defende;*  
26 *E depois que ele pune o vício,*  
27 *Coroa a virtude do inocente.*



## O POMBO E A POMBINHA<sup>1</sup>

1           Era uma vez um rei e uma rainha que se amavam tão carinhosamente que sua  
2       união servia de exemplo a todas as famílias. Qualquer um ficaria bem surpreso se  
3       encontrasse algum relacionamento em discórdia naquele reino, que se chamava Reino  
4       dos Desertos.

5           A rainha dera à luz vários filhos, mas só lhe restara uma menina, cuja beleza era  
6       tão grande que, se existisse algo que pudesse consolá-la da perda dos outros, eram os  
7       encantos que distinguiam a sobrevivente. O rei e a rainha criavam-na como sua única  
8       esperança; a alegria da família real, porém, durou muito pouco. Certo dia, o rei saiu para  
9       caçar montado em um cavalo espantadiço; alguns tiros foram disparados e o animal se  
10      assustou com o barulho e com o fogo, mordeu o freio das rédeas e desatou a correr como  
11      um raio. O rei conseguiu refreá-lo à beira de um precipício; o cavalo se ergueu e caiu para  
12      trás, em cima de seu condutor. Os ferimentos foram tão graves que o rei acabou morrendo  
13      antes que alguém pudesse socorrê-lo.

14          Essa funesta notícia deixou a rainha extremamente desolada. Ela não conseguia  
15      controlar sua dor, pois o golpe fora violento demais para que pudesse resistir aos seus  
16      efeitos. Não pensava em outra coisa a não ser garantir o futuro de sua filha, a fim de que  
17      pudesse morrer em paz. Ela tinha uma amiga chamada Fada Soberana, pois possuía  
18      grande autoridade sobre todos os impérios e era muito habilidosa. Com sua mão  
19      moribunda, escreveu-lhe para expressar seu desejo de dar seus últimos suspiros nos  
20      braços da fada, pedindo-lhe que viesse rapidamente ao seu encontro caso desejasse vê-la  
21      viva uma última vez. Disse também que tinha coisas muito importantes para lhe dizer.

22          Embora a fada estivesse ocupada, deixou seus afazeres de lado e, montando em  
23      seu camelo de fogo, que era mais rápido que o sol, foi ao encontro da rainha, que esperava  
24      por ela impacientemente. Falou-lhe de vários assuntos referentes à regência do reino,  
25      pediu-lhe que assumisse o trono e que cuidasse da pequena princesa Constância<sup>2</sup>.

26          — Se há algo que possa acalmar a inquietude que sinto por deixá-la órfã em tão  
27      tenra idade, é a esperança de que ireis provar-me a vossa amizade, estendendo à minha  
28      filha o cuidado que sempre demonstrastes por mim — ela emendou. — Que ela possa  
29      encontrar em vós uma mãe com o poder de torná-la muito mais feliz e perfeita do que eu

---

<sup>1</sup> *Le Pigeon et la Colombe*: não há um substantivo próprio que designe a pomba branca (como “dove”, em inglês). O diminutivo “Pombinha” foi escolhido por remeter tanto à noção de um espécime diminuto quanto à ideia de um indivíduo apaixonado (“os dois pombinhos”). Indiretamente, o termo também pode evocar, no imaginário do leitor brasileiro, a reminiscência da cantiga “Pombinha branca”, o que concorre para uma melhor aceção do termo na língua original.

<sup>2</sup> *Princesse Constanca*.

1 poderia ter feito. E que possais escolher para ela um marido deveras amável, a fim de que  
2 Constância jamais consiga amar qualquer outro.

3 — Grande rainha — disse a Fada. — Desejaste tudo o que alguém poderia desejar;  
4 farei tudo o que puder fazer por tua filha. Acontece, porém, que tirei seu horóscopo e  
5 parece que o Destino se irritou contra a Natureza pelo fato desta última ter utilizado todos  
6 os seus tesouros na concepção da princesa, de modo que agora ele está decidido a fazê-la  
7 sofrer. Sua majestade real deve estar ciente de que quando o Destino pronuncia suas  
8 sentenças em um tom tão absoluto, é impossível escapar de sua execução.

9 — Ao menos alivieis as suas desgraças — replicou a rainha. — E fazei tudo o que  
10 estiver ao vosso alcance para evitá-las. Às vezes, quando se dá a devida atenção, mesmo  
11 os maiores males podem ser evitados.

12 A Fada Soberana prometeu-lhe que faria tudo o que ela havia desejado, e a rainha,  
13 tendo abraçado sua querida Constância centenas de vezes, faleceu em razoável  
14 tranquilidade.

15 A fada lia os astros com a mesma facilidade que hoje lemos os novos contos que  
16 são impressos todos os dias. Ela viu que a princesa estava ameaçada pela paixão fatal de  
17 um gigante, cujos domínios não ficavam muito distantes do Reino dos Desertos. Soberana  
18 sabia muito bem que ele faria de tudo para possuí-la; assim sendo, chegou à conclusão de  
19 que o melhor jeito para tentar impedi-lo era esconder sua protegida nas extremidades da  
20 terra, bem distante do território sobre o qual o gigante governava, a fim de minar as  
21 chances de que o repouso de Constância fosse perturbado.

22 A Fada Soberana escolheu os ministros mais capazes para governar o Estado,  
23 confiou-lhes o trono e estabeleceu leis tão judiciosas que nem mesmo todos os sábios da  
24 Grécia poderiam ter criado algo comparável. Depois, uma noite, ela adentrou os  
25 aposentos de Constância e, sem acordá-la, levou-a em seu camelo de fogo a uma terra  
26 fértil, onde as pessoas viviam sem ambição e sem sofrimento. Era um verdadeiro vale de  
27 temperança, habitado apenas por pastores e pastoras, que moravam em cabanas  
28 construídas por eles mesmos.

29 A fada estava ciente de que se a princesa passasse dezesseis anos sem ver o gigante,  
30 seu único destino seria retornar em triunfo ao seu reino; porém, se ele lançasse os olhos  
31 sobre a princesa antes desse prazo, ela seria exposta a grandes sofrimentos. A fada,  
32 portanto, tomou todas as precauções para escondê-la da vista de todos: para que parecesse  
33 menos bonita, vestiu-a como uma pastora, encobrindo-a com cornetes<sup>3</sup> grosseiras que se  
34 dobravam sobre seu rosto. Porém, tal como o sol lança seus longos raios de luz através  
35 das nuvens, essa charmosa princesa nunca poderia ser totalmente encoberta; parte de seus  
36 encantos jamais passariam despercebidos, de modo que, apesar de todo o cuidado da

---

<sup>3</sup> Chapéu de tecido engomado que forma grandes cornos, muito comuns à época.

1 fada, Constância era vista como uma obra-prima dos céus, que encantava a todos os  
2 corações.

3 Mas sua beleza não era a única coisa que a tornava maravilhosa: a Fada Soberana  
4 concedera-lhe o dom de possuir uma voz admirável e a habilidade de tocar qualquer  
5 instrumento que quisesse, de sorte que, mesmo sem nunca ter tido aulas de música, ela  
6 seria capaz de dar lições às musas e até mesmo ao célebre Apolo.

7 Quando ela começou a se entediar, a fada explicou-lhe as razões que tinha para  
8 criá-la em condições tão obscuras. Como era dotada de grande inteligência, Constância  
9 compreendeu a tudo perfeitamente, tanto que sua protetora ficou surpresa ao  
10 testemunhar tanta docilidade e inteligência em alguém de tão pouca idade. Como era  
11 sempre doloroso deixar a princesa sozinha, a fada ficava meses sem visitar o Reino dos  
12 Desertos; sua presença, porém, começava a se fazer necessária, pois todos só agiam  
13 mediante suas ordens e os ministros não estavam executando muito bem os seus deveres.  
14 Ao partir, Soberana recomendou fortemente à Constância que se mantivesse trancada até  
15 o dia de seu retorno.

16 Essa bela princesa tinha um cordeirinho a quem amava ternamente. Ela se divertia  
17 fazendo guirlandas de flores para ele; às vezes, cobria-lhe com laços de fita. Dera-lhe o  
18 nome de Ruson. Ele era mais esperto do que qualquer outro de sua espécie, reconhecia a  
19 voz e entendia os comandos de sua dona, a quem obedecia fielmente.

20 — Ruson, vá buscar o meu fuso! — dizia ela.

21 E ele corria até o seu quarto, pegava o fuso e trazia-o fazendo mil pinotes. Ficava  
22 sempre junto da princesa e não comia nada além das ervas que ela colhia para ele. Além  
23 disso, preferiria morrer de sede a ter de beber em qualquer outro lugar que não fosse a  
24 palma de sua mão. Ele sabia fechar a porta, batia com a pata no chão de acordo com a  
25 medida da música que ela cantasse e balia conforme a cadência. Ruson era amável; Ruson  
26 era muito amado. Constância falava com ele o tempo todo e fazia-lhe mil carícias.

27 Acontece que, naquela vizinhança, havia uma bela ovelha que era tão agradável  
28 aos olhos de Ruson quanto sua princesa. Bem, carneiros agem como carneiros, e aquela  
29 frágil ovelha lhe parecia mais bonita do que a mãe dos amores<sup>4</sup>. Constância costumava  
30 repreendê-lo por seus coqueteios<sup>5</sup>:

31 — Pequeno libertino — disse-lhe ela. — Não te basta permanecer comigo? És tão  
32 querido para mim que negligencio todo o meu rebanho por ti, e mesmo assim não pensas  
33 em abandonar a companhia dessa ovelha sarnenta para me agradar!

34 Constância resolveu prendê-lo com uma corrente de flores; o cordeirinho, porém,  
35 cada vez mais irritado, tanto puxou que acabou por rompê-la.

---

<sup>4</sup> Referência a Afrodite.

<sup>5</sup> *Coquetteries*: atitudes de uma coquete; coquetear.

1 — Ah! — exclamou a colérica princesa. — Bem que a fada me disse que os homens  
2 são todos volúveis. Eles não conseguem sustentar o menor dos compromissos, são os  
3 animais mais maliciosos do mundo. Já que desejas ser como eles, Ruson, vai, encontra tua  
4 bela besta lanuda! Se um lobo te devorar, foi porque mereceste; não poderei fazer nada  
5 para te socorrer.

6 O cordeiro apaixonado não prestou atenção aos conselhos de Constância. Ele  
7 passou o dia inteiro com sua querida ovelha, perto do casebre onde a princesa trabalhava  
8 sozinha. De repente, ela escutou um balido tão alto e plangente que teve certeza de que  
9 algum acidente fatal o acometera. Levantou-se em grande aflição, saiu e viu um lobo  
10 abocanhando o pobre Ruson. Naquele instante, ela já não pensava em tudo o que a fada  
11 lhe dissera na despedida. Correu atrás do ladrão de seu cordeiro, gritando:

12 — Um lobo! Um lobo!

13 E continuou a persegui-lo, arremessou pedras e até mesmo o seu cajado, mas não  
14 conseguiu fazê-lo soltar sua presa. Mas, ora! Ao passar perto de um bosque, saiu de lá um  
15 outro tipo de lobo: um gigante horrível! Quando avistou esse espantoso colosso, a  
16 princesa, tomada pelo pavor, ergueu os olhos ao céu para pedir socorro, e também rogou  
17 à terra que se abrisse para engoli-la. Nem o céu e nem a terra atenderam suas preces; ela  
18 merecia ser punida por não ter obedecido a Fada Soberana.

19 O gigante abriu os braços para impedir que ela passasse; porém, por mais terrível  
20 e furioso que fosse, ele acabou sucumbindo aos efeitos de sua beleza:

21 — Que posição tens entre as deusas? — disse ele, com uma voz que soava mais alto  
22 que um trovão. — Pois não penses que me enganas; não és uma mortal. Diz-me apenas o  
23 teu nome; és filha ou esposa de Júpiter? Quem são os teus irmãos? O que são as tuas irmãs?  
24 Há muito tempo tenho procurado por uma deusa para desposá-la, e eis que finalmente te  
25 encontrei!

26 A princesa sentiu sua língua atar-se de pavor, e que suas palavras haviam morrido  
27 dentro da boca. Ao perceber que ela não respondia às suas perguntas galantes, o gigante  
28 lhe disse:

29 — Tens pouca inteligência para uma divindade.

30 E sem mais delongas, abriu um grande saco e atirou-a para dentro.

31 A primeira coisa que Constância avistou ao fundo foi o perverso lobo e o pobre  
32 cordeiro, pois o gigante também os capturara pelo caminho.

33 — Morrerás comigo, meu querido Ruson — disse ela, beijando-o. — É um  
34 pequeno consolo, mas seria muito melhor se pudéssemos escapar juntos.

35 Esse triste pensamento fez com que ela chorasse amargamente; suspirou e  
36 pranteou em voz alta. Ruson baliu e o lobo uivou, de modo que todo esse barulho acordou  
37 o cão, o gato, o galo e o papagaio que estavam dormindo dentro do saco, ao que eles, por  
38 sua vez, também começaram a fazer uma barulheira desesperadora; eis que começou uma

1 insólita algazarra na bolsa do gigante. Enfim, cansado de ouvi-los, decidiu que mataria  
2 todos eles. Entretanto, acabou contentando-se em amarrar o saco e lançá-lo no alto de  
3 uma árvore; ele a marcou para conseguir reencontrá-la quando voltasse para reaver suas  
4 posses, pois estava a caminho do duelo que travaria com outro gigante, e todo esse  
5 estrondo o desagradava.

6 A princesa bem sabia que em poucos tempo ele já estaria bem distante, pois  
7 mesmo um cavalo a toda velocidade não seria capaz ultrapassá-lo a cada pequeno passo  
8 que dava. Ela sacou sua tesoura e cortou o saco; depois, soltou seu querido Ruson, o cão,  
9 o gato, o galo e o papagaio. Em seguida, libertou-se e deixou o lobo para trás, como forma  
10 de puni-lo por comer pobres cordeirinhos.

11 A noite estava muito escura; era assustador encontrar-se sozinha no meio de uma  
12 floresta, sem saber para onde volver os passos, incapaz de enxergar tanto a terra quanto o  
13 céu, temendo a todo instante reencontrar o gigante.

14 Ela caminhava o mais rápido que podia, e teria caído centenas de vezes se não fosse  
15 pelos animais que pusera em liberdade; gratos pelo favor que haviam recebido, eles não a  
16 abandonaram e foram de grande ajuda em sua jornada. Os olhos do gato eram tão  
17 cintilantes que iluminavam o caminho como uma tocha; o cão uivava e atuava como  
18 sentinela; o galo cantava para assustar os leões; e quanto ao papagaio, ele tagarelava tão  
19 alto, que, ao ouvi-lo, qualquer um pensaria que vinte pessoas conversavam juntas, de  
20 modo que os ladrões se afastavam e deixavam a estrada livre para a passagem da nossa  
21 bela viajante. Já o cordeiro, andando a poucos passos diante dela, evitava que ela caísse  
22 nos grandes buracos que haviam por ali, dos quais ele mesmo teria bastante dificuldade  
23 de sair.

24 Constância seguiu sua aventura, sempre recomendando-se à sua boa amiga, a fada,  
25 de quem esperava algum auxílio, sentindo-se severamente arrependida por não ter  
26 seguido as suas ordens; temia, porém, que tivesse sido abandonada. Ela bem que desejou  
27 que a fortuna a conduzisse de volta ao casebre onde estava sendo criada em segredo!  
28 Como desconhecia o caminho, tinha consciência de que jamais a reencontraria senão  
29 através da sorte.

30 Ao raiar do dia, a princesa se achava às margens de um rio que regava uma das  
31 pradarias mais agradáveis do mundo. Olhou ao redor e não viu nem cão, nem gato, nem  
32 galo e nem papagaio; Ruson era o único companheiro que lhe restava.

33 — Céus! Onde estou? — disse ela. — Este belo lugar me é desconhecido. Que será  
34 de mim? Quem é que vai me proteger? Ó, cordeirinho, quão caro me custaste! Se eu não  
35 tivesse corrido atrás de ti, ainda estaria sob a proteção da Fada Soberana, não teria medo  
36 do gigante e nem de qualquer outra aventura infeliz!

37 Ruson tremia ao escutá-la, como se estivesse ciente de sua culpa. Enfim, abatida e  
38 fadigada, a princesa parou de reprimi-lo e sentou-se ao lado da água. Como estava muito

1 cansada, uma vez protegida do calor do sol à sombra das árvores, seus olhos começaram  
2 a fechar suavemente, deitou-se sobre a relva e caiu em um sono profundo.

3 Não havia mais ninguém para protegê-la a não ser o fiel Ruson. De repente, ele  
4 avançou sobre ela, deu-lhe uma pisadura e baliu bem alto, despertando-a. Qual não foi o  
5 espanto da princesa ao acordar e perceber, a cerca de vinte passos de si, que havia um  
6 jovem rapaz atrás de alguns arbustos, onde ele havia se escondido a fim de observá-la sem  
7 ser notado. A beleza de sua forma e rosto, a nobreza de seu porte e a magnificência de  
8 seus trajes deixaram a princesa tão atônita que ela se levantou bruscamente, resolvida a se  
9 afastar; porém, não sei se por influência de algum encanto secreto, ela não conseguiu  
10 retirar-se dali. Lançou um olhar amedrontado sobre aquele estranho; nem mesmo o  
11 gigante causara-lhe tamanho temor, mas sabemos que o temor pode surgir por diferentes  
12 motivos. Os olhares e trejeitos desses dois jovens denunciavam desde já os sentimentos  
13 que nutriam um pelo outro.

14 Eles teriam permanecido calados por muito mais tempo, comunicando-se apenas  
15 pela troca de olhares, se o príncipe não tivesse ouvido o som de cornetas e o latido cada  
16 vez mais próximo de seus cães de caça. Ao perceber que a princesa havia se assustado,  
17 disse-lhe:

18 — Não tenhais medo, bela pastora, estais segura neste lugar. Quisesse o céu que  
19 aqueles que vos veem pudessem dizer o mesmo!

20 — Senhor — disse ela. — Imploro pela vossa proteção, sou uma pobre órfã que  
21 não tem outra aspiração a não ser a de tornar-me uma pastora. Dai-me um rebanho e eu  
22 cuidarei dele com grande zelo.

23 — Felizes serão os carneiros que conduzireis aos pastos! — disse ele, sorrindo. —  
24 Enfim, adorável pastora, se assim desejares, falarei com a rainha, minha mãe, para não  
25 mais adiar o prazer de poder vos prestar os meus serviços.

26 — Ó, meu senhor! — exclamou Constância. — Peço perdão pela liberdade que  
27 tomei! Eu não ousaria dirigir-me a vós dessa maneira se soubesse da vossa estirpe.

28 O príncipe a escutou com grande espanto, distinguindo a inteligência e a polidez  
29 daquela pastora; nada poderia combinar melhor com a excelência de sua beleza! Por outro  
30 lado, nada poderia ser menos atrativo que a simplicidade de seus trajes e sua condição de  
31 pastora. Ele até tentou induzi-la a optar por outra ocupação:

32 — Já pensastes que tereis de permanecer o dia inteiro sozinha, exposta em um  
33 bosque ou em uma campina, tendo por companhia nada além de suas inocentes ovelhas?  
34 — disse-lhe ele. — Os modos delicados que reparei em vós serão desperdiçados nessa  
35 solidão? Se a fama de seus encantos se espalhar por essas terras, é bem possível que  
36 milhares de admiradores apareçam para vos importunar. Eu mesmo, adorável pastora, eu  
37 mesmo deixaria a corte para seguir-vos; e assim como eu, outros também seriam capazes  
38 de fazê-lo!

1 — Cessai, meu senhor, cessai os vossos louvores, não me lisonjeeis excedendo os  
2 meus méritos — disse-lhe ela. — Nasci em uma aldeia, não conheço nada além de uma  
3 vida campestre, e tudo o que vos peço é que me permitais pastorear tranquilamente os  
4 rebanhos da rainha, caso ela se digne a confiá-los aos meus cuidados. Ademais, eu  
5 também a suplicaria para que me colocasse sob a supervisão de uma pastora mais  
6 experiente que eu; assim, como eu sempre estaria junto dela, decerto que nunca me  
7 entediaria.

8 O príncipe não teve tempo de respondê-la, pois aqueles que o acompanhavam  
9 despontaram no alto de uma colina.

10 — Eu vos deixarei, charmosa desconhecida — disse ele, apressando-se para partir.  
11 — Mas não posso permitir que mais pessoas partilhem da felicidade que tive ao encontrar-  
12 vos. Ide até o fim desta pradaria, lá encontrareis uma casa onde podereis habitar em  
13 segurança se disserdes que viestes da minha parte.

14 Constância, que teria sido muito incomodada se fosse encontrada por tão  
15 numerosa companhia, logo se dirigiu ao local indicado por Constâncio (esse era o nome  
16 do príncipe). Ele a seguiu com os olhos e suspirou ternamente; depois, montando em seu  
17 cavalo, colocou-se à frente de sua tropa e deu a caça por encerrada.

18 Ao regressar, encontrou a rainha bem irritada contra uma velha pastora, pois ela  
19 não havia cuidado direito de seus cordeiros. Depois de tê-la repreendido, ordenou que  
20 nunca mais aparecesse em sua presença. Essa ocasião favoreceu o pedido de Constâncio;  
21 ele informou à sua mãe que havia conhecido uma jovem moça cujo maior desejo era servi-  
22 la, que demonstrava ser cuidadosa e não parecia ser uma mercenária. A rainha ficou  
23 muito satisfeita com o relato de seu filho e aceitou a oferta da pastora mesmo sem tê-la  
24 visto; depois, pediu ao príncipe que desse ordens para que ela fosse enviada às pastagens  
25 pertencentes à coroa para se juntar às demais.

26 Constâncio ficou contente ao saber que não precisaria trazer a pastora ao palácio.  
27 Certos sentimentos de preocupação e ciúmes faziam-no temer possíveis rivais, ainda que  
28 não houvesse ninguém capaz de comparar-se a ele em termos de estirpe e de mérito. Na  
29 verdade, ele tinha mais medo dos plebeus do que dos grandes nobres, pois pensava que  
30 sua pastora estava mais propensa a se aproximar de um simples pastor do que de um  
31 príncipe tão próximo ao trono. Seria difícil recontar todas as reflexões que sucederam a  
32 essa; como ele reprimia o seu coração! Esse coração, que até então nunca havia amado e  
33 que nunca encontrara alguém que fosse digno dele! Agora ele estava entregue a uma  
34 menina de origem obscura, a quem ele jamais poderia confessar sua paixão sem causar  
35 grande vergonha.

36 Constâncio decidiu que lutaria contra seus sentimentos: convencido de que a  
37 distância seria um remédio infalível, sobretudo no caso de uma afeição ainda incipiente,  
38 resolveu que não voltaria a encontrar a pastora. Optou por dedicar-se ao seu interesse

1 pela caça e pelos esportes; quando saía, onde quer avistasse um rebanho, dava meia-volta  
2 como se os carneiros fossem serpentes, de modo que, depois de algum tempo, o  
3 sentimento que tanto o feria começou a parecer-lhe menos doloroso.

4 Porém, em um dos dias mais ardentes da canícula<sup>6</sup>, Constâncio, fadigado depois  
5 de uma longa caçada, encontrando-se às margens do rio, resolveu descansar sob a sombra  
6 das sorveiras<sup>7</sup>, que entrelaçavam seus galhos com os dos salgueiros e tornavam aquela  
7 paragem fresca e agradável. Ali, ele foi acometido por um profundo devaneio: estava  
8 sozinho e já não pensava mais em todos aqueles que o esperavam, até que, de repente,  
9 seus ouvidos foram atingidos pela encantadora melodia de uma voz que lhe parecia  
10 celeste. Ele parou para escutá-la e ficou extremamente surpreso ao ouvir estas palavras:

11  
12 *Céus! Jurei que jamais viveria uma paixão,*  
13 *Mas o amor tratou de me fazer perjurar;*  
14 *E agora sofro a intensa dor de amar,*  
15 *Pois Constâncio conquistou meu coração!*

16  
17 *Outro dia eu o vi em solitude,*  
18 *Na floresta, cansado de uma caça fatigante;*  
19 *Cheio de charme e inquietude,*  
20 *Escondido sob as sombras refrescantes.*

21  
22 *Foi a mais bela visão de toda minha vida;*  
23 *Permaneci imóvel, maravilhada, comovida;*

24  
25 *Das mãos do Amor eu vi a flecha partir*  
26 *E se alojar no fundo do meu ser.*  
27 *Eis o mal que tanto receava sentir:*  
28 *Um ardor que me inflama e me faz sofrer,*  
29 *E que jamais saberei extinguir.*

30  
31 Curioso para saber de onde vinha aquela doce voz que tanto lhe agradara, o  
32 príncipe avançou rapidamente em direção a ela. Havia escutado seu nome, Constâncio,  
33 mas poderia muito bem ser o nome de algum pastor; não sabia, portanto, se os versos

---

<sup>6</sup> Período do ano em que Canícula (tb. dita Sírio) se encontra em conjunção com o Sol; período mais quente do ano no hemisfério norte; calor muito forte.

<sup>7</sup> *Alisier*: sorva ou sorveira, árvore da família das rosáceas.



1 haviam sido compostos em referência a ele ou a qualquer outro. Tão logo alcançou o topo  
2 de uma pequena elevação coberta de árvores, avistou, logo abaixo, sua bela Constância;  
3 ela estava assentada ao lado de um riacho cujo borbulhar fazia um ruído muito agradável,  
4 como se tivesse a intenção de harmonizar com a sua voz. Seu fiel cordeiro, deitado na  
5 grama, mantinha-se como o favorito do rebanho, permanecendo muito mais perto dela  
6 do que os outros. Ocasionalmente, Constância tocava-o suavemente com seu cajado,  
7 demonstrando-lhe um afeto pueril; e todas as vezes que ela o tocava, ele beijava sua mão  
8 e volvia os olhos para cima, admirando-a com uma expressão de inteligência.

9 — Ah, quão feliz serias, cordeirinho, se soubesses o valor das carícias esbanjadas  
10 em ti! — disse o príncipe, bem baixinho. — Ora, é como se essa pastora estivesse ainda  
11 mais bonita do que quando a vi pela primeira vez! Amor, Amor, o que queres de mim?  
12 Acaso deverei amá-la? Ou melhor, será que terei condições de resistir a esse amor? Eu a  
13 evitei tão somente por saber dos perigos que correria ao vê-la. Ó, grandes deuses, quão  
14 intensos são meus sentimentos desde a primeira vez que a vi! Apelei à minha razão na  
15 tentativa de fugir dessa criatura tão amável; infelizmente, porém, eis que a reencontro  
16 para ouvi-la cantar sobre o ditoso pastor a quem escolheu amar!

17 Enquanto ele assim arrazoava, a pastora se levantou para recolher o rebanho e  
18 conduzi-lo ao outro lado da pradaria, onde havia deixado seus companheiros. Temendo  
19 perder a oportunidade de conversar com ela, o príncipe avançou em sua direção com um  
20 ar de ansiosidade.

21 — Amável pastora — disse-lhe ele. — Peço licença para perguntar se o modesto  
22 serviço que vos arranjei tem sido do vosso agrado.

23 Ao vê-lo, Constância corou; suas bochechas tingiram-se com o mais profundo  
24 carmesim.

25 — Meu senhor — ela respondeu. — Eu teria tido o cuidado de vos prestar os meus  
26 mais humildes agradecimentos caso fosse permitido a uma pobre moça como eu  
27 aproximar-me de um príncipe como vós. Mas embora eu não o tenha feito, o céu é  
28 testemunha da minha gratidão por vossa bondade, pois eu rezo aos deuses para que  
29 coroem os vossos dias de felicidade.

30 — Constância — ele replicou. — Se é verdade que meus esforços vos tocaram a  
31 esse ponto, então será fácil me provardes isso.

32 — O que posso fazer por vós, meu senhor? — ela perguntou ansiosamente.

33 — Poderíeis me dizer a quem se referem as palavras que acabastes de cantar? —  
34 ele emendou.

35 — Bem, como elas não são de minha autoria, não tenho como oferecer-vos uma  
36 resposta — disse ela.

37 Porém, enquanto Constância falava, o príncipe pôde examiná-la; ele notou o  
38 rubor de seu semblante, bem como o seu embaraço e o olhar sempre baixo.

1 — Por que esconderíeis os vossos sentimentos de mim, Constância? — disse-lhe  
2 ele. — Vossos gestos traem o segredo do vosso coração; estais amando?

3 Em seguida, ele se calou e começou a fitá-la com mais atenção ainda.

4 — Meu senhor — disse ela. — Tudo o que é de meu interesse não é digno da  
5 atenção de um grande príncipe. Estou acostumada a manter o silêncio enquanto cuido de  
6 minhas queridas ovelhas; imploro pelo vosso perdão por não poder responder às vossas  
7 perguntas.

8 Dizendo isso, Constância retirou-se dali tão depressa que o príncipe nem teve  
9 tempo de tentar impedi-la.

10  
11 O ciúme às vezes oferece a chama que reacende o amor; nesse momento, o  
12 sentimento do príncipe se intensificou tão fortemente que nada mais poderia apagá-lo.  
13 Ele acabou por descobrir milhares de novas graças naquela jovem moça, qualidades que  
14 ele não havia reparado na primeira vez que a viu. A julgar por suas palavras e pela maneira  
15 com que ela havia se retirado, Constâncio convenceu-se de que ela estava interessada em  
16 um pastor qualquer. Uma profunda melancolia tomou posse de sua alma; ele não se  
17 atreveu a segui-la, apesar de toda a sua ansiedade para continuar a conversa. Deitou-se  
18 sobre o local de onde ela havia acabado de sair, e, depois de recobrar em sua memória os  
19 versos que ela havia entoado, escreveu-os em suas tabuinhas para examiná-los com  
20 atenção.

21 — Não deve fazer muito tempo desde que ela avistou esse Constâncio que tanto  
22 ocupa seus pensamentos. Temos o mesmo nome, mas não fui agraciado com a mesma  
23 fortuna! Ela me olhava com tanta frieza! Parecia mais indiferente hoje do que quando a  
24 encontrei pela primeira vez. Estava bastante preocupada em arranjar algum pretexto para  
25 se afastar de mim.

26 Esses pensamentos afligiram-no profundamente, pois ele não conseguia  
27 compreender como uma simples pastora poderia ser tão indiferente a um grande  
28 príncipe.

29 Assim que retornou ao palácio, ele mandou chamar um jovem moço por quem  
30 nutria grande apreço; era bem-nascido e muito amável. Constâncio ordenou que ele se  
31 disfarçasse de pastor e providenciou-lhe um rebanho, o qual ele deveria levar todos os  
32 dias às pastagens da rainha, a fim de observar Constância sem levantar suspeitas. Mirtain  
33 (era assim que ele se chamava) estava muito preocupado em agradar seu amo para negar  
34 essa oportunidade, ainda mais por se tratar de um assunto que parecia ser de grande  
35 interesse do príncipe; para tanto, prometeu obedecer fielmente às suas ordens. Na manhã  
36 seguinte, ele já estava pronto para seguir rumo à planície; os oficiais jamais o teriam  
37 admitido se ele não estivesse munido da ordenança do príncipe, na qual ele o nomeava

1 seu pastor, tornando-o responsável por seus rebanhos. Sendo assim, ele foi  
2 imediatamente autorizado a integrar a tropa campestre.

3 Mirtain era galante e não teria dificuldade para agradar às pastoras em geral.  
4 Porém, em relação à Constância, ele acabou por descobrir que ela possuía uma sagacidade  
5 muito maior do que aparentava, tanto que ele não conseguia conciliar a existência de tanta  
6 beleza, inteligência e mérito com a vida rústica e campestre que ela levava. Ele a seguia  
7 inutilmente, pois sempre a encontrava cantando sozinha nas profundezas dos bosques.  
8 Ele observou que nenhum pastor ousava tentar agradá-la, o que parecia ser uma tarefa  
9 muito difícil. O próprio Mirtain resolveu se aventurar; cortejou-a assiduamente até  
10 entender, por sua própria experiência, que ela não tinha interesse algum em estabelecer  
11 um relacionamento.

12 Todas as noites ele relatava ao príncipe o estado das coisas, mas aquelas  
13 informações só o deixavam ainda mais desesperado.

14 — Não vos enganeis, meu senhor — disse-lhe Mirtain em uma das ocasiões. — Se  
15 essa bela moça está apaixonada, deve ser por alguém de seu próprio país.

16 — Se fosse esse o caso, ela não voltaria para lá? — replicou o príncipe.

17 — Não temos como saber — disse Mirtain. — Pode ser que haja alguma razão que  
18 a impeça de retornar à sua terra natal. Talvez esteja com raiva do seu amado.

19 — Ah, mas ela entoou aqueles versos com tanta ternura! — exclamou o príncipe.

20 — De fato — continuou Mirtain. — Todas as árvores estão gravadas com as  
21 iniciais de seus nomes. Mas como ninguém parece tê-la agradado por estas bandas, não  
22 há dúvidas de que a pessoa que a conquistou seja de outro lugar.

23 — Põe à prova os sentimentos que ela tem por mim! — disse o príncipe. — Diz  
24 coisas ruins e coisas boas a meu respeito, assim poderás descobrir o que ela pensa.

25  
26 Mirtain não deixou de encontrar uma oportunidade para conversar com  
27 Constância:

28 — O que se passa, bela pastora? — disse-lhe ele. — Pareceis melancólica apesar de  
29 todas as razões que tendes para ser mais feliz do que qualquer outra.

30 — E que razões considerais que tenho para me sentir feliz? — ela perguntou. —  
31 Não faço outra coisa a não ser cuidar de ovelhas, estou distante do meu país e não tenho  
32 notícias dos meus pais; isso vos parece agradável?

33 — Não — respondeu Mirtain. — É que sois a pessoa mais encantadora do mundo,  
34 tendes muita inteligência, cantais incrivelmente bem e nada pode ser comparado à vossa  
35 beleza.

36 — Mesmo supondo que eu possua todas essas qualidades, elas seriam de pouco  
37 valor para mim — disse ela, suspirando profundamente.

1 — Então sou levado a crer que sois ambiciosa — emendou Mirtain. — Acreditais  
2 que é preciso nascer sobre um trono ou descender dos deuses para viver feliz. Ó, não! Não  
3 vos enganeis! Sou um servo do príncipe Constâncio, e, apesar da disparidade das nossas  
4 posições, tive permissão para aproximar-me dele. Eu o estudo e compreendo o que se  
5 passa em sua alma; por isso, posso afirmar que ele não é nem um pouco feliz.

6 — E o que perturba sua paz? — quis saber a princesa.

7 — Uma paixão fatal — continuou Mirtain.

8 — Ele está apaixonado! — exclamou Constância, corando e demonstrando certa  
9 inquietação. — Que tristeza! Tenho muita pena dele! Mas que se pode fazer? Ele é tão  
10 amável para não ser amado!

11 — Ele não pensa dessa maneira, bela pastora — disse Mirtain. — Mas se tivésseis  
12 a gentileza de dizer-lhe isso, ele daria mais fé às vossas palavras do que às de qualquer  
13 outra pessoa.

14 — Isso não me convém — disse ela. — Não devo me intrometer nos assuntos de  
15 um grande príncipe. Esses são temas muito particulares para que eu possa sequer pensar  
16 em entrar. Adeus, Mirtain! Por gentileza, peço que não mais faleis sobre o vosso príncipe  
17 e nem sobre os seus amores.

18 Dizendo isso, ela partiu bruscamente; correu para longe, bastante comovida. Se  
19 continuasse ali, não conseguiria manter-se insensível aos méritos do príncipe. O primeiro  
20 encontro que teve com ele jamais sairia de seu pensamento. Se não fosse pelo vaticínio  
21 secreto que a impedia de ser quem era, Constância já teria arriscado tudo na tentativa de  
22 reencontrar a Fada Soberana. Seja como for, alguém pode estar se perguntando o porquê  
23 dessa habilidosa fada não ter ido procurá-la, visto que sabia de tudo o que se passava.  
24 Acontece que o destino de Constância não dependia mais dela; a partir do momento em  
25 que o gigante conheceu a princesa, ela enfim se submeteu à sua fortuna, seu destino se  
26 cumpriu. Dali em diante, restava à fada contentar-se em vê-la de vez em quando, na forma  
27 de um raio de sol; e como Constância não podia olhar fixamente para ele, jamais notaria  
28 a presença de sua protetora.

29 Essa amável moça começou a perceber, com algum ressentimento, que o príncipe  
30 a tratara com extrema negligência desde o primeiro encontro, e que talvez nunca mais  
31 tornaria a vê-la se o acaso não o tivesse conduzido ao local onde ela estava cantando.  
32 Constância queria poder se livrar dos sentimentos que tinha por ele; se fosse possível amar  
33 e odiar uma pessoa ao mesmo tempo, eu diria que ela o odiava por amá-lo demais.  
34 Quantas lágrimas ela verteu em segredo! Ruson era sua única testemunha, o único  
35 confidente de suas mágoas, pois era como se ele fosse capaz de compreendê-la. E  
36 enquanto ele brincava com as ovelhas nas planícies, ela o aconselhava:

1 — Cuidado, Ruson! Cuida para que o amor não te inflame! De todos os males,  
2 esse é o maior! Se soubesses o que é amar sem ser amado, pobre cordeirinho, o que seria  
3 de ti!

4 Essas reflexões, porém, foram seguidas de mil repreensões, as quais ela lançou  
5 sobre si mesma por nutrir sentimentos por um príncipe tão indiferente.

6 Estava determinada a esquecê-lo, até que um dia o reencontrou em um local muito  
7 agradável, para onde ele havia se dirigido com o intuito de passar um tempo sozinho,  
8 sonhando com sua pastora. Tomado pelo sono, encontrava-se deitado sobre a relva; assim  
9 que Constância o avistou, sua afeição por ele ganhou novas forças. Ela não se conteve e  
10 tornou a entoar os versos que haviam causado tanta inquietação ao príncipe. Ora, mas o  
11 quanto ela também não sofreu quando Mirtain lhe contou que Constância estava  
12 apaixonado! Ela bem que se esforçou, mas não teve como esconder seus sentimentos e  
13 ficou ruborizada em sua presença. Mirtain, que estava a postos, observando-a, percebeu  
14 o que estava acontecendo e ficou encantado com o que viu. Mais tarde, correu para a  
15 relatar a seu amo o que havia se passado.

16 O príncipe, porém, estava muito menos disposto a lisonjear-se com aquilo do que  
17 seu confidente esperava. Ele não via nada além de indiferença na conduta da pastora, e  
18 continuava a acreditar que ela amava a um outro felizardo chamado Constância. Na  
19 manhã seguinte, o príncipe foi procurá-la, mas no instante em que ela o avistou, fugiu  
20 dele como se tivesse visto um tigre ou um leão. Constância acreditava que a fuga era o  
21 único remédio capaz de aliviar sua dor. Depois da conversa que teve com Mirtain, ela  
22 estava disposta a fazer de tudo para arrancar o príncipe de seu coração; para isso, concluiu  
23 que deveria evitá-lo.

24 Quais não foram os sentimentos de Constância quando viu sua pastora fugindo  
25 tão abruptamente! Mirtain estava com ele.

26 — Agora pudeste ver a excelente comprovação das tuas suspeitas! — disse o  
27 príncipe a ele. — Constância me odeia e eu não ousarei segui-la para obter um  
28 esclarecimento sobre seus sentimentos.

29 — Tendes muita consideração por uma pessoa rústica demais — respondeu  
30 Mirtain. — Senhor, se assim me permitirdes, ordenarei, em vosso nome, que ela volte e se  
31 apresente a vós.

32 — Ah, Mirtain! — exclamou o príncipe. — Quanta diferença há entre o amante e  
33 o confidente! Eu só pensava em fazer de tudo para agradar a essa moça encantadora, pois  
34 observara nela uma espécie de refinamento que não seria compatível com os modos rudes  
35 que testemunhaste. Prefiro sofrer calado a correr o risco de magoá-la.

36 Ao pronunciar essas palavras, o príncipe seguiu no caminho oposto ao que ela  
37 havia tomado; seu semblante era de profunda melancolia, tanto que faria pena a qualquer  
38 pessoa menos sensível que Constância.

1 Assim que o perdeu de vista, ela refez seus passos só para ter o prazer de estar no  
2 mesmo local em que ele estivera.

3 — Este é o lugar onde ele ficou de pé — disse ela. — Foi deste ponto que ele me  
4 olhou. Céus! Onde quer que ele esteja, sempre será indiferente para comigo. O príncipe  
5 veio até aqui apenas para pensar em sua amada. Contudo, por qual motivo eu teria o  
6 direito de reclamar? Quais as chances dele se interessar por uma moça que ele crê estar  
7 em uma posição tão inferior à dele?

8 Às vezes, ela sentia vontade de revelar-lhe toda a sua história, algo que a Fada  
9 Soberana a proibira terminantemente de fazer. Por fim, sua obediência acabou  
10 prevalecendo sobre seus próprios interesses; Constância tomara a decisão de manter-se  
11 em silêncio.

12 No decorrer de alguns dias, o príncipe tornou a aparecer, mas ela tomou o cuidado  
13 de evitá-lo. Esse comportamento o deixou deveras angustiado, tanto que pediu a Mirtain  
14 que fosse adverti-la. Ela fingiu que havia agido sem pensar; disse tomaria mais cuidado  
15 no futuro, já que o príncipe havia demonstrado preocupação. Mirtain, bem contente com  
16 a promessa que recebera, transmitiu-a a seu amo, que, logo na manhã seguinte, saiu ao  
17 encontro da pastora.

18 Ao ser abordada, ela permaneceu imóvel; mas quando Constâncio começou a  
19 revelar-lhe seus sentimentos, passou a demonstrar grande agitação. Por mais que  
20 desejasse acreditar em suas palavras, Constância tinha medo de ser enganada. Ele poderia  
21 estar interessado apenas em sua aparência, divertindo-se com a ideia de deslumbrar uma  
22 pobre pastora com declarações que jamais poderiam ser dirigidas com seriedade a alguém  
23 como ela. Esse pensamento a deixou aborrecida, fazendo com que sua expressão se  
24 agravasse; ela escutou aquelas declarações de amor com tanta frieza, que Constâncio  
25 enfim confirmou todas as suas suspeitas.

26 — Vosso coração foi tocado por outro alguém, ele vos encantou — disse ele. —  
27 Mas eu juro por todos os deuses que se eu pudesse encontrá-lo, ele provaria de toda a  
28 minha ira!

29 — Pois sabe que esse alguém não existe, portanto não precisarei demandar  
30 misericórdia da vossa parte, meu senhor — ela respondeu. — Se pudésseis sondar os meus  
31 sentimentos, descobriríeis que eles são muito diferentes desses que atribuístes a mim.

32 Ao ouvir essas palavras, o príncipe sentiu um pouco de esperança, mas ela foi  
33 destruída logo depois, pela conversa que se seguiu. Ela declarou que possuía uma  
34 indiferença invencível e que estava certa de que jamais amaria alguém em sua vida. Essas  
35 últimas palavras fizeram-no sentir uma dor inexprimível; ele resolveu retirar-se dali para  
36 que ela não testemunhasse a intensidade de seu pesar.

37 Seja pela violência cometida contra os seus sentimentos, seja pelo excesso de sua  
38 paixão (que só aumentou com os obstáculos que lhe foram impostos), Constâncio ficou

1 perigosamente doente, tanto que os médicos, sem saberem a causa daquele mal, logo  
2 começaram a temer pela sua vida. Mirtain, que por ordens do príncipe ainda continuava  
3 a sondar Constância, comunicou-lhe as tristes notícias. Ela as ouviu com um temor e uma  
4 comoção difíceis de descrever.

5 — Conheceis algum remédio para febre e dores violentas na cabeça e no coração?  
6 — ele perguntou.

7 — Sim, conheço um — ela respondeu. — É algo bem simples, feito de flores, mas  
8 tudo depende da maneira como se aplica.

9 — Não gostaríeis de ir ao palácio e aplicá-lo vós mesma? — acrescentou Mirtain.

10 — Não — disse ela, corando. — Eu teria muito medo de não obter sucesso.

11 — Como é? — ele prosseguiu. — É possível que teríeis a coragem de negligenciar  
12 a possibilidade de restaurar a saúde do príncipe, em nome de todos nós? Eu já sabia que  
13 possuíeis um coração muito duro, mas agora vejo que ele é cem vezes mais do que eu  
14 havia imaginado.

15 As repreensões de Mirtain deixaram Constância muito contente; ela se alegrou ao  
16 ver o quanto ele a pressionava para ir ver o príncipe. E foi para satisfazer esse desejo que  
17 ela começou a pensar em um remédio capaz de curá-lo, pois a verdade era que não sabia  
18 de nenhum.

19 Mirtain foi à presença do príncipe e contou-lhe tudo o que a pastora dissera, e  
20 sobre o quanto ela ansiava fervorosamente pela restauração de sua saúde.

21 — Tudo o que queres é me lisonjear, mas eu te perdoo — disse-lhe Constância. —  
22 E por mais que eu esteja sendo enganado, tentarei pensar ao menos que essa bela moça  
23 nutre alguma amizade por mim. Vai até a rainha, diz a ela que uma de suas pastoras possui  
24 um segredo maravilhoso capaz de me curar e obtenhas a permissão para conduzi-la até  
25 aqui. Corre, voa, Mirtain! Esses instantes serão como séculos para mim!

26 A rainha, que nunca tinha visto a pastora de quem Mirtain falava, respondeu-lhe  
27 que não tinha fé nos conhecimentos que essas pequenas ignorantes presumiam ter, e que  
28 isso não passava de uma loucura.

29 — É certo, madame, que, às vezes, podemos encontrar mais alívio nas crenças dos  
30 simples do que em tudo o que está contido nos livros de Esculápio<sup>8</sup> — disse-lhe ele. — O  
31 príncipe está sofrendo muito e se mostra ansioso para testar os efeitos do remédio  
32 proposto por essa jovem.

33 — Então que assim seja — disse a rainha. — Porém, se ela não o curar, vou puni-  
34 la tão severamente que ela nunca mais terá a audácia de se gabar novamente.

35 Mirtain retornou ao seu amo e informou-lhe do mau humor da rainha, dizendo  
36 que temia por Constância.

---

<sup>8</sup> Deidade da medicina na mitologia grega.

1 — Eu prefiro morrer a colocá-la em perigo! — exclamou o príncipe. — Volta agora  
2 mesmo à presença da minha mãe e diz a ela que eu suplico para que deixe esse bela pastora  
3 junto de suas inocentes ovelhas. Não vale a pena apostar diante de um risco desses! Sinto  
4 que essa ideia só pioraria a minha dor.

5 Mirtain correu até a rainha para implorar-lhe, em nome do príncipe, que não mais  
6 convocasse Constância; porém, como ela era naturalmente muito ansiosa, irritou-se com  
7 sua indecisão.

8 — Eu já mandei chamá-la — disse a rainha. — Se ela curar o meu filho, vou pensar  
9 em algo para dar-lhe de presente, mas se ela falhar, bem sei o que farei. Retornai à presença  
10 do príncipe e empenhai-vos em diverti-lo, pois seu estado de melancolia me deixa  
11 desolada.

12 Mirtain obedeceu e teve o cuidado de não contar ao seu amo sobre o mau humor  
13 da rainha, pois o medo de perder sua pastora poderia até matá-lo.

14 Os pastos reais ficavam tão perto da cidade que ela não tardou a se apresentar (sem  
15 contar que, uma vez movidas pela paixão, as pessoas tendem a se apressar ainda mais). A  
16 rainha foi informada de sua chegada ao palácio, mas não se dignou a vê-la; limitou-se a  
17 ordenar que a instruissem sobre os cuidados que deveria tomar, pois, se ela não  
18 conseguisse curar o príncipe, seria amarrada em um saco e lançada ao rio. Ao ouvir essa  
19 ameaça, a bela princesa empalideceu e sentiu seu sangue congelar.

20 — Céus! — disse consigo mesma. — Eu bem mereço esse castigo! Falei falsamente  
21 quando me gabei das minhas habilidades; meu desejo de ver Constância mostrou-se  
22 deveras irracional para que os deuses me protegessem!

23 Ela baixou a cabeça suavemente, deixando suas lágrimas rolares em silêncio.

24  
25 Aqueles que a viram passar ficaram admirados; pareceu-lhes mais um anjo do céu  
26 do que uma donzela mortal.

27 — Do que tendes medo, adorável pastora? — disseram-lhe. — Vossos olhos detêm  
28 o poder da vida e da morte, podereis conservar de nosso jovem príncipe com apenas um  
29 olhar. Ide aos seus aposentos, seque as vossas lágrimas e administre o vosso remédio sem  
30 temor.

31 A maneira como foi interpelada e o extremo desejo que tinha de ver o príncipe  
32 encheram-na de confiança. Pediu autorização para visitar o jardim, onde colheria tudo o  
33 que era necessário. Pegou murta, trevo, ervas e flores, algumas das quais eram dedicadas  
34 ao Cupido e outras à sua mãe; acrescentou penas de uma pombinha branca e algumas  
35 gotas de sangue de um pombo. Depois, invocou a ajuda de todos os deuses e de todas as



1 fadas; enfim, tremendo mais que uma rolinha quando avista um milhafre<sup>9</sup>, anunciou que  
2 estava pronta para ser levada ao quarto do príncipe.

3 Constâncio estava deitado, tinha as faces pálidas e um olhar abatido; porém, no  
4 instante em que ele a viu, seu aspecto melhorou, o que ela percebeu com extrema alegria.

5 — Meu senhor — disse ela. — Há muitos dias venho fazendo votos pela  
6 restauração de vossa saúde. Tamanho era o meu zelo que acabei contando a um de vossos  
7 pastores que eu conhecia alguns pequenos remédios e que me esforçaria de bom grado  
8 para aliviar vossas dores. Porém, se o céu não me ajudar em minha tentativa e não fordes  
9 curado, eu serei afogada, de acordo com as ordens da rainha. Imaginai, portanto, meu  
10 senhor, o tamanho da minha aflição! Contudo, estejais certo de que estou mais  
11 preocupada em preservar a vossa vida do que a minha.

12 — Não temais, charmosa pastora — disse-lhe ele. — Somente o interesse que  
13 demonstrais em conservar-me a vida faz com que ela se torne tão importante para mim  
14 que me ocuparei de melhorar. Eu havia renunciado à minha existência! Céus! Afinal,  
15 como eu poderia viver feliz com a lembrança daquela canção em que expressastes vossos  
16 sentimentos por Constâncio? Esses versos fatais, aliados à vossa frieza, reduziram-me ao  
17 triste estado em que me vedes. Entretanto, bela pastora, agora me ordenastes a viver!  
18 Viverei, mas apenas por vós!

19 Constância teve muita dificuldade em esconder o prazer que essa declaração tão  
20 lisonjeira lhe causou. Porém, temendo que alguém estivesse escutando o que o príncipe  
21 lhe dizia, tratou de interrompê-lo, perguntando se lhe permitia colocar algumas ataduras  
22 e bandagens com as ervas que havia colhido. O príncipe estendeu-lhe os braços de modo  
23 tão terno que ela se apressou em amarrar uma das ataduras, a fim de que ninguém  
24 percebesse o que se passava entre eles. Por fim, depois de Constância ter concluído uma  
25 série de pequenas cerimônias de forma a ludibriar toda a corte do príncipe, ele declarou,  
26 depois de algum tempo, que sua dor havia diminuído; e isso era verdade. Os médicos  
27 foram chamados e ficaram surpresos com a eficácia do remédio e a rapidez de seus efeitos.  
28 Essa surpresa, porém, acabou no instante em que viram a pastora responsável pela  
29 aplicação; em seu próprio jargão, disseram uns aos outros que apenas um de seus vários  
30 atributos já era mais poderoso que uma farmácia inteira.

31 A pastora foi tão pouco afetada por todos os elogios esbanjados sobre ela que  
32 aqueles que não a conheciam tomaram por estupidez o que na verdade tinha um motivo  
33 bem diferente. Ela se retirou para um canto do quarto, escondendo-se de todos, menos de  
34 seu paciente, de quem ela se aproximava ocasionalmente para tocar sua testa ou sentir seu  
35 pulso. Nesses breves momentos, eles diziam milhares de coisas encantadoras um ao outro,  
36 deixando o coração falar mais alto que a razão.

---

<sup>9</sup> Gavião do Velho Mundo.

1 — Eu espero, meu senhor, que o saco em que eu seria afogada por ordens da rainha  
2 não precise mais servir a um propósito tão funesto — disse-lhe ela. — Vossa saúde, que é  
3 tão preciosa para mim, está, sem dúvida, sendo restabelecida.

4 — Esse é um mérito vosso, amável Constância — ele respondeu. — Sabei que tão  
5 somente uma pequena parte do vosso coração pode tudo fazer para manter a minha paz  
6 e preservar a minha vida.

7 O príncipe se levantou e dirigiu-se aos aposentos da rainha. Quando ele foi  
8 anunciado, ela quase não acreditou; avançou de sobressalto em direção à porta e ficou  
9 bastante surpresa ao vê-lo.

10 — O quê? Sois vós, meu filho? Meu querido filho! — ela exclamou. — A que se  
11 deve essa maravilhosa ressurreição?

12 — Deveis isso à vossa própria bondade, madame — disse o príncipe. — Pois me  
13 enviastes a pessoa mais habilidosa do universo! Suplico que a recompenseis de modo  
14 proporcional ao serviço que recebi.

15 — Não há pressa para isso! — disse a rainha rudemente. — Ela é uma pobre  
16 pastora e se achará muito feliz por continuar a cuidar das minhas ovelhas.

17 Naquele momento, o rei chegou, pois fora informado das boas novas sobre a  
18 recuperação do príncipe. Aconteceu que, enquanto ele seguia em direção aos aposentos  
19 da rainha, a primeira coisa que viu foi a bela Constância. Sua beleza, que brilhava como  
20 milhares de raios do sol, o deslumbrou a tal ponto que ele permaneceu em mudez por  
21 alguns instantes, sem poder perguntar aos súditos que o seguiam quem era aquela criatura  
22 maravilhosa e quanto tempo fazia que as deusas passaram a habitar seu palácio.  
23 Finalmente recuperado, aproximou-se dela e abraçou-a quando soube que ela era a  
24 curandeira que salvara seu filho. Disse-lhe, galantemente, que também se sentia muito  
25 mal e pediu que ela o curasse.

26 Assim, o rei adentrou os aposentos de sua esposa acompanhado de Constância. A  
27 rainha, que ainda não a conhecia, ficou mais espantada do que se pode descrever. Ela  
28 soltou um grito e desmaiou, lançando um olhar furioso sobre a pastora. Constância e  
29 Constância ficaram aterrorizados com esse evento; o rei não sabia a que atribuir uma  
30 reação tão repentina como essa. A corte inteira ficou consternada. Quando a rainha enfim  
31 recobrou os sentidos, o rei perguntou várias vezes o que havia acontecido para que ela se  
32 abatesse de maneira tão extraordinária; porém, dissimulando sua aflição, disse-lhe que  
33 desvanecera por conta do calor. Mas o príncipe, que a conhecia muito bem, ficou bastante  
34 inquieto. Ela falou à pastora com algum grau de bondade, dizendo-lhe que iria mantê-la  
35 perto de si e que lhe daria uma nova função, a de cuidar das flores de seu canteiro. A  
36 princesa ficou contente ao pensar que dali em diante poderia ver Constância todos os  
37 dias.

1 Depois disso, o rei pediu à rainha que o acompanhasse em seu gabinete, onde,  
2 ternamente, perguntou-lhe o que de fato havia ocorrido.

3 — Ah, senhor! — ela exclamou. — Certa vez tive um sonho terrível; mesmo sem  
4 nunca ter visto essa jovem pastora, minha imaginação retratou-a tão fielmente para mim  
5 que, no instante em que lancei os olhos sobre ela, pude enfim reconhecê-la. Sonhei que  
6 ela se casava com meu filho! Eu ficaria muito contrariada se uma camponesa miserável  
7 como ela me causasse uma tristeza tão grande!

8 — Colocais muita fé no que há de mais ilusório no mundo, que são os sonhos —  
9 disse o rei. — Eu vos aconselho a não agirdes pautada em tais motivos. Enviei essa pastora  
10 de volta ao cuidado de vossos rebanhos e não vos aflijais de forma tão despropositada.

11 O conselho do rei desagradou a rainha, que, longe de segui-lo, não pensava em  
12 mais nada além de encontrar um modo de descobrir os sentimentos que seu filho tinha  
13 por Constância.

14 O príncipe aproveitava todas as ocasiões que tinha para vê-la. Como ela estava  
15 encarregada das flores, visitava o jardim com frequência para regá-las; e parecia que elas  
16 haviam ficado mais brilhantes e mais bonitas ao seu toque. Rusion ainda lhe fazia  
17 companhia, e às vezes ela lhe falava sobre o príncipe, embora ele não conseguisse  
18 respondê-la. Mas quando o próprio Constâncio a abordava, ela ficava deveras  
19 envergonhada e revelava-lhe os segredos de seu coração somente com o olhar. Ele, por  
20 sua vez, encantado que estava, dizia-lhe tudo o que sua terna paixão pudesse inspirar.

21  
22 A rainha, mantendo a fé em seu sonho (e também por levar em consideração a  
23 incomparável beleza de Constância), estava tão inquieta que nem conseguia mais dormir  
24 em paz. Levantava-se antes do amanhecer e se escondia atrás de cercas e muros, às vezes  
25 até no fundo de uma gruta, para tentar ouvir o que seu filho dizia a essa bela moça. Mas  
26 ambos eram suficientemente prudentes e falavam tão baixinho que ela não conseguia  
27 obter prova alguma; tinha de continuar a agir baseada apenas em suas suspeitas. Essa  
28 situação aumentava ainda mais a sua ansiedade, de modo que passou a olhar para o  
29 príncipe com desprezo, pensando dia e noite na ocasião em que aquela pastora subiria ao  
30 trono.

31 Constâncio se resguardava tanto quanto podia, apesar de que, malgrado sua  
32 intenção, todo mundo já havia percebido que ele amava Constância. Ele a elogiava por  
33 hábito, porque a admirava, e mesmo fingia encontrar falhas nela, falava como um homem  
34 apaixonado. Constância também não conseguia evitar falar do príncipe aos seus  
35 companheiros. E como ela costumava entoar as canções que fazia sobre ele, houve um dia  
36 em que a rainha a ouviu cantar; ela ficou menos surpresa com sua voz admirável do que  
37 com o tema de sua poesia.

1 — O que fiz contra vós, justos deuses? — disse ela. — O que fiz para ser punida  
2 com o castigo que para mim é o mais cruel do mundo? Céus! Eu tinha a intenção de  
3 destinar meu filho à minha sobrinha, mas agora vejo, com mortal desprazer, que ele se  
4 apegou a uma pastora miserável, que, por sua vez, poderá incentivá-lo a rebelar-se contra  
5 minhas vontades!

6 Enquanto ela se afligia e planejava mil artifícios perniciosos para punir Constância  
7 por ser tão bonita e tão encantadora, o amor trabalhava sem cessar para promover um  
8 novo progresso nos corações dos nossos jovens amantes. Constância, convencida da  
9 sinceridade do príncipe, não podia mais esconder sua patente e os sentimentos que tinha  
10 por ele. Essa confissão tão terna e tão íntima alegrou-o a tal ponto que ele teria se lançado  
11 aos seus pés se estivessem em qualquer outro lugar, mas estavam nos jardins da rainha.  
12 Foi com grande esforço que ele conseguiu se conter. Enfim, já não precisaria mais lutar  
13 contra sua paixão; se ele já estava amando a pastora Constância, é fácil imaginar o quanto  
14 ele adorou saber de sua patente. Mas como ele foi tão facilmente persuadido a acreditar  
15 em uma coisa assim tão extraordinária? Uma grande princesa vagando errante pelo  
16 mundo, trabalhando como pastora e jardineira... Ora, naqueles tempos, tais aventuras  
17 eram bastante comuns. Ademais, ele notou sinceridade no semblante e nos modos da  
18 princesa, o que justificava a veracidade de suas palavras.

19 Constâncio, movido por amor e estima, jurou fidelidade eterna à princesa, e ela  
20 não fez diferente. Eles concordaram que seu casamento ocorreria assim que obtivessem o  
21 consentimento das pessoas de quem dependiam. A rainha havia notado toda a força dessa  
22 paixão nascente; um dia, sua confidente, que estava tão empenhada quanto ela em  
23 descobrir algo, tudo para merecer seus favores, veio a ela com a informação de que  
24 Constância enviava Ruson aos aposentos do príncipe todas as manhãs. Disse-lhe que o  
25 cordeirinho carregava duas cestas que a pastora enchia de flores e que Mirtain era quem  
26 o conduzia. Com essa notícia, a rainha perdeu toda a paciência; assim que viu o pobre  
27 Ruson passar, correu para interceptá-lo e, apesar das súplicas de Mirtain, ela conduziu o  
28 cordeiro ao seu próprio quarto, rasgou as cestas e as flores em pedaços e examinou-as  
29 com tanta acurácia que acabou encontrando um pedacinho de papel que Constância havia  
30 inserido com muita engenhosidade dentro um grande cravo que não estava totalmente  
31 desabrochado. No bilhete, Constância repreendia o príncipe ternamente, alertando-o  
32 sobre os perigos aos quais ele se expunha diariamente durante a caça. A nota continha os  
33 seguintes versos:

34  
35 *Para além de toda paz, também provo da agonia*  
36 *De pensar em meu príncipe caçando nas selvagens vastidões;*  
37 *Ó, céus! Em que consiste essa euforia*

1 *De seguir hostes furiosas em meio às vegetações?*  
2 *Empregai vossas armas e vossa artilharia*  
3 *Não na conquista de feras, mas dos ternos corações,*  
4 *Evitando, portanto, a ira dos ursos e leões.*  
5

6 Enquanto a rainha se enfurecia contra a pastora, Mirtain apressou-se a informar  
7 seu amo da infeliz desventura do cordeiro. O príncipe, inquieto, correu para os aposentos  
8 de sua mãe, mas ela já tinha ido ao encontro do rei.

9 — Vede, senhor — disse-lhe ela. — Eis as nobres inclinações de vosso filho! Ele  
10 ama essa pastora miserável, que nos convenceu de que conhecia a cura para sua doença.  
11 Ora, e como conhecia! Ela sabia de um remédio muito poderoso: o amor. Foi isso que o  
12 curou. Ela restaurou sua saúde apenas para lhe infligir males maiores! Se não tomarmos  
13 providências imediatas para afastar as desgraças que nos ameaçam, meu sonho se provará  
14 deveras verdadeiro!

15 — É de vossa natureza agir com severidade — disse o rei. — Esperáveis que vosso  
16 filho não pensasse em mais ninguém além da princesa que destinastes a ele, mas isso não  
17 é algo fácil de se fazer. Devíeis absolvê-lo por sua juventude.

18 — Eu não consigo suportar a vossa complacência! — gritou a rainha. — Nunca  
19 sois capaz de reconhecer as falhas de Constâncio! Tudo o que vos peço, senhor, é que  
20 consintais que eu o afaste da corte por algum tempo, pois uma separação terá mais efeito  
21 sobre ele do que todos os meus argumentos.

22 O rei, que amava manter-se em paz, concordou com o que sua esposa desejava,  
23 não sem antes ter demonstrado grande resistência. Em seguida, ela voltou aos seus  
24 aposentos, onde encontrou o príncipe, que a esperava cheio de ansiedade.

25 — Meu filho — disse ela, antes que ele começasse a falar. — O rei acabou de me  
26 mostrar cartas do rei, seu irmão, implorando-lhe para enviar-vos à sua corte, a fim de que  
27 possais conhecer a princesa a vós destinada desde a vossa infância, e também para que ela  
28 possa vos conhecer também. Afinal, não é justo que tenhais a oportunidade de formar  
29 vossa própria opinião sobre seus méritos a fim de conseguirdes amá-la antes de vos  
30 unirem um ao outro para sempre?

31 — Não ousou desejar que regras especiais sejam criadas a meu favor, madame —  
32 disse o príncipe. — Pois não é costume que os soberanos visitem uns aos outros a fim de  
33 consultarem seus próprios corações antes de decidir ou não pelo casamento. As razões do  
34 Estado estão acima disso quando se faz necessário estabelecer alianças. Portanto, não me  
35 importa saber se a pessoa que me destinastes é bonita ou feia, inteligente ou estúpida; não  
36 irei à corte do meu tio.

1 — Eu já entendi a tua intenção, miserável! — gritou a rainha, alterando-se  
2 abruptamente. — Adoras uma pastora indigna e tens medo de deixá-la! Pois saiba que a  
3 deixarás ou então farei com que ela morra diante dos teus olhos! Porém, se partires sem  
4 hesitar e te esforçares para esquecê-la, vou mantê-la perto de mim e passarei a amá-la  
5 tanto quanto eu a odeio hoje.

6 O príncipe, tão pálido como se estivesse prestes a morrer, consultou sua própria  
7 consciência sobre a decisão que deveria tomar; em ambas as opções ele não via nada além  
8 de um sofrimento terrível. Ele sabia que sua mãe era a princesa mais cruel e mais vingativa  
9 do mundo; temia que sua resistência a irritasse e que as consequências recaíssem sobre  
10 sua querida amante. Finalmente, pressionado pela rainha para dizer se iria ou não, ele  
11 consentiu em ir, tal como um homem que concorda em beber o copo de veneno que  
12 causará sua morte.

13 Depois de ter dado sua palavra, deixou a presença de sua mãe e dirigiu-se ao seu  
14 quarto. Tinha o coração tão contrito que pensou que fosse morrer. Confidenciou sua  
15 aflição ao fiel Mirtain, e, impaciente para informar Constância, saiu a sua procura. Ela  
16 estava no fundo de uma gruta, onde ocasionalmente se refugiava quando fazia muito calor  
17 no canteiro. Havia um pequeno leito de relva ao lado do flúmen que vertia do topo de  
18 uma rocha em forma de concha<sup>10</sup>. Nesse pacífico retiro, ela desfazia as tranças de seu  
19 cabelo, que eram de um loiro prateado, mais fino do que seda e todo ondulado. Seus pés  
20 descalços estavam na água, cujo agradável murmúrio a embalava em uma doce  
21 sonolência, causada também pela fadiga do trabalho. Embora seus olhos estivessem  
22 fechados, eles ainda conservavam milhares de atrativos; seus longos e escuros cílios davam  
23 mais brilho à brancura de sua pele. As Graças e os Amores pareciam pairar ao seu redor;  
24 modéstia e doçura aumentavam ainda mais a sua beleza.

25 E foi nesse lugar em que o amoroso príncipe a encontrou, lembrando-se da  
26 primeira vez que a encontrara, quando ela também estava adormecida. Desde então, os  
27 sentimentos por ela inspirados haviam crescido a tal ponto e tão ternamente que ele seria  
28 capaz abdicar metade de sua vida apenas para passar a outra metade junto dela. Admirou-  
29 a por algum tempo, sentindo um prazer que suspendia sua dor. Ao deslizar os olhos,  
30 observando todos os seus encantos, enfim notou a nudez de seus pés, que eram mais  
31 brancos do que a neve. Naquele instante, ele sentiu que jamais conseguiria deixar de  
32 admirá-la. Aproximando-se dela, ajoelhou e pegou sua mão, o que a fez despertar. Ela  
33 parecia envergonhada com o fato dele ter visto seus pés, e, escondendo-os, corou como  
34 uma rosa que se abre no raiar da aurora.

35 Ora, eis que essa bela cor durou muito pouco, pois Constância logo notou uma  
36 tristeza mortal no semblante de seu príncipe.

---

<sup>10</sup> *Rocher de rocaille.*

1 — O que se passa, meu senhor? — ela perguntou, muito alarmada. — Vossos olhos  
2 me dizem que estais em grande aflição.

3 — Ah, e quem não estaria, minha querida princesa! — disse-lhe ele, vertendo  
4 lágrimas que não teve forças para suprimir. — Eles querem nos separar! Devo partir, ou  
5 então ficareis exposta a toda fúria da rainha! Ela sabe do meu apego a vós. Uma de suas  
6 damas me contou que ela leu o bilhete que me escrevestes. Sem demonstrar a menor  
7 consideração pela minha angústia, ela me enviou desumanamente à corte do rei, meu tio.

8 — O que é que estais dizendo, meu príncipe? — exclamou Constância. —  
9 Acreditais que minha vida será preservada ao me abandonardes? Como pudestes  
10 imaginar isso? Antes prefiro morrer diante dos vossos olhos, pois isso seria menos  
11 doloroso do que viver longe de vós!

12 Essa conversa tão terna foi muitas vezes interrompida por soluços e prantos.  
13 Nossos jovens amantes nunca haviam experimentado os rigores da ausência, e nem  
14 previsto que tal infortúnio pudesse acontecer. Aquela terrível surpresa atravessou-os  
15 dolorosamente. Por fim, eles trocaram mil votos de fidelidade eterna e o príncipe  
16 prometeu a Constância que voltaria o mais depressa possível.

17 — Irei apenas para afrontar meu tio e sua filha, a fim de que ele abandone a ideia  
18 de me concedê-la por esposa — disse ele. — Farei de tudo para desagradar a princesa e  
19 terei sucesso em meu objetivo.

20 — Então não vos apresenteis a ela — disse Constância. — Pois certamente ireis  
21 agradá-la, independentemente de vossa vontade.

22 Ambos choraram tão amargamente, entreolharam-se com uma dor tão  
23 comovente e trocaram promessas tão apaixonadas, que seu único consolo era a perfeita  
24 confiança que tinham um no outro, pois sabiam que nada poderia alterar sentimentos tão  
25 ternos e intensos.

26 O tempo passou tão depressa com essa doce conversa que, antes que eles sequer  
27 pensassem em se separar, a escuridão da noite já os envolvia. A rainha queria consultar o  
28 príncipe a respeito da comitiva que o acompanharia, e Mirtain apressou-se em procurá-  
29 lo. Ele o encontrou ainda aos pés de sua amada, segurando sua mão. Logo que o avistaram,  
30 entristeceram-se a tal ponto que nem souberam o que dizer. Mirtain disse ao seu amo que  
31 a rainha demandava sua presença e que seria melhor obedecê-la. A princesa, por sua vez,  
32 afastou-se rapidamente dali.

33  
34 A rainha encontrou o príncipe tão melancólico e tão diferente que logo presumiu  
35 a causa. Ela não tinha mais nada para falar a não ser informá-lo de sua partida. Em suma,  
36 tudo foi preparado com tanta diligência que parecia obra das fadas. Quanto ao príncipe,  
37 ele não pensava em outra coisa a não ser em sua paixão; pediu a Mirtain que permanecesse  
38 na corte e que lhe enviasse notícias de sua princesa todos os dias. Deixou com ele suas

1 jóias mais valiosas, para que não lhe faltasse nada. Precavido que era, pensou em tudo que  
2 fosse preciso para garantir seus interesses.

3 Enfim, Constâncio teve de partir. O desespero de nossos jovens amantes não pode  
4 ser descrito; se havia algo que tornava sua dor menos violenta, era a esperança de um  
5 breve reencontro. Só então Constância compreendeu a grandeza de seu infortúnio: era  
6 filha de um rei e herdeira de consideráveis domínios, mas agora se encontrava nas mãos  
7 de uma rainha cruel, que exilou seu próprio filho por medo de que ele a amasse. Ademais,  
8 a própria rainha não lhe era superior em nada; se Constância não estivesse nessa posição,  
9 sua mão seria ardentemente desejada pelos maiores soberanos do universo! Mas sua  
10 estrela decidira assim.

11 A rainha, contente com a ausência de seu filho, logo tratou de interceptar as cartas  
12 destinadas a ele. Em posse delas, descobriu que Mirtain era o confidente de Constâncio e  
13 mandou prendê-lo sob um falso pretexto. Ele foi enviado a uma fortaleza e submetido a  
14 uma dura prisão. O príncipe ficou deveras irritado com essa notícia; escreveu ao rei e à  
15 rainha exigindo a libertação de seu favorito, mas suas preces não surtiram efeito. Porém,  
16 não foi só com isso que a rainha tentou afligi-lo.

17 Uma manhã, a princesa levantou-se ao alvorecer e foi ao jardim para coletar flores,  
18 como era de costume, a fim de enfeitar a toailete da rainha. De repente, o fiel Ruson, que  
19 caminhava a uma boa distância a sua frente, começou a correr em sua direção. Ele parecia  
20 bastante assustado, ao que ela avançou para ver o que tinha acontecido. O cordeiro a  
21 puxou para trás pela saia de seu vestido, a fim de impedi-la de prosseguir (pois era um  
22 animal bem inteligente). Foi quando ela escutou o sibilar aguçado de inúmeras serpentes  
23 e percebeu que estava cercada de sapos, víboras, escorpiões, áspides e cobras. Eles estavam  
24 ao seu redor, mas não conseguiam picá-la; até se erguiam como se quisessem dar o bote,  
25 mas invariavelmente caíam para trás, sem poder tocá-la.

26 Malgrado o pavor que sentia, Constância não pôde deixar de reparar nesse  
27 prodígio, que ela não atribuiu a outra coisa senão ao anel estrelado que seu amante lhe  
28 dera. Estava cercada por todos os lados e todas essas feras venenosas vinham em sua  
29 direção. O jardim estava tomado; os bichos se aglomeravam sob as flores e sobre as  
30 árvores. A bela Constância não sabia o que fazer. Viu que a rainha a observava de sua  
31 janela e ria de seu pavor. Certamente não seria por ordens suas que ela se salvaria.

32 — É certo que morrerei — disse ela, nobremente. — Esses monstros horríveis que  
33 me cercam não vieram aqui por sua própria vontade. A rainha os trouxe até aqui e agora  
34 deseja assistir ao meu fim. De fato, minha vida tem sido de grande tristeza até agora, tanto  
35 que já não tenho razão alguma para me apegar a ela. Os deuses, os justos deuses são  
36 testemunhas dos motivos pelos quais eu já não me importo em perdê-la.

37 Dizendo isso, ela avançou. Ocorreu, porém, que todas as serpentes e seus  
38 camaradas começaram a recuar a cada passo que ela dava, de forma que Constância



1 conseguir sair ilesa do jardim, tanto para seu próprio espanto quanto para o espanto da  
2 rainha. Ela estava colecionando esses bichos perigosos havia muito tempo, pois queria  
3 que a pastora morresse com suas picadas; imaginava que tal circunstância não despertaria  
4 as suspeitas de seu filho, pois atribuiria a morte de Constância a uma causa natural,  
5 escapando, assim, de seu julgamento. Mas como seu projeto falhou, ela teve de recorrer a  
6 outro expediente.

7 Nas entranhas da floresta, habitava uma fada cuja morada era inacessível, já que  
8 seus elefantes vagavam incessantemente pelas cercanias, devorando pobres viajantes, seus  
9 cavalos e até mesmo o ferro com que eram ferrados, tão insaciável era o apetite deles. A  
10 rainha estava mancomunada com ela: a fada deveria entregar algum objeto mortal para a  
11 pessoa que conseguisse a proeza de chegar ao seu palácio por ordens da rainha. Ela  
12 chamou Constância e deu-lhe ordens para partir imediatamente.

13 A princesa já tinha ouvido de seus companheiros histórias acerca dos perigos  
14 dessa floresta. Inclusive, houve uma vez que uma velha pastora lhe contara sobre como  
15 tivera a sorte de escapar com a ajuda do cordeirinho que levava consigo; isso porque,  
16 malgrado a fúria dos elefantes, no momento em que eles veem um anho, tornam-se  
17 igualmente dóceis. Essa mesma pastora também lhe contou que fora ordenada pela fada  
18 a trazer um cinto flamejante para a rainha. Porém, com medo de ser forçada a vesti-lo  
19 quando chegasse, em seu caminho de volta, começou a amarrá-lo ao redor das árvores,  
20 que foram todas consumidas pelo fogo, até que o cinto perdeu sua fervura. Por fim, mal  
21 nenhum a acometeu, ao contrário do que a rainha esperava.

22 Quando escutou essa história, Constância jamais poderia acreditar que ela lhe  
23 seria útil um dia. Ainda assim, a rainha havia pronunciado suas ordens com um ar tão  
24 imperativo, que a sentença parecia mesmo irrevogável. A princesa suplicou aos deuses  
25 que a protegessem. Levando Ruson consigo, partiu para a floresta perigosa.

26 A rainha ficou extasiada:

27 — Nunca mais voltaremos a ver a odiosa criatura por quem nosso filho se  
28 apaixonou! — ela disse ao rei. — Eu a enviei para um lugar onde nem mesmo milhares de  
29 moças como ela satisfariam a fome dos elefantes, quiçá um quarto de seu café da manhã!

30 O rei lhe disse que ela era muito vingativa, e que não podia deixar de lamentar pela  
31 moça mais bonita que ele já tinha visto.

32 — Ora, sinceramente! — respondeu a rainha. — Já que estais apaixonado por ela,  
33 aconselho que comeceis a chorar por sua morte tal como o indigno Constâncio faz por  
34 sua ausência!

35 Constância mal entrou na floresta e já se viu cercada de elefantes. Esses monstros  
36 colossais, encantados com a visão do belo cordeiro (que caminhava com muito mais  
37 coragem que sua dona), começaram a acariciá-lo gentilmente com suas formidáveis  
38 trombas, tal como uma dama teria feito com as mãos. A princesa estava com tanto medo

1 de que os elefantes fizessem distinção entre ela e Ruson, que pegou o cordeiro no colo  
2 (embora ele já estivesse bastante pesado) e deixou-o diante de si, como um escudo, para  
3 se proteger. E foi desse modo que ela avançou diligentemente em direção ao palácio  
4 inacessível dessa velha fada.

5 Depois de muita aflição e penúria, ela conseguiu chegar. O lugar se encontrava  
6 deveras desarrumado, tal como a fada que o habitava. A velha não pôde esconder seu  
7 completo espanto ao ver Constância, pois fazia muito tempo desde a última vez que  
8 alguém havia aparecido por lá.

9 — O que quereis, bela menina? — disse-lhe a fada.

10 Humildemente, a princesa transmitiu-lhe as recomendações da rainha, dizendo  
11 sua ama havia solicitado o cinto da amizade.

12 — Seu pedido é uma ordem — disse a fada. — Não há dúvidas de que ela deseja  
13 presentear-vos com ele.

14 — Eu não saberia dizer, madame — respondeu Constância.

15 — Ó, mas eu bem sei! — disse a fada.

16 E tirou de seu baú um cinto de veludo azul, do qual pendiam longos cordões para  
17 se pendurar carteiras, tesouras e facas. A fada envolveu-o em um belo embrulho.

18 — Pegai — disse ela. — Este cinto vai deixar-vos totalmente elegante! Tratai de  
19 colocá-lo assim que estiverdes na floresta.

20 Constância agradeceu, despediu-se dela e tornou a pegar Ruson em seus braços; o  
21 cordeiro havia se mostrado mais prestativo do que nunca. Os elefantes se divertiam com  
22 ele, permitindo à princesa passar livremente, apesar de sua natureza voraz. Ela não se  
23 esqueceu de colocar o cinto da amizade em volta de uma árvore, que começou a queimar  
24 imediatamente, como se estivesse sendo consumida pelo fogo mais feroz do mundo.  
25 Depois, amarrou-o em outra árvore; e assim ela fez de árvore em árvore, até que o cinto  
26 perdeu sua fervura e não mais a incendiou. Por fim, muito cansada, ela regressou ao  
27 palácio.

28 Ao vê-la, a rainha ficou tão impressionada que não conseguiu se conter:

29 — Sois uma trapaceira! — ela gritou. — Acaso não fostes ao encontro de minha  
30 amiga, a fada?

31 — Perdoai-me, madame — respondeu a bela Constância. — Trago a vós o cinto  
32 da amizade, que pedi a ela em vosso nome.

33 — E não ireis colocá-lo? — perguntou a rainha.

34 — Ele é muito elegante para uma pobre pastora como eu — respondeu  
35 Constância.

36 — Não, não — disse a rainha. — É um presente da minha parte, não vos negueis  
37 a usá-lo. Mas dizei-me, o que vistes pelo caminho?

1 — Vi alguns elefantes — ela respondeu. — Eles eram tão inteligentes e  
2 demonstravam tantas habilidades, que não há no mundo um só país onde não causariam  
3 admiração. Parece-me que essa floresta é o seu reino, e que mesmo entre eles há uns que  
4 são mais poderosos que os outros.

5 A rainha ficou bem decepcionada, mas não disse tudo o que pensava, pois ainda  
6 tinha a esperança de que nada na terra conseguiria impedir o cinto de queimar a pastora.

7 — Embora os elefantes tenham te poupado, o cinto vai me vingar! — ela  
8 murmurou consigo mesma. — Verás, miserável, que tipo de amizade tenho por ti, e  
9 receberás a recompensa por ter fascinado meu filho!

10 Constância retirou-se para o seu quartinho, onde chorou a ausência de seu  
11 querido príncipe. Não se atrevia a escrever-lhe, pois sabia que a rainha tinha espiões em  
12 campo que interceptavam os mensageiros; através desses meios, ela já havia interceptado  
13 as cartas do filho.

14 — Ó, Constâncio! — disse ela. — Em breve receberéis tristes notícias a meu  
15 respeito. Não deveríeis ter me abandonado ao furor de vossa mãe! Poderíeis ter me  
16 defendido, mesmo que isso me levasse à morte, em vez de me entregar ao seu poder  
17 tirânico! Não há o que me console!

18 Como de costume, ela se levantou ao raiar do dia para ir ao jardim trabalhar. Ali  
19 ainda estavam as milhares de feras venenosas, das quais, no entanto, seu anel a preservava.  
20 Ela havia colocado o cinto de veludo azul e a rainha notou que, mesmo assim, Constância  
21 colhia suas flores tranquilamente, como se estivesse com um fio qualquer em volta de sua  
22 cintura. Ninguém jamais se sentiu tão despeitada quanto ela.

23 — Que poder misterioso se interessaria em proteger essa pastora? — ela gritou. —  
24 Com seus atrativos ela encantou meu filho, restaurando-lhe a saúde com muita facilidade.  
25 Serpentes e áspides rastejam a seus pés sem picá-la. Os elefantes selvagens tornam-se  
26 gentis e graciosos à sua vista. O cinto feérico, que deveria tê-la reduzido a cinzas, serviu  
27 apenas para adorná-la. Enfim, terei de apelar a remédios mais certos!

28 Prontamente, a rainha enviou seu capitão de guarda (em quem depositava grande  
29 confiança) até o porto, para ver se não havia algum navio prestes a zarpar para algum  
30 lugar muito distante. Ele encontrou um que partiria no início da noite, o que deixou a  
31 rainha bastante feliz. Pediu que ele fizesse uma proposta ao comandante: a de vender-lhe  
32 a escrava mais bonita do mundo. O comerciante ficou encantado e dirigiu-se ao palácio,  
33 onde lhe apresentaram a pobre Constância, que estava no jardim e não sabia de nada. Ele  
34 ficou muito surpreso com os charmes dessa moça incomparável, e a rainha, que sabia bem  
35 como fazer uma boa barganha, pois era muito avarenta, vendeu-a a ele a um preço  
36 extremamente alto.

37 Constância desconhecia os novos infortúnios reservados a ela. Retirou-se cedo  
38 para seu quartinho, onde podia ter o prazer de pensar em Constâncio sem ser perturbada

1 e de responder a uma de suas cartas, a única que conseguira receber. Ela lia e relia diversas  
2 vezes, sem conseguir largar uma leitura que lhe era tão agradável; foi quando viu a rainha  
3 adentrar o cômodo, pois ela tinha uma chave que abria todas as fechaduras do palácio.  
4 Ela estava acompanhada de dois criados e do capitão da guarda. Os criados enfiaram um  
5 lenço na boca de Constância, amarraram suas mãos e a levaram embora. Ruson tentou  
6 seguir sua querida dona, mas a rainha lançou-se sobre ele e o impediu, temendo que seus  
7 balidos fossem ouvidos, pois desejava que o caso fosse conduzido com silêncio e discrição.  
8 Assim, sem contar com nenhuma ajuda, Constância foi levada a bordo do navio, que  
9 partiu imediatamente, pois só esperavam sua chegada para seguir em alto mar.

10 Deixemos que a princesa faça sua viagem, afinal, essa era sua triste fortuna e a Fada  
11 Soberana não conseguira colocar o destino a seu favor; tudo o que podia fazer era segui-  
12 la em todos os lugares, em forma de uma nuvem obscura, invisível aos olhos mortais.

13 Enquanto isso, o príncipe Constâncio, absorto em sua paixão, não media esforços  
14 para desagradar a princesa que haviam escolhido para ele. Embora fosse naturalmente o  
15 mais polido dos homens, esforçava-se para sempre tratá-la com grosseria. Como ela vivia  
16 se queixando para o pai, a situação se agravou e ele não pôde mais evitar a dissensão com  
17 seu sobrinho, de modo que o casamento teve de ser cancelado. A rainha pensou que  
18 aquele era o momento certo para escrever ao príncipe, a fim de informá-lo que Constância  
19 se achava perigosamente doente. A dor que ele sentiu foi inexprimível; seu reencontro  
20 não poderia ser mais adiado, pois sua vida corria tanto perigo quanto a de sua amante.  
21 Sendo assim, ele voltou para casa como um raio.

22 Contudo, apesar de todo o seu esforço, ele chegou tarde demais. A rainha, que  
23 bem previra seu retorno, fizera circular, alguns dias antes, a notícia de que Constância  
24 estava doente; para isso, acercou-se de mulheres muito hábeis no falatório, mas que  
25 também sabiam ficar caladas, de acordo com as instruções que recebessem. O boato sobre  
26 a morte de Constância espalhou-se pouco depois, e uma figura de cera foi enterrada em  
27 seu lugar. A rainha, que não renunciaria a nenhum artifício para convencer o príncipe da  
28 veracidade dessa história, libertou Mirtain da prisão para que ele pudesse ir ao funeral.  
29 No dia marcado para a cerimônia pública, todos foram lamentar a perda daquela  
30 encantadora menina, e a rainha, que era capaz de dissimular qualquer tipo de expressão,  
31 fingiu que sentia essa perda em nome de seu filho.

32 Ele chegou com a maior ansiedade que se pode imaginar, e, tão logo adentrou a  
33 cidade, pôs-se a demandar notícias sobre sua amada Constância a todos que encontrava  
34 pelo caminho. Como aqueles que o responderam não o haviam reconhecido e nem  
35 sabiam nada sobre os seus sentimentos por ela, disseram-lhe logo que ela estava morta.  
36 Ao ouvir essas palavras funestas, Constâncio não conseguiu controlar sua emoção e caiu  
37 de seu cavalo sem pulso e sem voz. Uma multidão se reuniu ao seu redor e logo

1 descobriram que se tratava do príncipe; todos se apressaram em socorrê-lo, e  
2 conduziram-no quase morto ao palácio.

3 O rei ressentiu vivamente o estado deplorável de seu filho. A rainha havia se  
4 preparado para tal evento, mas pensava que o tempo e a extinção de suas esperanças  
5 afetuosas iriam curá-lo. Ele, porém, estava apaixonado demais para ser consolado; sua  
6 angústia, bem longe de diminuir, aumentava a todo momento. Ele passou dois dias sem  
7 ver ou falar com ninguém. Depois, dirigiu-se aos apartamentos da rainha; tinha os olhos  
8 cheios de lágrimas, o rosto pálido e um semblante mortiço. Acusou-lhe de ter causado a  
9 morte de sua querida Constância, e que por isso ela seria punida muito em breve, pois ele  
10 também haveria de morrer. Por fim, disse que desejava ir ao lugar onde ela estava  
11 enterrada.

12 A rainha, não sendo capaz de contrariá-lo, decidiu conduzi-lo a um bosque de  
13 ciprestes, no qual ela mandara edificar uma tumba. Quando o príncipe se imaginou junto  
14 dela, jazendo naquele mesmo lugar onde sua amante repousava em morte, declamou  
15 palavras jamais pronunciadas por outra pessoa no mundo, de tão ternas e tão apaixonadas  
16 que eram. Até mesmo a rainha, com toda a sua dureza, não conseguiu conter as lágrimas.  
17 Mirtain estava tão aflito quanto seu mestre; enfim, todos que o ouviram partilharam de  
18 seu desespero. De repente, em um ataque de furor, ele sacou sua espada e aproximou-se  
19 do mármore que ele acreditava cobrir o belo corpo de sua amada; Constância teria tirado  
20 a própria vida naquele mesmo instante caso a rainha e Mirtain não o tivessem impedido.

21 — Não! — disse ele. — Nada no mundo me impedirá de morrer e de reencontrar  
22 minha querida princesa!

23 O título de princesa que atribuiu à pastora surpreendeu a rainha. Ela não sabia se  
24 seu filho estava delirando ou se já havia perdido completamente os sentidos; todavia, para  
25 se certificar, resolveu intervir. Perguntou-lhe o porquê de ter chamado Constância de  
26 princesa, ao que ele respondeu que esse era seu verdadeiro posto, que seu reino se  
27 chamava Reino dos Desertos e que ela era única herdeira de seu trono. Concluiu dizendo  
28 que jamais teria contado se já não houvesse mais nenhum motivo para manter esse  
29 segredo.

30 — Pelos céus, meu filho! — disse a rainha. — Uma vez que Constância é de uma  
31 estirpe conveniente à vossa, consolai-vos, pois ela não está morta. Confessarei a vós, a fim  
32 de amenizar vossas dores, que eu a vendi para alguns comerciantes que a levaram como  
33 escrava.

34 — Ah! — exclamou o príncipe. — Dizeis isso para tentar suspender meu desejo de  
35 morrer, mas minha decisão está tomada e nada pode mudá-la!

36 — Sendo assim, que os vossos próprios olhos vos convençam — disse a rainha.

37 E ordenou que a figura de cera fosse desenterrada. Como à primeira vista ele  
38 pensou ser o corpo de sua amável princesa, desvaneceu em um desmaio profundo, do

1 qual tiveram grande dificuldade em despertá-lo. Em vão, a rainha tentou assegurar-lhe de  
2 que Constância não estava morta; porém, depois de todas as perversidades que ela já havia  
3 feito, ele não acreditava mais em sua mãe. Foi Mirtain quem conseguiu convencê-lo do  
4 fato. Constâncio reconhecia sua fidelidade e sabia que ele não seria capaz de contar-lhe  
5 mentiras.

6  
7 Sentiu-se um pouco aliviado, pois, de todos os infortúnios, a morte lhe parecia o  
8 mais terrível, mas agora ele poderia consolar-se com a esperança de rever sua amada. Mas  
9 onde deveria procurá-la? Os comerciantes que a compraram eram desconhecidos e não  
10 tinham dito para onde iam. As dificuldades seriam grandes, mas não há nada que um  
11 verdadeiro amor não possa superar. Constâncio preferia perecer na tentativa de  
12 reencontrar sua amada a ter de viver sem ela.

13 Ele proferiu milhares de repreensões contra a rainha por seu ódio implacável,  
14 acrescentando que ela teria tempo para se arrepender da maldade que lhe fizera. Disse  
15 também que estava prestes a deixá-la e que nunca mais voltaria; assim, por ter desejado  
16 livrar-se de um, acabaria perdendo os dois. Aflita, a rainha atirou-se no colo do filho,  
17 banhando-o com suas lágrimas, e suplicou, pela velhice de seu pai e por consideração a  
18 ela, que não os abandonasse, pois a privação do consolo de vê-lo seria a causa de suas  
19 mortes. Disse-lhe que ele era a única esperança de seus pais, e que os príncipes vizinhos,  
20 que eram seus inimigos, se empoderariam do reino em sua ausência. O príncipe a escutou  
21 respeitosamente, mas demonstrou grande frieza, pois mantinha viva a recordação de seus  
22 maus tratos à Constância. Sem ela, nem mesmo todos os reinos da terra seriam de seu  
23 interesse, de modo que ele persistiu com surpreendente firmeza em sua resolução de partir  
24 na manhã seguinte.

25 O rei se esforçou para detê-lo, mas foi em vão. O príncipe passou a noite dando  
26 instruções a Mirtain e deixou o fiel carneiro aos seus cuidados. Pegou uma grande  
27 quantidade de jóias para levar consigo e entregou o restante ao seu confidente. Disse-lhe  
28 que ele seria a única pessoa para quem escreveria notícias e pediu-lhe que as mantivesse  
29 em segredo, pois estava determinado a fazer sua mãe sentir todas as dores de uma  
30 ansiedade.

31 O dia mal havia raiado e o impaciente Constâncio já estava montado em seu  
32 cavalo, confiando sua vida à fortuna, pedindo-lhe que o ajudasse a reencontrar sua amada.  
33 Não sabia que caminho tomar, mas como fora informado de que ela havia sido levada em  
34 um navio, concluiu que a melhor forma de procurá-la seria pelo mar. Sendo assim,  
35 totalmente desacompanhado, partiu rumo ao mais famoso porto da região. Sem conhecer  
36 ninguém, buscou informações sobre qual seria o país mais distante para onde ele poderia  
37 obter uma passagem, e também por quais costas, praias e portos o navio passaria. Depois,

1 embarcou com a esperança de que uma paixão tão forte e pura como a sua jamais poderia  
2 ter um final infeliz.

3 Assim que avistava terra, pegava uma canoa e remava ao longo da costa, gritando:  
4 — Constância! Bela Constância, onde estais? Estou à vossa procura, mas parece  
5 que vos chamo em vão! Por quanto tempo ficareis longe de mim?

6 Suas queixas e lamentações se perdiam no vazio do ar, e ele sempre voltava para o  
7 navio com o coração atravessado de dor e com os olhos cheios de lágrimas.

8 Uma noite, a âncora foi lançada debaixo de um grande rochedo e, como de  
9 costume, Constâncio saiu para caminhar na praia. Porém, como o país era desconhecido  
10 e a noite estava muito escura, aqueles que o acompanhavam se recusaram a avançar para  
11 o interior, pois temiam morrer naquele lugar. O príncipe, no entanto, que pouco se  
12 importava com sua vida, seguiu a diante, caindo e se reerguendo centenas de vezes. Foi  
13 quando enfim avistou um clarão, que parecia proceder de alguma fogueira. À medida em  
14 que se aproximava, ouvia um barulho cada vez mais alto; era o som de marteladas  
15 terrivelmente fortes. Longe de sentir medo, avançou e chegou a uma grande forja, aberta  
16 de todos os lados, onde uma fornalha queimava tão intensamente que parecia que o sol  
17 estava brilhando dentro dela. Trinta gigantes, cada um com apenas um olho no meio da  
18 testa, trabalhavam ali, fabricando armas.

19 Constâncio se aproximou e disse-lhes:

20 — Por compaixão a todo ferro e fogo que vos cercam, poderíeis me dizer se por  
21 acaso vistes a bela Constância passar por aqui? Ela foi levada como escrava por alguns  
22 comerciantes. Se souberdes onde posso encontrá-la, podereis pedir tudo o que há no  
23 mundo, que eu vos darei de todo meu coração.

24 Mal ele terminou seu pequeno discurso, o barulho, que por um momento havia  
25 cessado, recomeçou mais alto do que antes.

26 — Céus! — ele exclamou. — Meu sofrimento não vos comove! Bárbaros! Não  
27 poderia esperar nada diferente de vós!

28 No instante em que o príncipe ameaçou afastar-se dali, uma doce sinfonia  
29 acariciou seus ouvidos, deixando-o encantado. Quando olhou para dentro da fornalha,  
30 avistou a criança mais bonita que a imaginação jamais poderia descrever; ele era mais  
31 brilhante que o fogo ao seu redor. Depois de ter considerado seus encantos, a bandagem  
32 que cobria seus olhos, o arco e as flechas que ele carregava, Constâncio teve certeza de que  
33 se tratava do Cupido. Foi então que ele exclamou:

34 — Fica, Constâncio! Dentro de ti queima uma chama muito pura para que eu te  
35 recuse o meu auxílio. Sou o Amor Virtuoso, aquele que te flechou pela bela Constância.  
36 Também sou eu quem a defende do gigante que a persegue. A Fada Soberana é minha  
37 amiga íntima, combinamos nossos poderes para preservá-la em teu favor. Antes, porém,  
38 de revelar o seu paradeiro, é preciso que eu prove a força da tua paixão.

1 — Ordena, amor, ordena tudo o que quiseres! — exclamou o príncipe. — Não há  
2 nada em que eu não possa obedecer-te.

3 — Lança-te neste fogo — respondeu o menino. — Sabendo que estarás perdido se  
4 teu amor por Constância não for único e fiel.

5 — Não tenho razão alguma para temer! — disse Constância.

6 E atirou-se imediatamente para dentro da fornalha.

7 Tendo perdido a consciência, já não sabia mais onde estava e nem quem era. Ele  
8 permaneceu em dormência por trinta horas e, ao acordar, viu que havia se transformado  
9 no pombo mais bonito do mundo. Não se encontrava no interior da terrível fornalha, mas  
10 deitado em um pequeno ninho de rosas, jasmims e madressilvas. Estava mais assustado do  
11 que nunca; no momento em que viu sua imagem refletida em um riacho, suas patas, as  
12 várias cores de suas penas e seus olhos cor de fogo, ficou completamente estupefato.  
13 Ademais, quando tentou abrir o bico para reclamar de seu triste destino, descobriu que  
14 havia perdido o uso da fala; sua inteligência, porém, havia se conservado. Ele considerou  
15 essa metamorfose o cúmulo de todos os seus infortúnios.

16 — Ó, pérfido amor! — ele pensou. — Essa é a recompensa que das ao mais perfeito  
17 de todos os amantes? Devemos ser levianos, traiçoeiros e perjuros para encontrar graça  
18 diante de ti? Já conheci pessoas com esses vícios que foram coroadas por ti, ao passo em  
19 que afligiste os que eram verdadeiramente fiéis. Que poderei fazer sob uma forma tão  
20 extraordinária como esta? Eis-me um pombo! Se ao menos eu pudesse falar, tal como o  
21 Pássaro Azul, de cuja história eu sempre gostei, eu voaria em todas as direções e  
22 procuraria minha amada em cada canto do mundo, juntando informações até conseguir  
23 encontrá-la. Acontece, porém, que não tenho nem mesmo a liberdade de pronunciar seu  
24 nome! O único remédio que me resta é precipitar-me em algum abismo e morrer!

25 Tomado por essa funesta resolução, ele voou para o topo de uma montanha muito  
26 alta, de onde tentou se atirar, mas suas asas o sustentavam no ar malgrado sua vontade.  
27 Constância ficou surpreso, visto que nunca tinha sido um pombo antes e não estava ciente  
28 da função de suas plumas. Sua decisão, portanto, foi a de arrancá-las todas, o que fez sem  
29 pensar duas vezes.

30 Assim depenado, quando estava prestes a tentar um novo salto do alto do rochedo,  
31 duas meninas o acercaram. No momento em que viram esse pássaro infeliz, disseram uma  
32 à outra:

33 — De onde veio esse pombo azarado? Será que acabou de escapar das garras  
34 afiadas de alguma ave de rapina, ou da goela de uma doninha?

35 — Eu não sei de onde ele vem, mas bem sei para onde vai! — disse a mais jovem,  
36 avançando sobre a dócil criaturinha. — Ela fará companhia aos outros cinco, e deles farei  
37 uma torta para a Fada Soberana!



1 O príncipe Pombo, ouvindo-a falar assim, longe de tentar escapar, caminhou em  
2 sua direção na esperança de que ela lhe fizesse o favor de matá-lo ali mesmo. Entretanto,  
3 em vez de causar sua morte, acabou salvou sua vida, isso porque as meninas o acharam  
4 tão manso e educado que decidiram criá-lo. A mais bonita colocou-o em uma cesta  
5 coberta, onde ela costumava guardar seus proventos, e assim elas continuaram sua  
6 caminhada.

7 — Já faz alguns dias que a nossa ama parece estar muito ocupada — disse uma  
8 delas. — Ela monta a todo momento em seu camelo fogo e voa noite e dia, de um polo a  
9 outro, sem parar.

10 — Se fores discreta, eu te contarei o motivo — respondeu sua companheira. —  
11 Pois ela me escolheu como sua confidente.

12 — Eu me farei de muda — afirmou a primeira. — Assegura-te de minha discrição.

13 — Pois então saibas que a princesa Constância, a quem ela tanto ama, está sendo  
14 perseguida por um gigante que deseja desposá-la — emendou a outra. — Ele até a prendeu  
15 numa torre! A fada está fazendo coisas surpreendentes para impedir que esse casamento  
16 aconteça.

17 O príncipe escutou a conversa do fundo da cesta. Ele acreditava que mais nada  
18 poderia aumentar suas desgraças; naquele instante, porém, descobriu com extremo pesar  
19 que estava enganado. Depois de tudo o que já contei sobre sua paixão, é bem fácil  
20 imaginar o estado em que ele se encontrava, pois havia se tornado um pombo justamente  
21 no momento em que sua ajuda seria tão necessária para a princesa. Constâncio entrou em  
22 perfeito desespero. Sua imaginação, empenhada em atormentá-lo, fazia com que ele  
23 vislumbrasse Constância na torre fatal, submetida às importunações, às violências e à  
24 fúria de um formidável gigante. Ele temia que, por excesso de medo, ela acabasse  
25 consentindo com o casamento. Depois, teve medo de que ela o enfrentasse e acabasse se  
26 expondo à fúria de um amante como esse. Enfim, seria difícil descrever a condição em  
27 que o príncipe se encontrava.

28 A jovem que o carregava no cesto, tendo retornado com sua companheira ao  
29 palácio da fada, da qual elas eram servas, encontrou sua ama caminhando em uma trilha  
30 sombria do seu jardim. Prostrando-se aos seus pés, elas disseram:

31 — Grande rainha, eis aqui um pombo que encontramos. Ele é manso e educado,  
32 e se tivesse penas seria muito mais bonito. Estávamos determinadas a criá-lo em nosso  
33 quarto, mas, se for do vosso agrado, ele poderia ficar convosco, para vossa diversão.

34 A fada pegou a cesta em que o pássaro estava confinado, tirou-o de lá e fez sérias  
35 reflexões sobre as grandezas do mundo. Era extraordinário ver um príncipe como  
36 Constâncio sob a forma de um pombo prestes a ser cozido ou assado. E embora tivesse  
37 sido ela mesma a responsável pelas situações que culminaram nessa metamorfose, pois  
38 tudo havia ocorrido mediante ordens suas, ela gostava de moralizar sobre todos os

1 acontecimentos; e esse, em especial, deixou-a bastante abalada. Enquanto acariciava o  
2 pombinho, ele fazia de tudo para atrair sua atenção e convencê-la a interferir em sua triste  
3 desventura; erguendo um pouco a pata, fez-lhe uma reverência pombesca<sup>11</sup>, bicando-a  
4 carinhosamente. Apesar de ser um pombo noviço, ele já parecia mais sábio que seus  
5 velhos antepassados e que os antigos pombos selvagens<sup>12</sup>.

6 A Fada Soberana conduziu-o ao seu gabinete, fechou a porta e disse-lhe:

7 — Príncipe, a triste condição em que te encontras não me impede de te reconhecer  
8 e de te amar em nome de Constância, minha menina, que sente por ti a mesma afeição  
9 que tens por ela. Não acuses ninguém além de mim pela tua transformação; eu te fiz entrar  
10 na fornalha para provares a candura do teu amor, e vi que ele é puro, é ardente. És digno  
11 de toda honra por tua aventura.

12 O Pombo inclinou-se três vezes em sinal de gratidão, e ouviu atentamente o que a  
13 fada tinha para lhe dizer:

14 *A rainha, tua mãe, assim que recebeu o dinheiro e as jóias que lhe deram em troca*  
15 *da princesa, levou-a à força aos comerciantes que a compraram. Tão logo Constância*  
16 *embarcou, eles partiram para as grandes Índias, onde pretendiam fazer um bom lucro com*  
17 *a jóia preciosa que haviam obtido. Suas lágrimas e súplicas não foram o bastante para*  
18 *alterar seus planos. Em vão, ela assegurou-lhes que o príncipe Constâncio iria resgatá-la,*  
19 *nem que tivesse que entregar tudo o que possuía. Quanto mais ela os convencia de seu valor,*  
20 *mais eles temiam perdê-la ou que alguém ficasse sabendo de seu sequestro e tentasse*  
21 *subtrair-lhes essa ótima presa.*

22 *Enfim, depois de ter navegado metade do mundo, eles se depararam com uma*  
23 *furiosa tempestade; a princesa, oprimida por sua dor e pela fadiga do mar, estava quase*  
24 *morrendo. Com medo de perdê-la, os comerciantes buscaram refúgio no porto mais*  
25 *próximo. Porém, enquanto desembarcavam, viram aproximar-se deles um gigante de*  
26 *espantável grandeza, que vinha seguido por vários outros, e todos diziam que queriam ver*  
27 *o que havia de mais raro a bordo do navio. A primeira coisa que atingiu a visão do gigante*  
28 *foi a jovem princesa; eles se reconheceram imediatamente.*

29 — *Ah, pequena estúpida!* — exclamou o monstro. — *Os deuses justos e*  
30 *misericordiosos colocaram-te novamente em meu poder! Lembra-te do dia em que te*  
31 *encontrei, quando cortaste a minha bolsa? Desta vez não me enganarás!*

32 *Dizendo isso, segurou-a como uma águia prende uma galinha e, apesar da*  
33 *resistência e das súplicas dos comerciantes, o gigante levou-a em seus braços, correndo o*  
34 *mais rápido que podia para sua grande torre.*

---

<sup>11</sup> *La révérence à la pigeonne.*

<sup>12</sup> *Ramiers*: maior espécie europeia de pombo.

1            *Essa torre está localizada no cume de uma montanha muito alta. Os feiticeiros que*  
2 *a construíram empregaram todas as suas habilidades para deixá-la bonita e exótica; ela*  
3 *não tem porta, a entrada se dá pelas janelas, que são muito altas. As paredes são de*  
4 *diamantes que brilham como o sol, de uma dureza que resiste a qualquer força. Em suma,*  
5 *tudo o que já foi feito de mais belo pela arte ou pela natureza não supera o que se encontra*  
6 *ali. Quando o furioso gigante tomou a charmosa Constância para si, disse-lhe que se casaria*  
7 *com ela, que a tornaria a pessoa mais feliz do universo e que a faria dona de todos os seus*  
8 *tesouros. Pediu-lhe que o amasse de boa vontade, pois não tinha dúvidas de que ela ficaria*  
9 *muito feliz com a boa sorte que teria ao unir-se a ele. Constância, porém, deu-lhe a*  
10 *entender, com suas lágrimas e suas lamentações, o excesso de seu desespero. E como eu*  
11 *sempre estive secretamente na condução de tudo, malgrado o que o destino havia reservado*  
12 *à princesa, inspirei um sentimento de compaixão no gigante, algo que ele nunca havia*  
13 *experimentado em sua vida antes. Assim, em vez de ficar com raiva, ele disse à princesa que*  
14 *lhe daria um ano para pensar, e que não lhe faria violência alguma durante esse prazo.*  
15 *Porém, se o tempo se esgotasse e ela não consentisse com sua proposta, ele a desposaria*  
16 *contra sua vontade e depois a mataria. Dadas as opções, ela poderia considerar o que seria*  
17 *melhor.*

18            *Depois dessa funesta declaração, ele a prendeu com algumas das moças mais bonitas*  
19 *do mundo, para que elas lhe fizessem companhia e a impedissem de sucumbir ante a*  
20 *profunda tristeza que se abismava. Ele colocou gigantes ao redor da torre para impedir*  
21 *qualquer um de se aproximar; e, de fato, se alguém tivesse a temeridade de fazê-lo, logo*  
22 *receberia uma terrível punição, pois os gigantes são guardas bem impiedosos e cruéis.*

23            *Por fim, sem vislumbrar a menor possibilidade de ser socorrida e sabendo que só lhe*  
24 *resta um dia do prazo, a pobre princesa está se preparando para atirar-se do alto da torre,*  
25 *no meio do mar. Esse, senhor Pombo, é o estado ao qual ela se encontra reduzida. A única*  
26 *maneira de remediar essa situação é voando até ela, carregando em teu bico este anelzinho.*  
27 *No instante em que ela colocá-lo no dedo, se tornará uma pombinha branca, e então vos*  
28 *salvareis alegremente.*

29            *O pombinho ficou muito apressado para partir; sem saber como fazê-la entender*  
30 *isso, puxou a gola e os babados do avental da fada. Depois, aproximou-se da janela e deu*  
31 *algumas bicadas no vidro. Em linguagem pombônica<sup>13</sup>, isso tudo queria dizer:*

32            — *Eu vos imploro, madame, que me entreguem logo o anel encantado para que eu*  
33 *vá resgatar nossa bela princesa!*

34            *A fada entendeu seu jargão e, respondendo ao seu pedido, disse-lhe:*

---

<sup>13</sup> *En langage pigeonique (neologismo).*

1 — Ide! Voai, Pombo charmoso, aqui está o anel que vos guiará. Cuidai para não  
2 perdê-lo, pois sois o único no mundo capaz de retirar Constância do lugar em que ela  
3 está.

4 O príncipe Pombo, como eu já disse, não tinha pena alguma, pois as arrancara em  
5 seu extremo desespero. A fada, porém, esfregou nele uma essência maravilhosa,  
6 revestindo-o com uma plumagem tão bela e extraordinária que nem mesmo as pombas  
7 de Vênus seriam dignas de comparar-se a ele. Constâncio ficou muito contente ao ver-se  
8 novamente emplumado. Alçando voo, ele alcançou o alto da torre ao raiar da aurora. As  
9 paredes de diamantes brilhavam tanto que nem mesmo o sol em todo seu esplendor seria  
10 capaz de ofuscá-las. Havia um espaçoso jardim sobre a masmorra, no meio do qual se  
11 elevava uma laranjeira carregada de flores e frutas. O resto do jardim era bastante curioso,  
12 e o príncipe Pombo teria prazer em admirá-lo se não estivesse ocupado com afazeres bem  
13 mais importantes.

14 Tomado por uma inquietude terrível, ele se empoleirou na laranjeira, segurando  
15 o anel com o bico. Foi quando a princesa entrou no jardim. Ela trajava um longo robe  
16 branco e um véu comprido, preto, bordado a ouro, que cobria sua cabeça e a envolvia por  
17 todos os lados. O Pombo apaixonado não teve dúvidas de que era ela, pois ninguém no  
18 mundo possuía tamanha perfeição, nobreza de postura e um ar tão majestoso. Ela  
19 caminhou e sentou-se debaixo da laranjeira. Quando ergueu o véu, o pombo ficou  
20 deslumbrado por algum tempo.

21 — Tristes arrependimentos, tristes pensamentos! — ela exclamou. — Tudo agora  
22 é inútil. Meu aflito coração passou um ano inteiro entre a esperança e o medo, mas eis  
23 que o prazo fatal chegou ao fim. É hoje, daqui a poucas horas, que deverei optar entre  
24 morrer ou casar-me com o gigante. Céus! Será possível que a Fada Soberana e o Príncipe  
25 Constâncio tenham me abandonado completamente? O que fiz a eles para merecer isso?  
26 Mas para que me servem essas reflexões? Não é melhor executar de uma vez a minha  
27 nobre decisão?

28 E levantou-se cheia de determinação para lançar-se no abismo. Antes, porém, um  
29 pequeno ruído chamou sua atenção: era o pombinho, que se agitava na árvore. Quando  
30 ergueu os olhos para ver o que estava acontecendo, o pássaro desceu voando e foi pousar  
31 em seu ombro; em seguida, colocou o importante anelzinho em seu seio. A princesa,  
32 surpreendida com as carícias desse belo pássaro e com sua charmosa plumagem, ficou  
33 igualmente encantada com o presente que ele lhe dera. Ao examinar o anel, observou nele  
34 alguns símbolos misteriosos. Mas aconteceu que, enquanto o manuseava, o gigante  
35 entrou no jardim sem que ela percebesse.

36 Uma das moças que serviam a princesa havia informado esse terrível amante sobre  
37 o seu desespero, dizendo que ela estava decidida a se matar em vez de se casar com ele.  
38 Quando soube que ela tinha subido ao topo da torre tão cedo, ele resolveu se antecipar à

1 catástrofe fatal. Seu coração, que até então só havia se interessado pela barbárie, ficara tão  
2 encantado pelos belos olhos daquela adorável menina que agora era possível dizer que ele  
3 a amava com delicadeza. Ó, deuses! Qual não foi o susto de Constância ao vê-lo! Temia  
4 que ele a privasse da oportunidade de acabar com a própria vida. O pobre Pombo, por  
5 sua vez, não ficou menos alarmado ao avistar esse formidável colosso. Consternada, a  
6 princesa tratou de colocar o anel no dedo; ó, que maravilha! Ela foi instantaneamente  
7 metamorfoseada em uma pombinha branca, e alçou voo com o fidelíssimo pombo.

8 Nunca ninguém ficou tão surpreso quanto o gigante. Depois de testemunhar sua  
9 amada transformar-se em uma pomba e atravessar a vastidão do espaço aéreo, ele ficou  
10 completamente imóvel por algum tempo. Em seguida, proferiu gritos e urros tão altos  
11 que as montanhas até sacudiram. Esses acontecimentos puseram fim à sua vida: acabou  
12 lançando-se ao fundo mar, onde era muito mais justo que ele estivesse em vez da  
13 encantadora princesa.

14 Enquanto isso, ela continuou voando, afastando-se rapidamente dali na  
15 companhia de seu guia. Enfim, depois de terem percorrido uma distância segura o  
16 suficiente para se sentirem fora de perigo, eles desceram suavemente sobre um bosque  
17 sombreado, muito agradável, repleto de árvores, com flores e ervas verdes cobrindo a  
18 terra. Constância ainda não sabia que o Pombo era o seu amado. Ele estava extremamente  
19 angustiado por não conseguir informá-la do fato, até que, de repente, Constância sentiu  
20 uma mão invisível desatar a sua língua. Cheio de alegria, ele disse prontamente à princesa:

21 — Vosso coração não vos deu a saber, charmosa Pombinha, que tendes por  
22 companhia um Pombo que ainda arde com a chama que acendestes?

23 — Meu coração bem que me alertou sobre uma bonança vindoura — ela  
24 respondeu. — Mas não ousei criar esperanças. Céus! Quem poderia imaginar? Eu estava  
25 prestes a perecer sob os golpes de minha bizarra fortuna. Viestes para me livrar dos braços  
26 da morte, ou então dos braços de um monstro que eu temia mais do que ela!

27 O príncipe, encantado por ouvir a Pombinha falar e por encontrá-la ainda mais  
28 afetuosa do que ele poderia desejar, disse-lhe tudo o que uma paixão delicada e ardente  
29 poderia inspirar. Relatou-lhe tudo o que havia acontecido desde o triste momento de sua  
30 separação até seu surpreendente encontro com o Cupido forjador e com a fada em seu  
31 palácio. Constância ficou muito feliz ao saber que sua melhor amiga ainda se interessava  
32 por ela.

33 — Vamos procurá-la, querido príncipe — disse ela. — E agradecê-la por todas as  
34 bondades que nos fez. Ela restaurará a nossa aparência e poderemos retornar ao vosso  
35 reino ou ao meu.

36 — Se me amais tanto quanto eu vos amo — replicou o príncipe. — Eu vos farei  
37 uma proposta amparada tão somente no amor. Contudo, amável princesa, talvez  
38 pensareis que sou um homem desvairado.

1 — Não vos esforçais para preservar a reputação de vossa razão às custas do  
2 coração! — respondeu ela. — Falai corajosamente, ouvirei com prazer.

3 — Acredito que não deveríamos mais trocar de figura — ele prosseguiu. —  
4 Continuai como pombinha, e eu como pombo; ainda assim, sentiremos as mesmas  
5 chamas que ardem no coração de Constância e Constâncio. Estou convencido de que,  
6 livres das preocupações com os nossos reinos, sem nos submetermos a conselho algum,  
7 sem guerras para travar e sem audiências para realizar, estaremos livres para vivermos  
8 nosso papel no grande teatro do mundo! Será muito mais fácil vivermos apenas um para  
9 o outro neste retiro tão aprazível!

10 — Ah! — exclamou a Pombinha. — Quanta grandeza e ternura há nesse desejo!  
11 Ora, apesar de minha juventude, quantas desgraças já provei! A fortuna, com ciúmes de  
12 minha inocente beleza, perseguiu-se tão obstinadamente que ficarei muito contente em  
13 renunciar a todas as riquezas que ela poderia me proporcionar apenas para ter a felicidade  
14 de viver apenas por vós! Sim, meu querido príncipe, eu concordo. Encontraremos um  
15 país agradável e passaremos nossos melhores dias sob essa metamorfose. Levaremos uma  
16 vida inocente, sem ambição e sem desejos, a não ser aqueles que o amor virtuoso nos  
17 inspirar!

18 — Eu serei o vosso guia! — exclamou o Amor, descendo do alto do Olimpo. —  
19 Uma intenção tão terna como essa merece a minha proteção.

20 — E a minha também! — disse a Fada Soberana, aparecendo de repente. — Vim  
21 encontrar-vos a fim de desfrutar por alguns momentos do prazer de ver-vos finalmente  
22 juntos.

23 O Pombo e a Pombinha ficaram tão encantados quanto surpresos com mais esse  
24 acontecimento.

25 — Nós nos colocamos sob a vossa orientação! — disse Constância à fada.

26 — Não nos abandoneis jamais! — disse Constâncio ao Amor.

27 — Vinde comigo a Pafos<sup>14</sup>, onde minha mãe é louvada — disse o último. — Lá,  
28 todos amam os pássaros, pois são consagrados a ela.

29 — Não — disse a princesa. — Não desejamos mais viver entre os homens e seus  
30 comércios. Felizes são aqueles que podem renunciar a isso! Tudo o que queremos é  
31 desfrutar de uma bela solidão.

32 Imediatamente, a fada tocou a terra com sua varinha, e o Amor tocou-a com uma  
33 flecha dourada. No mesmo instante, os pombinhos se viram em meio ao deserto mais  
34 bonito da natureza, repleto de bosques, flores, prados e fontes.

35 — Vivei aqui por milhões de anos! — exclamou o Amor. — Jurai um ao outro  
36 fidelidade eterna na presença desta maravilhosa fada.

---

<sup>14</sup> Cidade cujo mito de fundação está relacionado ao culto a Afrodite.

1 — Eu juro à minha Pombinha — disse o Pombo.

2 — Eu juro ao meu Pombo — disse a Pombinha.

3 — Vosso casamento não poderia ser celebrado por um deus mais competente que  
4 esse — disse a fada. — Sereis eternamente felizes. De resto, se acaso vos cansardes dessa  
5 metamorfose, comprometo-me a não vos abandonar; quando quiserdes, eu vos  
6 restaurarei às vossas formas originais.

7 O Pombo e a Pombinha agradeceram a fada, mas afirmaram que não haveriam de  
8 invocá-la com esse propósito, pois tinham experimentado tristezas demais enquanto seres  
9 humanos. O único pedido dos dois foi que ela lhes enviasse Ruson, caso ele ainda estivesse  
10 vivo.

11 — Ele mudou de forma — disse o Amor. — Fui eu quem o condenou a tomar a  
12 figura de um cordeiro. Porém, movido pela compaixão, coloquei-o de volta sobre o trono  
13 de onde eu o havia retirado.

14 Ao ouvir essas notícias, Constância entendeu de onde vinham todas as coisas  
15 bonitas que o via fazer, e pediu ao Amor que lhe contasse as aventuras daquele cordeiro  
16 que lhe era tão estimado.

17 — Um dia eu virei contar — disse ele, gentilmente. — Neste momento, porém,  
18 estou sendo procurado e desejado em tantos lugares, que nem sei para onde voar  
19 primeiro! Adeus, ternos e ditosos esposos! Gabai-vos por serdes o mais sábio casal do meu  
20 império.

21 A Fada Soberana ainda permaneceu por algum tempo com os recém-casados. Ela  
22 não tinha palavras elevadas o bastante para elogiar o desprezo que eles haviam  
23 demonstrado pelas grandezas mundanas; de fato, os dois haviam tomado a melhor  
24 decisão para conseguirem desfrutar de uma vida tranquila. Por fim, a fada despediu-se  
25 deles. E é por intermédio dela e do Amor que o príncipe Pombo e a princesa Pombinha  
26 continuarão se amando fielmente por todo o sempre.

27

28 *De um amor pudemos contemplar o destino:*

29 *Esperanças incertas, provações, desatinos,*

30 *Tristes acidentes e eventos funestos,*

31 *Que podem assolar até os amantes perfeitos.*

32 *Pois o amor, ao uni-los em laços tão estreitos,*

33 *Pode conduzir à bonança ou a caminhos diversos;*

34 *O céu, ao tentá-los, reforça seus sentimentos.*

35 *Sabei, jovens amantes, que essas rudes provações*

36 *Vos levarão ao pranto, vos encherão de tormentos;*

37 *Mas quando o amor for puro em vossos corações,*

38 *Toda tristeza se converterá em contentamento.*

## A PRINCESA BELA-ESTRELA E O PRÍNCIPE QUERIDO

1           Era uma vez uma princesa a quem nada restava de seu passado de grandeza a  
2 não ser um dossel e um estojo de talheres. O primeiro era de veludo, bordado de pérolas,  
3 e o segundo era de ouro, enfeitado com diamantes. Ela os mantinha consigo o quanto  
4 podia; de vez em quando, porém, a extrema necessidade a que fôra reduzida a obrigava a  
5 destacar uma pérola, um diamante ou uma esmeralda, que ela vendia secretamente para  
6 sustentar a sua comitiva.

7           Era uma viúva responsável por três filhas muito jovens e muito amáveis. Em um  
8 dado momento, ela chegou à conclusão de que se as meninas fossem criadas em um  
9 ambiente de grandeza e magnificência apropriadas à sua estirpe, futuramente elas  
10 ressentiriam ainda mais as consequências de sua falência. Por isso, ela resolveu vender o  
11 pouco que lhe restava e ir para longe com as três, a fim de se estabelecer em uma casa de  
12 campo onde pudessem ter despesas mais convenientes à sua pequena fortuna.

13           Acontece, porém, que, ao passar por uma floresta muito perigosa, ela foi  
14 assaltada e não lhe restou quase nada do pouco que tinha. A pobre princesa, mais aflita  
15 por essa última desgraça do que por todas as outras que a precederam, sabia muito bem  
16 que tinha de aprender a ganhar a vida ou então morreria de fome. Ela amava uma boa  
17 refeição e sabia fazer molhos excelentes; por isso mesmo resistira a se desfazer de seus  
18 talheres e pequenos utensílios de ouro, que eram famosos mundo afora. Enfim, o que  
19 antes fazia por diversão, começou a fazer para a subsistência: estabeleceu-se em uma  
20 casa muito bonita, próxima a uma grande cidade, onde passou a fazer ensopados  
21 maravilhosos. Como o povo daquele país adorava ensopados, todo mundo a procurava;  
22 só se falava da boa cozinheira, tanto que ela mal tinha tempo para respirar. Enquanto  
23 isso, as três meninas foram crescendo; a beleza delas teria gerado mais alvoroço que os  
24 molhos da princesa caso ela não as mantivesse escondidas em um quarto, do qual  
25 raramente saíam.

26           Em um dos dias mais bonitos do ano, uma velhinha que parecia muito cansada  
27 entrou em sua casa apoiando-se em uma bengala. Seu corpo era todo curvado e o rosto  
28 cheio de rugas.

29           — Eu vim para que me façais uma boa refeição — disse-lhe ela. — Afinal, antes  
30 de partir para o outro mundo, quero ter um motivo para comemorar o fato de ter estado  
31 neste aqui.

32           Em seguida, pegou uma cadeira de palha, sentou-se ao lado do fogão e pediu à  
33 princesa que se apressasse. Como ela não conseguiria fazer tudo sozinha, chamou suas  
34 três filhas para ajudá-la: a mais velha se chamava Rúbia, a segunda, Bruna, e a última,



1 Áurea<sup>1</sup>, nomes que lhes foram dados com base na cor de seus cabelos. Elas se vestiam  
2 como camponesas, com espartilhos e saias de diferentes cores. A caçula era a mais bela e  
3 a mais doce. Sua mãe ordenou que uma fosse buscar pombinhos no aviário, que outra  
4 matasse as galinhas e que a terceira sovasse as massas. Assim, em menos de um  
5 momento, elas puseram uma mesa muito limpa diante da velha, cobriram-na com uma  
6 toalha branquíssima de linho e um prato de barro bem envernizado. Serviram-lhe  
7 diversas vezes; o vinho era bom, bem como o sorvete, e os copos eram lavados o tempo  
8 todo pelas mãos mais bonitas do mundo. Tudo isso serviu para aumentar o apetite da  
9 boa velhinha. Se ela comeu bem, bebeu ainda melhor, até ficar um pouco embriagada.  
10 Nesse estado, começou a dizer mil coisas diferentes, fazendo com que a princesa, que  
11 não parecia se importar, percebesse que ela era muito inteligente.

12 A refeição terminou com a mesma alegria com que havia começado. A velha se  
13 levantou e disse à princesa:

14 — Minha grande amiga, se tivesse dinheiro, eu vos pagaria, mas há tempos estou  
15 arruinada. Meu desejo era o de encontrar-vos para fazer uma refeição tão boa quanto  
16 essa. Tudo o que posso prometer é pagar-vos com o que faço de melhor.

17 A princesa sorriu e disse graciosamente:

18 — Ora, minha boa mãe, não vos preocupeis, pois sinto-me sempre muito bem  
19 paga quando faço algo prazeroso.

20 — Ficamos felizes em servir-vos — disse Loira. — E se for do vosso desejo jantar  
21 aqui, faremos ainda melhor!

22 — Ó, quão ditosos são os que nascem com um coração tão bom! — exclamou a  
23 velha. — Não ficareis sem uma recompensa! Estejais certas de que o primeiro desejo que  
24 fizerdes vos será concedido, desde que não me invoquem.

25 E naquele exato instante ela desapareceu, não deixando dúvidas de que se tratava  
26 de uma fada. Essa aventura as espantou, pois nunca tinham visto uma. Impressionadas,  
27 falaram sobre essa aparição durante cinco ou seis meses, e sempre que desejavam algo,  
28 pensavam nela. Seus pedidos, porém, nunca se concretizavam, o que acabou por deixá-  
29 las bastante zangadas com a fada.

30 Um dia, quando o rei saiu para caçar, passou pela casa da cozinheira para ver se  
31 ela era tão habilidosa quanto diziam. E como ele se aproximou do jardim fazendo muito  
32 barulho, as três irmãs, que estavam colhendo morangos, ouviram-no chegar:

33 — Ah! — disse Ruiva. — Se eu tivesse a felicidade de me casar com o monsenhor  
34 almirante, pegaria o meu fuso e a minha roca e fiaria tantos fios, e dos fios faria tantos  
35 tecidos, que ele não precisaria mais comprar vela alguma para os seus navios!

---

<sup>1</sup> *Roussette, Brunette e Blondine*: literalmente, Ruivinha, Moreninha e Loirinha. A fim de não remeter a termos pejorativos, preferiu-se buscar nomes etimologicamente relacionados às referidas cores de cabelo.

1 — Quanto a mim — disse Morena. — Se a fortuna me fosse favorável o bastante  
2 e me fizesse desposar o irmão do rei, eu pegaria minha agulha e faria tantas rendas que  
3 ele veria seu palácio cheio delas!

4 — Se o rei casasse comigo — emendou Loira. — Depois de nove meses eu daria à  
5 luz dois belos meninos e uma bela menina! Seus cabelos teriam grandes cachos e deles  
6 brotariam pedras preciosas; teriam uma estrela brilhante na testa e uma elegante  
7 corrente de ouro ao redor do pescoço!

8 Um dos favoritos do rei, que se adiantara para avisar a anfitriã de sua vinda,  
9 tendo escutado vozes no jardim, dirigiu-se até lá e, sem fazer ruído algum, ouviu a  
10 surpreendente conversa dessas três belas meninas. Depois, não tardou a relatar ao rei o  
11 que havia escutado, o que serviu para deixá-lo bastante feliz; ele sorriu e ordenou que  
12 elas fossem conduzidas à sua presença.

13 E não demorou para que elas se apresentassem, com postura e graciosidade  
14 maravilhosas. Cumprimentaram o rei com muito respeito e modéstia, e quando ele  
15 perguntou se era verdade o que tinham acabado de afirmar sobre os esposos que  
16 desejavam, elas coraram e baixaram os olhos. Ele as exortou a confessar, ao que elas  
17 anuíram. Em seguida, o rei exclamou:

18 — Não sei que poder está agindo sobre mim, mas certamente não sairei daqui  
19 sem ter me casado com a bela Loira!

20 — Senhor — disse o irmão do rei. — Demando a vossa permissão para me casar  
21 com essa bela morena!

22 — Concedei-me a mesma graça — acrescentou o almirante. — Pois a ruiva me  
23 agrada infinitamente!

24 O rei, satisfeito por ter sido imitado pelos maioraes de seu reino, disse-lhes que  
25 aprovava suas escolhas. Depois, perguntou à mãe das moças se ela estava de acordo, ao  
26 que ela respondeu que essa seria a maior alegria que jamais poderia ter. O rei a abraçou,  
27 bem como o príncipe e o almirante.

28 O rei se aprontou para jantar; uma mesa com sete estojos de ouro desceu pela  
29 chaminé, bem como todas as iguarias necessárias para uma boa refeição, tudo o que se  
30 possa imaginar. O rei, contudo, hesitou em comer, pois temia que fossem viandas de  
31 algum sabá; ademais, esse modo de servir, pela chaminé, pareceu-lhe um tanto suspeito.

32 Os utensílios foram arranjados, só se via vasilhames e potes de ouro, cujos  
33 entalhes ultrapassavam o requinte do material. Ao mesmo tempo, um enxame de  
34 moscas do mel apareceu em colmeias de cristal, e começou a tocar a música mais  
35 encantadora que se podia imaginar. Toda a sala foi tomada por vespões, moscas, vespas,  
36 mosquitos e outros insetinhos dessa natureza, que serviam ao rei com habilidade  
37 sobrenatural. Três ou quatro mil insetos ofereceram-lhe de beber, e nenhum deles caiu  
38 nas taças de vinho, pois demonstravam moderação e disciplina surpreendentes. A

1 princesa e suas filhas chegaram à conclusão de que tudo o que estava acontecendo só  
2 podia ser atribuído à velhinha; naquele instante, elas bendisseram a hora em que a  
3 conheceram.

4 A refeição foi tão longa que durou até ao anoitecer, o que surpreendeu a todos os  
5 que estavam à mesa, deixando o rei um pouco envergonhado (pois parecia que Baco  
6 havia tomado o lugar do Cupido nesse casamento). Sua Majestade levantou-se e disse:

7 — Terminemos a festa por onde ela deveria ter começado!

8 Dizendo isso, tirou seu anel do dedo e colocou-o no dedo de Loira. O príncipe e  
9 o almirante o imitaram. As abelhas redobram seu canto. Houve dança e alegria, e  
10 todos aqueles que seguiam o rei foram saudar a rainha e a princesa. Quanto à esposa do  
11 almirante, não houve tantas cerimônias em sua homenagem, o que serviu para deixá-la  
12 irritada, pois era mais velha que Morena e Loira, mas não estava tão bem casada quanto  
13 elas.

14 O rei enviou seu grande escudeiro para informar à rainha, sua mãe, o que havia  
15 se passado, e para que lhe enviasse suas mais magníficas carruagens a fim de conduzir a  
16 rainha Loira e suas duas irmãs ao reino. Acontece que a rainha-mãe era a mais cruel de  
17 todas as mulheres, e também a mais petulante. Quando ela soube que seu filho havia se  
18 casado sem a sua participação, ainda por cima com uma moça de uma estirpe tão  
19 obscura, e que o príncipe havia feito o mesmo, ficou tão irritada que assustou toda a  
20 corte. Ela perguntou ao grande escudeiro que razão poderia ter induzido o rei a realizar  
21 um casamento tão indigno desses, e ele respondeu que era a esperança de ter dois  
22 meninos e uma menina em um prazo de nove meses; eles nasceriam com cabelos longos  
23 e encaracolados, estrelas na cabeça e uma corrente de ouro ao redor do pescoço, e que  
24 essas excentricidades o deixaram encantado. A rainha mãe sorriu com desdém para a  
25 credulidade do filho e disse muitas coisas ofensivas, expressando o seu furor.

26 Quando as carruagens chegaram ao casebre, o rei convidou sua sogra a segui-lo,  
27 prometendo-lhe que ela seria recebida com toda sorte de distinções. Ela, porém,  
28 considerava a corte um mar sempre agitado.

29 — Senhor — disse-lhe ela. — Tenho demasiada experiência das coisas do mundo  
30 para querer deixar o repouso que conquistei a duras penas.

31 — O quê? — replicou o rei. — Desejais continuar com a hotelaria?

32 — Não — disse ela. — Qualquer provento advindo da vossa parte será o  
33 suficiente para minha subsistência.

34 — Sendo assim, aceitai ao menos a companhia de uma comitiva e de alguns  
35 oficiais — ele emendou.

36 — Agradeço-vos por isso — disse ela. — Quando estou sozinha, não tenho  
37 inimigos para me atormentar; porém, eu temeria encontrá-los entre os servos que  
38 estariam ao meu redor.

1 O rei admirou a inteligência e a moderação daquela mulher, que pensava e falava  
2 como uma filósofa.

3 Enquanto o rei insistia que sua sogra viesse com ele, a almirante Ruiva pegou  
4 todas as belas bacias e vasos de ouro e os escondeu no fundo de sua carruagem, pois  
5 queria tirar proveito de tudo. A fada, porém, embora estivesse invisível, mantinha-se em  
6 total observância, e logo tratou de transformar o ouro em barro. Quando a almirante  
7 chegou ao palácio e procurou os potes para levá-los ao seu gabinete, não encontrou mais  
8 nada que valesse a pena.

9 O rei e a nova rainha abraçaram ternamente a sábia princesa, assegurando-lhe de  
10 que ela poderia dispor de qualquer coisa que fosse da sua vontade. Eles deixaram a  
11 pousada campestre e chegaram à cidade ao som de trombetas, oboés, címbalos e  
12 tambores, que podiam ser ouvidos de bem longe. Os confidentes da rainha-mãe  
13 aconselharam-na a esconder seu mau humor, pois o rei se sentiria ofendido e isso  
14 poderia resultar em más consequências. Por isso, ela se conteve e começou a demonstrar  
15 uma amizade fingida às suas duas noras, presenteando-lhes com jóias e elogiando tudo o  
16 que faziam, fosse bom ou ruim.

17 A rainha Loira e a princesa Morena eram muito unidas; a almirante Ruiva, por  
18 sua vez, tinha um ódio mortal por elas:

19 — Vejam só a boa sorte de minhas duas irmãs — ela dizia. — Uma é rainha e a  
20 outra uma princesa de sangue, ambas adoradas por seus maridos. Quanto a mim, que  
21 sou a mais velha, que me considero cem vezes mais bonita do que elas, tenho apenas um  
22 almirante por marido, e não sou tão amada quanto deveria ser!

23 O ciúme que sentia de suas irmãs fez com que ela se tornasse partidária da  
24 rainha-mãe; pois era de conhecimento geral que a ternura que ela demonstrava às suas  
25 noras era apenas um fingimento, e que ansiava por encontrar uma oportunidade de  
26 fazer-lhes mal.

27 A rainha e a princesa engravidaram e, para seu infortúnio, uma grande guerra foi  
28 proclamada, fazendo-se necessário que o rei partisse para liderar seu exército. A jovem  
29 rainha e a princesa se viram obrigadas a permanecer sob o poder da rainha-mãe. Antes,  
30 porém, elas solicitaram permissão para retornar ao casebre em que haviam morado,  
31 onde encontrariam algum consolo durante uma ausência tão cruel. Mas o rei não pôde  
32 consentir, e implorou à sua esposa que permanecesse no palácio, garantindo-lhe que sua  
33 mãe cuidaria bem das duas. De fato, ele suplicou até a última instância para que a  
34 rainha, sua mãe, amasse e cuidasse de sua nora; ademais, como esperava o nascimento  
35 de três belas crianças, aguardaria notícias com grande ansiedade. Por fim, acrescentou  
36 que essa seria a melhor maneira que ela teria de demonstrar-lhe todo seu afeto. A  
37 malvada rainha, contente com a missão que seu filho lhe confiava, prometeu que faria

1 de tudo para conservá-la bem e assegurou-lhe que poderia partir com total  
2 tranquilidade.

3 E assim ele partiu. Seu desejo de voltar logo era tão forte que ele colocou suas  
4 tropas em risco em todos os combates; porém, com coragem e boa ventura, ele sempre  
5 obtinha sucesso em seus afazeres.

6 A rainha deu à luz antes de seu retorno. Naquele mesmo dia, a princesa, sua  
7 irmã, teve um lindo menino; infelizmente, a jovem mãe acabou morrendo logo após o  
8 parto.

9 A almirante Ruiva, por sua vez, estava muito ocupada planejando meios de  
10 prejudicar a jovem rainha. Quando viu seus lindos filhos, sua fúria aumentou, pois ela  
11 mesma não tinha nenhum. Sendo assim, logo foi à presença da rainha-mãe, pois não  
12 havia tempo a perder:

13 — Madame — disse ela. — Sinto-me tão comovida pela honra que Vossa  
14 Majestade me concedeu ao acolher-me em vossas boas graças, que de bom grado me  
15 despojo de meus próprios interesses a fim de preservar os vossos. Estou a par de todos  
16 os desgostos a que fostes submetida desde os indignos casamentos do rei e do príncipe.  
17 Eis que essas quatro crianças eternizarão o erro cometido por seus pais! Nossa pobre  
18 mãe é uma pobre aldeã que não tinha sequer um pão para comer até se tornar  
19 cozinheira. Credes em mim, madame, deveríamos cozinhar todos esses pirralhos  
20 também, para tirá-los do mundo antes que eles vos causem vergonha.

21 — Ah, minha querida almirante! — disse a rainha, abraçando-a. — Eu te amo  
22 por seres tão compassiva a ponto de partilhares comigo de meus justos desprazeres! Eu  
23 já estava decidida a executar o que me propuseste, só faltava pensar em uma maneira de  
24 fazê-lo.

25 — Pois então não vos desgasteis mais! — replicou a Ruiva. — Minha  
26 cachorrinha<sup>2</sup> teve dois cãezinhos e uma cadelinha; cada um tem uma estrela na testa e  
27 uma marca ao redor do pescoço, que parece uma espécie de corrente. Façamos a rainha  
28 acreditar que deu à luz esses animaizinhos, e levemos os dois meninos, a menina e o  
29 filho da princesa para serem mortos.

30 — Teu plano é infinitamente satisfatório! — ela exclamou. — Darei ordens a  
31 Fingida<sup>3</sup>, a dama de honra da rainha Loira, para que nos traga os cachorrinhos.

32 — Eles estão aqui, eu os trouxe comigo! — disse a almirante.

33 Em seguida, abriu a grande bolsa que sempre carregava consigo e tirou de lá os  
34 três cãezinhos. Ela e a rainha trataram de envolvê-los em uma manta, tal como estavam  
35 os filhos da rainha, e depois os enfeitaram com rendas e tecidos em brocado de ouro.

---

<sup>2</sup> *Ma doguine.*

<sup>3</sup> *Feintise.*

1 Uma vez arranjados em uma cesta coberta, a malvada rainha-mãe dirigiu-se aos  
2 aposentos da jovem rainha, seguida pela Ruiva.

3 — Venho agradecer-vos — disse ela. — Pelos belos herdeiros que destes ao meu  
4 filho! Suas cabeças são perfeitas para portar uma coroa. Não me surpreende terdes  
5 prometido a vosso marido dois filhos e uma filha com estrelas na testa, cabelos  
6 compridos e correntes de ouro no pescoço. Tomai-os e alimentai-os, pois não há outra  
7 mulher capaz de dar de mamar a cachorros!

8 A pobre rainha, que se encontrava fraca pelo parto recente, pensou que morreria  
9 de dor quando avistou esses três cachorros bobos, os quais começaram a fazer uma  
10 verdadeira cachorrada<sup>4</sup> em sua cama, latindo desesperadamente. Cheia de amargura, ela  
11 começou a chorar. Com as mãos postas, disse à sua sogra:

12 — Ai de mim, madame! Não acrescenteis mais sofrimento à minha aflição, pois  
13 decerto ela já é a maior de todas! Eu teria sido mais feliz se os deuses tivessem me  
14 permitido morrer antes de ter recebido a afronta de tornar-me mãe desses monstros!  
15 Céus, o que farei? O rei vai me odiar tanto quanto me amou!

16 Suspiros e soluços sufocaram sua voz e ela não teve forças para falar. Antes de ir  
17 embora, a rainha-mãe teve o prazer de continuar a insultá-la por mais três horas à  
18 cabeceira de sua cama. Sua irmã, fingindo partilhar de seu desgosto, disse-lhe que ela  
19 não era a primeira a ser acometida por tal infortúnio, e que estava certa de que esse era  
20 um truque daquela velha fada que um dia lhes prometera tantas maravilhas. Por fim,  
21 disse que ela correria perigo se o rei a visse, e aconselhou-a a exilar-se na casa de sua  
22 pobre mãe com seus três filhotes de cachorro. A rainha, por sua vez, só respondia com  
23 lágrimas. Era preciso ter um coração bem duro para não se comover com estado a que  
24 ela fora reduzida. Enfim, ela deu de mamar aos feiosos cãezinhos, acreditando ser a mãe  
25 deles.

26 A rainha-mãe ordenou a Fingida que pegasse os filhos da rainha Loira e o filho  
27 da princesa, os estrangulasse e os enterrasse muito bem, para que ninguém jamais  
28 descobrisse o que havia acontecido. Porém, quando ela estava prestes a cumprir essa  
29 ordem, segurando a corda que os enforcaria, lançou os olhos sobre eles e contemplou  
30 sua maravilhosa beleza. Viu que eles eram dotados de traços extraordinários, a começar  
31 pelas estrelas que brilhavam em suas testas. Por fim, ela não ousou manchar suas mãos  
32 criminosas em tão augusto sangue. Mandou que trouxessem uma canoa até a praia e  
33 colocou as quatro crianças dentro de um mesmo berço, bem como algumas correntes de  
34 jóias; assim, se a fortuna as conduzisse às mãos de uma pessoa caridosa o suficiente para  
35 querer criá-las, ela teria algum recurso para isso.

---

<sup>4</sup> *Doguinerie* (neologismo).

1 Impulsionada por um vento forte, a canoa afastou-se rapidamente da costa,  
2 fazendo Fingida perdê-la de vista. Contudo, o mar começou a se agitar no instante  
3 seguinte; o sol se escondeu, as nuvens se encharcaram e mil trovões retumbaram por  
4 toda parte. A dama de honra não teve dúvidas de que a pequena canoa haveria de  
5 submergir, e alegrou-se com a ideia desses pobres inocentes terem perecido, pois temia  
6 que algum evento extraordinário ocorresse em seu favor.

7 O rei, que pensava incessantemente em sua querida esposa e no estado em que a  
8 deixara, tendo conquistado uma curta trégua, retornou ao seu posto; ele chegou doze  
9 horas após ela ter dado à luz. Ao tomar conhecimento de seu regresso, a rainha-mãe foi  
10 ao encontro do filho com um ar de extrema dor: segurou-o firmemente em seus braços  
11 por um longo tempo, molhando seu rosto com lágrimas, parecendo que sua dor a  
12 impedia de falar. Tremendo, o rei não ousou perguntar o que havia acontecido, pois não  
13 duvidava que havia ocorrido algum grande infortúnio. Finalmente, ela fingiu grande  
14 esforço para contar-lhe que sua esposa havia dado à luz três cães, os quais lhe foram  
15 prontamente apresentados por Fingida. Lançando-se aos pés do rei, seu filho, chorando,  
16 implorou-lhe que não matasse a rainha, mas que apenas a mandasse de volta para sua  
17 mãe, o que ela já estava disposta a fazer; ademais, disse-lhe que a jovem rainha haveria  
18 de receber essa benevolência como uma grande graça.

19 O rei estava tão perturbado que mal conseguia respirar. Ele olhou para os  
20 cachorrinhos e surpreendeu-se ao notar a estrela que eles tinham no meio da testa e a  
21 marca colorida ao redor de seus pescoços. Tombando em uma poltrona, sua mente foi  
22 ocupada por mil pensamentos; não sabia que decisão tomar. De tanto insistir, a rainha-  
23 mãe acabou por convencê-lo a declarar o exílio da rainha inocente. Imediatamente,  
24 colocaram-na em uma liteira com seus três cachorros, e, sem nenhuma demonstração  
25 de cuidado, conduziram-na à casa de sua mãe, onde ela chegou quase morta.

26 Os deuses olharam com piedade para a canoa onde os três príncipes e a princesa  
27 foram colocados. Em vez de chuva, a fada que os protegia fez cair leite em suas  
28 boquinhas, e eles não sofreram com a espantosa tempestade que se levantou tão  
29 rapidamente. Enfim, eles navegaram por sete dias e sete noites. Um dia, quando estavam  
30 em mar aberto, cujas águas eram tão tranquilas quanto as de um canal, eles foram  
31 encontrados por um navio corsário. O capitão avistou a canoa à distância, atingido pelo  
32 brilho das estrelas que as crianças levavam à testa. Convencido de que a embarcação  
33 estava cheia de pedras preciosas, aproximou-se dela. De fato, bem que encontrou  
34 algumas; porém, o que mais chamou sua atenção foi a beleza daquelas quatro crianças  
35 maravilhosas. O desejo de criá-las fez com que ele voltasse para casa e os entregasse à  
36 sua esposa, que não tinha filho nenhum e há muito tempo ansiava por isso.

37 Ela ficou muito preocupada ao vê-lo retornar tão depressa, pois havia saído para  
38 uma longa viagem. Porém, assim que ele colocou aqueles tesouros tão impressionantes

1 em suas mãos, uma alegria imensa a sobreveio. Juntos, os dois admiraram a maravilha  
2 das estrelas, a corrente de ouro (que não podia ser removida de seus pescoços) e seus  
3 longos cabelos. Quando a mulher os penteou, algo extraordinário aconteceu: pérolas,  
4 rubis, diamantes e esmeraldas perfeitas, de diferentes tamanhos, caíram aos montes. Ela  
5 correu para relatar o ocorrido ao seu esposo, que não ficou menos surpreso do que ela.

6 — Estou muito cansado do ofício de corsário — disse-lhe ele. — Se os cabelos  
7 dessas criancinhas continuarem a nos fornecer tesouros, não precisarei mais percorrer  
8 os mares, e meus bens serão tão consideráveis quanto os de nossos maiores capitães!

9 A esposa do corsário, cujo nome era Corsine<sup>5</sup>, ficou encantada com a decisão de  
10 seu marido, o que a fez amar ainda mais seus quatro filhos. Ela chamou a princesa de  
11 Bela-Estrela<sup>6</sup>, seu irmão mais velho de Solzinho<sup>7</sup>, e o mais novo de Feliz<sup>8</sup>. Quanto ao  
12 filho da princesa, deu-lhe o nome de Querido<sup>9</sup>; ele era tão forte e tão mais bonito que os  
13 outros dois meninos que, mesmo não tendo nem estrela e nem corrente, Corsine o  
14 amava mais do que aos outros.

15 Como ela não podia criá-los sem a ajuda de alguma nutriz, pediu ao seu marido,  
16 que adorava caçar, que lhe trouxesse alguns veadinhos. Ele os encontrou facilmente,  
17 pois a floresta onde viviam era bem espaçosa. Corsine expôs os filhotes ao vento, o que  
18 serviu para atrair umas corças, que vieram correndo para dar-lhes de mamar. Depois,  
19 Corsine os escondeu e colocou as crianças em seu lugar; elas se deliciaram com o leite de  
20 corça. Todos os dias, duas vezes ao dia, quatro delas vinham à casa de Corsine para  
21 amamentar os príncipes e a princesa, pois elas acabaram por tomá-los como seus  
22 filhotes.

23 E foi assim que os príncipes passaram sua tenra infância. O corsário e sua esposa  
24 amavam-nos apaixonadamente e dedicavam-lhes todos os seus cuidados. Cabe dizer que  
25 esse homem havia sido muito bem educado; não fôra tanto por sua inclinação, mas sim  
26 pela bizarrice de sua fortuna que ele acabara se tornando um corsário. Conhecera  
27 Corsine na casa de uma princesa, onde seu intelecto fôra propriamente cultivado.  
28 Mesmo morando em uma espécie de deserto, onde só subsistiam dos recursos que ele  
29 adquiria em seus assaltos, Corsine sabia como se portar e não havia se esquecido dos  
30 perigos do mundo. Portanto, sentiram imensa alegria quando puderam abdicar de todos  
31 os riscos a que estavam expostos devido ao ofício de corsário. Em pouco tempo,  
32 tornaram-se ricos o suficiente para não depender mais disso. De três em três dias, jóias  
33 consideráveis caíam dos cabelos da princesa e de seus irmãos, como eu havia dito;

---

<sup>5</sup> Corsine.

<sup>6</sup> Belle-Étoile.

<sup>7</sup> Petit-Soleil.

<sup>8</sup> Heureux.

<sup>9</sup> Chéri.



1 Corsine as vendia na cidade mais próxima, e sempre voltava com milhares de agradados  
2 para seus quatro pirralhos.

3 Quando eles saíram da primeira infância, o corsário dedicou-se com seriedade ao  
4 cultivo dos belos dons naturais com que o céu lhes dotara. E como não tinha dúvidas de  
5 que havia grandes mistérios envolvidos na história de seu nascimento e de seu oportuno  
6 encontro, decidiu que os educaria propriamente como forma de fazer jus a esse presente  
7 dos deuses. Assim, depois de tornar sua casa mais confortável, começou a se acercar de  
8 pessoas de mérito, as quais ensinaram várias ciências aos seus filhos, que a tudo  
9 aprenderam com uma facilidade que surpreendeu mesmo os grandes mestres.

10 O corsário e sua mulher decidiram não contar a ninguém sobre a aventura  
11 envolvendo seus quatro filhos, que cresceram sendo considerados seus, ainda que todas  
12 as suas ações indicassem um sangue mais ilustre. Havia grande união entre eles;  
13 tratavam-se com naturalidade e polidez. O príncipe Querido, porém, nutria sentimentos  
14 mais intensos e vívidos pela princesa Bela-Estrela do que os outros dois. Sempre que ela  
15 desejava algo, ele fazia o impossível para satisfazê-la. Raramente saía de perto dela:  
16 quando ela ia caçar, ele a acompanhava, quando não ia, ele sempre encontrava uma  
17 desculpa para não sair. Solzinho e Feliz, que de fato eram seus irmãos, tratavam-na com  
18 menos ternura e atenção; ela notava essa diferença e retribuía os cuidados de Querido,  
19 pois também o amava mais do que aos outros. À medida em que cresciam, a ternura  
20 mútua só aumentava. De início, tudo era diversão.

21 — Meu querido irmão — dizia Bela-Estrela. — Se os meus votos pela vossa  
22 felicidade se realizarem, sereis um dos maiores reis da Terra!

23 — Ora, minha irmã! — ele replicou. — Nada se compara à felicidade que sinto  
24 quando estou junto a vós! Prefiro passar uma hora convosco em vez de ocupar tais  
25 postos elevados!

26 Quando ela dizia o mesmo a seus irmãos, eles respondiam com naturalidade que  
27 ficariam contentes se esses votos se realizassem. Para testá-los ainda mais, ela  
28 acrescentou:

29 — Sim, eu gostaria que ocupásseis o maior trono do mundo, ainda que para isso  
30 eu nunca mais vos veja.

31 Ao que eles responderam imediatamente:

32 — Tendes razão, minha irmã, esse desejo é ainda melhor.

33 — Então consentiríeis em nunca mais me ver? — ela emendou.

34 — Sem dúvida — disseram eles. — Bastaria ouvirmos notícias vossas de vez em  
35 quando.

36 Sozinha, ela refletiu sobre essas diferentes formas de amar, e percebeu que seu  
37 coração nutria o mesmo sentimento por eles. Afinal, embora Solzinho e Feliz fossem de  
38 sua grande estima, ela não sonhava em passar a vida inteira com eles. Porém, quando se

1 tratava de Querido, ela chorava só de pensar que um dia seu pai poderia enviá-lo para  
2 navegar os mares ou então mandá-lo para o exército. E era assim que o amor,  
3 mascarado por uma espécie de naturalidade excepcional, ia se estabelecendo nesses  
4 jovens corações.

5 Aos catorze anos de idade, Bela-Estrela começou a se censurar pela injustiça que  
6 pensava estar fazendo aos seus irmãos por não amá-los igualmente. Ela achava que os  
7 cuidados e carinhos de Querido eram a causa, portanto proibiu-o de agir de modo mais  
8 lisonjeiro que os demais:

9 — Sempre encontrastes maneiras de me demonstrar vossa amabilidade — ela  
10 disse carinhosamente. — E assim conseguistes me fazer criar uma grande diferença  
11 entre vós e eles.

12 Que alegria ele sentiu ao ouvi-la falar daquela maneira! Em vez de diminuir seu  
13 afeto, esse discurso acabou por aumentá-lo; todo dia ele lhe fazia uma nova galanteria.

14 Eles ainda não sabiam até onde ia sua ternura e desconheciam a espécie daquele  
15 sentimento. Um dia, porém, trouxeram para Bela-Estrela vários livros novos; ela pegou  
16 o primeiro que lhe veio à mão. Era a história de dois jovens amantes, cuja paixão havia  
17 começado quando ainda acreditavam ser irmãos. Depois de penarem com infinitas  
18 tristezas, eles foram reconhecidos por seus diferentes pais e enfim se casaram. Como  
19 Querido lia perfeitamente bem, a tudo compreendia e era um excelente orador, pediu a  
20 Bela-Estrela a gentileza de poder ler para ela enquanto ela terminava um trabalho de  
21 estofado que desejava finalizar.

22 Ao ler essa aventura, sentiu uma grande inquietude ao identificar ali uma  
23 representação ingênua de todos os seus sentimentos. Bela-Estrela não ficou menos  
24 surpresa; parecia que a autora havia lido tudo o que se passava em sua alma. Quanto  
25 mais Querido lia, mais ele se comovia; quanto mais a princesa o escutava, mais se sentia  
26 tocada. Malgrado qualquer esforço que ela pudesse fazer, seus olhos se enchiam de  
27 lágrimas e seu rosto ficava coberto por elas. Querido, por sua vez, tentava se conter a  
28 todo custo, mas era inútil: ficava pálido, sua cor e sua voz mudavam. Enfim, ambos  
29 sofreram tudo o que se podia sofrer.

30 — Ah, minha irmã! — ele exclamou, olhando para ela com tristeza, deixando o  
31 livro cair. — Ah, minha irmã, como Hipólito ficou feliz por não ser irmão de Julie!

32 — Não teremos tal satisfação — ela respondeu. — Infelizmente, nossa sorte não é  
33 a mesma!

34 Quando terminou de pronunciar essas palavras, logo ela percebeu que havia  
35 falado demais e resolveu se calar. O príncipe se confortou ao ouvir essa declaração e  
36 com o estado em que ela se encontrava. Desse momento em diante, ambos caíram em  
37 profunda tristeza, sem maiores explicações. Eles reconheciam ao menos uma parte do  
38 que estava acontecendo em suas almas e consentiram em esconder de todo mundo o

1 segredo que eles mesmos gostariam de ignorar, e sobre o qual não falavam. No entanto,  
2 como não poderia deixar de ser, a princesa naturalmente percebeu que apenas Querido  
3 não tinha nenhuma estrela na testa e nem corrente de ouro ao redor do pescoço; o que  
4 ele tinha de comum em relação aos seus primos era o cabelo comprido e o dom de  
5 espalhar jóias quando penteado.

6 Certa vez, os três príncipes saíram para caçar e Bela-Estrela resolveu trancar-se  
7 no pequeno gabinete que tanto amava, isso porque ele era escuro e ali ela podia sonhar  
8 mais livremente do que em qualquer outro lugar. Ela não fazia ruído algum, pois esse  
9 gabinete era separado do quarto de Corsine apenas por uma divisória. Foi quando a  
10 princesa escutou uma conversa entre o corsário e sua mulher, pois esta acreditava que  
11 ela tinha saído para caminhar:

12 — Eis que Bela-Estrela está em idade de se casar. Se soubéssemos de sua origem,  
13 tentaríamos estabelecê-la de maneira condizente à sua estirpe. Ademais, se pudéssemos  
14 confirmar que aqueles que passam por seus irmãos não o são, nós lhe daríamos um.  
15 Afinal, onde poderíamos encontrar alguém tão perfeito quanto eles?

16 — Quando os encontrei — disse o corsário. — Não vi nada que pudesse indicar  
17 algo sobre seu nascimento. As jóias que estavam amarradas ao berço apenas faziam  
18 saber que essas crianças deviam pertencer a pessoas ricas. Seria algo muito esquisito se  
19 todas fossem gêmeas, pois mesmo que pareçam ter a mesma idade, e não é nada comum  
20 que haja quatro delas.

21 — Eu suspeito que Querido não seja irmão deles — afirmou Corsine. — Ele não  
22 tem nem a estrela e nem a corrente ao redor do pescoço.

23 — É verdade — respondeu seu marido. — Mas os diamantes caem de seus  
24 cabelos assim como caem dos outros. Enfim, depois de toda a riqueza que acumulamos  
25 por intermédio dessas amáveis crianças, não há nada mais a desejar a não ser descobrir  
26 sua origem.

27 — Devemos deixar os deuses agirem — disse Corsine. — Eles os deram a nós, e  
28 não há dúvida de que eles mesmos desvelarão o que nos está oculto quando chegar a  
29 hora.

30 Bela-Estrela escutou essa conversa atentamente. Seria difícil exprimir a alegria  
31 que ela sentiu por poder ter a esperança de pertencer a alguma linhagem ilustre, afinal,  
32 embora jamais tenha faltado com o respeito àqueles de quem pensava ter nascido,  
33 sempre demonstrou certo incômodo com o fato de ser filha de um corsário. Porém, o  
34 que mais agradou sua imaginação foi cogitar que Querido talvez não fosse seu irmão.  
35 Ficou ansiosa para informá-lo e para contar a todos sobre a extraordinária aventura de  
36 suas vidas.

37 Ela montou em um cavalo cor de camurça, cuja crina escura estava guarnecida  
38 de anéis de diamante, pois bastava que Bela-Estrela se penteasse apenas uma vez para

1 que uma comitiva inteira se enfeitasse de jóias. Sua capa de veludo verde estava repleta  
2 de diamantes e bordada com rubis. Enfim, ela montou rapidamente em seu cavalo e  
3 adentrou a floresta em busca de seus irmãos. O som das cornetas e dos cães fez com que  
4 ela descobrisse onde eles estavam, e os alcançou num só momento. Ao vê-la, Querido se  
5 adiantou para recebê-la antes dos demais:

6 — Que agradável surpresa! — ele exclamou. — Bela-Estrela, finalmente viestes à  
7 caça! Enfim vos distraireis por um momento dos prazeres que o aprendizado da música  
8 e das ciências vos proporciona!

9 — Tenho tantas coisas para vos contar! — ela respondeu. — Gostaria de  
10 compartilhar algumas coisas convosco, por isso vim até vós.

11 — Ora, minha irmã — disse ele, suspirando. — O que tendes para nos dizer  
12 hoje? Parece-me que já faz muito tempo desde a última vez em que nos encontramos.

13 Ela corou, depois baixou os olhos; cabisbaixa e pensativa, ela permaneceu sobre  
14 seu cavalo por alguns instantes, sem nada responder. Em seguida, seus dois irmãos  
15 chegaram; ao vê-los, ela despertou como de um sono profundo e desceu ao chão para  
16 caminhar. Todos a seguiram até o meio de uma pequena clareira sombreada por  
17 árvores.

18 — Fiquemos aqui — disse ela. — Escutai o que acabei de ouvir!

19 E então ela recontou exatamente o que o corsário havia dito à sua esposa,  
20 revelando que eles não eram seus filhos. Não se pode descrever a surpresa dos três  
21 príncipes! Eles logo começaram a discutir o que deveriam fazer. Um queria partir sem  
22 dizer nada, o outro não queria partir de maneira nenhuma, enquanto o terceiro só  
23 queria partir depois de avisá-los. O primeiro sustentou que sua sugestão era a mais  
24 segura, porque os ganhos que os dois obtinham em mantê-los por perto faria com que  
25 eles tentassem retê-los. O outro respondeu que só seria oportuno deixá-los se alguém  
26 tivesse conhecimento de algum lugar fixo para onde pudessem ir, pois, na atual  
27 conjuntura, eles se tornariam errantes no mundo, algo que não lhe parecia nada  
28 agradável. O último, por sua vez, afirmou que eles estariam agindo com ingratidão se os  
29 abandonassem sem seu consentimento, e que era uma estupidez estarem perdendo  
30 tempo ali, no meio de uma floresta, em vez de irem logo descobrir sua origem. Por fim,  
31 alegou que o melhor a se fazer era ir falar com eles e fazê-los consentir com sua partida.  
32 Todos concordaram com essa sugestão, montaram em seus cavalos e foram ao encontro  
33 de Corsine e do corsário.

34 O coração de Querido estava tomado por todas as agradáveis esperanças que  
35 poderiam consolar a aflição de um homem apaixonado. Seu amor o levou a vislumbrar a  
36 possibilidade de alguns acontecimentos futuros: não sendo irmão de Bela-Estrela, sua  
37 constrangedora paixão estaria liberta, o que lhe permitiria levar adiante as ternas ideias  
38 que tanto o encantavam.

1 Com um semblante misto de alegria e inquietude, eles juntaram Corsine e o  
2 corsário.

3 — Não viemos para vos negar a amizade, o reconhecimento e o respeito que  
4 devemos a vós — disse Solzinho, que estava com a palavra. — Embora saibamos que nos  
5 encontrastes no mar e que não sois nosso pai nem nossa mãe, a piedade com que nos  
6 salvastes, a nobre educação que nos destes e o cuidado e a bondade que nos  
7 demonstrastes são compromissos tão irrevogáveis que nada no mundo poderia nos  
8 libertar de vossa dependência. Viemos, portanto, para reafirmar nossos sinceros  
9 agradecimentos a vós, para suplicar que nos relateis o que se passou na ocasião desse  
10 raro acontecimento e para nos aconselhar, a fim de que, guiados por vossos sábios  
11 ensinamentos, não tenhamos nada o que temer.

12 Corsine e o corsário ficaram bem surpresos quando souberam que eles haviam  
13 descoberto algo que tentaram esconder com tanto cuidado.

14 — Fostes muito bem informados — eles disseram. — E já não podemos esconder  
15 que, de fato, não sois nossos filhos, e que tão somente a fortuna foi a responsável por vos  
16 fazer cair em nossas mãos. Não temos luz alguma sobre vosso nascimento, mas as jóias  
17 que estavam em vosso berço podem indicar que vossos pais eram grandes senhores ou  
18 pessoas muito ricas. Ademais, que conselhos poderíamos dar? Se levardes em conta a  
19 amizade que temos por vós, não há dúvidas de que permaneceréis conosco, consolando  
20 nossa velhice com vossa amável companhia. Se o castelo que aqui edificamos não for do  
21 vosso agrado, ou se não estiverdes satisfeitos com este lugar isolado, iremos para onde  
22 desejardes, desde que não seja para a corte. A longa experiência que tivemos serviu para  
23 nos desagradar; e talvez também partilharíeis desse mesmo sentimento se conhecêsseis a  
24 contínua agitação, os cuidados, os disfarces, as [Fingidas](#), a inveja, as desigualdades, as  
25 verdadeiras maldades e as falsas bondades que ali se encontram. Até diríamos mais, mas  
26 pensaríeis que nossos conselhos são tendenciosos. Eis o nosso interesse, meus filhos:  
27 desejamos manter-vos neste retiro pacífico, embora sejais livres para deixá-lo quando  
28 bem quiserdes. Não vos esqueçais, porém, de considerar que agora vos encontrais em  
29 um porto seguro e que o que há lá fora é um mar tempestuoso, que as tristezas quase  
30 sempre superam os prazeres, que o curso da vida é limitado, que muitas vezes somos  
31 deixados no meio do caminho, que as grandezas do mundo são falsos brilhantes e que  
32 muitos se deslumbram e acabam sucumbindo a estranhas fatalidades. Sabei também que  
33 o mais sólido de todos os bens é saber ser equilibrado, gozar da tranquilidade e fazer-se  
34 sábio.

35 O corsário não teria terminado suas admoestações tão cedo se não tivesse sido  
36 interrompido pelo príncipe Feliz:

37 — Meu querido pai — disse ele. — Estamos ansiosos demais para descobrir  
38 qualquer coisa sobre nosso nascimento, de modo que não podemos continuar

1 enterrados nas entranhas de um deserto. A moral que nos ensinastes é excelente e eu  
2 gostaria que pudéssemos segui-la, mas não sei o que o destino nos reserva em outro  
3 lugar. Permitti-nos seguir o curso de nosso destino; voltaremos aqui para vos  
4 reencontrar e prestaremos conta de todas as nossas aventuras.

5 A estas palavras, o corsário e sua esposa começaram a chorar. Os príncipes  
6 ficaram comovidos, especialmente Bela-Estrela, que era de um temperamento  
7 admirável. Ela jamais teria pensado em deixar o deserto se tivesse a certeza de que  
8 Querido também fosse viver para sempre ali, sempre ao seu lado.

9 Tomada a decisão, só lhes restava montar uma tripulação e embarcar. Por terem  
10 sido achados no mar, eles tinham alguma esperança de ali encontrar algumas luzes  
11 daquilo que desejavam saber. Cada um levou seu cavalo para dentro do pequeno navio.  
12 Depois, quase se esfolaram de tanto pentear os cabelos, pois queriam deixar a maior  
13 quantidade possível de jóias para a Corsine. Por fim, pediram-lhe que lhes desse em  
14 troca as correntes de diamantes que foram encontradas no berço. Ela correu para buscá-  
15 las em seu gabinete, onde as guardara cuidadosamente. Em seguida, prendeu-as no  
16 vestido de Bela-Estrela, a quem beijou incessantemente, molhando seu rosto com suas  
17 lágrimas.

18 Jamais se viu uma separação tão triste! O corsário e sua esposa pensaram que  
19 fossem morrer, e sua tristeza não era de forma alguma interesseira, pois haviam  
20 acumulado tantos tesouros que não desejavam mais nenhum.

21 Solzinho, Feliz, Querido e Bela-Estrela embarcaram no navio. Fôra o próprio  
22 corsário que mandara construí-lo: o mastro era de ébano e cedro, as cordas eram de  
23 seda verde mescladas em ouro, as velas eram de um drapeado verde e dourado e as  
24 pinturas eram todas de grande excelência. Quando o navio começou a velejar, até  
25 mesmo Cleópatra com seu Antônio e todas as tropas de Vênus teriam baixado a  
26 bandeira diante dele.

27 A princesa estava assentada sob um requintado pavilhão, em cima da popa; seus  
28 dois irmãos e seu primo estavam perto dela, mais brilhantes que os astros, e suas estrelas  
29 lançavam longos e deslumbrantes raios de luz. Eles resolveram ir ao mesmo lugar onde  
30 o corsário os encontrara, e assim fizeram. Lá, eles se prepararam para fazer um grande  
31 sacrifício aos deuses e às fadas, a fim de obterem proteção, pedindo-lhes que os  
32 conduzisse ao local de seu nascimento. Uma rolinha<sup>10</sup> foi levada para ser imolada, mas a  
33 piedosa princesa, achando-a tão bela, salvou-lhe a vida. E para protegê-la do sacrifício,  
34 deixou-a ir, dizendo:

35 — Vai, passarinho de Vênus, e se um dia eu precisar de ti, não te esqueças do  
36 bem que te fiz!

---

<sup>10</sup> *Tourterelle.*

1 A rolinha voou. Quando o ritual terminou, eles deram início a um concerto tão  
2 encantador, que parecia que toda a natureza havia ficado em silêncio para escutá-los. As  
3 ondas do mar não se agitaram e o vento não bradou; apenas Zéfiro<sup>11</sup> soprou os cabelos  
4 da princesa, fazendo tremular o seu véu. Naquele instante, uma sereia saiu da água; ela  
5 cantava tão bem que Bela-Estrela e seus irmãos ficaram admirados. Depois de entoar  
6 algumas árias<sup>12</sup>, voltou-se para eles e exclamou:

7 — Não vos inquieteis mais; deixai o vosso navio seguir em paz. Descei onde ele  
8 aportar, e os que se amam continuem a se amar.

9 Bela-Estrela e Querido sentiram uma alegria extraordinária quando ouviram as  
10 palavras da sereia, pois não duvidaram que ela se dirigia a eles. Em uma demonstração  
11 de inteligência, seus corações falaram um ao outro sem que Solzinho e o Feliz sequer  
12 notassem.

13 O navio vagava à sorte dos ventos e das ondas, sem que nada de extraordinário  
14 acontecesse. O clima estava sempre lindo e as águas sempre calmas. Eles chegaram a  
15 passar quase três meses inteiros em alto mar, e, durante todo esse tempo, o amoroso  
16 príncipe Querido tratou de manter a princesa bem entretida. Um dia, ele lhe disse:

17 — Encantadora Estrela, tenho a lisonjeira esperança de não ser vosso irmão! Este  
18 coração, que tanto reconhece o vosso poder e que jamais reconhecerá outro, não nasceu  
19 para o crime: seria preciso possuir outro coração para poder amar-vos como se fôsseis  
20 minha irmã! Porém, aquela caridosa sereia surgiu para nos aconselhar, confirmando o  
21 que eu já tinha em mente.

22 — Ah, meu irmão! — ela respondeu. — Não confieis demasiadamente em algo  
23 que ainda é obscuro demais para conseguirmos entender. Qual não seria o nosso destino  
24 se irritássemos os deuses partilhando sentimentos que poderiam desagradá-los? A sereia  
25 não nos deu muitas explicações; seria bom se ela voltasse para esclarecer melhor o que  
26 disse.

27 — Continuais a demonstrar resistência — disse o aflito príncipe. — Mas acredito  
28 que não seja tanto por respeito aos deuses, e sim por aversão a mim!

29 Bela-Estrela não respondeu. Elevando os olhos ao céu, suspirou profundamente,  
30 fazendo-o compreender o que pensava de sua afirmação.

31 Eles estavam na estação em que os dias são longos e quentes; nos fins de tarde, a  
32 princesa e seus irmãos subiam à proa para ver o sol se pôr no seio das ondas. Ela se  
33 assentava, os príncipes iam para junto dela, pegavam seus instrumentos e começavam o  
34 agradável concerto. Até que um dia, conduzido por uma brisa fresca, o navio começou a  
35 navegar mais lentamente enquanto passava por um pequeno promontório, que ocultava  
36 uma parte da cidade mais bonita do mundo. Quando nossos amáveis jovens enfim

---

<sup>11</sup> Vento Oeste da mitologia grega.

<sup>12</sup> Canção, ode, melodia.

1 puderam avistá-la, ficaram admirados: todos os palácios eram de mármore, com as  
2 coberturas douradas, enquanto o restante das casas era de porcelana bem fina. Havia  
3 muitas árvores de folhas verdejantes que se misturavam entre os vários tons de  
4 mármore, ouro e porcelana. Enfim, eles desejaram aportar ali, mas não foi fácil  
5 encontrar um espaço entre os outros navios, cujos mastros pareciam formar uma  
6 floresta flutuante.

7 Quando seus desejos foram satisfeitos, eles desembarcaram. Não demorou para  
8 que a costa ficasse cheia de gente, pois todos queriam contemplar a magnificência do  
9 navio; mesmo aquele que os Argonautas construíram para conquistar o Velocino não  
10 brilhava tanto quanto esse. As estrelas e a beleza dos maravilhosos infantes encantavam  
11 a todos que os viam. O rei não tardou a ser informado sobre essa chegada; como ele não  
12 conseguia acreditar em tudo o que diziam, dirigiu-se rapidamente ao grande terraço de  
13 seu palácio, que ficava de frente para o mar. Foi então que avistou que os príncipes  
14 Solzinho e Querido com a princesa em seus braços, ajudando-a a desembarcar. Depois,  
15 os cavalos foram postos em terra; seus arreios, muito requintados, estavam à altura de  
16 todo o resto. O cavalo de Solzinho era mais escuro que um corvo, o de Feliz era cinza, o  
17 de Querido era branco como a neve, e o da princesa era o de camurça. O rei ficou  
18 admirado ao ver os quatro montados em seus cavalos; os animais marchavam com tanta  
19 intrepidez que até afastavam todos os que tentavam se aproximar.

20 E quando os príncipes ouviram alguém dizer “Ali está o rei!”, eles levantaram os  
21 olhos e o avistaram com um ar de plena majestade. Imediatamente, prestaram-lhe  
22 profunda reverência e prosseguiram docemente, mantendo os olhos fixos nele. De sua  
23 parte, ele ficou tão encantado com a incomparável beleza da princesa quanto com a boa  
24 aparência dos jovens príncipes. Ordenou que seu escudeiro-mor fosse oferecer-lhes sua  
25 proteção e todas as coisas de que pudessem precisar em um país onde eram estrangeiros  
26 (ao menos aparentemente). Os príncipes receberam a honra que o rei lhes concedeu  
27 com grande respeito e gratidão, respondendo-lhe que precisavam apenas de uma casa  
28 onde pudessem permanecer juntos, e que ficariam muito satisfeitos se ela ficasse a uma  
29 ou duas léguas da cidade, pois amavam fazer caminhadas. Prontamente, o escudeiro-  
30 mor concedeu-lhes uma das casas mais magníficas do reino, onde eles puderam se  
31 acomodar com todas as suas bagagens.

32 O rei ficou tão impressionado com as quatro crianças que acabara de ver que  
33 logo em seguida foi ao quarto da rainha, sua mãe, para contar-lhe a respeito das  
34 maravilhosas estrelas que brilhavam em suas testas e tudo o mais que era de se admirar.  
35 Ela ficou totalmente pasma, e perguntou-lhe, sem titubear, quantos anos eles poderiam  
36 ter. O rei respondeu que pareciam ter quinze ou dezesseis anos. Sem dar sinais de sua  
37 preocupação, a rainha sentiu um medo terrível de ter sido traída por Fingida. O rei, por  
38 sua vez, andando de um lado para o outro, disse-lhe:



1           — Quão feliz deve ser o pai que tem filhos tão perfeitos e uma filha tão bela!  
2 Quanto a mim, este infeliz soberano, sou pai de três cães. Que sucessores ilustres os  
3 meus! Minha coroa está bem reservada!

4           A rainha-mãe ouviu essas palavras com uma inquietude mortal. As estrelas  
5 brilhantes e a idade desses estranhos correspondiam às características daqueles príncipes  
6 e de sua irmã. A suspeita de ter sido enganada por Fingida só aumentava; em vez de  
7 matar os filhos do rei, ela os salvou. Como sabia fingir muito bem, a rainha não deixou  
8 transparecer nada do que se passava em sua alma; conteve-se a ponto de adiar a busca  
9 pelas informações que tanto desejava obter. Apenas no dia seguinte ela ordenou que sua  
10 secretária fosse investigar os recém-chegados, sob o pretexto de oferecer seus serviços e  
11 colocar-se às ordens para a comodidade dos quatro. Ela deveria examinar todos os  
12 detalhes e verificar se de fato eles tinham estrelas na testa.

13           A secretária saiu bem cedo e chegou no momento em que a princesa fazia sua  
14 toalete. Naqueles tempos, não se comprava tinturas dos comerciantes; quem era branco  
15 continuava branco, e quem era negro não ficava branco. Assim sendo, a secretária viu  
16 Bela-Estrela totalmente desarrumada: enquanto a penteavam, seus cabelos loiros, mais  
17 finos do que fios de ouro, se desenrolavam em cachos até o chão. Havia muitos cestos ao  
18 redor dela, para que as jóias que caíam de seus cabelos não se perdessem. A estrela em  
19 sua testa lançava um brilho difícil de suportar, e a corrente de ouro ao redor de seu  
20 pescoço não era menos extraordinária que os preciosos diamantes que rolavam do topo  
21 de sua cabeça. A secretária mal conseguiu acreditar no que viu. A princesa escolheu a  
22 maior pérola que tinha deu-lhe de presente, pedindo que a guardasse como lembrança; é  
23 a mesma que os reis da Espanha tanto estimam, chamada *Peregrina*, que significa  
24 *viajante*, porque foi-lhes dada por uma.

25           A secretária, confusa com tão grande liberalidade, despediu-se dela e saudou os  
26 três príncipes, com os quais conversara durante um bom tempo para ser informada de  
27 algumas coisas que desejava saber. Quando voltou à rainha-mãe, relatou-lhe tudo, o que  
28 serviu para confirmar suas suspeitas. Disse-lhe que Querido não tinha nenhuma estrela,  
29 mas que as pedras preciosas também caíam de seus cabelos, tal como ocorria com seus  
30 irmãos; as jóias de Querido pareciam ser melhores que as dos outros. Contou que eles  
31 tinham vindo de longe, que seu pai e sua mãe concederam-lhes um certo tempo para  
32 conhecer países estrangeiros. Esse detalhe deixou a rainha um pouco confusa, fazendo-a  
33 crer que talvez eles não fossem os filhos do rei.

34           Enquanto a rainha pendia entre o medo e a esperança, houve uma ocasião em  
35 que o rei saiu para caçar, o que ele amava fazer. Ao passar pelas cercanias da casa onde  
36 Bela-Estrela e seus irmãos estavam acomodados, o escudeiro-mor, que o acompanhava,  
37 indicou-lhe o lugar.

1 — A rainha me aconselhou a não vê-los — o rei confidenciou. — Pois teme que  
2 eles tenham vindo de algum país contagiado pela peste e que possam nos trazer o ar  
3 pestilento.

4 — De fato, esses jovens estrangeiros são muito perigosos — afirmou o escudeiro-  
5 mor. — Contudo, senhor, eu teria mais medo do seu poderoso olhar do que do ar  
6 pestilento.

7 — De fato, penso como vós — disse o rei.

8 E seguiu com seu cavalo. Ao aproximar-se da casa, escutou instrumentos e vozes;  
9 demorou-se perto de uma grande sala de estar, cujas janelas estavam abertas, e, depois  
10 de ter admirado a doçura da sinfonia, seguiu em frente. O ruído dos cavalos chamou a  
11 atenção dos príncipes; assim que viram o rei, cumprimentaram-no respeitosamente e se  
12 apressaram em recebê-lo. Apresentaram-se com um semblante alegre, demonstraram  
13 grande submissão e prostraram-se diante dele; a princesa beijou-lhe as mãos como se o  
14 reconhecesse como pai. O rei, por sua vez, abraçou-os com força e, sem saber o porquê,  
15 sentiu seu coração comover-se. Pediu-lhes que não deixassem de ir visitar o palácio, pois  
16 gostaria de entretê-los e apresentá-los à sua mãe. Os príncipes agradeceram a honra que  
17 lhes era dada e disseram que certamente iriam cortejá-lo assim que seus trajes e sua  
18 comitiva ficassem prontos. E então o rei saiu para terminar a caçada que havia  
19 começado; em uma demonstração de gentileza, enviou-lhes metade de seus proventos, e  
20 levou a outra metade para a rainha, sua mãe.

21 — O quê? — disse ela. — Como é possível que tenhais feito uma caçada tão  
22 pequena? Geralmente matais o triplo de presas!

23 — De fato — concordou o rei. — Dessa vez, porém, eu presenteei aqueles belos  
24 estrangeiros. Sinto uma afinidade tão perfeita por eles que chego a me surpreender! Se  
25 tivésseis menos medo de algum contágio, eu os mandaria morar aqui no palácio.

26 A rainha-mãe, muito zangada, acusou-o de ter negligenciado seus avisos e o  
27 censurou por ter se exposto tão levemente. Assim que seu filho a deixou, ela pediu  
28 que Fingida se apresentasse, pois queria ter uma conversa com ela. Trancando-a em seu  
29 gabinete, agarrou-a pelos cabelos com uma mão e colocou uma adaga em sua garganta  
30 com a outra, dizendo:

31 — Tu me traíste, não mataste as quatro crianças que eu deixei em tuas mãos para  
32 serem destruídas! Se ao menos confessares o teu crime, pode ser que eu te perdoe!

33 Quase morta de medo, Fingida atirou-se a seus pés e contou-lhe o que tinha  
34 acontecido, dizendo que achava impossível as crianças terem sobrevivido, pois uma  
35 terrível tempestade havia se formado e elas deveriam ter sido atingidas pelo granizo.  
36 Enfim, disse-lhe que deixara os príncipes à mercê do tempo, pois não havia encontrado  
37 outra maneira de livrar-se dos quatro sem que ninguém no mundo levantasse suspeitas.  
38 A rainha, que só queria vê-los mortos, tranquilizou-se um pouco, mas disse que não

1 tinham mais tempo a perder. A velha Fingida, que agora se via em grande perigo,  
2 afirmou que faria tudo que estivesse ao seu alcance. De fato, ela passou a espiar as  
3 caçadas dos três príncipes; um dia, carregando um violão debaixo do braço, foi sentar-se  
4 ao lado das janelas da princesa e cantou estas palavras:

5  
6 *A beleza pode a tudo superar,  
7 Feliz é quem dela sabe desfrutar!*

8 *Mas a beleza se esvai,  
9 E no inverno, quando o gelo cai,  
10 Acabam-se todas as flores;*

11 *Ó, infinitas dores!  
12 Quanta tristeza nos recai  
13 Ao passarmos da flor da idade!  
14 Uns começam a se desesperar  
15 E se ocupam a cultivar  
16 Supérfluas vaidades.*

17 *Abri-vos ao amor, jovens corações!  
18 Vivei a juventude, cedei às belas paixões!*

19 *Pois a beleza se esvai,  
20 E no inverno, quando o gelo cai  
21 Acabam-se todas as flores;*

22 *Ó, infinitas dores!  
23 Quanta tristeza nos recai  
24 Ao passarmos da flor da idade!  
25 Uns começam a se desesperar  
26 E se ocupam a cultivar  
27 Supérfluas vaidades.*

28  
29 Bela-Estrela considerou essas palavras muito agradáveis e avançou para a  
30 varanda a fim de descobrir quem as cantava. Assim que apareceu, Fingida, que havia se  
31 vestido muito bem, prestou-lhe uma grande reverência. A princesa também a saudou e,  
32 sentindo-se alegre com o que ouvira, perguntou-lhe se aquelas palavras eram de sua  
33 autoria.

34 — Sim, moça charmosa — respondeu Fingida. — Elas foram feitas por mim!  
35 Porém, para que algo assim nunca aconteça convosco, eu vim para vos dar um conselho,  
36 do qual deveríeis tirar proveito.

1 — E que conselho é esse? — Bela-Estrela quis saber.

2 — Se me permitirdes adentrar vosso quarto, logo sabereis — ela emendou.

3 — Podeis subir — respondeu a princesa.

4 A velha apresentou-se prontamente com um certo ar de cortesia, algo que não se  
5 perde uma vez aprendido.

6 — Minha bela menina — disse Fingida, sem perder tempo (pois ela temia ser  
7 interrompida). — O céu vos fez totalmente encantadora! Tendes uma estrela brilhante  
8 em vossa fronte e muitas outras maravilhas são contadas sobre vós. Contudo, ainda vos  
9 falta uma coisa essencialmente necessária; se não a possuídes, terei pena de vós.

10 — E o que me falta? — ela replicou.

11 — A água que dança! — respondeu nossa maligna velha. — Se eu a possuísse,  
12 jamais veríeis um só cabelo branco em minha cabeça e nem uma ruga em meu rosto! Eu  
13 teria os dentes mais bonitos do mundo e uma encantadora aparência jovial! Ai de mim,  
14 soube desse segredo tarde demais, quando meus encantos já tinham desaparecido.  
15 Aprendei com minhas desgraças, querida criança! Será um consolo para mim se a  
16 possuídes, pois sinto uma ternura extraordinária por vós.

17 — Mas onde encontrarei essa água que dança? — perguntou Bela-Estrela.

18 — Ela fica na floresta luminosa — disse Fingida. — Tendes três irmãos, será que  
19 ao menos um deles não vos ama o suficiente para ir buscá-la? Verdadeiramente, eles não  
20 seriam nada afetuosos se não fizerem isso por vós! Afinal, quem não gostaria de  
21 permanecer belo até cem anos após a morte?

22 — Meus irmãos me estimam muito — disse a princesa. — E há um entre eles que  
23 jamais me recusaria nada. Se essa água fizer tudo o que dizeis, certamente eu vos darei  
24 uma recompensa proporcional ao vosso mérito.

25 A pérfida velhinha retirou-se em diligência, jubilosa por ter se saído tão bem,  
26 dizendo à Bela-Estrela que logo voltaria a visitá-la.

27 Os príncipes voltaram da caça; um trouxe um javali, outro uma lebre e o outro  
28 um cervo, e colocaram tudo aos pés de sua irmã. Ela, porém, olhou para essa  
29 homenagem com um certo desdém, pois estava preocupada com o conselho de Fingida.  
30 Como sua inquietude era evidente, Querido, que não tinha outra ocupação senão  
31 estudá-la, notou seu abatimento em menos de um quarto de hora.

32 — O que tendes, minha querida Estrela? — disse-lhe ele. — O país onde estamos  
33 não é do vosso agrado? Se não for, vamos deixá-lo agora mesmo. Nossa comitiva não é  
34 grande o suficiente? A mobília não é muito boa? A mesa não é delicada o bastante?  
35 Falai, por favor, para que eu tenha o prazer de ser o primeiro a vos obedecer, e de fazer-  
36 vos ser obedecida pelos outros.

37 — Pela confiança que me destes para dizer o que se passa em minha mente, eu  
38 vos direi — ela respondeu. — Devo confessar-vos que não saberei como viver se não

1 tiver a água que dança, que está na floresta luminosa. Com ela, jamais temerei a fúria  
2 dos anos.

3 — Não vos atribuleis, minha amável Estrela! — ele continuou. — Eu irei até lá e  
4 a trarei até vós, ou então sabereis, pela minha morte, que foi impossível obtê-la.

5 — Não! — ela exclamou. — Não quero colocar nossas vidas em risco; antes  
6 prefiro ser horrenda e desistir de todas as vantagens da beleza! Rogo-vos que pareis de  
7 pensar na água da dança! Caso eu tenha algum poder sobre vós, eu vos proíbo de ir  
8 buscá-la.

9 O príncipe fingiu que iria obedecê-la, porém, assim que a viu ocupada, montou  
10 em seu cavalo branco, que corria aos pulos e saltos, e pegou dinheiro e uma roupa  
11 requintada. Quanto aos diamantes, não precisava deles, pois seu cabelo lhe fornecia o  
12 suficiente; três penteadas bastavam para cair um milhão. Na verdade, a quantidade nem  
13 sempre era a mesma; eles perceberam que a abundância de pedras preciosas era regulada  
14 pela disposição de suas mentes e de sua saúde. Enfim, o príncipe não levou ninguém  
15 consigo, pois queria agir livremente. Afinal, se a aventura fosse deveras perigosa, ele  
16 poderia se arriscar sem ser repreendido por algum servo zeloso ou medroso demais.

17 Quando chegou a hora do jantar e a princesa não viu seu irmão Querido  
18 aparecer, ficou tão preocupada que não conseguiu comer e nem beber, e deu ordens  
19 para que o procurassem em toda parte. Os outros dois príncipes, sem saber nada sobre a  
20 água que dança, disseram-lhe que ela estava se preocupando demais, que ele não devia  
21 estar longe. Ademais, disseram que ela bem sabia o quanto ele gostava de perambular  
22 por aí, sonhando acordado, e que provavelmente havia permanecido na floresta. Isso  
23 serviu para deixá-la um pouco mais paciente e tranquila, o que só durou até a meia-  
24 noite. Depois disso, chorando e entrando em desespero, Bela-Estrela contou a seus  
25 irmãos que ela era a culpada pelo desaparecimento de Querido, pois lhe revelara seu  
26 desejo extremo de possuir a água que dança, encontrada na floresta luminosa. Ela não  
27 tinha dúvidas de que ele havia ido para lá. Assim que souberam do caso, os príncipes  
28 resolveram mandar várias pessoas ao local, e Bela-Estrela pediu-lhes que lhe dissessem  
29 que ela estava implorando para ele voltar.

30 Enquanto isso, a perversa Fingida ficou muito intrigada ao saber do rápido efeito  
31 de seus conselhos: quando foi informada de que Querido já estava em campo, ficou  
32 muito contente. Como ele certamente era mais ágil que aqueles que o seguiam, algum  
33 infortúnio haveria de lhe acometer antes de ser encontrado. Orgulhosa dessa esperança,  
34 ela correu ao palácio para relatar o ocorrido à rainha-mãe:

35 — Não me resta dúvidas, madame, de que esses três príncipes e sua irmã são os  
36 mesmos de antes — disse-lhe ela. — Eles têm estrelas na fronte, correntes de ouro no  
37 pescoço, seus cabelos são de uma beleza arrebatadora e pedras preciosas caem deles o  
38 tempo todo. Mesmo as jóias que eu havia colocado no berço da princesa, com as quais

1 ela se enfeita, não se comparam àquelas que caem de seus cabelos. Sendo assim, não  
2 tenho como duvidar de seu retorno, apesar dos cuidados que eu pensava ter tomado  
3 para evitá-lo. Contudo, madame, eu mesma me livrarei deles, pois essa é a única  
4 maneira que me resta de reparar minha culpa. Peço apenas que me concedais algum  
5 tempo. Eis que um dos príncipes já partiu em busca da água que dança, aventura que o  
6 levará à morte. Da mesma forma, preparei outras demandas para que eles se percam.

7 — Veremos! — diz a rainha. — Espero que vossas tentativas logrem sucesso, pois  
8 somente assim podereis reverter minha justa fúria.

9 Fingida retirou-se mais alarmada do que nunca, pensando em tudo o que  
10 poderia tramar a fim de destruí-los. A forma com que colocara a vida do príncipe  
11 Querido em risco parecia ser o modo mais produtivo de alcançar seu objetivo, isso  
12 porque a água que dança não poderia ser facilmente conseguida. Todos conheciam o  
13 caminho até ela, de tão famosa que havia ficado pelas desgraças ocorridas aos que  
14 tentaram encontrá-la.

15 O cavalo branco do príncipe avançava com uma velocidade surpreendente;  
16 Querido o pressionava ainda mais, pois querer retornar bem depressa para junto de  
17 Bela-Estrela e contar-lhe tudo sobre sua viagem. Caminhou por oito dias e oito noites  
18 seguidas e não parou para descansar em abrigo nenhum; alojava-se nos bosques,  
19 debaixo da primeira árvore que encontrava, e não comia nada além das frutas que colhia  
20 pelo caminho. Só desmontava de seu cavalo no pouco tempo em que o permitia pastar  
21 para alimentar-se de grama. Finalmente, ao cabo desses dias, chegou a um país cujo ar  
22 lhe causou grande sofrimento, de tão quente que era. Não que ali o sol ardesse mais do  
23 que nos outros lugares; havia uma causa para isso, o que ele só descobriu quando subiu  
24 no alto de uma montanha e avistou a floresta luminosa. Ali, todas as árvores queimavam  
25 sem serem consumidas, e suas chamas atingiam lugares bem distantes, fazendo com que  
26 os campos ficassem áridos e desertos. Naquela floresta não se ouvia nada além do sibilar  
27 de serpentes e rugidos de leões, o que deixou o príncipe deveras impressionado, pois  
28 não parecia que animal nenhum, exceto a salamandra<sup>13</sup>, seria capaz de sobreviver nessa  
29 espécie de fornalha.

30 Depois de ter vislumbrado essa cena tão espantosa, ele desceu. E enquanto  
31 pensava no que iria fazer, concluiu que estaria perdido de qualquer forma. Ao  
32 aproximar-se daquele grande incêndio, morrendo de sede, encontrou uma fonte que  
33 vertia da montanha e caía em uma grande bacia de mármore; colocou o pé no chão,  
34 aproximou-se e abaixou-se para tirar água com um pequeno vaso de ouro que levara  
35 consigo a fim de recolher a água que a princesa desejava. Foi então que percebeu que  
36 havia uma rolinha prestes a se afogar dentro da fonte: suas penas estavam todas

---

<sup>13</sup> Elemental do fogo.

1 molhadas e ela não tinha mais forças para resistir, afundando até o fundo da bacia.  
2 Querido compadeceu-se dela e a salvou, pegando-a pelos pés, pois havia engolido tanta  
3 água que estava até inchada. Depois, aqueceu-a e secou suas asas com um lenço fino. O  
4 príncipe demonstrara tanto cuidado que a pobre rolinha não tardou a melhorar,  
5 recuperando bem depressa o seu vigor.

6 — Senhor Querido — disse-lhe ela, com uma voz doce e terna. — Jamais  
7 encontrareis um animalzinho mais agradecido do que eu! Não é de hoje que venho  
8 recebendo favores essenciais de vossa família. Ficarei encantada se puder retribuir o  
9 vosso socorro; não penseis que desconheço o assunto de vossa viagem! Devo dizer que  
10 vosso intento foi um pouco imprudente, pois inúmeras pessoas já pereceram aqui. A  
11 água que dança é a oitava maravilha do mundo para qualquer dama: ela embeleza,  
12 rejuvenesce e enriquece. Porém, se eu não for a vossa guia, não conseguireis chegar até  
13 ela, pois a fonte borbulhante em que ela se encontra fica bem no meio da floresta e  
14 deságua para um abismo. O caminho está coberto de galhos em chamas que caem das  
15 árvores; não há outra maneira de ir até lá a não ser pelo subterrâneo. Repousai aqui e  
16 não vos inquietes mais! Irei em busca do que vos será necessário.

17 E logo a rolinha elevou-se no ar, foi, voltou, subiu, desceu, voou e revooou, de  
18 modo que, no fim do dia, ela avisou o príncipe que tudo estava preparado. Ele pegou o  
19 oficioso pássaro, beijou-o, fez-lhe carinho e o agradeceu. Depois, montou em seu belo  
20 cavalo branco. Antes mesmo de ter dado cem passos, avistou duas longas filas de  
21 raposas, texugos, toupeiras, caracóis, formigas e todo tipo de animal que se esconde na  
22 terra. Havia uma quantidade prodigiosa deles, e Querido desconhecia o porquê de eles  
23 estarem assim reunidos.

24 — É por minha ordem que vedes aqui todo esse povo subterrâneo — disse-lhe a  
25 rolinha. — Eles trabalharão em vosso serviço, e o farão com extrema diligência. Sereis  
26 muito grato a eles por isso.

27 O príncipe os saudou e prometeu que os levaria para algum lugar menos estéril,  
28 onde poderiam viver com prazer, o que os deixou bastante contentes.

29 Ao chegar na entrada de um túnel, Querido desceu do cavalo. Em seguida,  
30 curvando-se, começou a caminhar com a boa rolinha, que, muito feliz, conduziu-o à  
31 fonte. Ela fazia um barulho tão alto que o príncipe teria ficado surdo se o pássaro não  
32 tivesse lhe dado duas de suas penas brancas, com as quais ele tapou os ouvidos. Querido  
33 ficou estranhamente surpreso ao ver que essa água realmente dançava com a mesma  
34 precisão demonstrada por Favier<sup>14</sup> e Pécourt<sup>15</sup>. É bem verdade, porém, que essas águas

---

<sup>14</sup> Jean Favier (1648-1719), coreógrafo francês.

<sup>15</sup> Louis-Guillaume Pécour ou Pécourt (1653-1729) foi um coreógrafo e bailarino da França. Tornou-se diretor da Academia Real de Dança, exercendo influência sobre a evolução da dança cortesã na época de Luís XIV.

1 só conheciam danças antigas, como a bocana<sup>16</sup>, a casada<sup>17</sup> e a sarabanda<sup>18</sup>; os vários  
2 pássaros que voavam no ar cantavam as árias que a água devia dançar. O príncipe  
3 encheu seu vaso de ouro e bebeu dois goles, o que foi o bastante para deixá-lo ainda cem  
4 vezes mais bonito do que já era. Ademais, tais águas refrescaram-no tão bem que ele até  
5 se esqueceu de que estava na floresta luminosa, o lugar mais quente do mundo.

6 Em seguida, Querido saiu dali pelo mesmo caminho que entrara. Seu cavalo  
7 havia se afastado, mas como ele era fiel à voz de seu dono, veio até ele a largos galopes  
8 assim que foi chamado. Muito orgulhoso de ter conseguido a água que dança, o príncipe  
9 tornou a montá-lo.

10 — Terna rolinha — ele disse, segurando-a. — Ainda não sei por qual prodígio  
11 recebestes tantos poderes, mas seus efeitos a meu favor inspiraram-me com imensa  
12 gratidão. E como a liberdade é o maior de todos os bens, eu a devolvo a vós, como  
13 recompensa pelos favores que me fizestes.

14 Ditas essas palavras, deixou-a ir. Ela voou tão rapidamente que parecia que  
15 estivera ali contra sua vontade.

16 — Quanta desigualdade há entre um homem e uma rolinha — disse ele. — O  
17 primeiro é inconstante, a segunda, não.

18 Ao que a rolinha respondeu, do alto dos ares:

19 — Acaso sabeis quem eu sou?

20 Querido ficou espantado com essa pergunta da rolinha; afinal, ela era mesmo  
21 muito inteligente. Naquele instante, o príncipe se arrependeu de tê-la deixado ir.

22 — Talvez ela fosse bem útil para mim — disse ele. — Eu poderia aprender muitas  
23 coisas e garantir um pouco mais de sossego na minha vida.

24 Entretanto, ele mesmo arrazoou que nunca se deve lamentar uma bênção  
25 recebida, e viu-se ainda em dívida para com ela, pois pensou nas dificuldades que ela  
26 havia enfrentado para fazê-lo conseguir a água que dança. Seu vaso de ouro foi bem  
27 fechado para que a água não pudesse escapar e nem evaporar. Realizado, Querido enfim  
28 começou a pensar no prazer que Bela-Estrela sentiria ao recebê-la, e na alegria que ele  
29 teria ao vê-la novamente. Foi quando avistou vários cavaleiros aproximando-se a toda  
30 velocidade, pessoas desconhecidas que gritavam bem alto. Ao vê-lo, todos apontaram  
31 para ele, mas o príncipe não teve medo; sua alma era dotada de um tipo de intrepidez  
32 que não o deixava abalar-se diante dos perigos. Contudo, ele não pôde deixar de temer  
33 que algo o impedisse de regressar. Ao lançar-se bruscamente para frente com seu cavalo,  
34 indo em direção a esses cavaleiros, teve a agradável surpresa de reconhecer alguns de

---

<sup>16</sup> Dança cerimonial em voga nos séculos XVI e XVII.

<sup>17</sup> Dança cerimonial performada por um homem e uma mulher.

<sup>18</sup> Dança cerimonial lenta introduzida na corte francesa no século XVI; entrou em voga sob o reinado de Luís XIII (HORST, 1987, p. 44-46).



1 seus servos. Prontamente, eles lhe entregaram o bilhete da princesa; ou melhor, a ordem  
2 escrita da princesa, que implorava para que ele não se expusesse aos perigos da floresta  
3 luminosa. Querido beijou o manuscrito de Bela-Estrela, suspirou mais de uma vez, e,  
4 apressando-se para voltar à sua presença, enfim livrou-a da tristeza mais dolorosa que  
5 ela jamais sentiu.

6 Ele a avistou de longe, assentada sobre a copa de uma árvore, onde aguardava  
7 seu retorno cheia de inquietude. Ao vê-lo prostrado a seus pés, a princesa não soube o  
8 que fazer: iria repreendê-lo por ter ido contra sua vontade ou agradecer o incrível  
9 presente que ele lhe dava? Finalmente, a ternura se provou mais forte: abraçou seu  
10 querido irmão e censurou-lhe sem nenhum rancor.

11 A velha Fingida, que nunca descansava, soube por seus espiões que Querido  
12 estava de volta, mais bonito do que antes de sua partida. Quanto à princesa, tendo  
13 lavado o rosto com a água que dança, tornara-se tão excessivamente bela que agora era  
14 impossível admirá-la por muito tempo, e o menor de seus olhares podia matar meia  
15 dúzia de pessoas. Fingida sentia-se ao mesmo tempo admirada e aflita, pois dera sua  
16 palavra de que o príncipe pereceria tentando realizar tão grande demanda. Mas ainda  
17 não era hora de desistir: depois de ter descoberto o horário em que a princesa ia a um  
18 pequeno templo de Diana, estando ela desacompanhada, aproximou-se e disse-lhe em  
19 tom de amizade:

20 — Quanta alegria, madame, por estar vendo o ditoso efeito de meus conselhos!  
21 Basta olhar-vos para saber que agora possuíis a água que dança! Porém, se eu tivesse um  
22 novo conselho para vos dar, seria o de tornar-vos dona da maçã que canta! Isso sim é  
23 algo extraordinário, pois ela embeleza o espírito a ponto de tornar qualquer coisa  
24 possível. Se quiserdes convencer alguém de qualquer coisa, basta apresentar-lhe a maçã  
25 que canta. Se quiserdes falar em público, fazer versos, escrever em prosa, entreter, fazer  
26 as pessoas rirem ou fazê-las chorar, sabeis que a maçã possui todas essas virtudes. Ela  
27 canta tão bem e tão alto, que poderíeis ouvi-la perfeitamente a oito léguas de distância.

28 — Eu não faço questão! — exclamou a princesa. — Tentastes destruir meu irmão  
29 com vossa água que dança, vossos conselhos são muito perigosos!

30 — Madame — respondeu Fingida. — Não gostaríeis de ser a pessoa mais sábia e  
31 mais inteligente do mundo? Bem, na verdade me parece que não deseiais isso.

32 — Ah, o que seria de mim se tudo o que me restasse fosse o corpo morto ou  
33 moribundo do meu querido irmão? — continuou Bela-Estrela.

34 — Mas ele não irá mais — disse a velha. — Os outros se verão obrigados a vos  
35 servir dessa vez, e a demanda é menos arriscada.

36 — Seja como for, não estou disposta a expô-los a isso! — emendou a princesa.

37 — Tenho muita pena de vós por vos abdicardes de uma oportunidade tão  
38 vantajosa — disse Fingida. — Refleti um pouco sobre isso. Adeus, madame!

1 E retirou-se imediatamente, muito ansiosa pelo resultado de seu discurso. Bela-  
2 Estrela permaneceu aos pés da estátua de Diana, insegura sobre o que deveria fazer. Ela  
3 amava seus irmãos e também amava a si mesma; aos poucos, chegou à conclusão de que  
4 nada poderia lhe dar maior prazer do que possuir a maçã que canta.

5 Bela-Estrela ficou suspirando por um longo tempo, depois começou a chorar.  
6 Solzinho, que tinha acabado de voltar da caça, ouviu um ruído no templo; ao entrar, viu  
7 a princesa cobrindo seu rosto com o véu, pois ela tinha vergonha de expor suas lágrimas.  
8 Ele, porém, já havia notado o seu pranto e, aproximando-se dela, instou-a a dizer-lhe  
9 por que chorava. Ela resistiu a dizer, retorquindo que o motivo lhe causava vergonha.  
10 Mas quanto mais a princesa tentava ocultar o seu segredo de seu irmão, mais ele queria  
11 saber. Por fim, contou-lhe que a mesma velha que a aconselhara a ir em busca da água  
12 que dança havia acabado de lhe dizer que a maçã que canta era ainda mais maravilhosa,  
13 pois dotava seu possuidor com grande inteligência, tornando-o uma espécie de  
14 prodígio. Confessou-lhe que daria metade de sua vida para conseguir tal maçã, mas que  
15 ela temia os perigos envolvidos em sua busca.

16 — Ora, não tereis o que temer da minha parte, eu vos asseguro — disse seu  
17 irmão, sorrindo. — Pois não tenho intenção alguma de vos prestar esse bom ofício.  
18 Afinal, já não tendes inteligência o suficiente? Vamos, minha irmã, parai de vos  
19 lamentar!

20 Bela-Estrela concordou, mas sentiu-se muito triste tanto pela forma com que ele  
21 havia recebido sua confiança quanto pela impossibilidade de possuir a maçã que  
22 canta. O jantar foi servido e os quatro se sentaram à mesa; ela, porém, não conseguiu  
23 comer. Querido, o amável Querido, que só tinha olhos para ela, serviu-lhe o que havia  
24 de melhor, exortando-a a experimentar. Mas logo na primeira mordida seu coração não  
25 resistiu e lágrimas verteram dos seus olhos; Bela-Estrela deixou a mesa aos prantos,  
26 dizendo a si mesma:

27 — Ó, deuses, por que Querido se importa tanto comigo?

28 O príncipe perguntou se alguém sabia o que havia acontecido, e Solzinho, em  
29 tom de zombaria e de maneira muito deselegante em relação à sua irmã, contou-lhe  
30 tudo o que sabia. Bela-Estrela sentiu-se tão ofendida que retirou-se para seu quarto e  
31 não quis falar com mais ninguém a noite inteira.

32 Assim que Solzinho e Feliz foram se deitar, Querido montou em seu excelente  
33 cavalo branco e partiu sem dizer a ninguém para onde ia; deixou apenas uma carta para  
34 Bela-Estrela, com ordens para entregá-la quando ela acordasse. E ao longo de toda a  
35 noite ele seguiu em sua nova aventura, sem saber onde encontraria a maçã que canta.

36 Quando a princesa se levantou, entregaram-lhe a carta do príncipe. É fácil  
37 imaginar toda a ansiedade e ternura que ela sentiu em tal ocasião. Correu para o quarto  
38 de seus irmãos e fez a leitura, deixando-os igualmente alarmados, pois eram muito

1 unidos. Prontamente, enviaram quase toda a sua comitiva atrás dele para obrigá-lo a  
2 desistir dessa aventura, que sem dúvida haveria de ser terrível.

3 Enquanto isso, o rei não conseguia esquecer as belas crianças da floresta. Seus  
4 passos sempre o guiavam para perto deles, e quando os encontrava, repreendia-os por  
5 ainda não terem ido ao seu palácio. Primeiro eles se desculparam por ainda estarem  
6 preparando sua comitiva; depois, desculparam-se pela ausência de seu irmão,  
7 assegurando-o de que quando ele voltasse fariam proveito da honra que lhes era dada e  
8 enfim lhe renderiam suas mais humildes homenagens.

9 O príncipe Querido, sentindo-se muito pressionado por sua paixão, queria voltar  
10 o mais depressa possível. Ao amanhecer, encontrou um belo rapaz descansando sob as  
11 árvores, lendo um livro. Abordando-o com civilidade, disse-lhe:

12 — Perdoai-me a interrupção, mas gostaria de perguntar se sabeis onde posso  
13 encontrar a maçã que canta.

14 O jovem levantou os olhos e sorriu graciosamente.

15 — Desejais obtê-la? — ele perguntou.

16 — Sim, se isso me for possível — disse o príncipe.

17 — Ah, senhor — acrescentou o estranho. — Visto que desconheceis os perigos  
18 dessa demanda, eis aqui um livro que fala dessa maçã, somente sua leitura já é  
19 assustadora.

20 — Não me importa — disse Querido. — O perigo não será capaz de me repelir.  
21 Diz-me apenas onde poderei encontrá-la.

22 — O livro informa que ela está em um vasto deserto na Líbia, que seu canto pode  
23 ser ouvido a oito léguas de distância e que o dragão que a guarda já devorou quinhentas  
24 mil pessoas que tiveram a ousadia de ir para lá — o homem respondeu.

25 — Pois eu serei o de número quinhentos mil e um — respondeu o príncipe,  
26 sorrindo.

27 E despedindo-se do rapaz, partiu para os desertos da Líbia. Seu belo cavalo, que  
28 era da raça zefiriana<sup>19</sup>, pois Zéfiro era seu avô, cavalgava tão rápido quanto o vento, de  
29 modo que percorreu esse caminho em uma diligência inacreditável.

30 Por mais que tivesse um bom ouvido, Querido não conseguia escutar o canto da  
31 maçã em lugar nenhum, e entristeceu-se por ter feito uma viagem tão longa e inútil. Foi  
32 quando viu uma pobre rolinha cair a seus pés; ela ainda não estava morta, mas não  
33 faltava muito para isso. Como não havia ninguém ao redor, alguém que pudesse tê-la  
34 ferido, pensou que poderia tratar-se de uma das aves de Vênus, que, tendo escapado de  
35 seu pombal, acabou atingida por uma das flechas do pequeno Amor, sempre muito  
36 travesso. Em todo caso, ele teve piedade; desceu do cavalo, pegou-a e limpou suas alvas

---

<sup>19</sup> *Race zéphyrienne* (neologismo).

1 penas, que estavam tingidas com o vermelho do sangue. Em seguida, tirou de seu bolso  
2 o frasco dourado onde guardava um bálsamo admirável, ótimo para tratar feridas. Mal  
3 havia derramado uma gota na rolinha ferida, ela logo abriu os olhos, levantou a cabeça,  
4 esticou as asas e terminou de se limpar. Depois, olhando para o príncipe, disse-lhe:

5 — Bom dia, belo Querido! Pelo visto estais destinado a salvar minha vida, e  
6 talvez eu esteja destinada a ser de grande utilidade para vós. Viestes até aqui para  
7 conquistar a maçã que canta; essa é uma demanda difícil, digna de alguém como vós,  
8 pois ela é guardada por um terrível dragão que tem doze pés, três cabeças, seis asas e  
9 todo o corpo de bronze.

10 — Ah, minha querida rolinha — disse-lhe o príncipe. — Como estou contente  
11 por vê-la novamente, sobretudo numa ocasião em que vossa ajuda será tão importante  
12 para mim! Não me recuseis vosso auxílio, minha bela pequenina, pois eu morreria de  
13 dor se tivesse a vergonha de retornar sem a maçã que canta. E como eu obtive a água  
14 que dança com a vossa ajuda, espero que dessa vez também possais encontrar alguém  
15 que me faça obter sucesso em minha demanda.

16 — Me tocastes com vossas palavras — disse ternamente a rolinha. — Segui-me,  
17 voarei diante de vós, espero que tudo corra bem.

18 O príncipe deixou-a ir e, depois de ter caminhado um dia inteiro, parou aos pés  
19 de uma alta montanha de areia.

20 — É aqui que deveis cavar — disse-lhe a rolinha.

21 E prontamente o príncipe começou a cavar, tanto com as mãos quanto com sua  
22 espada. Algumas horas mais tarde, ele encontrou um capacete, uma couraça e o restante  
23 da armadura, e também equipamentos para seu cavalo, tudo inteiramente feito de  
24 espelhos.

25 — Armai-vos e não temei o dragão — disse a rolinha. — Quando ele se vir  
26 refletido em todos esses espelhos, acreditará que são monstros iguais a ele; seu medo  
27 será tamanho que ele fugirá!

28 Querido aprovou esse expediente e vestiu-se de espelhos. Ele e a rolinha  
29 passaram a noite juntos; logo ao amanhecer, escutaram uma melodia encantadora. O  
30 príncipe pediu ao pássaro que lhe dissesse o que era.

31 — Estou convencida de que só a maçã que canta pode fazer algo tão agradável  
32 assim — a rolinha respondeu. — Pois ela mesma faz todas as partes da música, de modo  
33 que, mesmo sem tocar instrumento algum, parece tocá-los de uma maneira  
34 extraordinária.

35 À medida em que eles avançavam, o príncipe pensou consigo mesmo que seria  
36 bom se a maçã cantasse algo adequado à presente situação. Tão logo ele assim desejou,  
37 começou a ouvir as seguintes palavras:

38

1                                    *O amor supera as rebeldias do coração:*  
2                                    *Preservai o vosso afeto, sede sempre amorosos.*  
3                                    *Vós, que seguis as leis de uma bela paixão,*  
4                                    *Amai e perseverai, pois logo virão os dias ditosos.*

5  
6            — Ó! — ele exclamou, respondendo a esses versos. — Que previsão mais  
7 encantadora me foi anunciada! Um dia hei de ser mais feliz!

8            A rolinha não fez nenhum comentário a respeito disso. Ela não tinha uma  
9 natureza tagarela e falava apenas o que considerava indispensavelmente necessário. À  
10 medida em que avançavam, a beleza da música aumentava, e por mais ansioso que o  
11 príncipe estivesse, às vezes ficava tão encantado que precisava parar, pois sentia um  
12 desejo incontável de escutar a canção. O que lhe tirou dessa letargia foi a visão do  
13 terrível dragão, que irrompeu de repente, aparecendo diante dele com seus doze pés,  
14 mais de cem garras, três cabeças e o corpo todo de bronze. Ele havia farejado o príncipe  
15 desde muito longe, e esperava o momento certo para poder devorá-lo como fizera com  
16 todos os demais, os quais haviam lhe rendido excelentes refeições. Os ossos dos mortos  
17 estavam espalhados ao redor da macieira onde estava a bela maçã; ela ficava em um  
18 galho tão alto que nem podia ser vista.

19            O pavoroso animal lançou-se contra eles, cobrindo a terra com uma espuma  
20 venenosa muito perigosa. De sua boca infernal saíam labaredas e pequenos  
21 dragõezinhos, que eram lançados como dardos nos olhos e nos ouvidos dos cavaleiros  
22 errantes que tentavam levar a maçã. Porém, ao deparar-se com sua figura assustadora  
23 multiplicada centenas de vezes em todos os espelhos do príncipe, foi sua vez de sentir  
24 medo: quando parou e viu que o príncipe estava carregado de dragões, só pensou em  
25 fugir. Diante do oportuno efeito de sua armadura, Querido perseguiu-o até a entrada de  
26 uma caverna profunda, para onde o dragão correu a fim de se esconder. O príncipe  
27 tratou de bloquear a entrada e correu de volta para pegar a maçã que canta.

28            E depois de ter escalado todos os ossos que ficavam ao redor da macieira, enfim  
29 pôde admirar esta bela árvore: ela era de âmbar, e suas maçãs eram de topázio. A mais  
30 excelente de todas, a que ele havia procurado com tanto cuidado, enfrentando tantos  
31 perigos, enfim foi avistada lá no alto, feita de um único rubi, com uma coroa de  
32 diamantes sobre ela. O príncipe, transportado de alegria por ter a oportunidade de dar  
33 um tesouro tão perfeito e tão raro a Bela-Estrela, apressou-se em quebrar o ramo de  
34 âmbar em que a maçã estava. Orgulhoso de sua boa sorte, montou em seu cavalo  
35 branco. Quando olhou ao redor, não conseguiu encontrar a rolinha; isso porque ela  
36 havia voado para longe a partir do momento em que sua presença se tornara inútil. Sem  
37 perder tempo com preocupações supérfluas, temendo que o dragão encontrasse alguma

1 forma de retornar para perto das maçãs (pois já escutava seu sibilar), ele pegou o  
2 caminho de volta para reencontrar a princesa.

3 Ela havia perdido o sono desde sua partida, e se culpava incessantemente pelo  
4 seu desejo de ser mais inteligente do que os outros. Bela-Estrela temia mais a morte de  
5 Querido do que a sua própria.

6 — Ah, como sou miserável! — ela gritava em meio a profundos suspiros. — Qual  
7 a necessidade de possuir essa glória vã? Já não me é suficiente pensar e falar bem o  
8 bastante para não fazer e não dizer nada de impertinente? Serei punida por meu orgulho  
9 caso eu venha a perder aquele que amo! Céus! Pode ser que os deuses estejam irritados  
10 pelos sentimentos que não posso deixar de sentir por Querido e queiram tirá-lo de mim  
11 de maneira trágica!

12 Não havia nada que seu aflito coração não tivesse imaginado de pior. Foi então  
13 que, no meio da noite, ela escutou uma música tão maravilhosa que não pôde deixar de  
14 se levantar e ir até a janela para ouvi-la melhor. Ela não sabia o que pensar; cogitou  
15 tratar-se de Apolo e as Musas, ou então Vênus, as Graças e os Amores. Bela-Estrela  
16 percebeu que a sinfonia parecia cada vez mais próxima, até que finalmente o príncipe  
17 chegou. A lua fazia clarão; ele parou debaixo a varanda da princesa. Ela, porém, havia se  
18 retirado dali no instante em que avistara o cavaleiro que se aproximava. A maçã  
19 prontamente cantou:

20

21

*Acordai, bela adormecida.*

22

23 A princesa, curiosa, despertou prontamente para quem estava cantando tão bem,  
24 e, reconhecendo seu querido irmão, pensou em pular pela janela para abraçá-lo mais  
25 depressa. Ela gritou tão alto que todos acordaram e foram abrir a porta para Querido.  
26 Ele entrou com toda pressa que se pode imaginar. Ele empunhava um ramo de âmbar,  
27 na ponta do qual estava o fruto maravilhoso; e como estivera com ele durante algum  
28 tempo, sua inteligência já se encontrava tão elevada que nada no mundo poderia se  
29 comparar a ela. Bela-Estrela correu ao seu encontro com grande ansiedade.

30

31

32

— Acaso pensais que vos agradecerei, meu querido irmão? — disse-lhe ela,  
chorando de alegria. — Não! Não é certo que eu vos agradeça, já que vos expusestes ao  
perigo a fim de adquiri-la para mim.

33

34

35

36

— Não há perigos que eu não enfrente se for para vos proporcionar mesmo a  
menor das satisfações — ele respondeu. — Pegai-a, Bela-Estrela, recebi este fruto único,  
pois ninguém no mundo o merece tanto quanto vós. Porém, o que ele vos dará que  
ainda não tendes?

1 Solzinho e seu irmão apareceram e interromperam a conversa dos dois. Eles  
2 ficaram muito contentes em rever o príncipe, que contou-lhes sobre sua viagem até o  
3 dia raiar.

4 A malvada Fingida havia voltado para seu casebre depois de ter informado a  
5 rainha-mãe de seus planos. Ela estava preocupada demais para dormir tranquila; em um  
6 dado momento, escutou o doce canto da maçã, algo que não se podia comparar a  
7 qualquer outra maravilha da natureza. Não lhe restava dúvida de que mais uma vez a  
8 conquista fôra feita: ela chorou, gemeu, arranhou o rosto e arrancou os cabelos. Sua dor  
9 era extrema, pois, ao invés de ferir as belas crianças, como ela havia planejado, ela as  
10 fazia bem, embora seus conselhos não passassem de perfídias.

11 Assim que amanheceu, ela confirmou suas suspeitas sobre o triunfante regresso  
12 do príncipe. Depois, voltou à presença da rainha-mãe.

13 — Muito bem, Fingida, quais são as boas notícias? — perguntou-lhe essa  
14 princesa. — Os infantes morreram?

15 — Não, madame — ela declarou, atirando-se a seus pés. — Mas não sejais  
16 impaciente, majestade! Ainda tenho infinitos meios para livrar-vos deles.

17 — Ah! Ai de ti! — ameaçou a rainha. — Vieste a este mundo apenas para me  
18 trair! Tudo o que fazes é ajudá-los!

19 A velha protestou o contrário e se retirou. Quando enfim se acalmou um pouco,  
20 voltou a pensar no que fazer e deixou passar alguns dias sem reaparecer. Depois de ter  
21 espiado muito bem, encontrou a princesa caminhando sozinha em uma trilha na  
22 floresta, esperando o retorno de seus irmãos.

23 — O céu vos agracia com muitos bens — disse-lhe a pilantra ao aproximar-se  
24 dela. — Encantadora Estrela, soube que ganhastes a maçã que canta! Ora, quando uma  
25 boa fortuna como a vossa chegar até mim, não terei mais vigor para desfrutá-la.  
26 Contudo, devo confessar que tenho uma grande simpatia por vós, o que faz com que eu  
27 me alegre a cada nova vantagem que conquistais. Sendo assim, não posso deixar de vos  
28 dar um novo conselho.

29 — Ah, guardai os vossos conselhos convosco! — exclamou a princesa, afastando-  
30 se dela. — Os bens que eles me trazem não fazem jus à preocupação que me causam!

31 — Ora, a preocupação não é um mal tão grande assim — disse Fingida, sorrindo.  
32 — Há algumas que são doces e ternas.

33 — Calai-vos! — concluiu Bela-Estrela. — Tremo só de pensar!

34 — Bem, então deveis vos arrepender de ser a donzela mais bonita e inteligente  
35 do universo — afirmou a velha. — Peço desculpas por isso.

36 — Isso não passa de um golpe! — respondeu a princesa. — Jamais me esquecerei  
37 do estado a que fui reduzida na ausência de meu irmão.

1 — Seja como for, devo dizer que ainda vos falta o passarinho verde que tudo diz  
2 — continuou Fingida. — Com ele, poderíeis saber tudo sobre vosso nascimento e sobre  
3 todos os acontecimentos da vida, sejam eles bons ou ruins, pois não existe nada que ele  
4 desconheça, nem mesmo as coisas mais particulares. Enfim, pessoas do mundo inteiro  
5 dirão que Bela-Estrela possui a água que dança e a maçã que canta, mas que lhe falta o  
6 que há de mais valioso: o passarinho verde que tudo diz. Ou seja, será como se ela não  
7 tivesse nada.

8 Depois de ter implementado sua ideia, Fingida se retirou. A triste e sonhadora  
9 princesa logo começou a suspirar amargamente:

10 — Essa mulher tem razão! De que me serve o benefício que recebo da água e da  
11 maçã se ainda não sei de onde venho, quem são meus pais e por que destino meus  
12 irmãos e eu fomos entregues à fúria das ondas? Deve haver algo de extraordinário em  
13 nossa origem para que tenhamos sido abandonados dessa maneira, bem como uma  
14 proteção celeste muito poderosa para ter nos livrado de tantos perigos. Que prazer eu  
15 teria em conhecer meu pai e minha mãe, em abraçá-los, se ainda estiverem vivos, ou em  
16 honrar sua memória, se estiverem mortos!

17 Lágrimas verteram em abundância de seus olhos, tais como as gotas de orvalho  
18 que despontam pela manhã sobre lírios e rosas.

19 Querido, que sempre ficava mais impaciente do que os outros para revê-la,  
20 apressou-se em voltar para casa após a caçada. Com o cabelo amarrado, ele levava o arco  
21 pendurado em um de seus ombros e segurava algumas flechas com as mãos; assim  
22 trajado, expressava um porte marcial infinitamente agradável. Assim que a princesa o  
23 avistou, correu para se esconder em um canto escuro, pois não queria que ele percebesse  
24 os sinais de dor em seu semblante. Porém, uma donzela nunca consegue despistar um  
25 amante deveras zeloso: assim que chegou, o príncipe mal precisou olhá-la para notar  
26 que alguma tristeza a abatia. Inquieto, ele implorou e a pressionou para contar-lhe o que  
27 se passava. Ela, porém, teimava em permanecer calada. Foi então que ele apontou uma  
28 de suas flechas contra o próprio coração, dizendo:

29 — Já que não me amais, Bela-Estrela, só me resta morrer.

30 A maneira como ele falou deixou-a completamente alarmada, de modo que não  
31 teve mais forças para recusar-lhe seu segredo. Para tanto, ela fez com que ele promettesse  
32 que não arriscaria sua vida na tentativa de satisfazer seu desejo. Querido fez as juras  
33 impostas pela princesa, e não deu sinais de que empreenderia essa última aventura.  
34 Porém, assim que ela se retirou para seu quarto, e os príncipes para o deles, Querido  
35 saiu de casa, tirou seu cavalo do estábulo, montou e partiu sem avisar ninguém. A  
36 notícia de seu desaparecimento deixou sua bela família deveras consternada.

37 O rei, que não conseguia esquecê-los, enviou-lhes um oficial a fim de convidá-  
38 los para um jantar no palácio, ao que os príncipes responderam que não poderiam ir,



1 pois seu irmão havia acabado de se ausentar e seu sumiço era motivo de tristeza e  
2 preocupação. Porém, prometeram que não deixariam de ir visitá-lo quando ele  
3 retornasse. A princesa estava inconsolável; a água dançante e a maçã cantante não  
4 tinham mais encantos para ela, pois sem Querido nada lhe agradava.

5 O príncipe saiu vagando pelo mundo, perguntando àqueles que encontrava onde  
6 poderia encontrar o passarinho verde que tudo diz, mas a maioria deles não sabia  
7 responder. Houve, porém, um venerável velho que, convidando-o a entrar em sua casa,  
8 prestou-se ao trabalho de consultar um globo, o qual ele usava para seu estudo e  
9 entretenimento. Ele disse a Querido que esse pássaro ficava em um lugar de clima  
10 glacial, no cume de um rochedo gigantesco, e ensinou-lhe o caminho que deveria  
11 percorrer. O príncipe, por gratidão, deu-lhe um saquinho cheio de grandes pérolas que  
12 haviam caído de seus cabelos. Despedindo-se dele, continuou sua viagem.

13 Enfim, ao raiar da autora, Querido avistou o rochedo, que era muito alto e muito  
14 escarpado. Lá em cima, no cume, estava o pássaro verde, que falava como um oráculo,  
15 dizendo coisas admiráveis. O príncipe concluiu que conseguiria capturá-lo facilmente  
16 com um pouco de habilidade, pois o pássaro não parecia arredo; ele ia de lá pra cá,  
17 pulando ligeiramente de um ponto a outro. O príncipe desmontou de seu cavalo e  
18 começou a subir a montanha silenciosamente, malgrado sua periculosidade. Enquanto  
19 subia, dedicava seus esforços à Bela-Estrela, a quem desejava satisfazer. Mas aconteceu  
20 que, quando se viu bem perto do pássaro verde, estando prestes a alcançá-lo, o rochedo  
21 se abriu de repente, e ele caiu em uma sala espaçosa, imóvel como uma estátua. Querido  
22 não conseguia se mexer e nem reclamar de sua deplorável desventura; com ele estavam  
23 outros trezentos cavaleiros, todos no mesmo estado, que também tinham tentado  
24 capturar o pássaro. Tudo o que podiam fazer era olhar um para o outro.

25 A longa demora de Querido acabou deixando Bela-Estrela perigosamente  
26 doente. Os médicos atestaram que ela estava sendo devorada por uma profunda  
27 melancolia. Seus irmãos, que a amavam ternamente, quiseram saber a causa de sua  
28 doença, e ela admitiu a culpa que pensava ter, dizendo que se arrependia noite e dia pelo  
29 desaparecimento de Querido. Disse-lhes, por fim, que certamente morreria se não  
30 tivesse notícias dele. Suas lágrimas comoveram seus irmãos; na tentativa de curá-la,  
31 Solzinho resolveu sair para procurá-lo.

32 O referido príncipe partiu, pois sabia em que lugar ficava o famoso pássaro.  
33 Chegando lá, avistou-o e aproximou-se dele com as mesmas esperanças de Querido,  
34 mas o rochedo engoliu-o no mesmo instante. Ele caiu no meio da grande sala, e a  
35 primeira pessoa que Solzinho reconheceu foi justamente Querido, mas não pôde falar  
36 com ele.

37 Bela-Estrela sentia-se um pouco convalescente, esperando a todo momento ver  
38 seus dois irmãos voltarem. Contudo, as esperanças se esvaíram e sua aflição ganhou

1 novas forças; ela passava dia e noite se lamentando sem parar, culpando-se pela desgraça  
2 de seus irmãos. E ocorreu que o príncipe Feliz, com pena da irmã e preocupado com os  
3 outros dois, também decidiu sair para tentar encontrá-los. A princípio, Bela-Estrela se  
4 opôs ao intento de seu último irmão, mas ele respondeu que, em uma situação como  
5 essa, era bem justo expor-se ao perigo, pois o faria em nome das pessoas que eles mais  
6 amavam no mundo. Dizendo isso, despediu-se ternamente da princesa e partiu.  
7 Sozinha, ela teve de suportar a mais intensa dor.

8 Quando Fingida soube que o terceiro príncipe havia partido, regozijou-se  
9 infinitamente. Ao informar a rainha-mãe, assegurou-lhe que dessa vez ela enfim havia  
10 conseguido se livrar daquela família infeliz. De fato, a aventura de Feliz foi igual a de  
11 Querido e Solzinho: ele encontrou o rochedo, avistou o belo pássaro e caiu como uma  
12 estátua na sala, onde reconheceu os príncipes que estava procurando, mas sem poder  
13 falar com eles. Todos eles estavam dispostos em domos de cristal; nunca dormiam e não  
14 comiam. Esse encantamento era muito triste, pois só tinham liberdade para pensar e  
15 lamentar sua deplorável aventura.

16 Como nenhum de seus irmãos dava sinais de retorno, inconsolável, Bela-Estrela  
17 começou a condenar-se por ter esperado tempo demais para sair a sua procura. Sem  
18 mais hesitações, ela ordenou a toda sua gente que os esperassem durante um prazo de  
19 seis meses: se ela ou seus irmãos não retornassem dentro desse tempo, eles deveriam  
20 procurar o corsário e sua esposa e anunciar sua morte. Em seguida, antes de partir,  
21 travestiu-se com roupas de homem, pois pensava que assim enfrentaria menos riscos;  
22 afinal, seria perigoso correr o mundo na qualidade de aventureira solitária. Fingida a viu  
23 partir montada em seu belo cavalo; cheia de alegria, ela correu ao palácio para dar essa  
24 boa notícia à rainha-mãe.

25 A princesa estava armada apenas com um capacete, cuja viseira permanecia  
26 sempre fechada; sua beleza era tão delicada e perfeita que ninguém jamais acreditaria  
27 tratar-se de um cavaleiro, tal como ela queria fazer parecer.

28 O inverno havia chegado com todos os seus rigores, e o país onde vivia o  
29 passarinho que tudo diz não era agraciado com ditosa presença do sol em nenhuma  
30 época do ano, quanto mais nessa estação. Bela-Estrela sentia-se estranhamente gelada,  
31 mas nada poderia impedi-la de prosseguir. Foi quando encontrou uma rolinha estirada  
32 no chão; ela não era menos branca e nem menos fria do que a neve que cobria a terra.  
33 Apesar de toda sua impaciência para alcançar o rochedo, Bela-Estrela não queria deixá-  
34 la morrer, e, descendo do cavalo, tomou-a em suas mãos, aqueceu-a com alguns sopros  
35 e colocou-a junto ao peito. Como a pobrezinha não se movia, a princesa pensou que já  
36 tivesse morrido; lastimosa, admirou-a e disse-lhe, agindo como se ela fosse capaz de  
37 entender:

38 — O que farei, amável rolinha, para salvar tua vida?

1 — Bela-Estrela — respondeu o animalzinho. — Um beijo doce de vossa boca  
2 pode arrematar o que já começaste a fazer tão caridosamente.

3 — Não apenas um — disse a princesa. — Mas uma centena, se necessário.  
4 Ela beijou a rolinha, que, tomando fôlego, disse-lhe alegremente:

5 — Eu vos conheço, apesar de vosso disfarce, e sei que empreendeis algo que vos  
6 será impossível sem a minha ajuda; fazei, portanto, o que eu vos disser. Assim que  
7 chegardes ao rochedo, em vez de procurar um caminho para subir, parai e começai a  
8 entoar a mais bela e mais melodiosa canção que conheceis. Assim, o pássaro verde que  
9 tudo diz vos ouvirá e notará de onde vem essa voz. Depois, fingireis adormecer, e eu  
10 permanecerei ao vosso lado; quando ele me vir, descerá do cume do rochedo para me  
11 bicar, e é nesse momento que sereis capaz de capturá-lo.

12 A princesa, animada com essa esperança, avançou bem depressa rumo ao  
13 rochedo. Ao chegar, reconheceu os cavalos de seus irmãos pastando na grama; essa visão  
14 reavivou todas as suas dores. Sentou-se e chorou amargamente por um longo tempo;  
15 mas o passarinho verde dizia coisas tão belas e tão consoladoras aos infelizes, que não  
16 havia um coração triste que não se alegrasse ao ouvi-lo. Bela-Estrela enxugou as  
17 lágrimas e começou a cantar tão alto e tão bem, que os príncipes, no fundo da sala  
18 encantada, também tiveram o prazer de ouvi-la. Esse foi o primeiro momento em que  
19 eles puderam sentir alguma esperança desde então.

20 O passarinho verde que tudo diz escutou e procurou de onde vinha essa voz. Foi  
21 então que avistou a princesa, que havia retirado o capacete para dormir mais  
22 confortavelmente, e a rolinha, que voava ao seu redor. Quando viu esta última, ele  
23 começou a descer suavemente do cume para ir bicá-la; mas antes mesmo de ter  
24 arrancado três penas da rolinha, acabou sendo capturado.

25 — Ó, o que quereis de mim? — ele disse à Bela-Estrela. — O que vos fiz para  
26 virdes até aqui a fim de me causar essa infelicidade? Concedei-me a liberdade, eu vos  
27 suplico! Vede o que desejais em troca, pois não há nada que eu não possa fazer.

28 — Eu desejo que me devolvais meus três irmãos! — disse-lhe a princesa. — Não  
29 sei onde eles estão, mas seus cavalos estão pastando perto deste rochedo, o que me faz  
30 saber que vós os aprisionastes em algum lugar.

31 — Sob a minha asa esquerda há uma pluma encarnada — disse ele. — Arrancai-  
32 a e usai-a para tocar o rochedo.

33 Imediatamente, a princesa cumpriu o comando. Naquele mesmo instante,  
34 ouviu-se relâmpagos, trovões e o barulho de uma ventania, o que serviu para deixá-la  
35 completamente assustada. Porém, apesar de seu susto, ela manteve o pássaro verde em  
36 suas mãos, pois temia que ele pudesse escapar. Depois, tocou novamente o rochedo com  
37 a pluma encarnada, mas apenas na terceira vez foi que ele se abriu de cima a baixo,  
38 permitindo que ela entrasse com um ar vitorioso na sala onde os três príncipes se

1 encontravam, na companhia de muitos outros. Ela correu em direção a Querido, mas ele  
2 não a reconheceu por conta de seus trajes e do capacete. Ademais, o encantamento  
3 ainda não havia sido quebrado, e ele continuava imóvel, sem poder falar. Percebendo  
4 isso, a princesa fez novas perguntas ao pássaro verde, às quais ele respondeu dizendo  
5 que seria necessário usar a pluma encarnada para esfregar os olhos e a boca de todos  
6 aqueles que ela desejava desencantar. Enfim, ela prestou esse bom ofício a vários reis,  
7 vários soberanos e, especialmente, a nossos três príncipes.

8 Tocados por tão grande benfeitoria, todos se ajoelharam e nomearam-na “a  
9 libertadora de reis”. Só então ela se deu conta de que seus irmãos, enganados por seus  
10 trajes, não conseguiam reconhecê-la; ao retirar seu capacete, estendeu os braços,  
11 abraçou-os centenas de vezes e, com grande civilidade, perguntou aos outros príncipes  
12 quem eles eram. Cada um lhe contou sua aventura particular, e todos se ofereceram para  
13 acompanhá-la onde quer que fosse. Ela respondeu que apesar de as leis da cavalaria lhe  
14 concederem alguns direitos sobre a liberdade que lhes provera, ela não pretendia  
15 utilizar-se deles. Depois, retirou-se com seus irmãos para lhes contar o que havia  
16 acontecido após o desaparecimento de cada um.

17 Interrompendo-os, o passarinho verde que tudo diz pediu a Bela-Estrela que o  
18 pusesse em liberdade; a princesa logo começou a procurar pela rolinha, a fim de pedir-  
19 lhe um conselho sobre isso, mas não a encontrou. Ela respondeu ao pássaro que havia  
20 passado por muitas tristezas e dificuldades para usufruir tão pouco de sua conquista. Os  
21 quatro montaram em seus cavalos e partiram, deixando os reis e imperadores a pé;  
22 afinal, depois de duzentos ou trezentos anos presos ali, seus companheiros de viagem já  
23 haviam morrido.

24 A rainha-mãe, sentindo-se livre de toda a inquietude causada pelo retorno dos  
25 belos infantes, começou a instigar o rei para que se casasse novamente. De tanto que ela  
26 o importunava, ele decidiu que escolheria uma princesa entre seus parentes. Acontece,  
27 porém, que, para isso, seu casamento com a pobre rainha Loira deveria ser anulado. Ela  
28 continuava vivendo na companhia de sua mãe, no casebre de campo, com seus três  
29 cachorros, aos quais ela havia dado os nomes de Mágoa, Luto e Dor<sup>20</sup>, inspirada pelos  
30 problemas que eles haviam causado. A rainha-mãe mandou chamá-la; Loira vestiu-se de  
31 luto, cobriu-se com um longo véu, que se estendia da cabeça aos pés, e embarcou em sua  
32 carroça, levando os cãesinhos consigo.

33 Mesmo nesse estado, ela parecia mais bela que o astro do dia, ainda que estivesse  
34 magra e pálida, pois não conseguia dormir e só comia por complacência. Todo mundo  
35 sentia grande pena dela e de sua mãe. De início, o rei, que ainda sentia uma grande

---

<sup>20</sup> *Chagrin, Mouron e Douleur.*

1 ternura por Loira, evitou sequer olhá-la. Porém, quando pensou que talvez não tivesse  
2 nenhum outro herdeiro a não ser aqueles cachorros, resignou-se a tudo.

3 Quando a noite tomou o lugar do dia, a rainha-mãe, aconselhada pela almirante  
4 Ruiva (que ainda odiava sua desgraçada irmã), afirmou que gostaria que a rainha Loira  
5 comparecesse à festa. Tudo estava preparado para uma cerimônia grande e suntuosa; e  
6 como o rei fazia questão de demonstrar sua magnificência àqueles estrangeiros, ele  
7 ordenou ao seu escudeiro-mor que fosse convidar os belos infantes. Ademais, instruiu-  
8 lhe a dizer que, se eles se recusassem a comparecer dessa vez, daria ordens para que  
9 nunca mais pudessem voltar ao seu reino.

10 O escudeiro-mor bem que tentou encontrá-los, mas não conseguiu. Porém,  
11 sabendo do prazer que o rei teria em vê-los, pediu a um de seus subordinados que  
12 fizesse vigília na porta da casa em que eles estavam alojados, a fim de informá-los sobre  
13 o convite assim que retornassem. E foi justamente no dia do grande banquete que Bela-  
14 Estrela e os três príncipes chegaram. O cavaleiro aproveitou para contar-lhes a história  
15 do rei, sobre como um dia ele havia se casado com uma pobre moça, perfeitamente bela  
16 e sábia, que havia tido a infelicidade de dar à luz três cães. Contou-lhes que ele a  
17 afugentara para nunca mais vê-la e que, de tanto que a amava, passou quinze anos sem  
18 querer sequer ouvir alguma proposta de casamento. Porém, depois de ter sido muito  
19 pressionado pela rainha-mãe e por seus súditos, ele havia decidido casar-se com uma  
20 princesa de sua corte. Por fim, o cavaleiro pediu que eles se dirigissem ao palácio  
21 imediatamente para que pudessem assistir à cerimônia.

22 Naquele mesmo instante, Bela-Estrela pegou um vestido de veludo cor-de-rosa,  
23 todo guarnecido com diamantes brilhantes, e o vestiu. Seus cabelos caíam em grandes  
24 cachos sobre seus ombros, amarrados com laços. A estrela que ela tinha na fronte  
25 irradiava muita luz, e a corrente dourada que cingia seu pescoço, que não podia ser  
26 removida, parecia ser feita de um metal mais precioso do que o próprio ouro. Enfim,  
27 algo assim tão belo jamais fora visto pelos olhos dos mortais. Seus irmãos não estavam  
28 menos atraentes, mas o príncipe Querido tinha algo que o tornava ainda mais distinto  
29 que os demais. Os quatro embarcaram em uma carruagem de ébano e marfim, cujo  
30 interior era forrado de tecido dourado, com cortinas da mesma cor, bordadas com  
31 pedrarias. Doze cavalos brancos puxavam o veículo. O restante da comitiva também era  
32 de uma beleza incomparável.

33 Quando Bela-Estrela e seus irmãos apareceram, o rei, encantado, foi recebê-los  
34 pessoalmente, com toda a sua corte, no topo da escadaria do palácio. A maçã entoava  
35 uma canção maravilhosa, enquanto a água dançava e o passarinho verde que tudo diz  
36 falava com mais propriedade que os oráculos. Todos os quatro se prostraram de joelhos  
37 diante do rei, e, pegando sua mão, beijaram-na com muito respeito e carinho.  
38 Abraçando-os, ele lhes disse:

1 — Muito obrigado, amáveis estrangeiros, por terdes vindo hoje! Vossa presença  
2 me faz muito feliz.

3 Ao final dessas palavras, acompanhou-os para dentro de um grande salão, onde  
4 os músicos tocavam todo tipo de instrumentos e várias mesas estavam esplendidamente  
5 servidas, sem deixar nada a desejar para uma boa refeição.

6 A rainha-mãe apareceu acompanhada de sua futura nora, da almirante Ruiva e  
7 de todas as suas damas, entre as quais estava a pobre rainha Loira, amarrada pelo  
8 pescoço com uma corda de couro, seguida pelos seus três cães, que estavam amarrados  
9 da mesma maneira. Conduziram-na ao centro do salão e colocaram-na diante de um  
10 caldeirão cheio de ossos e carne estragada; esse era o jantar que a rainha-mãe havia  
11 providenciado para ela.

12 Embora não a conhecessem, Bela-Estrela e os príncipes ficaram muito  
13 comovidos quando a viram tão infeliz. Seja por terem se sentido abalados por aquela  
14 cruel demonstração de poder, pelos rigores dos grandes, ou mesmo movidos pela força  
15 do sangue, que sempre se faz ressentir, lágrimas brotaram de seus olhos. Mas qual não  
16 foi a surpresa da rainha malvada diante de um regresso tão pouco esperado e tão  
17 contrário aos seus projetos? Ela lançou um olhar furioso sobre Fingida, que naquele  
18 momento só desejava que a terra se abrisse para que ela pudesse fugir.

19 O rei apresentou os belos à sua mãe, falando muito bem deles. E apesar da  
20 inquietude que a consumia, ela não deixou de falar-lhes com um ar risonho e lançar-  
21 lhes olhares muito gentis, como se os amasse, pois a dissimulação estava em moda desde  
22 aqueles tempos. A festa estava muito agradável, embora o rei estivesse extremamente  
23 triste por ver sua esposa comendo com os cãesinhos, como se fosse a pior das criaturas.  
24 Porém, como havia decidido demonstrar complacência à sua mãe, deixou-a mandar em  
25 tudo dessa vez. Finalizado o jantar, o rei falou a Bela-Estrela:

26 — Eu sei que estais em posse de três tesouros incomparáveis. Eu vos felicito por  
27 isso, e peço que nos conteis o que foi preciso fazer para conquistá-los.

28 — Majestade — ela respondeu. — Eu vos obedecerei com muito prazer. Bem,  
29 disseram-me que a água que dança me concederia beleza, e que a maçã que canta me  
30 dotaria de inteligência; eu desejei obtê-las por essas duas razões. Em relação ao  
31 passarinho verde que tudo diz, o motivo era outro. É que não sabemos nada sobre nossa  
32 misteriosa origem; fomos abandonados por nossos parentes, não conhecemos nenhum  
33 deles. Sendo assim, eu esperava que esse maravilhoso pássaro nos prestasse algum  
34 esclarecimento, pois esse assunto nos mantém ocupados noite e dia.

35 — A julgar por vós, deveis pertencer a alguma estirpe das mais ilustres —  
36 respondeu o rei. — Contudo, falai com sinceridade: quem sois vós?

37 — Senhor — disse-lhe ela. — Meus irmãos e eu faríamos esse questionamento na  
38 ocasião de nosso retorno, em segurança. Porém, quando recebemos vossas ordens para

1 comparecer ao vosso casamento, tudo o que pudemos fazer foi trazer essas três raridades  
2 conosco para o vosso entretenimento.

3 — Fico muito feliz com isso! — o rei exclamou. — Mas não vamos atrasar uma  
4 descoberta tão agradável!

5 — Achais mesmo que nos divertiríamos com essas bagatelas? — disse a colérica  
6 rainha-mãe. — Não passam de patifes com suas pretensas raridades! Na verdade, só  
7 pelos seus nomes já podemos perceber que não há nada de mais ridículo! Ora, ora, eu  
8 não admito que esses estrangeiros, que aparentam advir da escória do povo, continuem  
9 abusando de vossa credulidade, meu filho! São apenas três mendigos e uma esmoleira<sup>21</sup>!  
10 Se não fosse por vossa insistência, eles jamais teriam a honra de se sentarem à minha  
11 mesa!

12 Ao ouvirem um discurso tão depreciativo, Bela-Estrela e seus irmãos não  
13 souberam o que fazer. Seus rostos estavam cobertos de confusão e desespero por terem  
14 sido submetidos a tamanha afronta diante dessa grande corte. O rei respondeu à sua  
15 mãe que seu comportamento o ultrajava, e pediu aos belos infantes que não se  
16 aborrecessem com ela, estendendo-lhes a mão em sinal de amizade.

17 Em seguida, Bela-Estrela pegou uma tigela de cristal de rocha, na qual derramou  
18 a água que dança; imediatamente, todos viram o quanto essa água se agitava, pulando  
19 em cadência, para frente e para trás, indo e voltando, erguendo-se como um mar bravio  
20 em miniatura, mudando várias vezes de cor. Enquanto a tigela de cristal se movia ao  
21 longo da mesa do rei, algumas gotas acabaram respingando no rosto escudeiro-mor, a  
22 quem os infantes se sentiam muito gratos. Ele era um homem de raro mérito, mas sua  
23 fealdade não era menos rara; ele tinha até perdido um olho. Porém, assim que a água o  
24 tocou, tornou-se tão belo a ponto de não ser mais reconhecido, e seu olho foi curado. O  
25 rei, que o estimava muito, sentiu-se deveras feliz com esse prodígio. A rainha-mãe, por  
26 sua vez, ficou extremamente irritada, pois não podia suportar os aplausos que eram  
27 dirigidos aos príncipes.

28 Cessadas as palmas, Bela-Estrela colocou a maçã que canta em cima da água que  
29 dança; essa fruta era feita de um único rubi, coroada com diamantes, e ainda pendia de  
30 seu ramo de âmbar. Ela deu início a um concerto tão melodioso que mesmo uma  
31 centena de músicos teria parecido menos impressionante, encantando o rei e toda a  
32 corte. Por fim, ficaram ainda mais admirados quando viram Bela-Estrela tirar uma  
33 gaiolinha de ouro da manga de seu vestido. O pássaro verde que tudo diz estava dentro  
34 desse maravilhoso objeto; ele só comia pó de diamante e bebia apenas água destilada de  
35 pérolas. Pegando-o com muita delicadeza, colocou-o sobre a maçã, que, em sinal de  
36 respeito, calou-se para que ele pudesse falar. Suas penas, de tão delicadas que eram,

---

<sup>21</sup> *Gibecièrre e de gobelets.*

1 agitavam-se até mesmo com a brisa proveniente do abrir e fechar dos olhos daqueles  
2 que estavam ao seu redor, revelando todas as nuances de verde que se possa imaginar.  
3 Dirigindo-se ao rei, perguntou-lhe o que ele desejava saber.

4 — Todos nós desejamos saber que é esta bela donzela e quem são estes três  
5 cavaleiros — ele respondeu.

6 — Ó, rei — respondeu o pássaro verde em alto e bom som. — Ela é tua filha, e  
7 dois desses príncipes são teus filhos. O terceiro, chamado Querido, é teu sobrinho!

8 E contou toda a história com uma eloquência incomparável, sem dispensar nem  
9 mesmo os mínimos detalhes.

10 O rei se afundou em lágrimas, enquanto a rainha Loira, aflita, começou a afastar-  
11 se lentamente de seu caldeirão de ossos e de seus cães, chorando de alegria e de amor  
12 por ter seu marido e seus filhos de volta. Afinal, como ela poderia duvidar da veracidade  
13 dessa história diante de todos aqueles sinais? Os três príncipes e Bela-Estrela  
14 levantaram-se quando o pássaro finalizou sua história; aproximando-se do rei,  
15 lançaram-se a seus pés, abraçaram seus joelhos e beijaram suas mãos. Estendendo-lhes  
16 os braços, o rei os apertou contra seu coração. Não se ouvia mais nada além de suspiros,  
17 interjeições e gritos de alegria. Então, o rei se levantou e olhou para a rainha, sua esposa,  
18 que ainda demonstrava temor, encostada em um canto da parede, com um semblante de  
19 humilhação. Dirigindo-se até ela, rendeu-lhe mil carícias e presenteou-lhe com um  
20 trono, que ele mesmo tratou de colocar ao lado do seu, e fez questão de que ela o  
21 ocupasse.

22 Seus filhos beijaram-lhe os pés e as mãos milhares de vezes; nunca se viu algo tão  
23 terno e comovente. Cada um chorou à sua maneira, e depois todos ergueram as mãos e  
24 os olhos ao céu em agradecimento por ter permitido que coisas tão importantes e  
25 obscuras fossem enfim reveladas. O rei, por sua vez, agradeceu à princesa com quem  
26 tinha a intenção de se casar e deixou-lhe uma grande quantidade de jóias. Quanto à  
27 rainha-mãe, a almirante Ruiva e Fingida, o que ele não teria feito contra elas se tivesse  
28 dado vazão ao seu ressentimento? Os trovões de sua cólera bem que começaram a se  
29 avultar, mas a generosa rainha Loira, seus filhos e Querido incitaram-no a se acalmar e a  
30 fazer contra elas um julgamento mais exemplar do que rigoroso. Ele ordenou que a  
31 rainha-mãe fosse trancada em uma torre e que a almirante Ruiva e Fingida fossem  
32 lançadas juntas no fundo de um calabouço escuro e úmido, onde deveriam dividir a  
33 comida com os três cãezinhos, Mágoa, Luto e Dor, os quais, sem terem sua boa dona por  
34 perto, mordiam as duas a todo instante. E foi assim que as três acabaram. Elas  
35 sobreviveram apenas o suficiente para se arrependerm de todos os seus crimes.

36 Depois que a rainha-mãe, a almirante Ruiva e Fingida foram conduzidas aos  
37 locais designados pelo rei, os músicos recomeçaram a cantar e a tocar os instrumentos.  
38 A alegria foi inigualável: Bela-Estrela e Querido sentiam-se ainda mais felizes do que



1 todos os demais, pois enfim estavam na véspera do dia mais feliz de suas vidas. Isso  
2 porque o rei, tendo considerado seu sobrinho o mais belo e inteligente de toda a corte,  
3 disse-lhe que não queria esperar nem mais um dia para realizar um grande casamento,  
4 pois concordava em conceder-lhe a mão de sua filha. Transportado de alegria, o  
5 príncipe lançou-se a seus pés; Bela-Estrela, por sua vez, não demonstrou menos  
6 satisfação.

7 Era bem justo, porém, que a velha princesa, mãe da rainha Loira, depois de ter  
8 vivido em solidão por tantos anos, também partilhasse da alegria geral. E aconteceu que,  
9 de repente, aquela mesma fadinha que um dia jantara com ela, e que havia sido tão bem  
10 recebida, adentrou sua casa para contar-lhe que estava acontecendo na corte.

11 — Vamos — disse-lhe ela. — No caminho eu vos contarei tudo o que fiz para  
12 proteger vossa família!

13 A grata princesa entrou em sua brilhante carruagem, que era de ouro e azurita,  
14 precedida por instrumentos de guerra e seguida por seiscentos guarda-costas, que mais  
15 pareciam grandes senhores. A fada contou à princesa toda a história de seus netos,  
16 dizendo-lhe que nunca os abandonara; fosse sob a forma de uma sereia ou de uma  
17 rolinha, ela os protegera de mil maneiras.

18 — Vede, portanto, que uma caridade nunca é feita em vão — concluiu a fada.

19 Para demonstrar sua gratidão, a boa princesa beijou-lhe as mãos  
20 incessantemente, pois não conseguiu encontrar palavras capazes de expressar todo seu  
21 reconhecimento.

22 E finalmente elas chegaram. O rei as recebeu com grandes demonstrações de  
23 carinho. Como era de se esperar, a rainha Loira e os belos infantes apressaram-se para  
24 agradecer a essa ilustre fada por toda sua amizade. Ademais, também não encontraram  
25 palavras para gratificá-la quando souberam de tudo o que ela havia feito em seu favor (e  
26 que ela era a graciosa rolinha que os guiara). E para completar a satisfação do rei, ela lhe  
27 revelou que sua sogra, a qual ele sempre tomara por uma pobre camponesa, era, na  
28 verdade, uma princesa soberana de nascença. Talvez essa fosse a única informação que  
29 faltava para completar a felicidade desse monarca. A festa terminou com o casamento da  
30 princesa Bela-Estrela com o príncipe Querido. O corsário e sua esposa foram chamados  
31 para serem novamente recompensados pela nobre educação que legaram às belas  
32 crianças. Enfim, depois de longas penas, todo mundo ficou satisfeito.

33  
34 *O amor, a contragosto dos censores,*

35 *É o que dá origem à glória:*

36 *Ele instiga o coração de grandes senhores*

37 *A enfrentar o perigo e alcançar a vitória.*

1                                    *É ele que, em todo o universo,*  
2                                    *Do príncipe Querido preservou a memória;*  
3                                    *E que o fez vencer os perigos diversos*  
4                                    *Que conhecemos em sua história.*  
5                                    *Se ao belo sexo quiserdes conquistar,*  
6                                    *Preparai-vos para servir a seus caprichos;*  
7                                    *Pois um coração fiel não temerá os maiores precipícios*  
8                                    *Se movido pela glória e pelo dom de amar.*

CC BY-NC-ND 4.0

## O PRÍNCIPE JAVALI

1 Era uma vez um rei e uma rainha que viviam em grande tristeza, porque não  
2 tinham filhos. Embora ainda fosse bela, a Rainha não era mais jovem, de sorte que já  
3 não ousava se arriscar. Isso a afligia muito; ela dormia pouco e suspirava sem cessar,  
4 pedindo aos Deuses e a todas as fadas que lhe fossem favoráveis. Um dia, ela saiu para  
5 caminhar em um pequeno bosque e, depois de ter colhido algumas violetas e rosas,  
6 resolveu colher alguns morangos também. Porém, logo depois de tê-los comido, sentiu  
7 um sono tão profundo que acabou adormecendo deitada aos pés de uma árvore.

8 Durante o sono, ela sonhou que via três fadas pairando no ar, flutuando sobre  
9 sua cabeça. A primeira, admirando-a com piedade, disse-lhe:

10 — Eis aqui uma amável Rainha, a quem renderíamos um serviço bem essencial  
11 se quiséssemos dotá-la de um filho.

12 — Fazei o que bem quiser — disse a segunda. — Afinal, sois a mais velha de nós.

13 — Eu vos concedo o dom de terdes um filho — ela continuou. — O menino mais  
14 belo, mais amável e mais amado do mundo!

15 — Quanto a mim — disse a outra. — Eu vos concedo o dom de verdes esse filho  
16 logrando êxito em seus empreendimentos, sempre poderoso, cheio de inteligência e de  
17 justiça.

18 E aconteceu que, ao aproximar-se para dotá-la, a terceira fada desatou a rir e  
19 começou a murmurar muitas coisas entre dentes, de modo que a rainha não conseguiu  
20 entendê-la. Esse foi o sonho que ela teve. Alguns momentos depois, ela acordou, mas  
21 não viu nada no ar e nem no jardim.

22 — Céus! — ela exclamou. — Não tenho uma fortuna boa o suficiente para  
23 esperar que meu sonho se torne realidade. Quão grata eu seria aos Deuses e às boas  
24 fadas se tivesse um filho!

25 Ela colheu mais algumas flores e retornou ao palácio mais alegre do que de  
26 costume. Ao encontrá-la assim, o Rei pediu que ela lhe contasse o motivo, mas a Rainha  
27 se esquivou; porém, ao pressioná-la um pouco mais, ela lhe disse:

28 — Não é uma coisa digna de vossa curiosidade, foi apenas um sonho. Vós me  
29 acharíeis muito tola por colocar qualquer tipo de fé nele.

30 E então contou-lhe que havia visto três fadas no ar enquanto dormia, e repetiu o  
31 que duas primeiras disseram; mas como a terceira havia desatado a rir, ela não pôde  
32 capaz de entender seus murmúrios.

33 — Esse sonho me causa tanta satisfação quanto a vós — disse o Rei. — Porém,  
34 fico preocupado com essa fada bem-humorada, pois a maioria delas é maliciosa, e nem  
35 sempre é um bom sinal quando elas riem.

1 — Para mim, acredito que isso não deva significar algo de bom ou de ruim —  
2 replicou a Rainha. — Minha mente sempre esteve ocupada com o desejo que tenho de  
3 ter um filho, e agora uma centena de quimeras se formaram. Ademais, o que não  
4 poderia acontecer a ele se houvesse algo de real no que eu sonhei? Ele foi dotado de tudo  
5 o que há de mais vantajoso. Queria tanto que o Céu me concedesse esse consolo!

6 Dizendo isso, a Rainha se pôs a chorar, e o Rei assegurou-lhe de que ela era  
7 muito querida por ele, que a amava acima de tudo.

8 Passados alguns meses, a rainha descobriu que estava grávida. Todo o reino foi  
9 advertido para fazer votos por ela, e os altares fumegaram com os sacrifícios que foram  
10 oferecidos aos Deuses para a conservação de um tesouro tão precioso. Os governadores  
11 de todos os Estados se reuniram para ir cumprimentar Suas Majestades; todos os  
12 príncipes de sangue, as princesas e os embaixadores compareceram ao parto da Rainha.  
13 O enxoval para essa criança tão esperada era de uma beleza admirável, e a nutriz era  
14 excelente. Porém, a alegria pública logo se transformou em tristeza quando, em vez de  
15 um belo príncipe, viu-se nascer um filhotinho de javali<sup>1</sup>! Todos gritaram bem alto, o que  
16 deixou a Rainha apavorada. Ela perguntou o que havia acontecido, mas eles não lhe  
17 disseram, temendo que ela morresse de dor. Pelo contrário, asseguraram-lhe de que ela  
18 era a mãe de um belo menino, e que só tinha motivos para comemorar.

19 O rei, extremamente aflito, ordenou que metessem o javali em um saco e o  
20 lançassem ao mar, para que essa coisa tão maligna se afastasse deles. Instantes depois,  
21 entretanto, ele sentiu compaixão e, considerando que o mais correto a se fazer fosse  
22 consultar a Rainha a respeito do assunto, ordenou que o nutrissem. Ele só contaria a  
23 verdade quando sua esposa estivesse devidamente recuperada, pois temia que ela  
24 pudesse morrer com tamanho desgosto. Todos os dias ela pedia para ver seu filho, mas  
25 sempre lhe diziam que ele era delicado demais para ser levado de um quarto para o  
26 outro, o que servia para tranquilizá-la.

27 Quanto ao Príncipe Javali, ele era criado como tal, e demonstrava um grande  
28 desejo de viver. Ele tinha seis nutrizas, três das quais eram secas, à moda inglesa; estas  
29 davam-lhe vinhos espanhóis e licores para beber o tempo todo, o que fez com que ele  
30 aprendesse desde cedo a saborear os melhores vinhos. A Rainha, impaciente para  
31 acariciar o seu bebê, disse ao Rei que já se sentia bem o suficiente para ir aos seus  
32 aposentos, e que não podia mais viver sem ver o filho. Com um profundo suspiro, o rei  
33 ordenou que o herdeiro da coroa fosse trazido. Ele estava envolto em uma manta de  
34 brocado de ouro, como uma criança comum; tomando-o em seus braços, a rainha  
35 levantou a renda franzida que cobria seu rosto. Céus! O que ela não sentiu com essa

---

<sup>1</sup> *Marcassin*: nome dado ao filhote de javali (tal como “bezerro” em relação ao boi).

1 visão fatal? Pensou que sua vida acabaria ali! A Rainha limitou-se a olhar com tristeza  
2 para o Rei, sem ousar falar nada. Ele lhe disse:

3 — Não vos afligis, minha querida Rainha, eu não vos culpo por nenhuma de  
4 nossas desgraças. Não há dúvidas de que esse foi um truque de alguma fada maligna.  
5 Com o vosso consentimento, darei prosseguimento ao primeiro plano que tive, e  
6 mandarei afogar esse monstrinho.

7 — Ah, senhor — disse-lhe ela. — Não me peça para opinar sobre um ato tão  
8 cruel, pois sou a mãe deste infeliz Javali e sinto que minha ternura falará mais alto em  
9 seu favor. Por vossa graça, peço que não lhe façais nenhum outro mal, pois para ele já  
10 será ruim o bastante ter nascido javali em vez de homem.

11 Sentindo-se fortemente comovido tanto pelas lágrimas quanto pelas razões de  
12 sua esposa, o Rei prometeu que atenderia seus pedidos. Sendo assim, as damas que  
13 criavam o javalzinho começaram a cuidar dele com muito mais cuidado, pois até então  
14 ele era tratado como um animal repulsivo, que logo viraria comida de peixe. A verdade é  
15 que, apesar de sua fealdade, seus olhos expressavam plena inteligência; ele tinha o  
16 costume de oferecer sua patinha àqueles que vinham cumprimentá-lo, para que a  
17 beijasse, assim como os outros fazem ao estenderem as mãos. Colocaram braceletes de  
18 diamante nele, e ele fazia todas as coisas com bastante graça.

19 A rainha não conseguia deixar de amá-lo. Ela costumava mantê-lo em seus  
20 braços e, no fundo de seu coração, até mesmo o achava bonito, mas não ousava dizer  
21 isso por medo de parecer louca. Confessava apenas a seus amigos que seu filho lhe  
22 parecia amável. Ela o cobria com milhares de lacinhos cor-de-rosa, e suas orelhas foram  
23 furadas. Para ensiná-lo a andar sobre suas patas traseiras, erguiam-no com a ajuda de  
24 cordões; ele usava sapatos e vestia meias de seda amarradas na altura do joelho, para que  
25 suas pernas parecessem mais longas. Quando queriam repreendê-lo, desferiam-lhe  
26 chicotadas. Enfim, todos tentavam eliminar seus modos javalinescos<sup>2</sup> na medida do  
27 possível.

28 Uma dia, quando a Rainha saiu para caminhar carregando seu filho no colo, foi  
29 para debaixo da mesma árvore onde havia adormecido e sonhado tudo o que eu já  
30 contei. Ali, a lembrança daquela aventura voltou fortemente à sua memória.

31 — Então este é o príncipe tão belo, tão perfeito e tão ditoso que eu deveria ter? —  
32 disse ela. — Ó, sonho enganoso, visão fatal! Ó, fadas, o que vos fiz para zombardes assim  
33 de mim?

34 Enquanto ela murmurava essas palavras entre dentes, viu um carvalho crescer  
35 subitamente, do qual saiu uma dama muito bem vestida, que, olhando para ela com um  
36 ar afável, disse-lhe:

---

<sup>2</sup> *Les manieres Marcassines.*

1 — Não te entristeças, grande Rainha, por ter dado à luz o Javalzinho! Asseguro-  
2 te de que chegará o dia em que ele se tornará belo diante dos teus olhos.

3 A rainha a reconheceu como uma daquelas três fadas que pairavam no ar  
4 enquanto ela dormia e que, flutuando sobre ela, dotaram-na com o dom de dar à luz um  
5 filho.

6 — Acho difícil acreditar em vós, madame — ela respondeu. — Qualquer que seja  
7 a inteligência que meu filho possa ter, quem seria capaz de amá-lo com tal aparência?

8 Ao que a fada tornou a responder:

9 — Não te entristeças, grande Rainha, por ter dado à luz o Javalzinho! Asseguro-  
10 te de que chegará o dia em que ele se tornará belo diante dos teus olhos.

11 E depois voltou diretamente para dentro da árvore, que afundou no chão sem  
12 deixar nenhum sinal de que um dia esteve ali.

13 A Rainha, muito surpresa com essa nova aventura, envaideceu-se ao pensar que  
14 as fadas se dedicariam aos cuidados da Alteza Bestial. Voltando prontamente ao palácio,  
15 apressou-se a informar o Rei, mas ele pensou que sua esposa havia inventado essa  
16 história para que seu filho lhe parecesse menos odioso.

17 — Pela vossa feição, vejo muito bem que não acreditais em mim — disse-lhe ela.  
18 — Contudo, nada pode ser mais verdadeiro do que tudo o que acabei de vos contar.

19 — É muito triste ter de suportar o escárnio das fadas — disse o Rei. — Como é  
20 que elas evitarão que nosso filho se torne um javali selvagem? Jamais conseguirei olhá-lo  
21 sem cair na mais profunda tristeza!

22 A rainha retirou-se mais aflita do que nunca. Ela esperava que as promessas das  
23 fadas aliviassem a repulsa do Rei, mas ele não acreditava nelas. Determinada a não lhe  
24 contar mais nada sobre seu filho, a Rainha resolveu deixar seu marido aos cuidados dos  
25 deuses, para que o consolassem.

26 Javali começou a falar como todas as crianças; de início, ele gaguejava um pouco,  
27 mas isso não impedia que a Rainha tivesse muito prazer em ouvi-lo, pois temia que ele  
28 jamais fosse capaz de falar em toda sua vida. Ele cresceu bastante e se acostumou a andar  
29 com as patas traseiras. Usava longas vestes que cobriam suas pernas e um capuz preto de  
30 veludo para esconder a cabeça, as orelhas e parte do focinho. O fato é que ele tinha  
31 presas enormes e pêlos completamente eriçados; seu olhar era firme e inspirava a mais  
32 absoluta valentia. Ele comia em um cocho de ouro, onde lhe serviam trufas<sup>3</sup>, bolotas,  
33 cogumelos *morilles*<sup>4</sup> e grama, com tudo mais o que fosse necessário para deixá-lo limpo  
34 e aseado. Ele havia nascido com um espírito superior e com uma coragem intrépida.

---

<sup>3</sup> Cogumelo de cor escura, comestível e de sabor marcante, encontrado somente na Europa, em associação com as raízes de certas árvores, como os carvalhos (de onde vêm as bolotas também citadas no texto).

<sup>4</sup> Cogumelo cujo corpo frutífero se assemelha a uma colmeia, sendo muito apreciado na culinária francesa.

1 Quando o Rei tomou conhecimento de seu caráter, começou a amá-lo como jamais o  
2 fizera, e escolheu bons mestres para ensiná-lo tudo o que fosse possível. Javali não teve  
3 muito sucesso nas danças figurativas<sup>5</sup>; mas quanto ao passa-pé<sup>6</sup> e ao minueto<sup>7</sup>, cujos  
4 passos têm de ser rápidos e leves, ele foi capaz de realizar maravilhas. Em relação aos  
5 instrumentos, ele logo se deu conta de que o alaúde e a teorba não lhe convinham; em  
6 compensação, ele amava o violão e tocava flauta lindamente. O príncipe montava em  
7 seu cavalo com postura e graça surpreendentes, e saía para caçar quase todos os dias,  
8 desferindo mordidas terríveis contra os animais mais ferozes e perigosos. Não demorou  
9 para que seus mestres percebessem o quão ávido era seu espírito, pois ele também se  
10 aperfeiçoava nas ciências com a maior facilidade possível. Porém, o príncipe ressentia  
11 amargamente a sua ridícula figura javalinesca, de modo que evitava comparecer às  
12 grandes assembleias.

13 Ele vivia feliz, indiferente a tudo, até que, um dia, quando estava junto da  
14 Rainha, viu entrar uma dama de boa aparência, seguida por três moças muito amáveis.  
15 Lançando-se aos pés da Rainha, implorou-lhe para acolher suas filhas, afirmando que a  
16 morte de seu marido e outros grandes infortúnios reduziram-na à extrema pobreza.  
17 Disse também que sua estirpe e suas demais desgraças já eram do conhecimento de Sua  
18 Majestade, e por isso esperava que ela tivesse misericórdia. Comovida por vê-las assim,  
19 de joelhos, a Rainha as abraçou e disse àquela dama que acolheria suas três filhas com  
20 prazer. A mais velha se chamava Ismênia<sup>8</sup>, a segunda, Zelonide<sup>9</sup>, e a mais jovem,  
21 Martésia<sup>10</sup>. Prometeu que cuidaria delas e que não as desampararia; ademais, afirmou  
22 que ela também poderia morar no palácio, onde seria tratada com muito respeito, em  
23 nome de sua amizade. A mãe, encantada com a bondade da Rainha, beijou suas mãos  
24 milhares vezes e, de repente, passou a desfrutar de uma vida tranquila, o que já não  
25 conhecia havia muito tempo.

26 A beleza de Ismênia movimentou a corte inteira e tocou sensivelmente um  
27 jovem cavaleiro chamado Coridon<sup>11</sup>, que, por sua vez, não era menos deslumbrante do  
28 que ela. Ambos começaram a sentir uma atração secreta um pelo outro quase que ao  
29 mesmo tempo. O cavaleiro era infinitamente amável; bastava olhá-lo para amá-lo<sup>12</sup>. E

---

<sup>5</sup> *Danses figurées*.

<sup>6</sup> Dança de salão francesa de origem campestre, popularizada na corte francesa durante o reinado de Luís XV. Os dançarinos costumavam se caracterizar de pastores e pastoras para realizar a performance (HORST, 1987, p. 94-96).

<sup>7</sup> Dança aristocrática em moda na França do século XVII; considerada uma dança festiva, alegre.

<sup>8</sup> *Ismene*.

<sup>9</sup> *Zelonide*.

<sup>10</sup> *Martésie*.

<sup>11</sup> *Coridon*.

<sup>12</sup> Expressão “*Il pluit, on l’aima*”.

1 como essa seria uma união muito vantajosa para Ismênia, a Rainha ficou contente ao  
2 notar as cortesias que ele lhe demonstrava e o quanto ela lhe correspondia. Enfim, o  
3 casamento dos dois entrou em pauta, pois tudo parecia concorrer para isso, eles  
4 pareciam ter nascido um para o outro. Coridon fez questão de participar de todas as  
5 festas galantes do reino, onde demonstrou a Ismênia todas as gentilezas capazes de  
6 conquistar fortemente mesmo um coração arredoio.

7 O príncipe, entretanto, fôra afetado pelo poder de Ismene assim que a viu, mas  
8 não ousou declarar-lhe sua paixão.

9 — Ah, Javali, Javali! — ele exclamava enquanto se olhava no espelho. — Seria  
10 possível que, mesmo possuindo tão desgraçada figura, ousarias cultivar qualquer  
11 sentimento afetuoso pela bela Ismene? Necessitas de uma cura, pois, de todos os  
12 infortúnios, o maior é amar sem ser amado.

13 Ele evitava vê-la a todo custo, mas como não parava de pensar nela, afundou-se  
14 numa terrível melancolia. Ficou tão magro que seus ossos até furavam a pele. Sua  
15 inquietude aumentou ainda mais quando soube que Coridon a cortejava abertamente e  
16 que ela o tinha em alta estima. Soube também que o Rei e a Rainha celebrariam uma  
17 pequena festa de casamento para eles.

18 A essas notícias, ele sentiu o seu amor aumentar e sua esperança diminuir, pois  
19 lhe parecia menos difícil agradar uma Ismene indiferente do que uma Ismene  
20 interessada em Coridon. Ele também entendeu que seu silêncio o faria perdê-la,  
21 portanto, depois de muito buscar um momento favorável para conversar com ela, enfim  
22 encontrou. Um dia, quando Ismene estava assentada sob uma agradável folhagem,  
23 entoando algumas palavras que seu amante lhe fizera, Javali a abordou. Constrangido,  
24 aproximou-se dela e perguntou-lhe se era verdade, como haviam lhe dito, que ela iria se  
25 casar com Coridon. Ismene respondeu que a Rainha havia lhe orientado a apreciar as  
26 atitudes do cavaleiro, e que o casamento seria a consequência natural desse processo.

27 — Ismene — disse ele, adocicando a voz. — Ainda sois muito jovem, não  
28 esperava que alguém já estivesse pensando em casar-se convosco. Se eu soubesse disso,  
29 teria vos oferecido o filho único de um grande rei, que vos ama e que teria o maior  
30 prazer em fazer-vos feliz.

31 Ismene empalideceu ao ouvir essas palavras. Ela já havia percebido que Javali,  
32 naturalmente bastante feroz, demonstrava grande prazer em falar com ela, que ele lhe  
33 dava todas as trufas que seu instinto javalinesco o fazia encontrar na floresta, e que ele a  
34 presenteava com flores, as quais ela costumava usar para enfeitar seu chapéu. Com um  
35 grande temor de que ele mesmo fosse o príncipe de quem falava, ela lhe respondeu:

36 — Estou bem ciente, senhor, de que o melhor para mim é ignorar os sentimentos  
37 do filho desse grande rei, visto que meus familiares, tão ambiciosos quanto eu jamais fui,



1 me forçariam a desposá-lo. Confesso-vos que meu coração encontra-se deveras  
2 afeiçoado por Coridon, e ele não mudará jamais.

3 — O quê! — ele respondeu. — Recusaríeis uma cabeça coroada que vos traria tão  
4 boa fortuna?

5 — Não estou recusando nada — disse ela. — Minha ternura é maior que minha  
6 ambição. Eu vos suplico, senhor, já que tendes amizade com esse príncipe, que o  
7 convençais a me deixar em paz.

8 — Ah, estúpida! — gritou o impaciente Javali. — Sabeis muito bem quem é o  
9 príncipe de quem vos falo! Sua aparência vos desagrada; ademais, não gostaríeis de ser  
10 chamada de Rainha Javalina<sup>13</sup>! Jurastes fidelidade eterna ao vosso cavaleiro, mas pensai,  
11 pensai na diferença que existe entre nós; posso não ser um Adônis, concordo, mas sou  
12 um poderoso Javali! Possuo algumas vantagens naturais com essa força suprema.  
13 Ismene, pensai nisso, caso contrário ficarei desesperado!

14 Enquanto pronunciava essas palavras, seus olhos ardiam como fogo e suas  
15 longas presas encostavam uma na outra, fazendo um ruído que apavorava a pobre moça.

16 Javali se retirou. Aflita, Ismene derramou uma torrente de lágrimas; e foi nesse  
17 estado que Coridon a encontrou. Até então, eles só haviam partilhado a doçura de uma  
18 ternura mútua, nada parecia se opor ao progresso de sua relação e eles ansiavam pelo dia  
19 do matrimônio. Qual não foi a reação desse jovem amante ao contemplar a dor de sua  
20 bela senhora? Ele a pressionou a contar-lhe o que havia acontecido, e ela o fez. Ora,  
21 ninguém saberia como representar o revés causado por essa notícia!

22 — Eu não seria capaz de preservar minha felicidade às custas da vossa — disse-  
23 lhe ele. — Uma coroa foi oferecida a vós, deveis aceitá-la!

24 — Ó, grandes deuses! — ela gritou. — Deverei aceitá-la e me casar com um  
25 monstro? Céus, o que vos fiz para me aconselhades tão contrariamente à nossa amizade  
26 e ao nosso acordo?

27 Coridon sentia-se tão constrangido que não conseguiu responder, mas as  
28 lágrimas que vertiam de seus olhos eram suficientes para expressar o estado de sua alma.  
29 Pensando na desgraça que lhes sobreviria, Ismene disse-lhe centenas e centenas de vezes  
30 que não mudaria de opinião, mesmo se se tratasse de qualquer outro rei da terra; sua  
31 generosidade comovia o cavaleiro. Por fim, disse-lhe outras centenas e centenas de vezes  
32 que antes preferiria morrer de desgosto a ocupar o trono que lhe era oferecido.

33 Enquanto essa contestação ocorria entre eles, Javali estava com a Rainha. O  
34 príncipe contou à sua mãe que escondera os sentimentos que tinha por Ismene na  
35 tentativa de superar essa paixão, mas que seus esforços haviam se provado inúteis. Ela  
36 estava prestes a se casar e ele sentia que não teria forças para suportar tal desgraça.

---

<sup>13</sup> *La Reine Marcassine.*

1 Disse, por fim, que morreria se não se casasse com ela. A Rainha ficou bem surpresa ao  
2 saber que Javali estava apaixonado.

3 — Acaso refletiste sobre o que disseste? — ela replicou. — Quem se interessará  
4 por ti, meu filho, e que tipo de herdeiro terias?

5 — Ismene é bonita demais para ter filhos feios — disse ele. — Mas ainda que eles  
6 se pareçam comigo, estou determinado a fazer qualquer coisa em vez de vê-la nos braços  
7 de outro!

8 — Terias tão pouco refinamento a ponto de desejares uma moça cuja estirpe é  
9 tão inferior à tua? — continuou a Rainha.

10 — E existe alguma soberana tão pouco refinada a ponto de desejar um porco  
11 infeliz como eu? — ele contestou.

12 — Aí é que tu te enganas, meu filho — acrescentou a Rainha. — Ao contrário  
13 dos príncipes, as princesas têm menos liberdade de escolha. Providenciaremos um  
14 retrato teu e faremos com que te pintem mais belo do que o próprio Amor. Quando  
15 firmarmos o casamento, tua escolhida virá morar aqui e terá de permanecer conosco.

16 — Eu não seria capaz de promover uma falcatrua dessas! — disse ele. — Eu  
17 entraria em desespero por fazer minha esposa infeliz!

18 — Ora, e acaso não pensas que aquela a quem amas também não viveria infeliz  
19 ao teu lado? — questionou a Rainha. — O cavaleiro que a ama é um homem adorável.  
20 Ademais, a diferença que existe entre a estirpe de um soberano e a de uma súdita não é  
21 menor do que aquela que há entre um javali e o homem mais encantador do mundo.

22 — Sede um pouco mais compassiva, madame — respondeu Javali, aborrecido  
23 com as razões que ela lhe dava. — Ouso dizer que as minhas desgraças se devem mais a  
24 vós do que a qualquer outra pessoa. Por que gerastes um porco? Não vos parece injusto  
25 censurar-me por algo que eu não tenho culpa?

26 — Não te censuro por isso — afirmou a Rainha, com toda ternura. — Meu único  
27 desejo é fazer-te entender que se te casares com uma mulher que não te ama, serás  
28 deveras infeliz, viverás em suplício. Se pudesses compreender quão sofridas são essas  
29 uniões forçadas, não desejarias correr o risco! Afinal, não é melhor viveres sozinho e em  
30 paz?

31 — Eu não conseguiria ser tão indiferente assim, madame — disse-lhe ele. —  
32 Sinto-me tocado por Ismene, ela é gentil e eu sempre a tratei com carinho; uma vez  
33 coroada, ela certamente passará a gostar mais de mim. Seja como for, se for meu destino  
34 não ser amado, ao menos terei o prazer de possuir a mulher que eu amo.

35 A Rainha o considerou tão fortemente apegado a esse plano que perdeu a  
36 vontade de tentar desviá-lo dele, prometendo que faria o que ele desejasse. Em seguida,  
37 mandou chamar a mãe de Ismene, pois conhecia muito bem as suas inclinações: era  
38 uma mulher ambiciosa, que sacrificaria as próprias filhas para obter vantagens muito

1 menores que a de reinar. Assim que a Rainha lhe disse que desejava que Javali se casasse  
2 com Ismene, ela se atirou a seus pés e garantiu-lhe que a cerimônia ocorreria no dia que  
3 ela bem quisesse.

4 — Mas o seu coração já se encontra comprometido — disse a Rainha. —  
5 Ordenamos a Ismene que considerasse Coridon como o homem a ela destinado.

6 — Pois bem, madame — respondeu a velha mãe. — Agora ordenaremos que ela  
7 o considere como o homem com quem não se casará mais.

8 — O coração nem sempre consulta a razão — disse a Rainha. — E uma vez que  
9 ele toma uma decisão, torna-se difícil subjugar-lo.

10 — Se o coração dela tiver outra vontade que não a minha, eu o arrancarei sem  
11 piedade! — afirmou a mãe.

12 Vendo-a assim tão resoluta, a Rainha percebeu que poderia contar com ela para  
13 fazer sua filha mudar de ideia.

14 De fato, a mulher correu imediatamente para os aposentos de Ismene. A pobre  
15 menina, sabendo que a Rainha havia mandado chamar sua mãe, esperava seu retorno  
16 com grande ansiedade. Bem, é fácil imaginar o quão desesperada ela ficou ao ouvir sua  
17 mãe dizer, em um tom seco e absoluto, que a Rainha a escolhera como futura nora.  
18 Depois, proibiu-a de voltar a falar com Coridon, dizendo que a estrangularia se ela não  
19 obedecesse. Ismene não ousou responder a essa terrível ameaça, mas chorou  
20 amargamente. E não demorou para que os rumores se espalhassem e todos ficassem  
21 sabendo que Ismene se casaria com o Javali Real. Afinal, tendo obtido o consentimento  
22 do Rei, a Rainha enviou-lhe algumas joias para que ela se adornasse quando viesse ao  
23 palácio.

24 Tomado pelo desespero, Coridon procurou sua amada e falou com ela, apesar de  
25 todos os impedimentos que foram feitos para deixá-lo entrar. Ele foi ao seu gabinete e a  
26 encontrou deitada em uma cama, com o rosto coberto por um lenço encharcado de  
27 lágrimas. Lançando-se de joelhos diante de Ismene, pegou sua mão e disse-lhe:

28 — Ai de mim, charmosa Ismene! Estais chorando por minha culpa!

29 — Bem sabeis, querido Coridon, ao que estou condenada! O único modo de evitar o  
30 atentado que armaram contra mim será através da minha morte. Sim, eu saberei lidar  
31 com a morte, eu vos asseguro, desde que nada aconteça convosco.

32 — Não, vivei! — disse-lhe ele. — Sereis uma rainha, talvez vos acostumeis com aquele  
33 príncipe pavoroso.

34 — Isso não está em meu poder — disse-lhe ela. — Nada no mundo pode ser mais  
35 terrível do que ter um marido assim! Sua coroa não ameniza minhas dores.

36 — Os deuses vos preservarão de uma resolução tão funesta, gentil Ismene! — ele  
37 continuou. — A morte só convém a mim. Se eu vos perder, não resistirei à minha justa  
38 dor!

1 — Se morrerdes, não sobreviverei à vossa morte — ela emendou. — Consolo-me,  
2 portanto, a pensar que ao menos a morte nos unirá.

3 Enquanto eles assim falavam, Javali chegou e os surpreendeu. Quando a Rainha  
4 lhe contou o que fizera em seu favor, ele correu ao encontro de Ismene para partilhar  
5 sua alegria, mas a presença de Coridon deixou-o totalmente perturbado; ele estava com  
6 ciúmes e tinha pouca paciência. Ordenou que o cavaleiro partisse e nunca aparecesse na  
7 corte, bradando com ares de javali.

8 — O que pretendes fazer, príncipe cruel? — exclamou Ismene, agarrando àquele  
9 a quem amava. — Achais que ao bani-lo de minha presença também o banireis do meu  
10 coração? Não! Coridon está bem gravado dentro dele. Ignorais o vosso infortúnio para  
11 quererdes me fazer tão infeliz quanto sois! Coridon é o único a quem desejo, por vós eu  
12 só tenho horror!

13 — Quanto a mim, bárbara, só tenho amor por vós! — disse Javali. — É inútil me  
14 demonstrardes o vosso ódio, isso não vos impedirá se vos tornardes minha esposa, só  
15 fará com que sofraís ainda mais.

16 Desesperado por ter atraído esse novo descontentamento para sua senhora,  
17 Coridon saiu do gabinete no momento em que a mãe de Ismene chegou para brigar com  
18 ela. A velha assegurou o príncipe de que sua filha esqueceria Coridon para sempre,  
19 dizendo que um casamento tão desejado quanto esse não deveria ser adiado. Javali, que  
20 não estava menos ansioso do que ela, disse que decidiria a data com a Rainha, visto que  
21 o Rei a deixara a cargo dessa grande festa. A verdade é que seu pai não queria interferir  
22 em nada, pois esse casamento lhe parecia desagradável e ridículo, pelo fato de estar  
23 convencido de que a raça javalinesca se perpetuaria na casa real. Ele se afligia pela  
24 complacência cega que a Rainha tinha pelo filho.

25 Javali temia que o Rei se arrependesse do consentimento que havia dado, por  
26 isso tudo foi preparado às pressas para essa cerimônia. Ele mandou fazer rinegraves<sup>14</sup>,  
27 caneleiras<sup>15</sup> e um gibão perfumado, pois costumava exalar um certo odor difícil de  
28 aguentar. Seu manto estava bordado com pedrarias, sua peruca era de um loiro pueril e  
29 seu chapéu estava coberto de plumas. Talvez nunca tenha existido uma figura mais  
30 extraordinária que essa, de modo que ninguém conseguiria olhar para ele sem dar risada  
31 (a menos que esse alguém estivesse destinado a casar-se com ele). Céus! A jovem Ismene  
32 não tinha motivo algum para rir! Quão inútil seria a grandeza a ela reservada! Ela era  
33 indiferente ao poder e só conseguia ressentir a fatalidade de sua estrela<sup>16</sup>.

---

<sup>14</sup> *Ringraves*: calças largas usadas pelos homens na Europa do século XVII. Semelhante a uma saia dividida ao meio, com anáguas, presas acima do joelho e decoradas com fitas.

<sup>15</sup> *Canons*: Tira de tecido adornado com rendas e laços que se prendia abaixo do joelho.

<sup>16</sup> Ou seja, a fatalidade de sua sorte.

1 Coridon acompanhou de longe seu trajeto rumo ao tempo; todos que a viam  
2 consideravam-na bela demais para ser sacrificada dessa forma. Javali ficou encantado e  
3 implorou-lhe que banisse essa profunda tristeza com que ela parecia estar  
4 sobrecarregada, porque queria fazê-la tão feliz que todas as rainhas da terra a  
5 invejariam.

6 — Reconheço que não sou bonito — disse-lhe ele. — Dizem, porém, que todos  
7 os homens têm algo de semelhante com os animais. Eu me pareço mais com um javali  
8 do que qualquer outro, pois essa é minha fera interior. Mas isso não me faz ser menos  
9 amável, pois tenho um coração cheio de sentimentos e uma forte paixão por vós.

10 Sem responder, Ismene olhou para ele com desprezo. Deu de ombros e deixou-o  
11 adivinhar quão grande era sua aversão. Sua mãe vinha logo atrás, fazendo mil ameaças:

12 — Desgraçada, não sabes que perderemos tudo se tu o perderes? Acaso não  
13 temes que o amor do príncipe se transforme em fúria?

14 Porém, ocupada com seu desprazer, Ismene nem sequer prestava atenção a essas  
15 palavras. Javali, que a conduzia pela mão, não pôde deixar de saltar e dançar, dizia-lhe  
16 mil doçuras ao ouvido. Enfim, terminada a cerimônia, gritaram três vezes:

17 — Viva o príncipe Javali! Viva a princesa Javalina<sup>17</sup>!

18 O esposo conduziu sua esposa de volta ao palácio, onde tudo estava preparado  
19 para uma ceia magnífica. Quando o Rei e a Rainha tomaram seus lugares, a noiva  
20 sentou-se de frente para o Javali, que a devorava com os olhos, de tão bela que a  
21 considerava. Ismene, porém, estava tomada por uma tristeza tão profunda que não  
22 enxergava nada do que estava acontecendo, nem escutava a música, mesmo ela estando  
23 muito alta.

24 Puxando-a pelo vestido, a Rainha disse-lhe ao ouvido:

25 — Minha filha, deixai essa obscura melancolia se quiserdes nos agradar, pois  
26 mais parece que este é o dia do vosso enterro e não do vosso casamento!

27 — Que os deuses vos ouçam — disse-lhe ela. — E que este seja o último dia da  
28 minha vida. Me pedistes para amar Coridon, e ele recebeu meu coração tanto das vossas  
29 mãos quanto pela minha própria escolha. Céus! Se a vossa opinião sobre ele mudou,  
30 sabeis que a minha não!

31 — Não faleis assim — respondeu a Rainha. — Sinto-me ruborizada de vergonha  
32 e despeito. Lembrai-vos apenas da honra que meu filho vos concede e da gratidão que  
33 deveis a ele.

34 Ismene não respondeu nada. Baixando a fronte sobre o peito, entregou-se em  
35 um devaneio. Javali sentia-se muito angustiado por saber da aversão de sua esposa.

---

<sup>17</sup> *La Princesse Marcassine.*

1 Houve muitos momentos em que ele desejou que seu casamento não tivesse sido  
2 realizado; quis até mesmo rompê-lo de uma vez, mas seu coração se opunha a isso.

3 O baile começou, e as irmãs de Ismene brilhavam intensamente, pouco se  
4 preocupando com suas mágoas, pois recebiam com prazer a posição que esse pacto lhes  
5 dava. A noiva dançou com Javali; era uma coisa efetivamente horrível ter de ver o seu  
6 rosto, e ainda mais horrível ver-se como sua esposa. O restante da corte parecia muito  
7 triste, ser conseguir expressar nenhum sinal de verdadeira alegria. O baile não durou  
8 muito tempo e a princesa logo foi conduzida aos seus aposentos. Depois de Ismene ter  
9 sido cerimoniosamente despida, a Rainha retirou-se dali. O apaixonado Javali foi  
10 prontamente para a cama. Ismene, porém, disse-lhe que queria escrever uma carta, foi  
11 para o seu gabinete e trancou a porta; Javali começou a reclamar, pedindo para que ela  
12 terminasse logo, pois não era hora de começar a emitir despachos.

13 Céus! Quando ela entrou no gabinete, qual não foi a visão espetacular que se  
14 figurou diante dos seus olhos! Era o infeliz Coridon, que havia conquistado a amizade  
15 de uma de suas damas de companhia, a qual abriu uma porta secreta para que ele  
16 entrasse. Ele segurava um punhal em sua mão.

17 — Princesa, não vim aqui para repreender-vos por ter me abandonado — disse  
18 ele. — Assim que nosso terno amor teve início, jurastes que vosso coração jamais  
19 mudaria; contudo, consentistes em me deixar. Eu, porém, acuso os deuses, e não a vós.  
20 Acontece, porém, que nem vós e nem os deuses podem me fazer suportar uma desgraça  
21 tão grande!

22 Assim que essas últimas palavras foram pronunciadas, ele cravou o punhal em  
23 seu coração. Ismene sequer teve tempo para responder-lhe.

24 — Estás morrendo, meu querido Coridon! — ela chorou dolorosamente. — Não  
25 tenho mais nada a perder no mundo! As grandezas me serão odiosas! A luz do dia se  
26 tornará insuportável!

27 E depois de ter dito essas poucas palavras, com a mesma adaga que fazia minar o  
28 sangue de Coridon, ela perfurou o próprio peito e caiu sem vida.

29 Javali esperava o retorno de sua bela Ismene com impaciência. Percebendo que  
30 ela estava demorando muito para voltar, começou a chamá-la com todas as suas forças,  
31 sem que ela lhe respondesse. Muito bravo, levantou-se com seu roupão, correu até a  
32 porta do gabinete e a quebrou. Céus! Assim que entrou, qual não foi sua surpresa ao  
33 encontrar Ismene e Coridon em um estado tão deplorável! Ele pensou que fosse morrer  
34 de tristeza e raiva; seus sentimentos, alternantes entre o amor e o ódio, deixaram-no  
35 deveras atormentado. Ele adorava Ismene, mas sabia que ela tinha se matado apenas  
36 para romper de uma vez o pacto que eles haviam acabado de firmar. Os criados  
37 correram para contar ao Rei e à Rainha o que havia se passado nos aposentos do  
38 príncipe, e o palácio inteiro ressoou com gritos. Ismene era muito amada, e Coridon

1 igualmente estimado. O Rei pareceu não se importar, pois não comungava das  
2 aventuras de Javali tal como sua esposa; portanto, deixou para ela a incumbência de  
3 consolá-lo.

4 Colocando-o na cama, misturou suas lágrimas com as dele. Assim que ele lhe  
5 deu algum tempo para falar, tendo suspenso seus lamentos, a Rainha tentou fazê-lo  
6 entender que deveria se sentir feliz por ver-se livre de uma pessoa que nunca o amaria,  
7 pois já tinha o coração tomado por uma forte ternura. Disse que era quase impossível  
8 apagar uma grande paixão, e que estava convencida de que ele deveria se alegrar com  
9 essa perda.

10 — Não importa! — ele gritou. — Eu queria possuí-la, mas ela foi infiel a mim!  
11 Não posso dizer que ela tentou me enganar com carinhos fingidos, pois sempre  
12 demonstrou seu horror por mim. Enfim, eu sou a causa de sua morte! Acaso não tenho  
13 motivos para me culpar?

14 Vendo-o assim tão angustiado, a Rainha saiu e deixou-o na companhia das  
15 pessoas de quem ele mais gostava, retirando-se para o seu quarto. Quando se deitou,  
16 relembrou, em seu espírito, tudo o que lhe acontecera desde o sonho em que vira as três  
17 fadas.

18 — Afinal, que mal eu lhes causei para fazer com que me enviassem aflições tão  
19 amargas? — ela perguntou a si mesma. — Eu esperava um filho amável e encantador,  
20 mas elas o dotaram de javalinagem<sup>18</sup>, tornando-o um monstro da natureza! A infeliz  
21 Ismene preferiu se matar a ter de viver com ele. O Rei não tem tido um só momento de  
22 alegria desde o nascimento desse príncipe infeliz. Quanto a mim, fico sobrecarregada de  
23 tristeza cada vez que o vejo!

24 Depois de ter refletido dessa forma, a Rainha avistou um grande brilho em seu  
25 quarto, e reconheceu, ao lado de sua cama, aquela fada que havia saído do tronco da  
26 árvore, no bosque, que lhe disse:

27 — Ó, Rainha, por que não acreditas em mim? Acaso não te assegurei de que  
28 sentirás muito orgulho do teu Javali? Duvidas de minha sinceridade?

29 — Ora, e quem não duvidaria? — ela respondeu. — Ainda não vi nada que me  
30 desse prova das vossas palavras. Por que não me deixastes passar o resto da minha vida  
31 sem ter um herdeiro em vez de me conceder um como esse?

32 — Somos três irmãs — replicou a fada. — Há duas boas, mas a outra quase  
33 sempre estraga o bem que pretendemos fazer. Foi ela que tu viste rindo enquanto  
34 dormia. Se não fosse por nós, tuas penúrias seriam ainda mais longas, mas elas logo  
35 chegarão ao fim.

---

<sup>18</sup> *Marcassinerie*.

1 — Infelizmente, isso só acabará com o fim da minha vida ou da vida de meu  
2 Javali! — disse a Rainha.

3 — Não posso dizer mais nada a respeito disso — afirmou a fada. — Só estou  
4 autorizada a amenizar o teu pesar com essa esperança.

5 Em seguida, ela desapareceu. O quarto ficou perfumado com um odor agradável,  
6 e a Rainha sentiu-se um pouco aliviada com a promessa de uma mudança favorável.

7 Javali sentia grande desgosto. Passou muitos dias trancado em seu gabinete, onde  
8 rabiscou várias cadernetas, registrando seus sensíveis lamentos pela perda que tivera.  
9 Por fim, ele pediu para que os seguintes versos fossem gravados no túmulo de sua  
10 esposa:

11  
12 *Rigorous destino, cuja lei é fatal!*  
13 *Ó, Ismene, desceste para a noite eternal!*  
14 *Teus olhos deixaram a todos encantados,*  
15 *Teus olhos permanecerão para sempre fechados.*  
16 *Rigorous destino, cuja lei é fatal!*  
17 *Ó, Ismene, desceste para a noite eternal!*  
18

19 Todo mundo ficou surpreso por ele cultivar uma memória tão terna por uma  
20 pessoa que lhe demonstrara tanta aversão. Pouco a pouco, ele voltou a circular na  
21 sociedade das damas, onde foi atingido pelos encantos de Zelonide. Ela era uma das  
22 irmãs de Ismene, que se parecia muito com ela e era não menos agradável. Essa  
23 semelhança estimulou o príncipe. Quando conversou com ela, provou de sua  
24 inteligência e de sua vivacidade. Concluiu, portanto, que se alguma coisa poderia  
25 consolá-lo da perda de Ismene, era a jovem Zelonide. Ela agia com muita naturalidade  
26 na presença do príncipe, pois não lhe ocorria que ele fosse querer casar-se com ela; ele,  
27 porém, já estava decidido.

28 Um dia, quando a Rainha estava sozinha em seu gabinete, Javali dirigiu-se até lá  
29 mais alegre do que de costume. Ele lhe disse:

30 — Madame, venho para demandar uma graça da vossa parte e, ao mesmo tempo,  
31 implorar-vos para que não denegueis o meu propósito, pois nada no mundo pode me  
32 tirar o desejo de casar-me novamente. Quero me casar com Zelonide! Eu vos conjuro a  
33 conceder-me sua mão para que eu possa recasar<sup>19</sup>. Contarei ao Rei sobre esse meu  
34 pedido, a fim de que esse assunto não seja mais adiado.

---

<sup>19</sup> *Remarier.*



1 — Ah, meu filho — disse a Rainha. — Afinal, no que estás pensando? Já te  
2 esqueceste do desespero de Ismene e de sua trágica morte? Como podes acreditar que a  
3 irmã dela te amará? Tu te tornaste mais amável do que antes? És menos javali agora,  
4 menos pavoroso? Sê justo contigo mesmo, meu filho, não queiras encenar um novo  
5 espetáculo! Alguém como tu tem mais é que se esconder.

6 — Concordo, madame — respondeu Javali. — E é para me esconder que eu  
7 preciso de uma companheira. Mochos encontram corujas, sapos encontram rãs,  
8 serpentes encontram cobras; acaso tenho menos valor que esses bichos nojentos?  
9 Tentais afligir-me com vossas palavras, mas acredito que um javali tem mais méritos do  
10 que todos esses animais que acabei de citar.

11 — Ai de mim, meu querido filho — disse a Rainha. — Os deuses são  
12 testemunhas do amor que tenho por ti e do desgosto que sinto quando vejo teu rosto.  
13 Quando te dou todas essas razões, não é para te afligir. Meu desejo é que tua futura  
14 esposa possa ser capaz de te amar tanto quanto eu te amo. Acontece que há uma  
15 diferença entre os sentimentos de uma esposa e os de uma mãe.

16 — Minha resolução é fixa — disse Javali. — Suplico-vos, madame, que faleis hoje  
17 mesmo com o Rei e com a mãe de Zelonide, para que meu casamento possa ser  
18 realizado o mais rápido possível!

19 A rainha deu-lhe sua palavra. Porém, quando falou com o Rei, ele lhe disse que  
20 ela possuía uma compaixão lamentável pelo filho e que estava certo de que outro  
21 desastre haveria de acontecer em um casamento tão mal arranjado. Embora a Rainha  
22 estivesse tão convencida disso quanto seu marido, não se deu por vencida, pois queria  
23 manter sua palavra. Sendo assim, depois de muito pressionar o Rei, acabou por deixá-lo  
24 exausto; por fim, ele concedeu seu aval, permitindo que ela fizesse como achasse melhor.  
25 Disse, porém, que ela não poderia acusá-lo de nada se algo de errado acontecesse, a não  
26 ser de sua complacência.

27 Quando a Rainha retornou aos seus aposentos, encontrou Javali, que esperava  
28 por ela cheio de impaciência. Disse-lhe que ele poderia declarar seus sentimentos a  
29 Zelonide, pois o Rei havia consentido com o seu pedido. Ele, porém, havia imposto a  
30 condição de que ela se responsabilizasse por isso, pois não queria que sua autoridade  
31 fosse utilizada para tornar as pessoas infelizes.

32 — Eu vos asseguro, madame, que sois a única a pensar tão mal de mim — disse-  
33 lhe Javali, com um ar de orgulho. — Todos me elogiam e não negam as minhas milhares  
34 de boas qualidades.

35 — Assim são os cortesãos — disse a Rainha. — E tal é a condição dos príncipes. Uns  
36 sempre elogiam, outros são sempre elogiados. Como se pode reconhecer as próprias  
37 falhas em um labirinto desses? Ah, como os grandes seriam mais felizes se tivessem  
38 amigos mais apegados às suas personalidades do que à sua fortuna!

1 — Não sei, madame — Javali continuou. — Não sei se eles ficariam felizes em ouvir  
2 verdades desagradáveis sobre si mesmos. Eles jamais amariam as pessoas que fizessem  
3 isso. Por exemplo, de que me serve viverdes repetindo que não há diferença entre um  
4 javali e eu, dizendo que sou pavoroso e que tenho que me esconder? Eu não deveria  
5 demonstrar mais amizade àqueles que suavizam minha sentença, que mentem a meu  
6 favor e que escondem de mim os defeitos que tanto tentais reafirmar?

7 — Ó, fonte de amor-próprio! — exclamou a Rainha. — Todos que lançam os  
8 olhos sobre ti te veem do mesmo jeito que eu. Então, sim, meu filho, és belo, és lindo, e  
9 eu te aconselho a dares uma pensão àqueles que vivem te assegurando disso.

10 — Madame, eu não ignoro minhas desgraças — disse Javali. — Talvez eu seja  
11 mais sensível a elas do que qualquer outra pessoa. Porém, não tenho poder para me  
12 tornar maior, nem mais perfeito, nem de trocar minha cabeça de javali por uma cabeça  
13 de homem, enfeitada de cabelos compridos. Consinto apenas em ser censurado por meu  
14 mau humor, por agir com injustiça, pela avareza; em suma, por todas as coisas que de  
15 fato podem ser corrigidas. Deveríeis convir, portanto, que, quanto à minha aparência, só  
16 há o que lamentar, não há motivos para me culpar.

17 Percebendo que ele havia se aborrecido, a Rainha lhe disse que, já que insistia  
18 tanto em se casar, poderia ir ao encontro de Zelonide e lidar gentilmente com ela. Javali  
19 estava muito ansioso para encerrar logo essa conversa, não queria perder mais tempo  
20 com sua mãe. Feitos os acertos, saiu à procura de Zelonide. Entrou em seu quarto sem  
21 fazer cerimônia, encontrou-a em seu gabinete e, abraçando-a, disse-lhe:

22 — Minha irmãzinha, venho te trazer uma notícia que certamente não te  
23 desagradará! Quero fazer-te casar!

24 — Senhor — disse-lhe ela. — Se eu conseguisse me casar com a vossa ajuda, não  
25 teria mais nada a desejar!

26 — Ele é um dos maiores senhores do reino — continuou Javali. — Mas não é  
27 muito bonito.

28 — Não importa — disse ela. — Minha mãe é tão dura comigo que ficarei muito  
29 feliz em mudar de condição.

30 — Aquele de quem estou falando — acrescentou o príncipe. — É muito parecido  
31 comigo.

32 Zelonide olhou para ele com atenção, expressando espanto.

33 — Emudeceste, minha irmãzinha — disse ele. — De alegria ou tristeza?

34 — Não sei, meu senhor — respondeu ela. — Não me lembro de ter visto alguém  
35 na corte que se parece com o senhor.

36 — O quê! — ele exclamou. — Acaso não foste capaz de adivinhar que estou  
37 falando de mim mesmo? Sim, minha querida menina, eu te amo e venho oferecer-me  
38 para compartilhar meu coração e minha coroa contigo.

1 — Ó, deuses, será verdade o que ouço? — gritou dolorosamente Zelonide.  
2 — Foi isso mesmo o que ouviste, ingrata! — disse Javali. — Ouviste a notícia que  
3 deveria te dar a maior satisfação do mundo! Acaso já pensaste em te tornares rainha?  
4 Tive a bondade de lançar meus olhos sobre ti e ver-te merecedora do meu amor, desde  
5 que não imites as extravagâncias de Ismene.

6 — Não! — disse-lhe ela. — Não temais que eu atente contra minha própria vida,  
7 tal como ela o fez. Mas, senhor, há tantas pessoas mais amáveis e mais ambiciosas do  
8 que eu, por que não escolheis alguém que compreenda melhor do que eu a honra que  
9 pretendeis conceder a mim? Confesso a vós que não desejo nada além de uma vida  
10 tranquila e isolada. Deixai que eu continue sendo dona de meu destino!

11 — Ora, tu sequer mereces o esforço que faço para elevar-te ao trono — ele  
12 exclamou. — Mas algum mistério fatal me obriga a querer casar-me contigo.

13 Zelonide só lhe respondeu com lágrimas. Cheio de tristeza, ele a deixou e dirigiu-  
14 se à presença de sua sogra para declarar suas intenções, a fim de que ela pudesse  
15 convencer Zelonide a realizar seu desejo de boa vontade. Contou-lhe o que havia se  
16 passado entre eles e o quanto ela havia demonstrado resistência a um casamento que  
17 faria sua fortuna e a de toda a sua casa. A ambiciosa mãe sabia muito bem das vantagens  
18 que poderia obter com esse casamento; ademais, quando Ismene se matou, ela ficou  
19 muito mais triste por ver seus interesses frustrados do que pelo afeto que tinha pela  
20 filha. Enfim, sentiu extrema alegria ao saber que o imundo Javali queria estabelecer uma  
21 nova aliança com sua família. Lançou-se a seus pés, abraçou-o e agradeceu milhares de  
22 vezes por receber novamente uma honra que a deixava profundamente tocada.  
23 Assegurou-lhe que Zelonide lhe obedeceria, ou então enfiaria uma faca nos olhos dela.

24 — Confesso-vos que seria uma pena fazerdes tal violência — disse Javali. — Mas  
25 se eu for esperar que corações apaixonados caiam do céu<sup>20</sup>, esperarei o resto de minha  
26 vida, pois todas as belas me acham feio. Contudo, estou determinado a só me casar com  
27 uma moça que seja amável.

28 — Tendes razão, meu senhor — replicou a velha maligna. — Deveis buscar a  
29 vossa satisfação; se elas estão descontentes, é porque não reconhecem as excelentes  
30 vantagens que ofereceis.

31 Depois de muito endossar os desejos de Javali, ele enfim lhe disse que sua decisão  
32 era irrevogável e que ficaria surdo às lágrimas e às súplicas de Zelonide. Voltando para  
33 casa, o príncipe escolheu tudo o que havia de mais bonito e enviou para sua amada.  
34 Zelonide não se atreveu a recusar os presentes, pois sua mãe estava junto dela quando  
35 lhe entregaram as cestas de ouro repletas de joias. Ainda assim, ela demonstrou grande

---

<sup>20</sup> *Mais si j'attende qu'on me jette des cœurs à la tête, j'attendrai le reste de ma vie*: literalmente, “Se eu for esperar que me atirem corações à cabeça, esperarei o resto da minha vida.”

1 indiferença a tudo o que lhe foi ofertado, exceto por um punhal cujo cabo era  
2 guarnecido de diamantes. Depois de muito manuseá-la, guardou-a na cintura, visto que  
3 as damas daquele país costumavam portá-las assim. Em seguida, ela disse:

4 — Se não me engano, este deve ser o mesmo punhal que perfurou o peito de  
5 minha pobre irmã.

6 — Não sabemos, madame — disseram os seus interlocutores. — Mas se tendes  
7 essa opinião, deveríeis desfazer-vos dele.

8 — Pelo contrário — disse ela. — Eu louvo sua coragem! Feliz é aquele que seja  
9 capaz de imitá-la.

10 — Minha irmã! — gritou Martésia. — Que pensamentos malignos são esses que  
11 estão passando em vossa mente? Acaso desejais morrer?

12 — Não — respondeu Zelonide, com firmeza. — O altar não seria digno de mais  
13 vítima, mas testifico aos deuses que...

14 Ela não conseguiu continuar falando, pois suas lágrimas afogaram seu pranto e  
15 sua voz. O apaixonado Javali, tendo sido informado sobre a forma como Zelonide  
16 recebera seus presentes, ficou tão indignado que esteve a ponto de romper seu  
17 compromisso e nunca mais voltar a vê-la em toda sua vida. Porém, movido pela ternura  
18 ou pela glória, desistiu de fazer isso, e resolveu seguir com seu plano primordial a todo  
19 vapor. O Rei e a Rainha deixaram-no aos cuidados dessa grande festa, e o príncipe fez  
20 com que ela fosse magnífica. No entanto, sempre havia algum toque extraordinário  
21 proveniente de seus gostos de javali. A cerimônia aconteceu em uma vasta floresta, onde  
22 mesas carregadas de carnes de caça foram postas para servir todos os animais ferozes e  
23 selvagens, a fim de que eles também pudessem participar a festa.

24 Foi nesse lugar que Zelonide, conduzida por sua mãe e por sua irmã, encontrou  
25 o Rei, a Rainha, seu filho Javali e toda a corte à sombra de grandes ramos, onde os  
26 recém-casados juraram amor eterno um ao outro. Javali não teria problemas em manter  
27 sua palavra. Porém, quanto a Zelonide, foi fácil de se perceber que ela concordou com o  
28 pacto demonstrando grande repugnância; constrangida, ela não conseguiu esconder por  
29 completo todo o seu desprazer. Como o príncipe gostava de se gabar, pensou que logo  
30 ela cederia às circunstâncias e passaria a tentar agradá-lo; essa ideia devolveu-lhe o bom  
31 humor que havia perdido. Quando o baile começou, ele tratou de se fantasiar de  
32 astrólogo, com uma longa túnica. Duas damas da corte foram instruídas a usarem essa  
33 mesma fantasia; o príncipe queria que elas ficassem totalmente parecidas com ele, a  
34 ponto de não conseguirem distingui-los. Não foi uma tarefa fácil fazer essas damas  
35 perfeitas ficarem parecidas com um porco feio como ele. Uma dessas damas era a  
36 confidente de Zelonide, e Javali sabia muito bem disso. Não foi com ingenuidade que ele  
37 pensou nesse disfarce.

1 Depois de terem dançado uma curta entrada de balé, pois nada cansou mais o  
2 príncipe do que dançar, ele se aproximou de sua nova esposa e fez certos sinais para ela,  
3 apontando para um dos astrólogos mascarados, o que serviu para convencer Zelonide  
4 de que era sua amiga quem estava ao seu lado, e que ela estava apontando para Javali.

5 — Sim, eu bem sei! — disse-lhe ela. — Aquele é o monstro que os deuses irados  
6 me deram como marido. Se tu me amas, esta noite abriremos sua cova!

7 Pelo que ela lhe disse, Javali entendeu que existia uma trama na qual ele era a  
8 peça principal. Bem baixinho, ele disse a Zelonide:

9 — Estou disposta a tudo em vosso serviço.

10 — Eis aqui o punhal que ele me enviou — ela continuou. — Tu te esconderás no  
11 meu quarto e me ajudarás a cortar a garganta dele!

12 Javali disse poucas coisas em resposta, para que ela não reconhecesse o seu  
13 sotaque, que era deveras singular. Ele segurou o punhal gentilmente e afastou-se dela  
14 por um momento. Depois, o príncipe retornou ao baile sem máscara, a fim de fazer  
15 amizade com sua esposa; ela o recebeu com um olhar um tanto embaraçado, pois sua  
16 mente estava ocupada com seus planos mortais. Naquela ocasião, ele também não ficou  
17 menos ansioso do que ela.

18 — Como é possível que uma pessoa tão jovem e tão bela possa ser tão perversa?  
19 — ele pensou consigo mesmo. — O que fiz para que ela queira me matar? É verdade que  
20 não sou bonito, que me alimento mal, que tenho alguns defeitos, mas quem não tem?  
21 Sou um homem sob a figura de um animal. E quantos animais não existem sob a figura  
22 de homem? A própria Zelonide, que eu considerava tão encantadora, não seria ela  
23 mesma uma tigresa ou uma leoa? Ah, quão pouco se pode confiar nas aparências!

24 Enquanto ele murmurava entre dentes, ela perguntou o que estava acontecendo:

25 — Estais triste, Javali? Vos arrependestes da honra que me concedestes?

26 — Não — disse ele. — Eu não mudo de ideia assim tão facilmente. Estava  
27 pensando em uma maneira de acabar logo com o baile, pois estou com sono.

28 A princesa ficou encantada ao vê-lo sonolento, pensando que teria menos  
29 problemas para executar seu plano. Quando a festa terminou, Javali e sua esposa foram  
30 levados de volta em uma pomposa carruagem. O palácio estava todo iluminado com  
31 lâmpadas<sup>21</sup> em formato de porquinhos. Houve grandes cerimônias antes de Javali e sua  
32 esposa irem se deitar. Ela não tinha dúvidas de que sua confidente estava escondida  
33 atrás da tapeçaria; sendo assim, deitou-se na cama tendo um cordão de seda atrás da  
34 cabeceira, pois queria vingar tanto a morte de Ismene quanto a violência que lhe fizeram  
35 ao forçar um casamento que tanto a desagradava. Javali aproveitou o profundo silêncio e  
36 fingiu dormir, roncando a ponto de fazer tremer todos os móveis de seu quarto.

---

<sup>21</sup> Lâmpadas a óleo.

1 — Finalmente dormiste<sup>22</sup>, porco horroroso — disse Zelonide. — Eis que é  
2 chegada a hora de punir teu coração! Por causa dessa tua ternura fatal, perecerás nesta  
3 noite escura!

4 Levantando-se lentamente, correu para chamar sua confidente, mas ela não  
5 estava lá, porque não sabia qual era o plano de Zelonide.

6 — Amiga ingrata! — ela exclamou em voz baixa. — Fui abandonada! Tu me  
7 deste a tua palavra e não a sustentaste! Mas a minha própria coragem há de me bastar!

8 Ao dizer essas palavras, ela passou o cordão de seda ao redor do pescoço de Javali  
9 com muito cuidado; ele, porém, estava apenas esperando a hora certa de atirar-se contra  
10 ela. Javali desferiu dois golpes com suas grandes presas na garganta de Zelonide,  
11 fazendo-a expirar em pouco tempo.

12 Uma catástrofe dessas não poderia ter ocorrido sem gerar muito barulho; todos  
13 foram correndo para o quarto do príncipe e puderam ver o último suspiro da  
14 moribunda Zelonide. Bem que tentaram socorrê-la, mas Javali se interpôs com um  
15 semblante furioso. Foram buscar a Rainha, e quando ela chegou, ele contou tudo o que  
16 havia acontecido, elencando os motivos que o levaram a cometer aquela terrível  
17 violência contra a infeliz princesa. A Rainha não pôde deixar de lamentar:

18 — Bem que eu havia previsto as desgraças dessa vossa aliança! Que ao menos  
19 isso sirva para curar-vos do frenesi que tendes para vos casar. Não há um jeito melhor  
20 de terminar uma noite de núpcias do que com um funeral!

21 Javali não respondeu, pois estava em profundo devaneio. Foi para a cama e não  
22 conseguiu dormir, refletindo incessantemente sobre suas desgraças. Em sua intimidade,  
23 culpava-se pela morte das duas pessoas mais amáveis do mundo; a paixão que tinha por  
24 elas agora só servia para atormentá-lo a todo instante.

25 — Desafortunado que sou, nunca provei de nenhuma doçura no decorrer da  
26 minha vida — disse ele a um senhor a quem amava. — Quando se fala do trono que  
27 ocupo, todos respondem que é uma grande pena ver um reino tão belo governado por  
28 um monstro. Se eu tento compartilhar minha coroa com uma pobre moça, em vez de se  
29 sentir feliz, ela decide morrer ou tenta me matar. Quando busco algum carinho do meu  
30 pai e da minha mãe, eles me abominam e olham para mim com irritação. Que farei com  
31 esse desespero que me possui? Quero abandonar a corte. Irei às profundezas das  
32 florestas para viver a vida que é própria a um javali honrado, de bem. Não serei mais um  
33 homem galante. Entre os animais, não encontrarei quem me censure por ser mais feio  
34 do que eles. Será fácil tornar-me o rei deles, pois sou dotado de razão, o que me fará  
35 encontrar um modo de comandá-los. Viverei mais tranquilo com eles do que em uma  
36 corte destinada a me obedecer, e não terei a infelicidade de me casar com uma parceira

---

<sup>22</sup> A mudança do “vós” para o “tu”.

1 que se esfaqueia ou que queira me estrangular. Sim, eu fugirei! Fugirei para o bosque,  
2 desprezando uma coroa que se julga tão indigna de mim!

3 Inicialmente, seu confidente quis desviá-lo de uma resolução tão extraordinária,  
4 porém, vendo-o tão sobrecarregado pelos contínuos golpes da fortuna, não mais o  
5 exortou a ficar. Uma noite, quando os guardas não estavam vigiando os arredores de seu  
6 palácio, ele fugiu sem que ninguém o visse e foi para as profundezas da floresta, onde  
7 começou a fazer tudo o que seus confrades, os javalis, faziam.

8 O Rei e a Rainha não deixaram de se sentir tocados por uma partida cuja única  
9 causa era o desespero e enviaram caçadores para procurá-lo. Mas como eles iriam  
10 reconhecê-lo? Dois ou três javalis furiosos foram capturados e perigosamente  
11 conduzidos ao palácio; eles causaram tanta confusão na corte que os homens resolveram  
12 não se expor novamente a tais empreitadas. Houve uma ordem geral para que não  
13 matassem os javalis, pois temiam vitimar o príncipe.

14 Ao partir, Javali prometeu que escreveria de tempos em tempos ao seu favorito,  
15 por isso levava um escritório<sup>23</sup> consigo. De fato, de vez em quando uma carta cheia de  
16 garranchos era encontrada no portão da cidade, endereçada a esse jovem senhor, o que  
17 servia de consolo para a Rainha. Era assim que ela ficava sendo que seu filho permanecia  
18 vivo.

19 A mãe de Ismene e Zelonide ressentiu vivamente a perda de suas duas filhas, pois  
20 todos os planos de grandeza que fizera haviam desaparecido com a morte delas.  
21 Censuraram-na dizendo que, se não fosse por sua ambição, elas ainda estariam neste  
22 mundo, porque fizera ameaças, forçando-as a aceitar um casamento com Javali. Mesmo  
23 a Rainha deixou de ser tão gentil com ela, tal como era antes. Sendo assim, ela tomou a  
24 decisão de ir morar no campo com Martésia, sua única filha, que era muito mais bonita  
25 do que suas irmãs um dia foram, e sua doçura tinha qualquer coisa de encantadora, de  
26 modo que a menina não podia ser vista com indiferença.

27 Um dia, enquanto caminhava na floresta, seguida por duas mulheres que a  
28 serviam (pois a casa de sua mãe não estava muito longe), de repente ela avistou um  
29 javali de pavorosa grandeza a vinte passos de si. Aquelas que a acompanhavam  
30 abandonaram-na e fugiram. Quanto a Martésia, ela estava tão assustada que ficou  
31 imóvel como uma estátua, sem ter forças para se salvar.

32 Aquele era o príncipe Javali, que logo a reconheceu, e, a julgar por seu tremor,  
33 notou que ela estava morrendo de medo. Como não queria assustá-la, parou e disse-lhe:

34 — Martésia, não tenhais medo, meu amor por vós é muito grande para vos fazer  
35 mal. Tudo dependerá de vós; sabeis dos desgostos que vossas irmãs me causaram e das  
36 tristes recompensas que tive por minha ternura. Não deixo de admitir que mereci o ódio

---

<sup>23</sup> No sentido amplo do termo; aparatos necessários para escrever.

1 delas por minha obstinação em querer agradá-las e possuí-las contra suas vontades.  
2 Aprendi, desde que passei a viver nestas florestas, que nada no mundo deve ser mais  
3 livre do que o coração! Vejo que todos os animais são felizes porque vivem em  
4 liberdade. Eu não conhecia essas máximas à época, mas conheço-as agora, e sinto que  
5 preferiria a morte a um casamento forçado. Se os deuses, que estão zangados comigo,  
6 finalmente se acalmassem e quisessem tocar-vos em meu favor, confesso a vós, Martésia,  
7 que eu ficaria encantado em unir minha fortuna à vossa. Mas, ora, que proposta é essa?  
8 Como é que desejaríeis juntar-vos a um monstro como eu para morar no fundo de uma  
9 caverna?

10 Enquanto Javali falava, Martésia pôde recobrar as forças para poder responder-  
11 lhe:

12 — O quê, meu senhor? — ela exclamou. — Como é possível que eu esteja vos  
13 vendo em condições tão pouco convenientes à vossa estirpe? A Rainha, vossa mãe, não  
14 passa um único dia sem lamentar pelos vossos infortúnios.

15 — Os meus infortúnios? — disse Javali, interrompendo-a. — Não chame assim o  
16 estado em que me encontro; eu decidi viver assim, foi uma resolução minha. Enfim, está  
17 feito! Não pensem, jovem Martésia, que é necessário viver em uma corte brilhante para  
18 que nossa felicidade seja maior. Existem alegrias muito melhores, e eu vos digo que  
19 poderíeis prová-las comigo se estivésseis de bom humor para vos tornardes selvagem  
20 também.

21 — E por que não desejais mais retornar a um lugar onde sempre fostes amado?  
22 — disse-lhe ela.

23 — Eu sempre fui amado? — ele replicou. — Não, não! Ninguém ama príncipes  
24 sobrecarregados de desgraças. Todos pedem mil favores a eles, mas quando veem que  
25 não estão em condições de atendê-los, culpam-nos por seus infortúnios e passam a odiá-  
26 los mais do que a qualquer outro! Mas o que estou dizendo? Se algum urso ou leão da  
27 minha vizinhança passar por aqui e me ouvir falando assim, serei um javali perdido!  
28 Decidi, portanto, se desejais viver aqui, onde passareis vossos belos dias em um lugar  
29 solitário, na companhia de um monstro infeliz, que não será mais assim se acaso vos  
30 possuir.

31 — Javali — disse-lhe ela. — Até este momento eu não tenho nenhuma razão para  
32 vos amar, pois se não fosse por vós eu ainda teria minhas duas irmãs, que me eram  
33 muito queridas. Dai-me algum tempo para que eu possa tomar uma decisão tão  
34 extraordinária.

35 — Estais me pedindo tempo para poder trair minha confiança? — ele perguntou.

36 — Eu não seria capaz de uma coisa dessas — ela respondeu. — E asseguro-vos de  
37 que ninguém saberá que eu vos encontrei.

38 — Voltareis aqui? — ele quis saber.



1 — Não duvideis disso — ela continuou.  
2 — Vossa mãe não permitirá, pois será informada de que encontrastes um terrível  
3 javali e não desejará que vos exponha novamente a esse perigo — disse ele. — Portanto  
4 vinde, Martésia, vinde comigo.  
5 — Para onde me levareis? — ela perguntou.  
6 — Para uma caverna profunda — ele respondeu. — Onde corre um riacho cujas  
7 lentas águas são mais claras que o cristal. Suas margens são cobertas de musgo e grama  
8 fresca, e uma centena de ecos ali respondem às vozes queixosas dos pastores  
9 apaixonados e maltratados.  
10 — É lá que viveremos juntos? — ela continuou. — Ou melhor dizendo, é lá que  
11 serei devorada por um de vossos melhores amigos? Eles virão para vos ver e me  
12 encontrarão, é isso que acontecerá com a minha vida. Acrescentai a isto que minha mãe,  
13 desesperada por ter me perdido, fará com que me procurem em todos os cantos, e estes  
14 bosques ficam bem perto de sua casa, eu seria facilmente encontrada.  
15 — Então vamos para onde quiserdes — disse ele. — A comitiva de um pobre  
16 javali se compõe bem depressa.  
17 — Estou de acordo — disse ela. — Mas a minha comitiva é um tanto mais  
18 demorada. Preciso de roupas para todas as estações, fitas, laços, pedrarias.  
19 — Ora, precisais mesmo de uma toalete cheia dessas mil bagatelas e coisas  
20 inúteis? — perguntou Javali. — Quando se tem inteligência e razão, não podemos  
21 colocá-las acima desses pequenos enfeites? Acreditai, Martésia, eles não acrescentarão  
22 nada à vossa beleza. Pelo contrário, tenho certeza de que ofuscarão vosso brilho. Não  
23 queira outra coisa para vossa pele a não ser a água clara e fresca das fontes. Tendes por  
24 ornamentos os vossos cabelos cacheados, de uma cor encantadora, mais finos que as  
25 teias onde as aranhas capturam os inocentes mosquitos. Vossos dentes são mais limpos  
26 e brancos que as pérolas; contentai-vos com vosso brilho e deixai os bibelôs para pessoas  
27 menos amáveis do que vós.  
28 — Fico muito lisonjeada com tudo o que me dizes — ela respondeu. — Mas não  
29 sereis capaz de me persuadir a me enterrar em uma caverna cheia de lagartos e  
30 caramujos. Não é melhor virdes comigo à casa do vosso pai, o Rei? Prometo-vos que se  
31 eles consentirem com o nosso casamento, estarei disposta a aceitá-lo com alegria. Afinal,  
32 se me amais, não deveríeis desejar me fazer feliz e me colocar em uma posição gloriosa?  
33 — Eu vos amo, bela Martésia — ele afirmou. — Mas vós não me amais. A  
34 ambição é que vos persuade a me receberdes como marido, meus sentimentos são muito  
35 delicados para que eu me acomode a tais circunstâncias.  
36 — Tendes uma disposição natural para sempre julgar mal o nosso sexo —  
37 respondeu Martésia. — Porém, senhor Javali, o que vos prometo é uma amizade sincera.  
38 Pensai a respeito disso, pois dentro de alguns dias me encontrareis neste mesmo lugar.

1 O príncipe despediu-se dela e se retirou para sua gruta tenebrosa, ocupando-se a  
2 refletir sobre tudo o que ela lhe dissera. Até então, sua estranha sorte fizera com que ele  
3 fosse odiado pelas pessoas que amava; como nunca havia escutado uma palavra graciosa,  
4 ficou extremamente sensibilizado pelas palavras de Martésia. Inspirado por seu  
5 engenhoso amor, decidiu presenteá-la com um banquete; vários cordeiros, cervos e  
6 corços sentiram a força de suas presas carniceras. Em seguida, deixou tudo arrumado  
7 em sua caverna, esperando o momento em que Martésia fosse retornar para cumprir sua  
8 palavra.

9 Ela não sabia que decisão tomar. Se Javali fosse tão belo quanto era feio e se eles  
10 se amassem tanto quanto Astrea e Celadon<sup>24</sup> não haveria mais nada que ela pudesse  
11 desejar para resolver viver seus belos dias na mais completa solidão. Mas Javali não era  
12 Celadon e ela não estava apaixonada. Como ninguém havia tentado conquistá-la antes,  
13 Martésia estava determinada a viver perfeitamente bem com o príncipe, desde que ele  
14 deixasse a floresta.

15 Decidiu quealaria com ele e saiu para encontrá-lo no local combinado, por  
16 onde ele passava várias vezes ao dia, com medo de perder o instante de sua chegada.  
17 Assim que a avistou, correu ao seu encontro e, humilhando-se a seus pés, fez-lhe saber  
18 que os javalis têm formas muito galantes de saudar alguém, quando estão dispostos a  
19 isso. Depois, eles se retiraram para um lugar remoto; Javali olhava para ela com olhinhos  
20 cheios de fogo e paixão.

21 — O que posso esperar da vossa terna parte? — ele perguntou.

22 — Podeis esperar muita coisa — ela respondeu. — Desde que pretendais  
23 retornar à corte. Confesso que não terei forças para passar o resto de minha vida longe  
24 de todo o comércio.

25 — Ah, então não me amais! — disse ele. — É bem verdade que não sou muito  
26 amável, mas sou um homem infeliz; por pena e por generosidade, deveríeis fazer por  
27 mim o que faríeis por qualquer outro.

28 — E quem disse que esse sentimento não é uma expressão da amizade da qual  
29 vos dou prova? — ela replicou. — Acreditai em mim, Javali, já foi uma decisão difícil o  
30 bastante a de querer viver convosco na corte de vosso pai, o Rei.

31 — Entrai em minha gruta — disse ele. — Vinde e julgai por vós mesma o que  
32 quereis que eu abandone por vós.

33 Ela hesitou em aceitar essa proposta, pois temia que ele a mantivesse cativa  
34 contra sua vontade. Adivinhando o seu pensamento, ele afirmou:

35 — Ah, não tenhais medo, nunca serei feliz por meios violentos.

---

<sup>24</sup> Protagonistas do célebre romance *Astrée*, de Honoré d'Urfé.

1 Martésia confiou em sua palavra. Ele a conduziu ao fundo de sua caverna, onde  
2 ela encontrou todos os animais que ele havia abatido para que ela se banquetearse. Essa  
3 espécie de açougue fez mal ao seu coração; ela desviou o olhos e quis sair depois de um  
4 tempo. Porém, tomando fôlego, Javali lhe disse em um tom de ordem:

5 — Amável Martésia, não sou tão indiferente a ponto de deixar-vos livre para me  
6 abandonardes. Testifico aos deuses sempre sereis a soberana do meu coração. Razões  
7 invencíveis me impedem de retornar para junto de meu pai, o Rei. Aceitai, aqui, meu  
8 amor e minha fé. Que este riacho corrente, esta videira sempre verde, esta rocha, os  
9 bosques e os hóspedes que neles habitam sejam testemunhas de nosso juramento  
10 mútuo.

11 Ela não tinha o mesmo desejo de se comprometer, mas estava trancada na  
12 caverna e não poderia sair. Por que ela entrou ali? Acaso não deveria saber o que  
13 poderia acontecer? Ela chorou e repreendeu Javali:

14 — Como posso confiar em vossas palavras, já que faltaste com a primeira que me  
15 destes?

16 — É necessário que haja uma mistura do homem com o javali — disse ele,  
17 sorrindo para a Javalina. — Essa falta de palavra pela qual me censurais, esse cuidado  
18 que tenho em poupar meus interesses, é precisamente uma ação do homem. Enfim, em  
19 outros termos, o que quero dizer é que os animais têm mais honra entre si do que os  
20 homens.

21 — Ai de mim! — ela respondeu. — Tendes o que há de mau em ambos, o  
22 coração de um homem e o rosto de uma fera! Sede, portanto, um ou outro, para que eu  
23 possa decidir o que fazer.

24 — Contudo, bela Martésia — disse-lhe ele. — Se não ficardes comigo e não vos  
25 tornardes minha esposa, como podeis esperar que eu vos permita sair daqui?

26 Ela redobrou seu pranto e suas súplicas, mas ele não se comoveu. Após uma  
27 longa contestação, ela consentiu em tomá-lo por esposo, assegurando que o amaria tão  
28 carinhosamente como se ele fosse o príncipe mais gracioso do mundo. Os modos  
29 obsequiosos de Martésia encantaram o príncipe, que beijou suas mãos milhares de  
30 vezes. Ele, por sua vez, assegurou-lhe de que sua vida não seria tão infeliz quanto ela  
31 acreditava que fosse ser. Depois, perguntou se ela gostaria de comer os animais que ele  
32 havia matado.

33 — Não — disse ela. — Não faz o meu gosto. Se puderdes me trazer algumas  
34 frutas, seria muito gentil.

35 Ele saiu e fechou a entrada da caverna com tanta força que seria impossível para  
36 Martésia tentar escapar. Mas ela tinha tomado uma decisão, e não fez o que devia  
37 quando pôde fazer. Javali pegou três ouriços e encheu-os de laranjas, limas, limões e  
38 outras frutas, espetando-as nos espinhos que os cobriam, fazendo com que as provisões

1 fossem convenientemente conduzidas até a caverna. Ao entrar, implorou à Martésia  
2 para comê-las.

3 — Esta é nossa festa de casamento — disse ele. — Ela não se assemelha àquelas  
4 feitas para vossas duas irmãs, mas espero que, mesmo havendo menos magnificência,  
5 encontremos mais doçura.

6 — Que os deuses permitam que assim seja — ela respondeu, pegando água com  
7 a mão para brindar à saúde do Javali, deixando-o muito feliz.

8 Depois da curta e frugal refeição, Martésia juntou todo o musgo, grama e flores  
9 que Javali lhe providenciara e compôs uma cama bastante dura, na qual o príncipe e ela  
10 se deitaram. Ela teve o cuidado de perguntar se ele queria uma cabeceira alta ou baixa, se  
11 teria espaço suficiente e de que lado dormiria melhor. O bom Javali agradeceu-a  
12 ternamente, choramingando de tempos em tempos:

13 — Eu não mudaria meu destino nem com o dos maiores homens! Enfim  
14 encontrei o que procurava: sou amado por quem amo!

15 E disse-lhe centenas de outras coisas bonitas, com as quais ela não ficou surpresa,  
16 pois sabia que ele era inteligente. Ainda assim, ela não conseguiu se alegrar, pois nada  
17 disso diminuiria a solidão em que estava prestes a viver.

18 Eles adormeceram. Em dado instante, Martésia despertou, e pareceu-lhe que sua  
19 cama estava mais confortável do que quando havia se deitado. Depois, ao tocar  
20 docemente Javali, percebeu que sua cabeça havia se transformado na cabeça de um  
21 homem, que ele tinha cabelos compridos, braços e mãos. Foi um grande susto! Ela  
22 voltou a dormir e, ao amanhecer, viu que seu marido continuava tão javali quanto antes.

23 O dia seguinte se passou da mesma forma; Martésia não contou nada a seu  
24 marido sobre o que acontecera na noite anterior. Chegada a hora de se deitarem, ele  
25 dormiu e ela tocou sua cabeça, percebendo a mesma diferença de antes. Eis que isso a  
26 deixou intrigada, sem conseguir dormir. Sua inquietude tornou-se contínua, ela  
27 suspirava incessantemente. Quando Javali percebeu sua aflição, entrou em desespero.

28 — Não me amais, minha querida Martésia? — disse ele. — Sou um homem  
29 infeliz cuja figura vos desagrada? Causareis a minha morte!

30 — Pelo contrário, bárbaro! — ela replicou. — Eu é que morrerei por vossa causa!  
31 A injúria que me fizestes foi muito grave, algo que não posso suportar!

32 — Eu vos injurieei? Eu sou um bárbaro? — ele exclamou. — Explicai-vos, pois  
33 certamente não tendes nada do que vos queixar!

34 — Acaso pensais que eu não percebi que trocais de lugar com um homem todas  
35 as noites? — ela perguntou.

36 — Os javalis, especialmente aqueles que se parecem comigo, ainda que não sejam  
37 assim tão educados, jamais permitiram algo semelhante! — ele respondeu. — Minha  
38 querida Martésia, não deis vazão a uma suposição como essa, que é tão ofensiva a vós

1 quanto a mim. Sabei que eu só sinto ciúmes dos próprios deuses. Talvez tenhais forjado  
2 essa quimera enquanto dormia.

3 Envergonhada por ter contado algo de tão pouca verossimilhança, Martésia  
4 respondeu que colocaria muita fé no que seu marido dizia, mas que tinha todos os  
5 motivos para crer que não estava dormindo quando tocou os braços, as mãos e o cabelo  
6 do homem. Disse que se recusaria a acreditar no julgamento que fizera e que não  
7 voltaria a falar sobre isso.

8 De fato, ela afastou de sua mente todas as suspeitas que tinha. Seis meses se  
9 passaram, período em que Martésia desfrutou de poucos prazeres, pois não saía da  
10 caverna devido ao medo que ele tinha dela ser reencontrada por sua mãe ou por um de  
11 seus servos. Desde que perdera a filha, a sua pobre mãe vivia gemendo de dor, fazendo  
12 suas queixas ressoarem pelos bosques, clamando pelo nome de Martésia. Como esses  
13 ecos chegavam a seus ouvidos quase todos os dias, ela suspirava em segredo,  
14 lamentando o fato de estar causando tanta dor à sua mãe e de não ter o poder de  
15 consolá-la. Javali a ameaçava fortemente, de modo que sua esposa o temia tanto quanto  
16 o amava.

17 Como sua doçura era extrema, ela continuava a demonstrar grande ternura pelo  
18 marido, que a amava com a mais intensa paixão. Martésia engravidou; ela sentia uma  
19 aflição sem precedentes só de imaginar que a raça javalinesca se perpetuaria.

20 E aconteceu que, uma noite, estando acordada, enquanto chorava discretamente,  
21 ela escutou alguém falando muito perto dela. Ainda que a voz falasse bem baixinho, ela  
22 não perdeu nenhuma palavra do que estava sendo dito. Era o bom Javali, que implorava  
23 a alguém para ser menos rigoroso com ele e para conceder-lhe a permissão que há tanto  
24 tempo solicitava. Mas a voz só respondia que não, que não poderia atendê-lo. Martésia  
25 ficou mais preocupada do que nunca:

26 — Quem poderia ter entrado nesta gruta? — ela pensou. — Meu marido não  
27 quer revelar esse segredo a mim!

28 Ela se esforçou para não pegar no sono, pois estava muito curiosa. Quando a  
29 conversa acabou, ela ouviu a pessoa que falara com o príncipe saindo da caverna; logo  
30 depois, ele começou a roncar, grunhindo como um porco. Imediatamente, ela se  
31 levantou e foi verificar se era fácil remover a pedra que fechava a entrada da caverna,  
32 mas sequer conseguiu fazê-la se mexer. Sem qualquer iluminação, enquanto caminhava  
33 lentamente de volta para a cama, Martésia sentiu algo sob seus pés, e percebeu que era a  
34 pele de um javali; recolhendo-a, guardou-a consigo, e decidiu que esperaria pelo  
35 desdobramento desse caso sem dizer nada.

36 A aurora ainda não havia raiado quando Javali se levantou. Martésia percebeu  
37 que ele começou a procurar por alguma coisa em todos os cantos da caverna. E  
38 enquanto ele se ocupava em sua busca, o dia enfim raiou. Foi quando ela o viu tão

1 extraordinariamente belo e perfeito que nunca ninguém se sentiu tão surpreso e feliz  
2 quanto ela:

3 — Ah! — ela exclamou. — Não escondais de mim a minha boa ventura! Enfim  
4 minha sorte é chegada, mas eu já desconfiava disso, meu querido príncipe! Por  
5 intermédio de qual boa fortuna vos transformastes no mais amável de todos os homens?

6 Ele ficou surpreso ao ser descoberto, mas depois se recompôs.

7 — Eu contarei a vós, minha querida Martésia — disse ele. — Para saberdes que  
8 devo a vós essa encantadora metamorfose.

9 E ele começou a narrar<sup>25</sup>:

10 *Houve um dia em que a Rainha, minha mãe, se pôs a dormir à sombra de*  
11 *algumas árvores; foi quando três fadas passaram voando no ar e, reconhecendo-a,*  
12 *resolveram parar. A mais velha deu-lhe o dom de ser a mãe de um filho inteligente e*  
13 *perfeito. A segunda acrescentou a este dom mil outras qualidades vantajosas a meu favor.*  
14 *A mais nova, porém, desatando a rir, disse-lhes:*

15 — *Temos que diversificar um pouco esse ritual! A primavera seria menos*  
16 *agradável se não fosse precedida pelo inverno. Para que o príncipe a quem dotastes de*  
17 *tanto charme possa parecer ainda mais charmoso, farei com que ele seja um Javali até que*  
18 *se case com três mulheres e a terceira encontre sua pele.*

19 *Ao fim destas palavras, as três fadas desapareceram. A Rainha havia escutado as*  
20 *duas primeiras com bastante clareza; mas no tocante àquela que me maculara, minha*  
21 *mãe não conseguiu entendê-la de tanto que ela havia rido*

22 *Eu mesmo não sabia de tudo isso que estou vos contando até o dia do nosso*  
23 *casamento. Quando estava prestes a encontrar-vos, com a mente tomada pela paixão,*  
24 *parei para beber em um riacho que flui aqui perto da caverna. Seja porque ele estava mais*  
25 *claro do que o habitual ou porque eu o olhei mais detidamente, movido pelo desejo que*  
26 *tinha de agradar-vos, percebi o quão pavoroso eu era, e as lágrimas verteram dos meus*  
27 *olhos. Sem hipérbole, derramei o suficiente para aumentar o volume do riacho; enfim,*  
28 *falando comigo mesmo, concluí que seria impossível para mim agradar-vos. Totalmente*  
29 *desanimado com esse pensamento, resolvi não ir adiante.*

30 — *Não poderei ser feliz se não for amado — eu disse. — E não poderei ser amado*  
31 *por nenhuma pessoa razoável!*

32 *Enquanto eu balbuciava essas palavras, vi uma dama aproximar-se de mim com*  
33 *uma ousadia que me surpreendeu, pois eu era pavoroso àqueles que não me conheciam.*

---

<sup>25</sup> Frase inserida pelo tradutor para demarcar o início da longa narração de Javali, que será destacada em itálico.

1 — *Javali* — disse ela. — *O tempo de tua felicidade se aproxima. Se te casares com*  
2 *Martésia e ela for capaz de te amar tal como és, pouco a pouco serás dejavalinizado*<sup>26</sup>. *Na*  
3 *noite de tuas núpcias, deixarás esta pele que tanto te desagrada, mas terás de colocá-la de*  
4 *volta antes do raiar do dia. Não podes dizer nada à tua esposa! Deverás esconder este*  
5 *mistério até o momento reservado para a grande descoberta.*

6 *Ela me contou tudo o que eu já vos disse sobre a Rainha, minha mãe. Prestei à*  
7 *fada os meus humildes agradecimentos pelas boas notícias que ela me dera e fui*  
8 *encontrar-vos com um misto de alegria e esperança, algo que eu ainda não havia sentido.*  
9 *Quando comecei a receber vossas demonstrações de amizade, minha satisfação aumentou*  
10 *sobremaneira, e minha ansiedade para poder compartilhar meu segredo convosco chegou*  
11 *ao último grau. Ao notar minha impaciência, a fada passou a me ameaçar durante a*  
12 *noite, dizendo que grandes desgraças me aconteceriam se eu não ficasse em silêncio.*

13 — *Ah, madame* — eu disse a ela. — *Provavelmente nunca amastes alguém para*  
14 *me obrigardes a esconder algo tão agradável da pessoa que mais amo no mundo.*

15 *Ela riu da minha dor e me proibiu de me lamentar, pois tudo haveria de se tornar*  
16 *favorável a mim.*

17 — Sendo assim — ele finalizou. — *Acredito que deveríeis devolver minha pele de*  
18 *javali; devo colocá-la de volta, pois tenho medo de irritar as fadas.*

19 — O que quer que possais vos tornar, meu querido príncipe, jamais mudarei o  
20 que sinto por vós — disse Martésia. — *Guardarei para sempre a encantadora lembrança*  
21 *de vossa metamorfose.*

22 — *Ouso acreditar que as fadas não vão querer nos fazer sofrer por muito mais*  
23 *tempo — ele afirmou. — Elas têm cuidado de nós; esta cama, que aos vossos olhos é*  
24 *feita de musgo, é, na verdade, feita de leves plumas de passarinho e da mais fina lã. São*  
25 *elas que oferecem todos os belos frutos que comeis, colocando-os na entrada da caverna.*

26 *Naquele instante, Martésia se levantou para agradecer às fadas por tantas graças.*  
27 *Enquanto ela lhes rendia seus louvores, Javali fazia todos os esforços para colocar a pele*  
28 *de javali de volta, mas ela havia se tornado tão pequena que não havia espaço nem para*  
29 *cobrir uma de suas pernas. Esticou-a para cima e para os lados, com os dentes e com as*  
30 *mãos, mas nada dava jeito nisso. Ele ficou muito triste e lamentou seu infortúnio, pois*  
31 *temia, com razão, voltar a ser punido pela fada que o havia javalizado*<sup>27</sup>.

32 — *Ai de mim, minha querida Martésia!* — disse ele. — *Por que escondestes esta*  
33 *pele fatal? Talvez seja justamente para nos punir que não consiga mais vesti-la. Se as*  
34 *fadas estão em cólera, como iremos apaziguá-las?*

---

<sup>26</sup> *Demarcassiné* (neologismo).

<sup>27</sup> *Marcassiné* (neologismo).

1 Martésia começou a chorar. Eis aí um motivo muito estranho para se entristecer:  
2 o risco de não conseguir voltar a ser um javali.

3 Naquele instante, a gruta começou a tremer e teto se abriu. Foi então que eles  
4 viram seis fusos com fios de seda caírem do céu, três brancos e três pretos, dançando em  
5 sincronia. Uma voz saiu do meio deles, dizendo:

6 — Se Javali e Martésia adivinharem o que significam esses fusos brancos e pretos,  
7 enfim eles serão felizes!

8 O príncipe pensou um pouco e depois disse:

9 — Acredito que os três fusos brancos simbolizam as três fadas que me  
10 abençoaram na ocasião de meu nascimento.

11 — E eu acredito que esses três fusos pretos simbolizam minhas duas irmãs e  
12 Coridon! — afirmou Martésia.

13 E naquele mesmo instante as fadas surgiram no lugar dos fusos brancos,  
14 enquanto Ismene, Zelonide e Coridon apareceram no lugar dos fusos pretos. Nunca  
15 nada foi tão assustador quanto esse retorno do outro mundo.

16 — Nós não conseguimos chegar tão longe quanto pensais — eles disseram à  
17 Martésia. — As prudentes fadas tiveram a bondade de nos resgatar. Enquanto  
18 lamentáveis nossa morte, elas nos conduziram a um castelo onde não nos faltava  
19 nenhum outro prazer a não ser o de ter-vos conosco.

20 — Mas como? — exclamou Javali. — Acaso não vi Ismene e seu amante sem  
21 vida? E não foi pelas minhas mãos que Zelonide perdeu a dela?

22 — Não — disseram as fadas. — Tivemos o cuidado de encantar vossos olhos!  
23 Esse tipo de aventura acontece todos os dias. Há quem acredite ter visto a esposa no  
24 baile quando, na verdade, ela estava dormindo na cama. Há quem acredite possuir uma  
25 bela senhora, mas ela não passa de uma macaca. E há quem acredite ter matado seu  
26 inimigo, enquanto ele vive muito bem em outro país.

27 — Ora, só me provocastes dúvidas estranhas! — disse o príncipe Javali. — Parece  
28 que o que quereis dizer que não se deve acreditar nem mesmo no que se vê!

29 — A regra nem sempre é geral — replicaram as fadas. — Mas não há dúvida de  
30 que se deve evitar o julgamento de diversas coisas, e sempre pensar que pode existir  
31 algum toque de magia mesmo naquilo que nos parece muito certo.

32 O príncipe e sua esposa agradeceram às fadas pelo ensinamento que tinham  
33 acabado de lhes dar, e por terem preservado a vida de pessoas tão queridas para eles:

34 — Afinal, posso confiar em vós que meu fiel Javali não terá mais de voltar a  
35 vestir essa terrível pele de animal? — perguntou Martésia, jogando-se aos pés das fadas.

36 — Viemos para assegurar-vos disso! — elas disseram. — Pois já é hora de  
37 retornar à corte.



1           Imediatamente, a gruta se transformou em uma soberba tenda, onde o príncipe  
2 encontrou vários valetes, que o vestiram magnificamente. Martésia, por sua vez,  
3 encontrou damas de companhia e um toalete deveras requintado, onde não faltava nada  
4 para penteá-la e adorná-la. Em seguida, foi servido um jantar cujos pratos foram  
5 encomendados pelas fadas; basta dizer isso.

6           Jamais houve uma alegria tão perfeita, e tudo o que Javali havia sofrido não se  
7 podia comparar ao prazer que ele sentiu ao ver a si mesmo não apenas como um  
8 homem, mas como um homem infinitamente amável. Depois de deixarem a mesa,  
9 várias carruagens magníficas, conduzidas pelos cavalos mais bonitos do mundo,  
10 chegaram a toda velocidade. Eles embarcaram com sua pequena comitiva; guardas a  
11 cavalo marchavam na frente e atrás das carruagens. Foi assim que Javali chegou ao  
12 palácio.

13           Ninguém sabia de que corte vinha essa pomposa comitiva; seus tripulantes eram  
14 mais desconhecidos ainda. Foi quando um arauto anunciou, em alta voz, ao som de  
15 trombetas e timbales, de quem se tratava. As pessoas correram para ver seu príncipe e  
16 ficaram muito contentes. Todo mundo ficou encantado e ninguém sequer ousou  
17 duvidar da veracidade dessa aventura, mesmo que ela parecesse muito duvidosa.

18           Quando a notícia chegou ao Rei e à Rainha, eles prontamente desceram para o  
19 pátio. O príncipe Javali se parecia tanto com seu pai que seria difícil contestar o que era  
20 tão evidente. De fato, ninguém o fez. Jamais houve alegria mais universal! Depois de  
21 alguns meses, a felicidade aumentou ainda mais com o nascimento de um filho, que não  
22 tinha nada da figura ou do humor javalinesco.

23  
24                           *O maior esforço do corajoso,*  
25                           *Quando está muito apaixonado,*  
26                           *É ser capaz de esconder de seu amado*  
27                           *Algo que lhes seja vantajoso.*  
28                           *Por seus méritos, Javali saiu vitorioso*  
29                           *E retornou à sua corte em esplendor.*  
30                           *Censuremos, com razão, sua grande teimosia.*  
31                           *Mas antes não ter um amor*  
32                           *Do que não ter sabedoria.*

## O GOLFINHO

1           Era uma vez um rei e uma rainha a quem o céu havia agraciado com vários filhos.  
2 O casal, porém, só amava aqueles que consideravam bons e bonitos. Entre eles havia um  
3 cadete<sup>1</sup> chamado Alidor, um jovem de personalidade muito agradável; ele, no entanto, era  
4 insuportavelmente feio. O rei e a rainha olhavam-no com muita repugnância e a todo  
5 momento pediam para que ele sumisse de suas vistas. Quando ele começou a se dar conta  
6 de que seus irmãos recebiam todas as carícias de seus pais e que para ele não restava nada  
7 além de repreensões, chegou à conclusão de que o melhor a fazer era ir embora  
8 secretamente. Alidor agiu cautelosamente para deixar o reino sem que ninguém soubesse  
9 para onde ele ia, na esperança de que a sorte lhe fosse mais favorável em outro país que  
10 não o seu.

11           Sua partida, no entanto, não deixou de afligir o rei e a rainha. Eles acreditavam  
12 que Alidor não demonstrava em nada a magnificência que convinha a um príncipe, e que  
13 situações desagradáveis poderiam lhe sobrevir; na verdade, eles estavam mais  
14 preocupados em manter sua própria reputação do que com o filho. Enviaram mensageiros  
15 atrás dele com ordens para trazê-lo de volta imediatamente. O príncipe, porém, havia sido  
16 muito prudente e se embrenhara pelas rotas mais desconhecidas, de modo que o seguiram  
17 em vão. Aconteceu que Alidor foi esquecido mesmo antes do retorno daqueles que  
18 receberam a ordem de procurá-lo. Todos sabiam muito bem que o rei e a rainha nutriam  
19 pouquíssimo afeto por ele e que não conseguiam amá-lo tal qual um príncipe venturoso  
20 costuma ser amado. Não se falava mais em Alidor: afinal, quem teria o que falar? A sorte  
21 lhe era contrária, seus parentes o odiavam e ninguém lhe dava muita atenção.

22           Alidor lançou-se em uma aventura sem saber muito bem que rumo deveria seguir.  
23 Em seu caminho, encontrou um rapaz muito bonito e bem montado com ares de viajante.  
24 Eles se cumprimentaram e conversaram civilizadamente; permaneceram juntos por  
25 algum tempo comentando apenas assuntos gerais. Depois, o viajante quis saber de Alidor  
26 para onde ele estava indo.

27           — Antes, porém, poderíeis vós dizer-me para onde ides? — replicou o cadete.

28           — Senhor, sou um escudeiro do rei dos bosques — ele respondeu. — Fui enviado  
29 para buscar alguns cavalos em um lugar não muito longe daqui.

30           — Trata-se de um rei selvagem? — indagou o príncipe. — Pelo fato de o  
31 chamardes de rei dos bosques, imagino que ele deva viver em um.

32           — Seus ancestrais, de fato, podem ter vivido tal como dissestes — respondeu o  
33 escudeiro. — Ele, porém, tem uma grande corte: a rainha, sua esposa, é uma das pessoas

---

<sup>1</sup> *Cadet*: “cadete”, designação usada para se referir ao filho homem que não era o primogênito de uma família nobre.

1 mais amáveis do mundo, e sua única filha, a princesa Lívia<sup>2</sup>, é dotada de mil encantos que  
2 fascinam a todos que a veem. É verdade, porém, que ela ainda é muito jovem e que não  
3 tem dimensão de todo carinho que lhe rendem; ainda assim, ninguém consegue deixar de  
4 fazê-lo.

5 — Vós me deixastes muito desejoso de conhecê-la e de passar algum tempo em  
6 uma corte tão agradável — afirmou o príncipe. — Eles veem os estrangeiros com bons  
7 olhos? Não tenho do que me lisonjear, sei que a natureza não me favoreceu com uma bela  
8 aparência, mas em compensação fui agraciado com um bom coração.

9 — Esse é um bem muito raro — disse o viajante. — Acredito que um bom coração  
10 valha mais do que uma boa aparência. Em nossa corte damos o devido valor a todas as  
11 coisas, sendo assim podeis ir para lá com toda a certeza de que sereis bem recebido.

12 Dito isso, o escudeiro deu-lhe as instruções a respeito do caminho que deveria  
13 tomar para chegar ao reino dos bosques. Disse também que estava à sua disposição e que  
14 havia notado nele um certo ar de nobreza que nem toda a sua feiura podia encobrir. Deu  
15 a ele o endereço de alguns de seus amigos, os quais o apresentariam ao rei e à rainha.

16 O príncipe ficou imensamente cativado com os modos tão cortesões do escudeiro.  
17 Era promissor saber de um país onde as pessoas agiam com tamanha polidez, afinal ele só  
18 desejava encontrar um lugar em que pudesse viver como um desconhecido, e agora  
19 preferia escolher esse que lhe era apresentado a qualquer outro. Parecia-lhe mesmo que a  
20 sorte o havia predestinado a fazer aquela escolha. Depois de se despedir do viajante, ele  
21 seguiu seu caminho pensando com alguma frequência na princesa Lívia, pois estava  
22 extremamente curioso para conhecê-la desde já.

23 Quando chegou à corte do rei dos bosques, os amigos do escudeiro o receberam  
24 com hospitalidade e o rei lhe deu as boas-vindas. Alegrou-se por ter deixado sua pátria,  
25 pois, mesmo sendo um desconhecido, ficou muito satisfeito com o bom tratamento que  
26 lhe foi dispensado. É verdade, porém, que o mesmo não aconteceu nos aposentos da  
27 rainha, onde foi insultado com uma enxurrada de longas gargalhadas. Uma dama  
28 escondeu o rosto para não vê-lo, outra saiu em disparada; de modo semelhante, a jovem  
29 Lívia, influenciada por todos aqueles exemplos de má educação, deixou transparecer tudo  
30 o que ela pensava de sua feiura.

31 Parecia-lhe que uma princesa que ria dessa maneira dos defeitos de um estrangeiro  
32 afinal não era muito bem-educada. Reprendendo-a em segredo, disse para si mesmo:

33 — Céus! Eis que sou ofendido da mesma forma que meu pai costumava fazer. É  
34 preciso admitir que mesmo os príncipes podem ser muito infelizes quando seus defeitos  
35 não são tolerados. Ah! Deparo-me agora com o mesmo veneno que costumava beber

---

<sup>2</sup> *Livorette*. “Em latim, *livor* significa concretamente cor de chumbo, cor lívida e, por extensão, indica também inveja, ciúme.” (DESCARTES, 2012, p. 136).

1 todos os dias a plenos goles. Essa bela princesa não deveria ter vergonha de zombar de  
2 mim? Venho de muito longe para prestar-lhe minhas reverências e me juntar à sua corte,  
3 mas posso viajar para ainda mais longe a fim de anunciar suas boas qualidades ou seus  
4 defeitos. Não sou um de seus súditos. Nada além de sua civilidade poderia reter a minha  
5 língua. No entanto, ela mal lançou seus olhos sobre mim e já começou a me insultar com  
6 atitudes zombeteiras — queixou-se, continuando a olhá-la com admiração. — Mas, oras!  
7 Acontece, porém, que ela pode se assegurar de que eu não lhe lançarei nenhuma ofensa!  
8 Afinal, nada assim tão belo jamais foi colocado diante dos meus olhos. Admiro-a, admiro-  
9 a muitíssimo e sei que hei de admirá-la por toda a minha vida.

10 Enquanto ele fazia essas tristes reflexões, a rainha, que era gentil, ordenou que ele  
11 se aproximasse e, desejando apaziguar seus ânimos, disse-lhe coisas agradáveis,  
12 perguntou sobre seu país, quis saber qual era o seu nome e de suas aventuras. Ele  
13 respondeu a todas as perguntas como o homem inteligente que era, preparado para  
14 qualquer questão. A rainha se agradou do seu caráter e disse-lhe que o receberia com  
15 prazer sempre que ele desejasse vê-la. Ela até perguntou se ele conhecia algum jogo e o  
16 convidou para jogar bassette<sup>3</sup> com ela.

17 Como queria agradá-la, ele fez questão de estar presente na ocasião dos jogos. Ele  
18 tinha muito dinheiro e joias. Notava-se que em todas as suas ações havia um ar de  
19 nobreza, o que colaborou para que ele fosse ganhando certa distinção. Embora ninguém  
20 soubesse quem ele era, pois ele se esforçava muito para esconder sua estirpe, todos  
21 passaram a julgá-lo positivamente. A princesa era a única que não conseguia suportá-lo:  
22 ela desatava a rir na cara dele, fazia-lhe caretas pregava mil peças típicas de alguém da sua  
23 idade. Para Alidor, nada disso teria importância se fosse obra de qualquer outra pessoa,  
24 mas vindo dela era muito diferente. Ele levou todas essas coisas muito a sério e quando  
25 finalmente já estava mais familiarizado com ela, resolveu proferir suas queixas.

26 — Pensais, madame, que não é injusto rirdes de mim? — disse ele. — Os mesmos  
27 deuses que fizeram de vós a mais bela princesa do mundo fizeram de mim o mais feio dos  
28 homens; ainda assim sou uma obra deles, tal como vós.

29 — Eu concordo, Alidor — ela respondeu. — Acontece que sois a obra mais  
30 imperfeita de suas mãos.

31 Então ela o encarou fixamente, sem tirar os olhos dele por um longo tempo, e  
32 depois riu até passar mal.

33 O príncipe, que permaneceu admirando-a ao longo do tempo, bebia fartos goles  
34 do veneno que o amor lhe preparava.

35 — Devo morrer, já não há esperança de conseguir agradá-la, não posso viver sem  
36 possuir a ternura de Lívia.

---

<sup>3</sup> Jogo de azar jogado com cartas de baralho.

1 Por fim, ele ficou tão melancólico que fazia pena a todos que o viam. A rainha logo  
2 percebeu essa mudança, pois seu comportamento já não era o mesmo. Quis saber dele o  
3 que se passava, mas Alidor respondeu apenas que estava sentindo uma indisposição  
4 extraordinária, a qual ele achava que passaria com uma mudança de ares; sendo assim, ele  
5 avisou que iria para as campinas a fim de tomar um pouco de ar fresco. O fato era que ele  
6 já não suportava mais ter de ver a princesa todos os dias sem que houvesse alguma  
7 esperança de cativá-la. Alidor acreditava que poderia se sentir melhor se evitasse vê-la,  
8 mas sua paixão o acompanhava onde quer que fosse. Em um dos passeios, encontrou um  
9 paradeiro remoto e ali ele podia se entregar aos mais profundos devaneios.

10 A proximidade do mar fazia com que ele fosse pescar com alguma frequência, mas  
11 em vão ele jogava o anzol e lançava as redes, pois não pegava nada. Quando voltava, quase  
12 sempre Lívia estava na janela. Quando o via chegando, ela exclamava com uma pitada de  
13 sarcasmo:

14 — Pois bem, Alidor, acaso trouxestes um bom peixe para o meu jantar?

15 — Não, madame — respondia ele, curvando-se em reverência e depois passando  
16 tristemente.

17 A bela princesa ria-se dele:

18 — Ó, como é estúpido! Não consegue nem pescar um único linguado.

19 Aborrecido com sua falta de sorte e por ser alvo constante das chacotas da  
20 princesa, Alidor queria muito pescar algo que valesse a pena para dar a ela. Ele costumava  
21 sair em uma pequena chalana, levando consigo vários tipos de redes e, por causa de Lívia,  
22 esforçava-se de mil maneiras para fazer uma boa pesca.

23 — Já não sou infeliz o bastante para ter que lidar com mais uma decepção em algo  
24 que deveria me entreter? Minha intenção era parar de pensar na princesa e agora ela quer  
25 comer um peixe da minha pesca; o destino me é deveras contrário, recusa-me até mesmo  
26 a menor das alegrias.

27 Tomado pela sua tristeza, ele avançou mar adentro e foi parar muito mais longe  
28 do que ele já havia ido. Lançou as redes com determinação e repentinamente sentiu que  
29 elas estavam muito carregadas, por isso apressou-se em retirá-las com medo de que elas  
30 se rompessem. Quando a puxou para bordo, olhou com curiosidade para ver o que é que  
31 estava se debatendo dentro dela, foi aí que encontrou um belo golfinho, o qual ele pegou  
32 nos braços, sentindo-se satisfeito com tão bom resultado. O Golfinho fez o que pôde para  
33 tentar escapar, lutou com uma força surpreendente. Por fim, fingiu que estava morto para  
34 que Alidor desviasse a atenção dele, mas não adiantou.

35 — Meu pobre Golfinho, não te atormentes mais — disse ele. — Certamente te  
36 levarei para a princesa e tu terás a honra de ser servido esta noite sobre a sua mesa.

37 — Tendes por desejo algo que me é fatal — falou o Golfinho.

1 — O quê! — gritou o príncipe, espantado — Tu podes falar! Meus bons deuses,  
2 que grande prodígio!

3 — Se fordes suficientemente bom e generoso para me conceder a liberdade, eu vos  
4 prestarei serviços magníficos ao longo da minha vida, de modo que jamais vos  
5 arrependereis de vossa bondade.

6 — E o que a princesa comerá no jantar? — perguntou Alidor — Desconheces as  
7 palavras de ironia que ela lança sobre mim! Ela me chama de desajeitado, estúpido e de  
8 centenas de outros nomes, o que me obriga a te sacrificar em nome da minha reputação.

9 — Eis que por uma princesa abdiqueis de minhas maravilhosas habilidades —  
10 repreendeu o Golfinho. — Acaso acreditais que o fato de não demonstrar ser um bom  
11 pescador degrada a vossa honra e a vossa nobreza? Deixai-me viver, eu vos suplico, colocai  
12 o vosso mais humilde servo, o Golfinho, de volta nas ondas do mar. Seria uma  
13 benevolência cuja recompensa não tardaria a chegar.

14 — Vai! — exclamou o príncipe, colocando-o na água. — Eu não espero de ti nada  
15 de bom ou de ruim, mas é certo que nutres um forte desejo de viver. Lívia inventará novos  
16 insultos para mim, se ela assim desejar, além daqueles que ela já me dirige. Não me  
17 importo. És um animal extraordinário, quero te contentar.

18 O Golfinho desapareceu da vista do príncipe, que naquele momento também viu  
19 desvanecer toda a esperança que pudesse ter. Sentando-se no barco, puxou os remos para  
20 dentro, cruzou os braços e se entregou a um profundo devaneio, do qual ele foi despertado  
21 por uma voz muito agradável que ressoava por entre o som das ondas que quebravam no  
22 mar.

23 — Alidor, príncipe Alidor — chamava aquela a voz. — Tendes em mim um de  
24 vossos amigos.

25 Ele se inclinou e viu o Golfinho dando milhares de cambalhotas na superfície da  
26 água.

27 — É justo que todos tenham a sua vez — disse o Golfinho. — Há apenas quinze  
28 minutos fizestes uma grande gentileza para mim. Agora, pedi-me qualquer serviço e então  
29 vereis o que hei de fazer.

30 — Peço-te uma pequena recompensa por uma grande benevolência — solicitou o  
31 príncipe. — Traz-me o melhor peixe do mar.

32 No mesmo instante, sem nem lançar suas redes, entrou na chalana uma  
33 quantidade tão grande de salmões, linguados, rodovalhos<sup>4</sup>, ostras e de outros moluscos  
34 que Alidor temeu, com razão, a sobrecarga da embarcação.

---

<sup>4</sup> Espécie de peixe plano, tal qual o linguado.

1 — Pare, pare! — ele gritou. — Meu querido Golfinho, estou totalmente  
2 impressionado com o que fizeste em meu favor, mas receio que tua generosidade me possa  
3 ser perigosa. Salva-me, vê a gravidade da situação.

4 Então o Golfinho empurrou o barco para a praia, onde o príncipe chegou com  
5 todos os seus peixes. Quatro mulas não puderam suportar a quantidade de pescados,  
6 então ele se sentou para selecionar o que havia de melhor. Foi quando ouviu a voz do  
7 Golfinho:

8 — Alidor! — ele exclamou, erguendo sua grande cabeça para fora da água. —  
9 Estais satisfeito com o meu auxílio?

10 — Eu não poderia estar mais! — respondeu ele.

11 — Ó, saibais que também sou muito grato pela maneira com que me tratastes e  
12 pela vida que me haveis conservado. Vim aqui para dizer que toda vez que desejardes  
13 pedir qualquer coisa para mim, estarei pronto para vos obedecer. Eu tenho muitos tipos  
14 de poderes, se acreditardes em mim, podereis ter uma prova disso.

15 — Céus! O que posso desejar? — disse o príncipe. — Eu amo uma princesa que  
16 me odeia.

17 — Quereis deixar de amá-la? — quis saber o Golfinho.

18 — Não — replicou Alidor. — Não consigo me decidir; ou encontro uma forma de  
19 agradá-la ou então morro de vez.

20 — Prometeis jamais ter outra esposa além de Lívia? — continuou o Golfinho.

21 — Sim, eu vos prometo — exclamou o príncipe. — Jurei que seria fiel à minha  
22 paixão e que não deixaria de fazer tudo o que estivesse ao meu alcance para agradá-la.

23 — Devemos pregar uma peça em Lívia — disse o Golfinho. — Ela não vos conhece  
24 verdadeiramente e não deseja casar-se convosco tão somente por considerar-vos feio.

25 — Eu consinto com essa artimanha — respondeu o príncipe. — Embora eu tenha  
26 para mim que ela jamais possuirá um coração com os mesmos sentimentos que os meus.

27 — O tempo poderá persuadi-la — completou o Golfinho. — Permitti-me, no  
28 entanto, transformar-vos em um canário<sup>5</sup>; podereis destituir-vos do disfarce sempre que  
29 desejardes.

30 — Sois o mestre, meu querido golfinho — respondeu Alidor.

31 — Está bem — continuou o peixe. — Eu desejo que vos torneis um canário!

32 Imediatamente o príncipe se viu cheio de penas, com duas patas e um pequenino  
33 bico; ele assobiava e falava admiravelmente bem. Admirado, desejou recobrar a sua forma  
34 humana e prontamente voltou a ser o Alidor de sempre.

35 Jamais se viu um homem tão cheio de alegria; ele estava extremamente impaciente  
36 para ficar junto da jovem princesa. Chamou alguns súditos de Lívia para ajudá-lo e juntos

---

<sup>5</sup> *Serin de Canarie*: “serim” é o nome genérico dado a pequenos pássaros de cor amarelo-esverdeada.

1 eles tomaram o caminho para a cidade abastecidos com todos os peixes. A princesa, que  
2 como de costume esperava no peitoril da janela, exclamou:

3 — Vejam só! Alidor, fostes mais bem-sucedido dessa vez?

4 — Sim, madame — disse-lhe ele, fazendo com que lhe mostrassem as grandes  
5 cestas repletas dos melhores peixes do mundo.

6 — Ó! — exclamou ela, com um ar infantil. — Lamento que tenhais feito tão grande  
7 pesca, pois agora eu não poderei mais zombar de vós.

8 — Sempre encontrareis um pretexto para isso quando bem o desejardes, madame  
9 — ele retorquiu.

10 Seguindo o seu caminho, ele pediu que enviassem todos os peixes para Lívia.  
11 Depois, em questão de segundos, ele assumiu a forma de um pequeno canário e voou para  
12 a janela dela. Assim que a princesa o notou, avançou suavemente ao seu encontro,  
13 estendendo a mão para pegá-lo, mas ele se afastou voando pelo ar.

14 — Eu vim dos confins da terra — disse-lhe ele. — De um lugar onde a fama de  
15 vossa beleza fez alarde. No entanto, amável princesa, não seria justo que tendo vindo de  
16 tão longe eu fosse tratado como um canário comum. É necessário me prometerdes que  
17 nunca me colocareis em uma gaiola, que me deixareis ir e vir, a fim de que eu não tenha  
18 outra prisão a não ser a dos vossos belos olhos.

19 — Ah, estimado passarinho! — exclamou Lívia. — Estabelece as tuas condições  
20 como bem quiseres, eu me comprometo a não violar nenhuma delas, pois jamais se viu  
21 nada tão lindo como tu. Falas melhor que um papagaio, assobias maravilhosamente. Eu  
22 te amo tanto, tanto que estou morrendo de vontade de te ter comigo.

23 O canário desceu e pousou na cabeça de Lívia, depois no seu dedo, onde ele não  
24 apenas assobiou ao léu, mas também cantou estas palavras com tanta propriedade e  
25 segurança quanto o mais hábil dos músicos:

26  
27 *Livre e errante me fez a natura,*  
28 *Mas preso em vosso coração feliz eu viveria.*  
29 *Nenhuma outra cadeia meu ser atura*  
30 *Só aos laços do Amor eu me amarraria.*  
31  
32 *Comprometo-me com prazer e brandura*  
33 *Carregar o vosso amável grilhão!*  
34 *Mil vezes prefiro desse amor a clausura,*  
35 *Que o universo em sua imensidão.*  
36



1 — Estou encantada com o presente que a fortuna me concede — disse ela a todas  
2 as duas damas.

3 Ela correu para os aposentos da rainha a fim de mostrar-lhe o seu adorável  
4 canário. A rainha morria de vontade de ouvi-lo falar, mas ele só falava com a princesa e  
5 não se interessava em agradar a mais ninguém.

6 Quando a noite chegou, Lívia foi para o seu quarto com o lindo pássaro, ao qual  
7 havia dado o nome de Byby. Quando ela fazia a toailete<sup>6</sup>, o canário se empoleirava sobre o  
8 espelho e tomava a liberdade de bicar-lhe a ponta da orelha ou as mãos de vez em quando,  
9 e isso a deixava imensamente feliz. Alidor, que até então nunca havia experimentado as  
10 doçuras da vida, finalmente sentiu a plenitude do amor e já não queria mais ser outra  
11 coisa senão Biby<sup>7</sup>, o canário. É verdade, porém, que ele se entristeceu ao descobrir que  
12 ocuparia o mesmo cômodo onde os cachorros, macacos e papagaios de Lívia costumavam  
13 dormir.

14 — Ora! — lamentou ele com um ar de aflição. — Fazeis tão pouco caso de mim.  
15 Acaso desejais me abandonar?

16 — Não se trata de te abandonar, querido Biby — ela respondeu. — E sim de te  
17 colocar junto daqueles a quem mais amo.

18 E então ela se retirou, mas o príncipe permaneceu empoleirado no espelho. Assim  
19 que raiou o dia, ele voou para a costa do mar.

20 — Golfinho, querido Golfinho — ele exclamou. — Tenho umas poucas e boas<sup>8</sup>  
21 para te dizer, não te recuses a me atender.

22 O prestativo peixe apareceu, nadando na crista de uma onda com um semblante  
23 sério. Quando Biby o viu, voou em sua direção e empoleirou-se delicadamente sobre sua  
24 cabeça.

25 — Eu sei de tudo o que fizestes e de tudo o que desejais que eu faça — disse o  
26 Golfinho. — Eu vos digo que não deveis mais entrar no quarto de Lívia até que ela  
27 decida se casar convosco, enquanto pássaro, com o consentimento do rei e da rainha.  
28 Caso isso aconteça, eu farei com que ela vos tome por marido em vossa forma humana.

29 O príncipe tinha tanta consideração pelo peixe que não se opôs a nada. Agradeceu  
30 milhares de vezes pela encantadora metamorfose que ele lhe havia proporcionado e fez  
31 votos pela constância de sua amizade.

32 Voltando ao palácio em sua forma emplumada, Alidor encontrou a princesa  
33 trajada em seu roupão; ela havia procurado o canário por toda parte, e, sem tê-lo  
34 encontrado, chorava amargamente.

---

<sup>6</sup> “Fazer a toailete” refere-se ao ato de arrumar-se (provar roupas, maquiar-se, enfeitar-se) para alguma ocasião.

<sup>7</sup> A primeira menção ao nome do canário aparece grafada com dois “y”.

<sup>8</sup> *J'ai deux mots à te dire.*

1 — Ah, pequeno traidor! — ela dizia. — Eis que já me deixaste! Não te tratei  
2 suficientemente bem? Não te agraciei minhas carícias? Te dei biscoitos, doces e bombons.

3 — Sim, sim, minha princesa — respondeu o canário, que estava escutando através  
4 de um buraco. — Haveis me demonstrado algumas provas de amizade, mas também  
5 me tratastes com indiferença: pensais que me sinto confortável ao dormir na companhia  
6 de vosso gato malvado? Ele teria me devorado cinquenta vezes se eu não tivesse tomado  
7 a precaução de permanecer acordado a noite toda a fim de me livrar de suas garras.

8 Lívia, comovida com aquele discurso, olhou para ele com ternura. Estendendo-lhe  
9 o dedo, disse:

10 — Vem, meu bom Biby, vem fazer as pazes.

11 — Ó! Eu não faço as pazes com tanta facilidade — respondeu ele. — Desejo que o  
12 rei e a rainha saibam de tudo.

13 — Com prazer! — concordou ela. — Eu vou te levar aos aposentos reais.

14 E ela foi encontrá-los imediatamente. Eles ainda estavam na cama, conversando a  
15 respeito de um vantajoso matrimônio que preparavam para a filha.

16 — O que quereis tão cedo, minha querida filha? — indagou a rainha.

17 — Trata-se do meu passarinho — ela respondeu, lançando-se no colo da mãe. —  
18 Ele quer falar convosco.

19 — Isso é uma coisa rara — declarou o rei, rindo. — Acaso estamos em condições  
20 de vos oferecer uma audiência formal?

21 — Sim, sim, meu senhor — replicou o canário. — Da mesma forma que neste  
22 momento eu também não me apresento diante de vós com toda a pompa que me convém.  
23 Acontece que tendo tomado conhecimento da beleza e dos encantos dessa jovem  
24 princesa, dirigi-me prontamente até aqui para vos suplicar que me concedeis a sua mão  
25 em casamento. Tal como me vedes, sou o soberano de um pequeno bosque de laranjas,  
26 murta e madressilvas, que é a região mais aprazível das Ilhas Canárias. Tenho um grande  
27 número de súditos da minha espécie, que são obrigados a me prestar um grande tributo  
28 de mosquitos e vermes. A princesa poderia comer de tudo o que quisesse. Nunca lhe  
29 faltariam belos concertos, pois eu mesmo sou parente de muitos rouxinóis que lhe  
30 prestariam seus serviços. No entanto, também poderíamos viver aqui em vossa corte  
31 temporariamente se assim o desejardes. Eu precisaria apenas, meu senhor, de um pouco  
32 de pãoço, de canola<sup>9</sup> e água fresca. Quando derdes a ordem para nos retirarmos para  
33 nosso próprio reino, a distância não nos impedirá de recebermos notícias vossas e vós as  
34 nossas, pois teremos mensageiros voadores que nos servirão admiravelmente bem. Creio  
35 poder afirmar, sem vaidade alguma, que tereis grande satisfação em terdes um genro  
36 como eu.

---

<sup>9</sup> *Navette*: grão de baixo teor lipídico comumente indicado como alimento para canários de canto; canola.

1           Ele encerrou o seu discurso dando dois ou três assobios e depois chilreou  
2 prazenteiramente. O rei e a rainha riram até passar mal.

3           — Não temos a intenção de recusar a tua proposta. — disseram eles. — Sim,  
4 amável canário, nós te concederemos a mão de Livia desde que ela assim o consinta.

5           — Ó, de todo o meu coração, nunca em minha vida me senti tão feliz como agora  
6 ao saber que me casarei com o príncipe Biby — disse ela.

7           Naquele instante, o canário arrancou uma das mais belas penas de sua asa e  
8 ofereceu-a à princesa como presente de casamento. Livia a recebeu graciosamente e  
9 prendeu-a em seus cabelos, que eram de uma beleza admirável.

10          Quando a princesa voltou aos seus aposentos, contou às suas damas de honra que  
11 tinha uma grande notícia para dar a elas: a de que o rei e a rainha haviam acabado de  
12 prometé-la em casamento a um príncipe soberano. Ao ouvir aquelas boas-novas, uma  
13 delas se lançou aos seus joelhos, abraçando-os, e uma outra beijou as suas mãos. Elas  
14 estavam deveras ansiosas para saber quem era o feliz príncipe a quem os reis haviam  
15 destinado a mais bela princesa do mundo.

16          — Aqui está ele — disse Livia, tirando o pequeno canário de dentro da manga e  
17 apresentando-o a elas como sendo o seu noivo.

18          Ao vê-lo, eles riram com grande entusiasmo e fizeram algumas anedotas a respeito  
19 da perfeita inocência de sua bela senhora.

20          Livia vestiu-se apressadamente para retornar ao quarto de sua amada mãe, a  
21 rainha, pois queria permanecer junto dela. Enquanto isso, o canário voou para longe e  
22 assumiu sua forma comum de Alidor, a fim de fazer a corte à rainha<sup>10</sup>. Assim que ela o  
23 avistou, exclamou:

24          — Aproximai-vos, vinde parabenizar a minha filha pelo seu casamento com Biby.  
25 Não considerais termos encontrado um notável senhor para ela?

26          Alidor entrou no espírito da brincadeira, e como ele estava mais alegre do que  
27 jamais estivera em toda sua vida, disse uma centena de coisas agradáveis que muito  
28 divertiram a rainha. Quanto a Livia, ela continuava a zombar dele, contradizendo tudo o  
29 que ele dizia. Ele teria ficado deveras ressentido com toda aquela pilhéria caso não  
30 soubesse que seu amigo, o peixe, o ajudaria a superar tamanha aversão.

31          Quando a princesa foi se deitar, bem que tentou deixar seu canário no quarto dos  
32 animais, mas ele começou a se queixar; voando em torno dela, seguiu-a e se empoleirou  
33 sobre uma delicada porcelana, onde ninguém ousaria tentar capturá-lo por medo de  
34 quebrar a peça.

35          — Se cantares muito cedo, Biby, e assim me acordares, juro que não te perdoarei  
36 mais — disse Livia.

---

<sup>10</sup> “Fazer a corte”: cortejar, cercar alguém de galanteios, elogios.

1           Ele prometeu que permaneceria mudo até que ela lhe mandasse voltar a chilrear,  
2 e com essa promessa, os camareiros se retiraram tranquilamente. A princesa demorou a  
3 pegar no sono, mas, quando o fez, dormiu tão profundamente que ninguém duvidaria se  
4 tratar de alguma intervenção do Golfinho. Ela roncava como um porquinho, o que não é  
5 natural para uma criança. Biby, por sua vez, não emitia ruído algum, até porque ele não  
6 tinha cerrado os olhos para dormir; afastando-se da porcelana, transfigurou-se e foi se  
7 deitar junto de sua encantadora esposa, tão delicadamente que ela nem ameaçou  
8 despertar. Assim que o dia raiou, ele retomou sua forma de canário e voou para beira-  
9 mar, onde, tornando-se novamente Alidor, assentou-se sobre uma pequena pedra, que  
10 era muito lisa e coberta de funchos-domar<sup>11</sup>. Depois, olhou ao redor para ver se avistava  
11 o peixe que tanto estimava. Ele o chamou várias vezes e, enquanto esperava, fazia  
12 agradáveis reflexões sobre sua bonança.

13           — Ó fadas que tanto louvamos e cujo poder é tão extraordinário, poderíeis vós  
14 tornar qualquer outro mortal tão feliz quanto eu? — dizia ele.

15           Tal pensamento deu lugar às seguintes palavras:

16  
17                           *Oficioso amigo, Golfinho, grande auxiliador*  
18                           *Que me faz provar o gosto dos frutos do amor,*  
19                           *Eu não ousou anunciar a bonança que me encanta,*  
20                           *E nem que desfruto da sorte o mais doce sabor,*  
21                           *Pois um mau pressentimento me espanta,*  
22                           *E temo que os Deuses invejem o meu fulgor.*  
23

24           Enquanto ele murmurava essas palavras, sentiu que a rocha se agitava  
25 violentamente. Em seguida, ela se abriu e de lá saiu uma velha anãzinha toda trêmula que  
26 se apoiava em uma bengala. Era a fada Rabuginha<sup>12</sup>, que não era melhor que a Rabuja<sup>13</sup>.

27           — Realmente, senhor Alidor, surpreende-me a ousadia de te assentares sobre a  
28 minha rocha — disse ela. — Não sei o que me impede de lançar-te ao fundo do mar para  
29 te ensinar que se as fadas não podem tornar um mortal mais feliz do que tu, elas podem  
30 ao menos torná-los infelizes sempre que quiserem.

---

<sup>11</sup> *Perce-pierre*: suculenta marítima, *Crithmum maritimum*, conhecida como perrexil-do-mar e funcho-do-mar.

<sup>12</sup> *La fée Grognette*.

<sup>13</sup> *Qui n'étoi pas meilleure que Grognon*: há aqui uma referência à madame Rabuja (*Madame Grognon*), a madrasta de Graciosa do conto Graciosa e Percinê, que abre o primeiro livro de contos de fadas da autora. Dado que o presente conto é o último da coleção, constata-se um “arremate” narrativo por parte de Marie-Catherine.

1 — Madame, eu não sabia que moráveis aqui — respondeu o príncipe, espantado  
2 com aquela intervenção. — Se soubesse, certamente não teria faltado com o devido  
3 respeito ao vosso palácio.

4 — Tuas desculpas não me comovem — continuou ela. — És feio e presunçoso,  
5 aposto que terei prazer ao te ver sofrer.

6 — Céus! Que mal vos fiz? — disse-lhe ele.

7 — Nem eu mesma sei — replicou ela. — Mas te tratarei como se tivesses feito.

8 — A antipatia que tendes por mim é deveras extraordinária — disse ele — Tenho  
9 a esperança de que os deuses me protegerão contra vós, caso contrário eu mesmo  
10 anteciparia os males com os quais vós me ameaçais, tirando a minha própria vida.

11 A rabugenta Rabuginha continuou resmungando ameaças e depois se meteu de  
12 volta na rocha, que se fechou.

13 O príncipe, profundamente angustiado, não quis mais se assentar, pois não  
14 desejava arranjar uma nova briga com aquela anã agourenta.

15 — Estava muito satisfeito com a minha sorte — disse ele. — Mas eis que agora  
16 surge uma pequena fúria para estorvá-la. Que mal ela me fará? Ah, não há dúvidas que  
17 sua cólera não recairá somente sobre mim, mas também sobre a bela dama a quem amo.  
18 Golfinho, Golfinho, eu te conjuro, vem aqui para me consolar!

19 Naquele mesmo instante, o peixe apareceu próximo à costa.

20 — Muito bem, o que desejais? — disse-lhe ele.

21 — Vim aqui para te agradecer por todos os bens que me tens feito. Desposei Lúvia  
22 e, no ardor da minha alegria, corri ao teu encontro para compartilhar as boas-novas  
23 contigo. Foi quando uma fada...

24 — Eu já sei — disse o Golfinho, interrompendo-o. — Era Rabuginha, a mais  
25 maligna de todas as criaturas, e também a mais pertinaz. Basta alguém se sentir feliz para  
26 desagradá-la. O que me angustia é saber que ela tem poderes que usará para se contrapor  
27 às benesses que eu estava decidido a vos fazer.

28 — Quão estranha é essa Rabuginha! — respondeu Alidor. — Que mal eu terei feito  
29 a ela?

30 — Ora, sois um homem — exclamou o Golfinho. — Acaso não vos admirais com  
31 a injustiça do mundo dos homens? A verdade é que nem pensais sobre isso. Se fôsseis um  
32 peixe talvez não pensaríeis em outra coisa, afinal nós não somos muito justos em nosso  
33 império salgado. Todos os dias vemos os grandes engolirem os pequenos; e isso não é de  
34 se espantar, visto que no mar tanto o menor dos arenques quanto a maior das baleias têm  
35 seus direitos de cidadãos aquáticos garantidos.

36 — Eu te interrompo para te perguntar se Lúvia jamais poderá saber que sou seu  
37 marido — quis saber Alidor.

38 — Aproveite o tempo presente sem pensar no devir — respondeu o Golfinho.

1 E, tendo proferido essas palavras, ele mergulhou para o fundo da água. O príncipe  
2 transformou-se novamente em canário e voou para perto de sua querida princesa, que o  
3 procurava por toda parte.

4 — Ora, pretendes inquietar-me sempre, pequeno libertino? — disse ela assim que  
5 ele apareceu. — Temo perder-te, eu morreria de tristeza.

6 — Não, minha Lívia — ele respondeu. — Jamais me perdereis.

7 — Como podes prometer-me isso? — ela continuou. — Alguém poderia armar  
8 redes e armadilhas para te capturar. Se caísse na armadilha de uma bela dama, como eu  
9 poderia saber se retornarias?

10 — Ó, que suspeita injuriosa! — lamentou-se ele. — De fato não me conheceis.

11 — Perdoa-me, Biby — disse ela, sorrindo. — Ouvi dizer que manter-se fiel a uma  
12 mulher não é algo a que se dê muita importância, e como sou tua esposa, temo que mudes  
13 teu modo de agir.

14 Conversas como essas muito agradavam o canário, pois através delas ele se dava  
15 conta do quanto era amado, mas isso só em forma de passarinho. Seu delicado coração  
16 feria-se constantemente.

17 — O truque que lhe tenho pregado é justificável? — perguntou ele ao Golfinho. —  
18 Eu sei que a princesa não me ama, que me acha feio e que nenhum dos meus defeitos lhe  
19 escapa. Tenho todos os motivos para crer que ela não me desejaria como marido e, no  
20 entanto, foi o que me tornei. Se um dia Lívia souber disso, certamente me cobrirá de  
21 censuras. Que direi a ela? Eu morreria de tristeza se a desapontasse.

22 O peixe replicou:

23 — Vossas reflexões não fazem jus ao amor que sentis. Se todos os amantes  
24 pensassem de modo semelhante, jamais haveria donzelas enlevadas ou desapontadas.  
25 Aproveitai o tempo presente, pois dias não muito felizes estão reservados para vós.

26 Alidor ficou muito preocupado com esse aviso. Ele sabia muito bem que a fada  
27 Rabuginha ainda estava ressentida pelo fato dele ter se assentado sobre a rocha embaixo  
28 da qual ela se encontrava. Ele implorou ao Golfinho que continuasse a lhe prestar bons  
29 serviços.

30 Surgiram fortes rumores de que a princesa iria se casar com um jovem e belo  
31 príncipe cujos domínios não ficavam muito longe. Ele enviou seus embaixadores para que  
32 pedissem a sua mão, os quais foram cordialmente recebidos pelo rei. Tal notícia fez com  
33 que Alidor ficasse muito alarmado; imediatamente ele se dirigiu à beira-mar e, chamando  
34 pelo peixe que tão bem lhe servia, relatou-lhe seus temores.

35 — Vê em que situação extrema eu me encontro! — disse-lhe ele. — Posso perder  
36 a minha mulher e vê-la se casar com outra pessoa, ou então posso revelar-lhe a verdade  
37 sobre o nosso casamento, correndo o risco de ser rejeitado e viver o resto da minha vida  
38 longe dela.

1 — Eu não posso impedir que Rabuginha vos faça mal — disse o Golfinho. — Não  
2 estou menos desalentado que vós, pois tenho estado muito ocupado com as vossas causas.  
3 Tende um pouco de coragem, é a única coisa que eu saberia vos dizer no presente  
4 momento; contai com a minha amizade como um bem que jamais vos faltará.

5 O príncipe agradeceu-lhe de todo seu coração e voltou para junto da princesa.

6 Ele a encontrou em meio às suas damas de companhia; uma segurava a sua cabeça  
7 e outra o braço, enquanto ela se queixava de uma dor em seu interior. Como Alidor não  
8 estava metamorfoseado em canário naquele momento, ele não ousou se aproximar dela,  
9 embora toda aquela angústia o deixasse muito ansioso. Assim que ela notou sua presença,  
10 deu uma risada malgrado tudo o que sofria.

11 — Alidor, acho que vou morrer — disse-lhe ela. — Sinto-me desolada desde que  
12 os embaixadores chegaram; eles me disseram milhares de coisas boas a respeito do  
13 príncipe que deseja se casar comigo.

14 — Madame, acaso vos esqueceste de que já tendes um marido? — respondeu ele,  
15 com um sorriso forçado.

16 — O quê? O meu canário? — disse ela. — Ah, bem sei que ele não ficará zangado,  
17 afinal isso não me impediria de continuar a amá-lo ternamente.

18 — Um coração compartilhado pode não ser do seu agrado — disse Alidor.

19 — Isso não me importa — emendou Lúvia. — Terei muito prazer em ser a rainha  
20 de um grande reino.

21 — Mas, madame, o canário também vos ofereceu um reino — continuou ele.

22 — Que belo reino — ela respondeu com desdém. — Um pequeno bosque de  
23 jasmims! Isso pode servir para uma abelha ou para um pintarroxo, mas não para mim.

24 As damas da princesa temiam que seu estado de saúde piorasse com aquele  
25 falatório, então pediram a Alidor que se retirasse. Fizeram-na se deitar; logo depois veio  
26 Biby, disposto a repreendê-la por sua infidelidade. Como Lúvia não estava tão doente  
27 assim, dirigiu-se para perto da rainha, como era de costume, e daquela ocasião em diante  
28 não houve um dia sequer em que ela não se sentisse mal. Todo aquele abatimento fez com  
29 que sua aparência mudasse; ficou magra e descontente.

30 E assim se passaram muitos meses, sem que ninguém soubesse o que fazer. O que  
31 mais preocupava a corte era o fato de os embaixadores do príncipe estarem insistindo  
32 para que Lúvia fosse entregue aos seus cuidados; eles disseram à rainha que conheciam um  
33 médico muito habilidoso capaz de aliviar o sofrimento da princesa. Ela não tardou em  
34 enviar uma comitiva para buscá-lo e pediu que lhe relatassem os sintomas da doença, a  
35 fim de que ele tivesse mais tempo para pensar em um prognóstico.

36 Quando o médico chegou, levaram-no até a princesa. A rainha se escondeu para  
37 escutá-lo. Ele olhou para Lúvia por alguns instantes e depois disse com um sorriso:

1 — Será possível que os médicos dessa corte não foram capazes de identificar o que  
2 se passa com essa pequena dama? O fato é que ela dará um belo menino à sua família.

3 Mal ele havia terminado de proferir seu diagnóstico, todas as damas de companhia  
4 encheram-no de injúrias e, empurrando-o pelos ombros, puseram-no para fora sob  
5 grandes vaias.

6 Biby estava no quarto de Lívia; ao contrário dos outros, ele não achava que o  
7 médico estrangeiro fosse um tolo. Na verdade, muitas vezes ele mesmo havia desconfiado  
8 de que a princesa pudesse estar grávida. Foi à beira-mar para consultar seu amigo, o peixe,  
9 que parecia ter a mesma opinião.

10 — Eu vos aconselho a partirdes — disse ele. — Temo que vos encontrem quando  
11 estiverdes dormindo junto dela; ambos estariam perdidos.

12 — Ah! — lamentou o aflito príncipe. — Pensas que posso viver longe da pessoa  
13 que mais quero no mundo? Que me importa colocar minha vida em risco? Eu não  
14 suportaria viver sem ela. Deixa-me viver com Lívia, ou então morrerei.

15 O Golfinho teve pena e derramou algumas lágrimas, embora os golfinhos não  
16 tenham o hábito de chorar, mas ele fez o que pode para consolar seu querido amigo.  
17 Rabuginha foi acusada de tudo.

18 A rainha relatou ao rei a visão do médico. Ele mandou chamar Lívia e lhe fez  
19 perguntas às quais ela respondeu com muita sinceridade e inocência. Falaram até com as  
20 suas damas, cujo testemunho foi tal qual deveria ser. Assim, suas majestades se  
21 tranquilizaram até o dia em que a princesa deu à luz o bebê mais bonito que já existiu.  
22 Como descrever o espanto e a cólera do rei, a tristeza da rainha, o desespero da princesa,  
23 a inquietude de Alidor e a surpresa dos embaixadores e de toda a corte? Seria impossível.  
24 De onde veio aquela criança? Quem era seu pai? Ninguém sabia dizer, e a jovem Lívia  
25 sabia tão pouco quanto a própria criança. O rei tratou o assunto com a máxima  
26 severidade; as lágrimas e as explicações da filha não serviram de nada. Ele estava decidido  
27 a jogá-la junto de seu filho do alto de uma montanha para que caíssem em um precipício  
28 todo forrado de rochas pontiagudas, a fim de que experimentassem uma morte bem cruel.  
29 Ele falou de sua intenção à rainha, que se afligiu tão violentamente que desmaiou aos seus  
30 pés como se estivesse morta. O rei se comoveu ao vê-la naquela triste condição; quando  
31 ela se recuperou, bem tentou consolá-la, mas ela lhe disse que jamais voltaria a ser feliz e  
32 nem mesmo sã até que ele revogasse aquela ordem tão funesta. Lançando-se de joelhos,  
33 com o rosto banhado em lágrimas, ela implorou para que fosse morta no lugar de Lívia e  
34 de seu bebê, a quem ela havia mandado buscar de propósito, na tentativa de comover o  
35 rei com a contemplação de sua inocência.

36 As lamentações da rainha e o choro da criancinha encheram-no de compaixão.  
37 Jogando-se em uma poltrona, ele cobriu o rosto com as mãos, refletiu e suspirou por  
38 muito tempo antes de se pronunciar. Por fim, o rei disse à sua esposa que, a seu favor,



1 estava disposto a adiar a morte da princesa e de seu filho, mas ressaltou que se tratava  
2 apenas de um adiamento, visto que somente o sangue poderia lavar uma mancha tão  
3 vergonhosa para a sua estirpe. A rainha considerou um grande ganho o adiamento da  
4 morte de sua querida filha e de seu neto, de sorte que não se opôs a mais nada,  
5 consentindo com o aprisionamento da princesa em uma torre onde ela não veria nem  
6 mesmo a luz do sol.

7 Abandonada naquele triste lugar, a princesa lamentava seu bárbaro destino. A  
8 única coisa que poderia adocicar seus pesares seria encontrar uma forma de provar sua  
9 perfeita inocência. Nunca mais voltou a ver o seu filho e nem recebeu notícias dele.

10 — Ó, justiça divina! — ela exclamou. — O que fiz para merecer desventuras tão  
11 amargas?

12 Alidor, tomado pela mais profunda dor, não teve forças para resistir por muito  
13 tempo; perdeu a sanidade pouco a pouco, até que finalmente ficou completamente louco.  
14 Seus gemidos e seus gritos eram constantemente ouvidos pela floresta. Ele se desfez do  
15 seu dinheiro e das suas jóias, as roupas estavam em farrapos, os cabelos emaranhados e a  
16 barba comprida, tudo isso somado à sua feiura natural, o que o tornava ainda mais  
17 horrendo. Todos sentiam pena dele e bem que teriam dado mais atenção aos seus  
18 infortúnios caso os da princesa não fossem a prioridade de todo reino. Os embaixadores  
19 que haviam sido enviados com a proposta de casamento partiram sem aviso prévio;  
20 estavam impacientes para retornar ao seu país, visto que agora sentiam uma espécie de  
21 vergonha por terem ido buscá-la. O rei, por sua vez, viu aquela partida com bons olhos; a  
22 presença deles o incomodava. O Golfinho, escondido nos abismos do mar, não apareceu  
23 mais, deixando o campo livre para que Rabuginha, a fada, operasse todos os males que  
24 bem quisesse contra o príncipe e a princesa.

25 Embora o príncipezinho fosse mais adorável que um dia ensolarado, o rei  
26 conservava a sua vida apenas para que através dele fosse possível descobrir que quem era  
27 o seu pai. Sem dizer nada à rainha, um dia ele publicou uma ordenança anunciando que  
28 todos os cortesãos deveriam oferecer um presente para alegrar seu netinho. Todos  
29 obedeceram imediatamente. Quando disseram ao rei que havia um grande número de  
30 pessoas reunidas nas dependências do castelo, ele se dirigiu à grande sala de audiências  
31 com a rainha ao seu lado. Uma aia os acompanhava, carregando nos braços a adorável  
32 criança vestida em brocado de ouro e de prata.

33 Um a um, todos se aproximavam para beijar sua mãozinha e presenteá-lo; deram-  
34 lhe uma rosa de pedrarias, algumas frutas artificiais, um leão de ouro, um lobo de ágata,  
35 um cavalo de marfim, um cão spaniel<sup>14</sup>, um papagaio e uma borboleta. A tudo ele aceitava  
36 com indiferença.

---

<sup>14</sup> *Épagneul*: spaniel, raça de cão de caça.

1 O rei, fazendo de conta que não estava interessado em nada, estudava as reações  
2 do menino, e percebeu que ele não demonstrava mais afeição por um do que por outro.  
3 Então ele publicou um novo anúncio: todos os homens do reino deveriam comparecer, e  
4 todos os ausentes seriam considerados criminosos e punidos como tal. Diante de tais  
5 ameaças, houve maior pressa do que nunca. O escudeiro do rei, aquele que havia  
6 encontrado Alidor em uma de suas viagens e que fora a causa de sua ida à corte,  
7 encontrou-o nas profundezas da gruta onde ele costumava se esconder desde que perdera  
8 o juízo.

9 — Vinde aqui, Alidor — ele chamou. — Sereis o único a não oferecer nada ao  
10 pequeno príncipe? Não sabeis da ordenança que foi publicada? Desejais que o rei vos  
11 condene à morte?

12 — Sim, é isso mesmo o que desejo — respondeu o pobre príncipe, com um olhar  
13 todo perdido. — O que te sucedeu para vires aqui perturbar a minha paz?

14 — Não vos irriteis — falou o escudeiro. — Vim até aqui apenas para vos incitar a  
15 comparecerdes.

16 — Ó, estou muito bem-vestido para visitar esse macaquinho<sup>15</sup> real! — disse Alidor  
17 aos risos.

18 — Se for apenas uma questão de vos fornecer os trajes adequados, posso vos doar  
19 algumas peças muito boas — disse o escudeiro.

20 — Muito bem — concordou o outro. — Faz muito tempo que não me vejo em  
21 trajes pomposos.

22 Ele saiu da gruta e se dirigiu docilmente à casa do escudeiro do rei, que era um dos  
23 mais magníficos homens da corte, e que lhe permitiu escolher um entre seus vários trajes  
24 requintados. Alidor, no entanto, não queria vestir nada além de preto e, apesar de tudo  
25 que lhe disseram e fizeram, dirigiu-se ao palácio sem gravata, sem chapéu e sem sapatos.  
26 Quando chegou à porta, deu-se conta de que havia esquecido o presente do príncipe, mas  
27 nem se preocupou com isso; viu um alfinete no chão e considerou que aquilo já serviria.  
28 Com sua feiura natural, foi pulando de uma perna só pelo corredor, revirando os olhos e  
29 mostrando a língua, uma visão que mal se podia suportar.

30 A aia, temendo que o príncipezinho ficasse aterrorizado, virou o rostinho dele  
31 para o outro lado e fez sinal para que Alidor fosse embora. No entanto, assim que a criança  
32 o viu, estendeu-lhe os braços, sorriu e demonstrou uma afeição tão extraordinária que  
33 Alidor teve que ser levado até ele. A criança se jogou em seu colo, beijou-lhe várias vezes  
34 e não quis mais se separar dele. Apesar de sua loucura, Alidor não demonstrou menos  
35 afetuosidade que a criança.

---

<sup>15</sup> *Marmouset*: sagui, pequeno macaco.

1 O rei ficou paralisado de espanto com esse acontecimento tão surpreendente. Ele  
2 camuflou sua raiva enquanto esteve diante da assembleia, mas assim que todos se  
3 retiraram, sem dizer nada à rainha, ordenou a dois senhores de sua confiança que fossem  
4 buscar a princesa Lívia na torre em que ela definhava já havia quatro anos, que a  
5 colocassem em um barril junto de Alidor e do pequeno príncipe, que lhes fornecessem  
6 um pote cheio de leite, uma garrafa de vinho e um pão, e que os lançassem no fundo do  
7 mar.

8 Tais senhores, horrorizados com uma ordem tão bárbara, prostraram-se a seus pés  
9 e imploraram-lhe humildemente que ao menos poupasse a vida de sua filha e de seu neto.

10 — Ai, senhor! — disseram eles. — Se vossa majestade soubesse o quanto vossa  
11 filha tem sofrido nos últimos quatro anos, certamente a considerariéis suficientemente  
12 punida e não seria necessário executar uma morte tão cruel. Considerai também que ela  
13 é vossa única filha, escolhida pelos deuses para um dia herdar a vossa coroa. Sereis  
14 responsabilizado pelo seu sangue perante os vossos súditos. Quando ao garotinho, ele  
15 poderá realizar grandes coisas, desejais impedi-lo ainda no berço, tão precocemente?

16 — Sim, é o que desejo — vociferou o rei, muito irritado com aquela resistência às  
17 suas ordens — E se vos recusardes a fazê-la morrer, morrereis junto dela.

18 Aqueles senhores consentiram com tristeza, pois sabiam que nada poderiam fazer  
19 contra a firme decisão do rei, então se retiraram de cabeças baixas e lágrimas nos olhos.  
20 Eles encomendaram um barril grande o suficiente para colocar a princesa, seu filho e  
21 Alidor; também adquiriram um pequeno suprimento de provisões. Depois foram à torre,  
22 onde a encontraram deitada sobre um punhado de palha, com ferros nos pés e nas mãos.  
23 Fazia quatro anos que ela não via a luz do dia. Eles a abordaram com profundo respeito e  
24 informaram-lhe sobre a ordem que haviam recebido de seu pai. Eles choravam e  
25 soluçavam tão alto que ela mal conseguia entender o que eles diziam. Havendo  
26 compreendido a mensagem, pôs-se a chorar com eles.

27 — Céus, os deuses são testemunhas da minha inocência! — ela lhes disse. — Tenho  
28 apenas dezesseis anos, estava destinada a usar mais de uma coroa, e agora tendes de me  
29 lançar no fundo do mar como a mais criminosa de todas as criaturas. Mas não penseis  
30 que estou tentando corromper a vossa fidelidade ou implorando-vos para que encontreis  
31 um pretexto capaz de salvar minha vida. Há muito tempo o rei vem me ensinando a não  
32 temer a morte, e eu morreria de bom grado desde que meu querido filho fosse poupado.  
33 De que crime ele é culpado? Ora, sua inocência não é suficiente para salvá-lo da fúria do  
34 rei? É certo que ele esteja condenado a perecer comigo? Não é suficiente para o meu pai  
35 tirar apenas a minha vida? Ele deseja fazer mais de uma vítima?

36 Os senhores que a escutavam não tinham nada a lhe responder, só lhes restava  
37 obedecer, disseram à princesa.

1 — Está bem, quebrai as correntes que me prendem — disse ela. — Estou pronta  
2 para seguir-vos.

3 Os guardas se aproximaram e arrancaram os ferros que agrilhoavam suas mãos e  
4 pés, causando-lhe muita dor, visto que ela os carregara durante todo esse tempo; a  
5 princesa, porém, suportou tudo aquilo com maravilhosa paciência. Lívia saiu da prisão  
6 tão encantadora quanto um raio de sol refletido nas ondas do mar, e todos os que a viram  
7 se admiraram tanto pela sua coragem quanto por sua beleza fulgurante, a qual, malgrado  
8 todos os desprazeres que havia penado, resplandecia mais do que nunca; seu ar de  
9 abatimento, no entanto, suplantava sua antiga vivacidade.

10 Alidor e o pequeno príncipe aguardavam-na à beira-mar, para onde haviam sido  
11 levados pelos guardas; pai e filho estavam igualmente alheios ao que lhes estava para  
12 acontecer. Quando a princesa viu seu filho, tomou-lhe em seus braços e o beijou milhares  
13 de vezes com extrema ternura. Quando lhe disseram que a afogariam por causa de Alidor,  
14 Lívia ficou deveras contente por ao menos terem escolhido o homem a quem ela menos  
15 amava no mundo, o que era justificável, visto que desejavam pô-la a perder.

16 Alidor começou a rir assim que a viu.

17 — De onde vens, princesinha? — disse ele. — Aconteceram coisas realmente boas  
18 depois de tua partida. Tu não moras mais no palácio e eu fiquei louco demais!

19 E continuou:

20 — Eles disseram que vamos viajar juntos para o fundo do mar. Escuta, princesa:  
21 acorda-me todas as manhãs, dormirei até o meio-dia se não te cuidares.

22 E Alidor teria falado mais se Lívia não tivesse entrado no barril com o filho em  
23 seus braços, como um último gesto de esforço para se afastar dele. Alidor se jogou para  
24 dentro pulando de alegria por estar a caminho do reino das solas, onde o pregado<sup>16</sup> era  
25 rei; enfim, disparates como esse não paravam de sair da sua boca. Em seguida, vedaram o  
26 barril muito bem e arremessaram-no do topo de uma rocha que se projetava sobre o mar.  
27 Todos os espectadores choraram e soltaram longos gritos de desespero; quando enfim se  
28 retiraram, seus corações se encontravam tomados pela mais legítima tristeza.

29 Quanto a Alidor, ele estava extraordinariamente tranquilo. A primeira coisa que  
30 fez foi pegar o pão e comê-lo todo de uma vez; depois encontrou a garrafa de vinho e  
31 começou a beber alegremente, entoando canções como se estivesse em um deleitoso  
32 festim.

33 — Alidor, deixa-me ao menos morrer em paz — disse a princesa. — Não me  
34 atordoes com essa tua felicidade impertinente.

---

<sup>16</sup> Note-se que *soles* e *turbots*, ou seja, “solas” e “pregados”, são tipos de peixes de chão que, tal qual o linguado, habitam o solo marinho, para onde Alidor, Lívia e seu filho estavam destinados a ir.

1 — Que te fiz eu, princesa, para queres que eu fique triste? — ele replicou. —  
2 Saibas que tenho um segredo para te contar; em algum lugar daqui, onde exatamente eu  
3 não sei, há um certo peixe que se chama Golfinho. Ele é meu melhor amigo e prometeu  
4 que me obedeceria sempre que eu o chamasse. É por isso, bela Livia, que eu não me aflijo,  
5 pois hei de chamá-lo para nos ajudar assim que sentirmos fome ou sede, ou também  
6 quando quisermos dormir em algum soberbo palácio que ele poderá edificar somente  
7 para nós.

8 — Chama-o então, ingênuo — disse a princesa. — Para que adiar o que há de mais  
9 previsível no mundo? Se esperas que eu tenha fome, esperarás muito tempo. Céus, meu  
10 ser está triste demais para que eu possa pensar em comida. Mas eis que meu filho está  
11 prestes a morrer; logo ele ficará sufocado dentro desse perverso barril. Apressa-te, eu te  
12 imploro, para que eu veja se dizes a verdade, pois um louco como tu pode muito bem  
13 estar enganado.

14 Alidor chamou o Golfinho prontamente.

15 — Golfinho, meu amigo peixe, peço que venhas aqui agora mesmo a fim de que  
16 obedças a todas as ordens que eu te fizer.

17 — Eis-me aqui — disse o Golfinho. — Falai.

18 — Estás aí? — perguntou o príncipe. — Este barril está tão bem fechado que não  
19 consigo te ver.

20 — Dizei somente o que desejas — disse o golfinho. — Gostaria de ouvir uma  
21 música bonita — respondeu Alidor.

22 E naquele mesmo instante a música começou.

23 — Por Deus! — exclamou a princesa com impaciência. — Certamente zombas de  
24 mim ao pedires uma música! É inútil ouvir músicas quando se está prestes a morrer  
25 afogado!

26 — Que queres então, princesa? — quis saber Alidor. — Já que não sentes fome  
27 nem sede.

28 — Dá-me o poder que tens de comandar o Golfinho — ela respondeu.

29 — Golfinho, Golfinho — exclamou Alidor. — Ordeno que faças tudo o que a  
30 princesa Livia desejar, sem lhe faltar com nenhum detalhe.

31 — Está bem — disse o Golfinho. — Farei isso.

32 E, sem demora, a princesa pediu-lhe que os levasse para a ilha mais aprazível da  
33 terra e que ali construísse o mais belo palácio que já existiu, com jardins verdejantes e dois  
34 riachos ao redor, um de vinho e outro de água; pediu também um canteiro cheio de flores,  
35 no centro do qual deveria haver uma árvore cujo caule fosse de prata e os galhos de ouro,  
36 com três laranjas penduradas: uma de diamante, outra de rubi e a terceira de esmeralda.  
37 O palácio fosse pintado e adornado em dourado, e dentro dele houvesse uma grande  
38 galeria em que toda sua história estivesse representada.

1 — Não desejais mais nada? — disse o golfinho.  
2 — Não seria pedir demais? — ela questionou.  
3 — Não, visto que já está tudo feito — replicou ele.  
4 — Sendo assim, desejo que me respondas uma pergunta cuja resposta eu  
5 desconheço, mas que tu bem podes saber — disse ela.  
6 — Eu vos compreendo — adiantou-se o Golfinho. — Desejais saber quem é o pai  
7 do vosso pequeno príncipe. E eu vos digo que é Biby, o canário. E Biby não é outro senão  
8 o príncipe Alidor, esse que tendes convosco.  
9 — Ah, senhor Golfinho! — exclamou Lúvia. — Zombas de mim!  
10 — Eu juro pelo tridente de Netuno<sup>17</sup>, por Cila e Caríbdis<sup>18</sup>, por todas as entranhas  
11 do mar, por suas conchas, por seus tesouros, pelos Tritões<sup>19</sup>, pelas Náiades<sup>20</sup>, pelos ditosos  
12 augúrios que o piloto<sup>21</sup> sente ao me ver. Juro, enfim, por mim mesmo, charmosa Lúvia,  
13 pois sou um peixe de bem e honrado, e que jamais mentiria para vós.  
14 — Depois de tantos juramentos não posso deixar de acreditar em ti — ela afirmou.  
15 — Para te dizer a verdade, o que acabei de ouvir é uma das coisas mais surpreendentes do  
16 mundo. Ordeno que restaures a sanidade de Alidor, concedendo-lhe toda inteligência que  
17 possa existir e todos os charmes de uma boa conversação. Também desejo que o faça  
18 possuir cem vezes mais beleza do que ele tem de feiura. Por fim, diz-me por que o  
19 chamaste de príncipe, pois esse título soa agradavelmente aos meus ouvidos.  
20 O Golfinho obedeceu a todas aquelas ordens tal como havia feito antes. Ele contou  
21 a Lúvia sobre as aventuras do príncipe, quem era seu pai, sua mãe e tudo mais sobre seus  
22 ancestrais e parentes, pois ele tinha conhecimento infinito do passado, do presente e do  
23 futuro, e também era um grande genealogista à sua maneira. Esse é o tipo de peixe que  
24 não se encontra todo dia, apenas com a permissão da dona Fortuna.  
25 Enquanto conversavam, o barril atracou em uma ilha; o Golfinho o conduziu  
26 lentamente até a praia. Quando lá chegaram, ele se abriu. A princesa, o príncipe e a criança  
27 finalmente puderam se libertar daquela prisão. A primeira coisa que Alidor fez foi lançar-  
28 se aos pés de sua querida Lúvia. Ele havia recuperado a razão e potencializado todo  
29 brilhantismo de sua inteligência. Alidor também ficou muito bonito: todos os seus traços  
30 foram radicalmente mudados para melhor, tanto que a princesa mal o reconhecia. Ele  
31 implorou ternamente que Lúvia o perdoasse por ter se transformado no canário Biby,

---

<sup>17</sup> Deus dos mares e da irrigação; Poseidon na mitologia grega (COLEMAN, 2007, p. 745).

<sup>18</sup> Monstros marinhos da mitologia grega relacionados aos perigos do mar, como vórtices e turbilhões (COLEMAN, 2007, p. 209).

<sup>19</sup> Entidade marinha masculina, filho de Poseidon ou de Hermes; masculino da sereia (COLEMAN, 2007, p. 1039).

<sup>20</sup> Ninfas aquáticas das fontes, lagos e rios (COLEMAN, 2007, p. 731).

<sup>21</sup> O peixe-piloto costuma acompanhar grandes peixes, guiando-os em direção às presas para que possa se alimentar dos restos.

1 desculpando-se de forma respeitosa e apaixonada. Ela enfim o perdoou por aquele  
2 casamento com o qual ela não teria consentido caso ele tivesse adotado outros meios de  
3 promovê-lo. Também é verdade que o Golfinho tornara o príncipe tão amável aos olhos  
4 de Lívia que ela acreditava nunca ter visto alguém com tantas qualidades, nem mesmo na  
5 corte de seu pai. Ele confirmou tudo o que o Golfinho havia contado sobre sua estirpe,  
6 uma informação essencial para a satisfação da princesa, afinal as dádivas feéricas não  
7 suplantam os privilégios de um bom nascimento; porém, quando o céu não nos permite  
8 nascer em uma posição de prestígio, não há outra forma de alcançá-la a não ser pela  
9 virtude e pelo mérito, e ainda assim com muito esforço, o bastante para sermos  
10 devidamente consolados.

11 A princesa estava no melhor dos humores: fora salva de uma tragédia horrível e  
12 sentia-se profundamente grata por ter escapado. Rendeu graças aos deuses e depois olhou  
13 em direção ao mar em busca de seu bom amigo, o Golfinho, que continuava por perto. A  
14 princesa agradeceu-lhe devidamente por ter lhe conservado a vida. O príncipe não  
15 demonstrou menos gratidão. O filho deles, que falava com muita beleza e que era muito  
16 mais inteligente que as crianças de sua idade, também o cumprimentou de tal maneira  
17 que o galante Golfinho ficou deveras contente: ele deu cem cambalhotas em louvor ao  
18 menino.

19 De repente, ouviu-se um grande estrondo de trombetas, pífaros e oboés, e o  
20 relinchar de muitos cavalos. Era a comitiva do príncipe e da princesa, com todos os seus  
21 guardas magnificamente bem-vestidos. Muitas damas vinham em carruagens, e assim que  
22 pisavam os pés no chão, iam beijar a bainha do vestido da princesa. Lívia não se sentiu  
23 muito à vontade, pois considerou que elas pareciam nobres demais para tanta devoção.  
24 As damas, no entanto, disseram-lhe que haviam recebido ordens do Golfinho para  
25 reconhecê-los como rei e rainha daquela ilha, na qual eles encontrariam muitos súditos  
26 obedientes e enorme satisfação.

27 Alidor e Lívia expressaram grande alegria ao se verem honrados por pessoas tão  
28 educadas e honestas. Eles responderam àquela homenagem com bondade e graça  
29 majestosas. Em seguida, montaram em uma caleche<sup>22</sup> puxada por oito cavalos alados, que  
30 pouco a pouco quase os elevaram às nuvens; depois, desceram com muita leveza e  
31 suavidade. Essa maneira de dirigir é a mais conveniente: os passageiros não se agitam e  
32 não precisam temer qualquer embaraço.

33 Eles ainda estavam em pleno voo quando viram, na encosta de uma colina  
34 próxima ao mar, um palácio tão maravilhosamente edificado que, embora todas as  
35 paredes fossem de prata, via-se os todos os cômodos através delas. Lívia e Alidor notaram

---

<sup>22</sup> Antiga carruagem francesa; aberta, de quatro rodas e dois assentos, utilizada comumente para passeios ao ar livre.

1 que eles estavam mobiliados com tudo o que poderia existir de mais soberbo e de melhor  
2 qualidade. Os jardins superavam a beleza do palácio: havia incontáveis fontes e nascentes  
3 de água que a natureza havia provido àquele lugar para deixá-lo ainda mais encantador.  
4 O príncipe e sua esposa não podiam eleger o que havia de melhor, pois todas as coisas  
5 lhes pareciam perfeitas. Quando entraram no palácio, ouviram brados de todos os cantos:  
6 — Viva o príncipe Alidor! Viva a princesa Lívia! Que essa morada os faça muito  
7 felizes!

8 Depois, muitos instrumentos e charmosas vozes entoaram uma sinfonia  
9 encantadora.

10 Não demorou muito para que lhes servissem uma excelente refeição, da qual  
11 necessitavam muito, pois o ar marinho e o modo com que haviam sido lançados à deriva  
12 causaram-lhes uma fadiga terrível. Enfim puseram-se à mesa, onde cearam com um ótimo  
13 apetite.

14 Quando todos se retiraram, o guarda do tesouro real entrou e perguntou-lhes se  
15 desejavam fazer a digestão na galeria ao lado. Os dois foram para lá e viram, ao longo de  
16 um muro, grandes poços com baldes de couro perfumado da Espanha<sup>23</sup>, ornamentados  
17 com ouro. Perguntaram para que servia aquilo, e o guarda respondeu que uma corrente  
18 de metal líquido fluía por aqueles poços, e que quando precisassem de dinheiro, deveriam  
19 apenas abaixar um balde e proferir a intenção de obter luíses, pistolas, quádruplos,  
20 escudos ou qualquer outra moeda; o metal imediatamente tomaria a forma desejada e o  
21 balde subiria repleto de ouro, prata e moedas. Informou também que aquela fonte jamais  
22 secaria se fizessem bom uso dela. Afinal, como já havia acontecido diversas vezes, quando  
23 os avaros utilizavam o poço com a única intenção de acumular ouro para mantê-lo  
24 trancado, o balde retornava cheio de sapos e víboras que lhes faziam grande medo e, às  
25 vezes, um grande mal, a depender do grau de sua avareza.

26 O príncipe e a princesa admiraram aquele poço como uma das melhores e mais  
27 raras coisas que existiam no universo. Para colocá-lo à prova, eles deixaram o balde cair;  
28 ele retornou cheio de pequenos grãos de ouro. Quando perguntaram o porquê de o ouro  
29 não ter sido cunhado, o guarda lhes respondeu que ainda era preciso receber as ordens  
30 relativas à efígie que deveria ser impressa nas moedas.

31 — Ah! — disse Alidor. — Somos muito obrigados ao generoso Golfinho, não  
32 poderíamos desejar outra efígie senão a dele.

33 Naquele instante, todos os grãos se transformaram em moedas de ouro com um  
34 golfinho em cada uma.

---

<sup>23</sup> Desde o século XIV, Córdoba havia desenvolvido uma técnica de curtume que permitia a impressão de desenhos em alto relevo nas peças de couro, que também podiam ser pintadas e customizadas.



1 A hora de se retirar havia chegado; Alidor, tímido e respeitoso, dirigiu-se ao seu  
2 próprio apartamento, enquanto a princesa e o filho foram para outro.

3 Era mais de onze horas e a princesa ainda estava dormindo. O príncipe, por sua  
4 vez, acordou bem cedo para ir à caça e estar de volta antes que ela acordasse. Ao retornar,  
5 dando-se conta de que poderia vê-la sem incomodá-la, foi para o seu quarto  
6 acompanhado de muitos cavalheiros que carregavam grandes vasos de ouro repletos de  
7 provisões obtidas na caçada. Ele os ofereceu à sua querida princesa, que os aceitou  
8 graciosamente, agradecendo-lhe várias vezes por sua gentileza. Aquela pareceu-lhe a  
9 oportunidade certa para dizer que a amava ainda mais apaixonadamente do que antes, e  
10 também para pedir que decidisse o dia em que casamento dos dois deveria ser celebrado  
11 com toda pompa.

12 — Ah, meu senhor — disse-lhe ela. — Minha opinião é imutável quanto a isso.  
13 Jamais consentirei com esse casamento, exceto com a permissão do rei, meu pai, e da  
14 rainha, minha mãe.

15 Nunca um homem apaixonado foi tão cruelmente ferido.

16 — A que destino me condenais, bela princesa? — ele respondeu.

17 — Acaso não sabeis que o que desejais é algo impossível? A duras penas escapamos  
18 do mortífero barril no qual seus pais nos colocaram a fim de nos destruir, e ainda assim  
19 acreditais que eles consentiriam com essa intenção? Ah, não há dúvidas de que quereis  
20 punir-me pela forte paixão que nutro por vós. Estou ciente de que pretendeis entregar a  
21 vossa mão e o vosso coração ao príncipe que vos enviou embaixadores nos dias em que  
22 eu me transformava em canário.

23 — Julgais mal os meus sentimentos — disse-lhe ela. — Eu vos estimo, eu vos amo  
24 e perdoei todos os males que haveis me causado em nome de uma metamorfose que não  
25 deveríeis ter praticado; sendo filho de um rei, como podeis ter certeza de que meu pai não  
26 teria prazer em estabelecer uma aliança?

27 — Uma grande paixão não pode ser tratada com tanto sangue-frio — ele  
28 respondeu. — Acabei de tomar a primeira atitude que me levaria à felicidade, mas  
29 demonstrais tanta resistência que ficarei desconsolado se não revogardes a condição que  
30 determinastes.

31 — É impossível revogá-la — disse ela. — Acontece que essa noite, enquanto eu  
32 dormia um sono tranquilo, senti que alguém me puxava rudemente. Abri os olhos e vi,  
33 sob a claridade de uma tocha que irradiava um sombrio fulgor, a criatura mais espantosa  
34 do mundo, que me encarava com olhos furiosos. “Tu me conheces?”, ela me perguntou.  
35 “Não, madame”, eu respondi, “e nem desejo conhecer-vos”. “Ah, estás brincando”, disse  
36 ela. “Não, juro que estou dizendo a verdade”, eu repliquei. “Meu nome é Rabuginha, a  
37 fada”, disse ela, “Tenho motivos o bastante para odiar Alidor, que se sentou em minha  
38 rocha; ele tem o dom de me desagradar. Eu te proíbo de recebê-lo como marido até que

1 obtenhas o consentimento do rei, teu pai, e da rainha, tua mãe, e se me desobedeceres,  
2 exercerei minha vingança contra o teu filho. Ele morrerá e sua morte será seguida de  
3 milhares de outros infortúnios dos quais não poderás escapar”. A essas palavras, fui  
4 coberta pelas labaredas de fogo que ela soprou contra mim. Pensei que elas me  
5 queimariam, mas a fada me disse: “Eu te pouparei, desde que ajas conforme os meus  
6 desígnios”.

7 O príncipe sabia muito bem pelo nome e pela descrição de Rabuginha que a  
8 história da princesa era verdadeira.

9 — Céus, por que pedistes ao nosso amigo peixe para curar a minha loucura? Eu  
10 estaria menos aflito do que me encontro no presente momento. De que me servem a  
11 sanidade e o raciocínio senão para me fazerem sofrer? Permitti-me ir chamá-lo para que  
12 me retire novamente o juízo, este é um bem que não me fará falta.

13 A princesa ficou profundamente comovida. Ela realmente amava o príncipe e  
14 encontrava nele milhares de boas qualidades; havia uma graciosidade especial em tudo o  
15 que ele falava e em tudo o que fazia. Ela chorou, e Alidor não pôde deixar de sentir uma  
16 certa alegria ao ver que aquelas lágrimas eram derramadas por ele. O príncipe sentiu  
17 muito mais prazer ao saber dos sentimentos que Lívia nutria por ele agora do que quando  
18 se passava por um canário, de sorte que sua tristeza foi consolada a tal ponto que ele se  
19 jogou aos seus pés e disse-lhe, beijando-lhe as mãos:

20 — Minha querida Lívia, eu vos asseguro de que não mais me oponho a essa  
21 condição; eu vos declaro a senhora absoluta do meu destino.

22 Lívia sentiu o peso de tão grande complacência e começou a pensar  
23 incessantemente em uma maneira de obter a permissão necessária para a felicidade dos  
24 dois. Era, de fato, a única coisa que lhes faltava, pois aquela ilha oferecia-lhes todos os  
25 demais prazeres que se podia imaginar. Seus rios estavam repletos de peixes, suas florestas  
26 de caças, seus pomares de frutas, seus campos de trigo, seus prados de ervas, seus poços  
27 de ouro e prata. Não havia guerras e nem processos. Era uma terra onde a juventude, a  
28 saúde, a beleza, a inteligência, os livros, a água pura, o excelente vinho e as caixinhas de  
29 rapé eram inacabáveis, e Lívia estava tão apaixonada por Alidor quanto Alidor por Lívia.

30 De vez em quando eles iam prestar suas homenagens ao peixe, que sempre ficava  
31 feliz ao vê-los. Quando falavam da fada Rabuginha e das ordens que ela havia dado à  
32 princesa, implorando para que ele interviesse em nome daquela amizade, o Golfinho  
33 sempre lhes dizia algumas palavras com a intenção de confortá-los, mas não lhes prometia  
34 nada de positivo. Dois anos se passaram assim. Alidor consultou o Golfinho sobre a  
35 possibilidade de enviar embaixadores ao rei dos bosques, mas ele lhe disse que Rabuginha  
36 certamente os mataria, e que somente os deuses poderiam operar algum milagre em favor  
37 dos dois.

1 Enquanto isso, a rainha havia tomado conhecimento da deplorável desventura de  
2 sua filha, de seu netinho e de Alidor. Nenhuma tristeza do mundo era maior que a dela;  
3 já não desfrutava de saúde e muito menos de alegria. A rainha via Lívia em todos os  
4 lugares em que um dia ela estivera, e isso redobrava sua tristeza, de modo que não podia  
5 deixar de fazer censuras contínuas ao rei.

6 — Pai cruel! — ela dizia. — Como é possível que tenhais tomado a decisão de  
7 mandar afogar a nossa pobre menina? Não tínhamos outra senão aquela, uma dádiva que  
8 os deuses haviam nos concedido. Devíamos ter esperado que os deuses a tirassem de nós  
9 caso essa fosse a vontade deles.

10 Por algum tempo o rei tomava aquelas palavras por mera demagogia, até que  
11 finalmente começou a se dar conta da grandeza de seu mal. Passou a sentir falta da filha  
12 na mesma intensidade que sua esposa, de modo que, em segredo, repreendia a si mesmo  
13 por ter priorizado sua própria glória em detrimento da ternura que sentia pela filha. Ele  
14 não queria que a rainha soubesse disso, então escondia toda a sua aflição sob um ar de  
15 firmeza. Porém, assim que se ficava sozinho, começava a gritar:

16 — Minha filha, minha querida filha, onde estais? Único consolo de minha velhice,  
17 eu vos perdi! E eu vos perdi por minha própria vontade.

18 Enfim, um dia em que o rei se viu sobrecarregado por sua própria dor e pelas dores  
19 da rainha, ele acabou confessando à esposa que desde aquele dia fatal em que ordenara  
20 que Lívia e seu filho fossem lançados ao mar, ele não teve mais nenhum momento de paz,  
21 que uma sombra de pesar o seguia aonde quer que fosse, que os gritos inocentes de seu  
22 neto ecoavam em seus ouvidos e que temia morrer de tristeza. Essa revelação deixou a  
23 rainha ainda mais infeliz.

24 — Agora sofrerei tanto as vossas dores quanto as minhas — disse ela. — O que  
25 poderá consolar-nos, meu senhor?

26 Foi quando o rei lhe disse que ouvira falar de uma fada que estava morando na  
27 floresta dos ursos havia pouco tempo, e que ele iria consultá-la.

28 — Eu iria de bom grado caso tivesse o que perguntar a ela — disse a rainha. —  
29 Pois a morte de nossa querida Lívia e do pequeno príncipe é um fato consumado.

30 — Não importa — afirmou o rei. — Devemos vê-la.

31 Imediatamente ele ordenou que preparassem sua grande caleche e tudo mais o que  
32 fosse necessário para uma viagem de trinta léguas. Eles partiram na manhã do dia seguinte  
33 e chegaram rapidamente à casa da fada, a qual já sabia pelos astros que o rei e a rainha  
34 iriam visitá-la e se preparou antecipadamente para recebê-los.

35 Assim que suas majestades a viram, desceram da carruagem e, abraçando-a com  
36 grande demonstração de amizade, não se contiveram e começaram a chorar  
37 amargamente.

1 — Senhor, conheço o motivo de vossa viagem — disse a fada. — Estais  
2 profundamente angustiado por terdes encomendado a morte da princesa, vossa filha. Não  
3 sei de outro remédio a não ser aconselhar-vos a embarcardes junto de vossa esposa em  
4 um bom navio rumo à ilha Golfinha. Ela fica muito distante daqui, mas lá encontrareis  
5 uma fruta que fará com que vos esqueçais da vossa dor. Eu vos aconselho a não perderdes  
6 mais tempo. Esse é o único meio de encontrardes consolo.

7 E depois ela disse, dirigindo-se à rainha:

8 — Quanto a vós, madame, vossa condição me comove tão profundamente que  
9 sofro como se vossas penúrias também fossem minhas.

10 O rei e a rainha agradeceram à fada por seus bons conselhos, deram-lhe presentes  
11 valiosos e imploraram para que ela tivesse a bondade de tomar conta do reino durante a  
12 ausência dos dois, a fim de que nenhum vizinho cogitasse declarar guerra. Ela consentiu  
13 com tudo o que pediram. Eles voltaram para sua capital relativamente consolados, pois  
14 agora tinham uma esperança de que suas dores fossem diminuir.

15 Um navio foi preparado, eles embarcaram e partiram para o alto mar, guiados por  
16 um piloto que já estivera na ilha Golfinha. O vento lhes foi favorável durante alguns dias,  
17 mas depois tornou-se absolutamente contrário; eles foram atingidos por uma tempestade  
18 tão intensa que a embarcação foi lançada contra uma rocha e completamente destruída,  
19 sem que houvesse chances de reavê-la. Todos os que estavam a bordo foram separados  
20 uns dos outros, sem saber como escapar de tão grande perigo.

21 Durante todo esse tempo o rei só pensou em sua filha.

22 — Bem que mereço esse castigo que os deuses me enviam — disse ele. — Fui eu  
23 quem expôs Livia e seu filho à fúria das ondas.

24 Esses pensamentos o atormentaram de tal maneira que ele desistiu de tentar  
25 prolongar sua vida, até que avistou a rainha nas costas de um golfinho, o qual ela havia  
26 encontrado ao tombar do navio. Ela estendeu os braços ao marido, desejosa de que eles  
27 se juntassem, rezando para que o caridoso golfinho pudesse alcançá-lo para salvá-lo  
28 também. E foi isso o que aconteceu: bem no momento em que o rei estava prestes a  
29 afundar, aquele amável peixe se aproximou dele e, com a ajuda da rainha, colocou-o em  
30 suas costas. Ela ficou muito aliviada por tê-lo reencontrado, e pediu-lhe que tivesse um  
31 pouco mais de coragem, pois parecia que o céu estava disposto a conservá-los vivos. E, de  
32 fato, perto do fim do dia, o laborioso peixe os levou a uma agradável costa em que os dois  
33 finalmente puderam descer, tão fatigados como se tivessem viajado na popa de um barco.

34 Aquela era justamente a ilha da qual Livia e Alidor eram os soberanos. Eles  
35 caminhavam ao longo da praia, Livia segurava o filho pela mão e uma numerosa comitiva  
36 os seguiam; foi quando, para seu espanto, eles viram duas pessoas sobre as costas do  
37 Golfinho; naturalmente, eles se aproximaram para oferecer-lhes hospitalidade, mas qual  
38 não foi a surpresa do príncipe e da princesa ao reconhecerem o rei e a rainha! Eles, no

1 entanto, perceberam que não foram reconhecidos, o que não era nada extraordinário, já  
2 que os reis não viam a filha havia seis anos, e uma pessoa jovem costuma passar por muitas  
3 mudanças durante um intervalo tão longo de tempo. Quanto a Alidor, de feio e louco  
4 passara a belo e são. A criança, por sua vez, havia crescido. Suas majestades, portanto,  
5 estavam longe de perceber que se encontravam diante de sua querida filha e de seu  
6 netinho.

7 Lúvia continha suas lágrimas a duras penas. A cada palavra que ela dirigia ao seu  
8 pai e à sua mãe, e vice-versa, seu coração se apertava e sua voz mudava de tom; estava  
9 emocionada e trêmula.

10 — Madame, vede a vossos pés um monarca aflito e uma rainha desolada.  
11 Naufragamos perto daqui, todos os que nos acompanhavam estão mortos. Estamos  
12 sozinhos, despojados de todos os nossos tesouros e sem ninguém para nos ajudar. Somos  
13 tristes exemplos da inconstância da fortuna.

14 — Senhor, não poderíeis ter desembarcado em nenhum outro país onde a ajuda  
15 vos seria dada com maior satisfação. Esquecei os vossos infortúnios. E vós, madame —  
16 disse ela à rainha. — Permiti-me abraçar-vos.

17 E naquele instante ela se atirou nos braços da rainha, que a afagou com uma  
18 ternura extraordinária, pois considerou que aquela dama muito se parecia com sua  
19 querida Lúvia, tanto que ela quase desmaiou de emoção.

20 Alidor convidou-os a entrar em sua carruagem, eles concordaram e foram levados  
21 ao castelo, onde todas as belezas e magnificências deixaram o rei deveras surpreso. A todo  
22 momento os dois recebiam algum agrado; porém, o que os deixou infinitamente mais  
23 felizes foi saber que os navios do príncipe não estavam muito longe do local em que o  
24 naufrágio ocorrera, de modo que sua comitiva e todos os demais que estavam a bordo  
25 foram salvos e levados para a ilha Golfinha, ao contrário do que o rei pensava ao lamentar  
26 as suas mortes.

27 Enfim, um dia, depois de terem passado muito tempo com o príncipe e a princesa,  
28 o rei pediu-lhes que lhes fornecessem os meios necessários para retornar ao seu próprio  
29 reino.

30 — Ora, não ocultarei de vós a mais dolorosa desventura que jamais sobreveio a  
31 um pai e a uma mãe.

32 Dizendo isso, ela contou a história de Lúvia e falou sobre as tristezas que os  
33 abateram depois do cruel suplício a que o rei lhe condenara; falou do conselho da fada  
34 que morava na floresta dos ursos e sobre a intenção de ir para a ilha Golfinha.

35 — E foi assim que chegamos aqui, através da mais extraordinária jornada que  
36 poderia existir. Apesar do prazer de estarmos convosco, não encontramos aqui nada que  
37 consolasse a nossa dor. A fada que nos induziu a vir não fez uma previsão correta.

1 A princesa havia escutado sua querida mãe com tanta pena e sentimento filial que  
2 não conseguiu conter as lágrimas. A rainha ficou verdadeiramente grata por vê-la tão  
3 sensível às suas tristezas; ela implorou aos deuses que a recompensassem e, abraçando-a  
4 muitas vezes, chamou-a de “minha filha” e “minha menina” sem nem saber o porquê.

5 Enfim um navio foi preparado e a partida do rei e da rainha foi marcada para o  
6 dia seguinte. A princesa havia reservado uma das coisas mais bonitas do palácio para  
7 mostrar-lhes somente na ocasião de sua partida. Era a bela árvore do canteiro de flores,  
8 cujo tronco era de prata e os galhos de ouro, e da qual pendiam três laranjas, uma de  
9 diamante, uma de rubi e outra de esmeralda. Havia três guardiões cujo dever era vigiá-la  
10 noite e dia, pois temiam que alguém pudesse roubá-las e que as frutas não crescessem  
11 mais. Quando Alidor e Lívia levaram o rei e a rainha a esse lugar, permitiram que eles  
12 permanecessem ali por algum tempo para que admirassem à vontade a beleza daquela  
13 árvore maravilhosa, sem parêla no mundo.

14 Depois de terem passado mais de quatro horas examinando-a, eles retornaram ao  
15 local onde o príncipe e a princesa os aguardavam para lhes oferecer de uma soberba  
16 refeição. Lá, no entanto, não havia nada além de uma mesa com apenas dois couverts<sup>24</sup>. O  
17 rei quis saber o motivo, e eles disseram que desejavam ter a honra de poder servi-los. Em  
18 seguida, pediram que suas majestades se sentassem. Lívia, Alidor e seu filho deram de  
19 beber ao rei e à rainha, a quem serviam de joelhos; eles fatiaram todas as carnes e as  
20 colocaram ordenadamente nos pratos de suas majestades, escolhendo o que havia de  
21 melhor e mais delicado. Ouvia-se uma doce e agradável sinfonia que lhes era muito  
22 aprazível. De repente, os três guardiões da bela árvore adentraram o recinto com um ar  
23 aterrorizado, dizendo que tinham algumas notícias para relatar: as belas laranjas de  
24 diamante e rubi haviam sido roubadas, o que só poderia ter sido feito por aquelas pessoas  
25 que haviam acabado de vê-las, ou seja, o rei e a rainha. Eles ficaram deveras ofendidos e,  
26 levantando-se da mesa, afirmaram que estavam dispostos a serem revistados perante toda  
27 a corte. Naquele momento, o rei tirou sua echarpe e abriu seu colete, enquanto a rainha  
28 desenlaçava seu espartilho. Qual não foi a surpresa dos dois ao verem as laranjas de  
29 diamante e de rubi caírem no chão!

30 — Ah, senhor, essa é a recompensa pelo tratamento amável e respeitoso que vos  
31 dedicamos desde que fostes recebidos em nossa ilha! — exclamou a princesa. — É um  
32 pagamento deveras indigno para o bom acolhimento respeitosamente prestado pelos  
33 vossos anfitriões.

34 O rei e a rainha, confusos diante de tais acusações, tentaram se justificar de todas  
35 as formas, protestando que seriam incapazes de praticar aquele roubo, que eles não os  
36 conheciam e que não conseguiam entender como aquilo tinha sido feito.

---

<sup>24</sup> Conjunto de apetrechos necessários para se fazer uma refeição (pratos, talheres, guardanapos, etc.).

1           A essas palavras, a princesa, prostrando-se aos pés de seu pai e de sua mãe, disse-  
2 lhes:

3           — Senhores, eu sou a infeliz Lívia, a quem colocastes em um barril junto de Alidor  
4 e do meu filho. Vós me acusastes de um crime com o qual eu jamais teria consentido. Esse  
5 infortúnio me atingiu sem que eu tivesse conhecimento de sua procedência, tal qual  
6 vossas majestades em relação às laranjas que encontrastes convosco. Ouso suplicar-vos  
7 que acrediteis em mim e que me perdoeis!

8           Essas palavras penetraram o coração do rei e da rainha. Eles levantaram a filha e  
9 quase a sufocaram de tão forte que a abraçaram. Ela lhes apresentou o príncipe Alidor e  
10 seu filho. É muito mais fácil imaginar a satisfação dessas ilustres figuras do que tentar  
11 descrevê-la.

12           As núpcias do príncipe e da princesa foram celebradas magnificamente. O  
13 Golfinho esteve presente na forma de um jovem monarca de amabilidade e inteligência  
14 infinitas. Alguns embaixadores foram enviados ao reino do pai e da mãe de Alidor com  
15 valiosos presentes, encarregados de lhes relatar tudo o que havia acontecido. Assim,  
16 vencidas todas as tristezas e reveses do passado, a vida do príncipe e da princesa foi muito  
17 longa e feliz. Lívia retornou com seu marido ao reino de seu pai, enquanto seu filho  
18 permaneceu na ilha Golfinha.

19  
20                           *O que seria desse príncipe miserável*  
21                           *Que tentava encontrar seu caminho,*  
22                           *Sem o socorro do bom Golfinho,*  
23                           *Que sempre lhe foi favorável?*

24                           *O mais valioso tesouro que se pode possuir,*  
25                           *É um amigo terno e fiel,*  
26                           *Sempre pronto a nos acudir*  
27                           *Nos dias em que a sorte cruel*  
28                           *Insistir em nos sobrevir.*

29                           *Vê-se quem são os amigos quando a bonança acaba,*  
30                           *Nesse ditado há verdade, o sábio estava certo;*  
31                           *Pois, vivendo debaixo de um simples teto,*  
32                           *Pelo qual ninguém dava nada,*  
33                           *Ele vivia a exultar, contente em seu abrigo:*  
34                           *Todos devem me invejar!*  
35                           *Felicidade nunca me há de faltar,*  
36                           *Com a casa cheia de sinceros amigos.*

## CONCLUSÃO

A Revolução Francesa eclode em 1789, e após o apocalíptico período que se segue, abre-se uma nova era para o mundo, onde um novo Sentimento ia gerar uma nova Razão, e no qual as fadas passam a segundo plano, embora tenham continuado presentes nas narrativas orais populares e nos livros infantis, que são continuamente reeditados em todo o mundo e onde as fadas se refugiaram, até agora...” (COELHO, 1985, p. 76).

Antes refugiados nas edições seiscentistas digitalizadas pelas bibliotecas virtuais francesas, os contos de fadas de Madame d’Aulnoy têm sido enfim revisitados pelo leitor contemporâneo. É preciso salientar que um dos principais objetivos alcançados pela presente tese respondeu justamente à necessidade de somar forças ao movimento de redescoberta da literatura de fantasia de autoria feminina; nesse sentido, a tradução integral dos vinte e quatro contos de fadas de Marie-Catherine d’Aulnoy e a disponibilização gratuita desse *corpus* para leitores do século XXI foram pilarizados pelo compromisso com a democratização do conhecimento que subjaz a uma pesquisa realizada em universidade pública financiada com recursos públicos.

Ainda na esteira da revivescência dos contos de fadas de autoria feminina, a redação do primeiro capítulo da presente tese objetivou proporcionar ao menos um rudimento de biografia a uma autora de grande importância para a história da literatura ocidental; a presença de lacunas em determinadas passagens de sua vida demonstra o quanto ainda há para ser descoberto relativamente à história de mulheres escritoras. Haja vista que, apesar da falta de registros sobre a vida de Madame d’Aulnoy, ela é a mais conhecida dentre suas contemporâneas. Algumas das principais autoras de contos de fadas do século XVII não têm sequer um ano de nascimento atestado. Em suma, deixa-se registrado que ainda há uma grande lacuna a ser preenchida nesse campo de estudos e inúmeras artistas da palavra a serem redescobertas.

No tocante ao desafio travado entre a fantasia e a lógica no século XVII francês, é possível depreender que a revolução científica alterou significativamente a forma conhecida do espaço, produzindo uma crise em relação ao sentimento geral de pertença a esse espaço. Ao colocar um fim à cosmovisão cristã geocêntrica, os revolucionários



engendraram a noção de um exterior absoluto, realocando a humanidade para um algures cósmico afastado do centro do universo, sedimentando a ideia da existência de um espaço inacessível e, talvez, não humano. O terror e o maravilhamento provenientes desse brusco alargamento das fronteiras existenciais parece ter atribuído à fantasia — e, por extensão, ao conto de fadas — o estatuto de vetor reencantante de um mundo desencantado pela física. Nesse sentido, à fantasia feérica atribui-se a noção de resistência. Independentemente das conquistas da modernidade, sabe-se que as relações entre mundo primário e mundo secundário é antiquíssima e remete ao pensamento mítico; porém, no contexto em que diversas teorias verossímeis de mundos possíveis entram em circulação, a relação da humanidade com a ficção extraterrestre adquire um novo estatuto. As histórias passam a ser imbuídas de uma dimensão paródica, ou mesmo alegórica, em que a crítica sócio civilizacional ganha espaço de destaque, visto que o progresso da ciência, por si só, não pressupunha o progressismo social. A extremidade da matematização do mundo concorre para a necessidade do estabelecimento de parâmetros existenciais que abarcassem a reflexão sobre a alma humana e seu risco de corrupção devido ao afastamento de Deus. É no cerne desse imbróglio teórico e metodológico que se espalhou do século XVII ao XVIII que o conto de fadas encontrou solo fértil. A natureza simbólica, mítica, fantasista, paródica e alegórica do gênero torna-se, portanto, um possível lugar de refúgio aos espíritos aterrorizados e/ou maravilhados com o redimensionamento do universo.

As análises e os princípios composicionais apresentados ao longo da tese demonstraram a pertinência do termo “conto de fadas *stricto sensu*” em referência às narrativas feéricas de Marie-Catherine d’Aulnoy. Nesse sentido, constata-se a veracidade da hipótese de que seus contos são histórias *sobre* fadas, intituladas *Contos de Fadas* não em seu sentido amplo (como história maravilhosa, conto de magia), mas enquanto tramas protagonizadas por fadas ou com algum grau de interferência feérica. Os contos de fadas de Madame d’Aulnoy, avizinados do gênero novela, transgridem o padrão das formas simples e a noção de unidade de ação associada ao gênero conto. Conclui-se que Madame d’Aulnoy atribuiu um rótulo ao gênero com base em uma poética própria que privilegiava

o maravilhoso feérico e a onipotência das fadas. Defende-se que, uma vez popularizado por intermédio das reedições e traduções dos livros de Madame d’Aulnoy, o termo “conto de fadas” passou a ser considerado sinônimo de um determinado modo de narrar, ou, por assim dizer, de toda uma literatura marcada pela presença do elemento maravilhoso. Eis, portanto, a justificativa do emprego do termo “conto de fadas *lato sensu*” em referência a todos os contos de natureza fantasista com ou sem fadas e demais seres feéricos; “Chapeuzinho Vermelho”, “João e Maria” e “Os Três Porquinhos” encontram-se nesse segundo grupo, que em seu sentido amplo também abarca os contos de Madame d’Aulnoy e de suas contemporâneas.

A partir das ferramentas analíticas oferecidas pela narratologia estrutural através da noção de *narrema* — proposta e divulgada por Eugene Dorfman (1969) —, foi possível observar, delinear e descrever as distinções formais sugeridas pela análise comparativa entre os contos de Charles Perrault e Madame d’Aulnoy baseados em narrativas oriundas da tradição italiana. Tal comparação demonstrou a improcedência das invectivas endereçadas à autora por Grimm (1812) e Lang (1907), que a qualificaram como “imitadora inferior” de Charles Perrault. Além do pioneirismo de Marie-Catherine na popularização das narrativas feéricas em língua francesa, a leitura de seus contos em contraste com os contos de Perrault, seu contemporâneo, inviabiliza a validade de qualquer crítica a respeito de uma pretensa relação de imitação existente entre ambos. Ademais, mesmo ao revisitarem um mesmo motivo (o da Gata Borralheira), Aulnoy e Perrault constroem suas narrativas (“Fininha Borralha” e “Cinderela”, respectivamente) de modo distinto, havendo pouca ou nenhuma correspondência entre um enredo e outro em termos formais.

Como adiantado nos parágrafos que arrematam o quarto capítulo da presente tese, observou-se que alguns dos princípios composicionais elencados (até então) como exclusivos da poética de Madame d’Aulnoy estão em consonância direta com o seu lugar de fala: o de uma dama letrada em pleno século XVII, época em que a organização de um sistema educacional formal e laico para mulheres encontrava-se em processo de estabilização. Partilhando de ideais sociais, econômicos e políticos caros à doutrina

absolutista, Madame d'Aulnoy reentroniza seus protagonistas da realeza em tramas de restauração; a interdição à ascensão social mostrou-se um dos princípios pétreos mais definidores da contística da autora, ao lado da onipresença feérica. O protagonismo feminino aliado à defesa do casamento por amor evidencia o alinhamento de Madame d'Aulnoy a pautas progressistas que são admitidas pelos demais personagens masculinos sem grande resistência. Nesse sentido, entende-se que a autora transita nas margens dos contratos sociais vigentes, apegando-se à virtuosidade e à inteligência das mulheres como pilares que embasam o questionamento e a superação de entraves sociais e emocionais pressupostos pelos casamentos arranjados e pela ideia da total submissão da esposa ao marido. Os contos de Marie-Catherine d'Aulnoy não fornecem margem para leituras que proponham a desconstrução do patriarcado a partir da interpretação do papel das personagens femininas, ainda que remodelam a imagem do “homem ideal”: inteligente, galanteador, capaz de manter boas conversações, afeito às artes e antenado nos ditames da moda e do bom gosto.

Com o intuito de finalizar as discussões, faz-se necessário destacar trabalhos de pesquisa e divulgação empreendidos por pesquisadores brasileiros no campo do conto de fadas de autoria feminina que abriram importantes caminhos interpretativos e balizaram parte das análises aqui efetuadas. A começar pela professora Nelly Novaes Coelho, cujas contribuições ainda hoje são o ponto de partida para todo pesquisador interessado na área de Literatura Infantil e Juvenil. De modo análogo, Katia Canton, docente do Programa de Pós-Graduação Interunidades em Estética e História da Arte da Universidade de São Paulo, tem investigado o conto de fadas escrito por mulheres desde a década de 80. Publicou títulos como *Conversa de Madame: Perrault nos Salões Franceses* (Editora DCL, 1997) e *E o Príncipe Dançou... O Conto de Fadas, da Tradição Oral à Dança Contemporânea* (Ática, 1994), obras em que estabelece relações interartísticas e multissemióticas entre o conto de fadas, a dança, a pintura e a escultura. Em recente entrevista concedida à pesquisadora Regina Ruiz para a revista *Literartes*, vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa da Universidade de São Paulo, a professora afirmou:

Vejo as formas de representação dos contos de fadas como índices culturais importantes para falar sobre quem somos e como nos vemos. *O ser humano é, por princípio, um animal contador de histórias*. Há um aspecto universal que sustenta a existência e permanência das histórias no decorrer da existência da humanidade e também um aspecto mutável, um jeito singular de recontar ou reescrever uma mesma história. (RUIZ, 2020, p. 35, itálico da autora).

Susana Ramos Ventura também tem se dedicado à divulgação dos contos de fadas de autoria feminina entre a comunidade lusófona, trabalho iniciado há mais de uma década e que tem como dois de seus resultados mais emblemáticos a publicação das coletâneas *Na Companhia de Bela: Contos de Fadas por Autoras dos Séculos XVII e XVIII* (Florear Livros, 2019) e *A Bela e a Fera e Outros Contos de Fadas da Madame Leprince de Beaumont* (Florear Livros, 2021), em parceria com a também pesquisadora e tradutora Cassia Leslie.

Por vezes, nos livros que falam sobre aqueles tempos, são mencionadas “as preciosas”, mulheres que lançaram a moda de contar, escrever e publicar esses contos. Quando isso acontece, em geral, é para afirmar que o que elas escreviam não era boa literatura e, por isso, suas obras ficaram esquecidas. Por terem suas identidades escondidas por essa “identidade de grupo”, que as transformou em “Condessa X”, “Mademoiselle Y”, “Baronesa Z” e que acabou por desvalorizá-las, o resultado é que tanto a vida quanto o trabalho literário dessas mulheres ficaram quase esquecidos [...]” (LESLIE; VENTURA, 2019, p. 11).

O título da obra faz referência ao fato do conto *A Bela e a Fera* ser o único conto de fadas de autoria feminina conhecido pelo grande público. A história em questão foi escrita pela primeira vez em 1740, por Gabrielle-Suzanne Barbot de Villeneuve, e recontada em 1756 por Jeanne-Marie Leprince de Beaumont, responsável pela versão mais conhecida do conto. Gabrielle de Villeneuve foi o tema da tese de doutoramento de Aída Carla da Cunha pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), pesquisa que resultou na publicação de uma tradução da versão original. André Berndt, pesquisador da mesma Universidade, dedicou-se, em curso de mestrado, à tradução da contística de Charlotte-Rose de Caumont de La Force para a língua portuguesa. Ana Carolina de

Freitas, mestre pela mesma UFSC, traduziu um expressivo número de contos de fadas de Madame d’Aulnoy em sua pesquisa na área de Estudos da Tradução.

A partir de iniciativas como as supracitadas, ilumina-se, pouco a pouco, essa vasta produção bibliográfica há séculos obliterada. A redescoberta, a tradução e a análise dos contos de fadas literários de autoria feminina possibilitarão o surgimento de inúmeros projetos de pesquisa inovadores, fomentando um oportuno movimento de reavaliação e reavaliação das teorias do conto que desprezaram a forma literária cultivada pelas mulheres escritoras que viveram à sombra do Rei Sol e seguiram depreciadas por leituras pontuais alçadas à categoria de lei, além de politicamente enviesadas.

A importância de uma renovação crítica no que diz respeito à recepção dos contos de fadas de autoria feminina mostra-se urgente. A circulação de materiais que se pretendem teóricos mas que se encontram impregnados de juízos de valor há muito superados podem impactar negativamente o processo de redescoberta dessa produção. A leitura mostra-se, como sempre, primordial: o simples contato com qualquer conto de fadas literário francês dos séculos XVII ou XVIII escrito por mulheres há de ser o suficiente para superar a maior parte das acusações a elas injustamente endereçadas.

“Os contos de fadas fazem parte desses livros eternos que os séculos não conseguem destruir...”<sup>1</sup>

Nelly Novaes Coelho (1922-2017) – *In Memoriam*

---

<sup>1</sup> COELHO, 2016, p. 27.

## REFERÊNCIAS

### A. Obras de Madame d'Aulnoy

AULNOY, Marie-Catherine Le Jumel de Barneville, Madame d'. *A Ilha da Felicidade*. Tradução de Paulo César Ribeiro Filho. Kindle, 2021.

AULNOY, Marie-Catherine Le Jumel de Barneville, Madame d'. *Contes nouveaux, ou Les fées à la mode*. Paris: Chez la Veuve de Theodore Girard, 1698b. Disponível em: <https://tinyurl.com/nouveaux1698>. Acesso em 1 de junho de 2022.

AULNOY, Marie-Catherine Le Jumel de Barneville, Madame d'. *El Cuarto de las Hadas*. Traducción de Emma Calatayud. Madrid: Ediciones Siruela, 1992.

AULNOY, Marie-Catherine Le Jumel de Barneville, Madame d'. *Histoire d'Hypolite, comte de Duglas*. Bruxelles: George de Backer, 1699 [1690]. Disponível em: <https://tinyurl.com/hypolite1690>. Acesso em 21 de abril de 2022.

AULNOY, Marie-Catherine Le Jumel de Barneville, Madame d'. *Histoire de Jean de Bourbon, Prince de Carency*. Paris: Jean Guignard, 1692a. Disponível em: <https://tinyurl.com/carency1692>. Acesso em 16 de maio de 2022.

AULNOY, Marie-Catherine Le Jumel de Barneville, Madame d'. *Histoire de Jean de Bourbon, Prince de Carency*. Paris: Claude Barbin, 1692b. Portada disponível em: <https://tinyurl.com/carency1692b>. Acesso em 16 de maio de 2022.

AULNOY, Marie-Catherine Le Jumel de Barneville, Madame d'. *Le Comte de Warwick*. Paris: La Compagnie des Libraires Associez, 1703. Disponível em: <https://tinyurl.com/warwick1703>. Acesso em 19 de maio de 2022.

AULNOY, Marie-Catherine Le Jumel de Barneville, Madame d'. *Les Contes des fées*. Paris: Claude Barbin, 1698a. Disponível em: <https://tinyurl.com/fees1697>. Acesso em 20 de maio de 2022.

AULNOY, Marie-Catherine Le Jumel de Barneville, Madame d'. *Memoires de la Cour d'Espagne*. Paris: Claude Barbin, 1690. Disponível em: <https://tinyurl.com/memoires1690>. Acesso em 3 de maio de 2022.

AULNOY, Marie-Catherine Le Jumel de Barneville, Madame d'. *Memoires de la Cour d'Angleterre*. Paris: Claude Barbin, 1695. Disponível em: <https://tinyurl.com/angleterre1694>. Acesso em 19 de maio de 2022.

AULNOY, Marie-Catherine Le Jumel de Barneville, Madame d'. *Nouvelles Espagnoles*. Paris: Claude Barbin, 1692c. Disponível em: <https://tinyurl.com/nouvelles1692>. Acesso em 16 de maio de 2022.

AULNOY, Marie-Catherine Le Jumel de Barneville, Madame d'. *Nouvelles ou Memoires historiques*. Paris: Claude Barbin, 1693. Disponível em: <https://tinyurl.com/memhist1693>. Acesso em 16 de maio de 2022.

AULNOY, Marie-Catherine Le Jumel de Barneville, Madame d'. *Relation du voyage d'Espagne*. Paris: Claude Barbin, 1691. Disponível em: <https://tinyurl.com/voyage1691>. Acesso em 4 de maio de 2022.

AULNOY, Marie-Catherine Le Jumel de Barneville, Madame d'. *Sentiments d'une ame penitente, sur le Psaume, Miserere mei Deus, et Le retour d'une ame a Dieu, sur le Psaume, Benedic anima mea*. Paris: Nicolas Gosselin, 1709. Disponível em: <https://tinyurl.com/sentiments1709>. Acesso em 16 de maio de 2022.

## B. Referências gerais

ADAMS, D. J. *The 'Contes de Fées' of Madame d'Aulnoy: Reputation and Re-evaluation*. Bulletin of the John Rylands University Library of Manchester, v. 76, n. 3 (autumn 1994): 5-22.

AGAMBEN, Giorgio. *A comunidade que vem*. Tradução de António Guerreiro. Lisboa: Editorial Presença, 1993.

ÁLVARES, C.; RIBEIRO FILHO, P. C. "L'Histoire de Mira, un récit bref dans les mots de Madame d'Aulnoy : traduction en langue portugaise et réévaluation herméneutique". In: *Synergies Portugal*, 8, 2020, p. 115-126. Disponível em: <https://tinyurl.com/alvrib>. Acesso em 16 de maio de 2022.

ARCHIVES NATIONALES. *Châtelet de Paris, 11 juin 1682 – 29 février 1704*. Cota Y//274, fol. 467 vº, p. 168. Disponível em: <https://tinyurl.com/cotey274>. Acesso em 18 de abril de 2022.

ARCHIVES NATIONALES. *Maison du roi. Copies d'actes émanés des rois Henri IV, Louis XIII et Louis XIV, recueillis pour servir de modèles (1610-1669). Minutes ou transcriptions authentiques d'actes émanés des rois Louis XIV et Louis XV expédiés par le secrétaire de la Maison du Roi et concernant le royaume ou des particuliers (1669-1786). Dépêches*. Cota O/1/30, fol. 378, p. 484. Disponível em: <https://tinyurl.com/fol378>. Acesso em 18 de abril de 2022.

- ARCHIVES NATIONALES. *Maison du roi. Copies d'actes émanés des rois Henri IV, Louis XIII et Louis XIV, recueillis pour servir de modèles (1610-1669). Minutes ou transcriptions authentiques d'actes émanés des rois Louis XIV et Louis XV expédiés par le secrétaire de la Maison du Roi et concernant le royaume ou des particuliers (1669-1786). Dépêches.* Cota O/1/30, fols. 24 vº e 42 vº, p. 484. Disponível em: <https://tinyurl.com/fol378>. Acesso em 18 de abril de 2022.
- ARIÈS, Philippe. *História social da criança e da família*. 2ª ed. Tradução de Dora Flaksman. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1986.
- ARIOSTO, Ludovico. *Orlando Furioso – Cantos e Episódios*. Introdução, tradução e notas de Pedro Garcez Ghirardi. Cotia: Ateliê Editorial, 2002.
- ARISTÓTELES. “Poética”. In: ARISTÓTELES; HORÁCIO; LONGINO. *A Poética Clássica*. Tradução de Jaime Bruna. São Paulo: Cultrix, 2014.
- BACCHILEGA, Cristina. *Postmodern fairy tales: gender and narrative strategies*. Philadelphia, Pennsylvania: University of Pennsylvania Press, 1997.
- BACKSCHEIDER, Paula R. *Elizabeth Singer Rowe, and the Development of the English Novel*. Baltimore: Johns Hopkins University, 2013.
- BAL, Mieke. *Narratologia: Introdução à teoria da narrativa*. Tradução de Elizamari Becker, Rosalia Neumann Garcia, Aline Lampert, Cristina Bordinhão e Regina Caballero Fleck. Santa Catarina: Editora UFSC, 2021.
- BARCHILON, Jacques. *Le conte merveilleux Français de 1690 à 1790 : Cent ans de féerie et de poésie ignorées de l'histoire littéraire*. Genève: Slaktine Reprints, 2014.
- BASILE, Giambattista. *O Conto dos Contos: Pentameron*. Tradução de Francisco Degani. São Paulo: Nova Alexandria, 2018.
- BAYLE, Pierre. *Dictionnaire historique et critique*. T. 1. 5ª ed. Basileia: Jean Louis Brandmuller, 1738. Disponível em: <https://tinyurl.com/bayle1738>. Acesso em 22 de dezembro de 2022.
- BERGERAC, Cyrano de. *Viagem à Lua*. Tradução de Fulvia M. L. Moretto. São Paulo: Globo, 2007.
- BLANC, Cilette. “Genève et les origines du mouvement prophétique en Dauphiné et dans les Cévennes”. In: *Revue d'histoire suisse*, vol. 23. Zürich: 1943. Disponível em: <http://doi.org/10.5169/seals-75022>. Acesso em 28 de dezembro de 2022.



- BLOOM, Rori. “The Petit as Personal Aesthetic in the Fairy Tales of Marie-Catherine d’Aulnoy”. In: *Marvels & Tales*, vol. 29, n. 2. Wayne State University Press, 2015. Disponível em: <https://tinyurl.com/oribloom>. Acesso em 2 de agosto de 2022.
- BOILEAU, Nicolas. *A Arte Poética*. Tradução de Célia Berrettini. São Paulo: Editora Perspectiva, 1979.
- BOTTIGHEIMER, Ruth B. “A new history for fairy tales”. In: CARRUTHERS, Janice; MCCUSKER, Maeve (eds.). *The Conte: Oral and written dynamics*. New York: Peter Lang, 2009.
- BOTTIGHEIMER, Ruth B. “Sobre a Natureza dos Contos de Fadas: Entrevista com Ruth Bottigheimer”. *Literartes*, v. 1, n. 12, p. 44-70, 2020. Disponível em: <https://tinyurl.com/bottigheimer1>. Acesso em 21 de julho de 2022.
- BOTTIGHEIMER, Ruth B. *Fairy Godfather: Straparola, Venice and the Fairy Tale Tradition*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 2002.
- BOTTIGHEIMER, Ruth B. “Marie-Catherine d’Aulnoy’s ‘White Cat’ and Hannā Diyāb’s ‘Prince Ahmed and Pari Banou’: Influences and Legacies”. In: *Marvels & Tales*, vol. 35, n. 2, p. 290-311. Wayne State University: 2022. Disponível em: <https://tinyurl.com/bott2022>. Acesso em 4 de outubro de 2022.
- BRANDÃO, Jacyntho Lins. “Posfácio”. In: BERGERAC, Cyrano de. *Viagem à Lua*. Tradução de Fulvia M. L. Moretto. São Paulo: Globo, 2007.
- CALVINO, Ítalo. *Sobre o Conto de Fadas*. Tradução de José Colaço Barreiros. Lisboa: Teorema, 1999.
- CARETTE, A. *La comtesse d’Aulnoy*. 2ª ed. Paris: Société d’Éditions Littéraires et Artistiques, 1902.
- CARVALHAL, Tânia Franco. *Literatura Comparada*. 4ª ed. São Paulo: Ática, 2006.
- CHARTIER, Roger. *Leituras e leitores na França do Antigo Regime*. Tradução de Álvaro Lorencini. São Paulo: Editora Unesp, 2004.
- CHARTIER, Roger. *O que é um autor? Revisão de uma genealogia*. Tradução de Luzimara Curcino e Carlos Eduardo Bezerra. São Carlos: EdUFScar, 2012.
- CHESNAYE-DESBOIS, François Alexandre Aubert. *Dictionnaire de la noblesse, contenant les généalogies, l’histoire & la chronologie des familles nobles de France, l’explication de leur armes, & l’état des grandes terres du royaume*. Paris: M. Radiez, 1784. Disponível em: <https://tinyurl.com/pirou-bressey>. Acesso em 3 de maio de 2022.

- CLARMIDY-PATARD, Geneviève (ed.). “Notes”. In: MURAT, Madame de. *Journal pour Mademoiselle de Menou*. Paris: Classiques Garnier, 2016 [1708].
- CLUTE, John; GRANT, John. *The Encyclopedia of Fantasy*. New York: St. Martin’s Press, 1997.
- COELHO, Nelly Novaes. *O Conto de Fadas*. 2ª ed. São Paulo: Editora Ática, 1991.
- COELHO, Nelly Novaes. *O Conto de Fadas: Símbolos – Mitos – Arquétipos*. 4ª ed. São Paulo: Paulinas, 2012.
- COELHO, Nelly Novaes. *Panorama histórico da literatura infantil-juvenil: das origens indoeuropéias ao Brasil contemporâneo*. 3ª ed. ref. e amp. São Paulo: Quíron, 1985.
- COIMBRA, Álvaro da Veiga. “Noções de numismática”. In: *Revista de História*, São Paulo, v. 15, n. 31, p. 229-254, mar. 1957. Disponível em: <https://tinyurl.com/numisma1> . Acesso em 24 jan. 2020.
- COLAPIETRO, Vincent. “Sonhos: o material de que são feitos os significados”. In: *Revista FACE*, vol. 2, n. 1, p. 23-41. SP, EDUC, jan/jun. 1989.
- COLEMAN, J. A. *The dictionary of mythology: an A-Z of themes, legends and heroes*. Londres: Arcturus Publishing Limited, 2007.
- CONCHES, Feuillet de. *Les Salons de conversation au dix-huitième siècle*. Paris: Charavay Frères, 1882. Disponível em: <https://tinyurl.com/fdeconches>. Acesso em 23 de dezembro de 2022.
- COSTA, Leila de Aguiar. *Antigos e Modernos: A cena literária na França do século XVII*. São Paulo: Nankin Editorial/Edusp, 2009.
- CUBIÈRES-PALMÉZEAUX, Michel de. *Épître à madame la comtesse de Salm ; par un antique membre de l’Académie des antiquités de Hesse-Cassel*. Paris: l’Imprimerie de Lefebvre, 1812. Disponível em: <https://tinyurl.com/cubieres>. Acesso em 23 de dezembro de 2022.
- CUNHA, Maria Zilda da. *Na tessitura dos signos contemporâneos: novos olhares para a Literatura Infantil e Juvenil*. São Paulo: Paulinas, 2009.
- CUSSON, Jean (ed.). *Le Journal des Sçavans*. Paris: Académie des inscriptions et belles-lettres, jan-dez de 1691. Disponível em: <https://tinyurl.com/journal1691>. Acesso de 19 de março de 2022.
- DANTÈS, Alfred. *Dictionnaire biographique et bibliographique, alphabétique et méthodique, des hommes les plus remarquables dans les lettres, les sciences et les*

- arts, chez tous les peuples, à toutes les époques.* Paris: Aug. Boyer et Cie, 1875. Disponível em: <https://tinyurl.com/adantes>. Acesso em 22 de dezembro de 2022.
- DU NOYER, Anne-Marguerite. *Lettres Historiques et Galantes.* Tomes II & III. Paris: François Seguin, 1707. Disponível em: <https://tinyurl.com/dunoyer1707>. Acesso em 18 de abril de 2023.
- DEFRANCE, Anne. *Les contes de fées et les nouvelles de Madame d’Aulnoy (1690-1698) – L’imaginaire féminin à rebours de la tradition.* Genève: Librairie Droz S. A., 1998.
- DEJEAN, Joan. *A essência do estilo: como os franceses inventaram a alta-costura, a gastronomia, os cafés chiques, o estilo, a sofisticação e o glamour.* Tradução de Mônica Reis. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.
- DEJEAN, Joan. *Antigos contra Modernos: As Guerras Culturais e a construção de um fin de siècle.* Tradução de Zélia Maldonado. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.
- DEJEAN, Joan. *O século do conforto: quando os parisienses descobriram o casual e criaram o lar moderno.* Tradução de Catharina Epprecht. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.
- DESMOLETS, Pierre Nicolas. *Continuation des Mémoires de littérature et d’histoire de Sallengre.* Volume 2. Paris: SIMART, 1726. Disponível em: <https://tinyurl.com/evremond>. Acesso em 21 de dezembro de 2022.
- DEZOBRY, Charles. *Dictionnaire général de biographie et d’histoire, de mythologie, de géographie ancienne moderne et comparée.* Partie 1. Paris: Librairie Ch. Delagrave, 1889. Disponível em: <https://tinyurl.com/dezobry>. Acesso em 22 de dezembro de 2022.
- DORFMAN, Eugene. *The narreme in the medieval Romance epic: and introduction to narrative structures.* Toronto: The University of Toronto Press, 1969.
- DUGGAN, Anne E. “Introduction to the Special Issue: New Directions in d’Aulnoy Studies”. *Marvels & Tales: Journal of Fairy-Tale Studies*, Vol. 35, No. 2, p. 217–225. Detroit: Wayne State University Press, 2021.
- ESPINOSA, Baruch. *Breve tratado sobre Deus, o ser humano e sua felicidade.* Tradução de Flavio Quintale. Petrópolis: Vozes de Bolso, 2021.
- FEBVRE, Lucien; MARTIN, Henri-Jean. *O Aparecimento do Livro.* Tradução de Fulvia M. L. Moretto e Guacira Marcondes Machado. São Paulo: Edusp, 2019.

- FIMI, Dimitra. *Celtic Myth in Contemporary Children's Fantasy: Idealization, Identity, Ideology*. Cardiff: Palgrave Macmillan, 2017.
- FLAUBERT, Gustave. *Correspondance* (1850-1854). Paris: G. Charpentier et Cie, Éditeurs, 1889. Disponível em: <https://tinyurl.com/flaubert1850>. Acesso em 22 de dezembro de 2022.
- FONTENELLE, Bernard de. *Diálogos sobre a pluralidade dos mundos*. Tradução de Denise Bottmann. 2ª ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2013.
- FOULCHÉ-DELBOSC, R. "Introduction". In: D'AULNOY, Marie-Catherine Le Jumel de Barneville, Madame. *Travels into Spain*. London: George Routledge & Sons, 1930.
- FOULCHÉ-DELBOSC, R. *Revue Hispanique*. Tome XLVII. New York/Paris: G. P. Putnam's Sons/Librairie C. Klincksieck, 1919.
- FUMAROLI, Marc. *Las abejas y las arañas: La Querrela de os Antiguos y los Modernos*. Traducción de Caridad Martínez. Barcelona: Acantilado, 2008.
- GALILEI, Galileu. *O Mensageiro das Estrelas*. Tradução de Carlos Ziller Camenietzki. São Paulo: Duetto Editorial, 2009. [Suplemento da *Scientific American Brasil* n. 85, de junho de 2009].
- GILBERT, Pierre. *La forêt des cippes : essais de critique*. T. 2. Paris: Librairie Ancienne Édouard Champion, 1918. Disponível em: <https://tinyurl.com/pgilbert1918>. Acesso em 23 de dezembro de 2022.
- GIRAUD, Charles. *La Maréchale de Villars et son temps*. Paris: Imprimerie Nationale, 1881. Disponível em: <https://tinyurl.com/chgiraud>. Acesso em 23 de dezembro de 2022.
- GÓES, Lúcia Pimentel. *Introdução à Literatura para Crianças e Jovens*. São Paulo: Paulinas, 2010.
- GONTIER, Fernande. *Histoire de la Comtesse d'Aulnoy*. Paris: Perrin, 2005.
- GOURDON, Vincent. "Les évolutions du baptême en France au xix e siècle". In: MOREL, Marie-France (dir.). *Accueillir le nouveau-né, d'hier à aujourd'hui*. Toulouse: Érès Éditions, 2013. Disponível em: <https://tinyurl.com/bapteme1698>. Acesso em 14 de março de 2022.
- GRANDE, Nathalie. "Claude Barbin, un libraire pour dames?". In: *Revue de la Bibliothèque nationale de France*, n. 3, 2011, p. 22-27. DOI 10.3917/rbnf.039.0022. Disponível em <https://tinyurl.com/cbarbin>. Acesso em 3 de maio de 2022.

- GRIMM, Jacob e Wilhelm. *Contos infantis e domésticos* – 1812-1815. 3ª ed. Tradução de Christine Röhrig. São Paulo: Cosac Naify, 2015.
- GRIMM, Jacob; GRIMM, Wilhelm. *Contos maravilhosos infantis e domésticos* – 1812-1815 [tomos 1 e 2]. 3ª ed. Tradução de Christine Röhrig. São Paulo: Cosac Naify, 2015.
- GUÉRIN, Paul (dir.). *Dictionnaire des dictionnaires. Lettres, sciences, arts, encyclopédie universelle*. T. 1. Paris: Librairie des Imprimeries Réunies, 1895. Disponível em: <https://tinyurl.com/paulguerin>. Acesso em 22 de dezembro de 2022.
- HAASE, Donald. *The Greenwood Encyclopedia of Folktales and Fairy Tales, volume 1. A-F*. Portsmouth: Greenwood Publishing Group, 2008.
- HANNON, Patricia. *Fabulous Identities: women's fairy tales in Seventeenth-century France*. Amsterdam/Atlanta: Rodoni, 1998.
- HARF-LANCNER, Laurence. *Les fées au Moyen Âge: Morgane et Mélusine, la naissance des fées*. Genève: Slatkine, 1984.
- HAUPT, Marie Guerrier. “Préface”. In: AULNOY, Marie-Catherine Le Jumel de Barneville, Madame de. *Contes des fées*. Illustrés par Jules Désandré. Paris: Bernardin-Béchet, 1868. Disponível em: <https://tinyurl.com/mghaupt>. Acesso em 22 de dezembro de 2022.
- HAZARD, Paul. *A crise da consciência europeia (1680-1715)*. Tradução de Óscar de Freitas Lopes. Lisboa: Edições Cosmos, 1948.
- HÉCART, Gabriel-Antoine-Joseph. *Journal central des académies et sociétés savantes*. T. 1. Valenciennes: H.-J. Prignet, 1810. Disponível em: <https://tinyurl.com/hecart>. Acesso em 23 de dezembro de 2022.
- HORST, Louis. *Pre-Classic dance forms*. New Jersey: Princeton Book Company, 1987.
- HOZIER, Charles-René. *Cabinet de d’Hozier – Motte (La)-Moucheron*. Bibliothèque nationale de France. Département des Manuscrits. Cote: Français 31131 (Cabinet de d’Hozier 250), 1703. Disponível em: <https://tinyurl.com/dhozier>. Acesso em 19 de maio de 2022.
- JAL, Auguste. *Dictionnaire critique de biographie et d’histoire*. 2ª ed. Paris: Henri Plon, 1872.
- JASMIN, Nadine. “Naissance du conte féminin: Madame d’Aulnoy”. In: AULNOY, Marie-Catherine Le Jumel de Barneville. *Contes de fées*. Édition critique établie par Nadine Jasmin. Paris: Honoré Champion, 2008.

- JYL, Laurence. *Madame d'Aulnoy ou la fée des contes*. Paris: Éditions Robert Laffont, 1989.
- KARR, Jean-Baptiste Alphonse. *300 Pages: Mélanges Philosophiques*. Paris: Michel Lévy Frères, Libraires-Éditeurs, 1864. Disponível em: <https://tinyurl.com/alphkarr>. Acesso em 11 mar. 2022.
- KEPLER, Johannes. “O Sonho”. Tradução de Jair Lúcio Prados Ribeiro. In: “O Sonho de Johannes Kepler: uma tradução do primeiro texto de *hard sci-fi*”. *Revista Brasileira de Ensino de Física*, v. 40, n. 1, e1602. Sociedade Brasileira de Física, 2018. Disponível em: <https://tinyurl.com/kepler1634>. Acesso em 13 de julho de 2022.
- KRASNY, Elke. “Reunindo feministas resistentes: curadoria de salões e de jantares”. In: PEDROSA, Adriano; RJEILLE, Isabella; LEME, Mariana (orgs.). *Histórias das mulheres, histórias feministas*. São Paulo: MASP, 2019.
- LADVOCAT, Jean-Baptiste. *Dictionnaire classique des hommes célèbres de toutes les nations*. T. 1. Paris: Imprimerie d'Auguste Delalain, 1822. Disponível em: <https://tinyurl.com/ladvocat>. Acesso em 22 de dezembro de 2022.
- LANG, Andrew (ed.). *The olive fairy book*. London: Longmans, Green and Co., 1907.
- LARROQUE, Philippe Tamizey de. *De la correspondance inédite de Dom B. de Montfaucon*. Paris: Honoré-Champion, 1879. Disponível em: <https://tinyurl.com/tdelarroque>. Acesso em 22 de dezembro de 2022.
- LAROUSSE, Pierre. *Grand Dictionnaire universel du XIXe siècle*. T. 1. Paris: Larousse, 1867-1890. Disponível em: <https://tinyurl.com/larousse67>. Acesso em 23 de dezembro de 2022.
- LEAL, José Carlos. *A natureza do conto popular*. Rio de Janeiro: Editora Conquista, 1985.
- LEBRUN, François. “As Reformas: devoções comunitárias e piedade pessoal”. In: CHARTIER, Roger (org). *História da vida privada, 3: da Renascença ao Século das Luzes*. Tradução de Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- LESCURE, M. “Préface”. In: Aulnoy, Marie-Catherine Le Jumel de Barneville. *Les contes des fées, ou les Fées à la mode : contes choisis publiés en deux volumes*. Tome 1. Paris: Librairie des Bibliophilhes, 1881.
- LEVY, Michael; MENDLESOHN, Farah. *Children's Fantasy Literature: An Introduction*. United Kingdom: Cambridge University Press, 2016.
- LUNEL, B (dir.). *Dictionnaire universel des connaissances humaines*. T. 4. Paris: Librairie Scientifique, Industrielle et Agricole de Lacroix-Comon, 1858. Disponível em: <https://tinyurl.com/blunel1858>. Acesso em 22 de dezembro de 2022.

- LÜTHI, Max. *Once Upon a Time: On the Nature of Fairy Tales*. Tradução de Lee Chadeayne e Paul Gottwald. Bloomington & London: Indiana University Press, 1976.
- LÜTHI, Max. *The European Folktale: Form and Nature*. Tradução de John D. Niles. Bloomington & Indianapolis: Indiana University Press, 1986.
- LÜTHI, Max. *The Fairytale as Art Form and Portrait of Man*. Tradução de Jon Erickson. Bloomington: Indiana University Press, 1984.
- MARCHAL, Charles. *Encyclopédie universelle : répertoire classique, historique, géographique, scientifique, artistique, biographique et littéraire*. Paris: Bureau de l'Encyclopédie Universelle, 1857. Disponível em: <https://tinyurl.com/cmarchal>. Acesso em 22 de dezembro de 2022.
- MARTIN, Gabriel. *Catalogue des livres de feu Madame la Comtesse de Verruë*. Paris: Gabriel Martin, 1737. Disponível em: <https://tinyurl.com/leretour1698>. Acesso em 16 de maio de 2022.
- MAURY, Alfred. *Croyances et légendes du Moyen-âge*. Paris: Honoré-Champion, 1896. Disponível em: <https://tinyurl.com/maury1896>. Acesso em 22 de dezembro de 2022.
- MENDLESOHN, Farah. *Rhetorics of Fantasy*. Middletown: Wesleyan University Press, 2008.
- MERCURE GALANT. Fevereiro de 1698a, p. 237-239. Disponível em: <https://tinyurl.com/mgalantfev1698>. Acesso em 6 de junho de 2022.
- MERCURE GALANT. Julho de 1698a, p. 234-236. Disponível em: <https://tinyurl.com/mgalantjul1698>. Acesso em 6 de junho de 2022.
- MONTÉGUT, Émile. “Des fées et leur littérature em France”. In: *Revue des Deux Mondes*, s/n, março de 2004. Disponível em: <https://tinyurl.com/montegut1>. Acesso em 22 de julho de 2022.
- MONTER, William. “Witch trials in Continental Europe”. In: ANKARLOO, Bengst; CLARK, Stuart (ed.). *Witchcraft and magic in Europe*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 2002.
- MONZANI, Luiz Roberto. “O papel de Fontenelle na constituição da razão iluminista”. In: FONTENELLE, Bernard de. *Diálogos sobre a pluralidade dos mundos*. Tradução de Denise Bottmann. 2ª ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2013.

- MOREL-FATIO, Alfred. “La Marquise de Duganes, agent politique en Espagne a la fin du XVIIe siècle”. In: *Revue Historique*, 1891, Tome 47, Fasc. 1 (1891), p. 78-82. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/40938204>. Acesso em 18 de abril de 2022.
- MURAT, Henriette-Julie de Castelnau, Condessa de. *Histoires sublimes et allégoriques*. Paris: Florentin & Pierre Delaulne, 1699. Disponível em: <https://tinyurl.com/murat1699>. Acesso em 21 de julho de 2022.
- MURAT, Madame de. *Journal pour Mademoiselle de Menou*. Édition de Geneviève Clermidy-Patard. Paris: Classiques Garnier, 2016 [1708].
- NISARD, Charles. *Histoire des livres populaires ou de la littérature du colportage*. T. 2. 2<sup>a</sup> ed. Paris: E. Dentu, 1864. Disponível em: <https://tinyurl.com/cnisard>. Acesso em 23 de dezembro de 2022.
- NITRINI, Sandra. *Literatura Comparada*. 3<sup>a</sup> ed. São Paulo: Edusp, 2021.
- NUNES, Ruy Afonso da Costa. *História da educação no século XVII*. São Paulo: EPU/EDUSP, 1981.
- PAXMAN, Jon. *Classical Music 1600-2000: A chronology*. Londres: Omnibus Press, 2014.
- PEIGNOT, Charles (dir.). *Arts et métiers graphiques Paris*, n. 6, julho de 1928. Disponível em: <https://tinyurl.com/artsetmetiers1928>. Acesso em 22 de dezembro de 2022.
- PEIRCE, Charles Sanders. *Collected Papers*. Edição de Charles Hartshorne e Paul Weiss (vol. 1-6) e Arthur W. Burks (7-8). Cambridge: Harvard University Press, 1931-58. (Citado como CP).
- PERRAULT, Charles. *Contos de Charles Perrault*. Tradução de Eliana Bueno-Ribeiro. São Paulo: Paulinas, 2017.
- PERRAULT, Charles. *Contos e Fábulas*. Tradução de Mário Laranjeira. São Paulo: Iluminuras, 2009.
- PERRAULT, Charles. *Le Siècle de Louis le Grand*. Paris: 1687. Disponível em: <https://tinyurl.com/perrault87>. Acesso em 14 de julho de 2022.
- QUÉRARD, Joseph-Marie. *La France littéraire ou Dictionnaire bibliographique des savants, historiens et gens de lettres de la France*. T. 4. Paris: Firmin Didot Frères, 1830. Disponível em: <https://tinyurl.com/querard>. Acesso em 23 de dezembro de 2022.



- PLANCHÉ, J. R. “Introduction”. In: D’AULNOY, Marie-Catherine Le Jumel de Barneville, Madame. *Fairy Tales by The Countess d’Aulnoy*. Translated by J. R. Planché. 2ª ed. London/New York: G. Routledge & Co. Farrington Street, 1856.
- RAVAISSON-MOLLIEN, François. *Archives de la Bastille : documents inédits. Règne de Louis XIV (1681 et 1665 à 1674)*. Paris: A. Durand et Pedone-Lauriel, 1874. Disponível em <http://catalogue.bnf.fr/ark:/12148/cb34019361b>. Acesso em 14 de abril de 2022.
- RAYNARD, Sophie. *La seconde Préciosité: floraison des conteuses de 1690 à 1756*. Tübingen: Gunter Narr Verlag, 2002.
- RAYNARD, Sophie Gabrielle. *Preciosity and representations of the feminine in fairy tales from Charles Perrault to Mme Leprince de Beaumont*. Nova York: Columbia University: 1999.
- RIBEIRO, Jair Lúcio Prados. “O Sonho de Johannes Kepler: uma tradução do primeiro texto de *hard sci-fi*”. In: *Revista Brasileira de Ensino de Física*, v. 40, n. 1, e1602. Sociedade Brasileira de Física, 2018. Disponível em: <https://tinyurl.com/kepler1634>. Acesso em 13 de julho de 2022.
- RITCHIE, Anne Thackeray. “Introduction”. In: AULNOY, Marie-Catherine Le Jumel de Barneville Madame d’. *The Fairy Tales of Madame d’Aulnoy newly done into English*. Illustrated by Clinton Peters. London: Lawrence and Bullen, 1892.
- ROBERT, Raymonde. *Le conte de fées littéraire en France de la fin du XVII à la fin du XVIII siècle*. Nancy: Presses Universitaires de Nancy, 1982.
- ROCHE, Daniel. *O Povo de Paris: ensaio sobre a cultura popular no século XVIII*. Tradução de Antonio de Pádua Danesi. São Paulo: Edusp, 2004.
- ROCHE-MAZON, Jeanne. *En marge de “l’Oiseau bleu”*. L’Artisan du livre: Paris, 1930.
- ROUSSEAU, Christine. *Les Enchantements de l’éloquence: contes de fées et stratégies hyperboliques au XVIIe siècle*. Thèse pour obtenir le grade de Docteur (Spécialité: Lettres et Arts - Recherches sur l’imaginaire). École Doctorale Langues, Littératures et Sciences humaines, Université de Grenoble, 2013. Disponível em: <https://tinyurl.com/crousseau>. Acesso em 11 de mar. 2022.
- RUIZ, R. C. “Contos de Fadas: um diálogo pelas vias da Arte: Entrevista com Katia Canton”. In: *Literartes*, v. 1, n. 12, p. 32-43, 2020. Disponível em: <https://tinyurl.com/ruizrc>. Acesso em: 4 out. 2022.
- SADIE, Stanley (Ed.). *The new grove book of operas*. New York: St Martin’s Press, 1997.

- SCHACKER, Jennifer. *Feathers, Paws, Fins, and Claws: Fairy-Tale Beasts*. Detroit: Wayne State University Press, 2015.
- SCHRÖDER, Volker. “Baroness or Countess d’Aulnoy?”. In: *Anecdota – Rare texts and images from early modern France*. Postado em 25 de outubro de 2021. Disponível em: <https://tinyurl.com/titlesaulnoy>. Acesso em 15 de março de 2022.
- SCHRÖDER, Volker. “Les Contes des fées”. In: *Anecdota – Rare texts and images from early modern France*. Postado em 18 de abril de 2018. Disponível em: <https://anecdota.princeton.edu/archives/720>. Acesso em 20 de maio de 2022.
- SCHRÖDER, Volker. “Madame d’Aulnoy’s productive confinement”. In: *Anecdota – Rare texts and images from early modern France*. Postado em 2 de maio de 2020. Disponível em: <https://anecdota.princeton.edu/archives/1182>. Acesso em 18 de abril de 2022.
- SCHRÖDER, Volker. “The birth and beginnings of Madame d’Aulnoy”. In: *Anecdota – Rare texts and images from early modern France*. Postado em 29 de março de 2019. Disponível em: <https://tinyurl.com/anecdota1>. Acesso em 14 de março de 2022.
- SEIFERT, Lewis C. “Les Fées Modernes: Women, Fairy Tales, and the Literary Field in Late Seventeenth-Century France”. In: GOLDSMITH, Elizabeth; GOODMAN, Dena. *Going Public: Women and Publishing in Early Modern France*. New York: Cornell University Press, 1995.
- SERMAIN, Jean-Paul. *Le conte de fées du classicisme aux Lumières*. Paris: Desjonquères, 2005.
- SIMONSEN, Michèle. *O Conto Popular*. Tradução de Luis Claudio de Castro e Costa. São Paulo: Martins Fontes, 1987.
- SORIANO, Marc. *La Literatura para Niños y Jóvenes: Guía de Exploración de sus Grandes Temas*. Buenos Aires: Ediciones Colihue, 1995.
- SOUZA, Angela Leite de. *Contos de fada: Grimm e a literatura oral no Brasil*. 2ª ed. Belo Horizonte: Editora Lê, 1998.
- STORER, Mary Elizabeth. *Un épisode littéraire de la fin du XVIIe siècle: la mode des contes de fées*. Paris: Champion, 1928.
- STRAPAROLA, Giovanni Francesco. *The Facetious Nights of Straparola*. Tradução de W. G. Waters. S/L: Entail Books, 2015.

- TAINÉ, Hippolyte. *Essais de Critique et d'Histoire*. 3ª ed. Paris: Librairie Hachette & Co., 1874.
- THIRARD, Marie-Agnès. *Les contes de fées de Madame d'Aulnoy, une écriture de subversion*. Lille: Atelier National de Reproduction des Thèses, 1994.
- TILLEY, Arthur. *The Decline of the Age of Louis XIV or French Literature 1687-1715*. Cambridge: Cambridge University Press, 1929.
- TODOROV, Tzvetan. *Introdução à literatura fantástica*. 4ª ed. Tradução de Maria Clara Correa Castelo. São Paulo: Perspectiva, 2010.
- TOLKIEN, J.R.R. *Sobre histórias de fadas*. Tradução de Ronald Kyrmse. 2ª ed. São Paulo: Conrad, 2010.
- TRIGON, Jean de. *Histoire de la Littérature Enfantine: de Ma Mère l'Oye au Roi Babar*. Paris: Hachette, 1950.
- TRINQUET, Charlotte. *Le conte de fées français (1690-1700): Traditions italiennes et origines aristocratiques*. Tübingen: Narr Velag, 2012.
- VAPEREAU, Gustave. *Dictionnaire universel des littératures*. Paris: Librairie Hachette, 1876. Disponível em: <https://tinyurl.com/vapereau>. Acesso em 22 de dezembro de 2022.
- VENTURA, Susana. *Sete contos que nunca me contaram: Contos de fadas pensados, ouvidos, escritos e recontados por mulheres*. São Paulo: Biruta, 2022.
- VOREPIERRE, Jean-François-Marie Bertet Dupiney de. *Dictionnaire des noms propres, ou Encyclopédie illustrée de biographie, de géographie, d'histoire et de mythologie*. A-F. Paris: Bureau de la Publication; Michel Lévy, 1876. Disponível em: <https://tinyurl.com/vorepierre>. Acesso em 22 de dezembro de 2022.
- VORMUS, E. (dir.). *Grand dictionnaire national illustré d'histoire et de géographie : faits historiques, biographie des hommes célèbres*. Paris: S. Lambert & Cie, 1879. Disponível em: <https://tinyurl.com/evormus>. Acesso em 23 de janeiro de 2022.
- WARNER, Marina. *Da Fera à Loira: sobre contos de fadas e seus narradores*. Tradução de Thelma Médiçi Nóbrega. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
- ZIPES, Jack (ed.). *The complete first edition: The original folk and fairy tales of the Brothers Grimm*. Oxford/Princeton: Princeton University Press, 2014.
- ZIPES, Jack (ed.). *The Great Fairy Tale Tradition*. New York: Norton, 2001.

ZIPES, Jack. "Introduction". In: AULNOY, Madame d' (Marie-Catharine). *The Island of Happiness: Tales of Madame d'Aulnoy*. Tradução de Jack Zipes. Ilustrações de Natalie Frank. Princeton: Princeton University Press, 2021.

ZIPES, Jack. Contos de fadas: a esperança que ecoa do "Era uma vez...": Entrevista com Jack Zipes. *Literartes*, [S. l.], v. 1, n. 11, p. 13-26, 2019. Disponível em: <https://tinyurl.com/zipes1>. Acesso em 21 de julho de 2022.

ZIPES, Jack. *The Irresistible Fairy Tale: The Cultural and Social History of a Genre*. Princeton: Princeton University Press, 2012.

## APÊNDICE A

### A Ilha da Felicidade (1690)

1 A Rússia é um país frio onde os belos dias de um clima temperado raramente são  
2 vistos: suas montanhas estão quase sempre cobertas de neve e as árvores ficam tão  
3 carregadas de sinelos que quando o Sol lança seus raios sobre elas é como se estivessem  
4 enfeitadas de cristais. Lá existem florestas de prodigiosa grandeza onde ursos brancos  
5 causam estragos terríveis. Os homens guerreiam incessantemente contra eles, e os matam,  
6 mas o fazem com dificuldade e correndo perigo; tal atividade de caça é tanto a mais nobre  
7 quanto a mais ordinária ocupação dos russos. Houve uma vez em que esses povos foram  
8 governados por um jovem príncipe chamado Adolfo, tão bem nascido, tão belo, tão  
9 educado e espirituoso que era difícil acreditar que alguém tão bem-aventurado pudesse  
10 ser encontrado em um país tão rude e selvagem. Ele ainda não havia completado seu  
11 vigésimo aniversário quando empreendeu uma grande guerra contra os Moscovitas, na  
12 qual demonstrou uma coragem intrépida e liderança admirável. Quando concedia  
13 descanso ao seu exército, ele mesmo não descansava, e seguia rumo à perigosa caça aos  
14 ursos.

15 Um dia em que estava acompanhado de uma grande comitiva, Adolfo se entregou  
16 de tal modo à sua nobre paixão que, embrenhando-se pela floresta, percorreu diferentes  
17 trilhas até que se perdeu. Logo notou que estava sozinho, que era tarde, que não sabia  
18 onde estava e que uma inesperada tempestade o pegaria de surpresa. Conduziu seu cavalo  
19 por uma larga vereda e soprou a corneta de caça para chamar a atenção de algum de seus  
20 homens, mas foi em vão. De repente, a escassa luz remanescente do dia deu lugar à mais  
21 obscura noite; só se enxergava algo quando relampejava. Os trovões faziam estrondos  
22 terríveis; a chuva e a tempestade aumentavam. O príncipe abrigou-se debaixo de algumas  
23 árvores, mas logo foi obrigado a deixar aquela paragem: torrentes d'água fluíam por toda  
24 parte e as trilhas foram inundadas. Decidiu sair da floresta e procurar por qualquer local  
25 onde pudesse encontrar abrigo de tão grande temporal. Pelejou com dificuldade para  
26 alcançar uma campanha, onde se viu ainda mais exposto ao impetuoso clima. Olhou ao  
27 redor e notou algumas luzes em um lugar muito elevado. Seguiu naquela direção e, depois  
28 de muito sacrifício, chegou aos pés de um monte praticamente inacessível, cheio de  
29 rochas, cercado por precipícios muito escarpados. Prosseguiu em marcha por mais de  
30 duas horas, às vezes a pé, outras montado em seu cavalo, até que finalmente encontrou-  
31 se próximo a uma grande caverna, de cuja abertura irradiava a luz que havia observado.  
32 Hesitou um pouco antes de entrar; cogitou que aquele poderia ser o esconderijo de alguns  
33 saltadores que assolavam o país com frequentes incursões, os quais poderiam matá-lo e  
34 roubá-lo; mas como as almas dos príncipes possuem nobreza e orgulho tais que os

1 distinguem dos outros homens, repreendeu a si mesmo por seu medo e avançou para  
2 dentro da caverna com sua espada em mãos, a fim de estar pronto para defender-se caso  
3 alguém fosse corajoso o bastante para atacá-lo. Assim que entrou, sentiu um frio tão  
4 intenso que pensou que fosse morrer.

5 Por causa do barulho que fizera ao entrar, uma anciã de cabelos brancos, cujo  
6 excesso de rugas denunciava sua copiosa idade, surgiu do interior de uma rocha. Ela  
7 expressou extremo assombro ao abordá-lo:

8 — Sois o primeiro mortal que avisto neste lugar — disse-lhe ela. — Sabeis, senhor,  
9 quem aqui habita?

10 — Não, minha boa mulher — respondeu Adolfo. — Não sei onde estou.

11 — Esta é a morada de Éolo<sup>1</sup>, o deus dos ventos — ela afirmou. — É aqui que ele se  
12 recolhe com todos os seus filhos; eu sou a mãe deles. Encontro-me sozinha pois todos  
13 estão ocupados, cada um por si, operando benesses ou malefícios pelo mundo. Pareceis  
14 encharcado pela chuva que acabou de cair. Eu vos aquecerei com fogo a fim de vos secar.  
15 O que me entristece, senhor, é que vos farei má hospedagem; os ventos fazem refeições  
16 muito leves e os homens precisam se alimentar de algo mais sólido.

17 O príncipe agradeceu pela gentil acolhida que havia recebido e aproximou-se do  
18 fogo, que fulgurou por um momento com a chegada do vento Oeste no recinto. Instantes  
19 depois, o vento Nordeste e muitos Aquilons também retornaram à caverna. Éolo não  
20 tardou; Bóreas e os ventos Leste, Sudoeste e Norte vieram em seguida. Estavam todos  
21 úmidos, com as bochechas entumescidas e os cabelos despenteados. Seus modos não eram  
22 muito civilizados nem educados, e, quando começaram a falar com o príncipe, quase o  
23 congelaram com seu hálito. Um deles relatou que havia dispersado uma armada naval  
24 inteira; outro, que havia causado o naufrágio de várias embarcações; um terceiro disse que  
25 era favorável a certos navios e os salvara de corsários que queriam saqueá-los; muitos  
26 ventos reportaram que haviam arrancado árvores, destruído mansões e derrubado  
27 muralhas. Em suma, cada um se vangloriava de suas próprias proezas. A anciã os escutava  
28 até que, subitamente, demonstrou uma grande inquietação.

29 — Algum de vós encontrou vosso irmão Zéfiro pelo caminho? — ela questionou.  
30 — Já é tarde e ele ainda não regressou; confesso-vos que estou aflita.

31 Enquanto todos diziam em uníssono que não o haviam visto, Adolfo notou, na  
32 entrada da caverna, a presença de um jovem rapaz tão belo quanto se pinta o Cupido.  
33 Tinha asas feitas de plumas brancas mescladas com uma tonalidade cárnea, tão finas e tão  
34 delicadas que pareciam estar em constante movimento; seus cabelos loiros formavam

---

<sup>1</sup> Deus dos ventos, pai de Aquilon (vento oeste), Bóreas (vento norte), Zéfiro (vento sul) e dos demais ventos mencionados no conto (COLEMAN, 2007, p. 26).

1 milhares de cachos que caíam graciosamente sobre seus ombros; sua cabeça estava cingida  
2 por uma coroa de rosas e jasmims; seu semblante era risonho e agradável.

3 — De onde viestes, pequeno libertino? — indagou a velha senhora, com uma voz  
4 enrouquecida. — Todos os vossos irmãos estão aqui; sois o único que passa o tempo  
5 divertindo-se e que não se importa com a preocupação que causa.

6 — Minha mãe — disse ele. — Regressei tão tarde pois tive problemas, bem sei que  
7 não gostais; mas estive nos jardins da princesa Felicidade. Ela estava passeando por lá com  
8 suas ninfas; uma lhe fez uma guirlanda de flores; outra, que estava deitada na relva,  
9 descerrou os lábios para conceder-me a liberdade de aproximar-me dela e dar-lhe um  
10 beijo; muitas dançavam ao som de canções. A bela princesa estava num pomar de laranjas.  
11 Meu sopro estufou o seu peito. Diverti-me ao seu redor e docemente agitei seu véu.  
12 “Zéfiro”, disse-me ela, “Como és<sup>2</sup> agradável, como me fazes feliz! Enquanto estiveres aqui,  
13 continuarei caminhando...”. Devo confessar-vos que estas doces palavras proferidas por  
14 tão charmosa criatura encantaram-me de tal forma que quase perdi meu autocontrole, e  
15 não teria sido capaz de deixá-la se não soubesse o quanto isso iria desagradar-vos, minha  
16 mãe.

17 Adolfo o escutava com tanta satisfação que lamentou quando parou de falar.

18 — Permitti-me, amável Zéfiro, perguntar-vos em que país reina esta princesa! —  
19 disse-lhe ele.

20 — Trata-se da ilha da Felicidade — respondeu-lhe Zéfiro. — Ninguém, senhor,  
21 pode adentrá-la; muitos não se cansam de procurá-la, mas a sina dos homens é tal que  
22 nenhum deles pode encontrá-la. Viajam inutilmente por todos os lados, alguns até se  
23 gabam de ter chegado lá, pois às vezes atracam em outros pequenos portos onde  
24 encontram um pouco de calma e tranquilidade. Várias pessoas ali permanecem com  
25 alegria, mas essas ilhas, que muito parcamente se assemelham à ilha da Felicidade, estão  
26 em constante movimento: em um instante as encontram, e no instante seguinte as perdem  
27 de vista. O desejo de desfrutar ao menos de uma sombra de repouso é que mantém os  
28 mortais esperançosos em sua busca. Todos os dias vejo homens distintos perecendo nos  
29 arredores da ilha.

30 O príncipe continuou a enchê-lo de questões, às quais Zéfiro respondia com  
31 grande precisão e inteligência. Era extremamente tarde e a boa mãe ordenou a todos os  
32 seus filhos que fossem para seus respectivos átrios. Zéfiro ofereceu sua pequena cama ao  
33 príncipe; ficava em um aposento muito limpo e menos frio do que as outras cavernas  
34 daquela gruta. Naquele recinto crescia uma discreta e fina camada de grama coberta de

---

<sup>2</sup> Note-se o habitual distanciamento interlocutório entre o “vós” (usado por Zéfiro para se referir à princesa) e o “tu” (usado pela princesa para se referir a Zéfiro), tão característico da língua francesa. Tal modulação será mantida como forma de observar, entre outros aspectos socioculturais, como é engendrada a hierarquia entre personagens de acordo com sua classe social, sua idade, sua natureza (humana ou divina) e sua moral.

1 flores; Adolfo deitou-se ali e passou o restante da noite com Zéfiro, falando o tempo todo  
2 sobre a princesa Felicidade.

3 — O quanto eu adoraria vê-la! — dizia ele. — É algo tão absolutamente impossível  
4 que nem com o vosso auxílio eu seria capaz de conseguir?

5 Zéfiro afirmou-lhe que a jornada seria muito perigosa, mas que se ele tivesse  
6 coragem o bastante para obedecer aos seus comandos, poderia haver uma maneira:  
7 colocá-lo-ia sobre suas asas e o carregaria pelos vastos espaços etéreos.

8 — Possuo um manto mágico que doarei a vós — ele prosseguiu. — Quando vesti-  
9 lo do lado verde, sereis invisível. Pessoa alguma vos enxergará e essa é uma medida  
10 indispensável para a conservação da vossa vida, pois, não importa o quão bravo sejais,  
11 caso os guardiões da ilha, que são monstros terríveis, virem-vos, logo sucumbireis, e  
12 penosos males vos acometerão.

13 Adolfo nutria um desejo tão urgente de viver essa grande aventura que  
14 prontamente aceitou de todo coração as condições que Zéfiro lhe propusera,  
15 independentemente dos perigos que pudesse enfrentar.

16 Tão logo a aurora despontou em sua carruagem de madrepérolas, o impaciente  
17 Adolfo acordou Zéfiro, que ainda estava um pouco sonolento.

18 — Não vos deixei repousar apropriadamente — disse o príncipe enquanto o  
19 abraçava. — Mas parece-me, meu generoso anfitrião, que já é hora de partir.

20 — Avante, senhor, avante — respondeu Zéfiro. — Longe de mim reclamar. Devo  
21 agradecer-vos, pois confesso que estou enamorado de uma rosa petulante e amotinada, e  
22 que estarei muito enrascado se eu não estiver lá para vê-la logo ao raiar do dia. Ela está  
23 em um dos canteiros da princesa Felicidade.

24 Ao proferir essas palavras, deu ao príncipe a capa que lhe havia prometido e  
25 intentou carregá-lo em suas asas, mas não considerou que essa maneira fosse conveniente.

26 — Carregar-vos-ei, senhor, da mesma forma que carreguei Psiqué pelas ordens do  
27 amor<sup>3</sup> quando a conduzi ao belo palácio que ele lhe havia construído — disse ele.

28 Zéfiro tomou-lhe em seus braços e, posicionando-se à beira de um rochedo,  
29 balançou-se por um tempo em movimento constante até que abriu suas asas e iniciou seu  
30 voo, planando pelos ares.

31 Embora o príncipe fosse corajoso, não pôde evitar o sentimento de medo ao ver-  
32 se elevado pelos braços de um jovem adolescente. Para se reassegurar, recordou-se de que  
33 Zéfiro era um deus, e de que o próprio amor, que parecia o menor e mais franzino de  
34 todos os deuses, era o mais forte e mais terrível de todos eles. Deste modo, entregando-se  
35 ao seu destino, recobrou o juízo e contemplou atentamente todos os lugares sobre os quais  
36 voavam. Seria possível contá-los? Havia tantas cidades, reinos, mares, rios, campos,

---

<sup>3</sup> Referência ao Cupido.



1 desertos, florestas, territórios desconhecidos e pessoas diferentes! Todas essas miragens  
2 lhe causaram uma admiração tamanha que até perdeu a fala. Zéfiro informou-lhe dos  
3 nomes e costumes de todos aqueles habitantes da terra. Ele voava docemente e os dois até  
4 repousaram sobre os formidáveis montes do Cáucaso e do Athos, além de vários outros  
5 montes que encontraram no caminho.

6 — Ainda que a bela rosa a quem adoro me fure com seus espinhos, eu não posso  
7 vos fazer cruzar tamanha vastidão sem vos dar o prazer de admirar as maravilhas que  
8 vedes — disse Zéfiro.

9 Adolfo expressou seu reconhecimento pela generosidade de Zéfiro e, ao mesmo  
10 tempo, sua preocupação quanto à possibilidade de a princesa Felicidade ser incapaz de  
11 compreender sua língua, e vice-versa.

12 — Não vos afligis quanto a isso — disse o deus. — O conhecimento da princesa é  
13 universal e estou convencido de que em breve falareis a mesma língua.

14 Ele voou até que a tão desejada ilha enfim estivesse à vista. Eram tantas as belezas  
15 que despontavam aos olhos do príncipe que ele não podia deixar de crer que aquele era  
16 um lugar encantado. O ar era perfumado com a fragrância do orvalho das excelentes  
17 águas de Nafre e de Córdoba; a chuva cheirava a flor de laranjeira; gêiseres se elevavam  
18 quase até as nuvens; as florestas abrigavam árvores raras, e o chão era repleto de flores  
19 extraordinárias; flúmenes mais claros que cristal fluíam por todos os lados com um doce  
20 murmúrio; os pássaros performavam concertos superiores à música dos grandes mestres;  
21 as frutas exóticas cresciam naturalmente ali, e por toda a ilha era possível encontrar mesas  
22 postas que eram cuidadosamente servidas tão logo se desejasse. Mas o palácio ainda  
23 superava todo o resto: as paredes eram de diamante, os pisos e as coberturas que  
24 formavam os aposentos eram feitos de variadas pedras preciosas; ouro reluzia por todo  
25 lugar; a mobília fora feita pelas mãos de fadas, as mais galantes dentre todas. Tudo ali era  
26 tão bem feito que era impossível saber o que admirar mais: a magnificência do palácio ou  
27 a sua decoração.

28 Zéfiro pousou o príncipe em uma graciosa relva verdejante e disse-lhe:

29 — Senhor, mantive minha palavra; agora, cabe a vós fazer o resto.

30 Eles se abraçaram. Adolfo o reverenciou adequadamente, e o deus, impaciente  
31 para estar junto de sua amada, deixou-lhe naqueles deleitosos jardins. O príncipe se  
32 aventurou por algumas alamedas, viu grutas feitas exclusivamente para os prazeres e  
33 notou numa delas uma estátua do amor esculpida em mármore branco, tão bem feita que  
34 devia ter sido obra de algum excelente escultor. De sua tocha jorrava um jato d'água ao  
35 invés de chamas; ele estava apoiado contra uma rocha de cascalhos e parecia ler estes  
36 versos que estavam gravados em uma pedra de lápis-lazúli:

37  
38 *Quem os prazeres do Amor preterir*

1 *Jamais provará da doçura real.*  
2 *Só ele pode os desejos suprir*  
3 *E dar à vida um tom jovial;*  
4 *Sem ele os grandes bens não têm*  
5 *charme nenhum que nos encante*  
6 *E tudo o mais é insignificante.*  
7

8 Adolfo adentrou uma pérgula de madressilvas onde o sol não podia dissipar as  
9 deleitosas sombras. E foi nesse lugar que, deitado num tapete de grama ao redor de uma  
10 fonte, cedeu às doçuras da sonolência; suas pálpebras pesadas e seu corpo fadigado  
11 imploravam por algumas horas de repouso.

12 Estava perto do meio-dia quando ele despertou. Ficou desapontado por ter  
13 perdido tanto tempo e, para se consolar, pôs-se a avançar em direção ao palácio. Assim  
14 que chegou perto o bastante, pôde vislumbrar as belezas com mais atenção do que quando  
15 estava longe. Parecia que todas as artes haviam competido com igual sucesso para  
16 contribuir com a magnificência e perfeição daquela edificação. O manto do príncipe  
17 permanecia do lado verde, de modo que ele tudo via sem ser visto. Por um longo tempo  
18 procurou uma forma de entrar, mas o vestibulo estava fechado e talvez as portas do  
19 palácio ficassem em outro lugar. Não encontrava nenhuma solução, até que viu uma  
20 pessoa muito bela abrindo uma janela toda de cristal. No mesmo instante, um jardineiro  
21 pequenino correu para o local e a figura que estava à janela entregou-lhe uma grande cesta  
22 de filigrana de ouro, ataviada com muitos laços de fitas. Ela lhe ordenou que fosse colher  
23 flores para a princesa; o jardineiro não tardou em obedecê-la.

24 Então Adolfo infiltrou-se entre as flores, meteu-se no cesto e a ninfa o carregou  
25 consigo para dentro. Crê-se, portanto, que o manto verde não só o tornava invisível, mas  
26 também o deixava muitíssimo leve. Seja como for, ele subiu alegremente à janela.

27 Assim que adentrou o palácio, lançou-se num imenso salão, onde viu maravilhas  
28 bem difíceis de descrever. As ninfas estavam ali em grande número; a mais velha não  
29 aparentava ter mais de dezoito anos, e muitas pareciam ainda mais jovens. Algumas eram  
30 loiras, outras morenas, e todas com tonicidade e viço admiráveis, brancas, frescas, com  
31 traços regulares e dentes muito bonitos. Em suma, todas essas ninfas poderiam se passar  
32 pelas mais perfeitas pessoas. Adolfo teria ficado o dia inteiro admirando-as  
33 continuamente sem sair daquele salão caso a sua curiosidade não tivesse sido aguçada  
34 pelo som de numerosas vozes maravilhosamente harmônicas, acompanhadas de  
35 instrumentos excepcionalmente bem tocados. Ele avançou por uma câmara na direção  
36 daquela agradável harmonia e, assim que adentrou o local, ouviu as seguintes palavras  
37 sendo entoadas:

1  
2  
3  
4  
5  
6  
7  
8  
9  
10  
11

*Sede ternos, sede fiéis,  
Perseverai até o fim,  
Amando, o coração de vosso amado tocareis,  
Os tempos a tudo dão jeito, sim.  
Vós que ardeis em mútuo amor,  
Se do Destino o tão cruel rigor  
Momentos felizes vos recusar,  
Esperai uma estação melhor;  
E tudo a seu tempo obter-se-á.*

12  
13  
14  
15  
16  
17  
18  
19  
20  
21  
22  
23  
24  
25  
26  
27  
28  
29  
30  
31  
32  
33  
34  
35

Tão logo o príncipe entrou no salão, pensou que nada poderia se equiparar aos encantos que já havia visto; mas estava errado, pois a beleza dos músicos ainda ultrapassava a das ninfas que os acompanhavam. De alguma maneira prodigiosa, ele entendia tudo o que era dito, mesmo desconhecendo a língua que era usada no palácio. Adolfo estava bem atrás de uma das mais belas ninfas quando seu véu escorregou para o chão; sem refletir que provavelmente haveria de amedrontá-la, pegou o véu e o entregou a ela. Como a ninfa não viu pessoa alguma, soltou um grande grito, e talvez aquela fosse a primeira vez que alguém sentia medo naquele lindo lugar. Todas as suas companheiras reuniram-se ao redor dela e quiseram saber com urgência o que havia acontecido.

— Vós pensareis que estou vendo coisas — disse ela. — Mas eu vos asseguro que meu véu veio a cair e voltou para minha mão através de alguma força invisível.

Todas desataram a rir e várias ninfas correram para os aposentos da princesa para entretê-la com esta história.

Adolfo as seguiu. Graças à capa verde, atravessou cômodos, galerias e quartos anonimamente, até que finalmente alcançou o gabinete da soberana. Ela estava assentada sobre um trono feito de um único carbúnculo<sup>4</sup> mais radiante que o sol; os olhos da princesa Felicidade, porém, eram muito mais brilhantes que o carbúnculo. Sua beleza era tão perfeita que parecia ser filha dos céus. Um ar de jovialidade e inteligência parecia pairar sobre sua pessoa, bem como uma majestade que inspirava amor e respeito. Ela estava vestida de maneira galante e magnificente: seus cabelos loiros estavam ornados de flores e usava uma echarpe; suas vestes eram de gaze mesclada de ouro; ao redor dela havia pequeninos amores que gracejavam e divertiam-se de mil formas diferentes: alguns pegavam suas mãos e as beijavam, outros escalavam o trono com a ajuda de seus companheiros e colocavam uma coroa em sua cabeça. Os prazeres também brincavam ao

---

<sup>4</sup> Antigo termo vitoriano (do latim *carbunculus*) popularmente utilizado para designar qualquer pedra preciosa vermelha, escarlate ou ígnea como o rubi e a granada (MANUTCHEHR-DANAI, 2009, p. 136).

1    redor dela. Em suma, tudo o que se possa imaginar de mais encantador ainda era pouco  
2    comparado com o que se passava diante dos olhos do príncipe. Mantinha-se ali como um  
3    homem arrebatado; suportava com dificuldade o esplendor das belezas da princesa e,  
4    agitado diante de tal êxtase, sem pensar em mais nada a não ser no objeto de sua adoração,  
5    seu manto verde caiu no chão e ele se tornou visível.

6            A princesa, que jamais havia visto um homem, ficou extremamente surpresa.  
7    Adolfo, por sua vez, ao notar que estava descoberto, logo atirou-se aos seus pés com  
8    profundo respeito.

9            — Grande princesa — disse-lhe ele. — Atravessei o Universo para vir admirar  
10   vossa divina beleza. Ofereço-vos meu coração e minha devoção. Vós os recusareis?

11           A princesa, que normalmente era cheia de vivacidade, permaneceu, no entanto,  
12   silente e interdita. Até aquele instante ela nunca havia encontrado alguém tão amável a  
13   seus olhos quanto aquela criatura, a qual ela acreditava ser única no mundo. Esse  
14   pensamento a persuadiu a crer que ele era a tão famosa e muito rara Fênix; convencida  
15   em seu engano, disse-lhe:

16           — Bela Fênix — disse-lhe ela. — (Pois não posso acreditar que sejais outro alguém,  
17   já que sois tão perfeita e em nada vos assemelhais com o que há em minha ilha), estou  
18   muito emocionada por ter o prazer de ver-vos; é uma grande pena que sejais única sobre  
19   a terra: pássaros como vós enfeitariam os mais belos aviários.

20           Adolfo riu daquilo que ela dizia com uma graça e uma simplicidade maravilhosa.  
21   Ele não queria, entretanto, que a pessoa por quem já sentia uma violenta paixão  
22   permanecesse crendo numa inverdade que pudesse gerar qualquer sorte de  
23   desentendimento. Logo tomou o cuidado de instruir-lhe a respeito de tudo sobre si;  
24   estudante alguma jamais seria capaz de fazer lições sobre o que acabara de aprender tal  
25   qual ela o faria naquele instante: sua intuição natural ia além do que o príncipe poderia  
26   lhe dizer. Ela o amou mais do que a si mesma, bem como ele a amava mais do que a si  
27   mesmo. Toda doçura que há no amor, toda beleza e vivacidade que há na mente, e toda  
28   delicadeza que há no coração era o que estava presente no coração daqueles meigos  
29   amantes. Nada poderia atrapalhar o repouso dos dois; tudo contribuía para seu deleite,  
30   nunca ficavam doentes, para eles não havia nem mesmo o mais leve incômodo e sua  
31   juventude em nada se alterava com o passar os anos. Nesse delicioso lugar todos tomavam  
32   generosos goles da água da Fonte da Juventude. Nem as inquietudes amorosas, nem as  
33   suspeitas ciumentas, nem mesmo as discussões mesquinhas que às vezes perturbam a  
34   tranquilidade das pessoas que se amam e que lhes proporciona as doçuras de uma  
35   reconciliação, nenhuma dessas coisas os acometia. Estavam inebriados de prazeres, e até  
36   aquele momento mortal algum havia desfrutado de uma boa fortuna tão constante quanto  
37   aquela do príncipe. Mas sua condição de mortal trazia consigo tristes conseqüências; suas  
38   bonanças não poderiam ser eternas.

1 Em um dia em que Adolfo estava com a princesa, ocorreu-lhe perguntar por  
2 quanto tempo ele desfrutava do prazer de vê-la.

3 — Os momentos passam muito rapidamente aqui onde estais — ele continuou. —  
4 Desde minha chegada, não prestei atenção alguma no tempo.

5 — Eu vos direi — respondeu ela. — Mas primeiro disse-me quanto tempo pensais  
6 que possa ter passado.

7 Ele ponderou e disse:

8 — Se eu consultar meu coração e a satisfação que tenho experimentado, não  
9 poderia senão crer que passei apenas oito dias aqui; porém, minha querida princesa,  
10 consoante certas coisas que me vêm à memória, devo presumir que faz aproximadamente  
11 três meses.

12 — Adolfo — disse-lhe ela, com um ar mais sério. — Já faz trezentos anos.

13 Ah, se ela tão somente soubesse o quanto aquelas palavras iriam custá-la, jamais  
14 as teria pronunciado.

15 — Trezentos anos! — exclamou o príncipe. — Em que estado se encontra o  
16 mundo? Quem o está governando agora mesmo? O que fazem lá? Quando eu retornar,  
17 quem irá me reconhecer e quem eu serei capaz de reconhecer? Meus domínios certamente  
18 terão caído nas mãos de outras pessoas que não aquelas próximas a mim; não ousar esperar  
19 que me reste alguma coisa. Serei um príncipe defraudado, lembrarão de mim como um  
20 fantasma, não mais conhecerei as maneiras nem os costumes daqueles com quem hei de  
21 viver.

22 A princesa, impaciente, o interrompeu:

23 — De que vos arrependeis, Adolfo? Não seria esse o preço de todo amor e de tantas  
24 gentilezas que tenho vos demonstrado? Eu vos recebi em meu palácio, de onde sois o  
25 senhor, eu vos preservei a vida por três séculos, não envelhecestes em nada quanto a vossa  
26 aparência e até este momento não vos entediastes. O quanto disso teríeis desfrutado sem  
27 mim?

28 — Não sou ingrato, bela princesa — ele replicou, um pouco confuso. — Eu sei e  
29 sinto que devo tudo a vós. Mas se eu estivesse morto no presente momento, talvez tivesse  
30 realizado feitos tão grandes que teriam eternizado minha memória; vejo com vergonha  
31 minhas virtudes inoperantes e meu nome sem esplendor algum. Tal era o bravo Renaud  
32 nos braços de sua Armide<sup>5</sup>, mas a glória o lançou para longe dela.

---

<sup>5</sup> Referência à protagonista da ópera homônima, estreada em Paris a 15 de fevereiro de 1686. Composta por 5 atos, a obra de autoria de Jean-Baptiste Lully e com o libreto de Philippe Quinault é baseada no poema épico *Jerusalém Libertada*, do poeta italiano Torquato Tasso, de 1581. Narra a história do amor conflituoso que a feiticeira Armide sentia por seu arqui-inimigo, o cruzadista Renaud. A obra faz referência a seres da mitologia pagã, como ninfas e demônios (SADIE, 1997, p. 44).

1 — Bárbaro! — gritou a princesa, vertendo um rio de lágrimas. — A glória vos  
2 lançará para longe de mim; ireis me deixar e vos mostrais indigno da dor que me invade.

3 Após dizer essas palavras, ela tombou desfalecida. O príncipe ficou sensivelmente  
4 tocado; ele a amava muito, mas se reprovava por ter passado tanto tempo junto de uma  
5 amante sem ter feito nada que eternizasse seu nome no rol dos heróis. Em vão tentou se  
6 conter e ocultar o desprazer que sentia; entretanto, cedeu a uma apatia que logo o deixou  
7 irreconhecível. Ele, que havia tomado séculos por meses, agora tomava meses por séculos.  
8 A princesa logo percebeu tamanho desgosto e sentiu a mais pungente dor. Não mais  
9 desejava que a complacência de Adolfo por ela o obrigasse a permanecer ali. Então  
10 declarou-lhe:

11 — Sois o mestre do vosso destino. Podeis partir quando desejardes. Temo, no  
12 entanto, que algum terrível infortúnio vos acometa.

13 As últimas palavras causaram-lhe bem menos pesar que as primeiras, mas estas  
14 também não lhe eram prazerosas. Conquanto se entristecesse muito tão somente ao  
15 pensar numa separação, o ideal de destino de Adolfo falou mais alto, e enfim disse adeus  
16 àquela que havia adorado e a quem ainda amava tão ternamente. Ele a assegurou que  
17 assim que realizasse qualquer ato de glória e fizesse de si mesmo alguém mais digno das  
18 suas bondades, não descansaria até retornar aos seus braços para reconhecê-la como sua  
19 única soberana e como o único tesouro de sua vida. Sua eloquência natural tentava  
20 suplantar sua falta de amor, mas a princesa era muito esclarecida para se deixar enganar;  
21 seus tristes pressentimentos anunciavam-lhe que perderia para sempre alguém que lhe  
22 era muito estimado.

23 Felicidade sentia uma dor inexprimível, mais forte do que qualquer golpe violento.  
24 Entregou armas magníficas e o mais belo cavalo do mundo ao tão indiferente Adolfo.

25 — Bichar (esse era o nome do cavalo) vos conduzirá aonde quer que preciseis ir  
26 para batalhar exitosamente e triunfar — disse-lhe ela. — Mas não encosteis vossos pés no  
27 chão até que tenhais chegado em vosso país, pois, pelo espírito de fada que os deuses me  
28 concederam, profetizo que se negligenciardes meu conselho, Bichar jamais será capaz de  
29 vos livrar dos infortúnios em que vos encontrareis.

30 O príncipe prometeu-lhe que obedeceria os seus desejos; beijou suas belas mãos  
31 milhares de vezes e, de tão impaciente que estava para partir daquele deleitoso lugar,  
32 esqueceu-se até mesmo do manto verde.

33 Nos confins da ilha, o vigoroso cavalo lançou-se com seu mestre em um rio e o  
34 atravessou a nado, galopou por colinas e vales, passou por campos e florestas com  
35 tamanha velocidade que parecia ter asas. Mas uma noite, em uma trilha estreita e  
36 acidentada, repleta de rochas e pedregulhos e cercada de arbustos espinhosos,  
37 encontraram uma charrete que atravessava o caminho e bloqueava a passagem. Ela estava  
38 cheia de velhas asas de diferentes modelos; havia tombado sobre o ancião que estava a

1 conduzi-la. Sua cabeça grisalha, sua voz trêmula e sua aflição por estar pressionado sob o  
2 peso da charrete fizeram o príncipe apiedar-se dele. Bichar quis retornar e atravessar os  
3 arbustos; estava prestes a saltar sobre a charrete quando o velho homem se pôs a exclamar:

4 — Ó, senhor! Tende alguma compaixão do estado em que me vedes; se vós não  
5 vos decidirdes por ajudar-me, logo hei de morrer...

6 Adolfo não pôde resistir ao ímpeto de socorrer aquele ancião; colocou seus pés no  
7 chão, aproximou-se dele e ofereceu-lhe sua mão. Pobre príncipe! Ficou tremendamente  
8 surpreso ao ver o homem levantar-se por si mesmo de supetão e agarrá-lo antes que  
9 estivesse pronto para se defender.

10 — Enfim vos encontrei, príncipe da Rússia — disse-lhe com uma voz terrível e  
11 ameaçadora. — Chamo-me Tempo e vos tenho procurado por três séculos; usei todas as  
12 asas que estão nesta charrete em viagens ao redor do universo a fim de vos reencontrar;  
13 mas não importa onde possais ter vos escondido, não há nada que possa escapar de mim.

14 Quando terminou de falar, colocou sua mão na boca de Adolfo com tanta força  
15 que impediu o príncipe de respirar até que morresse sufocado.

16 Nesse triste momento, Zéfiro por ali passava e a tudo testemunhara com profundo  
17 desgosto pelo infortúnio de seu querido amigo. Logo que o velho bárbaro o soltou, Zéfiro  
18 aproximou-se dele e tentou trazê-lo de volta à vida com a doçura de seu sopro, mas seus  
19 esforços foram inúteis. Tomou-lhe em seus braços, assim como fizera da primeira vez e,  
20 chorando amargamente, levou-o de volta aos jardins da princesa Felicidade. Colocou-o  
21 numa gruta, deitado sobre uma rocha de superfície plana; cobriu-o e o cercou de flores.  
22 Depois de tê-lo desarmado, forjou um troféu com suas armas e gravou estes versos numa  
23 coluna de jaspe que posicionara próxima ao infeliz príncipe:

24  
25 *O Senhor de tudo é o tempo,*  
26 *Nada lhe escapa em nenhum momento,*  
27 *Com os anos se esvai até mesmo a beleza;*  
28 *O homem sempre tem milhares de anseios,*  
29 *Seu espírito se turba em meio aos desejos;*  
30 *Crê na recompensa de sua tristeza;*  
31 *Passa um dia contente*  
32 *Por alguma proeza bem-feita,*  
33 *Mas logo aprende esta triste verdade:*  
34 *Não há Amores para a eternidade,*  
35 *E nem Felicidade perfeita.*  
36

1           Essa gruta era o lugar para onde a pesarosa princesa ia todos os dias desde a partida  
2 de seu amado, e ali adicionava uma corrente de lágrimas ao curso do arroio. Que  
3 inesperada alegria sentiu ao reencontrá-lo no momento em que acreditava que ele  
4 estivesse tão distante! Imaginou que ele havia acabado de chegar e que, exausto da viagem,  
5 estava a dormir. Felicidade cogitou acordá-lo e, cedendo enfim às suas doces intenções,  
6 abriu os braços para abraçá-lo. No entanto, logo que se aproximou, compreendeu a  
7 extremidade de seu infortúnio. Começou a gritar e a fazer lamentações capazes de  
8 comover até mesmo os indivíduos mais insensíveis. Ela ordenou que as portas de seu  
9 palácio fossem fechadas para sempre e, de fato, depois aquele dia fatídico, ninguém mais  
10 a viu contente. Sua dor é a causa de aparecer tão raramente e não há quem encontre essa  
11 princesa sem que ela demonstre alguma inquietude, esteja acompanhada de mágoas ou  
12 tomada por melancolia, já que esta é a sua companheira diária. Assim, os homens  
13 puderam compreender uma máxima certa, a qual todo mundo passou a repetir depois  
14 dessa aventura deplorável:

15  
16  
17  
18

*O tempo é o senhor de tudo,  
e não há felicidade perfeita.*



## APÊNDICE B

### História de Mira (1691)

1           Minhas cartas são tão longas que me custa crer, quando termino de escrevê-las,  
2 que ainda haja algo para vos dizer; no entanto, minha querida prima, eu nunca encerro  
3 uma [carta] sem que não me reste assunto para vos escrever outra. Quando eu já não tiver  
4 mais nada a vos falar a não ser de minha amizade, esse sim será um capítulo inesgotável:  
5 notareis facilmente pelo prazer que tenho em fazer aquilo que desejais. Haveis desejado  
6 saber de todas as particularidades de minha viagem, portanto continuarei a vos contar.

7           Parti muito tarde de Vitória, isso porque me demorei com a governante<sup>1</sup> da qual  
8 já vos falei, e fomos dormir em Miranda. O país é muito agradável, tal qual Ariñez. Em  
9 seguida, percorremos um árduo caminho pelas margens do rio Lola, cujo fragor é muito  
10 intenso, visto que ele é repleto de grandes rochas, contra as quais a água colide, cobrindo-  
11 as, e depois torna a tombar, formando cascatas naturais em muitas paragens. Nós  
12 continuamos a subir as altas montanhas dos Pirineus, onde nos deparamos com milhares  
13 de diferentes perigos. Vimos ali as ruínas de um velho castelo que dizem ser habitado por  
14 duendes, tal como aquele de Guevara<sup>2</sup>. Este, no entanto, fica próximo de Arganzón. Ali  
15 tivemos que fazer uma parada para que eu pudesse apresentar o meu passaporte, pois  
16 aquele era o local onde alguns impostos reais deveriam ser pagos. O alcaide de Burgos,  
17 que se aproximou do meu leito a fim de iniciar uma conversa comigo, contou-me uma  
18 história.

19           Diziam que naquele país houve uma vez um rei e uma rainha que tinham por filha  
20 uma princesa muito bela e charmosa, a quem mais consideravam uma divindade do que  
21 uma simples mortal. Chamavam-na de Mira, e é justamente de seu nome que surgiu o  
22 “mira” dos espanhóis, que quer dizer “olhe”; isso porque, assim que a viam, todos  
23 exclamavam “Mira, Mira”; eis a etimologia de uma palavra, advinda de um passado  
24 distante.

---

<sup>1</sup> A governante de Vitória, vila capital de Álava; incógnita.

<sup>2</sup> A autora faz referência à fama que o castelo de Guevara tinha de ser mal-assombrado. Em 1672, o cartógrafo real Albert Jouvin de Rochefort, a serviço de Luís XIV, registrou no segundo tomo de sua obra *Le voyageur d'Europe*, no capítulo dedicado à vila de Vitória, um relato da crença local de que o castelo de Guevara “era habitado por um espírito maligno, sendo esta a causa de não residir ninguém ali” (ROCHEFORT, 1672, p. 91, tradução nossa). Na segunda carta escrita pela condessa ocorre a menção ao duende local: “Dom Fernando [de Toledo] me havia dito que passaríamos perto do castelo de Guevara, no qual habitava um duende (...) Subimos à torre sobre a qual se alçava o torreão onde habitava o duende, mas, pelo visto, ele estava de passeio, porque nada ali denunciava sua presença” (AULNOY, 1691, p. 79-81, tradução nossa).

25 Todos que olhavam para ela ficavam perdidamente apaixonados, mas o seu  
26 orgulho e a sua indiferença faziam todos esses amantes morrerem. Mesmo o Basilisco<sup>3</sup>  
27 não teria matado tantas pessoas no mundo quanto a bela e muito perigosa Mira. Agindo  
28 dessa maneira, ela despovoou o reino de seu pai e todos os condados dos arredores, de  
29 modo que só se viam mortos e moribundos por toda parte.

30 Como as tentativas de interpelar a princesa foram em vão, decidiram clamar pelos  
31 rigores da justiça do Céu. Os deuses enfim se irritaram, e as deusas também não tardaram  
32 em se zangar, de sorte que, para puni-la, flagelos vindos do Céu terminaram de devastar  
33 o reino de seu pai. Diante daquela calamidade generalizada, ele consultou o Oráculo, que  
34 lhe disse que todos aqueles infortúnios não cessariam a menos que Mira sofresse as  
35 consequências dos males que seus olhos haviam causado, e para que isso acontecesse, o  
36 rei deveria fazer com que ela partisse, pois os Destinos assim a conduziram para um lugar  
37 fatal onde ela seria atormentada e perderia sua liberdade.

38 A princesa obedeceu, pois acreditava ser impossível sentir alguma ternura por  
39 alguém. Levou apenas a sua criada consigo e se vestiu como uma simples pastora,  
40 temendo que alguém a reconhecesse. Atravessou terras e mares. Percorreu dois terços do  
41 mundo promovendo três ou quatro dúzias de homicídios por dia, pois sua beleza não era  
42 em nada diminuída pelas penúrias da viagem.

43 Enfim ela se aproximou das cercanias desse velho castelo, onde vivia um jovem  
44 conde chamado Nios, dotado de mil perfeições, mas que era o mais arredio de todos os  
45 homens. Ele costumava passear pelo bosque, mas sempre que notava a presença de uma  
46 mulher, fugia imediatamente. E de todas as coisas que ele já havia visto sobre a terra,  
47 considerou aquela jovem princesa a mais detestável delas.

48 Um dia, a bela Mira repousava aos pés de uma árvore quando Nios saiu para  
49 passear vestido com a pele de um leão, com um arco na cintura e uma clava sobre os  
50 ombros. Ele estava com os cabelos todos emaranhados, imundo como um carvoeiro (esse  
51 é um detalhe do conto). A princesa, vendo-o, considerou que aquele fosse o mais belo e  
52 charmoso dos homens. Correu atrás dele como uma louca, mas ele fugiu alucinadamente.

53 Perdendo-o de vista, Mira já não tinha mais como encontrá-lo; eis que ela entrou  
54 em desespero e chorou dias e noites com sua criada. Quando Nios tornou a sair para caçar,  
55 ela o viu novamente e bem que desejou segui-lo: ele, no entanto, assim que a avistou, fez  
56 como na primeira vez, e Mira chorou amargamente. Sua paixão, porém, concedeu-lhe  
57 forças e ela correu mais rápido que ele. Agarrando-o pelos seus longos cabelos, a princesa  
58 implorou para que ele a olhasse, pois acreditava que isso seria o suficiente para cativá-lo.

---

<sup>3</sup> Serpente mitológica que seria capaz de matar apenas ao olhar nos olhos de sua vítima, de modo que a única forma de vencê-la seria colocando-a diante de seu próprio reflexo.

59 Volvendo os olhos para ela, Nios a encarou com profunda indiferença, como se ela fosse  
60 um tronco de madeira.

61 Donzela nenhuma jamais ficara tão perplexa; ainda assim, Mira não pensou em  
62 desistir e foi atrás dele em seu castelo. Porém, assim que a viu entrar, Nios decidiu  
63 abandonar seu palácio e nunca mais voltou a aparecer. A pobre Mira, inconsolável,  
64 morreu de tristeza.

65 Dizem que por isso é possível ouvir longos gemidos advindos do castelo de Nios.  
66 As jovens donzelas do condado costumavam ir até lá levando pequenas oferendas com  
67 frutas, leite e ovos, as quais elas deixavam junto a uma poterna<sup>4</sup> onde ninguém ousa  
68 entrar. Diziam que era para consolar a princesa, mas esse costume supersticioso já foi  
69 abolido.

70 Decerto não acreditei em nada que me disseram em Arganzón a respeito de Mira  
71 e Nios, mas não deixei de me entreter com a récita desse conto, do qual omiti milhares de  
72 pormenores com medo de aborrecê-la por conta de sua extensão. Minha filha, entretanto,  
73 ficou tão entusiasmada que não tivemos como impedi-la de nos fazer retornar ao local  
74 para que ela pudesse deixar algumas perdizes na poterna, as quais haviam sido compradas  
75 pela minha gente. Ela achou que poderia consolar o fantasma da princesa com essa  
76 demonstração de nossa boa vontade. Eu, porém, acredito que teria ficado mais contente  
77 se tivesse saboreado essas perdizes em meu jantar.

---

<sup>4</sup> Porta ou entrada secreta de uma galeria subterrânea que dá acesso ao interior de fortificações militares.

## APÊNDICE C

### Trechos de *Milady*, possível romance póstumo de Madame d'Aulnoy

#### Carta XLII – Enviada de Madame Du Noyer a sua confidente

(DU NOYER, 1707, Tomo II, p. 294-295, tradução nossa)

“[...] Eis o que há atualmente de mais novo em Paris; assim, como eu já não tenho mais nada a lhe dizer, mas você [sempre] gosta de saber mais, vou recorrer ao auxílio de outrem para continuar a lhe trazer novidades. O documento que [envio] junto a esta carta foi escrito por mãos muito melhores que as minhas, as da falecida Madame d'Aulnoy, que, antes de morrer, confiara esse manuscrito a uma de suas boas amigas: portanto, como não o encontraram em seu gabinete depois de sua morte, não puderam imprimi-lo como obra póstuma. Esteja certa de que você lerá algo jamais lido por ninguém; tenha a gentileza de me dizer sua opinião ao me devolvê-lo. Madame d'Aulnoy fez esses escritos apenas para si mesma, e não tinha desejo algum, pelo que dizem, de que essa aventura viesse a lume; mas como parece que todas as pessoas que fazem parte dessa história estão mortas, e que não há nada aparente que entregue a chave [de leitura], não sinto nenhum remorso em compartilhá-lo com você. Pode ser que se Madame d'Aulnoy tivesse tido o desejo de publicá-lo, ele ainda seria revisto e corrigido. Portanto, não fique surpresa se não encontrar nesse pequeno relato todo o rigor que há em suas outras obras; mas você reconhecerá o estilo dela, o qual não deixa ninguém se enganar. Devo lhe dizer ainda que tudo [o que está escrito] é verdadeiro; isso é o que Madame d'Aulnoy disse à sua amiga, e foi essa amiga que me assegurou disso. Portanto, poderá lê-lo como um fato, e não como um romance.”

### **Trecho traduzido de *Milady***

(DU NOYER, 1707, Tomo III, p. 11-34, tradução nossa)

“[...] Milorde de \*\*\*, que nessa ocasião estava na Catalunha, foi para a sua escrivania e redigiu, para a Corte, a carta mais terrível do mundo contra mim: ele me acusava de ter desejado seduzir seu filho a concordar com os interesses do Príncipe de Orange, de ter sido enviada por ele à França para ali influenciar as mentes em seu favor e informá-lo do que se passava em Versalhes e em Saint-Germain, a fim de fomentar as divisões entre essas duas cortes, além de mil outras coisas dessa natureza; tudo isso estava fora do meu alcance. Já que a retidão do meu coração não servia de garantia, ao menos a mediocridade do meu gênio deveria impedir que suspeitassem de mim. Enfim, essa carta chegou à Corte ao mesmo tempo em que os partidários da viúva faziam suas acusações contra mim, e que a cópia da minha carta, anexada a um grande memorial, fora apresentada ao Ministro, o que fez com que ele tomasse as resoluções mais violentas; a queixa de Milorde apressou a execução.

Eu mal havia chegado de Fontainebleau quando fui presa. Como eu não havia recebido resposta do Chevalier, estava um pouco indignada contra ele; movida pelo desejo de esquecê-lo, não tive mais vontade de retornar à minha antiga vizinhança. Decidi alojar-me em Marais, mas ele me encontrou bem depressa, e, logo na manhã seguinte à minha chegada, eu o vi entrar em meu quarto com aquele ar de confiança de quem não carrega culpa alguma. Quando eu o censurei por seu silêncio, ele pareceu surpreso e protestou, com muita ingenuidade, que havia, sim, respondido à minha carta, e que eu não tivesse dúvidas de que a dele devia ter se perdido no [serviço] postal. Nós voltamos a ser os melhores amigos do mundo.

Ele nunca esteve tão belo: sua saúde havia sido restabelecida e trajava vestes novas, impecáveis e magníficas, bem como uma pequena pluma azul que fazia de sua aparência a melhor do mundo. Enfim, tudo o que ele usava era de muito bom gosto, estava muito bem arrumado; pouca gente saberia se vestir tão bem assim. Pedi a ele que fosse falar com

o hoteleiro a fim de renovar minha estadia, mas não houve necessidade, pois, pouco tempo depois dele ter saído, vieram me conceder uma [diária] às despesas do Rei.

Às oito horas da noite, eu estava deitada em minha cama com minha filhinha<sup>1</sup>. Como estava um pouco cansada dessa viagem, logo comecei a cochilar, ao passo em que a pequenina já estava em um sono profundo. Foi quando, de repente, alguém abriu a porta violentamente. De início, pensei que fosse o jantar que costumavam trazer, mas logo fui desenganada: vi um homem alto, vestido de preto, que, com um olhar atravessado, tocou-me com um bastão e disse que me faria prisioneira. Ele estava seguido de uma [grande] quantidade de soldados que começaram a vasculhar meu quarto e que me ordenaram a entregar-lhes todos os meus pertences. Eu não tive como obedecê-los: disse-lhes que só estava de passagem em Paris, que não havia trazido nada além de minha toalete, que estava pendurada no cabideiro que eu lhes mostrei, e que foi apreendido.

Enquanto eles se entretinham a vasculhar, peguei os papeis e as joias que havia guardado em outro lugar e os escondi em meu seio sem que eles percebessem. Enquanto isso, minha pequena chorava a plenos pulmões, crendo que da prisão ao cadafalso havia apenas um passo. Não importava o quanto eu lhe dissesse que não havia cometido crime algum e que ela não tinha nada a temer, nada disso a tranquilizava. Ela se colocou entre os agentes e eu, ao que esses brutos, cansados de ouvi-la [chorar], empurraram-na para o outro lado e ordenaram que eu descesse o mais depressa possível. Eu não os fiz pedir outra vez e os segui sem murmurar. A parte mais difícil foi ver um conhecido muito próximo<sup>2</sup> no comando dessa horda, aquele a quem eu havia ajudado a prosperar: fora ele que me indicara esse alojamento, e que agora, como um outro Judas, conduzia a marcha; e tudo pelo mesmo motivo, [dinheiro], acreditando que teria seus interesses atendidos. A única diferença que encontrei entre ele e o apóstata é que, no lugar de uma lanterna, o primeiro

---

<sup>1</sup> Marie-Angélique, primogênita da autora, nasceu em janeiro de 1667. Nessa ocasião (presumidamente 7 de dezembro de 1669), ela tinha quase três anos de idade. Marie-Anne, a segunda filha, nasceu em 27 de outubro de 1668; tomando o presente relato como um fato, acredita-se que a filha mencionada seja Marie-Angélique.

<sup>2</sup> Segundo Jeanne Roche-Mazon (1930, p. 116), tratava-se, presumidamente, de Claude de la Motte, irmão de François, cunhado de Marie-Catherine.

carregava uma vela em suas mãos; de resto, era ele quem dava todas as ordens e conduzia o bando.

Ao perceber que eu o encarava com indignação, disse-me que se sentia muito triste por ter de me dar um “boa noite” como esse, mas que fora obrigado, e que eu não poderia culpar ninguém além de mim mesma pela tristeza que me causavam. Tudo isso me foi dito com um ar insultante, ainda que um pouco confuso, ao que respondi apenas com um sorriso de desprezo. Lá embaixo, encontrei uma sege<sup>3</sup>, na qual me fizeram entrar com minha pequena, que com seus gritos havia obtido um meio de me acompanhar em meu destino. Também deixaram entrar uma de minhas parentes que se encontrava nas redondezas; ela havia corrido para me socorrer ao escutar a algazarra. Em seguida, o veículo foi bem fechado; escoltadas pelos puxa-sacos e pelo meu Judas, tomamos o rumo da Conciergerie.

Minha parente me disse e repetiu inúmeras vezes que eu poderia confiar nela, e o medo de ser revistada na prisão fez com que eu lhe entregasse o que havia escondido em meu seio. Pedi a ela que entregasse tudo aquilo a um velho senhor cuja probidade eu bem conhecia. Meu espírito se tranquilizou um pouco depois disso. Assim que descemos da carroça, minha parente me abraçou e se despediu. Em seguida, me fizeram entrar na prisão, a qual eu não achei assim tão assustadora quanto havia imaginado. Conduziram-me a um belo quarto onde havia uma boa lareira, pois fazia muito frio. Uma vez ali, o homem desonesto do qual já falei me fez uma grande exortação, argumentando que estavam me tratando com muita doçura, e que eu devia reconhecer isso. Disse-me que esperava que naquela noite eu fizesse sérias reflexões sobre minha situação, que ele dependia de minha boa vontade para obter uma confissão sincera, e que me dava até quarta-feira (era sábado à noite) [para isso], mas que se eu abusasse dessa graça e o prazo expirasse, seria colocada nos cômodos sombrios e assustadores em que prendiam os que eram destinados à forca e ao cadafalso, com os quais eu seria confundida. Respondi que a única coisa que me surpreendia nessa ameaça era a audácia que ele tinha de fazê-la,

---

<sup>3</sup> Antiga carruagem de duas rodas e um só assento, com a frente fechada por cortinas ou vidraça e puxada por dois cavalos.

insultando uma pessoa cujos interesses ele deveria defender. Disse-lhe que sua atitude era a mais infame e mais covarde do mundo, que sentia vergonha e que considerava o maior dos meus infortúnios o fato de ter parentesco com ele. Afirmei, por fim, que daria conta de minha conduta apenas aos meus juízes, e como não o reconhecia como tal, não tinha nada para lhe dizer, a não ser pedir que me desse de beber, ainda que eu temesse receber fel ou vinagre. Ele fez com que me conduzissem ao bebedouro, onde brindei por sua saúde; nunca me senti tão contente por mim mesma do que naquela noite. Enfim, não podendo mais suportar os meus modos irônicos, ele partiu, aconselhando-me novamente a pensar em mim e a não esperar até que alguém me transferisse para outro lugar. Retorqui dizendo ter esperança de que não seria enforcada. “Eu não sei de nada”, ele me respondeu, afastando-se.

Era quase onze horas e eu não havia jantado; mas tendo visto que não havia mais ninguém para falar comigo, não pedi nada, a não ser que os dois homens que estavam em meu quarto tivessem a gentileza de permitir que eu me deitasse. Eles saíram, mas assim que eu fui para a cama com minha filha, eu os vi retornar com mantas e cobertores que foram estendidos no chão, sobre os quais eles se deitaram depois de terem passado a chave na porta. Aquilo me chocou bastante: dois homens deitados no quarto de uma mulher! Eu me matei de tanto lhes dizer que aquilo não era adequado, que eles poderiam colocar seus leitos do lado de fora e barricar a porta como desejassem. Meu belo discurso não surtiu efeito: eles me responderam dizendo que não me fariam mal algum, que eram pessoas honradas e que haviam recebido ordens de me manter à vista noite e dia. Assim, depois de ter insistido, só me restou consentir em partilhar dessa indigna companhia, pois a razão do mais forte é sempre a melhor. Antes de se deitarem, eles fumaram alguns pitos de tabaco, atingindo-me com o odor da fumaça, e se refrescaram com alguns goles de aguardente. Eu não ousei adormecer, afinal, além de ouvi-los roncar, fiquei muito inquieta nessa primeira noite. Mas como há um jeito para todas as coisas, percebendo que não me aconteceria nada, acabei me acostumando nas noites seguintes.

Enquanto isso, na manhã seguinte, boatos sobre a minha reclusão se espalharam por toda parte, e meus inimigos não deixaram de reavivar outros [boatos] que haviam



circulado desde minha chegada aqui [na França]. Supondo que eu não encontraria muita proteção por aqui, nossos ciumentos compatriotas tiveram o cuidado de espalhar que eu era uma espiã e centenas de outras coisas dessa natureza, [e o faziam] na tentativa de evitar os prejuízos que eles temiam que eu pudesse lhes causar por influência do meu pequeno mérito. Estejais bem certa de que minha prisão aumentou e muito a coragem deles. Uns até se gabavam do dom da profecia, tal como as pessoas do Delfinado<sup>4</sup> podiam fazer, dizendo: “Bem que eu sempre acreditei que essa mulher tinha um bom motivo para não voltar aqui, ela nunca me enganou com todo esse grande sacrifício que ela se gaba de ter feito”. Outros diziam: “Essa é uma mente perigosa e hábil”, e todos concluíram, com prazer, que me veriam ser executada, afinal, não havia motivo para menos; era o que reivindicavam.

O pobre Chevalier Cheiles logo ficou sabendo do que se passava e veio à Conciergerie demonstrar o seu pesar e para me oferecer os seus serviços; ele ainda não sabia da parte que tinha nessa situação.

— Fico triste em ter de interromper-vos — disse a Condessa. — E de vos deixar na prisão; mas já que tendes uma companhia tão agradável quanto a do Chevalier, creio que posso deixar-vos lá e esperar até amanhã para tirar-vos dela, pois é bom que saíamos daqui, onde mal conseguimos enxergar.

— Tendes razão — respondeu Milady. — Bem que eu havia previsto que talvez teríeis dificuldade de fazer com que eu me calasse, tal como tivestes para que eu começasse a falar. Afinal, é como dizem: a comer e a coçar só custa começar<sup>5</sup>.

— Eu ficaria muito triste se a história terminasse nesse ponto — disse a Condessa. — Não quero deixar de saber a continuação; nós retomaremos o fio da meada amanhã. O trecho em que parastes é deveras memorável para ser esquecido. Vamos retornar a Chaillot para ver se Milorde não está à nossa espera.

---

<sup>4</sup> Nos anos 80 do século XVII, uma grande parte da população de Cévennes (região que abriga Vivarais e o Delfinado) era protestante. Obrigados a se converterem ao catolicismo, muitos desses acabaram se tornando “profetas” que traziam revelações do Espírito Santo contra alguns dogmas da fé católica. Ao que as pesquisas indicam, esse movimento se configurou como um fenômeno de resistência à conversão (BLANC, 1943).

<sup>5</sup> “[...] car il n’y a, comme on dit, que la première pinte qui coûte.”

Conversando, as duas chegaram aos portões do Parque, onde a carruagem as esperava. Sob o mais belo clima do mundo e à melhor hora do dia, elas retornaram a Chaillot, onde a Condessa encontrou seu esposo, o qual, ainda que muito irritado, estava com um excelente humor naquele dia. Pouco tempo após a chegada das damas, todos jantaram. A conversação foi sobre amenidades e as despesas ficaram às custas de Milorde, que contou milhares de ótimas novidades às damas. Como ele tinha assuntos a resolver em Paris, propôs que fossem para lá no dia seguinte; elas concordaram e, por isso, decidiram que seria bom ter uma boa noite de descanso. Milady repousou no mesmo quarto em que já havia dormido. Logo ao amanhecer, os cavalos foram arreados e a carruagem preparada.

Chegaram em Paris em boa hora. Milorde entrou em seu gabinete para fazer seus despachos. A Condessa pediu à sua amiga que ficasse para o jantar; uma vez aceito o convite, sugeriu-lhe que continuasse sua história.

— Eu pretendo, minha querida — disse-lhe ela. — Tirar-vos do lugar onde fomos deixadas ontem à noite; ademais, parece-me que tendes um pouco de pressa para que saí de lá. O fato é que fostes deixada na companhia do Chevalier, e que sua presença era bem oportuna para resguardar-vos do tédio.

— Ah, Madame! — disse Milady. — Ao contrário do que imaginais, ele não permaneceu por muito tempo. Deixou-me depois de ter assegurado que estava disposto a arriscar de tudo e a fazer de tudo para conquistar minha liberdade. Agradei e disse-lhe que esperava provar minha inocência e que contava com a probidade dos meus juízes. Pedi-lhe que não se envolvesse nisso, pois temia que se comprometesse por minha causa.

Ele voltou a me visitar na noite daquele mesmo dia; depois disso, não voltei a vê-lo enquanto estive lá, nem sequer ouvi falar de sua pessoa. Todos me abandonaram, crendo que eu estivesse perdida. Passei dezessete dias sozinha junto dos dois guardas e da minha filha; permitiram que eu a mantivesse comigo sob pagamento. Podeis presumir que não passei momentos dos mais agradáveis... Meus guardas bem que tentavam me alegrar e me diziam para ter coragem, isso sob o efeito das garrafas de aguardente que eu tive o cuidado de lhes oferecer de tempos em tempos em nome de nossa boa convivência.

Eles me contavam centenas de histórias sobre os criminosos que haviam capturado e sobre os diversos suplícios que lhes fizeram sofrer; como quem fala demais dá bom dia a cavalo<sup>6</sup>, e essas “pessoas honestas” não passavam de cãezinhos de carrascos, eles só me entretinham falando de forcas e rodas de tortura. Esses relatos faziam com que eu tivesse sonhos não muito agradáveis; em suma, passei dias e noites de grande tristeza.

Apesar da aflição causada pela incerteza dos acontecimentos futuros, conseguiram para mim um advogado muito hábil, que, depois de ter feito milhares de perguntas e examinado os autos da acusação que fizeram contra mim, concluiu que eu era inocente. Alertou-me, porém, que seria difícil provarmos isso, pois o caso havia se tornado tão complicado que era de se temer as más consequências que poderiam me sobrevir. Para piorar, ninguém queria tomar o meu partido; o caso era de tal natureza grave que ninguém se dignou a demonstrar-me zelo algum contra meus acusadores. Tão somente o Príncipe D\*\*\* foi quem teve a generosidade de se declarar a meu favor. Enviou-me visitas na prisão, me escreveu cartas e se ofereceu para falar com meus juízes; enquanto isso, os que eram mais próximos a mim viraram-me as costas. Portanto, jamais esquecerei a gratidão que devo a ele. E se eu nunca puder retribuir, ao menos farei com que todos saibam.

Apesar de estar me saindo bem na prisão, havia o desgosto de ter de comer com meus guardas, que metiam a mão no prato, brindavam à minha saúde e me tratavam como um de seus companheiros. Eles começavam a conversar comigo logo ao amanhecer, antes mesmo de se levantarem, perguntando se eu havia dormido bem. Tive de me esforçar para começar a me acostumar com seu convívio e a comer as coisas que eles haviam tocado. Mas eu tinha de me acostumar, pois não havia ninguém para me servir; eram eles que me davam de beber, muitas vezes sem nem ter lavado o copo onde haviam bebido antes de mim. Ora, não havia mais condições de me fazer de delicada; fui obrigada a superar minha repugnância. Se a necessidade me obrigava a sair de meu quarto, eles me seguiam aonde fosse e depois me traziam de volta. Enfim, eles nunca me perdiam de vista.

---

<sup>6</sup> “[...] *il souvient toujours à Robin de ses flûtes...*”: antigo provérbio francês utilizado para se referir a alguém que, uma vez tomada a palavra, não para de falar.

Nesse estado, o único prazer que eu pude ter era o de ficar à janela, exposta ao frio extremo, até que meu nariz ficasse bem gelado, para depois aconchegar-me à lareira. Eu fazia essa atividade o tanto quanto podia a fim de me distrair.

— Até que não foi uma má ideia! — disse a Condessa. — Também poderíeis ter contraído uma doença para depois sentirdes o prazer causado pelo restabelecimento da saúde!

— Ora, estais zombando de mim! — disse Milady. — Bem se vê que nunca estivestes presa, do contrário jamais brincaríeis com algo assim. O que diríeis de M. Pelisson, um dos mais belos espíritos deste reino, que, durante todo o tempo em que estivera na Bastilha, tinha por única diversão retirar os alfinetes dos papéis ali guardados, espalhá-los no quarto e depois recolhê-los um a um, para então colocá-los de volta em seus buracos. Credes em mim, é muito melhor se entreter dessa forma em vez de se entregar aos maus pensamentos, tal como aconteceu com muitos outros cujas cabeças foram perturbadas pela prisão.

— Tendes razão — interrompeu a Condessa. — E não há dúvidas de que deve ser para evitar esses inconvenientes que os pagãos lançavam seus criminosos ao Tártaro e davam-lhes ocupações tão úteis quanto a de M. Pelisson. Com medo de que Sísifo e as Danaides se entediassem, um foi obrigado a carregar uma enorme rocha continuamente até o alto de uma montanha, e as outras a pegarem água com peneiras. Como vedes, até que não foi uma má ideia!

— Ride o quanto quiser — disse Milady. — Se estivésseis nessa situação, agiríeis como todos os outros.

Pois bem, deram prosseguimento ao meu processo; houve apelos contra mim e a meu favor. Por fim, apresentaram a cópia dessa carta fatal que eu havia escrito ao Chevalier. Fui interrogada a esse respeito; respondi naturalmente que essa carta fora escrita em Fontainebleau e era destinada a um jovem inglês amigo meu que estava em Paris. Disse que eu a endereçara a uma certa dama e que seu conteúdo não passava de uma questão de galanteria. Esclareci que a “Princesa” a quem eu me referia era minha filha, e que o “sujeito em questão” era a dama a quem eu havia endereçado a carta, pois

pensava que ela nutria algum sentimento pelo Cavalier<sup>7</sup> a quem eu escrevia. Perguntaram-me o nome desse Cavalier. Respondi que a referida dama bem sabia, e que já que ela tinha muita consideração por ele e não desejava envolvê-lo no caso, eu deveria proceder da mesma maneira e não agir de forma a prejudicá-lo. Por fim, disse que seria bom se interrogassem essa dama e que não tinha mais nada a declarar.

Eles notaram que havia muita veracidade no que eu lhes dizia; meu ar firme e ingênuo fez com que os juízes começassem a abrir os olhos. Eles examinaram o caso com cuidado. A viúva se atrapalhou em suas respostas; meus acusadores desistiram de suas denúncias e confessaram que suas suspeitas foram mal fundadas. Não há dúvidas de que eles deveriam ter sido punidos, mas a política da Corte não permitiu. Esses proclamadores de falsos testemunhos se esconderam atrás de um zelo fingido e de boas intenções dissimuladas; eles foram poupados para não afugentar os que poderiam vir a prestar testemunhos verdadeiros. Eis o motivo pelo qual não entendo o golpe que tentaram pregar em mim: a ação foi encerrada e eu soube que a Corte chegou mesmo a rir. Francamente, era mesmo um caso risível.

Plenamente convencidos da minha inocência, os juízes ordenaram minha soltura. O indigno parente que fora me deter pessoalmente e que havia conduzido o processo de meu aprisionamento, esperando disso fazer fortuna, foi quem teve de arcar com todas as despesas. Meu advogado veio me dizer que não havia mais nada que impedisse minha soltura a não ser o dinheiro necessário para suspender o processo; ainda que favorável a mim, era necessário um pagamento para encerrá-lo. Isso me deixou embaraçada: os bens que eu havia entregado aos cuidados do bom ancião precisavam ser vendidos para que eu tivesse a soma. Eu bem que poderia providenciar isso, mas eu não tinha meios para tal, e era uma situação urgente. Por fim, volvi os olhos a um padre amigo meu, o qual tinha boas condições de me emprestar essa quantia. Escrevi-lhe uma carta das mais comoventes, na qual ressalté o fato de a liberdade ser o maior de todos os bens e que para recuperar a minha, precisava do dinheiro que lhe pedia. Disse que não teria pensado em pedir-lhe emprestado se não tivesse condições de poder devolver-lhe em até três dias, e

---

<sup>7</sup> Daqui em diante, *Chevalier* passa a ser grafado *Cavalier*.

que esperava que ele não me recusasse esse socorro, sem o qual me seria impossível sair desse cativeiro e fazer prevalecer a justiça que me foi feita. Minha filha entregou essa carta ao padre, que me escreveu, em resposta, dizendo que ficara desesperado pela situação em que eu me encontrava, sobretudo pelo fato de que ele não estava em condições de ajudar, e que não podia fazer outra coisa senão me desejar bons votos. Falando dessa maneira, o “novo santo” selou sua carta tal como o rato de La Fontaine fez<sup>8</sup>.

— Que rato é esse? — perguntou a Condessa.

— É o rato de uma fábula de La Fontaine — Milady respondeu. — E que ilustra muito bem esse caso; podeis ler essa história em suas obras, tem por título “O rato que se retirou do mundo”.

A maneira como meu padre me respondeu deixou-me deveras desconcertada; eu já não sabia com quem contar. Enfim, pensei em recorrer ao Príncipe D\*\*\*, que, como havia dito, me ofereceu toda ajuda que estivesse ao seu alcance, e que, com toda honestidade do mundo, enviou-me a quantia que eu havia pedido e me fora recusada pelo devoto. Entreguei o dinheiro ao meu advogado, que, pouco tempo depois, veio me libertar, acompanhado de oficiais da justiça.

Tão logo saí, enviei uma carta ao Chevalier Cheiles para saber notícias suas, pois temia que alguma coisa pudesse ter acontecido. Ademais, não ousara me comunicar com ele enquanto estive presa, com medo de envolvê-lo no caso. Ele foi o primeiro a me encontrar, e confessou-me, depois de eu ter perguntado o porquê de ter me abandonado em minha adversidade, que o impediram de voltar a me ver. Que os amigos de seu pai, aos quais ele devia respeito, disseram-lhe que ele estaria perdido se aparentasse ter ligações com uma pessoa acusada do crime de lesa-majestade, e que expressavam esses juízos em um tom um tanto violento. Dito isso, passaram a segui-lo por toda parte; enfim, mesmo fora da prisão, ele estivera como eu, sempre à vista dos guardas. Depois, o Chevalier quis saber como eu havia feito para me justificar e afirmou que eu sempre estive em seu pensamento, ainda que tivessem feito de tudo para me difamar. Disseram-lhe que

---

<sup>8</sup> Rato da fábula “O rato que se retirou do mundo”, religioso que depois de ter feito fortuna tornou-se eremita e passou a recusar ajuda aos seus antigos companheiros; seu auxílio em tempos de guerra foram tão somente os “bons votos” para que tudo melhorasse.

eu estava envolvida em conspirações, tentando cooptar jovens ao partido do Príncipe de Orange, que estava em Fontainebleau para isso, e que as cartas interceptadas revelavam meu esquema.

Ele ficou bem surpreso quando eu disse que as cartas a que se referiam eram as que eu lhe escrevera, cujas respostas jamais chegaram até mim, tal como eu lhe dissera. Nós não tivemos muita dificuldade em adivinhar de onde viera esse golpe, mas ele não pensava em se vingar, pois faria mal à sua corte. Convimos, então, que deveríamos deixar o tempo passar e dissimular nossos ressentimentos, pois era o que a política demandava. Desse momento em diante, só nos ocupamos com o prazer de nos revermos.

Como todo mundo me abandonou em minha desgraça, resolvi abandonar todo mundo por minha vez. Sem lamentar por ninguém, rompi todas as relações que tinha com meus antigos conhecidos e mantive contato apenas com o Chevalier, que tomou o lugar de todos, e que, para recuperar o tempo perdido, vinha me ver três vezes ao dia. Afinal, depois do que havia acontecido, só pensávamos em ficar juntos.”

### **Carta XLIII – Resposta que Madame Du Noyer recebeu de sua confidente**

(DU NOYER, 1707, Tomo III, p. 118-119, tradução nossa)

“Eis, Madame, o manuscrito que você quis compartilhar comigo, eu o reenvio. Creio que o público está sendo lesado por não o imprimirem, e eu lhe condeno a [realizar] essa restituição. Todas as obras de Madame d’Aulnoy merecem vir a lume. E mesmo que nessa pequena obra não haja eventos impactantes, ainda assim ela é muito tocante, escrita de um modo a interessar os leitores. Quanto a mim, eu vos digo que, depois de haver julgado as fraquezas de Milady, lastimei seus infortúnios e lamentei seu triste destino; estou realmente persuadida [a crer] que de tal exemplo é possível obter, por oposição, um ótimo efeito. E tal como os Lacedemônios fazem suas crianças conhecerem os vícios ao lhes apresentarem o horror, nosso sexo poderia encontrar nessa aventura algumas lições para evitar as artimanhas do amor e as armadilhas contra as quais a ternura fatal quase sempre nos precipita. Veja bem, Madame, que reflexões como essas seriam muito

apropriadas para proteger nossos corações desses tipos de fraquezas. Portanto, assim como Milady me fez fazer, concluo que a leitura de sua história poderia ser útil ao público, e que por esse motivo você deveria publicá-la. Esse foi meu sentimento e tudo o que eu tinha a lhe dizer sobre esse assunto.”



## APÊNDICE D

### Linha do tempo

(1600-1715)

| Ano  | Ocorrência   |
|------|--|
| 1602 | Tommaso Campanella (1568-1639) publica <i>A Cidade do Sol</i>  |
| 1607 | Tem início a publicação de <i>Astreia</i> , de Honoré d'Urfé (1568-1625)   |
| 1609 | Johannes Kepler (1571-1630) publica <i>Astronomia Nova</i>   |
| 1610 | Galileu Galilei (1564-1642) publica <i>O Mensageiro das Estrelas</i>   |
| 1618 | Início da Guerra dos Trinta Anos, um dos maiores conflitos da história da Europa, em que a França esteve diretamente envolvida                     |
| 1620 | Francis Bacon (1561-1626) publica <i>Novum Organum</i>   |
| 1623 | Publicação póstuma da primeira coleção de obras de William Shakespeare (1564-1616)   |
| 1624 | O Cardeal Richelieu (1585-1642) é nomeado primeiro-ministro de Luís XIII e dá início ao processo de centralização de poder na França (absolutismo) |
| 1628 | William Harvey (1578-1657) publica <i>Estudos Anatômicos dos Movimentos do Coração e do Sangue nos Animais</i>                                     |
| 1631 | Erupção do Vesúvio enterra vilarejos sob a lava e deixa cerca de três mil mortos   |
| 1632 | Rembrandt (1606-1669) apresenta seu quadro <i>Aula de Anatomia do Dr. Tulp</i>   |
| 1634 | Johannes Kepler tem sua obra <i>O Sonho</i> publicada postumamente   |
| 1637 | → René Descartes (1596-1650) publica <i>Discurso sobre o Método</i>  |
|      | → Pierre Corneille (1606-1684) publica <i>O Cid</i>  |
|      | → Peter Paul Rubens (1577-1640) dá início ao seu quadro <i>As Consequências da Guerra</i> , em referência ao saldo da Guerra dos Trinta Anos       |
| 1638 | 5 de setembro – Nasce Luís XIV   |
| 1642 | Dezembro – Morre o Cardeal de Richelieu, primeiro-ministro da França; assume o Cardeal Jules Mazarin (1602-1661)                                   |
| 1643 | 14 de maio – Morre Luís XIII; o Reino de França e Navarra permanece sob a regência de Ana de Áustria   |
| 1648 | Fim da Guerra dos Trinta Anos, com um saldo de mais de oito milhões de mortos  |
|      | Início das Frondas, guerras civis francesas (até 1653)   |

- 1651** Thomas Hobbes (1588-1679) publica *Leviatã*  
7 de setembro – É proclamada a maioridade de Luís XIV, aos treze anos
- 1652** Nasce Marie-Catherine Le Jumel de Barneville, Madame d'Aulnoy  
→ 7 de junho – Coroação de Luís XIV na Catedral de Notre-Dame de Reims
- 1654** → Início da publicação do romance precioso *Clélie*, de Madeleine de Scudéry (1607-1701)
- 1656** Jean-Baptiste Lully (1632-1687) apresenta o *Balé de Psiquê ou O Poder do Amor*
- 1657** Cyrano de Bergerac (1619-1655) publica *Viagem à Lua (O Outro Mundo ou Os Estados e Impérios da Lua)*
- 1654** Primeira encenação da comédia *As Preciosas Ridículas*, de Jean-Baptiste Poquelin, o Molière (1622-1673)
- 1661** Morre o Cardeal Jules Mazarin, primeiro-ministro da França; assume Jean-Baptiste Colbert (1619-1683)
- 1665** Jean de La Fontaine (1621-1695) inicia a publicação de seus *Contos e Novelas em Versos*  
→ 8 de março – Marie-Catherine Le Jumel de Barneville casa-se com François de la Motte
- 1666** → Isaac Newton (1652-1727) observa a refração de cores a partir de um prisma  
→ Janeiro – Nasce Marie-Angélique, primeira filha de Marie-Catherine  
→ Novembro – Nasce Dominique-César, segundo filho de Marie-Catherine
- 1667** → Início da Guerra da Devolução (até 1668), primeira das guerras de expansão da coroa Francesa  
→ Jean Baptiste Racine (1639-1699) publica a tragédia *Andrômaca*  
→ Jean de La Fontaine publica o primeiro volume de *Fábulas*
- 1668** → Outubro – Nasce Marie-Anne, terceira filha de Marie-Catherine  
→ Johannes Vermeer (1632-1675) apresenta seu quadro *O Astrônomo*  
→ Dá-se início às reformas do Palácio de Versalhes  
→ Jean de La Fontaine publica a ópera *Os Amores de Psiquê e Cupido*
- 1669** → Setembro – François de la Motte é preso na Bastilha, falsamente acusado do crime de lesa-majestade  
→ Novembro – Nasce Judith-Henriette, quarta filha de Marie-Catherine
- 1670** → Janeiro – François de la Motte retoma sua liberdade
- 1671** → Philippe Quinault (1635-1688) assina o libreto do balé trágico *Psiquê*, de Jean-Baptiste Lully, em conjunto com Pierre Corneille e Molière
- 1672** → Início da Guerra Franco-Holandesa (até 1678)
- 1674** → Nicolas Boileau (1636-1711) publica sua *Arte Poética*
- 1676** → Outubro – Nasce Therese-Aimée, quinta filha de Marie-Catherine

|      |  |
|------|--|
| 1677 | → Baruch Espinosa (1632-1677) tem sua obra <i>Ética</i> publicada postumamente   |
|      | → A corte e o governo da França começam a se mudar para Versalhes  |
| 1678 | → Marie-Madeleine Pioche de La Vergne (1634-1693), Madame de La Fayette, publica, anonimamente, <i>A Princesa de Clèves</i>  |
| 1679 | → Edmond Halley (1656-1742) publica <i>Catálogo das Estrelas</i>   |
| 1680 | → Início da publicação de <i>Meditações sobre Conhecimento, Verdade e Ideias</i> , de Gottfried Wilhelm von Leibniz (1646-1716)                                    |
| 1682 | → A corte de estabelece oficialmente no Palácio de Versalhes   |
| 1684 | → Isaac Newton comunica suas descobertas a respeito da gravidade   |
|      | → Bernard de Fontenelle (1657-1757) publica <i>Diálogos sobre a Pluralidade dos Mundos</i>   |
| 1686 | → Dezembro – Marie-Catherine recebe ordens para ser mantida no Convento das Ursulinas de Blois   |
|      | → Leitura de <i>O Século de Luís, O Grande</i> , de Charles Perrault (1628-1703), na Academia Francesa   |
| 1687 | → Isaac Newton publica seus <i>Princípios</i>  |
|      | → Julho – Marie-Catherine recebe ordens para ser transferida do Convento das Ursulinas de Blois aos Hospitalários da Misericórdia de Jesus, em Paris               |
| 1689 | → John Locke (1632-1704) publica <i>Ensaio acerca do Entendimento Humano</i>   |
|      | → Madame d’Aulnoy publica <i>História de Hipólito, Conde de Duglas</i> , novela que contém o primeiro conto de fadas literário da história: “A Ilha da Felicidade” |
| 1690 | → Madame d’Aulnoy publica <i>Memórias da Corte da Espanha</i>  |
|      | → Charles Perrault publica o conto em versos “A Marquesa de Saluces ou A Paciência de Grisélidis”  |
|      | → Jean de La Fontaine publica a ópera <i>Astreia</i>   |
| 1691 | → Madame d’Aulnoy publica <i>Relatos da Viagem pela Espanha</i> , compêndio epistolar que contém o episódio fantasioso conhecido como “História de Mira”           |
|      | → Madame d’Aulnoy publica duas paráfrases de salmos bíblicos: <i>Sentimentos de uma Alma Penitente</i> e <i>O Retorno de uma Alma a Deus</i>                       |
|      | → Madame d’Aulnoy publica <i>História de Jean de Bourbon, Príncipe de Carency</i>  |
| 1692 | → Madame d’Aulnoy publica <i>Novelas Espanholas</i>  |
|      | → Charles Perrault publica o conto em versos “Os Desejos Ridículos”  |
| 1693 | → Madame d’Aulnoy publica <i>Notícias ou Memórias Históricas</i>   |
|      | → Início de severas ondas de fome pela França que se repetem até a primeira década do século XVIII, matando mais de dois milhões de pessoas                        |

- Madame d'Aulnoy publica *Memórias da Corte da Inglaterra*
- 1694** → Charles Perrault e Nicolas Boileau (1636-1711), rivais na Querela dos Antigos e Modernos, se abraçam em público, diante da Academia Francesa
- Morre Jean de La Fontaine
- 1695** → Marie-Jeanne L'Héritier de Villandon (1664-1734) publica *Obras Mescladas*, com dois contos de fadas
- Os manuscritos dos *Contos ou Histórias dos Tempos Passados com Moralidades* de Charles Perrault começam a circular
- 1696** → Catherine Bernard (1662-1712) publica *Inês de Córdoba*, novela espanhola, contendo dois contos de fadas
- Charles Perrault publica o conto em prosa “A Bela Adormecida no Bosque”
- 1697** → Madame d'Aulnoy publica os três primeiros tomos de *Os Contos de Fadas*
- Charlotte-Rose Caumont de La Force (1654-1724) publica *Contos dos Contos*, contendo oito contos de fadas
- Charles Perrault publica *Histórias ou Contos dos Tempos Passados com Moralidades*, contendo oito contos de fadas
- 1698** → Madame d'Aulnoy publica o quarto tomo de *Os Contos de Fadas* e os quatro tomos de *Novos Contos ou A Moda das Fadas*
- Chevalier de Mailly (1657~1724) publica *Ilustres Fadas, Contos Galantes*
- Henriette-Julie de Castelnau de Murat (1670-1716) publica *Contos de Fadas e Novos Contos de Fadas*
- Jean de Préchac (1647-1720) publica *Contos Menos Contados que os Outros*
- Catherine Durand (?-1736) publica *A Condessa de Mortane*, que contém um conto de fadas
- Henriette-Julie de Castelnau de Murat publica *Histórias Sublimes e Alegóricas*, com quatro contos de fadas, e *Viagem à Campina*, com um conto
- 1699** → François de Salignac de La Mothe-Fénelon (1651-1715) publica anonimamente *As Aventuras de Telêmaco*, romance didático
- 1700** Agosto – Morre François de la Motte
- 1702** → Maio – Morre, na Espanha, Judith-Angélique, mãe de Marie-Catherine
- Louise de Bossigny (?-?), Madame d'Auneuil, publica *A Tirania das Fadas é Destruída*
- Catherine Durand publica *Novelas de Tempos Diversos*, contendo três contos, e *Pequenas Refeições do Ano de 1699*, contendo dois contos
- 1703** → Madame d'Aulnoy publica *O Conde de Warwick*
- Morre Charles Perrault
- 1704** → Luís XIV envia a Marie-Catherine uma gratificação no valor de mil e quinhentas libras
- Antoine Galland (1646-1715) publica sua tradução de *As Mil e uma Noites*
- 1705** → 13 de janeiro – Falecimento de Marie-Catherine aos cinquenta e dois anos

→ Marie-Jeanne L'Héritier de Villandon publica *A Torre Tenebrosa e os Dias Luminosos, Contos Ingleses*, contendo um conto de fadas

**1709** Louise de Bossigny publica *Os Cavaleiros Errantes e O Gênio Familiar*, contendo um conto de fadas

**1715** 1 de setembro – Morre Luís XIV, aos setenta e seis anos

## APÊNDICE E

### Paratextos (dedicatórias e prefácios traduzidos em fac-símile)

#### 1. *História de Hipólito, Conde de Duglas* (1690)

|   |   |
|---|---|
| <p>A SON ALTESSE SERENISSIME<br/>M A D A M E<br/>LA PRINCESSE<br/>DE CONTY.</p> <p>M A D A M E,</p> <p><b>H</b>'Histoire que je viens d'écrire seroit devenuë la plus sérieuse occupation de ma vie, si j'avois osé me promettre qu'elle eût pû vous plaire, &amp; bien que VOTRE ALTESSE SERENISSIME m'ait fait l'honneur de s'arrêter quelques momens à la lire je n'ai pas laissé d'hesiter à prendre la liberté de de vous l'offrir, mais aussi,</p> <p>* 2</p> | <p>A SUA ALTEZA SERENÍSSIMA,<br/>MADAME<br/>PRINCESA DE CONTI<sup>1</sup></p> <p>MADAME,</p> <p>A história que acabo de escrever teria se tornado a mais séria ocupação da minha vida se eu tivesse ousado comprometer-me a torná-la agradável a vós. E já que VOSSA ALTEZA SERENÍSSIMA me concedeu a honra de dedicar alguns momentos para lê-la, não hesitei em tomar a liberdade de vos oferecê-la. Ademais,</p> |
|---|---|

<sup>1</sup> Os príncipes e princesas de Conti formavam uma linhagem de cadetes da Casa de Bourbon, filhos do Rei sem direito imediato ao trono em caso de sucessão. À época, Madame d'Aulnoy se dirigia a Marie-Anne de Bourbon (1666-1739).

*MADAME, qu'est-ce  
qui peut être digne de la fil-  
le du plus Auguste & du  
plus Grand Roi du monde;  
Vous avez non seulement  
reçu par la naissance l'air  
Majestueux & la grace in-  
comparable qui accompagne  
la moindre de ces actions,  
mais vous avez encore tou-  
tes celles de ces qualitez He-  
roïques, qui peuvent entrer  
dans le cœur d'une Princes-  
se; de la Religion & de la  
Pieté sans ostentation &  
sans hypocrisie, une bonté  
qui vous fait adorer de tous  
ceux qui vous approchent,  
& une elevation d'esprit*

MADAME, que essa história possa ser digna da filha do Maior e mais Augusto Rei do mundo. Haveis recebido, não somente pela nascença, o ar majestoso e a graça incomparável que acompanham mesmo o menor de seus atos, bem como todas as qualidades heroicas que podem habitar o coração de uma Princesa; da religião e da piedade sem ostentação e sem hipocrisia, [recebestes] uma bondade que vos faz ser adorada por todos que se aproximam de vós, e uma elevação de espírito

qui, au milieu des amuse-  
mens de la jeunesse, laisse  
voir qu'il n'y a rien de si  
grand dont vous ne soyez ca-  
pable : pour moi, MA-  
DAME, j'admire dans  
ma solitude cet amas de tré-  
sors dont le Ciel a si libera-  
lement embeli vôtre Ame  
& vôtre personne ; & la  
destinée qui m'a conduite  
dans les Cours étrangères,  
& qui ma fait connoître  
de grandes Princesses semble  
ne m'y avoir attirée que  
pour mieux remarquer les  
avantages que vous avez  
au-dessus d'elles ; de sorte  
qu'on peut dire MADA-

\* 2

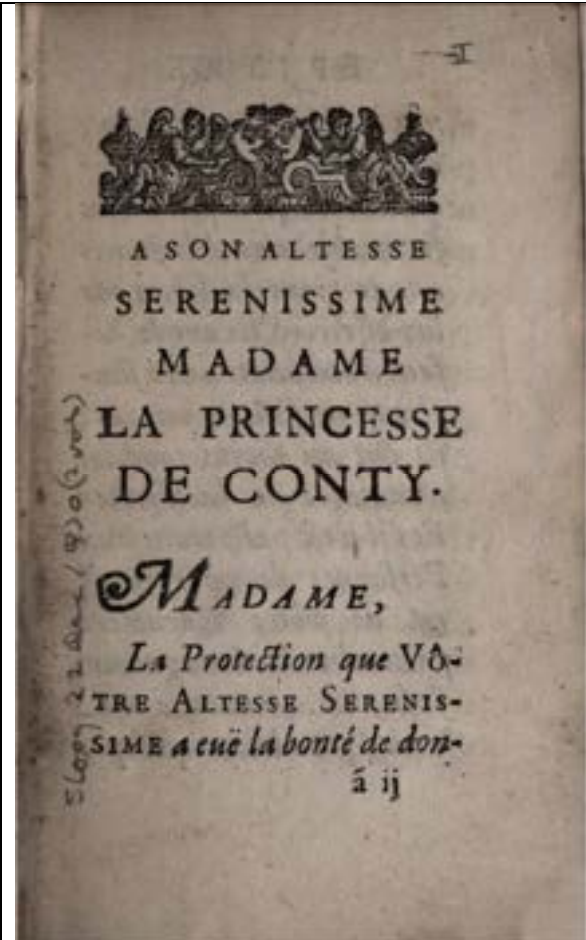
que, [mesmo] em meio aos divertimentos da juventude, deixa ver que não há nada de tão grandioso que não sejas capaz [de fazer]. Quanto a mim, MADAME, eu admiro, em minha solidão, esse rol de tesouros com que o Céu tão generosamente embelezou vossa alma e vossa pessoa. Parece-me que fui destinada a ser conduzida a cortes estrangeiras e a conhecer grandes princesas apenas para que eu pudesse reparar melhor nas vantagens que tendes sobre elas; de sorte que se pode dizer, MADA-



|   |  |
|---|--|
| <p><i>ME, qu'il auroit manqué<br/>quelque chose à la gloire de<br/>la France &amp; la Cour la<br/>plus belle &amp; la plus polie<br/>qui ait jamais été, si vous<br/>aviez vû le jour dans un au-<br/>tre siecle &amp; sous un autre<br/>climat que le nôtre. Je suis<br/>avec une profonde sou-<br/>mission.</i></p> <p><b>MADAME,</b></p> <p><b>DE VÔTRE ALTESSE SERENISSIME,</b></p> <p><b>La très-humble, très-<br/>obéissant, &amp; très-<br/>obligée Servante,</b></p> <p><b>HIS.</b></p> | <p>ME, que faltaria qualquer coisa à glória da França, a corte mais bela e mais educada que jamais existiu, se tivésseis nascido em um outro século e sob um outro clima que não o nosso. Com minha profunda submissão.</p> <p>MADAME,</p> <p>DE VOSSA ALTEZA SERENÍSSIMA,</p> <p>a muito humilde, muito obediente e muito agradecida serva.</p> |
|---|--|

Fonte: AULNOY, 1699 [1690]. Tradução e adaptação nossas.

2. Memórias da Corte da Espanha (1690)

|   |  |
|---|--|
|  <p>A SON ALTESSE<br/>SERENISSIME<br/>MADAME<br/>LA PRINCESSE<br/>DE CONTY.</p> <p><i>MADAME,</i><br/><i>La Protection que VÔ-</i><br/><i>TRE ALTESSE SERENIS-</i><br/><i>SIME a eue la bonté de don-</i><br/><i>à ij</i></p> <p><i>Lettre de la Reine / 1700 (Conti)</i></p> | <p>A SUA ALTEZA<br/>SERENÍSSIMA,<br/>MADAME<br/>PRINCESA<br/>DE CONTI</p> <p>MADAME,</p> <p>A proteção que VOSSA ALTEZA<br/>SERENÍSSIMA teve a bondade de con-</p> |
|---|--|

## E P I T R E.

ner à l'Histoire du Comte de Douglas, me fait esperer qu'Elle ne sera pas moins favorable aux Memoires que je prens la liberté de luy offrir. S'ils ont le défaut d'être écrits avec simplicité & sans ornement, ils ont au moins tous les avantages de la Verite; Et s'il n'est pas permis aux Personnes de vòtre Rang & de vòtre Caractere particulier de rien ignorer, j'ose me promettre que vous prendrez quelque

ceder à História do Conde de Douglas me fez esperar que não será menos favorável às Memórias que tomo a liberdade de lhe oferecer. Se elas têm o defeito de serem escritas com simplicidade e sem ornamentos, ao menos têm a vantagem de serem verdadeiras. E como não é permitido a pessoas da vossa estirpe e do vosso caráter particular nada ignorarem, ousou prometer que tereis qualquer

EPITRE. <sup>III</sup>

*sorte de plaisir à connoître  
une Cour assez inconnüe,  
& dont la Souveraine qui  
a beaucoup de part dans  
mon Ouvrage, étoit de  
l'Auguste Sang de France.  
Si je puis meriter l'Appro-  
bation de V. A. S. je suis  
sûre de celle du Public.  
Personne n'ignore, MA-  
DAME, avec quelle  
justesse vous jugez de  
tous, & que vous avez  
une penetration naturelle  
& une delicateffe d'esprit  
qui contribue à former ce*

sorte de prazer em conhecer uma corte muito desconhecida, cuja soberana, referida em grande parte da minha obra, possui o Augusto Sangue da França<sup>2</sup>. Caso eu possa merecer a aprovação de V. A. S., estou certa de que também a receberei do público. Não há quem ignore, MADAME, a justiça com a qual tudo julgais, bem como a sagacidade natural e a delicadeza de espírito que tendes e que contribuem para a formação desse

<sup>2</sup> Referência a Marie-Louise d'Orléans (1662-1689), rainha consorte da Espanha de 1679 a 1689, filha de Philippe de France, duque d'Orléans, irmão mais novo de Luís XIV.

## EPI TRE.

goût merueilleux qui vous  
 fait & connoître & aimer  
 les plus belles choses. Telle  
 doit être, & telle est en ef-  
 fet la Fille de LOUIS LE  
 GRAND, telle doit estre  
 une Princesse qui fait l'ad-  
 miration de toute la Fran-  
 ce, de la France Triom-  
 phante sous le Regne le  
 plus beau, le plus illustre,  
 & le plus heureux; sous  
 le Roy le plus Auguste, le  
 plus Sage, & le meilleur  
 que le Ciel & la Terre  
 ayent jamais vus. La mes-

gosto maravilhoso que vos faz reconhecer e amar as mais belas coisas. Assim deve ser, e assim é, com efeito, a filha de LUÍS, O GRANDE, uma Princesa que é admirada por toda a França, a França Triunfante, sob o reinado mais belo, mais illustre e mais feliz, sob o Rei mais Augusto e mais sábio, o melhor jamais visto nos céus e na terra. O mes-

EPITRE.

*me Renommée qui fait re-  
tentir dans tout l'Univers  
les Actions Heroïques de  
notre Invincible Monar-  
que, a publié les louan-  
ges de V. A. S. Pour moy,  
MADAME, j'ay eu  
le plaisir d'estre témoin  
que l'on rend autant de  
justice à vos admirables  
Qualitez, & à votre rare  
Merite, dans les autres  
Cours que dans la nôtre.  
J'ay trouvé le Portrait de  
V. A. S. chez quelques-  
uns des plus puissans Roys*

mo renome que faz retumbar em todo Universo os atos heroicos de nosso Invencível Monarca também anuncia os louvores a V. A. S. Quanto a mim, MADAME, eu tive o prazer de testemunhar o quanto sois justamente elogiada por vossas admiráveis qualidades e por vosso raro mérito em outras cortes que não a nossa. Encontrei o retrato de V. A. S. nos palácios de todos os mais poderosos reis

## EPI T R E.

de l'Europe, qui avoient  
 besoin du témoignage de  
 ceux qui ont eu l'honneur  
 de vous voir, MADAME,  
 pour croire que les  
 charmes de vostre Person-  
 ne, & ceux de vostre Es-  
 prit, quoy que surprenans,  
 ne sont point comparables  
 à la grandeur de vostre  
 Ame & de vostre Pieté,  
 semblable en ce point au  
 Magnanime ROY dont  
 Vous tenez le tour. Vous  
 renoncez, comme luy à  
 vostre propre Elevation,

da Europa, que tanto anseiam pelos testemunhos daqueles que já tiveram a honra de vos ver, MADAME, para que possam crer que os charmes de vossa pessoa e do vosso espírito, que são surpreendentes, não são comparáveis à grandeza da vossa alma e da vossa piedade, semelhante apenas à do Magnânimo REI de quem a herdastes. Assim como ele, renunciáis a vossa própria elevação

ÉPITRE VII

pour vous accommoder  
aux Personnes qui vous  
approchent. Je sçay par  
ma propre experience , ce  
que l'on est capable de  
penser & de sentir lors-  
que l'on a cét honneur.  
Heureuses , & mille fois  
heureuses celles qui l'ont  
souvent , & qui rendent  
à V. A. S. des devoirs  
assidus & agreables. A  
mon égard, MADAME,  
je ne puis rien dans ma  
Solitude , que Vous con-  
sacrer mes petits Ouvra-

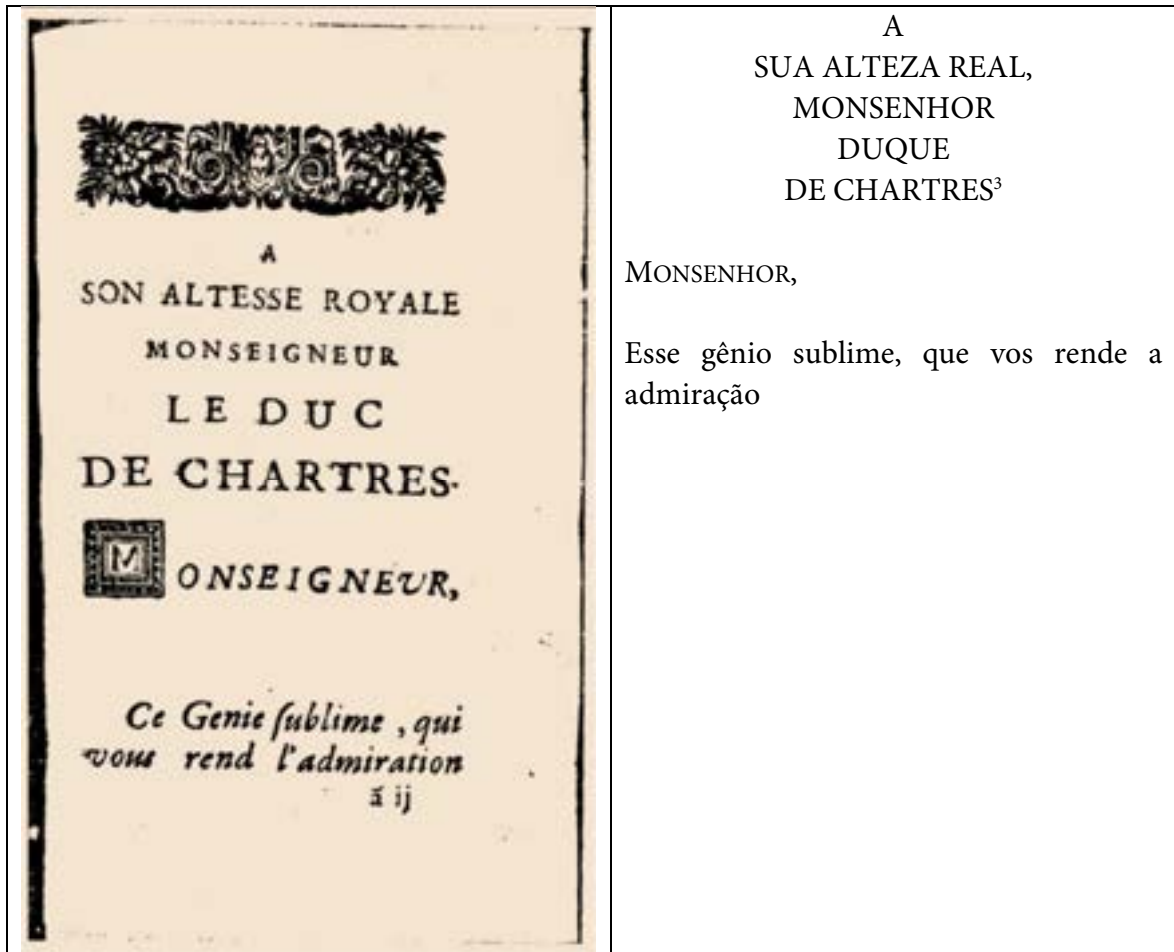
para vos acomodar junto às pessoas que se aproximam de vós. Eu sei, por minha própria experiência, o que pensamos e sentimos quando recebemos essa honra. Felizes, mil vezes felizes são aqueles que costumam recebê-la e que rendem a V. A. S. deferências assíduas e agradáveis. Quanto a mim, MADAME, em minha solidão, nada posso fazer a não ser consagrar a vós minhas pequenas o-



|  |  |
|--|--|
| <p>VIII</p> <p>EPITRE.</p> <p><i>ges ; Ce sont de foibles témoignages de mon zele, qui ne sçauroient vous marquer toute la passion respectueuse avec laquelle je suis,</i></p> <p><b>MADAME,</b></p> <p>DE VÔTRE ALTESSE SERENISSIME ;</p> <p><i>La tres-humble, tres-obéissante, &amp; tres-obligée Servante,</i></p> | <p>bras; elas são os singelos testemunhos do meu zelo, ainda que não sejam o suficiente para vos demonstrar toda a respeitosa paixão com a qual eu sou,</p> <p>MADAME,</p> <p>DE VOSSA ALTEZA SERENÍSSIMA,</p> <p>a muito humilde, muito obediente e muito agradecida serva.</p> |
|--|--|

Fonte: AULNOY, 1690. Tradução e adaptação nossas.

3. Relatos da Viagem pela Espanha (1691)



<sup>3</sup> Filipe II (1674-1723), filho de Isabel Carlota do Palatinado e Filipe I, Duque de Orleães, irmão caçula de Luís XIV.

EPITRE.

*de toute la Cour, donne à  
VÔTRE ALTESSE ROYALE  
une si noble émulation,  
pour apprendre tout ce  
qu'un grand Prince doit  
sçavoir, qu'elle descend mê-  
me jusqu'aux moindres  
particularitez, qui peu-  
vent satisfaire sa curiosité:  
C'est ce qui Vous a engagé,  
MONSEIGNEUR, de  
jetter les yeux sur la Re-  
lation de mon Voyage d'E-  
spagne, que j'ose vous of-  
frir, & que je vous sup-  
plie tres-humblement d'a-*

de toda a corte, dá a VOSSA ALTEZA REAL a tão nobre competência para aprender tudo o que um grande príncipe deve saber, inclusive as menores particularidades que possam satisfazer sua curiosidade. Foi isso que vos encorajastes, MONSENHOR, a lançar os olhos sobre os relatos de minha viagem pela Espanha, [obra] que ousou vos oferecer. Suplico-vos, muito humildemente, que a a-

## EPITRE.

*gréc. Vous avez voulu connoître un Pays, dont la Reine vôtre Sœur étoit la Souveraine, & faisoit toute la félicité. Vous avez voulu connoître des Caractères & des Mœurs qui se communiquent peu aux Etrangers; ce n'a été pour vôtre Penetration naturelle que l'Ouvrage d'un moment. VÔTRE ALTESSE ROYALE comprend toutes choses, sans qu'il luy en coûte aucune peine, & rien n'échappe à ses lumieres.*

ã iij

ceiteis. Quisestes conhecer um país cuja rainha, vossa irmã, era a soberana e promovia toda a felicidade. Quisestes conhecer um pouco os caracteres e as maneiras com as quais os estrangeiros se comunicam. Esta não foi, devido a vossa sagacidade natural, senão a leitura de um momento. VOSSA ALTEZA REAL compreende todas as coisas sem nenhuma dificuldade, e nada escapa às suas luzes.

EPITRE.

*Ceux qui ont l'honneur  
de l'approcher en demeu-  
rent d'accord, & sont  
charmez du progres  
qu'Elle a fait dans les plus  
belles Sciences: Mais vous  
allez, MONSIEUR,  
nous donner de nouveaux  
sujets d'admiration, la  
noble audace qui brille  
dans vos yeux; cet augu-  
ste Sang que vous tenez  
de tant de Rois, qui ani-  
me vòtre Cœur, & qui  
vous inspire tous les sen-  
timens des Heros, nous*

Aqueles que têm a honra de se aproximarem [de V. A.] estão de acordo, encantados com o progresso que [V. A.] tem feito nas mais belas ciências. Mas ainda ireis, MONSENHOR, dar-nos novos motivos de admiração: a nobre audácia que brilha em vossos olhos, esse augusto sangue de tantos reis que tendes, que anima vosso coração e que vos inspira todos os sentimentos heroicos, nos

### EPITRE.

*promet des Actions mer-  
veilleuses : & comment  
aussi VÔTRE ALTESSE  
ROYALE pourroit-elle  
manquer de remplir les  
justes Idées que toute la  
France a sur Elle , puis  
qu'Elle va apprendre le  
Métier de la Guerre sous  
le plus sage & le plus  
grand Roy de l'Univers.  
Nos ENNEMIS ; alarmez,  
se souviendront en vous  
voyant, que dans les Plai-  
nes de Cassel, SON A. R.  
MONSIEUR, a puny des Te-*

ī iiij

promete atos maravilhosos. Ademais, VOSSA ALTEZA REAL não poderia deixar de corresponder às justas ideias que toda a França tem a vosso respeito, pois aprenderá a matéria da guerra sob [a orientação] do mais sábio e maior Rei do Universo. Nossos inimigos, alarmados, se lembrarão, ao vos verem, que, nas planícies de Cassel<sup>4</sup>, SUA A. R., MONSENHOR<sup>5</sup>, puniu te-

<sup>4</sup> Referência à Batalha de Cassel (1677), um dos episódios da Guerra Franco-Holandesa (1672-1678), vencida sob a liderança de Filipe I, pai de Filipe II, Duque de Chartres.

<sup>5</sup> O Duque de Orleães, Filipe I.

### EPITRE.

*meraires comme eux. Ce  
Lieu memorable par la  
fameuse Bataille qu'il  
remporta, & dont la Vic-  
toire ajoutée à ses autres  
Exploits, laisse à la Poste-  
rité un Monument éternel  
de sa Conduite & de sa  
Valeur, garde encore des  
Lauriers & des Palmes  
pour V. A. R. digne Fils  
de ce Grand Prince, digne  
Fils d'une Illustre & Ver-  
tueuse Princesse, nous vous  
verrons revenir couvert  
de Gloire. Mais entre tou-*

merários como eles. Esse lugar, memorável para a famosa batalha que ele ganhou, e cuja vitória foi adicionada às suas outras conquistas, deixou à posteridade um monumento eterno de sua conduta e de seu valor, garantindo ainda mais louros e palmas a V. A. R., digno filho desse grande príncipe, digno filho de uma ilustre e virtuosa princesa; [um dia,] nós vos veremos retornar [de uma batalha] coberto de glória. Mas dentre to-

ÉPI TRE.

*tes les Personnes qui le  
souhaitent, il n'y en aura  
point qui en ressentent plus  
de joye que moy, & qui  
soit avec un plus profond  
respect,*

**MONSEIGNEVR,**

DE VÔTRE ALTESSE ROYALE,

La tres-humble & tres-  
obeïssante Servante,

das as pessoas que assim esperam, não  
haverá nenhuma cujo sentimento de  
alegria seja maior que o meu, e que seja,  
com o mais profundo respeito,

MONSENHOR,

DE VOSSA ALTEZA REAL,

a muito humilde e muito  
obediente serva.



AO LEITOR



AV LECTEUR.

**B**IEN qu'il ne fuffise pas d'écrire des chofes vrayes , mais qu'il faille encor qu'elles foient vrayes-semblables pour les faire croire ; & que cette raifon m'ait donné quelque envie d'ôter de ma Relation les Hiftoires qui y font. J'en

Não é o bastante escrever coisas verdadeiras, é necessário também fazer com que elas sejam verossímeis, para que sejam críveis. E foi por essa razão que tive algum desejo de retirar dos meus Relatos as histórias que aqui estão. Contudo, eu

*AU LECTEUR.*

ay été empêchée par des personnes d'une Naissance & d'un Esprit si distingué, qu'il me semble qu'en suivant leurs lumières, je ne peux manquer. Je ne doute point qu'il n'y en ait d'autres, qui ne m'accusent d'avoir mis icy des Hyperboles, comme l'on a voulu le persuader à l'égard des Memoires de la Cour d'Espagne: mais celles qui assûrent avec le plus

fui impedida de fazer isso por pessoas de uma nascença e de um espírito tão distintos, que me parece que, seguindo suas luzes, não posso falhar. Eu não duvido, porém, que haja outros que me acusem de ter colocado aqui hiperboles, tal como quiseram me persuadir a respeito das Memórias da Corte da Espanha: mas aqueles que asseguram com a maior

a

*AV LECTEUR.*

de vehemence que l'Ouvrage n'est pas juste, pourroient être convaincuës par leurs propres Lettres, d'avoir mandé à la Cour la plûpart des choses que j'ay recueillies. Je puis en avoir sçû quelques-unes, dont elles n'ont pas été informées, ou dont elles croient ne devoir pas convenir. Un fait n'est point faux, parce qu'il n'est pas rendu public, ou parce

veemência que a obra não é legítima poderiam ser convencidos por suas próprias cartas, já que enviaram à corte a maior parte das coisas que eu recolhi. Eu posso saber de algumas [coisas] das quais eles não foram informados, ou as quais eles creem não serem convenientes. Um fato não é falso porque não foi tornado público, ou porque

*AV* LECTEUR.

qu'il n'agrée point à quelque particulier. Je n'ay écrit que ce que j'ay vû, ou ce que j'ay appris par des personnes d'une probité incontestable. Je n'allegue point des Noms inconnus, ni des Gens dont la mort m'ait fourny la liberté de leur supposer des Avantures. Il faut aussi remarquer le Pays, l'Humeur & le Caractere en general de ceux dont je parle. Ces re-

não é do agrado de algum particular. Eu só escrevi acerca do que vi, ou do que fiquei sabendo por pessoas de uma probidade incontestável. Eu não alego nada sobre nomes desconhecidos, nem sobre pessoas cuja morte me forneceria a liberdade de supor suas aventuras. É preciso também ressaltar o país, o humor e as características gerais daqueles de quem eu falo. Essas re-

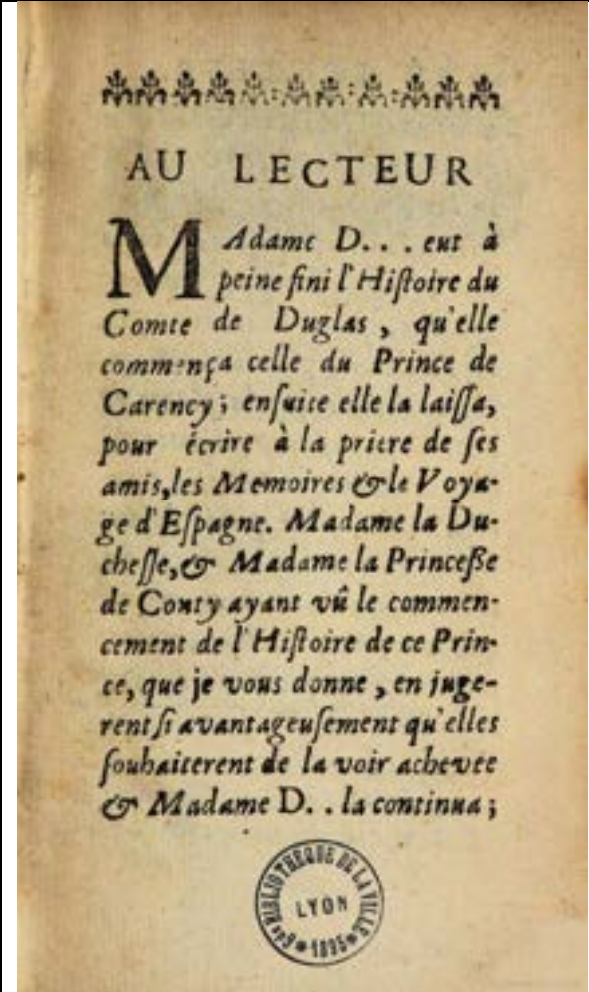
*AV LECTEUR.*

flexions aideront à persuader que de certains Evenemens sont familiers dans un endroit qui n'arriveroient peut-être pas dans un autre: Mais enfin, sans démêler leurs causes, je me contente d'assûrer que ce qui est dans mes Memoires, & ce que l'on trouvera dans cette Relation, est tres-exact & tres-conforme à la verité.

flexões ajudam a compreender que certos eventos são familiares em um lugar e talvez não aconteceriam em outro. Mas enfim, sem querer apurar suas causas [a dos acusadores], eu me contento em assegurar que o que está em minhas Memórias e o que encontrarão nesses Relatos está exatamente conforme a verdade.

Fonte: AULNOY, 1691. Tradução e adaptação nossas.

#### 4. História de Jean de Bourbon, Príncipe de Carency

|  |   |
|--|---|
|  <p>AU LECTEUR</p> <p><b>M</b>adame D... eut à peine fini l'Histoire du Comte de Douglas, qu'elle commença celle du Prince de Carency; ensuite elle la laissa, pour écrire à la priere de ses amis, les Memoires &amp; le Voyage d'Espagne. Madame la Duchesse, &amp; Madame la Princesse de Conti ayant vû le commencement de l'Histoire de ce Prince, que je vous donne, en jugerent si avantageusement qu'elles souhaiterent de la voir achevée &amp; Madame D... la continua;</p> <p>ESTABLISSEMENT DE LA BIBLIOTHEQUE DE LA VILLE<br/>LYON<br/>1835</p> | <p>AO LEITOR</p> <p>Madame D... mal havia finalizado a História do Conde de Douglas quando começou a escrever a do Príncipe de Carency; em seguida, ela a deixou para escrever as Memórias e a Viagem de Espanha. A Madame Duquesa e a Madame Princesa de Conti, tendo lido o início da história desse príncipe, a qual eu vos entrego, julgaram-na tão vantajosamente que pediram à Madame D... que a continuasse;</p> |
|--|---|

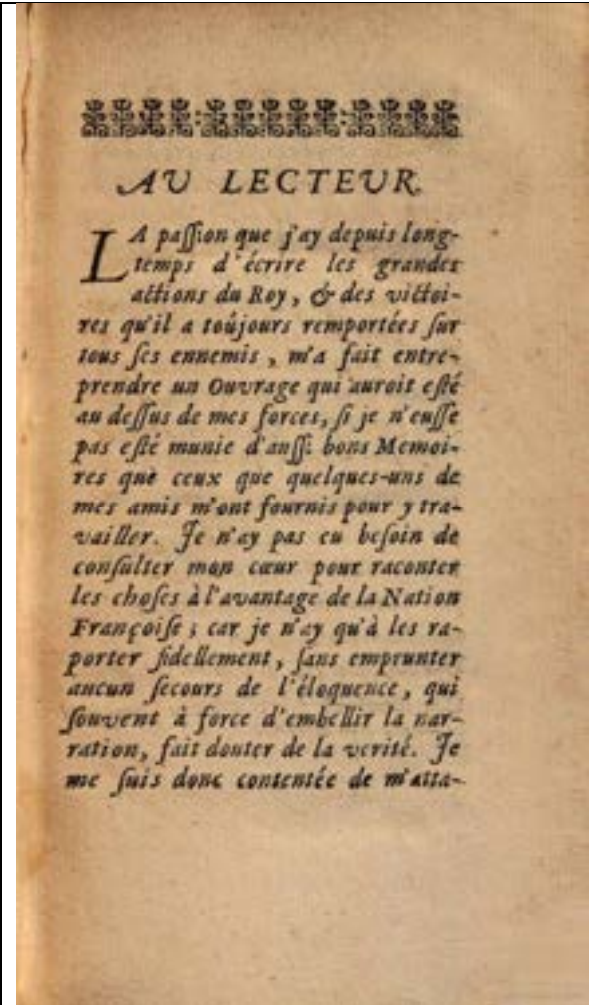
AU LECTEUR.

mais ayant entrepris des ouvrages plus serieux, elle ne sceut s'attacher à finir celuy-cy, & peut-estre qu'il n'auroit jamais vû le jour, sans qu'une personne de Qualité, qui en avoit une copie, me l'a donnée pour l'imprimer. Il me semble que la plume de cette Dame est trop delicate, & que ces Ouvrages ont esté trop bien recetés, pour que ie doive negligier de mettre celuy-cy au iour. Vous en iugerez mieux que moy, amy Lecteur, & ie ne doute point que vous ne soyez tres-content du Present que ie vous fais.

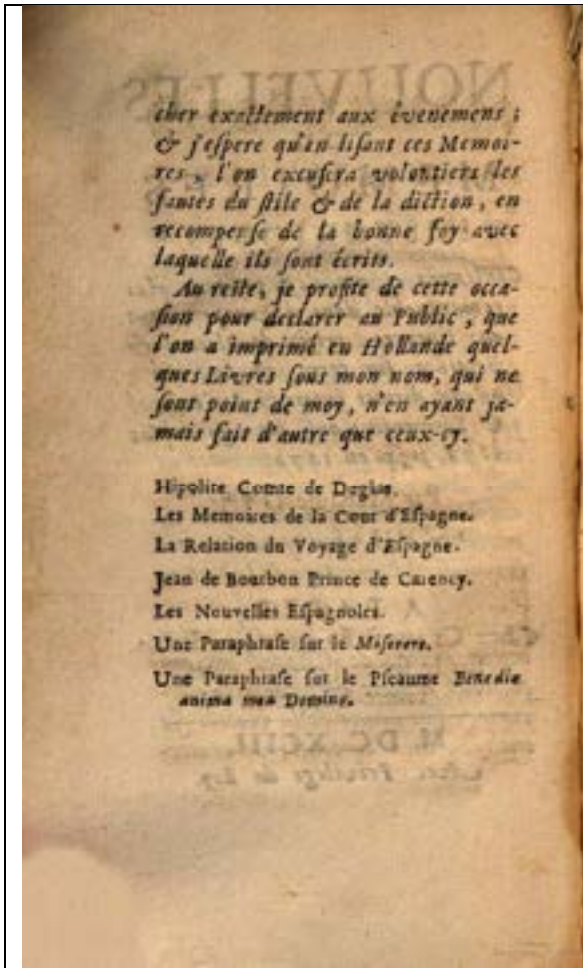
porém, tendo empreendido obras mais sérias, ela não pôde se dedicar a terminar esta aqui. Pode-se dizer que a obra jamais teria visto a luz do dia se não fosse por uma pessoa de qualidade, que, possuindo uma cópia, me entregou para imprimi-la. Parece-me que a pena dessa Dama é muito delicada e que suas obras têm sido muito bem recebidas para que eu deixe de trazê-la à luz. Vós a julgareis melhor que eu, amigo leitor, e eu não duvido que ficareis muito contentes com o presente que vos faço.

Fonte: AULNOY, 1692a. Tradução e adaptação nossas.

5. Notícias ou Memórias Históricas (1693)

|  |  |
|--|--|
|  <p><i>A passion que j'ay depuis long-temps d'écrire les grandes actions du Roy, &amp; des victoires qu'il a toujours remportées sur tous ses ennemis, m'a fait entreprendre un Ouvrage qui auroit esté au dessus de mes forces, si je n'eusse esté munie d'aussi bons Memoires que ceux que quelques-uns de mes amis m'ont fournis pour y travailler. Je n'ay pas eu besoin de consulter mon cœur pour raconter les choses à l'avantage de la Nation Françoisé; car je n'ay qu'à les rapporter fidèlement, sans emprunter aucun secours de l'éloquence, qui souvent à force d'embellir la narration, fait douter de la verité. Je me suis donc contentée de m'atta-</i></p> | <p style="text-align: center;">AO LEITOR</p> <p>A paixão que tive há muito tempo ao escrever as grandes ações do Rei e as vitórias sobre seus inimigos que até hoje são lembradas me fizeram empreender uma obra que teria exaurido todas as minhas forças se eu não estivesse munida de boas Memórias que alguns dos meus amigos me forneceram para trabalhar. Eu não quis consultar o meu coração para recontar as coisas a respeito da nação francesa, pois queria recontá-las fielmente, sem me valer de nenhum socorro da eloquência, que, muitas vezes, com o intuito de embelezar a narração, faz duvidar da verdade. Assim, estou muito satisfeita por ter me ati-</p> |
|--|--|





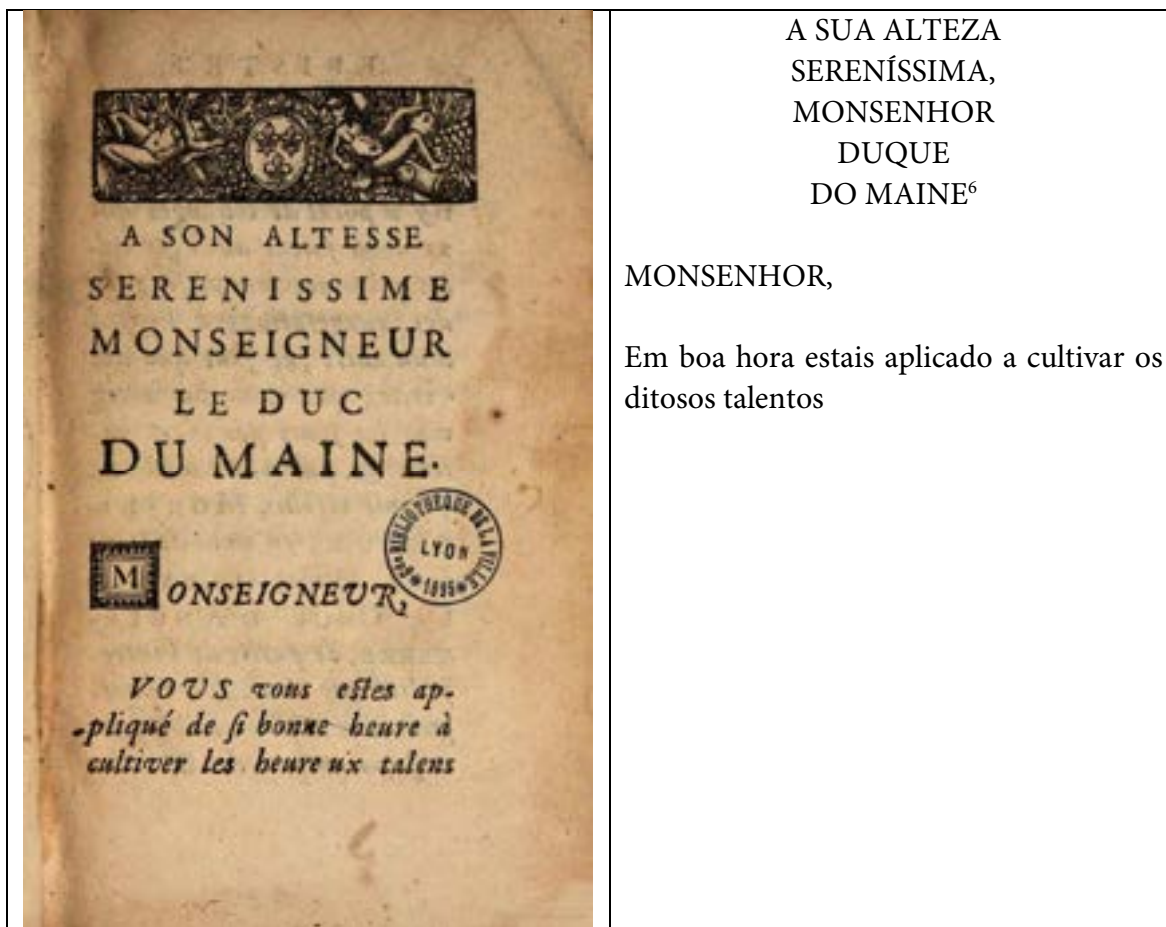
do exatamente aos eventos; e eu espero que, ao lerem essas memórias, possam me desculpar pela falta de estilo e de dicção em prol da boa fé com a qual elas foram escritas.

De resto, eu aproveito essa ocasião para declarar ao público que foram impressos na Holanda alguns livros sob o meu nome, mas que não são meus; jamais escrevi nenhum outro além destes aqui:

Hipólito Conde de Duglas  
As Memórias da Corte da Espanha  
Os Relatos da Viagem pela Espanha  
Jean de Bourbon, Príncipe de Carency  
As Novelas Espanholas  
Uma paráfrase sobre o *Miserere*  
Uma paráfrase sobre o Salmo *Benedic  
anima mea Domino*

Fonte: AULNOY, 1693. Tradução e adaptação nossas.

6. Memórias da Corte da Inglaterra



<sup>6</sup> Louis-Auguste de Bourbon (1670-1736), filho ilegítimo de Luís XIV com Françoise-Athénaïs de Rochecouart de Mortemart, Madame de Montespan (1640-1707), tido como o favorito de seu pai.

EPISTRE.


que vous avez reçûs de la Nature ; & vous avez déjà fait de si belles actions , qu'il n'y a point de loüanges qui ne vous soient dûës ; & celles qui pourroient passer pour des exagerations à l'égard d'un autre , ne sont que des veritez que vous confirmez tous les jours par vôtre valeur & par vôtre conduite. J'avois resolu , MONSIEUR , en vous dédiant LES MEMOIRES DE LA COUR D'ANGLETERRE , de parler de l'intrepidité que V. A. S. a témoignée dès sa plus tendre jeunesse , au milieu des Batailles

que recebestes da natureza, e já fizestes tão belas ações que não há louvores que não vos sejam devidos; e mesmo os que possam parecer exagerados aos olhos de outros são muito verdadeiros, visto que os confirmais todos os dias com vosso valor e com vossa conduta. Eu resolvi, MONSENHOR, ao dedicar-vos AS MEMÓRIAS DA CORTE DA INGLATERRA, falar da intrepidez que V. A. S. testemunhara desde sua mais tenra juventude, em meio às batalhas

EPISTRE.


où vous avez affronté de si  
près le peril, & la mort même,  
Je voulois dire, que vous sui-  
vez dignement les Exemples  
de LOÜIS LE GRAND;  
qu'il vous est naturel de l'i-  
miter, & que vous êtes l'un  
de ces heureux genies, qui sou-  
tiennent la gloire de la Fran-  
ce, & qui contribuent à  
luy conserver cette Grandeur,  
que toute l'Europe regarde  
avec autant d'admiration que  
de jalousie; mais, MON-  
SEIGNEUR, je me rends  
justice; un sujet si élevé &  
si vaste est au dessus de mes  
forces; il ne suffit pas de

onde enfrentastes o perigo de perto, e mesmo a morte. Eu gostaria de dizer-vos que seguis dignamente os exemplos de LUÍS, O GRANDE, a quem é natural imitardes, e que sois um desses ditosos gênios que sustentam a glória da França e que contribuem para conservar essa grandeza, a qual toda Europa contempla tanto com admiração quanto com ciúmes. Ademais, MONSENHOR, devo fazer jus a um assunto tão elevado e tão vasto, que está acima das minhas forças: não é suficiente apenas

|  |  |
|--|--|
| <p style="text-align: center;">EPISTRE.</p> <p><i>louer, il faut sçavoir donner une louange fine, delicate &amp; naturelle. Vous fatiguer de ce qui est dans la bouche de tout le monde, rebatre les mêmes sentiers, seroit vous ennuyer au lieu de vous plaire; &amp; je dois me contenter de vous assurer que ie suis avec un profond respect,</i></p> <p style="text-align: center;">MONSEIGNEUR,</p> <p style="text-align: center;">DE VÔTRE ALTEZES SERVAISS 1695</p> <div style="display: flex; align-items: center; justify-content: center;">  <div style="margin-left: 10px;"> <p><i>La tres humble, &amp; tres-obéissante Servance.</i></p> </div> </div> | <p>louvar, é preciso saber utilizar um fino louvor, delicado e natural. Estais cansado de saber que [tais louvores] estão na boca de todo mundo e, ao repeti-los, eu estaria vos entediando em vez de vos agradar. Devo me contentar em vos assegurar que sou, com profundo respeito,</p> <p style="text-align: right;">MONSENHOR,</p> <p>DE VOSSA ALTEZA SERENÍSSIMA</p> <p style="text-align: right;">A muito humilde e muito obediente serva.</p> |
|--|--|

Fonte: AULNOY, 1695. Tradução e adaptação nossas.

7. O Conde de Warwick (1703)

|   |   |
|---|---|
|  <p>A<br/>MONSIEUR<br/>LE MARQUIS<br/>DE PIROU BRESSEY.</p> <p><b>L</b>ORSQUE j'ay commen-<br/>cé l'Histoire que je vous<br/>envoye, mon cher Cousin,<br/>j'avois lieu de croire qu'elle seroit<br/>assez divertissante : vous y remar-<br/>querez d'abord un caractere enjoué,<br/>qui se seroit soutenu s'il m'avoit<br/>été permis de l'achever dans le<br/>mesme esprit : Mais l'on a trouvé<br/>que les événemens étoient trop<br/>recents &amp; trop connus. Je vous<br/>avoie que cette objection m'a jettée<br/>dans un grand embarras. J'ay été<br/>à iij</p> | <p>AO<br/>MONSEHOR<br/>MARQUÊS<br/>DE PIROU BRESSEY<sup>7</sup></p> <p>Desde quando comecei a história que vos envio, meu querido primo, tive a impressão de que ela seria muito divertida: notareis de imediato um tom alegre, que seria mantido se me fosse permitido finalizar [a história] com o mesmo espírito. Mas percebia-se que os eventos eram muito recentes e muito conhecidos. Eu vos confesso que essa objeção me colocou em um grande embaraço. Eu fui</p> |
|---|---|

<sup>7</sup> Claude de Vassy (-1704), cavaleiro e marquês de Pirou e de Bressey (CHESNAYE-DESBOIS, 1784, p. 632).

*obligée de chercher dans les siècles  
passés, une Cour & des noms qui  
convinsent à ceux dont je parlois.  
Il a fallu suivre le Regne d'E-  
douard d'York Roy d'Angleterre,  
sans m'éloigner de la vérité. En-  
fin je me promettois que s'il y avoit  
des fautes je n'en paroitrois pas l'au-  
teur, & qu'après avoir écrit la  
Relation de mon voyage d'Espa-  
gne, & les Memoires de la même  
Cour, les Nouvelles Espagnolles,  
Hipolite Comte de Duglas, Jean  
de Bourbon Prince de Carency,  
huit Tomes des Comtes des Fées,  
les Memoires Historiques, ceux de  
la Cour d'Angleterre, deux Pa-  
raphrases sur les Pseaumes sans  
mettre mon nom à pas un de ces  
ouvrages, il me seroit encore per-  
mis de le supprimer: Mais on me*

obrigada a procurar nos séculos passados uma corte e alguns nomes que conviessem àqueles de quem eu falava. Tive de seguir o reino de Eduardo de York, rei da Inglaterra, sem me afastar da verdade. Enfim, eu me comprometi que, se aqui houvesse erros, eu não me apresentaria como autora. Afinal, depois de ter escrito os Relatos de minha viagem pela Espanha, as Memórias da mesma corte, as Novelas Espanholas, Hipólito, Conde de Duglas, Jean de Bourbon, Príncipe de Carency, oito tomos de Contos de Fadas, as Memórias Históricas, as da Corte da Inglaterra e duas paráfrases sobre os Salmos sem colocar meu nome em nenhuma dessas obras, me seria permitido novamente suprimi-lo. Mas [as pessoas] têm me

donné tant de Livres que je n'ay point faits, & cela est si aisé en mettant un D avec des étoiles, que j'aime mieux convenir que le Comte de Warwick, est à moy, que de me laisser attribuer des Livres qui ne m'appartiennent point. Je vous envoie celui-cy pour vous divertir dans ce beau Château que nos Poëtes ont chanté plus d'une fois, & qui merite de l'être sur un ton encore plus haut & plus harmonieux depuis que vous en êtes le Maître, & que vous y avez rassemblé tout ce que le goût le plus exquis, & la magnificence moderne pourroient faire trouver chez les Princes; vous y passez d'heureux jours dans vôtre aimable famille; l'on s'empresse de la chercher, & quelque soin qu'on se

atribuído tantos livros que não fiz, visto ser muito fácil colocar um D com estrelas, que eu preferi antes convir que o Conde de Warwick é meu em vez de deixar que me atribuas livros que não me pertencem. Eu vos envio este aqui para vos divertirdes nesse belo castelo sobre o qual nossos poetas já cantaram mais de uma vez, e que merece ser [cantado] em um tom ainda mais alto e mais harmonioso desde que vos tornastes o seu dono; reunistes tudo o que há de mais extravagante em termos de gosto e a magnificência moderna que só se pode encontrar junto aos príncipes. Aí passais ditosos dias na companhia de sua amável família; todos se impressionam quando a encontram, e qualquer pensamento que se

donne là dessus, l'on en est payé avec usure dès qu'on vous trouve & qu'on voit Madame de Pirou; j'espere bien que j'iray aussi partager vôtre charmant repos, & profiter de ce bon esprit qui vous rend les délices de la Province: nous méditerons aux bords de la Mer le sujet de quelque Ouvrage qui méritera vôtre approbation. Veuillez cependant agréer celui-cy, je vous le dedie, mon cher Cousin, comme à mon meilleur Amy, & à mon plus proche Parent.

tenha sobre ela é pago com usura [“a juros”] quando vos encontram e quando veem a Madame de Pirou<sup>8</sup>. Espero também poder partilhar desse vosso charmoso repouso e tirar proveito desse bom espírito que as delícias da província vos rende; meditaremos à beira do mar sobre o tema de qualquer obra que mereça vossa aprovação. Enquanto isso, queirais acolher esta aqui, que eu vos dedico, meu caro primo, como a meu melhor amigo e a meu mais próximo parente.

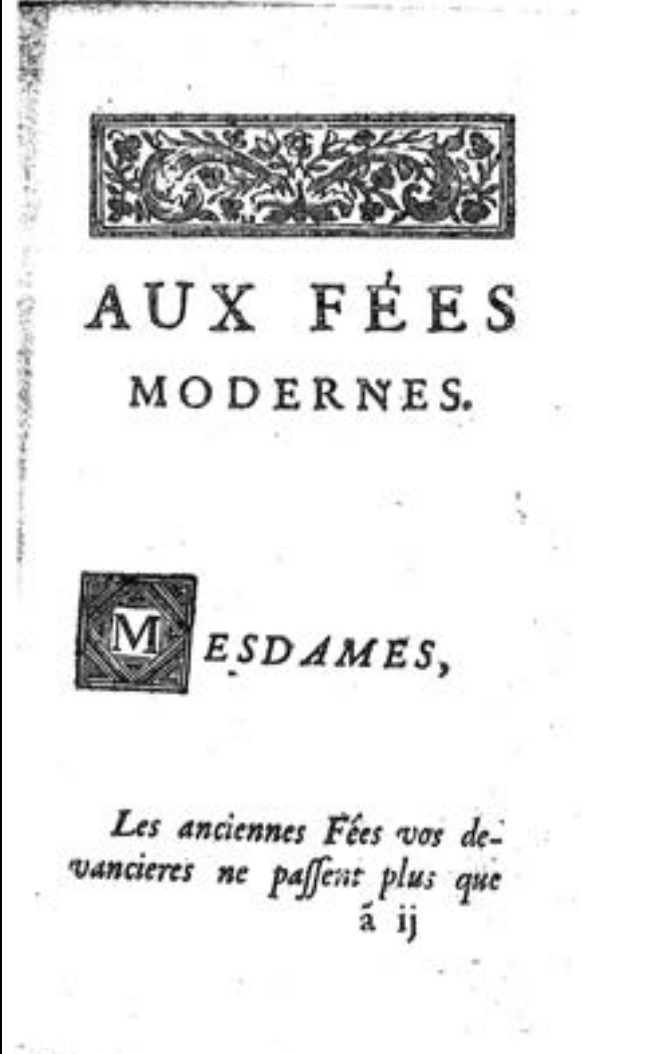
Fonte: AULNOY, 1703. Tradução e adaptação nossas.

<sup>8</sup> Marie Angélique Langlois de Motteville (1658-1731), esposa de Claude de Vassy.



APÊNDICE F

O manifesto feérico moderno da Condessa de Murat (tradução em fac-símile)

|   |  |
|---|--|
|  <p>AUX FÉES<br/>MODERNES.</p> <p>MESDAMES,</p> <p><i>Les anciennes Fées vos de-<br/>vancières ne passent plus que<br/>á ij</i></p> | <p>ÀS FADAS<br/>MODERNAS.</p> <p>MADAMES,</p> <p>As antigas Fadas, vossas<br/>predecessoras, não passam de</p> |
|---|--|

## EPISTRE.

*pour des badines auprès de vous.  
Leurs occupations étoient basses  
& pueriles, ne s'amusant  
qu'aux Servantes & aux Nour-  
rices. Tout leur soin consistoit  
à bien ballayer la maison, met-  
tre le pot au feu, faire la lessive,  
remuer & endormir les  
enfans, traire les vaches, battre  
le beurre, & mille autres pau-  
vretés de cette nature; & les  
effets les plus considérables de  
leur Art se terminoient à faire  
pleurer des perles & des dia-  
mans, moucher des émeraudes,  
& cracher des rubis. Leur di-  
vertissement étoit de dancier au  
clair de la Lune, de se trans-*

bufonas diante de vós. Suas ocupações eram baixas e pueris, entretendo apenas com servas e nutrizes. Todo seu cuidado consistia em varrer bem suas casas, colocar panelas ao fogo, lavar roupas, embalar e fazer dormir as crianças, cuidar das vacas, bater a manteiga e mil outras misérias dessa natureza. E os efeitos mais consideráveis de sua Arte se resumiam a fazer chorar pérolas e diamantes, espirrar esmeraldas e cuspir rubis. Seu divertimento era dançar à luz da Lua, trans-

## EPISTRE.

*former en Vieilles, en Chats,  
en Singes, & en Moynes-bou-  
rus, pour faire peur aux en-  
fans, & aux esprits foibles.  
C'est pourquoy tout ce qui nous  
reste aujourd'huy de leurs Faits  
& Gestes ne sont que des Con-  
tes de ma Mere l'Oye. Elles  
étoient presque toujours vieilles,  
laides, mal-vétuës, & mal  
logées; & hors Melusine, &  
quelques demy douzaines de ses  
semblables, tout le reste n'étoient  
que des gueuses. Mais pour vous  
MESDAMES, vous avez  
bien pris une autre route: Vous  
ne vous occupez que de grandes  
choses, dont les moindres sont*

à iij

formar-se em velhas, gatos, macacos e em assombrações para causar medo às crianças e aos fracos de espírito. É por isso que tudo o que hoje nos resta de seus feitos e costumes não passam de Contos da Mamãe Ganso. Elas eram quase sempre velhas, feias, mal vestidas e mal acomodadas. À exceção de Melusina e de meia dúzia de fadas parecidas com ela, todas as demais não passavam de mendigas. Quanto a vós, Madames, haveis tomado um outro caminho; vós vos ocupais somente de grandes coisas. Dentre as menores,

## EPISTRE.

*de donner de l'esprit à ceux & celles qui n'en ont point , de la beauté aux laides , de l'éloquence aux ignorans , des richesses aux pauvres , & de l'éclat aux choses les plus obscures. Vous estes toutes belles , jeunes , bien-faites , galamment & richement vétuës & logées , & vous n'habitez que dans la Cour des Rois , ou dans des Palais enchantez. Vous remplissez tous ces lieux de tant de graces , par les douces influances que vous y répandez , que nous esperons que vous remettrez dans nos Saisons déreglées , l'ordre naturel où elles ont été autrefois , en nous procu-*

concedeis espírito àqueles que não possuem, beleza aos feios, eloquência aos ignorantes, riqueza aos pobres e esclarecimento sobre as coisas mais obscuras. Sois todas belas, jovens, formosas, vestidas e acomodadas com elegância e requinte. Habitais apenas a corte de reis ou palácios encantados. Encheis todos esses lugares de tantas graças pelas doces influências que neles espalhais que esperamos que restabeleçais a ordem natural de nossas estações desregradadas, pois alme-

### EPISTRE.

*rant un doux Printemps, un  
Esté propre à la maturité de nos  
moissons, une Automne fertile  
& abondante, & où l'Empire  
de Bacchus rentre dans ses droits,  
& enfin un Hiver qui se ren-  
ferme dans ses bornes ordinaires,  
sans devenir le Tyran de ces  
Compagnes. C'est ainsi, M E S-  
D A M E S, que vous obligerez  
tout le monde : Et pour préve-  
nir toutes les marques de recon-  
noissance que chacun s'efforcera  
de vous donner, je vous offre  
quelques Contes de ma façon,  
qui tous foibles & peu corrects  
qu'ils sont, ne laisseront pas de  
vous persuader qu'il n'y a per-  
à iiiij*

jamos uma doce primavera, um verão apropriado à maturação de nossas plantações, um outono fértil e abundante, onde o império de Baco retome seus direitos, e, enfim, um inverno que se contenha em seus limites convencionais, sem se tornar o tirano de seus companheiros. É assim, madames, que conquistareis o agrado de todo mundo. E para adiantar todos os gestos de reconhecimento que todos se esforçarão para dedicar a vós, eu vos ofereço alguns contos à minha maneira. Ainda que sejam fracos e pouco corretos, eles não deixarão de persuadir-vos de que não há nenhuma outra pes-

### EPISTRE.

*sonne dans l'Empire de Féerie qui  
soit plus véritablement à vous  
que LA COMTESSE  
DE \*\*\*.....*

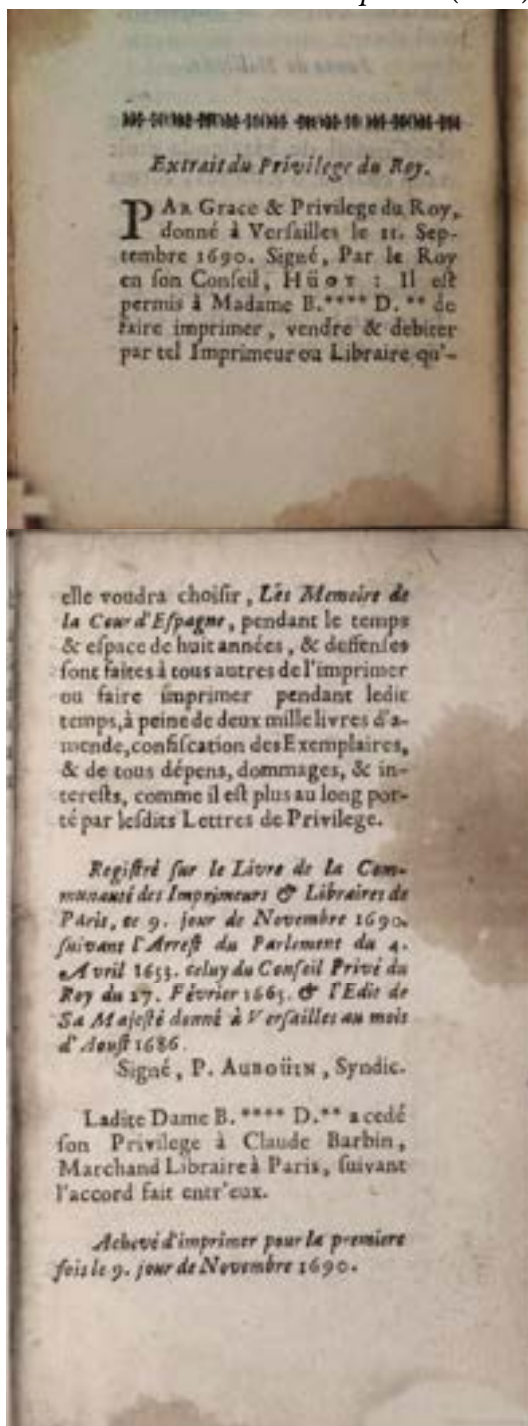
soa no Império de Feéria que esteja mais verdadeiramente à vossa disposição que A CONDESSA \*\*\*..... [DE MURAT].

Fonte: MURAT, 1699 (tradução e adaptação nossas).

## APÊNDICE G

### Reprodução dos extratos dos privilégios reais dos livros de Madame d'Aulnoy

#### 1. Memórias da Corte da Espanha (1690)



Fonte: AULNOY, 1690.

2. Relatos da Viagem pela Espanha (1691)

*Extrait du Privilège du Roy.*

**P** Ar grace & Privilège du Roy, donné à Paris le 29. Mars 1691. signé par le Roy en son Conseil, GAMART. Il est permis à Madame de B\*\*\*\* D\*\* de faire imprimer, vendre & debiter par tel Imprimeur & Libraire qu'elle voudra choisir, *La Relation d'un Voyage d'Espagne*, pendant le tems & espace de dix années, & défenses sont faites à tous autres de l'imprimer ou faire imprimer pendant ledit tems, à peine de trois mille livres d'amende, confiscation des Exemplaires, & de tous dépens, dommages & intereits, comme

il est plus au long porté par lesdites Lettres de Privilège.

*Registré sur le Livre de la Communauté des Imprimeurs & Libraires de Paris, ce 6. Avril, 1691. Signé, P. AUBOÛIN, Syndic.*

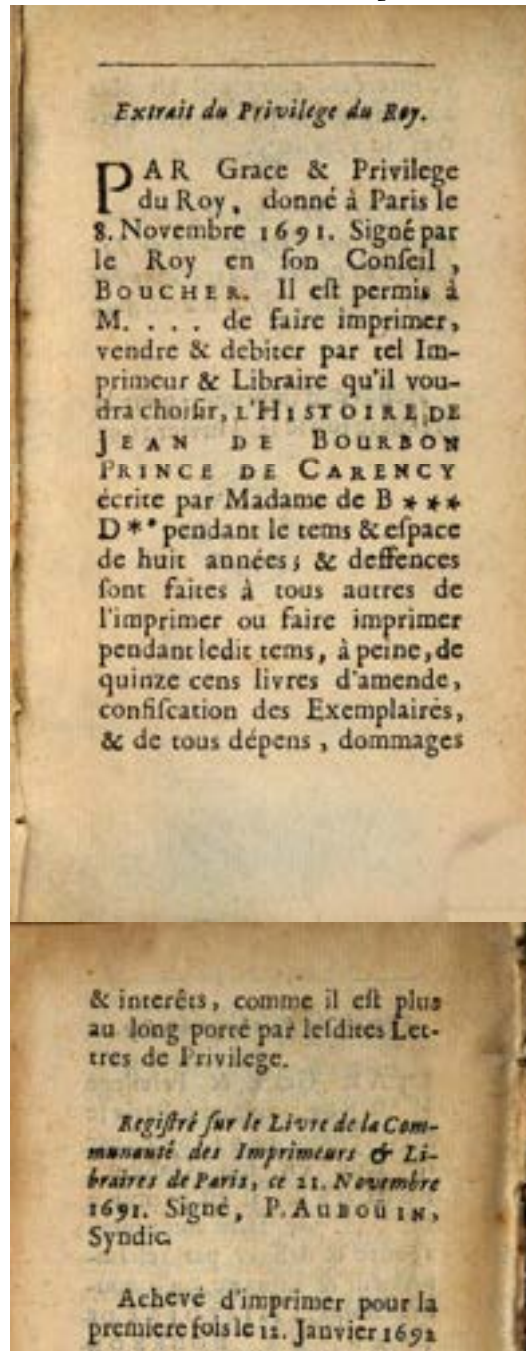
Ladite Dame de B\*\*\*\* D\*\* a cede son Privilège à CLAUDE BARBIN Marchand Libraire à Paris, suivant l'accord fait entre-eux.

*Achevé d'imprimer pour la premier fois, le 12. jour d'avril 1691.*

RELATION

Fonte: AULNOY, 1691.

3. História de Jean de Bourbon, Príncipe de Carency (1692)



Fonte: AULNOY, 1692b.



*Extrait du Privilege  
du Roy.*

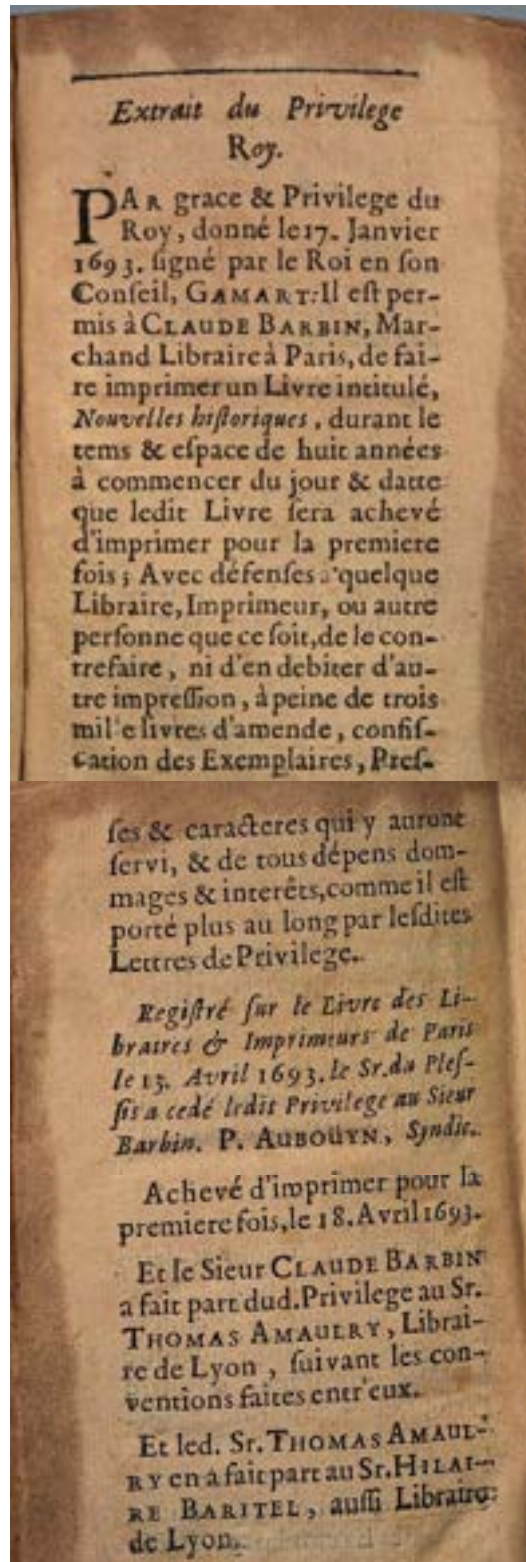
PAR Grace & Privilege du Roy, donné à Paris le i. jour d'Aoust 1692. Signé, par le Roy en son Conseil, G. A. M. A. R. T. Il est permis à Claude Barbin Marchand Libraire, de faire imprimer un Livre intitulé *les Nouvelles Espagnoles avec les Lettres*, pendant le temps & espace de dix années; & défenses sont faites à tous autres de l'imprimer ou faire imprimer pendant ledit temps, à peine de quinze cens livres d'amende, confiscation des exemplaires, & de tous dépens, dommages & interets, comme il est plus au long porté par lesdites Lettres de Privilege.

*Registré sur le Livre de la Communauté des Imprimeurs & Libraires de Paris, ce 9. Aoust 1692. Signé, P. AUBOÛIN, Syndic.*

Achevé d'imprimer pour la premiere fois le 28. Aoust 1692.

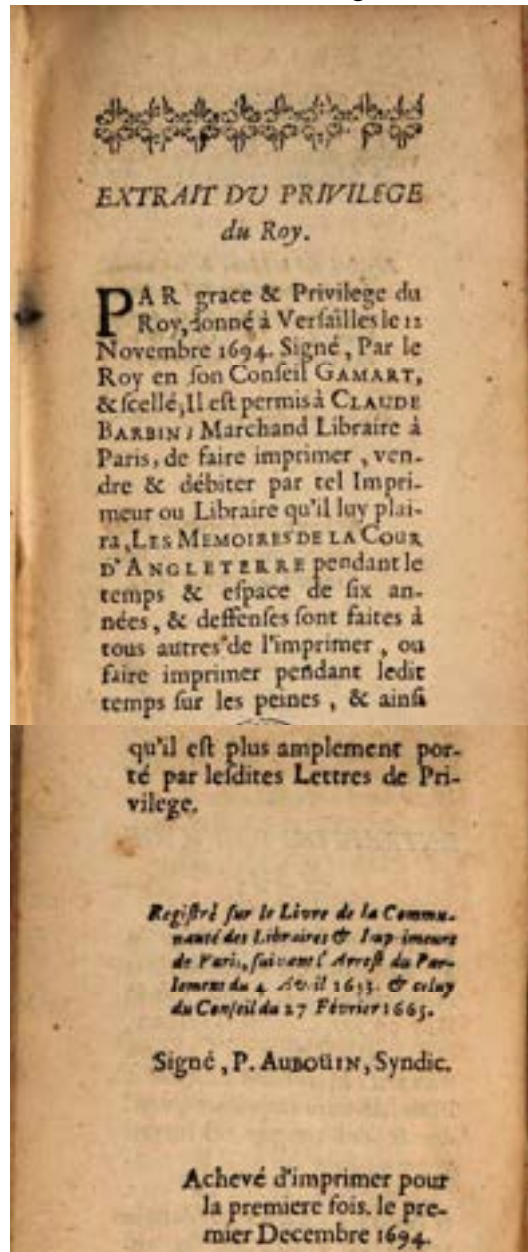
Fonte: AULNOY, 1692c.

5. Notícias ou Memórias Históricas (1693)



Fonte: AULNOY, 1693.

6. Memórias da Corte da Inglaterra (1695)



Fonte: AULNOY, 1695.

7. O Conde de Warwick (1703)

APPROBATION  
de M. Fontenelle.

J'ay lu par ordre de Monseigneur le Chancelier ce manuscrit intitulé le *Comte de Warwick*, & n'y ay rien trouvé qui en doive empêcher l'impression. Le 31. May 1702.

Signé FONTENELLE.

PRIVILEGE DU ROY.

LOUIS par la grace de Dieu Roy de France & de Navarre: A nos amez & feaux Conseillers, les gens tenans nos Cours de Parlement, Maître des Requêtes ordinaires de nostre Hostel; Grand Conseil, Prevost de Paris, Baillifs, Sénéchaux, leurs Lieutenans Civils, & autres nos Justiciers qu'il appartiendra: SALUT, la Dame Comtesse Daunoy nous ayant fait supplier de luy accorder nos Lettres de Privilege pour l'impression d'un nouvel ouvrage de sa composition, intitulé le *Comte de Warwick*; Nous luy avons permis & accordé, permettons & accordons par ces Presentes de faire imprimer par tel Imprimeur qu'elle voudra choisir ledit Livre, en telle forme, marge, caractère, & autant de

fois que bon luy semblera, pendant le temps de huit années consecutives, à compter du jour de la date des Presentes, & de le faire vendre & distribuer par tout nostre Royaume; Faisant défense à tous Libraires, Imprimeurs & autres d'imprimer, faire imprimer, vendre & distribuer ledit Livre sous quelque pretexte que ce soit, mesme d'impression étrangere & autrement, sans le consentement de l'Exposant ou de ses ayans cause, sur peine de confiscation des Exemplaires contrefaits, de quinze cens livres d'amende contre chacun des contrevenans, applicable un tiers à Nous, un tiers à l'Hôtel-Dieu de Paris, l'autre tiers à ladite Exposante, & de tous dépens, dommages & interests. A la charge d'en mettre, avant de l'exposer en vente, deux Exemplaires en nostre Bibliothèque publique, un autre dans le cabinet des livres de nostre Chateau du Louvre, & un en celle de nostre tres-cher & feal Chevalier Chancelier de France le sieur Phelypeaux Comte de Pontchartrain, Commandeur de nos Ordres, de faire imprimer ledit Livre dans nostre Royaume & non ailleurs, en beau caractère & papier, suivant ce qui est porté par les Reglemens des années 1618. & 1686. & de faire enregistrer les Presentes es

Registres de la Communauté des Li-  
braires de nostre bonne ville de Paris,  
le tout à peine de nullité d'icelles; du  
contenu desquelles, Nous vous man-  
dons & enjoignons de faire jouir l'Ex-  
posante ou les ayans cause pleinement  
& paisiblement, cessant & faisant cesser  
tous troubles & empeschemens con-  
traires: Voulons que la copie desdites  
Presentes qui sera imprimée au com-  
mencement ou à la fin dudit Livre  
soit tenuë pour dûement signifiée, &  
qu'aux copies collationnées par l'un de  
nos amez & feaux Conseillers & Secre-  
taires soy soit ajoutée comme à l'ori-  
ginal; Commandons au premier nostre  
Huissier ou Sergent de faire pour l'e-  
xecution des Presentes toutes signifi-  
cations, deffenses, saisies & autres actes  
requis & nécessaires, sans demander  
autre permission & ce nonobstant cla-  
mour de Haro, charte Normande, &  
lettres à ce contraires; Car tel est nôtre  
plaisir; Donnë à Versailles le 18. Juin,  
l'an de grace 1702. & de nostre Regne  
le soixantième. Par le Roy en son Con-  
seil.

Le Comte.

*Registres sur le Livre de la Communauté des  
Libraires & Imprimeurs, conformément aux  
Reglemens. A Paris, le 5. Decembre 1702.  
Signé P. TRADOUILLLET, Syndic.*

*Achévé d'imprimer pour la première fois le  
8. Mars 1703.*



Fonte: AULNOY, 1703.